

**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOL. 4 SEM CORTES (CRÓNICAS 91 A 275 ANOS 2011-2019)**

Versão inédita não-editada



**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOLUME 4**



J. CHRYS CHRYSTELLO 2019

Inédito não

Citar

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA, LER UMA BOA POESIA, VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL, DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS. GOETHE

O TEMPO É UM ÓTIMO PROFESSOR. PENA É QUE MATE OS SEUS ALUNOS. (HECTOR BERLIOZ)

Inédito não publicada

não citar

LIVROS, PREFÁCIOS E TRADUÇÕES DE LIVROS

2018 FOTOEMAS foto book, fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores de Chrys Chrystello e-livro
<http://www.blurb.com/b/8776650-fotoemas> ISBN: 9781388351083

2018 revisão, compilação e Nota Introdutória de Missionários açorianos em Timor vol2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas

2018. CrónicasAçores: uma circum-navegação, vol. 2, 3ª ed. [https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol.-2-\(3%C2%AA-ed-2018\).pdf](https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol.-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf)

2018, CrónicasAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 3ª ed. <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores.-uma-circum-navegacao-vol.1--3%C2%AA-ed-2018.pdf>

2017. Bibliografia Geral da Açorianidade em 2 vols. 19500 entradas, Ed. Letras Lavadas Publiçor, Ponta Delgada

2017, revisão, compilação e Tradução de "O mundo perdido de Timor-Leste" de José Ramos-Horta ed. LIDEL

2017. Poema "Maria Nobody" IN VIII Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado ED.

2017. A língua portuguesa na Austrália, Capítulo em "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Ed. Universidade da Beira Interior, org. Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório

2017. "Três poemas açorianos" in Antologia ed. Artelogy dezº 2016

2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", in "Povos e Culturas - A ilha em nós", Revista Povos e Culturas nº 21-2017 Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa

2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", capítulo do livro "A condição de ilhéu", Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa

2016. compilação, revisão e Prefácio de Missionários açorianos em Timor "Um missionário açoriano em Timor" vol. 1 de D. Carlos F Ximenes Belo ed. AICL e Moinho Terrace Café

2015. CD Trilogia da História de Timor. 3760 páginas, contém os 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., ed. AICL, Colóquios da Lusofonia. 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia

[https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-\(3-vol.\)-Historia-de-Timor.pdf](https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf)

<https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/>

2015, Crónicas Austrais (1978-1998 monografia) 4ª ed. 2015

2014. Prefácio de "O voo do Garajau" Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras e AICL
http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672015000300016

2013, Crónicas Austrais 1978-1998, monografia, 3ª ed. <https://www.scribd.com/doc/3051472/cronicasaustrais>

2012, Trilogia da história de Timor, ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0

2012, Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 volumes, 40 anos de vida literária, ed. Calendário de Letras 2012 - ISBN 9789728985646 <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1001/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5--2012.pdf>

2012, volume 3 da trilogia da História de Timor, As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed.

[https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-\(3-vol.\)-Historia-de-Timor.pdf](https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf)

<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor3.pdf>

2012, volume 1 da trilogia da História de Timor: East Timor - The Secret Files 1973-1975 3ª ed.
<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf>

2012, Tradução "Uma pessoa só é pouca gente / A lonely person is not enough people, the sex and the divine" de Caetano Valadão Serpa

2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: "Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975", 2ª ed.

2012, volume 2 da trilogia da História de Timor: Historiografia de um repórter - Timor-Leste 1983-1992 DVD – 1ª ed. 2005-2012

<https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1008/TRILOGIA-vol.-2-Historia-de-Timor.pdf>

<https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992>

<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf>

CrónicasAçores: uma circum-navegação, volume 4

2011, Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras

2011, CrónicasAçores uma circum-navegação vol. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras
<http://www.calendario.pt/index.php?id=246&cat=203&pid=55>

2010, tradução para inglês dos Guia de Mergulho da Madeira; Guias de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor

2009, CrónicasAçores: uma circum-navegação, vol. 1 esgotado, online <https://www.scribd.com/doc/39955110/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NAVEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES-VOLUME-UM-DA-TRILOGIA>

https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores/oclc/357576846&referer=brief_results.

2009, CrónicasAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor ed. 2009

2008, Tradução para inglês de "S. Miguel uma ilha esculpida" Daniel de Sá. Ed. VerAçor.

2008, Tradução de "Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Brel" Victor Rui Dores, prelo, ed. VerAçor.

2008, Prefácio e Revisão "A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse" de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada

2007, Tradução para inglês "E das pedras se fez vinho" de Manuel Serpa ed. VerAçor, Açores Portugal

2007, Tradução para inglês, "Santa Maria Ilha Mãe" Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores, Portugal

2005, coautor tradução para português "The Lost painting" Jonathan Harr, ed. Presença

2005, Cancioneiro Transmontano, ed. Santa Casa da Misericórdia Bragança, <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf> - [http://www.lusofonias.net/chryscv/CANCIONEIRO%20TRANSMONTANO%202005\).pdf](http://www.lusofonias.net/chryscv/CANCIONEIRO%20TRANSMONTANO%202005).pdf)

2004, tradução para português "A People's War" de Vo Nguyen Giap, Editora Sílabo Portugal

2004, tradução para português, "Dien Bien Phu" de R. H. Simpson, Editora Sílabo Portugal

2002, tradução de "La familia: el desafio de la diversidad" Adelina Gimeno (castelhano, Psicologia), Instituto Piaget Portugal

2000, Crónicas Austrais - 1978-98 (monografia) 1ª ed.

<http://www.ebooksbrasil.org/microreader/cronicasCA.lit> <http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb>.

2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: " Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975", 2ª ed.

<https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL-1-ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf>

www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timorp.pdf.

2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: "Timor Leste The secret files 1973-1975", 2ª ed.

<https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL-1-ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf>

<https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf>

https://www.worldcat.org/title/east-timor-the-secret-file-1973-1975/oclc/66016286&referer=brief_results, <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf>.

<https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng> -

1999, volume 1 da trilogia da História de Timor: " Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975", Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3 / ISBN 13/EAN: 9789728305758

https://www.worldcat.org/search?q=chrystelllo&fq=&dblist=638&fc=ap:25&qt=show_more_ap%3A&cookie

1991-2011 Yawuji Bara e Yawuji Baia Os avós de barra e Avós de Baía, ed. 1991-2011 <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuji-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf>

1985 crónica X Aborígenes na Austrália <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf>

1981, Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada)

<https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1016/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-3-4-.pdf>

<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf>, <http://www.scribd.com/doc/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-cqj-Volume-3-4#scribd> -

1974, Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) ed. abril 1974 Díli, Timor Português (esgotada)

<https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf>

1972, Crónica Do Quotidiano Inútil vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado)

<https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQL.pdf>

<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf> ,

Contacto do autor: (+351) 919287816 drchryschrystelllo@yahoo.com.au / chryschrystelllo@journalist.com

Crónica 0

Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) que foi poeta, escritor, conferencista, professor, tradutor, criador de jornais e revistas, disse certa vez de Platão e Aristóteles que colocaram "dois sistemas opostos diante da mente do mundo". E disse mais: "Todo homem nasce aristotélico ou platónico. São duas classes de homens, ao lado das quais é praticamente impossível conceber uma terceira". Platão ambicionava a sabedoria do além, do mundo das ideias, do qual o nosso mundo é apenas uma sombra pálida. Idealista. Aristóteles procura a sabedoria aqui, com os dois pés no chão. Foi Aristóteles um dos primeiros a procurar uma verdade objetiva sem a necessidade de "mágica". Aristóteles aconselhava a não discutir com qualquer um, uma recomendação que confirma a famosa Lei de Murphy, segundo a qual quando a gente discute com um idiota poderia ocorrer que outros não percebessem a diferença. A conduta, os artigos, a forma cética e irreverente de JC falar, sempre obcecado por ser "politicamente incorreto" já há muito denotavam aquilo que o velho Aristóteles categorizava como um "idiota".

Nesta fase adiantada da minha vida, era mais um *homo domesticus* que ficava em casa, incapaz ou sem querer interferir de forma ativa nos assuntos da "civitas". Não aceitava como minha a responsabilidade de lutar sozinho contra déspotas, tiranos, corruptos, medíocres, ao contrário do que fizera já, sem grandes resultados, durante várias décadas. Um autor açoriano, de seu nome Daniel de Sá, já o havia intuído:

Existe um "castelo" na Lomba da Maia. Não tem torres nem ameias nem tampouco o fosso protetor contra invasores e atacantes. Também não tem nome nem dono. Foi assim batizado por aquele escritor, por lá se avistar (dia e noite) um castelão, agarrado ininterruptamente ao seu computador, organizando os Colóquios da Lusofonia.

De facto, dali do topo da sua "falsa" (o nome micalense para o sótão) a minha janela abria-se sobre todo o mundo: podia observar os mares e os montes, as vacas, as eternas brumas que se aproximavam e, por vezes, desapareciam sem deixar rasto. Outras vezes era a chuva inclemente e impiedosa que vinha ora do norte, ora do oeste ou do sul, e aí sim, ela abatia-se sobre o seu "castelo" e as grossas gotas corriam pela sua janela e toldavam-lhe o juízo, arrefecendo a sua paciência oriental. Mas não foram essas chuvas quem apagara o fogo da minha paixão pela verdade, equidade, justiça e liberdade, extinto há muito pela sublimação do hábito que torna os quotidianos em tarefas cada vez mais pesadas, quando o desespero se apossa subitamente, sem premeditação. Martelava ferozmente o teclado em frente ao qual gastei a última grossa de anos (não eram doze dúzias, mas assim lhe pareciam) da sua vida, deixava que a vida lá fora corresse sem pressas. Devagarosamente debitava palavras que a gaveta iria consumir com a humidade que, aliás, era muita naquela ilha sempre verde. Sempre a gaveta para onde desde miúdo atirava tudo o que produzia na esperança de um dia lhe vir a ser útil. Felizmente sempre tive a mania de escrever e guardar o que escrevia. Assim cheguei a ler tudo o que escrevi ao longo de mais de meio século. Eram notas, pequenos apontamentos, escritos e manuscritos de caligrafia variável como os estados de alma, de vários tamanhos, formatos e estilos, que se haviam acumulado em pastas não catalogadas nem sequer ordenadas de qualquer forma específica. Outros ocupavam o lado outro de folhas A4, recicladas de traduções, notícias e outras. Foi um trabalho longo. Ler e rever tudo o que me aparecia escrito e descortinar o que era real, inventado ou meramente sonhado. Alguns faziam parte de escritos e reescritos já publicados, outros nem por isso, e havia os mais recentes publicados já sob o pomposo e deshumble título de *CrónicaAçores: uma circum-navegação*. Uma vez na posse daqueles arquivos preciosos (e muito ficara por ler e desvendar, para memória futura) a minha tarefa fora interpretar e colocar geograficamente os eventos nos locais por onde passara, que nem um caixeiro-viajante do mundo, sempre impaciente e insatisfeito em busca de uma pátria, uma matéria, um lar.

E é sobre essa fluente e vasta escrita que este livro versa. Já aprendera isso com o meu pai e repetia-o até à exaustão pois a experiência ditava-me de que poderiam ser úteis tais anotações. Já o tinham sido por várias vezes. Era difícil aos que me rodeavam compreenderem aquele frenesim, aquela angústia de escrever e por muito que lhes explicasse (o que já deixara de fazer havia tempo) recusavam-se a ver a minha irrepreensível lógica. Sabia que tinha uma missão diferente de todas as outras e teria de a levar a cabo, embora sem ter cartas de marear nem rotas nem itinerários. Era quase um eremita rodeado de gente pouca, por todos os lados, como convém a quem é uma ilha, incapaz de se deixar contagiar pelos clamores externos. Não havia ambiguidades na minha postura, optara por ser aquilo que atualmente era. Já não tinha nem ressentimentos nem ilusões. Já passara o tempo da dor, limitava-me a sorrir pouco e rir qb. A vida passada só fazia sentido para o ego que fora meu, mas já não era. Não poderia repeti-la agora. Tê-la-ia vivido da mesma forma se confrontado com idênticas circunstâncias. O presente devia ser aproveitado sem os hedonismos do passado, com a frugalidade que o meu padrão de vida me permitia, sempre otimista quanto aos melhores dias que podem sempre vir, quando menos se espera, sem nunca desespearar.

Considerava-me um privilegiado, vivi três vidas numa só. Criei três carreiras distintas que prossegui em paralelo e nada de material tinha para mostrar, mas trazia comigo uma pesada bagagem de conhecimentos e cultura que teimava em acarretar sempre que mudava de residência. Tal como George Steiner em "*Os livros que não escrevi*" não se definia politicamente, eu nunca declarava abertamente as minhas ideias políticas, nem a minha verdadeira posição. Afirmei sempre nunca pertencer a nenhum partido ou clube, e dessa forma reneguei qualquer afiliação que pudesse ter existido nos meus anos formativos. Mesmo quando visualizava os espetáculos desportivos não me deixava levar pelas emoções ou por simpatias, via friamente o que o pequeno ecrã me proporcionava e chamava àquilo o meu entretenimento gratuito. Evitava a todo o custo pronunciar banalidades e raramente subscrevia manifestos. Pelo contrário ridicularizava a impreparação dos jornalistas que debitavam decibéis em telejornais vazios de conteúdo, incitava-os a fazerem as perguntas corretas sem medo de perderem os seus empregos. Raramente via uma coluna vertical e proba naqueles escribas atuais, meus colegas de profissão, sempre de costas vergadas à censura económica dos seus patrões. Raros os editoriais ou artigos de opinião que subscrevi, pois poucos podiam escrever livremente e menos ainda os que os queriam ler. Muitas vezes no meu blogue e nas minhas crónicas, fazia análises da conjuntura mundial ou nacional usando meramente o senso comum e interrogava-me porque é que o povo à minha volta não podia ver as coisas com a mesma clareza e transparência com que eu as via.

Escolhi esta forma de isolamento, quiçá aprendido da obra de Nietzsche que fora bandeira da minha juventude revolucionária, de aprendizagens várias. Afirmei sempre prezar imensamente a incomensurável liberdade de expressão e de discussão que a revolução de abril (1974) nos trouxera. Tinha esse desprendimento próprio de quem nunca perdoava ter tido o meu primeiro livro de poesia, quase juvenil e inóspita, cortado pelo lápis azul da censura e reduzido a um terço da sua dimensão. O meu retiro no "castelo" aparentava uma passividade que não me era inerente, mas era assim que eu reagia ao desapontamento da democracia conjugado com uma utópica visão do mundo que herdei dos muitos livros que li, sobretudo na infância e juventude. Temia todos os totalitarismos e fundamentalismos, e já não receava ser acusado de elitista. Nauseavam-me os espetáculos de voyeurismo que as televisões colocavam no ar, sem intimidades, nem

privacidades, como se fosse a transposição de tudo aquilo que os malfadados formulários burocráticos haviam conservado de cada um e os resolvesse expor na praça pública para deleite geral. Uma espécie de Maria Antonieta no cadafalso para todos verem e vilipendiarem. Era similar às ações encenadas dos políticos para todos verem o que pretendiam que vissem, como se as decisões sobre o presente e o futuro do país se definissem através desse jogo de sombras chinesas ou de marionetas indonésias.

Teologicamente definia-me como ateu e não como agnóstico, mas lamentava-me de ter perdido a fé com que cresci, embora ainda hoje me limitasse a aplicar na prática todos esses bons ensinamentos. Ironizava ser mais católico do que muitos praticantes do rito romano, e de ter feito mais bem sem olhar a quem, do que muitos daqueles que se continuavam a benzer, e a ir comungar num espetáculo de voyeurismo público que me repugnava. Ao decidir ficar em casa, no meu "castelo" era uma espécie de observador neutral do mundo que se desenrolava a meus pés, ainda, e sempre, convicto de que os seres humanos podem ser iguais, independentemente do seu género ou sexo, da sua nacionalidade ou cor de pele. Estava, porém, lucidamente consciente, desta utopia, pois haveria sempre os favorecidos pela "sorte", os ricos (e quem enriquece à custa de trabalho honesto?) e todos aqueles cuja única missão no mundo era contrariar os meus arreigados princípios de probidade e dedicação a causas perdidas. Estava consciente de que a lei, qualquer que ela seja, qualquer que seja o país, está cheia de iniquidades e favorece obviamente os ricos e os corruptos e quem se "lixo é sempre o mexilhão", pois são sempre os pequenos e os incómodos que servem para dar exemplo da luta contra o nepotismo e corrupção.

Bastava nascer-se no Congo ex-belga, em Kiribati (no Pacífico Sul) ou na Terra do Fogo para as hipóteses de futuro serem radicalmente distintas daquele que nasceu no palácio de Buckingham, só para dar um exemplo dum "rapaz da sua idade". Embora não tivesse nascido com deformações ou deficiências genéticas viria a adquirir uma perigosíssima estirpe viral: a do conhecimento e da insaciável sede pelo mesmo. Aí, congratulava-me por não ter nascido cego, pobre de espírito, ou delinquente. Outra deficiência que adquirira em novo, por influência paterna, tinha a ver com a sôfrega sede do direito inalienável à liberdade de expressão e de pensamento, uma malformação congénita que me valera muitos dissabores pessoais e profissionais ao longo da vida.

Viera um dia, descendo das nuvens que pairavam sempre sobre estas ilhas, como quem não quer poisos certos e acabei por ceder ao peso das dúvidas e das dívidas. O meu andar não era tão ereto nem certo como fora em tempos, a cabeça baixa, os olhos baços e encovados do cansaço e desespero. Arrastava-me penosamente pelo calendário dos dias, sem deixar grandes marcas além das baforadas dos cigarros sorvidos sofregamente. Tinha ainda uma missão a cumprir na vida, das duas ou três que guardara para estes anos finais quando as chamas se apagavam e os sonhos esmorecidos não passavam já de memórias. Atribuía o facto à idade, embora me gabasse de envelhecer suavemente, sem pressas nem negações, mas finalmente deixei de lutar e de sonhar com as áreas vastas e os horizontes sem fim, mais típicas do meu australiano continente-ilha. Aliás, sabia que estava a ficar caduco desde aquele dia em que ao espirrar me saltara a dentadura postiça com estrondo para cima da secretária. Aqui e agora, estava tolhido pelas colinas verdes, as tais vacas alpinistas, as brutais variações climatéricas diurnas, a nesga de mar que vislumbra pela sua janela. O verde afetava-me quase tanto como a frequente falta de sol de que carecia para a função clorofilina. Obrigara-me a nunca me queixar, a estar sempre contentado sem nunca me contentar. Resignado deveria ser o termo, mas fingia que nada me afetava nem inquietava. Isto passava-se enquanto as dúvidas e os temores me assolavam, cada vez mais frequentemente, se bem que numa escala metafísica pouco consentânea com as preocupações mais comezinhas daqueles que me rodeavam.

Tornara-me taciturno, quase monossilábico, não tinha com quem dialogar, eram todos surdos em volta e falavam uma língua diferente com sotaques estranhos e quiçá incompreensíveis. Sentia-me estrangeiro. Duas vezes ao ano partilhava palavras com os meus pares ideológicos nos Colóquios da Lusofonia, mas para isso precisava de organizar esse tipo de reuniões intelectuais à custa de muita labuta e sem proveito qualquer. Perguntava a mim mesmo se era este o preço a pagar para poder falar. Sempre falara, e muito, e agora via-me calado e ensimesmado. Deixara de viajar frequentemente, como fizera toda a vida, e os locais estranhos eram visitados apenas no pequeno ecrã com que entretinha as horas que não passava a teclar.

Politicamente incorreto até à medula, sem ser libertário, raramente deixava perceber quais os meus ideários, mas nunca me cansava de falar em liberdade, em especial, a de expressão e de opinião. Falava da liberdade individual como se ela fosse mais vital do que o pão para a boca ou o dinheiro para pagar as contas. Era de opinião de que todos deviam ter a liberdade que eu (e nós próprios) temos e por isso não me coibia de dizer **não** quando o entendia, em vez de cortesmente dizer sim quando a mente me dizia não. Não pactuava com falsas noções. Era por isso socialmente incorreto quando dizia que não tinha aparecido porque não lhe tinha apetecido ir, ou quando afirmava que preferia ficar em casa, no meu "castelo" a juntar-se às proles.

Aliás, sem cerimónia dizia que me custava estar no meio de multidões, e havia já escrito em 1972 no meu primeiro poema que abria o volume de poesia [Crónica do Quotidiano Inútil]

"-- 11 h.

A correr do café com leite para o elétrico torrado.

Palavras marteladas pelo HÁBITO INCÓMODO.

-- Quinze tostões.

Direito a empurrões, pisadelas.

O pó é grátis

por vezes, o cheiro da democracia custa a engolir...".

Devia ser uma ideia premonitória, dado que quando o escrevera ainda não vivera a democracia, pois decorria então a dita primavera marcelista estiolada que foi o estertor do Estado Novo salazarista. Mas é sempre difícil os outros aceitarem estas declarações verdadeiras e honestas, ninguém gosta de saber que alguém não quer estar connosco e prefere ficar sozinho. Não aceitam que seja preferível uma pessoa ficar em paz e sossego consigo mesmo, essa coisa banal que se resume a estar consigo mesmo e não com os outros.

Há momentos para tudo, para estarmos connosco e momentos para estarmos com os outros. Era dessa liberdade que falava e que procurava, quando não estava bem com algo, não deixava que isso me atormentasse e punha termo ao mal-estar. Mesmo que isso implicasse os outros sentirem-se aparentemente ofendidos e tristes por se preferir a companhia

deles ao silêncio dum teclado a ser martelado suavemente com ideias. Era dessa liberdade que falava e era essa liberdade individual que prezava mais do que tudo. Era avesso a todas as formas de dirigismo ou de manipulação, queria decidir por mim mesmo, ainda que inconscientemente estivesse a ser manipulado ou influenciado pelo que lia e ouvia.

Já tinha sido assim quando me proibiram de fumar em locais públicos australianos no fim da década de 80 e depois quando em Portugal a mesma cegueira protecionista da saúde se abateu sobre cafés e outros locais em janeiro de 2008. Para mim tratava-se de mais um fundamentalismo que não estava disposto a aceitar. Se as minhas idas ao café já eram pautadas por períodos limitados a mero conjunto de segundos, frações minúsculas de minutos, estes passaram a ser mais curtos ainda, pois embora habitualmente não acendesse um cigarro após o café, passei a acendê-lo apenas para provar que o podia fazer quando queria e não quando os outros deixassem. A minha relação com os outros era sempre problemática e resumia-se à minha aversão pelos ditames alheios. Fora assim com a autoridade paternal, com as autoridades militares no decurso da minha vida como oficial do exército e no decurso da minha vida profissional. Era avesso aos “carneiros” e talvez por isso mesmo acabaria por casar com uma pessoa desse signo.

Despeitava a inveja alheia, noção que me era alienígena, pois invejava nada ou ninguém. Criticava os outros pela fachada que mantinham, pelos estereótipos com que se regiam: conversas balofas e mesquinhas, sem profundidade. Ansiava por conversas profundas, preferia argumentos “intelectuais” ou até mesmo “pseudointelectuais” em que se esgrimissem argumentos, ideias e propostas concretas de melhorar o mundo, pois isso nem a sociedade, em si, nem os políticos, em especial, se encarregariam jamais de fazer. Acreditava que podia marcar a diferença e começava as revoluções em casa.

Deixei sempre aos filhos a liberdade de escolherem a sua vocação religiosa quando tivessem idade, nunca ia à missa só porque sim, como o meu pai fizera sempre, acompanhando religiosamente a minha mãe, essa sim praticante dessas coisas do culto da missa. Os tempos eram outros e não havia já aquele estigma forte de se ser um não-praticante ou um não frequentador de missas. De qualquer modo acreditava ser coerente. Ao contrário dos meus pais, que raramente me deixavam usar o telefone, cedo coloquei telefones nos compartimentos todos da casa para que o filho mais novo pudesse falar ao telefone ou usar a internet, com moderação. Lembrava-me ainda do tempo em que o telefone tinha apenas trinta centímetros de fio e uma pessoa tinha de ficar ali agarrada aquele pedaço de baquelite preto a falar por monossílabos, com o resto da família perscrutando as ondas e o éter a conjecturarem toda uma conversa que se queria privada. Mais tarde, inventei um sistema com um fio de extensão do telefone que se ligava na tomada e dava para esticar o aparelho pelo resto da casa. Fosse onde fosse que me fechasse: no quarto, na casa de banho, na varanda, já podia falar com privacidade, mas só o fazia de noite quando os pais já dormiam para poder falar longamente... infelizmente o filho tinha um desprezo para com o telefone igual ao que ele agora sentia por esse meio de comunicação retrógrado e que raramente utilizava por prazer. Mais voltado para as novas tecnologias e um típico autoensinado, o filho desfazia-se em digressões e divagações tecnológicas cibernéticas sempre em busca de descoberta do Santo Graal mesmo que não o soubesse nem sabendo bem o que procurava.

Nasci em 1949, fruto dum pós-guerra que abalou profundamente os alicerces da minha família. De abastada em 1906 e possuidora de três carros durante a 1ª Grande Guerra, pouco se via da velha família com laivos de nobreza. A família sobreviveu mal à Grande Depressão de 1929 com grandes perdas financeiras e a sua redução a uma mera burguesia “cheia de pergaminhos nobres, mas sem cheta” como soía dizer-se então. Embora crescessem a falar francês, inglês, italiano ou castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza. Tinha, também, muito orgulho no apelido Meira, cuja origem descobri ser muito antiga.

Família que tomou o apelido de Meira no bispado de Tui (Galiza) o mais antigo que se conhece é Rodrigo Afonso de Meira, senhor do solar de Meira. Mais tarde Gonçalo Pais de Meira, alcaide de Guimarães que, com seus filhos, organizou a defesa da praça, ao serviço da Corte de Espanha, livrou do cerco a cidade de Guimarães no ano de 1369. Dizia a lenda que saíra da nossa posse um Palácio na Galiza, por um tio-bisavô do lado Meira, que se recusava a tornar espanhol e por isso perdeu todas as propriedades em Espanha dado que os não-Espanhóis estavam então proibidos de possuir terras e bens. Mas a sua verdadeira identidade nunca descobri nem encontrei ligação nossa do lado Meira (radicado em Afife, mas originário de Lugo, Santa Maria de Meira) nem desse antepassado que alegadamente havia sido o dono do Pazo de Meirás em El Ferrol, que é um Palácio de Verão pertença da Coroa espanhola, mas só muito mais tarde vim a descobrir que parecia nunca ter havido ligação nenhuma a esse Palácio de Verão que o ditador Francisco Franco “anexara” na década de 1930 e do qual usufruía por 36 verões consecutivos e que hoje recusam devolver ao estado.

Embora crescêssemos com a capacidade de falar castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza.

As origens de outro ramo da família datam de 960 d.C., anteriores a Afonso Henriques, a cujo aio judeu estavam ligadas pelo casamento da filha de Egas Moniz, ou seja, anterior à formação do próprio Condado Portucalense e de Portugal.

No que diz respeito ao apelido este originou-se com D. Sancho Nunes Barboza, senhor da Quinta de Barboza, na terra do mesmo nome. Era seu solar a Quinta de Barbosa, no termo do Porto, donde tomaram o nome, no lugar de Barbosa, na freguesia de S. Miguel de Rãs (Penafiel, Norte de Portugal). Segundo Miguel de Sousa (in “As Origens dos Apellidos das Famílias Portuguesas”, SporPress, 2001), os Barbosas foram uma importante família nobre portuguesa no século XII, mas que entrou em decadência nos séculos XIII e XIV. D. Sancho Nunes Barboza era descendente de D. Nuno Guterres, aliás Conde D. Nuno de Cela Nova, filho do Conde D. Teobaldo Nunes, um dos mais ilustres e valorosos cavaleiros do tempo do rei D. Bermudo II de Leão. D. Nuno era irmão de S. Rosendo, famoso bispo de Dume no ano de 925. Este nome pode ter sido documentado muito antes da data mencionada acima. Apelido português toponímico, indica um lugar onde há muitas barbas de bode ou barbas de velho (espécie de planta). Como topónimo, José Pedro Machado (in Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa) considera que Barbosa é originalmente um adjetivo na expressão «(terra) barbosas», isto é, «(terra) onde haja abundância de plantas chamadas barba» (ver barba no Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa, de António de Morais Silva, 2.ª edição).

A ligação ao título de Conde de Celanova permaneceu na família durante gerações, mas por razões que não vêm ao caso já não estão atuais. Havia também uns primos direitos, mais velhos do que eu, nascidos no Brasil e lá residentes, que queriam o título, a que legitimamente tinham direito por consanguinidade e hierarquia. Passados os dias difíceis da Grande Depressão quando o meu avô morreu (1930) em que terrenos, casas, propriedades e fábricas foram sucessivamente roubados por outros membros da família ou perdidos na voragem da bancarrota, a família sobreviveu à Segunda Grande Guerra. A Quinta do Cabeço em Afife foi uma das perdas mais sentidas pelo meu pai. Cheguei a conhecer as suas casas de infância, uma na Rua Visconde de Setúbal e Rua da Regeneração (atual Rua João das Regras, onde está um tribunal agora), mas as casas de verão na Foz e Matosinhos onde passavam o Verão já não as conheci. Consta que alguns membros da família (em especial um cunhado que era contabilista do meu avô) a quem dera apoio com trabalho e benesses foram os que mais se aproveitaram dele estar em maus lençóis.

Ainda viríamos a herdar algo que eles deixaram por não terem descendentes). Com a derrocada financeira e subsequente morte do patriarca viria a impossibilidade de o meu pai acabar o liceu e ter de se resignar a acabar os estudos numa Escola Comercial, tendo cedo começado a trabalhar nos escalões

Segundo consta, e era tradição oral, o meu pai escandalizou o resto da família e teve de arcar com um certo e duradouro ostracismo. Casara em 1948, segundo o culto católico romano, com uma mulher trabalhadora, noção de todo herege aos olhos do conservadorismo familiar, cheio de pergaminhos, de manias de aristocracia (falida) e sangue azul. Dir-se-ia que nascera, assim, no seio duma atmosfera hostil. A minha mãe era professora primária numa altura em que mais nenhuma mulher (na família do meu pai) trabalhava ou sequer pensava nessa hipótese. Eram, então, todas as restantes mulheres da família de seu pai respeitáveis donas de casa, com tradições a venerar e manter, enquanto tocavam piano e falavam francês, segundo o provérbio popular. Era às criadas que competiam as tarefas de cuidar das crianças, educá-las, ensiná-las, enquanto outras colegas mais qualificadas se encarregavam dos trabalhos domésticos divididos por tarefas como limpezas e cozinha. Aos pais do sexo masculino (nessa altura, os pais eram ainda apenas um de cada sexo) competia trabalhar, manter o bom nome da família, e prover a todas as necessidades (expressas ou não) desta

Do meu lado materno viriam os apelidos Menezes, Madureira, Rodrigues, Magalhães, Moraes e Alves todos consignados ao distrito de Bragança.

Ali teriam toda a sua ancestralidade, ligada entre outros a Dom Nuno Álvares Pereira (1360-1431) descendente de Desidério, último rei dos lombardos, que tentou invadir Portugal e tomar a Galiza em 740 (D. Afonso I). Os Pereira estabeleceram-se em Trastâmara antes da chegada dos mouros. Eram senhores do Castelo de Lanhoso. Aos 16 anos casou com D. Leonor de Alvim, um casamento de conveniência. Deixou descendência a quem D. Duarte deu o título de Duques de Bragança.

Nunca vi a clarificação dessa ligação genealógica à família da minha mãe e mantinha-me céptico em relação à mesma. Já não havia dúvidas quanto ao resto da família embora me intrigassem alguns relatos de que um meu bisavô materno teria sido cónego, casado e pai de filhos, mas também aí nunca descobri a confirmação do sacerdócio desse antepassado, embora houvesse muitas dúvidas matrimoniais não-consubstanciadas em documentos.

Como poucos na família se interessavam pelo assunto e como havia uma política de silêncio profunda, os poucos dados de que dispunha fui-os arranjando na fase monárquica da juventude quando passava as férias nas aldeias transmontanas em busca de histórias e lendas de família. Parecia não restar dúvida, quer pelas imagens quer pelo resto, de que se tratava de uma família (pelo lado materno) com inúmeras ligações a judeus novos ou marranos. Renegados por todas as gerações até aos meus dias, havia os nomes típicos de cristãos-novos como Ester (hebraico: estrela) e Jesuína (latim: aquela que crê em Jesus) que não deixavam grandes dúvidas, a menos que se ignorasse a etimologia dos mesmos. Seriam um peso grande a acarretar durante a vida estas heranças genealógicas das quais só viria a libertar-se muito mais tarde.

Rompendo com a tradição iria ajustar a minha identidade à persona que aceitei como meu alter-ego e com a qual teria de coabitar para o resto dos dias. A minha mulher jocosamente comentara um dia que o meu grande problema existencial era saber qual dos dois venceria o duelo, eu ou o meu alter-ego. Fora importante esta dicotomia para definir a minha personalidade, independentemente das heranças genéticas e outras. Sempre quisera construir o meu rumo sem transportar o peso morto das expectativas, e uma albarda cheia de nomes como alguns membros da família chamados – por exemplo – Alberto Eduardo Miguel Carlos Manuel Filipe José Pedro Arcanjo Francisco e seus respetivos apelidos. Cingir-me-ia, por exemplo, às iniciais JC ou JCC tomadas no seu sentido mais lato como as do filho do deus dos cristãos. Não seria isto mais uma demonstração da minha não-aceitação de destino marrano, e a necessidade de reafirmação da minha cristandade?

Em minha casa no Amial, viviam os meus pais, a minha avó paterna, duas irmãs de meu pai ainda solteiras e a tia-avó Orbela (então separada ou já viúva) que faleceria dois anos depois. Os meus pais levantavam-se muito cedo para irem trabalhar e eu ficava a cargo da empregada e da minha avó, que eu sempre considerei uma pessoa adorável e terna, mas que nunca trabalhara um dia em toda a sua vida e jamais se capacitara de que a família não era rica como dantes. Vivia num mundo seu, encapsulada num vórtice temporal que nunca transcendeu. Os primeiros quatro anos da minha vida eram preenchidos por longos passeios pela Estrada da Circunvalação Interna no Porto, pois vivíamos no Bairro Garantia, Vivenda Estremadura, na Rua do Amial, mesmo junto a essa saída de portas, antiga barreira fiscal que impedia a entrada e saída de pessoas desse burgo que era o Porto.

A casa ainda existe e a parte uma pintura exterior não parece ter mudado nada desde que de lá saímos. No entanto abstive-me de ir bater à porta e pedir para visitar o sítio onde passei os primeiros anos de vida, como quem parte em busca de soluções para problemas que desconhece, ou em busca de pistas para a minha maneira de ser conturbada. As lembranças dessa época são mais decorrentes das fotos que vi e das quais retive ou recriei uma memória dos eventos por via fotográfica. O que mais persiste na lembrança, e disso não vi fotos, é o enorme fogão a lenha que havia na cozinha e o hábito de a minha avó tomar ao lanche um chá com leite, o chá inglês como ela lhe chamava e que por vezes me convidava a acompanhá-la. A casa tinha dois quartos para a frente, dois laterais, além da sala de jantar e cozinha. Se bem que tenha uma vaga recordação da maior parte dos quartos e da sala e cozinha, há dias interrogava-me onde estava localizada a mobília de escritório do meu avô, que o meu pai herdou.

A minha avó tinha no quarto de dormir uma pianola onde se entretinha a tocar e que mais tarde deixou de fazer parte da nossa mobília quando mudámos. Foi para casa da minha tia (irmã mais velha do meu pai) porque a minha mãe achava que era um "mono" demasiado grande para um apartamento e como não era dada às músicas viu-se livre da pianola e mandou a minha avó tocar em casa dos outros. Ainda está em casa deles.

Na casa do Amial havia uma criada ou "sopeira" como era vulgo conhecida em calão da época (nome usual na época, antes de se passarem a denominar empregadas domésticas, ou auxiliares de serviços domiciliários) que nos acompanhou na mudança e, mais tarde, casou de nossa casa para emigrar para França. Quando regressou de férias, tinha eu sete anos servi de padrinho ao filho dela, meu único afilhado o José Alberto Cortez que nunca mais vi e deve ter cinquenta anos... e a única coisa que o padrinho lhe deu foram os dois nomes...pequena herança.

CRÓNICA 91 DUAS MORTES, UM SÓ PAÍS. 15 JANEIRO 2011

91.1. PORTUGAL E OS CIDADÃOS DE PRIMEIRA, POR ANTÓNIO DE SOUSA DUARTE² 12 de janeiro de 2011

Já vos aconteceu andar na cabeça a amadurecer um tema, estruturá-lo, trabalhando-o, vestindo das roupagens diáfanas que só as palavras conseguem e de repente abrir o jornal, neste caso, o correio eletrónico, e deparar com o texto que amadurecia dentro de nós? Foi o que me aconteceu esta manhã:

As mortes de Vítor Alves, Capitão de abril, e do cronista cor-de-rosa Carlos Castro mostram algumas evidências sobre o país. Separadas por escassas horas, as mortes do coronel Vítor Alves, "Capitão de abril", e do cronista "cor-de-rosa" Carlos Castro tiveram o condão de fazer notar uma vez mais algumas evidências

1 (Mobil Oil, então chamada Socony Vacuum pela junção em 1931 da Standard Oil Co. de Nova Iorque (Socony) e a Vacuum Oil Co. Em 1955 tornou-se Socony Mobil Oil Co., e em 1963 Mobilgas, ou Mobil Oil, que finalmente em 1999, foi adquirida pela Exxon)

2 * Ex-jornalista, consultor de comunicação, doutorando em Ciência Política

sobre Portugal e os portugueses que nunca será de mais destacar. Na verdade, mesmo admitindo as macabras circunstâncias em que Castro foi assassinado e os requintes de malvadez de que foi aparentemente vítima, não parece normal que tal facto tenha merecido tão esmagadoramente maior espaço mediático do que o desaparecimento de um dos principais símbolos da Revolução de 25 de abril de 1974 e destacado operacional da construção do processo democrático. Vítor Alves faleceu domingo, cerca de 36 horas depois da morte, em Nova Iorque, de um colunista social conhecido por se dedicar há décadas a analisar os factos da atualidade "cor-de-rosa" nacional. Considerado em muitas das biografias espontâneas que dele nos últimos dias chegaram ao nosso conhecimento como "um cidadão de primeira", Vítor Alves foi um homem probo, sério, rigoroso, sensível que contribuiu de forma decisiva - antes e depois do dia 25 de abril de 74 - para o atual regime democrático em Portugal. Vítor Alves, que integrou, com Vasco Lourenço e Otelo Saraiva de Carvalho, a comissão coordenadora e executiva do MFA (Movimento das Forças Armadas), foi o autor do primeiro comunicado dirigido à população no dia 25 de abril e o militar que foi o porta-voz do Movimento. Mas as exéquias mediáticas de Vítor Alves foram curtas, muito curtas, se levamos em conta a importância do seu legado e o impacto informativo que outros factos da atualidade suscitaram e de que é exemplo, sublinho, a vaga noticiosa relativa à morte de Carlos Castro. O país trocou "um cidadão de primeira" por uma "história de segunda", mas o desiderato é positivo: chancela-se a morte do militar, político, ministro e conselheiro da Revolução em rodapés a correr e baixos de página e atribuem-se honras de Estado, mediático ao assassinato do cronista (não cronista social como alguns lhe chamam, como se Carlos Castro e Fernão Lopes fossem páginas do mesmo livro...) e às incidências macrotrágicas em que foi encontrado o seu corpo após alegada tortura, castração e assassinato. Mas a responsabilidade de todo este "estado a que" - de novo e citando Salgueiro Maia - "chegámos" não é do povo. Porque não é o povo que edita jornais, blocos noticiosos, telejornais ou sites. Nem é o povo o responsável por Marcelo Rebelo de Sousa ter dedicado ontem, no Jornal da TVI, mais tempo de antena à morte de Carlos Castro do que ao desaparecimento de Vítor Alves.

91.2. CONHECI VÍTOR ALVES

Foi isto que li e pouco teria a acrescentar, a não ser que conheci Vítor Alves e com ele me cruzei em Jacarta, Macau e Lisboa.

Com o dito cronista, felizmente, nunca tive o desprazer de conhecer. Sabia-lhe a verrugosa veia chantagista de que servia nas suas colunas de revistas e jornais para enaltecer ou rebaixar as chamadas "socialites" em inglês, ou mais prosaicamente as "tias" em português. Embora não possa admitir a violência deste ou de qualquer outro crime quejando, mais parecendo um mau "script" (guião) de uma série CSI, usaria o refrão popular, de mau gosto, mas adequado de que "cada um se deita na cama que faz". Como velho céptico custa-me a aceitar estes amores entre idades desproporcionadas (mais de 40 anos de diferença) lembrando-me sempre de como não me sentiria bem apaixonado por uma coeva da minha avó, ou como seria ridículo apaixonar-me por uma jovem de 18 anos e acreditar que o sentimento fosse mútuo. Mesmo com um menor gradiente de idades não me imagino apaixonado por amigas da minha octogenária mãe ou vice-versa.

Ainda no caso heterossexual (aqui, vão cair-me em cima e chamar-me politicamente incorreto e homofóbico) consigo explicar logicamente as motivações com base naquilo que chamamos de legado da História da Humanidade e da estupidez do homem face à mulher, mas no caso de dois homossexuais a diferença etária parece ainda mais aberrante, mas cada qual come do que gosta (usando mais um cliché) e cada qual dorme com quem entende. Foi assim que muitas caras bonitas da TV se fizeram e assim se chega a ministro como dizia o outro. Mas deixemos para trás estes criminosos e cronistas cor-de-rosa pois que deles nunca deveria rezar a História embora faça as delícias deste povo obcecado pelo voyeurismo, capaz de se rir da sua própria nudez intelectual sem pruridos morais.

Cruzei-me como então Major Vítor Alves em 1974 em Jacarta como escrevi na CrónicaAçores, uma CIRCUM-NAVEGAÇÃO, vol. 1. A este e outros propósitos escrevi:

"... Os Indonésios irão mais tarde, utilizar o argumento de que receberam garantias do Primeiro-ministro Vasco Gonçalves ao general Ali Murtopo, que "era irrelevante para Portugal se Timor continuasse [ou não] sob soberania portuguesa."

Daqui se pode inferir que as manobras subtis dos portugueses fizeram ricochete. Desde o primeiro momento em que se envolveram em conversações secretas com os Indonésios, os portugueses estavam encurralados. Não podem evitar a opinião pública internacional (ou mesmo a portuguesa) sobre as intenções da Indonésia.

Comprometeram-se irremediavelmente com os Indonésios. A única alternativa possível, naquela altura, foi então discutida pelo Major Vítor Alves, Dr. Mário Soares e Dr. Jorge Campinos (os principais negociadores) mas unanimemente rejeitada.

Tal alternativa consistia em abandonar todas as negociações bilaterais [com a Indonésia] e apelar para que as Nações Unidas impedissem a invasão. Alguns líderes portugueses defendiam tal opção: Major Melo Antunes, Ten-Cor. Lemos Pires (o último Governador de Timor Português), e os representantes locais do Comité de Descolonização, Majores Jónatas e Mota, mas os seus esforços foram desfeiteados por Almeida Santos e Vítor Alves.

Existe uma insidiosa coincidência entre o que acontece mais tarde [a anexação da Indonésia em julho 1976] e a situação em 1941 os japoneses invadiram a ilha. Embora esta tivesse ocorrido durante a segunda grande guerra, a primeira tem lugar num período de enorme agitação política e deterioração do poder em Lisboa. O ponto comum é o de em ambos os casos, o Governo Central de Portugal ser totalmente incapaz (se não totalmente sem vontade de o fazer) de organizar recursos suficientes para manter a sua autoridade na mesma Colónia....

Em 1977 voltaria a encontrar-me com Vítor Alves em Macau e em Hong Kong e posteriormente, em Lisboa 1980. Em Macau, tinha inclusive havido uma tentativa de o desacreditar e de o ligar a cenas da noite macaense com umas jovens filipinas no Hotel Lisboa, na única discoteca que então ali havia. A verdade é que o Major Vítor Alves lá estivera, como muitas outras pessoas, mas isso não o comprometia como utilizador e beneficiário de favores sexuais extraordinários, fora de horas, das ditas dançarinas filipinas.

Elas eram "meter-maids", mas não da mesma forma como foram celebradas na música imortal dos Beatles "Lovely Rita". Esta canção do álbum Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band, escrita e cantada por Paul McCartney, fala do afeto do narrador por uma funcionária de um parque de estacionamento, e no Casino Lisboa não se estacionava.... O termo "meter-maid" era praticamente desconhecido no Reino Unido antes desta música, representando um americanismo para uma polícia de trânsito feminina e surgiu quando uma jovem polícia chamada Meta Davies multou Paul McCartney à entrada dos estúdios da Abbey Road. Sem protestar expressou os seus sentimentos em música, dizendo que ela tinha cara de Rita.

Posteriormente, passou a significar na gíria um parcómetro humano onde se metiam moedas para estacionar e daí o seu uso para as jovens filipinas do Hotel Lisboa que ganhavam, consoante convencessem os clientes a estarem com elas e a beberem falso champanhe francês...

Macau tinha ainda então muita gente empenhada em denegrir o MFA e a Revolução de abril. Havia numa certa imprensa e em certos "cronistas" locais uma aversão a todos os Portugueses.

Foi isso que se passou como o pude comprovar e a tal propósito, ainda fizemos umas chalaças quando nos cruzamos, de novo, em Lisboa (1980), num centro comercial em Cascais.

Confesso que depois do meu bem-amado mentor major Melo Antunes, Vítor Alves era outro militar da Revolução por quem nutria respeito e consideração. Era uma pessoa culta, educada e diplomática como agora o caracterizam. Obviamente o povo português não partilha desta opinião e muito menos os que se ocupam de trazer tragédias pessoais, e outras aos ecrãs da minha insatisfação televisiva diária. Agora não é o Rei que vai nu, mas sim o povo lampeiro sempre pronto a degustar mais uma cena imprópria, daquelas que envergonharia qualquer escritora de cordel, como Corin Tellado nos anos da minha juventude.

CRÓNICA 92. A INSEGURANÇA E O DIREITO À DEFESA. 21 JANEIRO 2011

Vivi em locais inseguros no Porto, Timor, Macau, algumas áreas de Bali, Perth, Sidney e Melbourne sem nunca receber a visita dos amigos do alheio. Foi preciso chegar aos 62 anos, na açoriana costa norte da Ilha de São Miguel, mais precisamente na Lomba da Maia, para sentir essa devassa que é a de alguém penetrar no nosso santuário mais íntimo, a nossa casa, o lar tal como definido desde tempos romanos.

Passe o exagero óbvio da comparação, mas sempre entendi que um assalto à casa de cada um é - de certo modo - semelhante a uma violação, uma defenestração violenta, não consentida. Sempre defendi que cada um devia ser livre de decidir quem entra ou não nesse santuário que todos os dias tocamos com as nossas mãos, pés e sentimentos. Não é tanto a perda de bens materiais, pois muitos deles são facilmente substituíveis, como a perda da inviolabilidade do dito santuário que é a casa de cada um. Sei que esta noção pode parecer estranha neste meio rural onde há seis anos, quando

aqui cheguei, as pessoas ainda deixavam as portas abertas e a chave na porta ou na ignição do carro. Sei que a maior parte dos vizinhos é assaltada e nem se digna fazer queixa às autoridades policiais por medo. Sei que estas se sentem impotentes face à atual legislação que vê os assaltantes saírem em liberdade com uma pequena admoestação.

Sei também que os assaltos repetidos (quatro que se saiba) à casa do padre - que confina com o meu quintal - provavelmente não foram notificados a nenhuma autoridade policial e apenas o assalto à Igreja na semana de 15 a 22 de janeiro deste ano da desgraça de 2011 mereceu honras de notícia de jornal. Sei que os assaltos a idosos - nas suas casas - dias após receberem as suas pensões passaram despercebidos à maioria dos habitantes e das autoridades. Sabemos todos que desde há anos, existe um pequeno grupo (nem chega a gangue, essa meia dezena de drogados) que se reúne no Largo da Igreja, junto ao Coreto, para aí mercadejar a droga e combinar fontes de rendimento alternativas para sustentar essa dependência. Sabemos todos que existem outros mais jovens - meros juvenis pré-adolescentes - que dão agora os primeiros passos em pequenos roubos nas mercearias e minimercados, nos cafés, antes de se aventurarem na casa alheia. Ouvimos as conversas sobre insegurança no café da esquina, onde se sabe que o próprio dono e presidente da Junta já viu esse mesmo café assaltado - pelo menos três vezes, que se saiba -, e viu igualmente a sua Junta de Freguesia ser assaltada e despojada de computadores.

As pessoas indiciam nomes de eventuais suspeitos, de alegados culpados, da alegada conivência das mães e pais desses meliantes, da conivência de recetadores dos furtos, da inoperância das autoridades judiciais, mas nada mais se faz. Toda a gente sabe que há recetadores para o fruto dos roubos, sejam sacas de ração ou botijas de gás... Não passamos de conversas de café. Lembro-me, antes desta crise, há uns 4 ou 5 anos, os carros da polícia passavam regularmente, mas a horas incertas do dia e da noite pelas ruas da freguesia. Agora só os vemos quando acorrem a algum incidente, isto, quando têm pessoal e gasolina para se deslocarem... O que mudou além das lenientes leis e juízes? Será isto o progresso e já chegou às mais recatadas freguesias desta ilha?

Há três semanas que mal durmo e acordo várias vezes ao longo da noite para verificar os pontos fracos de defesa deste meu castelo sem muralhas, enquanto não chegam os mestres para instalar grades e portões de segurança, bem como os eletricitas dos sistemas de alarme. É este o preço a pagar por viver num local privilegiado com qualidade de vida nesta bela costa norte? Terei de ficar indiferente a esta vaga de assaltos que passou de ocasional, uma vez ao mês, para um sobressalto quase diário? Terei de ser fatalista como os nativos que me rodeiam? Ou devo fazer como em tempos se fazia e organizar uma milícia popular e um grupo de vigilantes pronto a exercer a justiça pelas suas próprias mãos? Que me respondam as autoridades impotentes e os politicamente corretos políticos, mas ninguém me restituiu a paz que antecedia o sentimento de violação do meu santuário.

Por mais bens que eu possa substituir jamais regressarei ao estado de espírito tranquilo da vida calma nesta costa norte da Ilha de São Miguel. Terei de me resignar e ficar queto e mudo perante o assalto a bens - que levei uma vida a acumular fruto do meu trabalho - para que os alegados "amigos do alheio" possam vir cá e levá-los para comprarem mais uma dose?

Terei de me satisfazer perante a incapacidade do sistema policial, judicial e outros que sabendo quem são os presumíveis assaltantes os deixa incólumes no sossego do Largo [do Coreto] da Igreja a transacionar a droga e usá-la enquanto preparam nova investida contra a propriedade privada? A democracia e a liberdade não podem ter este preço. Temos todo o direito a dormir descansados com as nossas preocupações sobre o assalto que fazem aos vencimentos dos trabalhadores sem nos termos de preocupar com os assaltos dos toxicodependentes e outros larápios. Se eu vivesse em Nova Iorque teria de aceitar esta realidade, mas não creio que deva ficar parado à espera de Godot.

Se as autoridades não nos defendem teremos nós de nos defender com meios proporcionais à ameaça, como diz a lei. Só que a entrada de uma pessoa no meu lar é uma ameaça proporcional - para mim - a um ataque atômico e usarei todos os meios e armas para me defender dela, mesmo sabendo, à partida que o ladrão me pode processar e exigir uma indemnização quando o atingir. Ou então defender-me-ei para que ele não possa sequer processar-me? Sei que se for confrontado (embora a maior parte seja covarde e só assalte velhas indefesas) me irei defender com tudo o que tenho à mão para me proteger de qualquer intrusão na inviolabilidade do lar. Nesse momento, se infelizmente vier a ocorrer, não me preocuparei com minudências jurídicas do direito dos ladrões.

Esta foi uma experiência de impotência à distância, pois encontrava-me em Portugal a passar o natal, e não quero que se repita. Além de alarmes, grades e portões de ferro irei estar mais atento e vigilante para que a casa esteja defendida. Afinal estão aqui as coisas mais valiosas que tenho: os meus livros e escritos, e não há valor maior do que a biblioteca pessoal. Fiz já saber a todos nas redondezas que irei adotar as medidas que entender necessárias para a defesa intransigente do direito à inviolabilidade da fronteira que separa o meu lar, aqui no mais estrito senso da palavra romana, do resto do mundo exterior. Espero que nesta terra pequena de fofuques, essa mensagem chegue também aos perpetradores e sirva de elemento dissuasor. Caso contrário terei de lhes oferecer o livro em que esta crónica seja publicada, para que eles saibam.

CRÓNICA 93. AS CASAS DOS SEGREDOS, DEGREDOS, DO BIG BROTHER INTERNACIONAL. 25/1/2011

O que adiante se transcreve (de Luiz Fernando Veríssimo) promete chegar em breve a Portugal num canal favorito de TV, é a fórmula mágica de ganhar dinheiro e manter o povo anestesiado com a desgraça dos outros sempre prontos a desfrutar das tendências de "voyeur" que caracterizam o povo português do séc. XXI. Se tivessem cérebros funcionais podiam pensar e votar diferentemente, assim como já - desde há muito - estão pré-condicionados num estado de torpor intelectual basta ouvirem palavras mágicas e acreditam no que ouvem. Até são capazes de acreditar que depois desta crise e de lhes roubarem inconstitucionalmente os salários até vão ficar melhor preparados para enfrentarem a crise.



O AVÔ KIM IL-SUNG O PAI KIM JONG-IL E O NETO KIM JONG-UN

O mais chato disto tudo é que não podem dizer que a culpa é dos chineses pois foram estes que compraram parte da nossa dívida para poderem enviar para cá os artigos rejeitados pelas fábricas de escravos e de trabalho infantil que por lá têm, mas o que interessa é ver as poucas-vergonhas - como a minha avó lhes chamava - de uns tantos metidos numa casa a fazerem o que lhes mandam para ficarem famosos e quiçá acabarem por morrer numa prisão dos EUA. São uns heróis metidos dias, semanas, meses a fio, numa casa sem terem de trabalhar pelo sustento em troca de se deixarem filmar 24 horas ao dia. Para ser mais realista só faltam a estes programas os cheiros da flatulência de quem os concebeu. Há sempre milhões a acreditarem no que veem, a sofrerem com as desventuras dos que ali estão, pois é sempre melhor ver as desventuras dos outros do que a própria e ao fim de um dia de trabalho inglório nada melhor do que ver os outros em vez de se olharem ao baço espelho das tristes vidas que lhes calharam em sorte. E depois admiram-se que eles elejam Cavaco, Sócrates, Salazar...até elegiam o Pato Mickey ou o Pateta da minha infância. Até um treinador de futebol, português e famoso eles já sonhavam para treinador dos desígnios da nação.... Imaginem só José Mourinho como primeiro-ministro, Cristiano Ronaldo como ministro do desporto, Carlos Queirós como ministro da Educação, Sá Pinto ministro da defesa, Eusébio nos negócios Estrangeiros e por aí diante. No Brasil (que nem é bom exemplo nisto) já tiveram o Pelé ministro dos esportes e Gilberto Gil na cultura... Em França já temos o palhaço do Sarkozy que é como um primo direito desse tarado sexual do Berlusconi Viagra. Na Venezuela temos esse carismático Hugo Chávez que fez com que Hitler parecesse uma personagem de banda desenhada. Por esse mundo fora, - e prometo que não falo de África - abundam exemplos similares embora os meus favoritos sejam o iraniano Mahmoud Ahmadinejad e o norte-coreano filho do grande líder Kim Il-Sung. A este respeito não resisto a contar que a maioria das pessoas usa a cirurgia plástica para parecer mais nova, mas no Coreia do Norte o herdeiro do poder, Kim Jong-Un, de 27 anos fez cirurgia para se parecer ao avô.

Leiamos agora o texto que me motivou...

Big Brother Brasil (Luiz Fernando Veríssimo)

Que me perdoem os ávidos telespetadores do Big Brother Brasil (BBB), produzido e organizado pela nossa distinta Rede Globo, mas conseguimos chegar ao fundo do poço...A décima primeira (está indo longe!) edição do BBB é uma síntese do que há de pior na TV brasileira. Chega a ser difícil...encontrar as palavras adequadas para qualificar tamanho atentado à nossa modesta inteligência. Dizem que em Roma, um dos maiores impérios que o mundo conheceu, teve seu fim marcado pela depravação dos valores morais do seu povo, principalmente pela banalização do sexo. O BBB é a pura e suprema banalização do sexo. Impossível assistir, ver este programa ao lado dos filhos. Gays, lésbicas, heteros, todos, na mesma casa, a casa dos "heróis", como são chamados por Pedro Bial. Não tenho nada contra gays, acho que cada um faz da vida o que quer, mas sou contra safadeza ao vivo na TV, seja entre homossexuais ou heterossexuais. O BBB é a realidade em busca do IBOPE...

Veja como Pedro Bial tratou os participantes do BBB. Ele prometeu um "zoológico humano divertido". Não sei se será divertido, mas parece bem variado na sua mistura de clichês e figuras típicas.

Pergunto-me, por exemplo, como um jornalista, documentarista e escritor como Pedro Bial que, faça-se justiça, cobriu a Queda do Muro de Berlim, se submete a ser apresentador de um programa desse nível. Em um e-mail que recebi há pouco tempo, Bial escreve maravilhosamente bem sobre a perda do humorista Bussunda referindo-se à pena de se morrer tão cedo. Eu gostaria de perguntar, se ele não pensa que esse programa é a morte da cultura, de valores e princípios, da moral, da ética e da dignidade.

Outro dia, durante o intervalo de uma programação da Globo, um outro repórter acéfalo do BBB disse que, para ganhar o prémio de um milhão e meio de reais, um Big Brother tem um caminho árduo pela frente, chamando-os de heróis. Caminho árduo? Heróis?

São esses nossos exemplos de heróis? Caminho árduo para mim é aquele percorrido por milhões de brasileiros: profissionais da saúde, professores da rede pública (aliás, todos os professores), carteiros, lixeiros e tantos outros trabalhadores incansáveis que, diariamente, passam horas exercendo suas funções com dedicação, competência e amor, quase sempre mal remunerados... Heróis são milhares de brasileiros que sequer têm um prato de comida por dia e um colchão decente para dormir e conseguem sobreviver a isso, todo santo dia.

Heróis são crianças e adultos que lutam contra doenças complicadíssimas porque não tiveram chance de ter uma vida mais saudável e digna.

Heróis são aqueles que, apesar de ganharem um salário mínimo, pagam suas contas, restando apenas dezasseis reais para alimentação, como mostrado em outra reportagem apresentada, meses atrás pela própria Rede Globo.

O BBB não é um programa cultural, nem educativo, não acrescenta informações e conhecimentos intelectuais aos telespetadores, nem aos participantes, e não há qualquer outro estímulo como, por exemplo, o incentivo ao esporte, à música, à criatividade ou ao ensino de conceitos como valor, ética, trabalho e moral.

E aí vem algum psicólogo de vanguarda e me diz que o BBB ajuda a "entender o comportamento humano". Ah, tenha dó! Veja o que está por de trás dos milhões de reais do BBB: José Neumani da Rádio Jovem Pan fez um cálculo de que se vinte e nove milhões de pessoas ligarem a cada paredão, com o custo da ligação a trinta centavos, a Rede Globo e a Telefónica arrecadam oito milhões e setecentos mil reais. Eu vou repetir: oito milhões e setecentos mil reais a cada paredão. Já imaginaram quanto poderia ser feito com essa quantia se fosse dedicada a programas de inclusão social: moradia, alimentação, ensino e saúde de muitos brasileiros? (Poderiam ser feitas mais de 520 casas populares; ou comprar mais de 5.000 computadores!)

Essas palavras não são de revolta ou protesto, mas de vergonha e indignação, por ver tamanha aberração ter milhões de telespetadores. Em vez de assistir ao BBB, que tal ler um livro, um poema de Mário Quintana ou de Neruda ou qualquer outra coisa...ir ao cinema...estudar... ouvir boa música...cuidar das flores e jardins...telefonar para um amigo...visitar os avós...pescar...brincar com as crianças..., namorar...ou simplesmente dormir. Assistir ao BBB é ajudar a Globo a ganhar rios de dinheiro e destruir o que ainda resta dos valores sobre os quais foi construída nossa sociedade."

Dito isto e como acabo de ceder graciosamente grande parte do meu espólio (arquivos relacionados com a minha saga de Timor) à Torre Nacional do Tombo, estou a pensar seriamente oferecer também os meus livros - e para os quais não arranjei tempo para os reler - e passar a dedicar-me a seguir todas as telenovelas que a TV transmite de manhã à noite a ver se fico menos deprimido com mais um corte salarial que a minha mulher recebeu ontem como prémio de quase 30 anos a ensinar os filhos dos outros. São eles e elas que telefonam diariamente para mil e um programas de televisão, seja para ganharem dinheiro fácil, seja para darem resposta a uma qualquer pergunta idiota ou fútil, sem entenderem que estão a dar a ganhar milhões às telecomunicações e a todos os que engendraram este esquema piramidal de fazer dinheiro fácil. Depois, esses eles e elas ocupam as poucas horas de lazer a falar do que viram e ouviram, até acreditarem que a vida virtual que observam no ecrã, é a vida real a que eles não têm, mas que almejam. Assim, se vir a triste figura e a desgraça dos que nos aparecem no pequeno ecrã penso menos como vou pagar as contas no findo dinheiro, pois sobra, cada vez mais mês no fim dinheiro.

CRÔNICA 94. O ESTADO TRATA-LHE DAS FINANÇAS MESMO DEPOIS DE MORTO. 12 FEVEREIRO 2011

Já o disse e repito-o, este país mudou mais em 16 anos - desde que cá voltei - do que nos cem anos anteriores. Há dias foi notícia:

Uma idosa esteve morta durante nove anos dentro de casa, na Rinchoa, sem que as autoridades ou familiares a tivessem procurado, segundo avançou o Correio da Manhã.

Foi uma penhora por parte das Finanças que fez com que a nova proprietária descobrisse o terrível cenário.

Porém, na altura do desaparecimento, em agosto de 2002, uma vizinha garante que estranhou a ausência e que alertou a polícia.

A mulher explicou que os agentes se recusaram a arrombar o apartamento, mesmo depois de terem sido alertados para o facto de o correio não ser recolhido e de o vale de reforma não ser levantado.

Passados nove anos, veio a encontrar-se o cadáver da idosa na cozinha, que completaria 96 anos no sábado, e o do seu cão na varanda, o que afastou a hipótese de morte por asfixia.

Ora o que aqui está em causa não é se as autoridades procederam bem ou mal, se seguiram ou não o que se encontra estupidamente estabelecido na lei de que só um familiar pode reportar o desaparecimento de alguém, se podiam ter feito menos ainda ou mais. O que se deve realçar é que um primo da vítima, também ele de idade avançada se deslocou 13 vezes ao tribunal a pedir autorização para arrombar a porta e não lha concederam sob o pretexto de que a alegada morta não exalava cheiro... Isto, porque se ele tivesse arrombado a porta seria preso e condenado por invasão de propriedade e sabe-se lá que mais... embora esse tratamento justo não seja normalmente aplicado aos ladrões que violam o sagrado lar de cada um.

O que aqui me preocupa é que um cidadão respeitador da lei não teve coragem de arrombar a porta com medo da lei e esta não estranhou uma idosa de 87 anos desaparecer sem deixar rasto.

Agora vão todos fazer uns inquéritos que vão provar que a GNR, a PSP e todos os demais agiram em plena concordância com as leis vigentes no país e nada mais poderia ter sido feito. Falta que alguém com bom senso me explique como é que as Finanças penhoram uma casa que seria vendida em leilão nove anos depois por pouco mais de trinta mil euros para cobrarem uma dívida inicial de 1500 euros de impostos imobiliários sem cuidarem de hipotecarem a televisão, ou o frigorífico da idosa. Não, foram logo arrematar a casa que sempre valeria mais, sem tentarem ver se ela estaria morta ou fazerem outras diligências como a lei estipula. Ou então só se vai investigar se a pessoa está morta no caso de ela cheirar mal? Agora surge um problema aos advogados litigiosos, que sempre surgem como abutres em casos destes que vão provar que a idosa não pagou o que devia às Finanças por estar morta e as Finanças não podiam vender a casa em hasta pública sem alguém jamais lá ter entrado em nove anos. Assim sendo, a casa não podia ir a hasta pública, as Finanças não a poderiam ter leiloado e a nova dona, uma imigrante ucraniana, não teria direito a comprá-la. Haverá ainda a considerar os sobrinhos e o primo da falecida que obviamente teriam, por lei, direito a uma quota-parte dos bens da falecida incluindo a sua habitação.

Em notícia de última hora a televisão anuncia que as Finanças podem cancelar a venda, a fim de evitar ações legais pelos herdeiros. Se alguém me conseguir explicar como isto acontece na Rinchoa, ao pé de Lisboa, uma pessoa morta nove anos dentro de casa, com o cão e os periquitos, sem ninguém se dar conta então eu acredito que Lisboa ainda não é a selva que todos conhecemos de Nova Iorque e megacidades similares. Dado que a maioria da população em Portugal tem mais de sessenta anos, não vai tardar que se multipliquem casos destes e venham os sociólogos falar do problema da solidão na terceira idade, os geógrafos políticos venham lamentar a desertificação humana do interior profundo de Portugal, os políticos se expliquem com a introdução de alterações inócuas às leis, as instituições de solidariedade social se queixem da crise e da falta de apoios para prestarem ajuda solidária aos idosos, a PSP se lastime da falta de meios humanos para uma política de proximidade, e os filhos e os netos continuem a colocar em asilos os idosos para não terem o trabalho de cuidar deles ou a ignorá-los só por que são velhos. Vou já começar a tomar medidas para quando estiver só, velho e desamparado, para não me deixarem morrer sozinho com o cão, o gato e os periquitos que não tenho nem quero ter. Mais sorte tem a minha mãe, quase com 88 anos, pois a filha liga-lhe todos os dias, o filho - ausente nos Açores - se não todos os dias, quase; os netos uma vez por mês, e as amigas logo se interrogam se ela altera a sua rotina de ir ao café diariamente. Pensem bem, pois se ainda não são sexagenários, como eu, podem chegar a essa idade e então será demasiado tarde caso não tenham tomado as necessárias medidas, pois o que mais chateia um morto é saber que a sua casa foi parar ao Estado Português que tudo rouba em vida e nada dá em troca. Claro está que pode sempre haver quem não se importe, que - depois de morto - lhe roubem a casa para vender em hasta pública. Façam como eu, não adquiram propriedade imobiliária, arrendem e se morrerem podem ter a certeza que mal deixem de pagar, o senhorio vai bater à vossa porta.

CRÓNICA 95. BANHA DE COBRA. 18 FEVEREIRO 2011

95.1. BANHA DA COBRA NO MARQUÊS DE POMBAL, PORTO

Há dias estava em "zapping" pelos canais televisivos quando vi um músico, tipo baladeiros dos anos 60 com uma pasta a dar-lhe um ar respeitável à moda do século passado e guitarra a tiracolo, a cantar "sei que não apareço nos jornais": <https://youtu.be/OLoRTpIphs> - <https://www.discogs.com/Gon%C3%A7alo-Gon%C3%A7alves-Honey-Sei-Que-N%C3%A3o-Apare%C3%A7o-Nos-Jornais/release/5149863>

Era tão patético este "cantor romântico abandonado" licenciado em tecnologias de comunicação, que só me fez recordar uma cena de infância, há muito desaparecida do nosso quotidiano.

Quem cresceu no Porto recorda-se de ter um divertimento gratuito nos anos 50 e 60 do século passado, aos domingos, na Praça do Marquês de Pombal, em frente à Igreja. Por entre os idosos que ali jogavam às cartas (e passavam o vazio dos dias por entre uma "bisca" ou uma "sueca³") surgiam, camionetas vagamente reminiscentes das velhas caravanas do oeste bravio dos EUA. Em vez de colonos temerosos dos índios (nativos americanos, como é politicamente correto chamar-lhes agora) havia uns homenzinhos de aspeto duvidoso, cabelo cheio de brilhantina, com um megafone (na época não havia ainda microfones sem fios) a falar muito alto e a atraírem os passantes e basbaques com o verdadeiro elixir da longa vida, o elixir contra a calvície, e outras proezas que a medicina tradicional europeia nunca viria a adotar.

Juntava-se sempre uma dúzia de pessoas, para ouvir umas piadas e a arenga bem elaborada. Havia sempre, mais cedo ou mais tarde, um comprador talvez coagido, ou um comparsa ou parceiro do vendedor da verdadeira banha da cobra. O vendedor da banha da cobra não é personagem de ficção. Existe, progrediu e anda, por entre as turbas, dissimulado de pessoa de bem. Sabemos que a banha da cobra⁴ não serve para nada, mas a firmeza do homem empoleirado na carripana, com a sua bem estudada eloquência, persuadia muitos sobre as mil e uma aplicações desse remédio miraculoso contra impigens, mau-olhado, torcicolos, urticária, febre dos fenos, dores de dentes, nervos, escleroses, artroses,

3 Jogos de cartas

4 A sua origem data do primeiro século antes de Cristo e inspira-se numa receita secreta de teriaga, que, segundo crenças populares antigas, seria um medicamento complexo, com sessenta e quatro componentes. Acreditava-se que tinha as propriedades de um antídoto para venenos. Na confeção da teriaga, a carne de cobra era fervida durante muitas horas ou mesmo calcinada, até se transformar em pó. Estes pós de cobra eram conservados em frascos para utilização futura. Foram usados em outras preparações, para aplicação local. Eram misturados com gordura, sob a forma de unguento. O nome popular desta espécie de pomada era a banha da cobra. O grande número de componentes, a raridade de alguns, e o elevado preço, tornavam difícil o acesso a este medicamento, no qual se depositavam as maiores esperanças. Passou a produzir-se um outro, com menos componentes: bagas de louro, mirra, genciana, aristolóquia e mel. Era a teriaga dos pobres. Menos contempladas ainda eram as pessoas que viviam em locais mais afastados dos centros urbanos. À falta de um composto, usavam apenas o alho para combater a peste e outras doenças. E o alho ficou conhecido, em muitas regiões, como a teriaga dos camponeses.

entorses, diarreias, sarampo, escarlatina, espinhela caída, dores das cruces, doenças do miolo, treçolho, verrugas, cravos e desmanchos.

Todos eles eram curados pelas propriedades da banha desse animal repugnante, a cobra, e tal como ela assim a verborreia oratória do vendedor ia enleando as pessoas que paravam para o ouvirem. Ainda estão bem vívidos os pregões

"Não custa nem 20, nem 15, nem dez! Custa apenas cinco, e quem levar dois leva um totalmente de graça. Um para aquele senhor, outro para aquela menina..."

Por vezes era em elixir, outras em pomada, outras ainda em forma líquida...o povo comprava os frasquinhos milagreiros e o vendedor da banha da cobra ia-se governando. Apregoava a honestidade afirmando ter licença camarária e não estar ali para enganar ninguém. Porventura, o vendedor da banha da cobra existe há séculos. Sabe-se que a sua origem é chinesa lá onde se vende óleo de cobra de água (*Enhydri chinensis*), o qual é usado para tratar dores nas articulações, embora o seu sentido seja mais associado jocosamente por especialistas em criptografia para designar produtos que dão ao usuário uma falsa sensação de segurança. O óleo de cobra refere-se a falsos remédios vendidos nos EUA no século XIX com a promessa de curar qualquer doença. Em tecnologia, o termo é usado para produtos que oferecem segurança absoluta e criptografia indecifrável, mas de qualidade questionável ou inverificável. Se é seguramente certo que a banha da cobra não cura, também não consta que daí tenha saído algum mal para a saúde pública e para o Mundo. E não havia mal ou maleita onde o seu resultado não fosse prodigioso!....

Tudo e o seu contrário a famosa pomada resolvia. E para que não houvesse dúvidas os argumentos eram um primor de explicação:

"É que bocencia tem uma dor de dentes, mas o dente não dói. O dente é corno, o corno é osso e o osso não dói, o que dói é o nervo".

Gostava de estar convicto – mas não estou – de que a maioria das pessoas não acreditava minimamente naquilo, mas inexplicavelmente compravam, compravam! E a vida de vendedor de ilusões prosperava! Embora há muitos, muitos anos não ouça o seu pregão genuíno, não tenho dúvidas de que ainda andam por aí. Agora, nesta era de globalização, talvez de colarinho branco e quem sabe de barba bem aparada para aparentar respeitabilidade. Talvez os dos bancos que foram à falência BES, BPN; Banif, etc..... Pode até ser verdade o que muitos dizem, de que foram tirar cursos à Universidade Independente e entraram todos para o Governo...

Mas do que me lembro mesmo, e que me mesmerizava em tão tenra idade, é de ficar a ouvir os vendedores de banha de cobra antes de ir à missa dominical e depois ir almoçar na cantina da Igreja que ficava do lado esquerdo sob a cripta.

Até hoje tenho esta frustração enorme de ainda não me ter aparecido o vendedor de banha da cobra que me convencesse, como devem ser felizes aqueles que acreditam e compram...

95.2. JORNALISMO, UM APRENDIZ DE FEITICEIRO

No fim de 1992 fui suspenso pela Lusa, agência noticiosa portuguesa, depois de inúmeras desavenças ao longo dos anos. O motivo foi ter publicado em inglês uma notícia sobre Ramos Horta, que transmiti e a Lusa publicou mais tarde. Meti a Associação de Jornalistas Australianos ao barulho e foi-me reconhecido que se tratava duma suspensão de serviço por motivos políticos. Jamais voltaria a trabalhar para eles. Conto este episódio em detalhe no meu segundo livro sobre Timor, lançado em 2005 em CD-livro, "Historiografia de um repórter (Timor Leste vol. 2, 1983-1992)". Já anteriormente me haviam censurado notícias sobre Timor. Inicialmente não compreendia a razão desta censura. A notícia era inócua e decidira confrontar o Gonçalo César de Sá, diretor da agência LUSA (no sudeste asiático e Pacífico). No poder, como primeiro-ministro, Cavaco e Silva, para quem queira encontrar relevância no facto. O senhor diretor da Lusa no Pacífico explicou que o teor da notícia era demasiado sensível motivo pelo qual fora truncada e reduzida. Chamei-lhe uma data de nomes e desliguei. Ligou o senhor diretor, de novo, a pedir calma. Eu perdera-a para sempre. Assim iria terminar lentamente a minha carreira de jornalista ativo como Correspondente Estrangeiro que ainda mantive até 1994 e que iria deixar e para trás ao sair definitivamente da Austrália em abril 1996.

Como atrás se disse, entrei em 1977 para a Rádio (ERM - Emissora de Radiodifusão de Macau) e isso ocupava-me mais algum do meu pouco tempo livre como adiante se verá. Durante os primeiros meses escrevia, lia os noticiários e traduzia telexes (alguém se lembra do que eram?), muitas vezes em direto para poder transmitir as notícias mais recentes. Também apresentava programas musicais após as horas de labuta na CEM. Depois, mais tarde, quando a RTP tomou conta da ERM e se passou a chamar Rádio 7 ou Rádio Macau ao que hoje é apenas a TDM, os diretores acharam ser um perigo ter um francoatirador nas notícias e meteram-me programas musicais na área de produção e em projetos especiais. Mal sonhavam que iria revolucionar a forma como se faziam programas de rádio. Os programas começaram a ser feitos para uma faixa etária até então esquecida, dos 15 aos 25 anos, importando discos de Lisboa e da Austrália. Depois, organizei concertos ao vivo e tardes de dança no hall de entrada da rádio, tendo conseguido que Rão Kyao estivesse lá a atuar durante uns meses. O sucesso era tanto que havia gritos histéricos ao passar pelo Liceu, como me recordaria (aquando do nosso reencontro no 15º colóquio em 2011) o meu jovem ajudante Ricardo Pinto que em 2011 era diretor do jornal Ponto Final e dono da Livraria Portuguesa de Macau. Os programas envolviam, pela primeira vez, a participação dos jovens ouvintes e satisfaziam os seus desejos musicais até então totalmente arredados da estação local que transmitia música pirosa (a música pimba ainda não fora inventada) própria de anciãos de uma qualquer aldeia do Portugal profundo.

Antes do programa Pão com Manteiga que Carlos Cruz celebrizaria no continente português, inventei o meu programa, altamente controverso, "O Whisky e a Cola" com um a introdução de Bette Midler no filme "The Rose" e o separador musical do louco Alice Cooper "We are all crazy". Era um programa de rock, reggae e de sátira. Pela primeira vez o reggae chegava ao Oriente. Um dia descobrimos que uma estação de Hong Kong nos gravava a música que passava pela idêntica ordem, pelo que nunca mais deixaríamos terminar nenhuma composição sem que a adulterássemos com falas a fim de evitar o plágio de reprodução. A sátira dirigia-se a assuntos de governação e de corrupção, sendo dados cognomes a personagens do governo e fazendo - sobre eles e elas - histórias interessantes. Os mais velhos e mais críticos da governação ouviam o programa às escondidas e enviavam mensagens escritas (ainda não havia SMS nem telemóveis) sobre o mesmo para que ninguém soubesse que eles ouviam.

Um certo dia, fui a Hong Kong. Ao regressar nessa noite ao programa, improvisei sobre o nacionalismo das gentes de Macau que encontrei a fazer compras na vizinha colónia, falei dos passeios largos e de outras coisas, quando o então Secretário do Governador (Gonçalo César de Sá que mais tarde, seria meu chefe e diretor da Lusa no Pacífico com sede no Japão) me telefona aflito por suspeitar que eu descobrira uma das maroscas das Obras Públicas. Ele entendera assim, na minha sátira que eu tinha descoberto que os projetos aprovados pelas Obras Públicas aceitavam os prédios com uma determinada cêrcea, mas depois os donos das obras e os fiscais ganhavam milhões quando prolongavam essa cêrcea, a partir do primeiro andar até ao limite exterior do passeio...ora

Muitas foram as "charges" e piadas feitas à custa da governação contornando a difícil área da sobrevivência. Para notícias mais importantes tive de me servir de outro subterfúgio. Com efeito, desde que chegara, fizera amizade com os jornalistas Nick Griffin da HK TVB e do Ian Whiteley da ATV e usava-os sempre que precisava de mandar notícias sensíveis para fora de Macau. Ainda hoje guardo religiosamente uma declaração de trabalho como correspondente da televisão de Hong Kong no período em que vivi em Macau. Todos suspeitavam e insinuavam que eu estava por detrás das notícias, mas ninguém podia provar nada, era óbvio que depois de aqueles dois estarem em Macau surgiam logo reportagens escaldantes, e como eles ficavam em minha casa, dois e dois facilmente somados eram quatro. Claro que sempre sustentei que ambos eram meus amigos e jornalistas e, claro que ficavam em minha casa, mas tinham as suas fontes locais até porque o Nick era fluente em cantonense pois vivia em Hong Kong desde bastante jovem. Assim se transmitiram muitas notícias que a censura local e o poder discricionário do governador de Macau tentavam silenciar.

Tempos loucos de pouco dormir e muito trabalhar e folgar (Nota do Autor: folgar não significa fazer folgas, mas sim comprar-se, divertir-se, tomar parte em folguedos). Levantar pelas sete e pouco, vir almoçar ao Clube Militar ou Clube de Macau, ir dormir uma sesta de meia hora ou pouco mais, trabalhar até às cinco e meia da tarde, vir a casa tomar um duche, seguir para a rádio quando os programas eram às 19.00 ou depois do jantar quando iam das 22 às 24 ou até às duas da manhã. Depois, ia-se cear a um dos restaurantes ainda abertos no Hotel Lisboa ou qualquer outra loja ainda aberta que nessa época havia alternativas além das sopas de fitas, ao ar livre numa qualquer rua com tendinhas e bancos no meio da rua. Numa dessas vezes, num pequeno restaurante, quase em frente ao Hotel Estoril, assisti a uma cena de pancadaria entre seitas...ainda mal começara, bem antes de as cadeiras voarem já eu estava sentado ao volante do meu Celica com o motor a funcionar antes que o perigo se tivesse sequer aproximado. O meu instinto de sobrevivência era proporcional ao sentido do dever de informar sem medo nem censuras.

Tudo começou em 1967. Iniciei a minha longa carreira de jornalista da forma mais casual possível ao fazer uma reportagem (a brincar, para treinar-me) do Circuito Internacional de Vila Real e da Fórmula 3. Vendi um exclusivo à Rádio Renascença e graças a isso, haveria de trabalhar para eles até sair de Portugal em 1973. A história começa numa forma bem mais prosaica. Estava convidado em Vila Real pelo meu tio Nóbrega Pizarro, que era à data Diretor Clínico do Hospital e responsável médico pela prova. Calmamente assistíamos na bancada principal às provas quando se deu um grande acidente com um corredor chamado Tim Cash, segundo a reminiscência que guardo do incidente. Como falava bem inglês, fui chamado por ele para lhe servir de intérprete. Acabei a entrevistar o acidentado, gravando tudo no meu gravador portátil que já me acompanhava sempre nesses dias para toda a parte. Quando saí do hospital era lógico que todos queriam saber o que se passava (o homem salvou-se sem grandes mazelas) e limitei-me a ver quem me oferecia mais pela fita (naqueles tempos ainda não havia cassetes). Ganhei a alta soma de 500\$00 pelo feito.

Mais tarde, escrevi para a Rádio Renascença numa clara demonstração de saber aproveitar as oportunidades. Ofereci-me para colaborar com eles em futuras provas. A RR achou que aquele jovem empreendedor tinha pinta e dignaram-se aceitar-me como colaborador de automobilismo para a Zona Norte. Fui trabalhar com o célebre e popular programa Página 1 de José Manuel Nunes, com colaboradores como Joaquim Amaral Marques, Adelino Gomes, Pedro Castelo. Era o programa de rádio mais ouvido e logo à primeira tentativa, eu tinha entrado. Viriam a ser notáveis as coberturas que faríamos dos eventos desportivos a norte do país.

Curiosamente, uma das notícias mais importantes que transmiti foi, por mero acaso, a da morte de Otis Redding, num desastre de aviação em 10 de dezembro de 1967. Isto porque não se usavam frequentemente telexes (quem se lembra deles hoje?) e eu passava a vida a ouvir estações piratas como a Rádio Caroline, Rádio Luxemburg, onde tinham acabado de dar a notícia. Nessa altura as notícias do mundo demoravam dias a chegar às redações dos jornais e das rádios. Não só nessa época. Mais tarde, em plena década de 1990, ainda enviava os meus despachos para a agência Lusa, para a Rádio Macau (TDM, RTP) e, mais tarde, para o jornal Público através de telex. Tinha de os enviar da baixa de Sidney. Chegava a Lisboa e ao jornal, provavelmente, com mais de um dia e meio de atraso.

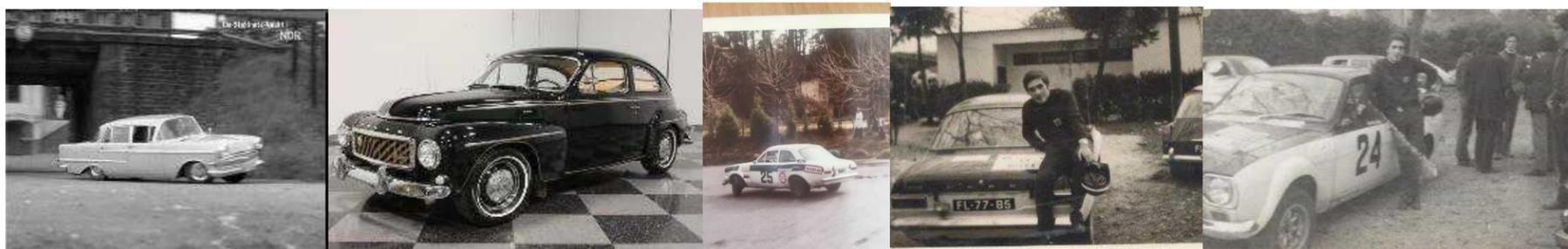
O sistema de reportagem fui-o desenvolvendo e melhorando ao longo dos tempos, sem lições de ninguém porque nunca fora feito antes. Inicialmente não me pagavam nada, depois começaram a pagar as despesas, gasolina, telefones e alimentação. Por fim, já tinha uma avença e pagava aos meus colaboradores em cada prova. Era um dos dois maiores sonhos da minha juventude: ser advogado e seguir a carreira diplomática ou ser jornalista. Desde os 12 ou 13 anos que sonhava com essas profissões. Esta já cá cantava, da outra desistiria. Viria a não diplomaticamente acabar por dar muitas voltas ao mundo sem ser advogado nem diplomata.

Numa primeira fase fazia a cobertura de eventos motorizados com o meu melhor amigo e piloto de competição em ralis, o Taka e ocasionalmente um primo ou um amigo juntava-se a nós. Íamos ver as classificativas cronometradas mais importantes e seguíamos em busca dum telefone para dar os tempos desse troço cronometrado. A seguir começamos a ter mais de um carro para fazer a cobertura e podíamos ter várias equipas a transmitir os dados à medida que os concorrentes iam percorrendo os vários troços. Era a verdadeira cobertura em direto e ao vivo. Já nessa época se vivia com muita intensidade a febre dos Ralis em Portugal. Havia gente em todos os montes e serras, fosse a que hora fosse. Por mais ermo e deserto que fosse o local havia lá gente.

Nos primeiros anos o que nos identificava perante os polícias era um cartão (cartolina grossa) retangular prensado (feito por nós) com a palavra PRESS a branco sobre fundo vermelho. Depois mandamos imprimir autocolantes com a identificação da estação emissora e do programa. Havia um gravador portátil de cassetes e um par de auscultadores de estúdio para as entrevistas, à partida e à chegada, com uns fios esquisitos que serviam para transmitir o som através do telefone. Reportagem na hora com meios improvisados e inventados por jovens como eu. Uma vida excitante para um adolescente que me permitia não só contactar com todos os pilotos, como com os organizadores, equipas de assistência, e com as jovens atraídas para estes eventos. Que mais podia desejar? e ainda me pagavam para ter a voz na rádio.

Foram, anos e anos sempre a correr, vividos intensamente entre ralis e treinos num velho Opel Kapitän 1958 ou num Volvo "Marreca" PV 544 de 1959, percorrendo tudo o que era estrada municipal ou caminhos de cabras. Uma vez numa florestal,

perto de Gondarém (à saída de Viana do Castelo), saíra uma manada de vacas à nossa frente e quase que embatíamos num pelourinho. Raramente saímos da estrada. Exceção feita ao primeiro rali de iniciados que fizemos em que depois de partirmos de Santa Luzia (Viana do Castelo, de novo) embatemos fortemente contra um penedo. O motor ficou no lugar do pendura e a roda sobressalente veio para o seu lugar. O carro ficou com a frente desfeita. Eu tive umas leves equimoses e hematomas nas costas, os quais depois de devidamente tratados no hospital de Viana nunca viriam a ser do conhecimento de ninguém. Tão abalado fiquei com o acidente que imaginei que vínhamos em sentido contrário aquele em que íamos, saí do carro a correr a cantarolar, sem razão aparente, "Corre Nina" do Paulo de Carvalho, para logo a seguir voltar ao carro para tentar desligar o corta-corrente com medo de que deflagrasse um incêndio.



OPEL KAPITÁN P II P

VOLVO "MARRECA" PV544

VELHO ESTÁDIO DO ACADÉMICO DO PORTO, NUMA DAS PRIMEIRAS PROVAS DO CAMPEONATO NACIONAL

DE INICIADOS 1971 CREIO QUE ORGANIZADO PELO VIGOROSA

O meu pai desesperava quando eu ia sair de

carro com o Taka, e recusava deitar-se até eu chegar. Pois bem, se na maior parte das vezes, a noite não excedia as duas da manhã, muitas vezes houve em que quase chegávamos ao amanhecer. O meu pai ficava na salinha da televisão, a ler, ou a dormir, fumando cigarro atrás de cigarro, incapaz de adormecer sem ter a certeza de que o filho chegava são e salvo. Bem deve ter passado as passas do Algarve enquanto eu estava nesta fase difícil. Muitas vezes quando tentava meter a chave na fechadura já lá estava o pai vindo do escuro a abrir a porta e a ralhar-me. Foram anos e anos, só me dedicava a carros e a namoricos.

Ao longo dos cinco anos seguintes percorremos Portugal (mais de um milhão de quilómetros era a estimativa da época) por estradas que nunca nenhum cristão visitara. Numa das vezes entramos numa aldeia cujo nome foi esquecido (algures entre Bragança ou Vimioso e Miranda, talvez Outeiro) onde nunca viatura motorizada alguma entrara até então pela porta do seu castelo. A população veio toda à rua aplaudir e fazer perguntas. Muitos nunca tinham visto um carro em toda a sua vida pois jamais haviam saído de lá. Estava-se nos anos 60 e era como se estivessem em plena Idade Média.

Nas estradas mais recônditas de Trás-os-Montes raramente se encontrava movimento, para além de uma ou outra viatura pachorrenta com a sua carga ou um pequeno trator dos que começaram a surgir em Portugal por essa década. Muitas vezes íamos para sítios onde nem um café existia. Noutros, não havia telefones públicos. Ainda se não tinham inventado os telemóveis e a rede dos TLP, futura Telecom, era ainda incipiente nas zonas mais remotas de Portugal.

O perigo maior nessas estradas transmontanas, beirãs ou minhotas, eram os burros, as carroças ou os carros de bois e pouco mais. Ainda havia simpáticos cantoneiros a acenarem nas estradas e a cortarem as ervas das bermas. Até hoje muitas dessas estradas jamais viram outro cantoneiro e as casas dos cantoneiros estão infelizmente destruídas, desabitadas e em ruínas. Podiam até ter sido aproveitadas para pequenas unidades de turismo se alguém quisesse ou tivesse visão, mas isso era pedir muito aos portugueses. É um verdadeiro sacrilégio ver o abandono a que foram votados tantos ícones numa era em que o que existia e funcionava bem foi substituído por outras estruturas mais modernas, mas que não funcionam. O desbaratar de riquezas sempre foi apanágio deste país que viveu sempre à custa dos outros, primeiro das especiarias, dos escravos, do ouro do Brasil e mais recentemente dos subsídios de Bruxelas. É uma dor de alma viajar em pleno começo do século XXI e ver pombais abandonados, casas de cantoneiros, estações da velha CP destruídas, com um valioso espólio, incluindo azulejos maravilhosos ao abandono, com as velhas pontes (algumas delas notáveis obras de arquitetura) e os ramais do caminho-de-ferro servindo para criar mato. É criminoso perderem-se as vias de pequena bitola onde dantes circulavam ronceiros, os comboios que estabeleciam o contacto entre o Portugal profundo e os centros de poder. Ignóbil Estado este que assim delapida património da Humanidade!

Hoje as estradas, municipais e secundárias, estão em pior estado do que estavam naquela época. Eu fiz centenas de milhares de quilómetros, entre 1996 e 2005, por estradas secundárias que já percorrera na década de sessenta. Vira-as definharem sem melhoramentos de espécie alguma, com um ou outro remendo de alcatrão, a maior parte delas esburacada e sem manutenção de qualquer espécie, enquanto as juntas de freguesia locais e o novo IEP (Instituto de Estradas de Portugal) se digladiam a ver de quem é a incompetência de não-limpeza das mesmas.

Voltando à Rádio Renascença e ao automobilismo, eu e os amigos íamos acompanhando ralis e outras provas de velocidade. As últimas, em cuja cobertura estive, foram nos Circuitos de Vila Real e de Vila do Conde 1972, onde, com o Pedro Roriz, ajudara o já falecido José Fialho Gouveia na reportagem para a RTP. Ali tivéramos o, também já falecido, Adriano Cerqueira a ajudar a contar as voltas ao circuito. Sim, porque naquele tempo ainda não se usavam computadores para contar as voltas. Havia cronómetros para calcular os tempos pois a organização ainda não dispunha de meios para facultar tais dados durante a prova. O Adriano havia acabado de regressar de África onde fizera o serviço militar e estava deseioso de se meter no automobilismo. Mais tarde seria ele, durante décadas, a face do automobilismo na RTP e eu teria a oportunidade de voltar a trabalhar com ele no Circuito de Macau em 1981 e 1982.

Cenas a registar deste período de automobilismo para além das provas em que entrei com o meu amigo "Takatakata" (Ludgero Carvalho de Abreu) quer no seu BMC Mini 1000, num Cooper S 1300, ou no seu Ford Escort Cosworth Lotus 1600, existem muitas das quais irei apenas deixar aqui algumas. Uma vez no Minho, na Serra da Cabreira tentei pedir a alguém que me deixasse utilizar o telefone fixo (ainda não havia telemóveis naqueles dias), a resposta foi a de ser recebido com uma carga de tiros de caçadeira que mal nos deu tempo de correr para o carro em fuga apressada. Isso viria a dar-me a luminosa ideia de passarmos a ter telefones de campanha (telefones como os da tropa) instalados nas provas cronometradas (no início e fim dos troços) o que foi feito, pela primeira vez, nos ralis e provas de velocidade. Passamos a ter um ascendente enorme sobre os restantes repórteres com o envio em tempo real dos resultados dos troços cronometrados. Foi a primeira vez, no mundo, que se procedeu assim. Ainda neste período (talvez em 1970 ou 1971) no velho Estádio das Antas pusemos, pela primeira vez, um microfone sem fios dentro de um carro, enquanto o então campeão nacional (Francisco "Xico" Santos) dava as suas voltas à oval do estádio. Foi também a primeira vez no mundo que se utilizou um meio de transmissão radiofónica dum carro em prova, coisa que hoje é banal com as câmaras de vídeo e imagem a serem colocadas em todos os pontos das pistas e nos carros. Talvez tenha sido a coisa mais inovadora que fiz em toda a vida.

Era comum faltar às aulas na universidade e ir acordar o Taka para tomarmos café a Guimarães, almoçarmos em Valença e dar um salto ao Gerês.

Convém lembrar que nessa altura era nas velhinhas estradas nacionais, estreitas e cheias de curvas, passando por tudo que era aldeia e lugarejo, que se faziam as viagens. Uma média superior a 30 km/h não era nada má. Uma viagem do Porto a Vila Real fazia-se num tempo recorde de duas horas (nós fizemos em tempo recorde de 92 minutos) para pouco mais de cem quilómetros. Uma ida do Porto a Lisboa, antes da autoestrada, era uma proeza para mais de três horas e meia (fizemos uma vez em duas horas e dez minutos). Os condutores "normais" chegavam a demorar cinco horas ou mais. Arrepio-me ainda hoje de pensar nessas viagens.

Outras vezes aproveitávamos os feriados como o do 1º de dezembro (princípio dos nevões de inverno) para irmos dar uma volta maior. Normalmente era até ao Gerês para vermos o espetáculo das primeiras neves do ano, ou até ao Alvão e Marão. Outras vezes íamos mais longe. Assim aconteceu em 1970 quando levei o Taka e um primo (Paulo Almeida D'Eça) a Trás-os-Montes passando por Vila Real, Bragança, Vimioso, Azinhoso, seguindo depois até à Serra da Estrela. Dessa vez ficamos a dormir a primeira noite no Azinhoso (em casa das primas e tia), depois de termos passado a reta de Vale da Madre (antes de chegar a Mogadouro) a mais de 120 km/h no Austin Cooper S já debaixo dum forte nevão. Na Serra da Estrela, sem termos correntes para os pneus, a tarefa de chegar às Penhas foi difícil e envolveu um autoatropelamento ao meu primo Paulo Almeida D'Eça. Um de nós ficava na curva seguinte a dizer se o Taka podia tentar subir. Como o gelo era muito, o meu primo foi escorregando e foi apanhado pelo capô do Mini indo, depois, a deslizar estrada abaixo durante vários metros por entre aplausos dos mirones....

Lá chegamos ao cume perante o ar incrédulo de todos os outros automobilistas melhor equipados para aquele clima. O pior foi que não conseguimos dormir em sítio nenhum pois não havia vagas. Nem a minha canção do bandido a uma empregada de mesa serviu para me dar direito a um teto num quarto de pensão. Fomos para o alto da gélida cidade da Covilhã junto ao cemitério, e tentamos dormir alguma coisa sem morrer de frio. De duas em duas horas tínhamos de ligar a chaufage do carro para nos aquecermos minimamente pois não tínhamos levado roupa especial para o frio. Uma noite inesquecível da qual me lembrava sempre que passava pela Covilhã. Ali estivera – antes - em maio 1969 com o Teatro Universitário na estreia da peça de Lope de Vega "Fuenteovejuna".

95.3. UNIVERSIDADE E TUP (TEATRO UNIVERSITÁRIO)

O espetro da tropa havia-se tornado numa realidade só adiada pela frequência universitária. Era só uma questão de tempo até se concretizar. Fui conseguindo sucessivos adiamentos na incorporação militar com documentos da sua frequência universitária até ao fim do curso. Foi uma época interessante.

Foi nesse período que me tornei politicamente ativo, após 1967, ao frequentar o TUP (Teatro Universitário). Ali se organizavam concertos secretos com o Zeca Afonso e o Manuel Freire. Paredes-meias com o Quartel-General da GNR onde se pensava que estávamos a ensaiar uma peça. Também o fazíamos. Como cenarista o já famoso alfundegense Mestre José Rodrigues. A composição musical era todo do Zeca Afonso que ali ia várias vezes. Nos ensaios participavam o poeta Mário Viegas e a atriz (futura locutora e vereadora da Cultura da Câmara Municipal do Porto) Manuela Melo.

Ulteriormente, no segundo ano do meu curso (1969), cofundei a Pró-Associação de Estudantes da F.E.P. Dado que era proibido formar Associações Estudantis Universitárias servira-me dum qualquer "buraco" da lei (que já não recordo qual era) para criar a Pró-Associação, cuja tarefa principal era imprimir cópia das "sebentas" para alunos.

Uma das coisas mais importantes em termos organizacionais foi a preparação de vários convívios de Economia, num deles arrendamos o Palácio de Cristal (atual Pavilhão Rosa Mota) e contratamos o Manuel Freire, uma fadista (Maria da Fé ou Lenita Gentil) e outra artista cujo nome há muito se perdeu nos esconsos da memória. Era difícil organizar isto, contratar os músicos, pedir a aparelhagem emprestada a uma das lojas VADECA (atual Valentim de Carvalho), ou à Ritmo (do meu primo Henrique Pinto Leite na Rua de Santo António ou 31 de Janeiro conforme as modas políticas). Depois era fazer uns cartazes e distribuir pelos Liceus de D. Manuel e de Carolina Michaëlis que eram os nossos alvos privilegiados pois eram daí que vinha mais gente (finalistas de 6º e 7º ano, atual 11º e 12º), dado não ser vulgar haver muita interligação com as outras faculdades. Conhecíamos alguns de Engenharia e de Letras, mas a menos que fizéssemos parte desses grupos nós não íamos às festas deles nem eles vinham às nossas. Compravam-se uns blocos de rifas numeradas para colocar à porta e vender os ingressos na esperança de recuperar o investimento feito.

Os "artistas" não cobravam cachet, mas havia sempre despesas com o transporte e comida para eles além do custo do aluguer do local, da tipografia, etc. Só muito recentemente, em pleno século XXI, me recordei desta capacidade organizativa. Zeca Afonso estava proibido e não podia atuar em público, por isso restava-nos o Manuel Freire, o Adriano Correia de Oliveira, o Luís Goes, como cantores de intervenção já que o José Mário Branco estava em França assim como o Sérgio Godinho entre outros. Hoje em dia contratam o Quim Barreiros enquanto nós na época tínhamos a fadista local típica, Lenita Gentil ou a mais sofisticada Maria da Fé, pois eram do gosto da maioria enquanto uma minoria esclarecida apreciava os cantores malditos ou proibidos. O custo de entrada era de 30 escudos (15 cêntimos) em 1969 ou 1970, segundo a minha irmã me recordou em tempos, pois pediu o dinheiro emprestado a uma amiga minha para poder ir, pois ela só tinha 15 anos na época e eu teria uns 20 ou 21 e a mesada duma miúda de 15 anos era insuficiente para ir a um "Convívio de Economia". Não me lembro de ter perdido dinheiro com estas atividades pelo que devem ter sido um sucesso comercial.

Fizemos manifestações ou "manifs", como se chamavam na época, contra a guerra colonial. Vimos a U.P. (Universidade do Porto) no Largo dos Leões ser invadida pelos cavalos da GNR (estacionados, mais abaixo, ao lado da então Faculdade de Letras, onde estava o TUP) que subiam a longa escadaria em perseguição dos alunos que corriam a acoitar-se no sótão onde se albergavam as seis salas da F.E.P. (Faculdade de Economia do Porto).

Embora as notas de admissão à Faculdade fossem excelentes, a mudança de tipo de ensino fora (de novo) traumatizante pois custou-me imenso a adaptar ao novo ritmo e às exigências de trabalho. Sentia que era apenas mais um número e não uma pessoa como estava habituado a ser tratado no liceu. Aqui cada um era deixado à sua sorte e que se desenrascasse. Comecei com atividades extracurriculares tais como o Teatro, do qual tinha já dois anos de experiência liceal.

A minha estreia pelo TUP (Teatro Universitário do Porto) ocorreu a 22 de abril de 1969 sem a presença dos meus pais que jamais me incentivavam em qualquer destas minhas atividades extracurriculares. Tivemos, depois, uma digressão à Covilhã e outra a Coimbra onde presenciamos os incidentes estudantis com a PIDE a abater um estudante e o chefe da PIDE (um tal senhor Figueiredo) na primeira fila a ver se eram todos subversivos (só alguns, diria eu dissimulando-me na sombra para não ser descoberto). Nesse período tive o prazer de ouvir o Mário Viegas dizer poemas meus numa sessão no TUP, depois

dos ensaios (daquelas em que tomavam parte o Zeca Afonso, o Manuel Freire, e outros). Foi uma grande honra pois pressentia-se que o Mário Viegas iria longe (faleceu em 1996) na sua arte de declamação que o levou a altos voos, vários discos, programas na rádio e TV. Um dos textos que ele lera constava do meu primeiro volume de poesia publicado em livro (edição de autor, Crónica do Quotidiano Inútil, maio 1972).

TUP

— ENCENAÇÃO

Correia Alves

— MUSICA

José Afonso

Ensaíada por

Borges Coelho

Acompanhada por

Vitor Valente

— CENARIOS

Alexandre Vasconcelos

— FIGURINOS

José Rodrigues

Confeção de

Amélia Varejão

— ADEREÇOS

Manuel Mouga

TIPOGRAFIA DO CARVALHIDO
PORTO
2.500 ex. — 4-1969

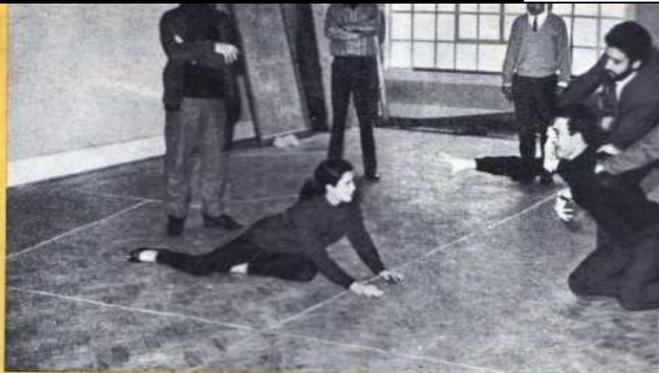
FU EN TE OVE JU NA

" José Chrystelo
LOPE
DE
VEGA

chrys 1969Fuenteovejuna (1)



Sob a direcção do dr. Correia Alves, o elenco do Teatro Universitário de P



OTUP trabalha. Prepara o seu primeiro espectáculo deste ano. Ensaia, sob a direcção do dr. Correia Alves, um clássico espanhol, de Lope de Vega, «Fuenteovejuna». Levam ao palco a peça de Lope de Vega era um velho sonho do encenador. O sonho torna-se realidade. À custa de sacrifícios.

— Tem sido uma aventura maravilhosa — diz o dr. Correia Alves. O espírito de equipa do TUP, a sua dedicação pelo Teatro, têm-me na verdade, ajudado a desbravar as maiores dificuldades de um texto tão rico de intenções cénicas e humanas. Temos passado noites em claro. Foram abolidas muitas horas de divertimento para que os ensaios possam decorrer num ritmo acima do normal.

Desde a primeira leitura da peça, em 2 de Dezembro passado, o elenco de «Fuenteovejuna» tinha realizado, até meio deste mês, mais de duas dúzias de ensaios. Em média, cada sessão de trabalho ocupa quatro horas. Para um grupo de amadores, de estudantes universitários, é fácil avaliar o esforço que isso representa. Ao mesmo tempo, dá uma medida da sua dedicação e do seu interesse.

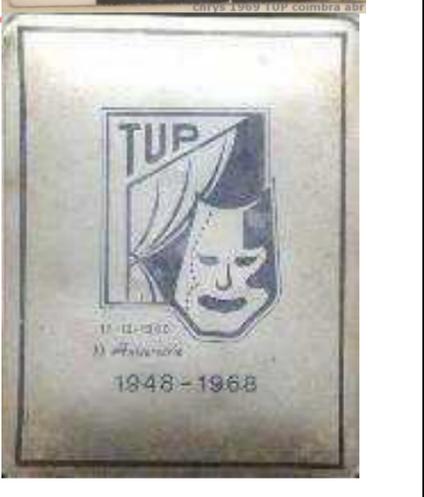
O Teatro Universitário do Porto, que há dois meses comemorou vinte anos de existência, exibe uma vitalidade que pode ser levada à conta de promessa. Com efeito, o TUP conta com uma centena de elementos, recrutados nas várias Faculdades, socorrendo-se deles para preencher quase todas as suas necessidades. Com efeito, actualmente, apenas recorre a um trio estranho à equipa estudantil: o encenador, o figurinista e o cenógrafo. O primeiro, compreende-se e aceita-se que venha de fora. Será um mestre. Os outros dois cargos, porém, fazem lembrar a necessidade urgente da criação de uma cadeira especializada na dinâmica Escola de Belas-Artes do Porto, velho sonho de alguns, que muito poderia vir a beneficiar o teatro português.

Da centena de estudantes do elenco do TUP saem os elementos indispensáveis às várias tarefas nos bastidores e toda a equipa — dos figurantes

sentar «Fuenteovejuna». O desenvolvimento, o espírito de entejuda es sempre presentes, como nos salientam dos directores do TUP, Antão Fornelos. E essa a moia real que vivimenta e anima o Teatro Universitário do Porto, o qual ainda o passado, no I Festival de Teatro Covilhã, obteve o primeiro prémio grupo, com a peça «Ana Kleiber», Alfonso Sastre, numa encenação Correia Alves. Teatro é trabalho equipa.

A actual equipa dirigente quer namizar toda a actividade do agrupamento. Uma peça dedicada ao público infantil será em breve dada buída para início de ensaios. Trata-se de «Casaco Encantado», de Lucia Nedetti. Ao mesmo tempo, a secção cultural do TUP já está a preparar uma série de conferências-cuquios, com a colaboração de destas figuras do meio cultural e artístico. Assim, o prof. dr. Ferreira Almeida falou sobre «Arte em geral» e o dr. Armando Castro debata «Inter-acção entre a obra de Arte e a estrutura económica da sociedade».

Uma peça de fôlego, «Fuenteovejuna», e uma infantil, «Casaco Encantado», constituem todas as ambições de encenação, para esta temporada do TUP. Não pretendem ir mais além. Eles são amadores que aproveitam intervalos das aulas para se dedicarem ao teatro. O TUP não pretende formar actores nem encenadores, nem técnicos teatrais. Procura, isso sim, no dizer dos seus responsáveis, fazer espectadores esclarecidos que enriqueçam as nossas pobres plateias de Teatro sério. Mas se ao mesmo tempo como os seus colegas brasileiros, estudantes portugueses nos conseguirem dar, algum dia, uma «Vida e Morte de Severina», então melhor ainda. Esperamos por Lope de Vega. Também esperamos que o Ministério das Obras Públicas dê um jeito na sala que pode vir a ser o «teatro de bolso» do TUP. Dese degraus de madeira, capotes, acomodarem 300 pessoas, já está montados. Falta apenas destruir um paredão para que o pequeno teatro nasça. E isso é indispensável para o TUP poder trabalhar com



Inédito não publicado

FUENTEOVEJUNA

a peça

Fuenteovejuna, povoação integrada na monarquia de Fernando e Isabel (os Católicos), foi o cenário onde decorreu, entre 1479-1492, o levantamento popular contra a desumanidade de Fernão Gámez, e narrado por Lope de Vega. O seu povo regia-se pelo lema: «Adão morreu sem deixar testamento. Portanto, a terra deve ser repartida entre os seus filhos, que são todos os homens. É injusto que uns a possuam e outros fiquem sem ela», nada mais incisivo do que isto para definir a trama tecida neste palco. Assistimos a essa luta sem tréguas pela posse daquilo que é a «herança» de todos os homens e não de um senhor feudal. Precisamente porque a luta é de todos não possui a peça protagonistas, não há personagens individualizados, há sim um personagem colectivo, o povo de Fuenteovejuna.

É a vontade colectiva que determina a acção. E embora o povo não saia completamente vitorioso, deu um passo em frente e soube demonstrar a coesão do seu poder, a consciência da situação humilhante em que vivia. O enredo amoroso que surge na peça, é meramente accidental, demonstra-o a fala de Laurência, uma das participantes: «é todo um povo que avança, consciente do seu dever, a atacar a tirania». Os traços psicológicos aparecem diluídos, toda a movimentação cénica se produz no seio da classe trabalhadora sendo manifestamente colectiva.

Fuenteovejuna, despida de qualquer forma de circunstancialidade espaço-temporal é adaptável a certas formas actuais. O seu valor reside precisamente no cunho de mensagem universal que encerra e dela cada um de nós pode tirar as lições subjacentes. A aderência à obra de Lope tem de ser de reflexão crítica, de busca das soluções para os problemas aqui narrados mas não resolvidos. Há que fomentar entre os espectadores o juízo crítico para que estejam alerta e não se deixem embalar pelo doce prazer da contemplação do simplesmente belo.

Peça ideal para um bom trabalho colectivo em que cada um assume parte activa, consciencializando-se dos problemas que vai denunciando, porque Fuenteovejuna é uma denúncia da tirania, da opressão exercida sobre os camponeses pelo Comendador feudal do séc. XV. O nosso propósito é que tu, companheiro desta função, ao terminar o espectáculo formule uma pergunta, e não mais descanses sem lhe encontrar a solução:

— Não haverá, no nosso tempo, espalhadas pelo mundo tantas Fuenteovejunas?

o autor

Lope de Vega nasceu em Madrid, vivendo entre 1562-1635, numa época de profundas metamorfoses: primeiro a Europa rejuvenesce com os ventos do humanismo renascentista para logo de seguida ser vítima da história da Contra-Reforma. A Espanha de Lope é a Espanha de Carlos V e Filipe II, integrada na Casa de Austria, em que o poder ilimitado dos soberanos, tinha como sustentáculo a Inquisição, conduziu às arbitrariedades mais disparas e vários são os levantamentos populares na época. O território espanhol de quinhentos era dominado pela nobreza feudal, pelo clero católico e pelos funcionários régios que viviam da exploração colonial e da exploração dos camponeses semi-arruinados. O princípio determinante de toda a política desta época foi o do imperialismo que se alimentava essencialmente do fanatismo de ordem religiosa.

A ideologia espanhola do tempo de Lope de Vega é a da

Contra-Reforma definida pelo Concílio de Trento (1548). Precisamente por isso vamos encontrar certas contradições nas formas teatrais correspondentes como sucede em Fuenteovejuna. Lope paradoxalmente louva em simultâneo o poder popular e a autoridade régia inquisitorial. Ora, a contradição é, aqui, apenas aparente e justificável à luz histórica.

Lope de Vega, poeta lírico e dramático, idiológicamente apresenta uma certa isenção no que se refere ao apego às regras totalitárias do classicismo. Devido ao seu espírito fecundo, soube libertar-se também do formalismo cultista da época. A sua obra surge limada em relação à dos seus contemporâneos (Molina e Calderón de la Barca), não necessitando recorrer nem à fábula nem ao auxílio de forças sobrenaturais, buscou a temática das suas peças nas realidades vivas do tempo histórico. Os seus protagonistas são motivados por uma força humana e embora usem uma linguagem poética esta não desvirtua a simplicidade da fala quotidiana.

Apesar do seu teatro ter atravessado os anos sombrios de Filipe II não esmorece nele a fé na vontade humana. Lope de Vega busca uma ordem ideal para o mundo e apresenta um conceito de democracia idealista, no entanto sabe apresentar enredos bem urdidos, cheios de profundidade, assentes em situações de interesse colectivo.

a encenação

Perante um texto tão rico de intenções humanas e teatrais, resolvemos tentar empregar nesta peça algumas das teorias Brechtianas: «Em vez da vivência e identificação estimuladas pelo teatro burguês, o público deverá manter-se lúcido em face do espectáculo, graças à atitude narrativa.

As emoções são admitidas, mas elevadas a actos do conhecimento. As emoções não implicam identificação com os personagens, não precisam ser idênticas às dos personagens. As emoções deles podem acrescentar-se ou substituir-se por emoções críticas ou mesmo contrárias em face do seu comportamento.

Utilizando praticáveis de construção sóbria, guarda-roupa apenas de dois tons — negro e castanho — luzes brancas, despida de qualquer artifício, e movimentos de maior economia — os actores são ao mesmo tempo *personagens e simples narradores*.

Por isso o pai de Laurência, por exemplo, tão depressa fala na sua voz alquebrada de velho, como se exprime, directamente para o público, na sua voz normal.

Legendas e letreiros tentarão ajudar a criar no público uma atitude crítica, perante os acontecimentos que se vão desenrolando no palco.

Em Fuenteovejuna não há personagens principais, mas sim um conjunto de gente que tenta reivindicar para si o que lhe parece justo.

Nesta tentativa de *teatro narrativo*, infelizmente ainda tão pouco usado entre nós, o TUP mais uma vez demonstra o seu admirável espírito de equipa e o seu amor e devoção pela causa do Teatro.

personagens

FERNÃO GOMEZ, Comendador
FRONDOSO
LAURENCIA
BARRILDO
MENGO
ESTEVÃO, Alcalde
JOÃO ROJO
ORTUNO
FLORES
O MESTRE DE CALATRAVA
PASCUALA
REI DOM FERNANDO

RAINHA DONA ISABEL
CIMBRANOS, Soldado
JACINTA, Camponesa
DOM MANRIQUE
ALONSO, Alcalde
UM REGEDOR
UM RAPAZ
UM JUIZ
LEONELO
OS MÚSICOS
ALGUNS CAMPONESES

«Neste momento dramático do mundo, o artista deve chorar e rir com o seu povo»

GARCIA LORCA

chrys 1969 Fuenteovejuna (2)

Foi também nesta fase da vida que comecei a saber melhor o que custa trabalhar pois empregara-me em "part-time" na Crediverbo. Vendi Enciclopédias Verbo e outros livros entre novembro 1970 e março 1971, com algum sucesso financeiro.

Na universidade conheci a Mia que foi um dos maiores amores da minha vida (já faleceu nos anos 80 por isso agora estaria viúvo...) Tratou-se de encontrar uma mulher que preenchia todas as minhas necessidades afetivas durante os três anos seguintes apesar de à época estar noiva e, posteriormente, casada. Ainda recordo vividamente que numa noite de S. João fui com ela, alguns primos da minha família e amigos ceiar eram umas 5 ou 6 da manhã e depois andamos felizes a pé até casa sempre a cantar apesar de serem 7 ou 8 km. Esta foi uma fase afetivamente estável durante três anos com aquela que depois casou e eu deixei de pensar nela, mas acabamos por recomeçar. Hoje, com esta idade mais avançada tais reminiscências trazem um sorriso aos olhos, quiçá mais irónico do que céptico. Tal como sempre fizera, nunca me arrependera de nada. Nem dos erros e asneiras que cometera, nem das decisões erradas ou intempestivas que tomara e que causaram sérios sacrifícios na sua vida e no seu bem-estar. Mesmo hodiernamente, sabendo-a já morta, tentava sem conseguir, recordar-se de cheiros, aromas e sabores dessa época. Nem sequer sabia já qual era o nome da fragrância francesa do perfume Givenchy que lhe comprava nesses anos. Foi uma fase que poderia ter sido retirada de qualquer filme francês, a preto e branco, mas com muita cor, passado na "rive gauche" do Sena. Como estudantes nos anos 60. Escapuliam-se para lugares recônditos, tomavam pequenos-almoços em sítios inesperados, havia mar, pinhal, montanha, algum estudo e bastante poesia, daquela poesia doentia, cheia de amor e de promessas, que só os amantes e os políticos conseguem materializar. Ela também estudava em Economia e terminamos o curso embora já estívéssemos separados há dois anos porque o marido regressara, entretanto do Ultramar, da ex-colónia de Angola. Depois de o marido chegar fui e ameaçado pela família dele e como nunca fui de violências desisti apesar de ela me continuar a telefonar regularmente e continuasse a querer estar comigo. Conheci, entretanto, a Bi R. que teve comigo um tórrido "affair"

platónico, poético e literário, mas nunca consumado e que mais tarde casaria com um conhecido industrial do Porto. Também conheci a Helena (H C) com quem tive uma longa relação e que terminou no dia do casamento dela apesar de ter dançado com ela mais do que ela dançou com o marido. Vivemos muito e até fui a Castro Laboreiro ver a casa de família ao pé de S. Gregório. Creio que estas pessoas com o seu amor pela poesia marcam a minha fase de amadurecimento.

Naquele tempo as Queimas das Festas não eram ainda fábricas de monumentais bebedeiras. Embora ocorresse uma ou outra, as pessoas não iam lá especificamente para esse fim. Agora os caloires e outros vão exclusivamente para se emborracharem até ao coma alcoólico.

Isso lembrava o sistema australiano de se embebedarem na quinta-feira, depois do trabalho e regressarem segunda-feira. Quando se lhes perguntava, se tinha sido um bom fim de semana, respondiam alegremente "deve ter sido, não me lembro de nada".

Evoque-se, a este propósito, vinte anos mais tarde, que numa das minhas inúmeras idas a Towal Creek (em Comara, Bellbrook, Nova Gales do Sul ao lado do MacLeay River), a minha quinta favorita, dos amigos Landers, levou o recém-chegado Jacko V. que ainda mal falava inglês. Depois de jantar vieram uns "jackeroos" e "jilleroos" locais e das redondezas (vaqueiros de ambos os sexos) beberem uns copos. Uma festa informal. De hora a hora, metiam-se nas suas utes (carinhas de caixa aberta) e lá iam percorrer 18 ou 20 km até ao bar da aldeia mais próxima para trazerem mais uma grade com 144 cervejas. Depois de o terem feito várias vezes, o ambiente era já quente dentro da casa e animado. Ao ponto de o Jacko já contar em língua portuguesa como pegava touros de cernelha e todos se riram imenso. Tinha sido um verdadeiro sucesso, este seu amigo de Angola acabado de chegar à Austrália.

Fui deitar-me quando o ambiente já nada inspirava de educativo ou de sóbrio. O amigo, porém, decidira ficar até mais tarde. Não tendo tido o cuidado de conhecer a enorme casa, típica de criadores de gado, e já não havendo ninguém a quem perguntar onde dormir, foi espreitar os cantos da casa. Nas casas de banho encontrara gente de ambos os sexos em diferentes estádios de coma alcoólico. Nos vários quartos deparara com cenas semelhantes, exceto num, onde o filho dos donos da casa, o David estava de chapéu à cobói e botas de montar lidando com as vagas alterosas em cima duma Jill qualquer. Apenas se via o chapéu subir e descer. Ouvia-se arfar. O Jacko esteve para os interromper para indagar se aquilo era o "Australian Way". Conteve-se, mas na manhã seguinte, por entre a enorme ressaca dos sobreviventes, não parava de se rir a contar o evento.

Esta quinta onde adorava ir ficava a mais de 700 km de Sidney. Sempre que podia lá ia passar um fim de semana prolongado. Guiava-se até Port Macquarie, na costa norte do estado (Nova Gales do Sul), seguia-se mais em frente rumo norte para Kempsey e fletia-se para o interior na rota das montanhas e de Armidale. A partir de Bellbrook, a estrada deixava o asfalto e passava a terra batida ou gravilha solta (hoje chama-se mesmo Towal Creek Road). Andavam-se 20 km até se chegar a um portão da quinta. Depois, passavam-se duas barreiras separadoras de gado, já dentro da propriedade, guiando-se por mais dez ou quinze minutos, até se chegar a um ribeiro onde tinham de esperar que os viessem buscar para atravessar de barco. Uma curta travessia já que o ribeiro não era largo nem muito profundo. Em época de cheias havia um segundo ribeiro a atravessar, caso contrário, o trator ou o pequeno camião tipo Unimog conseguia passar sobre as águas. Mais quinze minutos e chegava-se às casas da propriedade.

A luz elétrica e a água já eram correntes, mas de fabrico local, um gerador e um sistema de extração de poços artesianos. Como locais eram a carne, o leite, o pão e outros produtos da terra e centenas de cabeças de gado. Havia cavalos bravos (brumbies) e outros, mais ou menos domesticado que podiam montar. O resto do gado bovino era guiado por motos ou cavalos dum pasto para outro. Era uma propriedade enorme, demorava horas a dar uma volta de jipe e não se via tudo. Há seis gerações que a família Landers ali estava estabelecida. Com as sucessivas secas (atualmente sofre-se a maior, desde há três mil anos), as crises da agricultura e baixos preços do gado acabariam por dar à exploração a enorme quinta. Com o avançar da idade dos progenitores estes eram incapazes de cuidar dela apenas com a ajuda dum dos filhos. Os restantes tinham ido estudar e não regressaram. Lá, como cá, o engodo das grandes cidades contribuiu para a desertificação. Mas não se pense que eram uns labregos estes donos da quinta, várias vezes os viram vestidos a rigor para irem assistir a concertos ou a óperas. Ninguém diria que as mãos escalavradas lidavam com a terra e com o gado no resto do ano.

Que diferença dos portugueses. Ainda assim, Towal Creek vive hoje na memória dos meus tempos áureos.

95.4. FINALMENTE A MAFADADA TROPA

Entretanto o espetro da tropa havia-se tornado numa realidade só adiada pela minha frequência universitária embora eu soubesse que era só uma questão de tempo até se concretizar. Em setembro de 1972 fui ao casamento do nosso parente, Marquês de Pico de Regalados e 5º Conde da Azenha, Dom Francisco Bernardo Almada-Lobo que casou com a Luísa Eugénia Sobrinho Simões (irmã do conhecido médico e prima direita da minha primeira mulher). Foi um dos meus últimos atos civis.



Infelizmente, a 9 de outubro tinha a minha guia de marcha para a recruta (6 meses) em Maфра na EPI (escola prática de infantaria).

Em 9 outubro 1972 fui finalmente obrigado a regressar à realidade e entrei no antigo Convento de Maфра para seis meses de recruta, depois de terem falhado todas as tentativas para evitar entrar, graças a um problema congénito da coluna que herdei da minha mãe e me impede de fazer esforços físicos violentos. Foram seis meses de enormes dificuldades.

Vivia-se um intenso período anticolonial com as forças de libertação a infligirem pesadas baixas no exército colonial.

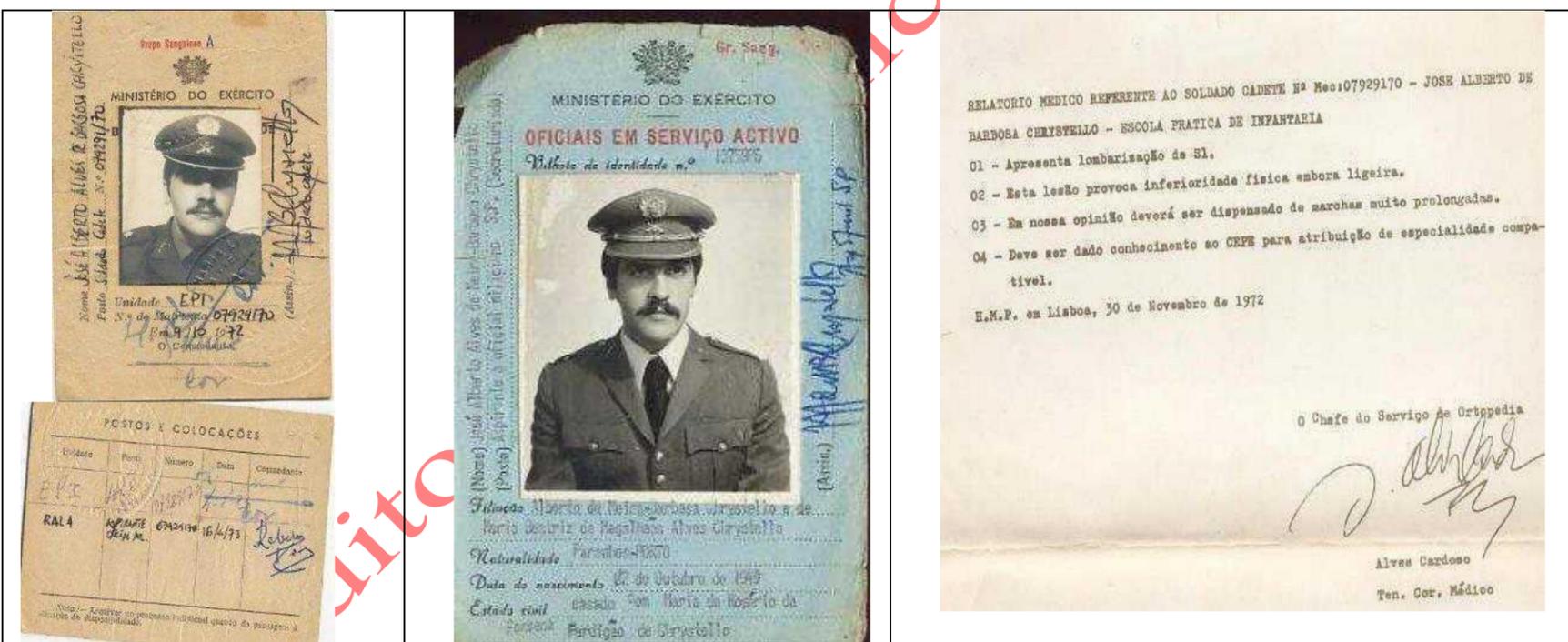
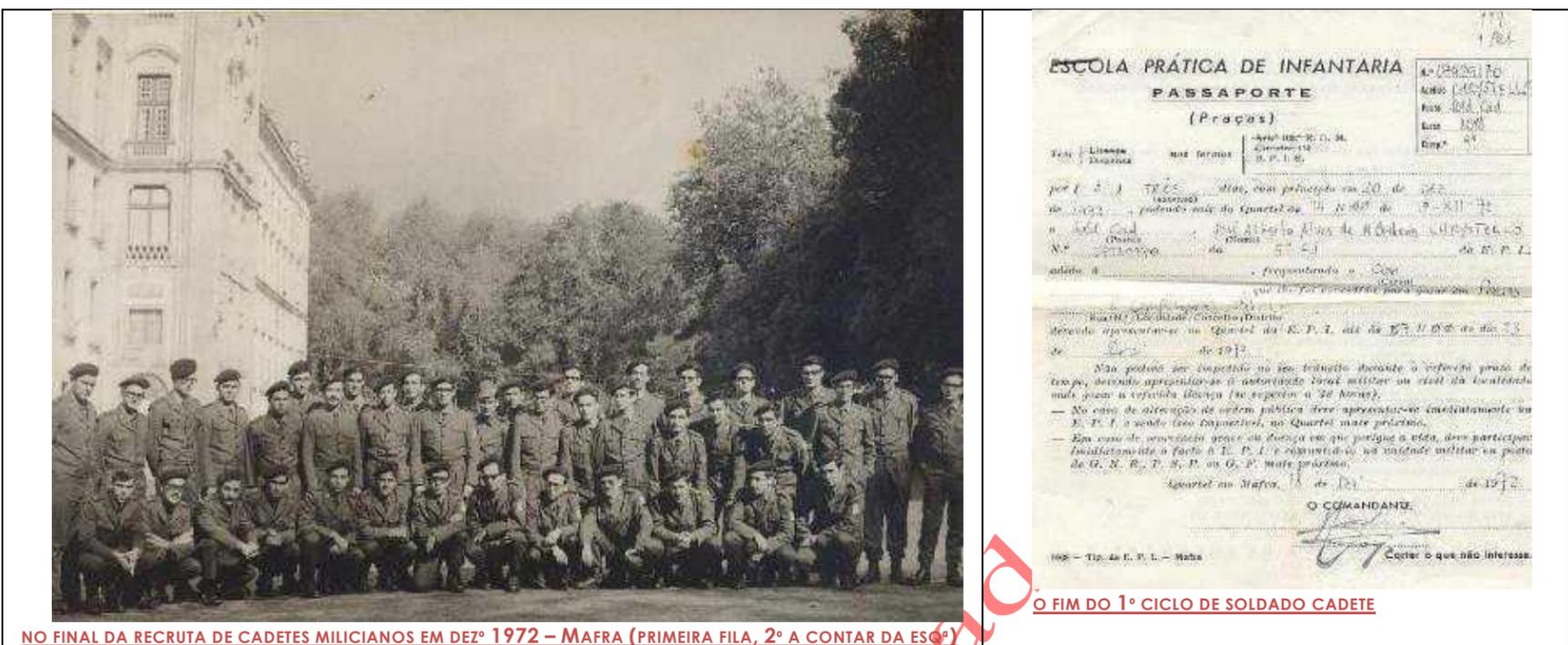
A disciplina era quase suportável, mas havia imensos abusos de poder por cabos e sargentos os quais seriam meus subalternos seis meses mais tarde.

Uma das coisas que mais me chocou foi a falta de higiene dos meus camaradas de armas, fossem eles advogados, médicos ou doutras ocupações da classe média ou média-alta.

A terapia ocupacional dos seis meses de recruta era difícil e por vezes desnecessariamente exagerada. Conforme eu havia previsto, logo que chegou a altura de fazermos marchas prolongadas havia o perigo de eu ficar paralisado como

me aconteceu já aos 16 anos em que andei a fazer prolongados exercícios de reabilitação, fisioterapia e termoterapia. Foi então que eu fiquei totalmente paralisado durante mais de 24 horas após ter caído mal num exercício do trampolim na aula de ginástica do liceu durante o 6º ano. Fui consultar os melhores especialistas de ortopedia para vir a descobrir que sofria de sacralização, lombarização das vértebras, espondilose e espondilolistese. Pois bem em Mafra mal comecei a marcha, ainda não teria andado nem uns dez km ficara, de novo, paralisado e tiveram de mandar vir um helicóptero para me levarem ao Hospital Militar em Lisboa na Artilharia Um, onde creio ter permanecido durante duas semanas. Doutra vez fui evacuado de jipe. Quando regresssei a Mafra trazia a indicação de não poder carregar nem a mochila nem a G-3 e as minhas marchas limitavam-se a 3 km. Isto deu lugar à caricata cena de eu fazer um quilómetro de marcha com um cabo a carregar os 20 kg de equipamento, depois eu entrava no jipe de acompanhamento após fazer outro quilómetro e assim sucessivamente. Isto causava grande inveja aos restantes recrutas. Ao fim de seis meses tive a distinta honra de ser o oficial com a mais baixa classificação que alguma vez se tinha graduado: 10,3 valores. Isto apenas porque não me podiam chumbar.

Nomes sonantes na minha recruta Zé Maria Eça de Queirós, Sachetti, Casal-Ribeiro, Rodrigo (Delfim) Ferreira, o meu primo Miguel Meira Gonsalves e tantos outros.



Entretanto na frente de combate regressara a Tomar por duas semanas como Aspirante de Infantaria reclassificado em Aspirante de Intendência e finalmente transferido para Leiria como Aspirante de Secretariado e Administração Militar em abril 1973.

Foi aqui que pedi a minha licença de casamento e de lua-de-mel.

Findas as curtas férias tive de regressar à base em Leiria, onde tinha como oficial superior um certo major, que dava pelo nome de Ernesto Melo Antunes (mais tarde bem conhecido do povo português) com o qual tive longas conversas e passeios à beira rio sobre a situação sociopolítica e económica do país, tendo feito aqui uma amizade profunda e lido alguns dos estudos das mudanças que ele preparava para o futuro, que ele acreditava iriam ocorrer nos próximos cinco anos. Os nossos longos passeios do Castelo em frente ao quartel até ao rio eram passados a falar e a filosofar.

Voltando a Leiria onde permaneci de abril a setembro de 1973 lembro-me de ser extremamente exigente com os subalternos, dar-me bem com o Melo Antunes e perder longas horas ao telefone com a I. Nos meses seguintes ao casamento travei uma luta titânica com um camarada de armas desconhecido, cada um de nós tentando evitar ser mobilizado para a Guiné.

Convém recordar que nesta altura a guerra de libertação havia ali atingido o seu auge com a população civil e mulheres de militares a serem evacuados para vasos de guerra ao largo da costa guineense, o que sucedia pela primeira vez em doze anos de conflito. Obviamente que nenhum de nós estava minimamente interessado em ir para as quentes plagas guineenses.

Foi então que recordei o que se passara em abril 1966, exatamente sete anos antes e creio que ainda não o mencionei. Fui convidado como primeiro estudante português para fazer parte dum Student Exchange com a Terra dos Mil Lagos, Finlândia. Ali se passaram cerca de 30 dias em Hämeenlinna no sul e em pleno circulo polar ártico em Rovaniemi mais a norte em todo o mundo.

O sol não se punha durante seis meses, motivo de saudade e angústia porque é difícil habituarmo-nos a ver o sol durante 24 horas. Dentro de casa superaquecida havia uma sauna e as pessoas andavam quase em traje de verão, mas cá fora estavam uns -30 °C capazes de gelar os ossos, qualquer que

fosse o agasalho, no seio daquela gente hospitaleira. Quase todos falavam inglês e mantive durante anos o contacto com duas correspondentes daquelas paragens.

Já na semana do sul da Suécia a estudante era a única que falava inglês e a integração era mais difícil. Sítios a não perder eram os lagos em Turkuu, Hämina e tantas outras cidades cujos nomes ficaram no esquecimento.

Ora exatamente ao pensar no frio nórdico lembrava-me do seu oposto que era o calor da África para onde não queria ir. Havia um ramo do clã familiar Chrystello, há mais duma geração em Angola e sempre achei que se eles quisessem lutar contra os movimentos de independência o deveriam fazer, mas não eu e os restantes jovens do continente europeu.

A maior parte dos meus fins de semana era autorizado a passá-los em casa para estar com a minha mulher.

Apesar das cunhas e falcatruas o assunto da mobilização mudava de destino todas as semanas ao ponto do Comandante do RAL-4 (Regimento de Artilharia Ligeira n.º 4) me dizer que eu deveria ter grandes cunhas para estarem sempre a mudar a minha mobilização.

Em finais de agosto de 1973 sucedeu o imprevisto e o outro camarada (cujo nome eu nunca soube) acabara de se oferecer para ir primeiro e acabou por ir ele para a Guiné-Bissau.

Entretanto, um colega miliciano que devia ser louco varrido, o alferes Zé Sopapo como era afetuosamente conhecido que estava em Timor (e vim a conhecer fugazmente) pediu transferência para Angola e deixou uma vaga em Timor para mim.... Fui mobilizado e tive duas semanas de férias para me despedir da família com partida marcada para 17 setembro 1973.

95.5. PARTIDA PARA TIMOR

Éramos um grupo díspar de seis pessoas naquele voo, para além de ser a primeira vez que tropas portuguesas iam para Timor de avião. Íamos rumo ao Oriente exótico e desconhecido, mas a primeira noite seria passada em França onde dormimos num Hotel mesmo em frente às galerias Lafayette em Montmartre, hotel económico a umas centenas de metros do trottoir onde as senhoras da noite tinham o seu métier.



LES CHAMBRES



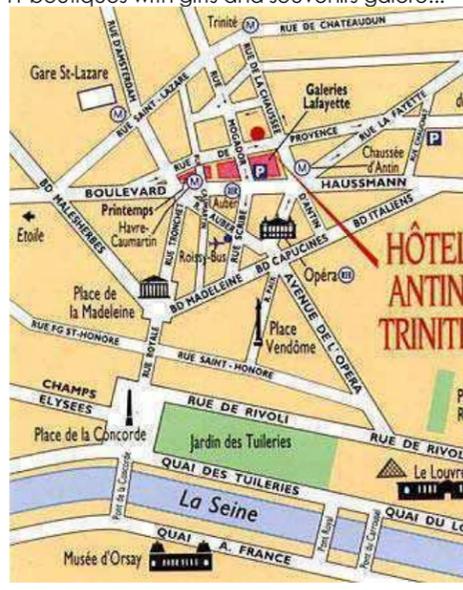


HOTEL ANTIN TRINITÉ
74, rue de Provence 75009 Opéra Paris France

The name alone depicts all the charm of a quarter in the heart of Paris... From the hotel, you will find the Galeries Lafayette department store directly opposite, the Opera nearby and the Louvre Museum or Montmartre just a few minutes' stroll away. With its exclusive setting, the Antin-Trinité truly represents the elegance of a traditionally friendly atmospheric hotel. A hotel where courtesy prevails in the warm that we always offer along with a pleasant ambience in our 46 quiet and spacious rooms. A generous breakfast is served at the buffet or in your room with the morning papers. The attentiveness of a staff, with the personal touch are ready to be at your service.

The Hôtel Antin-Trinité is ideally located to offer everything you could ever need in discovering Paris. On the doorstep, a wide range of restaurants featuring every style of cooking and the very best in traditional French cuisine. The cafés and lively outdoor terraces will delight you as you wander through Paris. The theatres and cinemas bring you the latest shows and the famous Parisian night-life is waiting to enthral visitors from all over the world.

When the time comes for shopping simply stepping out of the hotel uncovers hidden treasures - a pleasure you can't resist - the Main Department Stores, the Mecca of fashion, the perfume shops in the Opera quarter, the FNAC center a meeting place for literature, music and video buffs. Not to mention the gourmet food shops where epicures can find the finest regional delicacies France has to offer, and the new Passage du Havre featuring a shopping centre of 41 boutiques with gifts and souvenirs galore...



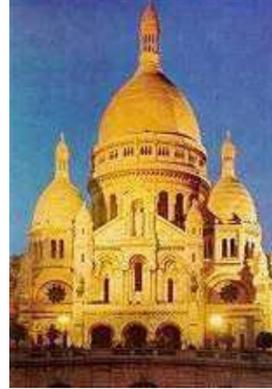




Galleries Lafayette



Opéra



Montmartre

On ne résiste pas au plaisir du shopping dans un quartier qui recèle des trésors... les Grands Magasins, hauts lieux de la mode, les parfumeries de l'Opéra. Mais aussi les épiceries fines où les gourmets trouvent le meilleur du terroir français, et le nouveau Passage du Havre avec les 41 boutiques de sa galerie marchande pour les cadeaux et les souvenirs...

Café, thé, chocolat
Jus de fruits, céréales
Yaourts, fromage, jambon
Viennoiseries, pain, beurre,
Confiture, miel.



Como já conhecia a cidade, levei alguns camaradas a jantar, mas tive de os controlar pois não sabiam que se tratava de vinhos franceses bem fortes e não estando habituados corriam riscos. Jantamos num pequeno bistro onde pude fazer as honras de *connaisseur* dos vinhos meus favoritos (Borgonha e Bordeaux). O jantar foi mesmo ao lado do hotel, a curta distância do Boulevard Haussman, e no "bistro" havia mesas de xadrez vermelho e branco tal como em alguns locais típicos portugueses daquela época. O vinho era servido em *carafes* de litro que se esvaziavam rapidamente. Se a "*nouvelle cuisine française*" já tinha sido inventada nem me recordo, pois o que serviram era em pratos de tamanho normal e com comida abundante e não os enormes pratos, sem comida nenhuma, que caracterizam aquela roubalheira da nova cozinha francesa.

Na manhã seguinte, quando me levantei, já todos estavam no autocarro que nos iria levar ao aeroporto de Orly. Fi-los esperar durante uma hora, observando-os da janela do 1º andar e pensando se os 16 contos que levava me dariam para sobreviver seis meses em Paris. Sim, porque eu já pensava havia muito em desertar, mas nem o meu pai nem o meu mecenas (que era o meu padrinho e administrador do Banco Totta & Açores) se haviam mostrado dispostos a condescender com essa fuga minha.

Adorava Paris por já lá ter estado e tinha um medo incontrolado do desconhecido que me esperava em Timor. Inicialmente pensei que o meu pai (apesar de frustrado por não ter sido admitido para o serviço militar durante a Guerra, por ser demasiado magro) me poderia apoiar financeiramente nessa fuga escandinava ou para os Países Baixos ou mesmo para França para onde tantos conhecidos haviam já desertado. Pois bem foram esses pensamentos que me ocorreram durante essa longa hora em que não abri a porta a ninguém nem atendi o telefone interno. Decidi ir, pois tinha a certeza de que o meu pai jamais me apoiaria nessa fuga (para ele bem desonrosa) e descii para alívio dos restantes e consternação do senhor Neves, da Air France e nosso guia, que pensava que íamos perder o avião.

Apenas o capitão Manuel Alberto Santos Clara (um dos poucos militares que sempre respeitei e de quem me tornei amigo apesar de não o ver desde 1982 ou 1984) teve direito a primeira classe pois os restantes estavam destinados à classe económica, exceto eu que estava destinado (como sempre) a voos bem mais altos. Com a minha habitual descontração, e umas palavras bem sussurradas em Francês aliadas a um sangue latino quente, conseguiram que uma simpática hospedeira me levasse para o bar no 1º andar do Boeing 747 onde passei o resto da viagem a beber champanhe francês e a apreciar as vistas magníficas do andar de cima do avião.

Fizemos uma paragem em Telavive onde entraram tropas israelitas que revistaram tudo e todos e até se deram ao trabalho de desmontar uma máquina de barbear elétrica minha. Foi a primeira vez que vi medidas de segurança semelhantes às que passariam a vigorar no resto do mundo após a queda das Torres Gémeas em 9/11 (11 de setembro 2001). O cenário em volta era de guerra e havia aviões de combate na pista. Estávamos a duas semanas da Guerra dos Seis Dias.

Rumamos depois para Banguécoque, então uma pacata cidade asiática ainda não vítima do turismo de massas, onde na pista ruminavam búfalos de água e os quais era preciso afugentar à chegada de cada avião.

Na página seguinte um poema escrito naquela altura descreve melhor esta viagem. Até aqui a viagem fora ótima na companhia da hospedeira da classe económica que passou mais tempo comigo no luxuoso conforto daquele primeiro andar do que nas funções dela para espanto do futuro Major Santos Clara que tendo de facto direito à primeira classe estranhava a minha presença ali.

Mais tarde ficaríamos amigos, um dos poucos militares com quem me dei socialmente após o SMO (Serviço Militar Obrigatório). Em Banguécoque mudou a tripulação e eu perdi os meus privilégios e a companhia simpática da gaiata hospedeira parisiense. Aterramos então em Denpasar (Bali) na Indonésia onde me assustei com o tamanho das enormes baratas voadoras que pisávamos enquanto andávamos rumo ao terminal por entre o calor abrasador e húmido, semelhante ao de Banguécoque.

Daqui partimos num pequeno bimotor de oito lugares para o aeroporto "internacional" de Baucau pois que o de Díli não estava operacional por qualquer razão que não me ocorre. Apesar da beleza da trovoada e dos relâmpagos que não cansavam de iluminar milhentas ilhas vulcânicas do arquipélago a viagem fez-se sem grandes sobressaltos.

Não encontrei vestígios das cartas descritivas que então escrevi, mas ficou escrito o registo da primeira ida e da chegada a Banguécoque:

EURASIAMENTE À VOL DE 747B

I. DA EUROPA AO ORIENTE-DO-MEIO

*alando de paris logo passamos o azur da côte
sem escândalos nem coroas arruinadas
escarpas e praias despidas de homem
nove mil metros restituem à natura
impolutas ficções*

*(depois, o mediterrâneo é um lago semeado de grécias
logo a seguir à itálica bota
corfu vigia em tons de ocre
em tempos creta foi nome de ilha
na mitologia de zeus).*

*da turca ankara sobrevoámos izmir
mandam-nos regressar
estamos no oriente-do-meio
a guerra volta dentro de dez dias
e só dura seis*

*telavive é um amontoar branco de colinas
um algarve deslocado*

V. TIMOR

timor cresceu cercado
 lendas que a distância empolgou
 o sonho
 a quietude
 as 1001 noites do oriente exótico
 o sortilégio dos trópicos
 para o europeu
 chegar era já desilusão
 desprevenido
 sobrevoa estéril ilha
 montes e pedras
 agreste paisagem sulcada
 leitos secos
 abruptas escarpas
 terra sem marca de homem
 esparsas cabanas de colmo
 será isto timor?
 o avião desce o vazio em círculos
 em vão os olhos buscam a pista
 por trás de um montículo imprevisto
 se vislumbra o "T"
 e a torre de controlo dos folhetos de propaganda
 nunca existiu (naquele formato)
 a alfândega é o bar
 a sala de espera
 sob o zinco e o colmo
 isto é baucau
 aeroporto internacional
 a vila salazar dos compêndios
 que a história esqueceu
 uma turba estranha se amontoa
 à chegada do cacatua-bote⁵
 o patas-de-aço
 esta a cerimónia sagrada do deus estrangeiro
 descendo dos céus
 dia de festa para os trajes multicoloridos
 o contraste do castanho de sóis pigmentados
 cinco da matina
 e é já o pó e o calor
 o espanto mudo nas bocas incrédulas
 as formalidades aqui com sabor novo
 espera lenta e compassada
 séculos de futuro por viver
 antes que ele venha antes não venha
 num barracão zincado uma velha bedford
 de carga com caixa fechada
 vidros de plástico sob o toldo púido
 pomposo dístico colonial
 carreira pública baucau-dili
 picada em terreno plano
 mar ao fundo
 baucau
 cidade menina por entre palmares
 densa vegetação tropical
 connosco se cruzam estranhos homens de lipa⁶
 galo de combate ao colo
 entre torsos e braços nus
 das ruínas do mercado se evocam
 desconhecidos templos romanos
 estrada n.º 1 até dili
 sulcam-se abruptas as encostas
 do mar sobranceiras
 ali se adivinham cristais multicolores
 em lugar de pontes se atravessam ribeiras
 enormes
 leitos secos
 o tempo as converteu em estradas de ocasião
 pedregoso solo
 cores indefinidas
 castanhos e verdes
 palapas⁷ dissimuladas na paisagem
 imagens tristes de pedras e montes
 baías primitivas
 inconquistas
 praias de despojos e conchas
 paraísos insuspeitos
 as gentes de sorrisos vermelhos
 assusto-me
 não é sangue nas bocas gengivadas
 masca, mescla de cal viva e harecan⁸
 placebo psicológico da alimentação que falta
 um sorriso encarnado esconde a fome
 súbito
 por paisagens que só a memória
 sem palavras descreverá
 eis dili
 a capital
 larguíssima avenida semeando o pó nas palapas
 casas de pedra com telhados de zinco
 na ponta leste chinas e timores
 partilham a promiscuidade da pobreza

5 cacatua-bote ou patas-de-aço eram designações dadas pelos timorenses aos aviões

6 lipa, saia de tecido colorido, típica, de origem malaia, os timorenses usam-na enrolada à cintura descendo até aos tornozelos.

7 casas cónicas, quadradas ou retangulares em colmo

8 folha de planta semelhante à do tabaco

díli
 plana e longa
 a vasta baía antevendo imponente
 o atáuro ilha
 um porto incipiente
 a marginal desagua no farol
 construções coloniais pós 1945
 da guerra que ninguém quis
 dos mortos que os japoneses quiseram
 da neutralidade do país mãe calado e violado
 albergam chefes de serviço
 altas patentes militares
 sem guerras para lutar
 sem movimentos libertadores das gentes

quinze quilómetros de asfalto
 três casas dantes da guerra grande
 aeródromo em terra batida
 um jipe de afugenta búfalo
 a rua comercial atravessa díli senhora
 de leste a oeste
 espinha dorsal

o centro
 o palácio das repartições
 o do governo
 perto um museu
 o seu nome ostenta o vazio
 riquezas sem fim
 seus governadores exportaram
 patriotas
 colonizadores de séculos com nada para mostrar
 um museu morto
 dois sinaleiros nas horas de ponta
 ociosos às portas dos cafés

à noite transfiguram-se
 os bas-fond
 o texas bar
 da prostituição às slot machines

o submundo
 a vida underground
 afogar esperanças em álcool
 sonhos há muito perdidos nunca sonhados
 restaurantes poucos
 melhor comida a chinesa
 bares espalhados pela cidade
 militares e álcool para calar distâncias
 um portugal dos pequeninos
 longínquo
 cada vez mais
 esquecido
 nunca
 perdido.

1973 numa cidade sem vida
 morrendo nas cinzas
 próprias de cada noite
 por entre o silêncio e a voz triste dos tokés⁹

o calor putrefacto
 por entre o voo alado das baratas gigantes
 carros poucos
 de dia só do estado
 motocicletas pululam por entre viaturas oficialmente pretas e verdes
 esperando mulheres de oficiais
 às portas dos cabeleireiros
 do liceu

militares a pé
 em berliets ou unimogs
 chineses muitos

díli é isto
 a desolação
 na parte alta da cidade o complexo militar
 barracas insalubres
 sob a sombra dos hospitais
 um civil um militar
 fresco e verdejante vale

triste esta cidade
 pretensamente euro-africana
 palapás marginando ruas
 nelas vive o timor
 sem água nem luz

dez ou quinze filhos
 que importa
 a miséria é só uma e a mesma?
 esta "a terra que o sol em nascendo vê primeiro"
 aqui as imagens
 e são já história
 não se repetirão
 aqui não daremos testemunho
 como transfigurar
 colónias pacíficas
 em palcos de guerra.

Mal chegamos a Timor vimos uma paisagem desoladora, árida e suja. Meteram-nos na traseira duma velha carrinha Bedford com bancos de suma-a-pau e toldo de lona durante umas épicas sete (7) horas rumo a Díli. A estrada mal se via, tantos eram os precipícios sobre a costa alcantilada. Depois duma curta paragem na messe onde comemos e bebemos uma refeição ligeira eram cinco da manhã e o calor já apertava. Ia alto o sol. A meio da viagem duns 400 km paramos

⁹ espécie de lagarto sonoro, cuja idade se determinava pelo número de vezes que emitia o som toké.

para tomar outra refeição mais ligeira no pequeno quartel do Manatuto e chegamos à messe de oficiais em Díli pelo meio-dia. nem queiram saber qual a cor do meu blazer azul e calças de linho brancas e as do major Santos Clara idem.

95.6. CHEGADA

Timor esteve sempre envolto em lendas e contarellos que só a distância pode criar. Em Portugal, Timor não passava de um sonho, a calma quietude das mil e uma noites, do Oriente exótico e dos sortilégios dos trópicos. Mas ao chegar, um Europeu só podia sentir a desilusão, de repente sobrevoando uma ilha aparentemente estéril, cheia de montes e pedras, um cenário rústico intersetado por ribeiras secas, altas escarpas abruptamente voltadas ao mar, uma terra devastada ecologicamente, sem sinais de vida ou a marca de civilização humana. Timor é de facto assim, com casas esparsas de bambu que se vislumbram por sob as asas do bimotor. O visitante questiona-se: "Como é isto possível? Será isto Timor? O pequeno avião desce em círculos concêntricos, e os passageiros – inquietos – procuram em vão um aeroporto que teima em não se mostrar.

De súbito, por detrás de uma colina – que ninguém anteviu, por entre uma rotação brusca, aí está o pequeno "T" da pista. A torre de controlo dos panfletos turísticos não se vislumbra, os edifícios poeirentos com teto de colmo são a aduana, o bar e o salão de embarque. Este é o aeroporto internacional de uma Vila Salazar, mais conhecida como Baucau, que só existe nos textos de geografia dos liceus portugueses. Uma estranha urbe se aglomera cá fora. Este é o espetáculo sempre indescritível da chegada do "cacatua bote (a grande catatua)" ou o "patas de aço". Uma espécie de cerimónia a um deus estrangeiro descendo dos céus. As pessoas parecem assistir a esta manifestação sagrada como o começo de uma nova religião. As suas vestes multicores contrastam com os muitos sóis a que os séculos as expuseram. São apenas cinco da matina, poeirentas e calorentas.

Como oficial miliciano da Intendência, e não como um profissional homem de armas, o autor sentiu-se como um dos muitos seguidores da Junta Militar ou Frente de Salvação Nacional, em Lisboa, forçado a escolher entre desertar ou sujeitar-se a dois anos de luta contra os movimentos de independência africana em Angola e Moçambique ou três anos de solidão nesta remota, mas pacífica terra.

Uma surpresa muda acompanha os esgares dos recém-chegados. Aqui, as formalidades têm um novo sabor, semelhante ao lento, mas rítmico compasso de espera das pessoas que nos esperavam, como se tivessem séculos de vida para viver. A alguma distância, uma velha camioneta Bedford com telhado de zinco, abriga-se do sol protegendo os velhos bancos de madeira, sob o pomposo sinal de Carreira Pública #1 Díli – Baucau.

A sinuosa estrada de montanha volve-se para o mar, descendo lentamente para esta cidade menina, Baucau, escondida entre as folhas dos palmeirais e luxuriantes florestas tropicais. Pela traseira da camioneta vislumbram-se novas imagens de uma terra morta à nascença. Cruzamo-nos com homens vestidos com uma lipa¹⁰ estreitando galos de luta entre os seus braços nus e o torso, enquanto caminham.

Baucau tem algumas casas de pedra, para além das de terra e adobe, e o aspeto exótico da sua população colorida. Das ruínas do mercado evocam-se templos romanos desconhecidos. Uma curta paragem para uma sandes e limonada na messe do quartel-general local, em frente à piscina da Pousada, que subitamente parece estar deslocada no tempo e no espaço. Logo a seguir estamos de regresso à estrada n.º 1 Baucau - Díli.

Encostas escarpadas, a pique sobre um mar de corais brancos. A picada de montanha, por vezes aproxima-se tanto do abismo que os nossos corações entram em animação suspensa. Ao longo do caminho vamos atravessando leitos secos de ribeiras que o tempo, a incúria dos homens e os elementos converteram em estrada de ocasião.

O chão de gravilha, por vezes apenas pedregoso, a cor indefinida entre o castanho e o verde, as palapas¹¹ disfarçadas por entre a vegetação, tudo serve para propiciar uma imagem de pedras e colinas. As baías, primitivas e inconquistadas por barcos de qualquer tamanho ou tipo, as praias cheias de conchas e outros destroços das ondas, revelam paraísos insuspeitos.

É difícil ver os nativos e os seus sorrisos abertos. Engasgo-me espantado, mas não é sangue que jorra dos seus lábios, apenas a masca: uma mistura de cal e harecan.¹² Mastigá-la é um placebo psicológico para a comida que não existe. (em janeiro 1998 ouço o José Ramos Horta a apelar à solidariedade internacional para debelar a fome que ainda grassa no território). Os sorrisos vermelhos escondem fomes de séculos.

De súbito, após passar e deixar para trás vilas e aldeias que só a memória despalmada pode recordar, eis Díli: 212 km e onze horas mais tarde. Uma avenida extremamente larga espalha a poeira pesada por sobre o colmo das palapas vizinhas e por algumas casas de cimento com teto de zinco. Ao entrar em Díli, por leste, podiam ver-se os chineses e os timorenses a partilharem a promiscuidade criada pela falta de estruturas urbanas adequadas.

Díli é uma planície que se espraia por um mar espelhado como um lago, com uma baía majestosa acentuada pela sombra imponente da ilha do Ataúro. Um porto incipiente abriga uma lancha (que raramente podia sair para a água) onde flutua uma bandeira portuguesa. Uma longa avenida acompanha a marginal costeira de Díli, terminando no bloco residencial do Farol, onde as vivendas coloniais construídas depois da 2ª Grande Guerra abrigam os chefes de departamento e os escalões superiores do exército colonial. Por esta época, Díli dispunha apenas de 16 quilómetros de asfalto esparsamente distribuídos por pequenas, e poucas estradas e ruas da capital. Três casas apenas sobreviveram à devastação nipónica da Grande Guerra. No aeroporto um Land Rover limpava a pista dos pachorrentos búfalos, das vacas balinesas e porcos selvagens.

10 Lipa - tipo de vestuário usado por ambos os sexos enrolado da cintura para baixo

11 palapas: casas tradicionais, de colmo com teto circular.

12 Harecan: uma folha vegetal, tipo folha de tabaco

A principal artéria comercial atravessa Díli de ocidente a oriente, através do centro comercial, espinha dorsal da capital, e onde se alberga o Palácio do Governo (um imponente edifício pomposamente denominado Palácio) e o Museu cujo nome ostenta o vazio de todos os tesouros exportados por anteriores governadores e colonizadores, ao longo dos séculos.



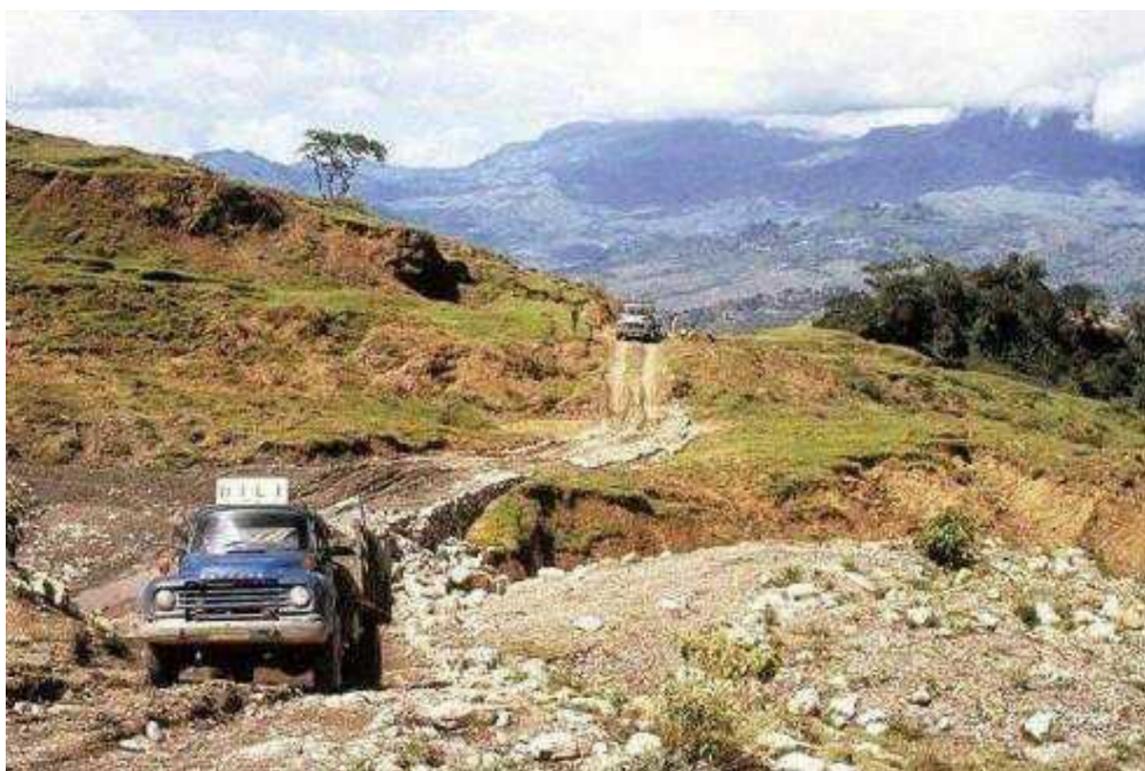
baucou aeroporto

AEROPORTO

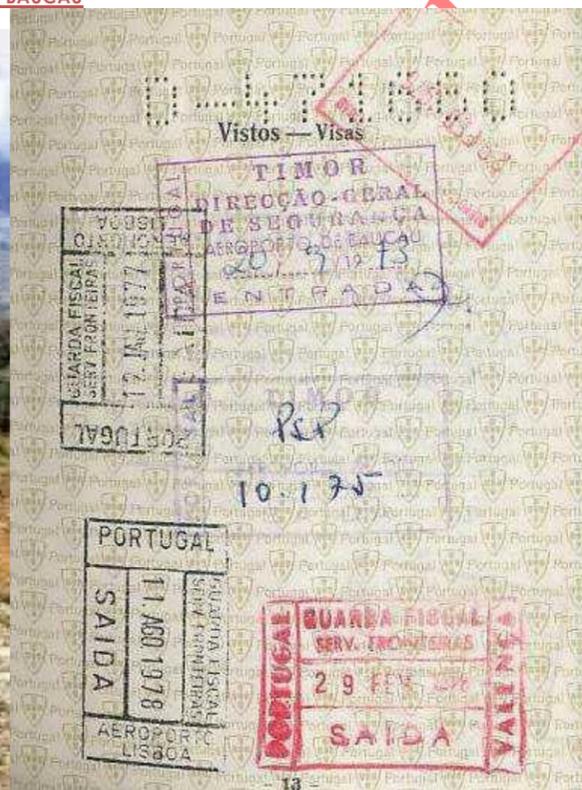


baucou pousada pt nova esq1970

POUSADA DE BAUCAU



CARREIRA PÚBLICA Díli - BAUCAU - Díli



Um museu vazio, dois polícias sinaleiros nas horas de ponta, e poucas pessoas pachorrentamente sentadas nas esplanadas. É ali que, à noite podemos encontrar os verdadeiros bas fonds¹³ de Díli, não só as prostitutas locais, mas também as máquinas de póquer e as slot-machines. O submundo, a vida subterrânea, o afogar de esperanças e sonhos há muito esquecidos, uns poucos restaurantes servindo comida chinesa, bares como o "Texas" e a "Tropicália" onde os soldados e a bebida silenciam uma progressivamente maior distância de Portugal, a saudade, o desespero e outras maleitas.

Díli, setembro 1973, uma cidade sem vida, morrendo devagar nas suas próprias cinzas, por entre o silêncio e a triste voz rítmica dos tokés, o calor pútrido e o voo alado das gigantescas baratas.

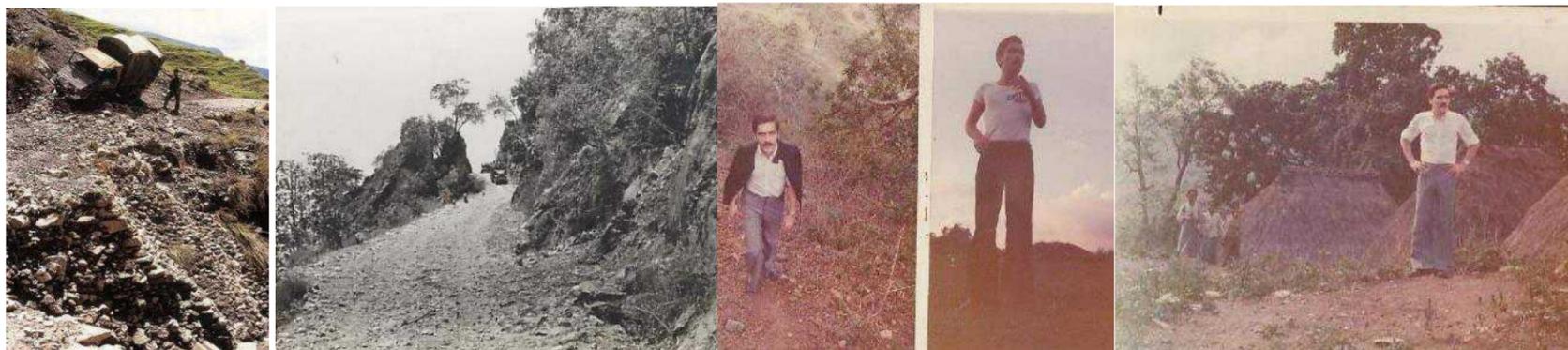
Durante o dia podiam-se ver alguns, dos poucos carros particulares, e muitas viaturas oficiais com a sua típica cor negra. Inúmeras motorizadas circulavam por entre os jipes do exército conduzidos pelos motoristas militares que esperam pacientemente frente ao liceu ou ao cabeleireiro as esposas, tornadas professoras de liceu, dos oficiais do exército portugueses. Estarão mesmo no liceu, na escola primária ou no cabeleireiro? O pessoal militar a pé ou nas Berliets e Unimogs. Por entre os timorenses, veem-se chineses. Díli é isto, a desolação.

Nas colinas num local para esquecer, como relíquia de uma guerra perdida, estavam as instalações militares com o seu quartel-general e os barracões insanitários. Pode ter sido um ótimo local duzentos anos antes, bem abrigado pelas montanhas circundantes, mas a sua localização estava fora do seu tempo e espaço. (Dizem as lendas que em 1973 – pouco antes de eu chegar – o José Ramos Horta querendo provar a indefensabilidade e exposição de vulnerabilidade do QG assaltara uma sentinela para alertar exatamente para a sua fragilidade). Quinhentos metros acima do nível do mar, num local proeminente abrigado pela densa vegetação estavam os dois hospitais: um pequeno grupo de edifícios mais modernos para os civis, outro edifício mais antigo para os militares apenas dispendo de uma dúzia e meia de camas. Esta cidade pretensamente europeia é triste.

As palapas, crescendo para os passeios quase inexistentes, albergam os timorenses que ali vivem sem luz elétrica, sem água encanada nem esgotos. Dez ou quinze crianças brincando em volta alheias a tudo. Que lhes interessa se a miséria é a mesma, será sempre a mesma? "Esta é a terra que o sol, em nascendo, vê primeiro", a insígnia oficial proclama bem alto do escudo e brasão de armas do então Timor Português. Com isto, eu lego as imagens e as palavras. Elas fazem já parte integrante da História e não se irão repetir num milhão de anos. Isto presenciámos: como transfigurar pacíficas colónias do Pacífico em cenários de guerra e morte.

13 Mundo subterrâneo.

95.7. DILI – BOBONARO SETEMBRO DEZEMBRO 1973



ESTRADA DE BOBONARO



BOBONARO MESSE

MESSE E PICADEIRO BOBONARO



NAS MONTANHAS DE BOBONARO

AERÓDROMO DA MALIANA COM AVIÃO DOS TAT (TRANSPORTES AÉREOS DE TIMOR)

Tudo era diferente e estranho. Dei logo baixa ao Hospital Militar no mesmo dia ou no dia seguinte a queixar-me de fortes dores de costas. Aí permaneci no alto daquela colina fresca e verdejante a observar as queimadas dos nativos e fruindo da bela vista para o mar e a ampla baía de Díli. Ao fim de duas semanas fui obrigado, contra os meus protestos, a ir destacado para a montanha, 120 km a sul, para o EC5, Esquadrão de Cavalaria de Bobonaro, onde fui colocado.

De nada adiantou tergiversar, que a viagem me ia matar, pois não havia avião para Bobonaro e eu tinha mesmo de ir no meio de transporte existente. Se a estrada #1 Baucau Díli era má e atravessava ribeiras onde deveria haver pontes, mas não estavam lá porque tinham caído com as últimas chuvas, esta estrada de montanha que passava pela Maliana (centro arrozeiro e cafezeiro) tinha sido construída pelos japoneses durante a sua ocupação de Timor na 2ª Grande Guerra.

Não estava nas mesmas condições em que os japoneses a tinham deixado, mas bastante pior, devido aos deslizamentos de terras, aos estragos de mais de 30 anos e à falta de melhoramentos. O transporte era feito numa Mercedes Berliet e eu ia por cima dos mantimentos trimestrais ao sol, sem proteção do calor e do pó. Uma viagem épica com a pausa agradável na Maliana onde deu para dormir uma curta sesta no chão de cimento fresco e após um almoço no destacamento militar local. A vila de Bobonaro consistia principalmente numa rua comprida que terminava nos aquartelamentos militares, a messe e uma pista de cavalos (chamar-lhe hipódromo seria demasiado) havendo apenas meia dúzia de casa em pedra com as restantes palapas de colmo com uma ou duas casas locais tipo palafita que eram casas sagradas ou lulic.

Aí permaneci até dezembro quase sem falar com os restantes dez oficiais, sendo que um deles de apelido Monge era tão malcriado comigo, que depressa me foi instaurado um burlesco processo disciplinar pelo meu superior local, capitão Careano (não me defendi dum ataque físico dum oficial mais graduado e não soube evitar que o mesmo acontecesse) o que me valeria oito dias de detenção no meu quarto que partilhava como capelão, um jovial Padre Domingos. Sou agredido e castigado por não ripostar? Foi uma fase bem difícil. Os reabastecimentos eram de três em três meses e o correio normalmente só vinha uma vez por mês. O telefone de campanha mal dava para se conseguir contactar com Díli. Todos os dias escrevia à I mas raramente recebia cartas dela, embora amiúde recebesse cartas semanalmente enviadas pelo meu pai.

Foram tempos de desespero e de raiva e que apenas a compaixão e calma paciência do cirurgião Gomes da Silva e da mulher, também médica, iam amolecendo até chegarmos à época de Natal. Foi então que finalmente vi ser-me autorizada a almejada transferência para Díli para a Chefia dos Serviços de Intendência onde passo a ser o segundo oficial mais antigo, logo após o Chefe de Serviços. No regresso de Bobonaro, fomos de Unimog ou jipe (não me recordo) até à Maliana e aí apanhei o pequeno avião para a curta viagem até Díli. Mal cheguei a Díli instalei-me no Hotel Turismo, o único digno desse nome onde ficaria umas semanas. Após a minha transferência consegui na noite de 24 de dezembro 1973 estabelecer contacto via telégrafo com a minha mulher que me avisou não estar interessada em ir para Timor e admitiu estar envolvida com outro. Vi e saliento a palavra vi as primeiras brancas surgirem no meu cabelo nessa noite. Bebi em excesso nessa noite de Natal. Havia sempre a desculpa de o calor apertar e os Gin Tonic serem bons para combater a malária (paludismo). Diziam até que eram melhores que o quinino.

Logo que pude procurei onde viver. Mudei-me para a minha primeira casa em Díli, em plena Rua Comercial, em frente ao Vu Vi Vong (grande loja de ferragens). Situava-se num conjunto de, salvo erro, três apartamentos no mesmo prédio térreo onde estava a companhia de prospeção petrolífera, a Timor Oil (Oceanic ou Ptero-Timor) à face da rua.

Mandei fazer uns armários improvisados, uma mesa de madeira preta e quatro cadeiras, mais quatro cadeirões de rota e outra mesa na sala de estar, compunham o ambiente. Aquilo até parecia uma casa. Estivera naquela casa uns poucos meses antes de me mudar para a "Sota", num dos três apartamentos desta loja comercial e livraria, em Lecidere.

Estive nesta casa da PetroTimor uns meses antes de me mudar para a "Sota", num dos três apartamentos que esta loja comercial e livraria tinha no Largo de Lecidere.

Iria conhecer bem em Díli, a célebre Praia da Areia Branca, de águas bem quentes. Depois iria aos montes, ali bem por cima da baía, até Dare ver o Seminário onde estava uma placa em homenagem aos Portugueses de antanho. A vista de espantar faria qualquer ocidental perder a vocação religiosa...Daria mais uns passeios para nor-noroeste, pela costa até Liquiçá. Até às lagoas de Tassitolo, infelizmente mais tarde celebrizadas por virem a ser uma vala comum dos assassinados pela Indonésia.

A praia da Areia Branca a uns 3 ou 4 km de Dili (de todas, esta era a sua favorita) era um espanto. As suas águas entre os 24 e os 33 °C. tinham duas barreiras naturais de coral a separar a baía do mar alto, naquela meia-lua coroada por montes (onde agora termina o Cristo-Rei de gosto duvidoso que os indonésios mandaram erigir durante a sua ocupação). Dentro de água havia uma cavidade, já perto do areal, com mais de dez metros de profundidade. Constava que ali teria caído uma bomba japonesa no decurso da 2ª Grande Guerra. Nunca me aventurara mais do que a um metro ou dois de profundidade. Dizem os peritos que havia tubarões na baía da Areia Branca, mas não me recordo de os ter visto. Por vezes, na maré-alta, passavam ou saltavam da primeira para a segunda barreira de coral que havia na baía, mas durante a minha estadia nunca vira nenhum. Vira, sim, pequenos crocodilos de água salgada (ou seriam de água doce?) ao pé da sua casa em Lecidere. Nem se recordava se era depois duma enxurrada ou antes, mas que eram pequenos eram.

São parentes dos "saltwater crocodiles (Crocodylus porosus)", da vizinha cidade australiana de Darwin, onde atingem facilmente 4 metros (ou mais) de comprimento. Ultrarrápidos no ataque vivem entre a água doce e a salgada. Existem desde há 200 milhões de anos. São dos mais velhos sobreviventes e espécie protegida.

Uns anos mais tarde, em 2007, diziam que não havia crocodilos na costa norte.

"Raramente aparecem...", mas apareceu um crocodilo na Areia Branca, Díli. As instruções eram: «Quando o virem para lá do coral, nadem. Quando o virem mergulhar, saiam da água». A coisa resultou durante uns tempos. Os polícias portugueses queriam dar-lhe um tiro, mas os timorenses diziam que nem pensar, era o avô deles, até que os militares australianos, mais experientes nestas coisas de crocodilos de água salgada, foram capturar o bicho. E afinal não era só um, mas três..."

Hoje, tornaram-se uma praga e o governo não decide o que fazer com eles, que chegam já ao quebra-mar em frente ao Palácio do Governo. Mas continua a haver timorenses que os alimentam a frango, depois admirem-se. Já houve mortes nestes últimos anos.

O crocodilo é um animal sagrado para os timorenses. A ilha de Timor tem, supostamente, a forma de um crocodilo. Todas as comunidades têm lendas sobre o aparecimento do primeiro homem sobre a terra, para criar o seu clã ou tribo.

Não resistirei a transcrever aqui a da criação de Timor, narrada pelo poeta Fernando Sylvan:

"Disseram, e eu ouvi, que desde há muitos séculos um crocodilo vivia num pântano. Este crocodilo sonhava crescer, ter mesmo um tamanho descomunal. Mas a verdade é que ele não só era pequeno, como vivia num espaço apertado. Tudo era estreito à sua volta, somente o sonho dele era grande.

O pântano, é bom de ver, é o pior sítio para morar. Água parada, pouco funda, suja, abafada por margens esquisitas e indefinidas. Ainda por cima, sem abundância de alimentos ao gosto de um crocodilo. Por tudo isto, o crocodilo estava farto de viver naquele pântano, mas não tinha outra morada. Ao longo do tempo, milhares de anos, parece, o que já valendo ao crocodilo era ele ser grande conversador. Enquanto estava acordado, conversava,... É que este crocodilo fazia perguntas a si mesmo e, depois, como se ele próprio fosse outro, respondia-se-lhe. De qualquer maneira, conversar assim, durante séculos, gastava os assuntos. Por outro lado, o crocodilo começava já a passar fome. Por dois motivos: primeiro, porque havia naquele charco pouco peixe e outra bicharada que lhe conviesse para refeição; segundo, porque só muito ao largo passava caça de categoria e tenra: cabritos, porquitos, cães...

Muitas vezes, exclamava: "Que grande maçada viver com tão pouco, e num sítio destes!"

"Tem paciência, tem paciência..." dizia a si próprio.

"Mas viver de paciência não é coisa que alimente um crocodilo" – recalcitrava-se-lhe.

Naturalmente que tudo tem um limite. Incluindo a resistência à fome. E o crocodilo entrou a sentir uma fraqueza que lhe quebrava o ânimo e o definhava. Os seus olhos iam-se amolecendo e já quase não podia levantar a cabeça e abrir a boca.

"Tenho de sair deste lugar, e procurar caça mais além..."

Esforçou-se, galgou à margem e foi ganhando caminho através do lodo e, depois, da areia. O sol estava a pino, aquecia a areia, transformava todo o chão em brasas. Não havia safa, o crocodilo perdia o resto das suas forças e ia ficar, ali, assado.

Foi nesta altura que passou um rapazinho que exprimia os seus pensamentos cantarolando.

"Que tens Crocodilo, Ah! como tu estás?! Tens as pernas partidas, caiu-te alguma coisa em cima?"

"Não, não parti nada, estou completamente inteiro, mas, apesar de ser pequeno de corpo, há muito não aguento com o meu próprio peso. Imagina que nem forças tenho já para sair deste braseiro."

Respondeu o rapazinho: "Se é só por isso, posso ajudar-te" e, logo de seguida, deu uns passos, carregou o crocodilo e foi pô-lo à beira do pântano. No que o rapazinho não reparava, era que, enquanto carregava o crocodilo, ele se animava ao ponto de arregalar os olhos, abrir a boca e passar a língua pela serra dos seus dentes.

"Este rapazinho deve ser mais saboroso do que tudo o que provei e vi em toda a minha vida" – e imaginava-se a dar-lhe uma chicotada com a cauda para adormecê-lo, e, depois, devorá-lo.

"Não sejas ingrato" – diz-lhe o outro com quem ele conversava e era ele mesmo.

"A fome tem os seus direitos".

"Isso é verdade, mas olha que trair um amigo é um ato indigno. Este é o primeiro amigo que tens."

"Então vou-me deixar ficar na mesma, e morrer à fome?"

"O rapazinho fez-te o que era preciso, salvou-te. Agora, se quiseres sobreviver, trabalha e procura alimento."

"Isso é verdade..."

E quando o rapazinho o poisou no chão molhado, o crocodilo sorriu, dançou com os olhos, sacudi a cauda, e disse-lhe: ""Obrigado. És o primeiro amigo que encontro. Olha, não posso dar-te nada, mas se pouco mais conheces do que este charco, aqui, tão à nossa vista, e se um dia quiseres passear por aí fora, atravessar o mar, vem ter comigo..."

"Gostava mesmo, porque o meu sonho grande é ver o que há mais por esse mar fora."

"Sonho? Falaste em sonho? Sabes, eu também sonho.." arrematou o crocodilo.

Separaram-se, sem que o rapazinho sequer suspeitasse de que o crocodilo chegara a estar tentado a comê-lo. E ainda bem. Passados tempos, o rapazinho apareceu ao crocodilo. Já quase o não reconhecia. Via-o sem sinais das queimaduras, gordo, bem comido...

"Ouve, Crocodilo, o meu sonho não parou, e eu não o aguento mais cá dentro".

"O prometido é prometido. Aquele meu sonho... Mas com tanta caça que tenho arranjado, quase me esquecia dele. Fizeste bem em vir lembrar-mo. Queres, agora mesmo, ir por esse mar fora?"

"Isso, só isso, Crocodilo."

"Pois eu, agora, também. Vamos então."

Ficaram ambos contentes com o acordo. O rapazinho acomodou-se no dorso do crocodilo, como numa canoa, e partiram para o alto mar. Era tudo tão grande e tão lindo! O mais surpreendente para os dois, era o próprio espaço, o tamanho do que se estendia à sua frente e para cima, uma coisa sem fim. Dia e noite, noite e dia, nunca pararam. Viam ilhas de todos os tamanhos, de onde as árvores e as montanhas lhes acenavam. E as nuvens também. Não se sabia se eram mais bonitos os dias se as noites, se as ilhas se as estrelas. Caminharam, navegaram, sempre voltados para o sol, até o crocodilo se cansar.

"Ouve-me, rapazinho, não posso mais! O meu sonho acabou..."

"O meu não vai acabar..."

Ainda o rapazinho não tinha dito a última palavra, o crocodilo aumentou, aumentou de tamanho, mas sem nunca perder a sua forma primitiva, e transformou-se numa carregada de montes, florestas e de rios.

É por isso que Timor tem a forma de crocodilo."

Em tempos imemoriais, Timor era uma sociedade onde não havia dinheiro e a fortuna de cada indivíduo era aferida pelo gado que possuía: cavalos, búfalos, cabras, porcos, assim como ouro e prata. Os animais não eram utilizados para a alimentação, pois havia um uso mais importante para eles: em vida, eles mostravam quão bem-sucedida uma pessoa fora e, em morte, muitos animais eram sacrificados para uma festa que servia para enviar a alma para os céus. Os animais NUNCA eram sacrificados como tributo religioso, mas como comida para os convidados. Havia festas para celebrar nascimentos, onde a proporção era sempre correta entre familiares diretos (ou consanguíneos) e os familiares da outra parte (sogros, cunhados, etc.)

A maior parte dos casamentos era arranjada para uniões políticas e não por razões mais prosaicas como a compatibilidade entre dois seres humanos, ou amor. Num batizado, os convidados bem podiam ser de outra parte da ilha, de outra tribo ou clã. Estas festas e reuniões serviam para cimentar as obrigações que cada aliança política impunha em cada tribo ou clã, servindo para manter a paz entre as comunidades e dentro de cada uma.

Na época do cultivo, havia cerimónias especiais para aplacar a ira dos KLAMAR e assegurar-se de que o KLAMAR guardião sabia que as sementes estavam a ser plantadas no ventre da Terra Mãe. Assim, o guardião KLAMAR poderia garantir que elas eram frutuosas. Se a plantação era feita com as primeiras chuvas e, depois, não chovia, dizia-se que os espíritos maus haviam morto a alma das plantas e não que o agricultor havia cometido o erro de fazer o plantio demasiado cedo. Na época das colheitas era sempre uma azáfama para conseguir colher tudo antes de os ratos comerem a colheita do ano. Os ratos eram, é óbvio, obra dos espíritos malignos. O mesmo se dizia se as plantas tivessem doença, ou falhassem a sua missão por qualquer razão, tal como o excesso de chuva. A casa em Timor (UMA) representa muito mais do que o mero local para habitar. As religiões animistas não dispõem de igrejas ou capelas, razão pela qual as casas são bem melhores para fins religiosos. Uma casa tradicional assentava em dois pilares ou alicerces. Um deles representa o sexo masculino e o outro, o feminino. Em Timor, tudo existe aos pares. As casas estão divididas em duas partes, e numa delas a mulher é suprema. Como a casa tem este significado religioso, a mulher é muitas vezes a cabeça da família (e, isto bem antes do extermínio masculino dos anos 70 e 80, pelos indonésios) em termos religiosos. No pilar feminino penduram-se os sacos tecidos pelas mulheres, onde repousam as placentas secas dos ocupantes das casas. Tais sacos devem acompanhar cada pessoa através de toda a vida. Caso tal não aconteça, essa pessoa deixa de estar protegida contra os KLAMAR, e não pode regressar à Terra Mãe como uma pessoa completa na altura da morte.

Todos os desastres são aceites com um fatalismo natural, como derivados do trabalho dos espíritos maus. Até mesmo os acidentes são atribuídos a fetiches ou invasões de espíritos. Foi sempre assim, o que permitiu aos timorenses suportar as maiores desgraças e calamidades, e continuarem a seguir as suas vidas como se nada de anormal se tivesse passado. Isto foi visível nos anos que se seguiram à invasão e domínio indonésio. A importância dada a combater os efeitos do Klamar leva muitos timorenses tradicionais a mudarem de nome, a fim de os KLAMAR não saberem onde eles estão e não há ninguém capaz de os convencer a voltar ao antigo nome. Isto era extremamente desconcertante para os portugueses quando efetuavam o recenseamento bienal. O casamento, e em especial a preparação deste, consumia imenso tempo e cerimónia. O método usual era por HAFOLI (literalmente: fixação do preço) em que os intermediários (normalmente, um Katuas escolhido pela família) demoravam, pelo menos, um ano a estabelecer todas as condições contratuais da aliança. As oferendas apropriadas iam sendo passadas, de parte a parte, à medida que os termos do acordo iam sendo fixados. Em cada estádio do processo um/a LIA NA'IN recitava longos excertos de poesia DADOLIN (versos de duas linhas), dando a ênfase à aliança com a outra parte. Uma Lia Na'in da outra parte faria idêntica declamação, enquanto os convidados iam comendo o que fora oferecido pelos parentes do noivo.

Depois de todos os termos da aliança conjugal terem sido discutidos e acordados, e as oferendas iniciais passadas de uma parte a outra (búfalos, cavalos locais (kudas), ouro e prata pela família do noivo; cabras, porcos e tecidos por parte da noiva), os dois jovens podiam começar a coabitar numa base noturna em casa dos pais da jovem. O único rito de casamento era a consumação do mesmo. Em tempos idos o casamento era levado a sério. Primeiro, o futuro noivo pedia autorização aos pais da futura noiva para casar. Depois, os Katuas decidiam se ele era ou não apropriado como candidato a fazer parte do clã (ou como praticante do sacerdócio da Mãe Terra). Apenas homens e mulheres casados podem tomar parte em todos os ritos religiosos e segredos do clã. Quando os Katuas decidiam que o jovem não era apropriado ou conveniente, terminavam ali os preparativos iniciáticos para o casamento. atualmente as coisas já não se passam assim.

A partir de 1975 cada jovem toma por mulher quem ele muito bem entende, sem ter de a barlaquear, nem seguir as cerimónias. A isto chama-se HAFE. Ao contrário da civilização ocidental, e, tal como de facto é bastante comum nas culturas orientais, o casamento entre primos direitos não é desprezado, desde que os noivos sejam filhos de um irmão e irmã. Se os noivos forem filhos de duas irmãs ou irmãos, o casamento é totalmente vedado.

A escravatura existiu até 1975, mesmo apesar de proscribida e negada pelas autoridades portuguesas. Os jovens, de ambos os sexos, eram vendidos como ATAN (escravos) para efetuarem serviços não-remunerados de criados (KREADO, aquele ou aquela que cuida de bebés) e não dispunham de liberdade para abandonar a família. Os seus donos ou patrões eram responsáveis pelo seu bem-estar, e, de uma forma geral, mesmo durante a ocupação portuguesa e em especial até à 2ª Grande Guerra, eram tratados condignamente e, em muitos casos, faziam parte integrante da família, pelo que era normal ao tornarem-se adultos casarem com a filha do patrão de que haviam cuidado ao crescer.

Os Timorenses têm uma deferência muito especial para com a morte, altura em que as virtudes dos falecidos são contadas ao mundo dos vivos com todos os detalhes, por aqueles que veneram tal falecimento. A morte de um ente querido, importante no seio do clã, criava um vácuo que necessitava ser rapidamente preenchido. Isto demorava longas horas de conversações e negociações entre os Katuas do clã, que tentavam encontrar a pessoa certa para preencher esse vazio. Por vezes, não existia dentro de um grupo ninguém capaz de ocupar a posição vaga, pelo que se tornava necessário recorrer a alguém de uma tribo vizinha. Em situações extremas, podia até acontecer que o clã se repartisse em dois. Quanto à morte e dívidas do falecido, passado um ano sobre a morte, os familiares e todos aqueles que eram credores ou tinham uma aliança com o falecido eram convidados para uma Cor Mêta (KORE METAN) ou celebração pela partida, no local onde a alma do falecido havia emergido do ventre da Mãe Terra. Muitas das dívidas eram pagas pela própria preparação da festa. Os convidados enchiam-se de tudo o que era bom de comida e TUAKA (vinho de palma). Estas festas duravam uma semana de danças na qual eram contadas histórias sobre as virtudes dos falecidos.

Das recordações ao chegar em 1973, lembrava-me também dos curiosos caranguejos, castanhos, esverdeados, ou azuis, minúsculos, que ao pôr-do-sol saíam das profundezas da areia húmida (onde ninguém os pisara, vira ou pressentira durante o dia) para encetarem mais uma marcha não se sabe para onde. Eram centenas ou milhares numa manobra de precisão militar que a natureza orquestrara há séculos e se repetia diariamente. Teria de estudar mais tarde este fenómeno.

Depois de alguns artigos que enviei de Bobonaro, escritos para o jornal local, sou nomeado Editor-chefe de "A Voz de Timor" em fevereiro 1974. O jornal de tiragem semanal reduzida tinha quatro páginas apenas numa terra onde a rádio emitia umas duas ou três horas ao dia, onde a TV não tinha chegado e os telefones eram um luxo de que alguns tinham ouvido falar, mas poucos tinham visto. Havia, desde há bem pouco tempo, a Rádio Marconi para se ligar para o resto do mundo através dum cabo submarino que permitia um contacto telefónico de má qualidade e irregular. Lembro-me de ter escrito um artigo sardonicamente crítico das eleições para a famigerada Assembleia Nacional em que a minha sátira mordaz foi entendida pelos apaniguados do regime (como o secretário do governador, José Joaquim Espiga Tomás Gomes), como sendo exemplificativa do apoio generalizado que as novas gerações davam ao velho regime. Só tenho pena de não ter recuperado esse número de A Voz de Timor e não ter guardado o manuscrito, hoje riíamos a bandeiras escancaradas. Logo a seguir dá-se o abortado Golpe das Caldas (da Rainha) a 16 de março e logo a seguir o 25 de abril que só chegaria a Timor a 18 de novembro desse ano.

A dezasseis de março, na pequena vila das Caldas da Rainha em Portugal, um grupo de oficiais do exército tenta, sem sucesso, arrebatar o poder ao Dr. Marcello Caetano, então Primeiro-ministro, que sucedera a Salazar, como perpetuador da ditadura, sob um manto de pseudo-abertura política designada como "primavera política". Sobre o abortado 'Golpe das Caldas' nada transpira em Timor até mais tarde.

Em 26 de Março, o governo australiano apresenta um protesto formal ao governo português pela concessão por Lisboa dos direitos de prospeção de petróleo à companhia norte americana "Oceanic." A área em contencioso tinha cerca de 23 mil sq m (milhas quadradas = 59,565 km²) e, de acordo com a reivindicação australiana, continha partes já sob a concessão dada à companhia australiana Woodside-Burmah Oil. Para além disso, de acordo com a Nota Oficial de Protesto, do governo de Camberra, outras áreas da zona de concessão da Oceanic faziam parte de uma área que estava a ser negociada entre

a Indonésia e a Austrália para perfurações de prospeção. De facto, um terço da área concedida à Oceanic era um enclave entre plataformas offshore já projetadas, e cedidas por concessão à australiana Woodside-Burmah.

Entretanto, em Camberra, o embaixador português, Dr. Mello Gouveia apresentava ao Governo Australiano uma Nota Oficial [de Protesto] onde o Governo declarava "não poder reconhecer a reclamação australiana, por não haver legislação suplementar entre os dois países, ambos signatários do Tratado de 1954 (Convenção Internacional sobre Fronteiras Marítimas)." Gough Whitlam, primeiro-ministro australiano reagiu energicamente a esta Nota, numa Conferência de Imprensa, em que afirmava, que: "O Governo Australiano tem o direito de defender os recursos naturais do país que estão a ser postos em questão no Mar de Timor." Esta confrontação sobre o dossier petróleo vai, em breve, passar a segundo lugar face às gravíssimas crises constitucionais em ambos os países.

Uma controvérsia sobre educação abalava por esses dias Timor, com o Dr. Félix Silva Correia, (então representante da ANP em Timor e Chefe da Repartição dos Serviços Provinciais de Educação), reagindo iradamente contra observações críticas às estruturas da educação e alegados aumentos de alfabetização. O jornal local "A Voz de Timor" publicara, em 19 de março, um suplemento especial dedicado à educação e, nele incluía uma entrevista auto elegiaca do Dr. Félix Correia. Os editoriais denunciam as falsas estatísticas e apresentam propostas para melhorar o nível de ensino e de alfabetização. Em vez de aceitar os dados estatísticos oficiais de 80% de alfabetização, eu avançava com o mesmo número, mas representando o analfabetismo. De imediato, a máquina política manipulada pelo Dr. Correia inicia um coro de protestos de apoio à educação, na sua maioria assinados em cartas à Redação pelos mais representativos líderes locais e funcionários públicos. Sou sujeito a um inquérito oficial liderado pelo Governador interino. Alguns professores, irritados pelas acusações, que consideram difamatórias, exigem uma reparação.

Timor vive os últimos dias do decrépito Estado Novo e nem sequer se dá conta disso. No mesmo número, publicava-se um artigo 'Educação e Autonomia', já com algumas décadas, do autor português proscrito, António Sérgio. Recorde-se que este autor era tabu (antes do 25 de Abril), mas o artigo não motivou comentários, se bem que devesse ter sido banido de publicação. Incoerência dos censores ou mera e flagrante ignorância?

Curiosamente (ou talvez não), Ramos Horta escreve editoriais a apoiar Félix Correia. Como Editor-Chefe do jornal e autor de "Educação - Um Suplemento Especial" sou suspenso. Sendo oficial miliciano estou sujeito aos regulamentos e normas militares, devendo enfrentar a justiça militar pelo meu crime. A repressão das hierarquias militares suscita uma greve simbólica (de braços caídos) dos Serviços da Imprensa Nacional, liderados por Cristóvão Santos, onde o jornal era impresso. O Governador interino impõe profundos controlos no jornal depois daquele danoso desaire. O autor, silenciado com a mordaza do RDM (Regulamento de Disciplina Militar) fica impedido de se expressar publicamente ou de apresentar defesa. Esta controvérsia arrasta-se até abril 1974.

Ainda na célebre edição de 19 de março, publiquei uma colagem com alusões à falhada rebelião das Caldas da Rainha. Incluí também uma menção ao controverso livro "Portugal e o Futuro" pelo, então General Spínola (em breve, Presidente de Portugal), e o apoio que tal livro recebera nas Nações Unidas.

Outros editoriais naquele número histórico abordavam os problemas que poderiam ter provocado o Golpe das Caldas, precedentes e possíveis implicações futuras. Nada fora censurado. O sucesso foi tal que obrigou, pela primeira vez na história do jornal, a que se fizesse uma reedição....

Entretanto, como Chefe Interino do Batalhão de Serviços de Intendência, responsável por víveres e combustíveis em todas as unidades militares do território, consigo aprovar um novo sistema de utilização de gasolina. Pela primeira vez, os soldados e os cabos (os mais desfavorecidos economicamente) passam a ter direito a obter artigos de consumo para uso pessoal, tal como já acontecia com as elites hierarquicamente superiores.

Crê-se que o Comandante Militar Interino, Tenente-coronel Mário Dente, assinara o despacho para o novo sistema, sem lóbrigar a sua perigosa latitude. Nesse mesmo dia, 5 de abril, como resultado da ação do novo sistema, outra controvérsia surgia: as autoridades civis exigem que o governo intervenha e cancele o sistema.

Convém referir que os civis estavam sujeitos a restritas medidas de racionamento de gasolina desde dezembro 1973. Os militares tinham estoques à sua disposição para um consumo máximo até dezoito meses, fruto da gestão cuidada dos Serviços de Intendência onde estava a coadjuvar o major Carrilho, Chefe dos Serviços.

A situação entre civis e militares é tensa. As chefias militares temerosas. Evitam agir em vésperas da chegada do Governador e Comandante em Chefe.

O próprio Governador, Coronel Aldeia, me nomeara para tomar conta do jornal, pouco depois de me trazer de Bobonaro para Dili.

O Governador Aldeia retorna a Timor a 19 de abril. Logo após a sua chegada ao aeroporto profere o seu mais virulento discurso, para espanto dos locais.

Negando qualquer representatividade ao denominado "Movimento dos Capitães," Aldeia salienta que "o abortado Movimento das Caldas foi severamente reprimido, e não encontrou qualquer eco ou apoio em todas as camadas, inclusive as militares." Classificando de 'traidores' os capitães envolvidos, Aldeia, neste discurso, diz ainda da alegria que sentia (em nome dos timorenses), ao ver satisfeitas todas as propostas apresentadas ao Governo Central, abrindo caminho a uma nova era de prosperidade para Timor:

"Falando em nome de todos os Timorenses, tenho o prazer e a alegria de vos dizer que o Governo de Lisboa está satisfeito por poder ajudar o fiel povo de Timor, que durante tantos séculos tem sido tão fortemente Português."

Este discurso, o mais político de todos os que Aldeia fez marcou uma viragem do seu estilo habitual, de sobriedade política. Houve quem especulasse que estaria a aproveitar-se dos últimos acontecimentos durante a sua estadia em Portugal. Pouco tempo demoraria a que Aldeia e o seu discurso fossem votados ao esquecimento total, lá no cemitério da política donde raramente se regressa.

De facto, o seu melhor discurso marcou o princípio e o fim das suas aspirações políticas.

Em 27 de Abril, por sua ordem direta, executada pelo seu Secretário pessoal, Dr. J. J. Thomás Gomes, a composição deste seu discurso era retirada da Imprensa Nacional e a gravação do mesmo era retirada da estação local de radiodifusão ERT (Emissora de Radiodifusão de Timor.)

O discurso quer no seu registo magnético, quer na sua transcrição escrita são, deveras, comprometedores, em termos do 25 de Abril em Portugal. Assim começou o que alguns denominaram, como "Aldeigate."

Embora Timor não dispusesse de telex, desde o ano anterior dispunha já de contactos radiotelefónicos com o mundo exterior. Assim, quando a Revolução dos Cravos aconteceu em 25 de Abril houve quem recebesse a notícia via telefone. Depois disso, era só uma questão de perder algum tempo agarrado aos rádios de ondas curtas....

Era hora de jantar e eu estava de Oficial (Ajudante) de Dia no Quartel-general. O idoso Oficial de Dia já estava há muito a olhar para o seu umbigo, depois da sua rodada habitual de vinho "Periquita" ou outro qualquer. O operador (Tony Belo) da Telecom local, a Rádio Marconi, ligou a dizer-me que ia ter uma chamada telefónica uma hora depois. Chamei o condutor de serviço, mandei-o ligar o Jeep e passados quinze minutos estava em Díli, ansiosamente esperando 'a chamada'. Pressenti tratar-se de algo muito importante. Anteriormente, acordara com a família que só haveria telefonemas em caso de emergência. Há muito que confirmara que toda a correspondência era sujeita a censura prévia e as chamadas telefónicas gravadas.

Sem perder tempo, peço ao condutor para passar por casa (na PetroTimor ou já nos apartamentos da SOTA, no Largo de Lecidere, não consigo recordar ao certo), onde comunico aos colegas de habitação (o cirurgião Carlos Prata Dias da Costa e o engenheiro António Proença de Oliveira, subchefe da Repartição dos Serviços de Agricultura) o que ouvira. Era a REVOLUÇÃO. Peço-lhes o máximo sigilo, ligo o rádio em ondas curtas e regresso ao Q.G. (Quartel-General) onde anoto no relatório que nada havia a assinalar da 'ronda' pela cidade.

Durante o resto da noite, escuto avidamente os noticiários da BBC, Rádio Austrália e toda uma série de emissoras (até ouvi a Rádio Paquistão, pela primeira vez). Na manhã seguinte, o camarada Freitas, que ia render o autor, pergunta se havia novidades de Portugal. Sem confiar em ninguém, depois do que se passara com a controvérsia no jornal no mês anterior, respondi-lhe: "Nada, que esperavas?"

Os dias que se seguem são caóticos, com toda a espécie de rumores a circular e um generalizado sentimento de incredulidade pelos acontecimentos. Quando as novas de que o governador tinha mandado apreender a gravação e a versão impressa do seu discurso, a maior parte das pessoas convenceu-se de que a 'Revolução dos Cravos' não era já fruto da imaginação. Os dias passam, e o oportunismo camaleónico é avassalador. Do dia para a noite todos são revolucionários. A necessária e esperada demissão do Governador Alves Aldeia começa a demorar mais do que as pessoas haviam esperado. Torna-se necessário que ele entregue a sua carta de demissão depois do já famoso discurso em que, de forma obstinada, se opunha àquilo que era já o novo regime político.

Começam a tomar vulto os rumores de que o capitão tenente Leiria Pinto, Comandante da Defesa Naval, é o nomeado pela Junta para agir localmente. Estes boatos confundem muita gente, pois Leiria Pinto era considerado como tendo ideias de direita extremamente conservadoras.

Ao mesmo tempo, há quem afirme que o Chefe de Estado-maior, Major Arnao Metello, um sombrio oficial de carreira, do exército, vindo de boas famílias, é o homem de confiança da Junta de Salvação Nacional. O major Metello é um oficial conservador conhecido pela sua falta de decisão e pela falta de garra em tudo o que se reportava à ação colonial de Portugal. A oposição à continuação do coronel Aldeia no poder cresce de dia para dia. Ameaça tornar-se numa bola de neve, com os militares definitivamente divididos entre os progressistas - na sua maioria oficiais milicianos, furriéis e sargentos - e a velha guarda dos oficiais de carreira.

Entretanto em Portugal, os soldados usam os cravos encarnados nos canos das suas espingardas. O povo anda excitado com a liberdade acabada de aprender. Sobem os barómetros da esperança depois de 48 anos de obscurantismo.

A situação começa a clarificar-se em maio, embora nem todos os decretos aprovados em Lisboa se tornem extensivos a Díli. Quase nem um tiro fora disparado em Portugal.

O regime caiu porque estava tão podre que estava incapacitado de sustentar qualquer ataque frontal.

A celebrada vitória vem estampada em todos os jornais e revistas que chegam a Timor, mas de uma certa forma, parece estar a anos-luz de Timor.

Depois do 25 de Abril (data da Revolução dos Cravos em Portugal) comecei a publicar artigos que o Comando Militar e, em especial o CEM (Chefe do Estado-Maior Arnao Metello) queriam evitar. Era chamado todas as manhãs ao CEM, que, simpaticamente, mandava o seu motorista no velho Volkswagen do Estado-Maior buscar-me a casa. Nessa rotina lá tinha de explicar porque publicara artigos censurados e considerados material proibido. Esta rotina prolongou-se por bastante tempo e trouxe consequências ao meu serviço militar. Uma verdadeira caça ou o jogo do gato e do rato.

Com o 25 de abril, reorganizei o jornal e passei-o a jornal diário, lentamente aumentei a tiragem e o tamanho da edição especial de sábado que começou com 8, 12, 16 e finalmente 24 páginas com a ajuda do Chefe da Imprensa Nacional, Cristóvão Santos e com o José Ramos-Horta, jornalista e meu secretário no jornal. Era uma tarefa difícil num sítio onde não chegavam notícias a não ser por onda curta, as revistas e jornais da metrópole eram velhas quando chegavam....

Fiz colagens bem interessantes retiradas de várias revistas para ilustrar as principais notícias dado que tínhamos grandes dificuldades técnicas em imprimir imagens, e as que podíamos eram pequenas. O equipamento era bem antigo. A composição era manual e morosa pois não havia grande variedade de tipos de letra. A especulação termina quando Arnao Metello é confirmado como o novo representante do governo em Timor. As pessoas esperam e exigem uma atitude decisiva e imediata, mas ele hesita. A nova ordem legítima não se faz impor. O exército mostra-se agitado, mas Arnao Metello é um procrastinador e nada de significativo se faz.

António Arnao Metello, engenheiro civil, falecido a 29 de julho de 2008, trabalhava em Macau desde a década de 90 no Laboratório de Engenharia Civil e foi vice-primeiro-ministro de Vasco Gonçalves, entre 08 de agosto de 1975 e 19 de setembro do mesmo ano.

Antes tinha sido também ministro da Administração Interna do quarto Governo Constitucional, também liderado por Vasco Gonçalves, entre 26 de março de 1975 e 08 de agosto do mesmo ano. Ao longo da sua carreira política e militar, António Arnao Metello foi também chefe do Estado Maior das Forças Armadas em Timor-Leste e representante no território do Movimento das Forças Armadas (MFA) na altura da guerra civil timorense que ditou o abandono da administração portuguesa e a invasão indonésia.

Em Macau, António Arnao Metello esteve ligado à atividade na área da engenharia antes de ingressar no Laboratório de Engenharia Civil de Macau onde desempenhava as funções de chefe de departamento de estruturas.

A PIDE (a Polícia para a Informação e Defesa do Estado) tem 20 membros em Timor. Alguns deles são detidos em condições de turistas de luxo, demonstrando como se vivia num país de brandos costumes. Outros não só continuam em liberdade, mas mantêm-se em funções, continuando a beneficiar dos seus carros e casas do Estado. A burocracia administrativa resiste ferozmente à Nova Ordem. Será que a Revolução dos Cravos não passou de invenção da comunicação social? Ou será esta, apenas a longa distância entre a ficção e a realidade? Como o Dr. J. Pestana Bastos escreve à data:

"O Governador manteve-se nas suas funções (vício de base). Um defeito de cúpula, ímpar, determinante duma política e determinado por ela não deve nem pode mudar de tónica, de linguagem, estrutura, clique, de filosofia política, sem se comprometer irremediavelmente e deixar na mesma posição o governo que o referenda. Nada disto significa aqui e neste momento crítico ou inconsideração pelo Coronel Fernando Alves Aldeia ou pela sua ação. Se a sua ação foi meritória mais uma razão para não o ser a partir de então".

Como falar das malhas da burocracia, originada em premissas coloniais? A manutenção dos chefes de departamento é um erro perigoso que vai implicar, mais tarde, que se tomem medidas de emergência. As posições fundamentais são mantidas, inalteradas, por demasiado tempo nas mãos de indivíduos totalmente dependentes do 'velho regime' e os quais se opõem ferozmente ao 'novo regime' e aos que o representam.

No início de maio, o governo impõe novos delegados seus para a Rádio (ERT), jornal ('A Voz de Timor'), linhas aéreas locais "TAT".

Embora já haja um novo delegado nomeado pelo governo para a Rádio Marconi, esta entidade continua as suas escutas telefónicas como até então fizera.

Alertado, o major Metello encolhe os ombros e diz que nada disso nos deve preocupar.

Sabendo como a Rádio Marconi havia sido responsável por muitos dos 'casos políticos' acontecidos durante o seu primeiro ano de existência, alerta-se a população para aquela situação.

Todo o correio por mala militar (o qual representa cerca de 95% do total) mantém-se sujeito a censura. Demora uma semana a fazer a triagem do correio, desde ser descarregado do avião até ser distribuído. As intrigas e os boatos florescem neste período. Muitas pessoas estão ostensivamente opostas ao 'novo regime,' mas mantêm as suas posições de poder e influência. Outras, rapidamente ficam desapontadas com os ventos da mudança. Há também quem se oponha ao governador, mantido ativamente no poder como suprema autoridade em Timor.

O delegado da Junta mal se vislumbra e é inoperante. O escândalo irrompe quando oficiais da PIDE são mantidos nos seus postos sob a nova designação de PIM (Polícia de Informação Militar).

Continuam a poder utilizar os carros do Estado, casas e outras despesas totalmente financiadas pelo executivo. Outro exemplo curioso é o de um oficial de carreira (Capitão) ainda à frente de uma subunidade no Quartel-general, embora ele mesmo admitisse pertencer à polícia secreta.

Finalmente, antes do fim do mês de maio, o chefe do Departamento Provincial de Educação (Félix Correia) é exonerado e as atividades da Mocidade Portuguesa (o movimento da juventude baseado numa fórmula Nazi) são dadas por findas.

Alguns delegados da Junta de Salvação Portuguesa são esperados em Timor trazendo com eles - espera-se - o cheiro fresco dos cravos encarnados e da revolução de que tantos ouviram, mas ainda não puderam observar. Com eles, chega a desilusão e o desapontamento.

Um, é o Major Garcia Leandro (posteriormente Governador de Macau) conhecido das gentes de Timor, de uma anterior comissão de dois anos em que fora um mero Secretário do Governador (Brigadeiro Valente Pires). Alguns graves incidentes administrativos e económicos ocorreram sob a sua égide. Posteriormente, um inquérito oficial fora rapidamente arquivado, sem conclusões, mas um enorme montante desaparecera ou levava sumiço sem se saber para onde ou como. A comunidade chinesa é perentória sobre o não regresso do Sr. Major Leandro e é extremamente cooperante com provas documentais sobre os referidos incidentes.

Mais tarde (outubro 1974) alguns jornais de Portugal especulam sobre a possibilidade de o Major Leandro ser um dos principais candidatos à posição de Governador de Timor.

Dado existirem pressões [dos chineses e dos dois jornalistas em Timor], acaba por se contentar com o cargo de Governador de Macau. Entretanto, em Portugal, o semanário "Expresso" de 25 maio 1974 dedica quase toda a sua primeira página a Timor, sob o título: **"TIMOR: situação controversa agora sem vendilhões do tempo..."**

De facto, a situação político-militar está confusa em Timor. Depois da visita dos delegados da Junta (Majores Garcia Leandro e Maia Gonçalves) em vez da verdadeira voz de um governo revolucionário, as pessoas constataam que as velhas formas de esquecimento a que a colónia foi votada no passado se iriam manter. Há quem anseie por Salles Grade, anterior Chefe de Estado-maior em Timor, até 1973.

Durante a controversa visita dos delegados da Junta, Leandro faz declarações bem ambíguas e nebulosas:

- i) Que o MFA (Movimento das Forças Armadas e espinha dorsal da Junta) sabe perfeitamente bem o que se está a passar em Timor, e não há necessidade para as pessoas em Timor se preocuparem.
- ii) Que a permanência do consulado Aldeia está perfeitamente justificada porque as suas atividades são predominantemente administrativas, logo não políticas (sic).
- iii) Que o MFA não tolerará mini-revoluções ou mini-movimentos assim como atos tendentes a afastar o Governador e Comandante Militar em Chefe, os quais apenas podem ter origem em grupos minoritários."

Estas declarações obscuras e dúbias levaram muita gente a indagar se tais eram pontos de vista pessoais e não linhas mestras do MFA. Apoiada por estas declarações a emissora local apressa-se a proclamar que 'se o governador Aldeia for afastado haverá um banho de sangue devido ao seu conhecimento profundo da população local. Criticamente, afirmei, em editorial no jornal local, que o postulado destas premissas está fundamentalmente errado. Diante de centenas de pessoas reunidas no Ginásio Escolar para escutar as vozes da revolução, então, Major Leandro proclama que o semanário "Expresso" é sensacionalista e incorreto na sua reportagem sobre Timor. Ele também promete descobrir, no seu regresso a Lisboa, quem foram os autores das notícias alarmistas que obviamente "conspiram contra a paz e tranquilidade na ilha." Toda a gente sabe que há duas pessoas a escrever para o "Expresso": Cristóvão Santos, Diretor da Imprensa Nacional e eu. Ambos fizemos parte das revelações do "Aldeiate" quando o Governador Aldeia chamou traidores aos revoltosos de então, agora no governo. De facto, uma cópia do discurso de Aldeia fora por nós escamoteada para fora do território utilizando hippies australianos rumo ao Cupão (Kupang). Outra cópia fora enviada para um intermediário sob nome falso, de forma a não alertar os censores.

Quando a PM (Polícia Militar) veio, sem mandatos, fazer buscas a casa dos dois suspeitos não conseguem encontrar as duas cópias em falta, porque estas já iam rumo a Lisboa. Aquele material queimava como ácido, e não era aconselhável tê-lo ou tocar-lhe. Este, e outros factos são relevantes para estabelecer os antecedentes daquilo que a seguir se vai passar. A imputação do Governador tem o seu início real quando a composição começa a ser impressa e, de imediato retirada para encobrir a existência do seu discurso.

Um último detalhe da sessão no Ginásio, Leandro mandara sair algumas pessoas por terem cartazes 'contra o governo marcelista ainda no poder em Timor.

Muita gente não conseguia entender esta democracia guiada, pois centenas de pessoas haviam passado pelos cartazes, respeitando-os, quer concordando ou não com os mesmos. O representante da Junta e do Governo Provisório no poder em Portugal não pudera nem quisera respeitar aqueles cartazes. Depois de Leandro e Maia Gonçalves saírem do território ficou um certo vazio. Mesmo antes de sair, Garcia Leandro valida a mensagem da emissora sobre o banho de sangue que se verificaria se a população ficasse sem o governador Aldeia. De facto, esta não era a forma adequada de começar a descolonizar a mais distante e esquecida colónia do Império Português que ora se desmoronava.

A revolução de abril abriu as portas à autodeterminação das colónias e à criação de partidos políticos. Embora fosse incipiente, a vida política em Timor começa a tomar forma.

A nascente democracia em Portugal é acompanhada da autodeterminação e independência para as ex-colónias. São praticamente simultâneas e consequência da Revolução que derruba o regime ditatorial de Salazar e Caetano.

Os movimentos de libertação em África lutavam uma guerra cansativa devido à intransigência do regime de Salazar. Lisboa mantinha-se imperturbada pelos ventos de mudança que assolavam o continente, em especial nas maiores colónias, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau.

Quase toda a administração colonial (embora houvesse exceções honrosas) era, quase sempre, caracterizada pela incompetência, boçalidade e pelo padrão de injustiças.

Estas, podiam ir da requisição à população nativa africana de tudo o que era valioso (pepitas, diamantes, peles, dentes de elefante, etc., quando não as mais apetitosas jovens para fins lascivos, desculpados pela solidão e afastamento da pátria...).

Não havia praticamente escolas, além das missões religiosas que haviam proliferado ao longo dos séculos, e as administrações militares pecavam por falta de informação adequada relativamente aos seus súbditos nativos.

A metrópole exportava tudo o que podia para as colónias para assim pagar tudo o que delas recebia, pelo que a balança comercial vivia em grande parte à custa delas. Por isso não convinha desenvolvê-las nem convinha investir.

Para as colónias iam todos os inúteis, que o regime amparava e apoiava, para preencherem funções para as quais não estavam preparados nem eram competentes, mas em troca das quais recebiam mordomias e salários avultados.

Houve sempre exceções, mas nunca passara disso, de exceções com grandes homens idealistas que viam sempre neutralizadas as suas intenções e consciências, para que nada fosse feito.

Não se deve esquecer que a teia colonialista do governo central se havia limitado a manter as estruturas quase tribais existente desde há séculos, não facilitando ou impedindo o acesso dos nativos a qualquer tipo de educação além da primária.

Na burocracia colonial os principais lugares estavam reservados aos continentais ou importados de outras colónias.

Identicamente se dificultara a emigração de colonos portugueses, em especial para as províncias ultramarinas de Angola, Moçambique e Timor, favorecendo o êxodo de mais de dois milhões de pessoas para o Brasil nos finais do século XIX e primeira metade do século XX, o que foi excelente para desenvolver o novo país independente e manter em atraso ancestral todas as outras colónias.

Entretantes, em Timor os sentimentos nacionalistas crescem na sombra, sem serem vislumbrados pelos europeus. Devido ao subdesenvolvimento socioeconómico e aos atrasos da educação até aos anos 50, existe apenas uma incipiente elite impreparada para canalizar esses sentimentos nacionalistas de forma eficaz. Nos anos 60 começara a verificar-se um investimento maciço nas estruturas educacionais (até então quase inexistentes), seguido de um incremento das estruturas socioeconómicas da colónia, que lentamente altera a sua imagem centenária de abandono.

Tudo isto vem promover, mesmo que indiretamente, a emergência de uma elite capaz de desencadear sentimentos nacionalistas e despertar a vontade timorense. Começa a notar-se durante o regime colonial, através da imprensa local e do jornal do seminário católico 'Seara'. Era acompanhada de formas incipientes e camufladas de desobediência civil. Já, as inúmeras rebeliões contra a administração portuguesa (a última das quais em 1959) imediatamente reprimidas e subjogadas, haviam ajudado a estabelecer uma embrionária identidade nacional. Durante maio 1974, beneficiando da liberdade política concedida pela Revolução de Abril, formam-se os principais partidos políticos em Timor.

A UDT (União Democrática Timorense) em 11 maio, que começa por defender uma forma de Federação com Portugal (evoluindo mais tarde para o desejo de independência). UDT/UDETIM é predominantemente um grupo católico formado por Francisco Lopes da Cruz, César da Costa Mouzinho, João Carrascalão e Mário Carrascalão.

A ASDT (Associação Social Democrática Timorense) forma-se a 20 de maio para evoluir em setembro 1974 para FRETILIN [Frente Revolucionária De Timor Leste Independente]. Proclama a necessidade de se obter a independência total. Os seus fundadores e líderes são: Francisco Xavier do Amaral, José Ramos Horta, Nicolau Lobato e Justino Molo.

Sob a égide da Indonésia em 27 maio surge um terceiro partido, a APODETI [Associação Popular e Democrática de Timor]. Defende a integração na Indonésia sob um estatuto autónomo especial. Este partido nunca chegaria a alcançar mais do que 2 ou 3 por cento do apoio popular. Fundadores e líderes eram: João Osório Soares, José Martins, Abel Belo, e Arnaldo Araújo.

Mais tarde novos partidos se formam, todos eles carecendo de apoio popular significativo, tais como KOTA e PT (Partido Trabalhista). O Governo seguindo instruções de Lisboa para promover a formação de grupos políticos locais, atribui subsídios até 50 000\$00 a cada partido. Inicialmente, quer a ASDT quer a UDETIM (UDT) carecem de poder popular. A APODETI é considerada como uma espécie de anedota quando proclama a reintegração histórica das duas metades da ilha sob a bandeira indonésia. Os manifestos iniciais de tais partidos políticos embrionários contêm pontos curtos que reputamos importantes para compreender o contexto em que foram criados.

O Comandante Naval Manuel Lourenço Pereira, fundador, proprietário e diretor nominal do jornal local "V.T." [A Voz de Timor] desliga-se do mesmo em julho 1974 e assume funções em sua substituição Francisco Lopes da Cruz (n. Maubara em 2/12/1940), um nativo Timorense conotado com o Bureau Central e Político da UDT¹⁴.

O autor [deste trabalho], desiludido com o crescente partidarismo político decide demitir-se como Editor Chefe, sendo substituído pelo então chefe de redação, Dr. Alberto Trindade Martinho, autor das primeiras sondagens à opinião pública. Exausto por mais de um ano de lutas contínuas, sem meios técnicos, humanos ou materiais para desempenhar as suas funções. Sujeito às mais inacreditáveis pressões psíquicas e morais por defender os princípios mais sagrados, sendo diariamente chamado às chefias que queriam um jornal mais "manso" e menos "abrilista", ao contrário do que adiante foi declarado na Comissão de Descolonização, o autor demite-se.

O resto do diário desses anos loucos de 1973 a 1975 pode ser consultado no primeiro volume da Trilogia da História de Timor em versão inglesa em <https://www.lusofonias.net/component/joomdoc/textos-escolhidos/timorleste/timor-leste-east-timor-the-secret-files-vol-1-of-trilogy-in-english/detail.html> e em português em <https://www.lusofonias.net/component/joomdoc/textos-escolhidos/timorleste/timor-leste-o-dossier-secreto-1973-1975-vol-1-da-trilogia/detail.html>

Nessa data entreguei nas mãos do sociólogo (então Alferes Miliciano) Dr. Alberto Martinho, pedras basilares documentais e evidenciais sobre os erros de anteriores administrações, para que este fizesse com eles o que entendesse. Nunca foram divulgadas nem vieram a lume. Talvez o seu sucessor não estivesse interessado. Pouco ou nada faria com eles, segundo penso, o que lamento, pois, eu poderia ter usado esse material nos livros que publiquei para demonstrar melhor a incompetência, nepotismo, compadrio, corrupção e desleixo da administração colonial portuguesa em Timor [só em 2013 reencontrei o Martinho e tivemos oportunidade nos rir com os documentos que se seguem e as nossas memórias desse tempo].

As minhas licenças (férias) estavam todas canceladas devido ao "meu comportamento disciplinar" e outras punições resultantes da atividade no jornal "A Voz de Timor" e só, mais tarde com uma amnistia decretada em novembro (creio eu) pelo general Spínola voltei a ter direito a férias.

A 18 de novembro chega o novo e último comandante militar que me convida para liderar a pasta da Comunicação Social. Recusei porque, entretanto, decidi não regressar a Portugal, dada a extinção do meu casamento. Foi então que decidi ir para Bali (como se narra noutra crónica 10.3), terra paradisíaca dos hippies e onde havia ocidentais radicados desde a década de 1940 como escritores e pintores no seio daquela mescla hindu e indonésia.

Antes, porém, extraio excertos de um documento, que chegou à minha posse já no início do século XXI¹⁵, e no qual constato como fui, injustamente, vilipendiado pelo então Encarregado de Governo em Timor (após a saída do Governador Aldeia), tenente-coronel Níveo Herdade em 27/9/1976 na Comissão de Análise e Esclarecimento do Processo de Descolonização de Timor da Presidência do Conselho de Ministros (Relatórios da Descolonização de Timor: Relatório da Comissão de Análise e Esclarecimento do Processo de Descolonização de Timor.)

¹⁴ Licenciado em Filosofia na Universidade de Macau. Foi Vice-Governador de Timor após a invasão indonésia de 7/12/75. Mais tarde tornar-se-ia num conselheiro de confiança do presidente Suharto e um embaixador sem pasta para os assuntos de Timor Leste, e, Embaixador da Indonésia em Lisboa (2005-2008) e guardião da última bandeira portuguesa arriada no Ataúro em 1976.

¹⁵ O material foi-me gentilmente enviado pelo General José Alberto Morais da Silva, ex-Chefe do Estado-Maior da Força Aérea (nascido em 1941, falecido em 29/12/2014). Ligado ao "grupo dos nove", Morais da Silva exerceu o cargo até 9 de janeiro de 1977, tendo, durante o seu mandato, enfrentado o golpe militar do 25 de novembro de 1975, quando um dispositivo militar, com base no Regimento de Comandos, se opôs a uma tentativa de sublevação de unidades militares conotadas com forças de esquerda, tendo sido decretado o estado de sítio em Lisboa teve um papel importante no pós-25 de abril. Em 2000, escreveu com o coronel Manuel (Amaro) Bernardo, o livro Timor, abandono e tragédia, ed. Prefácio, no qual usou extratos do meu livro Timor Leste o dossier secreto 1973-1975)

sa, podiam forçá-los a dar vivas, mas não podiam forçar as expressões das caras deles, e essas não deixavam dúvidas ...

Entretanto, como a viagem ao interior demorava cerca de 2 ou 3 horas para cada lado, foi a única possibilidade que teve de falar com tempo com o Ministro e pôr-lhe os problemas de Timor, que eram muitos, e possui ainda cópia do sumário dos assuntos que tratou e lhe entregou. Antes de o Ministro sair de Timor, proporcionou-lhe um contacto com todos os funcionários, no Palácio do Governo e durante um beberete. Que o Ministro a certa altura lhe perguntou se havia alguma coisa contra o Major Leandro, ao que respondeu que tinha ouvido dizer qualquer coisa, mas que não lhe interessava a vida particular dos outros, e que estava presente o delegado do Procurador da República que tinha o processo, e lhe poderia dizer alguma coisa. O Procurador da República foi chamado pelo Ministro a quem disse que havia algo gravíssimo contra o Major Leandro, ao que o Ministro retorquiu "Então não posso nomeá-lo Governador de Timor; nomeou-o Governador de Macau... Crê que há em Lisboa 2 pessoas cujos nomes, por enquanto, não deseja revelar, que terão uma, a cópia parcial do processo, outra, a cópia integral ..."

Que ao tempo em que era Governador, o Cor. Aldeia, o Consul português em Djakarta, Dr. Girão, tinha-o contactado para ir a Dili, a fim de se inteirar dos problemas de Timor e assim poder em Djakarta, colaborar com as autoridades portuguesas de Timor. O Coronel Aldeia quando partiu deixou ao declarante umas três folhas dactilografadas com os assuntos mais importantes a serem tratados. Entre estes constava a visita do nosso Consul em Djakarta, Dr. Girão que mais tarde se reali-

zou: Quando o Dr. Girão chegou a Dili, disse-lhe o declarante que poderia ali estar o tempo que entendesse conveniente, ver e falar com quem quizesse, mas que lhe impunha que contactasse todos os chefes de serviço civis e militares; com o representante da Associação Comercial, com os representantes diplomáticos acreditados em Dili, (Indonésia e China), com o Chefe do Estado Maior de Timor e, por fim, que viesse falar consigo e lhe dissesse se achava o seu procedimento correcto ou errado, o que ele assim fez.

Que passado algum tempo, chegou a Dili um Inspector Administrativo enviado pelo Ministério da Coordenação Inter-Territorial, o Inspector Sousa Santos, certamente para tomar conhecimento da situação, a quem recomendou o mesmo procedimento que tinha sugerido ao Dr. Girão.

Estabelecidos os contactos e feitas as visitas que entendeu, o Inspector Sousa Santos compareceu no gabinete do declarante para lhe transmitir as suas impressões e dando-lhe a entender, no final, que o declarante estaria a ser apunhalado pelas costas pelo Chefe do Estado Maior de Timor, ao que o declarante respondeu que já o sabia. Mas que, apesar disso, tinha sempre feito o possível por manter toda a coesão, não deixando transparecer qualquer desacordo que pudesse ter repercussões sobre a população. O declarante manteve sempre esta conduta inalterável até ao dia da partida do Major Matelo e inclusivamente nesse dia, foi despedir-se dele ao Aeroporto. Quando se deslocava ao interior em visitas e contactos, quer com os militares, quer com a população, convidava sempre o Chefe do Estado Maior para o acompanhar ou, quando não o desejasse ou pudesse fazer, solicitava-lhe que

nomeasse um oficial para o acompanhar.

Também, tal como na Metrópole, começou a haver problemas no jornal, (insultos, críticas destrutivas, disparates, etc) que era dirigido pelo Alferes Miliciano Cristelo e que lá tinha sido colocado para orientar o jornal pelo Major Matelo. Começou a aperceber-se que o Alferes Cristelo em vez de ser isento, se servia do jornal para fazer a apologia das suas ideias políticas. Chegou a não publicar um discurso do Presidente da República, fazendo sair em contrapartida uma carta da Casa de Timor em que uns pseudo-intelectuais incitavam os enfermeiros do Hospital a ensinar aos médicos como é que deviam dirigir o Hospital e tratar dos doentes, usando uma prosa sem qualquer nível. Chamou a atenção do Chefe do Estado Maior para o caso e disse-lhe para avisar o Alferes Cristelo que não podia continuar assim e que não aceitava que se dirigissem ofensas a ninguém. A isto respondeu o Major Matelo dizendo que então havia liberdade e que, portanto, não poderia haver censura. Face a esta resposta, o declarante esclareceu que não desejava que se fizesse censura mas sim, controle de qualidade, e não havendo espaço no jornal para publicar toda a colaboração, seria apenas uma questão de se seleccionarem os melhores artigos. Mas as coisas pioraram de semana para semana, até que um dia face à escalada de disparates que o jornal inseria, determinou ao Chefe do Estado Maior que o Alferes Cristelo saísse do jornal e fosse substituído por outro oficial qualquer que não consentisse tais disparates. O novo director do jornal pareceu-lhe uma pessoa capaz de bem cumprir a missão, o que realmente aconteceu, e reco-

nhecendo-lhe a sua capacidade, determinou-lhe que o possuísse a acompanhar sempre nas suas deslocações ao interior, gravando todas as declarações que o declarante fizesse, para que as pudesse reproduzir com fidelidade, dando-lhes difusão também com a mesma fidelidade. Entendia o declarante que por este processo, era possível fazer conhecer, além de Timor, todo o seu procedimento, sem que houvesse lugar para deturpações ou dúvidas quanto ao seu pensamento, em relação aos princípios enunciados pelo MFA. Embora solicitado, nunca deu entrevistas ao jornal, excepto quando soube da nomeação do novo Governador de Timor, e como tinha conhecido o Sr. Ten. Cor Lemos Pires na Guiné, e de quem ficara com uma ótima impressão, procurou nessa entrevista dar o maior relevo à personalidade do novo Governador e portanto abrir caminho para a sua aceitação.

Que o CEM nas mensagens que mandara para Lisboa "sem o seu conhecimento" dizia sempre que o Governo estava inoperante, mas o Governo estava inoperante porque não fazia os disparates que ele queria que fizesse, e que deram o resultado que mais tarde se viu, com outros que seguiram as suas pegadas. Nessa mensagem ele referia-se aos chefes de serviço, militares que tinham uma craveira fora de série, mas a quem ele chamava "inconformistas e reacccionários", assim como ao Comandante da PSP, ao chefe do Serviço de Justiça, ao chefe do Serviço da Marinha, pessoas com quem, antes do 25 de Abril, se dava muito bem, segundo se dizia, e de quem se afastou depois daquela data. Disse que tem em seu poder cópias dessas mensagens, e cujos originais supõe deverem existir no EMGFA e portanto serem juntas a este auto.

Coronel Nívio Herdade
 27/7/76 - Declarações à C. A. E. 6
 P. de Descolonização de Timor
 dirigida pelo Brig. Helder Ribeiro

roz e carne à população que veio do interior sendo algumas camionetas de arroz oferecidas pelos comerciantes, e búfalos também oferecidos por diversas entidades por iniciativa própria, embora não saiba em pormenor como as coisas se passaram. Viu num jornal em Lisboa uma referência segundo a qual aquela manifestação ao Ministro teria sido organizada "à antiga maneira fegetista". Acrescentou que é preciso não se saber nada da população de Timor, nem o que se está a dizer, ou então ter-se uma intenção pouco honesta sobre o problema por que de facto não foi assim, e fez-se o que se devia fazer.

Em relação às populações, os nossos militares políticos sabiam muito pouco, mas que havia em Timor muita gente capaz que conhecia bem as populações e que era da sua opinião. Referiu entre estes o Tenente Santa, que conhecia extraordinariamente bem o povo timorense, era funcionário que gozava de alto prestígio entre a população e cujo conselho pedia, sempre que tinha de tratar assuntos relativos aos timorenses, ao contrário do que faziam os "aprendizes de feiticeiro" que, ao fim de poucos meses de estarem na Província, já sabiam tudo sobre as populações. - De duas uma, ou eram inconscientes, ou mal intencionados, e os resultados viram-se -.

Na sua visita, o Ministro Almeida Santos esteve em Timor 2 dias. Durante este tempo, viu aquilo que disse quando regressou a Lisboa. Disse que solicitou a atenção do Ministro para dois pontos: primeiro, disse-lhe que iria ter muita dificuldade em transmitir em Lisboa o que ali se passou, em segundo lugar pediu-lhe a atenção para a expressão daquela gente, dizendo que podiam forçá-los a estar ali em mas-

sa, podiam forçá-los a dar vivas, mas não podiam forçar as expressões das caras deles, e essas não deixavam dúvidas ...

Entretanto, como a viagem ao interior demorava cerca de 2 ou 3 horas para cada lado, foi a única possibilidade que teve de falar com tempo com o Ministro e pôr-lhe os problemas de Timor, que eram muitos, e possui ainda cópia do sumário dos assuntos que tratou e lhe entregou. Antes de o Ministro sair de Timor, proporcionou-lhe um contacto com todos os funcionários, no Palácio do Governo e durante um beberete. Que o Ministro a certa altura lhe perguntou se havia alguma coisa contra o Major Leandro, ao que respondeu que tinha ouvido dizer qualquer coisa, mas que não lhe interessava a vida particular dos outros, e que estava presente o delegado do Procurador da República que tinha o processo, e lhe poderia dizer alguma coisa. O Procurador da República foi chamado pelo Ministro a quem disse que havia algo gravíssimo contra o Major Leandro, ao que o Ministro retorquiu "Então não posso nomeá-lo Governador de Timor, nomeou-o Governador de Macau... Crê que há em Lisboa 2 pessoas cujos nomes, por enquanto, não deseja revelar, que terão uma, a cópia parcial do processo, outra, a cópia integral ..."

Que ao tempo em que era Governador, o Cor. Almeida, o Consul português em Djakarta, Dr. Girão, tinha-o contactado para ir a Dili, a fim de se inteirar dos problemas de Timor e assim poder em Djakarta, colaborar com as autoridades portuguesas de Timor. O Coronel Almeida quando partiu deixou ao declarante umas três folhas dactilografadas com os assuntos mais importantes a serem tratados. Entre estes constava a visita do nosso Consul em Djakarta, Dr. Girão que mais tarde se reali-

7

zou: Quando o Dr. Girão chegou a Dili, disse-lhe o declarante que poderia ali estar o tempo que entendesse conveniente, ver e falar com quem quizesse, mas que lhe impunha que contactasse todos os chefes de serviço civis e militares, com o representante da Associação Comercial, com os representantes diplomáticos acreditados em Dili, (Indonésia e China), com o Chefe do Estado Maior de Timor e, por fim, que viesse falar consigo e lhe dissesse se achava o seu procedimento correcto ou errado, o que ele assim fez.

Que passado algum tempo, chegou a Dili um Inspector Administrativo enviado pelo Ministério da Coordenação Inter-Territorial, o Inspector Sousa Santos, certamente para tomar conhecimento da situação, a quem recomendou o mesmo procedimento que tinha sugerido ao Dr. Girão. Estabelecidos os contactos e feitas as visitas que entendeu, o Inspector Sousa Santos compareceu no gabinete do declarante para lhe transmitir as suas impressões e dando-lhe a entender, no final, que o declarante estaria a ser apunhalado pelas costas pelo Chefe do Estado Maior de Timor, ao que o declarante respondeu que já o sabia. Mas que, apesar disso, tinha sempre feito o possível por manter toda a correcção, não deixando transparecer qualquer desacordo que pudesse ter repercussões sobre a população. O declarante manteve sempre esta conduta inalterável até ao dia da partida do Major Metelo e inclusive nesse dia, foi despedir-se dele ao Aeroporto. Quando se deslocava ao interior em visitas e contactos, quer com os militares, quer com a população, convidava sempre o Chefe do Estado Maior para o acompanhar ou, quando não o desejasse ou pudesse fazer, solicitava-lhe que

8

nhecendo-lhe a sua capacidade, determinou-lhe que o passasse a acompanhar sempre nas suas deslocações ao interior, gravando todas as declarações que o declarante fizesse, para que as pudesse reproduzir com fidelidade, dando-lhes difusão também com a mesma fidelidade. Entendia o declarante que por este processo, era possível fazer conhecer, além de Timor, todo o seu procedimento, sem que houvesse lugar para deturpações ou dúvidas quanto ao seu pensamento, em relação aos princípios enunciados pelo MFA. Embora solicitado, nunca deu entrevistas ao jornal, excepto quando soube da nomeação do novo Governador de Timor, e como tinha conhecido o Sr. Ten. Cor Lemos Pires na Guiné, e de quem ficara com uma óptima impressão, procurou nessa entrevista dar o maior relevo à personalidade do novo Governador e portanto abrir caminho para a sua aceitação.

Que o CEM nas mensagens que mandara para Lisboa "sem o seu conhecimento" dizia sempre que o Governo estava inoperante, mas o Governo estava inoperante porque não fazia os disparates que ele queria que fizesse, e que deram o resultado que mais tarde se viu, com outros que seguiram as suas pegadas. Nessa mensagem ele referia-se aos chefes de serviço militares que tinham uma craveira fora de série, mas a quem ele chamava "inconformistas e reaccionários", assim como ao Comandante da PSP, ao chefe do Serviço de Justiça, ao chefe do Serviço da Marinha, pessoas com quem, antes do 25 de Abril, se dava muito bem, segundo se dizia, e de quem se afastou depois daquela data. Disse que tem em seu poder cópias dessas mensagens, e cujos originais supõe deverem existir no EMGFA e portanto serem juntas a este auto.

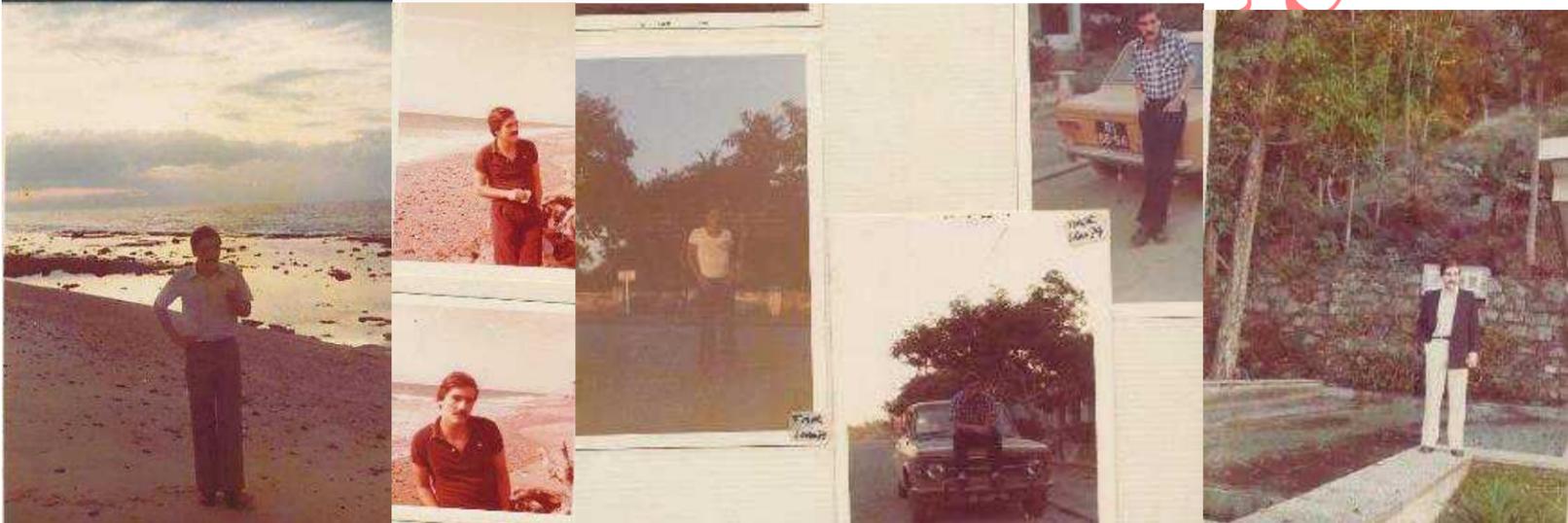
Inibo-me de tecer qualquer comentário ao que atrás fica transcrito e sugiro vivamente a leitura da minha Trilogia da História de Timor – em especial o primeiro volume <https://www.lusofonias.net/arquivos/407/Timor-Leste/234/Historia-de-Timor-volume1-trilogia.pdf>



HOTEL TURISMO - ACABADO DE CHEGAR DE BOBONARO, NUMA DAS PRIMEIRAS IDAS À PRAIA DA AREIA BRANCA JANº 74



- A ACOMODAR-ME COM NOVOS AMIGOS E COLEGAS DE INFORTÚNIO (O PERES DA COSTA, DE AROUCA, A MULHER DELE E A MULHER DO DENTISTA OCTÁVIO, AO FUNDO, JOSÉ JOAQUIM ESPIGA TOMÁS GOMES SENTADO (D^{TA}) ERA O SECRETÁRIO DO GOVERNADOR



Na Praia do Farol em Dili junho 74 - agosto 74

BAIRRO DO FAROL, DILI, JULHO 1974

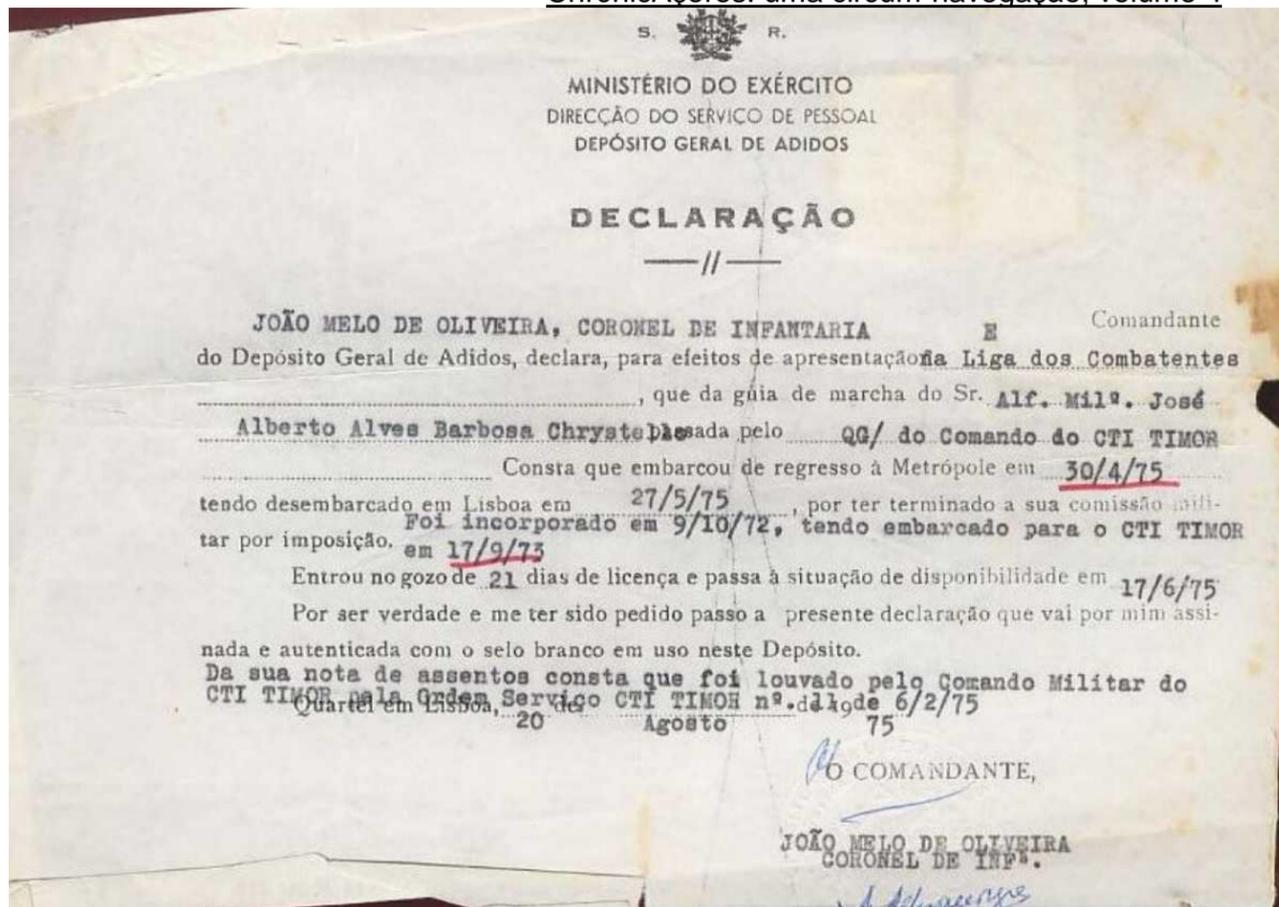
Seminário de Dare, sobranceiro a Dili agosto 74



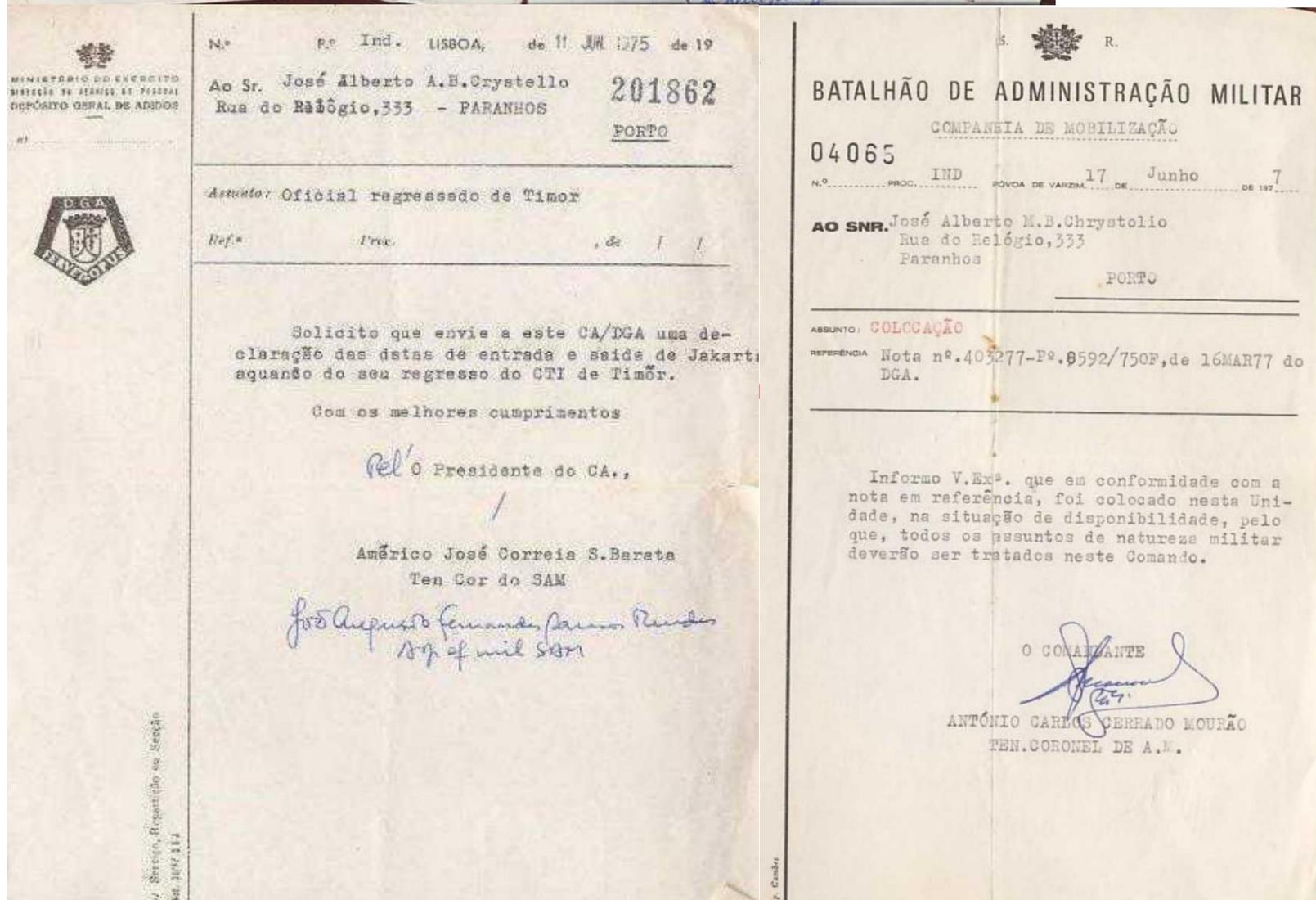
A 1ª CASA NA PETROTIMOR PARCAMENTE MOBILADA COM OS POUCOS MEIOS LOCAIS

Aparte a minha obra Trilogia da História de Timor, os meus arquivos foram remetidos e oferecidos à Torre do Tombo em 2011, resta esperar que um dia sejam tornados públicos para trazer a lume o que Timor era até ao fim da administração portuguesa.

(Tudo o resto pode ler-se na citada Trilogia da História de Timor em 3 volumes e mais de 3760 páginas vol. 1 <https://www.lusofonias.net/arquivos/407/Timor-Leste/234/Historia-de-Timor-volume1-trilogia.pdf> ; vol. 2 <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf>; vol. 3 <https://www.lusofonias.net/arquivos/407/Timor-Leste/229/Historia-de-Timor-volume3-trilogia.pdf> ou condensado num só volume em <https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/>



Citar



O MOMENTO DE LIBERTAÇÃO FINAL DO SMO. PENA É QUE NÃO ACERTEM COM O APELIDO

CRÓNICA 96-98, MACAU NÃO É TÉRA MINHA, 26 ABRIL – 16 MAIO 2011
98.0. INTRODUÇÃO

(a Macau)

“Às vezes, temes que eu não te ame tanto quanto gostarias?
 Minha querida, eu te amo sempre e eternamente, sem reservas.
 Quanto mais conheci, mais amei.
 De todas as maneiras até meus ciúmes foram agonias de amor; no mais violento acesso que sofri, teria morrido de amor por ti.
 Já te atormentei demais, mas por amor! Posso evitá-lo? Sempre te renovo.
 O último dos teus beijos sempre foi o mais doce, o último sorriso o mais luminoso, o último gesto, o mais gracioso.
 Ontem, ..., fiquei tão cheio de admiração como se te visse pela primeira vez”.
 John Keats

Vivi lá de 1976 a 1982 (Macau) e aprendi imenso com eles, foi uma inolvidável experiência voltar este ano com os colóquios da lusofonia e durante dez dias estar rodeado daquela gente e cultura e fazer comparações muitas vezes negativas para a civilização ocidental onde vivo há 15 anos...

... em épocas de crise sobretudo de crises de valores parece haver um chamamento para as ancestrais práticas budistas, pelo menos em parte ...
 ... aliás viver na Lomba da Maia já é - em si mesmo - um despojar de materialismos inúteis...claro que muita coisa me desagradava na maneira de ser chinesa e Macau e HK são hoje capitais do consumismo desenfreado, mas existem ainda janelas de vida para além de casinos e coisas quejandas...
 ... aprendi com eles que o presente nada conta sem carregar o passado e que o amanhã é sempre muito distante e é para ele que se deve trabalhar sabendo que nunca veremos frutos em vida...

... fui criado como católico, apostólico romano como quase todos, embora seja ateu..., mas se algum dia me aproximar de alguma religião ou "modo de vida" será, sem dúvida o budismo. Mais do que uma religião, o budismo (Buda não era Deus nem seu representante) é uma filosofia de vida...

... já perdi a capacidade de ser vingativo..., mas sinto que apesar da elevada espiritualidade sem religião que possuo e de trabalhar graciosamente 99% do ano para a minha missão na terra, defesa da língua de todos nós através dos colóquios da lusofonia, com prejuízo para o bem-estar meu e da família (só quero ter o suficiente para sobreviver), faz-me falta atingir a meditação transcendental, pois ainda não passo da meditação básica como qualquer outro ser humano básico...

... estou farto da maldade, da mentira, da injustiça que me rodeia, fujo das grandes cidades que aniquilam o ego naquilo que ele exige de direito à liberdade de pensamento e de expressão... tornei-me mais eremita que o Daniel (de Sá) e anseio por um nicho que (por vezes) os Açores e mesmo a Lomba da Maia já não proporcionam se bem que muito melhores que Lisboa, Porto ou PDL...

... enfim divagações e lucubrações mentais ensonadas enquanto acabo de gravar as atas do colóquio que teimo em entregar antes do colóquio começar como fazemos desde 2002 em vez de fazer portuguesmente a sua entrega mais de um ano após o evento... todos têm noções demasiado rígidas e normas demasiado apertadas a que não sou capaz de me cingir, ..., já me chamaram de tudo, mas como não sou de velcro não pega nada nem um só rótulo se agarra...

... divulgo os autores açorianos apenas porque gosto deles e entendo que todos os deviam ler, nada mais, nem fama nem proveito busco que já tive toda a que precisava até aos 45 anos, agora aos 62 tento deixar um legado de dádiva à comunidade que me rodeia em troca de nada...

Marco Polo (1254-1324) depois de viver no Oriente por 18 anos, e adquirir uma posição de prestígio na corte de Kublai-Klan, ao regressar, trouxe da China recordações curiosas para o Ocidente: o macarrão, a bússola, a pólvora, e a gravura de madeira, um dos antecedentes da imprensa.

Durante a época em que estive no cativo em Veneza, junto com o seu companheiro de prisão, Rusticiano de Pisa (Rustichello), escreveu o que viu e ouviu na sua viagem pelo Oriente no "Livro do milhão de maravilhas do mundo", conjunto de mitos e lendas, que, segundo ele, não era a metade do que viu.

Este livro serviu para despertar o imaginário dos europeus e suas ambições e para subjugar o Oriente à Europa pela ideia de que ali existia o Paraíso Terrestre.

Por seu turno, outro dos primeiros europeus por terras de Cataio, foi Frei Bento de Góis (1562-1607), um açoriano de São Miguel, que entrou para os Jesuítas em Goa (1584) com os seus dotes linguísticos e diplomáticos.

Em 1595 foi emissário entre o Grande Mogul e o Vice-Rei das Índias.

Em setembro de 1602 partiu de Goa em busca do lendário Cataio, reino onde se afirmava existirem comunidades cristãs nestorianas.

A viagem era muito extensa (mais de 6 mil quilómetros) e de longa duração (mais de três anos), e onde grandes obstáculos se deparam ao longo do percurso, com muitos conflitos na região, uma profusão de reinos e estados, e grandes montanhas e desertos.

Para além disso, a maior parte do seu percurso foi realizado em território de muçulmanos que nutriam especial animosidade pelos cristãos.

Em inícios de 1606 Bento de Góis chegou a Sochow (Suzhou, agora Jiuquan), junto da Muralha da China, uma cidade próxima de Dunhuang na província de Gansu.

Góis provou assim que o reino de Cataio e o reino da China eram afinal o mesmo, tal como a cidade de Khambalaik, de Marco Polo, era efetivamente a cidade de Pequim.

Doente (por ter sido atacado, assaltado e ferido) e com poucos meios de subsistência comunicou-o em carta ao padre Matteo Ricci, residente na corte de Pequim, que lhe enviou o padre João Fernandes, um jesuíta de origem chinesa, para o conduzir até Pequim.

Contudo, quando este alcançou Bento de Góis já ele estava à beira da morte, o que ocorreu em 11 de abril de 1607.

98.1. MACAU NÃO É TERA MINHA

Ao iniciar a trilogia da Crónica Açores escreveu-se, mais ou menos, isto

"Aqui não há Dom Quixote, nem Sancho Pança nem moinhos de vento, contra os quais espadanar.

Há apenas um cavaleiro da poesia, da utopia, temeroso e aventureiro, sequeiro de aprender outras línguas, hábitos e culturas.

De Trás-os-Montes, mátria desconhecida parte à conquista do "Iulic" em Timor Português, dos hippies em Bali na Indonésia, sobrevive em Portugal ao "verão quente" de 1975, atravessa as Portas do Cerco na China de Macau, percorre a Austrália Ocidental, Vitória e Nova Gales do Sul, com passagens pelo oriente do meio e seus emirados, metade da Europa, da Ásia e parte do Pacífico Sul, antes de ir redescobrir o Brasil e Portugal e outros países para, por fim aterrar como uma águia de asa-redonda (*Buteo buteo rothschildi*) na ilha de S. Miguel, Açores.

Daqui parti fugazmente à conquista de novas ilhas (Santa Maria, Faial, Pico e S. Jorge).

Se na pátria Austrália descobri uma tribo aborígene a falar um crioulo português com mais de 450 anos, descobri Bragança como Mátria e nos Açores descobri um povo e uma literatura que a maior parte do mundo desconhecia".

A inquietude persegue-me desde que saí da Europa em 1973 e me abri ao conhecimento universal e multicultural. Adquiri uma errância mais própria de nómadas ciganos do que das minhas origens sedentárias de marrano galaico-português.

Esta inconstância assola-me mais desde que me arquipelizei nos Açores, há seis anos, sendo caracterizada pela infidelidade no amor à ilha que habito.

De cada vez que daqui saio, visito ou conheço nova ilha apaixono-me loucamente como se fora um jovem adolescente de sangue quente em busca de paixões avassaladoras como são os amores da juventude.

A minha Crónica Açores em livro retrata amores de Timor, Macau, Austrália, Brasil, Bragança e Açores e, futuramente, retratará esta paixão súbita surgida do nada que foram dez dias em Macau e adjacências. Acordo a pensar em Macau, deito-me a sonhar com ela, divago todo o dia em mil e um recantos que guardo ciosamente na memória com medo de os perder.

Essa mistura imagética combina culturas e sons e persegue-me com a sua mística enleante, atrai-me, chama-me e seduz-me em cabaias provocantes, pede-me que a descubra como outrora a descobriram os portugueses que por ali andaram há quinhentos anos. Macau é nome de mulher, de deusa, de sereia, religião, amores por mitigar. Agora, em vez de uma imagem mítica de uma Macau retrógrada e com algumas pinceladas portuguesas, surge uma nova identidade mais embiocada, voltada ao futuro, à imparável rapidez do progresso: prédios construídos com andaimes de bambu, estradas, pontes e túneis, aterros e junção de ilhas. Da vontade de criar coisas novas sem jamais descurar a herança do passado que marca a diferença entre esta urbe e as restantes megalópoles asiáticas. Nela, reavistei alguns esconsos lugares que guardei na memória velha de trinta anos, e redescobri uma cidade nova pujante de vida e de futuro, onde dantes habitavam fantasmas de passados coloniais cheios de plumas ocas de governantes, meros tigres de papel como aqueles papagaios de seda que se levam à praia de Hác Sa para voar ao domingo.

Revi amigos e familiares como se só ontem me tivesse apartado deles, não sem que antes deixasse cair a lágrima furtiva ao canto do olho, pelas memórias dos bons momentos passados juntos. É sempre bom saber que ainda há gente octogenária disposta a conduzir horas para se encontrar comigo, quando outros, bem mais novos, nem sequer uns passos dariam para o fazer. Ao contrário de Vasco da Gama e das suas comitivas que pouco mais levavam do que diminutas oferendas de colares de contas e outras bugigangas, fomos (eu e a comitiva dos Colóquios da Lusofonia) recebidos como se pertencêssemos a um séquito imperial na corte da dinastia Qing, que nisto de ancestralidade e de cultura e de sabedoria os chineses já as cultivam há milhares de anos. Assim, tratam os forasteiros que vêm por bem, sem devaneios de um Quinto Império, apenas trazendo na bagagem o sonho de uma Lusofonia universal que a todos irmane num mesmo denominador comum, uma língua que falam, trabalham e vivem, qualquer que seja a raça, o credo ou a nacionalidade. Esta viagem ao sortilégio mágico dos orientes foi a primeira para muitos.

Para alguns outros tratou-se de visitar memórias, rever lugares e pessoas e redescobrir espaços e tempos que numa qualquer situação anterior foram importantes. Para mim, havia a agenda secreta de cumprir mais uma missão impossível, lançar projetos de salvação de um crioulo maquista em vias de extinção, com a ajuda de todos, os poucos que, denodadamente, no local o tentam manter vivo. Para isso haveria de congregar esforços e lutas e abrir novos rumos. Era

apenas um mero facilitador de vontades, um voluntário da Lusofonia, não buscando fama nem honrarias, apenas a possibilidade de fazer a diferença com os Colóquios a agirem como representantes da sociedade civil atuante. Bastava a honra de poder ouvir e aprender com os grandes mestres e patronos Evanildo Bechara e Malaca Casteleiro. Nisto de insularidades já levo a minha conta de aprendizagens, feitas por medida no alfaiate dos sonhos, mas falta-me a imaginação de Marco Polo ou de Fernão Mendes Pinto para descrever esta inopinada ida ao Grande Império do Meio surgida, quase de imprevisto, no dealbar do outono da vida, tão rica e privilegiada de viagens e aprendizagens diversas em vários continentes. Sempre tão pródigo em palavras fiquei acabrunhado, emudecido, e - até - consternado pela inadequação ao tratamento com que me honravam.

Domine non sum dignus.

98.2. MACAU REVISITADO PARTE 1

O poeta devaneia, deus dispõe e o homem executa, estas poderiam ser as palavras que melhor definiriam a génese deste 15º colóquio da lusofonia.

Segundo os arqueólogos, Macau¹⁶ já era habitada no Neolítico, há seis mil anos. Durante a dinastia Ch'in Ch'ao Qin (248- 206 A.C.), Macau pertencia ao condado de Panyu, na prefeitura de Nanhai (hoje Guangdong).

Em 1152, na dinastia Song do Sul, o governo de Guangdong uniu as ilhas¹⁷ para formar o condado de Xiangshan e Macau passou a fazer parte deste. Foi nesta época que se registou oficialmente a presença de habitantes na área, em busca de asilo das invasões mongóis. Entre 1368-1644, durante a Dinastia Ming, pescadores de Cantão e de Fujian estabeleceram-se em Macau, construíram o famoso Templo de A-Má e várias povoações, como Mong-Há. Pensa-se que o original Templo de Kun lam, o mais antigo, se localizava precisamente nesta região do norte da Península de Macau.

Em 1535, as autoridades de Guangdong transferiram o departamento de tributação de comércio com o estrangeiro para Macau e autorizaram os navios mercantes estrangeiros a ancorar em Macau, o que deu origem ao desenvolvimento do comércio entre a China e os países ocidentais. Em 1554, o governo Ming autorizou os portugueses a negociar com a China em Langbai e Haojing, o que facilitou a influência de Portugal em Macau nos quatro séculos seguintes.

Os portugueses estabeleceram-se ilegal e provisoriamente em Macau sob o pretexto de secar a sua carga. Foi em 1555 que os portugueses começaram a frequentar uma pequena península na ilha de Hèong-Sán (Heungshan), hoje Tchông-Sán, no delta do rio das Pérolas. Na ponta meridional dessa península encontram um vistoso templo consagrado à deusa M-Nèong, vulgo A-Má que dava o nome de Amá-Ou ou A'-Má-Kong a essa baía que aportuguesaram para Amacao. Vinte e seis (26) anos depois a povoação era a Cidade de Nome de Deus, atual Ou-Mun com todas "as liberdades, honras e preminências" que gozava então a cidade de Évora¹⁸ pois era o único entreposto através do qual os chineses comerciavam com os seus vizinhos japoneses.

Em 1557, as autoridades chinesas deram autorização para os portugueses ali se estabelecerem, concedendo-lhes um certo grau de autogovernação. Em troca, eram obrigados a pagar 500 taéis de prata de aluguer anual e impostos. Desde então, Macau desenvolveu-se como um entreposto e intermediário para o comércio triangular entre a China, o Japão e a Europa. Este comércio lucrativo trouxe enorme prosperidade a Macau, tornando-a numa grande cidade comercial e ajudando-a a atingir o seu auge durante os finais do séc. XVI e o início do séc. XVII. Para além de ser um entreposto comercial, Macau desempenhou também um papel ativo e fulcral na disseminação do Catolicismo, sendo ponto de formação e de partida de missionários para os diferentes países do Extremo Oriente. Por este motivo, o Papa Gregório XIII criou, em 1576, a Diocese de Macau. Os missionários locais desempenharam um papel importante no intercâmbio cultural, científico e artístico entre a China e o Ocidente bem como no desenvolvimento da cultura e da educação de Macau. Em 1583, foi criado pelos comerciantes de Macau, o Leal Senado, sede e símbolo do poder e do governo local. Este organismo político, considerado como a primeira câmara municipal, foi fundado para proteger o comércio, estabelecer ordem e segurança na cidade e resolver os problemas quotidianos. Apesar de a partir de 1623 Macau passar a ter um Governador português, o Leal Senado, continuou a manter uma grande autonomia até à primeira metade do século XIX e a exercer um papel fundamental na administração da cidade.

Em 1638-1639, o comércio com o Japão foi interrompido, devido à política de isolamento levados a cabo pelo xógum japonês, Tokugawa Iemitsu, o que afetou seriamente a economia local, que entrou rapidamente em declínio. Em 1640, numa tentativa de restabelecer o lucrativo e importante comércio, os portugueses residentes de Macau decidiram enviar uma embaixada ao Japão, mas, além de não conseguir o que desejavam, toda ela foi executada por ordem do poderoso xógum Tokugawa.

Em 1641, mais um outro acontecimento afetou a economia decadente de Macau: os portugueses perderam Malaca para os holandeses que já tinham conquistado várias possessões, zonas de influência e rotas comerciais portuguesas durante o período de ocupação filipina de Portugal. A perda desta importante cidade e base comercial causou distúrbios e desvios da rota habitual efetuada entre Macau e Goa e a diminuição do fornecimento de produtos comercializáveis com a China.

Em 1644, quando as Coroas de Portugal e de Espanha já estavam de novo separadas, encerrou-se o comércio com Manila e com os espanhóis sediados lá, causando mais problemas económico-financeiros para a Cidade de Macau. Só com o fim da rivalidade luso-espanhola foi o comércio reativado. Numa tentativa de ocupar Macau e a transformar em colónia, Portugal encetou uma série de invasões depois da Guerra do Ópio (1839-1842) mas em 1887, foi subscrito o "Tratado de Amizade e Comércio Sino-Português".

Quando a China e Portugal estabeleceram relações diplomáticas em 8 de fevereiro de 1979, os dois governos acordaram que Macau era parte integrante da China, embora provisoriamente sob administração portuguesa.

Em abril de 1987, foi assinada, em Pequim, a Declaração Conjunta Sino-Portuguesa, que marcou para 20 de dezembro de 1999 a data em Macau regressou oficialmente à pátria. Com a sua economia em rápido crescimento após a reunificação, tal como o seu símbolo tradicional, uma flor de lótus viçosa, Macau, desenvolve-se rumo à prosperidade e a um futuro brilhante.

Voltemos atrás para recordar que por volta de 1525, nasce um parente de Vasco da Gama, Luís Vaz de Camões¹⁹, pertencente à pequena nobreza. Nomeado para provedor-mor dos bens de defuntos e ausentes da China, Camões parte para Macau em 1556. Reza a tradição que esteve em Patane, sítio aprazível e pitoresco à beira-mar, chamando-se-lhe, ainda que impropriamente, Gruta de Camões. Conta a lenda que, enquanto ali permaneceu, Camões escreveu, dia após dia, os versos de Os Lusíadas.

Todavia, a própria gruta parece desmentir a versão da lenda: é extremamente pequena, quase uma fenda na rocha, que era - então - frequentemente salpicada pelas águas das marés mais altas. É improvável que Camões tenha conseguido permanecer nela durante tanto tempo. Esta tradição plurissecular foi acatada e respeitada por todos os historiadores e biógrafos do poeta, havendo apenas divergências acidentais da parte de Teófilo Braga, Lacerda²⁰, Juromenha e Wilhelm Storck quanto à data da sua vinda e outras minúcias, ficando, porém, de pé o facto principal, a estada do poeta em Macau, segundo longamente escreveu o Padre Manuel Teixeira²¹ que diz:

"... mas nos primeiros anos do século passado, em 1907, houve quem pretendesse contestar este facto e relegar a tradição para os domínios da lenda".

Já antes, em 1899, o ilustre orientalista J. F. Marques Pereira, expusera bem fundadas dúvidas sobre a estada de Camões em Macau como Provedor dos defuntos e ausentes. Ora, há aqui duas questões que importa não confundir:

- 1.ª -Esteve Camões em Macau?
- 2.ª -Foi Camões Provedor dos defuntos e ausentes em Macau?

À primeira respondemos afirmativamente com a tradição. À segunda respondemos negativamente com razões históricas. Esteve Camões em Macau? Respondem afirmativamente toda uma plêiade de brilhantes e profundos

¹⁶ (em chinês: 澳門; pinyin: Àomén; em cantonês, Ou-Mun)[15]

¹⁷ Dos condados de Nanhai, Panyu, Xinhui e Dongguan

¹⁸ Macau, Factos e Lendas de Luís Gonzaga Gomes, Tipografia Mandarim, Macau, outubro 1979

¹⁹ filho do fidalgo Simão Vaz de Camões e de Ana de Sá Macedo,

²⁰ João António de Lemos Pereira de Lacerda

²¹ <http://www.library.gov.mo/macreturn/DATA/PP272/index.htm>

historiadores dos séculos passados. Começou a negá-lo João Frick em 1907, o qual aventou a hipótese de o poeta ter ido morrer, "com a espada na mão, ao lado do seu rei nos campos d'Alcácer-Quibir." Depois deste, apareceram alguns articulistas a copiar as suas objeções; o mais ilustre defensor da tese negativa foi o Dr. Luiz da Cunha Gonçalves que, no seu livro, diz que Camões não esteve em Macau e ampliou a tese que João Frick ²², com o pseudónimo de Gonçalo da Gama, publicara no jornal "Portugal". João Frick diz que Camões não esteve em Macau porque, à data, Macau não existia, não passando dum covil de piratas; Cunha Gonçalves diz que "entre 1556 a 1559, não havia chinesas cristãs..." A isto respondeu o Dr. Jordão de Freitas em artigo publicado no Portugal, n.º 98, de 2 junho 1907, e reproduzido em O Oriente Portuguez²³, da seguinte forma:

"Antes de passar adiante, seja-me permitido advertir que Macau (Maquao, Amaquao, Amacau, Amacoao, Amaquã, Amaquan), é nome que à ilha ou península, de que se trata, se dava já em 1555 (se não antes) e não apenas mais tarde, de 1557. Uma das cartas escriptas por Fernão Mendes Pinto, quando fazia parte da Companhia de Jesus, editadas e anotadas em 1902 em Hamburgo pelo dr. Nachod, em face do codice 49-IV-50, fl. 95 a 98, é datada de "Amacao" no mez de novembro de 1555. Nesta carta diz o auctor da Peregrinação: "Mas porque hoje cheguei de Lampacau, que é o porto onde estamos, a este amaquã que é outras seis leguas mais adiante aonde achei ao padre Mestre Belchior que veio aqui de Cantam..." De Macau e do mesmo mez e anno de 1555 são igualmente datadas duas cartas do padre jesuíta Belchior Nunes Barreto; uma dirigida para Roma a Santo Ignacio de Loyola e publicada em Coimbra (em hespanhol) e em Veneza (em italiano) no anno 1565; a outra remetida para Goa aos padres e irmãos da Companhia e de que se conserva copia no codice da Real Bibliotheca da Ajuda 49-IV-49, fl. 236-237, bem como da primeira a fl. 237-241v."

Concluimos com palavras de Camilo Pessanha em "A Pátria"²⁴ (7 de junho de 1924):

"A vitalidade das tradições lendárias, ou quase lendárias, depende essencialmente de dois requisitos. É necessário que o objeto a que se referem se imponha pela sua grandeza à admiração contemplativa de todos os tempos. É-o igualmente que a própria tradição, nos diversos fatores que a constituem, seja adequada a esse objeto. As tradições pertencem ao folclore, há nelas, preponderante, um elemento estético; e toda a obra de arte precisa, antes de mais nada, de ser bem equilibrada. Quanto à grandeza gigantesca de Camões, e à da assombrosa epopeia marítima que culminou na formação do vasto império português do século XVI, estão acima de qualquer discussão. Resta apenas ponderar se Macau, esta exígua península portuguesa do mar da China ligada ao distrito chinês de Hèong-Sán, tem qualidades que a recomendem para assim andar associada à memória dessa epopeia e à biografia do poeta sublime que a cantou."

Voltando à lenda: Camões despediu-se da gruta de Patane, que escutara o eco dos seus sonhos e do seu desespero, e apresentou-se ao capitão da Nau de Prata. Interrogado sobre o papel enrolado que levava na mão, Camões respondeu que era toda a sua fortuna, a epopeia Os Lusíadas, que, segundo a lenda, terá sido escrita naquela gruta, com toda a alma e toda a saudade de português, injustamente privado da pátria, seu maior tesouro e único companheiro de infortúnio. Da amurada da nau, Camões ouviu uma voz de mulher que o interrogava sobre a sua tristeza. Era uma nativa de Patane, em quem ele nunca tinha reparado, apesar da sua extrema beleza. Tin-Nam-Men era o seu nome que significava "Porta da Terra do Sul", a Porta do Paraíso. Ela tinha observado Camões, durante muito tempo, sem nunca se atrever a falar-lhe. Perdidamente apaixonada, tinha-o seguido até ao barco. Partiu com o poeta, e conta a lenda que ali nasceu mais uma relação amorosa na vida romanesca de Luís de Camões. Com a Nau de Prata a afundar-se na foz do rio Mekong, embarcaram as mulheres num batel e os homens salvaram-se a nado. Camões, de braço no ar, segurando Os Lusíadas, nadou até terra, mas o barco onde seguia a linda Tin-Nam-Men foi engolido pelas ondas. Foi à bela Dinamene, como o poeta lhe chamou, que Camões terá dedicado os seus belos sonetos "Alma minha gentil, que te partiste..." e também "Ah! Minha Dinamene! Assi deixaste".

<i>ah, minha dinamene assi deixaste quem não deixara nunca de querer-te! ah, ninfa minha, já não posso ver-te, tão asinha esta vida desprezaste!</i>	<i>alma minha gentil, que te partiste tão cedo desta vida, descontente, repousa lá no céu eternamente e viva eu cá na terra sempre triste.</i>
<i>como já para sempre te apartaste de quem tão longe estava de perder-te? puderam estas ondas defender-te que não visses quem tanto magoaste?</i>	<i>se lá no assento etéreo, onde subiste, memória desta vida se consente, não te esqueças daquele amor ardente que já nos olhos meus tão puro viste.</i>
<i>nem falar-te somente a dura morte me deixou, que tão cedo o negro manto em teus olhos deitado consentiste!</i>	<i>e se vires que pode merecer-te alguma cousa a dor que me ficou da mágoa, sem remédio, de perder-te,</i>
<i>ó mar! ó céu! ó minha escura sorte! qual pena sentirei, que valha tanto, que ainda tenho por pouco o viver triste?</i>	<i>roga a deus, que teus anos encurtou, que tão cedo de cá me leve a ver-te, quão cedo de meus olhos te levou.</i>

O Rio das Pérolas²⁵ desagua no Mar da China e banha, de um lado, Hong Kong, do outro, Macau. O próprio nome induz a promessas de riqueza e os encantos de Macau souberam atrair o pintor George Chinnery (1774-1852) que a 29 de setembro de 1825, chegou vindo de Calcutá e ficou em Macau os restantes 27 anos de vida, tornando-se no mais célebre pintor da sua história que ali viveu.

Durante a segunda guerra mundial (1943), o artista russo George Vitalievich Smirnoff (1903-1947) refugiou-se em Macau e o pintor macaense Luís Luciano Demée soube aprender rapidamente com ele. A sua técnica consistia em pinceladas vivas, produzindo aguarelas que descreviam os cenários românticos da cidade bem como o movimentado porto. Muitas outras personagens aqui se radicaram encantadas pelos sortilégios orientais e deixaram um considerável espólio literário como foi o caso de Manuel da Silva Mendes, nativo de Famalicão que chegou em 1901 e morreu em 1931, contemporâneo de Camilo Pessanha, nascido em Coimbra em 1867, residente em Macau a partir de 1894 onde faleceu em 1926. Há ainda um macaense muitas vezes esquecido que é Luís Gonzaga Gomes, falecido em 1976 com 69 anos, autor de inúmeras obras. Também gostaríamos de neste 15º Colóquio render preito a Graciete Batalha (1925-1992), Adé dos Santos Ferreira (1919-1993), Deolinda da Conceição (1914-1957), Henrique Senna-Fernandes (1923-2010) e Rodrigo Leal de Carvalho (1932-²⁶) entre muitos outros.

Como dizia Mallarmé "No fundo, o mundo é feito para acabar num belo livro".

Já Maria Alzira Seixo escreveu: "a escrita de viagem não pode ser encarada de modo global: há tantas escritas de viagens como sensibilidades históricas, culturais e estilísticas." (Seixo, 1998: 135²⁷).

²² No artigo de João Frick, publicado no jornal Portugal, n.º 2 de 1907, reproduzido na revista Oriente Português, vol. IV, abril de 1907, pp. 150-156, há muitas inexatidões
²³ vol. IV, n.º de julho e agosto de 1907, p. 293-94

²⁴ (citado em <http://theprovince.blogspot.com/2010/03/macau-e-gruta-de-camoes-por-camilo.html>)

²⁵ (Zhu Jiang, 珠江 pinyin: Zhū Jiāng)

²⁶ bibliografia <http://www.acvl.pt/titulos.php?selecao=aut&id=1847>

²⁷ Seixo, Maria Alzira (1998) - Poéticas da Viagem na Literatura, Lisboa, Edições Cosmos.

A experiência da viagem como deslocação no espaço - e no tempo - sempre esteve intimamente ligada à escrita, e a partir do século XIX nasce o conceito de "Viagem ao Oriente", espaço mítico, visão encantada de orientes fabulosos e mágicos onde os ocidentais projetam os seus sonhos e fantasmas, etapa essencial da iniciação espiritual, quiçá topográfica e topológica, à moda da velha Grécia com uma apropriação empírica, sensorial e intelectual do lugar. Decorrem tanto no imaginário dos autores como nas pátrias inventadas, países mentais e utopias que visam retratar. O primeiro volume de CrónicasAçores pretendia ser uma escrita de viagem, uma revisitação original do mito do Oriente sem ser épica.

98.3. A ÁSIA RECEBEU OS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA NUMA PONTE ENTRE OS AÇORES E MACAU. SESSÃO DE ABERTURA DO 15º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, MACAU 12 abril 2011

Como escreveu Eduardo Lourenço

"... os que por nós lá [Macau] foram para sempre e lá ficaram -, há muito que ela era para o Ocidente a porta aberta e misteriosa para uma quietude capaz de nos curar do nosso demoníaco desassossego. Mas foi a nossa chegada que a converteu para os outros em lugar de todos os sonhos e fantasmagorias. Para nós, todas as viagens são viagens..."

Havia já, então, em mim como que uma reencarnação do Dragão oriental, um dos quatro animais sagrados convocados por Pan Ku (o deus criador) para participarem na criação do mundo. É um misto de vários animais místicos: Olhos de tigre, corpo de serpente, patas de águia, chifres de veado, orelhas de boi, bigodes de carpa e etc. Simboliza a sabedoria e o Império, com as suas quatro patas.

Há uma noção que convém reter: nunca nos seus séculos de existência deixou Macau de fascinar e de marcar indelevelmente os que por aqui passaram, como foi também o meu caso entre 1976 e 1982.

Aprendi novas linguagens e culturas enriquecendo esta bagagem que comigo transporto às costas, caixeiro-viajante de sonhos que insisto em tornar realidade.

Assim se explica que este 15º colóquio da lusofonia tenha chegado não numa nau, mas nas asas desse sonho a que chamam Lusofonia, palavra que etimologicamente, significa fala dos lusos.

Nessa definição cabem todos quantos falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade.

Lusófonos são, portanto, todos, quantos, falando a língua de Camões, sentem que algo têm em comum, de idêntico, mas também de diferente de todos os outros que habitualmente falam outra língua e com ela se identificam.

Esta definição de Lusofonia será sempre um diálogo nessa secular língua que todos falam, incluindo o conjunto dos oito países de língua oficial portuguesa e suas correspondentes identidades culturais, bem como todas as Regiões em que a língua portuguesa é também utilizada como língua materna ou de património e abarcando todos os que trabalham como sua própria a língua portuguesa (mesmo que seja língua segunda, terceira, etc.).

Esta Lusofonia teve as suas raízes remotas nos séculos XV e XVI, quando passou a ser a principal língua universal de comunicação internacional entre todos os povos do mundo.

Irmanava povos distintos dos quatro continentes descobertos e tornava possível não só a mercancia como todos os atos entre nações e povos.

Com essa língua se criaram comunidades que ainda mantêm os seus crioulos e a sua identidade herdada pela língua que os unia.

Com essa língua se casaram e nasceram muitos dos que hoje dela descendem.

Os séculos passaram, a influência política desvaneceu-se e os laços religiosos foram irremediavelmente cortados na vasta Comunidade Cristã Crioula da Ásia, mas os crioulos de Português perduram como herança universal.

Isto de Lusofonias e Lusotopias tem muito que se lhe diga.

Falta muitas vezes aos Estados Ocidentais a visão, o amor e a dedicação que só alguns indivíduos conseguem ter pela língua e cultura.

Governos e governantes estão de candeias às avessas para a defesa desses valores, tal qual a população de S. Miguel nos Açores, está sempre de costas para o mar, enquanto outras não vivem sem ele, como no Pico.

Foi com a percepção da herança ancestral da língua que o Instituto Politécnico de Macau, através dos professores James Li (Changsen) e Choi Wai Hao, teve a visão e ambição de nos ajudar a trazer este colóquio até Macau, acedendo a um patrocínio do evento sem o qual jamais seria possível reunirmos aqui este vasto leque de especialistas em várias áreas do conhecimento. Foi graças à sua denodada tenacidade que tivemos em Macau representantes dos quatro continentes da grande nação de lusofalantes. Bem hajam por terem tido a sabedoria, ancestralmente herdada por milénios de civilização chinesa, de reconhecer a força e a capacidade de realização dos Colóquios da Lusofonia e de permitirem aos que aqui vivem, esta partilha imensamente rica da qual esperamos possam frutificar novos e arrojados projetos para anos vindouros.

Em 2001, os Colóquios brotaram do intuito de criar uma Cidadania da Língua. Queríamos que todos se irmanassem na Língua que nos une. Pretendíamos catapultar a Língua para a ribalta, numa frente comum, na realidade multilingue e multicultural das comunidades que a usam.

Em 2010 atravessámos os mares para ir ao Brasil e em 2011, embarcamos na nossa nau para arribar a Macau onde hoje se fala mais Português do que quando aqui vivi entre 1976 e 1982.

Ao contrário de Vasco da Gama os Colóquios da Lusofonia não buscaram o caminho marítimo para as Índias, antes se deslumbram com o que foi feito em Macau nos dez anos de regresso à soberania chinesa.

Ao fim de 15 edições, são a única realização regular, concreta e relevante sobre a LUSOFONIA, com um variado leque de participantes de todo o mundo.

Os Colóquios da Lusofonia na saga dos navegadores só arribaram ao arquipélago dos Açores em 2005 para debaterem a identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições. Em 2008 tiveram a presença do escritor da baleação, o picaroto Dias de Melo (falecido pouco depois) e o micalense Daniel de Sá. Em 2009, foi o prolífico escritor Cristóvão de Aguiar como convidado especial na Lagoa e em Bragança. Para 2010-2011, escolheram Vasco Pereira da Costa, um escritor açoriano que desempenhou durante sete anos, as funções de Diretor Regional da Cultura dos Açores, antes de ser fugazmente substituído pela (então) Ministra da Cultura de Portugal, Dra. Gabriela Canavilhas, presente na abertura do 11º Colóquio. Outros se seguirão.

Nesta porfia por repor os escritores portugueses, de matriz açoriana, no panteão que merecem existem outros para estudar, ler e divulgar.

É para eles, suas obras e memórias, que orientarão as edições futuras dos colóquios, para que sejam lidos e traduzidos como já estão sendo estudados nas Universidades de São Paulo, Brasil, graças às colegas Zélia Borges e Dina Ferreira e em universidades romenas e polacas, graças à colega Rosário Girão. Dispõem os Colóquios de tradutores a trabalhar na sua tradução para posteriormente serem editados naquelas línguas com apoio do Instituto Camões.

Chegaram a novos destinatários através do 1º curso de AÇORIANIDADES E INSULARIDADES da Universidade do Minho, da colega Rosário Girão, que passará a ser ministrado em plataforma e-ensino.

Nos últimos anos, assinaram parcerias com Universidades, Politécnicos e Academias para, com a sua validação científica, completarem projetos como a Dicionária Contrastiva da Língua Portuguesa e iniciaram o processo de passagem a associação cultural sem fins lucrativos concluído em 1 de janeiro de 2011.

As colegas Helena Chrystello e Rosário Girão ultimaram uma Antologia de Escritores Açorianos Contemporâneos para poderem ser estudados no currículo regional dos Açores.

Há mais de um ano, os Colóquios lançaram na sua página, os Cadernos de Estudos Açorianos, que visam dar a conhecer um pouco da obra dos inúmeros escritores açorianos, vindos das ilhas, onde se bem que haja mais vacas que gente, o clima, vegetação, vulcões e terramotos criaram um número desmedido de escritores. Por isso mantiveram como parceiro indiscutível, um patrocinador institucional desde 2008, a Câmara Municipal da Lagoa, através do seu Presidente Eng.º João Ponte, que infelizmente não pode estar presente em Macau - como previsto - em representação do Governo da Região Autónoma dos Açores.

Os oradores destes colóquios não buscam mais uma conferência, mas compartilham projetos e criam sinergias. Permutam impressões, ideias e metodologias, vivências e pontos de vista, dentro e fora das sessões. Com os colegas, repartem passeios, refeições e despedem-se no último dia como se de amigos se tratasse. É o que torna estes Colóquios distintos de qualquer outro congresso. Irmanados no ideal de "sociedade civil" capaz e atuante, juntos, são capazes de atingir o que a burocracia e a hierarquia não podem ou não querem.

Todos aqui presentes em Macau ajudarão a prestar uma justa homenagem a VASCO PEREIRA DA COSTA, escritor convidado.

Vieram exemplares de algumas das suas obras e persevera-se para que sejam lidos e traduzidos. Os temas escolhidos para este ano de 2011 retratam bem a posição dos Colóquios, como construtores de pontes entre Lusofonias entre as Américas, do Brasil ao Canadá, Açores, África, Europa e a China. Sempre houve açorianos em Macau e foi daqui que o chá partiu para a ilha de São Miguel, onde existem as únicas plantações europeias da planta.

Teremos além das palestras científicas, música, teatro e poesia de Macau, Açores, Galiza e Brasil, graças ao apoio incomensurável e à enorme bondade do Governo da RAEM e do nosso patrocinador, Instituto Politécnico de Macau.

Para além de proporcionar a viagem e estadia, concedeu apoio logístico a esta vasta comitiva, como ainda apoiou a estadia e alimentação dos restantes oradores e seus acompanhantes num gesto magnânimo raramente visto nestes dias em que todos clamam crise para se escusarem a apoios culturais.

A nossa comitiva inclui representantes das três Academias de Língua Portuguesa e colegas dos seguintes países e regiões: Açores, Alemanha, Austrália, Bélgica, Brasil, Bulgária, Canadá, Espanha, EUA, Galiza, Gana, Malaca, Moçambique, Portugal e Rússia.

Normalmente, o oriente veste-se de magia para os ocidentais e Macau acaba por ser mais esotérico ainda nas conceções que dele se fazem fruto de autores inúmeros que dele fizeram a sua base terrena.

Foi com estas premissas em mente que um grupo de cerca de quarenta pessoas partiu de vários pontos do mundo para o 15.º colóquio da lusofonia.

Para muitos seria um batismo enorme intercontinental e intercultural, para outros apenas um regresso - mais ou menos adiado - a uma terra que partilharam com sonhos e projetos vários.

A longa viagem começada pelas 12 horas de dia 9 em Ponta Delgada terminaria em Macau dois dias depois, pelas 16.00 horas locais de dia 11 (08.00 PDL) para um grupo de 31 viandantes que se juntaram em Lisboa.

Sem as habituais e sempre inconvenientes perdas de bagagem, fomos recebidos no cais pelos representantes do IPM e transportados ao luxuoso Rio Hotel & Casino Macau onde iríamos ficar durante os dez dias seguintes a escassos metros do IPM.

Na manhã seguinte teve início com toda a pompa e circunstância o 15.º colóquio, por entre espetáculos musicais que incluíam danças e cantares portugueses interpretados por jovens chineses, sendo alguns aprendizes de português há uns meros seis meses ou menos.

Seguiu-se um recital do cancionero Açoriano preenchido pelas mágicas mãos da pianista Ana Paula Andrade do Conservatório Regional de Ponta Delgada acompanhada da jovem e promissora soprano Raquel Machado.

Depois das sessões iniciais dedicadas ao AO 1990 e outros temas, houve uma pausa para visionar um documentário sobre o quase extinto patuá de Macau seguida do primeiro banquete, oferecido pelo IPM, com laivos de corte imperial chinesa: 15 pratos e seis entradas, deixando a maior parte dos presentes de olhos e estômagos plenos de imagens e sabores.

Momentos inesquecíveis na memória de muitos e a deixar antever o grau de hospitalidade oriental e seus protocolos rígidos, a que todos automaticamente aderiram.

Nessa noite já todos diziam que iria ser difícil igualar esta receção e as muitas honrarias que eram conferidas aos 48 participantes.

O segundo dia começou com o calor habitual 24-29 °C e a humidade elevada fazendo crer que a ilha de São Miguel nos Açores era um lugar seco.

Esta manhã era destinada ao rofeiro cultural pela Macau antiga organizado pela Rosário Girão, em homenagem a Henrique de Senna Fernandes, e teve o seu início no Jardim Camões onde junto à lendária gruta - num momento de magia inolvidável - se declamou poesia de Macau, Galiza, Brasil, África, Açores, etc. com as vozes de Vasco Pereira da Costa, Chrys, Concha Rousia e Luciano Pereira ao som de fundo do Lian Gong (a ginástica matinal chinesa), mesmo em frente à Gruta.

Depois, foi a visita ao excelente Museu de Macau e seus percursos paralelos entre Portugal e Macau, à reprodução dos modos de vida, das fachadas de casa típicas da construção luso-macaense, seguida de uma obrigatória visita às ruínas da Catedral de São Paulo, esse ex-líbris que o fogo quase consumiu na totalidade há mais de 200 anos.

A visita terminava na Livraria Portuguesa onde se percorreram edições de obras de autores macaenses antes de prosseguir para um banquete português com caldo verde, bolos de bacalhau, entre outras iguarias, oferecido pela Fundação Macau no restaurante Pinnocchio's da Taipa ora remodelado e com três andares em vez do andar térreo que eu lhe conhecia na década de 1970.

As sessões da tarde foram dedicadas a autores macaenses e a África antes de prosseguir com uma sessão especial na Livraria Portuguesa onde os três autores convidados (Vasco Pereira da Costa, Anabela Mimoso e Chrys Chrystello) iriam apresentar os seus novos livros.

A sessão começaria com uma homenagem curta ao seu dono, o jornalista Ricardo Pinto, pela colaboração dada a um programa mítico da rádio TDM em 1980 (o uísque e a cola, de Chrys Chrystello).

Curtas apresentações, mais algumas entrevistas e lá estavam todos de abalada para o Forte de Mong Há onde se situa a Pousada do mesmo nome e onde teria lugar o banquete oferecido pelo Instituto de Formação Turística, sendo os convivas as felizes e satisfeitas cobaias escolhidas para os mil e um deliciosos pratos confeccionados pelos alunos.

A manhã do terceiro dia de sessões foi totalmente dedicada a autores macaenses, interrompida para mais um banquete e, de tarde, seguia-se a sessão plenária dedicada à Literatura e Açorianidade onde se homenageava Vasco Pereira da Costa, com a presença do editor convidado e do autor da diáspora, Eduardo Bettencourt Pinto (Canadá).

Terminada esta sessão foi a comitiva e seu séquito em debandada para o Instituto Internacional de Macau onde se iria celebrar um protocolo dos Colóquios seguido de uma palestra do ex-governador Garcia Leandro e de um banquete ao ar livre de comida macaense típica.

No último dia de manhã houve textos dedicados a Macau e Açores estabelecendo as pontes que este colóquio se destinava a construir entre as insularidades da lusofonia afastadas continentes e oceanos. Ao almoço um banquete oferecido pela Direção dos Serviços de Turismo no luxuoso novo Hotel Lisboa Grand de Stanley Ho.

Logo na sobremesa, era a altura de correr de volta para o IPM e celebrar um Memorando de Entendimento entre os colóquios e o patrocinador deste evento, com a presença de todos os convidados e de cerca de vinte membros da comunicação social, com a habitual troca de presentes e as formalidades protocolares habituais.

Seguiu-se depois a última sessão académica antecedendo as conclusões do colóquio eivadas de agradecimentos e da promessa de regresso a partir de 2012, por entre promessas de lutar contra a extinção dos crioulos locais.

Por fim, o toque mágico de um espetáculo de viagem pelo mundo lusófono, percurso musical com atuações de representantes de várias zonas geográficas da lusofonia, da Índia a África e Ásia, com passagem obrigatória pelos Açores.

Terminava assim de forma sublime e mágica o colóquio deixando lágrimas nalguns dos presentes, desejosos de voltarem uns e outros ansiosos por se fixarem em Macau.

Os três dias seguintes, por conta de cada um, foram dedicados a visitar Zuhai na China, as ilhas da Taipa e Coloane depois de se perderem na voragem consumista de compras de souvenirs da Rua das Mariazinhas e antecedendo o último dia dedicado a explorar à vol d'oiseau essa enorme metrópole que é Hong Kong.

Dos luxos e iguarias não falaremos aqui pois a imagem de profissionalismo e rigor científico foi o que mais marcou este 15.º colóquio que o IPM coorganizou.

Começou já a contagem decrescente de 18 meses para o regresso à cidade que foi do Santo Nome de Deus e que, dez anos após o regresso à pátria chinesa, fervilha de vida e de progresso.²⁸

Parafraseando Cristóvão de Aguiar direi da Língua de todos nós:

Amo-a sem o empecilho da palavra.

Amo-a com os olhos, os ouvidos, as narinas abertas ao cio de seus aromas.

Amo-a com sentidos conhecidos e desconhecidos, a imaginação em fogo.

Amo-a com as vísceras do corpo e da alma. Aprendi a amá-la.

O Amor aprende-se, cultiva-se, rega-se.

Necessária uma predisposição íntima onde se alastre essa Ferida Amável, como tão eloquentemente escreveu, em título de livro, o Poeta Egito Gonçalves.

Os poetas têm sempre razão!"

In Cristóvão de Aguiar (in Nova Relação de Bordo, diário ou nem tanto ou talvez muito mais, Publicações D. Quixote, 2004)

É esse amor e o espírito de poeta que nos trouxe e aos nossos convidados até Macau onde vivi seis anos, para o maior colóquio realizado até hoje. Bem hajam por terem apoiado este sonho.

98.4. POESIA

Deixei a poesia de parte ao sair de Macau, em 1982, quiçá por ter secado a veia inspiradora, ou por pensar que era uma arte menor.

28 NB: O 15.º colóquio teve o alto Patrocínio do Instituto Politécnico de Macau (não só à comitiva oficial como aos restantes oradores e seus acompanhantes), bem como os apoios da Câmara Municipal da Lagoa (Açores), Presidência do Governo Regional dos Açores e Direção Regional das Comunidades, bem como dos patrocinadores locais: IIM (Instituto Internacional de Macau), Fundação Macau, Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, Direção dos Serviços de Turismo de Macau, Instituto de Formação Turística de Macau, Adelição (Açores). Veja as fotos em <https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1806-2014-11-23-13-49-15.html> e <https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/698-macau-15o-coloquio-2011-fotos.html>

O certo é que se passaram muitos anos até botar a pena ao papel e algo poético sair na alva folha que me confrontava. Fora em Floripa (Florianópolis, Estado de Santa Catarina, Brasil) numa sessão do 13º colóquio da lusofonia, em pleno palco, ao lado do Vasco Pereira da Costa que não resistira, pois, aquele homem não era um poeta, ele instilava e destilava poesia.

a ilha quilha
que ilha? a ilha
parto num parto precoce
náufrago em terra
açores à vista
as lhas – que ilhas?
nascidas do fogo
enterradas por vulcões
tremidos
tremuras
ternuras atlânticas
atlântidas
ilhas cativas
no tempo e no espaço
perdidas nas brumas
no basalto e na lava
piratas
corsários
aprimoram poetas
geram autores
concebem amores
ritos e crenças
benzeduras
contra doenças e maleitas
há momentos
como este
que deviam ficar eternos
parados no tempo
tudo pela ilha
tudo pelas ilhas
Chrys C., Saco Grosso, Floripa, Santa Catarina, Brasil, 7 abril 2010

A Concha Rousia convencera-me, em outubro de 2010, a associar-me à declamação de poemas do Vasco, o que viria a repetir em ambiente irrepetível na Gruta de Camões em abril 2011. Depois disso já escrevi mais uns poemas como este

ODE AO IPM: A CHINA E A LUSOFONIA

a cabeça de jade do dragão volitava promessas
nós dançando em volta e cantando
eram portuguesas as palavras
chinesas as faces
íamos falar de lusofonias
aprendemos harmonias
hospitaleiras gentes
fazendo nossa a casa delas
trataram-nos com honrarias
lusófonos dignitários Qing
deram lições de progresso
aprendemos seculares tradições
partilhamos verbos e nomes
humildes aprendizes de feiticeiros
pasmados
deslumbrados
fizemos vénias e sorrimos
cativados
fascinados
prometemos voltar

Chrys C., 15/4/2011

98.5. MACAU SEMPRE RENOVADO

Deixei Macau em 1982 depois de seis anos de permanência numa modorra ocidentalizada, entorpecida pela opiácea sonolência dos que aqui viviam, sem rumo nem guia por parte de uma administração portuguesa inócua, para vir a encontrar a cidade e ilhas pujantes de uma vitalidade assustadora, numa voragem de progresso que se não compadece com o lento reviver de memórias passadas, mas ainda assim as respeita e preserva para delas obter mais-valias e benfeitorias.

A cidade fervilha de gente e de atividade, incapaz de parar e se deleitar com as glórias passadas nesta nova realidade de um país e dois sistemas, preservando muitos dos antigos encantos e acrescentando os traços inelutáveis da modernidade dos seus 28 casinos que são o motor e o combustível de novas quimeras. Aqui, tem-se a sensação de que querer é poder, quer na reconquista de terrenos ao delta do Rio das Pérolas - que já duplicou a área do território -, quer na busca incessante por novas atrações que lhe permitam ser a mais moderna e a mais antiga das cidades na Ásia e a única ainda com respeito pela sua herança arquitetónica ocidental.

A hospitalidade e a gentileza das gentes desvaneceram todos, encantando e tornando irrepetível este 15º colóquio da lusofonia, desde os banquetes aos pequenos detalhes e atitudes pensadas numa minúcia que só as mentes orientais conseguem. Nada fora deixado ao improvisado - como é apanágio de portugueses e brasileiros - e tudo funcionou num rigor e pontualidade de fazer corar os britânicos. Em todos, porém, ficou a mágoa da falta de tempo para ver e aprender mais e - estamos certos - muitos vão querer voltar para continuar a lição eterna de aprendizagem que caracteriza a mente oriental. Isto apesar de muitos não se terem acostumado a olhar para o lado correto da estrada, nas passadeiras onde os peões têm de se precaver do ininterrupto trânsito (aqui guia-se do "outro lado" em relação a Portugal).

Assim como temiam, por vezes, comidas que desconheciam, inacostumados a tentar o que é novo e desconhecido, mais preocupados em dominar a maestria dos pauzinhos do que perder os pitéus e iguarias que se sucediam em ritmo alucinante qualquer que fosse o local de almoço ou jantar.

Os colóquios da lusofonia sempre primaram pela facilidade com que tornam desconhecidos em amigos e colegas e desta vez Macau não foi exceção, criando-se pontes entre culturas, levando a que ateus visitassem compungidamente templos budistas, taoistas e outros numa busca incessante de respostas a questões fundamentais que os atormentam. Gostava de saber responder à colega jornalista da TDM / RTP / Lusa que me perguntou sobre o turbilhão de emoções que devia andar dentro de mim, mas não pude nem sei. Uma controversa mistura de sensações, cheiros, cores e dores. A emoção descontrolada de voltar aonde se não pensou mais regressar, rever pessoas nunca esquecidas, mas afastadas pela lonjura dos mares, visitar passados e viver presentes sonhando futuros, esta poderia ser a resposta, mas nem eu estou certo de que o seja. Agora, resta cumprir os projetos delineados:

dentro do espírito de construção de pontes da insularidade que caracterizou este 15º colóquio da lusofonia foi decidido convidar – futuramente – tradutores de Macau e da R. P. da China para traduzirem obras de autores portugueses de matriz açoriana para chinês.

apoiar a criação de uma cadeira de estudos de patuá (em local e moldes a definir) e respetiva base de dados sobre o papiaçám di macau e o papiá kristang de Malaca e apoio às entidades que se dedicam a tal estudo.

garantir desde já a disponibilidade total dos colóquios perante o IIM, a escola portuguesa de macau, o grupo de teatro dóci papiaçám di macau do Dr Miguel De Senna Fernandes, a APIM presidida pelo Dr. José Manuel Rodrigues, e demais entidades interessadas em estabelecerem em linha uma publicação regular de cadernos de patuá, tal como a AICL fez para os cadernos e suplementos dos cadernos de estudos açorianos.

Igualmente se pretende ao abrigo do recente protocolo com o IIM e do memorando de entendimento com o ipm estudar a possibilidade de – em conjunto com a escola portuguesa de macau – criar uma cadeira de estudos de patuá a ministrar presencialmente e, posteriormente, preparar uma versão desses estudos em plataforma e-learning ou e-ensino.

propor a coedição nos próximos doze meses de uma antologia de autores macaenses contemporâneos, se possível bilingue (pt-ch) com base no pré-estudo feito pela colega Lurdes Escalera e trabalhos de recolha feitos pelas Colegas Rosário Girão, Anabela Mimoso, Raul Gaião, Maria José Reis Grosso entre outros, buscando para o efeito parcerias locais que apoiem o custo da edição e da distribuição.

propor à tdm (entre outros possíveis parceiros) a realização de um estudo histórico tipo documentário sobre a importância da presença de açorianos em macau (ex.º d. Jaime Garcia Goulart, D. João Paulino De Azevedo E Castro, D. Arquimínio Da Costa, D. José Da Costa Nunes, D. José Vieira Albernaz, D. Manuel Bernardo Sousa Enes, D. Paulo José Tavares, José Machado Lourenço E Professor Silveira Machado, entre outros.

(Nota: este projeto arrancaria em papel nos colóquios seguintes graças à persistência de Raul Leal Gaião e de Monsenhor Ximenes Belo)..Criou-se uma vontade imensa de voltar, viver mais intensamente esse mundo a que chamei meu durante uns anos e depois archivei no ficheiro perdido das memórias. Recuperar lembranças e criar referências futuras partilhadas com a mulher e filho mais novo. Lastimar as ruínas do velho Hotel Estoril na Sidonau Pasi (Av. Sidónio Pais) onde vivi seis meses, os primeiros da minha estada em Macau, apreciar as lagoas artificiais na Praia Grande em frente ao apartamento da CEM onde vivi anos, hoje um mero prédio muito pequeno no meio de enormes arranha-céus. Perder-me na vila de Coloane parada no tempo e nos templos, onde um grupo de jovens chinesas fazia poses em frente à montra da pastelaria onde se anunciavam os (portuguesíssimos) Pastéis de Nata.

Não visitei os casinos que desses as memórias são nefastas, mas aproveitaria para visitar todos os prédios ora recuperados, pintados e revitalizados e que os portugueses haviam deixado cair na incúria e no desleixo de ocupantes ingratos da península. Havia de percorrer o circuito da Guia em novo formato e de faces remodeladas lembrando as reportagens que lá fiz e os aceleramentos diários.

Veria as ilhas em busca de lugares perdidos nos tempos e memórias, reencontrar alguns amigos e conhecidos que não se dignaram vir ver-nos e redescobrir a nova Macau que ficará para sempre gravada na memória dos que nos acompanharam.

98.6. DA EUROPA AO ORIENTE-DO-MEIO

Foi em 2011 que regressei a Macau após um interregno de quase três décadas. As inúmeras contradições emocionais que me assolaram em 2011, na viagem, estadia e semanas subsequentes foram um turbilhão imenso de sensações e afeções. Raramente escrevi sobre Macau, porque nunca consegui encapsular a célebre cantiga em patuá:

*Macau, nôssa téra
Humildi, di grândi nobréza
Téra pichóti di tantó chisté
Unga fula pa quim ta triste Macau,
nôs-sa téra
Na mundo nom tem ôtro igual
Casa di paz, di caridadi
Unga casa pa tudu genti Macau,
Santo Nômi qui Diós j'abençoã Macau,
'nga tesóro dóci qui nós guardã
Téra di sonho, di esperança
Téra di bondádi
Ai bonitéza Macau, nôssa téra"*

Nem sentia minha a canção original dos Thunders e de Rigoberto do Rosário (1970):

*Macau, terra minha.
Trazes a lembrança de uma quinta.
És coberta de folhas e flores.
São alegres as suas cores.
Macau, terra de lendas.
Os contos são as suas fazendas.
Os monumentos históricos que tens,
e o ambiente português que manténs
Macau, vivestes sempre longe da sua mãe.
Macau, és a menor da sua família.
És tranquila, e bonita, símbolo da paz, e da beleza.
Macau, terra minha.*

Macau nunca fora terra minha, estava a caminho da Austrália, um ponto de passagem e paragem para mais tarde apreciar. Ao contrário de Camões não fui para ali desterrado²⁹. Não se desterra um inimigo desprotegido e desvalido com uma provedoria, cujo triénio afiançava uma riqueza relativa. Provedor dos Defuntos e Ausentes de Macau, Luís de Camões fruía abundantes recursos para trabalhar com sossego, despreocupado, estudando a história e a geografia asiática nas Décadas de João de Barros, ao passo que cinzelava de primorosos labores a epopeia arquitetada. Apreciava mais os gozos, a magnificência, as comoções do que os pardaus amuados na arca. Disse-o ele: «Os que se cá lançam a buscar dinheiro, sempre se sustentam sobre água como bexigas...».

Eu não amealhara pardaus nas arcas enquanto ali vivi provendo apenas dos vivos e presentes que dos defuntos e ausentes apenas reza a História. Parti a primeira vez para os orientes exóticos e mágicos de Timor em setembro 1973 e no natal de 1976 repeti a viagem, mas sem ali chegar, ficando-me por Macau. Iria fazer esse percurso mais sessenta vezes ao longo dos anos, sempre atraído por esse íman cultural oriental que tanta alma cristã tem roubado ao ocidente. Quiçá será o magnetismo ferroso das pedras que constituem a enorme Muralha da China, aliado ao exotismo das mulheres e homens, aos costumes tão diferentes e agradáveis, se excetuarem aquela mania de comerem tudo o que seja animal... (se mexe, é comestível, dizia-se).

98.7. MACAU 1977 e GARCIA LEANDRO

Ao chegar a Macau na época natalícia de 1976 tinha um certo temor relativo ao Governador, (então) major Garcia Leandro que curiosamente no 15º colóquio, em 2011, (como general na reserva) iria partilhar comigo o palco no Instituto Internacional de Macau numa sessão paralela dos Colóquios a fazer uma palestra sobre o mundo atual ... Saibamos porquê o meu temor em 1976, recordando excertos retirados do meu livro Timor-Leste Dossier Secreto 1973-1975:

Maio 1974: - Alguns delegados da Junta de Salvação Portuguesa são esperados em Timor trazendo com eles - espera-se - o cheiro fresco dos cravos encarnados e da revolução de que tantos ouviram, mas ainda não puderam observar. Com eles, chega a desilusão e o desapontamento.

Um, é o Major Garcia Leandro (posteriormente Governador de Macau) conhecido das gentes de Timor, de uma anterior comissão de dois anos em que fora um mero Secretário do Governador (Brigadeiro Valente Pires).

Alguns graves incidentes administrativos e económicos ocorreram sob a sua égide.

Posteriormente, um inquérito oficial foi rapidamente arquivado, sem conclusões, mas um enorme montante [dizem que mil e quinhentos contos] desaparecera ou levava sumiço sem se saber para onde ou como.

A comunidade chinesa, que não esquecera esse incidente, é perentória sobre o não-regresso do Sr. Major Leandro sendo extremamente cooperante com provas documentais sobre os referidos incidentes.

Mais tarde (outubro 1974) alguns jornais de Portugal especulam sobre a possibilidade de o Major Leandro ser um dos principais candidatos à posição de Governador de Timor.

Dado existirem pressões [dos chineses e das notícias veiculadas pelos dois jornalistas em Timor³⁰], acaba por se contentar com o cargo de Governador de Macau.

Entretanto, em Portugal, o semanário "Expresso" de 25 maio 1974 dedica quase toda a sua primeira página a Timor, sob o título: "TIMOR: situação controversa agora sem vendilhões do templo..."

De facto, a situação político-militar está confusa em Timor.

Depois da visita dos delegados da Junta (Majores Garcia Leandro e Maia Gonçalves) em vez da verdadeira voz de um governo revolucionário, as pessoas constataam que as velhas formas de esquecimento a que a colónia foi votada no passado se iriam manter.

Há quem anseie por Salles Grade, anterior Chefe de Estado-maior em Timor, até 1973.

Durante a controversa visita dos delegados da Junta, Leandro faz declarações bem ambíguas e nebulosas:

"i) Que o MFA (Movimento das Forças Armadas e espinha dorsal da Junta) sabe perfeitamente bem o que se está a passar em Timor, e não há necessidade para as pessoas em Timor se preocuparem.

ii). Que a permanência do consulado Aldeia está perfeitamente justificada porque as suas atividades são predominantemente administrativas, logo não políticas (sic).

iii). Que o MFA não tolerará mini-revoluções ou mini-movimentos assim como atos tendentes a afastar o Governador e Comandante Militar em Chefe, os quais apenas podem ter origem em grupos minoritários."

Estas declarações obscuras e dúbias levaram muita gente a indagar se tais não eram afinal pontos de vista pessoais e não linhas mestras do MFA.

Apoiada por estas declarações a emissora local apressa-se a proclamar que "se o governador Aldeia for afastado haverá um banho de sangue devido ao seu conhecimento profundo da população local."

Criticamente, afirmei, em editorial no jornal local "A Voz de Timor", que o postulado destas premissas está fundamentalmente errado.

Diante de centenas de pessoas reunidas no Ginásio Escolar para escutar as vozes da revolução o, então, Major Leandro proclama que o semanário "Expresso" é sensacionalista e incorreto na sua reportagem sobre Timor.

Ele também promete descobrir, no seu regresso a Lisboa, quem foram os autores das 'notícias alarmistas que obviamente "conspiram contra a paz e tranquilidade na ilha."

Toda a gente sabe que há duas pessoas a escrever para o "Expresso": Cristóvão Santos, Diretor da Imprensa Nacional e este autor.

Ambos fizeram parte das revelações do "Aldeigate" quando o Governador Aldeia chamou traidores aos revoltosos de então, agora no governo.

De facto, uma cópia do discurso de Aldeia fora por eles escamoteada para fora do território utilizando hippies australianos rumo ao Cupão (Kupang).

Outra cópia fora enviada para um intermediário sob nome falso, de forma a não alertar os censores. Quando a PM (Policia Militar) veio, sem mandatos, fazer buscas a casa dos dois suspeitos não conseguem encontrar as duas cópias em falta, porque estas já iam rumo a Lisboa.

Aquele material queimava como ácido, e não era aconselhável tê-lo ou tocar-lhe.

Este, e outros factos são relevantes para estabelecer os antecedentes daquilo que a seguir se vai passar. A imputação do Governador Aldeia tem o seu início real quando a composição começa a ser impressa e, de imediato retirada pelo seu secretário José Joaquim Espiga Gomes, para encobrir a existência do seu discurso. Um último detalhe da sessão no Ginásio, Leandro mandara sair algumas pessoas por terem cartazes 'contra o governo marcelista ainda no poder em Timor.'

Muita gente não conseguia entender esta democracia guiada, pois centenas de pessoas haviam passado pelos cartazes, respeitando-os, quer concordando ou não com os mesmos.

O representante da Junta e do Governo Provisório no poder em Portugal não pudera nem quisera respeitar aqueles cartazes.

Depois de Leandro e Maia Gonçalves saírem do território ficou um certo vazio.

Mesmo antes de sair, Garcia Leandro valida a mensagem da emissora sobre o banho de sangue que se verificaria se a população ficasse sem o governador Aldeia.

De facto, esta não era a forma adequada de começar a descolonizar a mais distante e esquecida colónia do Império Português que ora se desmoronava."

O medo de eu encontrar em Macau o "meu quase futuro" Governador (de Timor) Garcia Leandro ficaria adiado quase um ano. Apenas ocorreria tal encontro em 1977 quando no Colégio Santa Rosa de Lima, fui apresentar um programa de Jazz japonês a transmitir pela TDM/ERM. Estava, calmamente à porta a fumar um cigarro quando entra o governador Garcia Leandro que diz "ah ... nós já nos conhecemos de Timor, não é?". Sinceramente pensei que na manhã seguinte me iriam buscar, sem malas feitas, e escoltar até ao aeroporto de Kai Tak, em Hong Kong, como era costume fazer então aos indesejados.

Apresentei o excecional programa de jazz e fui para casa, lutando contra a insónia, pensando que não iria completar um ano de estadia em Macau. Foram infundados tais receios e acabei por ficar seis anos e conhecer outros governadores (Melo Egídio 79-81 e Almeida e Costa 81-86).

²⁹ Luís de Camões, apontamentos biográficos, prefácio da edição do Camões de Garrett com notas de Teófilo Braga

³⁰ Cristóvão Santos e J C Chrystello

A minha relação com o governador Leandro foi pacífica e nada havia a apontar. Certamente, só eu me lembrava do episódio e o mesmo nada significava para Garcia Leandro, predestinado como estava a voos mais altos, que os políticos nunca guardam memória destes pequenos desaires.

98.8. MACAU PORQUÊ?

Mas a pergunta que um leitor atento possa vir a fazer é como é que eu fui para Macau? O ano de 1975 fora um verdadeiro ANNO HORRIBILIS. As ténues memórias que dele guardo, prefiro que fiquem para sempre enterradas nesse enorme baú que é a bruma dos tempos. O meu companheiro de armas, o João Fernando Queiroz de Vasconcelos [Celinhos], emprestara-me quando vim de Timor, um descapotável Auto Union (AUDI) SP 1000 de motor rotativo Wankel (igual ao da imagem, mas em cinzento prateado). Além deste, fui buscar à garagem do sogro um Skoda 1000 MB que servia para todos os putos da família aprenderem a conduzir. Arranjei-o, artilhei-o, tirei-lhe os para-choques e ficou com melhor aspeto, ou seja, condizia melhor comigo, jovem economista, ambicioso, desempregado, sem posses e longos cabelos lavados duas vezes ao dia.

O aspeto condizia com o do carro, jovem economista, ambicioso, desempregado, sem posses e longos cabelos lavados duas vezes ao dia. Quem iria empregar uma imitação bem-falante de Jesus Cristo?

Com aquele aspeto apenas uma fábrica de botões, gerida por comunistas, algures para os lados do Palácio do Freixo (Porto), me ofereceu emprego, mas propunham retirar 70% do vencimento para o Partido. Não aceitei. Ia continuar sem clube nem partido. Faria disso uma promessa cumprida até hoje. Simpatizante clubista sim, mas sócio não. Dediquei-me ao fotojornalismo com um amigo, Pedro Ricca, a fazer fotos de crianças colunáveis do jetset português. Ganhávamos uns tostões nisto e em explicações sobre o marxismo a uma recém-entrada na universidade.

Tinha tudo programado para regressar a Dili [Timor] após uns dois ou três meses de descanso e férias em Portugal. Lá deixara mobília, casa (o apartamento na SOTA), moto, etc.

Descobri no início da guerra civil timorense de agosto 1975 que o regresso a Timor estava comprometido, já não poderia ir nos aviões da FAP³¹.

Não bastava suplicar para me deixarem regressar. Nem o meu pai nem o meu padrinho (então ainda administrador do Banco Totta e Açores) me prestavam dinheiro (creio que eram apenas 20 contos [Esc. 20000\$00=100 euros] pois tinham a certeza de que uma vez partido jamais regressaria.

Então vieram os indonésios a 7 de dezembro e soube que nunca mais poderia voltar, pelo que decidi tentar regressar a Bali. Entretentes, escrevi à namorada australiana de Byron Bay, em Bali, a pedir paciência. Ninguém me dava a hipótese de trabalhar em Portugal apesar de ter escrito centenas de cartas de candidatura e de ter ido a dezenas de entrevistas.



Depois de tudo tentar e já em desespero de causa resolvi apelar ao major Carlos Carrilho, meu ex-chefe militar, Chefe dos Serviços de Intendência Militar em Timor, para ver se tinha conhecimento de alguma hipótese de trabalho remunerado. Felizmente para mim ele acabara de ser nomeado Administrador da Companhia de Eletricidade de Macau e precisava de um Economista para gerir o setor administrativo, pessoal, armazenamento e transportes da nova central termoelétrica em Coloane. As condições eram boas para um jovem de 26 anos: cinco mil e quinhentas patacas ao mês iniciais (limpas, isentas de impostos), cama sem mesa nem roupa lavada. Direito a casa mobilada, todas as despesas médicas pagas, carro da companhia, energia elétrica (a mais cara do mundo) totalmente paga, três meses de férias em qualquer parte do mundo de dois em dois anos.

Cortei o cabelo, comprei uns fatos novos e aceitei. Depois de duas idas a Lisboa onde me avistei com os administradores da CEM, Eng.º Martins Dias e major Carlos Carrilho, assinei contrato, após o típico bife, durante uma sobremesa, em plena Cervejaria Portugal na Av. Almirante Reis, em outubro desse ano. Partida marcada para o Natal 1976. Fiz um mês de estágio na Central Térmica do Carregado onde aprendi todas as formalidades burocráticas de uma Central Termoelétrica.

Continuei a escrever longas missivas para a Austrália e Bali onde estava aquela com quem fantasiei (durante anos) que iria viver o resto da vida. Quando depois falava da minha estadia no nirvana, perdão Bali, reconstruía sempre mentalmente esse período e juntava as poucas fotos de que dispunha para melhor ilustrar a época, da qual falava trinta anos mais tarde como se tivesse ocorrido na véspera.

“Quando vivia na Indonésia, em Bali” e depois perorava sobre o tempo que lá vivera onde a melhor água era a do mar a uns cem passos da sua cabana de colmo. Era uma palhoça com cobertura de colmo, base e teto de madeira e paredes de bambu, aí duns 30 metros quadrados. Havia janelas de bambu a toda a volta, e umas traves fortes no teto a segurar a cobertura de colmo. Ao acordar, era levantar e ir dar um mergulho naquelas águas quentes, sem preocupações, sem amanhã, nem ontem. Cá fora havia as instalações sanitárias que até eram ocidentais, ao contrário do que acontecera na sua casa anterior e no “losmen” onde também vivera³².

E isso contrastava, felizmente para mim, com as do primeiro “losmen” em que tínhamos apenas um buraco no chão, com duas pegadas grandes onde era suposto colocar os pés e depois agachar. Para se lavarem havia uma espécie de tanque da roupa, com um balde que tinham de encher e depois despejar por cima de cada um quando já estavam ensaboados. Havia um pequeno espelho para aqueles que ainda faziam a barba, uma atividade rara nos idos de 1973-1975. A princípio aquilo fazia uma certa impressão, mas vivera em Timor quase dois anos sem banhos quentes, e raramente tendo acesso à luz elétrica. Esta vida era ainda mais primitiva e mais simples. Fora aqui que comprara o seu primeiro par de “jeans” (ganga ou bombazina chamam-lhe os portugueses) e umas sandálias à Jesus Cristo, enquanto o cabelo e a barba cresciam. (descrição mais detalhada na crónica nº 10/2006 de janeiro 2006)

À data de ir trabalhar para Macau, já deixara há muito de viver com a mãe dos meus filhos gémeos e regressara a casa dos meus pais. Chegado o Natal, despedira-me dos gémeos e da restante família e partira. Era o único feliz com a partida, os restantes estavam tristes e sombrios. Imaginei agora em 2011 como seria bom reviver essa alegria e partir agora, de novo, para Macau. Enfim, estava de volta ao Oriente exótico que me enfeitiçara. O destino não era Bali, Austrália ou Timor, era Macau que se localizava bem perto de qualquer um daqueles destinos, e que bem poderiam estar ao meu alcance a curto prazo, logo que tivesse direito a férias, com o vencimento que iria auferir. Um verdadeiro tiro no escuro dourado pelo avultado salário que iria fazer esquecer ano e meio de vida miserabilista numa existência marital atribulada a que acrescera a vida dos filhos gémeos, sem que o nascimento deles me viesse a impedir de realizar o sonho de sair do país a todo o custo. Não podia voltar a Timor (então ocupado ilegalmente pela Indonésia) e ainda não tinha autorização para emigrar

31 Força Aérea Portuguesa, aviões militares
32 ver Crónica 10, 19 janeiro 2006. Dos açores a Bali vai o voo dum milhafre

para a Austrália, pois teria de resolver o problema da dissolução do casamento primeiro e só depois de casar com a australiana poderia ir.... Sabia que tudo se iria resolver, as expectativas eram altas e a solução fora sempre partir de Portugal desde o dia em que infelizmente decidi voltar em junho 1975. Considerava esse interregno o preço a pagar pela libertação dum casamento falhado desde o início.

Ali estava pronto a partir para esse célebre porto da Rota da Seda em pleno delta do Rio das Pérolas e com o toque mediterrânico que a presença portuguesa ali implantara. À chegada tinha um funcionário da CEM (Companhia de Eletricidade de Macau) (ainda me lembrava do nome dele, Sr. Cruz dos serviços administrativos) à sua espera e dum colega futuro, Eng.º Saltão, Helena e Filomena (mulher e filha) que também haviam chegado nesse dia a Hong Kong. Ficamos instalados no Hotel Estoril na Avenida Sidónio Pais.

Como era meu direito, tinha requisitado uma casa grande como se toda a família se viesse a reunir comigo, o que nunca deve ter passado pela cabeça de ninguém.

Logo na primeira semana fomos homenageados com um jantar de 15 pratos oferecido pela administração da CEM, com Ho Hin (deputado em Pequim e o verdadeiro poder em Macau), Roque Choi e outros dois administradores portugueses da companhia. Ali me debatera pois não sabia comer com os pauzinhos. Em Timor comia imensa comida chinesa, em restaurantes chamados A-100 ou A-200 ou noutros locais, mas sempre com talheres, nunca experimentara os pauzinhos... Roque Choi iria chamar-me à parte e dizer-me como poderia aprender a usar os fai chi. Quando dominar os pauzinhos numa ervilha saberá usá-los bem.... Assim fiz e aprendi. Ainda hoje uso esse exemplo para ensinar os que os não sabiam utilizar.

Eram poucos os lusitanos nessa época em Macau. Na CEM estavam já um Norberto Tavares da Silva, mulher e dois filhos, um João Jacques Valente e mulher, Mário Saltão e mulher, Luís Quintela e mulher, João Lima e mais um ou outro engenheiro ou engenheiro-técnico, que naquela época ainda se discriminavam uns dos outros e o José Carvalho Sócrates Pinto de Sousa não nascera para os igualar. Acabariamos por totalizar 80 tecnocratas ao fim de um ano e pouco. Fomos os primeiros numa nova leva colonial. Éramos mal recebidos e mal vistos pelos macaenses. Salários exorbitantes, casas pagas e demais regalias. Os locais tinham salários de fome e condições de vida inferiores.

Como residentes, havia apenas meia dúzia de portugueses, normalmente acompanhantes de cada governo e de cada governador, mais as famílias locais macaenses, seculares descendentes de portugueses, e um ou outro soldado, polícia ou militar que se perdera após a tropa. Estas famílias tinham normalmente sangue português, chinês, malaio ou goês mesclado desde há séculos em proporções variáveis e muitas falavam entre si um crioulo local, o patuá ou Dóci Papiaçám di Macau. As suas feições eram variadas, das mais ocidentais às mais orientais, das mais claras às de tez mais escura de origem malaia. Uns andavam nos colégios chineses, outros no liceu ou nos colégios de língua inglesa. Eram quase todos políglotas em busca de uma identidade. Maltratados pelos chineses que não gostavam das meias castas e tratados abaixo de cão pelos portugueses que os julgavam inferiores, desconhecendo ou menosprezando a sua herança cultural e genética. O resto da população de cerca de 300 mil almas era constituído por chineses.

Uns anos depois a nossa presença como novos colonizadores seria totalmente apagada pelas condições milionárias firmadas por novos abanadores da árvore das patacas. Chegaram no início da década de (19)80, mais de 2 mil portugueses (posteriormente seriam dez mil), para diminuir aquando da entrega de Macau à República Popular da China em 1999.

Os nomes das ruas estavam escritos em português, mas ninguém falava a língua. Como já atrás se disse, a avenida onde residi chamava-se Sidónio Pais, mas se não dissesse sidonau páci (transcrição fonética literal) nenhum condutor de táxi me levaria lá.

Essas primeiras semanas de adaptação, nesta fase, temporária e geograficamente solteiro, foram marcadas por um encontro que viria marcar o futuro e daria lugar a mais um casamento no notário. Conhecera na receção do Hotel Estoril uma jovem macaense muito atraente, com quem trocara as primeiras palavras "A menina fala português?" ao que ela respondera, "claro que sim, sou portuguesa..."

Comecei a degustar a comida local bem diferente da comida chinesa mais picante a que me habituara em Timor. Apreciei também, que nisto fui sempre uma pessoa aberta, novas culturas, novas línguas, novas experiências. A adaptação inicial foi fácil. O pior foi que, para ocupar os tempos livres e em busca de novas sensações, me tornara assíduo cliente do Casino Lisboa, do magnata Stanley Ho. Rapidamente perdi quatro meses de vencimento. Acabava de trabalhar na CEM, metia-me na carrinha de sete lugares, minha viatura oficial nos primeiros tempos e lá estava no Blackjack com os companheiros Tavares da Silva, Valente, Lima e Saltão. Ao fim de algum tempo a meter vales de adiantamento de vencimentos resolvemos pedir ao Saltão, que era o menos jogador de todos nós, que servisse para rebentar com a banca. Assim, consegui recuperar rapidamente numa semana, o que perdera em meses. Comprei uma aparelhagem para substituir a de Timor (que tinha vendido em Díli em 1974 para fazer a viagem de deserção para a Austrália). Quando cheguei ao hotel Estoril trazia um combo da Philips com toca-discos, toca cassetes e rádio mais um televisor da mesma marca. Jurei nunca mais entrar num casino para jogar, promessa até hoje cumprida, passados mais de trinta anos.

O principal casino era o Lisboa, na altura o maior e mais importante casino do Oriente, pertença de Stanley Ho que o criara em 1962 (o seu monopólio duraria até 2002) com os seus sócios Teddy Yip (cunhado, marido da irmã Susie), Yip Hon e Henry Fok.

Os casinos eram diferentes dos europeus, os chineses, os tancareiros e as tancareiras, entravam descalços, maltrapilhos e apostavam fortunas que eu nunca ganharia em toda a sua vida.

Como eles amealhavam tais fortunas escapava ao seu raciocínio, mesmo admitindo que negociassem em drogas, tráfico de pessoas ou mero contrabando para a China.

Nos cantos dos salões de jogo havia escarradores, frequentemente utilizados por entre o nevoeiro de fumo e de cheiros intensos que caracterizavam o Casino Lisboa naquela era. Nunca se sabia se era dia ou noite, a menos que se saísse do Casino. Pessoas havia que nunca sabiam em que dia da semana, do mês ou do ano estavam. Havia mesmo quem lá vivesse enquanto havia dinheiro para pagar os quartos do hotel. Era uma fauna diferente de tudo o que vira antes nos casinos europeus. O que mais impressionava era a falta de charme e de glamour associada aos casinos em Portugal na década de 1970. Havia toda uma fauna diferente de agiotas a prostitutas e meros viciados no jogo. Nunca me esqueceria de - no meu primeiro ano novo chinês em 1997 - ver uma tancareira³³ maltrapilha e descalça, entrar e sentar-se numa mesa de boule ou bacará (ou seria nos mais tradicionais e tipicamente jogos chineses do Fan Tan? Ou antes no Sic bo (骰寶), vulgarmente chamado dai siu (大小), grande ou pequeno ou hi-lo). Trazia com ela um molhe de fichas equivalente a muitas vidas inteiras de salários minhas. Ali ficaria até os perder e regressaria à sua embarcação para labutar mais um ano. Não sairia mais cabisbaixa do que quando entrara.

33 Mulher que tripula o tancá."tancareira", Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha] <http://www.priberam.pt/dlpo/tancareira> [consultado em 07-01-2016].

A resignação fazia parte do jogo tal como a alegria quando se venciam aos dados, aos botões ou à bola da roleta. Não se viam funcionários públicos nos casinos, já que esses estavam estatutariamente proibidos de lá entrar, exceto nos feriados públicos. Todos os executivos da CEM eram considerados privados, embora pertencessem ao governo de Macau, antes de a CEM ser anexada pela EDP. Os funcionários menores eram equiparados a públicos e só podiam entrar no Casino durante a loucura dos 3 dias do ano novo lunar. Os mais sortudos ficavam, dia após dia, até se esgotarem os fundos. Entravam decididos a tentar a sorte e só saíam quando ela se esgotava. Comiam, bebiam e jogavam até acabarem as fichas. Era um espetáculo mórbido nesses dias em que decuplicava a habitual frequência dos casinos e mal se conseguia uma mesa num dos bares para se tomar um café. Pessoas que raramente se viam ou se encontravam, estavam ali durante a loucura dos três dias do ano novo chinês. Nas ruas havia apenas o movimento apropriado ao lançamento de panchões e danças de dragão inerentes às festividades.

Continuei a manter regularmente a correspondência com a australiana, com quem vivi em Bali em 1975, onde continuava a trabalhar no negócio de impressão de roupa batik, com um primo e prima.

Depois de uma ida à Austrália veio para Macau em março de 1977. Ali ficou até ao fim do verão em idílio remoçado. Aluguei um quarto para ela no Hotel a fim de não haver problemas éticos em relação ao quarto que a CEM me pagava e acelerei o processo da moradia mobilada a que tinha direito e que viria a ser concedida, pouco depois, a umas centenas de metros do Hotel, no nº 5 A da Avenida Coronel Mesquita no edifício Jade Garden.

Tinha três quartos, pois legalmente era casado e tinha dois filhos. A vida no Hotel Estoril estava prestes a findar com todas as vantagens de discricção sem vizinhos chuchumecos, com o bônus de fazerem a cama lavada todos os dias, limparem o quarto, tratarem da roupa e proporcionarem a amizade tailandesa e filipina das massagistas que ali operavam. Estava concluída a fase de adaptação a Macau.

Comprei logo no começo do ano o M-61-63, o primeiro carro a ficar oficialmente registado em meu nome. Tratava-se de um Fiat 128 3-P Coupé-S, 1100 cc, todo artilhado, cabeça rebaixada e com uma potência surpreendente que me iria servir durante um ano e meio ou dois.

Estive quase a inscrever-me no Grande Prémio de Macau dadas as suas (do carro) capacidades desportivas. Mais tarde, este potente carro viria a ser lentamente assassinado com quilos de sal no depósito de gasolina, quando as seitas resolveram adicioná-lo à gasolina, em vingança por ter cortado um dos esquemas de extorsão a candidatos a funcionários. O trabalho era difícil não só por ser a segunda vez que punha os meus conhecimentos de Economia e Gestão a funcionar (a primeira fora nos Serviços de Intendência em Timor e que tarefa inglória essa fora!) mas porque a CEM era uma enorme companhia de 750 empregados, falida e desorganizada. Tinha sido recentemente comprada aos ingleses e mudara o nome de MELCO³⁴ para o mais português de CEM (Companhia de Eletricidade de Macau), mas os hábitos e as tradições de trabalho mantiveram-se.

O meu esforço do primeiro ano começava a dar resultados práticos e logo que a Central Coloane nos fosse entregue no ano seguinte, no regime de chave na mão, estávamos prontos para tomar conta dela e geri-la. Descobri, como vimos atrás, um esquema de corrupção na admissão de pessoal menor (serventes, condutores, auxiliares, etc.) segundo o qual os aspirantes a uma vaga pagavam antecipadamente um ano de vencimento a fim de poderem entrar. Como resultado, passara eu a fazer essas admissões pois aquela descentralização de tarefas dera tão mau resultado. Uns dias depois de o esquema estar montado surgiram as retaliações. O carro apareceu primeiro com os pneus furados, depois meteram-lhe sal no motor, o que obrigou a que fosse o motor desmontado e lavado, peça a peça. Um dos suspeitos e alegados responsáveis pelo esquema de corrupção era meu subordinado como Chefe de Armazém (um simpático e prestável senhor A'Heng), nascido em Moçambique, de etnia chinesa, veio ter comigo e dizer que conhecia pessoal duma seita de Macau (a mais conhecida era a sap sei kei ou 14 quilates) que podia descobrir quem estava por detrás daquilo e proteger de futuros eventos]. Agradei, mas não aceitei. Depois de algumas repetições da sabotagem à viatura particular e à de serviço, como não dispunha de garagem por esses dias passei a dispor de proteção policial todas as noites. Mal sabiam os meliantes, ao praticarem atos de vandalismo na minha viatura própria ou na de serviço (aqui a norma eram os quatro pneus furados) que a CEM se responsabilizava pela sua total reparação e indemnização...o prejuízo era para o erário público. Mais uma vez venci as adversidades sem me dar por vencido.

Como muito bem disse John Stuart Mill (1806-1873) num livro "Sobre a Liberdade" em que defende a liberdade de discussão e expressão com argumentos importantes, "existe uma banalidade epistémica: somos todos falíveis". Eu só o descobriria muito tempo mais tarde, já bem entrado nos meus quarenta anos, pois que até então sempre me sentira infalível na metodologia calculista de pesar sempre os prós e contras, antes de tomar qualquer decisão. Isto nunca me impedira de, como agora, não tomar decisão nenhuma e serem os outros os culpados por me forçarem a adotar e aceitar a decisão que outros tinham tomado. Eu fazia assim uma arqueologia do meu pensar e decidir, que, por vezes, desenterrava esqueletos corroídos pelo meu pensar. Ou como François La Rochefoucauld disse "a gratidão da maioria dos homens não passa de um desejo secreto de receber mais favores."



Tinha, obviamente, problemas de consciência relativamente aos meus filhos gémeos e não me arriscava a iniciar um processo litigioso. A mulher e mãe das crianças, continuava a recusar falar de divórcio. O impasse mantinha-se há mais de um ano. Ela recusava tentar refazer a vida e ir viver para Macau com os gémeos. A jovem macaense rececionista do Hotel Estoril, entretanto, fora admitida para telefonista da CEM em Coloane durante o período de férias escolares (terminara o sétimo ano do liceu). Um dia saíra com ela para jantar, foram à praia de Cheok-Van sob a sombra imponente da então Pousada de Coloane, ver o luar e céu estrelado. A minha desonestidade, infidelidade e a cedência fácil à luxúria e ao prazer egoísta e hedonista caracterizavam a minha mente insegura.

Não só neste período, mas durante grande parte da minha vida adulta. Adúltera? Essa mesma jovem, entretantes, despedira-se porque as férias estavam a chegar ao fim. Não se despediu de mim. Continuou fazendo de mim a sua ocupação de tempos livres interrompendo o namoro com o Luís Lobo, filho do gerente do Hotel no Casino Lisboa. Em finais de setembro 77 aparece, inesperadamente, a minha mulher com um dos gémeos. O outro ficara em Portugal. Ainda tentei que a macaense ficasse baby-sitter do filho, mas a marosca foi descoberta quando fui passar o dia a Hong Kong com ela e fui visto pelos colegas da CEM que prontamente me vieram chibar. Trouxera um bolo de Hong Kong que ninguém comeria pois levei com ele na cara mal meti a chave na porta pela meia-noite de 5 de outubro de 1977.

O cinema ia continuar. Este filme não era uma comédia. A mulher, apesar do inferno que se tornara a vida sob um mesmo teto, ficaria desde finais de setembro 1977 até março 1978. O abismo repetiu-se nesses meses. A vida era um autêntico filme de terror silenciosamente observado pelo jovem gémeo Rudy com menos de dois anos de idade. O outro ficara em Portugal e disse se haveria de queixar durante toda a vida, por ter sido injustamente discriminado. Ela chegara mesmo ao ponto de tentar invalidar o meu contrato de trabalho por infidelidade. Fora uma tentativa desesperada, deveras curiosa, em especial se considerarmos o meio ambiente local e as regras e costumes de Macau... A jovem macaense emigrara, com a família, pois já tinha um irmão e a irmã mais

34 (Macao Electric Light Company)

velha na Austrália Ocidental. Isto vinha facilitar a vida na fase final em Macau com a mãe dos gêmeos, sempre marcada por discussões diárias, agressões verbais (e não-verbais), chantagens e ameaças diversas. Quando partiu de volta a Portugal, onde estava o outro filho gêmeo, eu ficara cheio de remorsos por ver o filho partir, até quando nem eu sabia.

As sociedades orientais e, em especial a macaense, aceitaram durante séculos que os homens tivessem as suas concubinas, numa tradição secular cheia de normas e etiquetas, mas sem que as primeiras damas vulgarmente designadas como "tai tai" alguma vez levantassem um pio que fosse ou fizessem escândalo. "Tai Tai" significa literalmente MULHER SUPREMA, A NÚMERO UM, definindo normalmente a mulher casada que não trabalha, mas essa definição tradicional de mulher mais importante entre as mulheres, perdeu hoje parte do seu significado. Hoje em dia, uma "Tai Tai" seria a definição apropriada para senhoras que vão a almoços, dispendo de imenso tempo para chuchumecar (fofocar) sendo casadas com homens ricos enquanto elas adoram fazer compras (ganhavam a medalha de ouro nas olimpíadas das compras, se existissem) e ir a spas. Claro que apenas usam diamantes com as obras genuínas da Prada, Louis Vuitton, Chanel e Gucci de logótipo bem à vista... educacionalmente tiram cursos de origami ou de culinária com os melhores chefes.

Esse negócio das concubinas era o segredo mais mal guardado duma cidade pequena onde o vício, e tudo o mais andam sempre de mãos dadas. Raros eram os chineses (ou mesmo macaenses) da classe média e alta, que não tivessem vidas paralelas, perfeitamente estabelecidas e aceites pela comunidade, em geral, e pela família, em particular. Hoje parece não ser tão vulgar, mas então ainda era sinónimo de riqueza e de prosperidade.

O marido da "Tia" Graciete Batalha (nonagenário em 2011), então um conceituado médico local e tio da jovem macaense) era disso um exemplo com os seus dois filhos da enfermeira que lhe tratava do seu consultório junto à Sé. A famosa escritora especializada em patuá deveria ser a única pessoa em Macau que não sabia ou então adotara a chinesa posição dos três macacos, absorta como estava sempre nas aulas e nos seus estudos. Todos sabiam menos ela. Nem se deu conta dos problemas que o jovem filho do marido tivera com uma das seitas, que foi atrás dele quando estava a estudar no Canadá e o obrigara a voltar a Macau para trabalhar para eles até ao fim dos seus dias.

Isto de seitas por aqui embora não sendo tão mortíferas como a Yakuza japonesa também não deixam os seus créditos por mãos alheias. Consta que depois da transição de soberania para a China estão mais ordeiras e controladas, mas continuam a ser seitas. Longe, porém, vão os tempos da sua formação inicial de benemerência como resistentes aos invasores mongóis. Aliás a página do governo de Macau explicava a sua formação nestes termos:

A palavra "seita" nem sempre teve as conotações negativas que hoje em dia lhe são atribuídas.

Noutros tempos, tratava-se de um substantivo que designava da forma mais neutra possível um facto social e religioso muito divulgado nos tempos antigos. A sua etimologia é disso prova, já que a palavra vem do verbo setor, intensivo de sequor, "seguir", "acompanhar".

As seitas participavam em pleno na vida religiosa desses tempos de que, de facto, constituíam a mais importante realidade.

Este fenómeno sectário foi uma realidade que esteve sempre presente.

No sul, mais concretamente na cidade de Cantão, um grupo de simpatizantes do imperador Ming (1644) e das suas políticas sociais e económicas, com o propósito de derrubar a dinastia sucessora - Qing (1644-1911) - reunia-se secretamente, num edifício com o número de polícia 14-K.

Os seus objetivos eram essencialmente políticos.

Os seus fins, a essência que esteve na base da sua criação, nem sempre foram corretamente interpretados.

Uma vez mal compreendidos, foi fácil a alguns, aproveitarem-se do nome da "associação" e da memória daqueles que por motivos honrosos lutaram, transformarem uma determinada organização político-revolucionária numa sociedade secreta.

Ainda hoje, a "seita 14 Quilates" é uma das legalmente consideradas secretas (artigo 3º., alínea a) do Decreto-Lei Nº. 1/78/M, de 4 de fevereiro), a par com a "Wo On Lock", aliás "Soi Fong" ou "Gasosa", ou com a "Wo Seng I", aliás "Seng I" e com a "Iau Lun".

Contudo, apesar de a sua denominação se ter mantido ao longo dos séculos, os fins que orientam a sua atividade são, nos dias de hoje, completamente distintos daqueles a que se propuseram os seus fundadores ao criarem a "sociedade secreta".

O Professor Doutor Jorge de Figueiredo Dias no seu livro "As Associações Criminosas No Código Penal Português de 1982" (pp. 52-53) identifica este problema da desvirtualização dos fins da "sociedade-mãe". Diz:

"... Os membros serão todos aqueles que aderem e põem em prática os objetivos que a sociedade visou alcançar. Não basta a entrada formal - com a entrega de um envelope vermelho (lai-si) contendo MOP \$3,60 - para podermos imediatamente concluir que um determinado sujeito, com a dita ação, passou a ser um membro da associação. É necessário que se conforme com os fins da "sociedade secreta", que pratique atos materiais ou psicológicos subsumíveis na atividade da sociedade-criminosa e que seja reconhecido pelos outros membros como fazendo parte daquela organização."

O meu amigo Nick Griffin, jornalista da TV de Hong Kong, entretinha-se por esses dias, morbidamente apaixonado pela francesa Françoise, da companhia de dançarinas do Crazy Horse como forma de se tentar ressarcir do facto de a Gillian, mulher dele, o ter trocado por um comandante da Polícia de Hong Kong.

Nisso éramos os dois irmãos na desgraça e amores fanados. As francesas e dançarinas de outras nacionalidades que então escandalizavam Macau, sob a supervisão do Guy Lesquoy (em 2011 era diretor de entretenimento do Casino Venetian), eram nossa companhia habitual para as ceias depois dos programas da rádio, que terminavam pela meia-noite. Eram igualmente uma forma de desentferujar o meu francês, língua que ninguém pensaria ouvir em Macau. Mais tarde, iria convidá-las para a minha boda.... Eram umas amigas como outras quaisquer que nestas coisas de amizades nunca eu discriminara pela política, sexo ou profissão.

Deixemo-nos de falsos puritanismos, muitas destas amigas, fossem elas as francesas, as tailandesas ou as filipinas tinham valores morais e familiares bem mais elevados do que muitos daqueles que se benziam por tudo e por nada e iam à missa. Lembro-me de que cerca de 90% do que as filipinas ganhavam era reenviado para casa para sustentarem os pais que viviam em abjeta miséria. Todas tinham uma noção profunda de respeito pelos pais e avós, pelos maridos e filhos e acreditavam piamente na inviolabilidade do casamento. Eu não me aproveitava delas nem tampouco as queria salvar dos miasmas corrompidos da sua profissão. Sabia que era uma fase transitória finda a qual iriam regressar a suas terras e levar uma vida normal. Recordo ainda, que jamais se esqueciam da data de anos e sempre me presenteavam naquela data.

Uma coisa era a profissão (que envolvia sexo, mas podia envolver qualquer outra coisa) e outra era a amizade, mas a sociedade puritana de Macau - à semelhança da de Portugal - dificilmente me perdoava estas amizades.

Enquanto isto, muitos dos que me criticavam, levavam vidas bem mais sórdidas e devassadas, mas mantinham a hipócrita fachada que sempre caracterizou a fingida sociedade portuguesa. Esses, quando iam às massagens faziam-no às escondidas e compravam vídeos pornográficos, mas criticavam-me por ser amistoso com elas. Era fácil ver quem eram os meus verdadeiros amigos.

98.9. NATAL 1978: O FAROESTE AUSTRALIANO

A minha mulher antes de partir escrevera para a australiana a dizer que tudo era mentira e o casal vivia em pura felicidade...e, graças a isso, eu nunca mais saberia dela que, infelizmente, acreditara no embuste. Assim perdi um grande amor da minha vida sem jamais me perdoar por ter deixado que isso tivesse acontecido. Foi um capítulo da vida que ficou inacabado, quase como aquelas almas que vagueiam pela terra sem encontrarem a luz ao fundo do túnel, buscando a paz de que necessitam para passar para o lado de lá. Era assim que imaginava esse capítulo incompleto.

Mais tarde, muitos anos depois, já na Austrália tentei, sem sucesso, localizá-la e escrevi para as antigas moradas, sem nunca obter resposta.

Muitas vezes pensei nela nos inúmeros dias infelizes que passei na Austrália. Mas o túnel nunca tinha fim e jamais se alumiu para que pudesse pedir desculpa pela mentira da minha ex-mulher que nos impediria de ser felizes como tínhamos sido nas vezes que vivemos juntos em Bali, Jacarta e em Macau.

Quando o Natal (1978) se aproximou, demonstrei a minha total instabilidade emocional e o caos mental por que a minha tola cabeça atravessava e contactei a NF, AP e AW para ver se alguma delas me abrigava e albergava nesse Natal e a única a responder foi a AP. Fui a Perth e fiquei a viver com ela e

a irmã em Cottesloe, um excelente subúrbio de praia na Austrália Ocidental que ainda não visitara. Lá, noutra subúrbio mais afastado, estavam os pais com três irmãs que ainda não conhecia. Ali se tinham fixado desde a saída de Macau. Fora em Perth, que viria experimentar a temperatura de 43 °C num belo dia em que o MGB-GT descapotável da sua futura cunhada mais velha (divorciada dum casamento que durara anos com um primo direito macaense), se recusara a andar mais numa subida dum parque de automóveis. Todo o trânsito parara à espera de que o MG arrefecesse.

Dia 24 de dezembro tive de ir a uma Missa do Galo, em inglês, para impressionar aqueles que seriam os meus futuros sogros. Era muito tarde quando regressamos para uma ceia tipicamente macaense, mas onde eram notórias as semelhanças gastronómicas portuguesas. Nos dias seguintes com o seu futuro cunhado, Charles Clifford, então namorado (depois marido) da irmã mais velha dela, começara a deliciar-se com as águas quentes a bordo do iate Breakaway ao largo da ilha de Rottneest. Dias de pesca, sol e mar... Aquilo sim era uma boa vida. Estava firmemente decidido a cumprir a sua nova promessa de fazer daquela a sua terra, pátria adotiva, já que Timor estava a ferro e fogo. Já antes o decidira quando ali estivera em 1974.

Fruto destes rápidos desenvolvimentos na arena amorosa, acabei por não ir a Portugal ao casamento da minha irmã que ia, finalmente, dar o nó com o Gil, que não era o Gil Grissom como o da série CSI, antes pelo contrário.

A incessante, desordenada, busca da felicidade e as tentativas desordenadas de ser feliz eram as minhas únicas preocupações naqueles dias.

No fim de janeiro convenci a jovem macaense a voltar comigo, pois o avô paterno acabara de morrer na ausência dela, de seus pais e demais familiares emigrados na Austrália. Esse avô fora o último Cônsul Português em Cantão (Guangzhou) durante a 2ª Grande Guerra. Ofereci-lhe um bilhete de ida e volta, para o caso de querer regressar à Austrália.

Depois de estarem em Macau, quer os pais dela, quer um irmão mais velho, emigrado na Austrália desde os 15 anos, queriam à força que ela regressasse aos estudos na Austrália. Ali iniciara um curso de Graphic Design no ano anterior.

Tentei, novamente, abordar a mulher com a qual ainda me encontrava legalmente casado para que me concedesse o divórcio. Quando soube que, desta vez, eu queria mesmo o divórcio, e não parecia ter já pruridos em relação aos filhos gémeos, depois de tantos meses e anos de hesitações, ficou ainda mais furiosa. Os traumas de guerra e do SMO que tanto me haviam afetado e haveriam de marcar a minha vida toda, sem nunca sararem ou desaparecerem, impeliaram-me. Agora, mais do que nunca, ia tentar refazer a minha vida. Ia recomeçar.

Tentar ser feliz, ter uma família e uma estabilidade que compensassem as carências e os desgostos que a destruição do meu modus vivendi tivera devido à tropa. Enquanto esperava que os advogados tratassem do assunto, vivi com a jovem macaense, quase dez anos mais nova, cheia de vitalidade. Não pretendi, porém, que o divórcio me retirasse os "direitos paternais". Acabaria por ter de interpor um processo litigioso, depois de tantas tentativas de acordo paternal se gorarem. Como sempre acreditava na igualdade de direitos e deveres, entre os sexos e no casamento. O divórcio iria marcar-me, por muitas décadas, e afetar definitivamente as hipóteses de um relacionamento saudável com os meus filhos.

Macau está assim intimamente ligado a vários eventos amorosos e outros que viriam a condicionar o meu amadurecimento como pessoa e a adiar projetos pessoais e sonhos ainda por inventar. Talvez por essa razão me tivesse quase esquecido – durante décadas – que ali estive seis anos. Aquela terra estava indelevelmente ligada a momentos bem difíceis da minha vida e se bem que houvesse outros bem mais felizes, o que me vinha à memória eram as adversidades pessoais e emocionais que ali passara.

98.10. MACAU FOI UM COMEÇO, UM TRAMPOLIM PARA A AUSTRÁLIA

Esse ano foi realmente excitante apesar de eu ter enveredado por um caminho dúbio. Queria gozar a vida como se não houvesse amanhã.

Um hedonista perfeito em perfeito levante exótico.

As amigas massagistas chinesas, tailandesas, filipinas e outras, como as meninas do Crazy Horse, faziam-me acreditar que a vida era para ser levada a sério na total fruição dos prazeres sem espiritualidades a empecilharem o rumo.

A propósito recordo ainda o dia em que os mórmones me tocaram à porta e eu fumava, bebia e tinha aberta - em cima da mesa de café - uma revista da Playboy....

Nunca mais voltaram a bater à porta. Ainda me lembrava da cara que eles fizeram, enquanto mentalmente se benziam e rezavam pela minha salvação.

Outra fase interessante na minha longa aprendizagem de vida, sem descurar todas as vertentes do conhecimento, foi quando, durante alguns meses, me amiguei com os Meninos de Deus e as suas numerosas famílias polígamas cheias de crianças louras.

De acordo com a definição atual na Wikipédia,

Os Meninos de Deus, depois conhecidos como Família do Amor, a Família, e agora a Família Internacional (FI), é um movimento religioso, amplamente referido como uma seita, que teve início em 1968 em Huntington Beach, Califórnia, Estados Unidos.

Foi uma dissidência do Jesus Movement do final dos anos 1960, com muitos dos seus primeiros convertidos saídos do movimento hippie.

Esteve entre os movimentos que inflamaram a controvérsia das seitas nos anos 1970 e 1980 nos EUA e na Europa e provocaram o primeiro movimento antisseita (FREECOG).

Cedo, porém, constatei tratar-se de uma seita que promovia a promiscuidade sexual em nome de Deus, como parece ser verdade em vários locais do mundo a acreditar nos registos que hoje se podem ler na internet. Afinal, não precisava daquela religião para encontrar o prazer polígamo. A própria organização secular chinesa, aceite pelos locais e tolerada pelos macaenses parecia facilitar o meu paradigma de vida, sabe-se lá se inspirado em Camilo Pessanha...

Excessos de regras orientais. Tão prazenteiras para um espírito ocidental. No entanto, tantos estragos fizeram em grandes figuras como Camilo Pessanha (Coimbra, 1867 - Macau, 1926) que se mudou para Macau em 1894 e, durante três anos, foi professor de Filosofia Elementar no Liceu de Macau, sendo nomeado em 1900 conservador do registo predial e depois juiz de comarca. Entre 1894 e 1915 voltou a Portugal algumas vezes, para tratamento, tendo, numa delas sido apresentado a Fernando Pessoa que era, como Mário de Sá-Carneiro, grande apreciador da sua poesia. Poeta expoente máximo do Simbolismo, Pessanha era um opiómano.

O texto que adiante se transcreve é de Alberto Osório de Castro, provavelmente escrito em 1916, para sensibilizar os responsáveis pelo Museu das Janelas Verdes, demonstrando-lhes a importância da coleção que Pessanha oferecera ao Estado português em 1915, e o relevo do intelectual que fazia a oferta. O episódio da doação da sua coleção longamente acumulada foi motivo de grande desgosto para Pessanha. Foi feito em julho de 1915, quando o poeta expôs as melhores peças do seu acervo particular no Palácio do Governo. Em meados do ano seguinte, a coleção nem sequer havia chegado a Lisboa; e, quando chegou, não foi aceita pelo Museu das Janelas Verdes, que, no ano seguinte, formalizou a recusa. Após algum período de incerteza as peças foram enviadas ao Museu Machado de Castro, em Coimbra, onde ficaram, exceto por breve período, sepultadas no depósito, fora do alcance do público:

«Como essas fotografias avivam em mim a esta hora de inverno português, entristecida de lufadas e névoa, a lembrança dos resplandecentes dias abafados de espera de tufão, vividos em companhia de Camilo, em agosto de 1911, na linda e melancólica, risonha e estranha terra de Macau, à maravilha católica e china, china sobre tudo, já agora, cheia de repiques finos à missa, de discretos biocos de confessadas, de silenciosos deslizes de milhares de Celestes, atravancando as ruas cada dia mais, invadindo as praças e rossios, coalhando as airosas lorchas do porto, gente atarefada e calada, reservada e de nós distante, aparentemente impassível, mas em cuja massa se sente a força profunda da maré que avança, e vai avassalar o velho empório europeu de veniaga nas Costas da China.

Pobre e linda Macau dos séculos XVI e XVII, como és ainda curiosamente portuguesa à moda desses séculos, sob a taciturna invasão china que te envolve e, todavia, te dá ainda um aspeto de vida!

E contudo, ó arcaica Macau, desde que Fernão Mendes Pinto andou de aventura no Império do Meio, assistindo aos primeiros avanços da potência tártara, que de memoráveis coisas se não deram nessa China imensa que só na aparência é milenariamente imóvel: abalada para o sul dos exércitos tártaros da Manchúria, queda da dinastia chinesa dos Ming, sangrento, como nenhum outro, triunfo da dinastia Manchu dos Ta-Tsing, dois séculos de terrível agitação das associações secretas chinesas contra o vencedor tártaro, indo, poucos meses após a minha passagem em Macau, até à abdicação do último imperador Ta-Tsing e à proclamação duma república à europeia ou americana, como compasso de espera da passagem da sombra de um novo Dragão imperial...

Tanta coisa a dizer sobre a China e a sua arte!»

Como é compreensível a busca hedonista deste autor quando comparada com digressões semelhantes. Leia-se o que Silvano Santiago escrevia em 19 fevereiro 2011 sobre Pessanha, em O Estado de S. Paulo:

E se o poeta entender que a viagem à distante Ásia não tem como interesse maior a exploração geográfica de outro canto do planeta ou o conhecimento dos muitos povos exóticos?

E se ela se lhe apresentar antes como estrada real para o exílio na península de Macau e condição sine qua non para a exploração sentimental e amorosa do potencial de vida cortado rente à raiz pela foice da Lusitânia natal?

E se a língua chinesa, aprendida pelo poeta e por ele adotada no quotidiano, lhe servir para neutralizar o poder imposto pela dicção poética lusitana, inspirada na tradição greco-latina?

A viagem a Macau será, então, porto de desembarque.

No espaço do exílio, o poeta estica o elástico da coerência íntima e secreta, experimenta a liberdade absoluta e inventa a própria e original dicção poética.

Longe da pátria, o poeta se vê estimulado a avançar com proveito e prazer a vida sentimental e amorosa que, a latejar no obscuro do desejo, deve ser a sua, é a sua, legitimamente.

Poemas do exílio podem não ser poemas do lá.

No país onde o poeta nasce e onde deveria viver até a morte, lá, ele não pode levar a cabo a vida que julga plena para si. Lá, não está sua pátria; lá, sua pátria não é.

Já o biógrafo António Dias Miguel observa que a vida alucinada de Camilo Pessanha no exílio serviu para que aprofundasse, pela repetição em diferença, traços abusivos já existentes no comportamento europeu. Em aguda percepção, esclarece-nos que o uso do ópio "corresponde não a um vício adquirido [em Macau], mas à sublimação, ou melhor, à transparência de outros que já em Portugal o caracterizavam, como o hábito de beber e o completar-se através de uma vida nova toda artificial". Sob a luz do país perdido, a "lânguida e inerme" alma do poeta se recheia e transparece completamente. Ela passa a "deslizar sem ruído" e a "no chão sumir-se, como faz um verme". O ópio suplementa o álcool, propiciando a plena realização "de uma vida nova toda artificial". Sobre esse tópico e a contrapartida no quotidiano como "spleen", há que buscar o seu artífice na poesia ocidental, Charles Baudelaire (As Flores do Mal, 1857). É sem dúvida digno de menção também, neste contexto, «O rio de Cantão» (1889) de Wenceslau de Moraes que começa por uma panorâmica da «varanda deliciosa do Canton Hotel» e onde descreve uma visita aos barcos-flores ou "tancás-flores":

«[...] Quando desceu a noite, a população, embalada pela lenta ondulação do Chu-kiang, adormeceu; bruxuleavam os faróis içados nos topos dos mastros das lorchas; defrontando com o hotel, surgiam iluminações festivas, eram os tancás-flores, donde irrompiam os primeiros acordes de uma música estranha.

Aluguei então uma sampana, e mandei remar para os tancás-flores [...] sobre cada barco eleva-se um espaçoso recinto, um verdadeiro salão, que os lumes de dezenas de candelabros iluminam em jorros de luz branca. [...].

Elas, envoltas nas longas cabaias de seda, ora branca, ora lilás, ora cor-de-rosa, ora esmeralda, os cabelos entrançados em enfeites de ouro e grinaldas de jasmim, cintilantes de jóias como ídolos, têm um encanto de beleza exótica que muito se casa com a estranheza do espetáculo...»

Já Pessanha o exprimia em «Ao longe os barcos de flores». Por todo o poema se encontram disseminados símbolos convencionais verdadeiramente chineses, núcleos de onde irradia uma série de imagens, poeticamente aproveitadas por Pessanha: hu-a (flor) é o termo que designa eufemisticamente a cortesã, a prostituta e também o bordel. Uma virgem pode ser uma "flor amarela", huáng hua, enquanto yan hua designa «la fille de joie», para além de poder ser a expressão para «animado, animação e fogo-de-artifício». Significativamente, o componente semântico yan pode querer dizer não só «fumo, vapor ou tabaco, mas também ópio». Este poema de Pessanha é um texto dominado sabiamente pela ambiguidade, e o campo semântico do símbolo ou imagem convencional dos 'barcos de flores' leva a que no som da flauta se ouça o lamento feminino de uma yan-hua contrastando com a animação orgiaca do fogo-de-artifício.

*Ao longe os barcos de flores
Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranquila,
- Perdida voz que de entre as mais se exila,
Festões de som, dissimulando a hora.
Na orgia, ao longe, que em clarões cintila
E os lábios, branca, do carmim desflora...
Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranquila.
E a orquestra? E os beijos? Tudo a noite, fora,
Cauta, detém. Só modulada trila
A flauta flebil.... Quem há de remi-la?
Quem sabe a dor que sem razão deplora?
Só, incessante, um som de flauta chora...*

Essa flauta chorou durante anos na alma conturbada deste vosso escriba, que nunca visitou uma tancá-flores, pois já todas estavam em terra firme naqueles tempos. Mas ainda ouvi a flauta, a orquestra e o som dessas orgias na escuridão entrecortada pelo fogo-de-artifício e pelo estrelejar dos panchões... A errância de um povo e de seus poetas, um povo e uma poesia para quem a pátria tinha sido, muitas vezes, «um lugar de exílio» e para quem a viagem e a emigração foram quase sempre, como escreveu o poeta, professor, embaixador e amigo, José Augusto Seabra, a «outra pátria» senão mesmo uma pátria.

Eu fora afinal para Macau, não para o exílio nem para a exploração, mas para sobreviver já que o país de origem não me dava condições nem emprego. Foi lá que escrevi poesia enquanto também experimentava "a mesma liberdade e se via estimulado a avançar com proveito e prazer a vida sentimental e amorosa..." Macau nunca seria, porém, e assim vo-lo reitero em capítulo anterior:

«Macau nunca fora terra minha, estava a caminho da Austrália, era apenas um ponto de passagem e paragem, para mais tarde apreciar.»

Como Manuel Alegre escreveu «Todos os poetas, são como Dante, exilados...» mas nem todos em Florença. A poesia está no mar, abriu as portas do Oriente, e eu - queira ou não admiti-lo - sou um exilado de mim mesmo, do país de origem, das minhas próprias origens, do meu tempo, do meu destino incumprido, da espiritualidade da minha juventude, dos sonhos que me não deixaram consumir. Ali começa verdadeiramente a minha diáspora. É, pois, em Macau e não em Timor, para onde fui, fruto dos imponderáveis de um SMO³⁵, que essa verdadeira viagem de circum-navegação tem o seu início fixado. Não porque me mandassem, não porque acontecesse, mas porque porfiara para que assim fosse.

Sempre disse que fui para Macau para estar perto de Timor, mas esta verdade era parcial pois a Austrália há muito me conquistara sem enleios orientais. Quase uma inverdade, pois que a Austrália era a fronteira imensa, o continente vasto sem horizontes onde o futuro se perdia de vista, ali mesmo onde o meu país de origem ainda me pareceria mais tacanho e pequeno do que a pequena península de Macau. Não foram precisos muitos meses - nem anos - para eu me aperceber

35 SMO serviço militar obrigatório do exército colonial português até 1974.

que perdi a minha virgindade intelectual e cultural ao ir para Macau. Estava permanentemente refém do Oriente e dos seus sortilégios. Não me apercebi então, mas agora, ao voltar quase trinta anos depois, havia-o sentido de forma inelutável. Tentei passar uma toalha sobre esses seis anos lá passados como se não tivessem existido ou como se fossem de somenos importância, mas sabia que não era assim. Subitamente apetecia-me voltar, não para gerir a central de Coloane que mal vi por entre a neblina no dia de partida. Apetecia-me voltar para ajudar a sonhar com a construção de uma lusofonia falada por todos - especialmente pelos chineses - sem barreiras, nem passaportes. Afinal, a magia do Oriente não era feita de mezinhas que as meninas chinesas davam aos ocidentais antes de adormecerem, nem tampouco da eventual utilização de opiáceos, havia algo de mais intenso e profundo. Quem sabe se não seria o apelo de noções confucianas que colocavam alguma arrumação na mente desordenada dos ocidentais

No entanto, aquilo que eu melhor recordava dos meus seis anos em Macau eram os programas de rádio, um momento inolvidável da minha vida, ao ponto de quando ali regresssei em 2011 prontamente desafiar o Ricardo Pinto a reviver esses programas. Com efeito, estava marcada uma sessão de lançamento de livros na Livraria Portuguesa e seria o reencontro com o Ricardo após trinta anos. Trocados os abraços e as frivolidades habituais iniciara a sessão com um excerto de um minuto do programa "O Uísque a Cola" de 17 de dezembro de 1980 apresentado pelo Ricardo, a quem entreguei a gravação dos 60 minutos do programa em CD...

Iria recuperar as restantes cópias em cassete e converter todas em CD para ouvirem, deleitarem-se e, mais tarde, fazerem um programa comemorativo.

98.11. OS TRÊS CÍRCULOS

A vida em Macau era naquela época, um cadinho de povos e culturas, exemplo de miscigenação e liberdade num Oriente exótico, sedutor, mas problemático e poderia resumir-se a três círculos excêntricos que se tocavam no infinito. Desses, o médio interior era constituído pelos macaenses, uma força sem identidade nacional, com membros bem arreigados à sua herança cultural lusófona falando e lendo fluentemente a língua de Camões, enquanto outros eram mais cosmopolitas e falavam chinês e inglês, e outro segmento vivia nas bordas linguísticas do cantonense. Leal de Carvalho escreve, entre outras coisas, ser uma cidade que no

"... passado recente abrigou russos brancos, chineses, indonésios, vietnamitas, filipinos e até portugueses perseguidos pelos credores ou por mulheres ciumentas. E alguns, poucos, pelas ideias políticas. Um porto de abrigo para gente de mundos vários que aqui vieram parar por desvairadas razões: espírito de aventura e ambição pelo lucro fácil, refúgio às convulsões político-sociais da região e à loucura de uma guerra que lançara o mundo em fogo, evasão a problemas sociais ou familiares ou inútil fuga aos demónios próprios de cada um».³⁶

A construção desta identidade fora «instalada, desde sempre, na educação das classes superiores da sociedade macaense, como processo de autonomização à imensa mole demográfica circundante que, pela simples força dos números, os ameaçava submergir».³⁷

Leal de Carvalho fala ainda do convívio inter-racial que tinha reflexos na moral e nos valores da comunidade:

«A moral social local, quer da comunidade macaense quer ainda mais da chinesa, consentia essa liberal sofisticação de costumes, manifestação viva da interpenetração dos valores culturais da região...também fruto da emigração de lindas mulheres, que confundiam os olhares dos latinos, sobretudo as de Xangai.

Assim, alguns dos costumes orientais eram bem sedutores para os machos lusos, que lamentavam apenas o facto de as «sucessivas Administrações Portuguesas não terem sabido aproveitar a lição de quatrocentos anos de contacto com a milenária cultura chinesa, mais antiga, mais sábia, mais realista, que admitia, na harmoniosa estrutura familiar e sob o austero império da Primeira Esposa, um número indeterminado de concubinas e até "bichas", solução muito cómoda e prática», diz o autor com não disfarçada ironia.³⁸

Depois, havia um círculo ainda menor, mas exterior, constituído pelos portugueses. Primeiramente, e durante séculos, esse grupo era exclusivamente constituído por aqueles que iam e vinham com cada equipa governamental a que se acrescentava, aqui e ali, o elemento desgarrado que fora para a tropa ou para a polícia e por lá ficara, constituindo família e deixando-se miscigenar e assimilar pelos costumes locais. Havia adstritos a estes os estrangeiros que se deixaram encantar por Macau, aprendendo as línguas e costumes locais e acabando por se deixarem integrar na família lusófona, como é amplamente descrito na obra literária do atrás citado juiz açoriano Rodrigo Leal de Carvalho que ali viveu 40 anos entre 1959 e 1999.

Em princípio da década de 1980 chegara de Portugal a marabunta desesperada por abanar a árvore das patacas e dela retirar todos os milhões possíveis com casos encrencados como o do faxe, do governador Melancia e de tantos outros que se haveriam de locupletar até 1999 do mais que puderam em proveito próprio. Sem resultados visíveis para o progresso de Macau e das suas gentes, ao contrário do que se tem passado nestes últimos dez anos de governação soberana chinesa. Chegariam a atingir a cifra de dez mil almas todas em busca da pataca milagreira de futuros e presentes.

Por último havia sempre um enorme círculo, exterior a tudo, mas com motor próprio na economia do território que era constituído pelos chineses. Eram liderados por uma pequena elite dirigente, dependente de Pequim aonde viajavam frequentemente a fim de receberem instruções e contarem os desvarios do delegado português encarregue nominalmente de governar. Decidiam como e porquê, onde e quando, e davam a entender ao governo português a sua insatisfação quando a administração lusitana exorbitava ou tinha uma "ideia brilhante" sem os consultar previamente. Eram eles quem, realmente, sempre mandaram no território e determinavam como os seus súbditos se comportariam já que representavam mais de 96 por cento da população. Esta clique que se arvorava a pretensão de gerir a "Cidade do Santo Nome de Deus de Macau, Não Há Outra Mais Leal" ocultava tendenciosamente o facto de serem os descendentes dos mandarins chineses quem, após a Revolução Cultural, determinava o que se podia ou não fazer em Macau. Voltemos aos aspetos culturais de Macau. Convirá não esquecer que para as comunidades chinesas, a mulher nativa que namorasse um kwai-lo estava apenas um escalão acima da mera prostituta. Mesmo que viessem a casar com um branco ficava sempre o estigma de que havia algo de errado com elas.

Aparentemente, os pais da jovem podem nem sequer chegar a expressar a sua insatisfação, mas esse conceito é prevalecente no meio social e é refletido na própria linguagem, a todos os níveis desta.

A família chinesa ainda é - tradicionalmente - dominada pelo macho e altamente hierarquizada.

36 Leal de Carvalho, Requiem para Irina Ostrakoff p. 5

37 Leal de Carvalho, Ao Serviço de Sua Majestade, p. 377

38 Leal de Carvalho in Os construtores do Império, p. 137

A mulher que se case com o kwai-lo bem como o respetivo marido serão sempre considerados abaixo da escala social a que pertencem e da estima que os seus parentes lhes possam granjear.

De um ponto de vista meramente técnico, ela deixou de pertencer à família e passou a pertencer à família dele, perdendo os laços consanguíneos da sua família chinesa.

O mesmo sucederá com os filhos que não farão parte do tecido social e cultural da família chinesa de onde descendem.

No caso de uma mulher casada com um marido que não é chinês, além de ser considerada como estando apenas um degrau acima do nível da prostituta, de facto, ela nem sequer é considerada como se se tivesse juntado a uma outra família, a do marido.

Para os chineses, os brancos não têm laços de família, além de que se divorciam por dá cá aquela palha, pelo que a filha da família chinesa ainda é um risco maior agora do que quando ainda vivia em casa.

Não nos esqueçamos que, para começar, a mulher tem menos valor na sociedade chinesa do que o homem e daí todos quererem ter um filho e não uma filha, no continente chinês onde se mantém a regra do filho único³⁹.

Se a sogra chinesa tratar o genro como um ser humano isso só provará a sua amabilidade pois evitará mostrar ao estúpido estrangeiro quanta raiva lhe vai na alma por ter casado com a filha.

Obviamente que se, ocasionalmente, o incluírem em alguma festividade ou celebração familiar será um privilégio que lhe concedem, tal como dar boleia a todos os que precisarem, mesmo que os não conheça ou não os entenda...também a sogra chinesa jamais entenderá por que lhe foi calhar a ela a má sorte, tão injusta de ter um branco para genro.

O campo matrimonial na família chinesa é da mais alta responsabilidade e deve ser deixado ao mais alto critério dos pais, sendo conhecidos casos de filhos que foram totalmente deserdados por não casarem ou namorarem as escolhidas pelos pais.

Essa falta de obediência será uma culpa a acarretar pelos filhos que os tornará responsáveis por sabe-se lá quantas mortes ocorram na família nesse período, pelos problemas de saúde dos pais e outros parentes.

Este tipo de sociedade e de normas familiares repercute-se nos países de destino das famílias chinesas emigradas e representa apenas uma arreigada preservação das normas rurais das suas zonas tradicionais de origem.

Nesses países de acolhimento (como vi na Austrália) falam Toishanês 台山話, 臺山話 em vez de Cantonense pois Toisaan [Toishan/Taishan]⁴⁰ é o lar e a Austrália apenas um país estrangeiro que os circunda.

Lembrava-me a esse respeito de que mesmo que lesse e falasse cantonês fluentemente - o que nunca foi o meu caso - jamais seria considerado por eles como "um dos nossos", pelo que sempre me limitei a ver de fora para dentro a enorme sociedade chinesa que me rodeava, tentando não fazer juízos de valor antes se limitando a aprender e a apreender o máximo que lhe fosse possível. Nunca namorara - formal ou informalmente - uma chinesa e sabia de antemão que tal me estaria vedado ab initio. Nem todas estas características permearam ou se impuseram como norma nas famílias macaenses. A título de curiosidade posso confirmar que se telefonasse para uma jovem, cujos pais eu não conhecesse, seria normalmente submetido ao mesmo interrogatório de uma mãe tipicamente chinesa:

"quem sou?
Como conheci a filha dela?
De onde era a minha família?
Se era casado?
Se os meus pais eram proprietários ou se trabalhavam?
Qual a profissão do meu pai?
O que estudava se andava a estudar ou em que trabalhava se andava a trabalhar?
Porque é que tinha a ousadia de lhe telefonar para casa..."

E por aí adiante, num chorrilho de perguntas que mal me deixaria tempo para dar qualquer resposta, previamente desnecessárias, sabendo-se antecipadamente que quaisquer que fossem tais respostas nunca seriam satisfatórias porque eu seria sempre um kwai-lo. É neste imbróglio de interesses divergentes e de agendas separadas que ali aterro em 1976 sem saber nada além de escassos ensinamentos sobre a ancestral cultura clássica chinesa. As preocupações à época não me levavam a interessar pela linguística que me viria a obcecar depois de 1984. Apenas achava curiosa a existência de um patuá similar ao de Malaca, um crioulo centenário, sobrevivente a tudo e todos com escassos membros falantes. A atração natural pela mulher oriental sobrelevava quaisquer outros interesses, a vontade de descobrir novos mundos em corpos de pele sedosa, em sensualidades de submissão e de devoção ao prazer hedonista conquistaram-me enquanto jovem. Os meus olhos raramente se desviavam das suas cabaias de seda ou Cheong-sam, justíssimas, de cores vivas e refulgentes e grandes aberturas laterais até ao cimo da alva coxa, bem torneada, a deixar antever mistérios por decifrar e paraísos por descobrir. Citando, de novo, Leal de Carvalho:

"A interpenetração dos valores culturais das múltiplas comunidades locais, a flexibilidade dos códigos morais ou sociais do Oriente, a influência no meio macaense dos usos e costumes chineses que instituíra na Colónia o concubinato com o reconhecimento social e legal, o contacto frequente com a sexualidade liberal dos aventureiros de outros mundos e etnias..."

O temperamento fácil das gentes do Sueste Asiático, as noites quentes e sensuais dos Trópicos...tinham adoçado a rigidez de fachada vitoriana e marialva, da moral sexual de importação lusitana e conferido à sociedade macaense uma tolerância e sofisticação que comportava... admissibilidade de pequenas infrações sexuais, aventuras pré-maritais com ou sem sequência matrimonial, recatados adultérios.»⁴¹

A queda inevitável pelas belezas asiáticas, bem como a flexibilidade dos costumes sexuais funcionam assim como forte motivação para a aceitação de alguns dos costumes do Outro...

...a mulher ser sempre «nova, esguia, bem torneada, na sua cabaia muito justa e brilhante, colarinho duro e alto, e grandes aberturas laterais até meia-coxa» (op. cit. p. 52).

Afinal, outros homens como ele sentiam o mesmo fascínio por aquelas mulheres.

É que, elas dançavam bem, estavam perfumadas, tinham «peles perfeitas e corpos esculturais, de feições enigmáticas, escondendo sabe-se lá que emoções ou sentimentos» (p. 53) ...

Várias vezes, ao longo deste livro e dos outros, é ressaltada a beleza serena e um tanto enigmática da mulher oriental, a sua sensualidade e a suavidade da pele: «as senhoras chinesas tinham uma complexion de pétala de rosa»⁴², característica que as macaenses herdariam. Ou ainda «a resignação ancestral da mulher oriental, habituada à natureza traiçoeira dos homens em geral e dos europeus em particular» (Ao Serviço de Sua Majestade: 323) - fizeram-se muitos casamentos com reinóis, donde provieram os macaenses. A longa ausência dos colonos, a solidão, o clima e a beleza da mulher asiática incitam à sua procura, garantindo uma provisão razoável de mestiças (half-caste), belas, de «olhos negros, vivazes e tentadores»,⁴³ sedutoras devido «à suavidade do sotaque» ou ao «calor do temperamento» (p. 29). Estas macaenses acabaram por assumir lugar de destaque na sociedade local.

Tudo isto (aqui magistralmente descrito pelo juiz açoriano e compilado pela colega Anabela Mimoso no 15º colóquio) servia de pano de fundo a emoções, paixões e desenfreamentos sexuais que assolavam os jovens ocidentais e a mim em particular. Tentar à distância de três décadas reviver sentimentos e outras sonoridades íntimas do ser humano é doloroso e

39 Esta lei do filho único (e para os chineses preferencialmente varão) foi mantida até novembro de 2015 data em que passou a ser permitido terem dois filhos.

40 Trata-se de uma cidade no Delta do Rio das Pérolas, perto de Macau. Pertence a Jiangmen (140 km a oeste de Hong Kong), faz parte de um arquipélago de 95 ilhas incluindo a maior de Guangdong, Shangchuan Island (S. João)

41 O Senhor Conde, p. 214

42 Ao Serviço de Sua Majestade p. 602

43 Ao Serviço de Sua Majestade p. 28

pode carecer de fidelidade. Surgem sempre enevoadas memórias mais róseas do que talvez, na época, fossem. Os elementos negativos da solidão, do afastamento do lar familiar habitual, da necessidade de conjugar novos verbos, novas famílias, novos sentimentos e emoções sobrepujam-se então a uma mera excitação pelas novas descobertas que preenchiam os meus dias e noites.

98.12. ABERTURA DAS PORTAS DO CERCO OUTUBRO 1980

Na celebração de trinta anos do aniversário da Revolução maoísta, a República Popular da China decidiu abrir as suas portas aos diabos estrangeiros. Ainda tinha no subconsciente a noção adolescente de que o maoísmo seria, talvez, um dos melhores sistemas políticos à face da terra. Era 1 de outubro de 1979 e logo, me aprestei a colocar o nome na lista dos candidatos a visitar a RPC, mas nenhuma viagem se realizaria antes de janeiro de 1980 e mesmo assim só me calharia a vez lá para março desse ano. Em cada mês apenas deixavam ir uma dezena de pessoas e assim, calhou-me a data de 28 de março a 1 de abril de 1980 para passar 5 dias e quatro noites na China. A expectativa era enorme, e o grupo era reduzido a apenas dez pessoas que pagaram então 1450 patacas (hoje seriam menos de 15 euros). Não eram aceites pessoas com passaportes de Israel, Coreia do Sul, África do Sul e Rodésia (ainda não era Zimbabué). A acomodação era feita na base de duas pessoas por quarto (com banho privativo) e não se podia levar divisa estrangeira a menos que fosse declarada, devendo adquirir-se previamente Renminbi (yuan). O primeiro documento que recebemos antes de partir era uma folha na qual se explicavam os costumes e normas de cortesia e que ficará bem aqui reter pela curiosidade que ora representa numa altura em que as viagens para a China são comuns, ao contrário de então. Perdoem a tradução literal que se fez do inglês.

" Como visitante de um país estrangeiro, um falso passo que o possa embaraçar a si ou aos seus anfitriões, normalmente resulta de uma falta de compreensão dos costumes do país e do seu povo. As áreas mais sensíveis incluem:

A liderança da República Popular da China é tida na mais alta consideração pelos seus cidadãos. Em nenhuma circunstância poderá fazer qualquer referência crítica ou cómica à mesma.

Qualquer comentário ou inferência de natureza sexual é considerada ofensiva. Qualquer tipo de contacto físico com exceção do aperto de mãos, deve ser evitado, para respeitar os costumes chineses.

Todas as pessoas na China são consideradas como tendo igual mérito. Tratamento depreciativo a porteiros, carregadores, falar alto ou exigir qualquer tratamento pessoal especial é considerado como uma falta de respeito.

As fotografias podem apenas ser tiradas depois de se ter pedido autorização às pessoas que se pretende fotografar.

Basta mostrar a câmara fotográfica para se observar a reação positiva ou negativa das pessoas pelo que deve agir em conformidade.

A pontualidade é considerada uma virtude na China. Vai encontrar os seus anfitriões sempre à hora marcada e os membros da excursão devem proceder de igual modo em todas as situações.

A visita a escolas, comunas, fábricas, brigadas longrui, hospitais, etc., normalmente incluirá uma reunião prévia com pessoal local que será traduzida pelo guia.

No final de cada visita, disponibiliza-se algum tempo para perguntas e respostas sobre assuntos que não foram focados ou não foram totalmente explicados no decurso da visita.

Quer a reunião prévia quer este período de perguntas e respostas se destina a fornecer o máximo de informações aos visitantes.

Se estiver atento durante as explicações permitirá aos seus colegas de visita o mesmo tempo para fazerem perguntas e obterem respostas.

É de bom-tom não se esquecer de agradecer ao pessoal local o tempo e esforço despendidos nas explicações e nas perguntas e respostas.

A entrega de ofertas não é insultuosa, mas em nenhuma circunstância é obrigatória ou deve ser esperada. Em muitas ocasiões deve ser educadamente recusada. Uma pequena lembrança deve ser entendida como um ato de amizade genuína e deve ser aceite, mas em nenhum caso deve ser uma oferta de grande valor.

A moeda em circulação na China é o Renminbi e a sua unidade básica é o yuan.

Na data de imprimir este programa a taxa de câmbio é de 1,58 yuan para um dólar americano.

Cada yuan divide-se em Jiao e Fan. Dez Fan são 1 Jiao, e 10 Jiao são 1 yuan....

...

Bebidas: não é aconselhável beber água da torneira. Bebidas refrigerantes, gasosas e cervejas estão disponíveis.

A sua roupa deve ser escolhida em termos de conforto e condições climatéricas, e não pela moda. Deve usar sapatos confortáveis.

Não há necessidade de se vestir formalmente para qualquer dos eventos que vai ter na China.

Calças e camisas desportivas para homem.

Para as senhoras, saias compridas ou vestidos estarão bem, mas é aceitável as mulheres vestirem calças. Todos devem vestir de forma modesta.⁴⁴

Gorjetas e taxas: todas as gorjetas e taxas estão incluídas no itinerário.

As gorjetas ao guia não são obrigatórias e ficam à descrição dos passageiros."

O programa iniciava-se em Macau dia 29, bem cedo, rumo a Chung San para visitar a aldeia de Cuiheng-Cun, onde nasceu o primeiro líder chinês Sun Yat-sen, seguido de almoço em Sheak Kei. Depois, seguia-se a viagem até Shun Duc para visitar uma fábrica de algodão, com descanso na Casa de Hóspedes de Shun Duc e visita à Comuna Tchong lònng Tam ou Clock Fall Pond e à Brigada de Produção Long-Rui na Comuna de Shiqi (Sha-qi) no condado de Zhongshan, com uma área cultivável de 3600 acres (1450 hectares ou 14,5 km²). Em Cantão, o alojamento era no Hotel Bayun (Pak Wan) em Huanshi Road, seguido de visita ao Hotel Tung Fóng para visitar um clube noturno tradicional e ouvir música. No dia 30 além da visita à comuna podiam apreciar-se as vistas, visitar o hospital, uma casa particular, um jardim-de-infância e uma loja do povo para fazer compras. Da parte de tarde após o almoço na comuna uma visita ao zoológico e a uma loja do povo e jantar no hotel. Depois, noite cultural com ópera no parque citadino em Cantão. Dia 31 após o pequeno-almoço das 7 e meia seguia-se para Foshan, visitar o velho templo, uma fábrica de cerâmica, uma de recortes artísticos em papel (paper cutting) e almoço em Foshan. De tarde, visita a uma loja de cinco andares, ao parque, à fábrica de marfim seguida de jantar no restaurante do hotel pelas 18.30. Dia 1 levantar pelas seis da manhã, verificação de bagagem e partida para a estação de comboio rumo à viagem até Hong Kong.

O panfleto dizia que Cantão era tão conhecida como Pequim ou Xangai pela sua Feira Internacional criada em 1957 (bianual, na primavera e no outono). Localizada no delta do Rio das Pérolas a cento e vinte quilómetros de Hong Kong, Cantão era recomendada para se visitar o Instituto Nacional do Movimento Campesino fundado pelo Presidente Mao, o Memorial ao doutor Sun Yat-sen, o Parque dos Mártires da Revolta de Kwang-chow, o Mausoléu dos 72 Mártires em Huanghuakang, o Parque Cultural no Rio das Pérolas, o Parque da Montanha em Paiyun (Nuvem Branca) e o Parque Yuehsiu, o Parque Lihua (corrente de flores), além do zoológico de Kwang-chow onde habitam os tradicionais Pandas gigantes, indústrias cerâmicas, de seda, de moldes metálicos em Foshan, a antiga residência do doutor Sun Yat-sen na aldeia de Tsui Hang em Chung San, entre a Comuna Shek-kei e Macau. Cantão tinha então apenas dois milhões de habitantes (hoje já vai nos 12 milhões) e desfrutava da sua história de mais de dois mil anos. Não constava do programa, mas os visitantes conseguiram autorização para uma curta visita à Cidade Proibida dos Estrangeiros em Shameen (ou ilha de Shamian) onde viram as habitações das missões estrangeiras acreditadas em Cantão desde o tempo da Guerras do Ópio. Nela encontraram a casa que servira de Consulado a Portugal onde vivera o Cônsul Português, avô da minha mulher

44 [Não existe o número 13 neste programa...]

macaense, até ao fim da Segunda Grande Guerra (houve relações ininterruptas entre Portugal e a China até 1949, depois de Tomé Pires em 1517 ter desembarcado em Cantão como primeiro embaixador do Rei de Portugal no Império do Meio entre Portugal e a República Popular da China, só foram reatadas em fevereiro 1979)

Shamian foi um importante porto de Guangzhou (Cantão) para o comércio internacional desde a dinastia Song à dinastia Qing. Do século 18 a meados do século 19, os estrangeiros viviam numa série de casas seguidas conhecidas como as 13 Fábricas em Shamian, junto das quais ancoravam milhares de pessoas em barcos.

Era um ponto estratégico vital para a defesa da cidade durante as Guerras do Ópio (1856-1860).

Em 1859, o território foi dividido em duas concessões, a francesa (1/5) e a inglesa (4/5 da ilha) e ligado ao continente por duas pontes que fechavam diariamente pelas dez da noite por motivo de segurança.

A ponte inglesa era guardada pela Guarda Real, composta por soldados Sikhs, e a francesa por soldados Anamitas (do Vietname).

Havia companhias mercantis da Grã-Bretanha, Estados Unidos, França, Holanda, Itália, Alemanha, Japão e Portugal ali estabelecidas, em mansões de pedra ao longo da marginal da ilha, em construções tipicamente europeias de telhados inclinados e largas varandas.

A ilha presenciou um sangrento e mortífero episódio entre cadetes da Academia Militar e estudantes, que ficou conhecido como o "incidente de 23 de junho de 1925".

Permanecem até hoje (1980) em bom estado de conservação a católica Igreja de N. Sra. de Lurdes (construída pelos franceses em 1892) e a protestante Igreja de Cristo (construída pelos ingleses em 1865).

Nas últimas décadas todos os edifícios foram reconstruídos e recuperados, com placas a comemorar a sua utilização anterior, mas quando os visitei em 1980 estavam decrépitos e albergavam dezenas de famílias, cada um deles, numa ocupação selvagem ditada pela sua ocupação em 1949 quando se converteram em edifícios públicos, apartamentos e fábricas.

Por curiosidade fui agora mesmo ver na internet, Cantão e a zona de Shamian estava irreconhecível. Dos velhos edifícios decadentes, sobrepopulados e quase em ruínas restauraram essas velhas mansões coloniais ao seu brilho de há século e meio atrás com todos os requisitos da moderna civilização.

Estava rejuvenescida Shamian, podia ser Paris ou Londres com as suas alamedas de frondosas árvores, a traça larga das suas avenidas e as velhas mansões resplandecentes.

As velhas estátuas ocidentais que pontuam as várias ruas lineares foram igualmente recuperadas, mas nessa visita de 1980 estavam em avançado estado de decomposição.

O consulado português de então, segundo creio, é hoje um Café Starbucks...

Voltemos agora ao roteiro de 1980 e a essa viagem mágica da primeira incursão na China de Mao. De início tudo correu bem até verem que a guia de Macau que acompanhava o senhor Chen (guia oficial chinês) e a minha mulher macaense eram fluentes em cantonês. De facto, elas estavam a traduzir mais que o senhor Chen, pois este deixava de fora muita informação e desinterpretava muita coisa do que se dizia e se perguntava, mormente na Comuna. Aqui, além de vermos os patos, galinhas, gansos, a produção de arroz, outros cereais e vegetais fizemos perguntas à dona da casa sobre o marido. Ela disse que se encontrava num campo de trabalho (de concentração?) a dias de viagem e há anos que não ia a casa. A tradução oficial do senhor Chen foi de que o competente trabalhador se dispusera a ajudar outra comuna que precisava mais dos seus serviços e da sua experiência.... Quando se quis saber como é que uma mulher que vivia só com dois ou três filhos pequenos (estavam na creche da comuna) tinha uma cozinha com tantas cadeiras, a resposta original era de que tinha de ter cadeiras para visitantes como nós, mas a tradução oficial dizia que lá se reuniam os membros da comuna para tratar de assuntos relacionados com a produção agrícola da comuna.... Ela tinha aquelas cadeiras todas por ser do Partido!

A visita ao hospital regional perto da comuna de Tchong lònng Tam foi assustadora com a sua enorme exposição pública de frascos e amostras de fetos com deformações várias, e sabe-se lá que mais ali estava em exposição. Uma verdadeira viagem ao mundo do Dr Jekyll e Mr Hyde acompanhada da nauseabunda explicação da diretora clínica. Se aquele era um hospital modelo só suplicávamos que ninguém adoecesse na viagem. A precariedade das instalações, os equipamentos anteriores à Segunda Grande Guerra e um estado geral de abandono e decadência eram assustadores. Ainda se - ao menos - tivessem caído as paredes depois da Primeira Grande Guerra.... Excepcionais e memoráveis foram as visitas às fábricas de marfim, da seda, de "paper cutting (recortes de papel)" salientando-se na primeira, a detalhada explicação sobre a morosidade do trabalho mais fino e da precisa manipulação de instrumentos para as partes em filigrana de marfim. Era deveras impressionante como se conseguia colocar uma bola dentro de uma peça de marfim antes de ela estar completa para que não caísse depois. Semelhante às bolas que estão sempre na boca dos dragões que adornam a entrada de muitos templos. Acabei por trazer além de uma pequena peça, elaboradíssima e complexa em marfim, um grão de arroz com o meu nome inscrito nele.

(Nota triste do autor ☹). Para quem não sabe, o destino ingrato deste grão de arroz foi o esgoto da cidade do Porto. Uma empregada doméstica, a violenta dona Violante, no começo do século XXI deixara cair a pequena caixa onde estava o grão de arroz, coberto por um minúsculo vidro, e para que ninguém notasse que a peça se tinha partido, foi buscar o aspirador e eliminou as provas do crime, sem nada dizer! Motivo para despedimento na hora com justa causa.

As fábricas de algodão e de seda eram deveras interessantes, mas já a fábrica de metalurgia não trouxe novidades. O local onde cortavam o papel de arroz para fazer figuras filigranadas era outro espanto de paciência chinesa e de precisão. Ainda hoje guarda religiosamente inúmeras amostras destes trabalhos artísticos tão originais. A pior parte foi quando tentei que o guia me autorizasse a falar com o diretor da estação de rádio. Ocidentalizado como ainda era, pedira como quem pede um copo de água, para fazer uma curta transmissão para Macau como previamente organizara (e levava documento comprovativo) com a TDM/Rádio Macau. O guia e o porta-voz oficial da estação começaram de novo a falar em mandarim, a perderem a compostura, em voz altissonante, como se acabasse de cometer um crime insultuoso contra o Grande Líder, Mao Tse Tung (Máo Zédōng). Sem jamais perceber o que se passava (ninguém entedia mandarim) acabei por ser informado que era altamente ilegal tentar fazer uma transmissão da China para o estrangeiro e que jamais se esperaria que a mesma fosse autorizada. Como resultado daquele pedido a visita à estação de rádio acabaria cancelada, ali mesmo, do lado de fora do gradeamento. Passei a conter-me mais, a partir desse momento, pois estive perto de ser considerado um perigoso espião que ia passar segredos de Estado ao estrangeiro sobre o atraso de vida que era a China naquela época. Com efeito, desde a ida ao hospital, era enorme o meu desencanto pelo atraso de tudo o que nos rodeava. Os templos eram soberbos, mas todos tinham sido construídos séculos antes. De facto, a grande revolução cultural mais não fizera além de matar a *intelligentsia* e enviar para campos de concentração todos os literatos, intelectuais e artistas e destruí-los, pois, na visão de Mao todo o saber e conhecimento eram burgueses. (Deve ser por isso que hoje há tanto ignorante em Portugal, não querem que as massas sejam burguesas!)

A coletivização dos campos limitou-se a tirar as terras a quem as tinha e substituir quem lá estava pelos trabalhadores iletrados e com poucos conhecimentos sobre a agricultura (uma espécie de má reforma agrária no Alentejo, mas em escala muito grande).

Habitados a trabalhar, em funções repetitivas, sem capacidade de iniciativa nem conhecimentos técnicos, os trabalhadores que passaram a gerir os coletivos revelaram-se um desastre total. De uma quase autossuficiência passou-se à necessidade de importar. Assim, a China passou de celeiro do mundo a importador de comida. Grande Mao. Grande líder que assim me enganaste.

Nada do que vi tinha correlação com o Livro Vermelho nem com os grandes placards de publicidade ao maoísmo.

Apenas certificava a enorme campanha de lavagem ao cérebro do povo iletrado, educando-o contra quem o regime pensava que eram os seus inimigos (de classe, claro) e pretendendo que era o povo quem mais ordenava.

As estradas eram um susto, cheias de buracos, piores que as estradas municipais de Portugal, toda a gente conduzia e apitava ao mesmo tempo e ninguém pensava duas vezes se cabiam duas viaturas ou não, tentavam ambas passar em simultâneo. Os sobressaltos na estrada eram tantos que deixei de olhar em frente e passei a olhar para os lados, para os campos na esperança de ver algo interessante. Também aí residira nova surpresa: fora nesses campos, em plena berma da estrada, onde quer que calhasse, que vira muitos chineses e chinesas fazerem as suas necessidades em plena vista de todos, com o ar mais descontraído do mundo. Houvera mesmo quem acenasse ao nosso autocarro.... Grotesco Ali na China, nem sequer o buraco no chão, tão típico destas regiões asiáticas, como vira na Indonésia, na Tailândia, na Índia, estava disponível. Pelo que vi nos campos (e pelo que, mais tarde, li), em plena vista de todos, fazia-se tudo, amanhavam-se as terras, plantava-se o arroz, defecava-se, urinava-se e tinham-se crianças, numa curta pausa, para não interromper o ciclo produtivo das massas operárias. Seria assim que pensavam aumentar a produtividade?

Do meu quarto de Hotel, pelas seis e meia da manhã, não se viam carros (poucos havia ainda nesses idos de 1980, eram os do partido e poucos mais) mas sim alguns autocarros bem antigos e fumegantes (a poluição ainda não era o perigo insalubre que seria mais tarde) e milhares, senão mesmo, milhões de bicicletas. No entanto, o barulho de buzinas fazia prever que se estava em Carachi ou Bombaim. Ao fim da tarde o espetáculo repetia-se em sentido inverso, da esquerda para a direita do seu campo visual, com o regresso das massas trabalhadoras aos seus locais de origem, fora de Cantão. A ópera chinesa no parque fora uma grande "seca" de mais de duas horas, com a habitual peculiaridade de homens maquilhados desempenharem os papéis femininos, na velha tradição da cantoria tradicional chinesa. Por outro lado, já o clube noturno fora uma agradável surpresa e uma viagem no tempo, com um grupo de instrumentistas e cantantes vestidos à moda da década de 1920, a interpretarem temas de música norte-americana do fim do século XIX ou princípio do século XX. Parecia o faroeste revisitado com olhos em bico. Todos os demais presentes se mostravam muito curiosos por estes diabos brancos que os escutavam, pois ainda se não tinham habituado a ver caras brancas (e uma delas era loura) pois, até então, poucos turistas tinham ainda entrado no país. As lojas do povo foram outra decepção pois poucos produtos estavam em exposição, lembravam as velhas prateleiras dos supermercados dos países de leste durante a Guerra Fria. Nada havia de interessante ou diferente para comprar, além do vinho de arroz e outras bebidas exóticas. Não havia dúvidas de que a China dava os seus primeiros passos na abertura a Ocidente. O que é espantoso é ver o que eles conseguiram em trinta anos, como consegui comprovar na curta visita de um dia à zona de Zuhai, no fim do 15º colóquio em 2011. Sem comparação, haviam convertido a China numa versão oriental das grandes metrópoles ocidentais com todo o consumismo que isso implica e a disponibilização de todos os bens de consumo imagináveis.

Não havia paralelismo possível entre o que observei em 1980 e o que via agora. Dava vontade de viver na China e partilhar aquela pujança económica de crescimento acelerado se considerarmos que se trata da pátria de 1,4 biliões de pessoas. Era a mesma pujança que vi em Macau trinta anos depois, nessa visita de 2011. Infelizmente, que a missão a Macau durava apenas dez dias e teríamos todos de regressar para aquele país europeu que se afundava lentamente, com crescimento negativo esperado por muitos e bons anos, fruto da desgovernação de décadas após a revolução de 1974. Portugal era um país que se atrasava - cada vez mais - e que parecia tão desenvolvido em 1980 quando comparado com a China de então. Assim parecera também no início da década de 1960 em comparação com a vizinha Espanha. O milagre económico da China, não tenhamos dúvidas, foi feito à custa da violação de muitos (ou quase todos) direitos humanos e de abusos e crimes quanto à proteção do meio ambiente, num regime alegadamente comunista onde o Partido ainda hoje decide tudo sobre as pessoas que estão sob o seu comando. Mas fiquem bem cientes de que a maioria das pessoas vive hoje incomensuravelmente melhor do que em 1980. Disso não devem restar dúvidas a ninguém.

Esse crescimento económico, à custa da exploração desenfreada e sem pruridos, de uma mão de obra extremamente barata teve e tem o seu preço, mas quem for mais santo do que eu decida. Por comparação, em Portugal os trabalhadores estão cheios de direitos (férias, subsídios de natal, direito à greve, e sabe-se lá que mais), que dão para reformas miseráveis. Na China praticamente não existem. Pela fisionomia apenas, não creio que os portugueses sejam mais felizes do que os chineses e com a agravante de que se queixam infinitamente mais. E se os portugueses não conseguem gerir e fazer crescer um país mais pequeno do que a maior parte das cidades chinesas então é porque estão a seguir uma política que se assemelha ao ataque de Mao à cultura e educação. Em ambos os casos, vi as diferenças de regimes e os resultados que em ambos se atingiram, apenas no decurso de metade da minha vida já vivida. Provavelmente, não viverei o suficiente para ver a China passar a supernação como os EUA foram até há pouco, mas dificilmente o poderia imaginar aquando desta minha visita em 1980. A história é feita de cataclismos e convulsões, guerras e outros desastres naturais e humanos, mas a continuar como está, o mundo ocidental está definitivamente morto e enterrado e as nações emergentes como a China e a Índia poderão, em breve, dominar esse mesmo mundo. Tinham-se limitado a adotar a mesma fórmula, ajustada à sua enorme dimensão de terceiro ou quarto maior país do mundo e mais populosos de todos. Vira então (1980) e tornara a ver (2011) os alunos de escolas chinesas, silenciosos, ordeiros, obedientes e disciplinados. Que diferença para a selva das escolas portuguesas.

O atual sistema de escrita chinesa é o resultado de um longo processo de depuração dos primeiros pictogramas, desenhados há oito mil anos, que mais não eram do que uma estilização da realidade.

A sua primeira aplicação metódica terá sido como uma espécie de linguagem em código nas mensagens trocadas entre líderes militares onde eram dadas ordens e informações diversas sobre o terreno das batalhas ou disposição das tropas.

No sistema uniformizado de hoje os sinogramas (caracteres) são compostos por módulos cujas combinações determinam o sentido final.

Os dicionários dão conta de mais de 48 mil caracteres, contudo a esmagadora maioria caiu em desuso e apenas sobrevive em textos antigos ou em chinês arcaico. Para se ler um jornal em chinês é "só" preciso reconhecer uns dois mil caracteres - padrão que a China considera um nível literário médio.

Os programas básicos para escrever chinês em computador incorporam entre 6 e 13 mil caracteres.

A escrita de um sinograma obedece a uma agregação lógica de ideias e é, normalmente, composto por duas partes: uma semântica que dá o sentido, e a outra sonora, de onde se extrai o som.

O de madeira, ou árvore, (木), por exemplo, corresponde na sua estilização a uma árvore. Por associação, o caráter final floresta é composto pela justaposição de dois ou três caracteres de árvore (林 森).

Também os caracteres que transmitem o conceito água utilizam módulos ou radicais de água (氵), como rio (河), sumo (汁) ou baía (澳).

Por exemplo, a palavra Macau (Àomén em mandarim) escreve-se com os dois caracteres - 澳 e 門 - que, isolados, assumem diferentes significados.

Segundo o dicionário da Universidade de Estudos Internacionais de Xangai, o caráter 澳 isolado significa enseada, ancoradouro, Austrália, baía ou Oceânia, e o caráter 門 significa porta, entrada, escola, budismo enquanto seita, ou uma disciplina académica.

Macau é, no seu significado em língua chinesa, uma porta - entre a China e o mundo - localizada numa baía.

Mero aprendiz de feiticeiro, jovem desenfreado na minha segunda aventura de liberdade em 1976, sem as peias constrangedoras da sociedade patriarcal em que cresci, estava disposto a gozar ao máximo o que a vida me pudesse proporcionar. O hedonismo era, sem sombra de dúvida, a filosofia preponderante que me guiava nesses dias. Demasiadas restrições, proibições, tradições invioláveis e outros tabus haviam regido a minha vida desde infante a adolescente. Liberto das peias castradoras da sociedade ocidental e da família arreigada a tradições seculares, ia, enfim, crescer numa errância própria da era das descobertas. Era uma aprendizagem que ia iniciar sem noções premeditadas, nem destinos certos, mas ainda irremediavelmente coartado pelos princípios e noções basilares recebidas de meus pais no tocante à inviolabilidade e perenidade da família. Começava, porém, a descobrir que a vida não era como o yin e yang, uma existência entre o branco e o negro, antes era matizada por uma infinidade de tons cinzentos.

Também a minha vida era composta por duas forças complementares e sendo de signo Balança ou Libra, havia um equilíbrio dinâmico entre elas, que - tal como no princípio da dualidade de yin e yang - surgia o movimento e mutação, a que não se queria opor. Se uma era ativa, diurna, luminosa, quente, já a outra era passiva, noturna, escura, fria. Eu ainda era um ocidental em busca de equilíbrio e de identidade, tal como os macaenses em ambiente estranho e hostil. Muitas eram as forças contraditórias que me impeliam e travavam. Tal como Kung-Fu-Tzu (Confúcio), entre as minhas preocupações estavam a moral, a política, a pedagogia e a religião, por esta mesma ordem de valoração. O valor dado ao estudo, à disciplina, à ordem, à consciência política e ao trabalho são lemas que o confucionismo impôs à civilização chinesa da antiguidade e que se mantêm nos dias de hoje, não sendo uma religião, nem um credo estabelecido, mas apenas determinações rituais de caráter social, que permitem a liberdade de crença em qualquer tipo de sistema metafísico ou religioso que não vá contra as regras de respeito mútuo e etiqueta pessoal.

Curiosamente, este quase total paralelismo entre os valores confucionistas e os meus, deixaram aberta uma via de compreensão. Mas, naquela época faltavam-me ainda muitos anos para entender, na sua globalidade, o verdadeiro significado do dito confucionista "Mesmo nas situações mais pobres uma pessoa que vive corretamente será feliz. Coisas mal adquiridas nunca trarão felicidade" que se tornaria no meu arquétipo após os quarenta e cinco anos.

A vida em Macau - entre 1976 e 1983 - tinha ainda, para mim, muito do chamamento materialista que a situação privilegiada de que beneficiava [em Macau] me podia acarretar. Por outro lado, as inovações técnicas e tecnológicas que ali chegavam (antes de desembarcarem na Europa e nos EUA) eram demasiado atraentes para as recusar. Os meus jovens anos não eram conducentes a uma prática de reflexão, mas antes se centravam num hedonismo de ação e gratificação instantânea, de sentidos e sentimentos. Sabia que queria ser feliz, mas não sabia como chegar lá. Ia ensaiar o velho sistema de tentar e errar e confiar na minha proverbial sorte para o atingir. Como a avó paterna me dissera sempre, eu nascera no dia do anjo da guarda e isso proteger-me-ia. Não sendo crente há quase cinco décadas tenho - porém - de admitir que essa premonição da minha avó se revelou bem mais correta do que quero crer.

Ainda não chegara - nessa era - ao ponto em que me consideraria um nativo do ocidente com uma visão oriental do mundo, frase que teria a oportunidade de citar ao presidente Prof. Lei Heong lok do Instituto Politécnico de Macau a 13 de abril de 2011 para lhe explicar como interpretava o interesse da China pela lusofonia. Conseguia transmutar a minha mente para um ponto de vista oriental, olvidando as razões lógicas do pensamento ocidental, mas imbuindo-me de um pensamento confucionista delimitava tais razões e ações. Com efeito, depois de viver, conviver e analisar os que me rodearam ao longo de seis anos, mais aquilo que aprendera com expatriados chineses, macaenses e de Hong Kong na Austrália, tudo isso despertara em mim uma forma nova de encarar a vida, o presente e o futuro, para adotar uma visão mais oriental. Menos do imediatismo ocidental que busca fruir uma satisfação imediata para uma posição subjetiva dos objetivos a que me propunha.

Era difícil de explicar, mas o método que segui era basicamente o de esquecer todas as premissas em que crescera e tentar colocar-me na mente do outro, imaginar o quando, como e porquê das suas atitudes, tentar antecipá-las e usar as mesmas, se possível em proveito próprio, como forma de me precaver contra inopinadas surpresas... Nem sempre era fácil, nem sempre era possível, nem sempre levava aos resultados esperados, mas iria permitir-me, mais tarde atingir o balanço cultural entre a origem e as aprendizagens orientais que cultivaria ao longo de décadas de vivência na Australásia e no Império do Meio.

Isso adviria, bem depois, sem sequer me aperceber de como já era diferente dos familiares e amigos que deixara para trás em Portugal. Estes, dificilmente entenderiam a minha mudança de nome, de identidade, de nacionalidade e já mais interpretaríamos corretamente a mudança de paradigmas pelos quais me passaria a reger anos mais tarde. A verdade é que essa mudança, que inicial e erroneamente localizara em Timor, se deu precisamente em Macau no confronto entre as noções e princípios ensinados na minha educação judaico-cristã e os mundos desconhecidos de que Marco Polo falava e ora eu conhecia.

A chamada religião chinesa não é uma religião única como o judaísmo ou o islamismo. É constituída por muitas religiões e filosofias diferentes, como o confucionismo [Confúcio, 551-479 a.C.], e o taoísmo. Porém, Confúcio não pretendia fundar uma religião. Como propósito pretendia propiciar instrução moral e ensinar as pessoas a viver bem, de acordo com os valores de dever, cortesia, sabedoria e generosidade. Uma das ideias mais importantes de Confúcio era que os filhos deviam honrar e respeitar os pais, tanto em vida como após a morte. Por isso, encorajava a prática do culto aos antepassados, que já fazia parte da religião chinesa.

Sábios posteriores como Mêncio (372-289 a.C.) e Zhu Xi (1130-1200) transformaram as ideias de Confúcio num sistema religioso. Já no taoísmo, o Tao é mais do que um caminho, definindo-se como a fonte de tudo neste mundo. Ao seguir o caminho, os taoístas aspiram à união com o Tao, e, portanto, com as forças da natureza. Isso implica livrar-se de preocupações e apego ao mundo material para concentrar-se no caminho, alcançando assim equilíbrio e harmonia na própria vida e conquistando a paz que vem da compreensão. Diz-se dos que atingem esse objetivo que serão imortais após a morte física.

Considere-se como terceira religião o budismo que penetrou na China perto do início da era cristã, atingindo seu apogeu durante a dinastia T'ang (618-907). Ao oferecer aos chineses uma análise da natureza transitória e sofredora da vida, o budismo oferece também um caminho de libertação, introduzindo, no entanto, a possibilidade de que os ancestrais estejam a ser atormentados no inferno. Rituais para adquirir e transferir méritos aos mortos tornaram-se importantes, seja pela execução correta de funerais, seja por meio de outros rituais.

A religião popular é tão extensamente praticada que, embora seja ainda mais diversificada, se constitui como uma quarta via. Os chineses em geral não sentem que devam aceitar determinada religião ou filosofia e rejeitar as demais. Escolhem aquela que parece ser mais conveniente ou proveitosa - seja no lar, na vida pública ou nos ritos de passagem. Mesmo a ideia de transcendente não se aplica também aos chineses no geral. O pensamento chinês é, em sua origem, imanente - tudo está aqui, em potência, esperando ser desperto. A transcendência só existe no budismo, que acredita numa libertação completa da matéria. Sei-o agora com a experiência dos anos e a retrospectiva que o recente regresso a Macau me inspirara.

Inferira igualmente que a razão por que Macau ainda não dispusera (até estas crônicas) de um só capítulo total e devotadamente dedicado, nos dois volumes de Crônicas, se devia ao facto de haver pontas por unir, e que essa conjugação dos fios da meada só se tornara possível ao regressar ali após quase trinta anos de ausência.

Macau fora um capítulo em aberto, uma história por contar, uma estória em busca de um desenlace. Por vezes, só o tempo permite analisar de forma fria e sem emoções, a relevância de factos passados.

Sou definitivamente um nativo do ocidente com uma visão oriental do mundo.

98.14. CASAMENTO

Assim se passaram os anos, entremeados com férias de mês e meio em Portugal num ano, noutra ano na Austrália. Era sempre uma boa desculpa para rever amigos e família. Os meus contratos com a CEM eram bienais e eram sucessivamente renovados.

Entretanto, avançava o processo final de emigração para a Austrália ao abrigo da cláusula de reunião de família, dado que a minha mulher macaense já vivia de facto com ele há mais de dois anos. Quando me concederam o visto tive de pedir adiamentos por causa das renovações do contrato da CEM. O divórcio litigioso com a mãe dos gémeos foi decretado em finais de 1979. ALELUIA.

Estava, enfim, livre para casar logo que a papelada fosse registada e processada no meu assento de nascimento. Em março de 1980, a senhora conservadora do Registo Civil de Macau recusou casar-me sob uma falsa interpretação da lei, mas na prática era apenas por ser amiga da minha ex-mulher. Não perdi tempo a recorrer da decisão. Fui a Hong Kong meter os papéis. Ali casei em junho 80. Cerimónia civil rápida com padrinhos e testemunhas. Depois, houve uma pequena festa privada para oito pessoas em casa da madrinha de casamento (a Rubye, irmã do escritor Henrique Senna Fernandes e mulher do então Cônsul-Geral de Portugal na colónia britânica) para comer o bolo e beber o champanhe francês enquanto nos deliciávamos com a vista fabulosa sobre a baía de Hong Kong e o aeroporto de Kai Tak. Seguiu-se a viagem para Macau onde houve o tradicional banho de arroz.

Mudou-se de roupa e foi-se para a boda na Pousada de Coloane com uns 130 convidados incluindo alguns dos mais elevados representantes do poder chinês. A servir-nos, o açoriano transmigrado Fernando Gomes que ficaria celebrado mais tarde pelo seu próprio restaurante em Hác Sa.

Presentes na entrega de presentes o jovem Edmund Ho (futuro governador de Macau após a devolução de Macau à China) a dar-nos o lai-si, além do Roque Choi e Stanley Ho (o dono dos casinos). A razão para tanta gente deve-se ao costume chinês do lai-si, ou seja, dinheiro num pequeno envelope vermelho debruado com um desenho dourado. Todas estas ofertas deram e sobraram para pagar a boda.

Convidei e misturei toda a gente. O diretor-geral da CEM, mulher e enteados (um deles o Ricardo Pinto), sentado ao lado do chefe de armazém, o comandante da marinha com as francesas do "cancã", os mecânicos e suas famílias com o diretor da Rádio, o seu amigo e "meio-irmão" adotivo Nick Griffin, padrinho officioso de casamento a falar inglês e chinês, outros a falarem português, numa mistura de classes sociais, sotaques e línguas difícil de imaginar e jamais vista.

As pessoas inicialmente intimidadas acabaram por se tornarem mais humanas durante umas horas. Quando todos saíram já eu estava exausto. Os meus pais recusaram-se, com uma qualquer desculpa habitual, a estarem presentes apesar de lhes ter enviado bilhetes de avião. Apenas a mãe portuguesa da minha mulher macaense veio da Austrália e aproveitou para reencontrar amigos que ali fizera ao longo de 30 anos.

Depois fui cumprir a promessa do poema desta crónica e fui à Tailândia passar dez dias a fingir de lua-de-mel que a verdadeira ficou adiada para Portugal, onde estivemos no Algarve com a irmã e o cunhado.

Foram umas férias selvagens sem horas para nada, jantávamos muitas vezes depois da meia-noite. Talvez tenha sido das poucas vezes em que apreciei estar no Algarve, local que considero um dos melhores exemplos dos atentados do homem contra a natureza e beleza primitiva em troca de uns meros trinta dinheiros tal como Judas.

A dilapidação do Algarve impressiona-me negativamente, mas essa era a natureza mundana e portuguesa e a única forma de me manifestar era evitar deslocar-me a esse rincão sul do pequeno retângulo português. Na Austrália, em continuação de lua-de-mel, alugamos um carro e viajamos pelo estado da Austrália Ocidental, fartamo-nos de passar dias no mar no iate Breakaway do meu cunhado, na ilha Rottneest e a ir a festas mascaradas.



CARRO NOVO 1982 NISSAN SUNNY 1600 CC

A vida em Macau estava por um fio, com os sucessivos adiamentos que a Imigração Australiana me concedera para me radicar lá definitivamente. Em junho de 1982 fui intimado pela embaixada australiana de Hong Kong a fazer as malas até dezembro, se não o meu visto era cancelado e a autorização de emigrar revogada.

Lá fui a correr trocar o meu Toyota Cellica 2.0 ST que comprara quando me fartei do sal no depósito do Fiat 128. Optei por um carro mais cidadão, um Nissan Sunny 1.6 Hatchback, matrícula MB-12-86, com todos os extras que conseguira rapidamente importar de Hong Kong.

Depois, foi a tarefa de embalar tudo e o carro em 30 m³ num contentor. Executamos modelos em miniatura para provar aos céticos "coolies" chineses que os 174 caixotes iriam caber. Cheguei, definitivamente, ao continente-ilha a 14 janeiro 1983, quase na mesma data em que chegara a Macau anos antes. Mais velho, mas nem por isso necessariamente mais maduro, sonhava já poder comprar uma casa com piscina, ter um barco ancorado numa marina e uma vida cheia de futuro. Como se verá noutra local, nada disso foi conseguido, mas valeu a pena.

98.15. RECORDAR MACAU

Em 2011 era a redescoberta de uma terra que duplicara de área física, mudara a soberania artificial e nominalmente portuguesa para a sua velha pátria chinesa, mas mantinha-se autónoma e com isso se tornara a nova Las Vegas. Com cerca de 30 casinos, em vez de três ou quatro da presença portuguesa, já faturava três vezes mais do que a sua congénere no Arizona. A palavra de ordem naquilo que via era progresso, desenvolvimento, pontes, prédios, estradas, tecnologias de ponta e a preservação da língua portuguesa que tão descurada fora em mais de 450 anos de presença simbólica de uma administração portuguesa. Um país e dois sistemas, como em Hong Kong, provaram algo em que poucos criam. A preservação e incentivo da língua de Camões vieram como um bónus económico à implantação chinesa na África e no Brasil.

Voltemos ao passado. Nestas décadas todas, apenas me lembrara de Macau ao ver um programa assustador a 12 dezembro 2005, num dos canais generalistas de televisão, na RTP1, "Prós e Contrás" da Fátima Campos Ferreira.

Até a Judite de Sousa ou mesmo o emproado José Rodrigues dos Santos (que lá fez o liceu) começaram na RTP em Macau em 1980 ou 1981, seriam mais apropriados para fazerem um programa destes pois têm melhor preparação e cultura do que esta Fátima. Fora o tema que me interessara, pois iria observar a situação seis anos após a transição do poder em Macau. Ali estive colocado em serviço de dezembro 1976 a março 1983 (na prática estive menos tempo).

Lidara com muitos dos 750 funcionários da CEM naquela época. Convivera com eles, partilhara das suas festas, e aprendera o valor incomensurável da palavra tempo, que ali surge com outro significado. Os orientais, em especial os chineses seguem implacáveis, direções milenares, sem hesitações num sentimento de dever e de tradição que nada tem a ver com as noções ocidentais equivalentes. Há um objetivo a atingir e essa é a meta que perseguem à custa de tudo e de todos, como se fora uma missão sagrada ou divina, para quem os obstáculos são apenas meros percalços do caminho que há que saltar ou contornar ou eliminar.

Lembrem-se: "O rio só atinge seu objetivo porque aprendeu a contornar seus obstáculos!" segundo escreveu Lao Tsé, filósofo chinês⁴⁵. Há um objetivo a atingir e essa é a meta que perseguem à custa de tudo e de todos, como se fora uma missão sagrada ou divina, para quem os obstáculos são apenas meros percalços do caminho que há que saltar ou contornar ou eliminar. Podem nunca pronunciar esse objetivo, podem nem se aperceber da sua existência, podem nem sequer transmitir essa herança genética, mas ela perdura – irreversível - como uma tatuagem a ferro e fogo. Não há nenhuma norma escrita que nos possa orientar sobre esta atitude filosófica. Lembrava-me que a CTC (Central Termoelétrica de Coloane, na ilha do mesmo nome) estivera dois anos nas mãos dos japoneses antes de nos entregarem a chave das operações, e ali tentei, com a sofreguidão de jovem executivo, impor um novo esquema de trabalho.

Havia cerca de 32 feriados por ano, os de Macau (portugueses), os dos chineses, e os de Hong Kong (ingleses). Havia dias em que na Central só havia chefes e outros em que só havia serventes ou "coolies" (como então ainda se designavam os trabalhadores indiferenciados). Era difícil chegar a acordo com eles, prometia-se-lhes mais dinheiro, mas eles não queriam, prometia-se-lhes mais dias de folga, mas eles recusavam. Finalmente, foi acordada uma nova lista de feriados conjuntos que acabou por merecer a aprovação deles, sem recurso a mais dinheiro ou a mais horas de descanso, apenas um arranjo melhor da lista.

O dinheiro e a promessa de descanso que teriam levado qualquer ocidental a aceitar a mudança ali não surtira efeito. Essa era uma das muitas lições que ali aprendi. Mais difícil depois fora criar carreiras profissionais para os locais, quando os continentais e outros expatriados de África que para ali tinham ido, tinham sido contratados com condições milionárias. Por exemplo, os Chefes de Secção, duma Divisão, ganhavam inicialmente 300 patacas e o superior hierárquico imediato, Chefe da Divisão 5000 patacas... Com uma nova política de responsabilização, melhor aproveitamento de recursos, possibilidades de promoção e outras coisas acabou por reduzir-se substancialmente esse fosso. Se no início de 1977 aquele diferencial salarial era de 21,7, uns meros cinco anos depois (1982) era apenas de 8, nada mau para aumentar a justiça social.

Exatamente o contrário do que se passa em Portugal, nas últimas décadas, em que tal diferencial não parou de aumentar.

Eu sempre andara ao contrário de todo o mundo, como os caranguejos, mas em vez de andar para trás andava sempre para a frente, adiantado em relação aos restantes. Pouco sabia de chinês falado (mais propriamente cantonense) embora conseguisse balbuciar algumas frases elementares, mormente em relação a comida. Aprendi imenso com os chineses, conquanto, em tempos que já lá vão, tivesse vivido e casado com uma nativa macaense. Com eles aprendi o significado da palavra paciência e a ideia de que se deve programar e agir com vista a um futuro longínquo e invisível. Tudo isto contrariava as noções basilares da filosofia ocidental que aprendi desde os bancos da escola.

Senão, vejamos o exemplo chinês do bambu, ou melhor dizendo do bambu chinês. O bambu, quando plantado por semente, tem uma maneira tão peculiar de brotar e crescer que se tornou uma grande lição de sabedoria. A semente, depois de colocada no solo, demora muito tempo para apresentar sinais externos de que vai vingar. O bambu enraíza-se bem fundo antes de crescer fora da terra. No início, a semente transforma-se num bolbo e depois de algum tempo surge um pequeno rebento. Este rebento permanece inalterado sob o solo por um longo período. Somente depois de as raízes atingirem dezenas de metros, ao longo de cinco anos de incessante trabalho, é que começa a projetar-se para fora da superfície. Depois, em pouco tempo, o bambu cresce vertiginosamente e atinge a altura de 25 metros! Ao observar o comportamento do bambu, os chineses aprenderam a importância da paciência e da determinação. Muitas vezes, queremos na sociedade ocidental do imediatismo, que as coisas aconteçam rapidamente e ficamos impacientes diante dos morosos resultados. Se a preocupação for para mostrar efeitos imediatos, corremos o risco de sacrificar as bases, os alicerces, e, com isso, colocamos tudo a perder. Reconhecer o que o momento presente exige e depois, paulatinamente, confiar - este é o segredo do bambu chinês. O bambu simplesmente faz o que tem que ser feito, no momento em que tem que ser feito, e faz tudo com serenidade, segurança e coragem. Não pensa nos resultados nem sofre por antecipação. O bambu, assim como o sábio, tem confiança plena no processo, nos movimentos da Natureza e na perfeição do universo.

Tudo isto é baseado em ancestral filosofia. Quando o verdadeiro eu e harmonia são realizados, todas as coisas alcançam o seu pleno crescimento e desenvolvimento. Assim, "a vida do homem moral é uma exemplificação da ordem moral universal". Tentar ser fiel a si mesmo é "a lei do Homem". Esta verdade é absoluta, indestrutível, eterna, infinita, transcendental e inteligente, contém e abarca toda a existência; cumpre-a e aperfeiçoa-a sem ser vista; produz efeitos sem movimento; atinge os seus objetivos sem ação. Uma antiga lenda chinesa narra que na "superação do ego" está o passo decisivo na busca da verdade, do misterioso, do maravilhoso e do reencontro da totalidade. A lenda está descrita no livro "O Verdadeiro Livro do País da Florescência" de Dschuan Dsi:

"O senhor da terra amarela viajava para além dos limites do mundo. Chegou a uma montanha muito alta e viu a circulação do regresso. Então, perdeu a sua pérola mágica. Mandou o conhecimento ir buscá-la e não a teve de volta. Mandou a perspicácia ir buscá-la e não a teve de volta. Então, enviou o esquecimento de si mesmo. O esquecimento de si mesmo a encontrou. O senhor da terra amarela disse: "É estranho que justamente o esquecimento de si mesmo tenha sido capaz de encontrá-la!"

Sou um construtor nato de egos por medida e todas estas noções superam-me. Não sabia ainda, nessa época, que as iria usar mais tarde e segui-las como paradigma de vida, ao mudar os arquétipos que tinham regido a minha existência. Vivera, até então, na busca da felicidade imediata, da riqueza imediata, da satisfação imediata e não obtivera nenhuma. A filosofia chinesa apresenta dois aspetos complementares. Por serem um povo prático, com uma consciência social altamente desenvolvida, os chineses contavam com escolas filosóficas voltadas, de uma forma ou de outra, para a vida em sociedade, com as suas relações humanas, valores morais e governo. Esse, no entanto, é só um aspeto do pensamento chinês. Complementando-o, encontra-se o lado místico do caráter chinês; este aspeto exigia que o "objetivo mais elevado da filosofia fosse o de transcender o mundo da sociedade e da vida quotidiana e alcançar um plano mais elevado de consciência" (Capra, 1975⁴⁶).

Eu sabia também que os valores morais e materiais do meu mundo ocidental ali de nada valiam, conforme a minha persistente, inglória, vã e desesperadamente inútil cruzada contra a corrupção e nepotismo o viriam a provar. Saí de lá com a cabeça bem alta e a bolsa nada recheada, ao contrário de praticamente todos aqueles com quem me cruzara nesses anos. Não teria hoje grande autoridade para falar da China e de Macau, mas tinha a que foi alicerçada nos anos em que depois do meu emprego de economista na CEM (Companhia de Eletricidade de Macau), tinha os meus bem-

45 fundador do taoísmo, século VII a.C.

46 Capra, F. O Tao da Física. São Paulo: Cultrix, 2ª ed. 1975. 274 p

sucedidos programas de rádio, prolongando-se até à meia-noite ou até às duas da manhã. Jamais esquecerei as centenas de infindáveis tertúlias informais, com gente de todos os quadrantes, desde o grupo de arquitetos José Pereira Chan, Manuel Vicente⁴⁷, Graça Dias, e outros, ao então inefável e sábio curador do Museu Camões (Toninho Conceição, na atual Casa Garden que lhe servia de residência),⁴⁸, aos colegas jornalistas João Murinello⁴⁹, Ian Whiteley⁵⁰, ao seu "irmão" Nick Griffin⁵¹, José Alberto de Sousa⁵², aos pintores Carlos e Victor Marreiros⁵³, ao advogado Jorge Neto Valente⁵⁴ ao Guy Lesquoy⁵⁵ e muitos outros. Tantos foram que nem os nomes deles lobrigou, aferrolhados nos cofres da memória.

Os funcionários chineses com quem lidei de perto sempre fingiram nada entender de Português além dos cumprimentos de cortesia. Uma das minhas cinco secretárias era chinesa e datilografava mais de 82 palavras por minuto em Português...alegradamente sem entender nada. Até cerca de um mês e meio antes de sair para a Austrália, fingi só falar português e inglês, mas subitamente comecei a falar com uma certa fluência em chinês (cantonense) para espanto e interrogação deles. Ficariam sempre na dúvida, sem saberem quanto cantonense sabia ou desde quando. Era exatamente o que eles faziam aos ocidentais. Aleguei sempre (tal como eles) que nada entendia, que aquela não era a minha guerra, estava ali só de passagem e nada interessava. Deu resultado.

Esta atitude chinesa destinava-se - como sempre - a garantir uma vantagem sobre o interlocutor sem lhe dar a saber que o entendiam, prática milenar de comprovados excelentes resultados em trocas comerciais. Com essa pretensa humildade se destronava a arrogante atitude dos kwai-lo (também pronunciado gweilo ou gwailo), nome dado aos brancos (insultuoso apenas se usado como sei kwai-lo = maldito fantasma branco). Originalmente significaria diabo branco ou meramente estrangeiro. Gwei significa fantasma ou diabo, sendo fantasma a noção de morto-vivo habitante dos infernos budistas. Quiçá a explicação de pensarem que aqueles brancos - tão alvos - eram mortos que tinham voltado. As normas sociais e o aceitável ou tolerável eram bem distintas de todas as outras conhecidas em Portugal ou em Timor Leste, onde estivera antes de rumar a Macau.

Um dia, pouco antes da passagem da central para as mãos dos portugueses, no meu gabinete entra um dos administradores japoneses muito sorridente com um envelope contendo alegadamente um cheque (alegradamente porque não sei se já prescreveu o crime) e qual é o espanto dele quando o abro e lhe digo que não, que devia ser engano, que não podia ser. O nipónico pensando que eu ficara ofendido pela quantia (a ser um pagamento regular faria de mim milionário em poucos anos) recuou às vénias dizendo que iria substituir o cheque. Claro está que lhe fiz ver que eu era diferente e que não ia aceitar a oferta.

A minha mãe deve ter-me chamado estúpido quando se falou neste episódio. Estúpido decerto não me chamou, sem nunca o afirmar, o meu chefe que, no mesmo período, conseguiu transferir um milhão para a Suíça...certamente acumulando aquele cheque que eu recusara. Limitara-me a declinar a oferta antes de saber que se devia a uns meros 10% de "luvas". Seria esse o valor da assinatura anual que eu iria apor em documentos de compra de peças sobressalentes para a Central e que iriam ser fornecidas pelos japoneses da Mitsubishi (construtora e fornecedora da Central). Dado que, por ano assinava o equivalente a uns vinte milhões de euros...creio poder berrar bem alto quão estúpido fui, mas não me arrependo embora só a terminação daquele número já me desse um certo jeito hoje, difícil como está a vida dum reformado precoce.

Nos vários jantares, que a administração chinesa da CEM nos [os tecnocratas] oferecera nos primeiros meses, debati-me sempre com enormes dificuldades em utilizar os pauzinhos (fai chi ⁵⁶). Um dos administradores da CEM, o saudoso Roque Choi (homem forte da administração sombra chinesa que mandava no território e uma joia de pessoa com enorme poder) disse-me logo no primeiro banquete de boas-vindas nos primeiros dias de janeiro 1977: vá para casa e experimente, comece com uma bola de papel grande, vá diminuindo o tamanho até conseguir apanhar uma ervilha, nesse dia saberá comer com os pauzinhos. Assim fiz.

Curiosamente, outra das medidas introduzidas por mim, como inovadora naquela época, foi o hábito de reunir os altos quadros dirigentes conjuntamente com os restantes trabalhadores em festas de natal, abrilhantadas com música, declamação de textos e algumas cantigas alusivas à época natalícia, o que não era habitual numa terra mais habituada apenas às grandes comemorações do KUNG HEI FAT CHOI, no início do novo ano chinês. São muitas as recordações que me veem à mente sobre aqueles anos. Uma sobressai, o das ameaças das tríades.

Tinha acabado de desmascarar na CEM um esquema em que os funcionários da limpeza antes de serem admitidos pagavam adiantado dois anos de salário, para conquistarem o lugar vago e a concurso. Resultado, passei a controlar também a admissão do pessoal menor...como resultado recebi de oferta uns quilos de sal no depósito de gasolina do meu carro particular e os pneus do carro da companhia passaram a ser sistematicamente anavalhados. Cenas destas houve várias, tendo a partir de certa altura beneficiado da proteção policial após as horas de serviço, quando um agente da PSP ficava de guarda ao seu carro.

O carro não sofreu muito pois em breve o troquei por um novo que me custou três meses de vencimento. Tratava-se do último modelo da Toyota, Cellica A40 Liftback ST de 1,6 litros (modelo da segunda geração Cellica nunca existente em Portugal).

Mesmo assim com proteção policial, numa das vezes, os pneus foram cortados (o guarda alegadamente aliviava a bexiga, enquanto os malfeitores tratavam dos pneus). Finalmente, tive a oferta de proteção por uma das seitas. Recusei e não cedi à tentação. Habituei-me a lidar com isso sem esmorecer. O mais esquisito foi quando um dos candidatos a empregado de limpeza me veio perguntar porque é que não o admitira pois tinha pago o que lhe tinham pedido.

Disse-lhe para tentar ir pedir o reembolso à origem porque ali ninguém cobrava nada... Para que conste, e ao contrário de alguns deputados da nação que se esquecem de fazer a sua declaração de bens e interesses, ainda possuo hoje o relógio Cartier e o isqueiro S. T. Dupont oferecidos por funcionários. Ambos, ironicamente, foram despedidos pouco depois de me terem feito as ofertas, ao terem um terceiro processo disciplinar, mas isso dava para mais um capítulo completo. Ora bem, depois destas páginas todas, quase me esquecia que estava a falar de um programa Prós e Contras...estava eu a ver o tal programa da RTP1 quando comecei a ouvir sons que pareciam mesmo frases destas "dos Portugueses que deram novos mundos ao mundo", e doutras aleivosias semelhantes.

Pensei com os meus botões: "enganei-me no século, isto não está a acontecer." Ali diante dos meus olhos, o ecrã mostrava uma cena passada na RAEM (Região Administrativa Especial de Macau), território chinês desde sempre. Um grupo de lusofalantes a discutir o mérito dos portugueses e da sua ação em Macau? Decerto que alucinava. Eis-me perante esse grande escritor macaense (há quem lhe chame mais português que os portugueses) que é o Henrique de Senna Fernandes (falecido em setembro 2010) e ouço a Fátima "não-sei-das-quantas" Ferreira perguntar-lhe, "mas então se se sente tão português porque é que não se foi embora no dia a seguir à entrega de Macau?" Desisti ali mesmo, ela já ofendera um professor universitário chinês tradutor de Eugénio de Andrade e outros, já ofendera os macaenses que ficaram em Macau, já ofendera quase toda a gente, e continuava a bater na tecla do Grande Império Português...era só Império para aqui, para ali, citando "aquela data em que terminou o Grande Império..." Então, porque é que não se foi embora? Como pode um homem tão orgulhoso em ser português ficar a viver aqui num território chinês e morrer aqui?

47 falecido em 09/03/2013

48 Toning Conceição, na atual Casa Garden que lhe servia de residência)

49 Autor do livro A Herança Arquitetónica de Macau em 1983, falecido em 1997

50 ATV-HK e depois NHK Japão, atual paradeiro desconhecido)

51 Pivô e repórter da TVB-HK, falecido em data incerta

52 RTP Macau e depois assessor de Ramos Horta em Timor-Leste, falecido em 25/5/2013,

53 Ambos ainda em Macau

54 Ainda em Macau, depois de ter sido deputado local,

55 Do Crazy Horse Paris em Macau nos anos de 1979 (maio) e seguintes, fundador da ANIMA e da Alliance Française, ainda hoje em Macau Diretor de Animação no Hotel Venetian

56 Há pauzinhos de bambu, de osso, de prata ou de jade, mas a maioria é de plástico ou de madeira de faia. Uns são decorados a ouro e outros pintados com caracteres. Mas há 3000 anos, altura em que se acredita que os pauzinhos tenham sido inventados na China da dinastia Shang (1766-1122 a.C.), não passavam de meros galhos de árvore que levavam à boca a comida quente, se bem que o último imperador desta era já tenha mandado fazer os pauzinhos em marfim

Estas perguntas martelavam-me os ouvidos. Nem sabia o que pensar. Pena tinha de não ter acesso ao satélite de transmissões e abatê-lo para acabar ali mesmo com aquela vergonha. Era como se alguém perguntasse a um casal constituído por um elemento chinês e outro português, no dia a seguir à transição da administração portuguesa, se ainda podem continuar a viver juntos agora que é o chinês quem manda e o outro já não... Como é que aquela entrevistadora se podia mostrar tão ignorante, insensível, mal-educada e hostil para com os que a receberam? Outros macaenses, que bem conhecia, e portugueses, que lá ficaram e conheci bem, ainda a tentaram desviar daquele rumo, falando do futuro, criticando Portugal, mas ela de nada queria saber, apenas manifestava o seu desagrado por Portugal ter entregado Macau à R. Popular da China. Teria esquecido, ou nunca soubera, que nesse tempo do dito "Império", aparte algumas instituições serem lideradas por Portugueses e as ruas ostentarem nomes bem-soantes em português, ninguém sabia onde estas ficavam a menos que os nomes fossem ditos em chinês?

Se entrasse num táxi para o Hotel Estoril (para grande consternação minha, estava em ruínas em 2011, à espera de ser demolido e reconstruído) e dissesse para ir lá, na Avenida Sidónio Pais, era impossível chegar a menos que soubesse a transcrição fonética correta do nome da rua em cantonês: *Sidonau Pasi*. Também o meu prédio era *Fei Tchoi lun* em vez de Edifício Jade Garden na Avenida Coronel Mesquita. Dizendo o nome da rua em português e o do prédio em inglês nunca chegaria a casa... Será que a Fátima "não-sei-das-quantas" nunca se apercebeu que legalmente Macau era Território Chinês sob Administração Portuguesa? Macau nunca foi Português!

Por que não uma nova bandeira com os cinco castelos mais o de S. João Baptista de Ajudá (Ouidá) que já ardeu nos idos de 1961?

A Fortaleza de S. João Baptista de Ajudá, conhecida como Feitoria de Ajudá (ou simplesmente Ajudá), localizava-se na cidade de Ouidá, na costa ocidental africana, atual República de Benim. O Daomé tornou-se uma colónia francesa em 1892, obtendo independência em 1 de agosto de 1960, quando se transformou na República do Benim. No ano seguinte, tropas do Benim invadiram Ouidá, dependência da colónia de S. Tomé e Príncipe. Sem condições para oferecer resistência, o governo de Salazar ordenou ao último residente da praça que a incendiasse antes de a abandonar. A anexação foi reconhecida por Portugal em 1985.

Pasmava de ver tanta ignorância neste exemplo de jornalismo à portuguesa... felizmente que os chineses e a sua cultura milenar, apenas têm mais uns milhares de anos que a dos portugueses. São corteses e educados e não a puseram logo no olho da rua... e a fulana vai voltar a Portugal satisfeita a pensar que magnífico programa ali fez. As caras de gozo do advogado Jorge Neto Valente, do Jorge Rangel e do arquiteto Marreiros exemplificavam a pena que sentiam por aquela anormal. Não me admirava que recebesse já outro Globo de Ouro por este programa.

*Em Braga, um bolo-rei com 120 metros;
em Olhão, bolo-rei de 100 metros;
em Pombal, 50 metros;
em Loulé, 75 metros;
em Câmara de Lobos, 120 metros;
em Machico, bolo-rei mais modesto, com 10 metros,
mas no Porto Santo, com 25 metros.*

Portanto, as finanças locais dão para muita fruta cristalizada. Estas tendências pindéricas de armar ao pingarelho quando nem sequer se respeitam grandes valores que até existiram. Esta mania de que "nós portugueses [ainda] somos grandes", nós que já fomos grandes, fomos os maiores...

Lembro-me de me contarem que em 9 de outubro 1976 proclamavam o Centro Comercial Brasília do Porto, quando foi inaugurado como sendo o maior da Europa... que o centro comercial X, Y ou Z são os maiores do mundo, que a árvore de natal em Belém (Lisboa) é a maior...

Esta frustração edípica, que Freud explicaria, leva a que entre as maiores imbecilidades do mundo estejam tantos portugueses, com a maior sopa, a maior feijoadada, a maior assadeira de castanhas em Vinhais, a maior isto e aquilo... será que o tamanho conta?

É também esta a Lusofonia que não quero. Que me leva a sentimentos de repulsa quando vê proposta uma bandeira da Lusofonia com a esfera armilar.... Há uma certa Portugalidade incompatível com a Lusofonia.... Estas tendências pindéricas de armar ao pingarelho quando nem sequer se respeitam grandes valores que até existiram. Estas manias de que "nós portugueses somos grandes", de que foram grandes e os leva a proclamar que o Centro Comercial Brasília, do Porto, quando foi inaugurado era o maior da Europa... que o centro comercial X, Y ou Z são os maiores do mundo, que a árvore de natal em Belém (Lisboa) é a maior...

Esta frustração edípica, que Freud explicaria, leva a que entre as maiores imbecilidades do mundo estejam tantos portugueses, a maior sopa, a maior feijoadada, a maior isto, a maior aquilo.... Será que o tamanho conta? Como disse e bem o presidente da Porsche, Wendelin Wiedeking "Se o tamanho fosse importante os dinossauros estariam vivos".

98.16. AUSTRÁLIA. A ILHA E O NASCIMENTO DE UMA FILHA

Acabei por me instalar numa casa alugada, mesmo por cima da dos meus sogros, em Waverley, NSW (Nova Gales do Sul). Eles tinham mudado de Perth para Sidney havia pouco tempo. Tínhamos dinheiro suficiente, em poupanças, para comprar uma casa. O contentor chegou uns dias depois, em finais de janeiro de 1983. Fizemos bastantes obras de melhoramentos na casa, o que implicou que eu aprendesse a carpintear. Arrancou-se o papel da parede que tinha umas quantas camadas. Foi um trabalho moroso durante o qual um casal português, emigrado há muito, nos ajudou durante vários dias. Depois disso, arrancaram-se do chão as carpetes com mais de trinta anos. Pintou-se o chão de preto para contrastar com as portas brancas e as maçanetas vermelhas. Nos tempos seguintes viajamos pela Austrália (costa leste) a fim de conhecer bem o país onde estávamos.

Um dia, apercebi-me que o dinheiro estava a desaparecer e nenhum dos dois trabalhava. Cancelamos as férias prolongadas, adiamos a ida a Portugal e começamos a busca de trabalho. Uma irmã da minha mulher emprestou, para segundo carro, um Holden automático EK 1961, de 2.26 litros e 6 cilindros, com 56 kW, 3 velocidades, caixa automática Hydramatic que ia dos 0 - 100 km/h em 24,9 segundos. Foram produzidos, apenas, 150 214 exemplares daquele carro, por mim cognominado (vá-se lá saber porquê) "Dominic". Ainda o conduzimos durante uns meses, enquanto a dona passeava pelo mundo, mas depressa se concluiu que o carro implicava inúmeros trabalhos de manutenção para além dum consumo exorbitante de 24 litros aos 100 km...

Estes primeiros anos caracterizam-se por uma integração lenta, mas fácil, e sem sobressaltos de maior numa sociedade tolerante multicultural, regida por meritocracia e não por cunhas (o mérito da mediocracia!). Lentamente, fomos encontrando o nosso nicho de oportunidades de um jornal português, ao consulado geral de Portugal (onde fui adido comercial, cultural e servi de elo de ligação às comunidades), depois, o ministério federal da Imigração e por fim o do Emprego onde me viria a fixar. Aqui estive anos, e quando estava destacado como Jornalista nas Relações Públicas, manipulava estatísticas sobre o (des)emprego e escrevia discursos positivos para o ministro provando o impossível, sobre a descida do desemprego. Estive, durante anos, profundamente envolvido no delinear da política multicultural que a Austrália adotou, como representante do sindicato da função pública. Comecei também a minha atividade de linguista e tradutor. Aumentara o enorme leque de oportunidades de escritor e jornalista trabalhando para vários órgãos de comunicação social.

A minha mulher trabalhava, e estudava na universidade, dando início a uma prometedora carreira como designer gráfica, futuramente premiada como uma das melhores do mundo. Em 1986 nasceu a filha Vanessa-Ingrid em agosto, numa altura em que financeiramente já estavam bem. Eu, além do trabalho no Ministério do Emprego, das traduções e aulas na universidade (lecionava tradutologia a potenciais candidatos a tradutores e intérpretes), trabalhava para a agência de notícias Lusa, a RDP, a RTP, rádio e TV de Macau e jornais vários, quer em contrato quer em freelance. Sempre fui jornalista, a minha vocação de adolescente, mas só na Austrália obtive a carteira profissional que ainda hoje detenho. O nascimento da filha foi demorado, mas não complicado. Começou o trabalho de parto pelas 07:40 da manhã quando fomos para a maternidade Royal Hospital for Women em Paddington (transferida em 1997 para o Prince of Wales Hospital em Randwick). As contrações finais duraram um dia completo.... Tinha-me preparado para um parto normal, pois acompanhara as sessões de preparação para o nascimento assistido, os trabalhos de respiração e os exercícios todos. Pelo sim pelo não, tinha uns uísques no carro, naquilo que em inglês se designa como "Dutch courage". O parto prolongava-se e enquanto esperava nasceram umas seis ou sete crianças...A certa altura foi necessária uma injeção epidural. Era eu quem precisava já da injeção e não a mãe da criança. Os meus sogros trouxeram-me o jantar. Finalmente pelas 23:27 (quase 16 horas após entrar no hospital) nascia a filha. Estive presente, pela primeira vez, em todos os momentos do parto, no primeiro banho, no primeiro colo. Importantíssimo momento, pois, embora não fosse o primeiro filho, o nascimento foi acompanhado de fio a pavio. Vim a casa dar a boa nova aos meus pais e dormir umas horas. Não havia telemóveis naquela data. Mãe e filha passados dois dias estavam em casa.

Em 1987 a vida (aliás, o senhorio) obrigou-nos a mudar do rico apartamento em Centennial Park (em frente ao Royal Agricultural Show) para St Mark's Road em Randwick. Mudamos para um apartamento num condomínio fechado de cerca de 30 habitações de um ou dois andares, entre árvores centenárias e um ribeiro, com vista para o mar e cheio de pássaros australianos (incluindo as irritantes aves, Kookaburras, que nos acordavam pelas 05:30 da manhã).

Em 1988, trouxemos a criança a Portugal para mostrar a todos os familiares e amigos, dentro da tradição ancestral de exibir os recém-nascidos. A partir de 1989, as relações com a minha mulher entraram numa fase de deterioração rápida. Eu trabalhava sistematicamente doze a quinze horas por dia.

Começamos a dormir em quartos separados, eu no estúdio de onde enviava as notícias e crónicas, a altas horas da noite a fim de apanhar o noticiário da manhã em Portugal. Ela dormia com a miúda no quarto de casal. Almoçava regularmente no restaurante chinês Choys, ao lado do Serviço Nacional de Emprego onde trabalhava por essa época. Este ótimo restaurante chinês dava para praticar o meu limitado cantonense. Vinha para casa pelas 5 horas, mudava-me, preparava o jantar e enviava notícias ou pesquisava-as, contactando com Camberra, Perth, Melbourne...a saber confirmações de notícias sobre Timor. Fazia a revisão da imprensa diária para sacar notícias para Portugal e seguimento em dias posteriores. Ouvia noticiários da ABC e tentava arranjar material para artigos. Depois de jantar e de alguma televisão, continuava a trabalhar até à uma ou duas da manhã. Pelas sete e pouco estava a pé. Acordava-as. Esta a rotina monótona de trabalho, sete vezes por semana, sem carinho nem afeto a não ser o da filha. Brincava com ela todos os dias, sempre que possível, e era ela quem me aguentava a manter-me vivo. Estava resignado. Não iria abandoná-la como tinha abandonado os gémeos, dizia a mim mesmo. Há promessas que não se devem fazer. Também jurei nunca voltar a Portugal nem casar com uma portuguesa, mas era isso que me iria acontecer em 1996. Em 1990 voltamos em férias a Portugal. A minha mulher (que fora a atraente jovem macaense no início desta crónica) estava gordíssima pois não perdera peso depois do parto.

Fui convidado para um congresso de verão da universidade do Minho (Braga julho 1992). Estavam 21 representantes das comunidades lusofalantes. Todas as despesas pagas pelo governo português pela primeira e única vez na vida.

CRÓNICA 99. DA ABL, À FUGA DOS LIVROS PARA O EGITO E SANTA MARIA DOS AÇORES 26 JUNHO 2011

Há dias li uma interessante troca de pontos de vista com as quais concordo totalmente. Dizia o Onésimo Teotónio Almeida:

Partilho uma troca de e-mails com o Luiz Valente (brasileiro ferrenho e reputado brasilianista nos Estados Unidos, meu colega na Brown) sobre esse assunto. Mandei-lhe a notícia sobre o prémio outorgado ao Ronaldinho e ele respondeu-me:

Onésimo:

A Academia Brasileira de Letras teve a péssima ideia de homenagear o Flamengo durante as celebrações dos 110 anos de nascimento do escritor José Lins do Rego, grande torcedor e membro da diretoria do clube. Obviamente, os membros da ABL não têm muito que fazer. Ou são todos do Flamengo... O Prates exagera às vezes nos seus comentários. Foi demitido da Rede Globo porque disse que "hoje em dia qualquer miserável, que mora nessas gaiolas, tem um carro e acha que tem direito de dirigir." Pior que dar um prémio ao Ronaldinho, que pelo menos fez alguma coisa de bom neste mundo, foi ter eleito o José Sarney como membro da Academia. Isso sem falar em outros "luminares" das letras brasileiras, como Marco Maciel, General Lyra Tavares (pseudónimo: "Adelita"), Arnaldo Niskier, Ivo Pitanguy, etc. LfV

Comentário do Onésimo para LFV:

Luiz, mas então as eminências da ABL estão mesmo a precisar de uma eminentíssima reforma, como disse Frei Bartolomeu dos Mártires no concílio de Trento a propósito da Igreja Católica.

Nova resposta do LFV (Luiz Valente):

Sim.... Olhe quem não fez/faz parte da Academia: Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Fernando Henrique Cardoso, Mário de Andrade, Ferreira Gullar, Manoel Bomfim, Cecília Meireles, Lima Barreto, Érico Veríssimo, Jorge de Lima, Mário Quintana, António Cândido, Rúben Fonseca, Monteiro Lobato, etc. E quem faz/fez parte: Getúlio Vargas, General Lyra Tavares ("Adelita"), José Sarney, Paulo Coelho, Ivo Pitanguy, Arnaldo Niskier, Cícero Sandroni, Murilo Melo Filho, Marco Maciel, Luiz Paulo Horta, Geraldo Cavalcanti, Merval Pereira -- de quantos desses você já ouviu falar?

Esta troca de impressões não deixa margem para comentários exceto a opinião de que o Pelé merecia mais do que o Ronaldinho, pois fez mais para divulgar o Brasil...rsrsrs e depois veio o Daniel de Sá contar:

Estive esta tarde com Maria Alice num concerto de sonho nas Capelas. Para começar, as Capelas são um dos espaços açorianos de que mais gosto. Para continuar, a tarde estava linda. Para encher os sentidos e os sentimentos completamente, um concerto de violino perfeito. Quem? A Micaela, a filha mais nova do nosso amigo, para mim "irmigão" (foi ele o inventor do nome), Carlos Sousa. Tratou-se das peças escolhidas para o seu exame de 8º grau antes do acesso ao Curso Superior de Violino.

A miúda não jogou à defesa, de maneira nenhuma. Peças difíceis de interpretar, com muito "presto" e muita 1ª corda, que é sempre a pedra de toque dos grandes violinistas. Se os agudos não incomodam, o violinista é bom.

E a Micaela deliciou uma sala completamente cheia no Hotel da Quinta do Navio, um lugar paradisíaco. Se eu não a conhecesse desde pequenina, poderia ter pensado que fora um anjo que ali descera para fazer jus à paisagem.

À margem do concerto, o encontro com alguns amigos. Um deles, o Guálter Dâmaso, amigo dos tempos de Santa Maria e que foi colega no seminário do Carlos Sousa e do Onésimo, entre outros.

Contou-me que foi há dias à Roménia e que uma guia turística lhe disse que conhecia escritores portugueses. O Guálter observou que ela não conheceria certamente escritores açorianos. E ela desata a falar-lhe dos livros e do estilo do Onésimo, dos do Cristóvão, dos meus... Já lera quase tudo o que a gente publicou!

O Guálter não se lembrava bem do nome, mas disse que era algo como Carina ou Crina. E aqui entra a diferença entre o que é ser guia turístico na Roménia e aqui. É que esta senhora é provavelmente a Crina Voinea, professora universitária, que anda pelos Colóquios do Chrys distribuindo simpatia e que vai traduzir para Romeno alguns autores açorianos. Parece-me coincidência demasiada tratar-se de outra pessoa. Mas, apesar da sua imensa cultura (ou decerto por isso) é capaz de acompanhar como guia turística um grupo de portugueses. Talvez por esta e por outras é que a Roménia, mais dia, menos dia, passará à frente a Portugal em termos de desenvolvimento. Abraços. Daniel

A isto respondi:

Muito provavelmente, ou mesmo de certeza que é ela, como já foi ela há tempos que apareceu num programa multicultural que a RTP apresentou...Provavelmente leu mais autores açorianos que muitos açorianos juntos...Já lhe perguntei (a ela Marilena Crina Voinea) mas devido à diferença de hora só depois saberemos... Ela traduz atualmente Cristóvão de Aguiar "O passageiro em trânsito" e seguidamente traduzirá por esta ordem Daniel de Sá, Vasco Pereira da Costa e Eduardo Bettencourt Pinto, cortesia dos esforços dos Colóquios da Lusofonia de levarem estes e outros escritores a locais inimagináveis (Polónia, Ucrânia, Rússia, Eslovénia, Itália, França..) Um abraço do tamanho do mar a todos os que leram livros de autores açorianos...

Lembro que ainda ontem me indignei com a SIC, numa reportagem sobre São Jorge e Pico, e os dois apresentadores com o livro de Melville nas mãos em vez de lerem Dias de Melo, por exemplo...claro que nunca ouviram falar dele e estavam todos entusiasmados como o Melville...santa ignorância...

daniel.de.sa respondeu:

Chrys, isso é verdade, triste verdade, a respeito de muitos portugueses continentais. Mas também de muitos portugueses açorianos. Já se escreveu igual pelo menos e mais atualizado que o que fez Raul Brandão, mas este continua a ser idolatrado em detrimento de gente de cá. Que não se o esqueça, por amor à literatura, mas tudo tem um limite. Veio aí o Tabucchi, disse umas coisas, e foi endeusado. E há cá quem escreva tão bem como ele e conheça as ilhas e seus costumes um pouco melhor. Acabo de falar do concerto da Micaela. A moça toca angelicalmente. Pensas que o Teatro (leia-se GR) lhe abrirá o palco? Ou o Coliseu (leia-se BC)? Mais fácil vir o Quim Barreiros ou a Mónica não sei quantos.

Diz Chrys:

Infelizmente pertenço às elites, aquela coisa que o 25 de abril quis terminar tal como o Mao na China mas aqui não nos mandaram para campos de trabalho, espezinhados até morrermos, obrigam-nos a ouvir c's e f's todos os dias mas respondo-lhes eu com um c e que grande f para eles todos quer se digam de direita, esquerda ou do raio que os parta...é com orgulho que pertenço às elites que pensam e leem. Se eu chamasse o roberto leal, o quim barreiros ou o tony caganeira (perdão carreira) tinha os Colóquios cheios MAS PREFIRO COMER BACALHAU A CHEIRÁ-LO....Assim como prefiro fazer os Colóquios com 30 ou 40 pessoas dedicadas que nos acompanham o tempo todo e ajudam nos projetos como a Crina Voinea, Iliyana Chalakova, Larysa Shotropa, Iovka Tchobanova e alguns outros lusófonos e lusófilos. A igualdade das massas é igual a mediocridade (ai agora é que me mandam mesmo fuzilar)

NÓS NÃO SOMOS TODOS IGUAIS E NÃO PODEMOS SER FEITOS IGUAIS À PRESSÃO, À PRESSÃO OU POR DECRETO.

Deve dar-se mérito a quem o tem, independentemente do nome com que nasceram ou do bairro onde nasceram, em vez desta fantochada em que são todos doutores, engenheiros ou arquitetos da mula russa (poucos conhecem esta terminologia cota) neste tipo de educação para todos, feita à força e que não cria uma população mais culta, apenas uma massa de tipos e tipas com canudos que não correspondem a saber nem capacidade de resolução de problemas.

Já tive empregadas domésticas com a velha quarta classe mais cultas do que alguns dos professores formados a martelo nas fábricas de salsicha atuais (perdão, fábrica de canudos). Desabafado isto, politicamente incorreto, acho que o Quim Barreiros e quejandos têm o seu lugar, tal como as telenovelas e outras coisas, para dar razão aos que parafrazeiam Pedro Homem de Mello (esse coevo de Afife como o meu pai) "é disto que o meu povo gosta..."

Assim sendo, em vez de contratar um artista popular para lançar o meu livro vou ter a Ana Paula Andrade que nos Colóquios toca com uma soprano excecional apesar do seu tamanho reduzido: a jovem Raquel Machado. Ainda nunca me disseram que tínhamos ópera nos Colóquios, o que é bom sinal...

Enquanto me deixarem vou continuar nas elites dos que leem, dos que continuam a aprender e a estudar com esta idade, dos que apreciam essas "chachadas de ópera" a que o Daniel foi...e que como todos sabem não têm tarelo nenhum e põem uma pessoa menente com aqueles sons esganiçados do violino que parece um porco na antecâmara da morte... Claro que não vai ao Coliseu (se calhar até nem veio de Portugal, lá de fora ou do estrangeiro) nem a sítio nenhum.

14 junho 2011-06-14
Naufraquei
Na ilha
Acordei
Sem saber onde
Quem sou?
De onde vim?
Para onde vou?

Foi então que vi os livros do Cristóvão de Aguiar na sua casa em São Miguel Arcanjo com vista sobre Santo Amaro a fugirem a sete pés da sua falsa.

*Que se passaria?
Ele não estava lá e os livros fugiam em correria desenfreada rumo às Poças onde costumava tomar o seu banho matinal.
Seria isto que acontecia aos livros quando ele não estava na ilha?
Porque fugiam? De quem fugiam?
Há quem diga que a infância infernizada do Cristóvão se encarregou de geneticamente o levar a hereditarizar nos que o rodeiam.
Dizem alguns que ele é o exemplo vivo do inferno na terra, para ele e para os que se dele se acercam.
Eu não sei se seria por isso que os livros debandavam?
Quis aproximar-me, mas não podia de tão tolhido que estava pela sua última diatribe. Náufrago de uma amizade recente, mas perene.
De repente apercebi-me de que os livros em fuga eram apenas os que ele escrevera, os dos outros autores andavam numa roda-viva, em acesa discussão sobre quem era o mais açoriano e o melhor representante da açorianidade.
Afinal, as tertúlias que tivera em sua casa no ano de 2009 haviam passado para os livros que decoravam - como se de mobílias se tratasse - a sua falsa no Pico.
Era o exemplo mais vivo do que são as personalidades açorianas que escrevem livros.
Apresentam uma fachada manuelina, bem compostinha embora, nalguns casos, se notem as fissuras da idade naqueles rostos martelados na pedra.
Aprenderam com os estrangeiros a comportarem-se para ocultarem a sua terrível herança feudal que os condiciona ainda hoje, mas quando o verniz esta tudo vem à tona. É uma canga pesada para que se libertem em apenas três décadas desde que a democracia voltou.
Ocupam as cores do arco-íris nos quadrantes políticos e dizem-se todos - mas mesmo todos - muitos amigos, uns dos outros.
Difícilmente se toleram fora das cliques e claques onde pontificam e se as não tem a sua sobrevivência como escritores está quase irremediavelmente comprometida e condenada ao fracasso.
Poderíamos extrapolar sobre o que fazem os livros do Daniel de Sá, se não fugirão também, todas as noites até Santa Maria?
Será que saem silenciosamente da casa na Maia (em São Miguel nos Açores), paredes meias com o Solar de Lalém e vão primeiro para a Travessa dos Foros onde viveram décadas para matarem saudades antes de aventurarem por mares alterosos para regressarem à Ilha-Mãe tão celebrada, em busca das pedras de antigas casas mitológicas que preenchem os seus sonhos e serviram de motivo para o pastor das Casas Mortas.
Estou mesmo a imaginar todos esses livros em fila açoriana a saltar de ilha para ilha em busca do Santo Graal que aquelas pedras encerram. Felizmente que os tempos são outros, pois no tempo do pai do Daniel era preciso uma espécie de "passaporte" para se ir de ilha a ilha, mais ou menos o que acontece agora na China com Macau e Hong Kong, um país e dois sistemas. No verão deve ser mais fácil aos livros aventurarem-se no Grande Mar Oceano, que os invernos trazem ventos e marés de virar barcos bem pesados, alguns dos quais desaparecem sem deixarem rasto como ainda há meses aconteceu quando deixou de haver sinais em 15 março 2011 do barco de pesca "Ana da Quinta", uma embarcação de um armador de Vila Praia de Âncora que desapareceu a cerca de 150 milhas da Ilha das Flores, nos Açores, onde andava à pesca ao espadarte. Não houve qualquer contacto por parte dos nove tripulantes que seguiam a bordo. São cinco pescadores de Vila Praia de Âncora e quatro de origem asiática, todos com idades acima dos 40 anos e larga experiência marítima. Não há qualquer explicação para o sucedido porque, apesar de na altura se registarem no local ondas de cinco metros, o barco "Ana da Quinta" fora construído em ferro com 20 metros de comprimento e mais de 100 toneladas...e nunca apareceria apenas tendo sido encontrado um corpo se a memória me não falha. Talvez os livros só passeiem entre a Maia micaelense e Santana mariense no estio. O certo é que em qualquer dos casos não tenho coragem de pedir aos autores autorização para comprovar esta minha fé inabalável nos movimentos secretos dos livros que preenchem as suas bibliotecas. Teria de me postar em posição de atalaia, como se fosse um vigia de baleias à espera de os ver sair, a menos que se consigam teletransportar que é isso que, por vezes, acontece com o conteúdo das obras de muitos destes autores açorianos. Depois, ficaria à espera para saber que novas histórias tais livros poderiam contar ao regressarem calma e silenciosamente às suas bibliotecas, aguardando que os donos os vão consultar, já que não foram escritos para ficarem a apanhar pó nem para embelezarem um qualquer armário. Certamente com a criatividade da Engenharia, da Arquitetura e da Historiografia tais ideias podem*

Quando estive pela primeira vez em Santa Maria, viajei de volta à minha adolescência tendo fascinado prédios e instalações antigas, em especial as instalações do enorme aeroporto, daquela que não é cidade, mas apenas a Vila do Porto. Tudo ali me remete ao passado glorioso e azafamado da Segunda Guerra, quase coetâneo do meu nascimento e me encanta. Até pensei em tentar fazer um projeto ou algo assim de recuperação das instalações. Nessa data - e já lá vão uns seis anos - ainda não era a Câmara Municipal responsável por muitos desses equipamentos urbanos. Imaginem só, a vila quase não possui pontos turísticos e se fosse possível das instalações desativadas construir um verdadeiro museu vivo em homenagem ao esforço da Segunda Guerra, seria ainda possível reproduzir artesanalmente dentro daquele espaço incrível a vida no tempo da guerra. Haveria lugar para o artesanato que os visitantes poderiam levar de lembrança com um preço simbólico, criando novas oportunidades e revitalizando a Vila do Porto. Até agora nestes sessenta anos deixaram acabar quase tudo o que era importante preservar. Assim se reporia a verdade sobre um povo maravilhoso que merecia um maior respeito com a sua história e o seu património, realmente uma pena... Agora só falta converter aquilo tudo num Museu vivo e recolher exemplares que andem para aí espalhados de relíquias da guerra.

100. CRÓNICA 100 MAIA 5 SÉCULOS E UM LIVRO. 1 JULHO 2011

100.1. CHRÓNICAÇORES UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO, VOLUME DOIS

Há momentos mágicos na vida de cada um, daqueles que queremos perdurem não só na memória como até gostaríamos fossem perpetuados numa espécie de animação suspensa, como se fosse possível parar o tempo e fixá-lo numa determinada imagem de um instante, nesta fugaz existência que nos permite andar a vaguear por este geoide achatado nas calotes polares a que chamámos Terra. Dia 1 de julho na Maia (S. Miguel, Açores) foi um desses momentos graças à música açoriana interpretada pela Ana Paula Andrade e filhos Carolina e Henrique, que serviu de prelúdio a uma magistral digressão pelo tempo e pela geografia a cargo do Pedro Bicudo na apresentação nacional do *CrónicaAçores: uma circum-navegação*. Meia centena de pessoas abdicou do lazer destinado à noite de sexta-feira (mais conhecida como a pausa de descanso do guerreiro que labuta toda a semana) para ouvir falar de um autor "offsider", pouco conhecido que fala de açorianidade como se nela tivesse nascido.

Foi uma honra ter na assistência José Carlos Teixeira, Urbano Bettencourt, Daniel de Sá, José Francisco Costa, além de tantos amigos, conhecidos e desconhecidos, incluindo a Joana Motta Vanzeller que só conhecíamos ciberneticamente, uma mão cheia de professores da escola local, normalmente avessos a estas iniciativas, além do Manel Sá Couto, o Zé Soares, e tantos outros que estoicamente ali estiveram cerca de duas horas sob os olhares atentos das câmaras da RTP Açores que se dignou subir à costa norte de São Miguel para fixar na objetiva uma das primeiras iniciativas dos 5 séculos da Maia. Não esperei que tanta gente pudesse acorrer a um local normalmente esquecido na geografia da ilha, afastado dos centros de poder para uma apresentação de um livro de um jornalista reformado, politicamente incorreto, confesso ateu e inconformista e que apenas ciclicamente é mencionado a propósito dos Colóquios da Lusofonia. Pena foi que as velhas rivalidades, e outras questões comezinhas, impedissem a presença de mais gente da Lomba da Maia que o autor considera sua e que homenageia neste livro com uma monografia.

O que consta e que ficará registado é que ali não estava ninguém por obrigação, social ou outra, para ouvirem falar de autores açorianos como Cristóvão de Aguiar, Vasco Pereira da Costa, Daniel de Sá e tantos outros que percorrem em diálogos variados. Deles estão repletas as páginas de *CrónicaAçores* (vol. 2), na génese de vários sucessos que os Colóquios da Lusofonia têm alcançado numa constante viagem de achamento da açorianidade, levando esses autores a traduções em línguas menos conhecidas (romeno, polaco, russo, búlgaro entre outras), à sua divulgação nos Cadernos Açorianos, à sua inclusão na Antologia de Autores Açorianos contemporâneos e à versão bilingue que daquela se constrói. Disso se falou e da herança de judeus conversos do autor e do apresentador numa noite em que as imagens das ilhas serviam de pano de fundo preparando a audiência para o magistral concerto do Cancioneiro Açoriano que precedeu a mais formal apresentação do livro. Éramos todos açorianos nessa noite apesar de nascidos nos mais diversos países e regiões e o livro serviu de desculpa para uma tertúlia de estórias que se prolongaria noite adentro, em casa do Daniel de Sá, ao lado do imponente Solar de Lalém prenhe de história. Resta-me acrescentar (adiante) os agradecimentos de autor com que se encerrou a sessão pública.

100.2. TEXTO DE AGRADECIMENTO PELA APRESENTAÇÃO) CHRÓNICAÇORES VOL 2 LANÇAMENTO MAIA 1 de julho 2011

Iniciarei o ritual de agradecimentos pelo Jaime Rita por me ter incluído na celebração dos 5 séculos da Maia e desejar que esta cumpra aspirações ancestrais e que em breve seja elevada a Vila como já é sentida por muitos. Uma palavra de apreço à Professora Ana Paula Andrade pela sua amizade e pela sua total disponibilidade para nos presentear com excertos do Cancioneiro Açoriano bem apropriados a este livro. Sinto-me grato pela magistral apresentação do Dr Pedro Bicudo de quem partiu a ideia de se fazer o lançamento nacional desta obra na Maia nas celebrações dos 500 anos, e ao Francisco Madruga da Editora Calendário das Letras, por ter acreditado que valia a pena publicar este livro e por último, já que isto se assemelha a uma apresentação dos Óscares em Hollywood, devo agradecer à minha mulher por ter casado comigo. Sem ela, estaria na Austrália, nunca teria conhecido os Açores, nunca teria sentido esta açorianidade que através dos Colóquios da Lusofonia temos levado aos quatro cantos do mundo e que é tratada na *CrónicaAçores*. Por isso, falarei pouco do livro para que o possam ler. Nele, explico como vindo de outras culturas e continentes me deixei apaixonar pela ilha.

Os outros mundos, lá fora, perderam importância e servem só para eu divulgar um dos segredos mais bem guardados: o da existência de uma importante literatura de matriz açoriana. Existem muitos autores açorianos que merecem ser lidos. Hoje a internet, televisão, jogos de consola e outras diversões mais mundanas afastam-nos da leitura como forma de aquisição de saberes. Temos mais informação do que em qualquer outra era, mas estuda-se menos, lê-se menos e subsequentemente sabe-se menos. Nem todos os escritores são complexos como Cristóvão de Aguiar. Uns falam da vida árdua e da fome dos baleeiros do Pico, como Dias de Melo. Outros são poetas como Vasco Pereira da Costa e Eduardo Bettencourt Pinto. Mas poucos serão tão acessíveis como o nosso maiato condecorado, Daniel de Sá que tanto gosta de ensinar História enquanto nos conta as suas estórias. Outros nomes havia, mas escolhi os que melhor conheço e a quem chamo amigos.

Como tradutor de Daniel de Sá fiquei cativo e apaixonado e tive de escrever este livro para me libertar da poção mágica da sua escrita e daí nasceu "*CrónicaAçores: uma circum-navegação*". Se bem que a minha pátria seja a Austrália eu conjugo-a com a de Fernando Pessoa, a língua portuguesa. Se hoje tenho como mátria Bragança no nordeste de Portugal, aos açorianos o devo, pois foram eles quem me ensinou a ter amor às verdadeiras raízes onde quer que se viva. Ao vê-los tão amantes das suas terras tive de ir descobrir as minhas origens a Bragança embora lá vivesse menos tempo do que em qualquer outro lugar. Sinto como todos transportam esse sentimento de pertença aqui e no estrangeiro. Aliás, estou convencido de que uma das razões para haver tantos escritores nos Açores se deve exatamente ao facto de vivermos nestas ilhas.

Em São Miguel o verde dos montes, as vacas alpinistas e o mar que nos circunda são responsáveis por nos levarem a escrever. Num mundo marcadamente materialista como este, decidi que a minha herança para os filhos seria só a riqueza dos conhecimentos que andei colecionando ao longo da vida em circum-navegação e que agora condensei em livro.

Aprendi mais nos países onde vivi do que qualquer universidade me poderia ensinar. Com os aborígenes australianos entendi como é possível preservar a língua e cultura mesmo sem haver escrita há 60 mil anos. Com os chineses apreciei o valor do futuro com base nos ensinamentos do passado, e com os

timorenses, macaenses e outros aprendi saberes que fazem parte do meu quotidiano. É disso que este livro fala. A ilha para Natália Correia é Mãe-Ilha, para Cristóvão de Aguiar, Marilha, para Daniel de Sá, Ilha-Mãe, para Vasco Pereira da Costa, Ilha Menina, para mim nem mãe, nem madrastra, nem Marília nem menina, mas Ilha-Filha, que nunca enteeda. Para amar sem tocar, ver dilatar nas dores da adolescência que são sempre partos difíceis. Toda a vida fui ilhéu. Perdi sotaques, mas não malbaratei as ilhas-filhas. Trago-as comigo a reboque, colar multifacetado de vivências de mundos e culturas distantes. Primeiro em Portugal, ilha perdida da Europa durante o Estado Novo, depois em um capítulo naufragado da História Trágico-marítima nas ilhas de Timor e de Bali, seguido da ínsula de Macau (fechada da China pelas Portas do Cerco), da imensa ilha-continente Austrália, e na ilha esquecida de Bragança no nordeste transmontano, antes de arribar a esta Atlântida Açores.

A CrónicasAçores, volume dois, retrata os meus amores ilhéus. Além da literatura dos Açores, também contém a primeira monografia da Lomba da Maia (onde vivo) antes de viajar de Bragança à Austrália, e aos meus amores por São Miguel, Santa Maria, São Jorge, Faial e Pico. Aliás a inquietude persegue-me desde que saí de casa em 1972 e – mais propriamente – desde que deixei a Europa em 1973 e me abri ao conhecimento universal e multicultural. Adquiri uma errância mais própria de nómadas ciganos do que das origens sedentárias de marrano galaico-português. Esta inconstância assola-me ainda mais desde que me arquipelizei nos Açores há seis anos. Sou conhecido pela infidelidade no amor às ilhas que habito. De cada vez que saio da Ilha verde - e visito ou conheço nova ilha – enamoro-me loucamente como um jovem adolescente de sangue quente em busca de paixões avassaladoras como são os amores da juventude. Só posso viver numa, mas em todas quero estar em simultâneo, pois nelas me sinto em casa. Quero salientar que é uma honra estar aqui nos 500 anos da Maia embora saiba que a minha terra, que a Lomba da Maia ainda não recuperou da tentativa de mudar o nome para N. Sra. do Rosário, ferida pela desfeita real de 1699 quando

"...o rei Dom Pedro II, o Pacífico, por certo, não hesitou em desautorizar o bispo D. António, e a Lomba da Maia, sob a jurisdição paroquial da Maia, não chegaria a ser paróquia porque o rei quisera acautelar a integridade dos rendimentos dos párocos da Maia."⁵⁷ Hoje somos vizinhos nesta autonomia democrática e temos de esquecer as rivalidades ancestrais para crescermos em conjunto e não de costas voltadas. Se a Maia está mais voltada para o mar e a Lomba para as vacas, temos de aproveitar essas diferenças para incrementar as nossas potencialidades de atrair turismo para ambas as valências, oferecendo a nossa imensa hospitalidade, gastronomia, os nossos montes e mares pois poderá estar aí o nosso crescimento económico e a solução para o desemprego crescente que já começa a ameaçar a estrutura familiar das nossas gentes. Saibamos aproveitar as semelhanças em vez de realçar as diferenças pois na união está a nossa força. Aqui, na Maia e na Lomba, somos diferentes, somos da costa norte. Não nos importa que a costa sul nos esqueça. Temos enorme orgulho nos nossos mares agrestes, nos nossos ventos mata-vacas e temos a dignidade de cinco séculos de história e de trabalho árduo com a memória da pesca, do linho, do tabaco e das telhas. Esta é a mensagem final que entenderão bem melhor se lerem CrónicasAçores. Bem hajam pela vossa paciência para me ouvirem pois vou terminar sem ler o único texto em que uso termos típicos das nossas nove ilhas, pois disso se encarregou o Pedro Bicudo na sua apresentação.

100.3. CONVERSAS DO ALÉM

Há tempos fiquei menente⁵⁸ quando me disseram que um falecido, na vizinha Lombinha da Maia, pedira para ser enterrado com o seu inseparável telemóvel.

O homem sem pitafe⁵⁹ algum viera da Amerca⁶⁰, ali da antiga Calafona⁶¹, e queria estar contactável mesmo para lá do grande túnel luminoso.

Qual não foi o meu espanto, num alpardusco⁶² de camarça⁶³, ao transitar pelo cemitério já encerrado a visitas, e ver três pessoas do lado de fora das grades do cemitério falando com alguém e usando os seus telemóveis ou celulares bem encostados ao ouvido. Uma delas, tinha uma mão nas grades e na outra segurava o aparelho. Não tinha tarelo⁶⁴ nenhum. Não querendo ser lambeta⁶⁵, interroguei-me "Estaria a falar com o falecido, que nascera empelicado⁶⁶?" Será que o finado atendeu do lado de lá dentro do seu caixão de mogno envolto na "Stars and Stripes" à prova de leiva⁶⁷ ou continuaria na sua eterna Madorna⁶⁸? Teria acendido um palhito⁶⁹ para ver quem lhe ligava?

De que falariam? Que mexericos trocavam? Lamentar-se-iam da falta que lhes fazia ou estariam a queixar-se da carestia de vida? Que palavras trocariam que não tivessem já comunicado? Que faltara dizer?

Estariam a queixar-se da sorte caipora⁷⁰ dos herdeiros ou a culpá-los pela caltraçada⁷¹ criada pelo inexistente testamento? Teriam sido vizinhos de ao pé da porta⁷²? Falariam do gado alfeiro⁷³ sem touro de cobrição?

Talvez dum derriço dum filha numa constante arredouça⁷⁴, às fiúzes⁷⁵ do namorado da cidade? Eu ia ficar a nove⁷⁶ mas tratando-se de gente rural podia augurar que os vaqueiros se preocupassem mais com subsídios e vacas.

Não devem escalar grandes cumes culturais ou espirituais. Pressuponho ser esse o jaez da conversação. Não creio que pedissem aconselhamento para as eleições legislativas dali a seis semanas nem tampouco lamentassem a falta delas.

Quem sabe que lastimavam? Falariam, talvez, de mordomos, impérios e festas que isso, sim, seria assunto da maior relevância local, que o melhor da festa é esperar por ela, mas mais apropriado para se discutir à mesa, sem ninguém a atramoçar⁷⁷, com uns calzins⁷⁸ de abafado⁷⁹ até se ficar meio piteiro⁸⁰. Uma pessoa interroga-se sobre a possibilidade de duração infinita das baterias do aparelho no esquite. Seria a solução para tantos escritores e outros que se separam dos leitores sem tempo de dizerem um último adeus, escreverem a última frase de um livro, acenarem com um novo projeto ou retificarem qualquer coisinha. Seria a forma inédita de poderem continuar a comunicar com aqueles que ficam

57 (in Mário Moura: A criação de uma paróquia, Sra. da Conceição da Ribeira Grande")

58 Menente, espantado, estupefacto (São Miguel)

59 Pitafe, defeito, atribuído quer a pessoas, quer a objetos. Nódoa na reputação.

60 Amerca, corruptela de América, ou Nova Inglaterra por oposição ao outro grande polo de emigração, a Califórnia

61 Calafona, Califórnia, na estropiação dos emigrantes de antigamente

62 Alpardusco, o mesmo que alparido, crepúsculo, lusco-fusco (São Miguel)

63 Camarça, tempo húmido (São Miguel)

64 Tarelo, júizo, fino (São Miguel)

65 Lambeta, intrometido (São Jorge)

66 Empelicado diz-se de pessoa afortunada, usado na frase nascer empelicado (Terceira)

67 Leiva, designação dada a formações de musgo de várias espécies Sphagnum, abundante na parte alta das ilhas. No Corvo é o musgo, nas Flores musgão, no Faial tufos. Nome da urze, Calluna vulgaris, usada em S. Miguel na preparação do solo das estufas dos ananases.

68 Madorna, sono leve, sonolência, torpor

69 Palhito, o mesmo que fósforo (Terceira)

70 Caipora, de qualidade inferior, reles. Sorte caipora: que pouca sorte, sorte maldita (São Miguel)

71 Caltraçada, confusão, mixórdia, trapalhada

72 Vizinho do pé da porta, o mesmo que vizinho do portal da porta, que mora nas redondezas de uma casa (vizinho de ao pé da porta em São Miguel)

73 Alfeiro, gado bovino que não dá leite, por exemplo de uma vaca que não apanhou boi, e que, por isso, não dá leite. Gado alfeiro sem touro de cobrição (in Cristóvão de Aguiar)

74 Arredouça, confusão, desordem

75 Fiúzes (São Miguel) ou às fiúzas de, à custa de, viver à custa de outrem (Terceira)

76 Ficar a nove, não entender nada do que ouviu.

77 Atramoçar, aborrecer, interferir com, maçar (in Cristóvão de Aguiar) (São Miguel)

78 Calzins, pequeno copo, geralmente destinado a beber aguardente ou bebidas finas

79 Abafado, O vinho abafado é um vinho tradicional dos Açores, constituindo uma tradição na costa norte de São Miguel, onde a abundância de pomares e a produção frutícola excedentária é frequentemente aproveitada para a feitura de licores, vinhos abafados e compotas. No caso dos vinhos abafados, trata-se de um género vinícola com elevado teor alcoólico cuja fermentação é interrompida através da adição de aguardente ou álcool, permanecendo mais ou menos doce (uma vez que o açúcar natural da uva não se transformou em álcool). Transformação licorosa do típico vinho de cheiro micalense. O abafado é considerado o vinho do Porto dos Açores, em resultado de um processo de laboração que dispensa o recurso a corantes ou conservantes. (São Miguel)

80 Piteiro, aquele que bebe muito (Terceira, Flores)

facilmente órfãos de autores que os acompanharam nesta digressão terrena. Admiro-me que as companhias de telecomunicação não tenham inventado uma bateria de longa duração que não precise de ser carregada debaixo de terra e permita acesso ilimitado, a troco de uma conveniente taxa vitalícia, aos que os deixaram já no meio duma amizade, dum amor, duma relação, duma paixão. Seria, decerto, um êxito comercial se viesse com a possibilidade de personalização do aparelho. Quem sabe o que se evitaria de dores incompletas, de saudades por mitigar, de conversas inacabadas? Novos planos poderiam surgir em operadoras de telemóveis. Um tema a merecer estudos futuros...⁸¹

CRÓNICA 101 NASCIMENTO DA NETA SEGUNDA, JULHO 25-27 2011

Seria coincidência ou fortuito acaso? Após quase cinco anos de silêncio, os sinos da igreja da Lomba da Maia (há muito silenciados por razões que desconheço) voltaram a tocar na hora certa e pela meia hora, como que a anunciar a vinda de uma segunda neta. Nestas coisas os sinos costumam ser mais frequentemente associados a enterros e avisos de falecimento do que a alegrias...

Como dizia o poeta António Gedeão, "eles não sabem nem sonham que o sonho comanda a vida" e assim tem sido comigo.

Resta-me desejar que o mesmo lhe suceda. Vieste do nada numa madrugada longa sem luar, enquanto o mar rugia ao longe na Praia da Viola, percorreste o caminho das estrelas como tantas outras antes de ti, mais parecias um cometa deixando um rasto indelével na ansiedade da tua avó, bis-avó (que é uma avó bis), ansiando abrir as asas e voar até ti, agarrar-te e dar-te todo o carinho do mundo como só as avós sabem.

Na ilha fez-se silêncio em tua honra, antes de os cagarros começarem a cantar a sua ladainha noturna e antes mesmo de os milhafres fugirem assustados para as suas tocas, altos poleiros em postes na estrada vizinha.

Nem um só barco saiu à pesca nessa noite, acenderam-se velas nas aldeias, ditas freguesias, e se houvesse romeiros, seria em tua honra. As vacas mugindo, pediam para serem esvaziadas as suas tetas úberes num afã de te darem alimento.

Os sorrisos que irás trazer acalentam muitos corações e fazem esquecer a solidão dos dias horizontais enquanto na vizinha Maia os foguetes estrelejam pois ao fim de cinco séculos vens anunciar uma boa nova.

Enquanto isso, o poeta continuava mergulhado nos seus pensamentos, em frente às rochas, a que chamam piscinas naturais ou poças, incapaz de um poemato que o levasse do papel à ação.

Ouvia as falésias a cantarolarem canções de embalar a que chamavam "lullaby" para te embalam no remanso das ondas sob o olhar atento dos garajaus. E ao fundo, na bruma do amanhecer, ver-se-á mais uma ilha enevoadada daquelas que costumam surgir com os nevoeiros de São João e chamar-se-á Leonor. Bem-vinda neta que fazes sentir o calendário dos dias nos anos deste avô que nunca escreveu poemas no nascimento dos filhos.

CRÓNICA 102. LÁ COMO CÁ, 31 JULHO 2011

Lá como cá... Um pouco por todo o mundo... O neocapitalismo cria novas formas de escravagismo e de servidão e não deve ser com manifestações destas que irão mudar... revolucionários precisam-se, depois criam-se mais umas guerras e umas invasões sob qualquer pretexto que os vendedores de armamento bem precisam...E o ser humano continua aviltado no fundo da escala...Em busca dos sonhos burgueses com que o educaram numa sociedade consumista e eu aqui sentado à espera que apareça um novo homem/mulher educado, culto, pacifista, interessado no seu semelhante sem ter que se refugiar em paraísos artificiais sejam eles os das drogas, álcool ou meramente reduzido a um ser de fé. Tal como em Portugal! Hospitais não funcionam, educação não funciona, justiça não funciona.

Nada funciona... O medo é a regra geral. Para quê Senadores, Deputados, Vereadores, Prefeitos, e toda a classe política se nada funciona. Só existe interesse próprio, com o próprio umbigo. É só escândalo atrás de escândalo todos os dias. Não se tem mais vergonha na cara. A corrupção está instaurada em todos os níveis das entidades representativas da sociedade. Leio: "É uma vergonha. Se você está satisfeito(a) com o Governo, nem leia isto, delete e pronto! 1 MILHÃO de pessoas na Avenida Paulista, pela demissão de toda a classe política. XÔ PETISTAS. É agora!". Dito assim até parecia legítimo, mas a história nem sempre é o que parece, e o que viria seguir, passados uns anos, viria a demonstrar a fraude deste populismo com que todos concordam.

Repassando...

Um milhão de pessoas na Avenida Paulista pela demissão de toda a classe política. Este e-mail vai circular hoje e será lido por centenas de milhares de pessoas. A guerra contra o mau político, e contra a degradação da nação está começando.

Não subestime o povo que começa a ter conhecimento do que nos têm acontecido, do porquê de chegar ao ponto de ter de cortar na comida dos próprios filhos! Estamos de olhos bem abertos e dispostos a fazer tudo o que for preciso, para mudar o rumo deste abuso. Todos os "governantes" do Brasil até aqui, falam em cortes de despesas. Mas não dizem quais despesas

Mas, querem os aumentos de impostos como se não fôssemos o campeão mundial em impostos.

Nenhum governante fala em:

1. Reduzir as mordomias (gabinetes, secretárias, adjuntos, assessores, Suportes burocráticos respetivos, carros, motoristas, 14º e 15º salário etc.) dos poderes da República;

2. Redução do número de deputados da Câmara Federal, e seus gabinetes, profissionalizando-os como nos países sérios. Acabar com as mordomias na Câmara, Senado e Ministérios, como almoços opíparos, com digestivos e outras libações, tudo à custa do povo;

3. Acabar com centenas de Institutos Públicos e Fundações Públicas que não servem para nada e, têm funcionários e administradores com 2º e 3º emprego;

81 (texto revisto por e dedicado ao Dr. J. M. Soares de Barcelos, autor de Dicionário dos Falares dos Açores (ed. Almedina 2008), por me fazer sentir menos estrangeiro

4. Acabar com as empresas Municipais, com Administradores a auferir milhares de reais ao mês e que não servem para nada, antes, acumulam funções nos municípios, para aumentarem o bolo salarial respetivo.
5. Acabar com o Senado e com as Câmaras Estaduais, que só servem aos seus membros e aos seus familiares. O que é que faz mesmo uma Assembleia Legislativa (Câmara Estadual)?
6. Por exemplo as empresas de estacionamento não são verificadas porquê? E os aparelhos não são verificados porquê? É como um táxi, se uns têm de cumprir porque não cumprem os outros? E como não são verificados como podem ser auditados?
7. Redução drástica das Câmaras Municipais e das Assembleias Estaduais, se não for possível acabar com elas.
8. Acabar com o Financiamento aos partidos, que devem viver da quotização dos seus associados e da imaginação que aos outros exigem, para conseguirem verbas para as suas atividades; aliás, dois partidos apenas como os EUA e outros países adiantados, seria mais que suficiente.
9. Acabar com a distribuição de carros a Presidentes, Assesores, etc..., das Câmaras, Juntas, etc., que se deslocam em digressões particulares pelo País;
10. Acabar com os motoristas particulares 24 horas ao dia, com o agravamento das horas extraordinárias...para servir suas excelências, filhos e famílias e até, as ex-famílias...
11. Acabar com a renovação sistemática de frotas de carros do Estado;
12. Colocar chapas de identificação em todos os carros do Estado. Não permitir de modo algum que carros oficiais façam serviço particular tal como levar e trazer familiares e filhos, às escolas, ir ao mercado a compras, etc.;
13. Acabar com o vaivém semanal dos deputados e respetivas estadias em hotéis de cinco estrelas pagos pelos contribuintes;
14. Controlar o pessoal da Função Pública (todos os funcionários pagos por nós que nunca estão no local de trabalho). Há quadros (diretores gerais e outros) que, em vez de estarem no serviço público, passam o tempo nos seus escritórios de consultorias a cuidar dos seus interesses.
15. Acabar com as administrações numerosíssimas de hospitais públicos que servem para garantir aos apadrinhados do poder - há hospitais de cidades com mais administradores que pessoal administrativo...pertencentes às oligarquias locais do Partido no poder...
16. Acabar com os milhares de pareceres jurídicos, caríssimos, pagos sempre aos mesmos escritórios que têm canais de comunicação fáceis com o Governo, no âmbito de um tráfico de influências que há que criminalizar, autuar, julgar e condenar;
17. Acabar com as várias aposentadorias por pessoa, de entre o pessoal do Estado e entidades privadas, que passaram fugazmente pelo LEGISLATIVO;
18. Pedir o pagamento da devolução dos milhões dos empréstimos compulsórios confiscados dos contribuintes, e pagamento IMEDIATO DOS PRECATÓRIOS judiciais;
19. Criminalizar, imediatamente, o enriquecimento ilícito, perseguindo, confiscando e punindo os ladrões que fizeram fortunas e adquiriram patrimónios de forma indevida e à custa do contribuinte, manipulando e aumentando preços de empreitadas públicas, desviando dinheiros segundo esquemas pretensamente "legais", sem controlo, e vivendo à tripa forra à custa dos dinheiros que deveriam servir para o progresso do país e para a assistência aos que efetivamente dela precisam;
20. Não deixar um único malfetor de colarinho branco impune, fazendo com que paguem efetivamente pelos seus crimes, adaptando o nosso sistema de justiça a padrões civilizados, onde as escutas VALEM e os crimes não prescrevem com leis à pressa, feitas à medida;
21. Impedir os que foram ministros de virem a ser gestores de empresas que tenham beneficiado de fundos públicos ou de adjudicações decididas pelos ditos.
22. Fazer um levantamento geral e minucioso de todos os que ocuparam cargos políticos, central e local, de forma a saber qual o seu património antes e depois.
23. Pôr os Bancos pagando impostos e, atendendo a todos nos horários do comércio e da indústria.
24. Proibir repasse de verbas para todas e quaisquer ONGs.
25. Fazer uma devassa nas contas do MST e similares, bem como no PT e demais partidos políticos.
26. REVER imediatamente a situação dos Aposentados Federais, Estaduais e Municipais, que precisam muito mais que estes que vivem às custas dos brasileiros trabalhadores e, dos Próprios Aposentados.
27. Informar o povo, onde arranjam tantos bilhões pra demolir estádios e construir estádios novos para a copa do mundo...e não conseguem dinheiro pra pagar os aposentados com salário integral...não conseguem dinheiro. Ou não se interessam em conseguir...pra educação...construir escolas dignas pra que a nossa juventude tenha alguma esperança de um futuro melhor...dizem que não tem dinheiro pra saúde...mas pra copa! ISSO TEM FÁCIL...FÁCIL. PORQUE AÍ TEM A OPORTUNIDADE DE ROUBAR O POVO.
- 28- Volta ao curriculum escolar a matéria de " educação cívica" para ensinar os direitos, deveres do povo, através da nossa constituição. Volta da cidadania, do orgulho pela pátria!
Ao "povo", pede-se o reencaminhamento deste e-mail. Se tiver mais algum item, favor acrescentar.

"O QUE ME INCOMODA NÃO É O GRITO DOS MAUS, E SIM, O SILÊNCIO DOS BONS"
(Martin Luther King)

Como todos sabemos, uns anos mais tarde, era o primeiro apelo para a deposição dos governos democraticamente eleitos do PT e a imposição de um regime fantoche manipulado pelos EUA com Temer à frente do governo fantoche. Mas quem o lia naquela época, podia ser levado pela conversa fiada...

CRÓNICA 103 CRÓNICAÇORES NO PICO, 9-10 AGOSTO 2011

O Hotel Caravelas tem um nome que já não corresponde à sua atual volumetria. Com as recentes obras, os quartos que - em presépio - se voltavam para a Horta, passaram a ficar voltados uns para os outros sobre a entrada da garagem. Decerto que a ideia era a de recriar o pátio romano ou árabe, em torno do qual toda a atividade do "lar" se desenrolava, e assim quando alguém ia a uma varanda fumar podia vigiar e espiolar o que os vizinhos faziam nos seus quartos, numa política de aproximação e integração dos hóspedes na vida comunitária. Claro que perderam a soberana vista sobre a vizinha ilha do Triângulo, mas ganharam uma visão privilegiada: uns sobre os outros. A fachada principal passou para uma rua das traseiras com uma imponente vista do Pico, mas todos os vidros estavam tão sujos (durante uma semana) que nem se via a montanha. Agora em vez de um hotel em forma de Caravela, temos uma caixa de fósforos em que mal se assoma à varanda se veem os restantes hóspedes em cuecas nos quartos em frente...

Obviamente, um mero pormenor que não mereceria reparos, quem quiser ver o Pico que vá lá vê-lo e não fique no Hotel a observá-lo. Na sua imponente, sobranceiro ao pequeno porto da Madalena do Pico ocupa um lugar privilegiado na ilha, por ser a única unidade hoteleira digna desse nome e capacidade pouco abaixo de uma centena de quartos. As vistas para o Faial e a sua localização privilegiada no coração da Vila da Madalena não podem, no entanto, servir de desculpa para o péssimo serviço que o Hotel Caravelas proporcionou no verão de 2011 aos seus hóspedes.

Logo que chegam à receção, os clientes são avisados que o insólito check-in ocorre apenas pelas 16 horas.... No caso vertente, após algum esforço e simpatia foi possível convencer a sobrecarregada equipa de limpezas de quartos a proceder aos trabalhos de limpeza do mesmo antes das 15 horas.

A mala vinda no voo da manhã de São Miguel, que aguardava, pacientemente, num canto da receção desde as 09.30 foi finalmente desmanchada, depois de termos sido surpreendidos pelo pedido de pagamento prévio da ocupação dos quartos., supomos que este método revolucionário de cobrar antes da estadia se deve ao facto de poderem evitar reclamações futuras.

Nesse dia e seguintes a bucólica calma da "baixa" da Madalena era interrompida pelo martelar pneumático de berbequins e outros irritantes aparelhos mecânicos numa obra de mudança de painéis de madeira na receção e noutros locais que decerto não poderia ser adiada para uma época mais calma (primavera, outono, inverno). A juntar a isto uma carinha dos trabalhadores de carpintaria ocupava um dos poucos lugares do estacionamento na garagem, tão mal concebidos que apenas davam lugar a uma dúzia de viaturas onde bem poderia caber o dobro...convenhamos que estas reparações de emergência em pleno mês de agosto eram um abuso da paciência e do direito ao descanso dos veraneantes incapazes de dormirem a sesta que os locais acreditavam ser prerrogativa exclusiva dos espanhóis.

Ao pequeno-almoço, o café de saco foi servido frio, calculando-se que ali tivesse sido colocado pelas 07.30 e como a temperatura ambiente era de 28 °C os funcionários deveriam calcular que se mantivesse quente após duas horas.

Quando interrogada uma funcionária sobre a possibilidade de ter um café expresso, foi dito perentoriamente que teríamos de nos deslocar à receção a pedi-lo pois ela não podia ir lá...mandou-me a mim...

Gostei desta atitude que revela determinação e iniciativa, para os hóspedes não ficarem sentados à espera que as coisas lhes apareçam à frente e - como todos sabem - o exercício dos hóspedes faz bem à saúde do hotel..

Assim, contrariamente ao que aconteceu tantas vezes não tomei o café expresso ao pequeno-almoço.

A contragosto, contrafeito, contrariado, incomodado, irritado, saí momentos depois e fui tomá-lo ao bar esplanada, mesmo ao lado, o Caipirinhas Park, onde o solícito brasileiro pela segunda manhã que me viu mandou servir-me a habitual italiana e o café curto da minha mulher...sem ninguém sequer ter tempo para pedir... Não acredito que lhe venham a dar emprego no Caravelas (é demasiado atencioso e eficaz).

Demos um passeio pela ilha até à inolvidável e sempre quente Prainha onde nos deliciamos ao almoço – *comme d’habitude* – no “Canto do Paço” restaurante recomendável a quem gosta de boa comida, embora o serviço seja sempre para o lento, mesmo com pouca clientela como era o caso.

Vimos dormir a sesta ao Hotel e para nosso espanto o quarto estava por arrumar embora o sinal a pedir a limpeza do mesmo ali estivesse pendurado desde as dez da manhã...Nessas cinco horas a brigada de limpezas não tivera tempo.

Questionada a receção foi-nos dito que era por o Hotel estar cheio... Esta resposta, que não chegou para me enfurecer, daria motivo a reflexão diversa após termos constatado que a empregada da firma de aluguer de carros ajudava a limpar a piscina e ajudava na receção.

O motorista que nos fora buscar ao aeroporto andava a aspirar e a fazer manutenção de equipamento da piscina...aliás este “multitasking” ou utilização intensiva de pessoal em tarefas múltiplas só demonstra a alta capacidade de motivação dos patrões que com reduzido orçamento e um aproveitamento máximo dos recursos humanos põe toda a gente a desempenhar todas as funções possíveis

A ida à piscina do Hotel permitiu comprovar que a crise é um mito, e apesar destes turistas serem, na maior parte, do tipo mochileiro, ou pé descalço sem desprimor para os que optam por andar descalços...o certo é que os havia de todas as nacionalidades: franceses, alemães, espanhóis e italianos.

As novas gerações cheias de tatuagens e “piercings” numa versão século XXI dos hippies que dantes havia, andavam pela ilha mais interessadas em baleias e mergulhos do que em gastar divisas noutras atividades, além dos habituais “copos”. Aliás, estes turistas que enxameavam a ilha dividiam-se em dois grupos os de mais de 50 anos e os de menos de 30...

Eis senão quando na piscina irrompe uma senhora matrona, carregada de joias (embora não me pareça que a piscina seja o sítio ideal para tal ostentação..., mas é a minha opinião apenas) a admoestar em voz alta uma adolescente que há mais de meia hora insistia em saltar para a piscina junto das pessoas que ali nadavam. Depois de ralhar profusamente com a jovem por esta não ter acorrido de imediato ao chamamento e à oferta de um gelado, a senhora bradando em alta voz tentava negociar uma viagem de táxi na ilha com a duração de quatro horas, como se os restantes habitantes daquela piscina tivessem necessidade de o saber... Mas os espanhóis que eram os mais alarves e ruidosos naquela multidão não pareciam incomodados por estas vocalizações propagadas pelo rossio que soprava do Canal.

Ao observar todos estes seres humanos que me rodeavam – tive, uma vez mais – a sensação de estar num jardim zoológico preenchido por bípedes que tentam sobressair da turba abusando da sua voz. Até os pássaros andavam afugentados.

Podia inclusive haver alguém interessado em fazer um aprofundado estudo psicológico neste ambiente, mas pela parte que me dizia respeito tinha para ler um excelente livro de Deolinda da Conceição, mãe do meu amigo Toning Conceição Jnr de Macau. “Cheong-sam (a cabaia)” descreve-nos em pequenos contos, delicados e deliciosos, diversas cenas da China e de Macau nos anos 50, e ali estava eu a observar um zoológico tão diferente no trato, na fala e nos costumes.

Havia um enorme fosso a diferenciar o respeito pelos outros e pelas convenções sociais ou seria apenas por me custar deglutir o grotesco espetáculo que me rodeava e me invadia a privacidade desta escrita com seus sons tonitruantes e alarves?

Como sempre, esta ilha atraindo-me com a sua magia magnética que nos persegue e a qual tentei traduzir no fecho do meu curto discurso na apresentação do livro nas Lajes do Pico, com a presença de mais de uma vintena de pessoas e para a qual a Direção da Cultura mandou deslocar da Ilha Terceira, o Diretor do IAC, Eng.º Paulo Raimundo, que juntamente com o Diretor do Museu dos Baleeiros, Manuel da Costa Júnior fizeram a abertura da sessão no próprio Museu dos Baleeiros.

Na assistência contava-se o bom amigo Vasco Pereira da Costa. Fiquei menente com a importância que a DRAC deu ao assunto e com a presença de tanta gente incluindo o nonagenário Comendador Ermelindo Ávila, jornalista, escritor e personalidade picoense emérita bem lúcido nos seus 96 anos, presença esta que muito me sensibilizou, em especial ao ver que no final, na sessão de autógrafos, não aceitou passar para a frente das restantes pessoas, esperando pacientemente a sua vez. A propósito desta personalidade cumpre recordar aqui o que ele disse recentemente em entrevista ao Correio dos Açores:

“Julgo que tenho um relacionamento normal com todas as pessoas, das mais diversas atividades sociais incluindo, portanto, aqueles que são escritores. Recordo neste momento, além de outros, o Padre Xavier Madruga, que considero o meu Mestre, o escritor picoense Dias de Melo, a quem me ligava uma amizade familiar de muitos anos, o professor Emanuel Félix, já falecidos e dos vivos Manuel Ferreira e Daniel de Sá, além de outros mais.

Nunca recebi qualquer quantia por aquilo que escrevo há setenta e oito anos.

Se esperasse por algum provento da escrita, andava hoje a pedir esmola, ou estava internado num asilo. Escrevo porque isso me dá prazer e é o quanto basta neste ocaso da vida”

Para registo e memória futura aqui fica o breve discurso que ali (Lajes do Pico) proferi no lançamento:

Boa noite a todos e obrigado pela vossa presença.

A CrónicaAçores retrata os meus amores ilhéus. Além da literatura dos Açores, viaja de Bragança à Austrália, e aos meus amores por São Miguel, Santa Maria, São Jorge, Faial e Pico.

Aliás a inquietude persegue-me desde que deixei a Europa em 1973 e me abri ao conhecimento universal e multicultural.

Adquiri uma errância mais própria de nómadas ciganos do que das origens sedentárias de marrano galaico-português.

Esta inconstância assola-me ainda mais desde que me arquipelizei nos Açores há mais de seis anos.

Sou conhecido pela infidelidade no amor às ilhas que habito.

De cada vez que saio da Ilha verde - e visito ou conheço nova ilha – enamoro-me loucamente como um jovem adolescente de sangue quente em busca de paixões avassaladoras como são os amores da juventude.

Só posso viver numa, mas em todas quero estar em simultâneo, pois nelas me sinto em casa.

Como pode uma pessoa vinda de outras culturas e continentes entender estas ilhas e suas idiossincrasias?

Pois bem, eu não só acredito em multiculturalismo, como sou um exemplo vivo do mesmo. Nasci numa família mesclada de Alemão, Galego, Português e Brasileiro do lado paterno e do lado materno, Português e marrano, sangue de judeus conversos.

Só tarde me apercebi desta herança judaica que foi tão importante no povoamento destas ilhas.

Aos 23 anos publiquei o meu primeiro livro de poesia “Crónicas do Quotidiano Inútil”.

Depois por cortesia do exército colonial fui defender o agonizante Império Português em Timor (1973-1975) onde fui Editor-chefe do jornal A Voz de Timor em Díli, antes de ir à Austrália e decidir adotá-la como pátria futura.

Comecei a interessar-me pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialetos em Timor.

Desde 1967 dediquei-me ao jornalismo (rádio, televisão e imprensa escrita) e durante 24 anos escrevi sobre o drama de Timor-Leste enquanto o mundo se recusava a ver essa saga.

De 1976 a 1982 desempenhei funções executivas na administração da CEM. Ali também fui Redator, Apresentador e Produtor de Programas para a TDM, RTP Macau e TV de Hong Kong. Depois, radicar-me-ia em Sydney (e, mais tarde, em Melbourne) como cidadão australiano.

Na Austrália estive sempre envolvido nas instâncias oficiais que definiram a política multicultural do país e ainda hoje me definem.

Fui Jornalista no Ministério do Emprego, Educação e Formação Profissional e no Ministério da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários além de ter sido Tradutor e Intérprete no Ministério da Imigração e no Ministério de Saúde de Nova Gales do Sul.

Divulguei a descoberta da Austrália e vestígios da chegada dos Portugueses (1521-1525, mais de 250 anos antes do Capitão Cook).

Igualmente difundi a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (há quatro séculos). Como Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators & Interpreters), leccionei em Sidney na Universidade UTS, Linguística e Tradutologia bem como Estudos Multiculturais a candidatos a tradutores e intérpretes.

Por mais de vinte anos, fui responsável pelos exames dos Tradutores e Intérpretes na Austrália (NAATI National Authority for the Accreditation of Translators & Interpreters).

Fui Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council, na UTS Universidade de Tecnologia de Sidney (1999-2005), publiquei trabalhos em jornais e revistas académicas e científicas, e apresentei temas de linguística e tradutologia e literatura na Austrália, Portugal, Espanha, Brasil, Canadá, China, etc.).

Em 1999, escrevi o ensaio político “Timor-Leste: o dossiê secreto 1973-1975”, a que se seguiu em 2000 a monografia “Crónicas Austrais 1976-1996”.

Em 2005 compilei e publiquei o “Cancioneiro Transmontano 2005” e outro volume dos contributos para a história “Timor-Leste vol. 2: 1983-1992, Historiografia de um Repórter” (> 2600 pp., edição de autor CD).

Entre 2006 e 2010, traduzi, entre outras, obras de autores açorianos para Inglês, nomeadamente de Daniel de Sá⁸², de Manuel Serpa⁸³, Victor Rui Dóres⁸⁴. Em março 2009 publiquei o volume 1º da "CrônicasAçores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, " cronicando as minhas viagens em volta do mundo.

Organizo desde 2001 os Colóquios Anuais da Lusofonia que ocorreram no Porto, Bragança, Ribeira Grande e Lagoa (São Miguel, Açores), Brasil e Macau e sou atualmente o Editor dos Cadernos (de Estudos) Açorianos, coordenados por Helena Chrystello e Rosário Girão e livremente acessíveis em linha.

Este segundo volume continua a minha circum-navegação.

Na lenda havia um Rei Artur, Sir Galahad, os cavaleiros da Távola Redonda e a busca pelo Santo Graal. Aqui não há Dom Quixote, nem Sancho Pança nem moinhos de vento, contra os quais espadanar. Há apenas um poeta utópico, sequioso de aprender outras línguas, hábitos e culturas.

Da infância em Trás-os-Montes, parti à conquista do "Iulic" em Timor Português, dos hippies em Bali (Indonésia), sobrevivi ao "Anno Horribilis" no verão Quente de 1975 em Portugal, atravessei as Portas do Cerco na China de Macau, percorri a Austrália Ocidental, Vitória e Nova Gales do Sul, com passagem pelo Oriente-do-Meio e seus emirados, Europa, Ásia e Pacífico Sul, antes de redescobrir o Brasil e Portugal. Por fim, parei nos ares como um milhafre sobre a ilha de S. Miguel donde voei em conquista de Santa Maria, Faial, Pico e S. Jorge.

Se na Austrália encontrei uma tribo aborígene a falar Crioulo Português com mais de 450 anos, descobri na antiga Bragança a mátria e nos Açores descobri o que a maior parte do mundo desconhecia: uma pujante literatura.

Esta viagem leva-nos num périplo pelo mundo em que vou cronicando tal como Marco Polo, as terras, as gentes e os costumes e tradições. Da análise política, social e pessoal parto à descoberta de culturas antes de regressar ao seio duma Lusofonia sem raças, credos ou nacionalidades, até me radicar na "Atlântida" onde desvendo e divulgo a fértil literatura açoriana catapultadora de autonomias e independências por cumprir.

Falta aqui agradecer à minha lisboeta mulher radicada no Porto, por ter casado comigo. Sem isso estaria na Austrália e nunca teria conhecido os Açores e a açorianidade de que falo neste livro.

Acredito na multiculturalidade. Dela absorvi e aprendi mais, nesses países onde vivi, do que qualquer universidade me poderia ensinar. Como se pode optar por ficar aqui nestas ilhas e descurar todos os mundos que existem para lá deste arquipélago? É simples, uma pessoa fica ilhanizada como Almeida Firmino em A Narcose, como se os outros mundos não tivessem importância a não ser para divulgar o segredo da existência de uma importante literatura de cariz açoriano.

Foi preciso descer à Praia da Viola na Lomba da Maia onde vivo, subir ao Monte Escuro e aos sempiternos verdes montes, ver as vacas alpinistas e o mar que nos rodeia para entender a açorianidade que nos leva a escrever.

Depois, é preciso viajar entre estas nove filhas de Zeus e entender os maroiços do Pico ao sabor do seu Verdelho, calcorrear o Barreiro da Faneca, pisar as areias esbranquiçadas de Porto Pim e meditar em frente ao ilhéu do Topo.

É essencial partir à descoberta de cada ilha, sonhando com Dias de Melo nas agruras e na fome dos baleeiros, reler o Mau Tempo no Canal, parar num qualquer aeroporto e entender o Passageiro em Trânsito do Cristóvão de Aguiar, ler em voz alta a poesia do Fogo Oculto de Vasco Pereira da Costa, Viajar com as Sombras ou com o Tango nos Pátios do Sul de Eduardo Bettencourt Pinto, depois de visitar as pedras arruinadas do Pastor das Casas Mortas ou a Grande Ilha Fechada de Daniel de Sá.

Escolhi estes que melhor conheço, mas há muitos outros autores açorianos que não só merecem ser lidos, como deveriam constar obrigatoriamente de qualquer currículo de ensino.

Toda a minha vida foi uma circum-navegação. Se nos anos 70 designei para pátria a Austrália nunca deixei de conjugar a outra de Fernando Pessoa, a língua portuguesa.

Hoje tenho como mátria Bragança, mas aos açorianos o devo pois foram eles que me ensinaram o amor às raízes. Ao vê-los tão amantes das suas terras tive de descobrir as minhas origens em Bragança onde vivi menos tempo do que em qualquer outro lugar. Sinto como todos transportam esse sentimento de pertença aqui e no estrangeiro.

Quando aqui cheguei desconhecia quase tudo sobre as ilhas, mas descobri no Dicionário do Morais os termos "chamados" açorianos.

A língua recuada até às origens e adulterada pelo emigrês que trouxe corruptelas aporuguesadas e anglicismos.

Tratei de desvendar o arquipélago como alegoria recuando à sua infância, sem perder de vista que as ilhas reais já não podem ser só perpetuadas nas suas memórias. Nesta geografia idílica não busquei a essência do ser açoriano.

Existirá, decerto, em miríade de variações, cada uma vincadamente segregada da outra.

Também não cuidei de saber se o homem se adaptou às ilhas ou se estas condicionam a presença humana, para assim evidenciar a sua açorianidade.

Limitei-me a observar e a analisar o que me rodeia e depois passei ao papel essas crônicas do mundo que me envolve. Aliás, estou convencido de que uma das razões para haver aqui tantos escritores se deve exatamente ao facto de vivermos nestas ilhas.

Cito do livro:

A ilha para Natália Correia é Mãe-Ilha, para Cristóvão de Aguiar, Marilha, para Daniel de Sá, Ilha-Mãe, para Vasco Pereira da Costa, Ilha Menina, para mim nem mãe, nem madrastra, nem Marília nem menina, mas Ilha-Filha, que nunca enteada.

Para amar sem tocar, ver dilatar nas dores da adolescência que são sempre partos difíceis.

Toda a vida fui ilhéu. Perdi sotaques, mas não malbaratei as ilhas-filhas. Trago-as comigo a reboque, colar multifacetado de vivências de mundos e culturas distantes.

Primeiro em Portugal, ilhota perdida da Europa durante o Estado Novo, depois em um capítulo naufragado da História Trágico-marítima nas ilhas de Timor e de Bali, seguido da insula de Macau (fechada da China pelas Portas do Cerco), da imensa ilha-continente Austrália, e na ilhoa esquecida de Bragança no nordeste transmontano, antes de arribar a esta Atlântida Açores.

Tudo começou quando traduzi autores açorianos como Daniel de Sá e Victor Rui Dóres entre outros. Acabei cativo e apaixonado.

Tive de escrever para me libertar da poção mágica do arquipélago e daí nasceu "CrônicasAçores: uma circum-navegação".

Por isso escrevi

Que Dias de Melo era um operário, agricultor, pescador, escultor que trabalhava, ceifava, pescava e esculpia a palavra como um baleeiro, pescador, marinheiro, mestre de lancha da Ilha do Pico. Escreveu como se da janela da sua "Cabana do Pai Tomás" no Alto da Rocha na Calheta de Nesquim, vigiasse os botes e as lanchas da Calheta, baleando contra os Vilas e os Ribeiras

Que Cristóvão de Aguiar psicanalisou as gentes e a terra que o viram nascer, mas adotou o Pico como nova ilha mátria em 1996.

Para ele a escrita nunca será catarse, título do seu mais recente livro, pois é fruto de amores incompreendidos entre si e a sua ilha.... Como diz (Relação de Bordo II pp. 199-200) Primeiro foi a ilha, nunca mais a encontramos como a havíamos deixado...trouxemos somente a imagem dela ou então foi outra Ilha que conosco carregámos...

Que Vasco Pereira da Costa é um apaixonado que representa a universalidade da açorianidade nos seus contos e poemas, sem jamais descurar o telurismo na sua escrita, sendo sarcástico e crítico do falso cosmopolitismo insular quer na crítica à mentalidade medíocre quer no provincianismo balofo que critica na multiplicidade da sua obra que vai desde o conto e a novela, até à memória e à "crônica" breve, passando pela Poesia.

Num mundo marcadamente materialista como este, decidi que a minha herança para os filhos seria esta riqueza dos conhecimentos que colecionei ao longo da minha circum-navegação e que agora condensei em livro. É disso que este livro fala.

E continuo a citar alguns excertos:

Tivesse eu fôlego e irta ao mítico Pico da Atlântida submersa, cujo magnetismo me fascina ao ponto de desejar, vezes sem conta, mudar de armas e bagagens para este Triângulo Sagrado onde prometo fazer imolações e outros sacrifícios nas aras do destino.

Não sendo das Bermudas este triângulo isósceles, que nunca escaleno obscuro, seria ótimo pousio final para as minhas cinzas quando chegar a estação de fazer como as cobras e trocar de pele. Despir a bela capa colorida terrena, de seis decénios, e vestir o cinzento das cinzas que seriam lançadas nesta lendária Atlântida de continentes submersos cujos Picos vocês habitam.

Aqui, na Gruta das Torres senti-me um salteador da Arca perdida à sombra do Pico que, ora se esconde, ora se revela num jogo constante do gato e do rato, que entusiasma e arrebatava.

Sinto o sortilégio. O mágico cume tem um íman que atrai a visão e nos desconcentra, sempre insistindo para o contemplarmos nas suas mil e uma facetas alteradas a cada segundo.

Quero salientar que é uma honra estar aqui nesta Vila que foi a primeira da ilha, feita de gente que ao longo dos séculos sempre soube arcar com todas as dificuldades e domar a lava com feros e marrões até amontoarem a pedra em enormes "maroiços", autênticos monumentos num rendilhado de paredes, tarefa hercúlea como tantas outras que as gentes do Pico empreenderam ao longo de cinco séculos de colonização da agreste ilha, sem esquecer a luta titânica que nos seus pequenos botes travaram durante um século contra a baleia e ora descobrem novas formas de vida.

Da última vez que aqui estive, em pleno centro de São Miguel Arcanjo, ao andar rumo à casa do escritor Cristóvão de Aguiar deparei com uma camioneta de passageiros, estacionada, aguardando o início de nova semana de trabalho.

Ali me ocorreu a ideia peregrina de como seria culturalmente interessante a aventura de "pedir emprestada" a carripiana, começar a percorrer as aldeias (ditas freguesias nas ilhas) e gravar as histórias que os passageiros fossem contando.

A viagem não teria destino.

Duraria tanto quanto as histórias dos seus passageiros. Não se cobriam bilhetes.

Pararia em todos os locais, para que contassem histórias e lendas do local onde paravam. Que livro maravilhoso não daria esse compêndio de histórias apanhadas ao acaso daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos.

Assim me despedi da ilha prometendo voltar com mais tempo. Terminei dizendo que esta é a magia da vossa ilha que se insinua como uma amante insaciada, mulher fatal capaz de marcar os destinos de todos os homens que têm a sorte de a encontrar. Bem hajam pela vossa paciência para me ouvirem pois vou terminar lendo o único texto em que uso termos típicos das nossas nove ilhas.

82 Santa Maria ilha-mãe, O Pastor das Casas Mortas, São Miguel: A Ilha esculpida e a Ilha Terceira Terra de Bravos

83 As Vinhas do Pico

84 Ilhas do Triângulo, coração dos Açores numa viagem com Jacques Brel

Parado no aeroporto da Horta, não sou o *Passageiro em trânsito* do Cristóvão de Aguiar, nem transporto o *Fogo Oculto* do Vasco Pereira da Costa, antes deixo que os ponteiros do relógio caiam lentamente, minuto após minuto, por entre o linguajar dos que, comigo, esperam um avião. Como sempre me acontece, quando excursiono nestas ilhas atlânticas, nunca tenho vontade de partir: impérvio, permaneço sentado, quase imóvel, no pátio de observação do aeroporto da Horta. Estou de frente para o Pico que me pisca o olho, sorrateiro, por entre as nuvens, escondendo-se, amiúde, dos meus olhos perscrutadores.

Ao contrário de Cristóvão de Aguiar não carrego comigo a ilha e a que transporto não é outra. Não trago a reboque este arquipélago, mas deixar a ilha é sempre uma partida sem regresso marcado, como quem faz um luto indesejado ao correr dos dias. Não levo comigo a dor nem a lágrima furtiva, apenas acalento sempre o desejo do regresso numa noite de luar como o de ontem. Quando houver estrelas no céu quero que sejam as minhas, colar de pérolas para afagar pescoços. Há por aqui passageiros dos quatro cantos do mundo com especial enfoque para os de pé descalço ou mochileiros. Nem a todos descortino as línguas que falam, embora as mais comuns sejam o italiano, francês, alemão e castelhano.

Nos intervalos ouvem-se sons que não descodifico. Todas as pessoas inventam formas diferentes de esperar, mas hoje, a maioria está silenciosa, como o país em luto prolongado por uma crise como não há memória. Já são poucos os que falam. Uns leem, outros brincam com os novos gadgets de tecnologia avançada, *tablets*, telemóveis de última geração, *i-pads*, *i-pods*. Dizia-me há dias o Victor Rui Dóres em Londres “devo ser o único aqui sem PC nem outro instrumento”. Não há português a viajar sem computador ou similar. Eu também viajava assim no início dos anos 90, mas agora que é comum, prefiro viajar sem eles e aproveitar para me desligar do mundo, sentir-me em férias de notícias, desgraças, calamidades e correio eletrónico. Há um casal de meia-idade sentado a uma mesa, não muito distante da minha, ele escreve à moda antiga em grafia rápida com um cigarro na mão, ela lê um livro em papel. Parecem calmos e não temem a passagem do tempo, nem tampouco o apressam para apanharem o avião. Ele olha o Pico de frente, como um toureiro frente ao animal e espera que ele invista. Ela mantém-se na sombra sob o guarda-sol de costas para a montanha, embrenhada na leitura.

À minha volta, uma família emigrada prepara o regresso aos EUA com a avó a tiracolo, meio atarantada com o bulício e com as netas que não param de teclar. Mais à direita, um casal alemão aparenta ter acabado de sair das quentes águas do mar e ter-se esquecido de tomar banho na última quinzena. Um pequeno grupo de italianos, de ambos os sexos, fala incessantemente na sua toada musical tão típica. Não sei distinguir pelos sotaques de que região provêm.

Um casal francês, ao lado permanece, silencioso. Nem uma palavra trocou na última hora. Provavelmente já disseram tudo o que tinham para dizer ao longo dos anos e faltam as palavras para colmatar os silêncios. Nunca um silêncio alheio me tinha doído tanto. Que mistérios se encerrariam naquele emudecimento? Há espanhóis espalhafatosos, sempre a falarem alto como é seu apanágio, talvez pensem que estão num “comedor” ou num “mesón” a degustar “tapas”. Um açoriano pai ouve a filha com atenção, talvez não tivesse tido tempo durante o ano para a escutar e nem se dá conta do zangão que voa agressivamente tentando pousar numa garrafa de cerveja abandonada na mesa que partilham.

Entretanto, com a chegada do voo TAP de Lisboa, muitos se levantaram para o verem aterrar, debruçados nas amuradas de cimento vermelho e azulejos azuis. Muitos não voltaram às mesas da esplanada, deviam ter encontro marcado no voo de regresso. Outros, prosseguiram as suas atividades como se nada se tivesse passado, como se aquele avião não lhes dissesse respeito, ou como se já tivessem visto demasiados aviões, e só aguardavam outra ligação interilhas. Lentamente, os carros de aluguer enchiam o parque de estacionamento que estivera vazio toda a tarde. Os táxis, carrinhas de transporte e autocarros iam chegando e esvaziando o seu bojo de passageiros com encontro marcado com o destino. A senhora que lia um livro em papel, de vez em quando, erguia os olhos para o marido com um sorriso enigmático que só eles deveriam conseguir traduzir enquanto ele fitava o Pico em busca de uma oportunidade fotográfica que a montanha continuava a recusar. Ambos vestiam roupa do Peter's da cabeça aos pés e carregavam mais vestuário em duas sacas da mesma marca. Piores que eu. Seria preferência obsessiva ou falta de alternativas? Esta e outras perguntas jamais seriam feitas, pois passado algum tempo, levantaram-se, deitaram o lixo no contentor e prosseguiram para a sala de embarque.

CRÓNICA 105, LITERATICES, 19 AGOSTO 2011

Nos Moinhos (de Porto Formoso) a manhã decorreu calmamente como já não acontecia há muito tempo, sem gente nem sobressaltos, com a praia vazia esperando o nadador-salvador que só viria pelas 11 horas. A esplanada vazia permitia aos pássaros tomarem conta das mesas e do chão onde se deparavam com opíparos restos de comida sobrantas das refeições da véspera. Omnipresente era o silêncio das ondas na areia, sem as marés vivas que nesta época costumam assolar as costas do norte de Portugal. Havia cagarros, patos e outros pássaros entoando finas melopeias que serviam de música ambiente à leitura que este ano anda tão atrasada. Ainda ontem surgira uma interessante troca epistolar com Osvaldo Cabral, ex-diretor da RTP-A relativamente a literaturas e, em especial, a de matriz açoriana que continua esquecida de apoios numa terra em que tudo o mais é subsidiado.

A Cultura dos engomados por Osvaldo Cabral in Correio dos Açores / Diário Insular pp. 13, dia 17 de agosto 2011. Roubei este título ao Victor Rui Dóres, um dos cronistas mais lúcidos da nossa contemporaneidade, associando-me a ele e a todos os desiludidos com uma certa política cultural comprada avulso lá fora, ignorando a imensa riqueza criativa na nossa região...

Re: Cultura dos engomados [pp. 13 por Osvaldo Cabral dia 17 agosto de 2011]

A propósito do artigo em epígrafe cumpre-me esclarecer o colega Osvaldo Cabral sobre o muito que se tem feito nos últimos seis anos para divulgação de autores açorianos e que ele omite, certamente por desconhecimento. Os Colóquios da Lusofonia na sua versão açoriana desde 2006 constituíram-se em associação cultural e científica sem fins lucrativos em 1 de janeiro de 2011 e dos seus projetos nestes seis anos contam-se os seguintes:

Divulgação do Cancioneiro Açoriano desde 2006 pela pianista Ana Paula Andrade com atuações em Bragança, Ribeira Grande, Lagoa, Brasil e Macau acompanhada aqui pela jovem soprano Raquel Machado.

Ana Paula recompôs algumas peças para tocar com a orquestra de cordas da UDESC em Santa Catarina, com alunos do conservatório de Bragança, com alunos chineses do IPM, tendo-se desdobrado em atuações paralelas nessas digressões para dar a conhecer autores açorianos. Publicação online dos Cadernos de Estudos Açorianos onde se transcrevem excertos de obras e autores relevantes <https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html> Trimestralmente, foram publicados até esta data 11 Cadernos e vários suplementos

Caderno 1 Cristóvão De Aguiar - Suplemento 1 Cristóvão De Aguiar - Vídeo Homenagem Cristóvão De Aguiar

Caderno 2 Daniel De Sá - Suplemento 2 Daniel De Sá - Vídeo Homenagem Daniel De Sá

Caderno 3 Dias De Melo C/ Glossário Suplemento 3 Dias De Melo - Vídeo Homenagem Dias De Melo

Crónica Açores: uma circum-navegação, volume 4

Caderno 4 Vasco Pereira Da Costa - Suplemento 4 Vasco Pereira Da Costa - Vídeo Homenagem Vasco Pereira Da Costa
Caderno 5 Álamo Oliveira
Suplemento 5 Boeing 747 Traduzido 13 Línguas
Caderno 6 Caetano Valadão Serpa - Suplemento 6 Machado Pires "Raul Brandão E Vitorino Nemésio"
Caderno 7 Fernando Aires - Suplemento 7 Fernando Aires
Caderno 8 Mário Machado Fraião
Caderno 9 Emanuel Félix
Caderno 10 Eduardo Bettencourt Pinto - Suplemento 8 Eduardo Bettencourt Pinto
Caderno 11 Urbano Bettencourt

Criação na universidade do Minho de um curso breve de Açorianidades e insularidades (decorreu de 25 setembro 2010 a 18 fevereiro 2011) e novo curso previsto para final de 2011 ou início de 2012 provavelmente em plataforma e-learning. O curso originalmente gizado pela sua coordenadora em cooperação com Cristóvão de Aguiar e Daniel de Sá com apoio de Urbano Bettencourt, foi ministrado pela colega professora doutora Rosário Girão dos Santos teve a presença de autores como Malaca CASTELEIRO, CRISTÓVÃO DE AGUIAR, VASCO PEREIRA DA COSTA, DANIEL DE SÁ, ANABELA MIMOSO, E CHRYS CHRYSTELLO dentre inúmeros outros autores ali estudados. As avaliações do curso estão disponíveis em linha na mesma página.

Projeto de tradução de autores açorianos, iniciado em 2009, prevê a tradução para sete línguas de autores açorianos (búlgaro, russo, polaco, romeno, esloveno, francês e italiano). Uma obra "o passageiro em trânsito" de CRISTÓVÃO DE AGUIAR ficou completa há pouco mais de um mês e irá ser publicada em breve. Os tradutores, como toda a gente ligada aos Colóquios da Lusofonia, trabalham graciosamente em prol da divulgação dos autores dos Açores. Dentro do âmbito deste projeto foi possível traduzir um poema de VASCO PEREIRA DA COSTA (ver suplemento 5 dos Cadernos açorianos) que foi declamado publicamente em 15 línguas (incluindo árabe, chinês, inglês, francês, romeno, italiano, neerlandês, flamengo, castelhano, catalão, russo, búlgaro, romeno, polaco, alemão, no 14º Colóquio da Lusofonia em outubro de 2010 em Bragança.

Os autores açorianos estão a ser ministrados e estudados em universidades da Roménia e da Polónia graças aos Colóquios e a Rosário Girão, fazendo parte de material de mestrados e doutoramentos na universidade do Minho.

Fizemos propostas toponímicas para honrar escritores ainda vivos

Temos um projeto para lembrar e dignificar a presença açoriana em Macau ao longo de mais de cem anos. A obra e os autores açorianos foram ao Brasil no 13º Colóquio (2010), a Bragança (14º Colóquio outubro 2010), a Macau (15º Colóquio em abril 2011) sendo objeto de inúmeras comunicações que posteriormente serão editadas.

Antes disso foram objeto dos seguintes Colóquios: 5º Ribeira Grande - maio 2006, 6º Bragança - outubro 2006, 7º Ribeira Grande - maio 2007, 8º Bragança - outubro 2007, 9º Lagoa - abril 2008, 10º Bragança - outubro 2008, 11º Lagoa - abril 2009, 12º Bragança - outubro 2009...tendo estado presentes autores como Onésimo De Almeida, Caetano Valadão Serpa, José Dias De Melo, Daniel De Sá, Cristóvão De Aguiar, Sidónio Bettencourt, Vasco Pereira Da Costa, Eduardo Bettencourt Pinto entre vários outros que foram estudados e com comunicações a seu respeito. Destes Colóquios saiu um projeto para uma Antologia de autores açorianos contemporâneos que deveria ter entrado no currículo regional do ensino (1º 2º e 3º ciclo) mas que com a mudança da Direção regional de educação deixou de ser apoiado para a sua publicação. No entanto, com um pequeno apoio da Direção regional das comunidades vai ser possível lançar já no 16º Colóquio em Santa Maria (30 setembro a 5 de outubro) o primeiro volume de uma edição bilingue (um pouco mais curta) destinada especialmente aos mercados liceais do Canadá / EUA, mas que se pretende chegue a todo o mundo. As colegas Helena Chrystello e Rosário Girão irão de qualquer modo avançar com a publicação da Antologia (dois volumes) monolingue em futuro muito próximo. Poderia continuar a listar aqui o que os Colóquios da Lusofonia têm feito em prol da divulgação de autores locais levando-os a "mares nunca dantes navegados" mas creio que esta amostra é mais do que suficiente...Desafio O Correio Dos Açores e o Osvaldo Cabral a acompanharem-nos de 30 setembro a 5 de outubro a Santa Maria ao 16º Colóquio onde iremos prestar homenagem a DANIEL DE SÁ (o micaelense mais mariense de todos os escritores) e onde teremos a presença de Daniel Gonçalves, poeta mariense premiado com o prémio Manuel Alegre, além da presença de VASCO PEREIRA DA COSTA e EDUARDO BETTENCOURT PINTO entre outros.

Com os melhores cumprimentos,
J. CHRYS CHRYSTELLO 18/8/2011

Caro Chrys Chrystello,

Muito obrigado pela sua mensagem, que terei em boa conta. Se reparar bem, a minha crítica tem a ver com a falta de divulgação dos autores açorianos por parte das autoridades regionais, nomeadamente a Direção da Cultura, e não tem nada a ver com as iniciativas - muito louváveis - de instituições privadas.

Tenho acompanhado pela imprensa o V. entusiasmo na promoção dos nossos escritores e a homenagem ao Daniel é um justo e excelente reconhecimento pela grandeza do homem e escritor. A minha questão é outra: por que razão a Direção Regional da Cultura não toma essas iniciativas? Por que razão gasta milhares de euros na importação de gente e iniciativas de duvidosa qualidade? Porque é que as autoridades da nossa região não promovem no exterior os nossos autores? Há uma preguiça imensa nos gabinetes culturais do Governo em relação à nossa literatura e dar dinheiro a privados para promoverem os amigalhões de fora não é boa política. É aqui que está o cerne da minha questão. Espero que agora tenha compreendido onde quis chegar. Bom trabalho e abraço

Osvaldo 18/8/2011

Caro Osvaldo, eu sei... imagine que a DRC nos deu mil euros a dividir por 3 anos (= 333,33 euros/ano) para fazermos os Colóquios em Santa Maria. Os nossos oradores vêm a expensas próprias e o custo de cada Colóquio fica-nos por seis mil euros incluindo dar dormida, alimentar e trazer o Prof. Bechara, Prof. Malaca e um autor açoriano da diáspora; Umas migalhas apenas. Como diz o Daniel fizemos mais em 6 anos pela cultura e literatura açoriana do que as direções regionais em 35 anos. Respondi-lhe apenas porque creio que apesar dos parcos meios da RTP (e do apoio que sempre tem dado aos Colóquios) mesmo assim deveria dar mais cobertura às nossas atividades. Assim propunha um ESTADO DA REGIÃO (ou outro qualquer programa) especial dedicado ao próximo Colóquio aproveitando a estadia em Santa Maria de tanta gente que sem receber chorudos apoios e mordomias continua a perseverar para divulgar, traduzir, etc. autores açorianos...nem um de nós busca fama ou glória, trabalhamos todos graciosamente por uma causa em que acreditamos, mas creio que é chegada a altura de termos um maior reconhecimento público pelo que fazemos. O Colóquio de Santa Maria - curiosamente - é patrocinado na sua totalidade (seis mil euros) e apoiado pela Câmara ao abrigo do Turismo Cultural.... Excetuando o Urbano, a Graça Castanho e a Gabriela Teves Castro, a Uni Açores mantém-se mais afastada de nós do que o diabo da cruz e por isso fomos fazer uma parceria com a Uni do Minho para o Curso de Estudos Açorianos...

A Bertrand e a Solmar recusaram patrocinar os lançamentos do meu último livro Crónica Açores: uma circum-navegação (volume dois) que foi lançado nos 500 anos da Maia na Câmara da Ribeira Grande, no Museu dos Baleeiros do Pico e na Biblioteca da Horta...onde me desloquei por conta própria... A Direção Regional da Educação que tinha encomendado 400 livros tornando possível a edição da Antologia de Autores Contemporâneos a incluir no currículo regional quando mudaram as pessoas que a dirigiam disseram que era muito interessante mas não podiam adquirir 400 livros ao preço de custo (6 euros cada...) ao contrário do que havia sido acordado com a anterior Direção...mas vamos colocar a bilingue em todas as escolas e liceus e até universidade em que pudermos no Canadá e nos EUA...enfim...desabafos... Há dois ou 3 anos atrás a Universidade trouxe cá mais de 30 pessoas de todo o mundo com todas as mordomias (ao contrário dos Colóquios em que ficamos todos numa residencial barata e comemos nos restaurantes mais baratos...) e na sessão de abertura estavam 43 pessoas dos Colóquios e meia dúzia dessas pagas a peso de ouro...desse Colóquio nasceram os Cadernos açorianos, o curso e outros projetos e do outro nada.... É o preço que pagamos por sermos totalmente independentes de tudo e de todos. Obrigado por me responder e espero que se lembre deste desabafo quando for oportuno...

Um abraço Chrys 18/8/2011

Caro CHRYS,

É como eu imaginava. A Direção Regional da Cultura não existe. Trata-se apenas de um apêndice política vazia de ideias e pronta para socorrer apenas os amigalhões e os salões de croquetes. Parabéns, pois, pela resistência. Quanto à RTP-A, estou fora de qualquer posição de responsabilidade, como sabe, pelo que lhe sugiro que apresente a proposta ao Diretor e, se for aprovada, estarei disponível para fazer O estado da região em Sta. Maria. Felicidades e abraço

Osvaldo 18/8/2011

O resto aguarda decisão, mas seria uma excelente decisão se a RTP apoiasse a ideia.

Aguardemos pois. Isto de literaturas açorianas tem muito que se lhe diga e não pretendo entrar aqui em discursividades nem dissecar os ódios e amores transientes que unem e separam os diversos autores, pois isso daria material para vários volumes, mas é a altura de recordar aqui uns artigos e outras trocas de impressões nestes últimos doze meses, com o mercurial Cristóvão de Aguiar:

From: Cristóvão Aguiar
Sent: Tuesday, August 10, 2010 10:46 AM
To: Chrys Chrystello
Subject: Re: atualizado o caderno nº 4

Continuamos com a mesma pecha, a chamada açorianite aguda, que eu julgava que os Colóquios tinham banido para sempre: o melhor da literatura, o mais belo que já li em toda a minha vida, e outros disparates do género. Ridículo! Enfim, só falta acrescentar que devia ter ganhado o Nobel, pelo menos este, que se houvesse mais elevado, seria este. O Vasco, tal como o conheço, deve gozar de fininho com semelhantes atoardas... Afinal, continua tudo na mesma, tal qual a música da Relva: o mesmo e mais forte. Elogia-me a mim, para que te elogie a ti. Oh compadre, aqui na freguesia há só duas pessoas inteligentes. Um sou eu, agora diga a compadre quem será a outra... Já o Álamo e o João Afonso escreveram em 1981 no jornal União, de Angra, que O meu Mundo não é deste Reino, de João de Melo, era superior ao Mau tempo no Canal e o Velho Testamento. Francamente... Assim, não passamos de paroquianos convencidos de que somos os melhores do mundo. Chamei um dia a este complexo de superioridade "A Insular Bazófia". Haja juizinho... Onde se lê: melhor que o Velho Testamento, deve ler-se: melhor que o Apocalipse de São João. Vide: Relação de Bordo I, pp. 297 (10 de junho de 1983) a 301

No dia 10 de agosto de 2010 01:47, <daniel.de.sa> escreveu:
Chrys

Bem poderias ter escolhido ao acaso, que o Vasco deixa pouco ou nada para restolhar. É tudo trigo limpo e bem ceifado. Gostei, no entanto, de um modo especial que não tenhas esquecido "O Gibicas" (um dos meus contos preferidos em toda a literatura portuguesa) nem "O Matateu", o poema com que "converti" alguém que dizia não gostar de poesia. Mas falta ali a "Queen Nancy", um dos poemas mais emocionantes que se podem ler em Português. Ainda para mais tens este passado a letra de computador, que o copiei eu para pôr no World Azorean, e a Helena pôs (não sei se se valeu do meu trabalhinho ou se ela mesma o fez também) na sua Antologia.

Abraços. Daniel

Citando Chrys:

Acabei de atualizar o caderno nº 4 de VASCO PEREIRA DA COSTA. BOA LEITURA

From: Cristóvão Aguiar

Sent: Thursday, September 02, 2010 8:20 PM

To: Chrys Chrystello

Subject: agradecimento

Caro Chrys,

Muito obrigado pelo que me enviaste. Nada a dizer. Está perfeito. Há apenas em dois ou três textos hífenes no meio das palavras. Não causam incompreensão do texto, mas se os puderes remover, ótimo.

Um grande e grato abraço do Cristóvão

From: Cristóvão Aguiar

Sent: Wednesday, September 08, 2010 11:03 AM

To: Chrys Chrystello

Subject: OBRIGADO!

Caro Chrys:

Mas eu já não faço anos... Ainda para cúmulo setenta ou zero sete, que é mais agradável e me dá a possibilidade de entrar para a escola em outubro para fazer uma revisão geral da vida que me foi dado. Muito grato, gratíssimo, pela tua lembrança. O setuagenário chama-se Luís, o Cristóvão não cuida desses pormenores do tempo que passa, só daquele que amolece os miolos quando a humidade aperta o garrote.

Um grande abraço extensivo a todos vós do Cristóvão

From: Cristóvão

Sent: Friday, September 24, 2010 2:34 PM

To: Chrys

Subject: AÇORIANICES

Meu Caro:

De facto, é tal a pobreza, que vou pôr pólvora no lume, se estiveres de acordo, com dois artigos publicados no Expresso das Nove, o último dos quais hoje, que me foram pedidos pelo Diretor Jorge Brum. Ambos, como poderás verificar são de temática "açoriana".

Abraço

Cristóvão

Desafios dos Açores para o século XXI, Cristóvão de Aguiar

"A atitude radical do ilhéu é chegar à porta de casa e interrogar o mar". Vitorino Nemésio, in Corsário das Ilhas. "Como nada sei sobre o assunto proposto, vou fazer uma composição sobre a primavera". Aluno liceal numa prova escrita de Língua Portuguesa. Muito gosto eu de desafios! Quem me tira um tira-me o mar e tudo! Não sei se o Arquipélago gosta deles. É natural que sim. Pelo menos, as cantigas ao desafio têm sido timbre de qualidade da cultura popular das Ilhas todas. A Terceira e São Miguel levam-lhes as lampas. O velho Virgínio da Bretanha; o Pereira, da antiga Lomba de Santa Bárbara, da Ribeira Grande; a Turlu e o José da Lata, da Terceira, foram dos melhores cultores do despique entoado no terreiro das cantigas ou nas cantigas de terreiro. Devo ter deixado dezenas e dezenas na sombra... A omissão é filha legítima da minha ignorância. Para ela, peço uma indulgência plenária...

Sai o primeiro cantador, o Virgínio, e entoa:

"Entre merda foste nascido /

E na merda foste gerado /

Muita merda tens comido /

E dela toda tens gostado..."

E o Pereira, da Lomba de Santa Bárbara:

"Ainda me chamas galo, /

Desses que andam pela rua /

Já me viste a cavalo /

Nalguma galinha tua?"

Da Turlu, que, in illo tempore, ouvi despicar, boquiaberto, tamanho o aguçamento de língua e o seu poder criativo, estas duas cantigas:

"A felicidade vagueia, /

Fumo que passa veloz, /

Está sempre na nossa ideia /

E tão distante de nós..." e

"A minha língua é comprida, /

O que diz não te convém... /

E a tua está torcida /

Por isso não fala bem..."

A seguir, entra José da Lata e canta:

"Deitei uma velha em choco, /

Dentro de um cesto de palha, /

Lá na Canada das Vinhas. //

Descascou-me vinte ratas, /

Cinquenta e duas patas /

E trinta e cinco doninhas. //

Tinha pombas e coelhos, /

Melros pretos e tentilhões, /

Uma porca com cabritos /

E uma cabra com leitões."

Quando há tempos recebi este desafio, por via eletrónica, para ser resolvido por escrito, em três mil caracteres, sem espaços – logo me ocorreu Frei João Sem Cuidados... O seu Rei era invejoso e não podia ver nenhum dos seus Súditos sem arrelias e apoquentações. Chamou um dia Frei João ao Palácio e fez-lhe três perguntas embaraçosas para serem respondidas num dado prazo. O frade saiu do Palácio real acabrunhado e cabisbaixo. Se respondesse errado, o Rei mandava-o matar... Por acaso, o moleiro do reino encontrou Frei João muito triste. Vivo e fino como azougue, logo se prontificou, depois de saber as perguntas, a apresentar-se ao Rei vestido com o hábito de Frei João. Respondeu às três perguntas como era dado, de tal sorte que Sua Majestade ficou toda contente e mandou o moleiro na paz do Senhor! Com que se entretinham os Reis de algum tempo!

Ora, este humilde escriba acorçado não tem moleiro para quem apelar! Nem moleiros existem já – os últimos que conheci iam da freguesia para a Ribeira Grande moer a moenda nos moinhos de água da ribeira, já não sei se a do Paraíso se a do Inferno... Três vezes por semana, com cães velhos e doentes amarrados ao eixo da carroça para serem lançados à Tarpeia ribeiragrandense...

Caso os houvesse ainda, qual deles seria capaz de responder direito a um século pejadinho de desafios? É muito desafio numa só molhada de brócolos! Mas há um enorme desafio já proposto às Ilhas do Grupo Central, lançado não há grande tempo pelo eterno candidato à liderança do PSD, Castanheira Barros. Andou em digressão turístico-eleitoral por aquelas Ilhas sem culpa da criatividade do social-democrata relapso. Prometeu mandar construir túneis entre o Pico e São Jorge e entre a Madalena e a Horta. O ovo do Colombo, que resolveria a insularidade de uma assentada. Em estando a obra feita e inaugurada, sempre que um ilhéu radical chegar à porta de casa para interrogar o mar, ficará menente e sem pé dentro de si: em vez de indagar o monstro

de água, para ir à pesca ou contemplar a Ilha em frente para lhe sondar os ventos e as nuvens, meter-se-á logo a caminho da emigração, a cavalo no automóvel ou na camioneta da carreira... Um Metro de Superfície, como o que está sendo construído em Coimbra, ficaria muito mais em conta, podendo estender-se às Flores-Corvo, à Graciosa-São Jorge-Terceira, que também são filhas e filhas do mesmo magma... Quanto a São Miguel-Santa Maria.... Aqui, sim, um túnel tipo Canal da Mancha, mas em formato maior, que os micalenses são assoprados e amantes fidelíssimos da monumentalidade...

Já excedi o número de caracteres. Que o Eduardo Brum se não afromente, me perdoe a incontinência, e aceite os parabéns deste ilhéu desilhado, que muita lenha apanhou nas páginas do ora aniversariante

Expresso das Nove.... Pois alevá! Coimbra, 30 de janeiro de 2010 (EXPRESSO DAS NOVE, fevereiro de 2010)

A desunião faz a força, CRISTÓVÃO DE AGUIAR, Escritor

A descontinuidade geográfica das nove Ilhas dos Açores, que só formam um Arquipélago nos compêndios liceais (agora secundários ou secundarizados) de Geografia Física (a Humana não conta nem poderia contar, visto serem muito sortidas as gentes que as povoaram, deixando fortes marcas de origem, ainda bem visíveis, sobretudo no vocabulário) – talvez seja uma das razões de uma congregação mais fictícia do que real. Cada Ilha, quer queiramos quer não, constitui um mundo à parte, daí a quase impotência de se erigir um reino, com estandarte, bandeira, hino condicente e outras quinquilharias realengas, e sobretudo encontrar um monarca que incarnasse os valores e aspirações do povo das nove ilhas atlânticas. Um rei não seria muito difícil de conseguir (elegê-lo, não: há tanto sangue real escorrendo nas veias de micalenses e terceirenses – um desperdício para tantos hospitais carentes – que, espontaneamente, surgiriam meia dúzia, ou mais, de candidatos à sucessão do último Rei de Bragança...). Depressa, porém, erguer-se-ia um grande alevante no peito robusto e aleitado da nobreza local, e não duvido de que as Ilhas acabariam por alombar com uma monarquia dual, com obediências diferentes, como na maçonaria, que as tem, e várias, o que acarretaria grande dispêndio para o erário público... Não gosto da palavra unidade, conotada com uniformidade e com quartel, o que, para o caso, não conviria muito, embora não raro um ilhéu viva confinado a um desses cativeiros, que uma Ilha, como todos nós sabemos, é ao mesmo tempo uma prisão e uma livre extensão de horizontes que estimula a viagem e a aventura. Ou a emigração por causas outras, que agora não vêm a talho de podão. Preferia uma república a uma monarquia. Além de se estar celebrando o centenário da República Portuguesa, as das Ilhas seriam uma grande chegada para os festejos populares... E, como o Presidente da República, no dia da sua eleição costuma proclamar, do alto da sacada de um Hotel: "Serei o Presidente de todos os Portugueses, quer vós tivésseis ou não medo na racha da urna o boletim de voto a meu favor ou desfavor...", ter-se-ia, então, nas Ilhas, um homem só e sólido ao leme das nove barcaças... Mas, a República, nas Ilhas, daria azo a graves problemas. Teria de haver várias repúblicas independentes, tirante a do Corvo, que ficaria agregada à das Flores, a de Santa Maria à de São Miguel, a da Graciosa e o Ilhéu das Cabras à Ilha Terceira: caso contrário, os distúrbios sociais seriam inevitáveis... Mesmo assim, muita cautela com os Corvinos, Marienses e Cabrés... Por outro lado, e há sempre um pozinho positivo em todas as controvérsias, deixava-se o sangue azul a coalhar, para alguma necessidade imprevista, num boião, onde in illo tempore se conservavam os chouriços e os torresmos em banha de porco legítima... Creio firme e finalmente que só a SATA continuará sendo a grande esperança da pátria açoriana, como escreveu o poeta Pedro da Silveira, que Deus tenha, uma vez que, no seu monopólio quase milenar, consegue construir uma resistente ponte de união entre ilhas... A única e tênue ideia de Arquipélago pode ser averiguada in loco, e em parte, no Grupo Central, daí ter o ex-candidato a líder do PSD prometido, se fosse eleito, a construção de pontes para a outra margem... O Ovo de Colombo, que ninguém se dispôs a estrelar...

EXPRESSO DAS NOVE, 24 de setembro de 2010

From: Chrys

Sent: Saturday, December 11, 2010 11:54 AM

To: Cristóvão Aguiar

Subject: a CrónicasAçores 2.

Espero que o recobro esteja a correr bem, sei que falaste com a Rosário e ela ficou toda entusiasmada. Quando tiveres tempo, insónias ou quando te apetecer envio-te esta longa crónica na qual incorporei alguns dos teus conselhos - embora eu continue a escrever para loiras burras, ou seja, os atuais professores do secundário... - Não tens de prefaciá-la, nem de fazer exegese, mas apenas de comentar após leitura, como gentilmente fazes sempre... é o volume dois para sair em Macau abril 2011 noutra editora que a VerAçor do Ranha como te devo ter dito é a maior xxxxxxx da história...

From: Cristóvão

Sent: Saturday, December 11, 2010 3:18 PM

To: Chrys

Subject: Re: a CrónicasAçores 2

Caro Chrys:

Infelizmente, estou pior. Ando de cadeira de rodas. Estou agora em Cantanhede numa clínica de recuperação, talvez tenha de me submeter a outra cirurgia para retirar o hematoma que me está a comprimir os nervos motores. Tratou-se de um horroroso erro médico, ainda para mais numa clínica privada! Amanhã, vou a Coimbra de ambulância, depois tenho o advogado que virá tomar notas. Não consigo ler nem sequer ver televisão. De modo que tem santa paciência, porque, por enquanto, não posso. Um abraço do Cristóvão.

From: Chrys

Sent: Saturday, December 11, 2010 3:27 PM

To: Cristóvão Aguiar

Subject: Re: a CrónicasAçores 2

Não sei que diga a menos que queiras ouvir as palavras que sinto que são apenas de que devemos aceitar os maus momentos que outros momentos melhores virão, mas isso soa-me a cultura judaico-cristã, só te digo que nas minhas adversidades em gozo sempre segui o ditame da minha avó paterna de que nascera no dia do anjo da guarda e estava bem protegido. Também tu terás alguma força que cuida de ti, seja ela qual poder superior inominado, que te trará melhores dias. As melhoras, ainda bem que não te telefonei se não ficava a gaguejar sem saber que dizer...eu sou assim, sinto-me impotente com a dor dos amigos

aquele abraço nosso e força

From: Cristóvão Aguiar

Sent: Wednesday, November 10, 2010 3:59 PM

To: Chrys

Subject: Re: Fernando Aires Digrista

Caro Chrys:

Pode utilizar os meus textos.

Só no fim deves por: in Nova Relação de Bordo, Publicações D. Quixote, Lisboa.

Desejo as melhoras da Lena.

Abraço do Cristóvão

From: Cristóvão

Sent: Wednesday, February 02, 2011 7:51 PM

Subject: CARTA A FERNANDO AIRES

Eis uma carta que enviei ao Fernando Aires, aquando da publicação do livro de correspondência entre Eduíno de Jesus e Armando Côrtes-Rodrigues, e que mereceu da parte do Vamberto o galardão de livro do ano, da Livraria Solmar:

São Miguel Arcanjo, Ilha do Pico, 23 de março de 2003

Meu Caro Fernando Aires:

Como se pode verificar pelo cabeçalho, encontro-me no meu paraíso privado. Ainda não morri, mas.... Aqui cheguei há mais de dez dias, parto a 31 do corrente, e pouco ou nada tenho saído. Não por causa do tempo (até tem feito dias primaveris), mas especialmente por ser tão aconchegada a minha casa, tão aquecida de livros e de paisagem, que pecado seria deixá-la assim tão sozinha e ao abandono de si mesma.

Tenho andado a ler e a escrever, sobretudo a ler, pela segunda vez (li o prefácio para aí três), a Correspondência entre Armando Côrtes-Rodrigues e Eduíno de Jesus, organizada e prefaciada por ti e que fizeste o favor de me enviar para Coimbra ainda não há grande tempo. Agradeço-te do coração a oferta bem como o autógrafo em que envolvereste também a Margarida, o que bastante a sensibilizou, e que me pediu para te agradecer a lembrança. Já havia tido oportunidade de ler o livro antes de mo enviáres. O José Manuel Mota de Sousa emprestara-mo e um pouco mais tarde recebia eu um exemplar que pedira à Conceição Garcia para que me mandasse da Ilha. Logo na primeira leitura verifiquei que todo o livro estava inçado de gralhas e de uma chusma de erros ortográficos (quase não há página em que não surjam), que não só o desfeiam como abona muito pouco acerca dos dois correspondentes, ambos professores exigentes de Língua Portuguesa e bons cultores da escrita, e de ti também, que és formado em Letras e igualmente escritor. Logo transmiti a minha impressão ao nosso amigo comum que me confirmou o desastre depois de ler o livro.

Como o exemplar me não pertencia, coibi-me de apontar, nas margens, a lápis ou a esferográfica, as incorreções. Mas, e logo que recebi o teu exemplar, pensei em trazê-lo comigo para a Ilha do Pico. Mal cá cheguei, tratei de pôr mãos a uma segunda leitura, desta feita de lápis na mão, que não seria delicado nem curial da minha parte escrever-te a dizer apenas que recebera o livro, o ia ler com muito interesse, te agradecia a lembrança e a dedicatória; enfim, essas coisas que muitos usam escreverem para não parecerem mal-educados, nem literária nem socialmente incorretos.... Sabes bem que não tenho, e espero nunca vir a ter, feito para tais duplicidades e dissimulações. Ora, em literatura, a hipocrisia e o porreirismo têm sempre um preço muito elevado, embora, momentaneamente, possam servir de escudo a quem se não queira incomodar ou ficar mal visto ou ainda recear ser impiedosamente segregado do grémio dos eleitos não sei bem de quê, nem porquê.... Concluí a leitura ontem à tarde. Melhor, quedei-me na página 313, que um leitor engatilhado de atenção não é feito de ferro. E o resultado está à vista: nove páginas A4 de gralhas e erros ortográficos (não só os registei no exemplar como os passei para

um papel à parte, indicando a página), que *tas* poderei fornecer, se assim o achares conveniente, caso venha a fazer-se uma segunda edição, mais limpa e asseada, da Correspondência entre estes dois sobressaídos poetas açorianos.

Não posso acreditar, por exemplo, que Armando Côrtes-Rodrigues tenha escrito *sugeitou*, *sivilizado*, *ageitada*, *remechendo*, etc... (págs. 84, 85, 97, 198, respetivamente); nem que Eduíno de Jesus tenha grafado *presado*, *concerteza*, *adusir*, etc. (págs. 262, 287, 295, respetivamente). Se assim tivesse acontecido, tanto em um como no outro, decerto aporias [SIC] à frente de cada incorreção, o que, na verdade, aconteceu apenas oito vezes e numa delas, na pág. 282, nem sequer com razão, porque existe a palavra *espécimen* ou *espécime*. Caso contrário, os [SIC] seriam na ordem das centenas, incluindo a acentuação, sobretudo nos verbos, e a pontuação caótica.... Só não poderia vir o [SIC] no texto que tu próprio escreveste. Mas aqui vão alguns exemplos: *albúns*, *Ensaista*, *chamou de (a que se chamou de (!) Círculo...)*, *Síntaxe*, *cordealidade*, *por (verbo pôr)*, *raíz*, *encadiar*, etc. (págs. 15, 16, 18, 24, 26, 51, 56, respetivamente). E é pena! Será que nenhum dos teus amigos deu por tal? Nem o Onésimo a quem mostraste a primeira versão do prefácio, onde também se encontram muitos deslizes ortográficos? Ou tudo isso foi devido, como escreveste nos Agradecimentos, "à competência (sublinhado meu) profissional do Emanuel Cordeiro, funcionário da EGA, que passou a computador a volumosa Correspondência que agora, pela primeira vez, se torna pública?" Como as palavras se podem prostituir, se escritas sem alma! Sobre o prefácio teria muito a dizer. Ao contrário do que escreveu Tomás Borba Vieira, o prólogo está, em minha modesta opinião, muito aquém da garra do escritor dos primeiros quatro diários. Além da sua longuidão escusada, penso que te perdeste em antecipar o que as cartas dizem, beliscando assim muito do seu interesse e alguma da sua surpresa. Mas, não me vou alongar sobre este assunto... Não quero quebrar o encanto em que te encantaram os do costume. O melhor que fazes será seguir-lhes os conselhos, que tais amigos só estão bem bajulando, o que faz tão bem ao ego e tão mal ao trabalho artístico em geral e à escrita em particular.... Vou concluir, pedindo-te que não interpretes mal as minhas palavras, nem as consideres esquinadas ou pouco amigas. Gostava que as interpretasses como sinal de amizade e de estima. Lembra-te de que ser-me-ia muito mais fácil dizer que escreveste uma obra-prima, ou, para citar o artigo de fundo do Suplemento Açoriano de Artes e Letras: "... Armando Côrtes-Rodrigues e Eduíno de Jesus / Correspondência é seguramente o livro mais importante destes últimos anos para a cultura açoriana."

Seria necessária tanta incontinência?

Um abraço do Cristóvão

From: Cristóvão

Sent: Friday, April 01, 2011 1:58 AM

To: Chrys

Subject: Boa Madrugada

Caro Chrys:

Não sei nem me interessa saber o que irão dizer os pensadores e escritores da douta literatura açoriana ao lerem o teu segundo volume da CrónicasAçores. A falares tão insistentemente de mim e da minha escrita, não de cogitar (desconfio que não usam fazê-lo) que és um vendiço e andas a tirar das profundas um dos malditos *tasmanos* que estava já com a sua limpeza étnica concluída. Põe-te em guarda, companheiro, que te podem encomendar uma excomunhão ao Senhor Santo Cristo, que, segundo a tradição micaelense (o Sá deve sabê-lo) é terrivelmente vingativo... Não te agradeço as apreciações que fazes da minha obra; do meu carácter, temperamento e feitio, sim, com as quais concordo, porque gostaria de ser ainda mais que assim. Quanto às apreciações que teces sobre a minha obra (presunção e água benta...), embora me sinta lisonjeado, que não sou feito de pau, nem ando de pau feito, não sou nem serei talvez capaz de ficar de mente (des)obnubilada ao lê-las em letra de forma. Não quero contrair tentações, prefiro o lugar que há anos me reservaram, e ao qual me habituei tão bem, a ficar sendo citado por bocas que não sei que águas beberam ou que instrumentos tocaram... E não te agradeço, não por má educação, que conscientemente não pratico. Mas pela razão óbvia de que o agradecimento se não enquadra em nenhum género literário, só no subgénero da etiqueta, que já se não usa, a não ser na literatura obituária. De qualquer forma, envio-te um abraço. Cristóvão de Aguiar

From: CHRYS C

Sent: Friday, April 08, 2011 10:21 AM

To: Cristóvão

Subject: catarse

Como prometi acabei agora de ler o livro com tristeza múltipla, por ele ter chegado a este fim que não o é, por entender melhor aquilo que antevira na minha interpretação de ti como pessoa, por sentir o livro mais que uma catarse como um exorcismo...tive a felicidade de ter a tal conversa com o meu pai uns anos antes de ele morrer e já fiz há muito o mesmo com a minha mãe ora com 88... Tento desesperadamente não repetir muitos dos erros do meu pai com o meu mais novo que tu conheces...mas somos a herança genética dos nossos e de nosso só sobra aquilo que nos distingue deles e que construímos com muito sangue, suor e lágrimas como diria o Churchill. Como deixei lavrado no meu CrónicasAçores 2 sobre ti:

Como estive do lado de lá dessa fronteira invisível que é o Grande Mar Oceano, sendo emigrado e transmigrado sem nunca deixar de ser residente, vê as ilhas pelos seus olhos, dos seus pais, irmão e família emigrada nos EUA. Também consegue olhar retrospectivamente para o Pico da Pedra onde nasceu, em São Miguel, e ver a pequenez das gentes e das ilhas, contentadas com uma qualquer emigração económica de fuga à fome e à canga feudal que persiste. Voltam, regressam sempre, na aparência vitoriosos, mas sem trazerem na bagagem nada de valor para além de dinheiro e outros bens materiais.

...

Cristóvão é um permanente passageiro em trânsito, título do seu mais benquisto livro, sempre na rota do inconformismo. Ele é a voz que se não cala e tem o direito a tal. Chama os bois pelo nome sem se deter nas finuras das convenções do parece bem ou mal. É crítico impiedoso dos destinos que alguns queriam que fosse eterno, o da subserviência e submissão aos senhores das ilhas, descendentes diretos dos opressores da gleba. Grandes narrativas que se assemelham a uma técnica de travelling em filmagem, com grandes planos, zooms, e paragens detalhadas nos rostos e nas mentes dos atores principais das suas crónicas e outros escritos. A câmara detém-se e escarpaliza a alma daqueles que ele filma com as suas palavras aceradas como vento matavacas que sopra do Nordeste. Psicanalisando as gentes e a terra que o viram nascer adotou nova ilha mátria em 1996.

...

Pressagio cordões umbilicais curiosos que nos unem. Se agora encontro neste amigo novo um escritor (ou terei encontrado um escritor que é um amigo novo?) que se crê maldito porque outros o fizeram assim, e porque é de si mesmo um ser acossado por tudo e por todos, mas sobretudo por si mesmo. Para ele, a escrita nunca será catarse pois ela é fruto de amores incompreendidos entre si e a sua ilha...

...

Quando aprecio a obra dum autor não sei como fazê-lo, nem hermenêutica nem exegese me tocam pois são ramos do conhecimento para além da minha compreensão que estudos em Humanidades não tive nem meus pais me deixaram, e sou como sou e a meu pai o devo tal como Cristóvão o é devido ao seu pai. Continentes diferentes, mas uma só realidade, ambos criamos os sulcos que hoje trilhamos percorrendo as savanas e as estepes do sofrimento pessoal, das amarguras e romances que nos interrompiam a escrita e nos dispersavam da missão sagrada. Ambos plantamos árvores, publicamos poesia e tivemos filhos em buscas incessantes pelo Santo Graal e desconfio que ambos sabemos hoje que não existe, a não ser na busca incessante com que criamos uma *raison d'être* nas nossas mentes conturbadas.

...

A escrita lávica de Cristóvão fica retida a boiar no nosso imaginário. Foi ela que nos instigou a escrever esta lamentação com o frémito ciumento de todos os que não conseguem escrever da forma única e inimitável como só ele sabe e sente sobre os Açores. Essa a sua forma de amar e de recompensar a terra que o viu nascer...para que também ela desate as grilhetas que a encarceram no passado e ele se desobrigue finalmente dessa tarefa hercúlea de carregar a sua ilha como um fardo ou amor não-correspondido, que nisto de ilharias há muitas paixões não correspondidas.

Ora bem tudo isto foi escrito anos antes deste teu livro e sinto ter-te retratado bem...a nossa amizade é bem recente, mas mais profunda do que se poderia adivinhar...quicá eu te entenda melhor do que cada um de nós sabe.... Por favor dá isto a conhecer ao teu irmão por quem acabei nutrido uma enorme admiração...

Aquele abraço do tamanho deste Grande Mar Oceano. Chrys quase a partir para Macau

From: Cristóvão

Sent: Friday, April 08, 2011 10:33 AM

To: Chrys

Subject: Catarse, Exorcismo

Gostei muito da tua crítica e concordo contigo no que respeita ao exorcismo. O livro está sendo um êxito, pelo menos é o que me tem transmitido o editor, o Adelino de Castro, ex-sócio do inefável Madrugada. Vou neste momento a caminho de Lisboa: amanhã parto para o Pico. Vou primeiro aos implantes, depois aos lançamentos, 30 no Faial, 6 de maio em Angra, 13 e 14 no Pico, 20 na Ribeira Grande, onde espero ver-te. Também gostava de ver o Sá, para termos uma conversa, olhos nos olhos... Um abraço do Cristóvão

From: CHRYS

Sent: Saturday, May 21, 2011 6:47 PM

To: Cristóvão

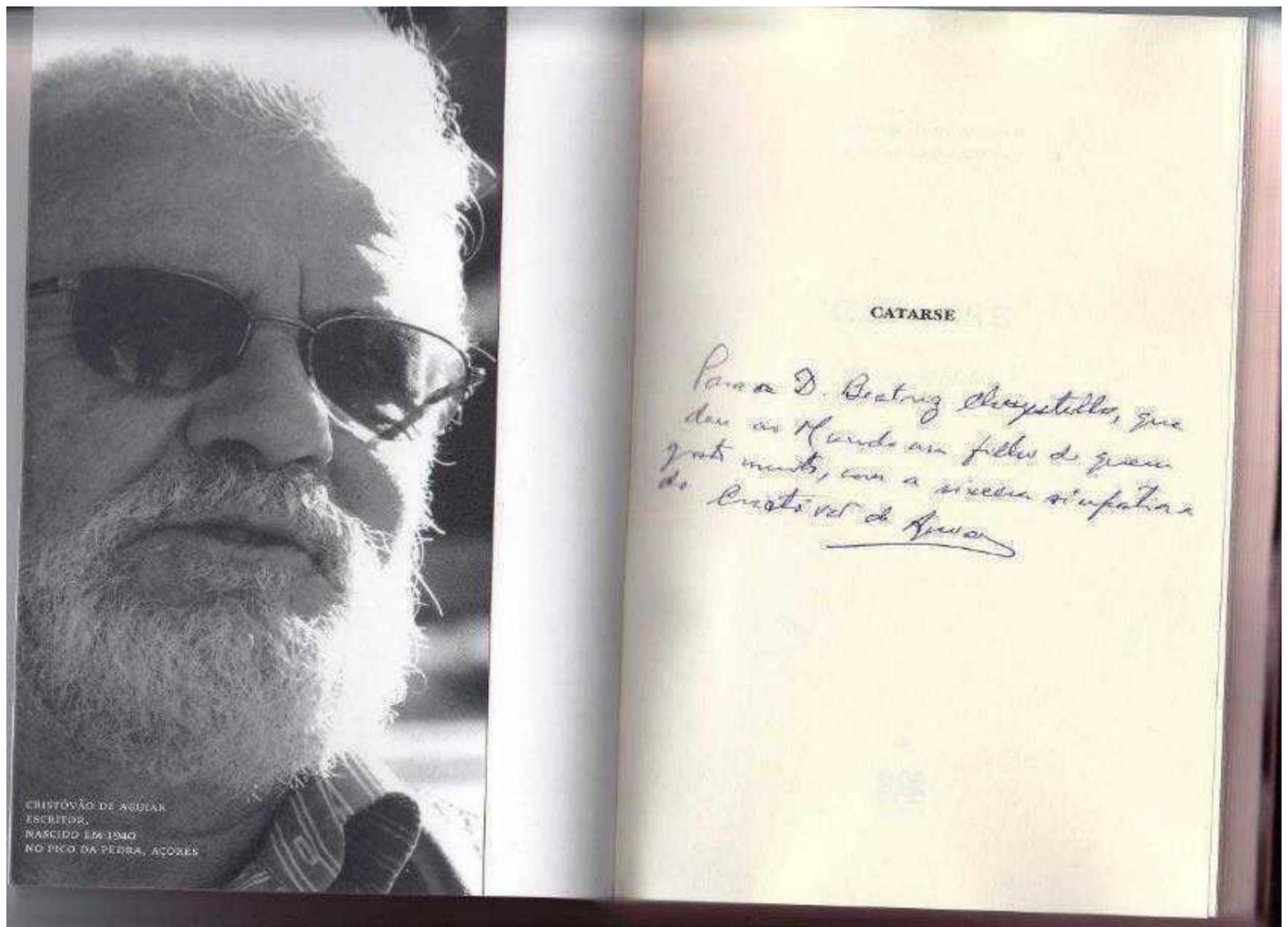
Subject: Cristóvão de Aguiar é dragão

GOSTEI MUITO DE ESTAR CONTIGO ONTEM. FOI UMA ALEGRIA VER-TE ALI NO COVIL DO LOBO EM PLENO CONCELHO DA RIBEIRA GRANDE com tanta gente a assistir, mesmo descontando a tristeza que foi para ti não veres o Vamberto na assistência. Outros afazeres mais prementes naquela data e hora o deve ter prendido. As tuas palavras foram emocionantes por falares de um tema que raramente se ouve naquilo que considero o maior desaforo a toda a minha geração e tua...de quem nos exigiram em média 3 anos de vida em troca de nada a não ser a destruição física, mental e até a morte. Obrigado por te lembrares sempre de alertar as mentes esquecidas. Do livro nada digo, já to disse em ocasião anterior à ida para Macau quando o acabei de ler. Um excelente modelo de realidades, que INFELIZMENTE ainda vão sendo realidade em zonas rurais da Lomba da Maia.... Uma revisita aos tempos que te moldaram, com um pai cheio de amor e não só... Também o meu, cheio de amor e sem saber como, me obrigava a ser mais do que eu podia e sem violência física, mas verbal me condicionou a vida até aos 45 embora tenha morrido quando eu tinha 42. Cada um de nós a seu modo lidou com a situação, superando-a ou não, mas obviamente marcados pelos anos de formação. Ainda hoje com o João tento desesperadamente (mas nem sempre com sucesso)

evitar repetir muitos desses erros, mas sei que algum os repito. Deixo-lhe como herança alguns escritos e uma nacionalidade australiana para ele desbaratar como quiser. Tu deixas muito mais e eu, que me sinto fraternalmente ligado a ti, jamais esquecerei as quatro excelsas noites de aprendizagem na tua casa em São Miguel Arcanjo de São Roque do Pico. Deste-me mais do que muitas pessoas em toda a minha vida e espero ter a oportunidade de um dia aprender ainda mais e absorver por osmose um pouco da tua enciclopédica sabedoria. Sinto-me irrequieto e lamento não ter menos dez anos para fazer as malas e mudar outra vez. Anexo a esta - em tom jocoso - a tua ascendência de signo Dragão em chinês e um novo capítulo da CrónicaAçores 3 que espero acabar em 2012... Não sou um escritor como tu, mas um mero escrevinhador, mas sei bem que há momentos na vida de cada um que guardaremos sempre e sei que o de ontem podes bem conservá-lo pelos seus múltiplos significados, ali tão perto do Pico da Pedra que não quebraste nem te quebrou antes te deu força para subires a outros Picos.

Aquele abraço, Chrys

Depois a 19 de maio Cristóvão de Aguiar autografou um livro para a minha mãe em que ficou escrito



CRÓNICA 106 A UMA MÃE DEPRIMIDA - 28 AGOSTO 2011

Normalmente são os mais velhos quem dá conselhos aos mais novos, e os incentivam a lutarem contra as adversidades, mas aqui vai haver uma pequena inversão de valores pois à minha mãe deu-lhe agora com esta linda idade de 88 ½ anos para andar desanimada e deprimida. Nem se entende bem por que razão, pois o país está de vento em popa rumo à sua destruição final e a aprestar-se para se tornar num rodapé da História. Mas afinal que há de novo entre este país hoje e aquele que deixei em 1972-1973? Uma pequena diferença chamada democracia que diz respeitar o voto popular, mesmo que não sirva para nada. Se os antigos senhores do Estado Novo tivessem descoberto esta aspirina...tinha-se poupado a Revolução dos Cravos e seus heróis. Hoje há liberdade de expressão de imprensa, mas com ela - como dizia Eça - não se pagam dízimos nem a hipoteca da casa. Uma mãe nunca se deve cansar pois tem todos os dias da sua vida para dedicar aos filhos e netos e tem uma enorme responsabilidade em esperar que eles atinjam as metas que se propuseram.

Nesse particular, tu foste bafejada com o tardio amadurecimento do teu filho varão que, sem cabeça para os negócios, enveredou por uma via literária que te deveria encher de orgulho para dizeres MISSÃO CUMPRIDA. Claro que todos nós sabemos que esse caminho foi tortuoso, passado em longínquos locais (ainda é) e com mais escolhos do que aqueles que a tripulação do Vasco da Gama encontrou na primeira viagem do caminho marítimo para as Índias. Mas chegou a bom porto e se não mercadejou com os locais teve o mérito de ver reconhecido parte do seu esforço em prol da língua de todos nós. Mais razão para depressões teriam os teus filhos e netos cujo futuro continua - cada vez mais - sombrio e sem se vislumbrar melhoria possível num decénio ou dois a não ser emigrar. Deves passar em revista o quão afortunada tens sido apesar de tudo, pela vida conjugal sem divórcios que são hoje moeda comum, pelos filhos que tiveste que não sendo perfeitos são bem melhores dos que se veem por aí hoje em dia, o mesmo se podendo dizer dos cinco netos que tantas alegrias te deram e companhia fizeram num mundo em que a maior parte dos netos nem sabe quem são os avós.

Claro que tens razão para andares deprimida, os ossos já não são o que eram, a memória de quando em vez prega umas partidas, o frio sente-se mais, os amigos vão escasseando e cada vez há menos gente da tua geração com quem conversar. Mas, se olhares em volta naqueles e naquelas que foram mais bafejados pela roda do dinheiro verás que são bem menos felizes do que tu, quer em saúde quer em momentos felizes. Quem disse que o dinheiro traz felicidade deveria ser masoquista. Pode ajudar a retirar alguns dos contratemplos diários e dar uma ilusória sensação de felicidade como aquela que tive durante anos, mas nada se compara a uma vida em que se descobre ter sido vivida para um ou vários fins que se conseguiram almejar e cumprir. A maioria da população mundial nem sabe para que vive ou por que vive. As convulsões que te rodeiam, a falta de valores e princípios por que sempre te regeste e que passaste aos teus estão

seriamente comprometidas neste mundo sem valores ou com valores diametralmente opostos aos teus, e apesar da enorme maleabilidade e aceitação de novos paradigmas entendes que tudo isto mudou demasiado depressa e para pior.

Mas este discurso que muitas vezes partilho contigo não deixa de ser curiosamente idêntico ao que a tua mãe e outros usaram em épocas diferentes. Assim foi sempre ao longo dos tempos. Nunca o ser humano deixou de ser escravo da sua época e dos seus condicionalismos. Claro que quando te queixas quanto à meteorologia tens toda a razão, isto anda tudo às avessas do que era, em tempos idos, quando ainda havia quatro estações do ano e quando estavam associadas à agricultura, que como todos sabemos desapareceram do sistema. Nem agricultura nem estações, e teremos de inventar novos padrões para nos regermos ou fazer como aprendi aqui nos Açores: em vez de definir amanhã vou à praia, decidimos apenas quando o tempo deixa ir à praia. Imagina tu que até o tempo nos tirou essa oportunidade de escolha.

Crescemos - e educaste-nos - a acreditar no matrimónio como coisa inviolável até à morte, e hoje nem sequer se equaciona essa oportunidade quando as pessoas se juntam ou procriam, eu sou das últimas abencerragens a ainda acreditar nessa instituição talvez por te me ter servido tão mal das primeiras vezes que a tentei.

No nosso tempo, que era o mesmo para ti e para mim, os filhos tinham um pai e uma mãe, hoje todas as combinações são possíveis e nem sempre as biológicas...nenhum dos teus netos ainda casou no sentido tradicional do termo e mesmo que o faça não terá o significado que teve para mim ou para ti.

Dantes estudar para se tirar um curso abria as portas do emprego, hoje nada significa e muito menos a promessa de emprego.

Poderíamos, neste momento, afirmar que isto eram razões mais do que suficientes para te deprimir, mas se pensarmos melhor deveria ser motivo de gáudio por ainda teres vivido num tempo em que as coisas eram brancas ou pretas enquanto hoje nunca têm aquelas cores, antes se metamorfoseiam de tons infundáveis de cinzento deprimente.

Se passares em revista as conquistas que atingiste desde o nascimento até hoje verás que nenhuma foi fácil e todas eram carregadas de esforço e sacrifício, abdicção e dedicação. No teu tempo as mulheres sabiam cozinhar e os teus filhos ainda recordam os teus pratos e os teus dons culinários. Hoje têm de pagar bem caro e nenhuma comida se lhes compara. O teu rolo de lombo de vitela fazia-me andar milhares de quilómetros e ainda tem um sabor único.

No nosso tempo as famílias mantinham contacto e os primos davam-se durante toda a vida, hoje as crianças nascem e crescem sem sequer saberem que têm primos. Ainda hoje lamento que eu e os primos primeiros, segundos e terceiros nos tenhamos apartado e nem sequer conhecemos os descendentes uns dos outros. Foi assim que antevi a minha família e quando a tive, o mundo em volta já tinha mudado. Tive de me socorrer das recordações, de revisitações e de revivalismos para dar à estampa em livro a narrativa desses tempos, cuja maior parte podemos considerar saudosos pelos bons momentos vividos. Não consegui passar aos filhos nem um décimo do que tu e o pai me passaram, mas convenhamos que é difícil, nesta era, um pai ou mãe competirem com a TV, PlayStation, GameBoy e computadores entre tantas outras coisas que existem hoje e os transformam em viventes de mundos virtuais. Sempre tivemos as nossas diferenças, e quem as não tem? mas soubemos maduramente passar por cima delas e viver harmoniosamente melhor do que alguma vez sonhamos, sem nos atropelarmos nem às nossas crenças, cada um seguindo caminhos e trilhos que se não se cruzam também se não afastam. Chama-se a isto um equilíbrio saudável, cumpreste a tua missão como mãe e passei anos a tentar redimir-me daquilo de que era acusado.

Cumpri a minha quota-parte contigo e com o pai - em tempos e moldes diferentes - estabeleci uma paz duradoura e um entendimento. Haverá quem prefira chamar-lhe um pacto de não-agressão, mas creio que se trata antes do respeito mútuo que hoje existe. Não sei se estas linhas servirão para desanuviar a depressão que alegas ter e a falta de vontade de tudo, mas deveriam pelo menos fazer sorrir-te ao almoço e sentires orgulho nos filhos e netos que tens.

E lembro aqui nesta crónica possível, 56 anos depois de recordar esse dia em 1955 em que nasceu a tua filha (e minha irmã) ...

A mãe que já "perdera duas gravidezes", finalmente deu à luz, uns cinco anos e meio depois de eu nascer, uma linda menina com 4 quilos e 56 cm. Se bem que eu a esperasse com a ansiedade própria dos jovens da minha idade, também tinha um medo ancestral de que ela viesse a ocupar um certo espaço até então exclusivamente meu. As prerrogativas de filho único perderam final e, infelizmente, a sua razão de ser no dia do nascimento da irmã. De qualquer forma consta, ainda hoje, que ficara satisfeito por ver aquele bebé gorducho e cheio de cabelos loiros, uma hora depois de ter nascido. É bom não esquecer que naquele já longínquo ano de 1955 a maior parte dos partos ocorria em casa, pois as pessoas não se deslocavam aos hospitais ou clínicas. Havia um médico, acompanhado de uma enfermeira-parteira, que se deslocava à residência das pessoas e aí fazia o parto da criança. No caso vertente, fora o mesmo médico que ajudara no meu nascimento. Se surgissem problemas chamava-se uma ambulância e ia-se para o hospital mais perto. Na altura deste nascimento ainda só existia o vetusto Hospital de Santo António no Porto, onde viria a nascer em 1996 o filho mais novo de EU quando já raras eram as crianças a nascerem em suas casas.

CRÓNICA 107 FESTAS DE N. SR.ª DO ROSÁRIO DA LOMBA DA MAIA. AGOSTO 26-31 2011

A maioria das festividades dos Açores coincide (e não fortuitamente) com datas e acontecimentos religiosos, em particular com dias relativos a determinados santos, o que se explica por uma tradicional forte devoção do povo açoriano em geral.

Destas festividades, uma boa parte é sensivelmente comum entre diferentes ilhas do arquipélago, como por exemplo as Festas do Espírito Santo que se celebram um pouco por todas as ilhas, com algumas variações e diferentes datas. Outras, são já específicas de determinadas localidades, o que lhes atribui um carácter único, fazendo deslocar, em alguns casos, pessoas de várias partes dos Açores e do mundo a acorrer a elas.

Cada freguesia tem um santo protetor ou padroeiro, santo este a quem é dedicado um dia particular do calendário em que se celebram as Festas da respetiva freguesia (é comum ainda haverem várias freguesias que partilhem o mesmo santo padroeiro). Nas zonas piscatórias, é muito frequente ser este papel entregue a São Pedro, protetor dos pescadores.

Nossa Senhora do Rosário é normalmente festejada em outubro e as maiores festas a ela dedicadas são as da Lagoa (S. Miguel) e Lajes do Pico, mas convém não esquecer a pequena freguesia da costa norte de São Miguel, a Lomba da Maia que celebra sempre no último domingo de agosto esta santa, tão venerada que até esteve para dar o nome à freguesia...

"... O rei, por certo, não teria hesitado em desautorizar o bispo D. António. Havia-o feito naquele mesmo ano de 1699. A Lomba da Maia, então sob a jurisdição paroquial da Maia, não chegara a ser paróquia porque o rei quisera acautelar a integridade dos rendimentos dos párocos da Maia." (in Mário Moura: a criação de uma paróquia")

Passa esta população – maioritariamente rural - um ano inteiro na ansiada espera desta semana, fazem-se preparativos, vestidos, sonham-se casamentos e noivados, preparam-se refeições, convidam-se parentes emigrados, há uma sofreguidão imensa na voragem dos calendários. As casas são pintadas, retocadas, melhoradas para estarem prontas nessa última semana de agosto. Colhem-se verdes e flores para enfeitar as ruas em modelos, mais ou menos elaborados a fim de que a procissão de domingo ali passe. Cabeleireiras e modistas não têm mãos a medir para tentarem que todos os habitantes estejam no seu melhor, quanto a apresentação, na procissão e noutros eventos celebratórios. Toda a vida da freguesia se centra em volta desta semana de celebrações, procissões e libações. O mundo podia acabar, mas continuar-se-ia a falar das Festas de agosto, em que a população residente é incrementada com o retorno de centenas de filhos expatriados pela norte América, uns com vozes anglicizadas e outros afrancesados.

Reveem-se parentes, e aqui na Lomba da Maia, parece que todos são primos entre si há várias gerações. Há uma elevadíssima consanguinidade. Todos põem a conversa em dia, bebem uns copos a celebrar o encontro, a fim de dar tempo a que todos narrem as suas proezas, riquezas, e outros mitos. Trata-se de uma semana completa de festejos, culminando com a rica procissão de domingo e na qual se incluem dignatários religiosos e autoridades civis, além das ditas forças vivas da terra. Um verdadeiro desfile para impressionar, todos com seus fatos domingueiros ou melhores ainda se as posses assim o permitiram. A procissão ricamente elaborada inclui a trasladação - na véspera - da imagem para a Igreja velha ao fundo da rua, seguida da visitação da imagem de Nossa Senhora do Rosário pelas ruas de parte da freguesia, partindo da Igreja, subindo ao Outeiro, descendo a Rua do Rosário, sem chegar à Lomba de baixo, e subindo em apoteose pela Rua da Igreja até se deter, de novo na Igreja datada de 1877. Este percurso feito sobre o asfalto, nesta data ricamente atapetado de verdes e quadrados floridos demora sempre umas três horas ou mais, com os vários andores a pararem várias vezes durante o percurso. Em 2011 havia três bandas filarmónicas de dezenas de executantes, cada uma delas, antecedida por centenas de populares, precedendo as entidades oficiais que este ano incluíam o presidente da Câmara da Ribeira Grande e o presidente da Associação Agrícola de São Miguel, o presidente da Junta de freguesia local e centenas de populares.

As Festas que normalmente se iniciam na quinta-feira pela noite, após se terem colocado os postes com flâmulas de duas cores, conforme as ruas, e instalação sonora, este ano começaram atrasadas.

As decorações e iluminação da Igreja na qual sobressai uma enorme reprodução da santa padroeira estavam atrasadas e sábado ainda se trabalhava para as finalizar.

Assim, este ano na quinta e sexta apenas se ouviram os acordes das discotecas improvisadas e o cheiro a fritos de algumas barracas no Largo da Igreja.

Finalmente, no sábado à noite as pessoas puderam começar a sair à rua para se mostrarem e serem vistas, dando finalidade aos longos preparativos de todo um ano.

Mas o santo patrono da meteorologia resolveu brindar os festivos habitantes com uma enorme chuvada torrencial e uma fortíssima trovoadra, demonstração climatérica bem rara nesta ilha.

Fez-se silêncio nas ruas e todos recolheram a penates pela meia-noite.

Na manhã de domingo estrelejavam já foguetes bem cedo a saudar mais um dia e já andavam as ruas a serem limpas, que esta população ainda não aprendeu a ser verde nem civicamente educada, e continua a deitar tudo para o chão...se esse problema já se põe durante o ano imaginem só o estado do pavimento nestas Festas. A chuva amainou a meio do dia e veio uma tarde soalheira, quente e húmida como é vulgar nestas paragens. Uma novidade a saudar neste ano da graça de 2011, os altifalantes que costumam debitar música pimba das oito da manhã até altas horas, este ano não fizeram a sua aparição, talvez fruto da crise que não deu para pagar música encanada. Assim os postes limitavam-se a ter as suas lâmpadas acesas (todas brancas este ano em vez das habituais coloridas) e as suas flâmulas de duas cores a esvoaçarem sem nos impingirem um tipo de música que nada tem a ver com estas Festas nem com as tradições. Os ouvidos agradecem e, em particular o autor, que é muito exigente na música que ouve e não gosta de sofrer a música dos outros. Já bastam os acordes sísmicos da música tecno que ecoam na Rua do Rosário até às três da madrugada e aqui se propagam, sempre a martelar os sons do baixo. A música do "Ká t'espero" a trinta metros de distância do outro lado nesta Rua da Igreja não chega a incomodar, apenas as altercações dos seus patronos mais bebidos pelas cinco da manhã quando a tenda fecha...

Duma empírica observação, mais vocacionada a ser analisada por psicólogos e sociólogos, convirá referir que se verificava que os jovens do sexo masculino continuavam de uma forma geral a vestir normalmente como num qualquer dia, shorts ou jeans e T-shirt, enquanto elas da mesma idade estavam todas aperaltadas, decotadas, saias muito curtas, unhas pintadas e cabelos elaborados em penteados de festa, muitas delas já em cetim lustroso preferencialmente em preto ou em sedas vermelhas.

O mesmo se podia ver nas senhoras mais jovens e até à meia-idade, em que se empoleiravam com muita dificuldade em saltos altos, tipo stiletto, a que obviamente não estão acostumadas...bamboleando-se para cá e para lá sem caírem... muitas delas queriam, e tentavam muito, que as tomassem por modelos saídas de capa de revista de modas não fosse o forte sotaque micalenseOs homens que estavam, na sua maioria, mais bem vestidos usavam fato e gravata e privilegiavam o cinza brilhante com gravatas que não correspondiam ao casaco...obviamente forçados a usarem uma vestimenta para a qual não estavam talhados, mas a que eram obrigados. O tal fato domingueiro de que a literatura tradicional tanto fala quando se refere às aldeias e à maneira de vestir das pessoas para irem à missa... Mais parecia um desfile de trajes para casamento (até poderiam ser esses os trajes que elas usavam normalmente nos casamentos e como era a festa anual da Lomba da Maia isso era equivalente a um casamento...) e era vê-las a passar impantes de orgulho no seu "special look" anual com os homens atrelados a curta distância ou ao lado, cabeças bem erguidas atravessando as ruas da aldeia. (já sei, já sei, os açorianos ficam todos furiosos quando digo aldeias pois pensam que aldeia é um termo

inferior em estatuto ao de freguesia..., mas esta minha freguesia, queiram ou não, é uma aldeia e eu gosto dela, assim, aldeia...).

No cortejo processional, ouvia-se para além do falar micaelense local, algumas corruptelas de francês e inglês com micaelense nem sempre fáceis de decifrar. Depois dos andores todos, e do pálido com vários concelebrantes que eu não soube identificar além do pároco cessante da freguesia, vinham as pessoas por uma ordem hierárquica de castas sociais, das mais ricamente vestidas às mais humildemente vestidas, talvez seguindo tradição ancestral.

A nossa empregada doméstica (dantes chamada mulher a dias) estava irreconhecível de cabelo solto, tacões altos e vestido cintilante. Chegada a imagem à Igreja depois do seu périplo pela freguesia, foi a debandada geral. Nessa noite, após o jantar as ruas tornaram-se alamedas pedestres até já depois da meia-noite com tolerância de ponto para as crianças. Um apontamento triste foi ver muitos jovens de tenras idades a fumarem...e na manhã seguinte uma carrinha carregava vinte e quatro barris de cerveja vazios que – pelos vistos – na véspera corraera bem pelas gargantas abaixo, no “Ká t’espero” que para estas coisas não há crise que chegue para matar a sede... E lia-se nessa data em editorial de SN no Atlântico Expresso:

Aqui pelos Açores, o Governo Regional, através das suas empresas satélite, Câmaras e Juntas de Freguesia esqueceram-se da crise e estouraram milhões de euros em festas para consolo do povo, iludido e contente, regado, bebido e drogado e que agora vai acordar para um ano difícil de trabalho.

Os milhões gastos em festas não são alavancas económicas, mas sim ocasião de enriquecimento de alguns que a troco de umas noites de engano fazem esquecer a realidade e conduzem as pessoas a uma anestésica visão da sociedade que só interessa a quem delas tira dividendos.

Agosto está a terminar e este é mais um verão para esquecer. Muita festa, muita dívida, muita promoção malfeita e muita gente enganada. Milhões de euros deitados à rua e agora vão começar os queixumes. As Juntas de Freguesia vão dizer-se esmiçadas, sem dinheiro; as Câmaras vão continuar a endividar-se ou a recorrer aos Fundos de emergência porque estão falidas; os fornecedores vão continuar a esperar: o Governo vai assobiar para o lado, porque a despesa da festa vai estar na conta de empresas criadas para a “cultura e turismo” e tudo vai ficar assim mesmo. Entretanto, os políticos vão começar outro tempo de festa. Para o ano há eleições e, portanto, há que mostrar serviço. Há que prometer, há que entreter e há que cativar votos. Não vai ser fácil o ano que agora começa, depois das férias. Há muito interesse, há muito a defender e há muitos novos-ricos que de nada se querem privar. Com um povo cansado, com empresas em dificuldades, não será difícil morder o isco que se prepara para ser lançado. Mas uma coisa é certa: vamos pagar muito caro os foguetes que hoje se atiram e o acordar vai doer a muita gente. Não estamos no bom caminho!

Entretanto a amiga Graça Castanho, diretora regional das comunidades, alertava para o facto de a “... grande maioria dos emigrantes regressados ter mais de 60 anos e poucos estudos” ... O estudo da direcção regional das comunidades revela que a grande maioria de emigrantes regressados tem sessenta ou mais anos, são reformados e os que ainda trabalham são os que regressaram das Bermudas e têm uma baixa literacia. O estudo permitiu também identificar os que regressam para se fixar definitivamente na sua terra ou para períodos cíclicos anuais, mas também os que voltam com condições financeiras confortáveis ou com necessidades.... Mas na aparência tudo corre bem e não estamos no reino da Dinamarca.

O único restaurante da freguesia, “O Cordeirinho” que se tem vindo a debater com um excesso de clientes por causa dos trabalhadores das SCUT ainda não sente crise nenhuma e sem marcação nunca se consegue mesa ... como dizia o amigo Sá Couto, “crise? Não há carne nem peixe, ninguém os pode comprar e, coitados com a crise vão todos ao restaurante jantar!” E nesta inconsciência se passam as Festas da Lomba da Maia, mostrando aos outros uma fachada de riqueza e de aparato que se não coaduna com a realidade, mas é assim este povo.

Não falei dos entretenimentos e das tendinhas por não os considerar relevantes nem específicos das celebrações que se vão prolongar, até quarta-feira. Depois, começarão as aulas e os problemas do país hão de finalmente arribar a estas costas, onde os roubos se sucedem a uma frequência jamais imaginada, numa terra em que as pessoas até há pouco deixavam as portas abertas e a chave no trinco. Há quem lhe chame a rota inexorável do progresso...

Como a velha melodia dizia “No pasa nada” e lembrando os tempos da Mocidade Portuguesa de triste memória “...cá vamos cantando e rindo...”

E hoje ninguém limpou as ruas peçadas de destroços vegetais dos lindos tapetes que ontem orlavam os locais por onde a procissão passava, acrescidos de lixo acumulado pelos muitos que aqui comeram e beberam deixando atrás de si um imenso rasto de detritos e de poluição...

a educação ambiental ainda não chegou a estas paragens nem consta que seja uma matéria muito estudada nas aulas. Hoje, ao acordarem as pessoas devem começar já a fazer planos para a festa do próximo ano e as jovens que tiveram a sorte de começar namoros ou acertar noivados, como é costume nestas ocasiões, continuarão a sonhar com a felicidade ao virar da esquina e como é sabido não há crise que chegue aos sonhos pois estes são mais livres do que aqueles que os sonham.

A Igreja, as tendinhas, as discotecas e outros locais de vendas devem começar a fazer contas à vida no deve e haver de todas estas festas.

CRÓNICA 108 – ODE A SÃO MIGUEL E DENTISTAS, 15 SETEMBRO 2011

108.1. ODE A SÃO MIGUEL NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO

Levantei-me cedo, como é usual, fui levar a senhora professora minha mulher, à escola, para as infundáveis reuniões de começo de ano escolar, e o filho foi ver o horário do Liceu para onde vai frequentar o 10º ano. O dia ainda estava radioso como, aliás, foi apanágio neste verão de 2011 na Ilha do Arcanjo. Como já escrevi, muitas vezes, existe um pequeno recanto nesta costa norte, da ilha do Arcanjo, onde encontro sempre uma versão muito minha do Éden, a praia quase deserta com dez pessoas apenas, na sua maioria, turistas, e uma esplanada toda para mim, para bebericar a minha “italiana” (café supercurto, também designado como “Ristretto” na Austrália e EUA) e a garrafa de água sem gás, sempre muito gelada. São sempre estes os companheiros fiéis das minhas leituras, gasto tanto de água gelada como de oxigénio, para me lubrificar bem. Ora quanto a leituras a escolha deste ano recaiu e foi dedicada a José Martins Garcia, prolífico autor infelizmente liberto de penar no mundo dos vivos. Apesar de ser notável a sua obra, hoje serve apenas para deleite dos curiosos e estudiosos, grupo no qual ainda me incluo.

Ouçó as ondas aqui onde o mar é rei e senhor de todas as horas.

fui ao lado outro da ilha

lá onde nunca ninguém vai

e vi que era verdade

só há mar, nada mais

por todos os lados menos por um

A terra é um mero escolho lançada como um grão de poeira no deserto, no meio deste Grande Mar Oceano para colorir o mar em tons de verde que é a cor desta ilha. A terra é finita e bem mais nova que o mar, saídas das entranhas do fogo, em eflúvios de magma, a mágica lava que encanta e seduz quem a vê à distância segura de um qualquer abrigo.

O mar, condescendente, acedeu a envolver a ilha no seu manto de espuma, fez dela o seu brinquedo, entretendo-se a burilar as suas abruptas escarpas, nalgumas baías acedendo mesmo a depositar uns grãos de areias fina e enegrecidas sem jamais deixar de as lavar, pondo e tirando a seu bel-prazer, mas sempre lavando, lavando, lavando, sem nunca as deixar brancas. Para preservar o seu brinquedo evitou dotar a ilha de angras ou portos naturais, fáceis acessos a forasteiros, assim evitando que a viessem perturbar com seus botes.

A ilha quer-se sozinha, sem invasores, e assim ao longo dos tempos sempre se repeliram as investidas desde os fenícios, aos mouros, corsários ingleses e outros repetidamente remetidos à proveniência sem mais danos do que raziarem as terras, tomarem cativos os habitantes para venderem como escravos e usando as suas mulheres para outros fins soezes como era hábito naqueles tempos. Os que foram ficando, tementes a deus, tornaram a cultivar a terra, arando os solos que a fúria dos fogos e tremores das entranhas da terra ia vomitando, tentando aplacar essa fúria e castigo divino com preces, procissões e romarias. Nesta ilha, de costas voltadas ao mar, como a maioria das suas igrejas, todos passam o ano a olhar para o próprio umbigo, seja ele de vacas leiteiras raçadas de alpinistas que poluem montes, lagoas e ribeiras, sejam campos de milho, batatas, beterraba, inhame ou outros frutos da terra que as generosas chuvas insistem em regar de forma copiosa até conseguirem mais do que uma colheita ao ano. Enquanto no Faial e Pico e outras ilhas do Triângulo, as pessoas vivem do mar e para o mar, nesta Ilha de São Miguel Arcanjo, sempre tão de costas para o mar, elas ignoram-no, esquecendo já que era o único passaporte de saída para a alforria do feudalismo que imperava nas ilhas e as agrilhoava.

Nesta pequena baía dos Moinhos de Porto Formoso sem baleias à vista, nem golfinhos ou tubarões, as ondas vão cumprindo o seu ritual lunar, e eu aqui, parado, a vê-las, a ouvi-las deixando-me encantar com o seu ritmo, a sua cadencia incerta que as leva para longe, lá, onde só o pensamento conta e a vontade dos homens não domina. Hoje, não me sinto naufrago nem perdido, apenas marinhante de águas profundas embalados pelos ténues ventos que me levam à deriva. Ah! Como gostava de perpetuar momentos destes e torná-los permanentes, libertar-me da escravatura que nos impõem como preço de vivermos. Aqui, neste paraíso que o inverno torna bem agreste, as palavras fluem como ondas e vêm desaguar sempre numa qualquer folha de papel. A mente liberta-se das peias do quotidiano e voga ao sabor do mar, como se viver fosse útil ou até necessário. Por vezes, é preciso sair de dentro das ameias do meu "castelo" e vir sentir-me liberto nesta prisão sem grades que as ilhas todas tendem a ser. Podemos, afinal, ser livres dentro de uma prisão e não precisamos de voar como os pássaros, nem nadar como os peixes, basta uma dose de mar e sol, e deixar a mente vaguear, vogando no salgado das ondas ... Esta ilha é linda, mas digo-vos do outro lado dela só há mar....

*Ouçó as ondas aqui onde o mar é rei e senhor de todas as horas.
fui ao lado outro da ilha
lá onde nunca ninguém vai
e vi que era verdade
só há mar, nada mais
por todos os lados menos por um*

108.2. DENTISTA NA PRAIA EM FÉRIAS A AVIAR DOENTES

Nessa tarde não resisti e voltei aos Moinhos, já com meia centena de banhistas. A minha leitura, iniciada esta manhã no mesmo local, foi interrompida pelo tonitruante som do vozear de um senhor atarracado, de cabelo curto, alourado, acompanhado de uma jovem com tranças, de 4 ou 5 anos, permitindo as habituais conjeturas sobre se seria pai solteiro, viúvo, divorciado ou meramente um pai que foi com a filha à praia enquanto a mulher foi ao cabeleireiro ou às compras.

O senhor que se sentara na mesa ao lado da minha, debatia-se freneticamente com dois telemóveis e não se coibia de receitar Nimed e Amoxil a um pobre senhor Joaquim, do Porto, a quem fizera uma intervenção cirúrgica dentária há vários meses e que obviamente manifestava uma atual infeção no maxilar donde lhe extraía os dentes. Sem dúvida que a memória desses dentes voltara para o assombrar e atormentar esta tarde de férias, em pleno gozo das suas - crê-se que merecidas - férias numa soalheira tarde na esplanada dos Moinhos.

Há dentes assim, mesmo depois de retirados do maxilar, ficam saudades e querem voltar para assombrar o dono do maxilar.

Poderia ser este o caso. Ouvia-se falar de troca de receitas de medicamentos, retirados de circulação, e recomendações de antibióticos sem recorrer à penicilina e sem descurar a cortisona a que o doente poderia ser alérgico, mas não era, dado que já lha receitara antes.

O - possivelmente ilustre veraneante - médico dentista e cirurgião, em férias, ali na esplanada dos Moinhos de Porto Formoso, impotente, com dois telemóveis nas orelhas a falar, ora com o doente, ora com o protésico, ora com a sua secretária para que esta marcasse uma consulta de urgência ao senhor Joaquim com o seu colega que ficara de serviço, deixava a pequena lambuzar-se de gelado, sem notar que o mesmo se derretia e ia escorrendo para o fato de banho. E eu em busca de sossego e do marulhar dei comigo a pensar na saga dentária do Cristóvão de Aguiar que quisera poupar e fora ao Pico tirar os dentes. Também apanhou uma infeção no maxilar, teve de fazer um enxerto de osso do íliaco, mas apanhou uma infeção, com enorme hematoma, que o pôs numa cadeira de rodas durante meses, a mastigar papas de bebé, sem dentes, sem poder caminhar e a gastar muito mais em médicos, clínicas. Depois ainda teve de contratar um advogado para intentar uma ação judicial contra o afamado cirurgião dentista, formado em Paris e a quem atribuía a sequência de males de que padecera durante esses longos meses. Acalentei secretamente a esperança de ser este o mesmo dentista, o que tornaria esta crónica mais interessante pela coincidência (que como todos sabem, elas não existem, mas têm causas matematicamente prováveis), mas tive de me contentar com a atrás narrada cena sem coragem de perguntar se tratara o Cristóvão.

O Português Contrabandista de J. Martins Garcia a piscar-me o olho e eu sem o poder desfrutar numa leitura de remanso como esta manhã. Terei de regressar em mais idílico momento, pois há pessoas que usam o telefone móvel como um megafone para que todos se inteirem das suas conversas em direto e ao vivo, como se a alguém pudessem interessar. É pena não haver um padrão universal para telemóveis que eu poderia ter emprestado os meus auriculares... Esta ilha é linda, mas digo-vos do outro lado dela só há mar....

CRÓNICA 109 DOS BRANDOS COSTUMES, 14 OUTUBRO 2011-10-14

Há anos escrevi algo sobre isto no Crónicas vol. 1...

... o mundo está na mão dos neoliberais há mais de duas décadas, apoderaram-se de todos os governos legitimamente eleitos e sobre eles exercem as mais fantasiosas chantagens, o que levou a este desvario em que as nações andam todas a pagar não só os erros de governação (e são mais que muitos em PT) mas sobretudo as perdas dos bancos e seus maus investimentos aliados a políticas de ganância como não há memória na história recente dos povos...

A falta de líderes com visão na Europa, o "squeeze" norte-americano na defesa dos seus interesses (\$\$\$\$) e a especulação desenfreada dos mercados causou isto.

Há alternativas (a Islândia não cedeu e ainda não acabou como país, apesar de não ter pago as dívidas...antes pelo contrário vai de vento em popa) e a receita aplicada à Grécia, Irlanda e Portugal vai causar recessão, estagnação da economia por anos a fio, desemprego maciço, fome, pobreza sem aumentar um só ponto que seja de crescimento económico...pois o país cada vez produz menos, cada vez se gasta menos e a economia continuará a contrair-se...

Estes cortes brutais aplicam-se ao povo, e às juntas de freguesia que nas Câmaras já é mais difícil tocar e daí para cima impossível... Imaginem só os ministros deslocarem-se (como na minha Austrália) de metro ou autocarro para o emprego...para não falar do senhor Cavaco Silva que veio aos Açores com médico, enfermeira, etc., (esqueceu-se do barbeiro e manicura). Há diretores, ministros, secretários de estado, assessores a mais e soldados a menos. Cortam retroativamente tudo e mais alguma coisa menos os privilégios dos que estiveram no poder após o 25 de abril... Francamente não foi para isto que houve em 25 de abril...estão todos lá para se servirem e não para servir o país (cá e noutros países é tudo o mesmo), a Europa está falida de ideias e soluções e não admira: um Barroso que fugiu, um Constâncio que nada viu no Banco de Portugal... Já andamos nesta fona desde 2000 ou 2001 e a situação não cessa de piorar após 2008, e o mais que adiante se verá quando em janeiro nos vierem dizer que afinal isto não chegou e é preciso mais...depois em março virão outra vez com novo orçamento retificativo e por daí em diante que é disto que a casa gasta há muito tempo...nunca chegará enquanto se não acabarem com as mordomias e desigualdades sociais!

Infelizmente dos meus filhos apenas uma é australiana e outro também (pelo que pode ir para lá quando crescer) mas os restantes não são e esses, nem presente nem futuro têm, tal como eu e os mais velhos que eu... Depois há o BRICS, os eixos mundiais da China, Índia, Rússia, etc. que aguardam a queda do Império Romano (perdão, do mundo ocidental como o conhecemos) ...haja saúde... Mal acabei de escrever estas notas recebi o seguinte correio eletrónico que passo a citar:

Acabou o recreio e o receio! Este e-mail vai circular hoje e será lido por centenas de milhares de pessoas. A guerra contra a chulice está a começar. Não subestimem o povo que começa a ter conhecimento do que nos têm andado a fazer, do porquê de chegar ao ponto de ter de cortar na comida dos filhos! Estamos de olhos bem abertos e dispostos a fazer - quase tudo, para mudar o rumo deste abuso. Todos os "governantes" [a saber, os que se governam...] de Portugal falam em cortes de despesas - mas não dizem quais - e aumentos de impostos a pagar. Nenhum governante fala em:

1. Reduzir as mordomias (gabinetes, secretárias, adjuntos, assessores, suportes burocráticos respetivos, carros, motoristas, etc.) dos três ex-presidentes da República.

2. Redução do número de deputados da Assembleia da República para 80, profissionalizando-os como nos países a sério. Reforma das mordomias na Assembleia da República, como almoços opíparos, com digestivos e outras libações, tudo à custa do pagode.

3. Acabar com centenas de Institutos Públicos e Fundações Públicas que não servem para nada e, têm funcionários e administradores com 2º e 3º emprego.

4. Acabar com as empresas Municipais, com Administradores a auferir milhares de euros ao mês e que não servem para nada, antes, acumulam funções nos municípios, para aumentarem o bolo salarial respetivo.

5. Por exemplo as empresas de estacionamento não são verificadas, porquê? E os aparelhos não são verificados porquê? É como um táxi, se uns têm de cumprir porque não cumprem os outros? e se não são verificados como podem ser auditados?

6. Redução drástica das Câmaras Municipais e Assembleias Municipais, numa reconversão mais feroz que a da Reforma do Mouzinho da Silveira, em 1821.

7. Redução drástica das Juntas de Freguesia. Acabar com o pagamento de 200 euros por presença de cada pessoa nas reuniões das Câmaras e 75 euros nas Juntas de Freguesia.

8. Acabar com o Financiamento aos partidos, que devem viver da quotização dos seus associados e da imaginação que aos outros exigem, para conseguirem verbas para as suas atividades.

9. Acabar com a distribuição de carros a Presidentes, Assessores, etc., das Câmaras, Juntas, etc., que se deslocam em digressões particulares pelo País.

10. Acabar com os motoristas particulares 20 h/dia, com o agravamento das horas extraordinárias...para servir suas excelências, filhos e famílias e até, os filhos das amantes...

11. Acabar com a renovação sistemática de frotas de carros do Estado e entes públicos menores, mas maiores nos dispêndios públicos.

12. Colocar chapas de identificação em todos os carros do Estado. Não permitir de modo algum que carros oficiais façam serviço particular tal como levar e trazer familiares e filhos, às escolas, ir ao mercado a compras, etc.

13. Acabar com o vaivém semanal dos deputados dos Açores e Madeira e respetivas estadias em Lisboa em hotéis de cinco estrelas pagos pelos contribuintes que vivem em tugúrios inabitáveis.

14. Controlar o pessoal da Função Pública (todos os funcionários pagos por nós) que nunca está no local de trabalho. Então em Lisboa é o regabofe total. HÁ QUADROS (diretores gerais e outros) que, em vez de estarem no serviço público, passam o tempo nos seus escritórios de advogados a cuidar dos seus interesses, que não nos dá coisa pública.

15. Acabar com as administrações numerosíssimas de hospitais públicos que servem para garantir tachos aos apaniguados do poder - há hospitais de província com mais administradores que pessoal administrativo. Só o de PENAFIEL tem sete administradores principescamente pagos...pertencentes às oligarquias locais do Partido no poder.

16. Acabar com os milhares de pareceres jurídicos, caríssimos, pagos sempre aos mesmos escritórios que têm canais de comunicação fáceis com o Governo, no âmbito de um tráfico de influências que há que criminalizar, autuar, julgar e condenar.

17. Acabar com as várias reformas por pessoa, de entre o pessoal do Estado e entidades privadas, que passaram fugazmente pelo Estado.

18. Pedir o pagamento dos milhões dos empréstimos dos contribuintes ao BPN e BPP.

19. Perseguir os milhões desviados por Rendeiros, Loureiros e Quejandos, onde quer que estejam e por aí fora.

20. Acabar com os salários milionários da RTP e os milhões que a mesma recebe todos os anos.

21. Acabar com os lugares de amigos e de partidos na RTP que custam milhões ao erário público.

22. Acabar com os ordenados de milionários da TAP, com milhares de funcionários e empresas fantasmas que cobram milhares e que pertencem a quadros do Partido Único (PS + PSD).

23. Assim e desta forma, Sr. Ministro das Finanças, recuperaremos depressa a nossa posição e sobretudo, a credibilidade tão abalada pela corrupção que grassa e pelo desvario dos dinheiros do Estado.

24. Acabar com o regabofe da pantomina das PPP (Parcerias Público Privado), que mais não são do que formas habilidosas de uns poucos patifes se locupletarem com fortunas à custa dos papalvos dos contribuintes, fugindo ao controle seja de que organismo independente for e fazendo a "obra" pelo preço que "entendem".

25. Criminalizar, imediatamente, o enriquecimento ilícito, perseguindo, confiscando e punindo os biltres que fizeram fortunas e adquiriram patrimónios de forma indevida e à custa do País, manipulando e aumentando preços de empreitadas públicas, desviando dinheiros segundo esquemas pretensamente "legais", sem controlo, e vivendo à tripa forra à custa dos dinheiros que deveriam servir para o progresso do país e para a assistência aos que efetivamente dela precisam.

26. Controlar rigorosamente toda a atividade bancária para que, daqui a mais uns anitos, não tenhamos que estar, novamente, a pagar "outra crise".

27. Não deixar um único malfetor de colarinho branco impune, fazendo com que paguem efetivamente pelos seus crimes, adaptando o nosso sistema de justiça a padrões civilizados, onde as escutas VALEM e os crimes não prescrevem com leis à pressa, feitas à medida.

28. Impedir os que foram ministros de virem a ser gestores de empresas que tenham beneficiado de fundos públicos ou de adjudicações decididas pelos ditos.

29. Fazer um levantamento geral e minucioso de todos os que ocuparam cargos políticos, central e local, de forma a saber qual o seu património antes e depois.

30. Pôr os Bancos a pagar impostos.

Ao "povo", pede-se o reencaminhamento deste e-mail.»

POR TODOS NÓS E PELOS NOSSOS FILHOS.

Dito isto nada mais a acrescentar.

CRÓNICA 110. SANTA MARIA ILHA-MÃE - AICL REPUDIA EXCLUSÃO DA AGLP OUTº 2011

110.1. INTRO

A chegada à Ilha-Mãe para o 16º Colóquio da Lusofonia estava pejada de incertezas, indecisões, dúvidas meteorológicas e outras, mas com uma esperança enorme de que se conseguisse mais um sucesso, e por tal motivo o discurso de abertura dos Colóquios assim o manifestava:

Agradecimentos são devidos ao nosso anfitrião, o Município de Vila do Porto representado pelo Presidente Carlos Rodrigues e pelo seu Vice-Presidente Roberto Furtado, incansável nos meses de negociações e de preparação deste evento incluído no roteiro de turismo cultural da ilha, agradecemos ao Dr Jorge Paulus Bruno, Diretor Regional da Cultura pelo seu apoio aos Colóquios e por aqui se deslocar em representação do presidente do Governo regional, à Professora Dra. Graça Castanho, Diretora Regional Das Comunidades, pelo apoio nestes últimos quatro anos, e agradeço ainda aos 3 representantes das Academias de Língua Portuguesa, Professor Doutor Malaca Casteleiro (Academia de Ciências de Lisboa), Professor Doutor Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) e Mestre Concha Rousia (Academia Galega de Língua Portuguesa) Patronos destes eventos.

Quero ainda deixar aqui uma palavra especial de muito apreço pelos esforços desenvolvidos pelos nossos delegado na ilha, Dr. João Santos Diretor do Museu, Daniel Gonçalves da Escola Secundária e Ana Laura que estabeleceram localmente os contactos indispensáveis a um evento desta envergadura, ao senhor Aldeberto Chaves presidente da Junta de Freguesia de Santo Espírito por nos honrar com o convite para umas "Sopas de Império" e foliões num encontro entre os Colóquios e o que há de mais genuíno no povo mariense...e um especial BEM-HAJA ao artista plástico José Nuno da Câmara Pereira nosso guia artístico durante a semana.

A todos os colegas e aos sócios da AICL que nos honram com a sua presença, o nosso muito obrigado. Minhas senhoras e meus senhores.

Como é hábito em todos os Colóquios farei uma rápida abordagem histórica para aqueles que aqui chegam pela primeira vez.

A mais antiga referência ao arquipélago é feita no Atlas de Médiçi de 1351⁸⁵.

A sua descoberta pode ter ocorrido com uma expedição luso-genovesa em viagem de retorno às Canárias. Santa Maria fora designada Ilha dos Lobos-marinhos no Mapa de Pizzigani de 1367 e Gonçalo Velho pode ter sido o descobridor, mas Damião de Peres assinala que Diogo de Silves terá aportado aqui no regresso da Madeira, em 1427.

Daniel de Sá aventa também a hipótese de o nome ser o de Diego Gullén e não de Silves....

Houve sempre em relação a este ponto e a outros, como a data da descoberta dos Açores, um nevoeiro histórico que assombra tais eventos: muitas são as dúvidas e poucas as certezas.

Gaspar Frutuoso, no século XVI, indica que Gonçalo Velho Cabral, a mando do Infante D. Henrique, chegou a Santa Maria em 1432 e a S. Miguel em 1444. A carta do catalão Gabriel de Valsequa de 1439 apresenta dados mais precisos e na legenda lê-se que teriam sido descobertos por um Diego.

De acordo com uma teoria, relativamente recente, de Damião Peres, este seria Diogo de Silves, marinheiro do Infante D. Henrique, no ano de 1427, mas há quem dispute esta versão.

No mais antigo documento régio referente aos Açores, de 2 de julho de 1439, é dada permissão ao Infante D. Henrique para mandar povoar e lançar ovelhas nas sete ilhas dos Açores pressupondo que, apesar de as viagens entre o continente e as ilhas terem ocorrido desde 1427 com Gonçalo Velho, o povoamento só se terá iniciado em 1439 na Praia dos Lobos, ao longo da Ribeira do Capitão, segundo Gaspar Frutuoso, mas foi João Soares de Albergaria, sobrinho do primeiro Capitão donatário e seu herdeiro, quem trouxe famílias do continente.

Os portulanos genoveses conhecidos até essa data, não fornecem qualquer indicação sobre ilhas no Mar Oceano. A partir dela, entretanto, registam-se:

1325 - Portulano de Angellinus de Dalort, assinala uma ilha, a oeste da Irlanda, denominada como "Bracile";

1339 - Portulano de Angelino Dulcert assinala não apenas a Ilha "Bracile", como outras, nas alturas dos acuais arquipélagos das Canárias (descoberto anteriormente a agosto de 1336 pelos portugueses e nomeando a Canária, Lançarote, Forteventura e outras) e da Madeira, e ainda a "Cápraria", que alguns autores associam ao conjunto das atuais ilhas de Santa Maria e S. Miguel.

Esses indícios por si só, entretanto, não constituem elementos seguros para se afirmar se testemunham a visita (deliberada ou incidental) de navegantes a serviço de Portugal, ou se se trata tão-somente de ilhas fantásticas (vejam-se as lendas da Atlântida, das Sete Cidades, da Ilha de S. Brandão, das ilhas Afortunadas, da Ilha do Brasil, da Antília, das Ilhas Azuis, da Terra dos Bacalhaus).

1340-1345: Outros autores pretendem que o conhecimento das ilhas dos Açores teve lugar quando do regresso das expedições às Canárias realizadas cerca de 1340-1345, sob o reinado de D. Afonso IV (1325-1357).~

O primeiro foral açoriano foi concedido a Vila do Porto em 1470, a mais antiga Vila que mantém hoje a sua estrutura original e com vestígios da época como a casa do Capitão-Donatário ou mais baixo outra com janelas do séc. XV.

A prosperidade assentou, no pastel e urzela até ao séc. XVII, exportados para as tinturarias da Flandres bem como no trigo que abastecia as praças-fortes portuguesas do norte de África.

Em 1493, aqui aportou Cristóvão Colombo, no regresso da sua primeira viagem à América. Sendo confundido com um mero pirata, dizem as crónicas que preso se quedou às ordens do Governador, até se esclarecer a sua presença.

A internet da época não permitia a informação em tempo real sobre quem era e o que fazia o Colombo ou Cristóvam Colón.

Os verdadeiros piratas vieram nos sécs. XVI e XVII.

Tratava-se de corsários ingleses, franceses, holandeses, turcos, marroquinos e argelinos, que faziam as suas razias, incendiavam, violavam, pilhavam, levando mulheres e homens como escravos e reféns. Moedas de troca vulgares nesses dias.

Digna de menção é a presença, mais tarde, de um contingente de tropas liberais [vindos da Achadinha e da batalha da Ladeira da Velha (S. Miguel)] rumo ao desembarque do Mindelo, na Arnosa de Pampelido, atual Praia da Memória, Matosinhos, em 8 de julho de 1832, durante as Guerras Liberais ou Guerra Civil Portuguesa (1828-34).

Nesses 7500 homens transportados em 60 navios, estavam Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Joaquim António Aguiar.

O séc. XX trouxe a Santa Maria, em 1944, o progresso de uma forma súbita e inesperada, com a construção do aeroporto por tropas norte-americanas.

O aeroporto não teve importância estratégica para a guerra ou durante ela, tanto mais que não existia ainda.

Ele serviu apenas para reabastecimento das tropas de regresso dos campos de batalha na Europa, mas seria escala obrigatória nas travessias atlânticas até finais de 1960 e das suas três pistas, uma é a mais extensa do arquipélago, com 3.048 metros.

Foi destino do voo inaugural da SATA⁸⁶ e da aeronave "Açor" que cairia ao mar a 5 agosto 1947, após descolar de S. Miguel, morrendo seis pessoas.

A TAP passou a escalar a partir de 1962, seguindo-se voos para Nova Iorque (1969) e Montreal (1971), bem como a presença habitual do supersónico Concorde, ligando a Europa e a América. Embora a introdução de novos aviões com maior autonomia reduzisse o tráfego, é um dos aeroportos mais bem equipados dos Açores.

O FIR (controlo de tráfego aéreo da Região de Informação Aérea Oceânica) também se situa aqui e serviu para seguir o lançamento do "Automated Transfer Vehicle (ATV)" europeu para a Estação Espacial Internacional (ISS) para ajudar o reabastecimento dos astronautas em órbita.

Hoje a fértil ilha de 97,42 km² (17 km por 9,5 largura) tem apenas 5547 almas, menos mil do que há dez anos. É a única com terra de origem sedimentar e fósseis marinhos.

As singulares e elegantes chaminés brancas que pontilham a ilha podem evocar as congéneres algarvias mas não terão a ver com Portugal como exprime o autor aqui homenageado, Daniel de Sá: "Pensa-se que foram brasileiros de torna-viagem que se inspiraram nas chaminés dos transatlânticos que os traziam à ilha.

Por isso lhes chamam chaminés de vapor. Em Santana, no meu tempo, haveria só três ou quatro. O que quer dizer que todas as outras casas seriam provavelmente do século XIX."

Na gastronomia local saliento as sopas de Império confeccionadas em grandes panelas de ferro e acompanhadas por pão para além do caldo de nabos, o bolo na panela, a caçoila, o molho de fígado, a sopa e caldeirada de peixe.

Nos mariscos há o cavaco, lagosta, lapa e cracas.

Na doçaria há biscoitos encapelados, biscoitos de orelha, biscoitos brancos, biscoitos de aguardente e as típicas cavacas.

Dos socalcos de S. Lourenço vem o vinho de cheiro, o abafado, o abafadinho, o licor e a aguardente, todos produzidos de forma artesanal.

Apesar da sua reputação de repouso e sossego existem na ilha praias de areia branca e águas cristalinas para surf, windsurf, vela, mergulho, pesca desportiva.

O traçado original da Vila chegou quase intacto até ao séc. XX sendo exemplar único de Vila medieval (1450) fora da Europa sem a habitual muralha.

O antigo aglomerado urbano, datando do início do povoamento insular coexiste com algo que me impressionou pela sua imponência histórica, a zona da velha base norte-americana na zona aeroportuária.

O bairro do Aeroporto deveria ser preservado como autêntico Museu vivo da história recente europeia.

Trata-se de um exemplar da construção militar norte-americana da 2ª Guerra.

O seu valor, além do turístico totalmente inexplorado, poderia ser aproveitado como cenário de filmes de época, dado que muitas das instalações e a Igreja conservam as características originais de há mais de 60 anos.

A qualquer momento vindos do porto pela Estrada da Birmânia, ao chegar junto ao "açucareiro" esperamos que salte ao caminho um "GI" Joe, fardado a rigor, para nos parar e pedir os documentos de circulação na base...existe aqui potencial de recriação histórica e turística que urge não desperdiçar apesar dos tempos de crise.

Este bairro moderno assumiu, na época, um carácter arquitetónico inovador, em sintonia com o urbanismo americano: ruas largas e curvilíneas; edifícios simples, prefabricados com estrutura metálica trazida dos Estados Unidos e vastos espaços arborizados.

A base americana revolucionou o quotidiano mariense com equipamentos como o abandonado "Atlântida Cine" inaugurado em 1946; o clube "Asas do Atlântico" em 1950; e ainda a Igreja, ginásio e residências, isoladas em blocos coletivos.

As áreas mais residenciais, a nascente, estão agrupadas em largos quarteirões abertos, muito arborizados e com as edificações afastadas entre si. As imagens das casas prefabricadas contrastam com a flora de antenas parabólicas de TV.

Em Santa Maria há tanta riqueza que podia e devia ser acarinhada e preservada, mas não foi devidamente tratada, esperemos que algo possa ser feito pois ela faz parte da história viva da ilha e do arquipélago.

Chegamos à Ilha-Mãe depois do luxo oriental de Macau onde estivemos em abril passado no 15º Colóquio mas estamos convictos de que também Santa Maria irá marcar indelevelmente os que aqui estão connosco pela sua beleza, sortilégio, hospitalidade e simplicidade.

O Município de Vila do Porto teve a inovadora ideia de colocar este Colóquio no Roteiro Cultural do Turismo da ilha.

As nossas sessões refletem já essa mudança de paradigma, havendo mais tempo para visitar e aprender os locais que fazem a História da ilha, e para tal contamos com Daniel Gonçalves, Daniel de Sá, João Santos e Joana Pombo para nos guiarem nesse roteiro.

Visitei pela primeira vez o Museu de Santa Maria em Santo Espírito, em 2006, e em longa conversa com o Diretor, Dr. João Manuel Trindade Reis dos Santos, fui convidado a trazer os Colóquios para a ilha.

Cinco anos mais tarde aqui estamos a concretizar esse sonho antigo com o alto patrocínio do município e apoio da Direção regional da cultura.

85 (in História da Expansão Portuguesa, vol. 5, p. 336).

86 [Sociedade Açoriana de Transportes Aéreos]

Ao longo desta vida, aprendi novas linguagens e culturas enriquecendo a bagagem que comigo transporto às costas, caixeiro-viajante de sonhos que insisto em tornar realidade. Assim se explica que este 16º Colóquio da Lusofonia tenha chegado não numa caravela quinhentista, mas nas asas do sonho a que chamamos Lusofonia.

Os únicos corsários que encontramos por esses mares foram aqueles que ainda não reconheceram o valor dos Colóquios, da necessidade da defesa intrínseca da língua e da cultura de todos nós.

Mas a nossa artilharia de mais de 200 milhões de lusofalantes, a Gramática de Evanildo Bechara, os Dicionários de Malaca Casteleiro e a obra da novel Academia Galega da Língua Portuguesa foram suficientes para evitarmos a abordagem.

Os monstros adamastores, para os quais nos haviam alertado, soçobraram com as primazias do novo Acordo Ortográfico de 1990 e foram juntar-se em triste carpideira aos Velhos do Restelo.

Que da ocidental praia Lusitana, por mares nunca de antes navegados, passamos ainda além da Taprobana, em perigos e guerras esforçados, mais do que prometia a força humana, e entre gente remota edificamos o Novo Reino da Lusofonia, que tanto sublimámos.

A nossa Lusofonia será sempre um diálogo na secular língua. Inclui os países de língua oficial, as Regiões em que é utilizada como língua materna ou de património e inclui todos os que a trabalham como sua. Esta Lusofonia pluricontinental teve as suas raízes no séc. XVI, quando era "língua franca" e meio universal de comunicação entre os povos.

O poeta devaneia, deus concilia e o homem cumpre, esta a definição da génese do 16º Colóquio da Lusofonia.

Bem-haja o Município de Vila do Porto por reconhecer a capacidade de realização dos Colóquios que por obras valorosas se vão da lei da morte libertando.

Isto de Lusofonias e Lusotopias tem muito que se lhe diga. Falta muitas vezes a visão, o amor e a dedicação que só alguns conseguem ter pela língua e cultura.

Frequentemente, os Governos e os governantes estão de candeias às avessas para a defesa desses valores tal como a Ilha de S. Miguel está de costas voltadas para o mar.

Mas aqui, a Ilha-Mãe abre-se ao mar. As inquietas ondas apartando, os ventos brandamente respiravam, das naus as velas côncavas inchando; da branca espuma os mares se mostravam e a bandeira da nossa Lusofonia se enfunando.

Em 2001, os Colóquios dispuseram-se a criar uma Cidadania da Língua idealizada por José Augusto Seabra, nosso primeiro patrono, e arribaram aos Açores em 2006 para debater a sua escrita, lendas e tradições. Como escritores convidados tivemos Dias de Melo 2008⁸⁷, Cristóvão de Aguiar 2009, Vasco Pereira da Costa 2010, Eduardo Bettencourt Pinto 2011 e agora Daniel de Sá.

Em 2010, sulcamos o Grande Mar Oceano para ir a Florianópolis no Brasil e em 2011, rumámos a Macau onde se fala mais Português do que quando lá vivi há trinta anos. Ao contrário de Vasco da Gama, as nossas naus não buscam as Índias, antes se deslumbram espalhando as palavras dos mestres Malaca e Bechara que nos acompanham desde 2007.

Na nossa porfia por repor os escritores portugueses, de matriz açoriana, no panteão que merecem, as colegas Helena Chrystello e Rosário Girão elaboraram a primeira Antologia de Escritores Açorianos Contemporâneos cuja edição bilingue será de seguida aqui apresentada.

Orientaremos as edições futuras dos Colóquios, para que tais autores sejam traduzidos em Francês, Italiano, Polaco, Romeno, Russo, Búlgaro, Esloveno e posteriormente editados naquelas línguas com apoio do Instituto Camões.

Já são estudados em universidades brasileiras, romenas e polacas, e chegaram a novos destinatários no curso de Açorianidades e Insularidades da Universidade do Minho, da colega Rosário Girão, que queremos ministrar futuramente em plataforma e-learning.

Há menos de dois anos lançámos em linha os Cadernos de Estudos Açorianos, cuja 12ª edição hoje publicada é dedicada a Eduíno de Jesus.

Os Cadernos servem para dar a conhecer excertos de obras dos escritores destas ilhas onde há mais vacas que gente.

O clima, a vegetação, os vulcões e terramotos criaram um número desmedido de escritores.

Nos últimos anos, assinámos parcerias com Universidades, Politécnicos e Academias para, com a sua validação científica, completar projetos e em janeiro último passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos.

Os nossos oradores permutam ideias, metodologias, vivências, dentro e fora das sessões, repartem passeios e refeições e despedem-se, no último dia, como se de amigos se tratasse. Somos capazes de attingir o que a burocracia não pode ou não quer imbandos no ideal de "sociedade civil" capaz e atuante. É o que nos torna distintos doutros congressos.

Teremos além das palestras mais científicas, sessões de música, teatro e poesia.

Os temas escolhidos retratam os Colóquios, como construtores de pontes entre Lusofonias, do Brasil ao Canadá, Australásia, Açores, África, Europa e China.

Todos aqui presentes nos próximos dias ajudarão a prestar a justa homenagem a Daniel Augusto Raposo de Sá, o nosso escritor convidado e o escritor micaelense mais mariense.

Parafrazeando mais uma vez o grande vate Luís Vaz de Camões termino dizendo

Tão brandamente os ventos os levavam,

Como quem o céu tinha por amigo:

Sereno o ar, e os tempos se mostravam

Sem nuvens, sem receio de perigo."

E como todos sabemos: os poetas têm sempre razão!

É esse amor e o espírito de poeta que me trouxe a mim, e aos nossos convidados até esta Ilha-Mãe.

Bem-haja o Município de Vila do Porto por ter apoiado este sonho.

110.2. RESUMO

As ameaças de chuva eram enormes, em todos os boletins meteorológicos em várias línguas, bem como a incerteza sobre a presença do autor homenageado a cujo título se fora buscar o mote deste Colóquio.

Connosco, num avião quase vazio, viajava o autor Caetano Valadão Serpa dos EUA que vinha assistir ao lançamento da Antologia bilingue de autores açorianos contemporâneos que a Helena Chrystello e a Rosário Girão organizaram em versão mais curta do que a monolíngue, na qual trabalharam nos últimos dois anos.

Viajava também o Diretor da cultura que pessoalmente só conheceríamos no dia seguinte.

No aeroporto, à chegada, estava a Ana Loura que seria uma das fotógrafas de serviço aos Colóquios sempre pronta a disparar e que conheceríamos pessoalmente depois de anos de contactos virtuais. Como diria o António Pacheco da RTP, no final dos Colóquios estes viriam deixar marcas na ilha que dificilmente se esqueceriam e também isso aconteceria com a Ana Loura e os nossos congressistas.

Ao jantar éramos cerca de uma trintena de pessoas cujos laços de amizade se solidificam de ano para ano como se uma família unida se tratasse agora que a família nuclear se encontra desagregada e em vias de extinção.

Reencontro agradável com outros autores homenageados como Vasco Pereira da Costa e Eduardo Bettencourt Pinto, o regresso da amiga Zélia Borges e Cícero depois de longa ausência por motivos de saúde, algumas caras novas.

Após o jantar visitaram-se as instalações da nova biblioteca municipal onde iriam decorrer os trabalhos.

Seria fastidioso narrar o que se passou nos dias seguintes por entre emoções fortes (o Daniel de Sá chegaria na noite de dia 1 e regressaria dia 3), e momentos de beleza indescritível acompanhados pelo José Nuno da Câmara Pereira, artista plástico local (irmão da poeta Madalena Férin) que nos acompanharia ao longo da semana e deixaria recordações marcantes em todos os presentes.

Na primeira manhã de trabalhos tivemos 3 turmas da Escola Secundária local acompanhadas de vários professores, com jovens atentos, silenciosos e inquisidores no final da sessão com os mestres do Acordo Ortográfico e com os escritores presentes.

Depois do almoço as sessões formais com o presidente do município, diretor da cultura e a apresentação da Antologia nascida no seio destes Colóquios, com a presença da diretora regional das comunidades que a viabilizou. Resta esperar que seja adotada além-mar...

Houve tempo para um curto documentário sobre a ilha, e depois a chuva miudinha veio impedir a sessão de poesia com vista para o mar ao ar livre.

Acabar-se-ia o dia com um passeio pelo porto, narrando aspetos geológicos da ilha com a Joana Pombo e comigo a dar uma breve explicação do porto de mar, da Estrada da Birmânia, do bairro do aeroporto e outras coisas fundamentais para explicar esta Vila que se por um lado parece ter parado há séculos, por outro consegue ter também a sua peculiar magia intimista que atrai as pessoas e as enleia com paisagens surpreendentes. Nessa noite começariam as celebrações de aniversários que se haviam de repetir quase todas as noites no átrio do Hotel Santa Maria. ~

Depois, nos dias seguintes além das sessões teóricas seguiram-se passeios de descoberta das facetas distintas da ilha, desde a visita aos Picos e aos Anjos, até à descoberta maravilhosa do Barreiro da Faneca que tanta gente emocionou e marcou os presentes habituados a marcas telúricas em São Miguel e descobrindo aqui a idade destas duas metades da ilha uma com 5 milhões de anos e a outra entre 8 a 10 milhões...

Houve tempo suficiente para percorrermos outros recantos como o Poço da pedreira em que a natureza reconquista lentamente o local donde se retirava pedra ara a construção das casas da ilha, antes de as pessoas ficarem enlevadas pela beleza da baía na cratera vulcânica de São Lourenço, o imponente farol da Maia e a Maia de encantos mil até ao lugar de Aveiro na foz da Ribeira Grande onde os vinhedos ainda permitiram que se provassem algumas uvas que sobraram da recente colheita.

Santo Espírito acabou por ser a sede dos Colóquios em dois almoços consecutivos permitindo um contacto bem direto com as populações locais, trabalhadoras, humildes, sinceras e hospitaleiras, mas bem orgulhosas do seu património imaterial como nos foi dado a ver nas Sopas de Império e nos foliões.

Há muito que os nossos conferencistas haviam esquecido os luxos orientais de Macau e se mostravam rendidos a esta ilha que primeiro se mostra agreste, árida e plana e depois se desdobra em mil e um cantos de encantos mil.

Há emoções que não se descrevem e isso pode ver-se nos rostos, na alegria, nos sorrisos dos participantes neste Colóquio ao longo de uma semana que acabou depressa demais, pois se há momentos e épocas que se devem guardar esta era uma delas.

Normalmente não sou parco com palavras mas já disse tudo o que sentia sobre Santa Maria, Ilha-Mãe nos poemas que sobre ela escrevi e quis dar a conhecer a todos antes de conhecerem a ilha e a sua história pelo que se me torna difícil falar aqui do calor humano e da emoção da Joana Pombo Tavares tão orgulhosa da herança do seu avô Dalberto, da alegria que o João Santos sentiu por ter tão ilustres visitantes no seu calmo Museu etnográfico de Santa Maria onde pudemos apreciar uma exposição de gravuras de Siza Vieira, o mais celebrado arquiteto português.

Como explicar a emoção dos jovens que nos ouviram logo na sessão inaugural e dos outros que foram tocar para nós música contemporânea, arranjos de canções de intervenção dos anos 70 e música local transitando do cancionário para o rock?

Como não dizer que havia pessoas com lágrimas nos olhos extasiadas com a magia do piano da Ana Paula Andrade, a elevada voz soprano da diminutiva Raquel Machado e com a maestria do jovem Henrique Constância de apenas 14 anos dominando o violoncelo como só os mestres sabem?

E como ele brilhou nos improvisos no Hotel, na sessão de aniversário do dia 2...acompanhando poesia e fazendo solos para dançar...

A homenagem a Daniel de Sá nesse dia teve momentos de encontros antigos em percursos de mais de sessenta anos, trazendo mais gente aos Colóquios e ligando-os mais às gentes da terra que este povo há muito merecia um Colóquio da Lusofonia (e mais se seguirão se a tanto ajudar o engenho e arte).

Daniel comoveu-se e comoveu outras pessoas como foi o caso da coautora da Antologia ao ofertar-lhe um livro raro de tamanho monstruoso reproduzindo textos seculares.

Foi também o caso do seu antigo professor e sua família.

E houve momentos de sã loucura contagiante pela artista Margarida Madruga e pela florentina Gabriela Silva que sonhava, todos os dias em voz alta, que iria levar os Colóquios a uma das mais pequenas e esquecidas ilhas do arquipélago.

Depois também a elétrica Dina Ferreira sonhava em publicar estes autores no Brasil e a estreante Zilda Zapparoli (com um I apenas! desta vez acertei) que há anos fora convidada pela Zélia e Cícero para vir aos Colóquios lamentava não ter vindo aos anteriores...o Luciano Pereira prestes a ser bi-pai (ele que faz parte de um dos dois casais da Lusofonia, e já com um filho carinhosamente chamado "Santiago Lusofonia" andava extático por entre poesias várias enquanto se interrogava sobre a coincidência do seu novo filho se vir a chamar Gonçalo...uma repetição de percursos dos Colóquios e das suas ilhas).

Todos achavam o Vasco (Pereira da Costa) mais suave do que em aparições anteriores em que amedrontava as pessoas que não conheciam os seus histrionismos próprios de artista da palavra e o Eduardo encantava todos os que dele se abeiravam com a sua suavidade africana, açoriana e canadiana, a paz em versão zen da poesia entrecortada pelas milhentas fotografias que nunca deixava de captar uma imagem mesmo que mais ninguém a visse.

E as "mininas" da Guarda que são quatro, mas se deslocam normalmente em grupos variáveis de 3 desta vez trouxeram um menino de nome Formoso que rapidamente se integrou no ambiente dos Colóquios.

Malaca e Bechara acompanhados das suas mulheres foram deliciosos na sua gentileza, amizade, humor e acessibilidade apadrinhando a entrada de novo patrono dos Colóquios, a Concha em representação da Academia Galega.

Depois houve o infundável trabalho de bastidores, entrevistas, gestão de egos e distribuição equitativa de atenção a todos os participantes com o jovem técnico informático (João Chrystello) a fazer alguns dos seus conhecidos milagres tecnológicos encantando os presentes e comportando-se com gostaríamos ao longo do ano...

Dentre os jovens a simpatia da Catarina Madruga e a Fátima, sua médica mãe foram duas novas aquisições de muito valor que marcaram pela sua aparente invisibilidade, mas estavam sempre presentes em todos os momentos deixado amizades espalhadas pelo mundo ali representado.

Neste Colóquio houve os momentos sérios, os comoventes, os científicos, os alegres, os despreocupados e muito convívio como não aconteceu antes, pois teve-se o cuidado de deixar tempo entre sessões e refeições para as pessoas conversarem e fazerem projetos futuros.

A Ana Loura trabalhava quase 48 horas em cada 24 para poder acompanhar-nos o mais que podia e nunca se cansou de nos fotografar, acompanhada do João Santos e da Joana Pombo que à noite não resistia ao nosso convívio.

O Daniel Gonçalves que adoeceu e não fez a sessão de poesia acabaria por trazer os jovens ao nosso convívio e acompanhou-nos nalguns passeios e sessões graças ao apoio que a Escola Secundária acabaria por dar ao Colóquio e que permitiu a meia dúzia de professoras assistirem aos Colóquios em mais momentos do que se esperava.

Os trabalhos da Iliyana Chalakova, Elisa Branquinho, Anabela Sardo e Zaida Pinto emocionaram o nosso poeta Vasco numa curta homenagem à sua obra.

A Anabela Mimoso homenageou Rodrigo Leal de Carvalho e Eduardo Bettencourt, dois nomes de duas diásporas.

A Dina fez uma homenagem bem sentida ao nosso mestre Bechara, o Francisco Madruga alertou para a necessidade de repensar o futuro dos Colóquios face aos cortes nos apoios de deslocações dos nossos conferencistas portugueses e o Luciano levou-nos ao imagético fabulário das Sete Cidades em São Miguel.

Raul Gaião o homem que percorre os açorianos pelo mundo homenageou Dom Arquimínio da Costa, um picaroto, Rolf Kemmler falou de um autodidata da Ribeira Grande que traduziu Beauzée, Rui Formoso expressou o domínio da escrita sobre o oral, a Zélia Borges conseguiu apresentar um interessante trabalho terminológico começando por falar no fim dos carros de bois.

Luís Gaivão contou a interessante história do avô de Mouzinho de Albuquerque e a sua ação nos Açores. Fernanda Santos falou da educação no tempo dos Jesuítas, a Concha contou e encantou a saga da língua portuguesa na Galiza enquanto o Vasco fez a génese de dois poemas seus alusivos a Santa Maria.

Mas se isto aconteceu nas sessões, fora delas aconteceu poesia e prosa jorrando em pequenos blocos de notas, novos projetos nasceram, outros solidificaram e ficou no ar a promessa de regressar para mais dois Colóquios sendo o próximo já em 2013 pois em 2012 iremos à Lagoa e à Galiza...por mim, eu teria já ficado na ilha a preparar o próximo Colóquio e como aqueles que nos acompanharam (na última manhã após o fim dos trabalhos) em busca de fósseis na zona dos Cabrestantes creio ser justo dizer que a hospitalidade da ilha nos cativou ao ponto de querermos todos ficar e partilhar esta paz e humildade.

Nem o louco tresloucado, acusado de violência doméstica, que começou a disparar contra os polícias ao embarcarmos e depois se suicidou, conseguiriam abalar esta nossa boa impressão da ilha.

Sim foi uma cena caricata mais própria de filmes, mas os tiros andaram perto das nossas cabeças no bar do aeroporto).

Mas exigimos ter connosco a calma Zen do Eduardo para nos guiar e a Zaida a fazer tai chi.

110.3. AICL REPUDIA EXCLUSÃO DA AGLP NA CPLP

Convém acrescentar aqui a conclusão mais polémica deste Colóquio

#4. Foi emitido um comunicado sobre a vergonhosa exclusão da AGLP após a CPLP ter aprovado em comunicado a sua inclusão com o estatuto de observadora. (anexo).

BREVE HISTORIAL

Extrato das Conclusões - XIII Colóquio Anual da Lusofonia "Açorianópolis" em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil 26 março a 11 de abril 2010

Os Colóquios da Lusofonia lançaram o repto à Academia Brasileira de Letras, à Academia das Ciências de Lisboa e a todas as entidades que apoiem a imediata inclusão da AGLP - ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA - com o estatuto de observador na CPLP, e comprometeram-se a envidar todos os esforços para a consecução de tal desiderato. Concha Rousia comprometeu-se a enviar à CPLP os objetivos da Academia Galega para fundamentar o seu pedido de adesão com o apoio da sociedade civil aqui representada pelos Colóquios da Lusofonia, salientando que Goa e Galiza fazem falta à CPLP e que seria profícuo vir a criar um canal de televisão lusófono abrangendo todos os países, mas que seria necessária muita vontade política para tal se concretizar.

Este ponto foi reiterado nas conclusões do XIV Colóquio Anual da Lusofonia de Bragança em outubro 2010. Pareciam bem encaminhadas as negociações resultantes do repto que os Colóquios da Lusofonia lançaram à Academia Brasileira de Letras e a todas as outras entidades para apoiarem a imediata inclusão da ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA com o estatuto de observador na CPLP até dia 22 de julho quando a CPLP anunciou a admissão da AGLP sob proposta do país anfitrião (Angola).

A mesma admissão surpreendentemente foi retirada da página oficial da CPLP umas horas depois sem qualquer explicação, pelo que as celebrações de júbilo na Galiza e no resto do mundo duraram apenas oito horas.

Veio, posteriormente a saber-se que fora Portugal que sempre apoiara esta proposta da AGLP integrar a CPLP com o estatuto de observador fora vetada no último momento por Portugal.

A AICL em concertação com o MIL Movimento Internacional Lusófono de que faz parte tomou algumas medidas sendo a mais visível a da Petição ao Ministro dos Estrangeiros de Portugal Dr Paulo Portas:

PETIÇÃO - CARTA ABERTA A PAULO PORTAS, MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS DE PORTUGAL (TEVE 1170 ASSINATURAS)

PREÂMBULO

Temos apreciado a importância que tem dado às relações com os restantes países lusófonos, numa aparente reorientação estratégica de Portugal que o MIL sempre defendeu, dado o seu Horizonte ser, precisamente, o reforço dos laços entre os países e regiões do espaço da lusofonia – no plano cultural, mas também social, económico e político. Esta carta prende-se, tão-só, com a posição de Portugal relativamente à Galiza, a nosso ver uma dessas regiões integrantes do espaço lusófono – daí a nossa reiterada defesa da sua especificidade linguística e cultural.

Com efeito, no Conselho de Ministros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, na sua XVI reunião, realizada em Luanda no passado dia 22 de julho, soubemos que Portugal foi o único país a não apoiar a concessão da categoria de Observador Consultivo à Fundação Academia Galega da Língua Portuguesa, entidade que, como sabe, tem já um histórico muito apreciável, tendo sido por isso reconhecida para nossa Academia das Ciências, sendo ainda membro do Conselho das Academias de Língua Portuguesa.

Petição:

Ainda mais recentemente, também soubemos que o novo Governo Português tem expressado as suas dúvidas sobre a presença de observadores da Galiza no Instituto Internacional de Língua Portuguesa, assim como pela inclusão do seu Léxico no Vocabulário Ortográfico Comum que está a ser preparado por essa instituição, quando é sabido que uma Delegação de Observadores da Galiza participou nesse processo desde o princípio. Face a isto, perguntamos apenas até que ponto houve uma inflexão da posição do Estado Português relativamente à Galiza, já que, desde que foi apresentada a candidatura da Fundação Academia Galega da Língua Portuguesa, Portugal sempre deu o seu apoio expresso a essa candidatura nos diversos órgãos da CPLP. Muito cordialmente, MIL: Movimento Internacional Lusófono www.movimentolusofono.org

AICL (COLÓQUIOS DA LUSOFONIA) REPUDIA EXCLUSÃO DA AGLP

Na Ilha de Santa Maria, em Vila do Porto entre 30 de setembro e 5 de outubro, o XVI Colóquio da Lusofonia aprovou uma declaração de repúdio pela atitude de PORTUGAL olvidando séculos de história comum da língua, ao excluir a Galiza - representada pela AGLP - do seio das comunidades de fala lusófona.

A Galiza esteve sempre representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo acordo ortográfico e o seu léxico está já integrado em vários dicionários e corretores ortográficos.

A sua exclusão à última hora do seio da CPLP representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente.

A AICL entende que não faz sentido aceitar como observadores países sem afinidades diretas ou indiretas à Lusofonia, a Portugal e sua língua e deixar de fora a região onde nasceu a língua portuguesa há mais de dez séculos.

É um crime de lesa língua de todos nós. A Língua que se fala na Galiza é uma variante do Português como a do Brasil, Angola, Moçambique e tantas outras, com a peculiaridade de ter sido o berço da mesma língua comum, e jamais houve exclusão por parte da CPLP das regiões lusofalantes do mundo.

Trata-se de uma medida obviamente ditada por preconceitos políticos e contra a qual a AICL se manifesta veementemente não só apoiando a subscrição da Petição como encorajando todos os seus associados e participantes nas suas iniciativas a protestarem publicamente contra esta injustiça feita à língua portuguesa e à AGLP. Iremos manifestar o nosso desacordo de todas as formas possíveis e ao nosso alcance até ver reposta a equidade da proposta de admissão da Galiza através da AGLP no seio da CPLP.

Ass. Chrys Chrystello, Presidente da Direção da AICL

VILA DO PORTO, 5 DE outubro 2011

Veja aqui na RTP: <http://videos.sapo.pt/wCWCmUllYg8fuAQJ6ilz>

Obrigado marienses por nos deixarem ficar uma semana inesquecível na vossa ilha que queremos adotar como nossa. No fim deste Colóquio sinto que valeu a pena o esforço e trabalho e recarreguei baterias para novas aventuras lusófonas. Deixo, a terminar, poemas sobre Santa Maria em tributo a esta Ilha-Mãe tão injustamente esquecida no arquipélago bem como outros dedicados ao Daniel, Vasco e Eduardo...

1004. VOLITANDO 4 MAIO 2011

vieram os deuses
plantaram ilhas
onde dantes havia água
uma era Ilha-Mãe,
havia a mãe-ilha,
outra marilha,
a ilha menina
a ilha-filha
nove irmãs
filhas de poseidon e de afrodite
nascidas da espuma do mar

nos montes verdes
rugiam dragões
cuspavam fogo
tremiam os chãos
secavam ribeiras
vomitavam magma
choviam trovões
de thor filho de odin
esquecido das gentes e animais

pobres escravos e colonos
amanhadores de rochas e fomes
desbravadores de minguas
crentes e temerosos
orando promessas seculares
criam no destino e sabiam-se culpados

ainda hoje penam
com liberdades que não pagam dízimos
votam com os pés da emigração
a libertação de todas as cangas
mas voltam sempre
romeiros em promessas várias
açorianos até ao tutano

sem alforrias nem autonomias
perenes escravos destas ilhas
escrevem a história que poucos leem

1007 TANTO MAR (AO VASCO) [PICO, 9 AGOSTO 2011]

tanto mar
e não cabem nele
os teus fogos ocultos

tanto mar
e nele flutua
a tua prosa

entre nuvens escrevo
pairando sobre as ilhas
te deram vida

sustento
inspiração

tanto mar
tanta montanha

vulcões por trepar
marroços por construir
baleias por capturar

no teu pequeno bote
prenúncio de liberdades
cravos e rosas

espinhos
espigas
da prainha do pico
à heroica angra
ao choupal das letras
pescador de palavras
lavrador de poemas

tanto mar
e não cabem nele
teus livros por acabar.

1008 MAIA [AO DANIEL DE SÁ] (PICO 9 AGOSTO 2011)

das penedias da tua maia
avistas o mar
 teme-lo
 afugenta-lo
com tuas palavras
narras histórias antigas de encantar
contas lendas de tempos que não vivi
habito lendas que ainda não leste
escrevo o que vivo e sinto
da janela do meu castelo
voltado ao grande oceano
à ilha mágica da autonomia
em nevoeiro de s. joão
s. miguel vive em terra
costas voltadas ao mar
por vezes tenho de o largar

da minha lomba
o mar não temo
 nem repelo
nem suas águas em descabelo
nem suas terras de tremores
 convulsões
medos, pavores, temores

audacioso ou petulante
abro-me ao seu encanto
enleiam-me adamastores e sereias
 e me embalam

deixo-me seduzir
 sem atropelo
vogo nas ondas
as correntes me levam
velas enfunadas
 ao sabor da maré

nem sei quantos
dias, meses ou anos
andei marejando
 sem destino
 sem vocação

aribo noutra ilha
 mística
 mágica
abrigo-me na sombra
 de seus cumes
 vulcões endormidos

no magnético pico
crio este sortilégio
sem bruxas
nem feiticeiras
 curandeiras
 mezinheiras
 macumbeiras
noutros tempos era astrologia
contavas tu daniel
 seus segredos sem papel
hoje é apenas
e já
poesia.

saravá poeta amigo

1009 (MARIA NOBODY, À MARIA MÃE, PICO, 9 AGOSTO 2011)

maria nobody
de todos ninguém

de alguém
 de um só
maria nobody
com body de jovem

maria só minha
assim te sonho
assim te habito

maria nobody
de todos ninguém

maria nobody
mãe
 amante
 mulher
minha maria

maria nobody
de todos ninguém
nem sabes a riqueza
que a gente tem

maria nobody
de todos ninguém

maria só minha
dos filhos também
maria nobody
mais ninguém tem.

1015. A NAU SEM ESCORBUTO 24 AGOSTO 2011

arribou nesta praia
a nau sem escorbuto
sem mastro nem pendão
sem carga nem marinhagem

não trazia especiarias das índias
nem arroz do sião
nem compradores de meca a malaca
nem lusitanos feitores

nesta açoriana plaga
longe do mar eritreu
sem canal do suéz
há mouros e maometanos
de malabar e das arábias

ocupam lugares de proa
a barlavento das gentes
não vieram de calecute nem cipango
não cuidam da pimenta
da noz, do cravo e canela
não foram a banda, ceilão ou malucas
terras de gentios já têm que sobrem

e como dizia camões
de longe a ilha viram, fresca e bela,
que vénus pelas ondas lha levava
(bem como o vento leva branca vela)
para onde a forte armada se enxergava.

chamam-lhe sua e de mais ninguém
como samorim a regem
saudosos de marajás e palácios
ofertam bugigangas aos nativos
promessas vãs e eleitorais

e eu aqui sentado nesta ameia
em castelo sem pendão
da seiteira envio migalhas de letras
a todos que não têm literário pão
crónicas avulsas de vidas vividas
pecados sem perdão

e o povo sem saber da fome
do frio que aí vem
das vacas que se foram
do leite que não mungiram
dos campos que não araram
das colheitas que não comeram
feliz vota nos que prometem
a solução

lá fora há guerras sem pátrias
mutilados e estropiados
cá só temos sem-abrigo
pakfanistas⁸⁸ e malfeitores
assaltantes, meliantes
económicos dissabores
da troica que tudo leva
e cobra dívidas que herdamos
de tantos ditos senhores

não há santos que nos valham
nem procissões e andores
preces e velas acesas
romeiros de todas as dores

somos um povo infeliz e abúlico
sem sonhos nem destemores
vergados ao duro peso
de vis especuladores

da história magnânima nem sombras restam
nem bardos nem cantores
nem escribas dedicados

⁸⁸ Pakfanistas, termo macaense designando os fumadores de pak fan, white powder, pó branco OU HEROÍNA.

o povo sofrendo medos
erros grosseiros
enganos ledos

sem naus nem caravelas
sem especiarias nem língua franca
sem religião nem outra paixão
cantando fados a tétis
sem espadas nem aduelas

o povo sofria compungido
chorando lágrimas de crocodilo
santa democracia e liberdade
escravo de novo acorrentado
à míngua de dízimos e outros enfados
sem contar os créditos malparados
comia demagogia e pagava iliteracia
via futebol, telenovelas e lia jornais desportivos
com as letras aprendidas nas novas oportunidades
vendia os anéis e comia os dedos
emigrava quando podia
queixava-se da sorte caipora
temia do Governo as novidades

a geração rasca passara a parva
timidamente se manifestara quanto à crise
a austeridade enriquecia bancos
à custa do suor do povo já suado
não descera às ruas este povo
de brandos costumes se dizia
nem eram plebe nem gleba
antes novos-ricos da miséria

uma vez ancorada a nau do fmi
em terra de infiéis e gentios
não daria berloques aos nativos
apenas o chicote e a chibata
as grilhetas de trabalho escravo

e um poeta solitário
no alto do seu castelo
gritava a bom gritar
mas não o ouviam as massas
sem perderem tempo para se educar
e acreditavam nos seus donos
com promessas a acenar

e o jardim à beira-mar plantado
há muito estiolado morria devagar
sem gente para o cuidar
e dos vindouros muitos virão
dizer que o poeta pressagiava
o fim da bela nação

1016. A ILHA-MÃE 29 AGOSTO 2011

a Ilha-Mãe ficou sentada à janela
virgem e solteira
esperando o príncipe encantado
na nau do nunca mais

se penteou e vestiu
abriu a ventana
pôs a mão em pala
e olhou o mar imenso
213160 dias para ser exato

na praia do Capitão na baía dos anjos
nenhum barco aportou
até um célebre quinze de agosto,
aniversário de Gonçalo Velho na Praia dos Lobos,
em que os batéis vieram do mar
trazendo mouros infiéis

os argelinos as mulheres arrebataram
eram moeda de troca as cativas
em mercado de escravos ou resgate

chorou lágrimas amargas
e orou à senhora dos anjos
acordou com centenas de marienses
a salvo na furna de sant'ana
escondidos dos saqueadores

viu um cortejo de piratas a cavalo e a pé,
rufando tambores e tocando cornetas
em debandada para o mar

voltou para a sua janela
sonhou com príncipes enfeitados
jovens cativados do seu olhar

ainda hoje se pode ver a sua sombra esguia
em noites de maresia
acenando um lenço branco
a quem queira desembarcar

só sai à rua em dia de procissão
vestida com véus e organzas

finas cambraias sem outras iguais
senhora dos anjos
redentora da Ilha-Mãe

1017. A ILHA DE TODOS OS MEDOS (RIBEIRA QUENTE, POVOAÇÃO, 31 AGOSTO 2011)

uma ilha pode ser de todos
independentemente de onde se habita

viver na ilha é quase um naufrágio
respirar sob as águas turvas
viajar através do corpo submerso
vir à tona turbulenta

para partir da ilha sem sair dela
levá-la para mundos outros
recriar a origem em qualquer destino
crenças, festas e procissões

uma ilha pode ser de todos
mas só alguns a possuem
menos a apresentam como passaporte

vergonha natural de regionalismos
canga feudal de séculos
atraso, incultura, insucesso

vencer na escrita fora da ilha
sotaques polidos, discursos alheados
Bl estrangeirado
arrogância, ostracismo, sem açorianismo

uma ilha pode ser de todos
merecem-na quem a habita
os livros a quem os lê

deneguem anátemas de ilhanizados e açorianizados
albardem-se oportunistas da literatura
abrigados em rótulos autonomistas
enjeitem escritores renegados
tertúlias de Lisboa a Coimbra

promovam-se os que se não promovem
os que sentem o que escrevem
os que redigem esta alma única
este sabor a mar e tremores de terra
pedreiros do magma e lava

raiz original e comovida⁸⁹
com lágrimas de gente infeliz⁹⁰
em relação de bordo⁹¹
de histórias ao entardecer⁹²
na ilha de nunca mais⁹³

louvem-se e publiquem-se noviedições
de o lavrador de ilhas⁹⁴
marinheiro com residência⁹⁵
nas escadas do Império⁹⁶

leia-se que fui ao mar buscar laranjas⁹⁷
ou fui ao pico e piquei-me⁹⁸
à boquinha da noite⁹⁹

estude-se a cor cíclame e os desertos¹⁰⁰
na distância deste tempo¹⁰¹
plantador de palavras vendedor de lérias¹⁰²
os silos do silêncio¹⁰³
em a ilha grande fechada¹⁰⁴
quando Deus Teve Medo De Ser Homem¹⁰⁵
e era o príncipe dos regressos¹⁰⁶
em a sombra de uma rosa¹⁰⁷
quando havia almas cativas¹⁰⁸
no contrabando original¹⁰⁹
estava o mar rubro¹¹⁰

era desta açorianidade
desta literatura açoriana
que vos queria falar

89 Cristóvão De Aguiar
90 João De Melo
91 Cristóvão De Aguiar
92 Fernando Aires
93 Fernando Aires
94 J H Santos Barros
95 Urbano Bettencourt
96 Vasco Pereira Da Costa
97 Pedro Da Silveira
98 Álamo Oliveira
99 Dias De Melo
100 Maria De Fátima Borges
101 Marcolino Candeias
102 Vasco Pereira Da Costa
103 Eduíno De Jesus
104 Daniel De Sá
105 Daniel De Sá
106 Eduardo Bettencourt Pinto
107 Eduardo Bettencourt Pinto
108 Roberto De Mesquita
109 J. Martins Garcia
110 Dias De Melo

medram poetas nestas ilhas
contistas, ensaístas, romancistas
narradores, dramaturgos e sonhadores

deixai-me hastear a bandeira deste povo
e gritar o que lhe vai na alma

uma ilha pode ser de todos
independentemente de onde se habita
deixai que a chame minha

ninguém a quer
ninguém a sonha
como os que nela se querem
nela nascidos,
nela vividos,
nela transplantados
criando raízes que nenhum machado cortará
dando frutos e flores que só o poeta cantará
levando-a nos sonhos que só vate sonhará

uma ilha pode ser de todos
mas quero-a só para mim
pretendente único à sua razão
namorado, amante e noivo
mulher ardente para cortejar

mãe de todas as filhas
mar de todas as ilhas
amor de terra e mar
ilha de todos os medos

uma ilha pode ser de todos
sem temores do medo
na ilha de todos os medos

1019. ÉS COMO A ILHA (MOINHOS 3.9.011)

és como a ilha
take us all for granted
para que tomemos conta de ti
como se a natureza não o soubesse
não o fizesse
até melhor do que nós

és como a ilha
nem um afago, um carinho
quando ergueste a mão numa carícia?
antes desabas como o denso nevoeiro
choves palavras do tamanho de saraiva
como quem regurgita ribeiras
que as margens já não contêm

frequentemente inundas as praias
agressivamente com altas marés
como se falar fosse já um tsunami

és como a ilha, solidão
sempiterna, apática
lideras a repressão desumana
de teus dias sem intrigas
e esta imitação de vida
amorfa, resignada
geografia anónima
soçobrança
preenches os vazios frios
sem um afago, carinho

és como a ilha, solidão
e eu habitante ou transgressor
amante rejeitado
despojado de tudo
neste cárcere sem grades
sem forças para nadar
nafragado em terra
só o mar me cerca
mero pixel na paisagem

1020-1. A CRIAÇÃO DO MUNDO 12-9-2011

deus sentou-se no rochedo do ilhéu de são lourenço
contemplou o presépio que acabara de construir
criou um porto e algumas grutas
parou em santa bárbara e pintou-a de azul
seguiu viagem pela baía do cura
ponta do cedro e do castelete
na maia criou cascatas e deixou um archote aceso
para que soubessem que o paraíso era aqui
aplainou terras férteis em santo espírito
alisou as areias na praia que ficou mui fermosa
subiu à malbusca e almagreira
plantou um jardim de éden nas fontinhas
e parou no pico alto a observar
as aves que voavam sobre o tagarete
virou-se para a direita e idealizou baías
do raposo, da cré, dos anjos e dos cabrestantes
deixando outro archote na ponta dos frades
em duas passadas foi ao ilhéu da Vila

em frente às ribeiras quedou-se à espera
adormeceu profundamente
ainda hoje se espera o seu regresso

1020-2 PITT MEADOWS KWANZA AÇORES, AO EDUARDO BETTENCOURT PINTO 22 SETEMBRO 2011

nasceste na savana com pés de basalto e lava
viveste na terra dos grandes desertos da África meridional
mas o teu rio é kwanza que acaba aos pés de Luanda
terra de surf na bela baía
teu nome é de magma ancestral
nasceste do fogo e da água
com raízes na Ilha-Mãe que buscas entender
teu nome não é pradaria em Pitt Meadows
mas belos trigais na British Columbia
zona alagadiça de deltas e lagos
Maple Ridge e o rio Pitt são teus parceiros
mas não esqueces o calor de África
nem a humidade arquipelágica
divides a vida entre amores e pátrias distantes
fazes da escrita uma fotografia
já que não retratas a poesia
mas algo nos une que não as palavras
o mar imenso que nos separa

1022. A PAZ ZEN DO EDUARDO (BETTENCOURT PINTO) 16 OUTUBRO 2011

não esqueço as tuas palavras
o tom suave das tuas falas
lavrador de verbos
com medo de ferir as terras
arando sentenças
como se fossem seres vivos

estás de bem contigo e com o mundo
pacifista de vocábulo fácil
nem na imagética és agressivo
entras a medo
como quem pede desculpa
e saís fotografando
sorrateiro para não incomodar o ar
que respiras sem sofreguidão

tens o sofrimento e a dor
em sulcos profundos na alma
reclusos da poesia
que ainda não escreveste
prisioneiros invisíveis
carregas a dor de muitos mundos
oculta em véus diáfanos

falas mansamente para não ofender
lentas palavras na construção do mundo
não acalentas raivas ocultas
dialogas com as tuas fotos
condescendes com os humanos
partilhas a felicidade
de estar e de ser
únicas certezas que transportas
mas também sorris
como a criança que não foste
como o adolescente que não pudeste ser
como o jovem adulto que te obrigaram a viver
convertes mágoas em alegrias
partos difíceis e resignados
alquimias de amarguras

das aves sabes o voo tangencial
das plantas o ciclo vital
das ondas que são o teu leite
avistas as estrelas que te alimentam

a poesia é questão de minorias
só os privilegiados leem
menos ainda a entendem
dizem que escrevê-la é fácil
mas difícil é o que fazes
vives a poesia no teu dia-a-dia
a ti, irmão da palavra
obrigado por acreditares
em ti, como em Gedeão
o sonho comanda a vida
(ah! como eu gostava
de ser poeta
viver outras vidas

Utopia).

CRÓNICA 111 SORTE GALEGA 11.11.11

Hoje acordei sobressaltado, sonhei que me tinham imposto um novo Acordo Ortográfico decalcado do castelhano para que a língua portuguesa se vendesse mais no estrangeiro onde – como todos sabem – se fala imensamente mais espanhol que português. A ideia partira de Lisboa, com a conivência de Madrid, e *asi teríamos que hablar todos un portunhol* pois que – como toda a gente e mais alguém, também sabe – a língua portuguesa deriva do castelhano e só a partir de dom Dinis se alterou até à reunificação da Ibéria em 1580...

A partir daí uns esquerdistas portugueses profundamente anti-ibéricos mantiveram uma escrita distinta tentando dessa forma separar artificialmente os dois povos irmãos que - como todos sabem - são um só povo descendente dos celtiberos que dominaram toda a península até à invasão romana. A nova medida para entrar em vigor já a partir de 1 de janeiro 2012 visa implementar uma maior integração das economias dos dois países face a uma crise global que vem afetando toda a Europa. As mais-valias desta medida podem medir-se em poupanças imensas desde o marketing à educação com valiosas poupanças nos défices de cada país.

Como os portugueses sempre falaram espanhol não terão problema nenhum em adaptar-se às novas regras e beneficiarão de um mercado interno muito mais vasto para a sua produção de vinhos e outros produtos tão apreciados em toda a Ibéria.

Continuarão a beneficiar da presença das cadeias espanholas como a *Zara* e *El Corte Inglés* e dos vegetais, frutas e legumes espanhóis como já vem acontecendo há uns anos e poderão ter uma presença mais alargada da frota da Pescanova nas suas águas. Serão preservados aspetos específicos portugueses e da sua cultura sendo criados ministérios especialmente votados para esse âmbito, dada a enorme experiência do Governo de Madrid ao longo de séculos em preservar aspetos culturais das tribos que originalmente deram lugar à grande nação espanhola.

Afinal, ao acordar constatei que a região autónoma espanhola da Galicia contestava imenso estas novas disposições legais e insistia em falar português, chamando Galego ao seu dialeto espanhol...mal sabem eles a sorte que tiveram em estarem integrados no reino de Espanha há 500 anos em vez de estarem aparentemente independentes, nesta nação moribunda que é Portugal...

Nunca entenderam que o reino borbónico é que sabe o que é melhor para eles dada a sua posição privilegiada no mundo e a sua liderança do mundo hispânico que em breve os conduziria a novos e mais altos voos quando tomassem conta dos EUA onde já se fala mais hispânico do que inglês...

Ingratos galegos estes que nem sabem a sorte que tiveram....

CRÓNICA 112. A ASNEIRA 30 NOVEMBRO 2011

Caro Daniel [de Sá]

A HELENA não convenceu o Urbano Bettencourt a ir ao lançamento da ANTOLOGIA BILINGUE DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS, mas conseguiu convencer a Lina (Idalina Ruivo Aires, viúva do escritor Fernando Aires) ...e vai lá uma jornalista do Açoriano Oriental que te quer conhecer pois vais ser o primeiro autor açoriano que vai ler - por indicação minha e da Rosário Girão...e chamam-se eles jornalistas...

Parece uma professora colega da Helena que lhe disse que não comprava a Antologia porque nunca na vida tinha lido um livro e não ia começar agora... Querem formar gente com profs assim?...como sabes a minha mãe é prof primária como tu e tinha criadas (na altura não eram auxiliares técnica de higiene doméstica) a quem ajudou a fazer a 4ª classe.

Algumas delas tinham mais conhecimentos e cultura que alguns destes alegados professores de agora...já desabafei...

t'abraço não do tamanho do mar, mas do tamanho da fossa abissal do Canal do Triângulo...

chega?

Chrys

e o Daniel respondia assim

Porquê a surpresa?

A jornalista não leu ainda um autor açoriano porque deve ter tirado o curso na nossa universidade, cujo é de jornalismo e cultura geral.

Onde metes aí escritores açorianos? Quanto à sô pessorá, não ler faz parte do quadro mental da maioria.

No máximo, terá lido a "Maria", que é uma revista altamente recomendável, muito usada por pessoras e advogadas.

Uma vez, abri por acaso uma revista dessas no café que agora é o Sagitário.

Dei logo com a secção de cartas e uma preciosidade.

Numa carta, um rapaz queixava-se de que tinha só um testículo e pedia, claro, um conselho.

Em outra carta, outro rapaz (ou o mesmo com outro nome ou a mesma jornalista com nome alheio) dizia que tinha três testículos e também pedia conselho.

(Já sei que estás a pensar "um dava um dos testículos a mais ao outro", mas ninguém deu esse sábio conselho.)

Bem fez a Indonésia, há anos, ao impor que os professores deveriam ler um livro por semana.

Lei razoável, se a lista não incluir "Guerra e Paz" ou "O Conde de Monte Cristo".

T'abraço do mesmo tamanho.

Daniel

Estou mesmo a ver a cena:

- Cara (revista) Maria posso engravidar se tiver sexo oral?
- O meu namorado é gay posso contrair SIDA?

Faz lembrar as anedotas que correm nos jornais sobre um abjeto programa da TVI chamado a "Casa dos Segredos" que mete sexo ao vivo e tudo o mais e no qual uma concorrente disse que a capital de África era Angola ou outra bojardice quejanda. Mas há açorianos que não desmerecem:

Na escola da Maia um aluno da minha mulher disse que a capital de Inglaterra era a Europa... Ainda há pouco tempo a revista Sábado fazia entrevistas a universitários que demonstraram uma ignorância atroz.

Disparates a rodos:

Manoel de Oliveira é um maestro,

o autor de 'Os Maias' morreu há pouco tempo,

Bush é o presidente dos Estados Unidos - país cuja capital é a Califórnia -,

Quem faz filmes é cinematógrafo,

O símbolo químico da água é PH zero

Leonardo Di Caprio pintou a Mona Lisa -

O teto da Capela Sistina foi obra de Miguel Arcanjo.

Ah, e a chanceler alemã é uma tal de Mércola.

Não se trata só de desconhecimento, pois no final a malta explicou, com orgulho, que de religião, artes, política, informática e cultura geral nada sabe, nem quer saber. Depois dá no que dá, temos um Governo que vai cortar dois dos mais simbólicos feriados civis, o 1º de dezembro (tantas vezes aqui escrevi sobre o tema) que marca o fim do jugo

castelhano sobre Portugal pela primeira e única vez na história em que perdeu a independência e o do 5 de outubro que representa a vitória da república sobre a monarquia. Será – decerto – por ignorância ou por serem maus alunos a história?

Por isso, para os ajudar compus umas linhas de homenagem a Natália:

529. HOMENAGEM A NATÁLIA CORREIA 29 novembro 2011

hoje
decididamente
vou escrever um poema
dedicado aos feriados
que nos roubaram
decreto
que todos os dias
feriados sejam abolidos
os dias da semana
também
e para não esquecermos
tais dias e feriados
se comemorem todas as datas
ao domingo
e seja domingo todos os dias

(e se nos convertermos ao catolicismo
não poderemos trabalhar ao domingo)

em homenagem a Natália Correia,

Poema destinado a haver domingo

...
Deixem ao dia a cama de um domingo
Para deitar um lírio que lhe sobre.
E a tarde cor-de-rosa de um flamingo
Seja o teto da casa que me cobre

Baste o que o tempo traz na sua anilha
Como uma rosa traz abril no seio.
E que o mar dê o fruto duma ilha
Onde o Amor por fim tenha recreio.
...
In Poesia Completa,
Publicações Dom Quixote 1999

CRÓNICA 113 APRESENTAÇÃO DO CD DA LIRA DA MAIA - 30 DEZEMBRO 2011

As bandas filarmónicas em Portugal contam com uma longa história que data do séc. XIX. A maior parte dos historiadores atribui a sua criação à influência dos militares franceses e britânicos durante a Guerra Peninsular de 1807-14 e sua incorporação como bandas do exército, que inicialmente eram apenas constituídas por elementos instrumentais de metal e percussão (trombetas e tambores) destinados a acompanhar os exércitos nas paradas e marchas de campanha. Mais tarde, novos instrumentos foram adicionados para conseguir outros efeitos sonoros.

Com o decreto de 1809 que obrigava todos os regimentos de infantaria da época a terem banda de música, Portugal começou a manufaturar os instrumentos necessários em 1830 e – vinte anos depois – estavam massificadas as bandas. Enquanto a música brilhava nos salões das cortes e nos teatros reais, vivia-se a época de Beethoven (1770-1827) quando se criaram as primeiras bandas militares.

Os movimentos políticos e sociais do séc. XIX contribuíram para a sua disseminação sendo, porém, nos meios rurais que elas mais cresceram, estreitamente ligadas à Igreja e às festas religiosas anuais. Inicialmente o seu papel era o de acompanhar procissões e tocar um concerto comunitário que se designou como arraial. Ainda hoje se mantêm estas características na maior parte das cerca de cem bandas existentes nos Açores. Somos um povo de música e é fundamental que se preserve essa característica.

A sua influência não ficou por aqui, pois foi levada nas malas de todos os que tiveram de deixar o arquipélago. Por exemplo, no Canadá surgiram com as primeiras levas de emigrantes açorianos em 1953. A música ocupa lugar de destaque em todas as civilizações e no património cultural, social e cívico das comunidades da nossa região, as Filarmónicas avultam como um valor fundamental no seu acervo.

Estas instituições refletem maneiras muito diferentes de as compreender, sendo verdadeiros Conservatórios do Povo onde o testemunho é passado de geração em geração. São locais de convívio frequentados por pessoas de todas as idades e diferentes condições económicas, políticas e sociais, sendo um local por excelência para orientar e ocupar os jovens, e – nalguns casos – o único ponto de encontro de comunidades. São igualmente elementos indispensáveis das nossas vilas e freguesias, animando procissões e arraiais, sendo autênticas bandeiras, embaixadoras das comunidades que as albergam.

Como disse o presidente do Governo regional, Carlos César, no discurso proferido em 10 de agosto de 2004 em Angra do Heroísmo, por ocasião da inauguração do Palacete dos Silveira e Paulo, constituem um riquíssimo património de arreigada tradição.

Património e tradição que não podemos perder.

leio-vois sequetamente em curto

HISTORIAL DA LIRA DO ESPÍRITO SANTO DA MAIA

Esta Associação foi fundada em 24 de Agosto de 1937, pelos sócios da empresa de transportes públicos "Caetano, Raposo & Pereiras", senhores Virgínio Caetano Oliveira, Eugénio Pereira Furtado, João Eusébio Leite, Eugénio Pereira de Moraes, Joaquim Pereira de Moraes e pelo empresário Sebastião Bento do Couto, todos já falecidos. Teve como protectores principais os Srs. Albano da Ponte, Nicolau Raposo d'Amaral, o Dr. Guilherme Poças Falcão e o industrial madeirense Diogo Martinho de Freitas. A sua primeira apresentação pública aconteceu em 3 de Abril de 1938.

Desde sempre que a Lira do Espírito Santo tem tido escolas de música, com uma média de frequência de 12 alunos anualmente, rondando o aproveitamento os 50%. No seu currículo, como é natural, predominam os concertos realizados na ilha de São Miguel e o acompanhamento de procissões por altura das festas anuais das paróquias ou dos Impérios do Espírito Santo, num total de cerca de 30 a 35 actuações. Haverá ainda a considerar outras participações, nomeadamente celebrações da Semana Santa

Como momentos mais importantes, destacam-se concertos realizados na Ilha de Santa Maria, em Montemor-o-Velho – este ao abrigo de um intercâmbio entre as respectivas filarmónicas –, nas Grandes Festas do Espírito Santo em Fall River, nas Sanjoaninas na Ilha Terceira e nas Festas do Senhor Santo Cristo na Ilha Graciosa. Este ano no mês de Junho deslocou-se ao Canadá para as Festas de São Pedro, em Gatineau, onde permaneceu durante 15 dias.

Vários elementos desta Banda distinguiram-se como músicos da Banda da Zona Militar dos Açores, da Banda Juvenil dos Açores e de Bandas nas comunidades emigrantes nos Estados Unidos da América e Canadá, alcançando alguns assinalável êxito como maestros ou compositores.

Têm sido regentes da Lira do Espírito Santo da Maia grandes figuras da música açoriana, como Benjamim Rodrigues e Mário Coelho (este natural de Angra do Heroísmo). Um dos seus executantes, Manuel da Costa Araújo frequentou um curso de Regentes de Bandas Filarmónicas na então FNAT em Lisboa, tendo-lhe sido atribuído o 2.º lugar e mais tarde José Fernando Carreiro, que por vezes assumia a regência, frequentou também o Curso de Regência do INATEL, tendo obtido elevada classificação. Em 2006 o ora Regente Paulo Jorge de Medeiros Pereira, natural desta freguesia da Maia, frequentou um curso para Regentes de Bandas organizado pela Federação de Bandas dos Açores na Ilha de São Jorge, onde as suas qualidades de regência foram distinguidas pela organização do evento.

Como exemplo típico da actividade desta banda pode considerar-se a do ano de 2010:

- Escola de Música
- Festa da Flor - Ribeira Grande
- Procissão dos Enfermos - Maia e Furnas
- Procissão do Senhor Morto - Maia
- Procissão das Endoenças - Maia
- Domingas e Coroações - Maia, São Brás
- Proc. e Arraial do Stmo. Sacramento - Maia

Citar

Inéa

*Jaime Serra
da Maia*

- Procissão e arraial de Santana - Furnas
- Procissão da Conceição - Ribeira Grande
- Procissão e arraial - Fenais da Ajuda
- Procissão e arraial - São Brás
- Procissão e arraial - Lomba da Maia
- Procissão e arraial - Porto Formoso
- Procissão - Ponta Garça
- Procissão e arraial - Lombinha da Maia
- Procissão e arraial de Nª Sª do Rosário - Maia

A Lira do Espírito Santo da Maia foi declarada Instituição de Utilidade Pública por despacho da Presidência do Governo 2000/46, publicado no Jornal Oficial II Série - Número 17 de 26 de Abril de 2000, <

A sua nova sede foi inaugurada a 18 de Julho de 2009, sendo construída uma obra de raiz, com arquitectura moderna, ~~e teve participação nomeadamente de:~~

- ao apoio de*
- Governo Regional dos Açores, através da Secretaria da Habitação e Equipamentos
 - Direcção Regional da Cultura
 - Câmara Municipal da Ribeira Grande
 - Junta de Freguesia da Maia
 - A participação de Particulares

E é a Lira do Espírito Santo da Maia que hoje aqui vai lançar o seu CD e tocar 12 composições de Natal. Os meus votos de boa vida a esta Harmoniza

AGRADECIMENTOS PELA CONSTRUÇÃO DA SEDE E NA AQUISIÇÃO DE INSTRUMENTOS

- Governo Regional dos Açores
- Câmara Municipal da Ribeira Grande
- Junta de Freguesia da Maia
- Pedro Pacheco (Beleza)
- Manuel Moniz (Mani da Natália)
- Edy Ribeiro (Granitos Edy)
- António Clementino (António da Cova)
- João de Medeiros Serpa
- Engº Hermano Mota (Chá Gorreana)
- José Raposo Pereira
- Dinarte Serpa
- Edite Serpa
- Jorgina Borges (Carlos Melo Castanho Herd's)

CRÓNICA 114 VIVA O 24 DE ABRIL QUE ESTE SIM DEVERIA SER FERIADO, NÃO É? 24 ABRIL 2012

Viva o 24 de abril que este sim deveria ser feriado, ainda não se lê nos jornais todos, mas ouve-se nas esquinas das ruas e nas mesas do café.

Depois da censura económica, da autocensura e de todas as formas dissimuladas de censura, vão-se fazendo inquéritos, elege-se Salazar como a personalidade do século passado, mandam-se emigrar os jovens, promove-se o cinzentismo salazarista e tentam calar-se as vozes diferentes. Mais ano menos ano acaba-se com o feriado de 25 de abril que nada tem a ver já com o clima que se vive.

A revolução continua por fazer, a liberdade de expressão corre sérios riscos, agora que as outras liberdades se foram por causa da crise, o respeito pela diferença esbateu-se mais ainda, vamos tornar as massas ainda mais acinzentadas, uniformes e carneiramenta por entre saudosismos (dantes era o sebastianismo, agora será o salazarismo salazarento.

Por entre uma telenovela, Fátima e futebol o povo nem dá conta de como o levam para novo redil. Há 38 anos deram a liberdade a Portugal e hoje no-la tiram.

Eu continuarei (quase sozinho) um homem do 25 de abril até que me caíem, mas somos já muito poucos e menos ainda podem usar a voz. Hoje ainda me deixam escrever isto, mas por quanto tempo mais?

Há seis anos publiquei no Crónica Açores umas linhas em que prevenia e previa este status quo ([ler crónica 87](#)) Incrível é que após mais de cem anos dessa lição, ainda nos encontremos tão desamparados, inermes e submetidos aos caprichos da ruína moral dos poderes governantes, que vampirizam o erário, aniquilam as instituições, e deixam aos cidadãos os ossos roídos e o direito ao silêncio: porque a palavra, há muito se tornou inútil!

Agora, o politicamente correto ameaça o humor. A crise fará o resto e aí - sim - estarei definitivamente calado se não morrer antes. Só tivemos 38 anos de liberdade comparados com 48 de ditadura obscurantista, mas pouco temos a celebrar neste ano de 2012 em que nos querem fazer recuar aos anos 50 ou 60 do século passado, a História em marcha à ré. Este ano vou gritar que o 25 de abril devolveu um direito fundamental: o direito à livre expressão e esse é o último que ainda posso celebrar nesta data.

CRÓNICA 115. 17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, MAIO 3, 2012

O 17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, tal como esperado, foi um sucesso com mais de 5 dezenas de investigadores e académicos que participaram, de 30 de março a 3 de abril na Lagoa. Estiveram presentes nove autores açorianos e / ou seus descendentes a quem se prestou uma vídeo homenagem enquanto se anunciava a tradução de excertos de alguns deles para francês, a disponibilizar na página dos Colóquios.

Foi lançado o 14º Caderno de Estudos Açorianos dedicado a Maria de Fátima Borges e um MANIFESTO da lusofonia em tempo de crise. Surgiram convites para divulgar os autores açorianos em países como o Canadá e a Roménia. Houve uma sessão de poesia açoriana seguida de um recital do cancionero açoriano com a presidente do conselho executivo do conservatório regional de Ponta Delgada e duas alunas (flauta e viola da terra).

Igualmente se deu a hipótese ao grupo musical infantojuvenil Velvet Carochinha da escola EBI da Maia de atuar na sessão de abertura no Convento dos Franciscanos onde estiveram na mesa o secretário do Governo Regional, Dr André Bradford, o presidente da câmara municipal da cidade da Lagoa, os 3 patronos dos Colóquios da Lusofonia, Professores Doutores Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras), a mestre Concha Rousia da Academia Galega e o escritor moçambicano João Craveirinha em substituição da Doutora Maria de Jesus Barroso que não pode viajar por impedimento médico.

Foram apresentadas 3 obras literárias, duas das quais açorianas, com uma mostra de livros de vários autores açorianos e houve duas representações teatrais de um grupo do Rio Grande do Sul. Consideram-se cumpridos os objetivos de divulgação da literatura contemporânea açoriana e o interesse no trabalho de tradução dos mesmos para vários países.

Graças aos apoios da Direção Regional das Comunidades, Câmara Municipal da Lagoa e da SRCTE foi possível trazer oradores e participantes presenciais dos seguintes países e regiões:

AÇORES 13 (TERCEIRA, FLORES, S. MIGUEL, PICO)
ALEMANHA 1
AUSTRÁLIA 1
BÉLGICA 1
BRASIL 11
CANADÁ 2
EUA 5
GALIZA 5
ITÁLIA 1
MOÇAMBIQUE 1
PORTUGAL 13
ROMÉNIA 1

Estiveram representadas 12 nacionalidades e regiões neste evento.

Os temas eram: TEMAS 17º COLÓQUIO abril 2012 LAGOA

1. Lusofonia, Literatura, Ensino, Formação, Geografia Humana E A Língua Portuguesa No Mundo.

1.1. A (defesa e preservação da) LÍNGUA PORTUGUESA EM TEMPO DE CRISE qualquer que seja o país ou região onde haja Lusofalantes (DEBATE DO MANIFESTO AICL 2012)

1.2. Lusofonia num contexto global. Questões e Soluções.

1.3.1. Literatura.

1.3.2. Ensino.

1.3.3. Didática.

1.3.4. Formação de Professores

1.3.5. Currículos regionais e nacionais

1.4. Literatura (de matriz) açoriana: autores contemporâneos, história recente, perspetivas e projetos (editoriais e outros)

1.4. Geografia de um Povo: Açorianidade no mundo (guetos, comunidades transplantadas, comunidades integradas, comunidades desenraizadas, etc.)

2. ESTUDOS DE TRADUÇÃO

2.1. Literatura lusófona, tradução de e para português

2.2. Revisitar a Literatura de Autores estrangeiros sobre os Açores por exemplo:

Ashe, Thomas / Haydn, Joseph (1813): *History of the Azores, or Western Islands, containing an account of the Government, Laws, and Religion, the Manners, Ceremonies, and Character of the Inhabitants and demonstrating the importance of these valuable islands to the British Empire, illustrated by Maps and other Engravings*, London: Printed for Sherwood, Neely, and Jones.

Bullar, Joseph / Bullar, Henry (1841): *A winter in the Azores: and a summer at the baths of the Furnas*, vol. I, London: John van Voorst [vol. II com as mesmas referências bibliográficas].

Henriques, Borges de F. (1867): *A trip to the Azores or Western Islands*, Boston: Lee and Shepard.

Twain, Mark (1899): *The Innocents Abroad, Volume I*, Nova Iorque; London: Harper & Brothers Publishers.

John Updike "Azores", *Harper's Magazine*, March 1964, pp 11-37

Mark Twain, "Innocents abroad" (capítulos sobre os Açores, Faial), cap.V/VI

Maria Orrico "Terra de Lídia",

Romana Petri "O Baleeiro dos Montes" e "Regresso à ilha",

António Tabucchi "mulher de Porto Pim

2.3. Literatura Açoriana traduzida para outras línguas

3. Homenagem Contra O Esquecimento 2012: Autores Homenageados

Canadá: Eduardo Bettencourt Pinto

EUA: Caetano Valadão Serpa,

Arquipélago Da Escrita [Açores]: São Miguel) Eduíno De Jesus, Urbano Bettencourt, Daniel De Sá, Fernando Aires (Representado Pela Viúva Dra. Idalinda Ruivo Medeiros De Sousa), E Pela Filha Maria João Ruivo De Sousa; (Terceira) Vasco Pereira Da Costa, Joana Félix (Poetisa E Filha Do Escritor Emanuel Félix); ; Brasil: Isaac Nicolau Salum (descendente de açorianos) com a presença da filha Mª Josefina Leuba Salum

Outros (Poesia, Teatro E Música)

Cancioneiro Açoriano: Ana Paula Andrade, Ana Maria Ferreira, Beatriz De Almeida, Do Conservatório Regional De Ponta Delgada

Grupo Juvenil Velvet Carochinha Da EBI Da Maia, S. Miguel

Teatro Cia E Ato De Rio Grande Do Sul

Autor Moçambicano Convidado De Honra: João Craveirinha Em Substituição Da Doutora Maria De Jesus Barroso Soares que por razões médicas foi impedida de viajar.

115.1. COMO A IMPRENSA VIU AS CONCLUSÕES:

A criação de bolsas de estudo nas universidades portuguesas e brasileiras dedicadas a estudos da lusofonia para estudantes de vários continentes foi defendida no 17º Colóquio da Lusofonia, em S. Miguel, Açores.

"Numa altura de crise, estas bolsas justificam-se mais do nunca, tendo em vista a difusão da língua portuguesa e porque serve para criar contrapartidas económicas quando os alunos bolsheiros regressarem aos seus países de origem", defendeu Chrys Chrystello, presidente da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, em declarações à Lusa. Os Colóquios da Lusofonia estão a decorrer na Lagoa, ilha de S. Miguel, nos Açores, sob o tema: "MANIFESTO contra a crise: A língua como motor económico".

Entre as sete propostas apresentadas no manifesto consta a "criação de pelo menos 500 bolsas de estudo nas universidades portuguesas e brasileiras", tendo Chrys Chrystello referenciado o caso da China com "um forte investimento na Língua Portuguesa, com milhares de alunos licenciados em português."

A criação de bolsas permite "rentabilizar" a língua que atualmente representa 17 por cento do Produto Interno Bruto, não só em serviços, como na educação", acrescentou.

A proposta vai no sentido de o "Brasil disponibilizar 350 bolsas e Portugal 150 para estudantes de licenciatura, de mestrado ou de pós-graduação e terminada a presença dos alunos no país de acolhimento, os bolsheiros terão adquirido a função de embaixadores da língua portuguesa nos seus países de origem".

O manifesto defende a criação de "antologias bilingues para a disseminação de obras de autores lusófonos" e distribuição nos "países onde o português é ensinado como língua estrangeira".

Além disso, é proposta "a disponibilização gratuita de excertos de obras selecionadas de autores lusófonos para despertar o interesse por aqueles escritores" e "convidar as editoras de Portugal e do Brasil a fim de criar com as academias e outras entidades uma bolsa de edições para promover as obras dos maiores vultos que representam a escrita de cada um dos países lusófonos".

O reforço dos cursos de língua portuguesa, tanto presenciais como online são outras das sugestões do manifesto.

Para o presidente da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, são propostas "realistas aos Governos de Portugal e do Brasil", lamentando que a cultura "seja sempre a primeira área com cortes". "É o parente pobre, porque não dá votos.

É muito mais fácil trazer um artista pimba que atrai centenas de pessoas", sublinhou o especialista em linguística.

Os Colóquios da Lusofonia constituem um espaço privilegiado de diálogo e intercâmbio de ideias entre investigadores e estudiosos sobre literatura, linguística e história e contemplou "este ano pela primeira vez, uma homenagem conjunta a nove autores" e três lançamentos literários, entre os quais a Antologia bilingue de 15 autores açorianos contemporâneos, referiu Chrys Chrystello.

Outras conclusões:

1. Importa continuar a divulgar o manifesto AICL 2012 (abaixo).
2. Vamos continuar com a homenagem a vários autores em vez de um só em cada colóquio.
3. Iremos porfiar para levar os Colóquios a novos países e regiões, como Canadá e Roménia sugeridos neste colóquio, além dos que já estavam previstos na Madalena do Pico, Lagoa e Maia (São Miguel), Vila do Porto (Santa Maria) para o triénio 2013-2015.
4. Foi anunciada a publicação do 14º Caderno de Estudos Açorianos dedicado a Maria de Fátima Borges, que trimestralmente colocámos em linha na nossa página http://www.lusofonias.eu/cat_view/99-estudos-acorianos/103-cadernos-acorianos.html?view=docman.
5. A Universidade do Minho dentro dos acordos bilaterais existentes, e o seu mestrado de tradução continua a fazer traduções de excertos de obras açorianas que serão divulgadas nas nossas páginas.
6. A Universidade dos Açores manifestou publicamente a sua vontade de querer aliar-se aos Colóquios para o futuro.

115.2. MANIFESTO AICL 2012 CONTRA A CRISE, A LÍNGUA COMO MOTOR ECONÓMICO

A Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (AICL), preocupada pelas recentes decisões de natureza económica que põe em causa o cultivo e mesmo a continuidade da Língua e Cultura em Portugal, vem apresentar, pelo presente, algumas ideias que visam um estímulo económico através da língua e cultura, devendo a médio prazo servir para um estímulo maior à economia. Perante a existência de estudos que apontam a importância deste setor cifrado em 17% do PIB e considerando que Brasil e Portugal são os países que juntos reúnem melhores condições de proporcionar o arranque deste projeto, fica desde já a ressalva de que a eles se deverão juntar os restantes países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) quando estiverem dispostos a fazê-lo sem quaisquer receios de Quintos Impérios e de neocolonização cultural.

1.º. Buscar consensos entre os governos do Brasil e de Portugal para que sejam reforçados e lançados cursos de língua portuguesa – tanto presenciais como online - nas suas vertentes de 'Português Língua Materna' (PLM) e 'Português Língua Estrangeira' (PLE) em todos os quatro cantos do mundo.

Deve ser utilizada uma nova fórmula de conservação e propagação da lusofonia a nível mundial, como até agora não foi proporcionada quer pelo Instituto Camões quer pelo Instituto Machado de Assis e a CAPES, em três vertentes:

- a) aprendizagem e melhoramento da língua portuguesa como PLM ou PLE,
- b) literatura lusófona e,
- c) ciências de tradução.

Dever-se-á utilizar-se o Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP) da CPLP e o apoio de universidades e politécnicos dos dois países para tal fim.

Justificação:

Os cortes, por parte do Governo português, tanto no sistema no ensino de PLM (para filhos de pais lusófonos residentes em países não-lusófonos), como nos sempre escassos apoios à divulgação da lusofonia através de cursos de PLE (para apoiar o ensino a nível secundário e superior em países não-lusófonos) têm-se mostrado sumamente prejudiciais ao cultivo da lusofonia em países não-lusófonos. Como fruto desta política de abandono, não só acaba por ser posta em questão a capacidade dos filhos de emigrantes portugueses de comunicar de forma adequada em todos os níveis na língua materna, mas também a aquisição da língua portuguesa nos países não-lusófonos onde a cada vez maior ausência do Instituto Camões tem servido como justificação de eliminação de cursos de português. No Brasil, dá-se semelhante abandono do ensino de PLM e PLE nos países não-lusófonos. Apesar da existência do Programa de Leitorado nalgumas universidades em países não-lusófonos, organizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em parceria com o Ministério das Relações Exteriores (MRE), a rede é bastante reduzida e fica longe de atingir a importância que caberia ao Brasil numa escala internacional. Não consta a existência de uma rede de ensino de PLM, organizada pelo Estado brasileiro e que vise o ensino de PLM aos filhos de cidadãos brasileiros residentes no estrangeiro.

2.º. Buscar apoios das academias nacionais de língua portuguesa existentes, da CPLP, e de todas as restantes instituições para que contribuíssem para este projeto que deve abranger todo o mundo onde haja lusofalantes e interessados na aprendizagem da língua portuguesa.

Justificação:

No mundo lusófono existem várias academias que se dedicam ao cultivo e à normalização da língua portuguesa, nomeadamente em Portugal a Academia das Ciências de Lisboa (ACL), no Brasil a Academia Brasileira de Letras (ACL), bem como a Academia Brasileira de Filologia (ABRAFIL) e na Galiza a Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP). Para um projeto que visa fortalecer o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa em todo o mundo, consulta e o apoio por estas organizações não só é uma mais-valia, mas torna-se mesmo indispensável.

3.º. Criar pelo menos 500 bolsas de estudo anuais dedicadas a estudos relacionados com a lusofonia para que estudantes oriundos de países de todos os continentes possam frequentar universidades brasileiras e portuguesas.

Justificação:

Em conformidade com as capacidades financeiras dos países envolvidos, o Brasil poderia disponibilizar 350 bolsas e Portugal 150 para os melhores alunos dos cursos referidos em 1.º. Terminada a presença no país de acolhimento, os bolsheiros terão adquirido a função de embaixadores da língua portuguesa nos seus países de origem. Num regime a definir, a atribuição das bolsas poderá funcionar de forma semestral (p. ex. para estudantes de licenciatura), anual (p. ex. para estudantes de mestrado) ou plurianual (p. ex. para estudantes de pós-graduação).

4.º. Convidar as editoras de Portugal e do Brasil a fim de criar com as academias e outras entidades uma bolsa de edições a promover em todo o mundo as obras dos maiores vultos que representam a escrita de cada um dos países lusófonos, as quais seriam disponibilizadas nos vários países.

Justificação:

Uma vez que a unificação da ortografia permite a divulgação do mesmo texto em vários países, a disponibilização das obras literárias mais representativas de cada país aos outros países não só facilita o acesso recíproco a todas as literaturas lusófonas, mas permite a publicação de edições únicas que poderão entrar em vários mercados livresiros.

5.º. Criar antologias bilingues para a disseminação de obras de autores lusófonos e promover a sua distribuição nos países onde o português é ensinado como língua estrangeira.

Justificação:

À semelhança do que se realizou através da Antologia Bilingue de Autores Açorianos (2011), o fornecimento de antologias bilingues de textos literários de referência pode tornar-se indispensável numa primeira aproximação a textos portugueses tanto por parte de estudantes estrangeiros como de falantes da respetiva língua em que a antologia foi publicada.

6.º. Criar e despertar o interesse por autores lusófonos, através da disponibilização gratuita em linha de excertos de obras selecionadas de autores lusófonos.

Justificação:

Desde que se trate de obras isentas de direitos de autor ou que forem publicadas com consentimento dos autores, a divulgação de textos literários de forma digital, tal como está a ser feito com textos literários açorianos nos Cadernos de Estudos Açorianos, tem-se mostrado muito benéfica por ter atraído bastante interesse por parte dos utentes.

7.º. Evitar que as burocracias ministeriais e governamentais impeçam a imediata consecução deste projeto, pelo que deverá ser nomeada uma comissão de sábios para definir em detalhe este projeto, seu cronograma e custos

Este manifesto foi precedido da leitura do seguinte artigo

Em minha opinião, a crise do país [seja ele Portugal ou o Brasil] é mais do que tudo uma crise de ideias, de líderes, de pensadores e intelectuais, aliada ao capitalismo selvagem, dito neoliberalismo, que desde os anos 90 vem tomando dos meios de produção globais e manipulando os governos do mundo ocidental.

O país precisa mais de se servir dos seus «sages» para usar um termo francês em vez do mais habitual vocábulo “pensadores ou filósofos” que não incluiria todos os que pretendo incluir.

Um Conselho de Sábios, por assim dizer seria aquilo que o país necessita para vencer a crise e sairmos da podridão da partidarite viciada em cunhas, nepotismo e esquemas.

Teríamos depois, de estabelecer consensos alargados e um plano de mudança e ação a muito longo prazo e buscar a força e iniciativa dos mais jovens para as levar a cabo.

Não devemos deixar que Portugal se perca na sua atual insignificância quando grande parte da sua história foi feita de grandes homens que se sobrepuseram, pela sua visão, a gerações de séculos de Velhos do Restelo.

São estes que hoje guiam os nossos filhos e netos para uma subserviência e dependência total ao grande capital internacional sem esperanças de uma vida melhor.

Trata-se de um retrocesso ao pior da Grande Revolução Industrial ou rumo a uma criação de novos servos da gleba, automatizados, controlados e vigiados, mas sobretudo intelectualmente deficientes.

A receita universalmente seguida é a da ignorância, em que quase todos hoje vivem, aliviada com um voyeurismo exacerbado em Big Bordel (perdão Big Brother) e quejandos, e outras telenovelas da vida real que a TV projeta incessantemente nas horas poucas de lazer.

Acrescentemos a esta fórmula mágica o entorpecimento futebolístico que ajuda a exacerbar paixões e ventilar frustrações recalçadas e temos o caldo mágico para as gerações futuras.

Um sistema educacional e cultural forte seria a base para partirmos para o futuro em que ainda acreditamos.

Temos alguns exemplos de gente excepcional, mas infelizmente a grande maioria emigrou e faz carreira no estrangeiro porque este país só apoia a mediocridade.

Tratou-se de alunos que se não contentaram com a mediocridade do ensino e brilharam sem se deixarem enredar na modorra anquilosante dos que os governam. É esta situação de exceção que nos traz algumas esperanças.

A minha geração e, antes dela, a dos nossos patronos foi criada na certeza de que nada era fácil nem havia almoços grátis.

Havia trabalho, muito e mal pago, e a réstia de esperança de que este fosse reconhecido pois todas as promoções eram a pulso na longa escalada que ençetámos. Assim, essa geração subiu a novos patamares à custa de trabalho, esforço, estudo e aprendizagem contínua.

Tínhamos coisas sagradas a que chamávamos princípios e ética. Líamos, debatíamos, estudávamos e continuávamos a aprender toda a vida.

Nada era fácil.

Hoje constata-se o que foi feito nas últimas duas décadas para destruir o tecido escolar, com a facilitação extrema apenas para falsificar estatísticas, programas especialmente elaborados para ninguém ficar para trás, uma redução substancial da quantidade e conteúdo de matérias a aprender, o lento esquecimento a que a História foi votada porque os nossos antepassados eram politicamente incorretos, a marginalização da Filosofia porque poderia levar os jovens a pensar e os maus tratos dados à Língua Portuguesa.

Temos hoje uma vasta gama de professores incultos, e a maioria dos alunos analfabetos funcionais incapazes de compreender ou debater o que leem.

Os autores que estudamos foram substituídos para que hoje fosse quase impossível criar uma geração filológica-linguística como a do Cenáculo¹¹¹ ou até mesmo compreender esse fenomenal, extraordinária e inexplicável centro de espírito e de estudo, de fantasia, de ideias numa sociedade banal como era a de Lisboa naquela época.

O Cenáculo era uma reunião permanente de jovens em casa de Antero [de Quental], dia e noite, todos tinham ali os seus melhores livros, notas, provisões de princípios e de tabaco.

Cada um deles possuía conhecimentos profundos sobre, pelo menos, uma das ciências base que são a matriz do conhecimento: física, química, matemáticas, filosofia, direito, história e linguística.

Quando Antero regressa do estrangeiro pleno de ideias e leituras novas é como que a vinda do Rei Artur à Corte de Camelot e daí nasceram as Conferências do Casino, cheias de cultura europeia, de fervor revolucionário, da romanesca efervescência intelectual e sentimental.

Essa geração de jovens tentou trazer algo de novo e bom à nossa cultura, debatendo o Estado da Nação.

As Conferências do Casino podem considerar-se um manifesto de geração.

Perdoem esta curta digressão para vos explicar o que pretendo. Denominam-se assim por terem tido lugar numa sala alugada do Casino Lisbonense e foram uma série de cinco palestras realizadas em Lisboa no ano de 1871 pelo grupo do Cenáculo formado, por sua vez, pelas mesmas pessoas, que constituem a Geração de 70. Antero é o grande impulsionador desde 1868, iniciando os outros membros do grupo em Proudhon. A 18 de maio 1871 foi divulgado o manifesto, já anteriormente distribuído em prospectos, e que foi assinado pelos doze nomes que tinham intenções organizadoras destas Conferências Democráticas.

22 de maio de 1871- A 1ª Conferência:

“O Espírito das Conferências”, proferida por Antero de Quental consistiu num desenvolvimento do programa previamente apresentado. Antero referiu-se à ignorância e indiferença que caracterizava a sociedade portuguesa, falando da repulsa do povo português pelas ideias novas e na missão de que eram incumbidos os “grandes espíritos” e que consistia na preparação das consciências e inteligências para o progresso das sociedades e resultados da ciência.

Para Antero o ponto fulcral seria a Revolução, o seu conceito, que define como um conceito nobre e elevado. A conclusão da palestra termina com o apelo às “almas de boa vontade” para meditarem nos problemas que iriam ser apresentados e para as suas possíveis soluções.

27 de maio de 1871- 2ª Conferência:

“Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos últimos três séculos” também proferida por Antero. Em primeiro lugar Antero julga a História, como uma entidade, o juízo moral, social e político. Em seguida enumera e discute as causas da decadência. Aponta o Absolutismo, a Monarquia Absoluta que constituía a “ruína das liberdades sociais”, o centralismo imperialista que coartara as liberdades nacionais, rumo a uma cega submissão; por fim, o desenvolvimento de hábitos prejudiciais de grandeza e ociosidade que conduziram ao esvaziamento de população de uma nação pequena, substituindo o trabalho agrícola pela procura incerta de riqueza, a disciplina pelo risco, o trabalho pela aventura.

Para Antero a solução destes problemas seria:

“(…) a ardente afirmação da alma nova, a consciência livre, (...), a filosofia, a ciência, e a crença no progresso, na renovação incessante da humanidade pelos recursos inesgotáveis do seu pensamento, sempre inspirado. (...) a federação republicana de todos os grupos autonómicos, de todas as vontades soberanas, alargando e renovando a vida municipal (...) à inércia industrial oponhamos a iniciativa do trabalho livre, a indústria do povo, pelo povo, e para o povo, não dirigida e protegida pelo Estado, mas espontânea (...), organizada de uma maneira solidária e equitativa...”¹¹²[1] A conclusão insere uma dimensão progressista, a instauração de uma revolução, a ação pacífica, a crença no progresso inspirado na moralização social (Proudhon), num tom idealista e retórico.

5 de junho de 1871- 3ª Conferência:

“A Literatura Portuguesa” proferida por Augusto Soromenho, professor do Curso Superior de Letras que faz uma crítica aos valores da literatura nacional. Cita a negação sistemática dos valores literários nacionais, excetuando escritores como Luís de Camões, Gil Vicente e poucos mais. Tem a sua vertente revolucionária ao inculcar a ideia de que a literatura portuguesa deverá ter caráter nacional, mas pautada por valores universais. O modelo e guia desta renovação salvadora da literatura nacional seria Chateaubriand, com o conceito de Belo absoluto como ideal da literatura, constituindo esta um retrato da Humanidade na sua totalidade.

12 de junho de 1871 - 4ª Conferência:

“A Literatura Nova ou o Realismo como Nova Expressão de Arte” por Eça de Queirós salientou a necessidade de se operar uma revolução na literatura. A revolução é um facto permanente, porque manifestação concreta da lei natural de transformação constante, e uma teoria jurídica, pois obedece a um ideal, a uma ideia. É uma influência proudhoniana.

O espírito revolucionário tem tendência a invadir todas as sociedades modernas, afirmando-se nas áreas científica, política e social. A revolução constitui uma forma, um mecanismo, um sistema, que também se preocupa com o princípio estético. O espírito da revolução procura o verdadeiro na ciência, o justo na consciência e o belo na arte. A arte, nas sociedades, encontra-se ligada ao seu progresso e decadência e o artista sob a influência do meio, dos costumes do tempo, do estado dos espíritos, do movimento geral... Foca ainda as relações da literatura, da moral e da sociedade. A arte deve visar um fim moral, auxiliando o desenvolvimento da ideia de justiça nas sociedades. Fazendo a crítica dos temperamentos e dos costumes, a arte auxilia a ciência e a consciência.

19 de junho de 1871 - 5ª Conferência:

111 http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/eca_queiroz/conferencias_casino.html

112 [1] Quental, Antero de, 2ª Conferência: Causas da Decadência dos Povos Peninsulares, Casino Lisbonense, 27 de maio de 1871 in Medina, João, Eça de Queiroz e a Geração de 70, Lisboa, Ed. Moraes, 1980, 1ª ed., pp. 157-158.

"A Questão do Ensino" proferida por Adolfo Coelho traça o quadro desolador do ensino em Portugal, mesmo o superior, através da História. A solução proposta passa por uma mais ampla liberdade de consciência. Para Adolfo Coelho do Estado nada havia a esperar. Tomando isto em consideração, o remédio seria apelar para a iniciativa privada, para que esta difundisse o verdadeiro espírito científico, o único que beneficiaria o ensino.

26 de junho de 1871

Quando Salomão Saragga se preparava para realizar a sua Conferência "História Crítica de Jesus", o Governo, mandou encerrar a sala do Casino Lisbonense e proibir as Conferências. No mesmo dia, Antero redige um protesto no café Central, hoje Livraria Sá da Costa.

115.4. NO SÉCULO XXI

Vivemos hoje uma encruzilhada como a da Geração de 1870 e das Conferências do Casino, sendo a enumeração de problemas bem semelhante à de então.

Embora maioritariamente preocupados com os aspetos mais vastos da Língua Portuguesa, linguística, literatura, história, também nós constituímos um grupo heterogéneo unidos apenas naquilo que nos é comum, a língua de todos nós.

A nossa língua configura o mundo, sem esquecer, porém, que Wittgenstein disse que o limite da nossa nacionalidade é o limite do nosso alcance linguístico.

Os Colóquios são uma prova insofismável de que tudo é possível com custos mínimos desde que se dê liberdade às pessoas para criarem no seio da nossa associação projetos com os quais se identifiquem e que se destinam a pensar e debater amplamente, de forma científica, a nossa fala comum: a Língua Portuguesa de forma conducente ao reforço dos laços entre os lusofalantes – no plano linguístico, cultural, social, económico e político – na defesa, preservação, ensino e divulgação da língua portuguesa e todas as suas variantes.

Em defesa da Lusofonia, defendemos a nossa identidade como pessoas e povos, e em prol da variada língua comum com todas as suas variantes e idiossincrasias, impedindo que outras culturas e outros povos nos dominem cultural, económica ou politicamente, como alguns, ostensiva e claramente, defendem.

É aqui no nosso seio de oradores, patronos e patronos especiais como os que aqui temos hoje, que nos podemos afirmar como plataforma de arranque de uma congregação de um Conselho de Sábios e de jovens cultos e dinâmicos para pensar e agir rumo ao futuro sem nos deixarmos abater pelo negativismo da crise que visa embotar a nossa capacidade de realização.

Resumidamente foi isto que os Colóquios fizeram ao longo de uma década, numa prova da vitalidade que a sociedade civil atuante pode ter quando se congregam vontades e esforços de tantos académicos e investigadores como aqueles que hoje dão vida aos nossos projetos.

Resta apenas que todos os que aqui estão se juntem à AICL – Colóquios da Lusofonia para fazermos chegar o nosso MANIFESTO a toda a gente e aos governos dos países de expressão portuguesa e que este sirva de ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos. Com a vossa ajuda e dedicação muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil.

PARA TERMINAR INTERROGAMOS:

Quanto vale um idioma?

Se a língua portuguesa estivesse numa prateleira de supermercado, estaria num nicho de luxo ou esquecida em um canto, para promoção de minimercado? Estamos acostumados a medir o valor económico dos objetos a que um idioma dá nome, e não do idioma em si. Um recente estudo solicitado pelo Instituto Camões ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), em Portugal, encarou o desafio de medir essa grandeza, e revela que 17% do PIB do país equivale a atividades ligadas direta ou indiretamente à língua portuguesa. -É um percentual interessante e até conveniente, por ter ficado ligeiramente acima do que se apurou na Espanha relativamente ao espanhol (15%) - analisa Carlos Reis, da Universidade de Coimbra, professor visitante da PUC-RS e um dos fundadores da Universidade Aberta em Portugal, da qual foi reitor até julho passado. O índice leva em conta a importância relativa da comunicação e da compreensão em campos de atividades económicas. Privilegia, assim, relações económicas que exigem uma dada língua. E descarta atividades que podem ser executadas por trabalhador de outra nacionalidade ou competência linguística. Por essa lógica, ramos como ensino, cultura e telecomunicações seriam celeiros automáticos de atividades em que a língua é fulcral.

Além das "indústrias da língua" há as ligadas a fornecedores de produtos em português, como a administração pública, e as que têm forte conteúdo de língua, como o setor de serviços, ou a que induz maior conteúdo de língua para a economia como um todo, da indústria de papel à de eletrodomésticos.

Por último, o peso de processos em que o conteúdo de uma língua tem domínio menor ou só relativo, ainda assim enquanto fazem brotar impérios no próprio circuito de trocas de um idioma. No Brasil, é o que ocorreria, por exemplo, à extração de petróleo e de minérios, ou ao agronegócio. Apesar de o estudo não visar o Brasil, a pesquisa indica que o fenómeno se repete em coeficientes aplicáveis aos países lusófonos. Línguas com muitos utilizadores fornecem mercado maior para bens culturais. O crescimento sustentado da última década fez o gigante da língua portuguesa saltar aos olhos globais. O Brasil virou protagonista das relações comerciais mantidas entre países lusófonos, mercado que movimenta um Produto Interno Bruto que passou de US\$ 1,9 mil milhões em 2009 para US\$ 2,3 mil milhões em 2010, diz o Banco Mundial. Já o PIB dos imigrantes de língua portuguesa em outros países gira em US\$ 107 mil milhões (2009).

A diferença entre os países pobres e os ricos não é a idade do país. Isto está demonstrado por países como o Egito, que têm mais de 5.000 anos, e são pobres. Por outro lado, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia, que há 200 anos eram inexpressivos, hoje são países desenvolvidos e ricos. A diferença entre países pobres e ricos também não reside nos recursos naturais disponíveis. O Japão possui um território limitado, 80% montanhoso, inadequado para a agricultura e para a criação de gado, mas é a segunda economia mundial. O Japão é uma imensa fábrica flutuante, que importa matéria-prima do mundo inteiro e exporta produtos manufaturados.

Outro exemplo é a Suíça, que não planta cacau, mas tem o melhor chocolate do mundo. No seu pequeno território, cria animais, e cultiva o solo apenas durante quatro meses ao ano. No entanto, fabrica laticínios da melhor qualidade. É um país pequeno que passa uma imagem de segurança, ordem e trabalho, pelo que se transformou no cofre-forte do mundo.

No relacionamento entre gestores dos países ricos e os seus homólogos dos países pobres, fica demonstrado que não há qualquer diferença intelectual. A raça, ou a cor da pele, também não são importantes: os imigrantes rotulados como preguiçosos nos seus países de origem, são a força produtiva dos países europeus ricos. Onde está então a diferença? Está no nível de consciência do povo, no seu espírito. A evolução da consciência deve constituir o objetivo primordial do Estado, em todos os níveis do poder.

Os bens e os serviços são apenas meios...A educação (para a vida) e a cultura ao longo dos anos, deve plasmar consciências coletivas, estruturadas nos valores eternos da sociedade: moralidade, espiritualidade e ética.

Solução-síntese: transformar a consciência do Português. O processo deve começar na comunidade onde vive e convive o cidadão.

A comunidade, quando está politicamente organizada em Associação de Moradores, Clube de Mães, Clube de Idosos, etc., torna-se um microestado. As transformações desejadas pela Nação para Portugal serão efetuadas nesses microestados, que são os átomos do organismo nacional – confirma a Física Quântica. Ao analisarmos a conduta das pessoas nos países ricos e desenvolvidos, constatamos que a grande maioria segue o paradigma quântico, isto é, a prevalência do espírito sobre a matéria, ao adotarem os seguintes princípios de vida:

1. A ética, como base;
2. A integridade;
3. A responsabilidade;
4. O respeito às leis e aos regulamentos;
5. O respeito pelos direitos dos outros cidadãos;
6. O amor ao trabalho;
7. O esforço pela poupança e pelo investimento;
8. O desejo de superação;
9. A pontualidade.

Somos como somos, porque vemos os erros e só encolhemos os ombros e dizemos: "não interessa!..."

A preocupação de todos deve ser com a sociedade, que é a causa, e não com a classe política, que é o triste efeito. Só assim conseguiremos mudar o Portugal de hoje. Vamos agir!

Refletamos sobre o que disse Martin Luther King:

"O que é mais preocupante, não é o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, ou dos sem ética. O que é mais preocupante é o silêncio dos que são bons..."

CRÓNICA 116 AUTONOMIAS, 16-26 JUNHO 2012

116.1. GOSTAR OU NÃO DE PORTUGAL

Há dias assim, acordo ao nascer do sol, olho para as faldas da Bretanha, vejo o mar chão, os montes em frente com as suas vacas alpinistas e penso...tenho de fugir daqui...isto é uma ilha, mas é muito pequena...nada como a minha Austrália com espaço para dar e vender e apenas 22,5 milhões de almas incluindo as almas penadas. Noutros dias acordo e nada

se vê, chuva, nevoeiro cerrado e sinto-me como um gênio na garrafa, mas sem capacidade de oferecer os 3 desejos a quem me tirar da garrafa.

Nada disto melhora quando leio "O Chrys está sempre a atacar Portugal e a dizer mal..." (in Daniel de Sá).

A propósito da frase descontextualizada e supracitada, lembrei-me de que se há muitos modos de se ser um bom católico, além de ir à missa e bater com a mão no peito, também existem diversos modos de se gostar de Portugal, mesmo quando aparentemente se está sempre a atacar Portugal e a dizer mal. Gostar de Portugal ou dizer bem não são a única forma nem tampouco as mais representativas de se gostar do país e daquilo que nele existe.

Quando aparentemente se diz mal ou se aparenta não gostar, poderá uma pessoa estar a desejar que o país seja aquilo que não é, melhor do que a soma dos seus habitantes dá a entender. Só quando se gosta de um país se deseja que ele não seja viciado pela corrupção, nepotismo, falta de educação, falta de conhecimentos, e tantos outros mínimos denominadores comuns que o têm vindo a caracterizar nas últimas décadas.

PARA SE AMAR UM PAÍS PODE DESEJAR-SE QUE ELE SEJA MELHOR DO QUE NA PRÁTICA É, devendo dar a conhecer todos erros e limitações que o impedem de ser melhor, lutar para que as desigualdades gritantes que se têm vindo a intensificar nos últimos anos se reduzam, para que o fosso entre os ricos (novos-ricos de riqueza cuja origem é dúbia ou incerta no tocante à sua legalidade) e pobres não aumente exponencialmente como acontece, para que a educação redutora do atual facilismo se converta numa educação capaz em vez de produzir doutores e engenheiros (e etc.) para o desemprego, para que a ignorância generalizada das pessoas as não leve a eleger os maiores demagogos e aqueles que nunca nada fizeram na vida além de trabalharem para o partido e no partido..... é exigir uma nova atitude cívica

Foi isso que sugeri no 17º colóquio na Lagoa ao escrever que "A educação (para a vida) e a cultura ao longo dos anos devem plasmar consciências coletivas, estruturadas nos valores eternos da sociedade: moralidade, espiritualidade e ética.

116.2. ALGUÉM FALOU DE PROVINCIANISMO?

Claro que desde o início da minha estadia nos Açores, sempre pautei a minha posição pessoal pela defesa de uma verdadeira autonomia do arquipélago, em vez deste arremedo de autonomia envergonhada em que se vive, dependente do bom humor de quem está sentado na cadeira do poder em Lisboa. Ou como se assiste em 2011-2012 a um esvaziamento de competências decisórias "à cause de la crise".

O centralismo onipotente no seu melhor, sem respeito pela Constituição nem pelas leis da autonomia... A autonomia tem progredido lentamente, e em casos pontuais, para satisfazer os nativos sem incomodar os centralistas macrocéfalos em Belém, a não ser aquando do novo estatuto de autonomia inicialmente vetado pelo Presidente da República, Cavaco e Silva, que acabaria, contrariado, por promulgá-lo a 29 de dezembro de 2008. Claro que sei, e nisso concordam alguns nativos, que há provincianismo nos Açores e falta massa crítica e intelectual nos Açores de cá, por isso muitos temem a verdadeira autonomia e mais ainda a independência.

Há países bem mais pequenos, sem meios (menos que os Açores) e que são independentes de uma forma ou outra há décadas (estou a lembrar-me de uma dúzia de repúblicas do pacífico sul, entre outros...bastava ver como eles resolveram o problema da distância de milhares de quilómetros entre ilhas). A viver à custa de Lisboa é fácil atirar as culpas para o parceiro do lado, mas as culpas são dos sucessivos governos açorianos que nada fizeram para melhorar este estado de coisas (ao menos o Alberto João Jardim foi à falência, mas fez obra, a que alguns chamam progresso embora se mantenha muita miséria) por que a esses, lhes convinha manter o status quo e menos ainda fizeram para ampliar a autonomia e dar-lhe significado...aceitaram-na como um presente de meninos bem-comportados.

A visão açoriana do mundo é de tal forma paroquial que este arquipélago dificilmente seria independente, nem haveria gente suficiente e com "cojones" para o tentar. É uma utopia pensar nela pois não haveria gente com capacidade de aproveitar a riqueza da zona marítima exclusiva (afinal só foi descoberta agora ao fim de 37 anos de autonomia...) nem as outras potencialidades exclusivas dos Açores (se calhar não dava votos e não se fez nada por causa dessa necessidade que os políticos têm de se agarrarem ao poder através do voto popular). Depois haveria ainda outro problema grave, quase todo o mundo aqui vive de subsídios e nada sabe fazer sem eles...vai ser difícil desabitua-los Curiosamente, acusam as 8 ilhas de estarem contra São Miguel da mesma forma que São Miguel acusa Lisboa...a macrocefalia de PDL é igual à de Lisboa salvaguardadas as respetivas escalas.

Se fizessem um referendo, a autonomia perdia esmagadoramente pois é melhor culpar o Governo de Lisboa do que os sucessivos governos regionais e estes mantêm-se como os de Lisboa graças aos seus clientes, deveríamos dizer freguesias pois isto não passa de uma grande freguesia, e quando há desacordo ou é porque eu não sou de cá ou porque tu vives fora e não estás bem informado...

Não me espanto quando leio o que o escritor micalense Daniel de Sá proclamou:

"Um dos meus princípios radicais é que quem não vive nas ilhas não tem direito a voto, a não ser para a presidência da República. Para problemas bastamos nós mesmos."

Ele crê que a independência nunca será viável (por que é têm, todos, tanto medo dela?)

"18/6/2012 Chrys, tens razão em quase tudo.

Mas pergunto para que serviria uma independência só por uma questão de capricho, se afinal iríamos viver muito pior?

Que é que haveríamos de ser?

Uma espécie de Tuvalu ou Nauru, que alicerçaram a sua independência nos fosfatos, e, quando se estes se esgotaram, ficaram sem riqueza e quase sem solo onde pôr os pés?

A quem haveríamos de acolher-nos?

Aos States, como Nauru à Austrália, servindo quase como colónia penal desta?

Poupa-me. E essa de acusar quem discorda pondo as razões do diferendo na ausência, mas deixando implícito que os "ausentes" sabem tanto o que se passa como quem cá está, não tem defesa possível. Eu vivi 65 anos nestas ilhas, três em Espanha e oito meses no Continente.

Acompanhei todas as misérias, sei quem eram os principais culpados e o mais que não podes arrogar-te a presunção de teres aprendido em meia dúzia de anos, nem tão pouco o xxxxx, ausente, deixando-se levar muito pelo impulso embora temperado com alguma ponderação.

Um dos meus princípios radicais é que quem não vive nas ilhas não tem direito a voto, a não ser para a presidência da República. Para problemas bastamos nós mesmos."

Esta resposta entristece e leva-me a contestar:

"Mais autonomia ou independência não sei, quem vota nas ilhas devia decidir...Em relação à afirmação "um dos meus princípios radicais é que quem não vive nas ilhas não tem direito a voto, a não ser para a presidência da República. Para problemas bastamos nós mesmos" discordo, nunca entendi democracias com cidadãos de primeira e de segunda, que era o que acontecia se os expatriados não votassem, para eles não votarem deveria ser-lhes retirada a

O princípio que cita Daniel “Acompanhei todas as misérias, sei quem eram os principais culpados e o mais que não podes arrogar-te a presunção de teres aprendido em meia dúzia de anos” excluiria todos os jovens votantes que não vivenciaram isso e teríamos então apenas direito de voto do género para maiores de 65 anos, residentes na ilha há mais de 50?”

116.3. OPINIÃO - “UM POVO QUE SE FAZ NAÇÃO”

Este tema sensível foi recentemente abordado num dos jornais locais (Expresso das nove, 18 junho 2012, Manuel Leal) nestes moldes:

Se julgarmos o sucesso de um evento público pelo número de participantes, a celebração do 6 de junho pela Frente de Libertação dos Açores seria um fracasso.

Todavia, eu diria o contrário. A FLA saiu à rua agora para mostrar a face de figuras que se identificam com as cúpulas de ontem e de hoje e reiterar a sua determinação política e os valores revolucionários e açorianistas por que se rege.

A FLA considera o momento atual de grande perigo para a liberdade dos Açores e o bem-estar das suas populações, fazendo eco veemente do alarme dos líderes das instituições que se pressupunham autonómicas.

Como no seu início conturbado e histórico, o propósito da mensagem da FLA foi, declaradamente, depor de novo ao julgamento da gente do Arquipélago a prepotência e arbitrariedade do Governo da República.

A participação de José de Almeida, que um dia teve por título “Presidente do Governo Clandestino dos Açores”, assumiu um significado que transcende a própria celebração.

Já ancião, de idoneidade demonstrada na sua formação académica e nas funções que ocupou na sua experiência de político e revolucionário, profundamente açoriano, veio entregar à consciência açoriana e da solidariedade insular, como num sacrifício simbólico, a sua liberdade e a açorianidade política.

Mártir na colisão com a elite política obediente aos partidos portugueses e vítima das convulsões da própria FLA, chegou a ser perseguido como um criminoso pelo Governo da República, Almeida descobre o peito para oferecê-lo como alvo da retaliação potencial dos sobas políticos que destroem Portugal e com ele os Açores e a Madeira.

A FLA durante muitos anos foi vítima de uma imagem falsa disseminada pela República e pelos seus detratores insulares que a demonizaram, tentando retirar-lhe o cariz profundamente nacionalista e lusíada e impor-lhe uma máscara violenta.

A propaganda portuguesa refletiu-se na política do general Altino de Magalhães.

Nos anos 70 do século passado, aos soldados açorianos o general ofereceu viagens à Metrópole, por exemplo, a fim de lhes fazer uma “lavagem” medíocre ao cérebro acerca das virtudes da soberania portuguesa.

Responsável pelas prisões do 9 de junho, a política de Magalhães revelava um infantilismo ou regressão cognitiva quase inacreditável.

No estrangeiro, sobretudo na América do Norte, a distribuição de medalhas a granel continuou uma tentativa de persuasão que, para quem observou o fenómeno, não podia deixar de reconhecer o propósito.

A manutenção do colonialismo nos Açores fez-se através de uma política multissecular de supressão do desenvolvimento insular.

A partir da resposta mundial no século XX à doutrina de Woodrow Wilson, que defendeu a autodeterminação dos povos coloniais - e mudou o rumo da perceção política nos areópagos da opinião internacional -, o neocolonialismo no Arquipélago concretiza-se de maneira subtil através da Autonomia.

Mas a autonomia, todavia, caracteriza-se pela prática de um colonialismo transvestido na linguagem constitucional permitindo ao Governo da República a violência institucional e arbitrária contra a liberdade do Povo Açoriano. Prossegue agora com mais intensidade sob a presunção decetiva da crise económica e financeira.

No discurso que José de Almeida proferiu no dia 6 de junho, em Ponta Delgada, a sua mensagem relacionava-se com a perceção e experiência da liberdade. O seu argumento não se fundamentava, propriamente, na vida histórica das populações açorianas em que há evidência abundante da opressão portuguesa, mas num quadro psicossociológico e pragmático da realidade atual. O verdadeiro “espírito de independência”, declarou ele, nasce quando o indivíduo por sua livre vontade cessa a submissão “ao jugo de uma autoridade prepotente”.

A pessoa nega-se, assim, a aceitar um poder cuja política e “imposições” são contrárias ao bem-estar societário, “lesivas dos seus interesses e da sua liberdade de agir”.

Disse José de Almeida que “O desejo de independência é, pois, [...] indissociável do conceito de liberdade, considerado no seu sentido mais lato”.

Não estou convencido, porém, de que os açorianos são já uma nação, mas sinto em introspeção que se fazem uma nação.

A adesão a uma identidade, que neste caso possui o rótulo de açorianidade, não implícita, necessariamente, a presença plena dos fatores que escoram a experiência psicossocial de nação.

A nação não nasce apenas de uma identidade forte associada a um território específico. Possui ainda um sentido de solidariedade e de identidade comunitária – os processos de grupo – que não rejeita e contesta só a “autoridade prepotente”, mas também a presença dessa autoridade a cuja identidade política e jurídica, e, portanto, ao poder exterior é opressivo, o indivíduo e o grupo se perpetuam vergados.

Nos Açores existem duas identidades que definem o nacionalismo ou a ideologia que é o alicerce da nação ou o sentimento exato da identidade da pessoa e do grupo com a nação.

As pessoas com a mesma identidade nacional veem-se num destino comum, irmanadas num ideal de igualdade, solidárias na sua condição mútua e intervenientes no processo coletivo de valorização e desenvolvimento integral da pessoa e do grupo.

Na prática e num sentido filosófico, e num significado vernacular que o Estado adotou para defender-se, corresponde ao juramento de lealdade contido na legenda medieval de “um por todos e todos por um”.

Neste contexto, de um lado estão os portugueses dos Açores, os açorianos que se sentem portugueses. No outro os açorianos que são portugueses apenas numa dimensão jurídica decorrente da nacionalidade.

Aceitando a existência de uma nação açoriana, os últimos rejeitam a sua participação na nação portuguesa, sem embargo da adoção no conceito de pátria como a definiu Fernando Pessoa. “A minha pátria”, escreveu o poeta, “é a língua portuguesa”.

A FLA de José de Almeida filia-se na nação açoriana e abraça a noção quase mística do Quinto Império como amplexo fraternal, forte e multifacetado, das nacionalidades e dos grupos que se expressam em português, incluindo dimensões políticas, económicas, linguísticas, e quiçá ainda de defesa mútua.

O maior reforço ao argumento de José de Almeida justificando a independência dos Açores é a política arbitrária, discriminatória e, em última análise agressiva, do Governo da República.

O tempo constitui um aliado da FLA.

Mas falta-lhe, aparentemente, a capacidade de intervenção no processo persuasivo de rejeição do neocolonialismo português porque os meios necessários à divulgação da sua mensagem estão sob o controlo dos partidos portugueses.

Por isso o Governo da República e as instituições legislativas que os partidos controlam opõem-se, intransigentemente, à legalização dos partidos regionais. Obviamente, a FLA não receia proclamar o que é.

O Governo da República projeta até, por outro lado, o receio claro de que ela seja o que diz ser.

A celebração do 6 de junho foi, além da mensagem de que existe, um repto à prepotência dos donos da Estado Unitário.

Porque ao tomar medidas discricionárias de repressão, que não seriam incompatíveis com a política histórica do poder, Portugal reforçaria a solidariedade açoriana.

“Não é crime – advertiu José de Almeida – desejar ser-se independente [...]”. E deixou, ao mesmo tempo, o que poderá ser um aviso, ao completar aquela frase “[...] e lutar pela concretização desse objetivo”.

O erro de Portugal no Brasil, quando as Cortes do Porto ignoraram em 1820 a mensagem pluricontinental do Reino Unido de 1815 foi deixar que os rancores alicerçados na prepotência do poder centralizado concluíssem o fenómeno que Euclides da Cunha – que teria ascendência açoriana – sintetizou no livro “Os Sertões” numa frase brilhante explicando a independência quando “o povo era já Brasil”.

Os açorianos, neste contexto, são “Um Povo que se faz Nação”, usando a expressão de Almeida.

Suspeito, todavia, de que não será a FLA a fazer-lhes a independência, ainda que a promova. Isso caberá à política separatista na persistência neocolonial do Governo da República.

2012-06-18 07:00:00

E assim vai a autonomia açoriana...

116.4. ILHA DA AUTONOMIA junho 2012

Da “falsa” (termo micalense para o sótão), a janela do meu “castelo” desabrochava sobre o mundo. Enxergo mares. Lobrigo montes. Diviso nevoeiros que desaparecem sem rasto. Vislumbro vacas fiéis ao seu destino ruminante sem

desfraldarem queixumes. A chuva inclemente e desapiadada vinha, ora do agreste nordeste (o mata-vacas), ora de oeste ou sul e fenestra o meu "castelo". As grossas pingas corriam janela abaixo, infiltradas na caleira minúscula sob o caixilho. Toldavam-me o juízo, arrefecendo a minha paciência oriental, gotejando lentamente para o chão.

Mais um inimigo invisível quebrando o cerco permanente que sentia do lado de fora das minhas ameias. Entrei no café. Ao balcão, os do costume. A humidade goteja pelas faces como se fossem paredes. Ninguém parece aperceber-se.

Fantasio, de quando em vez, que a verdadeira autonomia se abaterá sobre o arquipélago criado a ferro e fogo. Aí se vislumbrará a tal ínsula nova. Com ela devaneio. Se a anticipo encoberta componho os óculos, arregalo a íris, foco o invisível. As ondas e as nuvens também conspiram para a ocultarem. Careço de um cartógrafo para a mapear. Enxergo-lhe contornos como se a visse em Braille. Ia jurar tê-la avistado, mais do que uma vez. A minha mulher disse-me que alucinava.

O mar confunde-se com o céu. O horizonte indistinto, em constante mutação, ora cinzento ou azuláceo. Perde-se para além do alcance da visão. Quando fito o grande mar oceano, estou sempre expetante de vislumbrar uma ilha nova a desenhar-se no firmamento. Todos os dias sonho com ela, ora encoberta ora invisível. Acredito piamente que exista para lá da linha impercetível.

Por vezes, as próprias formas e cores das nuvens afiançam esse mistério que os mapas não cartografaram. Confio devotamente. Sei que virá ao meu encontro. Tal como a ilha Sabrina de antanho. Ou outras que surgiam e desapareciam das cartas de marear na época de S. João. Esta é especial. Sempre que posso, perscruto o futuro em busca dela. Esta a realidade que me escapa e, no entanto, está lá. Quando a vir, clamarei o direito a dar-lhe denominação. Designá-la-ei Autonomia. Ia jurar tê-la visto por dentre um belo arco-íris que ia da Lomba da Maia à semiencoberta Bretanha.

Os vaqueiros levantam-se noite cerrada. Continuam a acamar-se cansados dia após dia, semana ou ano de trabalho. Rotinas entrecortadas pelas festas da freguesia. Uma ou outra procissão. Sem queixumes pela má sorte. A mesma que lhes repete destinos ingratos. Resignação amargurada. Lobrigada nas comissuras de peles rugosas, encarquilhadas e sequiosas, sorvendo um copo de mistura ou um abafado. Os campos continuam a ser arados. As vacas mungidas. Chova ou faça sol. Feriado ou fim de semana. A terra e as vacas são elementos únicos mensuráveis da riqueza. Estes vaqueiros só mourejam. Nada mais sabe esta gente além de procriar, como já escrevi algures. Jamais ouviram falar da semana-inglesa. Quase todos andam nas vacas. Ou as têm ou trabalham-nas para terceiros, 24/7/365 (todo o dia, todos os meses, todo o ano). Chova ou faça sol. De tantas em tantas horas estão a mungir as vacas. A levá-las de um pasto para o outro que todo o inverno a ilha se mantém verde.

Os rendimentos são inferiores aos de Portugal (a que muitos chamam o Continente) mas há mais subsídios para rações, para produção de mais leite e sabe-se lá que mais que os burocratas de Bruxelas inventaram.

Nas zonas rurais os filhos, que ainda vão abundando, usam a escola nos interregnos da labuta nos campos. Se faltam e não fazem os trabalhos de casa é porque foram às vacas. Não é opção, mas obrigação. Solidariedade familiar.

Queiram ou não, cumprem o destino boieiro e a vontade paterna, herdada de séculos, sem sombra de desfortuna. Fatalismo ou destino, nunca se interrogam, apenas o cumprem. Vá-se lá a saber. Os medidores de felicidade são pouco fiáveis.

O açoriano vive do imediatismo. Futuro nunca, mas presente sempre à vista, nada arrisca nem previne. Este açoriano é bem diferente do seu antepassado que no século XIX com menos estudos, sem universidade nem Novas Oportunidades criou a Sociedade da Agricultura Micaelense, quiçá o movimento mais importante da história dos Açores.

O comércio da laranja extinguiu-se vitimado por uma doença quando a exportação estava ainda numa fase de ampla expansão, tendo atingido o seu máximo três décadas depois de ter surgido a ideia de criar a tal sociedade. O que esses antepassados anteviram foi que aquela riqueza não seria duradoura devido aos avanços da produção e do transporte na Europa e, em especial na Península Ibérica.

Hoje em dia, as ilhas transformaram-se em vacaria. Não são senão uma imensa leitaria. O quotidiano açoriano, fora das pequenas urbes, é similar à escravatura de antanho. Cuidar de vacas doutrem a troco dum soldo miserável, sem direito a férias, doenças, feriados é servidão. A gleba cumpre horários sagrados sem calendário, religiosamente acatados por homens e mulheres. Apesar de poucas, também por aí andam. Supõe-se que interrompam as lides aquando da gravidez.

Para 2015 antecipa-se o fim das quotas leiteiras, um remate anunciado há muito para essa riqueza artificial. No século XVIII ninguém pudera prever a data exata do fim da exportação das laranjas. Nos últimos anos vem aumentando a produção anual de leite sem que haja do Governo, das autarquias ou das gentes qualquer ação, individual ou coletiva, que comece a prevenir o futuro.

Claro está que os pastos se podem converter em terras de cultivo antes que o Diabo esfregue um olho, mas os trezentos mil ou mais animais não se desvanecem num ápice. Sete anos antes do fim das quotas leiteiras, abordei o Presidente da Junta da Lomba da Maia propondo uma reunião de esclarecimento onde os locais pudessem discutir ideias (se as tivessem) sobre a reconversão que terá de haver. Nem um se mostrou interessado, decerto pensaram que um urbano como eu nada teria para lhes comunicar sobre o ganha-pão deles.

Daqui a pouco não existirão fundos europeus para a excessiva produção de leite que se regista nas ilhas e ficarão sem nada. Depois do fim da gesta heroica e brutal dos baleeiros, que Dias de Melo retratou, aproxima-se o fim da era do leite. Virão dias de fome e de aflição. Nada ou muito pouco foi feito para a reconversão desses milhares de famílias que vivem do "leite" num ciclo vicioso de maiores produções para "sacar" maiores fundos europeus. Quem sabe se não poderiam converter as vacas leiteiras em produtoras de carne da melhor qualidade para exportação? Podiam usar a tecnologia existente e a mão-de-obra local seria sujeita a uma apropriada componente de atualização de formação e desenvolvimento pessoal?

Nos EUA já há quem aproveite o estrume do gado bovino para produzir energia ecológica...será que estes campos podem produzir biodiesel? Por outro lado, como a terra é fértil, quando se acabarem as vacas gordas leiteiras poderiam diversificar e manufacturar queijos, aproveitar os solos úberes para criarem outros produtos agrícolas para mercados de nicho e exportar para o mundo.

Infelizmente, não vi nem ouvi nenhum dos técnicos agrários, vulgo engenheiros, propor ou estudar quais os mercados de nicho que estas férteis terras poderiam fornecer. Falta visão como quando o chá sucedeu às laranjas. Os políticos insulares, como os seus congéneres continentais, vivem nas suas torres de marfim condicionados ao ritmo da reeleição e não deverão ter visão para "imaginar" os Açores daqui a 10, 20 ou 30 anos, tudo é feito pelo imediatismo da próxima contagem de votos, nada se faz nem se percebe que haja quem o queira fazer.

Reservo-me, hoje e sempre, o direito de emitir opiniões e ser controverso quando afirmo que nos meios rurais, os açorianos continuam escravos, tal como os seus antepassados. Mesmo sem o saberem. Há quem alegue que esta escravatura hodierna é bem mais humanizada e de matizes mais esbatidos (decerto nunca foram escravos para o afirmarem...é como o país de brandos costumes).

Seguem destinos tradicionais sem os questionarem. O fatalismo insular pode ser explicado pela brutal aspereza dos elementos: o fogo e as manifestações telúricas. Nesta ilha (ao contrário das restantes oito) as gentes vivem de costas voltadas para a água que os rodeia por todos os lados. Com o credo na boca. A permanente imposição férrea de normas, que aceita sem discutir, como se ainda vivesse sob o medo de uma sociedade feudal, a mesma que persiste nos seus monopólios económicos. Sem se preocupar com a aparência de democracia e igualdade, que a constituição do país consagra no papel. Tal como sucede no ciberespaço, na sociedade do "Second Life", esta democracia é virtual. A fome será menor que dantes. A dependência, dissimulada de vontade própria, perpetua-se igual. Em nome das santas tradições, procissões e festas. Em nome do Divino Espírito Santo e do Santo Cristo.

A energia positiva dos vaqueiros é muitas vezes canalizada para ações relacionadas com o culto cristão eivado de paganismos, como as romarias tradicionais. Existem alternativas, mandar a escravidão às urtigas e viver do rendimento de inserção social. É o sistema da "Faixa de Gaza" da Ribeira Grande lá para os lados de Rabo de Peixe. A maioria das famílias (com excelente taxa de natalidade), jamais empregadas nem empregáveis, vive do rendimento mínimo. Trabalhar é só para os inúteis.

A autonomia, constituída no papel, ciclicamente pedida com salamaleques e, sempre que necessário, contestada pelo governo central, dá a aparência de liberdade ao ciclo secular repetido. Aquando das grandes tragédias, fruto dos elementos telúricos, fogo e água, a revolta popular manifestava-se nos pés dos que se punham a caminho.

A emigração foi sempre a fuga à fome e escravidão. Iam para paraísos terrenos no lado outro do Grande Mar Oceano, lá donde seus parentes tornavam contando maravilhas. Com a pequena exceção do Havai, o Éden açoriano há séculos que se conjuga nas Américas, primeiro na do sul (especialmente Brasil), mais recentemente, na do norte. Ainda hoje.

Já Daniel de Sá escrevera "Sair da ilha é a pior maneira de ficar nela", Onésimo diria que era a "melhor", mas continuava a haver um ou outro revoltado com a miséria, a falta de futuro, a ausência de presente e o excesso de passado, sempre pronto a meter pés ao caminho. Rumo à verdadeira autonomia do dinheiro. A única que permite sonhar. Não há democracia sem capital. Karl Marx nunca o soube. Só com poder de compra se pode ser livre. Sem posses os pobres não podem almejar a liberdade. A emigração é a face visível da verdadeira emancipação açoriana.

Nos Açores há imensas réplicas da macrocefalia de Lisboa e do Terreiro do Paço. Governam como na monarquia absolutista. Nem os cães ladram quando a caravana passa. Até os cachorros são indolentes. Mimetizam as pessoas, acomodadas e aburguesadas. O insuportável e fedorento colonialismo paternalista de Lisboa manter-se-á até que as turbas saiam à rua. Aí sim, pode haver autonomia. Eu clamava, tal como - em tempos idos - exprimira aos líderes timorenses antes de serem independentes, que competia aos açorianos decidirem e traçarem o seu destino. Assim o escrevia já no início de 2008: Em risco de ser, de novo e involuntariamente controverso, creio haver regionalismos autonómicos, como o dos Açores, que deveriam ser incentivados. O desprezo constante a que votam os ilhéus é quase tão mau como a tentativa forçada de desertificação humana no interior profundo de Portugal. Se ora se fala - pouco e mal - sobre os Açores tal se deve a essa maléfica invenção soporífera chamada telenovela que deu visibilidade ao arquipélago.

Para os continentais, quando se fala dos Açores é quase como discursar de Timor Português quando fui para lá em 1973. Sabiam que eram ilhas e pouco mais. Quase como a anedota da pergunta insólita "a senhora é dos Açores, mas é branca?" Não avisaram que a paisagem é verde, as pessoas não. O orgulho em ser-se açoriano é profundo, arreigado ao húmus, mas difuso. Confunde-se com bairrismos de cada ilha ou insularismos de cada freguesia. É prejudicado pela idiosincrasia micaelense de chamar Açores às outras ilhas. Como se S. Miguel fosse o continente português perpetuando noções de dependências e vassalagens obsoletas. Fruto da herança ancestral, do obscurantismo de 48 invernos salazarentos e 35 primaveras bafientas da 3ª República entorpecente e anestesiante, alegadamente democrática... A história ilustra a luta entre a Ilha Terceira e S. Miguel pela supremacia dos capitães donatários, titulares da efémera nobilitude de "capital do arquipélago". Estes vícios repetem-se hoje. Dado o desdém com que os continentais tratam os autóctones (basta ignorá-los), seria de esperar maior unidade e desejo autonómico. De emancipação. Não independência. Salvo raras exceções, poucos manifestam tais desejos face ao poder central cego e cabeçudo. Parecem satisfeitos com a submissão à macrocefalia de Ponta Delgada, que espelha Lisboa. Em tempos, o açoriano expatriado Manuel Leal escreveu que:

*"A revolução açoriana vem-se mostrando à janela há séculos.
Nunca teve uma face persuasiva.
Não a possui em ideologia, embora exista quem assim apregoa.
Fazem-no nos cafés, numa elite dentro da ilha e sem eco.
A revolução à mesa do café não chega a parte nenhuma".*

Se preferissem a emancipação total poderia ser tanto ou mais viável que a do Kosovo, Kiribati ou da Ossétia do Sul. Cristóvão de Aguiar aventava que teriam de ser nove as independências. Talvez quatro bastassem: S. Miguel e a sua

colónia de Santa Maria; a Terceira e a colónia da Graciosa; o Faial e a sua colónia do Pico e, por fim as Flores e a sua adjacente Corvo. Podiam ainda considerar as possessões ultramarinas como Toronto, Nova Bedford e outras tantas que por ali havia.

Chegou o tempo de o povo demonstrar capacidade identitária e poder de intervenção perante um país resumido a Lisboa e submisso perante uma Europa dominadora que julga os cidadãos como números, para aumentar ou estabilizar orçamentos.

Cito, uma vez mais e sempre, Martin Luther King "I had a dream". Sem macrocefalias nem subalternidade. Um governo regional autêntico, sem ser filial de Lisboa, reclamando a verdadeira autonomia sem se arvorar em defensor dos interesses dos que sempre exploraram os ilhéus, sombrias e persistentes personagens que perenizam monopólios. Arrivistas com iniciativas pequenas e isoladas. Limitadas como as ilhas e o país.

A autonomia vive-se hoje apenas em círculos muito restritos, e em alguns escritores e em "expatriados" em Portugal e nas Américas. Surgirá - cremos, um dia -, não à mesa do café, mas da escrita, da "elite esclarecida" (à falta de melhor adjetivação) qualquer movimentação nesse sentido. Haveria mesmo elites pensantes açorianas para além das que se emproam em encontros de intelectuais representando a fina-flor dos que têm direito a nome no jornal? Uns pararam no tempo, outros andam em busca dele, que nunca à frente. A população não os segue nem os entende. Nem mesmo os ditos. Apenas ufanos por preencherem as revistas cor-de-rosa? Todos. Incapazes de congregarem mentes, mentem sem insistirem no tema. Temerosos de perderem a caleche em que se pavoneiam na avenida marginal tal como os antepassados de 1890. Nos Açores, compete aos mestres da palavra fácil indoutrinarem e mostrarem o caminho da Atlântida perdida a que se chamou autonomia.

Só então cortarão os cordões umbilicais, alcançando a independência dos que escrevem e partilham a açorianidade. Com a sagesa dos seus conhecimentos sonharão com esse momento de libertação. Assim inventaram a literatura açoriana para que ninguém se esquecesse deles e o mundo os não deixasse para trás na sua voragem.

CRÓNICA 117, PORTUGUESES, 30 JUNHO 2012

Este foi o discurso que nunca cheguei a ouvir, mas imaginei:

Portugueses, portuguesas

É mentira que o Governo esteja a preparar novos impostos, novas subidas de preços e mais cortes nos benefícios de empregados e desempregados, reformados ou no ativo. Nunca foi intenção deste Governo aumentar a pobreza, o desemprego, a fome no país, mas herdámos uma pesada herança do Governo anterior que vai demorar várias gerações a pagar e temos que satisfazer os compromissos assumidos por anteriores governos. Nunca foi nossa intenção dar dinheiro à Banca que causou esta crise, mas somos obrigados por contratos anteriormente firmados e que bloqueiam qualquer hipótese de renegociação, motivo pelo qual fomos cancelando benefícios aos nossos funcionários, que infelizmente terão de suportar as reformas estruturais que pretendemos implementar no país e que resultam obviamente do que foi negociado no passado por anteriores governos e que nos impõe esta necessidade de trazer sanidade às contas públicas.

Temos assim de vender os anéis para que sobre os dedos e mesmo assim não temos garantia de que isso seja suficiente. Destarte vendemos a energia da EDP, a distribuição da REN, negociamos a venda das águas, da companhia aérea, dos aeroportos e outras infraestruturas, muito mais rentáveis se forem os estrangeiros a geri-las porque francamente o Estado não tem capacidade para gerir tão variados bens.

As portagens introduzidas nalgumas estradas SCUT visam aumentar a utilização pelos turistas que aqui vêm deixar divisas e reduzir o tráfego e viaturas portuguesas, o que permitirá aos turistas andar mais livre e desafogadamente nas nossas estradas a fim de que regressem aos seus países com uma melhor impressão de Portugal. Ao enviarmos os jovens licenciados e desempregados para outros países estamos a exportar os conhecimentos que fizeram dos portugueses um povo de navegantes e descobridores, e estamos convictos de que também eles virão a descobrir novos mundos e formas de vida, permitindo aumentar a importância dos portugueses nessas sociedades de acolhimento e obterem posições de relevo tão importantes para o orgulho nacional. Temos tomado inúmeras medidas como o encerramento de hospitais, maternidades, centros de saúde, tribunais e outros serviços cuja produtividade era baixa e custavam imenso a manter, pois estudos recentes provam que algumas das medidas tomadas pelo Governo antes de 1974 eram bem mais económicas que as atuais e conduziram o país a uma riqueza de que só resta a memória hoje. Estamos convencidos de que com todas estas alterações estruturais estaremos a criar sólidas bases para a riqueza de Portugal.

Pretendemos - em breve - expropriar todos os terrenos agrícolas não cultivados e entregá-los aos estrangeiros para que estes com as suas técnicas mais evoluídas possam ali obter uma produção agrícola que nos permita voltar aos tempos dos celeiros da nação. Sabendo-se como é exígua a oportunidade de emprego nessas terras do interior assim estaremos a contribuir para uma redução do desemprego local.

Além das reduções dos elementos autárquicos base, as freguesias, estamos a criar uma nova dimensão do país que nem havia sido tentada desde Mouzinho e que permitirá reduzir os bairrismos que tanto têm servido para dividir o país em pequenas parcelas em vez de o aglutinar. Estamos cientes de que a situação geral do país irá melhorar com todas estas medidas e em breve nos orgulharemos de ser um país que todos invejam.

Aproveito para relembrar alguns dos meus escritos (entre 2005 e 2008 no anterior Governo socrático), mudou o Governo e o primeiro-ministro, os discursos são mais nacionalistas e acompanhados do hino nacional, mas o país segue na mesma direção do abismo...

.... Começara pelas urgências e por outras coisas com nomes esquisitos SAP, SAPU, VMR, etc. Mas os desígnios eram mesmo os de fechar o interior para ficar como coudada dos ricos que ali poderiam comprar umas casinhas ao desbarato para passarem férias. Foi pena o ministro não ter sido ambicioso, já que era arrogante. Deveria era ter fechado todo o país, não só algumas urgências. Com o país encerrado, era mais fácil governá-lo. Gastava-se menos dinheiro (logo ficava resolvido o problema do défice), os espanhóis vinham e podiam plantar tudo aquilo que os portugueses não plantam (porque não dá, ou porque não vale a pena, dizem eles).

Disponham disto como a sua horta ou quinta, um pouco à moda dos do Faial que faziam do Pico a sua colónia de férias. Só havia um problema nesta solução, como é consabido os portugueses têm uma produtividade elevadíssima quando trabalham no estrangeiro. Aí, sim, era uma chatice, se começassem a trabalhar nas hortas dos espanhóis (que dantes eram dos portugueses) podiam começar a habituar-se a trabalhar e a produzir e ainda tornavam este país rentável...

..., mas não se iludam, não é só cá, é em todo o mundo ocidental...

Desacreditando os professores e a sua profissão, abalando os alicerces do ensino público com normas pouco exequíveis, pouco fiáveis e de resultados estatísticos garantidos, mas sem que isso represente qualquer grau de conhecimentos técnicos, científicos ou académicos, esta reforma do ensino privilegia os títulos obtidos nalgumas escolas privadas.

Exclui-se a Universidade onde o senhor primeiro-ministro obteve um diploma por fax e TPC (trabalhos de casa) pois infelizmente foi obrigada a fechar. As massas continuarão a enviar as suas crianças para a escola sem se aperceberem que os paradigmas do século XX já não vigoram.

Os estudos nada significam. Isto é, não significam nada do que significavam. Afinal isto não é mais do que a aplicação da minha velha máxima pessoal quando afirmava que um dia destes, um décimo segundo ano equivale a uma quarta classe da sua infância e uma licenciatura não é mais que um velho 5º ano do liceu (curso complementar) e assim sucessivamente até ao mestrado que terá o valor dum antigo bacharelato e o doutoramento da velha licenciatura. Ridículo? Ousado? Despropositado? Não? Comparem o conteúdo curricular dos vossos filhos ou netos com o vosso e depois conversa-se.

Agora com a passagem obrigatória de todos os alunos, mais o plano das "Novas Oportunidades" vai Portugal finalmente baixar o coeficiente de iletrados, mas ao contrário do que muitos pensam, não vai deixar de ter iletrados, o que vai deixar é de ter iletrados sem diplomas.

Nada disto é feito à toa, nem apenas é feito por uma questão de birra do senhor primeiro-ministro que parece não nutrir grande afeto pelos que ensinam, fruto duma qualquer frustração infantojuvenil que não se pode confirmar.... Já foi feito nos EUA, na Austrália e no Reino Unido, onde há escolas secundárias

que custam tanto ou mais que universidades privadas.... Aliás não é só na educação que isto se verifica. Assim aconteceu com a justiça naqueles países e irá acontecer em Portugal.

Na saúde é ainda pior. Veja-se, a título de exemplo, os médicos do "ER" (série televisiva Serviço de Urgência) a atenderem os doentes consoante têm seguro privativo (e conforme a cobertura deste) ou não, logo despachados depois de tratados sumariamente. Assim irá acontecer neste jardim.

Mal um hospital ou uma urgência fecham, logo aparece um grupo privado a querer construir um hospital com urgências médicas. Foi o caso de Mirandela e hoje em Bragança. Também é assaz curioso que apareça o ex-ministro Correia de Campos a liderar esses conglomerados de saúde privados.

Claro que quem vive no Bronx não pode ter a mesma qualidade de vida dos que vivem em Manhattan (não sei se me entendem). Isto é, em termos indianos há uma zona de sudras e vaixias onde poucos se deslocam. Mesmo a polícia tem medo de lá ir, pode ser que a ASAE depois de preparada militarmente nos EUA lá possa entrar. Como que se fossem favelas, ou bairros-de-lata.

As "pessoas de bem" e pilares da sociedade vivem em zonas mais abrangentes em termos de serviços e de oportunidades.

Muita sorte têm estas castas menores por disporem de água potável e eletricidade.

Teremos assim, um país (e o mundo) cada vez mais a duas velocidades, a dos que têm e a dos que não têm. Por isso ninguém se parece preocupar com os desempregados vitalícios que começaram a surgir (no fim da década de 80 na Austrália e agora em Portugal).

Ninguém parece perder o sono ou o apetite (estamos a ficar todos obesos) pelos sem-abrigo que se propagam mais depressa que coelhos nas ruas das nossas cidades, esvaziadas de gente de Humanidade. Autênticos desertos à noite. Isto enquanto o camartelo municipal não chega para demolir as casas que irão ser "gentrificadas" e darem origem a condóminos de luxo a quem as quiser pagar. Assim, os velhos subúrbios da gente do povo e classes menos abastadas passam a ser áreas VIP.

O interior desertificado e abandonado do Portugal pequenino passará a ser uma coutada de férias dos ricos e poderosos.

Mas a grande diferença é que na maior parte dos países ocidentais, ditas democracias, ainda existe um mínimo de pudor, decência, bom senso e dignidade. Os casos de corrupção, nepotismo e outros, que ficam impunes em Portugal, ainda vão sendo punidos nalguns daqueles países. Voltando à emigração, recorde-se a tragédia que era nos anos 60 e 70 do século passado quando as pessoas tinham de fugir "a salto" para tentarem sobreviver à custa do seu trabalho braçal, numa Europa em crescimento que carecia de mão de obra barata e silenciosa. Havia outros que se exilavam para lutarem contra o regime colonial da ditadura (Estado Novo).

Os que ora emigram fazem-no apenas porque se vive numa sociedade consumista cada vez mais exigente. Ninguém está para grandes sacrifícios. Lá fora ganha-se bem mais, para o mesmo trabalho indiferenciado e escravo que faziam aqui. Só não se entende porque é que aqueles açorianos (que regularmente são repatriados dos EUA e Canadá) não emigraram pela via normal e legal. Premeditadamente foram com vistos de turista, que há muito prescreveram, e deixaram-se ficar sempre na miragem duma amnistia. Mas ouvi-los falar de injustiça custa a engolir, tanto mais que criticam a falta de apoio portuguesa. Onde é que eles estiveram nos últimos trinta anos? Não sabem o que é e como funciona o Estado português? O mesmo que agora manda centenas de crianças de Elvas e locais limítrofes nascerem em Badajoz porque não compensa ter abertas maternidades no interior desertificado do país (sem perguntar ao vizinho Estado soberano espanhol se estava pelos ajustes) Já estou a imaginar o problema burocrático daqui a uns anos. Onde nasceu? Em Badajoz, então mostre-me a sua documentação. Tem autorização de residência neste país? Mas eu sou português/a, a minha mãe é que teve de ir ao lado de lá da fronteira para a maternidade. Pois bem se nasceu em Badajoz não pode ser português... Se esse problema demorar tanto a resolver como o de alguns portugueses que por nascerem em Angola ficaram apátridas, bem podem esperar sentados.

EM 31 outubro de 2011: "O jovem desempregado em vez de ficar na "zona de conforto" deve emigrar", disse o secretário de Estado da Juventude e do Desporto.

"Se estamos no desemprego, temos de sair da zona de conforto e ir para além das nossas fronteiras", disse o governante, que falava para uma plateia de representantes da comunidade portuguesa em São Paulo e jovens luso-brasileiros.

Segundo o mesmo responsável, o país não pode olhar a emigração apenas com a visão negativista da "fuga de cérebros". Para Miguel Mestre, "se o jovem optar por permanecer no país que escolheu para emigrar, poderá dignificar o nome de Portugal e levar know-how daquilo que Portugal sabe fazer bem".

Caso a opção seja por, no futuro, voltar a Portugal, esse emigrante "regressará depois de conhecer as boas práticas" do outro país e poderá "replicar o que viu" no sentido de "dinamizar, inovar e empreender".

Com o intuito de capacitar o jovem português e aumentar os laços com outros países, o responsável diz que o Governo português pretende incentivar também os intercâmbios estudantis e os estágios no estrangeiro. A presença do jovem no estrangeiro será um dos temas abordados do Livro Branco da Juventude, que deverá ser lançado a 02 de novembro, disse.

A maior desgraça de uma nação pobre é que em vez de produzir riqueza, produz ricos. (Mia Couto). Aceda ao Artigo completo:

<http://apodrecetuga.blogspot.com/2012/01/emigrar-e-solucao-portugal-nao-gosta-de.html#ixzz1zN7EOpiZ>

ou como se lia <http://www.ribeirinhas.pt/2011/12/23/emigrar-porque-em-portugal-nao-se-preve-grande-futuro/>

O nosso primeiro-ministro (Passos Coelho), que há meia dúzia de meses tinha a solução para todos os nossos problemas, convidou os quinze mil professores que se encontram atualmente desempregados, a emigrar, porque em Portugal não lhes prevê grande futuro. Bem, no que toca a soluções, o homem prometeu e fez!

Querem melhor? Impostor e incompetente não lhe podem chamar.... Muito bem, senhor Passos Coelho. Emigremos! Ou não fossemos nós um povo nómada, acostumado a passar metade da vida de mala na mão, com a alma e o coração dividido entre "lá" e cá. A diferença é que no século passado emigravam os incultos, aqueles a quem a pobreza impossibilitava o acesso a uma licenciatura.

Virado o século, depois de andarem anos a incentivar-nos ao ensino, dos pais se terem sacrificado para formar os filhos, vem o senhor e diz-lhes que façam as malas e que vão para Angola! Solução fácil e conveniente. Vão, mas não cortem os laços! Façam a típica vida de emigrante, trabalhem muito e vivam pouco, juntem muitos dólares e enviem para cá, porque a banca, essa a quem os vossos pais se empenharam para vos dar um curso, que tem dois terços da sociedade escravizada, a trabalhar para eles, agora mais do que nunca precisa das vossas remessas.

Enviem para cá muito dinheiro. Construam aqui muitas casas, comprem carros, comecem a pagar impostos, que as nossas finanças precisam urgentemente de receita. É preciso manter a máquina e se a verba vier de fora, sem criar postos de trabalho e investir numa vida digna para os cidadãos, é ouro sobre azul.

Emigrem! Os professores e os médicos e os enfermeiros. Os pequenos empresários, a quem a austeridade lançou para a ruína e para o desemprego. Os da restauração, os do comércio tradicional, aqueles que fecharam portas e não conseguiram colocação nas grandes superfícies. Os agricultores, a quem pagaram para que não amanhassem as terras. Os pescadores, que receberam para não sair pró mar, os operários que perderam o trabalho de toda a vida. Os mecânicos, os trolhas, os eletricitas...e os seus filhos e netos e as gerações seguintes...

Emigremos todos! Deixemos aqui apenas os "orientados", os "apadrinhados", os lambedores de botas... Vamos lá para fora, fazer pela nossa vida e pela deles. Quanto mais mão de obra exportarem, mais remessas entram e mais fácil será governar o país.

Mais dinheiro a entrar e menos bocas a reclamar, facilita a vida a qualquer político. Ficarà tudo mais fácil e mais vantajoso, principalmente para os que cá ficarem. Depois edificam-nos aqui estátuas e dedicam-nos avenidas. Aos emigrantes, esses otários, que desta feita já não viajarão com a cesta de vime e o garrafão, que já não trocarão o V pelo B, mas que logo serão rotulados por outro motivo qualquer.

Vamos, mandemos muito dinheiro para a terra, mas fiquemos por lá! Nada de vir para aqui no fim da vida, a dar despesa ao Estado; a ocupar bancos de jardim, lares de idosos, centros de saúde e parcelas nos cemitérios. Isso é para os que cá ficaram!

Agora espero que entendam por que tenho escrito tão pouco desde o início do ano...se calhar penso em emigrar...nunca o fiz antes malgrado ter vivido em vários países e regiões, em diferentes circunstâncias de Timor a Macau, Austrália, Indonésia (Bali), Brasil e Açores. A vida em Portugal é hoje mais deprimente do que nunca, o futuro é mais miragem

hoje do que em 1972 quando me preparava para fazer as malas com algumas hipóteses de vencer na vida, enquanto hoje nem filhos nem netos terão sequer essa miragem se ficarem no país, a menos é claro que sigam a via partidária e cheguem ao Governo... Sendo um otimista nato que sobreviveu a muitas crises e desgraças, encontro-me na posição de nada ter a dizer quanto ao futuro que não seja repetir as palavras do primeiro-ministro: emigrem. Mas para os mais velhos, como eu, na alvorada da Terceira-Idade sem reforma ou com hipóteses de reformas reduzidas para a minha mulher é preocupante saber que poderemos não ter pão para comer nem teto para nos abrigarmos. Busco uma réstia de otimismo e não a encontro no país, e na maior parte do mundo ocidental, empenhados nesta espiral autodestrutiva do lucro, ganância, especulação e dinheiro a todo o custo. Resta saber o que as potências emergentes como a China e Índia irão fazer enquanto o grande império ocidental se desmoronar.

Há muito que escrevi sobre o fim da Europa como a conhecemos, envelhecida, islamizada, tiranizada há uns anos pela germânica Angela Merkel na sua tentativa de construção do 3º Reich enquanto os EUA caminham também a passos largos para a sua irrelevância nas próximas décadas. A escravização dos povos nesta era da NOM (nova ordem mundial) assemelha-se à Revolução Industrial, mas enquanto naquela a riqueza se produzia e era reinvestida agora não é produzida e é meramente utilizada em especulação improdutiva com o intuito de escravizar as vítimas do sistema bancário que todos os governos parecem querer salvar para prevenir a sua pele e o seu dinheiro...

Um círculo vicioso de morte, miséria e que - mais cedo ou mais tarde - irá conduzir a guerras civis, convulsões sociais graves, repressão policial, manipulação e mudanças geopolíticas de vulto. Há quem diga que os dias não correm a favor de nacionalismos independentistas, antes se caminha rumo à aglutinação forçada, mas duvido que assim seja.... Creio mesmo que com esta crise se caminha para uma nova pulverização de velhos ódios tribais europeus e uma balcanização de alguns estados. Um novo tipo de guerra sem se dispararem tiros, os mortos e estropiados são-no pela fome, miséria, sem-abrigo e desemprego, da exploração desenfreada da Banca mundial. Mas mesmo assim ainda não me queixo, com a crise mais gente tem precisado de traduzir documentação para ir para a Austrália.

O 17º colóquio na Lagoa em abril foi um sucesso com 9 escritores açorianos presentes ou representados, acabei a tradução de mais um livro de um autor açoriano, o Governo australiano está a investir fortemente em África e precisa dos meus serviços e a sobrevivência está garantida até ao natal. Tudo isto partindo do princípio que não acredito no fim do mundo preconizado pelo calendário Maia, tal como não acredito nas previsões da ex-professora primária e atual astróloga Maya...nem me deixo afetar pelas rivalidades entre a Lomba e a Maia...e o facto de a minha mulher ter sido professora na Maia (arredores do Porto e nos Açores), a minha mãe foi professora na Maia (Vermoim) e a minha irmã professora foi na Maia ..."Maiais everywhere" como dizia a minha filha Vanessa Ingrid quando era mais pequena e misturava as duas línguas...

MAIA¹¹³ a zona onde atualmente se encontra o município é povoada há milénios, tendo sido encontrados vestígios que datam do Paleolítico. Em muitos dos montes da região existiram povoados, da Idade do Ferro. Atraídos pela riqueza dos solos e a abundância de recursos, os romanos também deixaram aqui as marcas visíveis da sua ocupação. Em meados do século XIII, o julgado maiato estendia-se desde a cidade do Porto até ao Ave e do mar até às serras.

Em 1304, no entanto, as Terras da Maia foram integradas no termo do Porto, perdendo a autonomia administrativa e política. Em 1360, foram instituídos os primeiros donatários na região e, nesse ano, D. Pedro I doou o senhorio da Azurara, com o julgado da Maia, ao infante D. Dinis, seu filho.

A história deste município está, também, intimamente ligada à fundação da nacionalidade. Alguns autores defendem mesmo que o Príncipe Afonso Henriques terá sido aqui educado, junto à família dos Mendes da Maia, a que pertenciam o arcebispo de Braga, D. Paio Mendes e o famoso guerreiro Gonçalo Mendes da Maia, o "Lidador", assim chamado por ter entrado em constantes lutas destemidas contra os sarracenos. Na época dos Descobrimentos, saíram da Maia, tecidas com as matérias-primas dos linhares locais, grande parte das velas que equiparam as caravelas portuguesas.

No início do século XVI, coube a D. Manuel I conceder o foral, que previa as rendas e os foros a pagar aos donatários dos Reguengos da Maia, bem como a forma de exercer as penas e justiças mais comuns. Entre os anos de 1700 e 1836, o concelho era composto por 44 freguesias e englobava toda a faixa marítima entre o Leça e o Ave. Com as reformas administrativas iniciadas em 1836, transformou-se num município autónomo, mas reduzido em área e em freguesias.

Em 1857, chegou mesmo a ser extinto e foi necessário esperar até 1868 para que fosse restaurado. No século XIX, a Maia foi atravessada, em 1809, pelo exército napoleónico do duque da Dalmácia, o marechal Soult, que de Braga se dirigia para o Porto. Nos anos agitados das lutas liberais foi também, entre 1832 e 1834, palco de lutas sangrentas entre absolutistas e liberais.

Após a proclamação da República, em 1910, a Maia (elevada a vila no ano de 1902) teve por algum tempo, como administrador, o filósofo tribuno Leonardo Coimbra. No dia 23 de agosto de 1986, a Maia foi, finalmente, elevada à categoria de cidade. As freguesias da Maia são as seguintes: Torre do Lidador, um dos edifícios mais altos de Portugal - Avenida Visconde de Barreiros, Águas Santas, Barca, Folgosa, Gemunde, Gondim, Gueifães (íntegra parte de cidade da Maia), (parte da cidade da Maia), Milheirós, Moreira, Nogueira, Pedrouços, Santa Maria de Avioso, São Pedro de Avioso, São Pedro Fins, Silva Escura, Vermoim (parte da cidade da Maia), Vila Nova da Telha.

O Aeroporto Internacional Francisco Sá Carneiro fica em Pedras Rubras, na freguesia de Moreira. Cultura: A Maia é considerada como um importante centro cultural na região sendo de realçar variadas atividades ligadas ao teatro, à música, às artes plásticas e às tradições locais como as manifestações etnográficas visíveis nas festas religiosas que se realizam ao longo do ano. Também o Jardim Zoológico, o único do norte devidamente organizado, é ponto de encontro para muitos visitantes. Anualmente, a cidade recebe no Fórum da Maia o Festival Internacional de Teatro Cómico da Maia e a exposição mundial da World Press Photo. Património: Igreja de Águas Santas ou Igreja de Nossa Senhora do Ó - Monumento Nacional do século XII. Possui duas naves com soluções diversas e é tida como uma igreja românica. Mosteiro do Divino Salvador de Moreira - Monumento Nacional, remontando a sua existência a 862. É tido como um templo maneirista. Marco Milário - monumento nacional na freguesia de S. Pedro de Avioso e faz parte de uma série de oito marcos milários pertencentes à Via XVI (Bráccara - Olisipo). Personalidades:

Fernando Campos é um escritor português nascido em Águas Santas, em 1924.

Fernando Teixeira dos Santos, economista e ex-ministro das finanças, nascido em Moreira em 1951.

Gonçalo Mendes da Maia, o "Lidador", nascido na Maia em 1079.

Abu-Nazr Lovesendes ou Aboazar Lovesendes (938 -?) Senhor da Maia. Trastamiro Aboazar, filho de Abu-Nazr Lovesendes é tido como o 1º senhor oficial da Maia.

Gonçalo Trastamires, 2º senhor da Maia e um dos conquistadores de Montemor, nasceu no ano 1000 e faleceu nesta localidade em 1 de setembro de 1039.

Frumarico Aboazar, Senhor medieval da Maia.

Mendo Gonçalves da Maia (1020-1065).



CRÓNICA 118 LÁGRIMAS POR TIMOR, ATÉ QUANDO? JULHO 15 2012

118.1. POESIA POR TIMOR

Vou começar com uma curta série de poemas inéditos dedicados a Timor:

547. ELEIÇÕES SEM LICÇÕES EM TIMOR, 8 JULHO 2012

dili 23 setembro 1973
 cheguei hoje a Timor português
 a vinda marcará a minha vida para sempre
 sem o saber nunca mais nada será igual
 o futuro começa hoje e aqui
 entrei no tempo da ditadura

¹¹³ In Wikipédia:

sairei na democracia adiada

na bagagem guardo sabores,
imagens e odores
sonhos de pátria e amores
divórcios e outras dores
cheguei sem bandeiras nem causas
parti rebelde revolucionário
tinha uma voz e usei-a
tinha pena e escrevi sem parar
para mais livros que filhos
para bi-beres e mauberes

48 anos de longo inverno da ditadura
24 de luta independentista
agora que a Lois vai cheia
e não se passa na seical
já maromác se apaziguou
crescem os lafaek nos areais
perdida a riqueza do ai-tassi
gorada a saga do café
resta o ouro negro
para encher bolsos corruptos
sem matar a fome ao timor

perdido nas montanhas
sem luz, água ou telefone
repetindo gestos seculares
mascando sempre mascando
o placebo de cal e harecan
mas com direito a voto
para escolher quem o vai explorar
sob a capa diáfana da lei e ordem
do cristianismo animista
oprimido sim, mas enfim livre.

548. QUERIA SER TOKÉ 11 JULHO 2012

eu queria ser toké e contar o que vi
desde que partiste em 1975
queria saber falar
dar os nomes os locais e os atos
de todas as atrocidades, violência e mortes
que testemunhei mudo na minha parede

eu queria ser toké e escrever tudo
queria contar o que não querem que se saiba
queria contar o que não queriam que se visse
queria contar os gritos que ninguém ouviu

queria ser água e apagar os fogos
que extinguíram a nossa história
como se não fora possível reconstruí-la

queria ser pássaro e levar nas asas
todos os que foram chacinados
violados, torturados e obnubilados
voar com as crianças que morreram de fome
as mulheres tornadas estéreis

tanta coisa que queria dar-te Timor
e não posso senão escrever palavras
lembrar teu passado heroico
sonhar futuros ao teu lado

549. ALUCINAÇÃO NA AREIA BRANCA (TIMOR) 11 JULHO 2012

era maio em 1975
havia luar na areia branca
sem ondas na ressaca
caranguejos azuis na fina areia
baratas voadoras à frente dos faróis
eram pequenos os lafaek e raros
quase se ouviam os corais a falar

ao longe sem luzes em dili
o escuro dos montes

entre nós e o ataúro
deslizavam barcos espiões
antecipavam a komodo
ensaiavam invasões

corri a alertar
ninguém quis ouvir
escrevi e denunciei
chamaram-me alucinado
nunca imaginei o genocídio

550. TIMOR NAS ALTURAS 15 JULHO 2012

queria subir ao tatamailau
pairar sobre as nuvens
das guerras, do ódio, das tribos
falar a língua franca
para todos os timores

queria subir ao matebian
ouvir o choro dos mortos
carpir os heróis esquecidos

queria subir ao cailaco e ao railaco
consolar as vítimas de liquiçá
beber o café de ermera
reconstruir o picadeiro em bobonaro
tomar banho no marobo
ir à missa no suai
buscar as joias da rainha de covalima
passar a fronteira e voltar
chorar todos os conhecidos e os outros
e quando as lágrimas secassem
regressaria à minha palapa imaginária
à mulher mais que inventada
oferecer-lhe um pente de moedas de prata
percorrer as suas ribeiras e vales
sussurrar por entre as folhas do arvoredó
navegar nos seus beiros
rumar ao ataúro e ao jaco
desfrutar a paz e as belezas ancestrais
ouvir os tokés enquanto as baratas aladas voam
os insetos projetados contra as janelas
atraídos pela luz do petromax

a infância e a juventude são como uma bebedeira
todos se lembram menos tu

551. LÁGRIMAS POR TIMOR, ATÉ QUANDO? 16 JULHO 2012

confesso sem vergonha nem temores
hoje os olhos transbordaram
lágrimas em cascata como diques
pior que a lois quando a chove

o coração bateu impiedoso
os olhos turvos a mente clara
as mãos trémulas de impotência

nas covas e nas valas comuns
muitos se agitaram com a morte gratuita
mais um casal de pais órfão
mais um filho varado às balas
sem razões nem justificações

poucas vozes serenas se ouviram
velhos ódios, vinganças acicatadas
o povo dividido como em 1975

sem alguém capaz de congregar o povo
sem alguém capaz de governar para todos
sem alguém acima de agendas pessoais
sem alguém acima de partidos

temos de ultrapassar agosto 75
udt e fretilin
a invasão indonésia e o genocídio
faça-se ou não justiça
é urgente um passo em frente

é urgente alguém com visão
um sonhador, um utópico
um poeta como Xanana já foi
alguém que ame timor
mais do que ama suas crenças
mais do que ama suas idéias
mais do que ama sua família

talvez mesmo uma mulher
sensível e meiga
olhar almendrado
pele tisonada
capaz de amar
impulsiva para acreditar
liberta de injustiças passadas
solta de ódios, vinganças e outras
capaz de depor as armas
todas
e liderar.

O que a seguir se narra parece mais do domínio do irreal (como é frequente em Timor) e nada faria supor que uma proposta minha de uma governação de unidade nacional para Timor despertasse tanta animosidade entre timorenses, portugueses e outros no ciberespaço. Aqui se dá conta do sucedido, transcrevendo os comentários, mas protegendo a identidade dos que comentaram. Tudo começou a 15 de julho quando noticiei que recomeçara a violência em Timor-Leste.

118.2. INFELIZMENTE RECOMEÇOU A VIOLÊNCIA EM TIMOR... CNRT VAI FORMAR GOVERNO COM PD E FRENTE MUDANÇA

Xanana em vez de fazer um Governo alargado de reconciliação nacional com a Fretilin uniu-se a dois partidos minoritários e o resultado está à vista...
Timor Hau Nian Doben - 15 de julho de 2012

De acordo com o CJITL, o V Governo Constitucional de Timor-Leste será constituído, pelo Congresso Nacional de Reconstrução Timorense (CNRT), Partido Democrático (PD) e pela Frente Mudança. Esta decisão acaba de ser tomada após uma conferência do CNRT realizada hoje no centro de convenções de Díli e que reuniu representantes de treze distritos.

Após tomada a decisão Xanana Gusmão afirmou aos participantes de que, "esta coligação será melhor do que a dos últimos cinco anos" e que ele "exige que este novo Governo sirva melhor o povo e a nação".

O CNRT foi o partido mais votado nas últimas eleições legislativas obtendo 30 assentos parlamentares, seguido pela Fretilin com 25 e do PD e da Frente Mudança, com oito e dois, respetivamente.

Publicada por TIMOR HAU NIAN DOBEN em 17:30

Smh.com.au - Michael Bachelard July 15, 2012

One person is feared dead as violence erupted in East Timor, apparently prompted by political party Fretilin being excluded from a role in the new governing coalition.

Violence was reported in the capital Dili, as well as the outer districts of Viqueque and Baucau. A number of cars were burned and one person died in the conflict in the Dili suburb of Comoro, outside the headquarters of the ruling CNRT party, a source has said.

The fragile democracy had this year managed a presidential election and a run-off election for president, as well as a parliamentary election without significant violence, but the announcement today by prime minister Xanana Gusmão that he would invite two minor parties into a coalition to form government for the next five years appears to have triggered the violence.

Hopes were high among Fretilin supporters that they might also be invited to join a "government of national unity".

But Mr Gusmão dashed those hopes at a special meeting of his national congress for Timorese reconstruction in Comoro, Dili, announcing he would govern with the democratic party and a new breakaway from Fretilin, Frente-Mudanca.

Sources suggested that the violence had been triggered by one of the CNRT delegates at the meeting who strongly criticised the leaders and members of Fretilin, which has spent the past five years in opposition.

A source told Fairfax that houses owned by CNRT figures in some of the outer districts may have been torched, but this is unconfirmed.

East Timor was wracked by violence in 2006 and again in 2007, prompting Australian and United Nations forces to move into the country to help keep the peace.

The latest outbreak may jeopardise their plans to leave at the end of this year, once the new government was bedded down.

In last week's election, Mr Gusmão's party increased its vote from 24 per cent in 2007 to 36 per cent. Fretilin received 30 per cent of the vote and 25 seats, PD (democratic party) - backed by outgoing president José Ramos Horta - gained 10 per cent and eight seats and Frente-Mudanca 3 per cent and two seats.

The CNRT's general secretary said forming a coalition with PD and Frente-Mudanca was in the best interest of the stable government.

A Fretilin MP, Estanislau da Silva, said earlier he was not disappointed by yesterday's decision. "we would have liked to contribute," he said. "we have experience, but that is their decision."

The vote and negotiations were seen as a vital test of whether the 1300 UN peacekeepers can withdraw from the country. They are expected to leave at the end of the year.

with Mouzinho Lopes and Joyce Morgan.

Timor Hau Nian Doben em 22:09

118.3. DÍLI: GNR TEVE DE INTERVIR EM CONFRONTOS ENTRE FAÇÕES POLÍTICAS.



Houve apedrejamentos, cortes de estradas, carros queimados e alguns feridos sem gravidade, por: TVI 24 15-7-2012 15: 53

Divergências entre facções políticas timorenses culminaram este domingo em apedrejamentos, cortes de estradas, carros queimados e alguns ferimentos sem gravidade em Dili, Viqueque e Baucau, revelou à Lusa o comandante Barradas do subagrupamento alfa, em Dili. De acordo com a Lusa, os incidentes terão sido suscitados após o anúncio de que a Fretilin não faria parte da coligação governamental que está a ser formada, na sequência das eleições legislativas realizadas a 7 de julho, em que o CNRT, de Xanana Gusmão, venceu, mas sem maioria absoluta. Os incidentes tiveram lugar por volta das 19:00 em Dili (11:00 em Lisboa), obrigando à intervenção das autoridades policiais, com o envolvimento dos militares portugueses da GNR.

Pelas 23:00 em Dili a situação estava «pacificada», mantendo-se o patrulhamento da polícia timorense, apoiada pelos militares portugueses da GNR, adiantou à Lusa o comandante Barradas.

O partido de Xanana Gusmão, que ganhou sem maioria absoluta as legislativas timorenses, decidiu convidar o PD e a Frente Mudança para formar o próximo Governo, rejeitando uma coligação com a Fretilin, segundo fonte oficial.

118.4. Distúrbios resultam de "atitude irresponsável" do CNRT - Mari Alkatiri 16 de julho de 2012, 15:29

Macau, China, 16 jul (Lusa) - os distúrbios em Timor-Leste praticados por alegados membros da Fretilin "não são feitos em nome" do partido, são "consequência de uma atitude irresponsável do CNRT e de alguns dos seus membros", afirmou hoje à agência Lusa Mari Alkatiri. Segundo o secretário-geral da Fretilin, "os atos criminosos não têm nada a ver com a organização. A qualidade das pessoas é uma coisa, os atos das pessoas são outra coisa", disse o mesmo responsável, ao salientar que ninguém pratica distúrbios em nome da Fretilin. Num contacto telefónico feito pela Lusa a partir de Macau, Mari Alkatiri, secretário-geral da Fretilin, salientou, contudo, que a reação das pessoas é uma resposta à "atitude irresponsável do partido CNRT e dos seus membros".

"Utilizaram os canais oficiais para fazerem uma conferência em direto e fazerem quase um julgamento público à Fretilin", disse Mari Alkatiri, ao sublinhar que publicamente os membros do Conselho Nacional Da Reconstrução Timorense (CNRT) acusam a Fretilin de "não contribuir para a paz e outras coisas".

"Isto é um ato irresponsável que teve lugar numa conferência do partido" e que depois gerou "reações espontâneas de pessoas e não da organização", assinalou.

Mari Alkatiri disse também ter já falado com o presidente da República, Taur Matan Ruak, e com um colaborador do primeiro-ministro, Xanana Gusmão, "apelando a que assumam uma postura que acalme as pessoas".

Com lugar garantido na oposição depois do Conselho Nacional Da Reconstrução Timorense ter decidido convidar o Partido Democrático e a Frente Mudança para formar um Governo maioritário, Mari Alkatiri garante "respeitar totalmente o resultado eleitoral", mas diz que a oposição do país nunca passou de cosmética. "Eles dizem que querem uma oposição forte, mas é cosmética, porque o Governo nos últimos cinco anos nunca respeitou a oposição", concluiu. Ara/jcs. Lusa/fim

CHRYS CHRYSTELLO COMENTA:

A realidade timorense é o que nós sabemos que ela é, e a acreditar naqueles que dizem que a não compreendem é perpetuar a cega obediência a cores partidárias, neste caso os que dizem que Xanana é um santo e Mari o diabo, e os outros são anjos bons ou maus conforme os partidos. O mesmo esquema que vem desde 1975 de divisão do povo entre os que apoiam a, b, c e nenhum que queira congregar todo o povo e governar para ele - povo - e não para os interesses e agendas pessoais de cada um e de cada partido.

Quando como poeta e crente em utopias propugno que se reúna um Governo de unidade nacional apara acabar com as divisões que vêm de 1975 dizem que, de facto, não conheço a realidade (artificialmente imposta) timorense. Enquanto não ultrapassarmos o golpe de Estado da UDT, do meu querido e saudoso João Carrascalão, e a brutalidade da Fretilin que se seguiu antes do genocídio indonésio, nada se pode fazer... Não peço que esqueçam, nem sequer peço já justiça pois ela nunca chegaria a tempo de tantos que morreram em vão, peço apenas que entendam que Timor não é um Estado falhado mas pode não ter o futuro que todos desejam se continuarmos com a mesma matriz tribalista que existe há séculos (ver meu vol. 2 da trilogia de Timor, <https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992>). É necessário um passo para a frente e isso está reservado aos que têm visão, aos que sonham e aos que acreditam e não aos que vivem amarrados em injustiças passadas, velhos ódios, vinganças por realizar e outras quejandas...

118.5. OS INFANTILMENTE PREVISÍVEIS ADVERSÁRIOS DE XANANA GUSMÃO, por António Veríssimo segunda-feira, 16 de julho de 2012,

No ponto geográfico onde o sol se põe, naquilo a que chamam ocidente, creio que todos adormecemos julgando que os distúrbios ocorridos ontem em Timor-Leste estavam dominados e que nesta manhã daquele país tudo acordaria com a ressaca de uma tarde-noite violenta, mas em paz.

Assim parece não estar a acontecer.

Poderei afirmar que estou quase virgem sobre as notícias ou e-mails que hoje me põe a par da situação em Dili e noutras localidades onde existiram e existem confrontos violentos.

Bastou-me ler que já se regista um morto para ficar com o dia estragado, com a tristeza e a revolta que muitos de nós, pacifistas e democráticos amantes de Timor-Leste, sempre experimentamos quando a violência estala no país.

Em tempos idos eram a ansiedade e tristeza coladas à impotência que morava conosco até no subconsciente por via das atrocidades das forças ocupantes indonésias.

Agora, e de há tempos a esta parte, talvez a tristeza seja maior porque são timorenses os carrascos dos próprios timorenses.

Para mim e para muitos de nós não importam as suas cores partidárias, importa que não está certo e que por não valorizarem a vida comportam-se como as odiosas forças indonésias ocupantes do país durante mais de duas décadas.

Irmãos contra irmãos por razões nunca suficientemente justificativas para matarem, esfolarem, incendiarem, ferirem, apedrejarem....

Quem se julgam?

O que defendem?

Quem apoiam?

Apoiam o caos, a vossa miséria, e mais nada.

A irracionalidade regressou a Timor-Leste. Atiram-se culpas para este e aquele. Fala-se sobre quem provocou os primeiros "acordes" da violência.

Diz-se que foi o CNRT, que foi Xanana. Mas onde está a novidade?

Todos sabemos que Xanana Gusmão é mestre em fazer o mal e a caramunha.

Em organizar um golpe e convencer de que foram outros que o fizeram, em dividir os timorenses em Lorosae e Loromonu por lhe convir essa divisão e as ações de violência consequentes, em fazer-se vítima de atentados quando estruturou mais uma boa farsa...

E todos caem infantilmente naquilo que Xanana Gusmão semeia: a discórdia seguida de violência, de destruições e mortes.

"Caem sempre na esparrela montada por Xanana" disseram-me ontem de Timor-Leste.

Desculpem, meus caros adeptos da violência: mas vocês são parvos ou o que são?

Depois de quase 10 anos de vivência mais ou menos democrática não há justificação possível para ter reações como as de ontem e de hoje, pelo que mal li e sei.

A violência não serve a ninguém, muito menos à Fretilin.

Não há desculpa para a existência de violência exceto a que seja imprescindível para nossa defesa, para vossa defesa, para a defesa de qualquer pessoa ou organização física e violentamente atacada.

E mesmo assim deve ser aplicada com conta, peso e medida.

Preferencialmente com todo o respeito que devemos ao direito à vida animal e humana.

A violência prossegue em Timor-Leste.

É o que vi de relance.

É o que a seguir terei por destino inteirar-me...

Basta! Não façam o jogo desse homem malvado e de seus associados, que não olham a meios para atingirem os seus objetivos.

Exatamente por fazerem o jogo deles é que Gusmão e os seus andam gordos e anafados e quase todos os outros com fome e a sobreviverem à míngua.

Deixem de ser tão infantis, tão primários, tão previsíveis aos olhos dos vossos adversários e inimigos. Respondam-lhe adequadamente no quadro institucional e democrático.

Basta!

Este é um "déjà-vu" estéril e cansativo.

118.6. EMBAIXADOR DE PORTUGAL RENOVA CONSELHO PARA SE EVITAREM "DESLOCAÇÕES DESNECESSÁRIAS" À NOITE 16 de julho de 2012, 20:08

Díli, 15 jul (Lusa) - o embaixador de Portugal em Timor-Leste, Luís Barreira De Sousa, renovou hoje o conselho aos portugueses em Díli para que "evitem deslocamentos desnecessários", após distúrbios na noite de domingo de que resultou um morto e vários feridos.

Numa mensagem escrita enviada por telemóvel ao final da tarde de hoje em Díli (manhã em Lisboa), o embaixador adianta que "os incidentes diminuíram", mas acrescenta que "esta noite os que vivem em Díli deverão ainda evitar deslocamentos desnecessários".

Esta é a segunda mensagem enviada pelo embaixador Luís Barreira De Sousa à comunidade portuguesa de Díli e surge na sequência de distúrbios que provocaram a destruição de 58 carros e ferimentos em "três ou quatro" pessoas, uma das quais acabaria por morrer no hospital.

Os distúrbios ocorreram depois de o partido de Xanana Gusmão, que ganhou sem maioria absoluta as eleições legislativas de 07 de julho, ter convidado os dois partidos que elegeram menos deputados para formar Governo, rejeitando uma coligação com a Fretilin, o segundo partido mais votado pelos timorenses.

Os incidentes ocorreram cerca das 19:00 de domingo em Díli (11:00 em Lisboa), obrigando à intervenção das autoridades policiais.

Pelas 23:00 (15:00 em Lisboa), a situação estava "pacificada", mantendo-se o patrulhamento da polícia timorense, apoiada pelos militares portugueses da GNR. Lusa / fim

118.7. TIMOR-LESTE: POLÍCIA DETEVE CINCO PESSOAS DESDE O FINAL DA TARDE DE DOMINGO

jcs - Lusa

Macau, China, 16 jul (Lusa) - a polícia nacional de Timor-Leste deteve, desde o final da tarde de domingo, cinco pessoas alegadamente envolvidas em ações de desestabilização social no país, disse à agência Lusa o comandante da polícia, Longinhos Monteiro.

Num contacto telefónico feito a partir de Macau, Longinhos Monteiro explicou que na noite de domingo foram detidas duas pessoas e que já hoje de manhã outros três indivíduos que estarão envolvidos nos distúrbios que começaram após o conselho nacional da reconstrução de Timor-Leste (CNRT), o partido de Xanana Gusmão, que ganhou sem maioria absoluta as legislativas timorenses, ter anunciado ter convidado o PD e a Frente Mudança para formar o próximo Governo, rejeitando uma coligação com a Fretilin.



Longinhos Monteiro disse também que os distúrbios, que classificou como "atos criminais" estão a ser perpetrados por "militantes ou apoiantes da Fretilin" que demonstram a sua "insatisfação com violência e anarquismo".

Mas, sublinhou, a polícia está no terreno para manter a tranquilidade e a ordem pública, e "nenhum país democrático aceita a violência e o anarquismo como parte do jogo político".

Desde o final da tarde de domingo, Longinhos Monteiro identificou também 63 viaturas do Governo destruídas ou com danos, "entre os quais cinco carros da polícia", e cinco polícias feridos nos confrontos.

Apesar de sublinhar "ser seguro" andar nas ruas da capital, onde a polícia está pronta a intervir em qualquer cenário, Longinhos Monteiro apelou à população para se manter em casa dado que os distúrbios são provocados por pessoas que atacam tudo o que não seja do partido (Fretilin).

"Para eles o alvo é tudo o que não é do partido", disse. Publicada por página global em 13:19

4 comentários:

Anónimo disse... 16 julho de 2012 15:25

Quanto à violência em Díli, um responsável e credível membro do CNRT, Dionísio Babo, afirma: «Um grupo de jovens estiveram nas ruas a apedrejar carros e, segundo a informação da polícia, houve 58 carros que foram destruídos e três ou quatro pessoas que foram hospitalizadas, mas a situação em geral está calma...esse grupo de jovens saiu para a rua e começou a fazer distúrbios», afirmou. Quanto ao mesmo assunto o irresponsável, tendencioso, ex-PGR e agora, convenientemente diretor nacional da PNTL, disse também que os distúrbios, que classificou como "atos criminais" estão a ser perpetrados por "militantes ou apoiantes da Fretilin" que demonstram a sua "insatisfação com violência e anarquismo". O Sr. Longinhos Monteiro como ex-PGR tem a obrigação de saber e sabe, que a sua função atual é manutenção da ordem pública, pois os julgamentos e acusações são, ou melhor eram as suas anteriores competências. Como sabe das suas atribuições e competências a única conclusão que se pode tirar é a de que o Sr. Diretor da PNTL está a ser tendencioso e em vez de manter a ordem pública está a provocar a desordem pública nacional, a atizar os "ódios" e destruição do país. Enfim a história repete-se com as "mesmas estórias e os mesmos atores e autores" ... De uma vez por todos cumpra os seus deveres ou pelo menos seja honesto e mantenha a "ordem..." Ou demita-se.

anónimo disse... 16 de julho de 2012 16:01

Temos de ser claros para o mundo: tudo o que está a acontecer em díli, capital de Timor-Leste, e culpa do CNRT de Xanana Gusmão. É culpa do Xanana, atual PM de Timor-Leste! Como é que num país que se diz democrático, um partido político paga para ter tempo de antena durante quase todo o dia, para que os seus militantes possam atacar o maior partido da oposição, Fretilin, insultando os seus militantes e simpatizantes e, ferindo a sua dignidade!? Isso é logicamente uma clara provocação. ... Mesmo que haja só uma vida que se perde em Timor, ela é demasiado preciosa, e não depende da vontade de Xanana Gusmão ou do seu comandante geral da polícia nacional, Longinhos Monteiro! 16 de julho de 2012 16:01

Anónimo disse... 16 de julho de 2012 16:07

Apoio! A vida é um dom de deus e não esta nas mãos do Xanana ou do longuinhos disporem das vidas dos timorenses. Pertence a deus dispor das nossas vidas! Hoje em Timor a vida dos nossos cidadãos já não tem preço, e valor!

Cada morte e mais um número para as estatísticas da ministra Emília Pires. E o Xanana devia ter vergonha, pois já não consegue ser o unificador das vontades e o aglutinador das aspirações do povo de Timor-Leste. Ao seu redor abundam os corruptos, os pró-indonésios e os oportunistas. Timorenses, chegou a hora de limpamos Timor da gente desta laia! Viva a revolução! Abaixo Xanana Gusmão!

· anónimo disse... 16 de julho de 2012 16:16

O problema é que a Fretilin não consegue sobreviver sem cargos públicos. Xanana acerta em não convidar a Fretilin que já deu provas que não tem cultura democrática nem temperamento para ser oposição consequente. Cadeia para esses baderneiros!!

Enquanto isto acontecia nalguns grupos do Facebook os ânimos exaltavam-se...

Egdo - É de lamentar. Sunday July 15 - JULY 15 at 13:42 ·

Ac - Não eclodiu em Timor! Em algumas zonas, sim. E espero que rapidamente tudo volte ao normal! Sunday July 15 - at 13:43 ·

Cezb - Governo alargado? Com o rival que perdeu? Ficou em 2º lugar? Quem tem que decidir é a CNRT e mais ninguém! Não misturem alhos com bugalhos! Estamos numa Democracia! Não ao fanatismo radical! Sunday July 15 - at 13:59 ·

Jmlp - Infelizmente isto aconteceu, mas, a mim, não me espanta. Estes senhores da Fretilin têm um longo historial de violência que já remonta a 1975. Eu tenho vindo a focar as atrocidades por eles cometidas que incluem a chacina de grandes timorenses e outras pessoas gradas, só porque tinham opinião diferente à da sua ideologia. Há 37 anos estes factos, embora, não se aceitassem, podia dizer-se que ninguém sabia o que era democracia, enfim, podia arranjar-se as desculpas que se entendesse. Mas, agora já não há desculpas. O PSD não fez coligação com o CDS? Será que as coligações não poderão democraticamente ser escolhidas? Ou será que o forte da Fretilin é oposição à catanada ou bombardear zonas neutras, como a ponte de cais em agosto de 75 com o custo de vidas inocentes? Eu sei que muitos de vocês que irão ler estas minhas palavras que me saem do coração (timorenses, portugueses e não só) não concordam com o que digo e eu aceito. De certeza que não me vão chamar nomes ou atirar tiros, como fizeram ao meu carro em agosto de 75, mas, desculpem, eu tenho uma memória ainda viva e razoável e de vez em quando lá vêm à tona algumas destas peripécias. Perdoem os que não gostarem. Não leiam, mas não desdenhem da Democracia. Sunday July 15 - at 14:10 ·

Ac - em 2007 quem ganhou foi a Fretilin e não foi para o Governo, lembras-te? Pela interpretação do artigo 106º da nossa Constituição formou-se um Governo de coligação. Ou seja, nem sempre quem ganha, manda! Foi uma coligação ou aliança pós-eleitoral. Sunday July 15 - at 14:28 ·

Chrys Chrystello - obrigado, lá está o que se discutia há horas nesta ou noutra lista sobre a história de Timor e a necessidade de ela ser ensinada urgentemente...Sunday July 15 - at 14:41 ·

Aa - Xanana tinha de formar um Governo maioritário. A Fretilin desde cedo que se pôs de parte nessa hipótese. Restava aliar-se a partidos mais pequenos. Tudo normal. A violência e o mau perder é que não estavam nos planos. Sunday July 15 - at 15:11 ·

Chrys Chrystello - o que era preciso era consolidar a paz...agora que a ONU sai...basta de violência! Sunday July 15 - at 15:15 ·

Af - É como se há 1 ano o PS quisesse, à força, entrar no Governo do PSD... Agora, como há 38 anos, a rapaziada da Fretilin não sabe o que é "democracia". E isso entristece-me. Conheci-os todos. Em 1974, assisti à mudança da ASDT para Fretilin, tenho o livrinho decalcado do manual do PAIGC, ouvi programas de rádio em que se apelava aos militares para que tomassem conta dos quartéis e paióis, estranhei a não-ida à Cimeira de Macau (o único elemento lúcido não estava em Timor), e já em Lisboa revoltei-me quando soube do assassinato do meu amigo Aquiles Soares, que em matéria de patriotismo nenhum lhe chegava aos calcanhares. Depois houve Aileu, e sabe-se lá mais o quê. Parece que o paradigma não mudou. Os novos são iguais.... É a sombra que mancha a imagem que eu tenho e quero conservar, de Timor e do seu povo. Só não conheci Xanana. Mas sei quem é. Força, Xanana, CNRT mak manaan! Sunday July 15 - at 16:40 ·

Hb - Dado o potencial de violência cabe à Fretilin o bom senso de apelar à calma. Ainda são as dores de um jovem país. Sunday July 15 - at 16:52

Db - Que se saiba foi o CNRT que ganhou as eleições e muito justamente foi convidado a formar Governo. Aliou-se a quem achava que lhe dava condições para governar (PD e Frente Mudança). Não acatar esta decisão é falta de humildade democrática em aceitar os resultados eleitorais onde o povo escolheu de forma soberana os seus representantes. Sunday July 15 - at 17:18 ·

Mefm -1975 Timorenses e Portugueses! É verdade e lamento (por Timor e pelos Timorenses, o que está acontecendo). A violência dá cabo de um País! É pena que não o entendam. Um Timor tão bonito, de gentes empreendedoras, capazes e lindas. Que mais esta ferida seja sanada! Que a Paz volte para todos e que Timor possa caminhar em Democracia, rumo ao Progresso e Desenvolvimento. Sunday July 15 - at 17:23 ·

Rmb - estava em Timor em 11 de agosto de 1975? Se sim acho que você viu tudo só com uma vista! Foi aqui que começou a violência e de que maneira! Estava lá, peguei em armas e fiz parte daquilo que a sua outra vista não vê ou não quer ver! Infelizmente aquilo que nós queríamos fazer não bateu certo! Hoje lamento tudo o sucedido, mas também acho que a culpa é de todos nós Timorenses! Sunday July 15 - at 20:44 ·

Aa - reconheço que não tinha lido estas últimas notícias da Fretilin. Mas eu baseei-me nas declarações anteriores aos resultados eleitorais, em que diziam que se vencessem não fariam alianças para o Governo. Depois da derrota, então sim pareciam interessados em participar no Governo, o que seria bom. Mas as divergências políticas são muitas para isso ser possível. Sunday July 15 - at 21:29 ·

Jfgt - O meu comentário referia: De acordo com o Repórter da RTP em Díli a "agitação" começou depois de apedrejarem a Sede do Comité Central da Fretilin... (e que não venham dizer que são simpatizantes desse partido...como já alguém aqui me tentou fazer crer há uns tempos atrás) ...Sunday July 15 - at 22:53 ·

Jfgt - Já agora informo que logo que vi estas notícias peguei no telefone e falei para Díli, uma das informações que me deram é que o Congresso do CNRT realizado neste fim de semana foi transmitido pela televisão... e que o mesmo congresso foi um "enxovalhar" da Fretilin... Uma autêntica "caça às bruxas" ... E mais comentários não faço...que cada um tire as suas conclusões! Sunday July 15 - at 22:57 ·

Jmlp - Amigo, o que eu escrevi foi o que eu vi e vivi, com os dois olhos que, graças a Deus ainda preservo. Queres-me dizer que as chacinas e o ódio não existiram em 1975? Terei que repetir os nomes dos mártires que pereceram às mãos da Fretilin? Quero-te recordar que o José Alexandre Gusmão, hoje conhecido por Xanana, era Fretilin, bem como o Ramos Horta. Mas adiante. Também dizes que não foi verdade os bombardeamentos à Ponte Cais, considerada pelos beligerantes, como zona neutra? Eu estava lá nessa altura e também a 11 de agosto. Mais detalhes desses bombardeamentos. Um dos rockets destruiu um helicóptero da força aérea portuguesa estacionado do lado esquerdo a seguir aos armazéns e matou pelo menos uma criança. Vi uma mãe de volta dessa menina, fechar-lhe os olhos e virou-se para mim e disse "coitadinha, ainda estava viva e dei-lhe a extrema-unção." Tu não viste, mas o meu Datsun 100A, que deixei à entrada do cais tinha vários buracos de balas na embaladeira. Teriam sido dirigidos a quem? -Volto a dizer-te que tudo isto foi visto e presenciado com os meus 2 olhos. De politiquices e bastidores nunca percebi nem muito nem pouco e continuo a não perceber. Não tenho formação política, mas tenho o dom de poder dar uma opinião e espero que percebas que tento ser coerente com as minhas opiniões. Compreendes o que quero dizer, ou terei que explicar não sou um vira casacas. Independentemente do que pudesse ser melhor ou pior para Timor e é isto, R o que está em causa, o partido vencedor, uma vez convidado para formar Governo tem todo o direito DEMOCRÁTICO de escolher os seus parceiros de coligação com os quais terão que ter uma maior afinidade. E, quanto a isto "potatos". Viva a Democracia, viva a Liberdade, fora com os opressores, viva meu amado Timor que parece ter nascido para não ser feliz, apesar da sua beleza. Sunday July 15 -

·Rmb - acho que não escrevi o que você detalha! O que simplesmente queria dizer foi que a violência a que você se refere começou no dia 11 de agosto de 1975 com o golpe da UDT de que eu fazia parte.

Está claro que você não viu o que eu vi ou não quis ver. Lamento as mortes desnecessárias de ambas as partes, mas temos de ter coragem de aceitar que todos nós fomos culpados! E isto não quer dizer que mudei de casaca ou de clube de futebol. Depois de 37 anos na Austrália aprendi muito! Hoje não voto (em eleições) em caras de quem lidera os partidos políticos porque joguei basquetebol ou bebi umas cervejas com os seus líderes! Voto sim em Partidos que apresentam os melhores programas de governação para o País! Acho piada quando se refere ao partido vencedor! Em 2007 quem foi o vencedor? Foi convidado a formar Governo? Está claro que não! Você opôs-se? Está claro que não! Yesterday at 01:33 ·

Cezb - Sr.! Gostei do seu depoimento! Só eu é que sei da morte do Aquiles, de Aileu, Maubisse e Same! Fui eu quem passou as passas do Algarve desde 75 até fins de 77 no mato e depois em Díli até julho de 1983! Você sabe quem ficou com o Datsun 100 A? Olhe segundo me contaram ficou com o seu compatriota Mau Lelo! Este fantoche na prisão do QG insultou e cuspiu para a cara do Maggiolo Gouveia à minha frente. Tem agora um lugar no Jardim dos Pés Juntos em Santa Cruz. RIP. Abraços a todos vós! Viva Xanana! Viva CNRT e viva Timor-Leste! July 16 at 06:19

Af - grato por recordarem o Maj. Maggiolo Gouveia, que eu tive o prazer de conhecer, bem como a família. Um 'gentleman', um homem coerente. Teve a sorte do Aquiles..july 16 at 11:04 ·

Chrys Chrystello - Acabo de escrever isto quando falo sobre um Governo de reconciliação nacional alargado aos principais partidos. Pretendo com isso a paz presente e futura e a defesa dos interesses da nação timorense e não nos interesses dos partidos, como sempre quem se lixa é o povo. Por continuarmos com estas clivagens é que ainda não há o progresso e desenvolvimento que deveria haver em Timor.... Há pessoas que continuam agarradas aos vícios de 1975...esperemos que novas gerações ultrapassem isso.

He - De facto, é lamentável não se perceber o que é a realidade timorense. Yesterday at 11:20 ·

Chrys Chrystello - A realidade timorense é o que nós sabemos que ela é e a acreditar naqueles que dizem que a não compreendo é perpetuar a cegueira obediência a cores partidárias, neste caso os que dizem que Xanana é um santo e Mari o diabo, e os outros são anjos bons ou maus conforme os partidos. O mesmo esquema que vem desde 1975 de divisão do povo entre os que apoiam a, b, c e nenhum que queira congregar todo o povo e governar para ele - povo - e não para os interesses e agendas pessoais de cada um e de cada partido. Quando como poeta e crente em utopias propugno que se reúna um Governo de unidade nacional para acabar com as divisões que vêm de 1975 dizem que de facto não conheço a realidade (artificialmente imposta) timorense. Enquanto não ultrapassarmos o golpe de Estado da UDT do meu querido e saudoso João Carrascalão, e a brutalidade da Fretilin que se seguiu antes do genocídio indonésio, nada se pode fazer... Não peço que esqueçam, nem sequer peço já justiça, pois ela nunca chegaria a tempo de tantos que morreram em vão, peço apenas que entendam que Timor não é um Estado falhado, mas pode não ter o futuro que todos desejam se continuarmos com a mesma matriz tribalista (ver meu vol. 2 da trilogia da história de Timor) que existe há séculos. É necessário um passo para a frente e isso está reservado aos que têm visão, aos que sonham e aos que acreditam e não aos que vivem amarrados em injustiças passadas, velhos ódios, vinganças por realizar e outras quejandas...A realidade timorense a que se refere é qual? A de hoje, a de 1975, a de 1999, a de 2002? É que a realidade timorense muda e vai continuar a mudar...Grato pelo tempo que vos tirei. July 16

e - Quanto à realidade timorense, é a de todos os tempos, ou melhor, a de hoje, com toda a história que lhe está adjacente...July 16

Chrys Chrystello - não tomo partido por pessoas ou partidos...ou ideologias...o povo timorense tem direito de fazer o que bem entende...July 16

Jmlp - A política de Timor pode-se dizer, é de todo incendiária, a julgar pelas opiniões das pessoas e pela forma como cada um defende as suas ideias. Eu não me julgo um defensor do que quer que seja, por várias razões, sendo a mais evidente a minha falta de conhecimentos e formação política e o meu fraco curriculum académico. Tenho isso sim, uma vasta experiência de vida acumulada através dos meus já longos 67 anos nos quais se encaixam um mínimo de inteligência, contudo suficiente para poder distinguir o branco do preto ou o verde do amarelo ou ainda a luz do dia da penumbra da noite. Quero aqui afirmar que fui simpatizante da UDT e que continuo a acreditar nas razões que levaram ao golpe de 11 de agosto e nos princípios que protagonizaram essa ação em relação aos seus motivos e ideais.... As minhas desculpas por qualquer apreciação menos correta que tenha feito em relação ao teu último comentário. Sou defensor da união entre todos os timorenses e que se deverá procurar e encontrar uma plataforma que abranja ricos e pobres de modo a que todos possam nivelar as suas vidas de uma forma digna e justa, dentro do espírito da Carta das Nações Unidas. Por outro lado, amigo R, sei também que alguns seguidores da UDT não se comportaram dentro do espírito defendido pela maioria dos seus líderes e assisti até a algumas brutalidades cometidas por apoiantes da UDT, nomeadamente em relação a Fretilins detidos na PM ao ponto de precisarem de proteção para se deslocarem aos sanitários. July 16

jmlp - Em conflitos de guerra há sempre a tendência para extremismos, uns mais do que outros, mas a Lei também se aplica a esses excessos através de inquirições com o intuito de julgar e condenar os prevaricadores que não deverão de forma alguma ficar impunes. Foram demasiados os crimes de guerra cometidos e não é por ódio ou por raiva que se devem condenar os culposos, mesmo que isso seja um processo muito longo. Deve-se fazê-lo em nome da coerência e da justiça. Os mártires de Timor têm o direito de repousar em paz e, enquanto os facínoras continuarem a, injustamente, respirar o ar puro e a usufruir da liberdade própria dos justos nunca poderão ter sossego nem as suas famílias que ainda hoje choram e penam pela perda injusta dos seus entes queridos levados precocemente. Apelo a todos os timorenses, simpatizantes e amigos de Timor que aceitem a democracia e que unam as suas vozes apelando à Paz naquele País e que dirijam as suas críticas de uma forma construtiva, sustentando sempre as suas ideias de modo a poderem tornar-se uma mais-valia. Chega de guerras. Chega de ódios. Deixem-se de invejas e esqueçam o seu ego, se é que realmente amam Timor da mesma maneira que eu, que orgulhosamente tenho 4 frutos valiosos dessa terra maravilhosa e que, infelizmente continua a ser injustiçada pela maldade dos homens. July 16

Chrys Chrystello - curioso como propugno a unidade de todos os timorenses e sou atacado com ferocidade que me faz lembrar o sangrento 1975...parece um clubismo pior do que o futebol..., mas as minhas ideias utópicas ou poéticas continuam a ser as mesmas.... Eu amo Timor e todos os timorenses e sou acusado de não acatar os resultados eleitorais, e quando interrogo se esses valores eleitorais não eram os mesmos em 2007...dizem que agora quem manda são os que ganharam... Afinal quem ama Timor e os timorenses e quer a unidade deles? Quaisquer que sejam as suas ideias...ou há quem entenda que vale tudo para o partido que ganha e que isso é mais importante do que a unidade nacional? E a ameaça da Austrália sempre presente (goste-se ou não dele e do seu partido Mari fazia frente aos interesses da Austrália e tentou obter maior compensação dos direitos do petróleo) e os outros interesses regionais que ameaçam a frágil democracia que tem sobrevivido com tropas estrangeiras? Haja paz e unidade que é a única via para o futuro July 16

Db - E porque é que o CNRT não havia de coligar-se com quem queria se passava a ter maioria (30 +2+8=40) contra os 25 da Fretilin? Qual é a injustiça de tal ato? Onde é que foi desvirtuada a democracia? Onde não foi respeitado o direito constitucional? O que parece é haver défice democrático em algumas mentalidades que ainda não aceitaram a ideia que em Democracia se ganha e se perde. O Povo é quem mais ordena e o povo manifestou-se em eleições livres pela vitória do CNRT. Tão simples quanto isto...15 hours ago ·

Chrys Chrystello - mas ninguém pôs isso em causa...até podem governar só ou com um outro parceiro...deviam era não acicatar mais as animosidades já existentes entre os dois grupos que polarizam a sociedade timorense. Ou eu me engano ou continuará infelizmente a haver incidentes - destes e doutros - como com a polícia e o Reinaldo em 2006.... Ainda ninguém cuidou de tratar as feridas, só puseram Band Aid...e a ferida pode gangrenar...e nessa altura já não há tropas da ONU ou vão chamar o polícia australiano outra vez?

db - Mas parece-me que aqui os desacatos não começaram do lado de quem ganhou as eleições...antes pelo contrário!

Chrys Chrystello - lá voltamos ao mesmo, um acicata e o outro responde resultado mais violência e mais um morto em vão...Desejo paz para os timorenses...não quero ter razão nem vencer, democraticamente ou não, quero é paz para todos, será muito difícil entender o que pretendo? Fiquem todos com a razão...eu quero ficar em paz com todos os timorenses e os que não querem a paz e causarem desacatos deixem a lei funcionar... termino aqui este assunto que não leva a lado nenhum. 15 hours ago ·

aj - Boas tardes ou boas noites sobretudo para Timor-Leste que bem precisa! Entrei há pouco neste grupo porque ao lê-lo fiquei também com vontade de escrever umas palavrinhas tal era o que se me proporcionava na leitura. Por isso, pedi a uma pessoa amiga, pela qual tenho o maior respeito, para me adicionar. E no mesmo calce, digo já, não sou dos que mudam de "casaca", portanto e assumidamente se pudesse votar teria votado no CNRT de Xanana Gusmão enquanto Mari Alkatiri estiver à frente da Fretilin, ponto. Isto é a minha posição, valerá tanto como outra qualquer diferente.

O Sr. Chrys Chrystello diz no post: "Xanana em vez de fazer um Governo alargado de reconciliação nacional com a Fretilin uniu-se a dois partidos minoritários e o resultado está à vista..." É um facto, aliou-se ao PD e à FM e o resultado está à vista. À vista, como sempre esteve à vista as ameaças de Mari Alkatiri quando dizia (parece que continua a dizer e pelos vistos até acontece): "só a Fretilin pode criar estabilidade e instabilidade em Timor" ... Ficou-lhe muito mal isto e pelos vistos deveria assumir as respetivas responsabilidades embora já tenha dito que a violência, esta de ontem, eventualmente exercida por elementos da Fretilin, seja da responsabilidade desses elementos e não da estrutura Fretilin. Lindo! É bonito. Talvez assim já seja aceitável a violência.

Por acaso, considero que quem se deve reconciliar com os partidos e com Xanana é a Fretilin, não o inverso por motivos óbvios, sobretudo por motivos históricos. Quem se tem de reconciliar com o Povo timorense é Mari Alkatiri. Apenas concluo que é preciso saber perder ganhando ou perdendo mesmo, coisa difícil para aqueles lados visto que a "escola" não é seguramente uma "escola" de Paz! As palavras e posicionamentos pré-eleições, das Flores, Da Paz, da Harmonia...eram afinal coisas atiradas da boca para fora...repiro aqui, para inglês ver.

É bom que se lembre que nas primeiras eleições legislativas para o Parlamento Nacional em 2007, o resultado que dali saiu foi a formação do IV Governo Constitucional da República Democrática de Timor-Leste. Ao contrário do que foi amplamente assumido pela Fretilin, na altura e durante todo este mandato da AMP, nunca esse partido assumiu como "constitucional" quem a tal, democraticamente, foi chamado a governar. Fizeram disso bandeira e inicialmente recusaram-se a assumir os lugares que lhe competiam, de Deputados ao Parlamento Nacional. Como se percebia que o Parlamento Nacional continuaria a funcionar apesar da aberração, reviram essa posição. Nada de ilegal existia, apenas a teimosia da Fretilin em ter achado que...devia ser chamada a governar. Repete-se a história, não há paciência.

Sem ter conseguido uma maioria estável para o PN devia ser chamada a governar? Só se fosse mesmo para o Orçamento Geral do Estado não ser aprovado com as implicações posteriores - eleições passados 6 meses, obviamente! Logo, de estável, nada teria. Não se pode esquecer os anos em que a Fretilin decidiu sozinha governar e tudo o que durante esse tempo se passou. Mas isso fica para outra achega. Para não se falar que a Fretilin foi Governo, sozinha, sem ter sido sufragada especificamente para esse efeito. De uma Assembleia Constituinte passou para Parlamento Nacional e ponto, siga a marinha. Portanto, na verdade a Fretilin nunca conseguiu agremiar consensos para levar a bom porto a sua hipotética governação. Esta é uma realidade! O "facto" de não terem querido saber ler a própria Constituição, "feita" pelos Srs. Doutores, é de bradar aos céus! Nela está plasmada a possibilidade de formação de governos maioritários mesmo que o partido mais votado esteja próximo da casa dos 49%...e a Fretilin nem perto esteve para poder ter peso na decisão do Presidente da República (Ramos Horta) para chamar quem tivesse de chamar. Basta para isso que não consiga que outros partidos se aliem para atingirem a maioria absoluta de lugares no Parlamento Nacional (artigo 106º da Constituição). Ora foi exatamente isso que aconteceu à Fretilin em 2007 e agora em 2012. Se há que culpar alguém talvez seja de começar pela própria estratégia da Fretilin que afinal não conseguiu fazer crescer o seu eleitorado a ponto de se encontrar em situação confortável ou que outros partidos a ela se aliassem para conseguir maioria absoluta para governar.

Parece-me demasiado claro para não se perceber. O PD não quis aliar-se à Fretilin, ponto. A FM não quis aliar-se à Fretilin, ponto. O CNRT não quis aliar-se à Fretilin, ponto. Isto é uma maioria absoluta que a Fretilin, uma vez mais, não quer respeitar? Que chatice. Então, mas agora ficam chateados pela sua própria incapacidade? Não se entende ou melhor, como é que se entende que o denominador comum permaneça sem tirar ilações? Atirando a bola para os outros, como muito bem sabe fazer, Mari Alkatiri ainda não percebeu (?) que enquanto estiver à frente do destino da Fretilin, o destino mais provável será o contínuo definhecimento do "partido histórico". A verdade é pura e dura, a realidade confirma-o. Basta fazer contas!

No telejornal da RTP 1 das 13h00 (TMG) de ontem, ou me baralhei todo ou ouvi dizer pelo "fantástico" jornalista, primeiro que os distúrbios tinham origem nos do CNRT...para depois, mais tarde, na mesma peça, ouvi-lo dizer que poderiam ser elementos da Fretilin maldispostos com o que havia sido dito dentro do CNRT...vou tentar rever as imagens, mas há algo aqui que anda de cabeça para o ar.

Mari Alkatiri a exigir um pedido de desculpas por terem "enxovalhado" a Fretilin? Quantos pedidos de desculpas não deve este senhor a outras pessoas e partidos!? Quantos pedidos de desculpa não deve este senhor ao povo timorense?! Já o fez? Se sim, os meus sinceros parabéns. Mantenha a postura. A violência gratuita deve, tout-court, ser tratada à medida da mesma! Venha ela de onde vier, tenha a forma que tiver! Quando a violência é utilizada como "arma" de pressão só piora a situação de quem a exerce e de quem a ordena, sendo que quem sofre com isso são, sempre, "os/as outros/as", nunca os seus mentores. Na capa da defesa em se dizer que voilá: "eis os resultados por Xanana não se ter aliado a Mari" ...apenas tenho a dizer que quem assim pensa longe está de querer o Bem para aquele encantado país e para aquele Povo. Se não é democraticamente que lá chegam, não será também pela violência que conseguirão atingir os objetivos pois quem mais ordena é o voto e quanto a isso está tudo dito. Assim vão longe...e longa foi a escrita...11 hours ago ·

Aa - partindo do princípio de que se está a basear em dados concretos (e acredito que sim) tenho de concordar consigo, mas eu sou português, de nada serve entender ou não a mensagem. Terão que ser os timorenses a entendê-la. 11 hours ago · Like

aj - entender a mensagem que acabei de escrever? Julgo que os e as timorenses não precisam de "a" entender, pois sabem muito bem, fazer as suas opções. Ao escrever o que escrevi, foi exatamente no sentido de outras pessoas que se preocupam e gostam de Timor, não ficarem apenas com a versão constantemente injetada...aconteceu isso a muito boa gente quando rebentou a violência de 2006 e se bebia "informação" manipulada com o beneplácito de muito português. Compreendo as suas palavras, mas insisto: nada há a perder em se perceber o passado, o presente e perspetivar o futuro (que nunca se sabe qual será). Que são os e as timorenses a decidirem e escolherem as suas opções? Sem dúvida, não vejo de outro modo. Digamos que foi um desabafo meu. 10 · hours ago

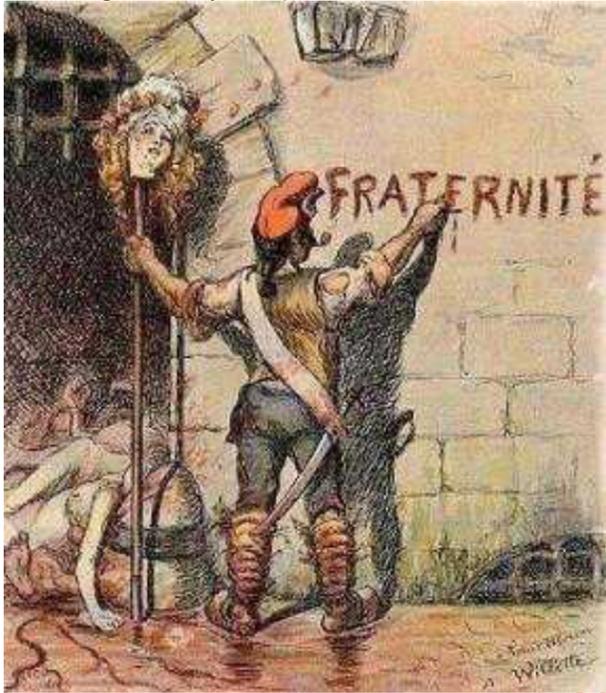
jcs - Falou muito bem o Sr. pois nunca deveremos justificar atos de violência criminal, isto posso eu dizer, pois salvei-me por um triz da morte no domingo, sem saber porque! 5 hours ago ·

Aj - Caro ..., a violência deve ser denunciada, venha ela de onde vier...caso contrário a permissividade instala-se e como é evidente isso serve desígnios obscuros. O que me aflige é as pessoas de bem ficarem em silêncio. Compreendo a dor, o receio, o medo, mas nenhuma dessas situações se deve instalar, é isso que pretendem alguns. Não pode ser, denuncie a situação vivida nos órgãos competentes. Como dizia o Represas..."se uns se calam, gritemos nós". Basta de violência! 17 jul 14.17

Jmlp - Concordo em absoluto com as suas sábias palavras. As pessoas não devem, NUNCA, confundir justiça com esquecimento ou "fazer vista grossa". Isso acaba por mostrar convívência e isso é inadmissível. Também e em minha opinião, os crimes de ontem ou de hoje são sempre de agora e, portanto, nunca deveriam prescrever. A justiça é uma ciência sempre atualizada e só a Divina é eterna. 17 jul 14.17

as - Lamento profundamente que a violência tenha voltado aos palcos de Timor. O diálogo e o bom senso são fundamentais para continuar a construir-se a paz que tão dolorosa de conquistar foi para o martirizado povo Timorense.

rvtvg- Vamos juntos para o bem da estabilidade do nosso país, o que está errado para que continuar assim?? Nossos erros ou os erros dos líderes do povo?



CHRYS CHRYSTELLO COMENTA:

não partilho desta forma de fraternidade da revolução francesa nem de outros similares pós-1975 pois acredito que o povo timorense pode decidir o seu rumo sem mais mortes sectárias...

CRÓNICA 119 O ÚLTIMO VERÃO 24 JULHO 2012

A Alemanha prossegue imparável a sua campanha para escravizar a Europa do sul, mas o 4º Reich terá o mesmo fim dos anteriores: a derrota, só que até esse momento muitos de nós morrerão pelo caminho, outros afundar-se-ão na miséria, e disso não falarão as televisões... A fome alastrará e haverá violência, mas o povo português tal como as chocas das touradas da minha infância continua «manso», abúlico, anestesiado prossequindo a sua herança feudal de escravo. Tal como a avestruz que enfiou a sua cabeça na areia porque não era nada com ela ou como a nêspira de Luiz Pacheco que se deixou ficar quieta e calada, à espera que viessem e a comessem. Confúcio disse «não tento conhecer as perguntas; tento conhecer as respostas», mas neste caso fico pior que ele, pois nem tenho perguntas nem respostas. "Nem sempre chega sorrir, só porque se está vivo." João Franco (Revista Nova Águia, número oito) interroga «se Portugal ainda existirá no século XXII?

- Dois caminhos estendem-se à nossa frente, a escolha que for feita, determinará a sobrevivência ou o desaparecimento do nosso país.

Por um lado, estende-se o caminho da perda de soberania, com o conseqüente esboroar de Portugal, diluído numa Europa burocrática e cinzenta, ou numa Ibéria.

Por outro, o caminho de um reerguer nacional, em que Portugal recupere independência, isto é, a capacidade e autonomia de tomar decisões quanto ao seu futuro".

Não são poucos os que defendem que por detrás da dita «crise da dívida soberana» se encontra um impulso – mais ou menos subterrâneo, mais ou menos intencional – para criar uma «federação europeia», não democrática e totalmente dominada pelas elites económicas e financeiras do norte da Europa. Até europeístas convictos, como eu, começam a ter dúvidas, bem sei que hoje não existem líderes europeus como aqueles que sonharam com a Europa, mas esta sistemática destruição da unidade europeia a troco de trinta moedas encapuçada numa tirania mundial sem cara, nada augura de bom. Não creio que surjam, do nada, líderes capazes de se oporem a esta oligarquia do lucro sedeada na América, com agendas secretas de aniquilar a Europa e salvaguardar os seus interesses assentes no dólar. Convém não esquecer que os

EUA estão tão falidos (aliás, dizem-me que estão mais falidos) do que a Europa dos 27, que a sua dívida soberana está quase toda nas mãos dos chineses e por isso a autonomia ou independência norte-americana estão tão comprometidas como a europeia.

Por outro lado, a Europa, de tão envelhecida que está, corre o risco de se tornar deserta de europeus a muito curto prazo, estando já a ser substituída nalguns países por muçulmanos com uma elevada taxa de reprodução, nacionalidade e descendência e que, mais dia, menos dia, passarão a governar essa velha Europa de burca e sharia, embora não se possa dizer isto por ser politicamente incorreto. Claro que devemos ouvir e calar, como ontem dia 23 de julho de 2012, quando foi anunciado que a ministra dos direitos da mulher e quejandos em Marrocos disse que “*não havia motivo para se preocuparem com as violações das mulheres e o casamento abaixo da idade por que isso não eram problemas da sociedade marroquina*” ...

Nem nos devemos deixar apoquentar por se seguirem normas islâmicas semelhantes às da Idade Média da civilização dita ocidental, quando apedrejaram uma mulher até à morte ou executaram outra no Afeganistão por adultério, o que se veio provar que nem sequer era verdade. Não devemos dizer nada e devemos respeitar essas civilizações e religiões mesmo que continuem a viver na Idade da Pedra dos direitos do homem e sobretudo, da mulher. Por outro lado, a crise internacional instigada pelos especuladores bancários do ocidente continua a ameaçar os cidadãos europeus com o Medo (do Desemprego, da Recessão, do Caos, etc.) e estes interesses estariam a confrontar os cidadãos, pouco a pouco, com a «inevitabilidade» da entrega dos derradeiros limites de soberania à “união” europeia. Os pretextos para este falso «federalismo» (que mais justamente deve ser chamado de «nortismo neoliberal», porque assenta no norte da Europa) estão aí, à vista de todos: um sistema fiscal único, abertura total de fronteiras, moeda única, soberanias limitadas e governos «autocráticos», etc. A Islândia, em 2008 deu-nos a lição de que é preferível deixar os credores perder os seus investimentos especulativos a reduzir pensões, benefícios sociais e criar o caos na sociedade. Em vez de salvar os seus Bancos a todo o custo e sacrificando em seu nome toda a sociedade, a Islândia preferiu deixá-los falir de forma controlada, salvando a economia.

Viriato Soromenho Marques escrevia no DN de 24 de julho de 2012:

A natureza das instituições avalia-se pela sua resiliência às crises. O carácter dos amigos mede-se pela sua capacidade de ficarem ao nosso lado, contra tudo e contra todos, nas horas de perigo e desgraça.

O que está a suceder a Espanha, a mergulhar numa espiral de destruição, revela que a União Económica e Monetária, como está, se tornou uma sala de tortura, condenada a perecer, e que os Estados membros da União Europeia são governados por uma gente pequenina que não percebe que é preciso ajudar os nossos aliados para nos ajudarmos a nós próprios.

O índice IBEX, das maiores empresas espanholas, tem hoje menos valor bolsista do que dívida conjunta dessas empresas. A dívida pública espanhola (e italiana) está a subir em todos os prazos, apesar do incrível pacote de terror económico imposto por Berlim e Bruxelas a Madrid, para a aprovação do empréstimo de cem mil milhões de euros para o setor bancário. As autonomias, com Valência à cabeça, estão arruinadas.

O cínico Weidmann, o Torquemada monetarista à frente do Bundesbank, aconselhou Espanha a pedir um «resgate completo». Suprema crueldade! O FEEF está reduzido a trocos e o MEE está na mesa do Tribunal Constitucional Alemão, sob observação, pelo menos até 12 de setembro... O BCE nunca mais fez compras no mercado secundário. Prometer o que não se tem é o máximo insulto à quem precisa...

Reina o silêncio dos cobardes na maioria das capitais europeias. O de Lisboa é inqualificável.

Só Monti, que sabe ser a Itália o próximo alvo, expressa a sua inquietação em voz alta. Por este caminho, este será o último verão da Zona Euro.

O último verão antes de uma nova, perigosa e incerta geografia política europeia, cujas dores de parto não pouparão ninguém.

Isto para não falar da ameaça do FMI à Grécia. Depois de tanta austeridade vão fechar a torneira do dinheiro. Quase os ameaçaram a eleger este Governo para continuarem a dar dinheiro e agora zás, fecha-se a torneira euro... Almeida Garrett em Viagens na Minha Terra perguntava aos economistas políticos, aos moralistas se «já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infâmia, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico... cada homem rico custa centos de infelizes, de miseráveis.» Claro que não pois eles nem sequer se dão conta da existência desses seres, quando muito serão algarismos desgarrados, sem família nem existência própria, apenas casas decimais nos seus cálculos de lucro. Ao nosso lado, muitas vezes sem sabermos, nem vermos, nem ouvirmos, as famílias vão morrendo asfixiadas na sua miséria, pobreza e humilhação... famílias que até há pouco eram pilares da comunidade...

Esta terceira guerra mundial a que ora assistimos é mais impiedosa e brutal que a depressão de 1929, mas nem por isso menos mortífera. E o povo iletrado - mas licenciado com canudo e tratamento por doutor - assiste a tudo incrédulo refugiando-se numa qualquer telenovela, com futebol, Fátima e fado como sempre foi seu apanágio. As elites - que depois do 25 de abril foram tidas como fascistas e fascizantes - sempre serviram para liderar movimentos de massas, mas como estão em vias de extinção não lideram nada. Faltam Movimentos como um novo MDP (na sua fase original)¹¹⁴ ou uma Seara Nova capazes de aglutinar a intelligentsia que resta, e dar o grito do Ipiranga que tanto é necessário neste país. Não contem com os militares que eles nem com eles próprios podem contar...por isso qualquer revolução militar está fora de questão. Também não acreditem em referendos populares que estes funcionam bem no papel, mas na prática deixam muito a desejar. Se já tiverem uma idade respeitável, como a minha, em que emigrar está fora de questão as alternativas são poucas...

Dentro da mesma linha de pensamento Clara Ferreira Alves escrevia há dias:

«*É a falta de cultura, estúpido!*»

Portugal tem hoje uma pequeníssima elite que consome cultura, quase toda velha e sem sucessores...merecemos isto...elegemos esta gente...não somos muito diferentes...convém não esquecer o que nos separa, exatamente, do Relvas. Pouco.

O dito não é um espécime isolado, um pobre diabo animado de força e disposição para fazer negócios e trepar na vida, que entrou em associações e cambalachos, comprou um curso superior e...se autoinstituiu em conselheiro do rei.

Nunca vimos isto nesta escala, porque na 25ª hora da tragédia nacional, quando Portugal se confronta com a humilhação da venda dos bens preciosos (os famosos ativos) aos colonizados de antanho e seus amigos chineses, o que o país tem para mostrar como elite é pouco. Nada distingue hoje a burguesia do proletariado. Consumem as mesmas revistas do coração, leem a mesma má literatura, veem a mesma televisão, comovem-se com as mesmas distrações. Uns são ricos, outros pobres.

¹¹⁴ O Movimento Democrático Português / Comissão Democrática Eleitoral (MDP / CDE) foi uma das mais importantes organizações políticas da Oposição Democrática ao regime do Estado Novo em Portugal, antes do 25 de abril. Foi fundado em 1969, atuando através de comissões democráticas eleitorais, para concorrer às eleições legislativas.

Em 1973 participou no Congresso Democrático de Aveiro.

Depois do 25 de abril constituiu-se como partido político, fazendo parte de todos os Governos Provisórios, com exceção do VI. Concorreu à eleição para a Assembleia Constituinte de 1975 sozinho e, a partir de 1976, em coligação com o PCP, formando a APU.

Em 1987, em dissidência com o PCP, já não participou na coligação eleitoral CDU, apresentando-se às eleições com listas próprias. Nessa mesma data, alguns militantes dissidentes formaram a Associação de Intervenção Democrática (ID), que até hoje continua a integrar, como independente, as listas do PCP - Partido Comunista Português.

Em 1994 fundiu-se com o grupo editor da revista "Manifesto", dando lugar ao movimento Política XXI, que veio a ser uma das correntes fundadoras do Bloco de Esquerda

A elite portuguesa nunca foi estelar, e entre a expulsão dos judeus e a perseguição aos jesuítas, dispersámos a inteligência e adotámos uma apatia interrompida por acasos históricos que geraram alguns estrangeirados ou exilados cultos permanentemente amargos e desesperados com a pátria (Eça, Sena) e alguns heróis isolados ou desconhecidos (Pessoa, O'Neill). Em "Memorial do Convento", Saramago dá-nos um retrato da estupidez dos reis mas exalta romanticamente o povo...o partido comunista tinha uma elite intelectual e de resistência inspirada por um chefe que, aos 80 anos, quase cego, resolveu traduzir Shakespeare. Cunhal traduzindo o «Rei Lear» de um lado, Relvas posando nas fotografias ao lado da bandeira do outro. Relvas, um subproduto de telenovela O tempo dos chefes cultos acabou, e não acabou apenas em Portugal. A cultura de massas ganhou...cada estúpido é o busto de si mesmo, a burguesia e o lúmpen distinguem-se na capacidade de fazer dinheiro...uma massa informe de consumidores que votam.

E que consomem democracia, os direitos fundamentais, como consomem televisão, pela imagem. Sócrates e o Armani, Passos Coelho e a voz de festival da canção. O jornalismo, aterrorizado com a ideia de que a cultura é pesada e de que o mundo tem de ser leve, nivelou a inteligência e a memória pelo mais baixo denominador comum.

A brigada iletrada, como lhe chama Martin Amis, venceu. Estão admirados? John Carlin, o sul-africano autor do livro que foi adaptado ao cinema por Clint Eastwood, «Invictus», conta que Nelson Mandela e os homens do ANC, na prisão, discutiam acaloradamente, apaixonadamente, Shakespeare. Foram «Júlio César» ou «Macbeth», «Hamlet» ou «Ricardo III» que os acompanharam.

Não é um preciosismo. A literatura, o poder das palavras para descrever e incluir o mundo num sistema coerente de pensamento, é, como a filosofia e a história, tão importante como a física ou a álgebra. A grande mostra da Grã-Bretanha nos Jogos Olímpicos é Shakespeare (no British Museum) e não um dono de supermercados ou futebolista. Os «heróis» portugueses descrevem-nos. E descrevem a nossa ignorância. Passos Coelho é fotografado à entrada do La Féria ou do Casino. Um dono de supermercados ou um esperto ministro reformado são os reservatórios do pensamento nacional. Portugal tem hoje uma pequeníssima elite que consome cultura quase toda velha e sem sucessores. Não estamos sós. Como bem disse Vargas Llosa, em vez de discutirmos ideias discutimos comida. A gastronomia é uma nova filosofia.

Ferran Adrià é o sucessor de Cervantes e de Ortega Y Gasset."

Clara Ferreira Alves - Expresso - 21-07-2012

Dito isto, creio que a única hipótese é juntar a pouca elite que resta, criar um Governo de salvação nacional e liderar o país, antes que ele se afaste como a «Jangada de Pedra» rumo não ao oceano, mas ao abismo para onde caminha demasiado depressa para que o possamos parar. Pode nem ser a tempo, mas ficaríamos com a sensação de que ainda íamos salvar o país. Com esta gente e estes partidos não há democracia que resista e teremos mais do mesmo, qualquer que seja o partido ou a coligação no poder. Foram eles que criaram o «sistema» da impunidade na justiça, da não-educação no ensino, da saúde que nos querem tirar e da forma de entrelaçarem os seus negócios e negociatas de forma a saírem sempre vencedores, qualquer que seja o partido no poder.

CRÓNICA 120, OUTRA VEZ, O ROSÁRIO DAS FESTAS DA SENHORA NA LOMBA DA MAIA, 28 AGOSTO 2012,

Nem tive coragem de lhes dizer que Andrómeda se prepara para deglutir a Via Láctea (daqui a uns milhares de anos) ...vai ser um cataclismo enorme que converterá a Terra em poeira cósmica ou lançá-la para o enorme buraco negro de energia negra que enche o universo e lhe dá consistência. Mas não assomei à janela aberta para os alertar. Estavam tão felizes aqui nesta minha aldeia da Lomba da Maia (freguesia, aqui não lhe chamamos aldeia, sussurram-me, de novo).

Havia centenas de pessoas aglomeradas nas ruas engalanadas com os postes e bandeiras e as luzinhas do costume. A igreja fora enfeitada por dentro e por fora, apresentando o seu aspeto mais feérico do ano, as pessoas vestiam os seus fatos domingueiros, outros usavam vestes nupciais para assim darem mais solenidade ao evento. Os homens que normalmente, ao domingo, ficam à porta da igreja, da parte de fora, andavam vestidos com capas de cor branca com capelinas de azul céu, prontos a levarem, o andor de nossa senhora do rosário da Lomba da Maia. A parada da charanga dos bombeiros de Nordeste só viria troar os seus tambores na segunda-feira dia da procissão ao cemitério e da procissão da mudança à noite, e isto era domingo, dia maior da procissão, com estradas e ruas cortadas pela PSP, enquanto as pessoas afanosas atapetavam de flores as ruas por onde a procissão iria passar.

Entretanto o Manel Sá Couto de dez em dez minutos botava fotos no Facebook para os emigrantes que não puderam vir à festa verem o que se estava a passar, quem estava, quem não estava, quem vestia o quê, quem não pusera colchas à janela, quem fechara as portadas das janelas, quem não fora à missa, etc. Tudo bem documentado fotograficamente para memória futura, conversas intermináveis de café e ajustes de contas eternos. O desfile de carros alegóricos infelizmente foi dos mais pobres dos últimos anos, talvez refletindo a crise não só financeira, como de ideias e de falta de jovens empenhados em manter viva e acesa esta tradição.

Dizia eu que me esquecera de os avisar que todas estas festas e procissões acrescidas de rezas e promessas não iria impedir Andrómeda de vir deglutir a mais pequena galáxia da Via Láctea onde se insere o pequeno planeta azul em que vivemos. Andavam tão felizes, a realizar o sonho anual de diversão e fé. Compreendo que antigamente esta fosse a ocasião maior do ano, para se celebrarem casamentos, e se terem uns dias de festa a compensar o trabalho escravo dos que labutavam de sol nascer a sol-posto, mas hoje em dia a situação é diferente.

Estamos já no século XXI, os casamentos já não são arranjados entre os parentes e vizinhos, já há muitos que casam fora deste círculo lombadamaiense, outros nem sequer trabalham e vivem dos rendimentos mínimos ou de inserção social como párias que são, muitos preferiram uma vida fácil de drogas e furtos, a sociedade já não tem a tecido moral e cívico de antanho. Mas no inconsciente rural a festa continua a simbolizar a liberdade de uns dias fora da escravatura do trabalho.

Gastam fortunas a preparar as comidas, as vestimentas, os andores, as ruas, é a consumação que se presume alegre e embebedada na maior parte dos casos, dos sacrifícios e das poupanças feitas ao longo do ano para serem consumidas nestes 5 ou 6 dias de festividades.

Não entendem o meu alheamento, o silêncio a que tenho direito, a paz e sossego que aqui busquei e muito menos entenderiam a Andrómeda, talvez me perguntassem se era uma nova personagem da telenovela favorita. Nem entendem que eu fuja nesta época do ano para outras ilhas ou que me encafue aqui na falsa - de portadas e janelas fechadas - tentando abafar o som tonitruante da discoteca improvisada na Rua do Rosário e que abana as ruas e as casas até às 3 da manhã. Nem sequer me dou ao trabalho de explicar que sou a favor das tradições e festas populares, mas que creio que a abordagem pouco lógica e não-analítica dos locais, é já uma encenação da tradição, desvirtuada de mil e uma maneiras, e não se justificam as libações anuais da festa nos moldes em que originalmente foi concebida. Sei também que para além de desconhecerem a Via Láctea e Andrómeda ou outras galáxias isso não os afeta pois está a tantos milhares de anos no futuro que eles nem sequer entenderiam, mas o que eu que pretendia de facto dizer-lhes, era que estes sacrifícios, estas festas de nada iriam servir pois não podem impedir o choque de galáxias.

Dir-me-iam que me falta a fé para acreditar e que se assim acontecesse seria essa a vontade do Senhor e as galáxias teriam de obedecer já que eu não o faço...

Depois da procissão, os homens tiraram as capas com que desfilaram e foram juntar-se aos restantes nas tabernas e tendinhas improvisadas que aqui surgem nestes dias pois as tabernas locais (de dia, são cafés) não chegam para tanta sede. Numa delas "Ká t'espero" que todos os anos surge como um cogumelo, mais acima, do outro lado desta rua, eram sete da manhã e as portas ainda não tinham fechado, as vozes entarameladas, os discursos desconexos, as bravatas de sempre até que a luz se fechou, pois, o sol já nascera e por entre gritos e imprecações cada um foi regressando para donde viera. Aumentada assim a autoestima e orgulho dos locais, a aldeia vai voltar a hibernar presa a tanta grilheta do passado, por entre inúmeros casos de violência doméstica, pedofilia e feudalismo encapotado, que coexistem com os ladrões e pequenos meliantes do gangue da droga que se reúnem no Largo da Igreja.

Irão prosseguir as queixas e invejas contra a vizinha Maia que se quer alcandorar (e justificadamente) a vila enquanto a Lomba permanece parada no tempo e no espaço à espera de Andrómeda, sem ideias, sem jovens, sem ousadia nem visão para o futuro que já se vive em tantos outros lugares.

Mas em todas as ilhas nestes meses de junho a setembro, vão prosseguir em todas as aldeias (chame-lhes freguesias que aqui não temos aldeias, senhor) as festividades em honra de todos estes santos e santas da santa madre igreja que ainda vai tendo alguma influência. Esta, revela-se sobretudo no seio das mulheres e jovens dessas aldeias açorianas, mas a igreja local tem-se revelado incapaz de captar a maioria dos adolescentes e os homens disponibilizam-se apenas para colaborar em festas, procissões, enterros e romagens, continuando a ficar à porta das igrejas ou no bar em frente. A intriga, as telenovelas e o clima irão continuar a preencher o quotidiano desta gente, a cada ano nascerão menos crianças, e cada ano que passa mais se libertarão destas grilhetas do passado. Os que emigraram continuarão porém a manter arreigadas todas estas tradições e a tentar perpetuá-las como se o tempo tivesse parado na memória da sua infância e juventude, mantendo viva a sua peregrinação anual de volta à aldeia para as festas da padroeira, reforçando os laços que os unem a esta terra e a reproduzirem nas suas novas terras estas tradições com os meios locais de que dispõem o que cria festas híbridas incorporando aspetos de culturas distintas, como tive oportunidade de pacientemente observar em vídeos que o Dr Luciano da Silva (o da Pedra de Dighton e de Colombo Português) me mandou para eu estudar esse portuguesismo açoriano.

Ao observar essas festas, com tanto elemento exógeno incorporado e tão pouco genuíno, interroguei-me se as crianças que nelas participavam sem falarem português, iriam preservar a língua ou se apenas iriam associar a sua açorianidade naquelas festas travestidas. Afinal, todos nós recordamos as festas da nossa infância e quando envelhecemos refugiamos-nos nelas para nos protegemos do que nos ameaça numa sociedade em constante evolução. Lembro que as festas da minha juventude, nas aldeias transmontanas, me parecem ainda hoje, mais genuínas do que estas que se desenrolam cinquenta anos mais tarde nesta ilha.

Apesar das semelhanças exógenas óbvias, cinquenta anos são duas gerações humanas em que se espera haver alguma evolução e mudança, aquilo a que vulgarmente se chama "progresso" e é sempre o bode expiatório de todas as alterações da identidade de um povo. E as festividades locais vão prosseguir mais dois dias, mas nestes dias o movimento é sobretudo dos vendedores de cachorros quentes, pipocas e pequenos brinquedos e das "discotecas" e tabernas improvisadas. Para o ano, tudo se repetirá inexoravelmente nos mesmos moldes se, entretanto, o mundo não acabar como dizem as alegadas profecias maias e outras. Para muitos – como eu – o mundo já acabou há muito e já vivemos noutro mundo bem diferente daquele que sonhámos na nossa juventude.

CRÓNICA 121 LUSOFONIAS: DO CANADÁ À GALIZA, 26/10/2012

O tempo anda mais louco que os deuses e os políticos, parti dos Açores rumo a Toronto com chuva. Depois de sairmos veio mais um furacão, ou seja, outra vez, a mesma furacoa (é o feminino de furacão) Nadine, agora transvestida de tempestade tropical, voltei e ainda hoje um mês depois andamos com chuva, vento e tempo cinzento...mais próprio de fevereiro do que de outubro. O voo para Toronto sem nada digno de registo exceto a funcionária afro-europeia da SATA que embirrou com a minha dupla nacionalidade e identidade e não havia meio de me deixar embarcar com o meu nome...

Um dia destes vou ter de me chatear a sério com as autoridades e tenho mesmo de ir – outra vez - ao registo civil expurgar a identidade original¹¹⁵ que abandonei há trintena de anos e que me daria direito a viagens SATA a preço de residente enquanto a minha atual não dava por ser estrangeiro... Isto apesar de a ter usado nos últimos oito anos sem embargo algum.

121.1. TORONTO 2012

Ainda brilhava o sol na bela cidade do Ontário quando aterrámos. Dentre os passageiros num avião lotado ia a ex-secretária de estado da emigração, Manuela Aguiar, que nos fez companhia com um dos seus temas favoritos, sobre feminismo e que também se deslocava para o Simpósio dos 65 anos de Português na Universidade de Toronto...

Contudo, a cena que para sempre ficará registada na minha memória de elefante, foi a da verdadeira guerra campal, sem tréguas nem pausas, entre os açorianos e lusodescendentes, que à chegada se atropelavam, iam uns contra os outros, se atiravam com malas e tudo para tentarem retirar a sua bagagem do carrossel de bagagens... juro nunca ter assistido a nada semelhante, pior que um pisoteamento como os que ocorrem quando uma grande multidão está tentar ir para um mesmo lugar, normalmente quando os membros da parte de trás da grande multidão continuam empurrando para a frente sem saber que os da frente estão a ser esmagado, ou por causa de algo que os obriga a se mover.

¹¹⁵ Viria a ser conseguida em setembro 2014 por decisão do Ministério da Justiça, vinte e tantos anos depois de ter tentado uniformizar as minhas duas identidades.

Só não caí, por mais que uma vez, devido a uma visão estereoscópica aliada ainda aos rápidos reflexos que me restam...e assevero JAMAIS TER VISTO algo semelhante de brutalidade, falta de civismo, primitivismo. Nem nos países mais atrasados da Ásia há 40 anos se via uma cena destas, vergonhosa.... Deixei que a turbamulta se afastasse toda, e o carrossel ficasse quase vazio antes de me aventurar a retirar a nossa bagagem...

À espera na saída do aeroporto, uma limusina (das muitas que se viam e iam das normais às esticadas vulgo "stretch") esperava na saída do aeroporto, mas resolvemos modestamente escolher um vulgar táxi, com a notável característica de o taxista não nos importunar com as suas ideias sobre a política ou outras...

Deixou-nos no Comfort Inn na esquina de Charles e Yonge (pron. Young) na baixa citadina. A multa por fumar no quarto era de 250 dólares segundo nos comunicaram logo ao fazer o check-in. Demos umas voltas pelas redondezas e acabamos por jantar num restaurante asiático das redondezas com escolha entre comida chinesa, japonesa, tailandesa, vietnamita, etc.

Na manhã seguinte tínhamos o dia livre para ir às cataratas do Niágara com o casal Malaca Casteleiro, pois a Conceição nunca lá estivera. Um SUV (de motorista fardado a rigor) com capacidade para oito pessoas, veio buscar-nos (parecia saído do filme Men in Black) e levou-nos a uma companhia de indianos que nos haveriam de levar, com boa disposição, pelas margens dos lagos Ontário e Eyre até às cataratas. Passamos e paramos num aérodromo para quem queria optar por voar ou andar de helicóptero e tivemos uma longa paragem comercial num vinhedo onde se produzia o elusivo ice wine que é colhido aquando dos primeiros nevões...uma gota de cada bago ...

Se bem que a experiência de vinhos me não agradasse pois não os podia provar, todos os restantes gostaram imenso.

Finalmente chegamos ao enorme e intenso espetáculo das cataratas. Um negócio milionário a explorar uma das maiores belezas naturais da humanidade, que não cessa de impressionar qualquer pessoa, por mais que a visitemos. A quantidade de água que, incessantemente transborda do Lago Eyre para Ontário deixa qualquer um boquiaberto. Continua a seduzir-me a pequena ilha que fica mesmo antes da queda da água no lado canadiano, a atração pelo abismo...

Apetecia ficar ali eternamente à espera que a ilha se desprendesse e fosse arrastada pela catarata abaixo. Já em 1999 tivera esse mesmo sentimento de ir a nado contra a corrente, ficar sentado na ilha e esperar... Gostei deveras de visitar a pequena, mas atraente *City of Niagara Falls* com construções arquitetónicas bem interessantes, a igreja mais pequena do mundo, uma limpeza impecável, ruas e jardins bem cuidados....

Até apetecia ficar lá a viver e aproveitar os milhões de turistas de todo o mundo que a visitam e lhe dão vida. Não tivemos muito tempo para a ver, pois íamos a pé e tínhamos tempo limitado que se gastou no Prince of Wales a comer umas belas sanduíches de boa carne canadiana. Desde que ali estivéramos (nas cataratas propriamente ditas) em 1999 notou-se do lado americano, a construção de um enorme mirante ao nível da queda e a construção de alguns atalhos descendo até à base das cascatas para os turistas americanos verem o que há para ver, se bem que muito menos interessante do que sua metade canadiana...

Desta vez, devido a ventos contrários, apanhou-se imensa água pois a enorme coluna de vapor, nesse dia, ia a centenas de metros de altura caindo sobre todos os que, como nós, andavam nos barcos Misty Maid e aos que em terra faziam a marginal de dois quilómetros até Table Rock. Mais uma experiência que as inúmeras e belas imagens não nos deixarão esquecer. <https://youtu.be/PCKDHWIKS80> - <https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2157-toronto-2012.html>

Nessa noite, acabamos por jantar, ao lado do hotel, no restaurante Wish, juntos com o casal Bechara acabado de chegar, e no dia seguinte depois de levantar cedo, fomos ao restaurante japonês também ao lado do Comfort Inn onde se podia tomar um pequeno-almoço por cerca de 7,50 dólares canadianos (6 euros+-). Pusemos os pés à marcha rumo ao nosso Simpósio, liderados pelo caminhante rápido, Malaca Casteleiro, com seu passo de ganso que – na vés+era - anotara no mapa o trajeto...

A Manuela Marujo que nos patrocinava a ida a Toronto para os 65 anos do Dept.º de Estudos Portugueses e Espanhóis da Universidade avisara que em marcha lenta demoraria dez minutos do hotel ao Victoria College... estranhamente só passados 45 minutos chegamos ao campus fechado da Universidade e acabámos por ser liderados por um sueco que trabalhava no departamento e falava português com sabor brasileiro. Afinal, em vez de seguirmos em linha reta na Charles Street que distava, de facto, dez minutos, afastáramo-nos dessa rota e fomos para outra entrada noutra ponta da Universidade que, como é costume nestas paragens, é uma cidade dentro da cidade...

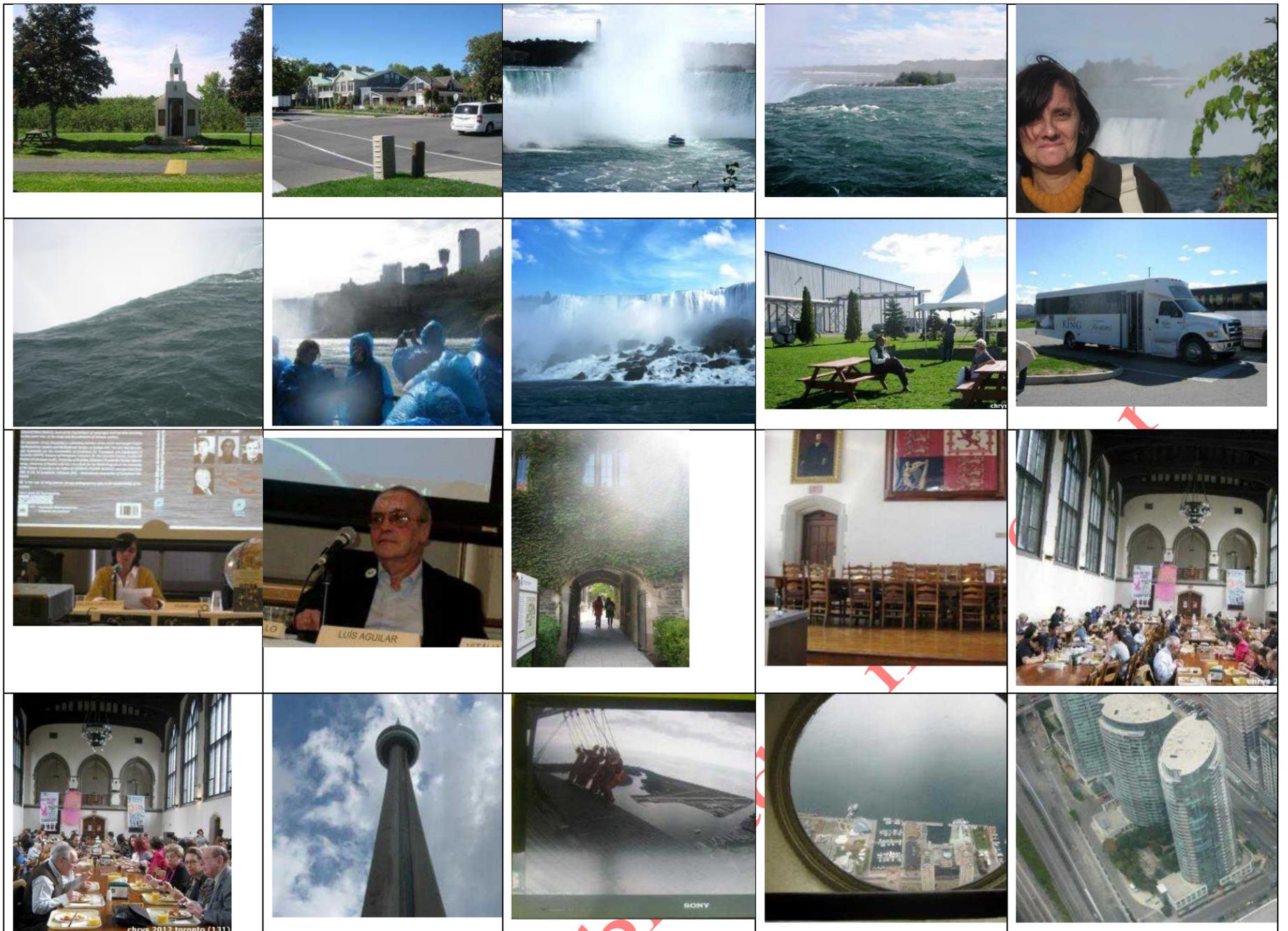
As sessões decorreram bem, mas com pouca assistência, mas a melhor parte não era nas sessões, mas sim a sensação única, surreal e fantasmagórica de almoçar na cafetaria onde foi gravado o refeitório dos filmes de Harry Potter.... Estar ali naquele cenário assombroso era já fazer parte da História se bem que fosse de ficção...

...ao fim do primeiro dia fomos agraciados com um jantar volante no belo terraço panorâmico da casa dos anfitriões (Manuela Marujo e marido Domingos, um verdadeiro ayatollah na sua campanha antitabagista, mas isso era material para uma outra crónica...). Lá fomos de táxi com capacidade para seis pessoas, mas o taxista (este era do Paquistão, os outros motoristas de táxi em que andamos eram do Afeganistão, Bangladeche, Iraque, etc.) andou perdido por zonas menos recomendáveis da George Street e não tinha GPS...ficou de nos ir buscar pelas dez da noite, telefonámos e pelas 22.30 não chegara pelo que tivemos de recorrer à portaria do prédio e mandar vir outro.

Ao quarto dia, já só estávamos nós, os Malaca (que ficavam mais dois dias), e os Aguilar de Montreal, pois o casal Bechara regressara na véspera de tarde.

Como era dia de partida para nós, ao começo da noite, decidimos ir visitar a torre (CN Tower) a 474 metros de altura, tendo lá passado grande parte do dia nas alturas. Acabámos por comprar mais umas lembranças a acrescentar às que fizéramos nas cataratas e em lojas das redondezas do hotel. Regressamos dessa bela cidade com esperanças, mas bem

poucas, num colóquio em Toronto (foi para isso que lá fui) e algumas para Montreal onde o casal Aguilar do Instituto Camões parecia capaz de nos organizar patrocínios...



121.2. DO CANADÁ PARAGEM CURTA EM PONTA DELGADA RUMO À GALIZA

Chegamos a PDL de manhã cedo e ainda não chovia. Fomos diretos à Audi (J H Ornelas) onde o carro ficara para substituição de peças, ordenada pela marca, de um qualquer defeito de fabrico, mas era demasiado cedo e tivemos de aguardar meia hora para que abrisse.... Reparada a viatura viemos nela até à Lomba da Maia onde deixámos o João. Mudamos as malas, preparamos o que havia a preparar e já outra vez com chuva e a ameaça do regresso da (furacoa) Nadine partimos num avião para o Porto via Lisboa.

Tal como é costume, sempre que fazemos este desvio pela capital do reino, as malas ficam para trás.... Iriam ser-nos entregues na manhã seguinte. Dois dias a ver o crescimento da neta mais nova que apesar de ter 14 meses mais parece ter apenas 7 no seu tamanho...e a matar saudades da mais velha, vi a minha mãe ainda rija nos seus 89 ½ anos a celebrar os 63 do filho primogénito, mais a minha irmã e sobrinho.

Depois fomos trocar de viatura individual para uma carrinha de 9 lugares e rumámos à Galiza (Ourense) com o escritor Álamo Oliveira, o artista plástico Zé Nuno da Câmara Pereira, a pianista Ana Paula Andrade do Conservatório de Ponta Delgada e a sua filha Carolina, exímia violinista e aluna de Matemáticas Puras, mais o artesão Paulo Melo do Nordeste (Caldeirões), o editor Francisco Madruga (que ia de castigo a conduzir), e nós dois já bastante cansados antes do 18º colóquio começar. O GPS que aluguei por 30 euros ao dia foi bom, mas as ruas atualmente estavam fechadas com pinos chamados Bolardos e mandava-nos ir para locais onde não se podia entrar sem o abridor de pinos

Andamos meia hora às voltas sem atinar como entrar no casco histórico onde se localizava o nosso hotel Irixo... Tivemos de telefonar aos amigos da Academia Galega para nos virem salvar...afinal estivéramos bem mais perto do que parecia... só que havia que subir o passeio, junto a uma igreja, para se poder entrar naquela zona quase exclusivamente pedonal. Alojados numa praça com "movida" até altas horas (onde está a crise com esta gente toda a comer e beber fora todos os dias?) e bem instalados num quarto com amplo terraço onde eu podia fumar, ali ficamos 4 noites.

No dia seguinte teve início o colóquio que se desenrolou bem, como todos, mas com pequena adesão de público local, desta vez com a novidade de duas exposições, uma de Manuel Policarpo (aliás Vasco Pereira da Costa), a outra de fotos da arte de Zé Nuno da Câmara Pereira, mais a mostra de artesanato da Salga / Ribeira dos Caldeirões no Nordeste de São Miguel.

Antes das formalidades da AGLP fomos prestar preito à Consellaria (Câmara Municipal) onde a Presidente interina nos recebeu e agraciou. Era a terceira presidente em menos de 3 semanas...o eleito fora preso, depois substituído pela vereadora da cultura e agora esta.



Logo no primeiro dia houve uma sessão especial da Academia onde iriam ser empossados os novos académicos correspondentes da AGLP.... Foi um momento emocional, jamais pensaria estar eu, um dia em tão ilustre companhia... não vindo para as línguas pela via académica, mas antes pela via da tradução...

... depois da emoção em 30 de março de 2010 ao proferir uma palestra na Academia Brasileira, agora esta imerecida honra que aceitei em nome coletivo dos Colóquios da Lusofonia. O lançamento literário foi interessante pois celebrei ali 40 anos de vida literária lançando em simultâneo um CD de Timor e um livro em capa dura que é uma coletânea de 5 volumes de poesia abarcando desde meados de 1960 até 2012, que curiosamente integra vários planetas como Açores, Macau, Timor, etc.

121. 3.1. DA GALÍCIA À GALIZA – DISCURSO DE ABERTURA

E para terminar, como se falava de emoções, o testemunho dos discursos feitos nos vários momentos:

Agradeço o patrocínio do município de Ourense, apoio fundação AGLP, associação Pró-AGLP, sem os quais não seria possível termos reunidos aqui académicos e amantes da lusofonia de tantos países e regiões

Caros académicos, caras e caros associada/os, minhas senhoras e meus senhores

Estamos aqui na cidade que teve as suas origens no Paleolítico inferior-médio, na Idade do Bronze, e se desenvolveu com os Romanos, com especial proeminência para as águas termais das Burgas e a sua localização na via de Braga a Astorga.

Teve algum relevo no tempo dos Suevos quando foi capital e esteve ligada à lenda de conversão daqueles ao cristianismo.

Foi anexada pelos Visigodos em 585 e não sofreu - se não de forma esporádica - a invasão muçulmana antes da invasão normanda (1008-1015).

Em 1122, Dona Teresa (Tareixa) de Portucale concede ao bispo Diego III a jurisdição sobre Ourense que em 1188 passa a ter município.

Em 1386, o inglês duque de Lencastre na sua lenta marcha rumo a Babe, Bragança, faz-se coroar aqui rei de Castela, firmando um pacto com Juan I mas não passou de Leão.

Segue-se um período de invasões, guerras, e destruições até que os bispos que partilhavam o poder com os senhores feudais o começam a perder entre 1586 e 1628.

Apesar de continuarem a existir mosteiros e conventos em quantidade, os franciscanos cedem terreno aos dominicanos e jesuítas, que mantêm a urbe na sua forma medieval com apenas três mil habitantes em 1752.

Começa a desenvolver-se a partir de meados do século XIX e a expandir-se num crescimento que se mantém até hoje.

Esta comunicação não é académica. Jamais poderia falar academicamente da Galiza, pois nem amores nem sentimentos se podem dissecar num laboratório.

A minha ligação à Galiza data de 1030 AD, segundo me ensinou a minha avó paterna que até era brasileira. Fui lá ver o sítio onde tudo (a minha família paterna) começou, aqui perto, e gostei de me imaginar celanovês num passado longínquo coevo de Dom Nuno de Cellanova, senhor do condado do mesmo nome, sogro da Infanta Dona Sancha Henriques, filha de Henrique de Borgonha, conde de Portucale.

Ao regressar à realidade - já no século 21 - conheci no primeiro colóquio da lusofonia (em 2002) um jovem empresário, Ângelo Cristóvão, que sonhava com uma Galiza lusófona, ele que foi o meu guia da história da Galiza que não aprendemos, dado que Portugal e Galiza são dois povos irmãos que vivem de costas voltadas um para o outro, como se houvesse um imenso mar a separá-los. O desconhecimento mútuo é generalizado e aumenta à medida que a ignorância dos mais jovens se solidifica em pequenos resumos da História que deveríamos estudar em detalhe e minúcia.

Na escola falamos da variante galega da língua como quem fala das guerras entre Esparta e Atenas, num passado demasiado longínquo, nesta portuguesa mania de desvalorizar a história, que fez de todos nós o que somos hoje. O problema começa por ser político e sensível, de difícil resolução e menos vontade política de o abordar. Só os poetas e os sonhadores utópicos, essa elite que pode mover nações e gerar a diferença entre a vida e morte das civilizações, acreditam ainda que o futuro da Galiza passa pela unificação da língua escrita de que o Acordo Ortográfico de 1990 é o instrumento a brandir contra o status quo da imutabilidade histórica dos reinos. Todos sabemos que a história sempre se fez de guerras e de casamentos entre as tribos, hoje faz-se pela globalização económica que desconhece as fronteiras marcadas em tempos imemoriais pelos homens e é aí que a língua comum assume um papel vital de moeda de troca entre os povos. Mesmo aqueles que sempre se insurgiram contra a Lusofonia surgem agora como vocais e aparentes paladinos da mesma, como instrumento de captação de um mercado de mais de 240 milhões de almas.

Se a guerra dos afetos entre povos irmãos parecia exclusiva da coutada dos poetas, eis que agora desponta o interesse económico nessa cruzada da língua comum, como motor capaz de inverter políticas centralistas e nacionalistas de séculos. Nisso reside a grande arma que devemos utilizar, neste nosso longo caminho de sobreviver através da língua e cultura comuns, em vez de ficarmos marginalizados em variantes e dialetos redutores da enorme identidade global que é a Lusofonia sem distinção de nações, credos ou etnias. Não queremos um Quinto Império para reviver glórias de outrora, pretendemos apenas dar voz a todos os que se expressam e trabalham nessa mesma língua.

Foi isso que nos trouxe à Galiza neste 18º colóquio para que juntos possamos fortalecer o que nos une e que é património imaterial de tantos.

Fala-se mais Português em Angola hoje do que no tempo da presença portuguesa apesar da forte competição das línguas nativas.

Em Goa existe um recrudescimento do interesse pela língua portuguesa e novos livros têm surgido mais de 50 anos após a extinção da presença lusófona.

Em Macau a língua portuguesa é mais falada e estudada hoje do que quando os portugueses lá estavam.

Em Timor como segunda língua oficial já há mais de 25% de falantes quando há dez anos nem a 5% chegava o número de falantes.

Lembro a importância da língua portuguesa em contextos hostis como no caso de Timor-Leste onde sob a ocupação neocolonial indonésia, as novas gerações impedidas de falar Português começaram a usar esta língua como língua de resistência.

Também no Reino de Espanha há quem fale Português como língua de resistência ao domínio cultural que faz sujeitar a escrita do galego às normas ortográficas castelhanas tentando obviar à preservação da identidade cultural do velho reino da Galiza.

A língua galega é sob todos os aspetos (históricos, filológicos e paleolinguísticos), português. Português da Galiza, mas Português.

No entanto na Extremadura espanhola, onde nunca houve uma língua comum, também o Português é ensinado a milhares de pessoas.

A língua não é só um meio de comunicação nem uma arma económica, ela expressa o sentimento dos povos, permite a preservação das lendas e narrativas, recria as baladas dos bardos, favorece a leitura dos clássicos, aproxima povos e perpetua o ADN nacional. É nossa vontade e designio que na Galiza se proceda à reintegração total da língua na Lusofonia como a História o manda e, por isso, apoiamos desde a primeira hora a criação da AGLP.

A dimensão real das diferenças entre o galego e o português são insignificantes e a questão da ortografia é meramente política, sendo um grave erro estratégico não afirmar perentoriamente que "galego e português são a mesma língua".

Tem faltado construir pontes pois os políticos portugueses estão sempre temerosos de ofender a vizinha Espanha e os políticos galegos temem que depois da autonomia cultural venham outras.

Vários idiomas da Tailândia, Malásia, Índia e Indonésia têm palavras portuguesas/galegas.

A própria língua japonesa tem várias palavras portuguesas/galegas como: álcool, veludo, jaqueta, bolo, bola, botão, frasco, irmão, jarro, capa, capitão, candeia, castela (bolo de pão-de-ló), copo, vidro, tempero, tabaco, sabão, sábado, choro, tasca, biombo etc. Há ainda um idioma próprio falado na Malásia, Singapura, Tailândia, Ceilão e Indonésia que se chama Papiá Kristang (língua cristã) ou português de Malaca que é constituído por palavras portuguesas/galegas com formas gramaticais diferentes. Existe também o Patuá de Macau, mas em vias de extinção. Os portugueses/galegos falam com estas gentes sem dificuldade.

É fundamental o galego ser atual. Os povos só evoluem bem intelectualmente quando se expressam bem na sua língua materna e não na estrangeira colonizada.

Não se consegue expressar bem com um idioma do passado com adulterações neocolonialistas castelhanizadas como o agora inventado «portunhol» para impor a uma Nação milenária.

Pelo contrário o galego atual será o encontro dos galegos com as suas origens em que simultaneamente ganham um poderoso meio de comunicação quer a nível cultural como comercial, que ajudará a crescer a Nação Galega neste mundo globalizado.

Escrever galego-português dentro da norma lusófona dá-lhe uma dimensão mundial e é a única forma de salvá-lo da morte. O português-galego não é um idioma de propriedade de Portugal, mas dos países que o adotaram como oficial além da Região Autónoma Especial de Macau na China.

Além do mais, lembremos que Afonso X, rei castelhano, encontrou em galego-português por ser uma língua melódica.

Quero recordar agora, em linhas gerais, o que já conseguimos alcançar para vos lembrar que os Colóquios da Lusofonia criados em 2001 passaram a associação cultural e científica sem fins lucrativos em 1 de janeiro de 2011.

Os nossos oradores «típicos» não buscam mais uma conferência para juntar aos seus currículos, antes estão interessados em partilhar as suas ideias, projetos, e criar sinergias nos quatro cantos do mundo, irmanados deste nosso ideal de «sociedade civil» capaz e atuante, para – todos juntos – atingirmos aquilo que as burocracias e as hierarquias muitas vezes não podem ou não querem.

Acreditamos que somos capazes de fazer a diferença.

Os nossos oradores juntam-se aos colegas no primeiro dia de trabalhos e despedem-se no último dia como se de amigos se tratasse. É isso que nos torna distintos de qualquer outro colóquio ou simpósio.

Pretendemos aproximar povos e culturas no seio da grande nação dos lusofalantes, independentemente da sua nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência, todos unidos pela mesma língua.

Quando em 2001 preparámos, no Porto, o início dos COLÓQUIOS ANUAIS da LUSOFONIA - sob a égide do então nosso patrono Embaixador Professor Doutor José Augusto Seabra - queríamos patentear que era possível ser-se INDEPENDENTE, descentralizar a realização destes eventos e levá-los a cabo sem sermos subsídio-dependentes.

Nos Açores, os Encontros tiveram início em 2006 trazendo, académicos, estudiosos, escritores e outras pessoas para debater a identidade açoriana, a sua escrita, as suas lendas e tradições.

Deste intercâmbio de experiências entre residentes, expatriados e todos aqueles que dedicam a sua pesquisa e investigação à literatura, à linguística, à história dos Açores ou qualquer outro ramo de conhecimento científico, podemos aspirar a tornar mais conhecida a identidade lusófona açoriana.

Os Colóquios inovaram logo no seu primeiro encontro em 2002 e introduziram o hábito de entregarem um CD das Atas/Anais no início das sessões.

Em 2003 visitou-se a Língua Mirandesa

Em 2004, os Colóquios fizeram a campanha que salvou o Ciberdúvidas;

Em 2005 presidiram ao lançamento do Observatório da Língua Portuguesa, depois integrado na CPLP e fomos os únicos, até hoje, a debater a introdução da Língua Portuguesa em Timor-Leste.;

Em 2006 lançámos a primeira pedra para a criação da Academia Galega da Língua Portuguesa e debatemos a biunivocidade dos Crioulos na Língua Portuguesa

Em 2007 atribuímos o 1º Prémio Literário da Lusofonia e debatemos (pela primeira vez em Portugal) o Acordo Ortográfico ora em vigor.

Em 2008 assistimos à abertura da Academia Galega da Língua Portuguesa nascida no seio dos Colóquios. Esse ano marca o início de parcerias com Universidades e Politécnicos quando o Presidente da Academia de Ciências de Lisboa (Professor Adriano Moreira) se deslocou a Bragança para dar «o apoio inequívoco da Academia de Ciências aos Colóquios da Lusofonia».

Na sequência desta vinda acabaria por doar o seu espólio a Bragança onde se encontra na Biblioteca Municipal Adriano Moreira.

De 2007 a 2012, incansáveis prosseguimos a campanha para a execução do novo Acordo Ortográfico, com o laborioso apoio dos seus proponentes: Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara, [Carlos Reis] e Ângelo Cristóvão que nos têm assistido a lutar pela língua unificada que propugnamos para as instâncias internacionais. Em Portugal não há uma política de língua. Enquanto as Letras se mantiverem subalternas como mera Secção da Academia das Ciências é imperioso que esta seja mais atuante na defesa da língua e das suas variantes face aos desafios que os políticos não conseguem afrontar. A vetusta Academia tem de ser pró-ativa em vez de reativa, mas não parece ter vitalidade para tanto. O futuro e a preservação da língua não se compadecem com esperas nem vivem de glórias passadas. Portugal está irremediavelmente atrasado. Não pode esperar mais. Por isso sonhámos ainda hoje com a criação de uma Academia das Letras, uma Academia da Língua, independente, sem sujeições a projetos estatais ou outros.

Em 2008 e 2009 os Colóquios foram a Santiago de Compostela para o 1º Seminário de Lexicologia da AGLP para provar que ela conta com o apoio das outras Academias e dos Colóquios da Lusofonia que a ajudaram a nascer numa época conturbada relativamente à situação da língua portuguesa na Galiza.

Em 2009 definimos o projeto do MUSEU DA LUSOFONIA e decidimos levar os Colóquios a Santa Catarina, Brasil, e tivemos como convidado o escritor Cristóvão de Aguiar na Homenagem contra o esquecimento, que incluía, entre outros, Carolina Michaëlis, Leite De Vasconcellos, Euclides Da Cunha, Agostinho Da Silva, Rosália De Castro. Nesse ano foi firmado um protocolo com a Universidade do Minho para ministrar um Curso Breve de Estudos Açorianos.

Em janeiro de 2010 foram lançados os Cadernos de Estudos Açorianos em pdf na nossa página www.lusofonias.net estando já disponíveis 16 cadernos, vários suplementos e vídeo-homenagens a autores açorianos. Servem não apenas de iniciação para aqueles que querem ler autores açorianos, mas também de suporte aos futuros cursos de AÇORIANIDADES E INSULARIDADES. Em 2010 mantivemos a homenagem contra o Esquecimento que incluiu os nomes de Vasco Pereira da Costa, Cristóvão de Aguiar, Dias de Melo e Daniel de Sá. Na Sessão de Poesia declamaram-se poemas de Vasco Pereira da Costa incluindo o poema «Ode ao Boeing 747», em 11 das 14 línguas para que foi traduzido pelos Colóquios (Alemão, Árabe, Búlgaro, Catalão, Castelhana, Chinês, Flamengo, Francês, Inglês, Italiano, Neerlandês, Polaco, Romeno, Russo).

Malaca Casteleiro sugerira no XIII Colóquio no Brasil em abril de 2010 que se valorizassem as publicações de trabalhos das Atas/Anais, fazendo-se um Anuário, que foi disponibilizado (online) em 2011, ano em que fomos até Macau com o generoso apoio do Instituto Politécnico de Macau.

Em 2011 seguiu-se a primeira ida à ilha de Santa Maria, onde se lançou A antologia (bilingue) de autores açorianos contemporâneos enquanto a AGLP disponibilizava os seus meios técnicos para a página oficial da AICL, numa nova plataforma.

Nesse 16º colóquio em Vila do Porto, aprovou-se uma declaração de repúdio pela atitude de PORTUGAL olvidando séculos de história comum da língua, ao excluir a Galiza - representada pela AGLP - do seio das comunidades de fala lusófona.

A Galiza esteve sempre representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo acordo ortográfico e o seu léxico foi integrado em dicionários e corretores ortográficos. A sua exclusão à última hora do seio da CPLP representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente.

A AICL entende que não se pode deixar de fora a região onde nasceu a língua portuguesa há mais de dez séculos. É um crime de lesa língua de todos nós.

A Língua que se fala na Galiza, em Portugal, Brasil, Angola, Moçambique e em tantos outros países e regiões é a mesma, com a peculiaridade de ter sido o berço da mesma língua comum.

Trata-se de uma medida obviamente ditada por preconceitos políticos e contra a qual a AICL se manifesta veementemente encorajando todos os seus associados e participantes nas suas iniciativas a protestarem publicamente contra esta injustiça feita à língua portuguesa e à AGLP.

Em 2012, na Lagoa, na Homenagem contra o Esquecimento 2012 celebraram-se nove autores, tantas quantas as ilhas e num mestrado do curso de tradução da Universidade do Minho, verteram-se para francês, excertos de obras de autores açorianos.

Ali se lançou o MANIFESTO AICL 2012, A LÍNGUA COMO MOTOR ECONÓMICO que aqui divulgaremos, esperando que este evento possa servir de ponte entre duas culturas unidas na sua insularidade entre os elementos que as rodeiam na Galiza e nos Açores.

Hoje, aqui, estão alguns desses autores a partilharem convosco o que há de comum entre a Galiza e os Açores: duas insularidades culturais no seio da Europa.

Os nossos projetos de divulgação de autores açorianos, sua tradução em várias línguas, a divulgação do cancioneiro açoriano, as antologias, os livros que temos editado, os artistas que temos promovido, entre tantos outros projetos que enunciamos na sessão de abertura deste 18º colóquio permitiram já levar os Açores a locais desconhecidos, e sentimos-nos todos embaixadores dessa açorianidade quando os nossos oradores estudam autores açorianos.

Com esta vinda à Galiza acreditamos que podemos criar pontes culturais entre duas regiões autónomas cercadas por culturas dominantes e que têm um número incalculável de autores que merecem ser estudados, traduzidos e divulgados em todo o mundo lusófono. Queremos criar intercâmbios entre os Açores e a Galiza para juntos, e com o apoio do Governo Regional dos Açores possamos incrementar as relações comerciais e culturais entre as regiões, porque afinal falamos todos a mesma língua. A todos os que aqui estão presentes o nosso obrigado e até sempre que nos queiram receber.

121.3.2. DISCURSO DE ACEITAÇÃO DE ACADÉMICO CORRESPONDENTE DA AGLP

Prezados académicos, excelências

Em 30 de agosto de 2002 Timor-Leste tornava-se independente e em 18 de outubro conheci Ângelo Cristóvão que ficou boquiaberto quando lhe disse que «Este 1º Colóquio da Lusofonia deveria chamar-se o Genocídio da Língua (Portuguesa) na Galiza, mas a entidade patrocinadora [SLP] não deixou»

Deve ter imaginado que ou era louco ou um agente provocador do reino de Espanha.

Uns anos mais tarde (2007) seria aquele o título de novo colóquio no qual seria proposta oficialmente a criação da AGLP, a que todos assistimos em 2008.

Tive a oportunidade de lhe dizer naquela ocasião e, posteriormente, o que pensava do problema da língua na Galiza, salientando que, por ter porfiado 24 anos pela independência de Timor, poderia tentar transpor para a Galiza alguma da minha experiência e aplicá-la no campo da língua.

Com a enorme capacidade que só os visionários têm, um grupo restrito de galegos e galegas atravessaram o rio Minho em busca do sonho de recuperar a língua de seus antepassados e parte integrante da sua História, tal como fizera a antiga Irmandade das Falas, entre 1916 e 1936, depois renascida na década de 1980 como Irmandade das Falas da Galiza e Portugal.

Aos poucos, começou a falar-se do problema que, infelizmente, continua ignorado pela vasta maioria dos portugueses, mas aquele pequeno grupo, como cavalo de Troia que era, soube conquistar algumas personalidades importantes para a sua luta e desde a sua criação, que a AGLP, a sua Fundação e a Associação Pró-AGLP, não têm parado de aumentar os seus convénios e protocolos com entidades de todo o mundo lusófono. Falta ser feita justiça no seio da CPLP para que lhe seja reconhecido o direito ao estatuto de Observador, designio que tomámos como nosso no 13º Colóquio da Lusofonia em março de 2010, em Santa Catarina no Brasil, e, posteriormente, reiterámos no 14º colóquio em Bragança em outubro de 2010 em Macau e Santa Maria em 2011. Foi por isso com espanto que assistimos dia 22 de julho 2011 ao anúncio pela CPLP da admissão da AGLP sob proposta do país anfitrião (Angola). A mesma admissão surpreendentemente foi retirada da página oficial da CPLP umas horas depois sem qualquer explicação, pelo que as celebrações de júbilo na Galiza e no resto do mundo duraram apenas oito horas. Veio, posteriormente a saber-se que fora Portugal - que sempre apoiara esta proposta da AGLP integrar a CPLP

com o estatuto de observador - quem a vetara no último momento. A AICL em concertação com o MIL - Movimento Internacional Lusófono - de que faz parte, tomou algumas medidas sendo a mais visível a da Petição ao Ministro dos Estrangeiros de Portugal, Dr Paulo Portas, além de entrevistas e publicação que fizemos de um MANIFESTO de Repúdio da AICL. Como sempre estamos crentes de que o tempo reporá a justiça da admissão da AGLP na CPLP: Ao tomar conhecimento oficioso de que o meu nome iria constar desta cerimónia, entendi que os Colóquios da Lusofonia mereceriam mais essa honra do que eu, a nível pessoal, dado não ser mais do que um mero facilitador de vontades entre todos os associados da AICL e os projetos e sonhos que temos vindo a construir.

Recordo a propósito que quando em 1962 escrevi um discurso familiar mencionando as auréolas miríficas alguém me incentivou a continuar a escrever. Posteriormente aos 22 anos, em 1972, lancei o meu primeiro livro de poesia, a que outros de crónicas e de ensaio político se seguiram.

Fui sempre jornalista e tradutor e só nestas últimas décadas pude escrever o que queria e sentia. Faço agora 40 anos de vida literária e mais de 47 de jornalismo sem jamais ter acalentado grandes ilusões ou sonhos quanto ao valor dos meus escritos.

Ainda considero ter sido uma honra maior do que eu merecia ter tido a oportunidade de ser convidado a proferir uma palestra dia 29 de março de 2010 na Academia Brasileira de Letras.

Hoje, segue-se a segunda maior honra da minha vida, estar aqui a ler estas palavras evitando os meus improvisos emocionais para vos confessar que a AGLP pode continuar a contar com o meu total e dedicado apoio, nesta luta para a reposição da língua galega, aliás língua portuguesa da Galiza, em todas as esferas da vida do povo galego e nos fóruns internacionais. Espero nunca vos desiludir. Citando o embaixador José Augusto Seabra, primeiro patrono dos Colóquios:

... A disseminação de uma língua que, a partir da sua matriz galaico-portuguesa, se tornou primeiro uma língua nacional e depois uma língua de contacto entre civilizações, cumpriu-se de facto, a partir da grande empresa marítima das Descobertas...

O nosso idioma apresenta todas as características da universalidade: disperso por todos os continentes, ele não é restrito a um grupo étnico, a uma comunidade religiosa, a um tipo de sociedade ou a um regime político, sendo uma língua de mestiçagem cultural, de contacto e de diálogo entre vários povos. Se a comunicação e o cordão umbilical entre os dialetos galego e português perduraram até hoje, a diversificação tornou-se mais nítida nas rotas do Atlântico, do Índico e do Pacífico, do Norte ao Sul e do Ocidente ao Oriente. Pode dizer-se, em suma, que a diversidade se tornou uma condição da unidade, mas não da unicidade, da língua portuguesa. Nesta época de desassossego global, em que o retorno dos fanatismos, dos fundamentalismos e dos terrorismos de toda a ordem impende sobre a nossa condição planetária, saibamos ser de novo, através da nossa portuguesa língua, interlocutores de um polígono de civilizações, culturas e religiões. Símbolo de uma língua que se tornou uma pátria de tantas pátrias quantas são as nossas, de tal modo que poderíamos dizer, parafraseando uma vez mais Pessoa «Nossa Pátria é a língua portuguesa». Mas foi como língua de civilização e cultura que o Português se impôs historicamente, na sua irradiação pelo mundo, como profetizou o poeta-humanista António Ferreira:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva

A portuguesa língua e lá onde for

Senhora vá de si, soberba e altiva... (fim de citação)

Termino dizendo que falta apenas concluir a unificação ortográfica desta língua de todos nós, elevando-a a uma maior dimensão. Nisso quer a AICL quer a AGLP estão unidas, pois podemos preservar todas as nossas inúmeras diferenças, mas mantendo unificada a escrita da língua.

Respeitando a diversidade do Português, que é aliás a sua grande riqueza, impõe-se fazer um esforço no sentido de uma aproximação das suas formas, sim, mas em domínios ligados ao seu uso contemporâneo, como é o caso da terminologia científica e técnica e dos neologismos decorrentes de novos modos de vida e de convivência internacional, sem prejuízo da salvaguarda das especificidades de cada variante, enquanto manifestações que são de identidades e alteridades culturais irredutíveis.

Obrigado uma vez mais por aceitarem este mero aprendiz de feiticeiro da escrita no vosso seio de académicos bem mais distintos e qualificados do que eu.

Cito Jack Kérouac

Aqui estão os loucos. Os desajustados. Os rebeldes. Os criadores de casos. Os pinos redondos em buracos quadrados. Os que fogem ao padrão. Aqueles que veem as coisas de um modo diferente. Não se adaptam às regras, nem respeitam o status quo. Pode citá-los, discordar, glorificá-los ou caluniá-los. Mas a única coisa que não pode fazer é ignorá-los. Porque eles mudam as coisas. Empurram a raça humana para a frente. E enquanto alguns os veem como loucos, nós vemo-los como geniais. Porque as pessoas suficientemente loucas para acreditar que podem mudar o mundo, são as que o mudam.



Como simples artesão da palavra, poeta e sonhador de utopias manterei a minha saudável loucura ao serviço da língua portuguesa, nem que seja em pequenos poemas como este:

GALIZA COMO HIROXIMA MON AMOUR

acordaste e ouviste o teu hino
bandeira desfraldada ao vento
ao intrépido som
das armas de breogán
amor da terra verde,
da rubra terra nossa,
à nobre lusitânia
os braços estendes amigos
desperta do teu sono
pega nos irmãos e irmãs
caminha pelas estradas
ergue bem alto a tua voz
diz a quem te ouvir quem és
orgulhosa, vetusta e altiva
indomada criatura
nenhum poder te subjugará
nenhum exército te conquistará
nenhuma lei te aniquilará
és a Galiza mon amour

121.3.3. DISCURSO DE ENCERRAMENTO

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES

Apesar da sua ausência por motivo da campanha eleitoral para a Presidência do Governo Regional dos Açores, farei o discurso que preparara para a presença do Excelentíssimo Senhor Dr Jorge Paulus Bruno, diretor regional da cultura dos Açores, em representação do senhor Presidente do Governo Regional dos Açores. Na minha modesta opinião a AICL deve aproveitar esta honrosa presença para lhe agradecer, salientar e enaltecer a colaboração iniciada em 2007 com o Governo Regional dos Açores. Igualmente merecem uma nota pública de agradecimento os apoios recebidos até hoje da CM Lagoa entre 2008 e 2012, da CM Bragança de 2002 a 2010, CM de Vila do Porto 2011, CM Ribeira Grande 2006 e 2007, Estado Federal de Santa Catarina 2010, Instituto Politécnico de Macau 2011, Academia Galega, sua Fundação e Associação Pró-AGLP 2012, Academia Brasileira desde 2007 e à Direção Regional da Cultura / Direção Regional das Comunidades / Direção Regional da Ciência e Tecnologia, em particular, por nos terem permitido fazer a diferença ao trazer autores expatriados que só vieram enriquecer os nossos Colóquios, havendo ainda a realçar a Direção Regional de Turismo que há 4 anos nos ajuda com ofertas representativas dos Açores aos nossos convidados. Faltarão decerto outras entidades que nos ajudaram ao longo de mais de dez anos e 18 Colóquios, mas seria injusto não salientar aqui as individualidades que têm sido timoneiras desta nau da Lusofonia, esses dois grandes mestres Bechara e Malaca Casteleiro sem os quais os Colóquios não seriam o farol que a todos alumia nesta defesa intransigente da nossa língua e para eles peço um aplauso sentido. A estes, juntaria ainda os nomes do incansável Ângelo Cristóvão e da Concha Rousia, que têm com enorme sacrifício subido o Gólgota deste nosso sonho comum.

Como tenho vindo a alertar e ainda mais no atual contexto as nossas relações com as entidades públicas e ou associativas são fundamentais e sem o apoio destas entidades os Colóquios não teriam atingido a projeção internacional de que hoje dispõem. Interessa agora nesta época de convulsão orçamental continuar a demonstrar porque merecemos ser apoiados, pois nós marcamos a diferença para todas as outras realizações do mesmo género. Peço desculpa pela ousadia, mas não poderia deixar de dizer isto.

Se a guerra dos afetos entre povos irmãos é exclusiva da coutada dos poetas, agora desponta o interesse económico nessa cruzada da língua comum, como motor capaz de inverter políticas centralistas e nacionalistas de séculos. Nisso reside a grande arma que devemos utilizar, neste nosso longo caminho de sobreviver através da língua e cultura comuns, em vez de ficarmos marginalizados em variantes e dialetos redutores da enorme identidade global que é a Lusofonia sem distinção de nações, credos ou etnias. Não queremos um Quinto Império para reviver glórias de outrora, pretendemos apenas dar voz a todos os que se expressam e trabalham nessa mesma língua.

Foi isso que nos trouxe à Galiza neste 18º colóquio para juntos fortalecermos o que nos une e que é património imaterial de tantos. Apesar das leis e das promessas oficiais o galego é menos falado hoje do que na minha juventude quando aqui vinha de férias, mas felizmente existe uma geração de visionários como a AGLP e a AGAL, entre outras, que querem beneficiar do mercado global da nossa língua única em todas as suas ricas variantes do Brasil a Timor e confiamos neles para que consigam essa revolução das mentes para que as novas gerações se orgulhem desse património imaterial que é a língua portuguesa comum a todos nós.

Os nossos projetos de divulgação de autores açorianos, sua tradução em várias línguas, a divulgação do cancioneiro açoriano, as antologias, os livros que temos editado, os artistas que temos promovido, entre tantos outros projetos que enunciamos na sessão de abertura deste 18º colóquio permitiram já levar os Açores a locais desconhecidos, e sentimo-nos todos embaixadores dessa açorianidade quando os nossos oradores estudam autores açorianos. Com esta vinda à Galiza acreditamos que podemos criar novas pontes culturais entre duas regiões autónomas cercadas por culturas dominantes e que têm um número incalculável de autores que merecem ser estudados, traduzidos e divulgados em todo o mundo lusófono. Queremos criar intercâmbios entre os Açores e a Galiza para juntos, e com o apoio do Governo Regional dos Açores possamos incrementar as relações comerciais e culturais entre as regiões, porque afinal falamos todos a mesma língua. Aos que aqui estão presentes o nosso obrigado e até sempre que nos queiram receber.

CRÓNICA 122 O FIM DE UMA TRADIÇÃO NOVº 1, 2012

122.1. A MORTE DA TRADIÇÃO

Termina hoje sem pompa nem circunstância, nem tampouco notícia no jornal, uma tradição milenar. Não morreu por falta de entusiasmo ou de praticantes, morreu por mero decreto governamental, que, obviamente, nunca ouviu falar dela, jamais a partilhou, ou sentiu, habituados que estão agora acomodarem-se nas suas torres de marfim longe de tudo e de todos, alheios ao povo que sugam com impostos como sanguessugas que são, sem tempo para tradições ou costumes. Falo do Pão por Deus que esta manhã, na pacata Lomba da Maia nos obrigou a levantar antes das nove da matina, com bandos de crianças a baterem à porta pedindo o Pão por Deus. Uma chusma deles, perdi a conta, mas bateram mais de doze vezes até ao meio-dia, em grupos, maiores ou menores, creio que o maior era de uma dezena.

Não se trata do Halloween nem do *trick or treat* com jovens disfarçados de bruxas e quejandos que batem às portas dos norte-americanos na noite de Halloween. Eram jovens desde a primária até à secundária (a partir dos 14 ou 15 anos desinteressam-se destas tradições) que sem o saberem cumpriam este ritual pela última vez, dado que o - cada vez mais tirânico e déspota Governo do senhor Passos Coelho - assim o decretou. O feriado de Todos os Santos, acaba neste ano de 2012. Não virá grande mal ao mundo e quem mais o lamentará serão os/as vendedores/as de flores, de velas e outros artefactos típicos desta homenagem aos mortos. A Santa Igreja também não deve entender que prestar preito aos mortos atraia grandes adeptos e vai daí acedeu a este cancelamento da data feriado. Ora com a dificuldade que tem atualmente em atrair vivos não ficaria mal ter persistido em manter os mortos na cena das celebrações em dia feriado. Foi um dia feriado tradicionalmente utilizado para recordar entes falecidos. O Dia dos Fiéis Defuntos é a 2 de novembro, mas, por questões de ordem prática, passou-se a usar o 1 de novembro para visitar e recordar os falecidos. Foi celebrado pela última vez em 2012 [1] pois para o ano todas estas criancinhas estarão nas suas escolas e daqui a algum tempo, mais ninguém se vai lembrar de como era costume andarem em bando a bater às portas. Não me lembro, ao crescer na urbana cidade do Porto, de tal tradição embora ela se tivesse mantido viva nas zonas mais remotas e nas aldeias do interior até recentes anos, mas aqui nos Açores, desde há oito anos que nos acostumámos a ela...o toque incessante da campainha e a dádiva de rebuçados e doces...num dos anos até se acabaram os que havíamos comprado e tivemos de ir reforçar o estoque.

No livro Crónica Açores (vol. 2 de 2011) narro a génese da tradição que ora termina como se pode ler [Crónica 31](#).

122.2. CREMAÇÃO

Eu observava, empiricamente, um nítido decréscimo de participação popular nos ritos, comparativamente à infância. Há menos gente a acreditar na vida além-túmulo ou a participação restringe-se aos mais velhos. O decréscimo de crentes católicos em Portugal é notável. No último censo eram 92,2 %, mas só 10 % ia à missa.... Opino não ser preciso haver um dia assinalado no calendário, propositadamente colocado a seguir ao Dia de Todos os Santos, que é uma data com algum relevo. Obviamente, um dia de Finados em dia de laboração normal não deixa grande margem de manobra para alguém ir aos cemitérios, depois de se levantar cedo, pôr os filhos na escola, voltar do trabalho, ir buscar os filhos ao ATL (tempos livres), preparar o jantar, etc. Cada um, na reclusão do seu lar, deverá dedicar os momentos que quiser ou sentir necessidade para homenagear os seus mortos, da forma que melhor entenda. Por vezes, bastará um pensamento ou lembrança em instâncias de dor, alegria ou dúvida. Seria mais adequado para evocar aqueles que mereciam ser recordados. Não o neguem, há muitos cuja ausência não é sentida, quer pela sociedade, quer pelos familiares. Outros deveriam ser proibidos de serem evocados. A religião cria hipocrisias que levam a venerar todos os mortos mesmo os que não merecem qualquer espécie de sentimento ou os antepassados que nunca conheceram. Há muito que dedico momentos de pausa para recordar, aqueles que gostaria que ainda estivessem comigo. Para saborearmos juntos uma vitória pessoal ou profissional. Para partilharmos um triunfo particularmente interessante. Tão-só para receber uma palmada congratulatória nas costas. Somos companheiros de sempre. Mesmo que já não estejam no rol dos presentes. Por vezes, dialogo com eles, de forma não audível. Falo-lhes. Mesmo sem respostas, continuo num feliz solilóquio. Talvez gostem de ser recordados assim. A sua memória perdura. Dessa forma os homenageio. Sem vasos nem flores, nem peregrinações ao sítio onde deixaram as ossadas terrenas, ao contrário da minha mãe que mantém, há décadas, uma romagem semanal ao cemitério de família (em Agramonte, Porto).

Já assisti em 1974 e 1975 em Bali (Indonésia) à cerimónia religiosa que mais me marcou: o Ngaben, rito da cremação ([detalhes em Crónica 10](#)). Muitos acreditam ser a mais importante. A religião hindu balinesa crê que a alma se reincarna, após passar por várias fases. Como os balineses se reúnem em grupo para conversar e contar histórias, é provável que os espíritos façam o mesmo. As procissões, além de coloridas e festivas, são complicadas, pois andam em círculos. Vale tudo para confundir os espíritos. Durante anos tive essa cláusula da cremação num testamento, o que muito espantara a minha

mulher, descrente de coisas dos orientes exóticos. Sabida a distância, o Atlântico deverá bastar, pois a viagem para o outro lado do oceano é longa. Talvez mais demorada do que para a outra vida em que não acredito. Nem na luz ao fundo do túnel. Não pretendo ter os ossos esquecidos no jazigo de família sem alguém que vá e me visite. Não quero que a capela onde repousam gerações de antepassados fique cheia de ervas daninhas. Não deverei ter a visita de filhos na última morada, já que não me visitam enquanto cá ando e mais difícil seria que me fossem saudar nesse eterno repouso inventado pelos cristãos. Prefiro que as cinzas desapareçam, e a remanescer algo, que reste a memória e os meus escritos. A propósito deste escrito acrescentava a Joana Mota Vanzeller

*Aqui que eu saiba "Pão por Deus" não era uso.
A primeira vez que ouvi, foi em S. Miguel.
Eu ia na rua e uma velhinha disse-me "pãprê" ...
Não percebi, e perguntei se ela tinha perdido alguma coisa e ela repetiu umas poucas de vezes e eu envergonhada pedi desculpa e deixei-a.
Cheguei a casa e contei ao meu Pai - Riu-se - traduziu...
Hoje, claro fui à missa...
Já nem me lembrava que este era o último Dia Santo, dia 1 de novembro o dia de Todos os Santos!
Em que para acumular se junta mais ou menos o dos "Fieis defuntos" que tenho ideia de, em pequena, ser feriado também.
Esse é que era o dia de ir aos cemitérios...
Recordar e rezar pelos mortos da nossa Família...
Mas acabou foi considerado inútil e ridículo substituído pelas bruxas...
Uma tradição cheia de nexos...
A vez de quem vende chapéus em bico e abóboras.
Todos tem direito a ganhar a sua vida...
Lá andam os meninos com a ridícula fardeta de bruxa...deambulando sem sentido nenhum por essas ruas...
Mas ainda há muita gente gastando, para bem das floristas, o dinheiro que tem e não tem, para pôr a campã mais enfeitada do que a do vizinho...
Chegam ao ponto de fazer roupa...para bem dos vendedores de roupa, certamente dos Chineses, que o dinheiro não dá para mais...para estar todo o dia no cemitério!
Eu, como os cemitérios onde está a Família, estão longe - um em S. Miguel outro em Aveiro...mando pôr lá duas velas um ramo de Verdes para não ficar com ar de abandonado....
Eu agora irei lá, como se costuma dizer, com os pés para a frente... ou mais moderno, num potinho com tampa...
O acabar de dias santos era para serem todos e ficaria suponho que só natal.
Natal, com o Pai Natal. E a Páscoa - com o coelho que põe ovos...
Uma coisa que tenha interesse, enfim alguma coisa original e com piada!
Que isto de poder ser católico é uma coisa que não tem razão de ser...
Religião que se respeita só a dos árabes...
As autoridades da Igreja conseguiram negociar acabar dois dias (já não me lembro qual é o outro) contra dois feriados civis.
Mas como não tenho já a certeza como é depois ...o Daniel (de Sá) diz... (Desculpe Daniel [de Sá] ---mas...já ficou nosso costume.)
O Padre lastimou que governos quebrassem tradições, tirassem as memórias e história dum costume que em toda a Europa há, penso eu.
Pelo menos em França era um dia marcado dantes.
Agora com esta preocupação de manter o pessoal a trabalhar, não sei...
Só quem pode fazer as suas tradições são os árabes aí eles baixam a orelha...
Agora aqui os palermas dos nativos "Vai trabalhá Vágábundo" que tem que se pagar a quem não trabalha...
Alguém ouviu sobre aquele serviço de saúde em Guimarães em que as mulheres têm quarto particular um tapete para as rezas, sal e pimenta para a comida, médica especial, têm que os médicos aprender árabe e cumulo só comem carne de ovelha morta lá como eles querem - só há um talho para fazer aquela barbaridade.... Claro que não disseram como era o matar os cordeiros pela tradição da religião Islâmica...é o dizes...
Nessas coisas não se fala, que é discriminação racial.
bj Joana*

CRÓNICA 123, DO FIM DO MUNDO, DEZEMBRO 21, 2012



Ainda não são 10.43 e escrevo do meu "bunker" ou abrigo, que mandei instalar aqui sob o torreão do meu castelo... Pelo periscópio montado na seteira, vejo o céu acinzentado bem escuro, ouço o vento a soprar com força e a chuva cai impiedosa...não consigo ver o alinhamento dos planetas nem as explosões solares, mas temo que as previsões do fim do mundo sejam como as do ministro Gaspar... Quando chegar a hora do almoço vou sair, que hoje nem tomei o mata-bicho (café da manhã) e já preciso de um bom banho quente pois os "mestres" construtores do bunker que cobraram mais de 300 mil pela construção, esqueceram-se de ligar a água ao poço artesiano que há no quintal ligado a um tubo lávico da

falha Fogo-Congro e pelo qual se exalam cheiros diabólicos. Sempre gostei de estar em contacto com a natureza profunda! Na R P da China (lá, onde levam tudo a sério) prenderam centenas de pessoas de uma seita que anunciou o fim do mundo em virtude de perturbarem a ordem pública. Aqui na Lomba da Maia não se viram manifestações similares pois era tempo de fazer os preparativos do natal, que esse costuma vir sempre a horas todos os anos. Admira-me o presidente do Governo Regional não ter ido à TV (RTP-A) apelar à calma, mas depois dei conta de que o ministro Relvas mandou fechar a "janela" da TV e só pelas 17 horas temos notícias locais. Mais espertos foram os do parlamento regional que foram todos de férias com a família para estarem juntos no fim do mundo em vez de estarem em plenários a fingir que resolvem os problemas açorianos. A Casa Real de Bragança teme que o fim do mundo seja aproveitado para o regresso de Dom Sebastião o que prejudicaria os interesses legítimos do atual pretendente ao trono que não existe.

Para já a programação que recebi não está a ser cumprida, deve ter sido organizada por portugueses, que nunca estão a horas nem sabem cumprir horários, mas continuo a não entender isto dos Maias pois os únicos que conheci eram os do Eça de Queirós, gente fina que não se metia a fazer disto.

Dizem-me que o Governo ainda não vendeu a TAP para os seus membros estarem hoje voarem nela para longe do país, mas tratou-se de mais um boato sem fundamento...não havia classe executiva suficiente para tanta gente...e ainda nem todos garantiram "tachos" para abandonarem a ação misericordiosa, mal compreendida e mal paga que é estar no Governo, tarefa bem mais espinhosa que governar! Os invejosos do "El País" noticiavam há dias que Portugal estava à venda, uma completa mentira, pois já se sabe que o país foi vendido a retalho e o que sobra mal dá para pagar o café e um maço de tabaco. Também não é verdade que se esteja a acabar com o SNS (Serviço Nacional de Saúde) pois o que se pretende é acabar com as "baixas" ardilosas com que alguns tentam defraudar os seus empregadores, em especial na função pública. Com o tempo de espera para casos não urgentes igual ou superior a doze horas acabam-se as baixas fraudulentas...não há estômago que aguarde! Iguamente falsa é a asserção de que o Governo pretende privatizar o ensino público, pois todos sabemos como ele tem sido essencial para colocar este país nos lugares cimeiros das estatísticas em Bruxelas. Os privados continuam a ser coutada de privilegiados que nada acrescentam ao saber nacional, a acreditar nas licenciaturas do Sócrates, Relvas e tantos outros dos principais partidos que nunca tiveram tempo de estudar para doutor devido aos seus afazeres político-partidários. Quanto à justiça, temos um dos sistemas mais bem preparados em todo o mundo, com um longo prazo de investigação a fim de se apurarem todas as responsabilidades e as "fugas ao segredo de justiça" são uma forma elaborada de se descobrir quem são os verdadeiros criminosos para que o povo esteja atento, ainda antes de contra eles ser formada culpa.

As inúmeras formas de apelação existentes permitem a todos os que foram injustamente acusados como o major Valentim, o Isaltino Morais e outros, de se poderem defender de cabalas monstruosas montadas por aqueles que os não conseguem vencer de forma limpa em eleições livres! E, por fim, a Banca internacional está com alguns problemas de liquidez depois de terem tornado o dinheiro da lavagem de capitais em ativos tóxicos, mas tudo isso se cura. Se a crise global continuar, para o ano somente dois bancos ficarão operacionais: o Banco de Sangue e o Banco de Esperma! Mais tarde estes 2 bancos serão fundidos, internacionalizados e chamados: "The Bloody Fucking Bank". E é com eles que contamos para a retoma financeira e o aumento das taxas de natalidade europeias.

CRÓNICA 124 DOM XIMENES BELO NO 19º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 26 MARÇO 2013

Rudyard Kipling está celebrizado pelo «lf» («Se») que é exatamente o oposto daquilo que rege os Colóquios «Não prometemos, fazemos». Só que, desta vez, saboreamos o verdadeiro significado da insularidade, ou seja, o acre travo das provações climatéricas que quase iam comprometendo de forma terminal o 20º Colóquio marcado para 14 a 17 de março na Maia, Ilha de São Miguel, Açores. Uma depressão cavada e estacionária por cima do arquipélago trouxe chuvas torrenciais, ventos ciclónicos, desabamentos de terras, naufrágios e um total de seis mortes a estas ilhas tão fustigadas e impediu a aterragem de aviões de Lisboa e Porto a partir do dia 12.... Os nossos oradores e presenciais que iriam chegar a partir daquela data começaram a ver os seus voos adiados, cancelados e mais de 1120 pessoas esperavam nos aeroportos de Lisboa e Porto um voo para a Ilha do Arcaño. Todos os planos foram literalmente por água abaixo. Recorreu-se ao plano «B», mas novos cancelamentos e adiamentos, horas desesperantes de espera no aeroporto Papa João Paulo II, na Nordela em PDL, fizeram gorar novas esperanças. De volta ao computador se elaboraram planos alternativos enquanto os telemóveis se agitavam com mensagens, telefonemas e adiamentos ou cancelamentos. Os planos que se seguiram ao "B" quase esgotavam o alfabeto disponível e decidimos cancelar tudo o que se estava previsto para o primeiro e segundo dias do evento.

No jantar de boas vindas, em vez de 25 pessoas éramos seis ou sete. Na manhã do primeiro dia estava anunciada uma palestra na escola da Maia, sobre a paz, por Dom Ximenes Belo, Prémio Nobel da Paz 1996 e a apresentação da Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos em dois volumes. O lançamento tinha sido anunciado em toda a ilha por todas as escolas e não podia ser alterado, mas o resto da programação desse dia incluindo a abertura formal do Colóquio, Livraria Solmar e um jantar oferecido pela Associação Agrícola de São Miguel tudo foi alterado. Cancelaram-se recitais, atuações de grupos musicais e passeio para incluir as sessões formais do Colóquio no sábado dia 16. Finalmente pelas 11 e meia da manhã de dia 15 começaram a chegar oradores e presenciais...em três aviões consecutivos de Lisboa. Remarcou-se o almoço na Maia onde acabamos por ter mais de 20 pessoas e logo a seguir a este almoço improvisou-se uma audiência na escola para a palestra de Dom Ximenes Belo.

Depois recolheram todos ao Hotel onde nos reunimos para jantar ainda sob intensa chuva que iria persistir com intensos e cerrados nevoeiros.

O 19º Colóquio começou assim no sábado e prolongou-se apenas até domingo, um dos mais curtos eventos desde o seu dealbar em 2001-2002, caracterizado pela presença de personalidades ilustres que, pela primeira vez, estavam presentes como a representação do Camões agora denominado Instituto da Cooperação e Língua, e o Diretor Executivo do IILP (Instituto Internacional da Língua Portuguesa) da CPLP, entre outras personalidades.

Tudo correu dentro do apertado horário com a precisão de um relógio suíço, sem mais percalços ou incidentes, e uma boa integração dos elementos que - anteriormente - nunca estiveram nos nossos convívios. Depois das boas vindas pelo Presidente da Junta de Freguesia da Maia (esta foi a primeira vez que os Colóquios se realizaram numa freguesia), Jaime Rita fez a apresentação da mostra de Artesanato local e de fotografias da Maia, havendo igualmente a abertura da mostra de livros da editora Calendário de Letras. Depois, dois vídeos, a história e as belezas e riqueza da Maia e outro da AICL; recapitulando em imagens os 18 Colóquios anteriores.

Seguiram-se os discursos oficiais começando com o do Presidente da AICL

Senhor representante do Governo Regional Dos Açores, Subsecretário Regional da Presidência para as Relações Externas, Dr Rodrigo Oliveira

Senhor Presidente Da Câmara Municipal Da Ribeira Grande, Dr Ricardo Silva

Senhor Presidente Da Junta De Freguesia Da Maia, Jaime Rita

Demais Entidades Regionais,

Monsenhor Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, nosso convidado de honra neste Colóquio

Álamo Oliveira, nosso escritor convidado e homenageado neste Colóquio

Caros/as académicos/as, caras e caros associados/as, Minhas senhoras e meus senhores

A todos agradeço a participação nesta cerimónia formal de abertura do 19º Colóquio da Lusofonia da AICL. Agradeço em especial o patrocínio da Junta de Freguesia da Maia sem o qual não seria possível termos reunidos aqui académicos e lusófilos de tantos países e regiões. A todos dou as boas vindas a esta

costa norte da Ilha de São Miguel, tantas vezes esquecida ao longo dos séculos, e mesmo mais recentemente quando fica afastada das rotas de visitantes e turistas. Estamos em pleno coração da zoina histórica da Maia, ativa freguesia do concelho da Ribeira Grande, situada entre as suas congéneres de S. Brás, a ocidente; a Lomba da Maia, a nascente; e os concelhos de Vila Franca do Campo e Povoação, a sul. A sede da freguesia, inclui os lugares da Lombinha da Maia e da Gorreana, ocupando grande parte de uma fajã vulcânica geologicamente muito jovem, com apenas dez mil anos.

Segundo a Enciclopédia Açoriana, a Maia terá sido fundada nos finais do séc. XV, por Inês da Maia, nativa de terras do Lidador perto do Porto. Na ilha havia então dois municípios, os de Vila Franca do Campo e de Ponta Delgada. O primeiro historiador, o douto Gaspar Frutuoso¹¹⁶ fala das curiosidades da freguesia, dos moinhos, do dia-a-dia e dos primeiros povoadores que tiveram intenção de a fazer vila sem o conseguirem.

Em termos eclesiásticos, a paróquia cedo ganhou alguma relevância fazendo parte da Ouvidoria de Vila Franca, a única em S. Miguel. Só em 1698 foram criadas as Ouvidorias de S. Sebastião em Ponta Delgada e N. Sra. da Estrela na Ribeira Grande. Por razões geográficas, a paróquia do Divino Espírito Santo da Maia foi incluída na de N. Sra. da Estrela. Entretanto, as obrigações fiscais passaram a ser cumpridas na Ribeira Grande, mas só em 1820 a Maia ficou a fazer parte deste concelho. No entanto, em 1916 esta paróquia foi integrada como limite ocidental da Ouvidoria dos Fenais da Vera Cruz (Fenais da Ajuda) aquando da criação de novas Ouvidorias. A sua malha urbana apresenta um desenho de ruas paralelas orientadas na direção norte-sul, unidas por travessas de orientação leste-oeste, situação muito rara nos Açores. Dadas estas características, foi classificado como património regional o centro urbano ao redor da Igreja paroquial, dedicada ao Espírito Santo, e construída de 1796 a 1825. Entre os seus edifícios notáveis, encontra-se o Solar de Lalém, do séc. XVIII e XIX, e onde foi incorporada a ermida de S. Sebastião de 1687. Ali se realizaram em 87 e 89 dois Encontros de escritores açorianos, e onde João de Melo recebeu o seu primeiro prémio literário¹¹⁷, pelo livro Entre Pássaro e Anjo.¹¹⁸

Diz Vamberto Freitas em 2011 no artigo Do Bar Jade ao Grupo Balada¹¹⁹ abril 9, 2011

"O movimento e o debate de ideias nos bastidores levaram ao primeiro encontro da Maia organizado por Daniel de Sá, Afonso Quental, Carlos Cordeiro e, mais tarde, Urbano Bettencourt, Silva Melo e José Bettencourt da Câmara, que dinamizariam no Solar de Lalém essa convivência que, durante alguns dias, juntava escritores e estudiosos residentes no arquipélago, no Continente e na Diáspora, inclusive Brasil. ... A açorianidade tomava agora várias formas, era vivida e escrita nas mais longínquas geografias marcadas pela nossa presença histórica. ... A escrita açoriana entrava numa outra fase de universalidade que naturalmente se revia nas mais variadas formas, nos mais originais e por vezes inesperados temas., para além do isolamento e subdesenvolvimento, emigração e guerra colonial. Quem não queria ser identificado como «escritor açoriano» ou ser incluído num corpo literário definido como «literatura açoriana» estava mais do que livre para seguir o seu caminho sem nunca ser hostilizado, muito menos «excluído» do grupo. "Tentamos, em memória desses Encontros, que a comitiva ficasse alojada no mítico, e ora privado, Solar de Lalém, mas preços exorbitantes, exigências e alterações ao previamente definido e acordado levaram-nos a buscar outras paragens e daí estarmos alojados no paradisíaco coração da ilha em pleno Vale das Furnas.

No lugar da Gorreana aqui na Maia, produz-se o famoso chá do mesmo nome, sendo este laborado na única fábrica que se manteve ativa, sem interrupções, desde o terceiro quartel do século XIX. A situação geográfica da Maia, numa zona do concelho em que há uma acentuada descontinuidade em relação ao conjunto formado pela cidade da Ribeira Grande e freguesias mais ocidentais, e o seu relevo geográfico, fizeram da Maia uma alternativa para as populações da zona na busca de bens e serviços que normalmente só são acessíveis nas sedes de concelho, daqui derivando as suas legítimas aspirações ao longo dos últimos 500 anos para ser vila mas cremos que será apenas uma mera questão temporal até que isso aconteça. A zona costeira da Maia dispõe de excelentes condições para a natação e mergulho, sendo os fundos marinhos circundantes dos melhores da ilha, quer no que respeita à paisagem subaquática quer no que se refere às espécies e quantidade de peixes observáveis. Encontra-se referida como «O Reduto do logar da Maya» na relação «Fortificações nos Açores existentes em 1710»¹²⁰ A Capitania Geral dos Açores reportava o seu estado em 1767: «§20.º — No logar da Maya se conservam alguns vestígios de que houve alli um Forte chamado do Espírito Santo, e se deve novamente edificar, pela necessidade que tem aquelle sitio de ser defendido.»[2] Esta estrutura não chegou até aos nossos dias.

Nos últimos dois anos tem-se assistido a uma rica panóplia de eventos destinados a celebrar os 5 séculos da Maia cuja data exata não consta dos arquivos, o que vem provar a vitalidade desta freguesia que tem sob a liderança de Jaime Rita, a visão e a coragem de se abalar a ser a primeira freguesia a receber um Colóquio da Lusofonia o que, decerto, ficará na história e servirá de exemplo nestes dias conturbados em que por mor da crise, a cultura é das primeiras rubricas a serem penalizadas nos cortes de apoios governamentais a todos os níveis. Ao apostar neste apoio incondicional aos Colóquios, quando alguns municípios o declinaram, a Junta de Freguesia da Maia deu um exemplo de que os cidadãos não precisam só de obras de construção civil, ou da solidariedade social autárquica, nem apenas das hortas comunitárias, nem só dos festivais pagãos e religiosos como também se lhes deve dar a hipótese de poderem receber uma tão nobre audiência como esta, onde a Lusofonia está aqui representada por gente de vários países e regiões como Açores, Alemanha, Austrália, Bélgica, Brasil, EUA, Galiza, Macau, Portugal, Roménia, Timor-Leste. A cultura e a educação são a maior riqueza de um povo que não se contabiliza na fria natureza dos números da economia e finanças.

Um povo culto está ao lado dos governantes na busca de soluções para as crises, um povo orgulhoso da sua língua não se deixa silenciar para pagar as dívidas da banca mundial. É esse povo que visamos conquistar nos Colóquios da Lusofonia.

Todos sabemos que a história sempre se fez de guerras e de casamentos entre as tribos, hoje faz-se pela globalização económica que desconhece as fronteiras marcadas em tempos imemoriais pelos homens e é aí que a língua comum assume um papel vital de moeda de troca entre os povos. Mesmo muitos daqueles que sempre se insurgiram contra a Lusofonia surgem agora como vocais e aparentes paladinos da mesma, como instrumento de captação de um mercado de mais de 240 milhões de almas.

Se a guerra dos afetos entre povos irmãos parecia exclusiva da coutada dos poetas, eis que agora - timidamente - desponta o interesse económico nessa cruzada da língua comum, como motor capaz de inverter políticas centralistas e nacionalistas de séculos.

Nisso reside a grande arma que devemos utilizar, neste longo caminho de sobreviver através da língua e cultura comuns, em vez de ficarmos marginalizados em variantes e dialetos, redutores da enorme identidade global que é a Lusofonia sem distinção de nações, credos ou etnias. Advogamos sempre que um povo que lê não se deixa esmagar pela fria ditadura dos impostos, não se deixa dominar e toma decisões conscientes, necessidades bem prementes nestes dias de globalização neoliberal desenfreada, guiada pelo paradigma único do lucro a qualquer custo. Sem desmerecer os méritos do sistema capitalista, apostamos mais na Humanidade feita de homens e mulheres com princípios sãos.

Sustentamos a igualdade, a justiça e o mérito irmanados por um poderoso elo comum: a língua de todos nós - seja ela de origem ou adquirida -, mas a língua em que comunicamos, trabalhamos e vivemos. Esse laço comum não distingue nem discrimina. Podemos fazer a diferença, congregados em torno dessa ideia abstrata e utópica de irmanação pela Língua numa escrita unificada. Podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência. Esta a verdadeira Lusofonia que propugnamos. Não somos donos da língua apenas meros amantes e utilizadores da mesma, e nela queremos congregar não só os países de língua oficial portuguesa como todas as comunidades onde existam lusofalantes independentemente da sua matriz de origem. Não queremos um Quinto Império para reviver falsas glórias de outrora, pretendemos apenas dar voz a todos os que se expressam e trabalham nessa mesma língua, queremos partilhar a enorme riqueza da língua comum, com enorme valor no PIB, como elo motriz que a catapulte da sua eterna semiobscuridade para a ribalta dos fóruns mundiais onde já é a quinta mais falada ou no seio da internet onde surge como terceiro idioma mais usado.

Dito isto, somos - como organizadores deste 19º Colóquio, a AICL - associação internacional dos Colóquios da Lusofonia, um exemplo da sociedade civil atuante em torno de um projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais. Depois de termos ido ao Brasil, Macau e Galiza queremos voltar ao Brasil, ir aos EUA e Canadá, a Cabo Verde, Roménia, Timor-Leste e a outros países. A nossa ação, desde 2006, na divulgação da açorianidade literária é o exemplo vivo de como concretizar utopias com esse esforço coletivo que é o contagioso espírito de grupo que nos irmana e nos tem permitido avançar com ambiciosos projetos desde que em 2001 iniciámos os Colóquios, para patentear que era possível ser-se organizacionalmente INDEPENDENTE e descentralizar estes eventos sem subsidi dependências. Estabeleceram-se nestes anos várias parcerias e 21 protocolos com universidades, politécnicos e outras entidades que possibilitam embarcar em projetos mais ambiciosos com a necessária validação científica. Nos Açores, agregamos académicos, estudiosos e escritores em torno da identidade açoriana, escrita e tradições, na perspetiva de enriquecimento da Lusofonia, sempre com as suas diversidades culturais que, com a nossa podem coabitar.

Pretendemos divulgar a identidade açoriana não só nas comunidades lusofalantes, mas em países como a Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, onde lentamente estão a ser feitas traduções de obras e de excertos de autores açorianos. Por isso, em todos os Colóquios mantivemos sempre uma sessão dedicada à tradução, importante forma de divulgação da língua e cultura. Veja-se o exemplo de Saramago que vendeu mais de um milhão de livros nos EUA onde é difícil a penetração de obras de autores estrangeiros. A este propósito, um dos mais ousados projetos destes Colóquios a Antologia Bilingue para as comunidades da diáspora, lançada em 2011, tem esta tarde o lançamento da sua versão monolíngue, trata-se da Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos em 2 volumes e edição da Calendário de Letras.

Em linha desde janeiro 2012 disponibilizamos gratuitamente no nosso portal, www.lusofonias.net, os CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS¹²¹ que trimestralmente publicámos, estando já disponíveis dezena e meia de cadernos, suplementos e vídeo-homenagens a autores açorianos. Serviram de suporte ao curso de Açorianidades e Insularidades da Universidade do Minho e que ambicionamos levar, um dia, numa plataforma em linha para todo o mundo, além de servir de iniciação para os que querem ler excertos de obras de reconhecidos autores açorianos cujas obras dificilmente se encontram no mercado livreiro. Há marcas indeléveis de insularidade que acompanham os autores açorianos nas suas peregrinações, um elo comum que abarca os autores compilados nos Cadernos Açorianos, entre tantos que escrevem tendo por pano de fundo os Açores como espaço cultural de forte marca identitária. Gostava de chamar a vossa atenção para os dois últimos Cadernos Açorianos, um dedicado a Victor Rui Doreis e o outro ao dramaturgo Norberto Ávila que hoje se junta a nós pela primeira vez, acompanhando o escritor homenageado ÁLAMO OLIVEIRA. Em outubro 2012, levamos os Colóquios a Ourense na Galiza, parcela esquecida da Lusofonia que foi o berço da língua de todos nós, e ora tenta reunir-se com as demais comunidades lusofalantes. Ali lançámos o MANIFESTO AICL 2012, a língua como motor económico, um contributo para a política da língua no Brasil e Portugal. Vivemos hoje uma encruzilhada semelhante à da Geração de 1870 e

116 No Livro IV, de Saudades da Terra (1591),

117 Da Associação de Cultura e Recreio a Balada

118 <https://www.facebook.com/photo.php?pid=643314&l=6050921c0b&id=197544470350413>

http://vambertofreitas.files.wordpress.com/2011/04/maia_foto1.jpg

119 <https://vambertofreitas.wordpress.com/2011/04/09/do-bar-jade-ao-grupo-balada/>

120 No contexto da Guerra da Sucessão Espanhola (1702-1714)

https://pt.wikipedia.org/wiki/Reduto_da_Maia_%28Ribeira_Grande%29#cite_note-1

121 <http://www.lusofonias.net/cadernos-suplementos-videohomenagens-bibliografia/2015-08-07-21-29-07.html>

das Conferências do Casino. Embora maioritariamente preocupados com os aspetos mais vastos da linguística, literatura e história, somos um grupo heterogéneo unido pela Língua comum a todos nós e que configura o mundo, sem esquecer como Wittgenstein disse que o limite da nacionalidade é o limite do alcance linguístico. Resta apenas que mais e mais gente se junte à AICL – Colóquios da Lusofonia - para irmos mais longe e levar o nosso MANIFESTO a todos, incluindo os países de expressão oficial portuguesa e que sirva de ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos. Com a ajuda e dedicação de todos muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil para que juntos possamos fortalecer o que nos une e que é património imaterial de tantos.

Fala-se hoje mais Português em Angola e Moçambique do que no tempo da presença portuguesa apesar da forte competição das línguas nativas. Em Goa existem mais de 15 mil falantes e há um recrudescimento do interesse pela língua portuguesa com novos livros publicados mais de 50 anos após a extinção da presença lusófona. Em Macau, a língua portuguesa é mais falada e estudada hoje do que quando os portugueses lá estavam. Lembro a importância da língua portuguesa em contextos hostis como no caso de Timor-Leste onde sob a ocupação neocolonial indonésia, as novas gerações impedidas de falar Português começaram a usar esta língua como língua de resistência. Como segunda língua oficial há dez anos o número de falantes nem a 5% chegava e hoje já há mais de 25%. Vários idiomas da Tailândia, Malásia, Índia e Indonésia têm centenas de palavras portuguesas bem como a língua japonesa: álcool, veludo, jaqueta, bolo, bola, botão, frasco, irmão, jarro, capa, capitão, candeia, castela (bolo de pão-de-ló), copo, vidro, tempero, tabaco, sabão, sábado, choro, tasca, biombo etc. Há ainda um idioma próprio Papiá Kristang (língua cristã) ou português de Malaca falado na Malásia, Singapura, Tailândia, Ceilão e Indonésia constituído por palavras portuguesas com formas gramaticais diferentes. Existe ainda o Patuá de Macau, mas em vias de extinção.

Por último gostava de lembrar a honra que temos neste biénio 2013-2014 de homenagear Álamo Oliveira, um autor que como tantos outros não tem a projeção que merece pela sua vasta e rica obra. Nos Colóquios tentamos seguir as indicações que recebemos e uma das questões colocadas aquando da antologia bilingue foi a de termos deixado de fora as mulheres na escrita açoriana (excetuando Maria de Fátima Borges). Sempre abertos a sugestões e críticas adotou-se para este 19º Colóquio o tema 1, AS MULHERES NAS LETRAS AÇORIANAS. Curiosamente, apesar da extensíssima divulgação que este 19º Colóquio teve, a maioria das escritoras açorianas contemporâneas ignorou esta oportunidade. Mesmo assim, posso anunciar aqui em primeira mão que iremos prosseguir como estava programado com uma nova Antologia no feminino, sob o tema Açores 9 ilhas 9 escritoras.

A língua não é só um meio de comunicação nem uma arma económica, ela expressa o sentimento dos povos, permite a preservação das lendas e narrativas, recria as baladas dos bardos, favorece a leitura dos clássicos, aproxima povos e perpetua o ADN nacional. Vamos continuar a criar intercâmbios entre os Açores e o resto do mundo para incrementarmos relações culturais entre as regiões e comunidades onde se fala a mesma língua. Dou agora a palavra ao convidado de honra Dom Ximenes Belo, seguido do nosso escritor homenageado Álamo Oliveira, da representante da Presidente do Camões, Dra. Ana Isabel Soares, do Presidente da edilidade Dr Ricardo Silva a que se seguirá o representante do Presidente do Governo Regional, senhor Subsecretário Regional da Presidência para as Relações Externas Dr Rodrigo Oliveira. Seguiu-se depois a primeira sessão dedicada inteiramente à homenagem a Álamo Oliveira, começando por um produzido pela AICL com apoio técnico do nosso associado Instituto Politécnico da Guarda¹²², e a surpresa de um trio de professores da escola da Maia a interpretar o rimance de Dona Baleia em versão musicada por eles. Depois, era a grande surpresa, dois poemas de Álamo («ganga azul» e «eu fui ao Pico e piquei-me») traduzidos em várias línguas e apresentados ao vivo ou em gravação nessas línguas. Um projeto colocado no portal com as traduções noutras línguas.

Seguiu-se uma apresentação da colega Rosário Girão e Manuel J Silva da Universidade do Minho sob o título «o poeta do banco verde», a tradutora norte-americana Katharine Baker apresentou «traduzir os poemas Berkeley e São Francisco» de Álamo Oliveira e Chrys Chrystello fez uma resenha genérica das obras do autor terminando com a excepcional obra «A Traceira de Jasus»

O almoço, oferecido pela Junta de Freguesia, foi de Sopas do Divino e carne do mesmo, servidas no salão da Fábrica de Chá da Gorreana (devido ao mau tempo) com apoio de alunos da escola profissional das Capelas. Depois passou-se aos trabalhos da parte de tarde com uma sessão de poemas escolhidos e ditos pelo autor Álamo Oliveira. Nessa sessão Rolf Kemmler da UTAD, continuou a sua saga de estudos de trabalhos feitos por estrangeiros sobre os Açores no fim do séc. XIX e início do séc. XX. Vilca Merízio do Estado de Santa Catarina, falou de dois autores desconhecidos dos seus tempos na Universidade dos Açores e Rolf apresentou outro trabalho sobre Luiz Mascarenhas Gaivão e a sua obra, antes da Concha Rousia da Academia Galega da Língua Portuguesa debater a influência da Galiza na poesia de Chrys Chrystello.

A dupla Augusto Rodrigues (Universidade de Brasília) e Simona Vermeire da Roménia (Universidade do Minho) acabou por ser notícia sendo os únicos que não conseguiram voar tempo de chegarem aos Açores para o 19º Colóquio, deixando apenas Luís Gaivão no último painel do dia a debater a literatura angolana contemporânea na obra de Manuel Rui, acompanhado de Perpétua Santos Silva na Racionalidade e afetos na relação com a língua portuguesa em Macau.

Entretanto na RTP Açores, no mais divulgado e popular programa Atlântida, havia um especial dedicado ao Colóquio com reportagens sobre Álamo Oliveira e painéis onde intervieram Norberto Ávila, Helena Chrystello, Ana Isabel Soares (do Camões e ainda Laura Areias que todos disseram ter corrido muito bem. <http://www.rtp.pt/programa/tv/p29930/e6>

Apressadamente, digiram-se todos para Ponta Delgada onde, na Livraria Solmar (Avenida) ao bater das 19.00 se fariam as apresentações literárias deste Colóquio.

Chrys começou por falar de Timor e do fardo que transportou ao longo de 24 anos em que foi uma das poucas vozes no jornalismo mundial dedicado ao problema da independência de Timor-Leste, servindo isto de prelúdio para a apresentação da sua trilogia da História de Timor em CD, composta pelo livro 1 Timor-Leste o dossiê secreto (1973-1975), livro 2 Historiografia de um repórter (1982-1993) e livro 3 Guerras tribais, a história repete-se (1984-2006).

Depois Concha apresentou o livro dos 40 anos de vida literária CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL uma compilação das Obras Completas do autor incluindo a reimpressão do primeiro volume publicado em 1972, o volume dois (1967-1975), volumes 3 e 4 (1970-1982) e o novo volume 5 após um hiato de 20 anos que reúne poesia escrita entre 2010 e 2012.

A seguir, Helena Chrystello em nome dela e da outra coautora Rosário Girão falou desse extraordinário projeto dos Colóquios a Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos (17 autores em dois volumes) que embora anterior no tempo, sucede à Antologia bilingue de 15 autores lançada em 2011 e que faz parte do Plano Regional de Leitura e vai ser submetida para consideração para o Plano Nacional de Leitura.

Por último Concha Rousia apresentou a sua mais recente obra Nântia e a cabrita d'oiro, um romance infantojuvenil efabulado na própria história da Galiza. Seguiram depois os conferencistas para o jantar que lhes era graciosamente oferecido pela AASM, Associação Agrícola de São Miguel, em Santana na Ribeira Grande, onde se degustou o excelente bife da ilha acompanhado só de produtos açorianos, do pão ao queijo, do vinho, ao ananás...

Tivemos o privilégio de tomar a ter no nosso seio o excelente tocador de Viola da Terra, Rafael Carvalho que já estivera no nosso Colóquio na Lagoa em 2008. Foram momentos bem expressivos que antecederam o jantar e – apesar de ter outros compromissos – e de esta sessão ter sido adiada 24 horas, o jovem Rafael não quis deixar de se associar e estar presente. Tal como na sessão de abertura em que já falara da paz, Dom Ximenes Belo mostrou-se jovial, bem-disposto e falador, contrastando com anteriores ocasiões em que foi sempre muito formal e mais sisudo. Dir-se-ia que estava mais à vontade e se sentiu bem enquanto os Colóquios cumpriam a sua parte e o isolavam da comunicação social como ele expressamente solicitara.

Autorizara apenas fotos nos locais por onde passou e nas intervenções formais quer nos Colóquios quer nas suas perambulações pastorais pela Igreja a Maia e outros locais de culto onde foi prestar homenagem à memória de açorianos célebres como o túmulo de Dom Jaime Goulart.

A sessão correu tão bem que a Assembleia-Geral da AICL foi adiada 24 horas...entretanto a chuva e o nevoeiro não davam tréguas e permaneceram conosco até à data em que escrevo salvo raras exceções muito curtas...

Este Colóquio estava assim resumido a dois dias bem intensos.

Era para se ter realizado em quatro dias (três dias e meio) bem preenchidos e tivemos de o comprimir em dois, mas felizmente os dois dias decorreram sem atrasos em relação aos horários previstos, nem nos almoços (dois dos quais realizados no Sagitário da Maia com mais de vinte e tal pessoas e sem demoras).

Domingo começaria com a poesia interventiva da Galiza pela voz da autora Concha Rousia antes da sessão 5 em que iriam intervir André Crim Valente da UERJ, criatividade lexical na mídia e na literatura: neologismos inusitados, seguido de EDLEISE MENDES da Universidade da Bahia desafios e perspetivas contemporâneas para o ensino de português LE/L2 como língua de cultura(s), Luciano Pereira da ESE, Instituto Politécnico de Setúbal a valorização do trabalho no contexto do ensino da língua e cultura portuguesa num virulento ataque ao mundo contemporâneo desumanizado e Ana Isabel Soares do Camões tradução para língua portuguesa da epopeia finlandesa kalevala. Depois de um aceso debate seguiu-se o Recital de Ana Paula Andrade do Conservatório de Ponta Delgada acompanhada por Henrique Constância ao violoncelo e a estreia da já famosa soprano Helena Ferreira que a todos encantaram. Houve a apresentação pública de inéditos do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro, nativo do Pico e radicado durante décadas em Macau, algumas peças do cancionário Açoriano e por último a surpresa de duas estreias musicadas por Ana Paula Andrade do poema «A Religiosa» de Álamo Oliveira e de «Maria NOBODY» de Chrys Chrystello em trabalhos de qualidade excepcional, a ouvir em <http://coloquios.lusofonias.net/projetos%20aicl/musica%20poemas.htm>

Antes do almoço ainda deu para uma excelente sessão dos mestres, a sessão das Academias em que intervieram Evanildo Bechara ABL, Brasil; João Malaca Casteleiro, ACL, Lisboa, ambos com achegas ao Acordo Ortográfico: serão possíveis alterações na dupla grafia para uma unificação mais completa da ortografia?; Concha Rousia AGLP, Galiza E O AO 1990; e outra estreia neste Colóquio Gilvan Müller De Oliveira, Diretor do ILLP (Instituto Internacional da Língua Portuguesa em Cabo Verde) da CPLP, do Acordo Ortográfico à geopolítica internacional da língua portuguesa no séc. XXI. Mais outro curto e intenso debate. De tarde era a vez do tema de honra «a mulher nas letras açorianas» com intervenções de Helena Anacleto-Matias, ISCAP, Porto, sobrevoando a ilha-mãtria de Natália Correia, uma panorâmica; Laura Areias, CLEPUL, U. LISBOA, os anseios das insulanas; e Álamo Oliveira, escritor, Terceira, Açores, recordar Adelaide Freitas. Faltou sem aviso a escritora local Ângela de Almeida para faltar de Natália Correia.

A última sessão de palestras era ocupada com o tema Açorianos em Macau e Timor com Raul Leal Gaião, Lisboa, Açorianos Em Macau, D Jaime Goulart - Do Pico A Macau, De Macau A Timor e, Dom Carlos Ximenes Belo, Timor-Leste, Bispos Açorianos Em Macau E Missionários Açorianos Em Timor.

Houve tempo para interessante debate embora a comunicação social se tenha queixada por não poder intervir no mesmo. Entregaram-se os Certificados com a fotografia de família dos presentes, apresentaram-se conclusões e projetos novos. É nosso costume agradecer depois de cada Colóquio desta vez, porém, os agradecimentos têm um sabor especial pois ninguém desistiu de estar presente apesar dos contratempos de voo e ajudaram todos com a sua presença a fazer deste Colóquio um evento memorável apesar de ter sido dos mais curtos da sua já longa história...

Aos patronos das 3 Academias agradeço a vossa continuada presença desde 2007 que constitui um incentivo triplicado (Bem Hajam MALACA CASTELEIRO, EVANILDO BECHARA E CONCHA ROUSIA). Uma palavra de apreço muito especial a Dom Ximenes Belo pela sua alegria, jovialidade e excelente entrosamento no seio desta nossa família lusófona. Tentámos dar-lhe o máximo de espaço ao longo destes dias sem o constranger apesar das 1001 solicitações e esperamos que volte um dia mais tarde. As crianças na escola adoraram a sua presença e todos nos sentimos mais ricos com a sua bonomia e esperança em dias melhores. Foi assim que Timor ficou independente por haver gente que acreditou. Um agradecimento muito sentido ao Jaime Rita, ao Filipe Braga, Alina, Marina e Daniela e

aos incansáveis e sempre solícitos condutores da Junta de Freguesia da Maia e Casa do Povo pela sua dedicação enorme que nos permitiu resolver problemas com os quais nem nós conseguíamos imaginar e que foram causados pelos cancelamentos e adiamentos sucessivos de voos. Agradecemos que divulguem pelos que aqui são nomeados.

Aos nossos outros convidados «especiais» - apesar de sermos todos iguais - a nossa gratidão por se terem integrado tão bem e tão depressa nesta nossa «família lusófona» com especial apreço pelos esforços efetuados pelo Álamo Oliveira e pelos Professores André Crim Valente, Gilvan Oliveira e Ana Isabel Soares que muito vieram enriquecer o conteúdo das comunicações. Foi graças a todos vós que creio termos conseguido atingir os nossos objetivos saindo deste encontro com tantos novos projetos que iremos construir nos próximos 2 a 3 anos.

Um último agradecimento público à sempre incansável Dona Beatriz do Rego do Hotel na Vista do Vale (hoje cheio de sol) e ao Sr. Augusto do restaurante Sagitário que conseguiram a curto prazo satisfazer todas as nossas necessidades e que nos deleitaram com uma boa culinária para encher os estômagos já que a mente a enchemos nós. Obrigado ao Jorge Rita da Associação Agrícola de São Miguel, pela oferta de 37 bifés que perdurarão na nossa memória; bem como ao Eng.º Mota da Fábrica de Chá da Gorreana por nos receber assim como ao Zé Carlos Frias da Livraria Solmar pois ambos nos fizeram sentir em casa.

A todos os que não puderam, não quiseram ou não tiveram a oportunidade de estar presentes, apenas vos posso dizer NÃO SABEM O QUE PERDERAM! Obrigado a todos pela vossa amizade e incentivos, bem hajam e até ao 20º Colóquio.

CONCLUSÕES

Incluir A Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos, dois volumes, no Plano Nacional De Leitura

Projeto De Antologia No Feminino 9 Ilhas 9 Escritoras Nos Próximos Dois Anos

Projeto De Musicar (Versão Música Clássica) Poemas De Autores Açorianos

Projeto De Musicar (Versão Pop E Rock) Poemas De Autores Açorianos E Dos Colóquios

Projeto Da Junta De Freguesia Criar Um Cancioneiro Da Maia

Publicação de uma compilação de textos dramáticos a incluir no plano curricular do ensino e mais tarde no plano regional de leitura

CRÓNICA 125 PENSAMENTOS AVULSOS, ABRIL 10, 2013

O tempo amanheceu mal-amanhado, caramónico até, antes de o sol despontar e nos lembrar por que é o astro-rei que domina e ilumina os nossos dias. Nada disto faria diferença e seria mais um dia normal se eu não tivesse parado para pensar no que me rodeia, nesta nova ditadura encapotada de democracia musculada, quando o ministro das finanças resolveu parar o país e proibir despesas.

Foi então que revi a situação do país onde me encontro, da Europa onde estou inserido e do resto do mundo ocidental para dar conta de que não fui eu quem mudou, mas sim o que me rodeia.

Cresci num pós-guerra espartilhado por princípios sólidos e fortes que duravam desde antes da primeira guerra mundial, onde a palavra do homem tinha valor, bem como a sua família, honra e outras noções que hoje são alienígenas para a maior parte dos habitantes. Foram esses princípios que me trouxeram a sexagenário, sem bens materiais, mas uma enorme riqueza cultural e pessoal que não se mede em Euros ou dólares.

Não mudei, apenas o mundo circundante resolveu inverter as regras a meio do percurso e deixar-nos, a todos os que cresceram e atuaram como eu, perdidos na nova selva sem instrumentos que nos capacitem para reagir e integrar nesta nova ordem mundial da mentira, do roubo descarado, das farmacêuticas que fazem vacinas para matar gente e venderem mais vacinas, dos construtores de países em ruínas que vão para enriquecer e não reconstruir (vulgo Dick Cheney e Halliburton), de firmas que se aproveitam da crise para contratarem ao salário mínimo ou contratam como voluntários jovens estagiários desempregados ou de como a Europa [e ando a dizê-lo há meses] deixa que os novos campos de concentração sejam as ruas pejudadas de sem-abrigo, as casas sem água nem luz ocupadas por despedidos, e os suicídios que se sucedem de gente sem casa nem dinheiro.

Esta é a nova versão da guerra, sanitizada e pura, sem disparar um só tiro. Os velhos a morrerem longe dos hospitais, que não servem já para atender aos doentes; as escolas destroçadas, sem ensinarem nem formarem novas gerações; as universidades a produzirem licenciados, mestres e doutores do desemprego, sem dinheiro para pagar bolsas a quem merece; os pais a inscreverem os filhos nos dois principais partidos pois estes tornaram-se no principal empregador de talentos jovens...por toda a parte o que em tempos se chamava escandaloso, ministros corruptos sem irem para a prisão e a serem reeleitos, compadrios, nepotismos, favorecimentos e um sem fim de mordomias para os «eleitos».

Que mundo é este e como posso preparar o meu filho? Dizendo-lhe “vai roubar ou vai para a política para ficares rico”? Interrogo-me como sobreviver a esta avalanche de casos que diariamente recolho sem que muitos deles cheguem à televisão, anestesiante e anquilosante, que só dá conta de tragédias, de ameaças governamentais, instilando o medo como arma principal de controlo de massas. Escrever já não basta e tem quase o mesmo efeito das manifestações públicas, mal dão para preencher intervalos nos telejornais e ninguém as vê nem se interessa.

Para se ser ministro é indispensável não ver manifs nem ver TV, além do mais os carros de alta cilindrada importados da Alemanha têm vidros fumados para esconderem a realidade.

Que nessas coisas caras não cortam eles coitadinhos que têm de se deslocar a alta velocidade, com todo o conforto em nome da nação que espoliam a cada minuto.

Interrompo para ler o que acabei de escrever num fórum a um camarada jornalista acabado de ser dispensado da RDP por telefonema «oficial» (teve sorte podia ter sido por SMS ou gravação no «voice-mail» (caixa de mensagens).

Há muito que deixei de escrever ensaios e crónicas depois do Crónicas Açores volumes 1 e 2, 2005-2011, pois adivinhei o que estava para vir....

Agora voltei ao início, aos meus começos literários, escrevendo poesia pois, como sabes meu caro leitor ou leitora, a poesia é uma arma carregada que ninguém pode silenciar...se a minha mulher não fosse portuguesa já tinha regressado a Sydney, mas ela não tem cidadania nem idade para mais uma mudança.

Hoje mesmo foi anunciado que Deslocações dos deputados ficam fora dos cortes orçamentais da Assembleia. O Orçamento da Assembleia da República para 2013 prevê cortar 10% nos contratos de aquisição de serviços. Mas a rubrica que representa a maior despesa, 3,5 milhões de euros, não entra para as contas. Claro que tinham de ficar fora, então os desgraçados têm de fazer viagens para os seus distritos de origem, que nem conhecem e só visitam em véspera de eleições ...e têm de ir ao estrangeiro aprender como se faz... e visitar quem votou neles antes das próximas eleições para serem votados outra vez ...também há gente implicativa agora a meter-se com o custo das viagens...qualquer dia também protestam contra o champanhe francês que eles bebem no refeitório da AR a 1.50€...

Nessa data alguém questionava

Help (a pergunta, 64 million dollar question, eu sei...) mas como é que se arranjam viagens em conta para os Açores (Horta) sem restrições de data? Alguém consegue comprar as tarifas promocionais?

Apressei-me a responder:

entrando na SATA ou no governo...tendo um amigo deputado, como se vê é fácil arranjar a tal viagem...claro que havia outras opções. Tem várias hipóteses. Conhece algum dos secretários regionais? Conhece algum dos administradores da SATA? Se sim poderá seguir essa via. Caso contrário pode tentar arranjar emprego na SATA que viaja de graça. Pode sempre casar com alguém que trabalhe na SATA. Hipóteses legais serão só estas. Existem outras, tipo barricar-se num dos balcões da SATA ou raptar um filho de um administrador, mas que apesar de atingirem o objetivo não recomendo. Fora estas, é pagar os 400 Euros. Afinal de contas os Açores são um paraíso.

Vive-se num país de faz-de-conta.

Como Roberto Y Carreiro escreve nesta data:

Há muito sustento a seguinte ideia: «quanto mais impostos, mais miséria». Uma sociedade só é livre e independente quando o nível de impostos é suportável e quando estes são direcionados exclusivamente para as funções básicas relacionadas com os serviços públicos ou universais e não para sustentar aristocracias de funcionalismo público e utopias ou novas experiências sociais, como de resto tem acontecido nestas últimas décadas, onde se foram criando «necessidades» para dar empregabilidade a alguns profissionais ou para beneficiar alguns setores empresariais, «fornecedores» da «res publica»... Liberdade de produzir, usufruir, poupar, gastar e - ou investir deve ser o lema para qualquer sociedade que se quer livre e próspera, tendo como balizas a Lei como mecanismo do Interesse Público e Geral e não para proteger determinados setores sociais e económicos, muito privilegiados em relação à maioria dos cidadãos, como aliás acontece na República Portuguesa, cujos efeitos e consequências têm sido aprofundados por este atual Governo de Lisboa de inspiração confiscatória e neocomunista... Conclusão: menos impostos, mais Liberdade e mais Prosperidade.

Com a promessa nesta data de se legislar a favor da idade de reforma aos 67 anos devem dar-se graças aos santinhos por ninguém se ter lembrado de que o cineasta Manoel de Oliveira trabalha aos 104 anos e podiam ter imposto a idade mínima de reforma aos cem anos! Claro que não me canso de dizer - há já alguns anos - que se entrou numa nova era, idêntica à da Revolução Industrial em que as pessoas são meros números na máquina produtiva e de enriquecimento (não das nações - desta vez - mas da banca internacional) bem reminiscente das condições que regiam os servos da gleba em tempos idos.

Reafirmei-o no discurso de abertura do 19º Colóquio:

A cultura e a educação são a maior riqueza de um povo que não se contabiliza na fria natureza dos números da economia e finanças. Um povo culto está ao lado dos governantes na busca de soluções para as crises, um povo orgulhoso da sua língua não se deixa silenciar para pagar as dívidas da banca mundial. É esse povo que visamos conquistar nos Colóquios da Lusofonia. Advogamos sempre que um povo que lê não se deixa esmagar pela fria ditadura dos impostos, não se deixa dominar e toma decisões conscientes, necessidades bem prementes nestes dias de globalização neoliberal desenfreada, guiada pelo paradigma único do lucro a qualquer custo. Sem desmerecer os méritos do sistema capitalista, apostamos mais na Humanidade feita de homens e mulheres com princípios são. Sustentamos a igualdade, a justiça e o mérito irmanados por um poderoso elo comum: a língua de todos nós, seja de origem ou adquirida, a língua em que comunicamos, trabalhamos e vivemos. Esse laço comum não distingue nem discrimina. Podemos fazer a diferença, congregados em torno da ideia abstrata e utópica de irmanação pela Língua numa escrita unificada.

E, de volta à realidade teremos de continuar a assistir ao fim desta civilização dita ocidental que se esvai lentamente no seu próprio vômito como aconteceu ao Império Romano e a tantas outras civilizações "superiores" que dominaram o mundo em vários períodos da existência humana...

CRÓNICA 126 DESEMPREGO ETERNO, 28 ABR 2013

A notícia no jornal intitulava-se: Alemanha oferece ensino e emprego aos Portugueses, que mereceria este meu comentário: primeiro roubam-lhes o futuro e depois aliciam-nos a irem enriquecer quem lhes roubou o futuro. Mas, do outro lado do Atlântico a amiga Susana Antunes insurgia-se exclamando:

"... Quem é que roubou o quê a quem? Ainda bem que existem os alemães para lhe impingirem todas as culpas dos nossos males. Assim ilibamos os nossos queridos portugueses que nos governam há 40 anos e que coitadinhos têm sido atrofiados pelos alemães que NUNCA os deixaram governar! É tão bom sacudir sempre a areia de cima do nosso capote e acusar o OUTRO dos nossos males, das nossas podridões, dos nossos nojos.

Enquanto não formos capazes de olhar para os NOSSOS erros que já duram quase há tantos anos como a ditadura de Salazar, não seremos capazes NUNCA de criticar seja quem for. É preciso coragem para SER e nós ainda não temos essa coragem."

Noutras ocasiões, ou sobre outros temas, até concordaria com ela pois de facto, há erros estruturais na mente, na economia e na governação de Portugal, que datam de há quase mil anos, e se têm vindo a compor como um belo ramalhete de erros criando um permanente estado de crise, de bancarrota, de falência das instituições, da governação, das elites... Já Eça de Queiroz e Antero de Quental definiam este país (há mais de 120 anos) com uma descrição similar à atual situação. Trata-se de uma permanente crise endémica interna que se propaga de geração para geração, sem nunca melhorar e a qual, embora responsável por uma parcela da dívida portuguesa, nada tem a ver com a minha reação ao título e subtítulo desta crónica.

Aquilo a que me refiro é esta guerra global, sem cartel que os grandes bancos que dominam a economia encetaram contra todos os países e povos. Esta guerra global vem na sequência do falhanço em 2008 do Lehman Bros Bank nos EUA, do caso Madoff, e tantas outras crises bancárias que foram abafadas com a pronta intervenção do governo norte-americano para que esses bancos não falissem e continuassem impunemente a cobrar pelos seus erros aos que deles dependiam em negócios de especulação, de chantagem e de manipulação das economias mundiais. Em consequência disto, os EUA limitam-se a imprimir mais papel-moeda. Usando muitos funcionários e ex-funcionários da Goldman Sachs, esse consórcio mundial, sem cara nem nome, acabaria por colocar os seus testas-de-ferro, ou cabeças-de-turco na chefia da maioria das democracias da Europa, jogando com a solidez da economia alemã, com as ambições da sua chanceler Merkel e dando origem a uma nova Revolução Industrial em termos de relacionamento entre patrões e escravos.

O proletariado desaparece, os trabalhadores também, agora pomposamente designados como colaboradores (melhora-se a designação e baixa-se o vencimento), a quem retiram salários e regalias e depois despedem como se de um trapo usado se tratasse. A desumanização a que assistimos nos últimos anos, vai muito para além das políticas conservadoras da recentemente falecida baronesa Thatcher e do seu amigo Ronald Reagan; em muito ultrapassa já o nepotismo da clique que se escondia por detrás de George Bush, cujo rosto mais visível era Dick Cheney e a sua firma Halliburton. Os meios de comunicação social foram, entretanto, consolidados e expressam a voz do dono e dos seus interesses - velados ou não - encarregando-se de produzir notícias catastróficas, lançando balões de ensaio sobre o pior que ainda está para vir, adormecendo, anestesiando a população com medo e entretendo-as com telenovelas, *Casas dos Segredos*, *Big Brother* e outras manifestações de atraso mental que vai surtindo efeito em populações cada vez menos educadas, mas mais diplomadas. De há muitos anos a esta parte a tática tem sido branquear a história, a cultura, o conhecimento científico tradicional, a filosofia e outras disciplinas capazes de levar os alunos a pensar. O resultado é uma massa de professores malformados, pouco conhecedores de tudo e dotados de conhecimentos mínimos que irão passar em pequena percentagem a uma população cada vez mais iletrada e incapaz de raciocinar ou formar juízos de valor.

Como escrevia hoje (28/4/13) Ana Almeida em diálogo com Luiz Fagundes Duarte:

"A questão das aprendizagens fragmentadas, em monólogo, é, mais que pertinente contrariar, urgente combater, pois, sinto, que, não só ao nível da educação básica e secundária, mas sobretudo ao nível superior, este modo se instituiu e ganhou raiz, determinando métodos, pensamentos, ser e estar, veja-se, por exemplo, as dezenas de cursos que se abrem no superior de carácter muito específico e, desculpem o palavrão, afunilador do conhecimento e, conseqüentemente, do pensamento. Ouso afirmar que esta questão é, neste momento, civilizacional, tudo é tópico e fragmentado, perdeu-se o Diálogo, a multiplicidade na unidade. Voltando à questão objetiva apresentada no artigo:

Por que não sentarem-se à mesa, onde estivessem todos os programas, um professor de cada disciplina e, em vez da tradicional planificação por disciplina (objetivos, atividades, estratégias, avaliação, calendarização...) uma planificação do Ano de escolaridade, uma planificação, portanto, de todas as disciplinas?"

Olho em volta, tento dialogar e as pessoas não se apercebem destas realidades, poucos se interessam e menos ainda estão interessados em ouvir-me. Falta-lhes, por um lado, o conhecimento histórico - e, por outro -, a formação generalista que lhes permita obter uma visão global e desfragmentada de todas estas manobras de bastidores, do embrutecimento das pessoas, do ensino, da manipulação total de notícias, rumo a uma cultura do medo (sugerindo sempre que amanhã ainda será pior!), da visão repetida até à exaustão de cenas de violência (quantas séries televisivas ou filmes não estão recheados de violência gratuita, entorpecente?).

De tanto repetirem estas patranhas o povo iletrado e inculto acaba por acreditar no que lhe inculcam diariamente, nesta enorme lavagem ao cérebro a nível mundial, e é esse povo que vota sempre nos mesmos que lhes prometem mundos e fundos até serem eleitos e depois fazem exatamente o contrário do que prometeram culpando os seus antecessores.

Entretanto arranjam-se uns bodes expiatórios, umas ameaças de terrorismo como se fossem todas originárias do estrangeiro, quando muitas das vezes ele é concebido pelos próprios membros da comunidade, nativos ou não, a fim de causarem mais medo e terror e aceitarem a progressiva redução das liberdades individuais em nome da luta contra o inimigo, o terrorista.

Temos o 9/11, os recentes atentados em Boston na maratona e todo um complô de feias intrincadas que desafiam a própria credulidade.

Quem iria acreditar que os americanos eram capazes de matar cidadãos seus para aterrorizarem os restantes e os subjugarem? Isso só o inimigo, o outro pode fazer... Como quase ninguém acredita (atribui-se tudo a Teorias da Conspiração) eles podem ir continuando a preparar terreno para novas guerras, novas invasões, novas expansões dos seus interesses, tudo em nome do sagrado deus do lucro a qualquer preço.

Dito isto, não me admira que os alemães que cooperam ativamente nesta manipulação das economias europeias queiram agora beneficiar do desemprego dos melhores jovens dos países aniquilados economicamente, para os indoutrinarem e beneficiarem do seu trabalho oferecendo-lhes formação e emprego a preços que nenhum alemão iria aceitar. Como os países de origem irão ficar durante décadas insolventes e sem perspectivas de futuro esses jovens não regressarão à origem indo enriquecer a Alemanha. Era esta a imagem global que queria transmitir e demorei duas páginas a explicar. O futuro está cheio de milhões de desempregados eternos, de pessoas sem-abrigo rodeadas por apartamentos vazios sem comprador, de pessoas com fome e sede no meio de boutiques da última moda, de campos por cultivar enquanto se importam comidas de outras paragens (normalmente da Monsanto e geneticamente modificadas), enquanto ao longe se vão travando velhas e novas guerras, com novas e velhas armas e táticas, ricos cada vez mais ricos, podres de ricos, tão ricos que nem sabem o que fazer ao dinheiro e pobres tão pobres que terão de pagar o ar que respiram e a água que não têm nem bebem.

CRÓNICA 127, DAS CRISES -2 MAIO 2013

Tem sido uma semana complicada, aliás diria mesmo, um mês espinhoso. Tudo começou com o nosso 19º Colóquio que quase ia sendo anulado pela chuva e falta de voos para cá. Depois, a chuva aliviou até ao rali da SATA e esta companhia aérea em permanente estado de falência, começou uma longa greve que hoje ainda se mantém para coincidir com o Santo Cristo neste fim de semana. No rali o mau tempo manteve-se, depois vieram dias de sol até uma manhã de 30 de abril em que veio o susto. Foi um sismo muito forte (o maior desde que cheguei há 8 anos, durou perto de 1 minuto na Lomba da Maia) abanou vivamente, a nossa cama batia contra a parede, o candeeiro no hall de entrada ficou cerca de dez minutos a pendular...nada caiu ao chão, nem se partiu...exceto um passepartout...a cadela não ladrou, mas entrou em pânico... e eu, que durmo com a consciência tranquila dos justos, estava a dormir e continuei até me acordarem já a meio do sismo. Não há danos em S Miguel, Sta Maria ou Terceira..., mas assustou mesmo quem como eu acordou a meio...pensei que tinha voltado a Timor onde isto era vulgar...pelas minhas contas depois de Díli foi o mais violento que senti até hoje...e só vem provar a fragilidade do ser humano nestas ilhas onde o culto ao Santo Cristo dos Milagres se iniciou por factos idênticos há centenas de anos.

Tem piada que não era nada disto que vos queria dizer...queria falar do tema único e perverso da crise que nos impingem todos os dias com noticiários de medo. Não vos posso dizer para saírem à rua e pegarem em armas pois pode ser considerado um ato de incitamento ou de terrorismo. Não vos posso dizer que há solução e ela não é pacífica, pessoas com medo nem pensam nem sonham. Também não quero acreditar nas teorias do oculto que dizem que estamos a ser governados por extraterrestres, estes que nos comandam são bem humanos sem intervenção alienígena... trata-se, isso sim, de pessoas sem moral, nem princípios, volúveis, corruptas e com um preço acessível para todos os que pensam que podem dominar o mundo em nome do vil metal. Apesar de todas as estatísticas afirmarem que os cortes impiedosos nos vencimentos, nos feriados, na função pública, nos benefícios sociais, no Estado Social em geral, acoplados a aumentos brutais nos impostos, seja no IVA, IRS ou outros, só se limitam a aumentar o desemprego, a pobreza, a miséria humana sem

reduzirem a dívida. Ninguém ainda parou para dizer àquelas bestas que governam Portugal que, ou, saem a bem e já, ou saem a mal. Ninguém fez contas ou quando as fizeram ninguém ouviu que a dívida que Portugal está a pagar é na sua maior parte a dívida dos investimentos tóxicos da banca nacional e internacional e apenas uma pequena parte é - na realidade - a dívida da nação acumulada em especial nos últimos 3 ou 4 anos. Assim, quando o triunvirato a que chamam troica por ser mais fino, aqui chegou com 83 biliões de Euros prometidos, esse dinheiro emprestado foi para a banca e não para Portugal...depois, a dívida portuguesa aumentou ainda mais. Nunca mais parará de aumentar pois congregam-se juros e mais juros, e juros sobre juros (os chamados juros compostos), e se daqui a vinte anos ainda andarem a fazer cortes (nessa época já toda a gente deve ter de pagar para poder trabalhar e morrer à fome) a dívida lá estará como uma monstruosa hidra à espera de mais um e mais outro resgate... Senhores, eu sei que nas vossas infâncias gostavam de jogar ao monopólio e comprar o Rossio e Rua Augusta mas agora que já venderam tudo que era riqueza no país, pouco ou nada mais resta para darem de mão beijada aos privados.

O país que ainda era já não existe sem uma única marca nas mãos de portugueses, apenas o nome se mantém a fingir. Os emigrantes que saíram depois de 2000 não são como os dos anos 1960 e 1970, mandam menos remessas de dinheiro e não regressam. Entretanto no interior profundo do país, abandonados e sem serviços, os poucos resistentes começaram a morrer e as suas terras ficaram ao abandono, mantendo-se, porém, o envelhecimento do país, assoberbado pela sobrepopulação das zonas costeiras onde se concentram os poucos serviços de Estado que sobraram. O remanescente país é uma enorme manta de retalhos, sem gente nem serviços, envelhecendo a um ritmo acelerado sem que haja trabalhadores suficientes para lhes sustentarem uma pensão de miséria sequer. Sem esperança, dominados pelo medo, inseguros sobre quais os cortes que se sucedem mês após mês, os idosos temem o amanhã como se este inferno ainda pudesse ser pior. Os que ainda trabalham veem continuamente os seus salários serem reduzidos e os seus impostos aumentados, cumulativamente com enormes cortes na saúde, educação, justiça.

São todos eles, e nós, vítimas da chantagem atual de que é uma "sorte" terem um emprego enquanto se esquecem já de que o direito ao trabalho é um dever de qualquer nação civilizada, e como dizia o Caetano Veloso "O Haiti não é aqui" (ver e ouvir em <https://www.youtube.com/watch?v=TzIFn-Eq15w> / <https://www.youtube.com/watch?v=nSJHrBkPI>). Os pobres vão morrendo nas esquinas, nos vãos de escada, sob as pontes, sós e abandonados em casa própria ou em lares, e onde calha, sem dinheiro para pagarem as taxas moderadoras nos hospitais, sem dinheiro para ajudarem os filhos e sem comida para darem aos netos que não podem ter educação porque famintos. Os horários de trabalho aumentaram para níveis que se aproximam dos da Revolução Industrial com salários mais miseráveis do que os que existiam no tempo do fascismo. O pior ainda está para vir, todos sabem que Portugal copia a Grécia com dois anos de atraso... Claro que o país está a saque e à venda por tuta e meia...os que se meteram na política juntaram o pecúlio dos seus roubos descarados e legais, baseados em legislação que eles mesmos aprovaram numa Assembleia da República que mais parecia uma confraria de amigos ... continuam a desfrutar de férias no estrangeiro e brutas mansões até ao dia em que o povo se revolte e lhes ataque as mansões, lhes roube o dinheiro e as posses...Mas o tempo urge o povo ainda não saiu armado para a rua onde o esperam as polícias de choque com gás lacrimogéneo ou gás mostarda para lhes ensinar quem manda.

Continuam a votar acreditando que votam...ditaduras transvestidas de laivos de democracia sem direitos nem voz nem livre expressão, as democraduras! Manifestam-se nas ruas pensando que alguém está atento a esses resquícios das velhas repúblicas do século XX. Cada dia em que se manifestem, menos ganham e mais o Estado amealha. Zeca Afonso, mesmo depois de morto, ainda canta para os saudosistas, mas já não há homens nem mulheres capazes de levar a revolta à rua, amolecidos que ficaram das mordomias burguesas conquistadas após o 25 de abril de 1974. Estão anestesiados pelo flúor que lhe deitam na água, pelo espetáculo circense do futebol, pelas novelas e pelo voyeurismo da Casa dos Segredos ou dos degredos uma nova versão do Big Brother. Estão incapazes de pensar, pois foram educados a não o fazerem e são intelectualmente iletrados ou funcionalmente analfabetos, incapazes de compreenderem ou analisarem qualquer texto mais complexo que um resumo de um jogo de futebol.

Como escreveu Alexandre Paes in Revista Sábado: Epitáfio do mês:

"... Portugal surgia como uma terra magnífica até o Criador ter tomado a decisão, generosa mas errada, de cá meter os portugueses." Há muita gente com influência nos meios de comunicação social, fazedores de opinião, construtores de falsos paradigmas, que optam por repetir que não há alternativa e que, se houver, tudo será pior! E há muita gente que vai na conversa! É preciso agitar as consciências e contribuir para que as pessoas pensem.

Como hoje escrevia Daniel de Oliveira no Expresso XL:

"Não podemos permitir que aqueles que conduzem aos maus resultados andem sempre de espinha direita como se nada fosse com eles. Não podemos permitir que todos aqueles que estão nas empresas privadas ou que estão no Estado fixem objetivos e não os cumpram. Sempre que se falham os objetivos, sempre que a execução do Orçamento derrapa, sempre que arranjamos buracos financeiros onde devíamos estar a criar excedentes de poupança, aquilo que se passa é que há mais pessoas que vão para o desemprego e a economia afunda-se. Quem impõe tantos sacrifícios às pessoas e não cumpre, merece ou não merece ser responsabilizado civil e criminalmente pelos seus atos?"

Não se assustem. Não estou a defender que Pedro Passos Coelho e Vítor Gaspar vão para choça depois de, ao longo de dois anos, terem falhado todas as suas previsões e compromissos orçamentais e a única coisa que hoje nos têm para dizer é "ou esta desgraça ou desgraça maior". Não estou a dizer que a continuação de mais sacrifícios, cortes e impostos que nunca cumprem os objetivos devem colocar o primeiro-ministro perante um juiz. Não estou a defender que o aumento brutal do desemprego e das falências ou a catástrofe que se abateu sobre a nossa economia devem ser resolvidos nos tribunais. Sou dos que pensa que o tribunal da política são as eleições. Dos que não aceitam que juizes substituam os cidadãos. Estou a falar da forma como se faz política. Das coisas inacreditáveis que se dizem para ganhar eleições e das coisas tão diferentes que se fazem depois de as ganhar. É que, ficam as minhas desculpas pela ausência de aspas, todo o primeiro parágrafo deste texto não é de minha autoria.

São palavras de Pedro Passos Coelho a 6 de novembro de 2010. Sem uma vírgula a mais.

Olhamos para o défice e para a execução orçamental, não com derrapagens, mas com autênticos despistes.

Olhamos para os impostos criados para compensar o desastre dos dois últimos anos.

Olhamos para o desemprego e para a economia.

Olhamos para os sacrifícios, que, muito para lá dos limites que Passos dizia que deviam ter, fizeram com que Portugal fosse um dos países do mundo que mais caiu, entre 2011 e 2012, no Índice de Desenvolvimento Humano.

Olhamos para a dívida pública que, apesar disto, aumenta 131 milhões por mês, estando em 126% do PIB, quando segundo o memorando de entendimento deveria estar nos 113%.

Comparemos tudo isto com os compromissos, metas e promessas deste governo, e percebemos que as incendiárias palavras de Passos lhe assentariam como uma luva.

Dirão que foi a herança.

Mas se a culpa fosse dela teríamos de recordar que grande parte das previsões para a economia e para os seus resultados orçamentais foram feitas no pleno conhecimento da dita herança, já Passos estava no governo. E saíram todas furadas.

Dirão que é a crise europeia e internacional.

Mas em novembro de 2010 ela já existia e poderia servir de argumento tão válido como hoje.

O que choca não é que Passos tenha dito uma coisa e feito outra. Isso já se sabe e está longe de ser o primeiro.

O que choca é recordar a violência verbal que naquele tempo o líder do maior partido da oposição usava. Até onde ia na sua excitação política, ao ponto de, implicitamente, exigir a prisão do primeiro-ministro.

Até onde foi a direita no seu discurso supostamente moralizador.

E comparar a retórica populista que usava com os resultados práticos da sua governação.

Há quem se queixe da oposição e diga que ela está radical.

Apenas porque não quer consensos com um governo onde manda Gaspar e pede a sua queda e eleições, perante a agonia do País.

Há até quem se queixe da "crispação".

Mas se Seguro, Semedo ou Jerónimo proferissem, hoje, quando a situação é muitíssimo mais grave do que naqueles tempos, declarações deste género, o que seria dito por comentadores, jornalistas e políticos?

E por Passos Coelho?

Na realidade, a oposição a este governo e o comportamento da comunicação social perante o primeiro-ministro são de uma extraordinária suavidade.

Os negócios e a vida de Passos Coelho não foram espolhados até ao último pormenor.

Não foram lançados boatos sobre a sua vida sexual.

Não foi verificada cada compra de casa que fez, cada negócio em que se envolveu.

A Presidência da República não inventou conspirações e escutas para o incriminar.

Ninguém pede que enfrente a justiça pelo desastre que significaram os dois anos em que governou.

Apenas se pedem responsabilidades políticas por opções políticas.

Que um dos mais impopulares governos de sempre seja julgado pelos eleitores.

Que seja respeitada a Constituição e que não se massacrem mais os desempregados e os reformados.

Tudo, nos argumentos e nas consequências que se defendem, no estrito plano da política.

Pode agradecer Passos Coelho por ter uma oposição tão civilizada.

Tão diferente do que foi o seu comportamento e o das suas hostes nos seis anos anteriores a ter chegado a São Bento.

Ler: <http://expresso.sapo.pt/passos-coelho-merece-ser-responsabilizado-criminalmente=f803911#ixzz2S8Uo5De6>

Dito isto, na Somália morreram de fome 250 mil pessoas nos últimos dois anos e nem um pio se ouviu. Quem vai ouvir os portugueses a morrerem?

À minha volta aqui nos Açores tudo continua na sua modorra habitual sem que as pessoas se apercebam sequer da crise, embora a citem no seu quotidiano linguajar, até porque depois há sempre um Santo Cristo a quem rezar, uma romaria anual para fazer, e umas tantas oferendas em nome de isto ou de aquilo. Mesmo assim, os mesmos que vão ao Santo Cristo e compungidos cantam orações nas romarias são aqueles que, ao domingo, ficam à porta das igrejas ou vão para a taberna passar o tempo do santo sacrifício da missa. Atavismos de séculos que o medo dos tremores e dos vulcões nos últimos quinhentos anos perpetuaram no ADN destas gentes, acostumadas a aceitarem todos os fados como desígnio divino. Nada fazem para mudarem o que podem e aceitam tudo aquilo que não podem mudar, mas ao contrário dos Alcoólicos Anónimos não sabem a diferença.

Pelo contrário, continuam a dar seguimento ao bom ditado de Salazar "dar a beber vinho é alimentar um milhão de portugueses" ...e se batem na mulher e filhos não é por causa do álcool, mas por herança genética. Curiosa terra em que nada parece passar-se centrada nas nove ilhas diferentes e separadas como sempre estiveram, separadas por bairrismos ancestrais. Aqui viveram muitos revolucionários e grande parte da história de Portugal passou por aqui ou aconteceu aqui (embora quase ninguém o saiba), desde a oposição ao reino dos Filipes às guerras liberais e ao 25 de abril tudo se passou aqui, mas hoje com esta pretensa autonomia não vislumbro homens capazes de libertarem Portugal do jugo do triunvirato, que em nome do grande capital, administra Portugal como qualquer outra colónia do dinheiro mundial. Ao lado, na vizinha Espanha, a guerra civil que muitos anteciparam também tarda em acontecer, apenas com a ameaça independentista da Catalunha. Em França e noutros países europeus tudo se passa sem grandes conflitos, mais atentado menos atentado islâmico o país virará totalmente islamizado em 2050 segundo as estatísticas...

A Grécia silenciada e exangue já não é país, nem colónia nem protetorado...é um território estrangeiro sob domínio alemão, mais indefesa que a vizinha Chipre e a ingovernável Itália. Portugal que tem a (injusta) fama de brandos costumes e a prática de muitas aleivosias, alevantes populares, revoltas e revoluções, apaga-se lentamente da lista das civilizações tal como os Maias, Astecas e tantas outras civilizações que um dia dominavam grandes partes do universo habitado e conhecido e eu aqui sem nada poder fazer a não ser cronicar o fim desta morte há muito anunciada.

CRÓNICA 128, FUI LOURO E CONTINUO BURRO 4/5/2013

Por favor expliquem-me bem, pois fui louro, mas continuo burro, como é que se pode manter um governo destes em Portugal? O Presidente da República não o demite, obviamente, ele (primeiro-ministro) não se demite, as moções de não-confiança não passam porque o PS continua a votar com a direita e não com a esquerda para manter o seu status quo, e tudo continua na mesma. As ilegalidades sucedem-se, não há tribunal constitucional que lhes valha. As reformas são cortadas, recortadas e tornadas a cortar... Os funcionários públicos continuam a ser o bode expiatório juntamente com os trabalhadores e todos eles são responsáveis por 70% dos cortes de despesa. A saúde esvai-se em cortes, junto com a educação e a justiça que estão prestes a ser privatizadas com os CTT, as Águas e que virá a seguir. A dívida nacional não é dos portugueses que gastaram demais, mas sim do Estado e dos seus corruptos que desde há décadas andam em jogatinas e esquemas para roubar, defraudar, alienar e enriquecer a todo o custo.

Na tropa só há generais e faltam soldados para uma sublevação militar. As eleições estão para 2015 e até lá ninguém faz nada a não ser queixar-se em artigos no Facebook. Dizem-me que é assim que funciona a democracia e que o povo está sedado com as telenovelas, futebol e quejandos.

Assim, se o PR não demite o governo, se este não se demite, se a tropa não toma conta do poder porque é antidemocrático, se o PS não vota moções contra o governo para que ele caia, podem dizer-me o que resta aos portugueses se não continuarem a ser espoliados de tudo quanto amealharam de conquistas pós 25 de abril, a serem roubados, defraudados, vendidos, hipotecados. Se eu por acaso me propusesse deitar abaixo o governo por outros meios, era considerado terrorista por não respeitar a democracia, mas digam-me qual foi a parte que não entendi.

Este governo foi eleito para fazer o oposto do que está a fazer, logo, em meu entender, perdeu o direito aos votos que obteve nas urnas e se não sai a bem, tem de sair a mal. Trata-se de um abuso de poder, de uma ditadura encapotada de democracia, a defesa intransigente dos ditames da troica são anti-portugueses e lesam a pátria e a Constituição que este governo jurou defender. Como jurou falso merece ser apeado por todos os meios. Não se pode servir de argumentos

CRÓNICA 129, DA MINHA JANELA, 13 MAIO 2013

Das ameias do meu castelo, desta janela aberta sobre o mundo vi muita coisa e continuo a ver um planeta em permanente mudança. São os vaqueiros que passam a cavalo, em carroça ou em carrinha, rumo às suas vacas e aos depósitos de leite, logo pelas cinco e meia ou seis da manhã em rotinas que se repetem – duas ou três vezes ao longo do dia - até ao anoitecer quando regressam dos pastos pela última vez.

Vejo tratores mais apropriados ao celeiro do Oeste norte-americano, às pradarias, à amplidão dos campos australianos ou aos vastos terrenos da Extremadura espanhola do que ao minifúndio micaelense, depois há uns que são menos gigantescos, mas – mesmo assim - demasiado grandes para estas terras minúsculas, ..., mas todos grandes, enormes para as pequenas parcelas de terra aqui na Lomba da Maia. Vejo as crianças barulhentas que voltam da escola primária ou da catequese, a correr, aos berros, à pancada umas com as outras, desobedecendo a mães e avós, a atirarem papéis para a rua, a comportarem-se como pequenas bestinhas que irão ser quando crescerem, saltando para o meio da rua impérvias ao trânsito e à vida que lhe podem roubar a cada momento.

Vejo anciãs de xaile ou lenço na cabeça lenta, mais parecem daguerreótipos do séc. XIX, enquanto vagarosamente sobem a rua rumo aos deveres eclesiásticos da fé, sejam missas, novenas, enterros ou procissões. Parecem viúvas a viver num mundo que já não existe e elas não compreendem a realidade em que estão inseridas... Imagens tiradas doutras eras falando de um passado ancestral imutável durante séculos e que ora deu um pulo para o espaço sideral. Vejo pela janela entreaberta da casa em frente, uma televisão sempre a debitar telenovelas e quejandos, entretendo os anos de vida que faltam à moradora cidadina que aqui se desloca em feriados, férias e fins de semana...

Desta janela não vejo, na casa ao lado, o marido que bate na mulher, mas observo a mulher que bate nos filhos, (bem casada ou mal casada?) que não cessa de entrar e sair para falar com todos os homens da aldeia, mais os fornecedores do pão, da fruta, da carne, das roupas e todos os restantes fornecedores das carrinhas que aqui aportam diariamente para venderem os seus produtos. Ela aguarda, aperaltada, que o marido siga para as vacas e vai lampeira em busca de um homem que a ouça e à sua língua viperina, vivendo no quotidiano os sonhos imaginados das telenovelas que lhe encham as noites. Há mais homens e mulheres assim, rua abaixo e em outras ruas, em freguesias perto e longe.

Da janela vejo aos domingos os homens com fatiotas melhoradas encostados à porta da Igreja ou a beberem uns copos na taberna mais próxima. São os mesmos que não entram na Igreja o ano todo, mas depois se fazem à estrada como romeiros, arrostando com frio, chuva e outras privações. Há ainda os que escapam sempre, sobre quem não impendem acusações de violência doméstica, de pedofilia, de abusos, de alcoolismo, mas que cumprem religiosamente tradições ancestrais que nem sabem explicar nem compreender.

Vejo enterros, procissões, casamentos, crismas e batismos (cada vez menos), vendedores (avulso) de cracas e lapas, vendedores de tudo e mais alguma coisa em carrinhas barulhentas na sua distribuição e aliciamento de clientes em tempo de crise. Vejo os montes ora verdes, ora verdes, ou, então verdes, consoante a estação do ano, e as culturas do que lá se planta, ora vazios, ora com vacas alpinistas todo o ano.

Mas o que nunca vi desta janela foi alguém a ler um livro...

CRÓNICA 130 - DUAS MORTES E UM PAÍS EM SUICÍDIO LENTO, 16 JUNHO 2013

Como bem disse Mariano Larra, escritor e jornalista espanhol dos inícios do século dezanove:

"Um povo emudecido é um povo de atordoados e medrosos, a quem um prolongado costume de calar entorpeceu a própria língua."

A isto assisto também eu, pouco mais do que mudo e calado - enquanto digerindo lentamente as vicissitudes da vida e da morte com a minha perspetiva orienta de q morte não passa senão de uma fase da vida. Assim como à infância se sucede a juventude e a adolescência, a vida adulta, a madura e a terceira idade, a estas normalmente, segue-se a morte que é um estágio diferente apenas porque o eu se desliga das suas vestes terrenas, o corpo.

Sem lágrimas, nem culto dos mortos, esse novo estágio pode ser encarado de várias óticas que normalmente são estigmas na vida das gentes do mundo ocidental. Também se não professam aqui crenças de 72 virgens nos céus para os mártires do islamismo. Aceito apenas como uma etapa natural e não um fim, em si.

No último mês morreu o Zé Bé (Alberto) de Sousa, jornalista da RTP (de quem profissionalmente fui amigo) em Macau aquando da tomada do controlo da ERM (emissora de radiodifusão de Macau) pela RTP e que recentemente tentava que eu levasse os Colóquios da Lusofonia a Timor. Era do tempo em que a Judite de Sousa e Fátima Torres eram meninas dos seus 18 anos a fazerem estágio para locutoras, juntas com o José Rodrigues dos Santos que lá estudara no Liceu. Tanta memória e recordação que borbulharam à tona dos sentimentos. Morreu um jornalista e um amigo trazendo-me, de volta, à realidade da nossa efémera passagem por esta vida.

As recordações desses tempos foram sintetizadas nos meus livros Crónica Açores (volumes 1 e 2) e o resto não se escreve, sente-se e partilha-se com o ego enquanto a memória o permitir. O Zé Bé era um bom colega e impecável amigo.

Não refeito de mais esta perda, faleceu o vizinho maiato Daniel de Sá que foi o primeiro escritor açoriano que conheci, o primeiro que traduzi, e o homem que prefaciou o primeiro Crónica Açores e a quem os Colóquios da Lusofonia tanto relevo deram entre 2008 e 2012.

Pelo menos fizemos nesses Colóquios várias homenagens em vida do escritor e agora, depois de morto, todos o irão lembrar. Melhor fora lutar para que a sua obra fosse lida e os seus livros não ficassem esquecidos na pequenez das ilhas e do Continente português. Nada ficou por dizer e o que foi dito e escrito não importa aqui realçar, mas o sentimento de perda foi profundo, apesar das inúmeras diferenças que nos uniam na história, na política e no demais. Passadas estas semanas todas ainda me custa abordar o assunto. Conhecia-o bem melhor do que muitos que o rodeavam e fazia parte do meu quotidiano, com a sua agorafobia que o impedia de se deslocar muito para além da área de conforto da Maia. Se ele acreditava que os portugueses haviam sido os primeiros nas ilhas e eu discordava, se ele era dogmático por formação e convicção e eu era mais tolerante, se ele era unicamente português e contra a independência e autonomia ao contrário de mim que sonho pela independência dos Açores, nada disso obstava a que se tivessem criado laços de amizade da minha parte que ficaram irremediavelmente afetados por esta partida.

Faz-nos pensar, hoje ele, amanhã eu.... Tem sido uma fase difícil pois já nem putativos candidatos a emigrantes me enviam os seus processos para emigrarem. Andam todos tão depauperados que nem dinheiro têm para iniciar o processo de emigrar para a Austrália... Por outro lado, o filho adolescente continua a impor-nos as suas dores de crescimento de uma forma brutalmente injusta e com a qual nos debatemos para aprendermos a lidar com ela.

Embora continue a assistir incrédulo ao governo e Presidente da República que impunes vendem o país ao desbarato enquanto a dívida interna passa os 120% e várias gerações futuras estão já irremediavelmente comprometidas e endividadas, o certo é que o povo continua manso. Fazem-se umas manifes, umas greves, e tudo continua na mesma.

O país continua ocupado por uma troica do BCE, FMI e quejandos a qual dirige o país com uma nobreza e defesa de interesses do povo português que fariam sentir-se mal os Miguéis de Vasconcelos e Duquesas de Mântua da dominação filipina. Pouco mais haverá ainda por vender, e tudo não serviu senão para pagar os juros agiotas enquanto a dívida continua a aumentar e (cada vez mais) há menos joias da coroa para vender...

Entretanto a sanha devastadora de fundamentalismo neoliberal destrói a educação, a saúde, a justiça e lança mais de milhão e meio no desemprego, 3 milhões na miséria e nenhuma luz ao fundo do túnel.... Creio mesmo que o túnel não tem fim nem luz...ou então, se calhar, nem sequer existe: esqueceram-se de construir o túnel.

Sabemos todos da orquestração da banca mundial em dominar os países mais fracos acabando com a democracia que ainda resta e estender esse domínio, que a guerra não permitiu, a toda a Europa. A escravatura aumenta, as pessoas matam-se umas às outras para sobreviverem sem tempo para viverem, sem dinheiro para comerem, estudarem ou sonharem. Os novos gulagues e campos de concentração não precisam de gás nem de câmaras de extermínio basta o desemprego sem direito a subsídio e eles morrem-se lentamente fora dos olhares atentos da TV, sem deixarem marcas.

Os velhos sem hospitais, médicos ou dinheiro para se transportarem, ou para pagarem os fármacos, irão morrer silenciosamente pelas aldeias já quase desertas do país, enquanto nas cidades as crianças irão para a escola pública com fome, enquanto os pais se suicidam por não terem comida para dar aos filhos, enquanto as polícias atacam quem se manifesta, enquanto o governo ignora tudo e todos, na sua agenda cega de cumprir a destruição do Estado Social que demorou décadas a erguer.

Que pode um homem da cultura fazer enquanto isto acontece?

CRÓNICA 131. IMPUNIDADE, JUNHO, 20, 2013

Adoro este país em que vivo, não só pelo sol abundante que na maior parte dos anos nos chega de borla, como pela riqueza das suas paisagens variadas de norte a sul, e pelo mar adentro até aos arquipélagos da Madeira e Açores. No entanto há umas pequeninas coisas que podiam ser melhoradas, uma delas é a IMPUNIDADE, ninguém é condenado (e se for é com pena suspensa, que as cadeias estão cheias e a abarrotar e não convém meter lá gente fina que teve um deslize ou outro, mesmo que seja de uns milhões.)

Outras das coisas de que gosto neste país é a capacidade de mobilização contra um Acordo Ortográfico datado de 1990 e do qual se lembraram tardiamente. É capaz de animar um morto e ressuscitá-lo do seu letárgico torpor contra esse crime de lesa língua que entendem matar todas as tradições históricas e a alma do povo português.

No entanto é esse mesmo povo que se reveste de uma total incapacidade, insensibilidade e inépcia de mobilização para o roubo descarado feito pelo governo na saúde, educação, justiça, nos vencimentos, nos subsídios de férias e de natal, e nas regalias que ao longo de décadas foram penosamente conquistadas. Queixam-se muito nos cafés, que mal frequentam já pois nem dinheiro têm para a bica, nos fóruns cibernéticos, em manifs de rua que para nada servem, em greves a que não aderem para não perderem mais dinheiro, mas quanto a fazer uma manif que faça tremer o governo, lá isso não sabem fazer, mandam umas vaías e assobios em público, umas bocas foleiras que podem dar cadeia ou indemnização, cantam a Grândola, Vila Morena, apesar de mal saberem a letra.

Um povo de mansos e vacas chocas, sem espinha vertebral que vai continuar sempre a votar nos mesmos que o defraudaram e roubaram ao longo de 38 anos da dita democracia, enquanto se diz saudoso de líderes salazarentos que eram honestos e mantiveram o país num feudalismo medieval, de analfabetismo, fome, futebol, Fátima e Fado.

O mundo agita-se em vários países e continentes, mas em Portugal "no pasa nada", tudo calmo e tranquilo apesar de haver 402 políticos com pensões vitalícias custando 6,4 milhões de Euros, e inúmeras pessoas reformadas a ganharem fortunas noutras posições executivas. Crê-se que Portugal é dos que mais reformados ativos tem, mesmo os que se aposentaram por baixa médica de incapacidade, mas que saltaram para uma empresa ou outra a auferir milhões mensalmente....

Portanto aparte aquele problema da impunidade, que me incomoda, e facto de os portugueses serem um povo pacífico que todos os dias lê (imensos jornais desportivos e magazines cor de rosa), vê todas as telenovelas possíveis até se deitar exausto, não perde um jogo de futebol, não vejo por que razão não deveria eu gostar deste país. Só se for por ser contra as touradas....

A troica quer baixar salários mínimos outra vez (1/7/2013) e reduzir indemnizações por cada ano de trabalho (1 dia por ano). Creio verdadeiramente que sim, como já me disseram o chefe da Sonae e o do Pingo Doce, que era a única solução. Os portugueses não entendem que enquanto o salário mínimo não baixar até aos cem Euros brutos a economia não cresce... E se esta medida não chegar creio que deviam obrigar as pessoas assim escravizadas a pagarem para trabalhar como se faz nos países civilizados...

(mamã, já chegamos à Idade Média ou ainda falta muito? continua a remar José...)

Manuel Augusto adianta que

"o trabalho dá saúde; portanto podemos e devemos pagar para trabalhar, pois essa é a única saída para Portugal e este governo misericordioso do Passos Coelho, Gaspar e seus capangas sabe-o e tem tentado tudo para evitar esse momento, mas como todos sabemos os portugueses são uns piegas ingratos."

Acresço que será assim com salários a cem Euros que a economia cresce, claro que cresce, sim ela cresce para os magnatas pois para o povo será mais do mesmo, miséria.

Victor N Pereira adianta que

"estamos quase a ser os chineses da Europa."

Da Austrália, Nuno Pinto do Souto interroga-se

"Quase?"

Da Madeira (J. Gomes Bulhão) diz-me que sim,

Sim, a grande solução está no empobrecimento, levá-lo a níveis de miséria, o problema é que já temos tanta e boa concorrência com o sistema da escravização que chegamos tarde, mas vale a pena tentar... Salário mínimo igual ao de certos países da África ou Ásia, sim, é isso, 1 dólar por dia e seremos um grande país, competitivo, onde vale a pena investir, com pleno emprego...

Da Galiza (António Gil H) aventa:

Vale a pena a UE? Não será ótimo para Portugal, Grécia, Itália, Espanha e mesmo França sair do Euro, pelo menos, como está o Reino Unido?

Respondo:

SIM E MIL VEZES SIM. Os islandeses bem o entenderam e estão livres do Euro.

E por fim dos Açores (Graça Castanho encerra o diálogo desta forma)

Já ninguém aguenta tanto corte!

Penso que o melhor é fechar tudo, acabar com todo o tipo de emprego, começando pela Assembleia da República, representantes da República, ministérios, secretarias de Estado, institutos, fundações, empresas privadas. Fechar tudo, mas tudo...sem exceção. Neste contexto, penso que deveria ficar a funcionar apenas o Ministério da Morte, gerido por almas do outro mundo que teriam a responsabilidade de fazer embarcar para o inferno, em primeira mão, todos os corruptos, aldrabões, e malfeitores deste país. Quem tem coragem de apresentar esta estratégia à Troica? E depois o diálogo continuou em discurso direto:

Victor N Pereira

Nem tanto ao Mar, nem tanto à Terra. Maria Castanho. Portugal já viveu crises iguais ou maiores que esta e arranjou maneira de manter a cabeça fora de água. O que Portugal precisa e não tem é de um Plano Estratégico para criar riqueza e, acredito, existem Portugueses à altura de criarem tal objetivo. Navegamos à bolina desde 1974 e sem Comandantes clarividentes que ponham a mão no leme e saibam rumar a um porto de abrigo. A Nau ou Caravela está a adornar e os tripulantes - que somos nós - a entrarem em pânico. Há que serenar os ânimos e ter esperança em melhores dias...a verdade é que os tempos que correm são preocupantes mas não podemos atirar a toalha ao chão.

Luna Telles Ribeiro

Amigos, enquanto não houver comandantes capazes, competentes e defensores desta pátria continuaremos à deriva. Precisamos de comandantes ou almirantes que levem este barquinho a bom porto!

João Oliveira

Isto só vai parar quando os trabalhadores começarem a perguntar ao patrão no final do mês: "Ó Chefe! Quanto é que lhe devo este mês pelo meu trabalho?"

Nuno Pinto Do Souto

Amigos, deixem-se de Sebastianismos. Não há "salvadores da Pátria" e esperar que um apareça é simplesmente deixar a porta aberta ao descalabro. Prova? Olhem para o país desde 1974.

Têm todos é que começar a aceitar a responsabilidade da liberdade. E isso é mesmo difícil, não pensem que é só demagogia...

...
Continua a remar José...já falta pouco para chegarmos...

Hoje vou-me servir da sábia análise do internauta Luís Filipe Sarmento:

Obama manda espiar os chamados «Estados amigos».
 Um desiludido da CIA foge e denuncia, com documentos, o facto.
 A Europa timidamente pede explicações.
 Os Estados Unidos, com a arrogância que lhe é sobejamente reconhecida, dizem que depois falarão sobre o assunto.
 O agente em fuga passa por Hong Kong e refugia-se em Moscovo.
 Putin diz que ele pode ficar se ficar caladinho e lhe entregar os documentos que denunciam o «sócio» americano (ironia das ironias!).
 O rapaz diz que não. E fica à espera sabe-se lá onde, ainda que digam que ele permaneça no aeroporto moscovita. Difícilmente credível.
 O ex-agente americano, segundo dizem, pede asilos políticos a torto e a direito.
 Alguns dirigentes dos países sul-americanos posicionam-se a favor do rapaz.
 O paralisado da WikiLeaks, Julian Assange, diz do seu refúgio diplomático que o jovem está num lugar seguro (?).
 Obama eleva a voz.
 A Europa penalizada cala-se perante o gigante imperialista que a agrediu.
 O Presidente da Bolívia vai a Moscovo e quando viaja de regresso ao seu país, dirigentes de alguns países europeus, incluindo os títeres portugueses, impedem escalas técnicas do avião presidencial, fazendo o jogo do império agressor.
 A China lava as mãos enquanto sorri misteriosamente.
 Enquanto isto, a Alemanha quer germanizar os países a sul da Europa.
 Os cidadãos deixaram de ter qualquer importância.
 Perdem as suas casas, os seus empregos, passam fome e continuam a ser vilmente atacados, sem dó nem piedade, pelos cobradores ao serviço de governos liquidados por multinacionais financeiras, alimentando a corrupção internacional.
 Em Portugal, o incompetente ministro das Finanças demite-se, o ministro dos Negócios Estrangeiros demite-se.
 O Primeiro-Ministro diz que não abandona o barco negro em nome da vassalagem à poderosa máfia que tomou conta de parte do mundo.
 O Bilderberg move as suas peças com a hipocrisia que lhe é reconhecida para que tudo fique na mesma.
 Os alemães insistem na escravização dos povos do sul, propondo aos títeres que os representam em cada país que os salários baixem a níveis incompatíveis com a sobrevivência para que os milhões caiam nas mãos de poucos.
 A desorientação popular é grande e há já quem olhe para o exemplo que vem do Egito.

Face a esta análise - excelente -, acrescentarei apenas que há quem ainda pense que vive em democracia. Na Europa do sul é a ditadura do capital, pior do que na Revolução Industrial, é um nazismo diferente com os campos de concentração sem grades onde se metem os sem-abrigo, os jovens e desempregados, os velhos vão morrendo com pensões de miséria e sem acesso à saúde.

Assim, desta forma brutal se conjugam as práticas eugénicas ou malthusianas para aniquilar nações, com uns palhaços convencidos de que são primeiros-ministros, ministros e presidentes dessas nações ora escravizadas à brutal ditadura do capital...

Ao mesmo tempo a comida passa a ser OGM ou GMO para melhor moldar os escravos na doença e no resto (flúor nas águas, etc.) e como os povos são cada vez mais temerosos (a imposição do terror faz de Robespierre um tipo simpático) dominados pelas mídia (a imposição do medo de dias piores se...), como os povos são cada vez mais ignorantes...mais fácil se torna moldá-los e a pequena elite de velhos como eu que ainda pensa é impotente para gerar revoluções...

CRÓNICA 134 – A MINHA VISÃO DAS FLORES E CORVO (AÇORES) 31 AGOSTO 2013

134.1. FLORES:



MAJESTOSO NASCER DO SOL EM SANTA CRUZ DAS FLORES

Situa-se a 30° 54' de longitude oeste, e a 39° 25' de latitude norte. Tem 143 km² de superfície, 17 km de comprimento e 12,5 km de largura. A superfície da ilha é repartida por dois municípios - de Santa Cruz das Flores e de Lajes das Flores.

A ilha, junto com a Ilha do Corvo, foram o Grupo Ocidental do arquipélago dos Açores. A 26 de maio de 2009, foi classificada pela UNESCO como Reserva da Biosfera.

Os principais centros populacionais são as vilas de Santa Cruz das Flores e das Lajes das Flores. Dispõe de um aeródromo ou pequeno aeroporto onde opera a SATA Açores, com ligações aéreas regular com a Horta, Lajes (Terceira), Ponta Delgada e Corvo.

Entre julho a agosto, a Atlanticoline assegura (de forma bem mais irregular do que o previsto nos horários oficiais) as ligações marítimas de passageiros e viaturas entre o porto da vila das Lajes das Flores (via Horta) com as restantes ilhas. Assegura ainda o transporte regular de passageiros entre as vilas das Lajes e Santa Cruz das Flores e a Vila do Corvo.

1.2. CORVO

A Ilha do Corvo é a mais pequena e a mais setentrional do arquipélago dos Açores. Localiza-se no Grupo Ocidental, a 6 milhas náuticas a norte da Ilha das Flores. Situa-se a 39° 40' latitude norte e 31° 05' de longitude oeste. Ocupa uma superfície total de 17,12 km², com 6,5 km de comprimento por 4 km de largura.

A Vila do Corvo, única povoação da ilha, é sede do município do mesmo nome. Em 1987, as funções dos órgãos de freguesia foram assumidas pelos correspondentes órgãos municipais. Na ilha teriam sido descobertas cerca de uma centena de hipogeus (estruturas de terra cavadas na rocha primitivamente usadas como sepulturas há dois mil anos), incluindo algumas na cratera e aguarda-se o seu posterior estudo. A primeira citação desta ilha surge em 1351 no Atlas Médici como Ilha Dos Corvos Marinhos e em 1375 no mapa Catalão surge já distinta das Flores. Diogo de Teive, navegador português, tê-la-á descoberto oficialmente em 1452 ao regressar da Terra Nova. Quanto ao nome teve vários em diversos mapas: Ilha Dos Corvos Marinhos, Ilhas Floreiras, Ilha do Farol, Ilha Nova das Flores, Ilha de Santa Iria, Ilhéu das Flores, Ilha da Estátua, Ilha do Farol, Ilha Negra, Ilha de São Tomás, Ilha do Marco. Começou a ser habitada com um grupo de 30 pessoas lideradas por Antão Vaz de Azevedo da Ilha Terceira, e posteriormente um outro grupo da Terceira (família Barcelos) mas ambos abandonaram a Ilha.



ão citar

Em 1548 Gonçalo de Sousa donatário das Flores e do Corvo foi autorizado a mandar escravos de Santo Antão (Cabo Verde) como agricultores e criadores de gado.

A primeira Igreja data de 1570 e a partir de 1580 juntaram-se os colonos das Flores, sendo a sua primeira paróquia estabelecida em 1647 e a sua primeira administração civil data de 1832.

Quando os navegadores portugueses aportaram pela primeira vez à pequena Ilha do Corvo, nos Açores, em meados do século XV, encontraram ali uma intrigante estátua de pedra, representando um cavaleiro com traços caraterísticos do norte de África.¹²³ Este episódio, despercebido a gerações de portugueses, iludido pelos manuais escolares, constitui um ponto de partida fulcral para a grande interrogação: quem descobriu pela primeira vez os Açores? Sabendo-se das diferenças qualitativas, não só etimológicas, entre "descobrimto", "descoberta" ou "avistamento", importa conhecer as diferentes etapas que fizeram da gesta das Descobertas Marítimas do Renascimento mais uma consequência do que antecedência gerada no zero dos saberes e da ignorância total sobre rotas oceânicas e capacidades náuticas epocais.

Não existem provas científicas de que os Açores sejam o remanescente do mítico Continente da Atlântida que, outrora, teria sido o berço de uma próspera e culta civilização, entretanto desaparecida nas profundezas do oceano. Curiosamente, no livro de banda desenhada, O Enigma da Atlântida de Blake e Mortimer, a Ilha de S. Miguel é uma das portas de saída da Atlântida. Mesmo que os Atlantes tenham algum dia habitado nos Açores, não foram descobertos, até à data, quaisquer vestígios arqueológicos.

Falta explorar as insondáveis profundezas dos seus mares. Mesmo aí é dúbio que algo possa ser encontrado e que sucessivos milhares de tremores e erupções submarinas não tenham escondido para sempre ou destruído totalmente. Pelos exemplos da violência dos tremores e erupções dos últimos quinhentos anos, dificilmente será crível que um dia se possam deparar com artefactos ou restos civilizacionais da Atlântida perdida que apenas encontrou eco nos escritos de Platão.

Através dos tempos, a Atlântida foi sempre motivo de cogitações e explorações fantásticas. Não faltaram, mais recentemente, escritores, jornalistas ou romancistas e mesmo cineastas, que chegaram a reconstituir, com um esforço de imaginação, a arquitetura, o traçado e os materiais de construção da capital da Atlântida. Confabularam o vestuário, o modo de vida da população; a sua economia, as suas classes sociais, a sua religião, os seus deuses e demónios; os seus imperadores; as suas orgias, a beleza estranha da soberana desse reino submerso. Especulações e nada mais.

Platão tem sido submetido a uma das mais ferozes análises críticas, na tentativa de descobrir mais algum pormenor que conduza à localização da misteriosa Atlântida. Quiseram alguns geógrafos e historiadores ver na narrativa do filósofo grego uma alusão poética a um muito antigo conhecimento da America. O facto não é tão extraordinário como pode parecer à primeira vista, se considerarmos o arrojo marinho dos fenícios, e se juntarmos as recentes travessias do Atlântico por navegadores solitários em frágeis embarcações.



PARTIDA DO CAIS DO PORTO DA CASA NO CORVO

ALVORECER NA ILHA DO CORVO

123 http://www.rtp.pt/acoeres/comunidades/quem-chegou-pela-primeira-vez-aos-acoresos-povos-maritimos-da-antiguidade-e-as-navegacoes-no-atlantico-13-joaquim-fernandes_39890

O historiador Pausanias diria mais tarde (150 AC)

"Existia em pleno oceano, longe, e a oeste, um grupo de ilhas habitadas por homens de pele vermelha e cabelos como crinas de cavalo".

Narrativa extraordinária pois. Ou pura imaginação que, coincidentemente, iria encontrar eco na realidade descoberta 1600 anos depois?

Plutarco, entre os anos 40 e 120 DC, escrevia

"Existem a oeste, no oceano, na mesma latitude da Grã-Bretanha, diversas ilhas atrás das quais se estende um vasto continente. Essas ilhas caracterizam-se pelo fato de que o sol aí brilha ininterruptamente durante trinta dias. A noite, o astro recolher-se-ia cerca de uma hora, mas mesmo nessas alturas, a obscuridade não seria total, porque o horizonte, a ocidente, ficava sempre iluminado por um crepúsculo".

Plutarco descrevia, sem dúvida, terras próximas do círculo polar. O continente referido, só poderia ser a América. Juntem-se essas narrativas à hipótese de que, muito antes de Cristo, já os Açores e a Madeira terem sido explorados pelos fenícios, e não acharemos tão improvável o facto de que o Novo Mundo fosse conhecido na antiguidade.

A Atlântida não seria, então, o continente sul-americano? O poderoso reino a que se referia Platão não seria o império dos astecas? Convirá referir que é mais aquilo que desconhecemos do que o que sabemos sobre grandes civilizações da antiguidade.

Muitas delas sumidas misteriosamente. Extintas dum momento para o outro, sem qualquer razão aparente, para além de colisões de meteoritos, aquecimentos globais ou outras causas por desvendar. As viagens de Fenícios e Cartagineses tiveram grande importância na Antiguidade para fins comerciais. As que poderiam ter levado a um reconhecimento dos Açores, foram a circum-navegação do continente africano, de Oriente para Ocidente, a mando do faraó Necho em finais do séc. VII a.C. e a viagem do cartaginês Annone, que perto do fim do século V a.C., abriu as velas de Cartago rumo ao Atlântico, ultrapassou as Colunas de Hércules (Gibraltar) e chegou ao Golfo da Guiné.

É curioso que as únicas referências ao conhecimento dos Açores, anteriores à chegada dos Portugueses, sejam fenícias e ambas relativas à Ilha do Corvo.

Como eu dizia nos anos 70 num dos seus programas de rádio em Macau "Todas as coincidências têm uma causa matematicamente provável". Neste caso podem existir também causas cientificamente prováveis. Fazendo fé na historiografia antiga, a probabilidade de os fenícios terem chegado aos Açores, é elevada.

Humboldt refere no "Examen Critique" que em 1749, uma tempestade violenta teria abalado as fundações de um edifício parcialmente submerso na ilha do Corvo.

No fim da borrasca descobriu-se, entre as ruínas, um vaso contendo moedas de ouro e cobre que foram levadas para um convento, e das quais nove foram preservadas e enviadas ao padre Enrique Flores, em Madrid, que as cedeu a J. Podolyn da Academia de Ciências de Estocolmo.

Algumas moedas apresentavam a figura de um cavalo por inteiro, outras apresentavam somente a cabeça desse animal.

Alguns peritos afirmaram com suficiente grau de certeza que se tratava de duas moedas fenícias do norte de África (da antiga colónia grega de Cirene ou Cirena [em grego Κυρήνη, Kurene] na atual Líbia, a mais antiga e mais importante das cinco cidades gregas da região). As restantes sete eram moedas cartaginesas.

A primeira publicação de carácter científico referindo aquelas moedas do Corvo deve-se a Johann Frans Podolyn, um numismata sueco que publicou em 1778 uma notícia intitulada Algumas anotações sobre as viagens dos antigos, derivadas de várias moedas cartaginesas e cirenaicas que foram encontradas em 1749 numa das ilhas dos Açores

Naquele artigo, Podolyn afirma que em 1749, depois de vários dias de mar tempestuoso de oeste, que expôs parte da fundação das ruínas de um edifício de pedra numa praia da ilha do Corvo, foi descoberto um vaso de barro negro, quebrado, contendo no seu interior um grande número de moedas desconhecidas que foram levadas para um convento (provavelmente o convento franciscano de S. Boaventura, em Santa Cruz das Flores) a partir do qual foram distribuídas.

*Parte das moedas foi enviada para Lisboa e daí para Madrid ao padre Enrique Flórez de Setién y Huidobro (*1701 – †1773), da Ordem de Santo Agostinho, que foi um conhecido historiador e numismata espanhol, à época o mais conhecido numismata ibérico.*

Desconhece-se o número de moedas existente no vaso e quantas foram enviadas para Lisboa. O Padre Flórez recebeu nove (9) moedas, depois por ele descritas e estudadas. As moedas recebidas em Madrid eram: duas moedas cartaginesas de ouro, cinco moedas, cartaginesas, de cobre e duas moedas cirenaicas, também de cobre. O padre Flórez cedeu as moedas a Podolyn quando este visitou Madrid em 1761, dizendo-lhe que as moedas "representavam todos os tipos encontrados no Corvo" e que eram as mais bem preservadas da coleção. Na notícia publicada, acompanhada por imagem das moedas, Podolyn afirma que as mesmas, com exceção das de ouro, não são raras, sendo apenas notável o sítio onde foram encontradas, já que não se conhece notícia da presença de cartagineses nos Açores, embora seja possível ligar essa presença à famosa estátua equestre e inscrição que teria sido encontrada no Corvo à época do povoamento.

Faria e Sousa na sua História de Portugal relata esta estátua citando-a como possivelmente de origem chinesa, o que levou mais tarde esse alegado inventor da história, Gavin Menzies, a usar a mesma como "prova" da descoberta chinesa dos Açores antes dos Portugueses. Este Menzies que dizem ser uma fraude, ao contrário desse inventoras que é o loquaz e ótimo comunicador José Hermano Saraiva que se serve de qualquer facto autêntico para criar uma novela com laivos históricos.

É relatado por André Thevet, um francês do século XVI, que um descendente mourisco ou judaico encontrara uma inscrição com caracteres hebraicos numa gruta de S. Miguel, durante os Descobrimientos, mas não foi capaz de a ler, alguns supuseram tratar-se de caracteres fenícios. Em 1976, nesta mesma ilha, haveria de ser desenterrado um amuleto com inscrições de uma escrita fenícia tardia, entre os séculos VII e IX da era cristã. A maior parte dos historiadores continua a negar validade a esta afirmação, o que não a impede, porém, de ser verídica. No século XVI, Génébrand referiu-se à existência dum túmulo com inscrição hebraica em S. Miguel, Açores.

Trata-se na realidade de caracteres fenícios de Canaã erroneamente qualificados de hebraicos pela semelhança entre o alfabeto dos cananeus e o dos antigos hebreus. O texto decifrado permitiu a Manasseh ben Israel, sábio hebreu do século XVII ler a inscrição como "Mektabel Suai, filho de Matadiel" (de acordo com Pierre Carnac em "A Atlântida de Cristóvão Colombo").

Damião de Góis escreveu na "Crónica do Sereníssimo Príncipe Dom João" que quando os portugueses chegaram à remota ilha encontraram uma estátua equestre no cume noroeste da serra, no centro da ilha, colocada sobre um pedestal quadrado.

No seu cume, que parecia servir de marco aos navegantes, estava o vulto de um homem grande de pedra, montado num cavalo sem sela. Era uma estátua profética, construída, não se sabe por quem, a partir de um único bloco de pedra e representava um homem, de cabeça descoberta, mas tapado por uma espécie de manto. As faces do rosto e outras partes estavam sumidas, cavadas e quase gastas pelo tempo e supõe-se que pela erosão dos elementos. Sobre as crinas do cavalo, o qual tinha uma perna dobrada e outra levantada, estava a mão esquerda do homem, enquanto o braço direito estava estendido e com os dedos da mão encolhidos. Só o indicador continuava aberto e apontava para o poente ou noroeste, para as regiões onde o sol se oculta, a grande terra dos bacalhaus, a América ou o Brasil, terras que ainda não tinham sido descobertas pela civilização ocidental. O rei Dom Manuel I teria mandado a Duarte d'Armas que fizesse um desenho da estátua e ordenado o seu transporte para a corte de Lisboa, mas só viria a receber pedaços do monumento, nomeadamente, a cabeça, e o braço e mão direitos, e parte do cavalo. Estas peças teriam sido guardadas no palácio real, tendo-se perdido o seu rasto a partir daqui. Na base - deixada no Corvo - existiriam algumas letras numa escrita desconhecida que foram copiadas em 1529 por Pedro da Fonseca, mas cujo teor ninguém conseguiu até hoje identificar.

A respeito do artigo **Quem construiu a estátua da ilha do Corvo?** (Super n.º 128 de dezº 2008), convém ter em atenção o que se segue.

O autor invoca uma série de testemunhas. De nenhuma delas há um testemunho direto, porque só se sabe o que disse Damião de Góis. O Dr. Gaspar Frutuoso, bem como Frei Diogo das Chagas e outros, limitou-se a copiar o que escreveu o cronista, que apenas deve ter ouvido a história, porque se percebe pelo relato que o próprio não chegou a ver os despojos do achado. O basalto é uma pedra muito difícil de esculpir. Seria quase impossível conseguir pormenores que fizessem o cavaleiro parecer-se a um magrebino. O que aliás contrasta com o que diz Frutuoso do que afirmavam os naturais das Flores e Corvo: que a estátua "estava carcomida, com as faces do rosto e outras partes do corpo sumidas e quase gastadas".

Quanto às letras gravadas na rocha, estariam em lugar tão inacessível que teria sido necessário descer por cordas quem lhes tirou o molde. Como teria sido então possível o trabalho de as esculpir? E por que razão, sendo este episódio do tempo de D. Manuel, o conta Damião de Góis na Crónica do Príncipe D. João? Aliás, o célebre humanista não era um historiador, mas um cronista. O seu pouco rigor chegou mesmo a causar-lhe complicações com a justiça real. Que dizer das moedas achadas nas ruínas de uma casa? Que, se existiram, foram para lá levadas depois do povoamento. Das inscrições numa gruta muito grande em S. Miguel, basta dizer que nunca se encontrou a gruta sequer. E, quanto aos caracteres em pedra nas Quatro Ribeiras, quase todas as pessoas que os viram afirmam ser uma formação natural. Quem quer crer nos fenómenos diz apenas que "talvez" ... Quanto ao saber marítimo dos fenícios, não consta que tenham sido mais do que bons marinheiros de cabotagem. Os portugueses foram os primeiros a ser capazes de navegar sem terra à vista. Os próprios viquingues chegaram à Gronelândia fazendo escala nas ilhas Faroer e na Islândia, já então habitadas. E, da Islândia à Gronelândia (300 km), com boa visibilidade viaja-se sempre tendo a terra como referência: até meio caminho continua a ver-se a Islândia, daí para diante já se avista a Gronelândia. Daniel de Sá, Maia, S. Miguel, Açores

Diria ainda o céptico Daniel de Sá a este respeito (jornal Público 20 julho 2008):

"...há outra novidade nas livrarias, que versa sobre uma famosa estátua que teria sido encontrada na ilha do Corvo pelos primeiros povoadores. Prova irrefutável de que por ali andaram cartagineses muito antes de Cristo calcorrear a Galileia. Falou dela Damião de Góis, que a descreve em pormenor, mas não a viu. Como convém nestes casos, não ficou nem um pedacinho da escultura, que teria sido levada para a corte no tempo de D. Manuel. Nem qualquer marca na ilha. E também desapareceram as moedas cartaginesas encontradas lá nos finais do século XVIII. Desaparecimentos deste tipo dão sempre jeito para uma história revista e aumentada."

Já o célebre historiador e estudioso de fenómenos esotéricos, Joaquim Fernandes (um brilhante aluno que foi meu antigo colega de liceu, Faculdade de Letras da Universidade do Porto,¹²⁴) responderá assim a Daniel de Sá:

"... Pretendera beliscar uma dupla credibilidade: a de Damião de Góis, que descreve com algum detalhe, o episódio da estátua equestre encontrada pelos portugueses na ilha do Corvo, e o historiador no papel de autor do romance O cavaleiro da Ilha do Corvo, que embora em tons de ficção, fá-lo com a segurança e credibilidade que lhe confere uma investigação documental de centenas de referências bibliográficas, de Aristóteles à pesquisa atual, disponível no final do citado livro.

Desde o arquiteto Duarte d'Armas, que el-rei mandou ao Corvo fazer o desenho da estátua, aos pedreiros enviados ao ilhéu com a incumbência de trazerem o monólito para Lisboa, passando pelo donatário Pedro da Fonseca, que em 1529, se deslocou ao Corvo para recuperar uma legenda em caracteres não-latinos descoberta no sopé onde antes existira a estátua do cavaleiro com "traços africanos", seguindo a descrição de Góis.

E o mapa dos irmãos Pizzigani, de 1367, que confirma a tradição árabe das estátuas marco no centro do Atlântico?

Ou seja, o autor da Crónica do Príncipe D. João é digno de crédito para descrever a chegada do primeiro rinoceronte a Lisboa; mas já não serve quando relata a chegada ao Paço dos destroços do monumento, que a imperícia dos pedreiros provocara...

Quatro séculos passados persistem aqueles que minimizando a integridade de Damião de Góis, tentam fazer da História um livro fechado:"

Sei-o, por experiência própria, que sempre que se quer alterar o que ao longo dos séculos vem passando por História, um enorme coro se levanta a defender a versão e o status quo. Faz parte da mente humana recusar aceitar novos factos, provas ou teorias, que contradigam aquilo em que se acredita desde a idade de formação intelectual. O primeiro romance do investigador Joaquim Fernandes, "O cavaleiro da ilha do Corvo", promete criar polémica, ao sugerir que os navegadores da Antiguidade terão conhecido os Açores muitos séculos antes de os portugueses ali terem chegado. (Jornal de Notícias 6/6/2008):

Na base da tese defendida no livro, alicerçada em anos a fio de investigações, encontra-se um dado para muitos desconhecido: quando os navegadores portugueses chegaram à ilha do Corvo, nos Açores, em meados do século XV, encontraram ali uma intrigante estátua de pedra, representando um cavaleiro com traços característicos do norte de África. A existência do referido monumento até poderia ser uma simples lenda não fosse dar-se o caso de o relato da sua descoberta ter sido escrito pelo grande humanista português dos Descobrimentos Damião de Góis, cuja "obra e crédito são dificilmente questionáveis", adianta Joaquim Fernandes. Obra de ficção que, segundo o autor, "não deixa de ser também um ensaio histórico". "O cavaleiro da ilha do Corvo" levanta questões várias ("e se a tal lenda de um tal cavaleiro em pedra que aponta, do mais alto cume da ilha, em direção às Américas fosse apenas uma tentativa de insinuar a descoberta por outros povos do que Colombo definirá de Novo Mundo?", questiona o autor) numa trama conspirativa destinada a relançar o debate em torno dos Descobrimentos.

"O livro defende, em suma, a plausibilidade da hipótese da navegação no Atlântico mil anos antes de os portugueses darem início à sua aventura marítima", explica o especialista no estudo do imaginário português. O docente da Universidade Fernando Pessoa, no Porto, tem outros projetos que aguardam publicação. O primeiro, intitulado "Poesia e o Céu", é uma revisão da poesia portuguesa de todos os tempos, inspirada pelos astros. Igualmente ambicioso é o volume "O livro dos portugueses esquecidos": em mais de meio milhar de páginas, Fernandes recorda a vida de 300 figuras nacionais dos séculos XVI a XIX que, devido a perseguições várias, se viram obrigadas a procurar refúgio noutros países, nos quais atingiram relevo em áreas tão distintas. Desde José Carlos de Almeida, o fundador da Sociedade Francesa de Física, ao Padre António de Andrade, o primeiro europeu a chegar ao Tibete, há biografias para todos os gostos. Do seu conjunto extrai-se a ideia de "um país que sempre conviveu mal com a diferença, exibindo sinais de uma intolerância, sobretudo política e religiosa, que se revelou catastrófica para o seu desenvolvimento, ao dispensar um número avultado de talentos". A lista poderia ser ainda mais vasta se incluisse figuras como Damião de Góis ou Pedro Nunes, que abandonaram o país nas mesmas circunstâncias dos restantes biografados, mas o organizador da antologia entendeu privilegiar figuras que, apesar da sua valia, foram esquecidas com o decorrer dos anos. Para investigar esta autêntica "fuga de cérebros", Joaquim Fernandes recorreu a enciclopédias e dicionários, mas também jornais e publicações científicas, surpreendendo-se com a quantidade de 'estrangeirados' que Portugal foi acumulando ao longo dos anos. "Boa parte dessa elite foi enriquecer sociedades como a alemã ou a holandesa", lamenta o autor.

Quando os navegadores portugueses aportaram pela primeira vez à pequena ilha do Corvo, nos Açores, em meados do século XV, encontraram ali uma intrigante estátua de pedra, representando um cavaleiro com traços característicos do norte de África. Este episódio, despercebido a gerações de portugueses, iludido pelos manuais escolares, constitui um ponto de partida fulcral para a grande interrogação: quem descobriu pela primeira vez os Açores? Sabendo-se das diferenças qualitativas, não só etimológicas, entre "descobrimto", "descoberta" ou "avistamento", importa conhecer as diferentes etapas que fizeram da gesta das Descobertas Marítimas do Renascimento mais uma consequência do que antecedência gerada no zero dos saberes e da ignorância total sobre rotas oceânicas e capacidades náuticas epocais. (in RTP Açores Comunidades de 13/6/2009)

Quem foram os construtores da Estátua da Ilha do Corvo?

Esta surpreendente revelação tem sido regularmente refutada pela historiografia mais conservadora, que a tem crismado de "rumor", "lenda" ou mesmo "fraude". Mas, existe uma fonte autorizada - de entre outras de diversa natureza - por muitos silenciada ou ignorada ao longo dos séculos. Quem a forneceu à posteridade tem obra e crédito dificilmente questionáveis: Damião de Góis (1502-1574), o grande humanista português do Renascimento, que descreve, com algum detalhe, no capítulo IX da sua Crónica do Príncipe D. João, escrita em 1567, as circunstâncias em que o inesperado monumento - "antigalha mui

¹²⁴ cofundador do Centro Transdisciplinar de Estudos da Consciência, (CTEC), da Universidade Fernando Pessoa, doutorou-se em História com uma tese sobre "O Imaginário Extraterrestre na Cultura Portuguesa – do fim da Modernidade até meados do século XIX", apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a primeira da sua temática numa Academia portuguesa e europeia e editada sob o título "Moradas Celestes" (ed. Âncora Editora, 2014). Desde 1997 que tem promovido a realização de vários congressos internacionais subordinados ao título genérico de "Fronteiras da Ciência", na Universidade Fernando Pessoa. Colaborou na organização da conferência "Ciência e Consciência" integrada no programa do "Porto 2001, Capital Europeia da Cultura". Em 2008 publicou o seu primeiro romance histórico, "O Cavaleiro da Ilha do Corvo", a que se seguiram os ensaios "O Grande Livro dos Portugueses Esquecidos", "Mundos, Mitos e medos - O Céu na Poesia Portuguesa". No mesmo ano, apresentou na RTP2 a série temática "Encontros Imediatos", dedicada ao fenómeno OVNI em Portugal. Em 2010 escreveu em coautoria o guião do telefilme "A Noite do Fim do Mundo", que retrata as reações em Portugal à aproximação do Cometa Halley, em 1910, integrado no ciclo dedicado ao Centenário da República Portuguesa programado pela RTP1. Para a RTP2, coordenou a série temática "Encontros Imediatos", dedicada ao fenómeno OVNI em Portugal. Em 2014 publicou o seu segundo romance histórico "As Curandeiras Chinesas. Um motim que abalou a I República" (ed. Gradiva). Publicou em 2015 a obra "História Prodigiosa de Portugal. Mitos & Maravilhas", que prossegue a linha de investigação da obra "História Prodigiosa de Portugal. Mitos & Maravilhas" (Quidnovi, 2012). O seu mais recente título "Portugal Insólito" foi dado à estampa pela editora Manuscrito (2016). Foi autor do guião e da apresentação do documentário "As Faces de Fátima", produzido para o Canal História em 2017 e, no Porto Canal, coordenou a série "Conversas do Centenário" dedicada aos eventos apocápticos de Fátima. Está biografado no "Dicionário das Personalidades Portuenses do século XX" (Porto Editora, 2001).

notável", assim lhe chama o cronista - foi achado no noroeste da pequena ilha, a que os mareantes chamam "Ilha do Marco". Quando? "Nos nossos dias", afirma o cronista régio, na mesma crónica, ou seja, no seu tempo de vida, provavelmente entre os finais do século XV e os inícios de XVI, no decurso do reinado de D. Manuel I e durante as primeiras tentativas de colonização da ilha do Corvo. O que era, então, esse insólito e inesperado "monumento"? "Uma estátua de pedra posta sobre uma laje, que era um homem em cima de um cavalo em osso, e o homem vestido de uma capa de bedém, sem barrete, com uma mão na crina do cavalo, e o braço direito estendido, e os dedos da mão encolhidos, salvo o dedo segundo, a que os latinos chamam índice, com que apontava contra o poente. Esta imagem, que toda saía maciça da mesma laje, mandou el-rei D. Manuel tirar pelo natural, por um seu criado debuxador, que se chamava Duarte d'Armas; e depois que viu o debuxo, mandou um homem engenhoso, natural da cidade do Porto, que andara muito em França e Itália, que fosse a esta ilha, para, com aparelhos que levou, tirar aquela antigualha; o qual quando dela tornou, disse a el-rei que a achara desfeita de uma tormenta, que fizera o inverno passado. Mas a verdade foi que a quebraram por mau azo; e trouxeram pedaços dela, a saber: a cabeça do homem e o braço direito com a mão, e uma perna, e a cabeça do cavalo, e uma mão que estava dobrada, e levantada, e um pedaço de uma perna; o que tudo esteve na guarda-roupa de el-rei alguns dias, mas o que depois se fez destas coisas, ou onde puseram, eu não o pude saber". O cronista pormenoriza ainda que, "em 1529, o donatário Pêro da Fonseca, das ilhas das Flores e do Corvo, "soube dos moradores que na rocha, abaixo donde estivera a estátua, estavam entalhadas na mesma pedra da rocha uma letras; e por o lugar ser perigoso para se poder ir onde o letreiro está, fez abaixar alguns homens por cordas bem atadas, **os quais imprimiram as letras, que ainda a antiguidade de todo não tinha cegas, em cera que para isso levaram** (sublinhado nosso); contudo as que trouxeram impressas na cera eram já mui gastas, e quase sem forma, assim que por serem tais, ou porventura por na companhia não haver pessoa que tivesse conhecimento mais que de letras latinas, e este imperfeito, nem um dos que ali se achavam presentes soube dar razão, nem do que as letras diziam, nem ainda puderam conhecer que letras fossem".

Rumores lendários ou testemunhos factuais?

Quais as testemunhas documentalmente identificadas, sem equívocos, diretamente envolvidas no episódio histórico em torno da chamada Estátua Equestre da Ilha do Corvo? Num primeiro grupo podemos incluir: **D. Manuel I**, 14º rei de Portugal; **Duarte d'Armas**, arquiteto e desenhador da Corte, autor do debuxo do monumento; um mestre pedreiro, natural do Porto, incumbido pelo rei da missão de desmontar e transportar o monumento para Lisboa; **Damião de Góis**, moço de câmara, cronista régio e guarda-mor da Torre do Tombo; Frutuoso **de Góis**, guarda-roupa do referido soberano e irmão mais velho do anterior; **Pedro da Fonseca**, donatário das ilhas das Flores e do Corvo, em 1529. Acrescentemos a estes um segundo grupo de outros presumíveis testemunhos, embora não referenciados nos documentos, como **Antão Vaz Teixeira**, colono da primeira vaga de ocupação da ilha (entre 1508 e 1515); os irmãos de apelido **Barcelos**, depois de 1515, na segunda tentativa de povoamento do Corvo, talvez os mesmos que alertaram Pedro da Fonseca, em 1529, e os que acompanharam o capitão da ilha ao local da laje para copiar a legenda da estátua. Finalmente, um terceiro núcleo de individualidades, mais ou menos coevos dos protagonistas da fase da recuperação da legenda, como sejam o **Dr. Gaspar Frutuoso**, o primeiro historiador açoriano, contemporâneo de Damião de Góis, ainda que um pouco mais novo que este; **Fr. Diogo das Chagas**, escritor, que confirma a presença do donatário Pedro da Fonseca, na ilha do Corvo, em 1529; o **Dr. Luís da Guarda**, corregedor dos Açores entre 1548 e 1552, referenciado por Gaspar Frutuoso como tendo sido uma das pessoas ("ou outro seu propínquo antecessor", supõe o historiador) que "pretenderam alcançar o segredo daquela antiguidade", que, segundo os naturais das ilhas das Flores e do Corvo, ainda de acordo com Gaspar Frutuoso, "estava carcomida, com as faces do rosto e outras partes sumidas, cavadas e quase gastadas, do muito tempo que tudo gaste consome".

Embora Damião de Góis nos informe, textualmente, "em nossos dias se achou", não aponta uma data. Sugere, quando muito, que a descoberta dessa "antigualha assaz antiga" - como ele a descreve - é contemporânea dele, do seu tempo. O facto de ter sido D. Manuel I a mandar investigar e a recolher o monumento aumenta essa probabilidade. Mas não é impossível que a informação tenha chegado antes à Corte portuguesa. É nesse conhecimento anterior a D. Manuel e Damião de Góis que se funda a tese da estátua do Corvo como elemento decisivo e impulsionador das explorações portuguesas de longa distância. Se o monumento existiu, de facto, quem poderia tê-lo construído?

Para o cronista régio e arquivista da Torre do Tombo, "esta gente que veio ter a esta ilha e nela deixou esta memória poderia ser da Noruega, Gótica, Suécia ou Islândia", divergindo assim da hipótese fenícia ou cartaginesa defendida pelo seu contemporâneo açoriano Gaspar Frutuoso. Recorde-se que o jovem Damião entrou ao serviço do Rei Venturoso com apenas nove anos de idade, fazendo companhia do seu irmão mais velho, Frutuoso, guarda-roupa do soberano no Paço da Ribeira. Damião teve mestres de várias disciplinas, como mandava a refinada educação palaciana da época, começando como pajem da lança, servindo o rei à mesa. Passou também a estudar música, para satisfação do rei, um refinado melómano, estivesse em despacho ou na sesta. Mais tarde, foi moço de câmara, um lugar de intimidade no protocolo régio, sendo dos poucos que se permitia entrar na régia presença em pelote, que, ao contrário do que se possa pensar, era uma capa forrada de peles. Rezam as crónicas que segurava o bacio do penteador, enquanto o irmão Frutuoso penteava D. Manuel I... Temos, pois, reunido um séquito de testemunhos diretos, muito próximos, além dos indiretos, cuja concordância confere algum peso qualitativo à presunção **de facto** do dito monumento, porventura perdidos os seus destroços entre as brumas da memória e das ruínas humanas.

...

Recorde-se que o jovem Damião entrou ao serviço do Rei Venturoso com apenas nove anos de idade, fazendo companhia ao seu irmão mais velho, Frutuoso, guarda-roupa do soberano no Paço da Ribeira. Damião teve mestres de várias disciplinas, como mandava a refinada educação palaciana da época, começando como pajem da lança, servindo o rei à mesa. Passou também a estudar música, para satisfação do rei, um refinado melómano, estivesse em despacho ou na sesta. Mais tarde, foi moço de Câmara, um lugar de intimidade no protocolo régio, sendo dos poucos que se permitia entrar na régia presença em pelote, que, ao contrário do que se possa pensar, era uma capa forrada de peles. Rezam as crónicas, que segurava o bacio do penteador, enquanto o irmão Frutuoso penteava D. Manuel I... Temos, pois, reunido um séquito de testemunhos diretos, muito próximos, além dos indiretos, cuja concordância confere algum peso qualitativo à presunção **de facto** do dito monumento, porventura perdidos os seus destroços entre as brumas da memória e das ruínas humanas.

Em 1587, o Corvo foi saqueado e as suas casas queimadas pelos corsários ingleses, que haviam atacado as Lajes das Flores. No ano de 1632, a ilha sofreu duas tentativas de desembarque de piratas da Barbária, no atual cais Porto da Casa, que era apenas uma baía. Duzentos corvinos usaram tudo ao seu dispor para repelir os atacantes que acabaram por desistir com baixas. A imagem de Nossa Senhora do Rosário foi colocada na Canada da Rocha e diz a lenda que ela protegeu a população das balas disparadas.

No séc. XVIII, com a chegada dos barcos baleeiros norte-americanos à Ilha das Flores para recrutar tripulação e arpoadores, uma vez que os corvinos eram apreciados pela sua coragem, iniciou-se uma estreita relação com a América do Norte, que passou desde então a ser o destino de eleição para a emigração corvina e de onde chegaram praticamente todas as novidades à ilha, a qual manteve durante muito tempo uma relação mais estreita com Boston do que com Lisboa. A emigração clandestina era uma constante da vida da ilha, apesar dos esforços repressivos das autoridades portuguesas, preocupadas com a fuga ao serviço militar obrigatório e com a perda de mão-de-obra. Os corvinos pagavam um pesadíssimo tributo aos capitães do donatário. Manuel Tomás de Avelar foi o chefe da delegação de corvinos que foi a Angra do Heroísmo fazer a petição, despertando, pela sua sabedoria e maneiras, o espanto da liderança liberal da Regência de Angra. Mouzinho da Silveira, impressionado pela quase escravidão em que vivia o povo do Corvo, obrigado a comer pão de junca para poder pagar o tributo a que se encontrava obrigado, propôs a redução para a metade, do pagamento em trigo e anulou o pagamento em dinheiro, fazendo assim a felicidade dos corvinos. A impressão foi tal que Mouzinho da Silveira, hoje homenageado como patrono da Escola Básica Integrada do Corvo, anos depois escreveria no seu testamento que gostaria de estar sepultado na ilha, "cercado de gente que na minha vida se atreveu a ser agradecida".



MOUZINHO DA SILVEIRA

O decreto, datado de 14 de maio de 1832, e assinado em Ponta Delgada por D. Pedro IV, reduziu à metade (20 moios) o pagamento em trigo que os corvinos faziam a Pedro José Caupers, então donatário da Coroa, e eliminou o pagamento em dinheiro de 80 000 réis. Em contrapartida, a Coroa assumiu indemnizar o donatário. O tributo apenas foi completamente abolido em 1835.

Pedro IV de Portugal elevou a povoação do Corvo à categoria de vila e sede de concelho (20 de junho de 1832). O decreto determinou que a nova vila se chamasse Vila do Corvo, e não Vila Nova como por vezes aparece grafado.

Antes disso, esteve sob jurisdição de Santa Cruz das Flores, sendo uma das freguesias daquele concelho. Atualmente o dia 20 de junho é feriado municipal.

Da cama vejo o Corvo, um rochedo em formato de bota medieval, pontos brancos no sopé, no tacão, ilha inviável na teimosia dos habitantes. Da varanda vejo uma baleia decepada no átrio do Museu da Fábrica da Baleia (que ainda não abriu na antiga fábrica de retalhar cetáceos).

Santa Cruz das Flores tem cerca de 2 mil almas, uma vida pachorrenta neste bulício de verão. Nem imagino como será a longa invernada de mares alterosos, onde hoje há um espelho de água que me lembra a Baía de Díli, em frente a Lecidere, nos anos 70 do século passado....

Em volta só há mar até às Américas, que isto de Europa já nada tem. Se Galileu não o tivesse dito, a Terra podia ser plana, tão vasto e reto é o horizonte que se confunde com o oceano.

Parado no carro, à espera da minha cara-metade e dos seus remédios, à porta da Farmácia de Santa Cruz, vejo aproximar-se e parar, um simpático agente da autoridade numa viatura da Polícia Marítima, o qual, cortês, me chama à atenção, de que estou contra a mão.

O mesmo me acontecera em S Jorge. Estou sempre contra qualquer coisa. Já é mania. Analisadas as instalações e de darmos umas voltas pela urbe fomos almoçar ao Boston Super Hambúrguer, bom e barato 6.00€ PAX. Ao jantar fomos ao Restaurante Rosa (logo a seguir à Igreja) com comida aceitável por 11.00€.

Depois de uma ida à piscina e ao ginásio fomos repousar cedo. O sol pôs-se por detrás de nós, detrás dos montes, vieram as estrelas e os cagarros, o marulhar calmo das ondas, contrastando com os gritinhos quase infantis e divertidos destas aves, sobre a piscina iluminada.

Ao longe há cento e tal casas alumiadas no Corvo, e mais meia dúzia a meia encosta. Vi os faróis de um carro rumo à caldeira. Parece estar aqui tão perto, essa terra de lendas e povos antigos. A Ursa Maior apontava o caminho enquanto a Ursa Menor me atraía e me confundia entre as constelações Pégaso e Oríon, esquecido que estou de olhar os céus, nomes perdidos na memória de anos idos.

Este silêncio, esta paz, a gentileza das gentes. Ao jantar, no apinhado restaurante Rosa, os funcionários estavam preocupados pelo atraso em servirem-nos, por entre a confusão de terem de atender também duas mesas de 25 excursionistas doutra ilha. Uma terra com a dimensão pouco maior do que a Maia em São Miguel virada para o mar por todos os lados (e a atestá-lo a numerosa flotilha de barcos e barquinhos a toda a hora cruzando o canal para o Corvo), ilha esquecida pelos governos centrais e regionais (exceto agora em tempo de eleições e de alcatifar estradas e caminhos municipais).

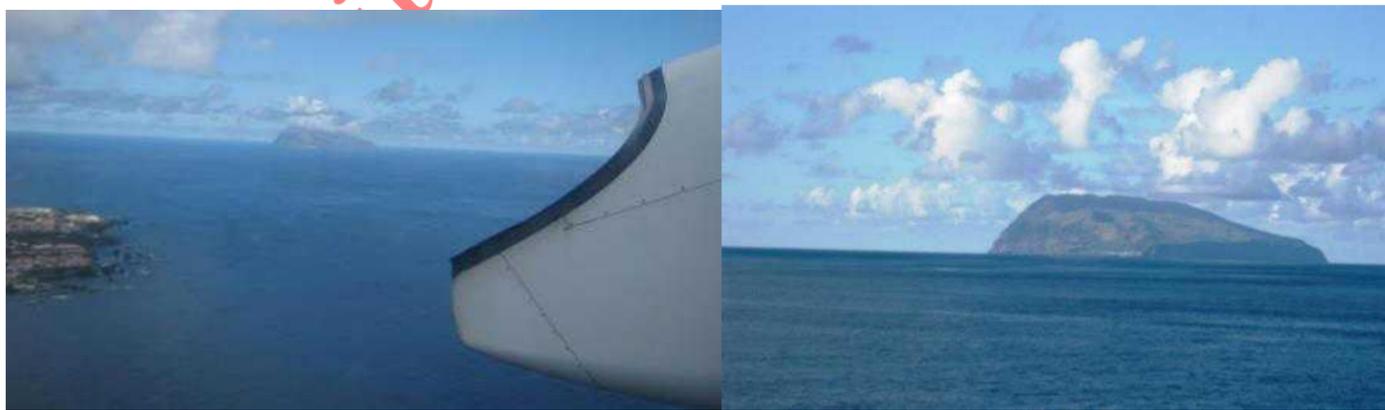
Apetece fugir para aqui, apesar de não haver gelados em parte alguma, porque de acordo com o que me foi gentilmente explicado "esta terra é assim".

Apetece fugir para aqui das guerras, da fome, dos governos que nos desgovernam e passar despercebido do mundo. Terra ideal para escrever como Roberto Mesquita e Pedro da Silveira fizeram, enquanto iam ao mar buscar laranjas. Amanhã vou ao Corvo...ver grutas e sonhar com golfinhos e baleias.

Da varanda continuo a ouvir a dança louca dos cagarros, cada um com seu cântico de guerra distinto....

Ao olhar o Corvo na lonjura parecia um botim, ou mais romanticamente, um navio à medida da Jangada de Pedra do Saramago à deriva no Atlântico Norte.

Se ao menos tivesse asas como os cagarros deixava-me ir mesmo sem lhes conhecer o alfabeto nem o sotaque dos seus constantes ralhos.



A FÁBRICA DA BALEIA, ORA MUSEU EM SANTA CRUZ DAS FLORES



NASCER DO SOL NAS FLORES



AERÓDROMO DO CORVO

Amanheceu mesmo em frente à janela da suíte e talvez pela primeira vez (desde que me lembro) vi o sol nascer sobre o mar, momento inolvidável de beleza e magia que iria marcar o resto do dia dedicado à viagem ao Corvo. Saímos com outras 12 pessoas num Zodiac, barco semirrígido, para uma viagem de pouco menos de 40 minutos (15 milhas) ao custo de 30 Euros por pessoa, com direito a ver grutas. O guia navegador, há 20 anos metido nisto, apoia a Universidade dos Açores e seus biólogos, e deu explicações detalhadas sobre cagarros, a pesca do atum e aspetos da vida marinha.



CALDEIRÃO DO CORVO

A viagem correu bem sem sobressaltos, mas se vislumbrarem os prometidos golfinhos nem baleias (cachalotes). Muito calor à chegada ao pequeno cais, o Porto da Casa, onde 3 carrinhas de 9 lugares nos esperavam para levarem os visitantes ao Caldeirão e suas lagoas, ponto obrigatório de visita dos turistas, a um custo de 5 euros por pessoa, creio eu. Ainda não chegara a névoa e via-se tudo bem. Muitas pessoas desligaram-se do grupo e foram caminhar pelos trilhos, monte acima, ou monte abaixo, descendo depois os 8 km a pé até à capital da ilha e única povoação. Perguntei ao motorista como era a vida no Corvo, face às noções que fui acumulando ao longo dos anos, sobre as suas privações, a sua pouca população (menos de 400 pessoas), as longas noites de invernia, mares de vagas de doze metros, semanas sem comunicação com o mundo exterior de barco ou avião (a fibra ótica está quase a chegar). O motorista disse que agora já não era tão mau como o fora até há alguns anos, pois as pessoas tinham meios para se abastecerem e fazerem face aos cortes de suprimentos causados pela falta de comunicações marítimas. O ilhéu que parece uma bota, onde as suas gentes se confinaram à outrora chamada Vila Nova do Corvo (hoje Vila do Corvo) sem ocupação efetiva da terra como local de moradia nas terras mais altas. A altitude do Caldeirão do Monte Gordo é de 300 metros, a sua crista fica a 600 metros, mas o Morro dos Homens atinge 718 m. Tem um diâmetro de 2 mil metros com pequenos lagos, dois ilhéus compridos e cinco ilhéus arredondados tendo-se formado há cerca de 1,5 milhões de anos. Na estrada de ascensão à Caldeira havia muito movimento para uma ilha tão pequena e despovoada: carrinhas de vaqueiros, pequenos tratores, moto-quatro conduzidas por idosos, jovens e até por uma mulher (a igualdade de género já chegou ao Corvo). Na vila vimos vários camiões e equipamento pesado de construção a indicar um surto de edificação bem necessário. A ilha aparenta muita pobreza, sujidade, falta de cuidado na manutenção e pintura dos velhos edifícios, nalguns dos quais se via o carabelho, fechadura típica que só recordo ter visto no distrito de Bragança (mais propriamente em Rio de Onor). Alguns edifícios mereciam ser recuperados, e mantidos nas suas estreitas canadas que lembram aldeias medievais, como aliás é a origem do Corvo, de casas quase encostadas umas às outras (mas com pequenas ou minúsculas passagens entre elas). A degradação do parque urbano habitacional, se bem que parcialmente explicado pela desertificação humana e emigração, carece de uma política mais proativa para a sua recuperação, pois no estado atual é um mau cartão de visitas da ilha. Vi muito (mas mesmo muito) lixo atirado para as ruas e para as canadas, por entre os prédios seculares, muito mais do que se esperava ver numa terra que ostenta modernos ecopontos com contentores ecológicos de separação de conteúdos. É necessário fazer campanhas de sensibilização de lixo. Outro mau cartaz para o turismo.



CARABELHO

DEGRADAÇÃO DO PARQUE HABITACIONAL DO CORVO

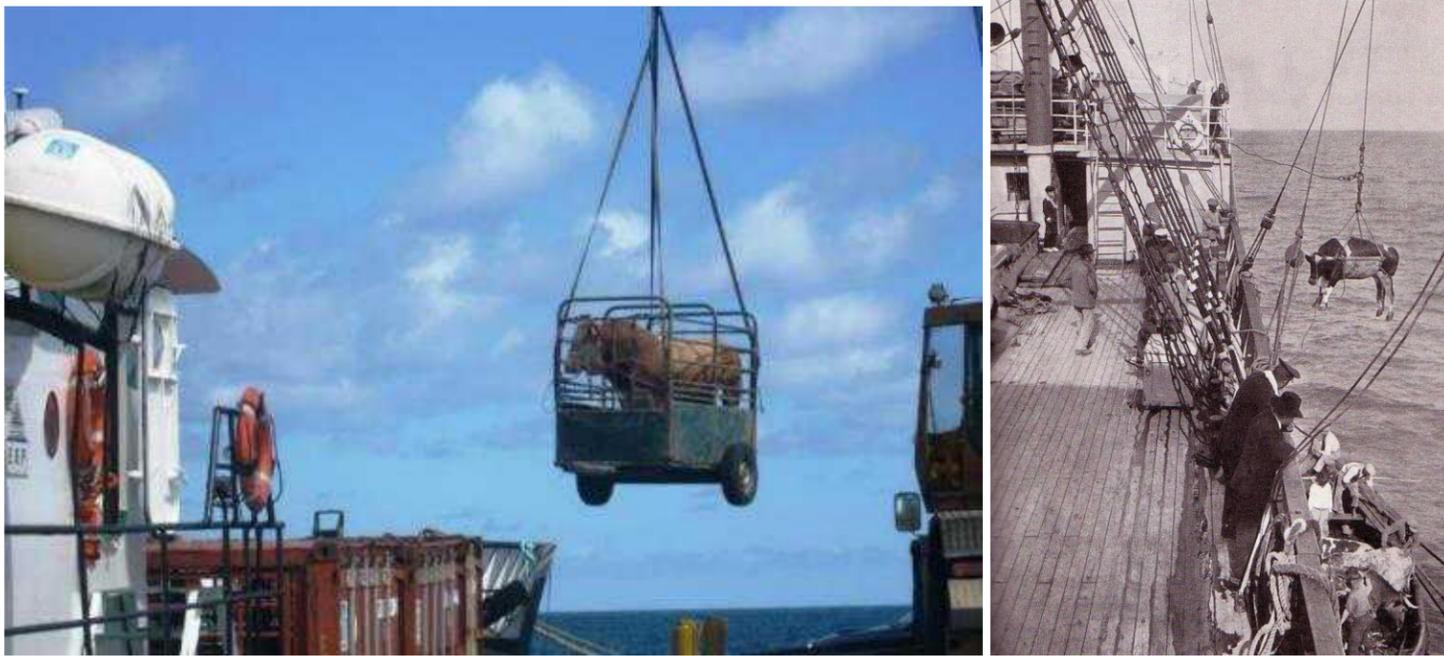
Ao lado da assustadoramente pequena pista do aeródromo, estavam, três moinhos a serem reconstruídos, dois caídos e outro mantido com a pedra original à vista. Qual não é o meu espanto ao ouvir chamar o meu nome (ó professor! Ó professor!) e deparar com o mestre carpinteiro José Moniz, da Lomba da Maia, e o mestre José Alberto, da Lombinha da Maia, os quais costumam fazer todos os trabalhos de manutenção da minha casa. O mundo é assaz pequeno. Fiquei satisfeito por encontrar conterrâneos¹²⁵, ali, tão longe de casa e observar o importante trabalho para que foram chamados por serem especialistas no restauro deste tipo de moinho de vela triangular, muito rara nos Açores. Uma excelente recuperação do património histórico.

O resto da estadia no Corvo foi passado em curtos passeios a pé na pequena vila, entrecortado por um almoço na Traineira, único bar e restaurante em funcionamento na ilha naquela data, depois de outro mais moderno mesmo sobre a pista de aviação ter falido. A ementa com 4 alternativas e sobremesa foi económica, 8,50€ PAX. Muito calor preencheu esta estadia. Havendo ainda tempo antes de reembarcarmos para observar a manobra de carga de gado num navio que chegara de manhã com mantimentos. Curioso ver a vaca a ser transbordada. Dantes era bem pior e mais desconfortável para os animais..



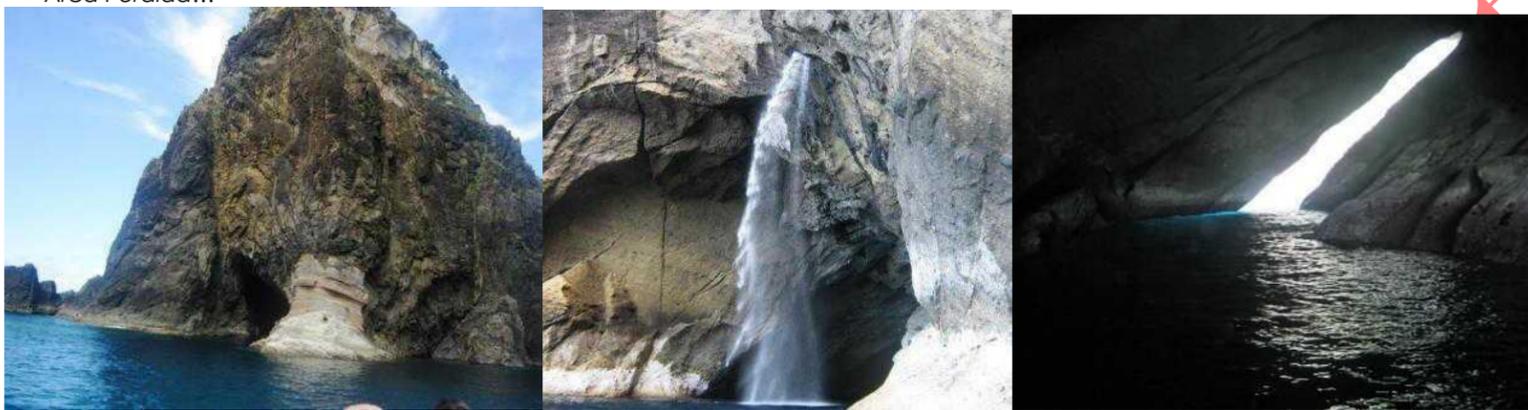
MOINHOS DO CORVO, UM EX-LÍBRIS

¹²⁵ Apesar de não ser nativo dos Açores, senti-me irmanado de um açorianismo que me levava a considerar conterrâneo daqueles dois vizinhos. Era quase como ver familiares num país distante.



PORTO DA CASA TRANSPORTE DE GADO ATUALMENTE E DANTES

A viagem de regresso foi mais agitada, contra o vento, e ondulação mais forte com o semirrigido a bater bem na mareação. O momento alto surgiria na visita a pequenas enseadas, ilhotas e quedas de água espantosas em grutas. Senti-me verdadeiramente transportado para o cenário de Os Salteadores da Arca Perdida...



GRUTAS E ROCHAS NA COSTA DAS FLORES

GRUTA NAS FLORES

Uma rocha furada em círculo evocava o dedo de deus na costa de Toledo no norte de São Jorge, mas havia outras peças da arquitetura da natureza com uma beleza que só ela consegue.

[interromperam-me os cagarros com os seus cânticos de velhas rezingonas, parece que falam ou ralham entre si, e depois surge sempre outro com um cântico diferente, antes de todos se calarem por instantes, e recomeçarem a agitada conversação...] Misturar uma queda de água sobre a entrada de uma gruta é de uma suprema beleza. Noutro caso, uma gruta aberta dos dois lados (quase que dava para o barco passar em ambas as entradas) a montanha descendo até ao nível do mar, interrompendo o maciço rochoso para se observar a água do mar de um azul-turquesa mais próprio dos Orientes exóticos e do Mar pacífico, criando uma enorme mancha turquesa à superfície e prolongando-se sob o mar. Havia formações rochosas com formato e feições de animais sempre com o pano de fundo do Corvo em forma de bota de um lado, e do outro a pipoca das Flores. Nessa tarde repetimos o jantar no restaurante Rosa, mas o preço já foi de 14.00€ PAX. As imagens falam melhor do que as palavras que perdi quando vi o segundo amanhecer no dia 28.

134.3.3. FLORES TURISMO EM 28 agosto 2013

O sol ainda mais belo, num céu quase desprovido de nuvens para mais um glorioso dia de férias nas Flores, dia em que finalmente nos faremos à estrada para conhecer os seus mil e um recantos encantadores.

Saindo de Santa Cruz fomos ao Monte e visitamos o parque florestal de recreio Paulo Camacho, antiga Reserva Florestal de Recreio da Fazenda de Santa Cruz. Ali vimos gamos, faisões de oito subespécies diferentes, galinholas, codornizes, pavões, melros, patos, gansos, coelhos e várias árvores nativas e algumas invasoras, devidamente assinaladas. Havia também um viveiro de truta arco-íris. Um local extremamente bem tratado, com amplas facilidades para piquenique e para crianças, apenas a uns minutos de Santa Cruz.



PARQUE FLORESTAL DE RECREIO PAULO CAMACHO, ANTIGA RESERVA FLORESTAL DE RECREIO DA FAZENDA DE SANTA CRUZ - FAROL (DA PONTA) DE ALBERNAZ



RESTAURANTE POR DO SOL NA FAJÁZINHA - FAJÁZINHA (SÓ TINHA VISTO ALGO SIMILAR EM PALHOÇA, FLORIANÓPOLIS, ESTADO DE SANTA CATARINA) -

Descemos à Ponta Ruiva, numa estrada nova, curiosamente marcada a tinta branca no pavimento, com dizeres alusivos aos abusos do Presidente da Junta. Esta manifestação pictográfica prolongava-se por centenas de metros listando todos esses alegados abusos. Uma forma deveras original de fazer campanha eleitoral. Subimos então aos Cedros (mais um nome que se repete de ilha para ilha, numa total falta de originalidade toponímica) sem nada a assinalar exceto o facto de podermos ver bem como era delgada a Ponta Delgada das Flores, numa fajã que se estendia até ao Farol (da Ponta) de Albernaz construído em 1925, aparentando muitas semelhanças com o derrocado Farol da Ribeirinha no Faial, atingido pelo sismo de 1998, embora este tivesse apenas um piso e uma bela espriada vista sob a costa oeste. Uma criança bem pequena deliciava-se numa minipiscina transparente, enquanto o resto do pessoal em serviço, se mantinha circunspeto impedindo que os abeirássemos e lhes pedíssemos autorização para uma visita a um dos faróis mais ocidentais.

Dali se avistava o ilhéu de Maria Vaz, antes de se começar a subir uma estrada de terra batida rumo ao Pico da Burrinha. A estrada marginava a caldeirinha, uma pequena lagoa perto da Vigia da Rocha Negra...descemos depois pela Estrada dos Morros rumo às Fajãs. Dado ser hora de almoço rumou-se à Fajãzinha, onde há 18 meses ocorreram trágicos desabamentos de terras e inundações, causadas pela Ribeira Grande, sendo bem visíveis as derrocadas ocorridas do miradouro Craveiro Lopes, por cima de cinco ou seis quedas de água magistrais que alimentam a Ribeira do Ferreiro e Ribeira Grande.

Na Fajãzinha fomos até junto ao mar para experimentar o afamado Restaurante Pôr do Sol, com uma decoração típica, recheada de instrumentos e artefactos da primeira metade do século passado, desde telefones a ferros de brunir, lamparinas, rádios, etc. Excelente e saborosa comida com vista que promete inolvidáveis momentos a observar o pôr do sol. O preço de 14.00€ PAX foi apropriado ao ambiente e comida.

Após o almoço, vista a minipraia rochosa, regressamos à estrada e desviamos para a recuperada Aldeia da Cuada, maior do que se imaginava, um lugar à medida do isolamento da Ilha das Flores. Abandonada nos anos 60 quando os seus habitantes emigraram para a América, a Aldeia foi recuperada por Teotónia e Carlos Silva que sabiamente ali se estabeleceram fazendo a ligação entre passado e presente, recuperando a traça rural das casas de pedra e adaptando-as às atuais necessidades de modernismos como electricidade e casas de banho. Está rodeada de loureiros com o perfume adocicado da cana roca. Existem mais de dezena e meia de casas recuperadas espaçadas por entre calçada e caminhos de terra. Aldeia ecológica, privada, com a proibição de fumar dentro dela. Por isso, não me pude demorar muito...



ALDEIA DA CUADA ([HTTP://WWW.WONDERFULLAND.COM/WONDER2006/SLEEP/CUADA/INDEXHOUSE.HTM](http://www.wonderfulland.com/wonder2006/sleep/cuada/indexhouse.htm)) FAJÃ GRANDE



ROCHA DOS BORDÕES CALDEIRAS FUNDA E COMPRIDA NÃO SÃO OS BORDÕES, MAS SÃO BONITOS (MORRO DOS FRADES)

Dali partimos para a Fajã Grande que impressionou por ser bem maior, bem pintada e tratada, muitas casas em bom estado de conservação, mansões modernas e uma avenida à beira-mar, rodeando uma enorme extensão de lava negra como a do Pico (junto ao Cachorro e Lagido), cobertas de pequenos pontos verdes de plantas que teimaram em crescer no seio da própria rocha. Também de rocha era a praia sem areia.

De seguida, rumo a Mosteiro com casas cheia de arcos e pouco mais de realce, para logo após sermos confrontados com o impacto da magistral Rocha dos Bordões, uma formação geológica, caracterizada por enormes colunas de basalto, localizado no sítio denominado por Cabo Baixo das Casas. Trata-se de um imponente acidente geológico único do seu género nos Açores, que se caracteriza pela solidificação da rocha basáltica em altas colunas prismáticas verticais de forma alongada. Por estas rochas basálticas descem vários cursos de água que à medida que vão descendo a formação geológica se juntam para dar forma a uma queda de água.

Junto do sopé desta formação existe outra singularidade geológica a que foi dado simplesmente o nome de Águas Quentes, que são na sua essência caldeiras ferventes de água sulfurosa de pequena dimensão. Estávamos em pleno coração da ilha, com a Caldeira Funda e a Caldeira Comprida, seguidas da Caldeira Seca e da Caldeira Branca. O Vale do Pico dos Sete Pés impressiona. Aliás, esta ilha cuja altitude máxima é de 915 no Morro Alto, deixa a sensação de ter a maior parte das suas belezas lá nas alturas, por vezes, assustadoras com estradas estreitas orlando descidas a pique para o mar... Passámos pela Testa da Igreja, um acidente geológico a 812 metros de altitude perto do Pico da Sé, Morro Alto, Pico da Burrinha e Pico dos Sete Pés. Ali nasce a Ribeira de Badanela. As Flores são uma ilha bem altiva, maior do que parece pelas suas dimensões, majestosa nos seus vales e sobranceira nas suas elevações. Descemos de novo aos Cedros quase sem se perder de vista o Corvo.

Enquanto escrevia chegava o barco que ontem nos levou ao Corvo e apetecia perguntar-lhes, "viram algum golfinho ou cetáceo?" ... decerto que não, publicidade enganosa... Vinha também uma pequena traineira lançar as redes numa enseada em frente ao Hotel para de manhã voltar, recolher o peixe pequeno que servirá de isco para o atum.

Antes de nos deitarmos, bandos de cagarros cantavam a sua melopeia estranha e nós resolvemos fazer uma experiência e colocamos o som de uma gravação dos cagarros de Santa Maria na varanda, mas os resultados foram o oposto do desejado. Amedrontados, os cagarros desapareceram todos silenciosamente desta ameaça gravada. Seria isto sintoma de que não entendem a fala dos de Santa Maria? Seria por temerem outros bandos que não reconheciam? A dúvida fica para um ornitólogo resolver. Ao jantar, repetimos o Boston Hambúrguer onde pagamos 5,65€ PAX.

134.3.4. FLORES TURISMO EM 29 agosto 2013

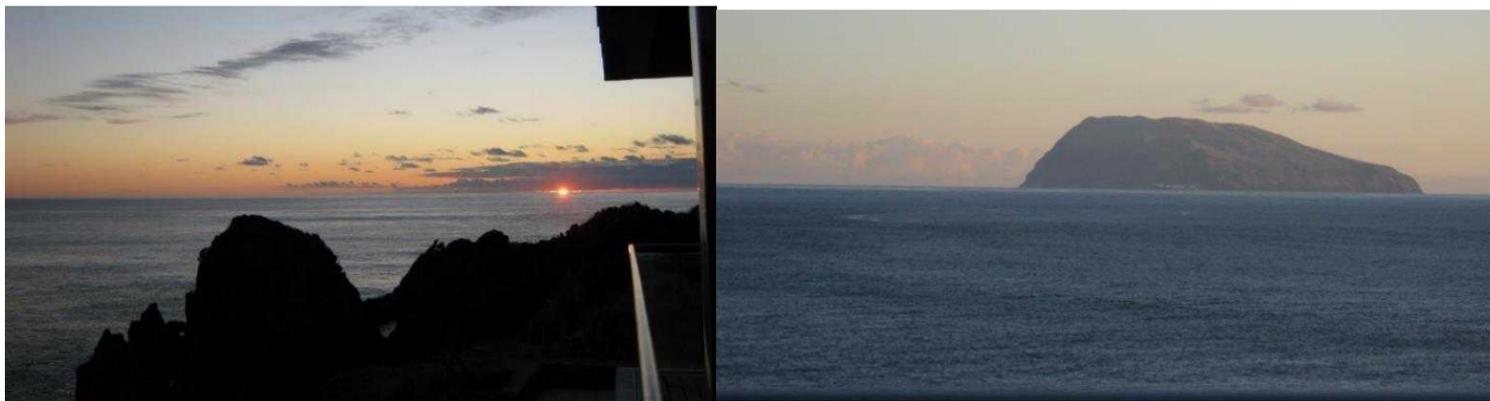
Na manhã de dia 29 houve um novo nascer do sol, diferente dos anteriores pois havia uma estreita, mas longa camada de nuvens pairando no horizonte. Começou por mostrar-se por entre as nuvens, ora se descobrindo, ora se escondendo. O mar continuava no calmo marulhar de plácidas águas e os pombos e pardais debicavam restos ou migalhas no jardim do Hotel em frente ao salão de jantar.

Se ontem já víamos centenas de melros por todas as estradas onde passamos e uma boa dezena de coelhos bravos de pequeno porte, esta manhã apenas se ouviam pardais. Até agora não se viu um único milhafre ou aves semelhantes predadoras que são visão frequente nas ilhas orientais. Investiguei e consta que não existem aqui aves de rapina [apenas no Corvo e Flores não existe esta espécie].

Este bucolismo de acordar a apenas dez metros do mar em frente a um rochedo com outrotanto de altura, coberto de urze é uma imagem que decerto vai perdurar. Na varanda virada a oriente existem outros rochedos, mas quase desprovidos de verduras e com reentrâncias onde a água faz poças constantemente renovadas, com pequenas ondas que se entrechocam com pequenos leixões ou farihões entre os dois rochedos. Apesar da maior parte destes ilhéus florentinos terem nomes, estes dois são demasiado pequenos para terem sido batizados. O de maior vegetação podia ser o Ilhéu dos Cagarros (pois nele existem vários ninhos) e o das Poças por ter sido ele que me fez salientar o facto de eu já

não conseguir recordar em detalhe o princípio dos vasos comunicantes da Física que ali estava em plena demonstração ao vivo e em direto.

Em frente, o Corvo desperta, leve e lentamente, já banhado pelo sol nascente, e assim permanecerá até ao ocaso. A depressão de terreno junto ao mar é - de facto - o único local suficientemente recortado para ter sol todo o dia no verão. Também é o menos inóspito de toda a pequena ilha e quem sabe se não foi essa exposição ao sol o que motivou que os habitantes aportados a esta ilha inicialmente se fixassem aqui? Podia ficar aqui neste belo ponto do mapa a desfrutar desta paisagem e aguardar a chegada do inverno com as suas ondas de 8 a 10 metros que devem banhar a piscina e o jardim aqui por baixo da varanda da suíte.



NAScer DO SOL NO INATEL DAS FLORES

CORVO AO NASCER DO SOL



FAJĂZINHA

FAJĂ DO CONDÉ

Citar

Santa Cruz das Flores, um dos locais mais ocidentais de toda a Europa, está conseqüentemente mais perto do Canadá e dos EUA do que qualquer outro para uma pessoa como eu se perder na alvura das páginas e debitar lirismo. Desde Timor (1974-1975) que não vivia tão perto do mar (em Macau a distância do delta era um pouco maior, uma avenida e um passeio). Em Timor havia bem perto de casa o crocodilo sagrado que criou a ilha, aqui poderíamos criar a lenda dos cagarros como progenitores desta ilha florida. Acabemos com a divagação pois o pequeno-almoço chama. Sonhar ainda continua a ser gratuito e o governo ainda não instituiu nenhuma taxa. Todo este Hotel das Flores (INATEL) de 4 estrelas é decorado com fotos a preto e branco, de tamanho variável, relativas a vida subaquática da autoria de Nuno Sá, fotógrafo consagrado internacionalmente pela sua atividade fotográfica submarina. Parabéns pela bela decoração.

Saindo de Santa Cruz na direção sul tivemos a sorte de ver um avião Q 400 Bombardier da SATA a aterrar no horário habitual das dez horas da manhã. Seguimos depois para o impressionante miradouro da Fajã do Conde, bem pequenina lá em baixo do outro lado do Morro de Santa Cruz e cujo acesso nem quero imaginar embora parecesse haver uma estrada de acesso...lá no fundo, bem em baixo...

Aqui seguimos pela estrada que corta a ilha ao meio, passando pelo Pico da Casinha e seu miradouro, bem como inúmeros outros miradouros até chegarmos à Caldeira da Lomba, já visivelmente eutrofizada. Depois, entre a Lomba da Vaca e o Pico do Touro passamos pelo Morro dos Frades, tornando a ver, agora de outro ângulo, as Lagoas Funda e Comprida., seguidas da Funda e Rasa antes de descer à Costa do Lajedo (Ponta das Cantarinhas, Águas Quentes, e Ponta Negra).

O pior foi no caminho da Costa do Lajedo para o Lajedo. Todo o monte era alvo de enorme intervenção (provavelmente efeito de derrocada) e a estrada em terra para o Lajedo estava em obras, ali mal passava um carro entre o abismo e os montes de brita deitados na parte protegida da estrada. O carro resvalava e fizemos a 5 km/h aqueles metros, sem hipótese de retroceder. O carro a deslizar para o lado sem o poder controlar e o declive ali mesmo ao lado a meros centímetros das rodas...foi assustador..., mas não havia já alternativa, para trás nem pensar e para a frente eram aqueles 20 ou 30 metros com menos de dois metros de largura de brita solta...



LAJEDO



CASA DO REI, RESTAURANTE NAS LAJES

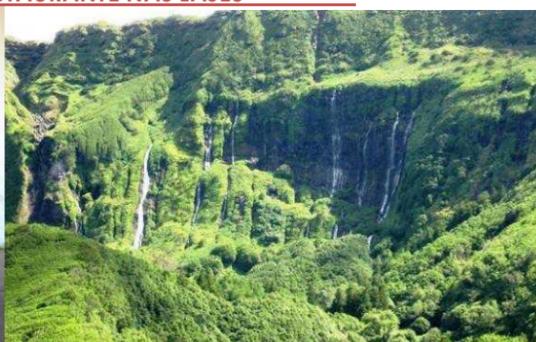


MUSEU ETNOGRÁFICO

LAJES



MANTEIGARIA DO MUSEU ETNOGRÁFICO



QUEDAS DE ÁGUA DA RIBEIRA GRANDE

Depois disto nada se encontrou de relevante sobre o Lajedo, muito quente e pequeno, de ruas e vielas bem estreitas, casas inclinadas pela subsucção das placas onde está assente, caminhando lentamente para o fundo. Foi dos sítios onde mais se notava o deslizamento do solo, e os telhados inclinados face ao nível da rua, sinal de que as fundações estavam a abater. Ficamos felizes por poder sair dali por outra via, asphaltada, desistindo de ir à Rocha Alta e à Costa, apesar de termos entrado uns quilómetros por essas estradas adentro, com montes abruptos e sempre muito íngremes, em que tão depressa se está ao nível do mar como se roda a 600 metros de altitude. Após o Pico Negro seguimos pela maior reta da ilha rumo às Lajes, e à sua minúscula praia da Calheta. Esta mania de duplicar os nomes de outras ilhas e até da mesma: Fazenda (de Santa Cruz das Flores) e Fazenda (das Lajes das Flores), Monte de Santa Cruz e Monte das Lajes...duas Lagoas ou Caldeiras Fundas, uma ao lado da Comprida e a outra ao lado da Rasa. Confusos? Também nós. Passou-se pela Fazenda das Lajes sem descer à Ponta do Capitão, na Lomba sem se ir às Portas da Fajã, nem à Furna dos Incharéus, à Furna Jorge ou à Ponta da Caveira e rapidamente estávamos em Santa Cruz, sãos e salvos.

Constatou-se que a GALP há dias que tem as bombas fora de serviço (avariadas? Ou sem combustível?) e tivemos de ir ao outro lado do aeroporto, à Azoria reabastecer (meio depósito para mais de 300 km). Não sei haveria mais postos, mas raros vimos pelos caminhos todos que percorremos. Os bares, snack-bar e restaurantes que vimos nas Lajes não me agradaram, vá-se lá saber por que razão, e levaram-nos a escolher a Casa do Rei, restaurante de uma alemã (suíça, luxemburguesa?) mesmo na entrada da vila das Lajes, com vegetais biológicos ou orgânicos. Apesar de só abrir ao público pelas 18 horas condescendeu em servir-nos. Pouco depois entrava mais um casal (reconhecemos que estavam hospedados no nosso Hotel) e depois ainda mais um outro. A comida esmerada e saborosa foi rapidamente servida logo acabada de confeccionar. A casa de teto antigo e parede de tabique estava bem decorada, música dos anos 60 (Simon & Garfunkel, Joan Baez, etc.) num total de seis a oito mesas e capacidade para cerca de 30 pessoas. Apesar do preço 14.00€ PAX valeu a pena. A tarde avança no Hotel e a mãe e filho deliciam-se, tal como ontem, sob o sol na piscina do Hotel. Hoje, as temperaturas rondaram outra vez os 30 °C nas Lajes, mas aqui rondam agora os 24 °C.

Mais uma vez constatei ao chegar ao quarto que as mulheres da limpeza não tinham esvaziado nem lavado o cinzeiro cheio de água. Pergunto-me se o sindicato do pessoal técnico de higiene da indústria hospitaleira (ou lá como se chamam) será antitabagista e as proíbe de limpar cinzeiros ou se é mera incúria das senhoras. Pequenos detalhes que nunca me escapam para depois os reportar ao *Trip Advisor*.

Antes de sairmos das Lajes andamos em busca de Artesanato sem grande sorte pois o único local tinha apenas mantas, e bordados (tipo Doyles) e acabamos ainda por descobrir o Museu Etnográfico numa casa tradicional, mas bem restaurada, cheia de utensílios e mobílias de tempos idos, numa bela coleção etnográfica.

No rés-do-chão havia uma oficina de carpintaria e outros mesteres com equipamentos de várias eras e apetrechos agrícolas de antanho. Mais abaixo, a Câmara Municipal recuperara outra casa onde outrora funcionara uma Manteigaria e Queijaria onde se podia observar como antigamente se fazia manteiga e queijo em moldes quase artesanais, num belo exemplo de preservação da memória e da cultura do povo.

A nossa guia oficial era micaelense como pudemos logo constatar ao ouvir "papeles" e aquela difícil conjugação verbal que troca am por em (levarem em vez de levaram, comprarem em vez de compraram) ... A miúda, aqui deslocada nas Flores há dois anos, era tão solícita e prestável que nem tivemos coragem para a corrigir, orgulhosa que estava da sua herança micaelense.

E assim estão a terminar os cinco dias de descanso anual, e destas curtas férias no Grupo Ocidental, com o pesar habitual de terem sido tão curtas, embora com a satisfação de terem servido de recompensa para um ano difícil de trabalho, com tempo invernal inclemente e a continuação do ataque governamental aos assalariados e pensionistas. O regresso à dura realidade chegará de manhã, mas levamos na retina imagens de uma ilha diferente de todas que já conhecemos. Recordaremos as milhentas subidas íngremes e descidas ainda mais assustadoras, muitas vezes sem "safety rails" (de proteção), nem renques de hortênsias a separarem-nos dos abismos, a pique sobre fajãs, e outros lugarejos perdidos da ilha pontilhada, aqui e ali, por casas habitadas e gentes ciosas da sua ilha e das suas origens.

Como atrás disse, o único artesanato, e está em vias de extinção, era o de mantas de retalhos e bordados sem grande imaginação e menor variedade, como nos explicou uma setuagenária nas Lajes na única loja de artesanato visível e anunciada. É pena que a arte e a tradição do artesanato se estejam a perder sem haver quem siga as suas pisadas.

Uma ilha cheia de flores e muita água a cair dos seus inúmeros picos. Terra de contrastes, pejada de subidas e descidas com montes e mais montes que pareciam bem altos, vales profundos, fajãs, pequenos bosques, montes sem vegetação, estranhas formações vulcânicas como a majestosa Rocha dos Bordões e outras aparentemente semelhantes mas geologicamente distintas, o impressionante miradouro Craveiro Lopes rodeando cascatas, quebradas e derrocadas, o vale costeiro ou fajã sob o miradouro suspenso da Fajã do Conde, tudo lembrava a resiliência das gentes, a sua fragilidade perante os onnipotentes elementos, mas há uma coisa que parece faltar nesta ilha.

Apesar das muitas estradas e caminhos municipais razoavelmente asphaltados, para tão pouca gente, pela omnipresente Tecnovia, apesar de algumas construções modernas como o futuro centro Cultural das Lajes (em fase de acabamento), parece faltar massa crítica capaz de promover um maior desenvolvimento económico que liberte esta ilha da estagnação e da sangria que a constante saída dos mais jovens impõe. É imperioso criar condições para que não sejam obrigados a partir, a emigrar para outras ilhas maiores e com maiores oportunidades. É preciso reinventar formas de os fixar aqui sem ser apenas nos meses mais buliçosos de verão e turismo (junho a setembro). A continuar assim e à medida que a população envelhece sem que os jovens aqui se fixem, arriscamo-nos a assistir ao lento despovoamento e à inviabilidade económica destas ilhas mais pequenas, tanto mais que o governo central (e agora também o Governo Regional) insiste em fechar serviços e valências desde correios a tribunais, finanças e centros de saúde.

Por outro lado, esta ilha e a do Corvo são sempre as sacrificadas quando há avarias de barcos no verão, e no inverno são as dificuldades próprias destes mares que os obrigam a ficarem, por vezes semanas, sem receberem mantimentos e ligações ao exterior. Custa-me imaginar que todos os esforços e abnegação deste esforçado povo ao longo de cinco séculos se venha a perder e se possa caminhar para o fim da civilização florentina açoriana. É uma pena imaginar que um dia - num futuro não tão distante como parece - estas ilhas sejam como as casas da Aldeia da Cuada, à espera de uns alemães, holandeses, portugueses ou outros que venham cá para as comprarem e tornarem rentáveis. Não tenho poder, nem financiamento, nem outros - nem mesmo ideias - capazes de alterar este rumo, mas as ilhas menores do arquipélago rumam lentamente para a sua eventual extinção. É uma pena que locais paradisíacos como estes que tantos escritores de valor produziram não possam gerar uma espécie humana que os viabilize economicamente sem se tornarem em cidades-casino como Macau ou cidades perfeitas como Singapura e Hong Kong, mas sem alma.

Serei eu o último moicano ou o último abencerragem da geração romântica? Espero bem que não e que estas duas ilhas do grupo ocidental possam progredir e viver numa economia plena, responsável e sustentável, bem como as restantes ilhas do arquipélago. Enquanto me preocupo com o futuro das ilhas, de casa em São Miguel dizem que cadela Leoa está bem, e vem a notícia prevalecente do dia, da semana, do mês, do ano, a da ida ontem à noite do cantor popularucho, o celebrado e afamado cantante pimba Quim Barreiros, à Lomba da Maia, provocando engarrafamentos e uma avalanche de gente como nem os idosos conseguem recordar. Jamais no passado se registou um evento desta magnitude. Isto ilustra bem o povo que temos, as diferentes noções de cultura.

Quem me ler pode bem chamar-me elitista, pois desde o Coliseu de Roma que o povo sempre preferiu este tipo de "cultura". Não sei quem patrocinou a vinda do "cantante"¹²⁶ que deve ter custado uns bons milhares de Euros, mas em véspera de eleições pode ser voto certo. Um investimento de excelente retorno, dirão os profissionais da política. Infelizmente, neste mundo Quim Barreiros, Tony Carreira e outros mexem apenas com a pequena economia - a dos pobres - sem trazerem valor acrescentado à macroeconomia local ou regional. Se bem que o valor da sua atração se possa medir em votos, nada irá acrescentar para o futuro e sobrevivência das ilhas e dos enormes desafios da pobreza, do desemprego, do alcoolismo, droga e criminalidade crescentes que, lentamente, vão corroendo o tecido social que manteve o arquipélago imutável ao longo dos séculos.

Infelizmente, estes "circos" populares ou popularuchos servem apenas para opiar ainda mais o povo iletrado, inculto e ignorante que continua a votar naqueles que melhor o exploram.

Um novo tipo de feudalismo e de escravatura que visa perpetuar o fosso entre os que "têm" e os que não conseguem a alforria. A massificação da cultura "dita popular" versus a redução abrupta dos orçamentos culturais (das artes em geral, ao teatro, à literatura, etc.) quer perpetuar o mínimo denominador comum de iliteracia. Um povo iletrado não pode ser livre nem preserva a sua autonomia, antes permanece subjugado e submisso a todos os que o espezinham.

Eu aqui, na Ilha das Flores, preocupado com o futuro que ameaça tornar-se uma repetição do passado: os senhores nos seus castelos e os servos da gleba esmifrando as migalhas que lhes atiram das ameias, eternamente gratos, de chapéu na mão a agradecer tanta benesse e caridade. Claro que assim, nem o país, nem as ilhas progredirão, pois, a manutenção do "status quo" preserva a ordem estabelecida, e pessoas como eu nem chegam a ser convidadas para bobos da Corte.

A crítica mordaz da alienação não agrada àqueles que são objeto da sátira e da jocosidade de quem vê o mundo numa moldura maior do que as mentes tacanhas dos que detêm o poder. Até nisto a História se repete e poucos foram os que do olvido e da lei da morte se libertaram, numa paráfrase livre desse épico que foi Camões. Resta-me lavrar aqui o meu desacordo e continuar a sonhar com a utopia (por isso, nunca conseguida) de um mundo melhor, mais justo, mais equitativo que é exatamente o oposto daquilo a que vimos assistindo nestas últimas décadas.

Possa eu continuar a contar livremente esses sonhos, essas utopias, sinal de que os senhores do mundo ainda não calaram todas as vozes. Aqui não é o Haiti (como dizia o Caetano Veloso) nem a Coreia do Norte e ainda vou tendo liberdade de pensar e de me exprimir. O meu voto continua sem estar à venda mesmo que o seu valor seja meramente estatístico e não garanta nenhuma representatividade eleitoral. Controlado, vigiado, escutado, analisado e dissecado vou resistir enquanto puder (i.e., enquanto viver) a ser um mero píxel nos ecrãs dos controladores globais que nos programam a seu bel-prazer e não será pelo medo que estragarão os momentos livres e felizes que passei aqui no grupo ocidental dos Açores.

134.3.5. FLORES TURISMO EM 30 agosto 2013

Acordei como habitualmente pelas 07:15 e aguardei o aparecimento do astro-rei. Este Hotel subestima o nascer do sol e devia fazer dele um cartão-de-visita. Tal como nos outros dias, sou o único hóspede a pé a estas horas e a ver o sol nascer. Este sentimento de partilhar com ele um novo dia com esta vista do Atlântico Norte sobre a Ilha do Corvo cria um estado de espírito revigorado, dando alento para enfrentar as agruras quotidianas, sendo para mim a maior, esta noção de imponderabilidade terrena balanceada com a certeza de ter de deixar a ilha ainda hoje.

Como costume dizer, sou infiel ao arquipélago. De cada vez que conheço outra ilha apetece-me deixar ficar tudo e viver nela. Admito que o rochedo do Corvo é demasiado pequeno e inóspito para ali ficar a viver, mas...nas Flores (um pouco maiores do que Santa Maria) não sinto a claustrofobia das ilhas pequenas. O acidentado terreno, a variedade geomórfica e o sentimento de inspiração criativa fazem dela uma ilha onde poderia viver tal como vivo na Lomba da Maia.

Há uma atração telúrica aliada à companhia permanente do Corvo nesta metade oriental da ilha. A outra metade virada ao continente norte-americano já não tem a mesma atração. Sei que vou deixar estas duas ilhas, mas farei como todos os açorianos: levarei um pouco delas comigo, farão parte da minha bagagem como Santa Maria em 2006, Faial e Pico a partir de 2007, S Jorge após 2008. Em todas me revejo um pouco, em todas me sinto em casa o que explica as 25 páginas manuscritas em apenas 4 dias.

Sou, de facto, um ilhéu e apesar de a pátria estar distante em Sidney e da mátria ser em Bragança de montes e neves, sei que - desde há muito - a minha vida é indissociável destas 7 ilhas (falta-me agora apenas a Graciosa e a Terceira) que conheço e adotei como se fossem minhas desde a memória inicial dos tempos. Afinal não é preciso nascer-se nos Açores para se ser açoriano. São Miguel começa a ter os mesmos problemas do Continente português, enquanto as ilhas mais pequenas, embora com menos serviços públicos, menos gente e menos valias culturais, continuam a ser pequenos paraísos por descobrir, onde, por vezes, se sente que o tempo parou, mas onde ainda é possível coexistir com os nativos e partilhar as suas belezas. Aqui, ainda se tem a sensação de estar tão longe do mundo e dos seus problemas que a vida em paz parece ainda possível, e nesta idade, viver em paz é um bem demasiado precioso para se desperdiçar.

No fundo, em São Miguel, na Lomba da Maia, vivo recluso no meu "castelo" mantendo uma política de boa vizinhança com os que me rodeiam, sem que interfiram na minha vida ou eu na deles... esse equilíbrio seria possível nestas ilhas ou noutras (à exceção do Corvo com os seus quase 400 habitantes. A Lomba tem 1200 votantes). Sinto, por vezes, a falta da família e amigos, dos quais gostava de receber mais visitas e mais frequentes, em vez de ser eu a arcar com as despesas todas dos reencontros. Há a necessidade de falar, trocar ideias e impressões com outros seres vivos que partilham de alguma da minha inquietude perante o mundo, mas a tranquilidade modorrenta desta minha vida de expatriado australiano vale bem a pena, enquanto puder ser compensada duas vezes ao ano com os Colóquios da Lusofonia, que sonho trazer às Ilhas do Triângulo e às Flores. Terei de inventar meios de sair das ilhas mais vezes, sem nunca as deixar para trás. Afinal, para mim, elas são Ilhas-Filhas, que trago a reboque, colar multifacetado de vivências que constituem já a essência do meu ser.

¹²⁶ Vim posteriormente a saber que tinha sido a atual junta de freguesia liderada ainda pelo meu senhorio, em fim de mandato, e que foram despendidos 17 mil euros...nem comento... e mesmo assim o candidato a presidente da junta iria perder as eleições por dois votos!

Espero que esta vinda às Flores e Corvo sirva de retemperadora inspiração para mais um inverno cinzento e molhado que deprime e anquilosa a mente e o corpo e, por isso, irei fazer com que esta experiência enriquecedora perdure, dando-me forças e alento para um novo ano. Não me queixo, pois, a vida tem-me proporcionado vivências inolvidáveis e variadas em todos os cantos do mundo, ao contrário de muitos que nascem e morrem confinados à pequenez das suas mentes e dos locais onde vivem. Tal como este mar rico em abundante peixe, espero que a vida me continue a proporcionar a facilidade de pescar novas experiências em mares para mim desconhecidos. O oceano pontilhado de pequenos pontos, barcos de lazer, de turismo e de pesca, e de repente, ainda sem ruído avisto a sombra, curvando-se nos céus entre o Corvo e as Flores, do pequeno avião que nos há de transportar mais logo. Entrou pelo norte da ilha permitindo mais uma sessão fotográfica diferente.

Sei que a ilha tem condições adversas no inverno, mas esta semana de verão foi divinal, com um mar chão que mais se assemelhava a um lago imenso, tornando estas ilhas ainda mais apetecíveis. Este silêncio quase absoluto entrecortado pelo sussurrar do mar sem ondas é revigorante. As borboletas, os zangãos, as pequenas aves saltitando entre os rochedos são uma noção de equilíbrio que parece ancestral, mal se notando a presença humana das 3800 almas que aqui vivem espalhadas pelas duas vilas, aldeias e fajãs onde a pesca e a agricultura continuam a ser o quotidiano das pessoas, como sempre foram desde que há cinco séculos aqui arribaram.

As Lajes (das Flores) têm 70 km² e 1502 habitantes divididos por sete freguesias, enquanto Santa Cruz tem 72 km² e 2493 pessoas em 4 freguesias. Distam 283 km de São Miguel, 336 de Santa Maria, 192 km da Terceira, 150 km da Graciosa, 144 km de S. Jorge, 135 km do Pico e 13 do Corvo.

Deve ser uma santa vida ser controlador de voo nas Flores e no Corvo, sem o stresse de outros locais e idêntico vencimento. É o trabalho do lá vem um...avião. Ser da PSP ou da GNR aqui também deve ser uma profissão pacata sem se terem de preocupar com a caça à multa, assaltos, roubos e demais crimes. Não avistamos um só agente nestes dias, e estivemos sentados mais de meia hora num café na praça em frente ao quartel. Houve só a aparição daquele Polícia Marítimo a chamar-me a atenção por estar parado à porta da Farmácia em contramão. Mas o que gostava era mesmo ser controlador de voo.

Se não fosse a bandeira azul com estrelas que se vê no aeroporto e o uso do Euro como moeda ninguém pensaria que estamos na Europa e não é pelos dois mil quilómetros que nos separam da terra firme, mas pela diferença de paradigmas de vida, pelo seu ritmo cadenciado, pelas suas ondas e marés e não pelos ditames da burocracia. A identidade insular é bem distinta da portuguesa e da europeia e para se cumprir falta apenas a vivência de uma autonomia plena que cortasse as amarras ao velho continente. Pertence o arquipélago à Europa por mera e fortuita coincidência geopolítica, mas a alma destas ilhas está equidistante de Américas e Europa. Ainda vou acabar por me naturalizar açoriano!

Por outro lado, os jovens terão de emigrar para terem futuro, como era o caso do jovem especializado em Agronomia com mestrado completo, que nos atendeu no aluguer de carros, e nos disse da sua paixão pela Austrália (e que incentivei, pois lá terá muitos mais hipóteses do que cá). Mais um caso de subemprego ou desemprego camuflado dos jovens deste país. Quem sabe se um dia não estarei a traduzir o seu processo de emigração? Como atrás disse, se não forem criadas condições de fixação de jovens a única saída que lhes resta é a emigração.... Foi ele que nos disse que as rachas na estrada da Fajãzinha não se deviam a qualquer sismo, mas ao mero aluimento de terras, uma constante que ameaça lançar a freguesia no mar. Depois das inundações e derrocadas de fevereiro de 2012, todas as estradas foram reconstruídas, mas estão todas a ceder. O mesmo acontece no Lajedo, pelo que a longo prazo estão ambas condenadas a desaparecer levadas pelo mar.

Agora entendo o que na altura me deixou surpreso, que era ver algumas casas com o telhado inclinado em relação ao nível da rua. Pensei que fosse defeito de fabrico, mas afinal era um mero aluimento progressivo (e constante) dos solos. Aliás, embora a Igreja e várias casas tivessem sido recuperadas depois das inundações (que deixaram a Fajãzinha isolada vários dias e obrigaram à evacuação de larga parte da sua população) havia ainda muitas casas que apresentavam rachas e fissuras proveniente do lento deslizamento dos solos. As brechas nas estradas, algumas bem largas, prenunciavam mais sofrimento e dor para as gentes da Fajãzinha, e a acreditar no jovem agrônomo, idêntico fenómeno ocorre no Lajedo, o tal local de difícil acesso onde tivemos a emocionante aventura de descer a estrada em terra, em obras, cheia de montes de bagacina, sem margem para erro de condução a menos que quiséssemos deslizar encosta abaixo.

No último dia houve várias estradas que deixamos de percorrer pois a margem de tolerância para tanto abismo era já reduzida, algumas dessas estradas eram demasiado estreitas e nada as separava das falésias, nem a mera ilusão de um renque de hortênsias a fingir de proteção das falésias alcantiladas, a pique sobre o mar, centenas de metros abaixo.... e, francamente, gosto de descer mais suavemente até às fajãs. Outras que fizemos, como a subida do Farol de Albemaz para o Morro da Burra, guiamos bem mais afastados do precipício, mais encostados ao morro, praticamente na contramão, dado ser muito assustador ir pelo lado direito da estrada ou da berma sobre as falésias. Cá em baixo havia o ilhéu de Maria Vaz, a Quebrada Nova e a Ponta dos Fanais. Tudo a pique num bosque sem árvores, apenas um declive em linha reta e direta para as pequenas ondas. Houve outras estradas semelhantes e a noção que perdura é a de que a Ilha das Flores é feita de montes muito altos e de muitas pequenas fajãs lá em baixo e todos sabemos como nascem as fajãs.... Sobem-se 300 metros em poucos quilómetros de estradas íngremes.

Não há muitas casas isoladas, agrupam-se em aldeamentos não havendo tanta dispersão como noutras ilhas. Talvez pela inclemência dos elementos tivessem necessidade de permanecer agrupados.

Outra nota curiosa desta estadia foi constatar a falta generalizada de crianças e de jovens por todos os locais por onde passamos, pois, a maioria das pessoas que se viam eram já de uma certa idade. Começa também a ser visível nas ilhas o envelhecimento populacional. Ainda hoje o secretário da educação, Luiz Fagundes Duarte referia haver menos 853 alunos este ano, tendência redutora que se vem verificando nesta última década. Começam a desaparecer as famílias numerosas de seis a dez filhos que ainda eram normais na geração anterior.... Menos alunos significa menos professores, menos escolas, menos serviços, menor economia, menos contribuições fiscais e menos riqueza na região. O envelhecimento geracional em paralelo com outros fatores pode conduzir à extinção das espécies, neste caso à extinção do povo açoriano que nem atinge 250 mil pessoas nas ilhas embora com seus descendentes sejam uns milhões expatriados. No entanto, é um facto comprovado que em alturas de crise os nascimentos disparam, pelo que resta esperar que esta enorme crise traga um acréscimo de natalidade.

Depois da leitura não perca as fotos das miniférias nas Flores e Corvo https://www.youtube.com/watch?v=FrF_9UrcZc_ou_em
<https://www.lusofonias.net/a%C3%A7ores/flores/1874-00-diaporama-flores-e-corvo-chrvs-2013.html>

CRÓNICA 135, CRISES, 18-24 NOVEMBRO 2013

135.1. CIRURGIA ADIADA

Acordei cedo e em jejum como recomendado pela anestesista. Tivera três dias para me mentalizar que a operação a uma catarata era um ato cirúrgico, tão normal quase como lavar os dentes. Estava calmo, mas sequioso pois disseram para nada comer nem beber (nem água) depois da meia-noite. O dia ia nascer cinzento, mas de teto alto que não é tão deprimente. A viagem para a cidade, capital da ilha, fez-se ainda sem movimento que por aquela hora já os vaqueiros tinham saído para as pastagens para mungir as vacas.

No hospital (HDES) ainda não era chegado o bulício e encontrei lugar para estacionar mesmo em frente à porta do hospital de dia. Cumprida a formalidade do autocolante para a minha acompanhante e fumados dois ou três cigarros

(que a manhã prometia ser longa) entramos para a cirurgia de ambulatório de oftalmologia. Passado pouco tempo, uma enfermeira veio deitar umas gotas no olho a operar, depois veio outro enfermeiro dizer que chegámos cedo demais, pois eram 08.00 horas e a cirurgia estava marcada para as 11.00...seria o último de seis a serem operados nesta manhã.

Assim, fomos fazer o que havia para fazer depois da operação, tal como comprar mantimentos, quando o telefone toca. Era do hospital. Admirei-me, ainda não eram dez horas e já me estavam a chamar? Ledo engano, o microscópio eletrónico havia avariado logo após a primeira cirurgia e a minha fora adiada sine dia.... Tanto esforço para nada.

A lista de espera ronda os dois anos, mas como pedi ao meu oftalmologista e cirurgião compreensão para a cegueira galopante do olho esquerdo (menos de 10% de visão) ele conseguiu antecipar para hoje a minha vez...

O pior é que os hospitais dos Açores devem 60 milhões de Euros aos fornecedores e se o aparelho não for reparado localmente...terão de começar a pagar contas antes de o fornecedor o substituir ou arranjar. Coisa demorada. Na clínica do Bom Jesus há um igual ou parecido, mas como é privada e cobra bem (creio que dois mil ou 2500.00€ por cada olho) ...disseram-me que quando avariava, o técnico do raio-X o ia reparar. Esperemos que seja este o caso. Sei que milhares de pessoas recorreram a esta cirurgia banal, mas não deixo de me lembrar de seis doentes que no hospital de Santa Maria em Lisboa ficaram cegos por um mau medicamento que lhes foi ministrado...claro que 99,9% dos outros ficaram bons..., mas aqueles ficaram cegos. Conformado, terei de aguardar nova vez. Este problema da redução substancial da visão tem tido um efeito pernicioso na minha psique e inspiração e limita as minhas atividades diárias com a visão limitada a metade do ângulo de visão...por isso passaram-se meses desde a última crónica que celebrava uns dias de férias...

Logo que chegamos das Flores a minha mulher resolveu inovar e partiu o pulso em dois locais, ao subir as escadas para a falsa! A descer muita gente parte ossos, mas a subir, é obra. Meteram-lhe gesso que durou mês e meio e anda agora a recuperar lentamente o uso da mão esquerda ainda sem a força que tinha dantes.

135.2. VISITANTES DA AUSTRÁLIA

Passados poucos dias das férias e tal como previsto chegaram o Frank (Xi Zé) e a Ana Lúcia, vindos de Sydney, amigos de há décadas, que iríamos rever depois de um hiato de mais de dez anos.

Mal desembarcaram iniciou-se a correria louca para lhes mostrar o máximo possível da ilha - tiveram sorte com o tempo pois (acabados de chegar) deu para ver as Sete Cidades e a Lagoa do Fogo sem nevoeiro nem nuvens baixas. Ao longo de cinco dias mataram-se saudades, deu-se a conhecer a ilha que tanto os encantou que até começaram a ver preços de casas para virem viver para cá quando se reformarem. As Furnas foi um dos locais eleitos para viverem, bem como o Nordeste... Com os meus primos em PDL recordaram locais comuns da Angola natal, reviveram tempos comuns e contactaram com pessoas que a distância da Austrália tinha afastado. As fotos da estadia deles (e só acabaram por ver uns 3/5 da ilha) estão em linha a provar como os Açores, e esta ilha em particular, têm uma magia especial sobre visitantes insuspeitos. <https://plus.google.com/photos/115656870521853573882/albums/5923618551614259009>

135.3. 20º COLÓQUIO DA LUSOFONIA

Pouco depois da partida deles e com a rotina das aulas de novo instalada cá em casa, era a época da fase final de preparação do 20º Colóquio da Lusofonia, desta vez em Seia onde fomos recebidos pela Escola Superior de Turismo e Hotelaria do Instituto Politécnico da Guarda.

Agradecimentos

Em meu nome pessoal, no da AICL, e no de todos os participantes que tiveram o privilégio de partilhar connosco momentos inolvidáveis, resta-me congratular, em especial, a professora Doutora Anabela Sardo e toda a sua equipa (Dr Humberto Pinho, Zaida Pinto, Elisa Branquinho, Isa Severino, e todos os estudantes do secretariado e das diversas funções hospitalares que cuidaram de nós) pela calorosa receção que nos fizeram ao longo de quatro dias, pelo cuidado posto nos "pequenos mimos" com que nos agraciaram nos almoços, nos intervalos e durante as sessões, fazendo deste um Colóquio que certamente gostaríamos de repetir e que dificilmente esqueceremos. A nossa gratidão é extensiva a todos os membros do corpo docente que connosco estiveram e aos que aprovaram a nossa deslocação a Seia que esperamos possa ser repetida no próximo triénio. Raramente tive, nas minhas funções organizativas, um Colóquio tão descansado e despreocupado, dada a eficaz gestão dos coorganizadores locais. Sentimo-nos em casa, e reiteramos aqui publicamente os nossos agradecimentos que devem ser transmitidos não só a todo o pessoal envolvido como às entidades que convosco colaboraram (Câmara Municipal de Seia, Ass. de Artesãos da Serra da Estrela, Biblioteca Municipal de Gouveia). Bem hajam por nos terem acolhido. Até breve. Dentre os pontos altos do Colóquio havia a visita cultural à pequena, mas acolhedora aldeia de Melo, terra de Vergílio Ferreira, onde foi nossa guia a Dra. Catarina dos Santos, da Biblioteca de Gouveia a quem reitero aqui publicamente em nome da AICL (Colóquios da Lusofonia) o nosso agradecimento coletivo pela sua gentileza, amabilidade, cortesia e simpatia transbordante de amor pelo autor. Das nossas conclusões consta a iniciativa de criação do Centro de Estudos Vergilianos. Melo é uma aldeia bem bonita nas faldas da Serra da Estrela perto de Gouveia, a maioria das suas casas (muitas desertas) apresenta-se em bom estado de conservação e muitas foram recuperadas (nem sempre com o gosto exigido, abundam as caixilharias de alumínio...). Naquilo que seria a praça principal uma enorme homenagem a Vergílio Ferreira no chão onde se assinalam as datas marcantes da sua carreira e os nomes com datas dos seus livros, ao fundo a casa Josephine assim chamada em honra de sua mãe quando se naturalizou norte-americana. Uma antiga taberna serve de Museu improvisado, muitas das casas de Melo estão descritas e amalgamadas na sua obra conforme se lia num panfleto ilustrado com frases suas a propósito de locais e casas. Um verdadeiro roteiro cultural que nos foi proporcionado sempre com explicações e detalhes sobre a vida do autor. Foi exatamente isto que os Colóquios propuseram em 2003 e agora começa a tomar forma em vários pontos do país.

Transcreve-se o que então se escreveu



A língua portuguesa e a UE alargada, J. Chrys Chrystello, 2003-06-02 [Página principal | Página de publicações | Revista ELO | Índice]



Dizem as estatísticas que Portugal não está preocupado com a expansão da UE, e os poucos que se pronunciam queixam-se da perda de subsídios que daí pode advir. Ainda ninguém perguntou que vantagem haverá para a língua e cultura portuguesas, provavelmente, fruto da falta duma política nacional da língua. A capacidade que temos em adicionar aritmeticamente os habitantes dos PALOP's não se traduz numa política de edição de traduções de consagrados autores para os leitores ávidos dos novos estados membros da UE, talvez por desconhecermos a cultura e hábitos de leitura desses povos. Para preservarmos a nossa versão da língua portuguesa é preciso mantê-la viva, e esta é uma oportunidade ímpar de atrair leitores para as nossas obras. Mais tarde viriam os que prefeririam ler as obras na sua língua original, bem fácil aliás de aprender para todos os falantes de línguas eslavas...

[... Se bem que seja importante, o contributo dado por entidades oficiais e para-governamentais tem de haver iniciativas dos setores privados para criar a necessidade da língua portuguesa. Existe uma potencialidade enorme nesses novos mercados de produtos portugueses, que terão de ser traduzidos pelo que prevejo o aparecimento de novas necessidades nos campos de tradução, incapazes de serem satisfeitos por meros aparelhos mecânicos de tradução consabidas as suas limitações.]

Como catapultar a língua e os livros portugueses da sua semiobscuridade para um cenário de ribalta? Quem se lembrou já de incluir roteiros turísticos literários a locais celebrizados pelos monstros sagrados da literatura dos séculos XIX e XX? Alguns constam já dos vulgares roteiros paisagísticos, havia apenas que organizar a leitura de livros desses autores, e a divulgação de novos escritores nesses locais, [um pouco como foi feito em abril 2003 com a atribuição do prémio Camilo Castelo Branco a Mega Ferreira]. Disponibilizavam-se traduções já existentes ou faziam-se reedições (económicas e sem grandes luxos) para os milhares de turistas desses novos países que quererão vir a Portugal. Lucravam o país, os editores, os operadores turísticos e a língua. Podíamos começar com o José Saramago

e um roteiro às suas terras de origem acompanhado de leitura de obras suas, disponibilizadas em línguas dos novos países aderentes UE, passando por locais evocados em "A Cidade e as Serras" e tantas outras paisagens dos Açores de Nemésio, à Brasileira de Pessoa ou à Monsanto de Fernando Namora.

Convidavam-se professores jubilados que amam a Língua Portuguesa para falarem das mil e uma nuances de cada autor, pedia-se a cada um dos autores ainda vivos que disponibilizasse um dia do calendário para falar da sua obra ou lê-la num cenário apropriado. Estou certo de que a organização de tais eventos custaria menos do que muitas das funções oficiais já agendadas. A Europa alargada aí está, iremos continuar de costas voltadas com a nossa desculpa atlântica ou vamos descobrir novos mundos? Não precisamos de subsídios, tão só de vontade para esta revolução que continua por fazer, não precisamos de comissários, mas apenas de pessoas que amem a língua e cultura e que a achem sua.

Tivemos ainda tempo de ir depor uma coroa de flores no túmulo do autor em nome da AICL e da ESTH.

Outro ponto de destaque foi o anúncio da vencedora do Prémio Literário AICL AÇORIANIDADE EM HOMENAGEM A JUDITE JORGE, Maria Saraiva de Menezes: com o CONTO intitulado Chapéu-de-chuva Transparente (crónica de um amor sem limites) que deverá ser editado pela Calendário de Letras nos próximos doze meses. Uma curiosidade interessante surgiu do local onde ficamos instalados, a Quinta de Crestelo (curiosa semelhança do nome) e do seu dono que era nem mais menos do que o ex-Alferes Alberto Trindade Martinho (atual professor universitário na UBI) a quem em Timor eu passara a pasta de Editor-Chefe do jornal local A Voz de Timor, há uns 39 anos atrás. Jamais nos víamos ou contactáramos neste hiato de décadas e ele acabou por ser nosso anfitrião. De serviço personalizado aprimorado, a Quinta tem várias valências desde os desportos radicais, às várias piscinas, à observação de aves e de espécies botânicas.

Uma estadia que ninguém esquecerá. Em meu nome pessoal, no da AICL, e no de todos os participantes que tiveram o privilégio de ali ficar hospedados, resta-me congratular, em especial, o dono da Quinta do Crestelo, Dr Alberto Trindade Martinho (amigo e colega de lides jornalísticas em Timor-Leste, que não via há 39 anos), a Sandra Nunes, o António e todo o demais pessoal da Quinta pelo seu afeto, cordialidade, gentileza, disponibilidade total, deferência, eficiência, zelo, atendimento personalizado, etc., que fizeram desta uma estada que jamais olvidaremos. Agradecia que este agradecimento fosse tornado público a todos os funcionários da Quinta que conosco privaram ao longo de cinco inesquecíveis dias. Bem hajam, voltaremos decerto, pois este local personifica o que entendemos por turismo de habitação em ambiente rural com todas as suas valências (que não tivemos tempo de explorar, à exceção do João Chrystello e do Henrique Andrade Constância).

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1484-20%C2%BA-2013-seia-1-slideshow-total.html>

135.4. CRISES

O resto destes meses foi passado a contemplar o abismo que se avizinha com a falta de clientes e de traduções capazes de garantir a sobrevivência económica... Não é só o país a precisar de milagres...haja saúde e boa disposição que o demais virá...como nada tenho de meu, os bancos nada me podem tirar. Dizem que ando a preparar uma depressão, mas não sei se é cavada ou mais parecida com um anticiclone como costuma acontecer por estes lados. Com o nevoeiro que está hoje nunca se sabe, ontem sábado estive um dia primaveril ou outonal conforme preferam.

Em Portugal grassa o frio e chegou a neve a alguns locais, na vizinha Sanábria está tudo branco e em Toronto também, que já andei a visitar as fotos dos amigos e amigas espalhados pela aldeia global.

A situação é drástica, mas ainda não totalmente desesperada...e há sempre uma esperança infinda...não é só este governo ditatorial e corruptamente néscio que me incomoda, é a nível global, custa ver que é igual em todo o lado e não se vislumbra ainda a saída para este dilema de vida que nos asfixia, adocece e mata. Um governo que é mero pau-mandado do grande capital sempre a fazer o que lhe mandam e de quando em vez, lança umas atoardas para cá fora a ver se pegam, ou a testar o ambiente... A última é hilariante "querem cadastrar os pais fumadores" ...nem comento... eu cá não cadastrava os fumadores mas a eles que o propuseram castrava-os e já.... Enoja tanto a política e andam todos tão saturados que eles, governantes, vão vomitando as suas leis e roubos e o pessoal já nem reage. Depois há uns energúmenos de direita que dizem que o governo foi legitimamente eleito (alto lá! Era legítimo se não tivesse introduzido exatamente o oposto do que se propôs fazer antes de ser eleito!) e eu lembro-me (vá-se lá saber porquê), do Adolfo Hitler a ser eleito democraticamente....

Um governo que à força quer acabar com a Constituição para poder fazer de forma livre e arbitrária tudo o que lhe mandam não chega a assustar, mas é premonição do que virá a seguir se deixarmos, e o povo é calmo e manso e deixa.... Já deixou antes, em nome do fim da anarquia da primeira República e depois ficou 48 anos a comer da mesma malga... O povo quer tranquilidade, paz e sossego e vai comer ar e vento em nome dessa paz complementada pelo fado, futebol e Fátima do século XXI...ou me engano ou ainda vou voltar a viver em ditadura...só que em 1972 era jovem e havia esperança, hoje estou velho e desesperançado. Termino citando este artigo de Luís Naves datado de 23/11/2013...

"Portugal é um protetorado? por Luís Naves, em 23.11.13

O texto que se segue foi publicado esta semana no site alemão Geolítico, onde chegou a estar em destaque:

A crise política portuguesa tem um curioso paradoxo: há um descontentamento universal e, no entanto, nada acontece.

Na última semana, um político de esquerda tentou lançar um novo partido, mas apenas 150 pessoas apareceram no evento. Se os portugueses não gostam da atual classe política, seria lógico que aparecessem novos grupos e novas caras. Se existe descontentamento geral, então as ruas deviam estar repletas de protestos sociais e de indignação. E, no entanto, nada acontece.

Os media estão contra o Governo, mas os dois partidos no poder continuam de forma teimosa a aparecer nas sondagens com um terço do voto potencial.

A maior formação da oposição, o Partido Socialista, parece estagnar nos 36%, com um líder que provavelmente perderia uma eleição primária no seu próprio partido, se houvesse uma. Os comunistas continuam a crescer e são a força mais coesa no espetro político, mas à custa do BE, o outro partido da esquerda. São ambos contra o memorando com a troica e têm 20% dos votos potenciais.

O vice-primeiro-ministro, Paulo Portas, usou por diversas vezes a expressão "protetorado financeiro" para descrever a situação do país.

Na minha opinião, ele poderia ter usado simplesmente a expressão "protetorado", pois esta paralisia não diz respeito apenas a dinheiro.

Na realidade, o futuro político de Portugal não está a ser discutido em público. Todos os dias, a oposição e os sindicatos apelam a eleições, mas sabendo que elas não são possíveis agora.

O governo podia ser totalmente diferente e ninguém daria por nada, porque teria de realizar as mesmas tarefas. Os ministros raramente aparecem em público e os que nunca aparecem são os mais populares.

No início do programa de austeridade, imposto pelo resgate em 2011, algumas pessoas disseram que o ajustamento era impossível no plano político.

O memorando da troica era inconstitucional, mas isso foi ignorado pelas mesmas pessoas que agora esperam que o Tribunal Constitucional consiga torpedear e afundar o programa de austeridade. Não houve alterações constitucionais, nem sequer foram discutidas, e acabar agora com o programa seria loucura, pois estamos a sete meses do seu fim e com os ALGUNS APARENTES sinais de recuperação económica.

Fogo lento. Como membro da zona Euro, Portugal teve crescimento lento durante uma década.

Ninguém teve a coragem política para fazer as necessárias reformas: pelo contrário, todos os governos deitaram dinheiro para a fogueira lenta.

Em 2010-11, Portugal estava brutalmente endividado, por isso os mercados financeiros deixaram de nos emprestar dinheiro.

Os bancos franceses e alemães eram os nossos credores, estavam cheios de obrigações do tesouro portuguesas que, em caso de bancarrota, valeriam zero.

Temendo um segundo colapso ao estilo da Lehman Brothers, os governos europeus garantiram o resgate, o que os Tratados europeus proibiam expressamente.

Vamos simplificar mais um pouco: os contribuintes alemães emprestaram dinheiro à República Portuguesa, evitando a bancarrota.

Isto permitiu aos bancos alemães a venda atempada da dívida portuguesa na sua posse e que perdera todo o valor. Esta passou para os bancos portugueses, pois estes tinham dívidas a bancos alemães.

O crédito europeu está a ser pago pelos contribuintes portugueses, com lucro para os credores.

As obrigações recuperaram algum valor e Portugal deve ser capaz de regressar aos mercados dentro de alguns meses, mas uma coisa é certa: graças aos contribuintes alemães, os bancos alemães estão seguros.

Os portugueses queixam-se muito, tinham uma dívida e o resgate salvou-os da bancarrota.

Os alemães também se queixam muito, pois salvaram os seus próprios bancos e o custo foi o de agora terem um pequeno protetorado nas costas atlânticas.

Ter um protetorado não é simples questão de posse. É preciso lidar com ele. Não é algo que se possa abandonar.

Esperar até junho

Portugal não é inteiramente soberano e o seu futuro dependerá em grande parte da Europa.

Este país não poderá ir para eleições antes de junho e não pode mudar de governo neste momento. Terá de encontrar uma forma de convencer os mercados de que pode pagar as suas dívidas. Os yields das obrigações a dez anos estão em 5,8%, mais de dois pontos acima das irlandesas.

Nos próximos seis meses deveriam baixar esses dois pontos percentuais e, se isso não acontecer, continuaremos um protetorado europeu. Até lá, não pode ocorrer nada de verdadeiramente importante.

O governo continuará a ser muito impopular, a oposição falará imenso, o país tentará tornar-se mais credível no exterior, o povo sofrerá mais cortes e mais impostos, a economia vai arrastar-se como um caracol e toda a gente será mais pobre, estará mais cansada e mais próxima do desespero.

O texto referia a situação política antes da cena das escadarias e da aula magna (policías vs manifestantes). Mantenho a análise. Julgo que estas tentativas de incendiar a situação não passam de retórica forte, embora com risco sério de cumprirem a sua própria profecia. O país tem três opções neste momento: programa cautelar, segundo resgate e saída do Euro.

Os leitores alemães continuam a escrever, nos comentários aos meus textos, que Portugal só tem uma alternativa viável, a saída do Euro. Isto corresponde provavelmente ao que pensa a opinião pública alemã e esse aspeto não é muito conhecido em Portugal.

CRÓNICA 136 OH! WHAT TO DO? 3 DEZEMBRO 2013

Dizia-me pessoa amiga, há dias, vais ver que quando menos se espera entra um maluco pelo parlamento adentro e com uma AK-47 - dessas que se vendem em qualquer esquina - desata aos tiros e depois suicida-se ou vai viver à nossa custa o resto da vida numa cadeia.... Ingenuamente inquiri, só uma pessoa? Pensei que era metade da população portuguesa. Mas devem andar todos anestesiados e passivos com o excesso de flúor na água potável e se não se precaverem vai acontecer como na Eslováquia, Hungria, França em que a extrema-direita nazi começa a tomar conta do poder com a sua xenofobia, excesso de medidas de segurança, fecho de fronteiras, intolerância.

Em Espanha preparam-se para multar quem se manifeste e já fecharam uma estação de televisão com a polícia de choque.

Nos EUA há um Estado que vai vigiar os seus cidadãos através de drones telecomandados e o exército português pediu autorização para a ciberguerra.

A ficção não consegue acompanhar a realidade enquanto um ministro japonês e a senhora que chefia o FMI clamarem que os velhos não podem durar tantos anos.... Podem começar eles a darem o exemplo e desaparecerem da face da terra...

Por toda a parte se ouvem clamores contra o Tribunal Constitucional que passa a vida a vetar decisões inconstitucionais deste governo...bem queria este governo viver sem a Constituição que jurou defender, mas ainda não conseguiram.

Se fosse no tempo da Ditadura (1926-1933) era mais fácil e foi assim que o Oliveira Salazar veio a governar sem inibições. Ditadura Nacional foi a denominação do regime português saído da eleição por sufrágio universal do Presidente da República, marechal Óscar Carmona em 1928. Durou até 1933, ao ser referendada uma nova Constituição, que deu origem ao Estado Novo. Foi antecedida pela Ditadura Militar (1926-1928). O regime saído do golpe de Estado de 28 de maio de 1926 tornou-se uma Ditadura Militar ao suspender a Constituição de 1911. Na perspetiva dos militares, porém, uma Ditadura Militar não era um Regime, sendo necessário instituir um novo regime republicano com uma nova Constituição. Na eleição direta do Presidente da República, encontraram a "legitimidade nacional" para elaborar a nova Constituição que foi submetida a referendo em 1933 - a Constituição do Estado Novo que durou até ao 25 de abril.

A caridadezinha que ora impera em Portugal leva a campanhas do Banco Alimentar que servem para enriquecer os dois grandes grupos económicos dos supermercados Pingo Doce e Continente, mas os jornais relatam que alguns dos beneficiados (na Ribeira Grande em São Miguel, Açores) deitam ao lixo o que receberam...

De acordo com estatísticas publicadas na Revista "Time", a que os americanos desperdiçam num dia, em comida, daria para alimentar todos os pobres do Planeta durante um ano.

Entretanto as medidas transitórias, excepcionais, temporárias que vieram para ficar são publicadas diariamente no Diário da República, coartando direitos adquiridos e inalienáveis, pervertendo contratos firmados há décadas e substituindo-os por uma mão cheia de nada. Assim se roubaram as pensões aos idosos que para elas descontaram e com base nisso fizeram os planos de velhice, enquanto o Estado fazia tábua rasa desses contratos e as considera uma benesse do governo.

Depois, insatisfeito com isso aumenta impostos, deduções e taxas, além de as reduzir de forma arbitrária. Por outro lado, não se cansa de exortar os jovens a emigrarem pois assim se reduz o desemprego jovem no país.

O outro desemprego não parando de crescer, vê os seus apoios e subsídios cortados até que as pessoas os percam e possam ir para a miséria total, e se transformem todos em sem-abrigo que é a isso que o governo nos destina.

Enquanto isso, o governo continua a fechar serviços no interior, a dilapidar o serviço nacional de saúde, a ver se os velhos morrem todos e reduzem a pressão no pagamento de pensões, mas é uma chatice que estes velhos são durões e não há meio de morrerem. Mesmo sem tratamentos, nem medicamentos nem hospitais eles continuam a respirar...enquanto as penhoras não cessam de crescer, automaticamente as pessoas perdem casas, vencimentos, contas bancárias e os velhos que ajudavam os mais novos veem-se assim impossibilitados de manter viva a cadeia solidária das famílias.

Há dias houve uma manifestação das policías portuguesas que subiram as escadarias do parlamento, quinze dias depois o ministro vem anunciar promoções na carreira (estão congeladas em toda a função pública vai para três anos). Claro que é apenas um osso que permita a essas mesmas policías carregar sobre qualquer manifestante que tente subir as escadarias do parlamento.

Nas televisões e jornais de há uns anos a esta parte a técnica de desinformação e lavagem cerebral é a do medo constante, o anúncio de coisas horripilantes para entreter, enquanto se introduzem medidas que acabam com todo o Estado Social, com as réstias de democracia que teimam em perdurar...e o medo alia-se aos despedimentos e as pessoas comem com medo, dormem com medo, sonham com medo e acordam com medo. Incapazes de reagir, incapazes de fazer algo mais que não seja queixarem-se publicamente no Facebook e outras redes sociais.

O idoso Mário Soares e outros militares do 25 de abril proclamam a necessidade de se fazer pela força o que as manifestações pacíficas não conseguem..., a democracia é assim, e nunca se esqueçam de que foi assim que Adolf Hitler foi eleito. A mentira, a manipulação permanente, os negócios e negociatas com amigos e conhecidos que nem constam dos livros de corrupção, os desfalques e golpes para o erário público pagarem, a impunidade, o conluio entre os tribunais e os poderosos leva a que um jovem acusado de roubar (não pagar) 31 Euros de pizza tenha direito a julgamento com 3 juízes e a ameaça de uma pena de 8 anos, enquanto outros crimes maiores ou prescrevem, ou levam com uma penas suspensas, ou pura e simplesmente nem são julgados. Tudo é legítimo desde que seja roubar em proveito próprio, da banca que os alimenta e dos interesses que os manipulam como títeres.

Civilizações caíram por menos do que isto, mas esta está a demorar o seu tempo e quando cair não será apenas Portugal, nem a Europa nem os EUA, mas todo o mundo ocidental como o conhecemos.

Novas formas de barbárie e de escravatura vão sendo reveladas por entre notícias de xenofobia, discriminação e outras aberrações.

Tudo isto me lembra (PARA PIOR) histórias contadas na minha juventude pelo meu pai referindo-se ao período que antecedeu a segunda guerra mundial.

Este capitalismo selvagem não só ameaça destruir a raça humana como o resto do planeta. Não foi há muito tempo que esse símbolo capitalista que é o executivo chefe do conglomerado Nestlé, como podia ter sido o da Coca-Cola ou outro, dizia ser necessário privatizar a água de todo o mundo...claro que eles tomavam conta dela e o povo comprava. Sabe-se que a água é o bem mais essencial do século XXI com milhões de pessoas sem acesso ou com acesso limitado a esse bem...

Em Espanha já perseguem os cidadãos que criam as suas redes domésticas de energia seja solar ou não, como uma grave infração ao monopólio - oligopólio do fornecimento de energia elétrica.

Num Estado qualquer dos EUA um casal viu destruída a sua horta que mantinha gloriosamente há 17 anos no jardim da casa por ser contrário à política municipal...

Os ricos e poderosos compram tudo e todos a começar pelos políticos, só nos EUA há 400 bilionários que valem 32 triliões de dólares ou seja tanto como 150 milhões de americanos juntos.

Nunca se viu tanta desigualdade em mais de um século e toda fruto da corrupção. Mais tarde ou mais cedo em Portugal e na Europa, será eleito um governo que tenha a coragem de um ato soberano democrático, recusando a chantagem de austeridade e desobedecendo às regras europeias que bloqueiam tudo menos o neoliberalismo.

Hoje há pessoas pagas pelos partidos, não duvido, para colocarem comentários críticos nos jornais on-line e nas redes sociais para quem critica os partidos, os governos e as suas políticas. É a prova que estão em total descrédito e que receiam uma opinião séria e responsável. É Portugal que está em causa, o nosso futuro como povo independente e soberano, não podemos ficar em silêncio quando os partidos, as sociedades secretas e não tão secretas que os sustentam se limitam a liquidar o país, em saldo, até que nada mais reste.

Noutra onda, surgem relatos de "chemtrails", ou seja, aquelas nuvens esquisitas que duram uma eternidade e lembram rastros de aviões a jato que despejam nanopartículas de alumínio que pode ser responsável pelo surgimento de doenças neurodegenerativas como Alzheimer, Parkinson, Lou Gehrig (ALS). Esta forma de geoengenharia destinada a mudar o clima, a criar chuva e coisas semelhantes existe há muitos anos, mas não estava então na esfera da CIA, NSA e outras agências norte-americanas de segurança nacional... Se estas técnicas reduzem o aquecimento da atmosfera e aprisionam gases quentes a atmosfera, será bom recordar que o fazem com óxidos de metais de elevada emissão e baixa refletividade como o óxido de alumínio. (pode ler mais aqui <http://www.collective-evolution.com/2013/11/01/neurosurgeon-voices-health-concerns-over-geoengineering-and-chemtrails/>)

E há uma pergunta que gostaria de deixar a todos enquanto os poderosos tentam eternizar a crise para se manterem no poder e retardar a revolução....

Mas fica para outra vez.

CRÓNICA 137, A SOCIEDADE DA SOLIDÃO (1/2014) 5 JULHO –

Começo com a constatação do dia: o ateísmo não preclui a aparição de dores nas cruzes. A contestação do dia é a mesma de sempre, fim ao capitalismo selvagem que, aliado ao eugenismo e malthusianismo decidiu estragar ainda mais este mundo em que vivo, vai para 65 anos. O proverbial otimismo consubstanciado na celebrada frase minha "se estou vivo, não me queixo," infelizmente já começa a demonstrar sinais de extrema fadiga, que já não podem ser atribuídos ao inverno rigoroso que se abateu sobre os Açores.

A continuada crise de saúde na família tem minado tal otimismo, já de si abalado pelo "passe-vite" governamental que a todos espreme, a fim de proporcionar aos donos do mundo uma paste disforme de carne picada, de escravos sem voz nem querer na qual me não revejo. Sempre trabalhei, fui criador e produtivo. Creio na justa remuneração e não neste alinhamento pelo menor denominador comum. Creio que os improdutivos e incompetentes deveriam ser obrigados a terem formação pessoal e profissional adequada e só depois disso deveriam ser dispensados, em vez de se manterem gestores, professores e políticos improdutivos e néscios. Perguntará o leitor menos esclarecido por que razão incluo professores nesta citação, correndo o risco de repetir a mensagem que deixei nos livros Crónicas nascidos destas crónicas: os professores, capazes, bem formados e competentes, são a única base sustentável de um povo democraticamente esclarecido e produtivo. Sem educação não há país. Sem eles criaremos, cada vez mais, ditaduras de países irrelevantes, por mais importantes que aparentem ser no dia-a-dia. Pequenos e irrelevantes países de gente inculta e ignorante predestinada à escravidão.

Uma das razões pela qual deixei a prosa descansar nos longos meses de hibernação deve-se ao facto de não ter digerido bem a constatação de que a realidade virtual em que vivemos há muito excedeu a ficção e os efeitos especiais com que nos bombardeiam diariamente para nos fazerem crer que afinal existimos. A realidade, porém, é outra, (seria mesmo cómica se não fosse trágica). Vejamos:

137.1. MONSANTO ACQUIRES RIGHTS TO THE SUN

CREVE COEUR, MISSOURI, June 30 — in a ground-breaking move, Monsanto, a multi-national biotechnology corporation, acquired rights to the sun in a 5-4 decision by the U.S. Supreme Court.

The decision, led by Clarence Thomas, was hailed by Monsanto President and CEO Hugh Grant as "good news for food producers, food consumers, and the future of humanity."

Monsanto is known worldwide for its Roundup brand, an herbicide that works in conjunction with genetically engineered seeds.

The decision allows solar energy used by Monsanto-crop farmland — including solar panels, wind turbines and the like — to be taxed at a rate of 10% per kilowatt hour.

Approved in an unprecedented three months, the law will go into effect January 1, 2013. Companies, organizations and individuals currently using Roundup products will receive one free year of sunlight before the 10% tithe is active.

According to the new regulation, any action to "store, reuse or redirect" sunlight will be a prosecutable offense unless authorized by Monsanto.

Failure to comply with the law may result in a visit by Monsanto's secretive "Watt" Police. Monsanto typically uses lawsuits or the threat of lawsuits to bring compliance.

"We feed the world," Grant says, "anyone caught stealing sunlight from us is stealing food from the mouths of millions."

Falta perguntar a que divindades pagaram eles esse direito universal, depois de terem patenteado a vida, de inserirem genes na nossa cadeia alimentar e agora raptarem o sol de que depende toda a vida na Terra, para o calor e a fotossíntese. Os EUA já se tinham declarado donos da Lua, agora esta companhia que nos mata e geneticamente nos reprograma em todos os cantos do mundo quer tomar conta do sol?

137.2. A DOR DO ABANDONO...

Há dias, António Quintela transcreveu um texto que aqui adapto:

Era uma manhã de sol quente e céu azul, quando o caixão contendo um corpo sem vida foi baixado à sepultura. De quem se trata? Quase ninguém sabe. Poucas pessoas acompanham o féretro. Ninguém chora. Ninguém sentirá a falta dela. Ninguém para dizer um adeus ou até breve.

Depois de o corpo desocupar o quarto do asilo, onde aquela mulher passou boa parte da sua vida, a responsável pela limpeza encontrou numa gaveta ao lado da cama, umas anotações.

Um diário sobre a dor... a dor que sentiu por ter sido abandonada pela família num lar para idosos... Talvez o sofrimento fosse muito maior, mas as palavras só permitiram extravasar uma parte desses sentimentos, gravados em algumas frases:

Onde andarão meus filhos? Aquelas crianças sorridentes que embalei no meu colo, que alimentei com o meu leite, de que cuidei com tanto desvelo, onde andarão?

Estarão tão ocupadas? Talvez não me possam visitar, nem ao menos para me dizerem olá, mãe?

Ah! Se soubessem como é triste sentir a dor do abandono...

A mais deprimente solidão... Se ao menos pudesse caminhar... Mas dependo das mãos generosas destas moças que me levam todos os dias para tomar sol no jardim... Jardim que já conheço como a palma da minha mão.

Os anos passam e os meus filhos não entram por aquela porta, de braços abertos, para me envolver com carinho...

Os dias passam... E com eles é a esperança que se vai... No começo, era a esperança que me alimentava, ou eu a alimentava, não sei... Mas, agora...

Como esquecer que fui esquecida?

Como engolir esse nó que teima em ficar na minha garganta, dia após dia?

Todas as lágrimas que chorei não foram suficientes para desfazê-lo... Sinto que o crepúsculo desta existência se aproxima...

Queria saber dos meus filhos... Dos meus netos... Será que ao menos se lembram de mim? A esperança, agora, parece estar atrelada aos minutos... Que a arrastam sem misericórdia... para longe de mim...

Às vezes, em sonhos, vejo um lindo jardim, que transcende os muros deste albergue e se abre em caminhos floridos que levam a outra realidade, onde braços afetuosos me esperam com amor e alegria...

Mas, quando acordo, é a minha realidade que vejo... Que vivo... Que sinto... Um dia alguém me disse que a vida não se acaba num túmulo escuro e silencioso...

Que a vida continua após a morte, de uma outra forma... Mas com certeza a minha matéria, a minha mente, o meu eu dessa vida que vivo agora, com o nome que tenho... Nunca mais existirá!

E quando a morte chegar, só restará a saudade que com o passar do tempo se ameniza... (se é que alguém vai sentir saudade de mim, já que não sentem enquanto ainda estou viva neste asilo...)

Sinto que a minha hora está chegando...

Depois de partir, gostaria que alguém encontrasse estas minhas anotações e as divulgasse.

E que elas pudessem tocar os corações dos filhos que internam seus pais em asilos, e jamais os visitam...

Que eles possam saber um pouco sobre a dor de alguém que sente o que é ser abandonado...

Pensai que a cada pai e a cada mãe Deus perguntará: O que fizestes do filho confiado à vossa guarda?

E aos filhos: O que fizestes aos vossos pais?

AMO OS IDOSOS.



137.3. VEJO MUITA GENTE SÓ.

Também recentemente escrevia Miguel Gameiro:

Nas ruas, nos cafés, nos supermercados... gente anónima, discreta, que se esconde nos cantos do silêncio porque simplesmente já não está lá ninguém para as ouvir. Gente que ansiosamente procura um olhar direto, apenas para uma conversa de circunstância... um minuto de companhia... pode ser sobre o tempo, o futebol ou sobre a reforma que desapareceu...

Gente que se tornou fria, rude, porque a vida se encarregou de lhes tirar o resto. Os filhos que tiveram de partir à procura de um futuro, os outros que ficaram, mas que não querem saber... a solidão é uma merda.

A verdade escamoteada é que andamos todos sós e olhando em volta não há mais ninguém, só a nossa imensa solidão, que nos consome até darmos conta de que a história narrada podia bem ser a nossa autobiografia.

E não é única, nem um caso isolado. Repete-se em todos os pontos do globo com uma cadência, cada vez mais ritmada, pontuada, aqui e ali, pelo telejornal que dá conta de mais um/a idoso/a descoberto apodrecido no seu lar, meses após a sua morte.

Que sociedade injusta e impiedosa vi crescer enquanto mantive os princípios sagrados de família que os meus pais me inculcaram, tal como antes os meus avós, bisavós e trisavós tinham feito.

Será que os esforços de séculos de todos os meus antecessores na família vão terminar com esta geração. Seremos nós os últimos dos que ainda se preocupam, amam e cuidam dos seus?

Onde teremos falhado se inculcamos os mesmos valores com que fomos criados? Agora que já ninguém os segue nem lhes presta atenção...

Escrevi num dos livros Crónicaçores:

Animais de hábitos, repetimos percursos e tradições que nos permitam qualificar na classe em vias de extinção, a dita família. Já na Austrália me queixava de desgostar de 3% do que me rodeava, que era a falta de vínculos familiares da maioria das pessoas, mas deparo-me hoje, em Portugal, com idêntica evolução, o dito progresso, que a todos consome e derrama gotas de ácido corrosivo em tecidos centenários que gerações perpetuaram, umas atrás das outras sem se questionarem.

Portugal sempre teve esta tendência suicida de copiar tudo o que de mau vem de fora.

Enquanto isto os países da Lusofonia (CPLP) sempre sedentos de protagonismo pelas piores razões avançam para admitir no seio de observadores a Guiné Equatorial (ex-espanhola) em troca dos seus petrodólares, esquecendo décadas de tortura. Que importam as torturas¹²⁷ se eles prometem vir a falar Português? Esta a mensagem subjacente sem jamais mencionarem a pátria galega de onde nasceu a língua que falamos, para não ofenderem os reizinhos de Espanha e o seu projeto aglutinador de nacionalidades, naquilo a que se convencionou chamar o Reino de Espanha e mais não é do que o feudal castelo de Castela? Os galegos não podem entrar na CPLP, ainda não descobriram petróleo embora já falem português. De nada serviram os esforços da AICL e dos seus Colóquios da Lusofonia desde 2010? (ver crónica 110). Como republicano australiano resta-me repetir «God “Shave” the Queen» e esperar o mesmo desta CPLP que repudio e à qual não quero pertencer. Não serei só eu, mas somos poucos, insuficientemente poucos, capazes de se orgulharem das suas raízes ancestrais de língua e cultura. O dólar (ou outra qualquer divisa) fala sempre mais alto.

137.5. COCAÍNA NO SUPERMERCADO. ESTE POVO NÃO PRESTA

E enquanto me preocupava com este problema, capaz de acelerar o crescimento de cãs na minha fronte, cada vez mais desnuda de apêndices capilares, descobriu-se por todo o país que as bananas do hipermercado Lidl estavam embaladas com enormes doses de cocaína, o que provocou enorme frémio e genica à afamada Dona Firmina.

*Sinto-me cheia de energia hoje, cacete!
Fui ao Lidl cedinho, trouxe bananas porque estava tudo a comprá-las e comi uma no caminho.
Depois fui ao mercado, à peixaria e ao sapateiro e estou em casa agora.
Vou fazer o almoço, aproveito e faço já o jantar, o almoço de amanhã e se calhar deixo já preparada uma marinada para o fim de semana.
Enquanto as batatas cozem aproveito e tricoto uma camisolinha para o meu neto.
E tenho ainda tanta coisa por arrumar, hoje vai tudo a eito.
Lavar os tetos, arredar móveis e bater tapetes.
Está um belo dia para atividades do lar.
Vou comer mais umas bananas que são mesmo boas...*

Quase em simultâneo o meu amigo José António Salcedo escrevia:

*Pelos montes do Gerês ecoam as músicas pimba emanadas das capelas com instalações sonoras potentes, numa manifestação inadmissível de imbecilidade coletiva, embora as gentes locais possam imaginar que é abençoada pelos seus deuses.
Como gosto de referir, "A delusion is a delusion".
Imagino que o volume do som seja ajustado tendo em conta a elevada distância que as superstições locais consideram existir entre cada capela e o 'céu' onde pretenderão ver os deuses a dançar.
Por mim, imagino os deuses com rolhas enfiadas nos ouvidos e faço planos para o meu regresso à Noruega, onde o silêncio e a limpeza em Natureza são valores essenciais da sociedade, contrariamente ao que ocorre no Minho, onde nem uma coisa nem outra são apreciadas e, muito menos, mantidas.*

Como concordo, citarei agora Zack Magiezi:

"Causa mortis: traumatismo craniano. Fruto de mergulho profundo em pessoas rasas."

Seria esta a mensagem lapidar para o povo deste país que apesar da educação se ter massificado continua generalizadamente ignorante, inculto e abúlico como já Eça de Queirós o definia há mais de cem anos:

*Acabava de entrar o ano de 1872.
O ano novo interrogava o ano velho.
- Fale-me agora do povo; pedia o ano novo.
- É um boi que em Portugal se julga um animal muito livre porque não o montam na anca e o desgraçado não se lembra da canga; respondeu o ano velho.
- Mas esse povo nunca se revolta? Insistia o ano novo espantado.
- O povo às vezes tem-se revoltado por conta alheia. Mas por conta própria, nunca; respondia o velho.
- Em resumo, qual é a sua opinião sobre Portugal? Numa derradeira questão.
- Um país normalmente corrompido, em que aqueles mesmos que sofrem não se indignam por sofrer.*

Este diálogo deve-se a Eça de Queirós, o mesmo que escreveu sobre o Portugal de então:

O povo paga e reza. Paga para ter ministros que não governam, deputados que não legislam (...) e padres que rezam contra ele. (...) Pagam tudo, pagam para tudo. E como recompensa dão-lhe uma farsa.

Estávamos, então, em 1872. Estamos a falar evidentemente do povo português. A "raça abjeta" congenitamente incapaz de que falava Oliveira Martins.

Este povo refinado, obtuso, que se arrasta subjugado, sem lamúrias (a não ser à mesa do café enquanto vê o futebol pois a crise não lhe permite ter TV Sport em casa), sem um lamento, sem um gesto de rebeldia, tão pouco de raiva (nem que seja surda) e muito menos de revolta. Um povo que se deixa levar, indiferente e passivo, por políticos sem escrúpulos, mentirosos congenitamente compulsivos, e por múmias silentes, em estado adiantado de decomposição mental, rodeadas de pompa e circunstância e dezenas de servís conselheiros pagos a preço de outro para bajularem. Afinal, a solução dos seus problemas poderia ser bem simples, a desobediência civil que deitaria abaixo esses castelos de cartas nas nuvens tal como Miguel de Vasconcelos caiu pela janela.

Miguel fizera, o que é narrado na história do país (mas poucos conhecem) desde tempos imemoriais, em crise, alinha-te com o vencedor.

Assim foi sempre, nas milhentas guerras com o reino de Castela, com a subjugação à douta inquisição e no silêncio cúmplice do salazarismo.

Os pobres (de espírito) alinhavam sempre com os que pareciam ter o poder e assim os legitimavam. Sempre comeram e calaram, gratos pelas migalhas, ou moedas que os senhores feudais jogavam pelas seteiras do castelo quando a turba suplicava por tais migalhas para enganar a fome. Este povo inventou a padeira de Aljubarota, a Maria da Fonte, a Velha da Ladeira (guerras liberais, em São Miguel, nos Açores) e outras figuras lendárias para escamotear o facto de se tratar de uma população perenemente amodorrada e crassa, capaz de aceitar todos os sacrifícios. Basta atentar na lenda das tripas na defesa de Portucale. Povo de chapéu na mão, e espinha dobrada até a fronte beijar o chão que os senhores feudais, que sempre o espoliaram, pisam, antes de recuarem, gratos e venerandos pelas migalhas, bendizendo a generosidade dos seus donos. Eu vivi nesse país, nesse "sítio" de que falava Eça, nessa "piolheira" a que el-rei Dom Carlos se referia (um país de bananas governado por sacanas), também eu fui governado por gente como o douto Conde de Abranhos "Eu, que sou o governo, fraco, mas hábil, dou aparentemente a soberania ao povo. Mas como a falta de educação o mantém na imbecilidade e o adormecimento da consciência o amolece na indiferença, faço-o exercer essa soberania em meu proveito ..." Ontem como hoje. O verdadeiro esplendor de Portugal.

É por estas e outras que eu e tu, meu caro José António Salcedo, seremos sempre parte intrínseca de uma elite pensante e culta, em total desacordo com quem vota os destinos do país e não adianta uma pessoa queixar-se. Se os ateus - como eu - têm dores nas cruces, não devemos dizer "a culpa é do tempo". O tempo está bom, nós é que estamos mal... Ah! Esta eterna mania portuguesa de culpar sempre os outros. Por outro lado, é verdade que não nos devemos autodiagnosticar

127 <http://t.co/B4o64lom5m>

com baixa autoestima ou depressão quando estamos rodeados por idiotas. É como aquela alegoria de que toda a gente fala de amor, mas poucos sabem amar...e é isso que nos falta hoje em dia, a capacidade de amar, a capacidade de acreditar (em nós apenas, que dos outros sabem eles). Sabes, José António (Salcedo), isto das Festas e da fé, é um assunto complicado e mesmo sem música pimba – atualmente indissociável das mesmas – é um tormento.

PS: quando cheguei aos Açores, há uma década, analisei assim o que aqui se passava em termos de Festas religiosas (respigado de CrónicaAçores, uma circum-navegação, volume 2) como se pode ler em [Crónica 21](#).

CRÓNICA 138, DA SOCIEDADE DA SOLIDÃO ÀS MEMÓRIAS PROTETORAS DA JUVENTUDE, (1/2014) 5 JULHO –

138.1. CONFLITO DE GERAÇÕES

Vimos na anterior crónica como se vive numa sociedade alienada em que as pessoas não passam já de meros algarismos nos logaritmos de riqueza das elites dominantes. Este é o atual confronto geracional entre os princípios em que uma pessoa cresce, a análise fria da realidade circundante, e a constatação de que nada é como era. Os princípios que sustentam a casa das nossas vidas deixaram de ser moeda corrente para a maioria da população. Os anos passaram e tememos os novos paradigmas, sinal evidente de envelhecimento, da insegurança, quando os filhos e os netos não nos dão a sensação de amparo que sempre déramos aos nossos pais e avós. É o tal conflito de gerações exacerbado por um extraordinário crescimento tecnológico que muitas vezes o cérebro e o coração nos impedem de acompanhar.



Tememos ficar para trás, sermos descartados. Há quem fale em mudança de paradigma económico (Ministra da Economia de Portugal, julho 2014) pretendendo, simplisticamente, significar alterações que diminuem direitos humanos e laborais. O verdadeiro paradigma proposto pelo Papa Francisco, é radical: quem está desempregado, perde a dignidade humana. Esquecidos, porém, estão os veteranos de guerra desempregados e com doenças físicas e mentais cujo custo de tratamento é bem superior ao das guerras em que tomaram parte. É este o mundo cão em que vivemos. Um mundo em que a imprensa passou a entreter em vez de informar e onde o voyeurismo impera, lado a lado com a impudicícia, em que tudo é legítimo com vista à obtenção de uma qualquer mais-valia nem que seja um copo à borla (veja-se adiante a recente divulgação de uma prática abjeta de aviltamento e degradação).

138.2. PENSA QUE JÁ VIU TUDO? THINK AGAIN.

El "mamading" se instala en Magaluf - www.mallorcadidiario.com - La zona de Magaluf es un epicentro de juerga y desmadre de jóvenes turistas que durante el verano se instalan en el núcleo turístico de Calvià para pasar unas inolvidables vacaciones.

La zona no deja de inventar formas de atraer más y más jóvenes y este año se ha instaurado una nueva modalidad en los bares de la zona de Magaluf. Es el "mamading". Una práctica que lleva a las mujeres a realizar un concurso por el que deben hacer un número determinado de felaciones a los hombres presentes en el bar/discoteca en un mínimo de tiempo. La que consiga sumar el número mínimo de éstas consigue barra libre en el local durante todo el tiempo que duren sus vacaciones.

mallorcadidiario.com ha podido acceder a uno de los vídeos grabados durante uno de estos "concursos" en el que se puede observar como una joven se desplaza por el local en busca de hombres a los que practicar una felación con la que conseguir sumar el número que le han solicitado para así poder acceder a todo el alcohol que quiera durante su estancia en Mallorca. Según informaciones recogidas por mallorcadidiario.com, esta es una práctica que se está extendiendo de forma vertiginosa por varios locales de los que este digital conoce las identidades ya que no es una nueva modalidad que lleve a la práctica un sólo local.

138.3. RECORDAR TORGA

Do mundo em que li e cresci assomam à memória estas palavras de Torga:

Coimbra, 5 de julho de 1949 –

Dizer tudo. Contar tudo. Passar para o papel a verdade inteira, sem deixar dentro da alma o mais pequeno segredo.

No artista, até as contas do alfaiate interessam». Estes críticos esquecem-se de que os escritores são homens. Julgam que somos máquinas de varrer as imundícies dos outros e as nossas.

Dizer tudo, dizemo-lo nós, duma maneira ou doutra. Mas dizemo-lo como queremos, numa confissão que não tem direção, nem regras.

Um escritor como Eça de Queirós, o mais pudico dos nossos artistas – tão pudico que até as inofensivas intimidades da sua vida cobria dum véu literário –, não teria dito tudo? Ficaria dele algum segredo escondido? Alguém precisa ainda de saber mais?

Miguel Torga, Diário V

138.4. EÇA

Por seu turno, Eça de Queirós propôs-se a fazer um inquérito à sociedade portuguesa, "pintando-lhe cruamente e sinceramente o feio e o mau, e não podendo na sua santa missão da verdade ocultar detalhe nenhum por mais torpe". À semelhança do que Gil Vicente fizera há alguns séculos, o inquérito queirosiano tinha como finalidade criticar a sociedade para a corrigir. É o próprio autor que afirma:

"O que eu quero fazer é dar um grande choque ao porco adormecido (refiro-me à pátria). Você dirá: qual choque, ingénuo?! O porco dorme; podes-lhe dar quantos choques quiseres nos livros, que o porco há de dormir! O destino mantém-no na sonolência e murmura-lhe: dorme, meu porco."

Apesar desta incredulidade, Eça não desistiu de fazer o inquérito, de "dar o choque ao porco". A isto se entregou de 1871 a 1888. Depois havia de desistir. No entanto, Eça de Queirós esteve longe de fazer um inquérito frio, sereno e objetivo à sociedade portuguesa. O seu contacto com o estrangeiro levou-o a dizer mal, por sistema, da sociedade portuguesa.

Era tamanho o pessimismo que revelava, que João da Ega, em *Os Maias*, chega a afirmar que Portugal só poderia endireitar-se com uma catástrofe que tudo arrasasse.

Por outro lado, os valores defendidos pelo autor são muito discutíveis, uma vez que é anticlerical e vai analisar a vida do clero segundo este prisma; a propósito dos problemas da família, não acredita na virtude das esposas de maridos ricos e considera que a mulher só tem um destino: dona de casa ou mulher de prazer; estava convencido da incompetência dos governantes, que considerava ou corruptos ou apáticas. Para além disso, Eça tinha a perfeita noção de que o público só compraria os seus livros se fossem atrevidos ou escandalosos. Por último, a sua carreira política afastou-o da sua terra pátria, pelo que teve muito pouco contacto com a sociedade que pretendia fotografar.

É o próprio que afirma:

"Convenci-me de que um artista não pode trabalhar longe do meio em que está a sua matéria artística... Eu não posso pintar Portugal em Newcastle".

N'O Crime Do Padre Amaro, mostra-nos um ou outro esfomeado [do povo] que se cruza nos passeios das ruas com os bem instalados na vida. Os ricos insultam-nos e eles desaparecem envergonhados, como se não lhes fosse permitido pisar a mesma terra das classes mais abastadas.

N'O Primo Basílio, a criada Juliana é examinada com certa minúcia, mas qualquer outro popular que surja na literatura queirosiana é apenas enquadrado no meio das pessoas burguesas e é por elas manejado.

N'Os Maias critica Eça a alta sociedade lisboeta, apontando o dedo à incompetência dos ministros, à influência dos endinheirados sobre jornalistas, literatos e políticos, à vaidade ridícula dos titulares e à falta de princípios morais das mulheres da alta sociedade e dos elegantes parasitas que as rodeiam. Começa por nos mostrar como é estéril a educação portuguesa ministrada aos meninos da alta sociedade para depressa nos mostrar como o meio lisboeta é capaz de degenerar até os que, como Carlos da Maia, usufruíram de uma educação inglesa. Banqueiros, políticos, têm uma visão muito limitada dos respetivos interesses e os intelectuais, ou os vê contaminados pelo meio, ou erram desorientados, incompreendidos e até comprometidos financeiramente. E não fazem nada. Os da velha escola causam náuseas ao público evoluído. Os das ideias progressistas veem ruir um a um, todos os seus projetos.

Curiosamente escrevi eu em 1971 que a solução para Portugal, naquele estertor da ditadura do Estado Novo, numa primavera marcelista estiolada, era termos um tremor de terra maior do que o cataclismo de 1755, que não deixasse pedra sobre pedra, para nos ser possível, a nós, jovens, reconstruir tudo do nada. Tábuas rasas de onde pudéssemos criar as nossas utopias. Ainda hoje acredito na maior parte delas...e o terramoto ainda não chegou. O país ainda mantém muita da sua inolvidável beleza, que a natureza lhe deu, mas o povo continua a ser um óbice tão grande como os ineptos que sempre o comandaram.

E queixa-se, no paraíso do Gerês, o Zé António Salcedo da música pimba misturada nas Festas com cultos religiosos, nas Festas paganizadas que a Igreja patrocina do Minho aos Algarves e ilhas? Partimos de uma mesma base educacional da qual ainda não abdicamos hoje, a de que só com muito trabalho, dedicação e perseverança se atingem as metas a que nos propomos, discordamos de muita coisa, (em especial nos meios e instrumentos para se atingirem idênticos fins que propugnamos), mas concordamos em muitas outras. Temos vivências e experiências diferentes, países adotados em moldes distintos, mas une-nos este desejo insanável de termos um país que nos mereça. E não interpretem mal esta afirmação.

O estilo é uma maneira muito simples de dizer coisas complicadas. (Jean Cocteau)

Ainda há dias tive o gratificante prazer de me reunir com a embaixadora australiana que veio a São Miguel e queria congratular-me pelo meu trabalho confidencial de tradução que tinha ajudado a Austrália a garantir um lugar no Conselho de Segurança da ONU. Fiquei honrado por este reconhecimento da minha modesta contribuição pessoal e um sorriso aflorou aos meus lábios. Nunca devo ter feito nada por Portugal (nem mesmo pela sua língua e cultura, de que são exemplo 22 Colóquios em 12 anos) ...

Regressando ao tema inicial destas duas crónicas... Quando se fala de Festas populares lembro-me sempre das recordações de infância atrás revividas autobiograficamente (ver [crónica 58](#)).

Ainda hoje imaginava na Lomba da Maia, na rural costa norte da ilha de S. Miguel nos Açores, que o mundo ia acabar, fosse por que razão fosse (desde um tsunami avassalador, a uma explosão atómica, à queda de um asteroide) e ninguém na pacatez de vacas leiteiras se aperceberia disso. Não é que tivesse grande importância para as suas vidas, a não ser aquela derivada de alterar o ritmo secularmente lento e repetitivo das suas vidas. Era mais uma chatice a obrigar a uma nova promessa ou uma nova ida com os romeiros à volta da ilha para persignar pecados velhos em troca de penitência.

CRÓNICA 139, A INCOMPETÊNCIA DAS LEIS, 8 JULHO 2014

Estou menente com uma notícia da RTP Açores sobre uma infestação de ratos na ilha Terceira. Uma casa foi abandonada há mais de dois anos, o seu dono morreu nela, deixou de a pagar ao banco e estes executaram uma penhora que está a decorrer o seu curso nos tribunais. O cão que lá vivia, continua a vaguear na entrada da casa sendo alimentado pelos vizinhos, mas a casa abandonada (esperamos que já tenham retirado o defunto de lá de dentro) passou a ser um enorme viveiro de ratos, que ameaçam a saúde na área. Os vizinhos queixam-se, o presidente da Junta de Freguesia manifesta a sua impotência perante a lei, os serviços de saúde negam a possibilidade de intervenção numa propriedade privada, apesar do perigo para a saúde pública. Andam assim as coisas de Herodes para Pilatos, vão a Roma e voltam, sem que nada seja feito pois nenhuma das entidades tem autoridade ou competência para agir face ao estipulado na lei... e a lei como devem saber, é para se cumprir escrupulosa e rigorosamente.... Pena é que estas autoridades nunca pensem na lei, quando alteram o PDM (Plano Diretor Municipal) para construírem o que bem entendem, ou para receberem senhas de presença a que não têm direito, como é o caso, atualmente, de vários autarcas dos Açores, a contas com a justiça para devolverem esses montantes indevidamente recebidos. Os intervenientes neste caso podem nem ser os mesmos, nem terem alterado em total desrespeito com a lei nenhum PDM.

Podem até nem ter recebido indevidamente nenhuma senha de presença, mas a realidade serve aqui para ilustrar como são diferentes as atitudes quando se trata de beneficiar os seus (familiares, clientes, amigos e compadres) - ou os próprios - ou quando se trata do bem comum de uma pequena zona de uma freguesia. Poder inferir-se daqui que há fregueses de primeira ou de segunda..., mas, entretanto, os ratos continuam lá até que a justiça popular faça justiça pelas suas próprias mãos, tomando conta do cão e exterminando os ratos. Pena é que noutros campos da vida em Portugal se não faça o mesmo, matando as ratazanas que são um perigo para a saúde de milhões de portugueses e se alimentem os

cerca de 4,5 milhões de pessoas que não comem o suficiente e dos quais mais de dois milhões vivem na pobreza. Não deve haver raticida que chegue e as autoridades alertam que só podem intervir em caso de eleições... lembrem-se disso quando forem votar!

CRÓNICA 140, O SILÊNCIO DA COBARDIA CÚMPLICE, 27 JULHO 2014

Tinha prometido não voltar a escrever prosa sobre o mundo louco que me rodeia. A realidade, essa há muito que ultrapassou a ficção das séries e filmes televisivos. Fico sempre com a sensação de que, com esta minha visão para além do túnel, se for prever alguma coisa, o futuro se encarregará de exceder todas as minhas previsões. Todas as minhas previsões foram largamente excedidas em menos tempo do que leva a escrevê-las. A recente guerra de extermínio na Palestina, vulgo Faixa de Gaza, é disso mais um exemplo cruel.

Mas são tantas as que ocorreram desde que nasci que creio que daqui a outro tanto, ou seja, daqui a sessenta e cinco anos ninguém se lembrará desta. Terá sido apenas mais uma.

Richard Zimler, esse autor norte-americano de extração judaica, radicado em Portugal, escrevia há dias que o primeiro-ministro israelita (Netanyahu) estava a assegurar-se (e a garantir) que novas futuras gerações de palestinos pudessem continuar a odiar os judeus e assim se perpetuava a ameaça para Israel. Sem esse ódio acicatado, Israel não teria justificação para continuar o seu genocídio.

Uma espiral de violência e ódio que se pretende perpetuar para justificar ações injustificáveis, com resultados imediatos em França (entre outros lugares) onde sinagogas e lojas judaicas foram vandalizadas e queimadas. Só que com a informação instantânea que a Internet ora permite, o que se viam eram crianças mortas na Palestina. Não importa se eram usadas como escudos humanos pelos terroristas do Hamas.

Afinal, em África, seja na Nigéria ou em qualquer outro recanto do continente negro, há muito tempo existem exércitos de jovens a espalhar o terror.

Claro que os alvos a abater pelas armas de destruição israelitas eram hospitais e outros locais normais de abrigo, mas também há muito que se sabe as igrejas deixaram de ser locais de abrigo quando fanáticos islâmicos as incendeiam e queimam os cristãos em tantos países africanos, longe dos olhares das televisões e dos meios de comunicação, tal como os indonésios fizeram em Timor Leste.

De uma forma geral o mundo nada fez, nem fará, para parar esta e outras mortandades. Acontecem sempre longe do quintal de cada um, e sempre houve guerras entre árabes e israelitas.

Ao mesmo tempo, a agenda global de eugenismo e malthusianismo continuará um pouco por todo o mundo ocidental, assim como os negócios de venda de armas. Agora mesmo na Lituânia uma ministra alvitava a eutanásia para os pobres.... Errou o alvo, eu usava-a nos políticos como ela. Já há tempos a senhora do FMI (Christine Lagarde) dizia que se tinha de acabar com os velhos...ou mais precisamente "os idosos vivem demasiado e isso é um risco para a economia global! Há que tomar medidas urgentes!"

Olho em volta e convenço-me de estar a assistir a uma repetição de eventos como os que levaram ao eclodir da primeira e da segunda guerra mundial, perante a passividade, cúmplice e cobarde, de todos os que cresceram à sombra de certos confortos materiais e nem se importam com a eleição de nazis e outros extremistas para um pouco dignificante Parlamento Europeu.

Na Ucrânia deitam abaixo um avião e a culpa morrerá solteira junto com os inocentes que iam a bordo, embora não se entenda como alguém se atrevia a voar sobre aquelas paragens. Para poupar combustível, diziam alguns, porque o avião foi desviado da sua rota, diriam outros. Isto depois do outro mistério de um avião malaio que desapareceu dos ares. A NSA norte-americana pode vigiar-me e seguir todos os meus movimentos sem eu saber, mas alega desconhecer o paradeiro do avião desaparecido há uns 4 meses... centenas de mortos em dois incidentes como eu raramente assistira no resto da minha vida...

Claro que houve no passado abates de aviões como o avião coreano da KAL nos anos 80, numa confrontação russa e norte-americana, houve um avião iraniano abatido pelos americanos, e mais uns tantos, mas nada desta dimensão e com esta impunidade. E o mundo, ao qual pertença, o que fez? Encolheu os ombros e saiu para jantar fora que a crise ainda permite esses luxos e esta vida são dois dias. Temos de aproveitar e comer.

Por toda a parte vemos governos, artificial e democraticamente eleitos, - sabe-se lá como - que se comprazem em seguir as ordens do grande capital, destruindo os seus países, as suas indústrias e serviços, exportando a sua melhor juventude, matando de forma mais ou menos acelerada os seus velhos a quem se retiram pensões, saúde, justiça e demais serviços.

Criam-se enormes vagas de pobres e desempregados que já nem a dignidade de números têm, como tiveram na Grande Depressão de 1929. Temos conhecimento dos maiores desfalques, falcatruas, negociatas sem que a justiça funcione e prenda e condene os malfeitores. E tudo se passa com o complacente beneplácito de um povo silente e amordaçado nas teias do medo, sem saber que há muito perdeu a liberdade de escolha, a liberdade de poder influenciar os resultados eleitorais, a liberdade de poder escolher o seu futuro...e em breve perderá a sua última conquista, a liberdade de sonhar. Virão aí novas ditaduras e novas guerras, de formas nem sequer imaginadas por George Orwell no triunfo dos porcos e em 1984, e eu mais impotente que nunca teclando aqui umas tantas palavras para uma minoria esclarecida e lúcida, mas sem poderes de alterar seja o que for.

Refugio-me então na diáfana ilusão das palavras que a poesia consegue criar, na esperança infundada de que elas resistirão a mais este cataclísmico fim da civilização ocidental como a conheci, numa repetição da queda do Império

romano ou de tanta civilização que desapareceu sem deixar rasto atual. Muito provavelmente nem sobreviverão essas palavras que o reino da utopia ainda me deixa soletrar e a minha vida terá sido em enorme vácuo contra a minha vontade, mas já nada mais posso fazer, também eu cobardemente cúmplice, mas ainda não-silente. Ah! Nunca quis tanto estar errado como hoje. Concordo com a sabedoria da minha mãe do alto dos seus venerandos 92 anos: "Este já não é o meu mundo"

CRÓNICA 141 ESTA GUERRA SURDA QUE A TODOS ANIQUILA 14 SETEMBRO 2014

Nestes três meses os piores prognósticos vão-se confirmando com decapitações, crucificações, desmembramentos e outras brutalidades que acontecem aqui e ali, em especial no Iraque, mas noutros pontos do globo, sem que o mundo se preocupe limitando-se a encolher os ombros, como quem diz, isso é lá longe. Claro que tudo muda de figura quando decapitam um ocidental...e vai em três nesta data...

Pela minha parte tem sido um ano difícil sob muitos aspetos, saliento primeiro os positivos, o sucesso do 21º colóquio da Lusofonia nos Moinhos de Porto Formoso em abril, quando tivemos sete dezenas de pessoas, e onde se cantou a liberdade de expressão ganha há 40 anos e hoje tão ameaçada e silenciada pelo medo e pelos donos do mundo, essa hidra de sete cabeças que dá pelo nome de banca internacional.

Tive a alegria de saber dos nascimentos de 3 netas e um neto, mas cuja ausência e distância não me irá permitir ver crescer nem partilhar alegrias e tristezas. A isso já me acomodei, os sentimentos, são, nesta idade, uma coisa fria e distante, pois este mundo, como diz a minha mãe do alto da sabedoria dos seus 92 anos "Este mundo já não é o meu". Não é o dela nem o meu. Os princípios com que nos educaram de nada valem neste atropelo de interesses que subjagam as sociedades quotidianamente.

Mas a preocupação principal este ano tem sido a maleita que afeta a saúde da minha cara-metade, que andou meses sem dormir deitada, dormia sentada no sofá, cheia de dores e outras aflições, e depois de testes médicos, consultas sem conta, contas de farmácia astronómicas concluiu-se que tem duas hérnias discais muito antigas que não explicam as dores e as dificuldades de locomoção e outras maleitas novas como bicos de papagaio e a osteoporose.

Mas também estes não explicam as idas de urgência aos hospitais para lhe darem uma injeção a fim de aliviar as dores excruciantes de que se queixa. Um autêntico calvário para ela e para quem vive com ela, e se sente impotente para minimizar o sofrimento. Este o motivo por que este ano não estou propenso a crónicas, nem em prosa nem em poesia, a produção de 2014 fica muito abaixo da média. Quando o corpo e a mente estão doentes, a criatividade estagna, dizem.

No início do ano a morte do vizinho e amigo desde a primeira hora, o filósofo e político Manuel Sá Couto serviu também para abalar a máscara humana que nos reveste de uma aparente impermeabilidade.

Valeu a ida à Graciosa por 4 dias para conhecer a ilha e uma curta visita à ilha Terceira para ficarmos a conhecer todas as 9 ilhas. Essa passagem pela Graciosa onde se definiu um futuro da Lusofonia para 2015 e a sensação de férias que tivemos nesses 5 dias deu algum alento para continuar e permitiu que eu decidisse sobre o futuro dos bens imateriais que têm povoado a minha existência. Decidi que devem continuar a existir para além da minha vida e estou a encetar negociações para essa permanência, depois de ter doado o espólio relacionado com Timor à Torre do Tombo.

Por último, o mais novo dos filhos e o único que conosco coabita continua a dar-nos preocupações sem conta pelo seu percurso escolar tendo completado os dezoito anos rumo a um futuro muito incerto...e quem é pai sempre se preocupa pelo bem-estar dos filhos, especialmente quando ainda pode influenciar positivamente esse desígnio. Pode ser que a namorada lhe incuta algum juízo e cresça...é um amor, carinhoso e dedicado, mas ao mesmo tempo alberga uma revolta infinda e uma impreparação para as injustiças do mundo. A minha rebeldia foi sempre acompanhada de uma grande dimensão humanista e cultural, mas a dele não tem esse suporte intelectual, apenas tecnológico...

Sinto-me encurralado num mundo a que apenas pertença de corpo, mas a alma, que estava na Austrália e agora tem coração nos Açores, tem dificuldades em estabelecer-se autonomamente quando todos os edifícios em que assentei esta vida ruem como em Gaza ruíram bairros completos sob a fúria vingativa israelita.

Tenho uma vontade enorme de resistir a este mundo de medo que os jornais e as televisões impõem a todos através de mensagens diretas ou subliminares, mas sinto que não tenho já a vitalidade, nem física nem anímica, de outras eras para poder resistir. Será isto derivado da entrada na Terceira idade que se espera para daqui a poucas semanas?

Sinto-me naufragado em doca seca, astronauta à deriva e à espera do fim do oxigénio, sinto-me condenado à morte à espera da data da execução, e não deixo herdeiro para perpetuar estes Colóquios da Lusofonia que me têm ajudado a sobreviver nesta década e meia... preocupa-me pois tudo o que escrevo é sentido e intelectualmente honesto, mas ninguém liga a isso, numa era em que todos escrevem como os políticos para o efeito momentâneo de rápido esquecimento.

Já não tenho nem um só grande livro para escrever e os que escrevi não tiveram grandes leitores. Já não tenho nada de importante para inventar, inventei tudo o que pude e quase ninguém deu conta. Fiz o que devia e podia, mas passei despercebido sem sequer merecer uma nota de rodapé nos livros da história que ajudei a escrever de Timor aos Açores.

Não quero gratidão nem benesses, preciso é de forças para continuar a resistir à desumanidade que me rodeia. Não aceito a violência gratuita, muito menos a do Califado em nome de religiões e de passados que não se revisitam.

Não me revejo em nenhuma Igreja ou religião, não tenho partido e como simpatizante clubista não vou longe...

Temo que a democracia tenha sido apenas um interregno entre ditaduras. Os dias de hoje assemelham-se a narrações que ouvi do meu pai antes da segunda guerra mundial, poucos prestam atenção ao avanço dos nazis, dos fascistas à

velha moda, dos bufos, da cumplicidade dos medos, das guerras religiosas, dos fanatismos, da nova inquisição, da nova censura e não me revejo nas novas cruzadas.

Politicamente incorreto tento manter-me vivo e ativo, alerta e participante, mas a única arma que me resta é a escrita e todos sabemos como a poesia pode ser uma arma carregada.

CRÔNICA 142 ATERRAR NUM COMETA É COMO APANHAR UM TGV FORA DA ESTAÇÃO 13 DEZ 2014

Aterrar num cometa é como apanhar um TGV fora da estação, mas foi isso que aconteceu há dias. O homem na sua infinita sede de conquista alcançou nova meta e mais nenhum cometa pode dormir descansado com esta ambição voyeurista.

Nem David Bowie esse camaleão marciano da música tão avant-garde, o adivinhava em *Space Oddity* ou em *Life on Mars...* Depois de alguns problemas na alimentação solar da sonda Rosetta, esta já mandou dizer que a água do cometa 67P/Churiumov-Gerasimenko. é diferente da nossa.

Se fossemos tão bons em humanismo e ecologia como somos em tecnologia talvez não andássemos em busca de outro sítio no universo antes que este acabe, que é o único que temos (enquanto não o destruímos por completo) e mais uma civilização ia para as calendas. Os que sobrevivessem (os menos tecnologicamente aptos) teriam de recomeçar do grau zero da civilização.

Na atual situação da civilização dita ocidental, e face aos sintomas que observo, deste longínquo arquipélago dos Açores onde nada de relevante para o futuro da humanidade acontece, os prognósticos são negros.

A manipulação de imagens e de textos e contextos com que as rádios, televisões e jornais nos bombardeiam todos os dias nada augura de bom.

Na vizinha Espanha já é proibido quase tudo, desde filmar polícias, a manifestações, a colocar tais imagens na Internet...convém que não surjam imagens da realidade alternativa daquela que a comunicação social mundial pretende impor a todos, intoxicando uma população mundial, cada vez mais inculta, impreparada e incapaz de discernir ou de pensar por si própria.

Somos uma minoria, ouso mesmo chamar-lhe elite, que sobrevivemos dos tempos da "outra senhora" com capacidade de ver e ajuizar o que se passa em volta com o ressurgimento de nazismo e outros ismos, intolerâncias, egoísmos, um capitalismo selvagem em busca de lucro a qualquer preço, em que os homens e mulheres não são já meros servas da gleba como outrora, mas meros algarismos no deve e no haver das grandes corporações que tudo controlam. Falamos da Monsanto dos GMO ou OGM, às farmacêuticas que nos matam e envenenam, aos bancos que nos especulam e roubam os nossos impostos, manipulando os governos títeres que têm vindo a colocar no poder, aos conglomerados da massificação da comunicação social que opera a uma voz única em que apenas os apresentadores diferem, mas as notícias não.

Ainda há pouco, dois jornalistas da Fox (Steve Wilson e Jane Akre) foram despedidos pelo trabalho investigativo de um documentário (em junho passado) sobre uma hormona de crescimento bovino da Monsanto (não consigo encontrar o link desta reportagem, desapareceu!

Mas saiba mais sobre eles em <http://www.goldmanprize.org/recipient/jane-akre-steve-wilson/>). Isto para não falar em todos os atropelos à dignidade humana que se escondem detrás do *Patriot Act* dos EUA, de 26 de outubro de 2001, que nos torna a todos em potenciais terroristas sem direitos exceto o de sermos interrogados e torturados, até possivelmente na tropicalíssima Guantánamo. E poucos podem escapar, a menos que vivam fora desta sociedade consumista que nos aliena e emprisiona.

Os meus colegas jornalistas estão a ser presos e mortos (em todo o mundo) em número tão elevado como não há registo anterior, a vigilância em linha (*online surveillance*) há muito que nos privou da privacidade e alienou em redes sociais (sejam elas Facebook ou Twitter, ou qualquer outra forma de nos ligarmos aos outros).

A Internet pode (e tem sido, nalguns países) controlada pelos governos.

Estamos, cada vez mais, vulneráveis a ataques por governos autoritários, militantes, criminosos, fundamentalistas, e terroristas de todas as cores, tamanhos e feitios.

A globalização da corrupção e outros atos criminosos impunemente aceites e tolerados na maior parte dos países é uma das maiores ameaças à liberdade de expressão...

Temos uma nova censura (ou *decommissioning* na linguagem de George Orwell) que se estende a todas as formas do conhecimento incluindo a reescrita da História de acordo com os novos paradigmas dos poderosos...mas eu recordo as descrições que meu pai fez do nascimento dos nacionalismos exacerbados que através de um voto pretensamente democrático levou Hitler ao poder legitimando-o com o apoio de massas incultas e lavadas ao cérebro engolfadas num mundo em desalinho e insegurança que as levou a buscar o apoio de ditadores fortes (carismáticos ou não) e a segui-los carneiramente como convinha.

Infelizmente a história repete-se e escrevi sobre este mesmo tema no meu livro *Crônicas* entre 2005 e 2008, mas como poucos o leram menos ainda puderam ser avisados do que estava para vir e veio e continua a vir até ao ponto de rutura.

Tenho tido o sonho recorrente de uma grande manifestação ou tragédia (lembra-se das Torres Gêmeas e episódios semelhantes, capazes de unir e mobilizar nações inteiras?) a ser transmitida por todo o mundo (sabemos todos como há imagens manipuladas e feitas em estúdio, tipo hologramas, usadas em filmes com fundo azul ou verde conforme o destino e depois colocam-se os intervenientes em frente a essas imagens de fundo para obter o efeito desejado). Pode ser uma invasão alienígena, a segunda vinda do Messias, qualquer ato mesmerizador que una as pessoas prontas para aceitarem que o governo as defenda da ameaça.

Depois limita-se o acesso de imagens alternativas da realidade (aquela que não é transmitida pelas TV) e como não é disseminada não existe, pelo subliminar todas as pessoas se identificarão com as imagens manipuladas e tomarão as suas decisões baseadas nesse visionamento.

Basta impedir que sejam publicadas na blogosfera, se as redes sociais da internet não as publicarem, elas não existem.

Está assim completado o ciclo necessário para os governos tomarem as medidas que entenderem (lembra-se do surto recente de Ébola que surgiu e desapareceu misteriosamente enquanto milhares de tropas eram enviadas para países de África em missões das quais ainda hoje pouco ou nada sabemos?).

Se, apesar disto ainda surgir ou se infiltrar uma ou outra voz dissidente, fácil será silenciá-la com um escândalo sexual como fizeram com Edward Snowden, o pioneiro da WikiLeaks, sem terem de "suicidar" tais vozes. (como alguém me dizia, em tempos, agora está na moda serem suicidados).

Tem sido feito recorrentemente em tantos casos que a realidade há muito ultrapassou casos desses que vimos em séries de cinema de ficção.

Das dez teorias de conspiração de que mais se fala, uma delas fala do eugenismo, malthusianismo, geoengenharia, e outros processos de controlo da população, quer pelos GMO - OGM, quer por ação dos "chemtrails" (aquelas nuvens artificiais que fazem lembrar os "contrails" ou rastro de aviões), quer por vacinas do H1N5, do Ébola ou quejandas (lembra-se das vacas loucas que vieram e foram? a gripe das aves....etc.), quer por alienígenas que já dominam governos e laboratórios de experiências subterrâneas para escravizar a humanidade, quer pelo aquecimento global, pelo Codex Alimentarius da FAO e OMS (1963) ou pela Agenda 21 da ONU.

Existe uma dúvida que me assola quanto a estas teorias, por mais que lhes reconheça alguma validade, uma menor população mundial tornaria inviável os governos e os lucros daqueles que alegadamente buscam reduzir a população e ver-se livres dos desempregados, pobres e outros "inúteis" da sociedade.

Mesmo com a robótica a tomar conta da produção eles vão sacar mais dinheiro de quem? Dos robôs?

Isto se não deflagrar um grande conflito mundial (a Ucrânia é a melhor desculpa de momento) entre EUA+Europa e Rússia...ou se a China não quiser demonstrar que é já a maior potência mundial, ou se o Califado (ISIS é o nome de deusa egípcia do amor pouco apropriado a esses malfeitores desumanos) continuar a vir por aí fora a repor a verdade histórica de há séculos.

Para incrédulos, como eu, custa a aceitar a nova realidade mundial, dado que cresci num mundo instável, mas onde os valores fundamentais permaneciam inalterados há décadas. Há sempre - com o avançar da idade - uma certa nostalgia pela segurança dos tempos jovens onde a esperança abunda.

Não sei nem consigo sequer prever os negros dias de futuro que nos esperam.

Quero crer que a bolha vai rebentar, pode ser a bolha bolsista como em 1929 com o desabar deste capitalismo neoliberal, o mais selvagem de que há memória, pode ser outra bolha qualquer, um conflito mundial ou nuclear, mas vai rebentar e resta depois - enfão, sim - ter esperança em dias melhores, mas é uma incógnita bem cinzenta que vai ensombrar estes anos derradeiros da minha passagem por esta Terra que todos destroem.

Espero que um novo mundo não tenha nem mais um *Illuminati*. A palavra *Illuminati* é um termo latim que significa "iluminado" e representa uma ordem ou sociedade secreta que tem o iluminismo como base das suas doutrinas. Como se trata de um grupo secreto, é rodeado de grande mistério. Quase todos concordam que o objetivo dos *Illuminati* é alcançar o domínio total do mundo, através de influências e pressões políticas, económicas e sociais.

A *NWO* (*New World Order*) ou *NOM* (*Nova Ordem Mundial*), seria um governo global, que tem autoridade sobre todo o mundo. Várias pessoas acreditam que um dos objetivos dessa *NOM* e dos *Illuminati* seria manter a população mundial abaixo dos 500 milhões de habitantes. Isso significa que muitas pessoas teriam que ser eliminadas.

Existem também teorias que indicam que os *Illuminati* manipulam vários alimentos e a água para causar infertilidade e esterilização, diminuindo a população mundial.

Outra ligação muito comum é com o Grupo ou *Clube de Bilderberg*, uma associação ultrassecreta que organiza reuniões para apenas 130 pessoas, que têm uma grande influência no mundo.

Existe especulação que alega que o que é decidido nessas conferências dita o futuro do resto de todo o mundo. Este clube tem este nome porque a primeira reunião organizada (em 1954) aconteceu no Hotel Bilderberg, na Holanda.

Alguns dos símbolos mais conhecidos dos *Illuminati* são o triângulo ou pirâmide, o "olho que tudo vê", a coruja e o obelisco.

Vários autores relacionam os Illuminati com a maçonaria e por isso às vezes existem símbolos equivalentes.

Vários cristãos acreditam que o líder da Nova Ordem Mundial e dos Illuminati será o Anticristo e o estabelecimento dessa ordem corresponderá ao início do fim do mundo.

Como filho da geração que acreditou no amor universal nos anos 60, quero crer que vai ser possível emergir uma nova ordem mais pacífica e amiga da Terra, onde a justiça e a equidade sejam, de novo, objetivos a atingir.

Ao meu lado, porém, a maioria das pessoas está demasiado ocupada e preocupada com a sobrevivência pessoal, com a manutenção do poder de compra consumista para ter divagações destas, enquanto eu, pelo contrário, nada posso fazer para garantir a minha sobrevivência motivo que me leva a estas lucubrações, consciente de que mais gente pode partilhar a minha visão do mundo, exemplificada pelo paradigma dos Colóquios da Lusofonia que me lideram a título gracioso em prol da defesa do imaterial: a língua e cultura de todos nós.

Se mais gente se dedicasse a título gratuito a defender utopias destas, bem melhor seria este mundo (que, parafraseando sempre, e uma vez mais, a minha mãe na sabedoria dos seus 92 anos, diz) que já não é o meu.

CRÓNICA 143, DE VACAS, LAGOAS E TURISMO, 3 JANEIRO 2015

Leio hoje que “está por estudar o perfil do turista que busca os Açores” segundo dizem os agentes de viagem” ...

Deve ter sido uma surpresa saber de repente que vinham as companhias aéreas de baixo custo ou low cost e nada se sabia sobre o perfil do turista nos Açores..., mas no meu baú, encontro uma notícia já velhinha em que o Observatório Regional do Turismo dos Açores apresenta estudo sobre restauração:

17 de novembro de 2009

O Observatório Regional do Turismo dos Açores vai apresentar os resultados de estudo que efetuou sobre a restauração na região.

A sessão de apresentação das conclusões da pesquisa terá lugar no dia 20 de novembro às 17h00, na sala Cedro, no Royal Garden Hotel.

O Observatório Regional do Turismo (ORT) revela no comunicado que

“está consciente da importância que a gastronomia tem na afirmação de um destino turístico quer pelos laços emocionais e afetivos que estabelece com o turista, quer pelo envolvimento que propicia na construção de uma cadeia de valor, a qual começa na produção dos alimentos e termina com a experiência gastronómica que se proporciona a quem descobre o território”.

Neste contexto, o Observatório Regional do Turismo dos Açores, decidiu em setembro de 2008, iniciar o estudo “A Restauração nos Açores”, adjudicando-o à empresa de consultoria RDPP

<http://www.publilituris.pt/.../observatorio-regional-do-.../>

e mais recentemente, Secretaria Regional do Mar, Ciência e Tecnologia ris3@azores.gov.pt

Estratégia de Investigação e Inovação para a Especialização Inteligente (RIS3) – Relatório 5-07-2014

Ex.mo Senhor Secretário do Mar, Ciência e Tecnologia, Dr. Fausto Costa Gomes de Brito e Abreu

No âmbito da estratégia de investigação e inovação para a especialização inteligente venho por este meio apresentar as seguintes sugestões:

- Criação de um novo projeto intitulado Sustentur (turismo sustentável - sustentabilidade económica, social e ambiental); ou
- Integração das seguintes atividades nos vários projetos já existentes:

Projeto Marketur

- Atividade 1 - Conceção de um manual com os indicadores de turismo sustentável Projeto Marketur
- Atividade 2 Interligação com redes internacionais de monitorização de turismo sustentável (Organização Mundial do Turismo) Projeto Marketur –
- Atividade 4: Estabelecimento de um processo sistemático de levantamento e monitorização de indicadores de turismo sustentável Projeto Marketur –
- Atividade 5: - Conceção de novos produtos de turismo cultural em parceria com as empresas de animação turística e mapeamento cultural, conceção de guias digitais de turismo cultural; - Estudo e monitorização do Turismo Sénior a nível mundial; Caso exista a possibilidade de criar um novo projeto, como o SUSTENTUR, o OTA está disponível para planear as atividades a desenvolver e esquematizar todo o cronograma.

Com os melhores cumprimentos. Carlos Santos (Presidente da Direção)

<http://www.azores.gov.pt/.../CB3F6F51-3124-451A-BE64>

A partir daqui fiquei mais tranquilo e resolvi ir dar uma volta à ilha, mais especificamente ao lado oeste onde se situa a Lagoa das 7 Cidades, ex-libris da ilha. Constatei:

As vacas fazem parte de toda a paisagem da ilha. As vacas quase que são a paisagem da ilha. Encontrei as ditas vacas nos montes, nas chãs, na estrada e mesmo na orla da lagoa das Sete Cidades, em números consideráveis...ocupando vastas áreas das faldas daquela cratera vulcânica e espraiando-se mesmo até à borda de água, como se pode ver em fotos apenas a esta crónica... O GRA [Governo regional dos Açores] gasta milhões atrás de milhões – desde há vários anos - em campanhas dispendiosas contra a eutrofização das lagoas, tem vindo a adquirir inúmeros terrenos privados a fim de evitar a presença de vacas e subsequente contaminação dos lençóis de água das lagoas. Já em 1983 havia problemas deste tipo. Posteriormente as causas foram sendo atribuídas à exploração agrícola¹²⁸. A agricultura, apesar de não ser a única, é talvez, a principal atividade humana responsável pela diminuição da qualidade das águas subterrâneas e de superfície.

Pelas imagens adiante, pode-se comprovar que o Governo podia ter poupado enormes montantes dado que as vacas continuam pachorrentamente a pastar nas margens da lagoa...e a culpa nem é delas, que carneiramente vão para onde as mandam.



128http://www.academia.edu/5601305/ESTUDO_DA_EUTROFIZACAO_E_DA_ZONA_NUTRIENTE_SATURADA_DO_SISTEMA_AQUIFERO_DA_LAGOA_DAS_SETE_CIDADES_S._MIGUEL_AZORES_PORTUGAL] "A industrialização da agricultura tem levado ao uso de doses de adubos químicos cada vez maiores e à utilização de irrigações intensivas. Esta prática juntamente com a utilização de tecnologias erradas, tem-se mostrado desastrosa, quer ao nível da qualidade dos solos quer na qualidade das águas subterrâneas e de superfície. A perda de nutrientes e matéria orgânica através da erosão, provoca a diminuição da atividade de micro-organismos do solo, que normalmente aceleram a degradação de muitos químicos agrícolas tóxicos, que contribuem significativamente para a poluição dos solos. A poluição difusa define-se como a descarga difusa de resíduos para as massas de água, que não podem ser atribuídas a fontes especificamente localizadas. A vulnerabilidade de um determinado aquífero depende do tipo de potencial poluente, isto é, a qualidade da água subterrânea pode ser muito vulnerável a uma carga de nitratos, originada por práticas agrícolas incorretas, sendo, no entanto pouco a cargas patogénicas. Assim torna-se relevante avaliar a vulnerabilidade à poluição em relação a casos específicos de poluição (nutrientes, de origem orgânica, metais pesados, etc.).

Já em 2008, o perito em solos Jorge Pinheiro dizia que a solução encontrada pelo Governo para combater a eutrofização da Lagoa das Sete Cidades não ia resolver o problema¹²⁹. Em abril 2014, continuava o Governo regional a afirmar que ia resolver o problema.¹³⁰ Passados estes anos ainda ninguém deve ter lido o que se escreveu sobre a eutrofização que aumenta de ano para ano, mau grado os milhões investidos...

Isso é mais evidente quando a luta contra a eutrofização se substitui por duvidosos e custosos projetos de embelezamento das margens... sem falar ainda na aberração das casotas em betão que o arquiteto Souto Moura plantou na Lagoa que é uma das 7 Maravilhas Naturais de Portugal, as quais, à data, apesar das promessas todas não estão acabadas, nem habitadas, nem têm pessoas interessadas em habitar ou comprar. Mais um mamarracho ou elefante branco para o qual uma solução das inúmeras anunciadas tarda em chegar. Convertam aquilo em aparthotel e pode ser que haja turistas interessados já que os locais as desdenham. Além destas obras de tão reputado arquiteto (que devia estar pouco inspirado na altura em que as concebeu) existem ainda outras plantações metálicas junto à margem, de volumetria desajustada bem como os materiais utilizados que contrastam com a beleza natural da lagoa e como tal¹³¹, já contestadas em 2013¹³². Dos espaços concessionados, neste início de 2015, (a um custo de 4 milhões de euros) está o bar-restaurante uma estrutura metálica ladeada de vidro, com uma esplanada sem teto, aberta aos elementos e sem proteção do sol além de ocasionais guarda-sóis que se supõe existirem no verão.

Nesta tarde de sábado tinha 5 clientes quando lá entramos a contrastar com o velho bar-restaurante em frente à igreja sempre a abarrotar, sintoma evidente de que a ideia não vingou, embora tenha a vantagem de proporcionar acesso rápido a uma casa de banho, ao contrário da outra unidade mais antiga. Teria ficado mais barato construir umas casas de banho do que este monólito metálico com madeira e vidro, espaços exteriores sem utilização e para os quais se não vislumbra utilidade. Refiro-me - como é óbvio - às esquadrias metálicas, suspensas sobre o solo, que ladeiam a parte sul das estruturas e parte do outro lado sobre a lagoa. São inclusive um perigo para as crianças. Mas como dizia o chefe do Governo em junho 2014:

"A requalificação das margens da Lagoa das Sete Cidades, investimento de quatro milhões de euros hoje inaugurado, reforça a rede de Centros Ambientais dos Açores e potencia a utilização dos recursos endógenos para criar riqueza e emprego."

PS: adorei também ver os cortes arbitrários de criptoméria e outras ao longo das vertentes da lagoa dentro do atual plano de desbastar os matos e vender a madeira para fazer dinheiro....

Mandem já vir os turistas para eles apreciarem esse atentado, e depois tomem a estudar o modelo de desenvolvimento e o tipo de turista que nos vem visitar...

CRÓNICA 144, ABATERAM OS CÃES RAIVOSOS, MAS NÃO ABATERAM A RAIVA 9 JANEIRO 2015

Estou em choque desde ontem pela morte dos meus camaradas de trabalho que apenas exerciam o seu direito à liberdade de expressão coisa que estas bestas fanáticas islâmicas não entendem....

Estão 600 anos atrasados em relação ao resto do mundo ocidental, vivem na Idade Média, usufruindo das vantagens do mundo democrático moderno.... Volte a pena de Talião para estes...nem no tempo do Califado ibérico se verificava nada disto, eram mais tolerantes e vivera coexistiam. Agora, estes fanáticos, ignorantes, lavados ao cérebro, tentam instilar o medo no Ocidente. Se cedermos estamos mortos. Hoje, seremos todos Charlie Hebdo. E os governos? Esses acham-me politicamente incorreto, apodam-me de islamóforo sem perceberem quem sou.

129 [in <http://www.rtp.pt/acoeres/?article=3871&visual=3&layout=10&tm=10>] o professor da universidade dos açores sustenta que para acabar com a eutrofização crónica da lagoa, é preciso atacar a causa e não as consequências. Jorge Pinheiro acredita que a extensão rural é a solução para o problema e por isso defende que o caso seja tratado pela secretaria regional da agricultura e não pela do ambiente. Segundo o perito, é necessário passar a uma exploração extensiva e adequar os adubos a esta alteração. Diz ainda que é preciso aceitar as quebras de rendimento a médio prazo e colmatá-las com as ajudas compensatórias da europa.

130 Governo dos Açores anuncia medidas de combate à eutrofização na Lagoa das Furnas. O Secretário Regional dos Recursos Naturais anunciou que o Governo dos Açores prevê reduzir em mais de 50% a carga total de nutrientes que afluem à lagoa das furnas, no âmbito do combate à eutrofização, através da retirada das restantes áreas de pastagem das suas margens e com a obra para desvio dos afluentes da Ribeira do Salto da Inglesa. "Com esta retirada da atividade pecuária de cerca de 60 hectares na margem oeste da lagoa das furnas, já a partir de 01 de julho, cria-se em todo o perímetro da lagoa uma área de cerca de 900 hectares de proteção à massa de água, imprescindível ao plano implementado pelo governo para contrariar o fenómeno da eutrofização", afirmou Luís Neto Viveiros, na cerimónia que assinalou, ainda, o dia mundial da terra e dia nacional do património geológico. Segundo o secretário regional, que falava na assinatura do contrato-promessa de permuta de terrenos de pastagem na margem da lagoa das furnas, o governo dos açores vai, também, avançar com a obra hidráulica para desvio dos afluentes da ribeira do Salto da Inglesa. "Trata-se de uma empreitada que se reveste de alguma complexidade técnica, quer pela dimensão da conduta, quer pela orografia do terreno, e que está orçada em cerca de 1,3 milhões de euros", avançou Luís Neto Viveiros, adiantando que o projeto estará concluído até ao final do próximo mês, de modo a que a obra se possa iniciar ainda este ano. Para o titular regional do ambiente, o plano de ordenamento da bacia hidrográfica da Lagoa Das Furnas possibilitou que, na última década, fosse implementado um conjunto de ações corretivas e preventivas que pretendem compatibilizar os usos e as atividades com a proteção e valorização ambiental.

131 [<http://www.publico.pt/ecosfera/noticia/ambientalistas-criticam-equipamentos-nas-margens-da-lagoa-das-sete-cidades-1598146>]

132 [<http://www.publico.pt/ecosfera/noticia/ambientalistas-criticam-equipamentos-nas-margens-da-lagoa-das-sete-cidades-1598146>]

Associações ambientalistas criticam a dimensão e tipologia dos equipamentos construídos na margem da Lagoa das Sete Cidades, nos Açores, para apoio às atividades do plano de água, considerando que a solução "destoa" da paisagem.

A requalificação das margens das lagoas das Sete Cidades, um dos principais pontos turísticos da ilha de São Miguel e uma das 7 Maravilhas Naturais de Portugal, insere-se num conjunto de medidas do Plano de Ordenamento da Bacia Hidrográfica das Sete Cidades.

Além de introduzir regras no uso desta área protegida, integra a construção de equipamentos para apoio às atividades do plano de água, designadamente canoagem e atividades náuticas, um bar e uma área de apoio para os técnicos e pessoal de serviço.

O projeto de arquitetura de requalificação das margens é também da autoria do arquiteto Souto Moura.

Os equipamentos já estão concluídos.

A associação ambientalista Amigos dos Açores e a Quercus manifestam, contudo, "reservas" em relação à arquitetura dos edifícios junto à margem da lagoa questionando a sua integração paisagística e dimensão.

"Colocamos muitas reservas ao dimensionamento que foi feito e ao impacto que, no fundo, aquele efeito de caixote tem perante uma paisagem mais harmoniosa com linhas mais suavizadas e retas", afirmou o presidente da Associação Ecológica Amigos dos Açores, em declarações à Lusa, questionado sobre a intervenção.

Para Diogo Caetano, não está em causa a requalificação da bacia hidrográfica, que até "já está a ter efeitos práticos interessantes" para impedir o processo de eutrofização, mas a arquitetura dos equipamentos que "não é a mais adequada" para o local, criticando a instalação "tão próximo do plano de água" da lagoa.

"Poderia ter-se feito alguma pequena estrutura, mais vocacionada para a reabilitação de edifícios, baseada no turismo de natureza", defendeu.

No caso da Quercus nos Açores, que garante ter recebido "queixas de alguns particulares", existiu "mais uma vez um défice de participação e de consulta às ONG", alegando que se está perante uma área protegida, pelo que "qualquer medida urbanística, de edificação, terá um impacto muito grande" na paisagem.

"As queixas têm a ver com a dimensão dos equipamentos e localização e foi neste sentido que alertámos a Direção Regional do Ambiente e estamos a aguardar uma resposta", explicou o presidente da Quercus nos Açores, Rui Cordeiro.

Já para o presidente da Junta de Freguesia das Sete Cidades, Manuel Arsénio Roque, o projeto é encarado como uma mais-valia para "fixar turistas", uma vez que "faltavam equipamentos de apoio" neste setor na freguesia.

O Diretor Regional do Ambiente [à data], Hernâni Jorge, sublinhou à Lusa que as estruturas estão feitas "no quadro do plano de ordenamento" e o projeto "respeita em absoluto os parâmetros" do documento.

Hernâni Jorge indicou que os esclarecimentos da Quercus se referem "à delimitação e dimensão da zona para banhos, única e exclusivamente.

Fui uma das pessoas, dentre outras centenas de australianos que delineou a política multicultural oficial da Austrália nos anos 80, assente na aceitação de premissas como o respeito pela cultura do país em troca da defesa dos interesses culturais dos emigrados. Chegou o tempo de dizer basta! a estas bestas que dizem agir em nome de um Islão fundamentalmente extremista. O Islão não é isto, para uma grande maioria de pessoas oprimidas e com medo que o professam, nem para os que vivem a liberdade dos países ocidentais. O terror é isso, é apenas terror, não é islâmico nem cristão nem nada....

Mais um caso de reféns mortos... Como alguém disse, hoje abateram os cães raivosos, mas não abateram a raiva. Ainda vai no adro a procissão, já houve guerras mundiais que começaram por menos...e esta já vai bem lançada. Não me interessa saber se estes muçulmanos eram fanáticos, se foram criados, comprados e treinados pela Mossad israelita ou pela CIA, se fazem parte do plano original de criação do ISIS pelos EUA para desestabilizar o Médio Oriente, se acreditam em Alá ou Jeová, se são crentes ou apóstatas, se são meros terroristas ou meros assassinos, se servem os interesses de Marine le Pen ou de quaisquer outros interessados em começar uma nova cruzada religiosa contra os infiéis,

Há um mês foi a vez da Austrália (que nunca mais será a mesma), agora é Paris, amanhã qualquer outro local, mas ninguém deu conta das atrocidades, violações, mortes, execuções, escravatura, etc. que vem sendo perpetrada ao longo deste último ano por estes primitivos bárbaros em países como o Iraque, a Síria, Líbia, etc. Quando o mundo ocidental começou com a patranha da primavera árabe destapou o caldeirão da morte...Aqueles países eram de facto governados por ditadores (há tantos em todo o mundo, mas nem todos têm petróleo) mas estes faziam a contenção (bruta e totalitária) dos extremistas, fundamentalistas e outros "istas" que por lá havia, e ora estão à solta para destruírem o mundo civilizado onde quer que estejam...e nós todos vamos pagar a fatura... Haja ou não medo...o que está a acontecer nestes dias não tem retorno...e não me interessa se aqueles animais raivosos agiram por conta própria ou de outrem...mas sei que decerto a menor preocupação deles eram as ofensas contra Maomé...se fosse teriam destruído os arquivos todos do Charlie Hebdo antes de matarem os que lá estavam... É isso que a lei corânica propugna...gostava de estar errado desta vez...

CRÓNICA 145 HOJE DIGO SIM À VIOLÊNCIA 3/2/15

A barbárie tem de acabar nem que seja pela lei de Talião...Depois das execuções sumárias, das degolações constantes e mediatizadas, da violação e venda de mulheres e crianças, depois de atirarem homossexuais de alturas e matarem-nos à pedrada caso sobrevivam a queda, surge hoje a nota selvagem de que um piloto jordano caído em território do ISIS foi queimado vivo numa jaula. Para isto não tenho princípios que resistam e se é isto que eles querem, atirem-lhes pelo menos umas bombas atômicas em cima a ver se acabamos com esta praga de selvagens como raramente se viu na mais recente história (nem Pol Pot no Camboja nem a Indonésia em Timor, para citar apenas dois casos). Este mundo está definitivamente muito doente e não há hospitais para estes doentes, a doença deles combate-se com as mesmas armas que usam: a aniquilação de todos os seus membros. Talvez pela primeira vez na minha vida, hoje digo sim à violência. ... E se mais não digo é por ter esgotado as palavras.

145.1. REPULSA UNIVERSAL

24 horas depois li na blogosfera estes comentários que aqui transcrevo: Facebook © 4/2/2015 News Feed



António Conceição Júnior 8 hrs · É com extrema repulsa que soube deste inqualificável ato que importa ser visto para que não nos esqueçamos que no século XXI ainda existe barbárie hedionda, existe guerra e fome e os homens não se entendem de modo algum. Falem-me de religiões, falem-me da Inquisição e agora do Estado Islâmico. Algo está profundamente mal na humanidade. Não há o direito de fazer isto a ninguém.



Jihadistas queimam refém vivo Piloto de F-16 jordano foi capturado em dezembro. CMJORNAL.XL.PT



Pedro Coimbra Bárbaros!



Estela Silveira Machado Inqualificável... Não encontro palavras para isto. É de gente doída.



Ana Constante sem palavras.



António Conceição Júnior Detesto o Correio da Manhã, mas no caso publica fotografias que eu pensava terem acabado em Auschwitz



Nuno Sampaio Nunes E tem gente que ainda defende estes animais doentes, que utilizam a palavra Deus para justificar as suas barbaridades! Claro que o mundo tem de odiar esta corja nojenta!



Manuela Gorgueira HEDIONDO!



Sandra Kim Bárbaros! Que horror!



António Conceição Júnior A lei de Talião vai funcionar e aí já não vão achar graça.



Elisabete Silva.... Perante estas situações, que não consigo entender nem aceitar, fica esta dor de tristeza...



Teresa Basto Horrroso



Tony Martins o ato é repugnante, e as consequências deveriam ser muito superiores ao que, de certeza, irão ser.



Tony Martins a dor e a tristeza são factos que alimentam esses indivíduos que se aprazem com atos como os que se têm verificado. As ervas daninhas arrancam-se e queimam-se. O mundo civilizado deveria unir-se atrás de uma liderança forte e tomasse atitudes e efetuasse atos que acabassem com estas cenas de puro terror que serão sempre piores a cada passo atrás que a civilização der...



João Augusto Dente por dente olho por olho.



Jorge Cavalheiro É arrepiante! Qual século 21 qual treta...A humanidade exteriormente, às vezes, até parece muito "limpinha" e "arrumadinha". Às vezes, ficamos muito orgulhosos dos "nossos avanços" tecnológicos, democráticos, humanitários...Qual quê?! Afinal, onde e que estamos e para onde e que estamos a ir? Tantos ideais! Afinal o que e que tem de mudar? O que e que cada um de nos pode fazer, no campo da nossa pequenez e grandeza?



António Conceição Júnior Ocorre-me dizer que os animais, benza-os quem pode, não fazem nada disto.



António Conceição Júnior Jorge, meu caro, é de facto tenebroso, obscurantista. É como que a corporização do mal.



Jorge Cavalheiro Deixemo-nos de fantasias e olhemos para o TODO do qual um de nos e uma microscópica partícula de poeira. Muitas vezes, sem termos consciência, contribuimos mais do que pensamos para a barbárie do mundo atual. Grande trabalho de introspeção teríamos de fazer, a nível pessoal e coletivo. Vaidade, egocentrismo, ambição, inveja...O nosso lado pequenino e a desgraça da humanidade.



Helder Fernando E a revolta ativa?



João Pedro Góis onde chegam os limites da bestialidade humana... Sem limites!



Carla Frias Acabei de ver esta notícia no telejornal da manhã e nem quis ver o vídeo assim que disseram o que era. Cada vez estou mais convencida que estamos a regressar à Idade Média ou pior, isto é, de quem não pensa nem tem noção do que faz. É nestas alturas em que acho que a raça humana perdeu aquilo que supostamente a distingue dos animais e cada vez abomino mais as religiões que são usadas para cometer crimes.



Maria Amorim Não consegui olhar p a TV enquanto deu as imagens. Um nó na garganta...como é possível tanta insanidade?



João Cardoso Das Neves A Inquisição Islâmica. Inaceitável.



João Cardoso Das Neves Algo de radical tem de ser feito. O mundo ocidental não pode ficar sentado a assistir a esta barbárie. Uma força militar de intervenção rápida tem de ser enviada. Tempo demasiado passou sem ação firme.



Yun Fee Lai Alguém está a querer pegar fogo total a este planeta. Existem mentes bizarras por detrás desta barbárie medieval em crescendo.

Isto não acontece por acaso. Tentem não funcionar ao nível da reação primária emocional. Jorge Cavalheiro toca num ponto fundamental e há forças poderosas bem posicionadas e bizarras e em centros de decisão que insanamente lucram com este crescendo de trevas violentas. Hoje não é possível surgir do nada no meio do deserto, um exército poderoso de 10 mil homens fortemente armados e com equipamento o mais sofisticado possível, apoio logístico de transportes novos em folha, combustíveis e alimentação e fornecimento continuado de material de guerra para substituir os gastos. Ou pensam que um exército de pé descalço sem uma poderosa logística e sem centenas ou milhares de milhões de dólares de apoio para manter esta máquina moderna de guerra, poderia em 2 semanas surgir do nada e conquistar extensas zonas do território?

Quem os treinou?
Quem os armou?
Quem lhes dá apoio logístico?

A quem interessa este retrocesso civilizacional evidente? Que forças se movem na sombra para isto ser possível? Porque querem que a raça humana regreda para a bestialidade?

Urgente acordar e despertar para estas questões e não se ficar em reações emocionais condicionadas por estes grupos de violência programada. De facto, é triste como apenas neste século XXI já estamos nitidamente a fazer em várias frentes o retrocesso e a barbárie medieval programada metodicamente por forças sombrias que querem evitar a todo o custo a chegada e a instalação da Era da Luz. Isto não é retórica, mas uma verdade pura que muita gente comum insiste em fazer política de avestruz por não querer ver o mundo sombrio e orwelliano desta sociedade a caminho da perversão total pré-programada.

145.2. O "ESTADO ISLÂMICO" INFILTRADO Posted: 03 Feb 2015 08:08 AM PST

A este respeito escrevia hoje Benjamim Formigo – Jornal de Angola, opinião

O belo trabalho feito por americanos, britânicos e franceses na Líbia está à vista. Não gostavam de Muamar Kadhafi porque não se submetia aos jogos das petrolíferas estrangeiras e aos desejos externos. A tal "primavera Árabe" serviu às mil maravilhas para uma intervenção dos três países, sob a capa da OTAN, para mal disfarçar a agressão externa, a pretexto de defesa de civis, para intervirem bombardeando as tropas governamentais, impedindo Kadhafi de controlar a situação. Na altura escrevemos que estavam a quebrar um equilíbrio instável que só Kadhafi conseguira até então gerir. Kadhafi caiu e foi barbaramente assassinado por um dos grupos defensores dos "valores democráticos" que assaltava o poder com o apoio ativo no terreno da aviação dos Estados Unidos, Inglaterra, França e as armas que eles e outros forneciam. Hoje a Líbia é um Estado falhado, como convinha aos agressores. O petróleo vai para os seus países sem terem de pagar nada. E ainda lucram com a venda das armas.

A ONU pode fazer as reuniões que quiser em Genebra, estão lá políticos que não governam nem têm influência, agora participam também autoridades locais, mas quem manda: as tribos nem se sentam à mesa, preferindo agir como faziam antes de Kadhafi, combatendo-se umas às outras, ora por interesses tribais, ora em apoio do que parece ser os dois governos existentes no país: o reconhecido internacionalmente e que teve de abandonar a capital Trípoli, e outro autoproclamando Governo que se instalou na capital com o apoio de milícias.

Ninguém tem uma solução e as soluções que se imaginam são elucubrações de tecnocratas que nunca puseram os pés na Líbia nem sabem nada de História da região. Como se isso não chegasse, nestas situações cria-se sempre um vazio de poder de que o chamado "Estado Islâmico do Iraque e do Levante" se tem aproveitado para equilibrar as forças de poder em seu proveito e com isso estabelecer base a partir das quais tentou incursões no Chade. A organização estabeleceu ligações nos Camarões que estão a tornar o norte do país num deserto, acabando com a atividade agrícola na região e criando problemas alimentares tanto nos Camarões como nas zonas vizinhas do norte do Níger, sul do Chade, pouco se sabendo sobre a RCA (República Centro-Africana).

Contudo, alguns grupos seus afiliados que agem naquela zona estão perigosamente próximos do Boko Haram, que continua imparável na Nigéria. E leva a guerra a toda a região, sobretudo ao Chade e aos Camarões, que estão já a sentir os efeitos da guerra. As incursões militares das forças governamentais são poucas e sem a intensidade necessária e não dão garantias de proteção às populações aterrorizadas pelas atrocidades quer do Boko Haram, quer do EI (Estado Islâmico).

A União Africana não pode continuar pelo menos aparentemente passiva. Por isso, na cimeira de Adis Abeba, já foi feita uma declaração de que são necessárias forças africanas para travar os rebeldes do Boko Haram. A África não pode contar a não ser consigo mesma. Se os dois grupos unem forças, com a infiltração islâmica (terrorismo em nome do Islão, não confundir com islâmico) na costa Oriental a prolongar-se até ao Quênia e a situação instável no Sudão e em certa medida na RDC (República Democrática do Congo), formam uma tenaz que ameaça abaixo da cintura tropical. A situação humanitária que já não é boa nas zonas de conflito, particularmente a norte da cintura tropical, arrisca-se a tornar-se calamitosa. Nas zonas fronteiriças da Nigéria, Níger, Chade e Camarões começa a sentir-se com grande evidência a ação nefasta das investidas do Boko Haram. Não chega o auxílio humanitário, até porque as

Claro que têm toda a razão, há outros interesses por detrás, quem os armou e financiou? Israel e EUA, na continuação do seu apoio às "primaveras árabes" e como sempre em tudo o que se metem os EUA estragam mais do que dizem ir compor.

Há coisas dentro das várias teorias de conspiração existentes que continuo a não entender.

Qual o interesse desses Illuminati e outros grupos em diminuir drasticamente a população mundial e voltar à barbárie? Para quê? Por que insistem em destruir a Terra e o ar? Porque manipulam o clima? Quanto mais a civilização regredir menos lucros irão ter por mais que dominem os povos. Há limites físicos à exploração. Mas a eles o que interessa é gastar o máximo possível, desperdiçar para recuperar depois em compensações e (re)construções despojando os povos de toda a riqueza e acumulando mais e mais, deitando mão a todos os recursos materiais existentes em qualquer parte do mundo sempre à sombra do poderoso dólar. Há inúmeras teorias sobre esta destruição maciça, teorias de eugenismo e outras, mas um dos mais esclarecedores textos explica bem o que se passa, de tal forma vil e inumana que as pessoas nem querem acreditar, assim como se recusam a crer que as torres gémeas foram deitadas abaixo pelos próprios... A despropósito convém lembrar o recente surto de ébola que permitiu aos EUA tomar conta de várias bases militares nesses países afetados e assim controlar os recursos minerais dos mesmos enquanto a população se preocupava com o ébola.

(leia-se a este respeito uma explicação da nova mentalidade que desafia toda a lógica¹³³).

CRÓNICA 146 CONTRADIÇÕES CONSCIENTES 21/2/2015

Há dias assim, uma pessoa acorda com o vírus da síndrome da página em branco e depois nem sempre o resultado é o que se espera... Antes de mais devo fazer declarações de interesse:

Sou veementemente carnívoro. Sou fervoroso adepto da carne de porco e da maior parte dos seus derivados em enchidos, especialmente os de Trás-os-Montes, das Beiras e da Hungria (por razões que não vêm ao caso). Sou intransigente adepto da maior parte das tradições e da necessidade de serem preservadas. Preocupa-me mais a desintegração europeia e a guerra da Ucrânia que a crise grega, pois antevejo uma repetição de duas guerras mundiais anteriores. Sou parcialmente a favor dos direitos dos animais e desaprovo a caça, em especial como alegado desporto, muito menos aprovo qualquer forma de tourada.

Dito isto, todos os anos por esta ocasião vejo-me confrontado com um espetáculo mesmo sob o meu nariz, pois na casa em frente procede-se à tradicional matança do porco. Apesar do meu amor pela matéria transmontana, raras vezes ali assisti a este costume da matança do porco e como era pequeno e inconsciente não retenho da mesma, grandes imagens ou recordações, antes prefiro concentrar-me nos excelentes resultados práticos para as minhas papilas gustativas que daí advinham. Sinto-me como cidadão de matriz urbana incomodado pela forma primitiva como a matança é feita e pelo sofrimento prolongado causado a um ser vivo.

A minha ancestralidade rural - tão manifesta em milhentos outros episódios - submerge sob a educação citadina e indigna-se pelos procedimentos. Ao ouvir os primeiros gritos de dor do animal, fugi e corri a refugiar-me debaixo do chuveiro para não ouvir esses lancinantes apelos. Quando emergi do duche já ia na fase do lança-chamas (como lhe chamo) para queimar a pele do animal e nem coragem tive de atualizar as fotos do ano transato que aqui acrescento. Felizmente, a minha consciência tranquiliza-me ao dizer que não provarei a carne nem tampouco os enchidos do animal que vi na engorda nos últimos seis meses, aqui em frente. Devo aliás retificar-me e colocar as frases no plural dado serem dois os animais sacrificados nesta tradição pós-entrudo. Isto evoca-me a repugnância das crianças quando descobrem que as galinhas que se alimentavam a milho no quintal eram as mesmas que lhes davam a bela canja

Termino dizendo que devem continuar com estas tradições, mas por favor encontrem uma forma mais rápida e humana de terminar com o sofrimento do animal e eu continuarei a lamentar-me anualmente com estas linhas.

CRÓNICA 147- DA LÍNGUA E DOS ACORDOS ORTOGRÁFICOS 13/5/2015

13 de maio 2015 entra em vigor oficialmente em Portugal o AO 1990, atrasado vinte e cinco anos. Na rede cibernética muitos se insurgem como contrista, isto é, sendo contra... A todos, sejam quais forem as razões invocadas, digo que se não concordam com este acordo e se não se pronunciaram durante o período de debate público (talvez estivessem ocupados a ver telenovelas do Brasil) sejam, pelo menos, coerentes e não aceitem também os acordos ortográficos anteriores.

Se não aceitam que este decreto algumas mudanças não podem coerentemente aceitar qualquer alteração decretada após 1911. Sejam coerentes e escrevam na forma caótica e desordenada como se escrevia em 1911, pois essa era a Língua Portuguesa pura segundo o vosso pensar, ou então vão mais atrás e sejam leais e fiéis e escrevam como el-rei Dom Dinis, aliás Diniz. Ninguém vos obriga a seguir a nova ortografia, a menos que sejam funcionários do Estado e afins, continuem a escrever como quiserem, mas sigam o meu conselho e aproveitem as energias despendidas contra o AO 1990 a lutar contra leis bem mais iníquas, como sejam os cortes ilegais nas reformas, nos salários, nos subsídios, nos feriados.

Fernando Pessoa continuou a escrever à moda antiga, mas também ninguém o leu enquanto vivo. Eu, na minha infância e juventude, só lia livros publicados no século XIX e isso não me confundiu a dar erros na escola primária e liceu, e penso que os jovens que aprenderam na nova grafia nestes últimos 6 anos também saberão distinguir entre as duas, como eu fiz.

A mim preocupa-me mais a ignorância da língua manifestada diariamente em órgãos de comunicação social, e noutros contextos, e essa nada tem a ver com acordos ortográficos, é pura ignorância, laxismo e desinteresse. Preocupa-me a deficiente formação dos professores de Português (entre outras áreas do conhecimento) e o inusitado elevado número de erros de Português (sem falar já de erros ortográficos) que surgem diariamente nas escolas de todo o país. Nunca, como hoje, houve tantos meios auxiliares para se escrever bem, desde corretores ortográficos ao acesso ilimitado que a internet permite. Daqui a alguns anos todas as obras serão publicadas corrigindo a velha grafia e o vosso esforço de apego ao passado terá sido em vão. Hoje ninguém quer ler Antero, Eça ou outros clássicos na velha grafia e o mesmo se passará convosco, esgotadas as falácias e a desinformação que vem sendo timbre da vossa oposição desenfreada ao estipulado no AO 1990. Se a história vos for benevolente merecerão uma nota de rodapé ou nem isso.

133 http://www.hermes-press.com/barbaric_annihilation.htm

Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo Lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo e daí nasceram os Colóquios da Lusofonia. Desde então, temos definido a nossa versão de Lusofonia como foi expresso ao longo destes últimos anos, em cada Colóquio. Esta visão é das mais abrangentes possíveis, e visa incluir todos numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que por vezes parece emanar da CPLP e outras entidades. Ao aceitarem esta nossa visão muitas pontes se têm construído onde hoje só existem abismos, má vontade e falsos cognatos.

Há algum tempo (2002) o emérito linguista anglófono Professor David Crystal escrevia-nos dizendo:

«O Português parece-me, tem um futuro forte, positivo e promissor garantido à partida pela sua população base de mais de 200 milhões, e pela vasta variedade que abrange desde a formalidade parlamentar até às origens de base do samba.

Ao mesmo tempo, os falantes de Português têm de reconhecer que a sua língua está sujeita a mudanças – tal como todas as outras – e não se devem opor impensadamente a este processo. Quando estive no Brasil, no ano passado, por exemplo, ouvi falar dum movimento que pretendia extirpar todos os anglicismos. Para banir palavras de empréstimo doutras línguas pode ser prejudicial para o desenvolvimento da língua, dado que a isola de movimentações e tendências internacionais. O inglês, por exemplo, tem empréstimos de 350 línguas – incluindo Português – e o resultado foi ter-se tornado numa língua imensamente rica e de sucesso. A língua portuguesa tem a capacidade e força para assimilar palavras de inglês e de outras línguas mantendo a sua identidade distinta. Espero também que o desenvolvimento da língua portuguesa seja parte dum atributo multilingue para os países onde é falada para que as línguas indígenas sejam também faladas e respeitadas, O que é grave no Brasil dado o nível perigoso e crítico de muitas das línguas nativas.» Posteriormente, contactei aquele distinto linguista preocupado com a extinção de tantas línguas e a evolução de outras, manifestando-me preocupado pelo desaparecimento de tantas línguas aborígenes no meu país e espantado pelo desenvolvimento de outras. Mostrava-me apreensivo pelos brasileirismos e anglicismos que encontrara em Portugal após 30 anos de diáspora. Mesmo admitindo que as línguas só têm capacidade de sobrevivência se evoluírem eu alertava para o facto de terem sido acrescentadas ao léxico 600 palavras pela Academia Brasileira (1999) das quais a maioria já tinha equivalente em Português. Sabendo como o inglês destronou línguas (celtas e não só) em pleno solo do Reino Unido a partir do séc. V, tal como Crystal (1977) afirma no caso do Cúmbrico¹³⁴, Norn¹³⁵ e Manx (Gaélico mancês ou Man da ilha de Man), perguntava ao distinto professor qual o destino da língua portuguesa, sabendo que o nível de ensino e o seu registo linguístico eram cada vez mais baixos, estando a ser dizimados por falantes, escribas, jornalistas e políticos ignorantes, sem que houvesse uma verdadeira política da língua em Portugal. A sua resposta em março 2002 pode-nos apontar um de muitos caminhos.

Diz Crystal:

«As palavras de empréstimo mudam, de facto, o carácter duma língua, mas como tal não são a causa da sua deterioração. A melhor evidência disto é, sem dúvida, a própria língua inglesa que pediu de empréstimo mais palavras do que qualquer outra, e veja-se o que aconteceu ao Inglês. De facto, cerca de 80% do vocabulário inglês não tem origem Anglo-Saxónica, mas sim das línguas Românticas e Clássicas incluindo o Português. É, até, irónico que algumas dos anglicismos que os Franceses tentam banir atualmente derivem de latim e de Francês na sua origem. Temos de ver o que se passa quando uma palavra nova penetra numa língua. No caso do Inglês, existem triunviratos interessantes como *kingly* (Anglo-saxão), *royal* (Francês), e *regal* (Latim) mas a realidade é que linguisticamente estamos muito mais ricos tendo três palavras que permitem todas as variedades de estilo que não seriam possíveis doutro modo. Assim, as palavras de empréstimo enriquecem a expressão.

Até hoje nenhuma tentativa de impedir a penetração de palavras de empréstimo teve resultados positivos. As línguas não podem ser controladas. Nenhuma Academia impediu a mudança das línguas.

Isto é diferente da situação das línguas em vias de extinção como por exemplo debati no meu livro *Language Death*. Se as línguas adotam palavras de empréstimo isto demonstra que elas estão vivas para uma mudança social e a tentar manter o ritmo. Trata-se dum sinal saudável desde que as palavras de empréstimo suplementem e não substituam as palavras locais equivalentes.

O que é devesas preocupante é quando uma língua dominante começa a ocupar as funções duma língua menos dominante, por exemplo, quando o Inglês substitui o Português como língua de ensino nas instituições de ensino terciário.

É aqui que a legislação pode ajudar e introduzir medidas de proteção, tais como obrigação de transmissões radiofónicas na língua minoritária, etc. existe de facto uma necessidade de haver uma política da língua, em especial num mundo como o nosso em mudança constante e tão rápida, e essa política tem de lidar com os assuntos base, que têm muito a ver com as funções do multilinguismo.

Recordo ainda que não é só o inglês a substituir outras línguas. No Brasil, centenas de línguas foram deslocadas pelo Português, e todas as principais línguas: Espanhol, Chinês, Russo, Árabe afetaram as línguas minoritárias de igual modo.»

Por partilhar a opinião do professor David Crystal espero que possam todos repensar a Lusofonia como instrumento de promoção e aproximação de culturas sem exclusão das línguas minoritárias que com a nossa podem coabitar. Só através de uma política efetiva de língua se poderá defender e promover a expansão do espaço cultural lusófono, contribuindo decisivamente para a sedimentação da língua portuguesa como um dos principais veículos de expressão mundiais. Que ninguém se demita da responsabilidade na defesa do idioma independentemente da pátria. Hoje como ontem, a língua de todos nós é vítima de banalização e do laxismo. Em Portugal, infelizmente, a população está pouco consciente da importância e do valor do seu património linguístico. Falta-lhe o gosto por falar e escrever bem, e demite-se da responsabilidade que lhe cabe na defesa da língua que fala.

Há outros aspetos de que, por serem tão correntes, já mal nos apercebemos: o mau uso das preposições, a falta de coordenação sintática, e a violação das regras de concordância, que, logicamente, afetam a estrutura do pensamento e a expressão. Além dos tratos de polé que a língua falada sofre nos meios de comunicação social portugueses, uma nova frente se está a abrir com o ciberespaço e com as novas redes de comunicação em tempo real.

Urge, pois, apoiar a formação linguística dos meios de comunicação social, promover uma verdadeira formação dos professores da área, zelar pela dignificação da língua portuguesa nos organismos internacionais, dotando-os com um corpo de tradutores e intérpretes profissionalmente eficazes. A atual crise portuguesa não é meramente económica, mas reflete uma nação em crise, dos valores à própria identidade. Jamais podemos esquecer que a língua portuguesa mudou através dos tempos, e vai continuar a mudar. A língua não é um fóssil. Também hoje, a mudança está a acontecer. Num país em que falta uma visão estratégica para uma verdadeira POLÍTICA DA LÍNGUA, onde o cinzentismo e a uniformidade são a regra de referência, onde a competição é uma palavra tabu, onde o laxismo e a tolerância substituem a exigência e a disciplina, onde a posse de um diploma superior constitui ainda uma vantagem competitiva, claro que continua a grassar a desresponsabilização. Os cursos superiores estão desajustados do mercado de trabalho, as empresas vivem alheadas das instituições académicas, existem cursos a mais que para nada servem, existem professores que mantêm cursos abertos para se manterem empregados. Ao contrário do que muitos dizem Portugal não tem excesso de licenciados, mas sim falta de empregos. Mas será que falam Português?

No 4º Colóquio da Lusofonia [em 2005] sobre a Língua Portuguesa em Timor-Leste, escrevia-se «O Português faz parte da história timorense. Não a considerar uma língua oficial colocaria em risco a sua identidade», defende o linguista australiano Geoffrey Hull no seu recente livro *Timor-Leste. Identidade, língua e política educacional*. A língua portuguesa «tem-se mostrado capaz de se harmonizar com as línguas indígenas» e é tanto mais plausível porque «o contacto com Portugal renovou e consolidou a cultura timorense e quando Timor-Leste emergiu da fase colonial não foi necessário procurar uma identidade nacional, o país era único do ponto de vista linguístico. O Português não é um idioma demasiado difícil para os timorenses pois estes já possuem um relativo conhecimento passivo do Português, devido ao facto de que já falam o Tétum-Dili», afirma Hull. «A juventude deve fazer um esforço coletivo para aprender ou reaprender a língua portuguesa».

Estas eram, de facto, as premissas com que partimos para o 4º Colóquio. Durante dois dias foi debatido o futuro do Português na ex-colónia, além de temas mais genéricos como as tradições, a literatura e a tradução em geral. As razões desta temática orientada para Timor-Leste têm a ver com um dos aspetos que consideramos de certo modo controverso. Em termos linguísticos é a primeira vez que se faz uma experiência destas no mundo: impor-se uma «língua oficial numa nação onde não existe uma língua própria, mas várias línguas: a franca, o tétum e vários dialetos».

De acordo com várias fontes, o aumento do número de falantes do Português quase que triplicou desde a independência de Timor, há cinco anos. A organização do Colóquio entende que «foi sobretudo graças à ação da Igreja Católica que a língua portuguesa se manteve em Timor», e daí a relevância da presença do bispo resignatário de Dili, D. Carlos Ximenes Belo, no segundo dia de trabalhos. Dentre os temas debatidos focando aspetos curiosos da Geografia à História de Timor, passando pelo Ensino e Cooperação, é importante realçar que os projetos com melhor e maior acolhimento foram aqueles que saíram das linhas institucionais rígidas. Trata-se de projetos em que os professores e cooperantes adaptaram os programas à realidade timorense e assim conseguiram uma adesão e participação entusiástica dos timorenses, que hoje os substituem já nessas tarefas. Este aspeto é notável, pois colide com a burocracia oficial e rígida que estipula quais os programas a aplicar sem conhecimento da realidade local e suas idiosincrasias. Em especial dois destes temas foram abordados por cooperantes brasileiros e portugueses, esperando-se que iniciativas semelhantes possam ser reproduzidas no futuro, pois só estes permitem preparar os timorenses para tomarem os seus destinos e os da sua Língua Portuguesa nas suas próprias mãos. A ideia transversal e principal deste Colóquio era o futuro do Português em Timor.

«O tétum está a ser enriquecido com toda uma terminologia que deriva automaticamente do Português, e não do inglês. Enquanto as línguas tradicionais cada vez mais se servem do inglês, o tétum está a servir-se do Português para criar palavras que não existem na sua língua franca o que enriquece tanto o Português como o tétum». Quanto ao futuro da língua portuguesa no mundo não hesito em afirmar que «de momento está salvaguardado através do seu enriquecimento pelas línguas autóctones e pelos crioulos, que têm o Português como língua de partida. Enquanto a maior parte das línguas tende a desaparecer visto que não há influências novas, o Português revela nalguns locais do mundo uma vitalidade fora do normal. A miscigenação com os crioulos e com os idiomas locais vai permitir o desenvolvimento desses crioulos e a preservação do Português». Por isso «não devemos ter medo do futuro do Português no mundo porque ele vai continuar a ser falado. E a crescer nos restantes países».

134 A ciência moderna utiliza o termo Cúmbrico para a variedade da língua britânica falada no Hen Ogledd. Parece ter sido muito intimamente relacionada com o galês antigo, com algumas variações locais. Não há textos sobreviventes escritos no dialeto; evidência para isso vem de topónimos, nomes próprios em algumas inscrições antigas e em fontes posteriores não-cúmbricas, em dois termos na *Leges inter Brettos et Scottos*, e o corpo de poesia pelo *cynfeirdd*, os "primeiros poetas", quase todos relacionados ao norte

135 O norn é uma língua germânica setentrional extinta, falada nas ilhas Shetland e Órcadas, situadas na costa norte da Escócia, e em Caithness. Após a soberania das ilhas ser transferida à Escócia pela Noruega, no século XV, o idioma foi substituído gradualmente pelo escocês.

Em 2006, no 6º Colóquio debateram-se os modelos de normalização linguística na Galiza e a situação presente, onde o genocídio linguístico atingiu uma forma nova e subtil, já não através da perseguição aberta e pública do galego, como em décadas passadas, mas pela promoção social, escolar e política de uma forma oral e escrita deturpada, castelhanizada, a par de uma política ativa de exclusão dos dissidentes lusófonos (os denominados reintegracionistas e lusistas).

Debateu-se uma Galiza que luta pela sua sobrevivência linguística, numa altura em que a UNESCO advertiu do risco de castelhanização total nas próximas décadas. Falou-se de história, dos vários avanços e recuos e de vários movimentos a favor da língua portuguesa na Galiza, teceram-se críticas, comentários e apontaram-se soluções, sendo quase universalmente exigida a reintrodução do Português na Galiza através de várias formas e meios. Existe aqui ampla oportunidade para as televisões portuguesas descobrirem aquele mercado de quase três milhões de pessoas.

As oportunidades comerciais de penetração da Galiza podem ser uma porta importante para a consolidação da língua naquela Região Autónoma.

Foi sobejamente assinalada a quase generalizada apatia e desconhecimento do problema da língua na Galiza por parte dos portugueses e o seu esquecimento por parte das entidades oficiais sempre temerosas de ofenderem o poder central em Madrid.

Faltam iniciativas como esta para alertar, um número cada vez maior, as pessoas para este genocídio linguístico, desconhecido e que mora mesmo aqui ao lado.

Por outro lado, constatou-se a necessidade de uma maior concertação e união entre as várias associações em campo que propugnam a língua portuguesa na Galiza.

A sua presença regular em eventos semelhantes em Portugal pode alargar o número de académicos preocupados com o tratamento de polé dado à língua nossa antepassada num território que por mercê duma conquista histórica de há 500 anos teima em não perder a sua língua original, que é a nossa.

O anúncio então feito por Martinho Montero da criação duma Academia Galega da Língua Portuguesa foi simultaneamente arriscado e ousado, mas foi um passo em frente para a concretização do sonho de muitos galegos.

Desde a sua criação, a AGLP, a sua Fundação e a Associação Pró-AGLP, não têm parado de aumentar as suas atividades e os seus convénios com entidades de todo o mundo lusófono.

Falta ser feita justiça no seio da CPLP para que lhe seja reconhecido o direito ao Estatuto de Observador, desígnio que tomámos como nosso desde 2010 no 13º Colóquio em Santa Catarina no Brasil. O tempo reporá a justiça da admissão na CPLP. (nota do autor: veio a ocorrer em 2017)

Em 25 de abril 2015, emocionado, assisti em Santiago de Compostela à inauguração da sede da AGLP e do seu rico acervo, na Casa da Língua Comum, dedicada à promoção da cultura e à língua portuguesa da Galiza. Um motor da mudança fundamental que se tem de operar para que a língua perdue e com ela a memória que vai de Manuel Murguía a Cal da Costa, Castelão, Rosalía de Castro e até Concha Rousia.

A recente aprovação da iniciativa Paz-Andrade visa na prática repor a língua galega no quotidiano daqueles que, impotentes, assistiram nas últimas décadas à sua castelhanização nesse castrapo a que se chamava normativo RAG.

Cito o embaixador José Augusto Seabra, primeiro patrono dos Colóquios:

"... Com a disseminação da língua que, a partir da sua matriz galaico-portuguesa, se tornou primeiro uma língua nacional e depois uma língua de contacto entre civilizações, este nosso idioma apresenta características de universalidade: disperso por todos os continentes, não é restrito a um grupo étnico, a uma comunidade religiosa, a um tipo de sociedade ou a um regime político, sendo uma língua de mestiçagem cultural, de contacto e de diálogo entre povos.

Se a comunicação e o cordão umbilical entre os dialetos galego e Português perduraram até hoje, a diversificação tornou-se mais nítida nas rotas do Atlântico, do Índico e do Pacífico, e tornou-se condição da unidade, mas não da unicidade, da língua portuguesa." Nesta época de desassossego global, em que o retorno dos fanatismos, dos fundamentalismos e dos terrorismos de toda a ordem impende sobre a nossa condição planetária, saibamos ser de novo, através da nossa «Portuguesa língua», interlocutores de um polígono de civilizações, culturas e religiões. Foi como língua de civilização e cultura que o Português se impôs historicamente, como profetizou o poeta-humanista António Ferreira:

«Floresça, fale, cante, ouça-se e viva

A portuguesa língua e lá onde for

Senhora vá de si, soberba e altiva...» (fim de citação)

Termino dizendo que juntas, quer a AICL quer a AGLP, prosseguirão unidas a sua luta pela unificação ortográfica da língua de todos nós, elevando-a a uma maior dimensão, preservando as diferenças, mas mantendo unificada a escrita da língua.

Respeitando a diversidade do Português, que é aliás a sua grande riqueza, impõe-se fazer um esforço no sentido de uma aproximação das suas formas, em domínios ligados ao uso contemporâneo, como é o caso da terminologia científica e técnica e dos neologismos decorrentes das novas tecnologias e de convivência internacional, sem prejuízo da salvaguarda das especificidades de cada variante, enquanto manifestações que são de identidades e alteridades culturais irreduzíveis.

Chrys Chrystello, Presidente da Direção da AICL - Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia

CRÓNICA 148. DE AUTONOMIAS

148.1. AUTONOMIAS NOMINAIS (FLA, 6 junho 2013)

"para saberes quem te governa descobre quem não podes criticar"
Voltaire

Autonomias nominais (FLA, 6 junho 2013)

hoje acordei sem voz
sem mãos,
sem pés
sem coração.

habito nove ilhas de mil cores
arquipélago de mil autores
num fiasco de autonomia
pobreza sem alegria

na independência poucos confiam
em busca de subvenções porfiam
melhor é ficar mudo e quedo
viver dos subsídios esmoleres
submissos e acomodados
pobres despreocupados
servos enfeudados
ingénuos explorados
na eterna espera de Godot
de um Mandela que não nasceu

assim se explicam os açores
ilhas de mil e uma dores.

148.2. AUTONOMIA, LIBERTAÇÃO, AÇORES

Hoje vou falar de um tema controverso e minoritário, a autonomia, o direito a esta e a autonomia como antecâmara da libertação. Pode parecer fastidioso, mas como a maioria das pessoas desconhece a história e os que se opõem a autonomias também não sabem de que gema é feita esta gente, o melhor é relembrar tudo desde o início. Ao contrário do que possa decretar o atual Presidente da República, Cavaco e Silva, existe um povo açoriano, resiliente e capaz de vencer contra a adversidade como o demonstra há séculos, sobretudo nos EUA e Canadá. É esse povo que pode ajudar a atingir os desígnios da autonomia alargada que a todo o custo, o Governo central de Lisboa tenta evitar com a sua experiência de séculos de colonização. Um povo que não é nação só se realiza na sua plenitude se conhecer e honrar a sua história. Prova-o a resiliência dos aborígenes australianos que sem escrita conseguiram preservar a grande nação através da preservação da sua história por via oral ao longo de 60 mil anos. Dizem os dicionários¹³⁶ que

136 <http://www.significados.com.br/autonomia/>

Autonomia é um termo de origem grega cujo significado está relacionado com independência, liberdade ou autossuficiência. O antónimo de autonomia é heteronomia, palavra que indica dependência, submissão ou subordinação. Em Ciência Política, a autonomia de um Governo ou de uma região pressupõe a elaboração de suas próprias leis e regras sem interferência de um Governo central nas tomadas de decisões. Em Filosofia, autonomia é um conceito que determina a liberdade de indivíduo em gerir livremente a sua vida, efetuando racionalmente as suas próprias escolhas. Neste caso, a autonomia indica uma realidade que é dirigida por uma lei própria, que apesar de ser diferente das outras, não é incompatível com elas. Em Educação, a autonomia do estudante revela capacidade de organizar sozinho os estudos, sem total dependência do professor, administrando eficazmente o seu tempo de dedicação e escolhendo de forma eficiente as fontes de informação disponíveis.

Para a autonomia dos Açores¹³⁷ teremos de levar em conta uma longa historiografia.

Foi iniciada com textos de Diogo Gomes de Sintra e de Valentim Fernandes Alemão, relativos ao descobrimento do arquipélago e, posteriormente, pelos de Pompeo Ardití ("Il viaggio che fece Pompeo Ardití da Pesaro all'Isola di Madera e alle Azzorre"). A estes, soma-se a obra "Saudades da Terra", do douto padre Gaspar Frutuoso (1522-1591), um manuscrito, escrito entre 1586 e 1590, dividido em seis volumes, que se inscreve numa história mais ampla, a da região atlântica que hoje referimos como Macaronésia, ao abordar os arquipélagos das Canárias, Cabo Verde e Madeira, antes de se dedicar aos Açores.

No século XVII destacam-se o "Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores", redigido entre 1646 e 1654 por Frei Diogo das Chagas (1584-1661), a "Fénix Angrence", entre 1683 e 1711 pelo padre Manuel Luís Maldonado (1644-1711), as "Crónicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores", até 1695 por Frei Agostinho de Monte Alverne (1629-1726), e a "História Insulana das Ilhas a Portugal Sujeitas no Oceano Ocidental", publicada em 1717 pelo padre António Cordeiro (1641-1722). Desse período, nos nossos dias são também referidas obras menos conhecidas, mas não menos importantes, como por exemplo, num viés temático, "A Margarida Animada", publicada em 1723 pelo capitão Francisco Afonso de Chaves e Melo. No século XIX, nomeadamente com o advento do Liberalismo, renovam-se os estudos sobre o tema, destacando-se a "Corografia Açórica" (1822), de João Soares de Albergaria de Sousa (1776-1875), ou obras de cunho mais restrito, como por exemplo a "História das Quatro Ilhas que Formam o Distrito da Horta" (1871), de António Lourenço da Silveira Macedo (1818-1891), os "Anais da Ilha Terceira" (1850-1874), de Francisco Ferreira Drummond (1796-1858), ou as "Épocas Memoráveis da Ilha Terceira dos Açores" (1890-1896) de José Joaquim Pinheiro (1833-1894). Este período é marcado ainda pela recolha de textos e documentos, como por exemplo a "Coleção de Variedades Açorianas", de José de Torres (1827-1874), do "Arquivo dos Açores", por Ernesto do Canto (1831-1900), e as "Escavações", de Francisco Maria Supico (1830-1911). Data ainda deste século a obra do britânico Thomas Ashe (1770-1835), "History of the Azores or Western Islands; Containing an account of the Government Laws, and Religion, the Manners, Ceremonies, and character of the Inhabitants and demonstrating the importance of these valuable islands to the British Empire", publicada em Londres em 1831, que enaltece a proeminência geoeconómica dos Açores, situados entre a África, a América e a Europa, e sugerindo ao seu Governo em Londres que patrocine a independência do arquipélago, transformando-o em um protetorado britânico. No século XX, embora todas as correntes ideológicas se encontrem representadas em termos historiográficos, um marco é estabelecido em 1976, a partir da fundação da Universidade dos Açores, sob a direção de Artur Teodoro de Matos, quando se regista um salto na produção historiográfica graças ao acréscimo do número de historiadores e da oferta bibliográfica. Destaca-se nesse contexto, a produção de Avelino de Freitas de Meneses.

148.2.1. ENQUADRAMENTO CONSTITUCIONAL

E o que dizem as leis?¹³⁸

A CRP¹³⁹ prevê no seu artigo 161º como competência política e legislativa da Assembleia da República a aprovação dos estatutos político-administrativos das Regiões Autónomas.

Os estatutos têm a forma de Lei, neles se definindo, nos termos da CRP, questões essenciais para o regime autonómico como a estrutura dos órgãos de poder próprio, as matérias de interesse específico e o património e poder tributário.

148.2.2. FORMA DE APROVAÇÃO

Reconhecendo o carácter paraconstitucional dos estatutos das Regiões Autónomas, o artigo 226º da CRP fixa um processo especial de aprovação daqueles diplomas, reservando o direito de iniciativa às Assembleias Legislativas das Regiões Autónomas.

Assim, os projetos de estatutos político-administrativos são elaborados pelas Assembleias Legislativas e enviados para discussão e aprovação à Assembleia da República; se a Assembleia da República rejeitar o projeto ou lhe introduzir alterações, remete-o à respetiva Assembleia Legislativa para apreciação e emissão de parecer; elaborado o parecer, a Assembleia da República procede à discussão e deliberação final. Igual regime se aplica às alterações dos estatutos.

148.2.3. ESTRUTURA E CONTEÚDO

O EPARAA atual foi aprovado pela Lei n.º 39/80, de 5 de agosto, e alterado pela Lei n.º 9/87, de 26 de março, pela Lei n.º 61/98, de 27 de agosto, e pela Lei n.º 2/2009, de 12 de janeiro.

Na sua versão atual (terceira revisão) o EPARAA, para além de um preâmbulo, tem 141 artigos, repartidos por 8 títulos:

- Título I — Região Autónoma dos Açores
- Título II — Princípios Fundamentais
- Título III — Regime Económico e Financeiro
- Título IV — Órgãos de Governo Próprio
- Título V — Relação da Região com outras Pessoas Coletivas Públicas
- Título VI — Das Relações Internacionais da Região
- Título VII — Organização das Administrações Públicas
- Título VIII — Revisão do Estatuto

148.2.4. MATÉRIAS DE INTERESSE ESPECÍFICO

O artigo mais importante, porque definidor dos poderes de autogoverno açoriano é o artigo 8º, o qual define como matérias de interesse específico, nas quais a legislação açoriana quando exista prevalece, as seguintes:

Valorização dos recursos humanos e qualidade de vida;

Património e criação cultural;

Defesa do ambiente e equilíbrio ecológico;

Proteção da natureza e dos recursos naturais, bem como da sanidade pública, animal e vegetal;

Desenvolvimento agrícola e piscícola;

Recursos hídricos, minerais e termais e energia de produção local;

Utilização de solos, habitação, urbanismo e ordenamento do território;

Vias de circulação, trânsito e transportes terrestres;

Infraestruturas e transportes marítimos e aéreos entre as ilhas;

Desenvolvimento comercial e industrial;

Turismo, folclore e artesanato;

Desporto;

Organização da administração regional e dos serviços nela inseridos;

Política demográfica, de emigração e Estatuto dos residentes;

Tutela sobre as autarquias locais e sua demarcação territorial;

Orientação, direção, coordenação e fiscalização dos serviços e institutos públicos e das empresas nacionalizadas ou públicas que exerçam a sua atividade exclusiva ou predominantemente na Região, e noutros casos em que o interesse regional o justifique;

Regime jurídico e exploração da terra, incluindo arrendamento rural;

¹³⁷ http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_dos_A%C3%A7ores

¹³⁸ http://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuto_Pol%C3%ADtico-Administrativo_da_Regi%C3%A3o_Aut%C3%B3noma_dos_A%C3%A7ores

¹³⁹ Constituição da República Portuguesa

Orla marítima;
Saúde e segurança social;
Trabalho, emprego e formação profissional;
Educação pré-escolar, educação escolar e educação extraescolar;
Espetáculos e divertimentos públicos;
Expropriação, por utilidade pública, de bens situados na Região, bem como requisição civil;
Obras públicas e equipamento social;
Comunicação social;
Investimento direto estrangeiro e transferência de tecnologia;
Adaptação do sistema fiscal à realidade económica regional;
Concessão de benefícios fiscais;
Manutenção da ordem pública;
Estatística regional;
Outras matérias que respeitem exclusivamente à Região ou que nela assumam particular configuração.
O Parlamento regional pode ainda transpor diretivas da União Europeia para o direito regional e apresentar propostas de Lei.

148.2.5. LISTAGEM CRONOLÓGICA DOS DIPLOMAS ESTRUTURANTES

Sem levar em conta o período dos donatários e dos Capitães-Generais, em que a autonomia das populações se exercia num âmbito radicalmente diferente, os Açores gozam já 110 anos de autonomia, embora por vezes bem mitigada e durante muito tempo não abrangendo o ex-Distrito da Horta (ilhas de Faial, Pico, Flores e Corvo).

Essa autonomia assentou nos seguintes diplomas estruturantes:

Decreto de 2 de março de 1895 - (Diário do Governo n.º 50 de 4 de março de 1895) - Estabelece a possibilidade dos distritos açorianos requerem, por maioria de 2/3 dos cidadãos elegíveis para os cargos administrativos, a aplicação de um regime de autonomia administrativa baseada na existência de uma Junta Geral (similar àquelas que tinham existido até 1892).

O Decreto, da autoria de João Franco, é aprovado em ditadura, sendo ratificado pelas Cortes pela Carta de Lei de 14 de fevereiro de 1896;

Decreto de 18 de novembro de 1895 - (Diário do Governo n.º 262, de 19 de novembro de 1895) - A requerimento dos cidadãos elegíveis do Distrito de Ponta Delgada concede autonomia administrativa àquele Distrito e fixa a distribuição por concelho dos procuradores à Junta Geral;

Decreto de 6 de outubro de 1898 - (Diário do Governo n.º 226, de 10 de outubro de 1898) - A requerimento dos cidadãos elegíveis do Distrito de Angra do Heroísmo concede autonomia administrativa àquele Distrito e fixa a distribuição por concelho dos procuradores à Junta Geral;

Carta de Lei de 12 de junho de 1901 - (Diário do Governo n.º 131, de 15 de junho de 1901) - Marca a consagração parlamentar do regime autonómico, correspondendo à primeira discussão nas Cortes desta matéria.

Altera o Decreto de 2 de março de 1895, tornando-o extensivo, a requerimento dos cidadãos elegíveis, do arquipélago da Madeira.

Pouco altera o regime anterior, mas têm claramente um carácter mais centralizador ao fazer depender múltiplas deliberações de aprovação governamental, não lhe fixado prazo para tal (cria um regime de "veto de gaveta");

Decreto de 1 de agosto de 1901 - (Diário do Governo n.º 171, de 3 de agosto de 1901) - Aplica a Carta de Lei de 12 de junho de 1901 ao Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo e fixa o vencimento de alguns dos seus funcionários;

Decreto de 19 de outubro de 1901 - (Diário do Governo n.º 239, de 23 de outubro de 1901) - Aplica a Carta de Lei de 12 de junho de 1901 ao Distrito Autónomo de Ponta Delgada e fixa o vencimento de alguns dos seus funcionários;

Lei n.º 88, de 7 de agosto de 1913 - (Diário do Governo n.º 183, de 7 de agosto de 1913) - Esta lei é a primeira referente à autonomia feita na vigência da Constituição da República de 1911.

Não introduz alterações de monta limitando-se, no seu Título VI (artigo 87.º), a manter no essencial o regime do Decreto de 2 de março de 1895 com as alterações introduzidas pela Carta de Lei de 12 de junho de 1901.

Os republicanos açorianos, que durante a fase final da monarquia constitucional defendiam uma solução federal (e nalguns casos a independência), não conseguiram fazer vingar os seus pontos de vista;

Lei n.º 621, de 23 de junho de 1916 - Mantém para as ilhas o regime da Lei n.º 88, de 7 de agosto de 1913;

Lei n.º 1453, de 26 de julho de 1923 - Mantém para as ilhas o regime da Lei n.º 88, de 7 de agosto de 1913;

Decreto n.º 14 402, de 7 de outubro de 1927 - Cria o Delegado Especial do Governo da República nos Açores.

Este posto é um antecessor direto do lugar de Ministro da República (a partir de 2006, Representante da República).

Ocupado pelo coronel faialense Feliciano António da Silva Leal, deu azo a alguma esperança no aprofundamento da autonomia e levou à produção da proposta de lei, nunca sequer discutida no Parlamento, de criar a Província Autónoma dos Açores (mais uma tentativa frustrada de acabar com a divisão distrital).

O cargo e os serviços da Delegacia foram extintos pelo Dec. n.º 17 830 de 7 de janeiro de 1930;

Decreto n.º 15 035, de 16 de fevereiro de 1928 - (Diário do Governo n.º 39, de 16 de fevereiro de 1928, republicado no Diário do Governo n.º 48) - Decreto do Governo da ditadura nacional saída da revolução de 28 de maio de 1926, consagrando parte das reivindicações apresentadas ao Delegado do Governo da República.

É generoso nos princípios e objetivos, fruto, como sempre na história da autonomia açoriana, do momento de alguma fraqueza do Estado Português que então se vivia.

Revoga o Decreto de 2 de março de 1895;

Decreto n.º 15 805, de 31 de julho de 1928 - (Diário do Governo n.º 174, de 31 de julho de 1928) - Marca um profundo retrocesso face ao Decreto n.º 15 305, de 16 de fevereiro de 1928 (tão efêmero que vigorou só 5 meses), eliminando as veleidades autonomistas entretanto alimentadas.

É o primeiro diploma sobre autonomia contendo a assinatura de António de Oliveira Salazar, sendo já bem patente a sua marca na vertente financeira;

Lei n.º 1 967, de 30 de abril de 1938 - (Diário do Governo, 1.ª série, n.º 99, de 30 de abril de 1938) - Depois de uma discussão alargada, envolvendo as Juntas Gerais e a Câmara Corporativa, foi aprovada pela Assembleia Nacional a Lei de Bases da Administração do Território das Ilhas Adjacentes, dando execução ao disposto no artigo 124.º, §2.º, da Constituição de 1933, que dizia a divisão do território das ilhas adjacentes e a respetiva organização administrativa serão reguladas por lei especial;

Decreto-Lei n.º 30 214, de 22 de dezembro de 1939 - Aprova o Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes desenvolvendo a Lei de Bases da Administração do Território das Ilhas Adjacentes, aprovada pela Lei n.º 1 967, de 30 de abril de 1938.

Foi elaborado por Marcello Caetano que para tal visitou demoradamente as ilhas e reuniu com as forças vivas locais. Estende pela primeira vez o regime autonómico ao Distrito da Horta.

Revoga o Decreto n.º 15 035, de 16 de fevereiro de 1928, e o Decreto n.º 15 805, de 31 de julho de 1928. Foi influente na elaboração deste diploma, o 1.º Congresso Açoriano, que reuniu em Lisboa, de 8 a 15 de maio de 1938, a nata da intelectualidade açoriana da época;

Decreto-Lei n.º 31 095, de 31 de dezembro de 1940, que aprova o Código Administrativo de 1940, inclui em anexo um Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes.

Este diploma revoga o enquadramento jurídico anterior, consolidando o modelo administrativo que vigoraria durante todo o período do Estado Novo, incluindo, sem prejuízo das alterações operadas pelo Decreto-Lei n.º 36 453, de 4 de agosto de 1947, o modelo específico dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes;

Decreto-Lei n.º 36 453, de 4 de agosto de 1947 - (Diário do Governo n.º 178, de 4 de agosto de 1947) — Altera alguns artigos do Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes e faz a sua republicação integral. Vigorou até à criação da Junta Regional dos Açores em 1975;

Decreto-Lei n.º 48 905, de 11 de março de 1969 - Cria, para efeitos de planeamento regional, a Região dos Açores, dotada de uma Comissão Consultiva de Planeamento com sede em Angra do Heroísmo, a primeira consagração após o fim da Capitania Geral dos Açores de uma estrutura supradistrital.

Criou o conceito de Região que está na origem da atual Região Autónoma;

Decreto-Lei n.º 458-B/75, de 22 de agosto - Cria a Junta Administrativa e de Desenvolvimento Regional (a Junta Regional dos Açores), na sequência do levantamento popular de 6 de junho de 1975 em Ponta Delgada. Derroga o Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes e extingue os distritos, criando um órgão administrativo único para os Açores;

Decreto-Lei n.º 100/76, de 3 de fevereiro - Altera o Decreto-Lei n.º 458-B/75, de 22 de agosto, consolidando a Junta Regional enquanto órgão administrativo dos Açores. Extingue a Comissão de Planeamento Regional criada pelo Dec.º-Lei n.º 48 905, de 11 de março de 1969;

Decreto-Lei n.º 318-B/76, de 30 de abril - Aprova o Estatuto Provisório da Região Autónoma dos Açores na sequência da aprovação da Constituição da República Portuguesa de 1976, ocorrida a 2 de abril de 1976, para entrar em vigor no dia 25 de abril seguinte.

Criou a atual Região Autónoma dos Açores na sequência do fixado na Constituição;

Decreto-Lei n.º 427-D/76, de 1 de junho - Altera o Estatuto Provisório da Região Autónoma dos Açores;

Lei n.º 39/80, de 5 de agosto — Aprova o Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores na sequência de proposta apresentada pela Assembleia Regional dos Açores.

É o primeiro diploma de natureza paraconstitucional a reger a autonomia açoriana e o primeiro a ser democraticamente proposto pelo órgão representativo de todo o povo açoriano;

148.2.6. EVOLUÇÃO

Em resultado da Lei Constitucional n.º 1/2004, de 24 de julho, que consolidou e alargou substancialmente a capacidade legislativa do Parlamento açoriano, foi concluído o processo de revisão do EPARAA, o qual consolidou o aprofundamento da autonomia política e legislativa, ficando aberto o caminho para a criação de direito regional (i.e. legislação açoriana especificamente concebida para a realidade insular) em praticamente todas as áreas que não correspondem ao núcleo das competências reservadas dos órgãos de soberania, podendo mesmo neste, mediante autorização legislativa a conceder pela Assembleia da República, ser produzido direito próprio.

A livre administração dos Açores pelos açorianos, a divisa dos autonomistas do século XIX, parecia finalmente aproximar-se da realidade política açoriana. Se assim parecia no papel, os anos subsequentes vieram provar diametralmente o oposto, com o Governo central cada vez mais coercivo, coartando todas as veleidades legisladoras da Assembleia Regional e do Governo. Não admira, pois, que na última década, se levantem de novo vozes independentistas (a FLA e suas várias manifestações cívicas como a ACA) a reclamar a entrega aos açorianos das suas riquezas que continuam a ser exportadas e exploradas pelo Governo centralista em Lisboa.

Se tiverem capacidade de motivar e captar as gerações mais novas o futuro pode ser diferente daquilo que é hoje. Pode demorar anos, décadas, mas tenho a certeza de que se trata apenas de uma questão de tempo. O poder local limita-se a ser porta-voz dos interesses partidários instalados em Lisboa, a ausência – por força da lei – de partidos locais, e o desencanto com a alternância PS e PSD-CDS, podem trazer surpresas futuras. É preciso que se saiba como estão a ser espoliados os açorianos das suas riquezas e se acabe de vez com a lamechice de dizer que Portugal faz o sacrifício de solidariedade de suportar os Açores, quando os gráficos da atividade económica global do arquipélago provam o contrário. Depois, haverá que investir na educação para a criação de uma massa crítica capaz de suportar os desafios de uma verdadeira autonomia.

CRÓNICA 149 DA INGRATIDÃO E DA LITERATURA, CRISTÓVÃO DE AGUIAR UMA CRÓNICA AMARGA. UMA VERGONHA PONTA DELGADA 16/6/2015

Em 15/6/2015 na apresentação, pela diretora da Biblioteca Municipal de Ponta Delgada e pelo Dr Carlos Riley da Universidade dos Açores, dos dois primeiros volumes das obras completas de Cristóvão de Aguiar (50 anos de vida literária) éramos 10 na assistência e 2 eram do governo...

Sei que há um mês houve uma sessão de homenagem (18 de abril na Casa Museu Guerra Junqueiro, Porto), em colaboração com a casa dos Açores e com o Departamento de Letras da Universidade do Minho onde lançaste nessa data a tua Obra Completa, composta por 13 volumes, a cargo das Edições Afrontamento, do Porto, que ganharam o concurso lançado pelo Governo Regional dos Açores.

Sei que tu, Cristóvão, um dos dois insígnos autores do Pico da Pedra, tens fama de ser um autor difícil. Claro que és, pois poucos dominam a língua portuguesa como tu, poucos burilam a palavra até à exaustão e perfeição como insistes em fazer. Sei que a maioria das pessoas - embora possa saber cantarolar a popular Naufrágio¹⁴⁰ imortalizada por Duarte e Ciríaco - desconhece que a clássica letra dessa canção universal é bem tua. Cristóvão de Aguiar, já o disse e escrevi, "é um autor difícil e o seu mau feitio é conhecido. Claro que sim, frontal e crítico, não entrou, nem quis, em cliques, clagues ou pseudo-tertúlias de intelectuais açorianos."

Radicado em Coimbra desde os anos de 1960, antes de ser incorporado no exército colonial português para ir para a Guiné e de terminar os seus estudos em Filologia Germânica, Cristóvão mudou-se para o Pico onde passa metade do ano. Em vez de voltar ao torrão natal de Pico da Pedra na ilha de S Miguel foi em 1996 para S. Miguel Arcanjo [Pico], onde é carinhosamente tratado pelos seus novos conterrâneos.

Mas depois de 15/6/2015, estarei para sempre chocado e desiludido com Ponta Delgada. Como se compreende que a oportunidade de ferçar palavras com um dos mais importantes escritores dos Açores do século XX ficasse desaproveitada sem assistência nem interesse das pessoas da maior ilha do arquipélago?

Como se entende que um dos mais ricos e prolíficos autores da verdadeira identidade dos Açores ficasse a celebrar os seus 50 anos de vida literária para uma plateia com uma mão cheia de presenças?

Claro está que depois, na tua morte, serás aclamado por todos e a TV e rádio estarão lá para falar bem de ti, o autor que - como ficou demonstrado - não é benquisto na sua terra. Pequenez de mentes. Insensibilidade, incultura. País pequeno de mentes pequenas, arquipélago ingrato a quem tanto fez para dar a conhecer a identidade açoriana e não o postal ilustrado que se vende aos turistas sobre hortênsias e lagoas...

Não fiquei surpreendido, mas fiquei esclarecido sobre o valor que este país dá a um dos seus mais representativos ícones literários...fosse ele um cantor pimba ou outra qualquer personalidade famosa pelos seus pés de barro de fama fácil e o anfiteatro seria pequeno. Não sendo escritor, sou como tu, Cristóvão, em muita coisa, mas ontem ao despedir-me rapidamente de ti, estava emocionado pela amizade que nos une e envergonhado dos meus concidadãos desta ilha que aceitei como nova pátria. Queria pedir-te desculpa em nome dos 68 748 habitantes de Ponta Delgada e dos restantes 137 699 cidadãos da ilha (Censo 2011). Queria dizer-te que não é verdade, que há quem te leia e ama os teus escritos, mas não estavam lá para to demonstrar.

Queria dizer-te que escreves melhor que muitos adulados, lisonjeados, sabujados, louvaminhados, engraxados, incensados, engomados, apajeados¹⁴¹, bajoujados, escribas de Portugal e do arquipélago, mas só gerações futuras saberão reconhecer o teu valor.

Queria dizer-te que mereces muitos dos prémios que são anualmente distribuídos embora deles não precisas.

Queria dizer-te que nos Colóquios da Lusofonia somos poucos, mas muitos te apreciam e entendem, mas não estavam lá ontem para to demonstrarem.

Queria dizer-te que o teu invejável percurso nestas cinco décadas de escrita não tem paralelo, mas lá estaria eu a adjetivar-te e tu não gostas disso. Não faz mal, sem menosprezo dos restantes, há quem possa afirmar que és um dos mais notáveis escritores em português da segunda metade do século XX e que soubeste transmitir (mesmo negando a açorianidade) a verdadeira alma micaelense e quiçá açoriana.

140 <https://www.youtube.com/watch?v=uo5xbrMnA9A>

141 a-pa-je-ar - verbo transitivo, 1. Acompanhar (como pajem).2. Lisonjear, adular."Apajeados", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/Apajeados> [consultado em 13-01-2016]

Bem haja meu amigo pelos livros que nos deste e de que agora compilaram em Obras Completas estes dois volumes. Segundo Mário Mesquita, Cristóvão de Aguiar é um dos principais responsáveis pela afirmação cultural dos Açores após o 25 de abril, e a citar outros, poderia ser fastidioso e repetir aqui o que teu amigo e companheiro de muitas lutas (Medeiros Ferreira) escreveu sobre a tua obra, mas acabo de ler na Wikipédia:

"Depois de Vitorino Nemésio, [Cristóvão de Aguiar] é considerado o maior escritor da literatura de autores açorianos e um dos de maior importância no panorama da Literatura Portuguesa contemporânea. Foi agraciado com a Ordem do Infante D. Henrique em 2001 e homenageado pela Faculdade de Letras e Reitoria da Universidade de Coimbra em 2005, por ocasião dos quarenta anos da sua vida literária, tendo sido publicado um livro, "Homenagem a Cristóvão de Aguiar", coordenado pela Prof.ª. Doutora Ana Paula Arnaud, o qual contém a generalidade das críticas e ensaios publicados sobre a obra do autor durante a sua vida literária. A trilogia romanesca Raiz Comovida (1978-1981) é uma das suas obras mais importantes, a par com a trilogia Relação de Bordo (1999-2004), em 3 volumes, um dos mais interessantes diários da literatura portuguesa."

A tua alma mater (Universidade de Coimbra) explica que

"[Cristóvão de Aguiar] ...tem-se revelado um escritor de mérito, a avaliar pelos prémios recebidos: Ricardo Malheiros da Academia das Ciências de Lisboa, pela "Raiz Comovida"; Grande Prémio da Literatura Biográfica APE, pela "Relação de Bordo" e o Prémio Nacional Miguel Torga, pelo livro "Trasfega"."

Para que não restem dúvidas foste um ilustre membro de uma "República de Estudantes de Coimbra" em cuja página¹⁴² se pode ler:

A Real República Corsários das Ilhas foi fundada em 1960 por iniciativa de estudantes provenientes do arquipélago dos Açores. Nos seus 41 anos de viagens a «nav corsária» já albergou marinhagem que se mostrou distinta. A título de exemplo, cite-se o nome de Carlos Candal; o atual eurodeputado socialista era, em 1962, durante a grave crise que assolou a universidade, presidente da Associação Académica de Coimbra. Ainda, durante a crise académica de 1972, destaca-se Carlos Fraião; este antigo corsário foi membro do Comité Central do Partido Comunista Português. Também Germano de Sousa, Bastonário da Ordem dos Médicos e Cristóvão de Aguiar, escritor, viveram nesta República.

Por falar neste escritor, o zé manuel deixou um comentário na anterior versão desta página que reescreve um passo do Relação de Bordo (1964-1988), livro do referido Cristóvão de Aguiar, em que lança um olhar sobre as suas experiências nesta casa quando por cá passou nos anos 60:

Coimbra, 1 de janeiro de 1964 – Na Real República Corsários das Ilhas, a cuja tripulação venho pertencendo desde 1961 (em outubro ascendi a 2º telegrafista), a passagem de ano foi, para mim, pavorosamente triste!

De resto, nunca fui de grandes expansões nessas horas que a tradição instituiu como marcos de viragem não se sabe bem de quê. Alheio ao natural estardalhaço dos meus camaradas co-repúblicos, bem comidos e muito mais bem bebidos, encafuei-me no meu cantinho a ruminar.

É que 1964 vai ser o ano em que vou dizer adeus à vida de estudante (para sempre? e ela agora que me estava correndo tão bem: no terceiro ano sem nenhuma cadeira atrasada, mas é sempre assim). Isto porque já no próximo dia vinte e sete do corrente, numa segunda-feira logo de manhã, vou iniciar em Mafra o Curso de Oficiais Milicianos, com destino marcado para a guerra colonial.

Consta da guia de marcha que recebi há dias, não esse destino, mas outro que vai de certeza desembocar naquele. Por isso, logo ao bater da primeira badalada da meia-noite no relógio da torre da Universidade, senti que me estava afundando em terreno pouco firme e lodoso.

Cheguei da Ilha em finais de setembro com uma mala na mão e sem dinheiro com que mandar cantar um cego, quanto mais para continuar os estudos.

Havia justamente perdido a bolsa da Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada, novecentos escudos mensais, mas que me davam, resvés, para me ir sustentando em Coimbra. E perdi-a, não porque chumbasse, mas por não ter atingido a nota final de catorze valores, classificação exigida a partir do segundo ano até o final do curso para a manutenção da referida bolsa.

Podia ter pedido dinheiro emprestado, a juro de dez por cento, como é costume lá na minha freguesia, mas meu Pai zangou-se comigo devido a um namoro reatado que ele não queria, derriço que, uma semana após a minha chegada a Coimbra, se desmanchou na secura de meia dúzia de linhas de uma carta, que me acompanha, na carteira, dobrada em quatro, as dobras delidas e enferrujadas...

Por tal motivo, negou-se a ser minha fiança.

Perdi a cabeça e pedi que me antecipassem a incorporação! Veja-se o paradoxo: em tempo de guerra ser meio voluntário, eu que, se tivesse coragem e juízo, devia, mas era desertar daqui para fora.

Na Ilha não queria ficar. Minha tia Lurdes e o Ti José da Costa deram-me coragem e o dinheiro para a passagem de barco e ainda mais algum para me ir tentando.

Cheguei à República e logo pus os meus companheiros ao par da minha situação. Houve reunião de casa à noite e ficou decidido, por unanimidade, que eu ficaria lá na mesma com todas as prerrogativas de um Corsário e só pagaria as minhas despesas, que seriam apontadas pelo Comissário de Bordo da Nau Corsária, quando recebesse os primeiros ordenados de aspirante.

Eram apenas quatro meses que ficaria a dever, de outubro a janeiro, que orçariam em cerca de três contos de réis. Depois, quando viesse de Mafra passar os fins de semana, andaria à lebre, como se diz em linguagem académica. Suspirei de alívio e comovi-me com tamanho companheirismo de que poucos como os ilhéus, fora das Ilhas, são capazes.

Por não conseguir perceber bem os motivos que levam um gajo a querer meter-se na guerra... terei que reconhecer que às vezes só se dá pelo erro depois de se ter dado o passo inexorável da tomada de decisão e consequente prisão às amarras que daí decorrem... nos tempos atuais, em boa consciência, eu, o corsário que escreve estas linhas, teria que manifestar, a um colega que se me aparecesse com o mesmo dilema existencial que fosse pedir telha e comida ao Exército para o qual fosse servir...

Mas, excetuando este detalhe que se prende com a valoração do mundo e com a justeza, ou não das coisas, o texto retrata aquilo que os Corsários têm melhor sabido fazer, não deixar um irmão na mão de baixo.

Termino citando os versos de Camões apostos numa das paredes da sala de refeições da Casa:

"Mais vale experimentá-lo que julgá-lo, mas julgue-o quem não puder experimentá-lo"

Dito isto à laia de introdução tenho uma declaração de interesse pessoal a fazer:

Sou amigo incondicional do autor e Cristóvão de Aguiar foi meu mentor de literatura açoriana na sua casa do Pico onde me recebeu, a mim e à minha mulher, como se de amigos de longa data se tratasse, nós que éramos de uma amizade recente surgida em colóquios da lusofonia. Durante os primeiros tempos da nossa amizade cavaqueei longamente com o escritor Cristóvão de Aguiar. Ambos, éramos e permanecemos, exaltados e revoltados contra a injustiça, quimera ensinada em verdes anos. Com ele aprendi e compreendi a canga que os cachaços insulares carreavam, muitas vezes, sem o saberem. Escrevi (e adiante o citarei longamente) em CrónicasAçores: uma circum-navegação (2º volume da Editora Calendário de Letras, 2011):

O mal da descoberta da escrita açoriana para um leitor neófito é ser um vírus altamente contagioso. Foi o que me adveio ao ler Dias de Melo. Exagerei mesmo numa mesa-redonda na RTP-Açores (março 2009) ao afirmar que merecia ser mais conhecido que Hermann Melville, o da baleia Moby Dick, ao que Cristóvão retorquiria logo ser uma hipérbole.

A propósito do mesmo assunto esclareceria Cristóvão:

Continuamos com a mesma pecha, a chamada açorianite aguda, que eu julgava que os colóquios [da lusofonia] tinham banido para sempre: o melhor da literatura, o mais belo que já li em toda a minha vida, e outros disparates do género. Ridículo! Enfim, só falta acrescentar que devia ter ganhado o Nobel, pelo menos este, que se houvesse mais elevado, seria este. Afinal, continua tudo na mesma, tal qual a música da relva: o mesmo e mais forte. Elogia-me a mim, para que te elogie a ti. Oh compadre, aqui na freguesia há só duas pessoas inteligentes. Uma sou eu, agora diga o compadre quem será a outra... já o Álamo e o João Afonso escreveram em 1981 no jornal união, de angra, que o meu mundo não é deste reino, de João de Melo, era superior ao mau tempo no canal e melhor que o apocalipse de são joão (vide: relação de bordo i, pp. 297 a 301 (10 de junho de 1983). francamente... assim, não passamos de paroquianos convencidos de que somos os melhores do mundo. chamei um dia a este complexo de superioridade "a insular bazófia". haja juizinho...

Numa fase seguinte, entre muitos escritores locais que fui lendo, voltei-me para a obra deste autor. Uma prosa que se cola como uma sanguessuga e sorve o sangue impedindo a irrigação cerebral. Fica-se refém da sua escrita, que não

¹⁴² <https://corsarios.wordpress.com/blogue/benvind/o-q-e/>

sendo fácil, enleia e se insinua na tentativa de forçar o leitor a buscar a compreensão daquilo que lhe está subjacente. Embrenhei-me noutros escritores que fui desbravando.

Ao longo destes onze anos falei e escutei a maior parte dos autores (e, entretanto, três já nos deixaram Fernando Aires, Daniel de Sá, José Dias de Melo). Com eles aprendi e compreendi a canga que os cachaaos insulares carregaram, muitas vezes, sem o saberem.

O dilema da pequenez das ilhas para um autor se afirmar sem ser reconhecido fora delas, a atração pelo mercado continental mais vasto como forma de afirmação e alforria literária criando um misto de desligamento e aportuguesamento dos autores que se mudaram de armas e bagagens para fora das ilhas, a inveja e ciúme dos que não conseguiram atingir esse patamar de reconhecimento continental, a emancipação de outros que venceram nos EUA e Canadá e a tarefa ingente dos que permanecendo conseguiram alcandorar-se a um reconhecimento externo.

O que muitos deles não acreditavam era que por serem autores açorianos podiam aspirar a serem universais e não apenas insulares, e não apenas portugueses, se entrassem em mercados mais vastos da Europa e do mundo. Esses escritores poderiam chegar bem mais longe e libertar-se da prisão invisível que é a pequenez das 9 ilhas do arquipélago.

Para isso, teríamos de mondar mercados novos e virgens, como a selva amazónica antes dos novos bandeirantes. Se não chegassem às novas gerações açorianas, poderiam alcançar descendentes, e expatriados que aprendem hoje o orgulho da nação açoriana, na cultura, tradição e outros valores primordiais que tão arredados das escolas andam hoje.

Mas os colóquios queriam levá-los a mercados e leitores insuspeitos, incluindo a antiga Cortina de Ferro onde há enorme gosto e apetência por escritores lusófonos. Para isso, idealizamos a atual série de Antologias, uma bilingue para captação do mercado norte-americano e canadiano, outra maior, em dois volumes, com uma seleção dos mais consagrados, uma coletânea de textos dramáticos para o ensino secundário e uma antologia no feminino dado que as autoras são sistematicamente esquecidas numa comunidade conservadora e machista como ainda é a sociedade açoriana.

Todas estas obras são didáticas para poderem ser estudadas nas escolas e assim se conseguir propagar este vírus altamente contagioso da escrita açoriana para leitores neófitos.

Depois, deparámos com um fenómeno típico das sociedades insulares e bairristas, a existência de “capelinhas”, cliques e claques, em torno das quais gravitavam alguns autores. Nem todos de qualidade despicienda, mas dependendo dessas cliques para serem objeto de artigos de jornal ou de visibilidade através da revisão crítica.

Na década de 1990, lentamente, os escritores açorianos foram encontrando o seu espaço, não havendo minguia de quantidade. Na maioria, sem projeção para além destas ilhas, com exceções contemporâneas. Falta ainda destrinçar, entre as centenas de autores, aqueles que realmente merecem ser incluídos em coletâneas e os outros que se serviram do rótulo da açorianidade para terem alguma visibilidade que, de outro modo, não teriam.

A solução que adotámos foi a de ignorar quem era quem, e sermos nós e os autores dos nossos projetos, a avaliar a qualidade de tais autores, com a ajuda dos autores que já conhecíamos e em quem já confiávamos. Daí as escolhas primeiras das antologias que posteriormente serão alargadas a mais autores e autoras à medida que os fomos descobrindo, sob o enorme guarda-chuva da Açorianidade que a todos alberga.

Nem sempre é fácil, pois ao lado de autores como Fernando Aires, Cristóvão de Aguiar e Eduíno de Jesus surgem autores que podemos designar como a Maria das Capelas, o António da Lomba e o José de Rabo de Peixe. Importantes até poderão ser de um ponto de vista de cultura popular, regional ou local, mas não deveriam nunca estar sob um rótulo de literatura.

Eu não mentia ao escrever o que escrevi sobre autores como Cristóvão de Aguiar. Tudo o que saía era sentido e vivido. Cristóvão de Aguiar fora lisonjeiro ao dizer-me que também Torga nunca mentira ao escrever poesia. Havia tão-só a origem transmontana comum pois nem eu era Torga, nem exprimia senão sentimentos reprimidos. Após meses de silêncio exercitava a pena de croniqueiro com a verve de jornalista que nunca deixara de ser. Era isto o que a escrita de Cristóvão, lentamente descortinada além das brumas, me proporcionava.

Para Cristóvão nunca seria catarse, mas fruto de amores incompreendidos entre si e a ilha...enquanto para mim a escrita e os colóquios da lusofonia são a expiação constante da minha guerra colonial sem mortos nem feridos, nem tampouco tiros.

No 9º colóquio da lusofonia (ou 4º Encontro Açoriano da Lusofonia em abril 2009), Cristóvão de Aguiar rejeitou (mais uma vez) o rótulo de literatura açoriana, por considerar que faz parte da produção literária lusófona.

«O título (literatura açoriana) é equívoco, porque pode parecer que é uma literatura separada da literatura portuguesa», afirmou à agência Lusa o escritor.

Como diz o autor (Relação de Bordo II pp. 199-200):

Primeiro foi a ilha, nunca mais a encontramos como a havíamos deixado...trouxemos somente a imagem dela ou então foi outra Ilha que conosco carregámos...

Sou como sou e a meu pai o devo, tal como Cristóvão o é devido ao pai. Continentes diferentes, mas uma só realidade, ambos criamos os sulcos que hoje trilhamos, separados por nove anos de idade, percorrendo as savanas e as estepes do sofrimento pessoal, das amarguras e romances que nos interrompiam a escrita e nos dispersavam da missão sagrada. Ambos plantamos árvores, publicamos poesia e tivemos filhos e netos/as em buscas incessantes pelo Santo Graal. Desconfiei sempre que não existia, a não ser na busca incessante com que criamos uma *raison d'être* nas nossas mentes conturbadas.

Noutro qualquer dia escrevia eu que hoje mal se vislumbra a costa da Bretanha em frente à janela do meu castelo aqui nesta falsa¹⁴³ na Lomba da Maia onde habito.

O grande Mar Oceano confunde-se com o azuláceo ou acinzentado céu, depende da cor das lentes com que se acorda.

Está um tempo caramónico, como dizem em Terras de Miranda, sem necessidade de escarrabunhar os pés por estarem carraspidos.

Sinto a falta do sol que me anima e vitaliza nesta humidade entorpecente que amolece corações e fenece almas.

Era assim que desabafava mutuamente numa guerrilha verbal contra esta falta da função clorofilina que cerceia as musas e emboita mentes.

E era então que me contrapunha Cristóvão de Aguiar "O tempo está mesmo abafado. Abafa o corpo e sobretudo a mente. Nunca mais há tempo decente".

Otimista acredito que melhores dias virão. Concentro-me numa conceção positiva rumo à realização dos objetivos que pensa terminar durante o curto passeio terreno que lhe deram a oportunidade de usufruir. Os problemas, por maiores que sejam, são meras contrariedades. Umas maiores que outras. Assim repito para crer no que digo. O tempo as curará retirando-lhes o relevo e importância ou resolvendo-as. Os momentos incomuns de felicidade e alegria devem ser fruídos em plenitude. Comemorados, celebrados, prolongados e recordados. Para isso sirvo-me da escrita. Para reviver momentos bons. Como são normalmente raros convém que perdurem, cinzelados nas pedras da lembrança. Criam trejeitos, esgares de sorrisos nas comissuras dos lábios.

Isto das ilhas tem muito que se lhe diga, algumas pessoas estão de costas voltadas para o mar, como em S. Miguel, enquanto outras há que não vivem sem ele, como no Pico.

Sei que é uma questão de tempo até começarem a zurzir nos forasteiros que, como ele, ousam opinar sobre este arquipélago.

Quando se perora sobre as nove filhas de Zeus urge não melindrar os interesses estabelecidos. As visões críticas ou não conformadas aos cânones podem acarretar sérios riscos para a saúde mental dos seus autores.

Vozes críticas ou arredadas dos estereótipos não abundam nem são benquistas. As elites dominantes e os poderes caciqueiros logo se insurgem.

A ingratidão, vergonha e falta de patriotismo são epítetos comumente usados para denegrir os que ousam.

Citam-se páginas relevantes da heroica gesta açoriana, com destaque para as guerras liberais e inúmeras desventuras de emigrantes que triunfaram em terras da estranja.

Surgem editoriais e recensões violentas nos jornais locais.

Os caixeiros-viajantes da cultura logo se arrogam o direito de defender a açorianidade ofendida.

Tais declarações de repúdio raramente extrapolam os cantos do arquipélago porque falar dos Açores ainda não é moda na grande capital do Império.

Foi isto que, por mais de uma vez, aconteceu ao amigo escritor Cristóvão de Aguiar.

Apodaram-no de tudo e mais alguma coisa, pois convém sempre ser mais papista que o papa.

Em meios pequenos é consabida a tendência para apoucar aqueles que das leis do esquecimento se desembaraçaram, como diria o vate, enquanto o imperador e seu séquito distribuem viagens e mordomias.

Terras pequenas, invejas grandes ou a reprodução literária do mote popular "a minha festa é maior que a tua".

Para o comum dos mortais a vida prosseguiria o seu rumo. Os Açores não são senão uma réplica miniatural da corte lisboeta. As elites não perdoam aos que não comungam da verdade única com força de dogma. Cristóvão escreve com uma pluma incómoda. Reservou-se um papel de narrador que pensa, fala e escreve sem recorrer aos lugares comuns que tamanho gáudio causam na população. Não reivindica verdades absolutas ou duradouras, limita-se a descrever o que sente e vê. Criaram-lhe a fama de irascível (quantas vezes com justas e fundadas razões?).

Eu recebera "avisos amigos" para tais perigos quando o convidei a estar na Lagoa (março-abril 2009) para o 9º colóquio (4º encontro açoriano da lusofonia). Congratulo-me que, relutantemente, Cristóvão tenha acedido.

Ao longo de meses trocamos correios eletrónicos e telefonemas criando uma amizade saudavelmente aberta e crítica.

Eu carecia de aprender mais com esta insondável personagem que tantos cuidados inculca aos arautos e defensores da paz podre açoriana.

Como acumulara milhas, no cartão de viandante frequente, aceitara a sua hospitalidade em agosto de 2009.

Uns curtos dias no Pico que Cristóvão assumira como pátria segunda,

Muitos dias após deixar a ilha mágica ainda reverberavam os seus encantos. (ler o descritivo da estadia na [Crónica 74.2](#)).

Estas são as imagens que guardo deste autor que tanto aprecio e que ontem foi totalmente ignorado pelos habitantes da ilha e em especial de Ponta Delgada. Está provado que Cristóvão de Aguiar não dá votos a ganhar. Ainda bem. E termino com esta palavras que lhe dediquei em 2013

644. Ao Cristóvão, Pico, 9 ago 2011/13 out 2013
descobriram no pico
marroços milenares
piramidais construções
galerias ocultas
sem múmias nem tesouros
sem origem nem fim conhecido
falaram de fenícios, cartagineses
gente da pré-história

mas a verdadeira pirâmide
reside mais a norte
em s miguel arcanjo
numa atulhada falsa
com vista para s. roque
é a universal biblioteca
da nova alexandria

é lá que todas as noites
os livros se põem a dançar
debatem e trocam impressões
dão conselhos e admoestações
referem prodigiosas citações
partilham bailhos e saber
da universidade da açorianidade

CRÓNICA 150 DE ISLAMITAS A CRISTÃOS, GUERRAS SANTAS E OUTRAS MORTES 6 SET. 2015

Começo esta CrónicaAçores com um poema inédito recente:

680 A MORTE DEU À COSTA, 4 SET. 2015

quando o mundo viu aylan kurdi
o menino sírio que deu à costa turca

o sangue congelou em nossos corações
 esquecidos doutros anónimos
 2500 tantos ou mais sem nome
 que morreram naquela e
 noutras praias noutros mares
 afogados, asfixiados, esfaimados
 desidratados, explorados, traficados
 fugitivos, refugiados, imigrantes ilegais
 adjetivos sem nexos
 para quem busca a vida
 depois de lhes destruírem o país
 de lhes roubarem a vida e os sonhos
 nem todos serão muçulmanos
 nem todos serão terroristas
 mas são todos seres humanos
 e nós secamos lágrimas de crocodilo
 com desculpas fáceis
 e voltará a acontecer
 e só alguns chorarão de novo
 inédito chrys chrystello

Para a seguir dar alguns factos:

A guerra do Iraque e todas as que seguiram no Médio Oriente resultaram da propaganda falsa sobre a Primavera Árabe cujo petróleo interessava (e interessa sobretudo) aos EUA, Alemanha, Reino Unido, França, Canadá, Austrália, etc.... Dessas primaveras políticas que de primavera pouco ou nada tiveram, sobram países despedaçados, milhares e milhares de mortos e estropeados e milhares de refugiados e pessoas em fuga das ruínas de suas terras, vilas, aldeias e cidades. Nascido aparentemente do nada um ISIS, Califado, DAESH, Estado Islâmico ou o que mais lhe queiram chamar, inicialmente concebido e equipado no maior segredo pelos EUA e Israel para lutar, contra sabe-se lá bem o quê, mas que, tal como os seus antecessores Ben Laden, Saddam Hussein e outros tantos, se virou contra o criador numa de Dr Jekyll e Mr Hyde. Bem avisara Ghaddafi antes de morrer, se me matarem vão sofrer uma invasão de islâmicos, que até agora alimentamos, a quem damos emprego e formação e assim mantemos fechadas as portas de fuga para a Europa... O quarto facto só surpreenderá os incautos: 0 (leia-se ZERO) refugiados no Catar, Kuwait, Arábia Saudita, etc.... Os EUA e Canadá não receberão nem um terço dos refugiados que a Europa será obrigada a aceitar.... Jovens refugiados irados destruíram um abrigo para refugiados na Alemanha, queixando-se das condições precárias, mas serão mesmo refugiados estes? 15 pretensos refugiados foram detidos pelas autoridades italianas por terem morto, deitando borda fora, outros refugiados cristãos. Vamos ter de esperar até eles deitarem borda fora os cristãos da Europa.... Excetuando a Noruega, todos os países europeus deixaram construir mesquitas em nome do politicamente correto, mas a Noruega diz que só autoriza quando deixarem construir igrejas nos países muçulmanos... Há dois anos os muçulmanos (de segunda geração) da Suíça exigiam a retirada da cruz da bandeira suíça.... Há muita gente que confunde religião com outras coisas e não entenderam verdadeiramente o que é isto do islamismo, não como religião, mas como forma política de dominação...afinal o Império Otomano já se finou há um século e poucos se lembrarão... O 12º facto é o ressentimento que vai existir num país como Portugal com imensa pobreza, sem-abrigo, etc., ao verem estes refugiados a terem casa e o demais (se bem que pagos pela EU) enquanto os próprios nativos são obrigados e emigrar por razões económicas e de trabalho...isto vai dar muito que falar e antes que passem das palavras aos atos vai ser feio....

Há momentos, a diplomata timorense Natália Carrascalão inquiria:

Arrisco perguntar, se não há intenções de cumprir o que em tempos ouvimos sobre dois países europeus, ou seja a sua tomada pelos loucos do ISIS?

Dito isto, eu que nunca fui politicamente correto, interrogo-me sobre como irão os europeus fazer a triagem entre combatentes infiltrados dos que verdadeiramente fogem, quem está por detrás destas levadas maciças de refugiados e destes barcos todos...?

CRÓNICA 151, PAÍS DIVIDIDO E INGOVERNÁVEL, 11/11/15, 151.1. PAÍS DIVIDIDO

Enquanto escrevo aguarda-se que a múmia (termo usado para designar um péssimo PR) decida como vai ser governado este país dividido.

«Há, na parte mais ocidental da Ibéria, um povo muito estranho: não se governa nem se deixa governar!» Esta frase foi escrita por um general romano em serviço na Ibéria em carta enviada ao Imperador. É atribuída ao General Galba, que teria sido um dos primeiros governadores romanos na península, no séc. III antes de Cristo. (LER CRÓNICA 66)

Tenho amigos de todas as cores do arco-íris e nem por isso deixam de ser amigos, nem isso implica que fique menos amigo por chorarem a queda do governo Passos Coelho, ou por festejarem como um novo abril a coligação do PS, BE e PCP. Há um princípio sagrado que sigo, sempre que posso, há décadas: política não se discute com amigos e família, ponto final. O país está dividido como já estive em 1975 de Rio Maior para cima e para baixo, mas agora mais parece uma divisão futebolística entre o FCP e o SLB (Porto e Benfica para os que não seguem a bola). Todos têm opinião -bem ou mal fundamentada - e desculpem que lhes diga, a maioria dos que têm opinião fazem-me lembrar os "contristas"¹⁴⁴ que sem lerem o AO 1990 falam de factos e fatos, de pactos com patos, cágados e cagados sem jamais terem lido nada sobre as mudanças do AO 1990 e confundindo léxico com ortografia.

A maioria do país descobriu 40 anos depois de abril que nas eleições legislativas não se elegia um governo, mas sim um parlamento...demorou tempo, mas ainda bem que agora já sabem. Depois não percebiam de aritmética e agora já vão tendo umas luzes para saberem que quando não há maiorias o governo se faz com minorias e com alianças parlamentares dos grupos com representação na AR. Ao contrário do que muitos pensam, não há coligações boas nem más, todas valem o que valem re os votos do Páf valem tanto como os dos restantes grupos, gostemos ou não deles.... Até o PAN que quer proibir a águia do Benfica tem voto válido.

Este país onde tive a desdita de nascer e que nada me deu nestes 66 anos de vida, a não ser desgostos e muitos, é um país malformado, mal-educado, malpreparado feito de gente diversa. Os que nasceram mais ou menos bem, como eu, a chamada classe média (alta ou baixa não interessa neste caso, mas já interessou pois no meu tempo eu podia ir para o liceu e os menos iam para as escolas técnicas, comerciais, industriais, ou nem isso...), os trabalhadores, os empresários, os patos-bravos e arrivistas, os corruptos quaisquer que sejam as suas cores políticas (e felizmente para a minhas origens parcialmente transmontanas, nem todos são transmontanos, embora avondem como dizem os galegos), os políticos de aviário que jamais trabalharam um dia nas suas vidas (e muitos tiraram cursos esconsos em universidades dúbias, outros tentaram falsificar esses cursos e outros nem isso) e uma enorme massa humana a que se chama povo.

Ora este povo que tem sido sistematicamente lavado ao cérebro desde tempos imemoriais sem jamais se depararem com grande oposição, por Viriato, Sertório, Romanos, Alanos, Suevos, Vândalos, Visigodos Árabes, pela Santa Inquisição delatária que fez de todos os tucas um povo de "bufos", pela Ditadura de má-memória que nos deu 48 anos de belo obscurantismo em troca de alianças de paz com alemães, franquistas, americanos e britânicos para encher os cofres de ouro que não se investiu. É este povo - dizia eu - que nos últimos 40 anos encontrou a liberdade e a confundiu com libertinagem, liderado por gente sábia na arte de roubar (lembram-se dos dinheiros da formação profissional que a Europa mandou para se comprarem carros de alta gama e quejandos?), satisfeito consigo e com essa liberdade que nunca soube interpretar.

Nada aprendeu, entretanto este povo, a não ser substituir o fado, futebol e fátima, por mais fado, futebol e fátima, acompanhado ao som de música pimba e quanto mais ordinária melhor, acompanhado ao som de telenovelas que os fazia sonhar com vidas que nunca teriam pois só existem na tela dos televisores, e mais recentemente inebriado pelo voyeurismo de Casas do Big Brother e da Quinta, onde a depravação e o sexo são a moeda corrente que os mantém ligados ao televisor, totalmente anestesiados e tão incultos como no tempo do Salazar, embora agora fossem quase todos doutores, engenheiros, arquitetos, e médicos graças à massificação do ensino.

Um povo que nunca cuidou de se educar, de ter formação pessoal e profissional capazes (também os governantes não o queriam, quanto mais incultos mais manipuláveis), sem gosto na sua história, na sua língua e na sua cultura sempre confundida com atividades circenses fossem elas touradas ou futebol. Um povo anónimo como aquela mulher de Ponta Delgada que ontem mesmo dizia "eu não vou lá muito com a cara dele" e assim faz as suas opções políticas, mal dissimulando o seu racismo, xenofobia e preconceitos seculares, porque o putativo candidato a primeiro-ministro é "diferente".

Houve mesmo quem escrevesse no Facebook que ele deveria ir vender chamuças e tandoori, forma dissimulada de lhe chamar monhé... é este povo que vota e assim faz as suas escolhas sobre quem nos vai governar...outros estarão ainda menos informados no seu analfabetismo disfuncional.

Olho pela janela e as brumas não auguram a chegada de nenhum Sebastião, desejado ou não. São apenas brumas, o Sebastião jamais chegará em dias de nevoeiro e mesmo que chegasse não salvaria este país. Está visto, o país partiu quase ao meio. A direita é direita, é direita. Porque sim. São dois quintos. A esquerda é esquerda, é esquerda. Porque sim. São três quintos. O centro, onde eu julguei que estava, desapareceu e agora? Ontem mesmo de Espanha e a propósito da ameaça de independência da Catalunha (lembram-se que Portugal recuperou a sua independência em 1580 por causa da Catalunha perder a dela?) vinha a proposta irónica que a seguir se transcreve.

151.2. DESABAFO IBÉRICO TROCAMOS CATALUNHA POR PORTUGAL 11/11/2015

Dado el problema del separatismo catalán que no cesa y con el cual nos machacan continuamente los medios de comunicación, creo que la solución puede ser muy fácil:

Cambiar PORTUGAL por CATALUÑA.

Hace tiempo que hay un movimiento en Portugal que quiere unirse a España...

Pros:

El idioma se entiende mejor que el catalan y se esfuerzan por hacerse entender es mas les encanta hablar español.

Ganaríamos en población y en territorio, tendríamos Madeira y Azores para ir de vacaciones, complemento ideal de nuestras demás islas.

Perderíamos Barcelona pero ganaríamos Oporto y Lisboa.

Tendríamos todo el mercado luso-hablante del mundo con sus relaciones comerciales ya encauzadas.

Perderíamos al Barça y al Español pero tendríamos al Oporto y al Benfica...

Perderíamos la butifarra pero ganaríamos el bacalao y el arroz con marisco, además las raciones en los restaurantes son mas abundantes y economicas.

Tendríamos mas costa y por tanto muchas mas playas.

Su folclore es mucho mas alegre y entretenido que la sardana.

(Que casi no se mueven para no gastar energía)

P T Te amo ❤️

No se tú... pero creo que ganaríamos mucho con el cambio...

Pásalo si estas de acuerdo.

Dito isto - e acreditem que esta crónica é das mais longas introduções que já escrevi - eu que (desde que deixei de ser monárquico aos 16 anos) sempre me coloquei no quadrante político mais à esquerda que à direita. Isto é comecei por me definir e ainda o sou, um social-democrata à moda da Suécia dos anos 70.

Direi também que comunistas e fascistas não têm grande simpatia ou estima na minha classificação (que me perdoem os bons e muitos amigos comunas, os outros não perdoem nada pois não imagino ter amigos fascistas, nem estou a ver quem possam ser, a menos que sejam da família e como todos sabem a família não se escolhe, nasce-se com ela como com um fato à medida, que depois quando a gente cresce pode sempre ir a um pronto-a-vestir e mudar de fato).

Há, no entanto, coisas que aprendi na minha Austrália e das quais não abduco, são princípios sagrados, dos poucos que ainda me restam neste mundo que definitivamente já não é o meu.

Acredito numa democracia participativa e aceito o voto da maioria mesmo que seja estúpida, iletrada e portuguesa.

Acredito que o mérito é a única unidade de valor que interessa e não o compadrio, a cunha, o senhor doutor parolo da sociedade em que cresci.

Acredito que um país só é governável quando os que o governam se governam apenas pelos superiores interesses do país e não pelos interesses do partido, dos amigos e demais associados corruptos e "boys and girls" nos seus "tachos".

Se é corrupto, julgue-se, prenda-se e deite-se a chave fora. Os corruptos não têm reabilitação possível, mas obriguem-nos a trabalhar e a produzirem algo para a sociedade nem que sejam caixas de fósforos (esqueci-me de que já não se usam...pode ser, sei lá telemóveis, limpar matas, arar campos desertos, reabilitar casa devolutas...há tanto para fazer e poucos para o fazerem).

Acabem com as reformas milionárias não merecidas nem com descontos que as justifiquem. Todos devem contribuir com descontos para a reforma iguais aos que o estado deve colocar em fundos especiais, mas sem os meterem em fundos de especulação.

O RSI - rendimento de inserção social ou mínimo, como quer que se chame hoje em dia - deve sempre contribuir para bonificar os que mais precisam que o devem retribuir em trabalho para a sociedade na medida das suas possibilidades e não para ficarem em casa a ver televisão.

Uma obra não pode ter derrapagem de custos, devem ser responsabilizados os culpados e indemnizado quem merecer ser.

As viaturas de estado devem ser reduzidas a um mínimo indispensável para o normal funcionamento dos serviços e não para a brutal ostentação inútil que se assiste em qualquer autarquia, repartição pública, ministerial, etc. Na Austrália deslocava-me nos transportes públicos juntamente com membros do parlamento, ministros, etc...e os parentes deles nunca estiveram na lama...A justiça deve ser célere e sem prescrições... Estado Social sim, mas com regras e inspeções: vejamos este exemplo a que assisti quando cheguei da Austrália, as casas sociais perto da minha no Porto, onde viviam pessoas sem posses, estavam todas com antenas parabólicas e carros melhores que o meu...isto em grupos familiares que não tinham rendimentos. Essas pessoas comiam diariamente nos cafés e restaurantes, coisa que eu não podia a não ser excecionalmente, algo me diz que a distribuição era injusta.

A minha ética é o trabalho e se hoje vivo a trabalhar "pro bono (graciosamente)" nos colóquios da lusofonia e suas atividades paralelas, fiz uma opção que não me remunera materialmente, mas me dá o prazer que o trabalho pago nunca me deu. São opções que não imponho a ninguém e desejo que respeitem.

Quando trabalhava por conta de outrem dei sempre mais do que recebi, fosse na função pública ou na privada. Raramente vejo isso nas pessoas que me rodeiam, exceção seja feita à mulher que me aceitou a meio da vida e a uns tantos e tantas que conheço e representam a exceção. O restante, na sua maioria (falo dos professores agora), são uma desgraça para a profissão. Deveriam ser expulsos se houvesse sistemas de mérito na progressão de carreira e verificação de competências. São professores porque não podiam ser mais nada e não pela sua dedicação à nobre e decadente arte de ensinar). Entendo que o trabalho deve ser justamente remunerado e a carreira deve ter progressão de acordo com o trabalho desenvolvido e tudo é mensurável.

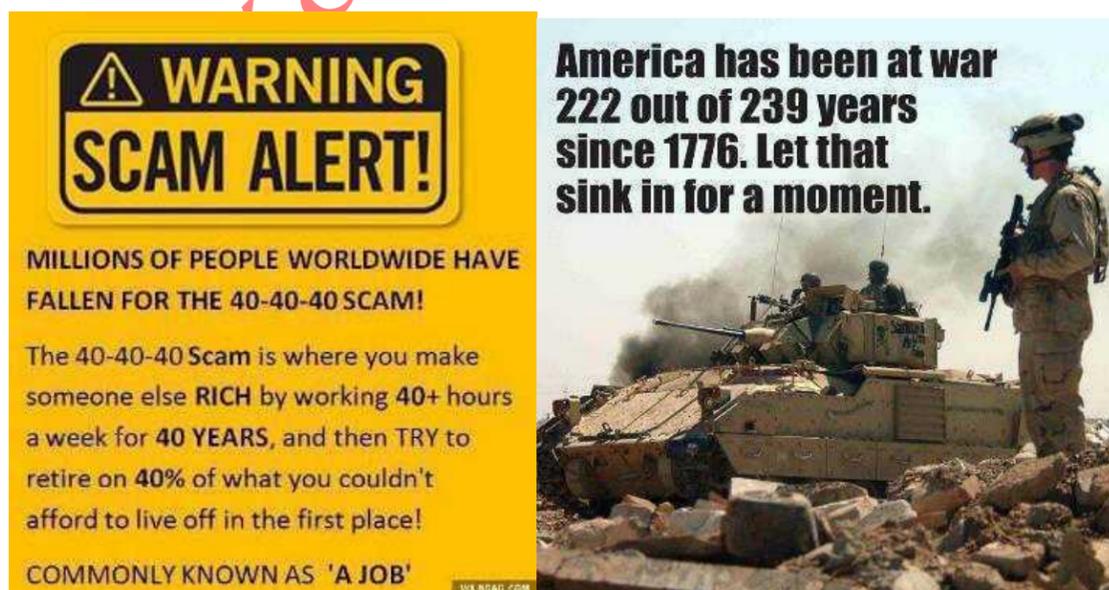
Na Austrália todos os funcionários públicos eram avaliados assim e progrediam graças ao mérito apenas. Era um sistema mais justo, as sugestões dos funcionários iam até aos ministros que muitas vezes eram forçados a mudar as normas "Top Down" pois não funcionavam na prática e ninguém melhor do que aqueles que estão na linha da frente para avaliar o impacto das mesmas. Aqui, qualquer norma é sempre rejeitada pois ninguém quer mudar nem ter mais trabalho, os funcionários públicos regem-se pela lei do menor denominador comum ou do menor trabalho útil.

O parlamento britânico tem condições mínimas para funcionar labora melhor que o português, sem computadores, nem gabinetes, nem telefones nem toda a parafernália eletrónica da Assembleia da República. Na Suécia os deputados de fora têm direito a um miniapartamento de frugal conforto que é tudo o que necessitam. Cá, há subsídios, mordomias, eu sei lá...o maior escândalo em Lisboa são os preços do caviar e do champanhe, quase gratuitos, no bar da Assembleia. Isto sem falar dos carros de luxo e das viagens em classe executiva. Lá na Austrália os transportes públicos são para todos e assim diariamente viajavam comigo ministros e altos funcionários do governo estadual sem que os parentes caíssem na lama.

Por Portugal jamais esquecerei a cena ridícula dos ninjas que acompanharam (o então mais breve primeiro-ministro da História recente de Portugal) Pedro Santana Lopes para o protegerem de ameaças, quando foi numa visita relâmpago de 48 horas, (2004 ou 2005) a Bragança, com carros blindados, a guiarem na contramão para o levarem à Estalagem de São Bartolomeu onde estava alojado, ... uma cena à faroeste.... Ora, como todos sabem, Bragança é um coio de terroristas do ISIS e Al-Qaeda. Ali ninguém se desloca sem batedores da polícia, guarda-costas e secretas como se fossem o presidente dos EUA ou de Angola... vá lá o diabo tecê-las e serem atingidos por uma alheira, bufelo ou - quem sabe? - uma posta mirandesa.

Dito isto falta tecer algumas considerações aos últimos quatro anos de tortura do governo português em funções, manietado pela banca internacional de agiotas que tenta reger o planeta e indo ainda para além das exigências da troica e do FMI, sem cortar um avo que fosse aos privilégios dos governantes, aos desmandos da banca e a outras benesses. Se ao menos desse período tivéssemos a certeza de ir ficar melhor o país e as gentes, ainda se compreendia o esforço, mas sabemos, de antemão, que de nada servirá e tudo continuará na mesma.

Tudo à custa das classes trabalhadoras, a quem se retiraram direitos, feriados, salários, a quem se congelaram salários e pensões, se reduziram todos os benefícios arduamente conquistados depois das longas trevas da ditadura, de promessas nunca cumpridas e de aumentos exagerados de impostos aumentando o fosso entre ricos e pobres, condenando milhares de portugueses a emigrarem, despovoando ainda mais um país envelhecido, reduzindo a quantidade de pagantes de impostos enquanto se aumentavam o número de milionários por meios obscuros e indignos para não dizer ilegais. Que o digam a Porsche e a Ferrari.



Ora este governo insensível que liderou Portugal nos últimos 4 anos entreteve-se a dar ao desbarato (em troca de luvas e outras benfeitorias) tudo o que era nosso e tinha algum valor para os estrangeiros cobiçarem, há pouco de Portugal nos produtos portugueses. Quase tudo que leve o nome português pertence a estrangeiros. Se as joias da coroa fossem bem vendidas ainda se admitia essa privatização, mas dar ao desbarato coisas que todos nós pagamos exorbitantemente é um crime de lesa-pátria.

Primeiro começava-se uma campanha contra a ineficiência de qualquer bem a vender, cortavam-se os meios de terem lucros e de funcionarem e depois entregavam-se de mão beijada aos amigos e aos que mais luvas pagavam. Foi assim com a EDP, REN; TAP; etc., ficou a ponte Vasco da Gama, a torre de Belém e os Jerónimos e pouco mais, e mesmo esses iriam a seu tempo ser vendidos, que disse não me restam quaisquer dúvidas.

Escravizado desta forma o povo português vendido a chineses e a outros, cada vez tinham menos serviços, menos saúde, menos justiça, menos educação e mais facilmente se manipulavam, aceitando caridadezinha que era apanágio dos tempos de Salazar. Um quarto da população vive em níveis de pobreza extrema, aumentaram os sem-abrigo, os destituídos, e sobretudo e isso não perdoou, hipotecou-se a ESPERANÇA.

*Sim, sei que sou um poeta, utópico e idealista, individualista, hedonista, mas se há coisa que não perdoou foi roubar A ESPERANÇA às novas gerações. Nem Salazar conseguiu isso fazer à minha geração, pois havia a guerra colonial, havia um regime decrépito, mas tínhamos a ESPERANÇA e agora os meus filhos não têm isso nem sabem o que é, dado que foi hipotecado o futuro deles e dos filhos deles.
Como bom poeta anárquico sempre podia desejar o caos absoluto, après moi le déluge, diria mesmo, um terremoto maior do que o de 1755 para reconstruir o país todo do zero, mas isso era improvável. Sonho com isso desde os tempos de Liceu...*

Assim temos de nos contentar com esta aliança da dita esquerda, dizem-me que é contranatura, mas não era contranatura o que estavam a fazer ao país? Vender o país a retalho sem mexer nos privilégios dos ricos e poderosos? Mandar sempre a fatura aos mesmos? Fazer o povo pagar os erros dos bancos em vez de se fazer como na Islândia onde se prenderam os banqueiros e se venderam os bancos para reembolsar os que foram vigarizados por eles? Sou europeísta e acreditei no sonho dos fundadores da Europa como solução para um continente que assistiu a séculos de guerras incessantes como inúteis que sempre foram, mas não votei numa Europa manietada pelo grande capital agiota para nos retirar a liberdade e a soberania.

Não é essa a Europa a que quero pertencer, uma fortaleza anti-imigração que se deixa corroer de dentro pelo avanço do islamismo fundamentalista sonhando com islamismos moderados que ainda não existem. Uma Europa que vê primaveras árabes ao fundo do túnel do petróleo e com isso faz desabar ditadores e abre escancaradamente as portas a uma emigração que mais ninguém vai conter a não ser pela força das balas e dos naufrágios inúteis no mar mediterrâneo. Uma Europa aliada dos EUA a formar e a armar grupos como a Al-Qaeda, ISIS que depois fogem ao seu controlo para se tornarem em vilões como Saddam, Bin Laden e outras invenções americanas. Nunca acreditei na troica e no FMI como forma de resolverem os problemas de nenhum país, dada a experiência que tinham em destruir países e condenar povos à miséria escravagista do capitalismo selvagem.

A austeridade nunca foi receita para ninguém, nem faz crescer as economias para darem mais lucros aos agiotes. Ao contrário dos meus amigos neoliberais sou contra toda a austeridade imposta de fora, mas não sou contra o rigor, nem sou contra o despesismo balofo, a ostentação, o novo-riquismo. Sabido isto congratulei-me com a moção de ontem que fez cair o governo minoritário Páf... que caiu com um puf...esvaziando a sua sobrançeria e a quem dediquei esta adaptação de um célebre soneto do vate Luís Vaz de Camões:

EGÉRIA¹⁴⁵ (SONETO DE CAMÕES ADAPTADO AO DIA DE HOJE)

*Coligação pouco gentil, que te partiste
Tão cedo deste desgoverno descontente
Repousa lá no inferno eternamente
E viva eu cá na terra jamais triste.
Se lá do assento abrasador, onde caíste
Memória desta tortura se consente
Não te esqueças do ódio ardente
Que devotaste ao povo que nunca viste.
E se vires agora que pode merecer-te
Alguma coisa a dor que nos causaste
Da mágoa tão atrasada de perder-te
Roga a deus que teu governo encurtou
Que tão cedo não vá de volta a ver-te
Quão tarde de meus olhos vos levou
JCC 10/11/15*

Esqueci-me de dizer que também já não acredito nessas tretas de direita e esquerda, pois não creio em nenhum político honesto (é como acreditar numa prostituta virgem!), nem imagino que este novo governo possa fazer grande coisa (não o deixarão os magnatas agiotes) mas teve a vantagem de, por momentos, nos restituir a ESPERANÇA e para um poeta é essa a força que alimenta a vida. Quanto ao resto quero é que os corruptos sejam condenados e presos, que o sistema bancário mundial seja rapidamente aniquilado...Não, não me entendam mal, eu até acredito no capitalismo, mas mais à moda antiga, aquele que investe os lucros para criar maior riqueza para todos, como dantes acontecia.

Pelo que vi do comunismo há sempre uns mais iguais que outros. Ainda acredito numa social-democracia à moda sueca dos anos 70, que era assim que se imaginava o socialismo à portuguesa, onde o estado complementa a iniciativa privada e a liberdade individual em vez de a tolher com normas estúpidas como o tamanho dos tomates ou dos chicharros. Ainda acredito no ensino universal e gratuito para todos os que tiverem valor e não para os que querem apenas o canudo e o axíónimo Dr. ou Eng.º ou quejandos.

Acredito que qualquer país só pode evoluir quanto mais culta for a sua massa populacional, eu disse culta, não disse com canudos de Bolonha... Acredito em qualquer país que gaste mais no orçamento da cultura do que na defesa, acredito em qualquer país que preze a sua história e a preserve seja através da recuperação dos seus monumentos e tradições orais ou qualquer outra forma que não sejam touradas e demais falsas culturas circenses...caso contrário que volte o autêntico e original circo de Roma com muitos leões para lá deitarmos os nossos políticos na arena. Quanto a guerras determino que em vez de mandarmos a nossa juventude para a guerra devemos estabelecer normas de duelo entre os políticos dos países beligerantes, podendo estes escolher as armas, sejam elas luta livre, corpo-a-corpo ou xadrez. Com ESPERANÇA posso voltar a sonhar e sem sonhos a vida não merece ser vivida.

145 Do latim Egeïa -, mitologia, «Egéria», conselheirasecreta de Numa Pompílio, rei de Roma, 714-671 a. C.

Egeria, conhecida também como Echeria, Etería, Aetheria e Etheria, foi a autora dum livro de viagens no século IV. Tudo parece indicar que nasceu na Galécia, "nas ribeiras mais afastadas do oceano ocidental", segundo documentos do século VII, embora (ao se perder a primeira parte da sua obra) haja autores que situem o seu nascimento na Aquitânia.

CRÓNICA 152, ABATERAM OS CÃES RAIVOSOS, MAS NÃO ABATERAM A RAIVA II, 14/11/2015. NOVA VERSÃO, CRÓNICA 144

E onze meses depois aqui estou a escrever de novo as mesmas palavras: **ABATERAM OS CÃES RAIVOSOS, MAS NÃO ABATERAM A RAIVA**. Depois de 13/11/2015 a Europa não mais será a mesma se os europeus quiserem...caso contrário e se continuarem a não saber lidar com o ISIS, DAESH ou estado islâmico, como devem, este será apenas mais um episódio depois da queda há semanas do avião russo, do atentado em Beirute há dias com 43 mortos e dezenas de feridos e este atentado de Paris.

Sempre me senti diferente, mas hoje tenho ainda mais vergonha de ser humano...vivo num mundo cada vez mais monstruoso e iníquo...este mundo já não é o meu...estou rodeado por tudo aquilo que abomino: violência, morte gratuita, a vida sem valor...pergunto-me, em que é que errei? Erramos todos e a minha vida de nada serviu para continuar a assistir à barbárie.

Quando os EUA começaram a criar monstros como Saddam, Bin Laden, ISIS, EI e a acreditar na história da carochinha (perdão da primavera árabe com cheiro a petróleo) despoletaram aquilo que Kadhafi sempre avisara e não há fronteiras que resistam a tantos terroristas e fundamentalistas, e quanto mais a Europa erguer muros mais terroristas atravessarão esses muros, pois eles vivem já dentro da própria Europa, nasceram lá.

Por que não meto a bandeira tricolor de fundo no Facebook? É simples não o fiz antes em nenhuma das catástrofes da Nigéria, do Líbano, da Síria, do Iraque, da Ucrânia e de tantas, tantas, tantas outras que nem me lembro de todas, podia começar pela Hungria nos anos 50, a Checoslováquia nos anos 60, Allende em 73, o genocídio de Pol Pot e de Timor e os que se seguiram que não haveria espaço para tanta bandeira. Depois tinha de incluir a maior parte dos países que os EUA invadiram...e quase que esgotava as bandeiras do mundo.

Afinal nasci no pós-guerra e seis décadas e meia depois continuo a ver metade do mundo em guerra, vejo a Europa a desmorronar-se como previ há muitos anos, o mundo ocidental cai que nem o Império Romano e os poucos princípios que me restam são vilipendiados dia após dia em todas as partes do mundo. Nasci numa época de esperança em dias melhores, na adolescência havia a esperança de ver cair o Estado Novo, vivi a esperança de um mundo multicultural na Austrália e hoje não encontro a esperança de que preciso para estes últimos anos de vida.

Fui sempre contra todas as formas de violência durante toda a minha vida e dou comigo a desejar mentalmente a violência para acabar com a violência absurda que nos rodeia. Estou aliás convicto, como o general Ramalho Eanes, de que é a única forma de terminar com este pesadelo jihadista. Mas sei que depois deste, outros virão. Acabaram com os gulags soviéticos, mas depois outros vieram e criaram Abu Grahib e Gitmo (Guantánamo). Reinventaram novas formas de matar e torturar enquanto eu sonhava ainda que as pessoas podiam se amar. Espero poder continuar a sobreviver e continuar a sonhar... o original pode ler-se em [Crónica 144](#)

CRÓNICA 153 AS GRANDES MENTIRAS DA HISTÓRIA. 21/11/15

153.1. AS SETE GRANDES MENTIRAS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL



Chegou o momento de dar voz a outros nestas crónicas e esta de António Garrochinho é bem esclarecedora e desconhecida pela maior parte dos professores e dos alunos deste país....

PUBLICADA POR ANTÓNIO GARROCHINHO QUINTA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO DE 2015.

A RESPEITO DA NOSSA HISTÓRIA TEMOS MUITAS IDEIAS FEITAS QUE NÃO CORRESPONDEM À VERDADE, MAS AS SOBRE AS QUAIS ASSENTA A IMAGEM QUE TEMOS DO PAÍS. DESCUBRA-AS NA ÍNTEGRA. (CONFIRA, EM BAIXO, A EXPLICAÇÃO DETALHADA SOBRE CADA MENTIRA)

153.1.1. MENTIRA N.º 1 -PORTUGAL É UM PAÍS DE BRANDOS COSTUMES

Não é verdade. Só nos séculos XIX e XX, contam-se por milhares os mortos em guerras civis e revoluções. Foi o Estado Novo que inventou o chavão, numa operação de ação psicológica. Naquela manhã de céu azul, a capital acordou ao som do canhão.

Erguiam-se barricadas, o vizinho lutava contra o vizinho, com soldados pelo meio e bandeiras nacionais de ambos os lados. Ao final do dia, muito sangue tinha corrido nas valetas e contavam-se uns 200 mortos e mais de um milhar de feridos. Este quadro não diz respeito a um país distante nem a uma época remota do passado. Aconteceu há menos de cem anos, no dia 14 de maio de 1915. Em Lisboa, capital de Portugal. Num país de "brandos costumes".

Se mais exemplos não houvesse, este bastaria para derrubar a tese da "brandura" dos nossos hábitos e procedimentos, posta a circular pelo Estado Novo salazarista. Mas as demonstrações de aspereza de costumes podem multiplicar-se até à exaustão.

Começamos pelo caso acima referido. O levantamento de maio de 1915, liderado pelo grupo dos chamados "Jovens Turcos", dirigia-se contra a "ditadura" de Pimenta de Castro, um general mandatado três meses e meio antes pelo presidente Manuel de Arriaga para governar com o Parlamento encerrado. Jovem Turquia era o nome de uma loja maçónica de que faziam parte políticos, civis e militares. O seu objetivo de repor a plena vigência da Constituição de 1911 seria alcançado, levando à imediata transmissão dos poderes para uma Junta Constitucional composta por cinco "jovens turcos", todos afetos à entrada de Portugal na Primeira Guerra Mundial, uma medida preconizada por Afonso Costa, o líder do Partido Democrático.

153.1.2. LINCHAMENTO DE UM SENADOR

No dia 17, esta junta preparava-se para transmitir por sua vez o poder a um novo Governo, que seria chefiado pelo dirigente do PD, João Chagas. Porém, nesse mesmo dia, Chagas era atingido a tiro num olho pelo advogado e senador João José de Freitas, quando se encontrava na estação ferroviária do Entroncamento, dentro do comboio que o transportava do Porto para Lisboa. Chagas ficou parcialmente cego e Freitas foi ali mesmo linchado por um grupo de populares de que fazia parte um soldado da GNR. Brandos costumes?

Poucos anos antes, nos dias 4 e 5 de outubro de 1910, a revolução que derrubara a Monarquia e implantara a República fizera, também em Lisboa, entre 60 e 70 mortos e cerca de 500 feridos. Tinham sido erguidas barricadas na Rotunda (Marquês de Pombal) e um cruzador bombardeara o Palácio das Necessidades, onde o jovem rei D. Manuel II jogava o bridge com alguns cortesãos. Um dos obuses da Rotunda, disparados no enfiamento da Avenida da Liberdade, pegou fogo a um prédio. As (poucas) forças leais à Monarquia, comandadas por Paiva Couceiro, investiram primeiro pelo lado de Campolide, e depois a partir do alto do Torel. O Rossio era um acampamento de soldados, com as armas ensarilhadas.

O rei, a mãe e a avó passariam a noite em Mafra, de onde seguiriam para a Ericeira para embarcar rumo ao exílio.

Automóveis com revolucionários dentro perseguiram-nos ainda pela estrada do Sobreiro.

153.1.3. REI E PRESIDENTE ASSASSINADOS

D. Manuel II, de 20 anos, sucedera 32 meses antes ao pai, D. Carlos, assassinado em pleno Terreiro do Paço a 1 de fevereiro de 1908. A meio da tarde desse dia, sob um pálido sol de inverno, o penúltimo rei de Portugal e o príncipe Luís Filipe, herdeiro do trono, tinham sido assassinados a tiro quando seguiam num landau, pouco depois de terem desembarcado do vapor do Barreiro, no regresso do palácio de Vila Viçosa. O eco dos disparos de Manuel Buiça e Alfredo Costa, dois membros da sociedade secreta Carbonária, abalou a vida política nacional e anunciou para breve o advento da República, mas o regicídio foi considerado na altura pelos lisboetas quase como algo de natural. Sabe-se agora que se tratou de um plano articulado, que envolvia além dos carbonários muitas outras pessoas, algumas altamente colocadas. Numa reportagem publicada pelo New York Times em julho desse ano lia-se:

"Diz-se que a rainha Amélia reconheceu num dos assassinos um proeminente líder político, mas guarda firmemente o seu segredo."

Implantada a República, em 1911 e 1912 grupos de monárquicos exilados em Espanha entraram em pé-de-guerra pelo norte de Portugal, cercando vilas, investindo aldeias, aliciando camponeses e pastores para a causa derrotada.

Depois, entre 1915 e 1925 foram numerosos os movimentos militares em defesa da República democrática ou contra ela. Um dos golpes triunfantes, o de Sidónio Pais, inauguraria no final de 1917 um ano de ditadura que terminaria com a morte a tiro, na Estação do Rossio, daquele a quem Fernando Pessoa chamara Presidente-Rei. Era o segundo assassinio de um Chefe de Estado português em menos de 11 anos, depois do regicídio que vitimara D. Carlos.

153.1.4. UMA GUERRA ESQUECIDA

Ainda os tiros que tinham vitimado Sidónio ecoavam no Rossio, e já na outra ponta da linha férrea que dali partia no Porto era restaurado o regime monárquico. Em Lisboa, os republicanos formaram um executivo obedecendo à Constituição de 1911, mas as Juntas Militares conservadoras não se conformaram e exigiram "um governo de força". Contavam para isso com o apoio dos civis que giravam em torno do Integralismo Lusitano, de extrema-direita. O deposto rei D. Manuel II não só acompanhava tudo com a máxima atenção a partir do seu exílio inglês como dera mesmo luz verde à movimentação monárquica. A ideia dos insurretos era estender as suas movimentações a todo o País, mas as Juntas Militares de Lisboa mostraram-se divididas. Porém, a 22 de janeiro de 1919 uns 70 monárquicos hasteavam a bandeira azul e branca na antena telegráfica do alto de Monsanto. Ali acabariam por ser cercados e desfeiteados por militares e civis leais à República. Mas não terminou aqui a guerra civil de 1919. Só a 13 de fevereiro, depois de combates no litoral centro do País, é que as forças republicanas entraram na Invicta e puseram termo à efémera Monarquia do Norte.

153.1.5. OS CRIMES DA NOITE SANGRENTA

A barbaridade maior estava, no entanto, para vir. Na noite de 19 de outubro de 1921, uma pequena camioneta de caixa aberta tripulada por marinheiros e soldados da GNR foi recolhendo em suas casas o chefe do governo e outras figuras destacadas da vida política. Um a um, estes foram depois abatidos a tiro na rua, no meio de insultos e sevícias. A data ficou conhecida por Noite Sangrenta e o veículo por Camioneta Fantasma. Os sublevados, chefiados pelo cabo marinheiro Abel Olímpio (alinhado de Dente de Ouro), assassinaram o primeiro-ministro António Granjo, o antigo herói da Rotunda, Machado Santos, o ex-ministro da Marinha e ex-presidente da Câmara de Lisboa Carlos da Maia e outras figuras destacadas. O que está por detrás da Noite Sangrenta pode ter sido a demissão de Liberato Pinto da chefia do Governo e do comando da GNR, mas falou-se também de conspiração monárquica. A hipótese de se ter tratado de uma movimentação orquestrada na sombra por setores do Partido Democrático também é plausível: este partido, dominante ao longo dos 16 anos da Primeira República, ter-se-ia assim vingado de inimigos políticos. Recentemente, uma peça de teatro e uma série de TV vieram acrescentar dados a esta tragédia, mas as explicações são sempre orientadas pelo posicionamento ideológico dos autores.

153.1.6. 'LOUCOS' ANOS 20

Depois de mais uma série de tentativas frustradas de revolução, normalmente com mortos e feridos, em 1926 seria instaurada uma ditadura que duraria 48 anos. Mas mesmo o triunfo da extrema-direita não foi pacífico, já que as fações militares se digladiaram a tiro ao longo dos meses de maio e junho. Nos primeiros anos da ditadura, os "velhos republicanos" tentaram ainda inverter a situação, e houve mais vítimas nos combates de fevereiro de 1927, que se estenderam do Porto a Lisboa. No final dos confrontos, que as tropas da ditadura venceriam, contavam-se 70 mortos no Porto e 50 em Lisboa, além de milhares de feridos nas duas cidades. Passados quatro anos, e já com a ditadura solidamente instalada, houve um estertor do chamado "Revivalho", agora na Madeira e nos Açores. E em 1936, com Salazar sentado no poder, revoltaram-se no Tejo os marinheiros de dois navios de guerra, acabando o canhoneio do forte de Almada por fazer dez vítimas mortais. O grosso dos marujos revoltosos iria "inaugurar" involuntariamente o campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, um inferno tropical criado por um regime que usava um tom paternalista para impor a sua "verdade" indiscutível, e cuja polícia política (sucessivamente chamada PVDE, PIDE e DGS) prendia, torturava e fazia desaparecer opositores com toda a facilidade em nome dos "brandos costumes".

153.1.7. UM AGITADO SÉCULO XIX

Muito antes de tudo isto, ao longo do século XIX, sucederam-se as lutas civis -com batalhas e numerosas vítimas e as revoluções. Primeiro, logo após o curto fogacho liberal de 1820, a grande guerra que opôs os absolutistas de D. Miguel aos constitucionalistas de D. Pedro, e em que participaram navios e mercenários estrangeiros (1832-1834). Depois, a revolução de setembro de 1836 e, na década seguinte, uma nova guerra civil com intervenção exterior a Patuleia. Perto do final do século, a tentativa frustrada de revolução republicana, no Porto, deixou estendidos na Rua de Santo António uma dúzia de mortos e quatro dezenas de feridos. Não vale a pena recuar mais no tempo para demonstrar que os costumes portugueses nunca foram brandos. Se o fizéssemos, seria apenas para recordar os clarões sinistros das fogueiras da Inquisição ou para lembrar os múltiplos linchamentos na rua de pessoas suspeitas de "jacobinismo", durante as Invasões Francesas de há 200 anos. Ou ainda, na mesma época, o esartejamento do general Bernardim Freire de Andrade quando, em Braga, ordenou o recuo estratégico das milícias para o Porto. Foi para contrabalançar esta tradição portuguesa da violência política que o Estado Novo criou o estereótipo do "país de brandos costumes". A cabeça das pessoas "faz-se", e o regime ditatorial dispôs de quase meio século para moldar ao seu gosto pelo menos duas gerações.

153.2. MENTIRA N.º 2 - O NOSSO PAÍS FOI O PRIMEIRO A ABOLIR A PENA DE MORTE

Foi dos pioneiros, mas não foi o primeiro. À nossa frente vêm, por exemplo, a Venezuela, San Marino e o Estado norte-americano do Michigan. Está enraizada no nosso espírito a ideia de que fomos os pioneiros da clemência. É verdade que nos encontramos no pelotão da frente, entre os primeiros a abolir a pena capital, mas houve quem chegasse antes de nós à conclusão de que ninguém tem o direito de ceifar a vida a outrem, seja a que pretexto for. A Venezuela aboliu a pena de morte em 1863, quatro anos antes de Portugal, e antes de nós cortarmos a meta tinham-no feito ainda o ducado italiano da Toscana, em 1786, e o minúsculo São Marino, em 1865. Pode dizer-se, isso sim, que Portugal foi o primeiro Estado a inscrever essa proibição na Constituição. Mas pode também recordar-se que um soldado português foi fuzilado em 1917, na frente de combate da Primeira Guerra Mundial. Foi na sessão parlamentar portuguesa de 10 de março de 1852 que um deputado do partido governamental propôs a abolição da pena de morte para todos os tipos de crimes e, consequentemente, a abolição do "hediondo ofício de carrasco". Governava então Saldanha, do Partido Regenerador. A proposta foi bem aceite ali na hora e acabou por levar a assinatura de vários proponentes, mas a verdade é que acabou por não reunir o consenso necessário para a sua aprovação, nem naquela sessão legislativa nem na do ano seguinte. A abolição da pena de morte para todos os crimes à exceção dos militares acabaria, no entanto, por ser aprovada em 1867, concretamente no dia 1 de julho (o que nos mostra que naquele tempo em que ninguém ia a banhos, também não havia férias

legislativas...). O carrasco ficou, pois, desempregado, já que, a haver "queixas" poderosas contra algum militar, este seria fuzilado por um pelotão de execução. E a coisa manteve-se assim até março de 1911, já no tempo da República, quando o Governo de João Pinheiro Chagas decidiu que a abolição fosse extensiva aos militares. Só que, entretanto, rebentava a I Guerra Mundial, e Portugal entrava no conflito, razão considerada suficiente para a pena ser reintroduzida, embora apenas "em caso de guerra com país estrangeiro" e desde que cumprida no teatro de operações. A coisa foi levada à letra, e efetivamente um soldado português seria mesmo fuzilado junto das trincheiras da frente de batalha, em setembro de 1917. Acusado de espionagem, João Augusto Ferreira de Almeida, do Corpo Expedicionário Português, não regressou para contar o processo sumário de que fora objeto. O episódio nunca viria a ser totalmente esclarecido, nem se sabe se Ferreira de Almeida passava mesmo informações aos alemães (coisa difícil de concretizar, mesmo admitindo que tivesse acesso a matéria confidencial, o que é duvidoso), mas não restam dúvidas de que o fuzilamento se efetuou, talvez para fazer passar junto dos aliados franceses e ingleses a ideia de um exército bem organizado. De qualquer das formas, a abolição total da prática execrável apenas entraria novamente em vigor, espera-se que definitivamente em 1976, depois do 25 de abril. A título de curiosidade, registre-se que a última execução de um civil tivera lugar em Lagos, em abril de 1846, e a de uma mulher remontava já a 1772. Resumindo: alguns países anteciparam-se a Portugal na abolição da pena capital, inclusive o Michigan, um dos Estados que formam os EUA, nação onde, como se sabe, a injeção letal e outros métodos equivalentes de ceifar a vida alheia continuam a ser aplicados em muitos recantos.

153.3.1. MENTIRA N.º 3 - A INGLATERRA É A NOSSA VELHA ALIADA

Aprendemo-lo na escola e gostamos de o recordar de vez em quando, mas essa aliança há muito que só funciona num sentido: o dos interesses britânicos. Estamos afetivamente ligados a diversos outros países. O Brasil vem, sem grandes hesitações, à cabeça: é o "país irmão", expressão escolhida para não se utilizar a de "país filho", talvez ridícula se atendermos a que o "filho" seria...quase cem vezes maior do que o "pai". Mas logo a seguir surge, historicamente, a Inglaterra. Sim, porque a "paixão" agora quase generalizada pelos Estados Unidos da América é recente, não mais velha do que duas ou três décadas.

E a Espanha? Bom, esse é um fascínio recente; basta lembrar que durante séculos não vinha de lá "nem bom vento nem bom casamento" e que argumento definitivo! Se Portugal existe como Estado é, precisamente, por oposição dinâmica ao vizinho mais vasto e mais poderoso. Mais poderoso sempre foi, embora nem sempre tenha levado a melhor nos confrontos diretos ibéricos. O mais gostosamente recordado de todos os choques luso-espanhóis foi e continua a ser a batalha de Aljubarrota, que opôs portugueses e castelhanos ao entardecer do dia 14 de agosto de 1385, fez agora há dias 626 anos. E aí, Portugal venceu em toda a linha, garantindo a sua independência, então seriamente ameaçada, motivo pelo qual a façanha é tão lembrada. Em contrapartida, o espanhol comum nem sabe que tal batalha existiu e não admira, pois, os livros escolares não se referem a ela. Tratava-se de impedir que Juan I de Castela se sentasse no trono português, coisa a que ele se sentia com direito por ser casado com a filha única do falecido rei D. Fernando, o Formoso. Enquanto a maior parte da nobreza apoiava o pretendente castelhano, um grupo de inconformados, liderado por D. João, Mestre da Ordem de Avis e filho bastardo de D. Pedro I (ou seja, meio irmão de D. Fernando) decidiu opor-se-lhe, com a cobertura da burguesia nascente e do povo das cidades, sobretudo de Lisboa. A verdade é que estes "marginais" (como hoje se diria) venceram um inimigo cinco vezes superior em número.

Mas não o fizeram sozinhos: ao lado dos 6 700 portugueses comandados pelo condestável Nuno Álvares Pereira combateram uns 300 arqueiros ingleses, que para cá se deslocaram ao abrigo de uma aliança assinada pouco antes, em 1373, quando reinava em Portugal D. Fernando e em Inglaterra Ricardo III. Algumas centenas de arqueiros parece pouco, mas não é assim, se levarmos em conta que os long bows por eles utilizados eram uma arma temível. Depois da batalha, o duque de Lancaster, John of Gout, reconfirmou a aliança e cedeu a mão de sua filha Philippa ao Mestre de Avis, já proclamado Rei de Portugal nas Cortes de Coimbra. A inglesinha era a nossa bem conhecida D. Filipa de Lancastre (Lancaster), que seria mãe do Infante D. Henrique e dos seus irmãos, registados na História por Ínciita Geração. A ajuda da Inglaterra no quadro da Guerra dos Cem Anos, que então lavrava na Europa e opunha os insulares à aliança franco-castelhana foi importante, mas os soldados enviados por Londres não se foram embora sem antes terem praticado saques em diversas povoações portuguesas, como nos conta Fernão Lopes. Hoje, chamar-lhes-íamos hooligans.

153.3.2. MENTIRA N.º 3 - A INGLATERRA É A NOSSA VELHA ALIADA

Cerca de duzentos anos mais tarde, em 1578, quando outro rei espanhol, Filipe II, se achou também com direito ao trono português, os ingleses voltaram para nos ajudar, mas dessa vez a coisa não correu bem.

Tratou-se de uma força militar enviada pela rainha Isabel I em socorro de D. António, prior do Crato, quando este pretendente ao trono de Portugal se batia contra os exércitos de Filipe II.

A Inglaterra e a Espanha travavam então nos oceanos uma guerra sem quartel. Essas tropas isabelinas, transportadas numa esquadra comandada pelo famoso corsário Sir Francis Drake, desembarcaram em Peniche, apoderaram-se do forte e, com o duque de Essex à frente, iniciaram a marcha para Lisboa. Enquanto isso, os ágeis galeões de Drake posicionavam-se diante de Cascais, para bloquearem a barra do Tejo. À capital portuguesa, já ocupada pelas forças espanholas do duque de Alba, iam chegando, entretanto, notícias acerca do avanço dos aliados ingleses, ou seja, dos "amigos de Peniche". E não eram nada animadoras, já que os soldados de Essex, verdadeiros hooligans como os seus antepassados de 1385, se dedicavam ao saque das povoações que encontravam pelo caminho: Lourinhã, Torres Vedras, Loures... Chegadas aos arredores de Lisboa, os ingleses, que não traziam artilharia, esbarraram contra uma muralha de fogo espanhola. Ao que parece, vinham a contar com o levantamento da população alfacinha, o que não aconteceria por receio da feroz repressão dos ocupantes. E não tardou que os ineficazes aliados do prior do Crato tivessem de retirar, deixando atrás de si uma recordação triste, mas duradoura: a do fraco comportamento dos "amigos de Peniche".

Anos mais tarde, Sir Francis Drake voltaria a Portugal, mas...para bombardear Faro e saquear o Algarve. Explicação: a união política de Portugal com a Espanha fazia de nós inimigos dos ingleses. E foi nessa condição, aliás, que navios portugueses participaram, à força, na desastrosa aventura da "Invencível Armada" espanhola, enviada por Filipe II para submeter a Inglaterra, mas desfeiteada nas águas da Mancha por uma tempestade e pela contraofensiva de Drake.

153.3.3. MENTIRA N.º 3 - A INGLATERRA É A NOSSA VELHA ALIADA - NAPOLEÃO E AS GUERRAS MUNDIAIS

Durante as Invasões Francesas, é verdade que Portugal conseguiu manter a independência face aos ambiciosos projetos de Napoleão, graças à atuação do exército britânico de Arthur Wellesley, futuro duque de Wellington.

Porém, a "ajuda" inglesa não ficou a dever-se à atração dos nossos lindos olhos, mas antes aos cálculos estratégicos da Grã-Bretanha, empenhada numa guerra contra a França e vendo abrir-se-lhe no nosso país um campo de batalha privilegiado.

Depois da derrota de Napoleão, os ingleses permaneceriam aliás alguns anos por cá, como "protetores" e verdadeiros governantes. Mas a desilusão, para muitos, surgiria em 1890, aquando do célebre Ultimato britânico: Portugal era intimado por Londres, mediante a ameaça velada de retaliação naval, a evacuar o território africano entre Angola e Moçambique (atuais Zâmbia e Zimbabué). O governo de D. Carlos acedeu, mas a onda de patriotismo com que a generalidade da população portuguesa respondeu à ofensa contribuiu decisivamente para a implantação da República, 20 anos mais tarde. Não muito depois, Portugal entrou na Primeira Guerra Mundial, por decisão do Partido Democrático de Afonso Costa, a fim de garantir um lugar nas conversações de paz que se seguiriam à esperada vitória aliada. Os ingleses, porém, franziram o nariz, e só contrafeitos acabaram por aceitar a fraca ajuda do aliado meridional. Aqui, de certo modo, os papéis inverteram-se, mas já no tempo da Segunda Guerra Mundial a cedência de bases nos Açores seria acordada por interesse da Grã-Bretanha. Curiosamente, ao discursar a este respeito na Câmara dos Comuns, Winston Churchill invocou...a aliança anglo-portuguesa de 1373. Por ocasião da Guerra das Malvinas, em 1982, Londres voltou a utilizar os Açores, com o acordo de Portugal. Hoje, em tempo de União Europeia e de quase cega fidelidade internacional aos EUA, já quase ninguém se lembra da Aliança Luso-Britânica, objetivamente a mais antiga do mundo entre dois estados soberanos, mas que ela continua a existir, isso é verdade. Simplesmente, desde os seus primórdios, que remontam ao tempo de Aljubarrota, praticamente só tem servido o aliado do Norte.

153.4.1. MENTIRA N.º 4 - SALAZAR GARANTIU A NEUTRALIDADE NA II GUERRA

Diz-se e repete-se que a neutralidade portuguesa na Segunda Guerra Mundial se ficou a dever ao talento político do ditador. Mas terá sido assim? E Portugal foi mesmo neutral? Salazar tinha sido um decisivo aliado de Franco na Guerra Civil Espanhola de 1936-1939, mas, ao rebentar a II Guerra Mundial, neste último ano, interessava-lhe impedir a todo o custo que o ditador espanhol (com quem assinara pouco antes o Pacto Ibérico) entrasse no novo conflito. Se ele o fizesse, obviamente ao lado da Alemanha de Hitler, arrastaria inevitavelmente Portugal, deixando o nosso país vulnerável tanto à possível ocupação por tropas nazis (ou da Espanha franquista em seu nome) como ao hipotético desembarque dos ingleses, à semelhança do que sucedera 130 anos antes, aquando das Guerras Napoleónicas. De qualquer forma, o território nacional transformar-se-ia num teatro de guerra. Quanto ao Estado Novo, ficaria entalado entre dois imperativos de consciência: a fidelidade à aliança britânica, fosse ela o que fosse, e os compromissos com as jovens ditaduras, às quais estava ligado por afinidades ideológicas e interesses de sobrevivência. A verdade é que, em 1940, Portugal se viu mesmo confrontado com o dilema das fidelidades.

A França já fora invadida pela Wehrmacht e a Inglaterra combatia sozinha contra a Alemanha. Hitler, que em vão tentara convencer Franco a aderir ao Eixo Roma-Berlim, pensou atravessar com os seus Panzers o território espanhol para atacar Gibraltar por terra, numa intervenção militar que exigiria a ocupação de Portugal. A Inglaterra mostrou na altura não estar em condições de defender o território luso de uma violação das suas fronteiras terrestres (até porque não era ainda tempo de abrir uma frente de combate na Europa), limitando-se a aconselhar o Governo de Salazar a retirar para os Açores em caso de invasão hitleriana ou franquista, após simular a defesa do território. Não era, aliás, do interesse de Londres que Lisboa entrasse no conflito ao seu lado, como fizera na I Guerra Mundial, também contrariando os seus desejos. O Portugal de 1940, de qualquer modo, não era impelido para a guerra junto da "velha aliada" por

uma necessidade premente como a da defesa das colónias africanas, que um quarto de século atrás tinham sido objeto de cobiça tanto de britânicos como de alemães. E Salazar não ignorava que a sobrevivência do seu regime passava por estar nas boas graças de ambos os lados de um confronto de desfecho ainda incerto. Por sorte, as aventuras guerreiras de Mussolini nos Balcãs, descambando em desaire militar perante a Grécia, voltaram Hitler para um cenário bélico de emergência com que não contava, aliviando providencialmente a pressão na Península Ibérica. Seguiram-se os compromissos militares da Alemanha contra os ingleses no norte de África e, por fim, a desmesurada invasão da URSS, que se transformaria depois no túmulo do III Reich. Assim, a invasão de Portugal nunca se concretizaria, embora algumas precauções tenham sido tomadas, como a instalação de peças de artilharia antiaérea em partes centrais de Lisboa.

153.4.2. MENTIRA N.º 4 - SALAZAR GARANTIU A NEUTRALIDADE NA II GUERRA: O TRUNFO DOS AÇORES

Posto de lado o risco de invasão do continente, os Açores revelar-se-iam a parte do território nacional mais disputada, já que a posse de bases aeronaves no arquipélago seria de importância fulcral para ambos os lados em confronto, mas a Alemanha, potência sobretudo continental, não dispunha de meios para o ocupar. Quanto à Inglaterra, solicitou a Salazar a concessão de bases nas ilhas, o que este começou por rejeitar receando represálias dos alemães, com os quais mantinha um frutuoso diálogo económico que incluía a venda de volfrâmio pago em barras de ouro. Ciumenta, a Inglaterra, à qual Portugal também fornecia volfrâmio, chegou a esboçar um boicote económico ao nosso país, para desgosto do embaixador Armindo Monteiro, um anglófilo que preconizava a entrada na guerra ao lado dos britânicos, ousadia que lhe valeria a substituição no cargo. O governo de Churchill, que via em Monteiro um bom substituto de Salazar, chegou a mover cordelinhos para o depor através de um golpe, mas a mudança de atitude do ditador português quanto aos Açores fá-lo-ia recuar. Resumindo: durante a primeira parte do conflito, até à reviravolta na sorte das armas do outono-inverno de 1942-43, Salazar pôde sem custo gerir uma neutralidade que apregoava rigorosa e que tanto ingleses como alemães gostariam de ver mais colaborante. Mas ao aperceber-se de que os Aliados tinham todas as probabilidades de vencer respondeu favoravelmente aos pedidos de Londres, e uma base britânica acabou por ser instalada nos Açores.

Ao pedido inglês seguiu-se o americano, e uma vez mais Salazar optou numa primeira instância pela negativa: tolerava a Inglaterra, mas detestava os EUA e desconfiava do papel que uma América convertida em superpotência pudesse vir a desempenhar num mundo talvez futuramente pautado por valores de um liberalismo extremo. Mas também aqui acabaria por ceder, rendido ao peso das tropas americanas deslocadas para a Europa na contenção do expansionismo soviético para Ocidente.

Amainada a tempestade, Salazar sobreviveu, contra as previsões. A lógica maniqueísta da Guerra Fria fazia-o alinhar do lado dos "bons" capitalistas contra os "maus" comunistas. Igual sorte teve Franco, mesmo sem ter cedido bases aos Aliados nem ter encenado, como Salazar, um simulacro de eleições legislativas. Houve mérito de Salazar na manutenção do estatuto de neutralidade? O seu único verdadeiro mérito terá sido o de se esforçar por conter a adesão de Franco ao Eixo. Mas se Portugal não entrou na conflagração foi, primeiro, porque Hitler acabou por não invadir a Península; e, depois, porque a Inglaterra assim o quis.

153.5.1. MENTIRA N.º 5 - OS CASTELOS SÃO DO TEMPO DOS MOUROS

Tinham sido, mas o tempo destruíra-os. Então, o Estado Novo decidiu reerguê-los como achou que ficavam melhor com muitas ameias bem recortadas. E fez o mesmo a igrejas medievais. Antes da década de 40 do século XX, quem percorresse o País quase não encontraria castelos. Reduzidas as antigas fortalezas medievais a montes de pedras, só a custo se conseguiria divisar aqui ou ali um pedaço de muralha, um vestígio de escadaria ou uma torre arruinada. Querem ouvir uma história? Se, num belo dia de 1836, um dos vereadores Vimaraneses tivesse votado de forma diferente numa reunião camarária, o Castelo de Guimarães teria sido demolido e a sua pedra utilizada para calçar as ruas. Foi por um só voto que saiu derrotada a proposta apresentada nesse sentido pela Sociedade Patriótica Vimaranesa. Vá lá, compreende-se: estava ainda bem viva na memória de todos a guerra civil entre os liberais de D. Pedro e os absolutistas de D. Miguel, e o castelo tinha servido de prisão política miguelista...

Mesmo assim, ainda seria demolida a Torre de S. Bento, antes de, em 1881, a fortaleza ter sido classificada como "monumento histórico de primeira classe" e, em 1908, ter ascendido à dignidade de "monumento nacional". Veio depois o Estado Novo, com toda a encenação que é apanágio dos regimes ditatoriais, ancorados em glórias passadas e palpitações nacionalistas e os castelos foram postos de pé como construções de cartolina. Em Guimarães, foi a partir de 1937 que se procedeu a obras de intervenção, surgindo aos olhos de todos um harmonioso edifício de torres direitas e ameias certinhas rodeado de árvores frondosas e de extensos relvados. É esse o castelo que hoje vemos e que podemos visitar, associando-o a D. Afonso Henriques e apodando-o de "berço da nacionalidade".

Mas o castelo de Guimarães não é caso único longe disso. Também muitos dos lisboetas das últimas três ou quatro gerações, que se habituaram a passear, a meditar e a namorar no Castelo de São Jorge, nem sequer sonham que há pouco mais de meio século aquele suposto testemunho do passado da cidade pura e simplesmente não existia.

Mas a verdade é que as muralhas e torres hoje visíveis foram construídas a partir de 1938, no âmbito do tal programa salazarista de devolução de muitos dos monumentos nacionais a uma desejada pureza original, mas que frequentemente não passou de uma recriação livre dos edifícios ao sabor dos gostos de arquitetos e decoradores.

153.5.2. TIRA CHAPELINHOS, PÕE AMEIAS

E a Sé de Lisboa? Olhamos para ela, com as suas torres ameadas que mais parecem de castelo do que de igreja, e pensamos: aqui está um edifício com quase dez séculos de idade...

Mas não. Se a catedral lisboeta, como outras por esse País fora, é realmente de fundação muito antiga, a Sé que os nossos pais ou avós viam não é exatamente a mesma que agora ali se encontra. O templo foi mandado construir por D. Afonso Henriques logo a seguir à conquista da futura capital de Portugal aos muçulmanos, em 1147, no mesmo local onde se erguia a grande mesquita da cidade. Naturalmente, ao longo dos tempos a Sé foi recebendo acrescentos e alterações, sempre de acordo com o estilo usado na época da intervenção. Daí resultou uma mistura de traças, desde o Românico puro dos primeiros tempos até ao Barroco de D. João V, passando pelo Gótico de D. João I. Até aqui, tudo bem. O estranho foi quando, há pouco mais de cem anos, se resolveu restituir a Sé à traça primitiva, seja lá isso o que for. A Idade Média, com as suas tonalidades românticas, inflamava as imaginações. Aliás, o mesmo tinha sido feito noutros países europeus, a começar pela França, cujas imponentes catedrais haviam sido quase reerguidas na primeira metade do século XIX. Começou então a dança da Sé alfacinha. Em séculos passados o templo já tinha possuído uns pináculos cónicos a coroarem-lhe as torres. Estes "chapéus" caíram com o terramoto de 1755 e as torres passaram então a ser rematadas por uma espécie de parapeitos metálicos. Era assim a Sé dos finais do século XIX. Resolveu-se às tantas proceder a uma intervenção, e uns remates cónicos voltaram a ser construídos.

Foi essa a Sé que conheceram os jovens da geração de 1910-1920. O Estado Novo decidiu depois conferir à igreja um ar mais sólido e, para tal, derrubou os pináculos e encheu as torres de ameias, talvez para fazer conjunto com as do Castelo de São Jorge. O resultado, que é o que ali vemos agora, tem, portanto, menos de um século. Por isso nos enganamos quando, olhando para os monumentos da Idade Média, pensamos com os nossos botões: ora aqui está uma construção sólida, que resistiu como uma rocha à passagem dos séculos...

153.6.1. MENTIRA N.º 6 - ESTIVEMOS 500 ANOS EM ÁFRICA

Não estivemos. A nossa presença efetiva nas colónias africanas tal como as entendemos não excedeu algumas décadas. Antes do 25 de abril de 1974 era frequente ouvir-se falar da "presença portuguesa de 500 anos em África". Segundo a teoria oficial do regime e a ideia feita que já vinha da I República, Portugal teria estado meio milénio no continente africano, e seria para pôr fim a essa longa permanência que os "terroristas", armados por potências estrangeiras, nos moviam guerra "a partir do exterior". Uma vez que o ensino era orientado, a informação censurada e o debate inexistente, a opinião pública imaginava que Angola e Moçambique "sempre" tinham sido o que eram. Ora, a efetiva presença portuguesa em África, longe de ter durado 500 anos, não excedera algumas décadas, com especial incidência na primeira metade e nos meados do século XX. O equivalente à duração temporal dos impérios africanos de outros países europeus: Inglaterra, França, Bélgica, Itália e Alemanha. É certo que os primeiros contactos do nosso país com as costas africanas remontam ao século XV, e nisso fomos mesmo pioneiros. Mas o estabelecimento de feitorias costeiras vocacionadas para o tráfico de ouro, marfim e escravos não basta para que se fale de colonização de países ou de povos.

Foi só na segunda metade do século XIX, depois da Conferência de Berlim, que a Europa definiu as regras a serem obedecidas na corrida às riquezas de África. E a primeira das regras a cumprir para que um país europeu pudesse reivindicar direitos a um território africano consistia na sua ocupação efetiva. E foi assim que, nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX, Portugal se envolveu em grandes guerras em África. Chamava-se-lhes "de pacificação". A mais popular delas foi a que culminou na destruição do Império Vátua do sul moçambicano e na prisão do seu soberano, Gungunhana, num raide comandado pelo capitão Mouzinho de Albuquerque. Passou-se isso em 1895, e seguiram-se muitas outras campanhas, quer em Moçambique quer em Angola, até 1940. Portanto, só nas décadas de 40 e 50 do século XX é que a África "portuguesa" adquiriu os contornos que muitos ainda conhecemos: habitada por centenas de milhares de compatriotas nossos. Já agora: a grande importância histórica de Portugal está relacionada, não com a colonização africana, mas com a abertura da rota marítima para a Índia e para os países asiáticos mais além. Inaugurámos os contactos e as trocas entre o Ocidente e o Oriente. Quanto à maior obra portuguesa no mundo, terá sido a criação do Brasil tal como ele hoje existe, e que, preconceitos à parte e encarado com objetividade, é mesmo "um imenso Portugal."

Grandes não seremos, mas a imagem forçada da pequenez nacional tem sido usada pelos governantes como desculpa para a má gestão crónica. Se compararmos a superfície de Portugal com as dos outros Estados da Europa (incluindo aqueles que se estendem para a Ásia), verificaremos que Portugal ocupa a 23.ª posição numa lista de 53 países. Trata-se, portanto, de um território de dimensão média, equivalente por exemplo à Hungria.

A que se deve então o equívoco tão entranhado de que o nosso país é minúsculo? Provavelmente, ao facto de os vizinhos mais próximos serem francamente maiores, a começar pela Espanha, que tem cinco vezes e meia a nossa área.

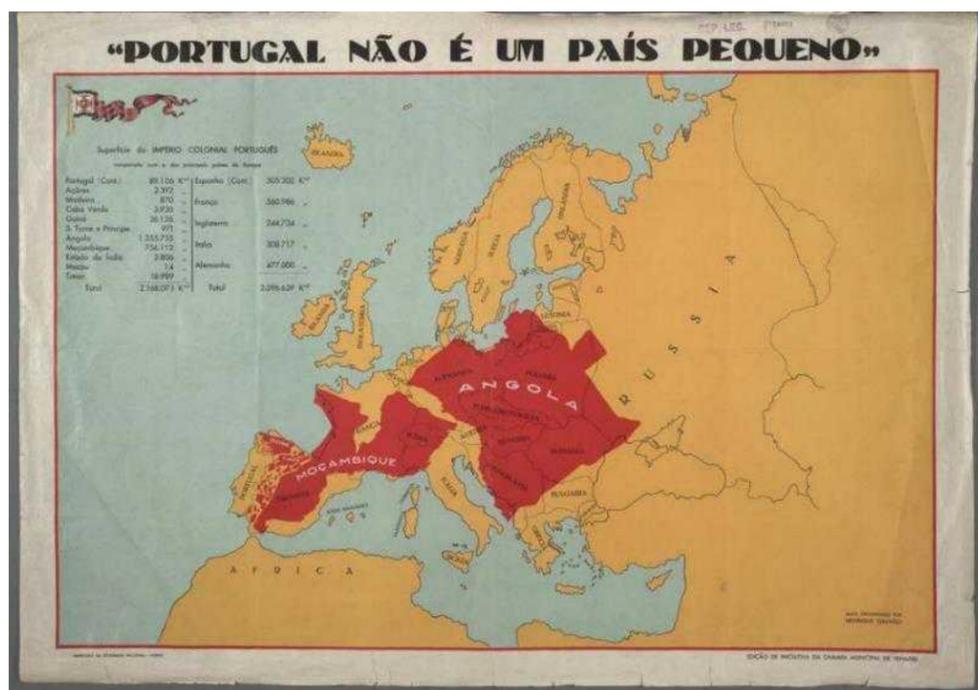
A França é ainda um pouco maior do que esta, e o Reino Unido, a Alemanha ou a Itália também não são nada pequenos. No entanto, ultrapassada esta barreira, verificamos que tanto a próspera Suíça como a bem organizada Holanda são menores do que Portugal, o mesmo sucedendo com a Bélgica, a Áustria, a Dinamarca, a República Checa, a Irlanda, a Sérvia, a Croácia, a Bósnia, a Macedónia, a Estónia, a Letónia ou a Lituânia. Para já não falar dos Estados reconhecidamente pequenos, como o Luxemburgo, o Chipre, Andorra ou as ilhas Faroé, nem dos minúsculos Mónaco, Malta, Liechtenstein, São Marino e Vaticano.

Quanto à população, Portugal ocupa o 14.º lugar entre os países exclusivamente europeus, e a sua média de habitantes por quilómetro quadrado é a 26.ª da lista. Portanto, seja qual for o critério a que se obedeça, a conclusão a que se chega é sempre a mesma: o nosso é um país europeu médio. Para a construção da imagem mental podem também ter contribuído a vastidão do Brasil e a largueza de Angola e de Moçambique, territórios a que estamos histórica e afetivamente ligados. Simultaneamente, esquece-se que o Brasil, à semelhança daquelas colónias africanas, já nos pertenceu (embora em época diferente) e que um dos elementos da propaganda salazarista chegou a ser exatamente uma suposta vastidão geográfica de Portugal. Muitos de nós lembramo-nos ainda bem do mapa da Europa com as colónias portuguesas sobrepostas e a legenda "Portugal não é um país pequeno" (e que se reproduz abaixo).

Mas porquê a habitual insistência numa suposta pequenez? Só pode haver uma explicação: país pequeno deixa subentender escassez de recursos, logo serve de desculpa à falta de iniciativa dos cidadãos e a inépcia governativa.

Iniciativa nunca houve verdadeiramente, num país tradicionalmente governado em "cadeia de comando", à maneira de um quartel, com o comum dos cidadãos a designar por "eles" os que seguram o leme do barco. Ao admitirmos este fatalismo, que funciona como uma espécie de pecado original a que seríamos alheios, fazemos por esquecer que existem países mais pequenos do que Portugal e francamente mais bem-sucedidos como são, para não ir mais longe, os casos da Suíça ou da Holanda. É oportuno recordar que a própria Inglaterra (sem a Escócia, Gales e a Irlanda do Norte) tem apenas mais um terço, se tanto, da área portuguesa. Sim, é certo que a sua população corresponde ao quádruplo da nossa e que o seu território é rico em ferro, carvão e petróleo, mas a estas vantagens inegáveis pode ser contraposta a agrura do clima e a relativa pobreza agrícola do solo. De qualquer modo, nenhuma ideia feita resiste à comparação com a Holanda, um país fisicamente "inexistente", quase inteiramente fabricado pelo Homem sobre pântanos, sob um céu escuro como breu. Pequenos, nós? Sim, de facto, mas por opção...

Publicada por Antonio Garrochinho à(s) 17:44 19 nov 2015 <http://desenvolturasedesacatos.blogspot.pt/2015/11/as-grandes-mentiras-da-historia-de.html?sref=fb>



Ao divulgar este artigo não queremos menosprezar nem diminuir a relevância do país, mas apenas colocá-lo no seu verdadeiro contexto, empobrecido pelos "melhoramentos" que a história oficial sempre acrescenta a todas as narrativas e desmitificar alguns dos lugares-comuns que se propagam.

CRÓNICA 154, É NATAL OUTRA VEZ 2015, DEZEMBRO 2015.

Uma das grandes vantagens de se estar a envelhecer é que a noção de tempo adquire nova dimensão, ou seja, há mais de uma década que parece que o tempo anda mais depressa, por vezes quase que voa...os dias sucedem-se a um ritmo avassalador...os jovens infantes com quem andamos ao colo ainda não há muito tempo já nos mostram os seus filhos, e de repente em volta de nós, todos têm netos. Já me explicaram isto de uma forma sucinta que até entendi. Ou seja, quando somos jovens o tempo é lento, pois, segundo a ordem natural das coisas ainda temos muita vida a nossa frente e, portanto, cada unidade (dia) parece demorar uma eternidade pois é uma fração enorme da vida vivida, mas uma pequena fração do que há para viver. Na velhice é o oposto, o tempo é rápido pois cada unidade é uma fração pequena do que já vivemos e mais pequena ainda do que nos falta viver...por isso a todos aconselho vivam cada dia como se fosse o último e não deixem nada por fazer, não deixem nada por dizer.

O ano de 2015 foi muito mau em termos gerais, quer pela saúde, minha e da companheira das últimas décadas, quer pela dificuldade de sobrevivência vivida, dia após dia, quer pela falta de paciência e tolerância por um mundo que nos é, cada vez mais, estranho e alienígena. A pequena trombose que me avisou sobre a minha fragilidade humana, em março, veio alertar-me para uma durabilidade como um fator extremamente aleatório e independente da minha vontade e capacidade intelectual. E quando ainda temos tanto para fazer e para dizer essa constatação é uma pesada e ameaçadora espada de Dâmocles sobre as nossas cabeças como os comprimidos ao pequeno-almoço, almoço e jantar insistem em nos mostrar.

Por outro lado 2015 teve tanta guerra, tanta desgraça humana, tanta miséria que nos fazem lembrar tempos idos e não-vividos que nos antecederam e deram lugar a duas guerras mundiais. Por isso, continuo a achar hipócritas estes votos coloridos, que enchem as páginas do correio eletrónico e o Facebook, pois para mim jamais serão dias festivos de natal enquanto almas gémeas continuarem a morrer à míngua ou em busca de um lugar no mundo e não uma morte por afogamento no ar mediterrâneo, ou atingidas por um qualquer grupo de extermínio DAESH ou similar.

A violência atinge paroxismos já esquecidos, a vida humana tem cada vez menos valor, as falcatruas descaradas sucedem-se, a des governação, a mentira propagandeada diariamente pela TV e jornais envenena as mentes, a manipulação das massas e das ideias contamina as futuras gerações. No meio deste deserto com vozes onde sempre vivi, germinam, porém, algumas flores silvestres e tímidas, carentes de água, mas resilientes, habito ainda suave utopia da poesia que sempre me governou e serve de desculpa para justificar a minha existência, e tu, meu amigo ou amiga, que me estás a ler se já não consegues vislumbrar essa utopia e esperança jamais terás natal. Não invejo os teus bens e conquistas materiais, legítima ou ilegítimamente conquistados, com que te

Dado que não posso regressar à minha mátria Bragança, persistirei a viver neste bucolismo açoriano que me cativou com as suas letras e escritores e escritoras pois sei que a mim ainda é legítimo continuar a sonhar e a viver utopias enquanto o mundo, lá fora, se desmorona como os icebergues. Se pertences a essa elite (na qual me incluo) és bem-vindo / a na minha modesta casa rural para partilhares sonhos e utopias, se não pertences a esse grupo (mais exclusivo que o clube Bilderberg) goza o teu natal consumista nas lojas da especialidade e fica bem longe.

Um natal para todos é o que vos desejo. 20 dez 2015

CRÓNICA 155, SNOBISMOS CULTURAIS 30 NOV 2015

Lido na internet:

1. O cúmulo do snobismo é falar de Mozart sem jamais ter visto um dos seus quadros (gente culta que obviamente visita museus).
2. Mas há quem garanta que perguntar o resultado Toulouse - Lautrec em futebol podia ser pior. (gente que obviamente tem uma mente voltada para a prática desportiva).
3. Consta que havia recentemente um ministro português que adorava os concertos de violoncelo de Chopin. (gente que obviamente anda com os solfejos trocados).
4. Há quem saiba que Picasso é um modelo de automóvel de edição limitada... (gente que obviamente tem uma propensão para as marcas desportivas de automóveis)
5. Conselheiro da cultura da Junta Da Galiza, o sr. Pérez Varela disse em tempos "o melhor concerto da minha vida foi o de Carmina Burana, que es una de las buenas cantantes de este país, con la Orquesta Sinfónica de Galicia" (gente que obviamente vai muito à ópera)
6. "Sara Mago, una excelente pintora" (Ex-Ministra de Educación y Cultura, Esperanza Aguirre refiriéndose al Premio Nóbel de Literatura José Saramago. Feria del Libro. Mayo 1997) (gente que obviamente passa o tempo em galerias de arte)

Agora algumas de estudantes universitários em Lisboa... (in Revista Sábado)

7. Quem escreveu os Maias? Ah! Não me lembro, mas morreu há pouco tempo, Manoel de Oliveira (gente que obviamente frequenta os poucos cinemas que ainda existem)
8. Quem é Manoel de Oliveira? Um escritor (gente que obviamente frequenta imensas livrarias)
9. Qual é o símbolo químico da água? Ph...Ph ZERO
10. Quem pintou a Mona Lisa? Miguel Ângelo? Picasso?
11. Qual é a capital dos EUA? Inglaterra...Califórnia...Nova Iorque...
12. Quem era o Padrinho? Capone...Orlando? Marlon Brando
13. Quem é a chanceler alemã? Mel, não é Mel Gibson...
14. Quem pintou o teto da Capela Sistina? Miguel Arcanjo (gente que obviamente frequenta muito a igreja)
15. Quem escreveu O Evangelho segundo Jesus Cristo? Não sou católica...não me dou muito bem com a literatura antiga...Moisés?...
16. E alguém conhecia alguém na posse de todos (mesmo todos!) os discos do James Dean
17. Diga o nome dum famoso escritor português. Victor Hugo! (gente que obviamente compra muitos livros pelo colorido das suas capas)
18. E havia ainda alguém que conhecia outrem que tinha todos os discos do James Dean... (gente que obviamente é adepta dos discos de vinil)

CRÓNICA 156. A EUROPA NUA 27/1/2016

O ano açoriano começou como tinha acabado com avisos da meteorologia, chuvas, ventos ciclónicos e inundações, desabamentos.... Tivemos a visita anormal de um ciclone, furacão ou tufão Alex (conforme a latitude a que nos lê) que fez muitos estragos e causou duas mortes. Depois disso, em 26 dias houve 26 alertas da Proteção Civil. Tem chovido o suficiente para dizer basta. A saúde da minha cara-metade finalmente começou a ceder com tanta humidade e chuva e teve de ficar mais uma semana em casa de baixa. A impotência perante as tempestades e perante a falta de saúde atrasam a normalidade da vida e dos sonhos que nos permitem continuar vivos.

Nem mesmo me animou a eleição de um novo Presidente da República (Marcelo Rebelo de Sousa ou Marcelo II, filho de um ministro colonial do fascismo, comentador de tudo e de nada nas televisões, e afilhado do Dom Marcelo I (Marcelo Caetano, o da primavera política que falhou antes do 25 de abril). Como bom presidente eleito saiu de casa no primeiro dia com a TV às costas, mas cometeu mais que uma infração rodoviária: sem cinto de segurança no carro e parou a viatura à porta do café num lugar para deficientes. Bom exemplo para começar...

A abstenção foi a grande vencedora em especial nos Açores (67%) a quem os presidentes e as repúblicas pouco ou nada dizem, pois reportam-se a um país a que ainda estamos ligados ma non troppo. Resumidamente Marcelo II teve 2 400 000 votos, ou seja, foi eleito por cerca de 25% dos portugueses... aqui na Lomba da Maia os resultados foram estes:

Nome	% Votos	Votos
Marcelo R. Sousa	59.38 %	193
Sampaio Da Nóvoa	17.23 %	56
Marisa Matias	8.31 %	27
Maria De Belém	7.08 %	23
Vitorino Silva	2.46 %	8
Paulo De Moraes	2.15 %	7
Edgar Silva	1.54 %	5
Henrique Neto	1.23 %	4
Jorge Sequeira	0.31 %	1
Cândido Ferreira	0.31 %	1
Branços	0.61 %	2
Nulos	0.61 %	2
Abstenção	68.49 %	715

Nada que preocupe o dia a dia destes vizinhos vaqueiros e demais habitantes da pacata freguesia.

Na Alemanha e noutros locais como na Suécia (assassinato de uma trabalhadora social) pelos refugiados verificaram-se cenas de violência, violações e quejandos, a fazer temer pelo pior esta integração forçada de refugiados islâmicos (alguns serão, outros não) numa Europa sem ideias em vias de desintegração rápida.

O novo governo de coligação parlamentar de António Costa continuou a desmontar alguns dos excessos da austeridade do anterior governo e a suspirar por milagres económicos de que necessita para prosseguir o cumprimento das promessas.

No futebol, as broncas do costume acrescidas da notícia de que a segunda liga profissional tinha sido vendida aos chineses que em troca querem um jogador chinês em cada uma das dez equipas de topo da segunda liga. Abstenho-me de comentar, pois corro o risco de ser vendido aos chineses... notícia falsa, obviamente.

Numa comissão de inquérito parlamentar açoriano ao acidente que vitimou uma pessoa no Pico quando um cabeça de amarração se desfez, velho e apodrecido, e matou um passageiro, concluiu-se (onde está a novidade?) que a culpa tem sempre de morrer solteira como convém a uma culpa de recato e de bons costumes. Entretanto a lavoura tonitruante continua a exigir mais e mais apoios, subsídios e sabe-se lá que mais, enquanto os desgraçados dos pescadores incapazes de saírem para a faina pela inclemência dos elementos continuam sem receber as migalhas que o governo demora a aprovar para lhes mitigar a fome. O fim das quotas leiteiras serviu para se ganharem mais uns milhões em subsídios... tudo vai bem neste país de faz de conta e os açorianos contentados, como sempre estiveram pelo jugo feudal a que a história os habituou, passam ao lado das tendências autonomistas da Catalunha, da Escócia e de quejandos.

Já nos EUA um homem de penteado (e o resto?) duvidoso continua a semear ódio na sua esperança de vir a ser presidente da nação que já comandou o mundo, e hoje se limita a golpes de estado, invasões, atentados, e outras proezas de que o futuro dará conta, enquanto o seu velho rival russo numa manobra de hegemonia mundial se alia à China e marca pontos no xadrez internacional, de acordo com os seus interesses económicos e geoestratégicos. Por isso a base das Lajes na Terceira perdeu o interesse para os EUA que a vão abandonando e deixando milhares de pessoas na penúria depois de 60 anos a viverem à custa da ocupação militar americana da base que protegia a velha Fortaleza Europa. Já na Austrália os líderes estaduais pedem para o meu país se tornar numa república...será desta? Há mais de 30 anos que sonhamos com isso.

IN DN: ROMA DE JOELHOS

Encaixotadas, retiradas, tapadas. Faz de conta que nunca houve Vénus capitolina, eros com arco ou leda e o cisne. Os museus capitolinos, em roma, autocensuraram-se para Matteo Renzi, o primeiro-ministro italiano receber o presidente do irão, Hassan Rouhani, e a sua lista de compras no valor de 17 mil milhões de euros. Escapou o imperador Marco Aurélio a cavalo num animal com tudo à mostra, evidentemente, mas ainda assim, houve o cuidado de situar o chefe do estado iraniano não de frente para as partes, como inicialmente previsto, mas de lado. Uma capitulação, escreve André Macedo no editorial de hoje e Ferreira Fernandes pergunta no DN: e o sexo de cavalo à mostra ofende?

O líder iraniano aterrou em Itália com um cheque de cem biliões para injetar na economia decrépita e a Europa capitulou como raramente se viu. Comento eu que uma Europa de calças na mão, sem espinha nem coragem nem moral a ceder, antes de ser dizimada pelos que aí virão. Bom exemplo de que é uma questão de tempo até "eles" tomarem conta de nós...desculpem se fui meigo. O sonho europeu dos anos 50 esvaneceu-se substituído por tecnocratas e burocratas vendidos ao vil metal que baixam as calças para terem petróleo barato do Irão... Falta de hortícolas e hoje em dia "los cojones" como se sabe são um bem raro que não de é de manufatura doméstica, nem se cultiva, nem se produz, nem em estufa...

peçoalmente eu preferia isto:



Nota de interesse do autor: fui um dos muitos responsáveis pela definição ao mínimo pormenor da política multicultural na Austrália e sua aplicação na Função Pública. Mas o respeito pelas culturas tem de ser mútuo e não unívoco como agora se vê... Eu faria isso se eles lá tivessem igrejas e fizessem o mesmo...como não fazem...

CRÓNICA 157/2016, DA PAZ QUE VIVO E DAS IMBECILIDADES QUE NOS RODEIAM (MAIS UMA DEDICADA AO JOSÉ ANTº SALCEDO) 27/2/16

Ontem o meu amigo José António Salcedo, entre centenas de pessoas, umas anónimas, outras desconhecidas, peroravam contra a imbecilidade de um cartaz do Bloco de Esquerda chamado *Jesus teve dois pais*...não valia a pena incomodarem-se que a imbecilidade não é apanágio de um só grupo ou dos políticos em geral, é transversal a toda a sociedade. Hoje, acordei ainda incomodado por outros se afligirem com coisas como estas, que a mim, há muito passam ao largo, e ignoro totalmente, pois desmerecem uns segundos que sejam apenas da minha atenção e preocupação.

Enquanto ele tem o seu refúgio terreno no Gerês, eu estou nas nove ilhas da Atlântida, ele sonha com novas aplicações para os seus lasers e fibras óticas enquanto eu perseverantemente porfio em levar mais longe o debate, a defesa e a divulgação da língua, literatura (e outras coisas que não interessam a ninguém) através dos Colóquios da Lusofonia. Ele fotografa o mundo como o vê, eu escrevo o que sinto e vejo. Temos uma ética diferente da maioria das pessoas e somos profundamente avessos a "ismos" de qualquer tipo, especialmente os fundamentalismos e totalitarismos, por isso não nos chateemos com imbecilidades e concentremo-nos em agradecer estarmos vivos e aqui...

Não sendo católico, nada tendo a favor ou contra Jesus, impérvio ao facto de ter tido dois pais, duas mães ou nem por isso, há coisas que me assustam mais e nada têm a ver com o domínio global da banca nem com o crescimento da economia da Irlanda ou da Islândia. Menos ainda com a crise do sucesso de Macau. Fosse eu crente e estaria a dar graças (ou garças) a deus, a alá ou a uma qualquer mãe-natureza por estar vivo e ter nascido aqui e viver acolá. Com efeito, nunca me canso de agradecer não ter nascido no Afeganistão, na Coreia do norte, na Nigéria, no Mali, no Paquistão,

Bangladeche, Irian Jaya (Papua Ocidental sob ocupação indonésia desde 1962), no Líbano, Iraque, Irã, na Caxemira, na ainda ilegal República Sarauí, República do Congo, Chade, República Democrática do Congo, República Centro-Africana, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Ruanda, Burundi, Quênia, Uganda, Somália, Etiópia, Sudão, Líbia, Síria, Egito, Eritreia, Camboja, Birmânia (Myanmar), Chechênia, na maioria dos países da América Central, Latina ou da América do sul, México, Albânia, Hungria, países balcânicos, países da ex-União Soviética, como a Ucrânia, Crimeia e países terminados em "tão" (Turquemenistão, Tajiquistão, etc.) num total de 151 países atualmente em guerra....

São tantos e tão diversos, uns em guerras recentes, outros há décadas, sem paz nem futuro nem presente e eu aqui nos Açores a queixar-me de quê? Da humidade? Dito isto, alguém na sua perfeita sanidade tem coragem de se queixar de imbecilidades mesquinhas e de políticos? Creio bem que não, vejamos as coisas pelo lado positivo, pertencemos eu, o meu interlocutor e alguns mais a uma pequeníssima elite de seres pensantes, com opinião e inteligência para formar a sua própria opinião, divergindo de muito mais do que 90% da população portuguesa que nos rodeia e dos que nos comandam o dia-a-dia...

Conseguimos ser indivíduos e individualistas, mesmo integrados em esquemas coletivos e de solidariedade, sonhamos com altos voos para nós e para os nossos que não se comprazem com a mesquinhez e a mediocridade do meio ambiente onde estamos inseridos.

CRÓNICA 158. PROTESTO DE UM CIDADÃO DA LOMBA DA MAIA S MIGUEL AÇORES

Publicado a 10/03/2016

Lomba da Maia, março 2016

Ex.mo Senhor Diretor

Terá de morrer alguém numa derrocada na estrada da Maia para a Lombinha da Maia em São Miguel para haver obras?

Terá de haver uma derrocada catastrófica na estrada da Maia para a Lombinha da Maia em São Miguel para haver obras?

Terá a cor política da Junta de Freguesia e da Câmara algo a ver com os "estudos" que alegadamente estão a ser feitos para haver obras na estrada da Maia para a Lombinha da Maia em São Miguel?

A estrada ficou cortada depois das derrocadas de dezembro 2015, com enormes inconvenientes para centenas de moradores da costa norte.

Os transportes privados, os públicos, incluindo os transportes escolares, fazem desvios morosos por Calços da Maia, Gorreana e São Brás em estradas que não foram feitas para tal movimento e depois de meses de a estrada ter estado cortada à circulação entre a Lombinha e a Maia, nem um só trabalhador apareceu no horizonte num dos troços mais perigosos das estradas públicas regionais na costa norte.

Está em estudo, ao que dizem, a intervenção camarária e os transportes pesados estão proibidos de acederem aquele ramal, enquanto os ligeiros que por ali passam correm riscos enormes e desnecessários. A falta de sedimentação das perigosas arribas após as derrocadas de dezembro pode nem precisar de mais chuvadas para causar novo desmoronamento...

Porque esperam então as entidades responsáveis para fazerem obras que há muito se impunham?

Se houver uma tragédia, do dia para a noite surgirão máquinas, trabalhadores e estudos?

Aqui deixo a pergunta a quem de direito como cidadão residente na costa norte a quem foi coartado o acesso direto entre a Lombinha e a Maia.

Ao fim de três meses continuo à espera do início das obras céleres para darem segurança aquele troço bem movimentado da estrada.

Com os melhores cumprimentos

CC

CRÓNICA 159 QUANDO AS PALAVRAS SE ACABARAM, ABRIL 2016

A inquietude persegue-me desde que deixei a Europa em 1973 e me abri ao conhecimento universal e multicultural. Adquiri uma errância mais própria de nómadas ciganos do que das origens sedentárias de marrano galaico-português. Esta inconstância assola-me ainda mais desde que me arquipelizei nos Açores há mais de dez anos.

Sou conhecido pela infidelidade no amor às ilhas que habito. De cada vez que saio da Ilha verde - e visito ou conheço nova ilha - enamoro-me loucamente como um jovem adolescente de sangue quente em busca de paixões avassaladoras como são os amores da juventude. Só posso viver numa, mas em todas quero estar em simultâneo, pois nelas me sinto em casa.

Como pode uma pessoa vinda de outras culturas e continentes entender estas ilhas e suas idiossincrasias?

A partir de 2006 comecei a traduzir autores açorianos e publiquei dois volumes da "CHRÓNICA AÇORES: uma Circum-navegação, de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores," cronicando as minhas viagens em volta do mundo.

Organizo desde 2001 os Colóquios Anuais da Lusofonia e sou atualmente o Editor dos Cadernos (de Estudos) Açorianos, que divulgam obras de autores açorianos e livremente acessíveis em linha [<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>]

Como se pode optar por ficar aqui nestas ilhas e descurar todos os mundos que existem para lá deste arquipélago?

É simples, uma pessoa fica ilhanizada como Almeida Firmino em A Narcose, como se os outros mundos não tivessem importância a não ser para divulgar o segredo da existência de uma importante literatura de cariz açoriano.

É preciso viajar entre estas nove filhas de Zeus e entender os marroços do Pico ao sabor do seu Verdelho, calcorrear o Barreiro da Faneca, pisar as areias esbranquiçadas de Porto Pim, meditar em frente ao ilhéu do Topo, extasiar-se no Caldeirão do Corvo e deleitar-se com as águas que em cascata pontilham as Flores...

É essencial partir à descoberta de cada ilha, sonhando com Dias de Melo nas agruras e na fome dos baleeiros, reler o Mau Tempo no Canal, parar num qualquer aeroporto e entender o Passageiro em Trânsito do Cristóvão de Aguiar, ler em voz alta a poesia do Fogo Oculto de Vasco Pereira da Costa, Viajar com as Sombras ou com o Tango nos Pátios do Sul de Eduardo Bettencourt Pinto, rever a Traceira de Jasus de Álamo Oliveira, visitar as pedras arruinadas do Pastor das Casas Mortas de Daniel de Sá.

A estes nomes aleatórios há muitos outros a acrescentar de autores açorianos que não só merecem ser lidos, como deveriam constar

Por isso, em tempos, escrevi

Que Dias de Melo era um operário, agricultor, pescador, escultor que trabalhava, ceifava, pescava e esculpia a palavra como um baleeiro, pescador, marinheiro, mestre de lancha da ilha do Pico.

Escreveu como se da janela da sua "Cabana do Pai Tomás" no Alto da Rocha na Calheta de Nesquim, vigiasse os botes e as lanchas da Calheta, baleando contra os Vilas e os Ribeiras

Com os aborígenes australianos entendi como é possível preservar a língua e cultura mesmo sem haver escrita há 60 mil anos.

Com os chineses apreciei o valor do futuro com base nos ensinamentos do passado, e com os timorenses, macaenses e outros aprendi saberes que fazem parte do meu cotidiano.

É disso que os meus livros falam.

E continuo a citar:

Tivesse eu fôlego e iria ao mítico Pico da Atlântida submersa, cujo magnetismo me fascina ao ponto de desejar, vezes sem conta, mudar de armas e bagagens para este Triângulo Sagrado onde prometo fazer imolações e outros sacrifícios nas aras do destino.

Não sendo das Bermudas este triângulo, isósceles, que nunca escaleno obscuro, seria ótimo pousio final para as minhas cinzas quando chegar a estação de fazer como as cobras e trocar de pele.

Despir a bela capa colorida terrena, de seis decênios, e vestir o cinzento das cinzas que seriam lançadas nesta lendária Atlântida de continentes submersos cujos picos vocês habitam.

Aqui, na Gruta das Torres senti-me um salteador da Arca perdida à sombra do Pico que, ora se esconde, ora se revela num jogo constante do gato e do rato, que entusiasmo e arrebatava.

Sinto o sortilégio. O mágico cume tem um íman que atrai a visão e nos desconcentra, sempre insistindo para o contemplarmos nas suas mil e uma facetas alteradas a cada segundo.

Há cinco anos que não visitava a ilha mágica, o Pico magnético que me atrai e seduz.

Um dos primeiros locais que quis visitar foi a casa de José Dias de Melo no Alto da Rocha do Canto da Baía. Aí perdi as palavras, as silvas retomaram posse de terrenos em tempos bem tratados e cuidados, a portinhola de madeira, na entrada, estralçada com as ripas no chão. As pedras soltas do caminho de acesso à casa, o abandono total à espera de uma decadência que a casa não merecia por mais pobre humilde que sejam as suas origens e as do seu habitante mais celebrado e ora esquecido.

Foi há apenas cinco dias que as palavras se me acabaram. Foram-se. Esgotadas. Caladas.

Silentes como o breu da noite. Arrebatadas por alguma força alienígena que não entendo.

Sempre disse que um povo que não respeita a sua história e os seus vultos acabará, mais cedo ou mais tarde, como povo e dele restará um punhado de notas para a História.

Tentei saber o porquê do abandono, falaram-me de disputas entre herdeiros e editores.

Não quis saber então, e muito menos quero agora. Há desculpas que a gente não engole. Até podem ser reais ou legais ou mesmo morais, mas nem por isso se tornam mais aceitáveis, palatáveis.

Um dos mais ricos patrimônios, ainda mal explorado, dos Açores é a sua riqueza literária. Há anos que venho pugnando e propondo a autarquias e entidades várias, a criação de roteiros culturais locais, para se celebrar a memória de autores e de suas obras, os seus passos terrenos, os locais onde nasceram e viveram, onde escreveram, onde sofreram e sonharam. Os passos que davam nas suas caminhadas diárias, as paisagens que os inspirava, os sons e os cheiros que rodeavam o seu meio-ambiente.

Fiquei imensamente triste, pensei que ia encontrar a casa aberta ao público, como espaço museológico, com um guia habilitado, a falar-nos das suas lutas, da sua escrita e vim a encontrar estas imagens que me compungem. Estas palavras que me abandonaram servem apenas para lançar um apelo pungente aos herdeiros do escritor para que honrem a sua memória e não deixem morrer a casa que bem serviria para contar as suas histórias de baleeiros.

Há bens imateriais que se deviam sobrepor a quaisquer vantagens materiais desta propriedade a caminho da ruína. Sei que a memória do homem e da sua obra podem ser dignificados e acredito que o serão, para preservar este cantinho de um autor que soube sempre honrar o Pico natal. É este Pico que amo e quero ver enaltecido, em vez de entregue às silvas e ervas daninhas que nunca quebraram nem amedrontaram o escritor dos baleeiros.



A CONTRASTAR A AUTARQUIA ASFALTARA O PEQUENO CAMINHO DE ACESSO, OUTRORA IRREGULAR E EM GRAVILHA SOLTA. ESTE O ASPETO DEGRADADO A QUE DEIXARAM CHEGAR A CASA A CONTRASTAR COM AQUELE QUE TINHA EM 2009, UM ANO APÓS A SUA MORTE.



2016

2009

Da última vez que aqui estive na ilha em 2011, em pleno centro de São Miguel Arcanjo, ao andar rumo à casa do escritor Cristóvão de Aguiar deparei com uma camioneta de passageiros, estacionada, aguardando o início de nova semana de trabalho.

Ali me ocorreu a ideia peregrina de como seria culturalmente interessante a aventura de "pedir emprestada" a carripiana, começar a percorrer as aldeias (ditas freguesias nas ilhas) e gravar as histórias que os passageiros fossem contando.

A viagem não teria destino.

Duraria tanto quanto as histórias dos seus passageiros.

Não se cobriam bilhetes.

Pararia em todos os locais, para que contassem histórias e lendas do local onde paravam.

Que livro maravilhoso não daria esse compêndio de histórias apanhadas ao acaso daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos.

Assim me despedi da ilha prometendo voltar com mais tempo.

Termo dizendo que a magia da ilha, que se insinua como uma amante insaciada, mulher fatal capaz de marcar os destinos de todos os homens que têm a sorte de a encontrar, merece que a casa de José Dias de Melo seja mantida e aberta ao público em geral e aos fiéis como eu que ali peregrino sempre que vou ao Pico (Calheta de Nesquim) ...

Desde 11 setembro 1973 quando, os EUA com a ajuda de Pinochet, suicidaram Salvador Allende, outro momento bem triste da luta democrática surgiu a 17 abril 2016 quando o processo de destituição da Presidente Dilma Roussef do Brasil foi aprovado.

A juntar a isto, a vergonha da crise dos refugiados na Europa que não pode ser descrita por palavras e muito menos adjetivada. Sou dos poucos que ainda acredito que as pessoas eleitas devem ser destituídas nas urnas. Sou dos poucos que ainda acredito que a justiça deve ser isenta e seguir o seu curso.

Não creio em manifestações de rua, em levantamentos populares ou na palhaçada parlamentar que ontem ocorreu em Brasília, quando a maior parte dos votantes estava já indiciado por um ou mais crimes de corrupção e a deposta não é indiciada nem por um...

Claro que, com esta destituição, vão todos ficar "limpinhos" como as consciências que não têm. E por falar em democraticamente eleito. FHC (Fernando Henrique Cardoso) foi eleito democraticamente, Itamar Franco foi eleito democraticamente, Collor foi eleito democraticamente, até Hitler foi eleito democraticamente.

Mas ainda não consegui entender como é que centenas de corruptos, democraticamente eleitos para a Câmara dos Deputados (votaram 367 a favor da destituição, mais do que os 342 necessários), podem falar em lutar contra a corrupção? Raramente vi uma luta de classes tão mal dissimulada como esta.

Falta agora o Senado sancionar (54 votos) o afastamento de Dilma, e a luta intestina que paralisa o Brasil, há meses, irá continuar com os Jogos Olímpicos à porta... Quem vai perder, (já não falo da situação económica) são as minorias, os negros, os sem terra e todos aqueles que na última década começaram a "existir" no Brasil para pesar daqueles que ora orquestraram o golpe. Mais um dia de tentativa de golpe no bananal brasileiro.

Como em 1932, a elite vai em busca do poder perdido. Depois do golpe mediático-civil-militar, o golpe mediático-empresarial-judicial. De onde vem o golpe? Da união de esforços de políticos fisiológicos, de partidos oportunistas, de jornalistas arrivistas, de uma mídia grosseiramente conservadora e de juristas militantes. Só no Brasil o supremo tribunal permite que um réu acusado de corrupção conduza o processo de destituição do primeiro mandatário da nação. Eduardo Cunha, o réu, com fartura de provas, articula o derrube da presidente sobre a qual não pesa qualquer investigação de ilicitude.

Até ao século XIX, o direito serviu de ideologia da escravidão. Hoje, serve de ideologia do golpe como impeachment.

Assustador é o deputado Jair Bolsonaro (PSC-RJ) lembrar os militares de 1964 e o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, comandante do DOI-Codi (polícia política e de tortura generalizada) entre 1970 e 1974 antes de votar. Ele foi o TORTURADOR de Dilma na ditadura.

A melhor descrição do circo de ontem em Brasília foi esta: uma piscina cheia de ratos. Os promotores do impeachment eram quase todos detentores de contas na Suíça, offshores no Panamá e recebiam "propina" (luvas) da Odebrecht... um outro fator a ter em conta: Projeto de Renan Calheiros e José Serra extingue "regime de partilha" e afasta Petrobrás.

Medida provocaria exploração predatória, em benefício de transnacionais petrolíferas, não sei se entenderam bem que estamos aqui a falar de petróleo. Quantas revoluções no mundo, quantas invasões, quantos crimes não foram feitos por causa do maldito ouro negro?

Tal como no Chile em 1973, este golpe da classe média branca vai fazer retroceder o Brasil e representa uma enorme vitória dos EUA contra o poder do bloco BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) que deixou de negociar em dólares e ameaçava limitar ainda o imperialismo norte-americano. Como o fosso era já enorme entre os ricos e os outros, esse fosso vai agora aumentar, com iniquidades, injustiças, atropelos ainda maiores dos que já nos habituara a ditadura brasileira das décadas de 1964 a 1985.

Dizem que seis brasileiros possuem a mesma riqueza que a metade mais pobre do Brasil. Os patrões vão comemorar. Não vai ser fácil para o trabalhador. Os estudantes pobres e negros que nos últimos anos finalmente começaram a ter mestrados e doutoramentos vão voltar para as favelas sem mais estudos.

Como escrevia hoje Carlos Albino

"Não quero imaginar um macro parlamento lusófono com esta gente do Brasil, outra de Angola, ainda outra de Moçambique, etc., a que se juntariam por certo os excelentes parlamentares da Guiné-Equatorial.

Não quero imaginar como da minha língua se poderia ver o mar da palha."

Agora na fase que se segue para destituição: No Senado são duas votações: a primeira é pela admissibilidade do processo, precisando de votação simples, metade + 1 dos votos dos presentes.

A segunda votação é a decisiva, precisando de 2/3 dos votos, ou seja, 54 votos e será sob a direção do presidente do STF. Vejam o que diz o senador Paulo Paim (PT-RS) com 13 anos de Senado:

"Não acredito que o impeachment passe na Câmara dos Deputados, mas faço um alerta aos navegantes. Estou há 13 anos no Senado e nesse tempo todo ninguém conseguiu 2/3 dos votos, a não ser por acordo.

No Senado Federal o impeachment não passará.

Quem fizer um acordo oportunista dançará!

Quem viver verá"

Senador Paulo Paim

E repasso a pergunta "Uma dúvida: o "tchau querida" se refere à Dilma ou à democracia? Ou a ambas?" disto tudo vai resultar um Brasil mais dividido e polarizado, mais incapaz de se sobreviver aos desafios que a crise económica global lhe impõe. Uma democracia mais pobre e ineficaz.

A ditadura está ao virar da esquina. Tal como em 1939, está em todas as esquinas da velha Europa ao novo mundo.

Depois do sucesso de várias edições dos colóquios da lusofonia em Bragança (2002 a 2010), andamos por outras paragens [Seia, Fundão, Açores (Ilhas de São Miguel, Santa Maria e Graciosa), Brasil, Macau e Galiza] e finalmente surgiu a oportunidade de regressarmos a Trás-os-Montes. Regressamos a estas nossas terras transmontanas com o patrocínio da Câmara Municipal de Montalegre, e amplo apoio do EcoMuseu do Barroso, UTAD, Tertúlia João Araújo Correia, da SATA, Governo Regional dos Açores (Secretaria Regional da Cultura, Secretaria Regional de Turismo, Direção Regional do Ambiente e Mar, logomarca Açores certificado pela Natureza, Geoparque Açores), AGLP (Academia Galega da Língua Portuguesa), Embaixador Anacoreta Correia da CPLP e Observatório da Língua Portuguesa, Embaixada da República Democrática de Timor-Leste em Lisboa.

Temerosos pelo frio que se fizera sentir no mês transato e pelo forte nevão ocorrido uma semana antes, arribamos a esta fria terra nas faldas do Larouco, e cedo nos apercebemos do calor das gentes da terra, da sua agradável hospitalidade, bonomia, simplicidade, sinceridade e inexcedível acolhimento que nos haveria de acompanhar ao longo de seis extenuantes dias de colóquio com quase cinco dezenas de oradores e mais de oitenta participantes, culminando na noite de dia 24 de abril em que muitas centenas se apinharam no Pavilhão Multiusos para celebrar o 25 de abril.

Como é nosso hábito começaremos por fazer uma curta resenha histórica do local onde nos encontramos, seguindo a própria descrição que a nossa parceira, Câmara Municipal de Montalegre tem na sua página:

Há 4 mil anos, os nossos antepassados ergueram aqui monumentos funerários como as antas da Mourela e da Veiga ou as cistas¹⁴⁶ da Vila da Ponte, o que prova que Montalegre já era povoada na Idade dos metais. Depois, os Celtas erguem tantos castros quantas as povoações do concelho.

Os romanos atravessam a região com uma via imperial e pontes, e romanizam alguns castros.

Existem vestígios de cidades romanas como Praesidium (em Vila da Ponte, hoje denominada Sabaraz) e Caladunum (Cervos). Dos Mouros não há indícios documentais da sua presença, exceto a tradição oral que lhes atribui tudo quanto de extraordinário e antiquíssimo existe.

D. Afonso Henriques doou terras ou coutos onde floresceram albergarias (Salto), hospitais (Vilar de Perdizes e Dornelas) ou mosteiros (Pitões).

Como fronteira com o reino da Galiza, são erguidos os castelos de Gerês e Piconha e mais tarde os do Portelo e de Montalegre.

São atribuídos forais a Tourém, provavelmente por D. Sancho I em 1187. Só em 1273 é que D. Afonso III, em carta de foral, funda a vila de Montalegre e o respetivo alcácer tornando-se cabeça das Terras de Barroso.

Este foral é depois confirmado por D. Dinis, D. Afonso IV, D. João II e em 1515, D. Manuel converte-o em foral novo.

No reinado de D. João I, na sequência da Guerra da Independência, as Terras de Barroso são oferecidas a D. Nuno Álvares Pereira, Condestável do Reino.

Nas invasões francesas em 1809, as tropas tiveram problemas de monta com os barrosões, na Misarela. Em 1836, o concelho é dividido criando-se o município de Boticas e perderam-se Vilar de Vacas (sediado em Ruivães) para o município de Vieira do Minho, e o Couto Misto de Santiago de Rubiás.

A história recente de Montalegre é igual à de tantas regiões, marcada por uma forte emigração, depauperação económica e abandono das atividades económicas tradicionais. Só com a institucionalização do Poder Local após o 25 de abril de 1974 é que surgem condições de revitalização do concelho devido às alterações estruturais que aquele movimento democrático permitiu.

Quando vim da Austrália, em finais dos anos 90, cedo retornei a estas terras transmontanas. Portugal profundo chamavam-lhe os governantes, como sinónimo de esquecido. Revisitei o baú das reminiscências. Recreei passos perdidos há décadas, em aldeias, vilas e lugarejos sumidos na memória de tempos idos. Visitei-os a todos. A desertificação humana maciça, a emigração, a migração para o litoral e os limites da longevidade haviam impossibilitado a reconstrução das memórias.

Poucos sobravam para falar da minha infância e juventude por terras e aldeias pujantes.

Ou seria da vida escrava nesse feudalismo transmontano de 1960? Teriam progredido? Mais casas novas havia e muitas. Maiores.

Bem maiores e bem mais desertas. As velhas casas senhoriais abandonadas, inabitadas. Desertas. Vazias, sós, e tristes como só as casas são quando têm sentimentos como as plantas. Em ruínas. Das gentes sumira-se-lhes o rasto.

Nem guardadores de cabras, nem guardadores de casas. Perdidas na voragem consumista das grandes urbes.

As gentes anónimas no litoral que o 25 de abril roubara à emigração a salto.

Desaparecidas as "vendas", os cafés e as tabernas.

Nem botequins havia sem gente que os sustentasse.

Os escassos setuagenários, congregados no adro das igrejas. Vazias. Sem serviços dominicais.

Escolas abandonadas às silvas.

Destroços definhavam na vegetação que se reapoderava dos seus terrenos.

Poucas foram aproveitadas e ocupadas por novas valências.

Aqui e ali medravam em túbias esperanças de turismo rural ou escolas convertidas em lares de terceira idade.

Com uma população acima dos setenta anos, não tarda que morram sós sem ninguém dar conta.

Depois virão os sociólogos falar do problema da solidão na terceira idade, os geógrafos políticos lamentarão a desertificação humana do interior profundo, os políticos explicarão as alterações inócuas às leis, as instituições de solidariedade social lamentarão a crise e a falta de apoios para prestarem ajuda solidária aos idosos, a GNR e PSP deplorarão a falta de meios humanos para uma política de proximidade, e os filhos e os netos continuarão a colocar em asilos e hospitais os idosos para não terem o trabalho de cuidar deles. Ignorá-los-ão só por que são velhos.

Hoje tudo é já diferente da minha infância. Vivemos numa nova escravatura que nem Aldous Huxley imaginou no seu livro Admirável Mundo Novo.

Os temores de 1984 de George Orwell converteram-se já nesta prisão sem grades onde prevalece o medo que enche o quotidiano de jornais e televisões.

Enquanto puder isolar-me-ei refugiado no onírico, na poesia e na utopia, em vez de buscar uma qualquer droga de felicidade falsa ou um novo empréstimo bancário ou hipoteca.

Cresci numa época conturbada, após a segunda guerra mundial, no esforço de reconstrução da Europa, quando em Portugal ainda não se podia sonhar.

Cresci com a espada de Dâmoles da guerra colonial que viria a ceifar o futuro que tinha delineado. Nessas décadas de 1960 e 1970 éramos jovens, esperançosos e sonhadores num mundo melhor.

Durante alguns anos vivemos a ilusão que a revolução dos cravos permitia, mas hoje no outono da vida vivo desiludido com o mundo que me rodeia, com as promessas incumpridas de 42 anos de abril, uma desigualdade ímpar neste fosso entre ricos e outros, sem grandes esperanças para os dias que restam.

Já não sobejam grandes sonhos para passar às gerações futuras, enquanto antecipo as piores previsões orwellianas ultrapassadas por uma realidade que há muito excede a ficção.

Luto contra a imensa amargura de já não se poder sonhar.

Pessoalmente já não visitava esta agradável vila desde 2003 quando aqui veraneei na vizinha aldeia raiana de Baltar e mais especialmente na Rousia (do lado de lá da fronteira), local que ficou gravado na memória e onde me aprestei a ir recordar esses bons momentos.

Gostara tanto de lá passar dez dias que regressei nesse longínquo agosto de 2003 para mais uns tantos dias, em que galgamos quilómetros de estradas quer na província de Ourense quer na região de Montalegre, onde revisei lugares perdidos na memória dos anos 60 e 70 como Pitões das Júnias, Vilar de Perdizes e Tourém, cheios de lendas e tradições geradas por uma rica herança que vem desde os Celtas, além desse memorável capítulo da história que foi o Couto Misto.

Um tio meu, da numerosa família Mesquita Guimarães provinha de Montalegre, e foi com pesar que vi a casa senhorial de seus antepassados à venda, mas em ruínas.

Desconheço quem são os herdeiros, mas sei que as novas gerações pouco ou nada ligam a estas recordações do passado que me esforço por fazer reviver a cada passo que dou.

Mal sabia eu em 2003 que poucos anos depois viria a conhecer a grande amiga e irmã de muitas lutas, Concha Rousia, da Academia Galega (da Língua Portuguesa) nossa patrona dos colóquios, juntamente com os mestres Professores Evanildo Bechara da Academia Brasileira de Letras e Malaca Casteleiro da Academia de Ciências de Lisboa.

O legado que quero deixar aos vindouros resume-se à rica experiência de vida na Europa, Ásia e Australásia, a escritos dispersos por livros e gavetas e ao ideal maior que nunca imaginei concretizar em tanta longevidade.

Falo dos 25 Colóquios da Lusofonia que já passaram pelo Porto, Bragança, Seia, Fundão, Ribeira Grande, Lagoa, Vila do Porto, Santa Cruz da Graciosa, Ourense na Galiza, Brasília, S. Paulo, Rio e Florianópolis no Brasil, Macau na China e agora Montalegre.

Somos um projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais.

Esta nossa filosofia tem permitido desenvolver projetos onde não se reclama a autoria, mas a partilha do conhecimento e que nos torna distintos de outros encontros científicos do género.

Temos encontrado gente capaz de operar as mudanças.

Assim se explica que depois de José Augusto Seabra, os nossos patronos sejam hoje Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) e a Academia Galega da Língua Portuguesa representada por Concha Rousia.

A informalidade e o contagioso espírito de grupo que nos irmana, permitiu avançar com ambiciosos projetos.

Somos um vírus altamente contagioso fora do alcance das farmacêuticas.

Há quem atribua o conceito de Lusofonia ao mentor do Quinto Império o Padre António Vieira, outros pretendem encontrar a sua génese em Agostinho da Silva, eu encontrei-a no meu mentor José Augusto Seabra que me desafiou a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo.

¹⁴⁶ Uma cista é um monumento de tradição megalítica funerário. Basicamente é formada por quatro lajes, colocadas verticalmente formando um retângulo. Sobre elas costumava ser colocada outra pedra horizontal a jeito de tampa. No interior eram colocados os restos mortuários. Por vezes é difícil determinar se um monumento é um dólmen pequeno ou uma cista. O critério acostumado em tais casos é o tamanho: geralmente é considerada cista quando a sua superfície não superar o metro quadrado. As cistas aparecem, maiormente, associadas a outras formações megalíticas, por exemplo, no centro de túmulos (o que às vezes origina discussão sobre se é dólmen ou cista), no centro dum cromeleque (rodeando as cinzas mortuárias), no interior de covas sepulcrais, etc. Em geral a sua conservação é má, e costuma faltar a tampa e mesmo alguma das lajes laterais.

Na nossa visão abrangente todos cabem desde que trabalhem a língua portuguesa numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que, por vezes, emana da CPLP e outras entidades.

Escrevemos em 2003:

Só através de uma política efetiva de língua se poderá defender e promover a expansão do espaço cultural lusófono, contribuindo decisivamente para a sedimentação da língua portuguesa como um dos principais veículos de expressão mundiais.

Hoje como ontem, a língua de todos nós é vítima de banalização e do laxismo.

Que ninguém se demita da responsabilidade na defesa do idioma.

Infelizmente, a população está pouco consciente da importância e do valor do património linguístico.

Falta-lhe o gosto por falar e escrever bem, e demite-se da responsabilidade que lhe cabe na defesa da sua língua.

Além dos tratos de polé que a língua sofre nos meios de comunicação social, uma nova frente se abriu com o ciberespaço e as novas redes sociais.

Urge apoiar a formação linguística da comunicação social, promover uma verdadeira formação dos professores, zelar pela dignificação da língua nos organismos internacionais, dotando-os com um corpo de tradutores e intérpretes profissionalmente eficazes.

Falta uma visão estratégica para uma verdadeira POLÍTICA DA LÍNGUA, o cinzimento e a uniformidade são a regra de referência, a competição é palavra tabu, o laxismo e a tolerância substituem a exigência e a disciplina, e continua a grassar a desresponsabilização.

A maioria dos cursos estão desajustados do mercado de trabalho, as empresas vivem alheadas das instituições académicas, há cursos que para nada servem. Ao contrário do que muitos dizem Portugal não tem excesso de licenciados, mas sim falta de empregos.

Mas será que falam Português?

Mais de uma década se passou e aquelas palavras continuam atuais à exceção do c mudo que finalmente desceu à tumba com a implementação do AO 1990 por que tanto pugnámos a partir de 2007.

Na vizinha Galiza houve avanços e recuos, depois de ajudarmos a criar a Academia Galega da Língua Portuguesa registaram-se progressos como a aprovação da lei Paz-Andrade que urge realizar.

O futuro decidirá se o Português na Galiza vence ou se continuará a ser vítima do genocídio linguístico, estropiado pela política antropofágica de mais de cinco séculos do reino de Castela.

O futuro decerto trará Angola e Moçambique ao AO 1990 já plenamente cumprido no Brasil e em Portugal, e em andamento mais lento em Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Há notáveis avanços quantitativos em Angola, Moçambique e Timor-Leste, no número de falantes de Português, seguindo uma tendência mundial onde há – cada vez mais – lusofalantes.

O atual impacto mundial da língua portuguesa existe sobretudo por ação dos outros.

A República Popular da China prepara em Macau e nas universidades da China os seus quadros para dominarem a língua portuguesa e conquistarem os mercados lusófonos.

Creio que vai depender sobretudo do esforço brasileiro em liderar que a Lusofonia poderá avançar, levando a reboque os países africanos ainda cheios de complexos do seu velho e impotente colonizador Portugal.

A língua portuguesa é alimentada de forma diferente de acordo com as realidades sociais, económicas, culturais, etc., dos países onde está instituída e os quais estão geograficamente distantes uns dos outros, mas pode ser o veículo de aproximação com as comunidades lusofalantes espalhadas pelo mundo.

O espaço dos Colóquios da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar.

É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão.

Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, dos Açores às Bermudas, à Índia e a Timor.

O Inglês para ser língua universal continuou unido com todas as suas variantes.

E foi isso que - graças ao convénio firmado com a autarquia de Montalegre - quisemos partilhar lembrando que pela segunda vez ostentámos com orgulho no colóquio a Marca Açores, Certificado pela natureza.

Recapitemos em breves palavras os momentos mais relevantes do colóquio que abordou três temas genéricos: Lusofonia e Língua Portuguesa, Açorianidades e Tradutologia:

Falamos de um evento que juntou 17 regiões e vários países representados, a saber: Alemanha, Açores, Austrália, Bangladeche, Bélgica, Brasil, Canadá, França, Galiza, Goa, Índia, Itália, Luxemburgo, Malaca, Portugal, Macau, e Timor-Leste, incluindo 10 representantes de três academias de língua portuguesa e 13 universidades e politécnicos.

Todas as sessões (palestras e sessões culturais) foram gratuitas e abertas ao público.

Iniciou-se a sessão de abertura com três vídeos, um de Montalegre, outro dos nove geoparques dos Açores e um de memórias de 24 colóquios em imagens.

Na Mesa estavam o Vice-Presidente da Câmara Municipal de Montalegre, David Teixeira, Secretário da Embaixada da República Democrática de Timor-Leste, Dr. Bonifácio Belo, Presidente da AICL, Chrys Chrystello, patronos da AICL, Professor Malaca Casteleiro, mestre Concha Rousia, (infelizmente por motivo de doença o Professor Evanildo Bechara teve de regressar ao Brasil antes do início do evento) e o autor homenageado, dramaturgo açoriano Norberto Ávila.

Seguiu-se um Recital de Ana Paula Andrade (Piano) e Carolina Constância (Violino), do Conservatório Regional de Ponta Delgada, que fizeram em extraordinário esforço para estarem presentes apesar dos compromissos no CCB em Lisboa que lhes iria ocupar os seis dias seguintes.

Além de música do cancioneiro Açoriano revelaram mais poetas açorianos musicados num amplo projeto que iniciámos em 2010.

Depois, tivemos a estreia de José António Cabrita, um "katuas" (que me antecedeu em Timor de 1971 a 1973) a apresentar o seu mais recente livro Na lonjura de Timor / Iha dook rai Timor, da Editora Crocodilo Azul, e por fim, um magnífico recital de música pela Escola de Música Tradicional do Larouco cujo fim passa por promover o ensino da gaita-de-foles e precursão tradicional e que nos levou às origens celtas que povoam todo este território.

Foi um momento que levou os presentes a vibrarem e a anteciparem os dias que seguiriam.

Na segunda manhã tínhamos o início de um roteiro cultural intenso que nos levaria a Vilar de Perdizes em cuja igreja (de excecional acústica) teve lugar o segundo e último Recital de piano de Ana Paula Andrade acompanhada ao violino por Carolina Constância do Conservatório de Ponta Delgada (Açores), seguindo-se uma visita à Senhora das Neves, Paço e aldeia sob a esclarecida condução do nosso muito especial Guia, Padre Fontes.

Depois do almoço o passeio cultural levou-nos a Pitões das Júnias, visita ao Mosteiro, forno do povo e terminou no Ecomuseu de Barroso (Espaço Padre Fontes) onde depois de uma visita pela história da região fomos agraciados com um beberete da Câmara Municipal para degustação de produtos locais, incluindo os seus famosos enchidos desta Terra Fria transmontana.

No terceiro dia de trabalhos, começaram os trabalhos científicos e palestras com uma grande participação de docentes da UTAD, muitos deles a versarem sobre esse escritor e lutador antifascista que foi o médico Dr Bento da Cruz, a bem merecer estudo pelas gerações mais novas que ignoram o pesadelo da Guerra Civil em Espanha e as suas implicações no viver raiano.

De tarde entre muitas outras comunicações houve uma visita a palestras que versavam Goa, Bengala (Bangladeche) e a língua concani, a que se seguiu a primeira sessão dedicada à açorianidade com os escritores Brites Araújo, Pedro Paulo Câmara e Carolina Cordeiro, culminando numa homenagem teatral ao dramaturgo açoriano Norberto Ávila – autor homenageado dos colóquios em 2016, com a representação de uma curta peça do autor adaptada pelo escritor terceirense Álamo Oliveira.

Ao quarto dia de trabalhos, e o mais intenso deste programa recheado que foi o 25º colóquio, salientam-se a segunda sessão de Açorianidades e duas sessões das Academias onde palestraram Isaac Estraviz, dicionarista da AGLP (Academia Galega da Língua Portuguesa), Embaixador Anacoreta Correia da CPLP, Ângelo Cristóvão da Academia Galega (da Língua Portuguesa) e Ana Salgado da Academia de Ciências de Lisboa.

Foi numa destas sessões que celebramos um protocolo com o Observatório da Língua Portuguesa (que havíamos lançado em Bragança em 2004) e hoje importante veículo lusófono no seio da CPLP.

Antes do jantar o nosso convidado (e sócio honorário da AICL) Prémio Nobel da Paz 1996 Dom Carlos Filipe Ximenes Belo lançou o seu mais recente livro "Pe. Carlos da Rocha Pereira, um missionário açoriano em Timor" publicado graças ao mecenato do Moinhos Terrace Café de Manuela Pereira e do nosso associado e adjunto da Direção (José Soares) com apoio da AICL.

Uma longa sessão de autógrafos antecedeu o jantar depois da apresentação que incluiu uma agradável intervenção com música de Timor, a cargo do grupo Tane Timor (do Porto, liderada por Daniel Braga).

Após o jantar tínhamos preparado uma sessão especial dedicada ao 25 de abril com três poemas musicados contra as ditaduras e pela liberdade de expressão que em Portugal chegou apenas com o 25 de abril.

São três documentos - visual e musicalmente fortes - que emocionaram muita gente (Geraldo Vandré "Para não dizerem que não falei de flores", Georges Moustaki "Avril au Portugal", e Chico Buarque "Fado Tropical"). Seguiram duas curtas alocações do Presidente da AICL e de Dom Ximenes Belo.

Eu recordei que antes do 25 de abril em Portugal havia uma coisa chamada lápis azul, ou censura, que em 1972 me cortou 70 páginas a um livrinho de poemas adolescentes que publiquei então com cerca de trinta páginas....

Estava em Díli, Timor, na noite de 25 de abril 1974. Leio o que escrevi em 1999 no meu livro dossier secreto 1973-1975:

Era hora de jantar e eu estava de Oficial (Ajudante) de Dia no Quartel-general. O idoso Oficial de Dia já estava há muito a olhar para o seu umbigo, depois da sua rodada habitual. Tony Belo, operador da Telecom local, a Rádio Marconi, ligou a dizer que o autor ia ter uma chamada telefónica uma hora depois. Chamei o condutor de serviço para ligar o Jeep e passados quinze minutos estava em Díli, ansiosamente esperando 'a chamada'.

Pressenti tratar-se de algo muito importante, pois já concordara com a família que só haveria telefonemas em caso de emergência.

Já há muito que confirmara que toda a correspondência era sujeita a censura prévia e as chamadas gravadas.

Sem perder tempo, pedi ao condutor para passar por casa, onde comuniquei aos colegas de habitação (o cirurgião Prata Dias e Proença de Oliveira, um dos chefes da Repartição dos Serviços de Agricultura) o que ouvira.

Pedi-lhes o máximo sigilo, liguei a rádio de 'ondas curtas' e regresssei ao Q.G. onde anotei no relatório que nada havia a assinalar da 'ronda' pela cidade.

Durante o resto da noite, escutei avidamente os noticiários da BBC, Rádio Austrália e toda uma série de emissoras (até ouvi a Rádio Paquistão, pela primeira vez).

Na manhã seguinte, o camarada Freitas, que me ia render, pergunta se havia novidades de Portugal. Sem confiar em ninguém depois do que se passara com a controvérsia no jornal no mês anterior, respondi: "Nada, que esperavas?"

Ramos Horta recordou assim

O golpe das Caldas, a 16 de março de 1974.

Sim. Em Lisboa disseram-lhe: "Sim senhor, ele pode sair do país". Comecei a preparar a minha saída de Timor, prevista para 27 de abril. Veio o 25 de abril e, naquela mesma manhã, um militar português, Cris Cristelo, que ainda está vivo, um daqueles oficiais anticolonialistas, apareceu e deu-me um grande abraço. Aí é que acreditei que as coisas estavam a mudar.

Falei igualmente do meu envolvimento durante mais de 24 anos na luta pela independência de Timor, consubstanciada na divulgação de notícias a órgãos de comunicação social portugueses, australianos e outros, permeados de inúmeras censuras (apesar de já se viverem os anos de 1978 a 1999) e que culminaram com a minha Trilogia da História de Timor com mais de 3760 páginas, não-comercializada (exceto o primeiro volume lançado em 1999) e hoje disponível nas Atas deste 25º colóquio e em versão pdf adaptada em linha Trilogia da História de Timor - disponível em linha, <https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/> contendo o 1º volume Timor Leste, o dossier secreto 1973-1975 versão portuguesa e inglesa, o 2º Volume - historiografia de um repórter 1983-1993 e o 3º volume As guerras tribais, a história repete-se 1894-2006

Depois, Monsenhor Belo falou da liberdade, da paz, da luta em Timor pela independência a que se seguiu um concerto de um grupo galego que apenas toca José Afonso, os "Terra Morena" (Xico Paradelo; Bernardo Marques; Heitor Real) que durante quase uma hora recriaram alguns dos mais famosos temas do cantante da liberdade para gáudio da assistência que totalizava bem mais do que os 320 lugares sentados de que o auditório dispunha.

Momentos mágicos e altamente emotivos para os mais idosos que assim puderam evocar um momento particularmente importante da história recente de Portugal, e que falta ainda cumprir na sua totalidade.

A seguir viria uma homenagem do município ao 25 de abril (liderada pela família Pedreira) que recriou cenas do "antigamente, com as prisões políticas da PIDE, a censura, e evocou alguns cantares de liberdade então fortemente reprimidos, o espetáculo excepcionalmente bem delineado e desempenhado por amadores, culminou com o Grândola Vila Morena cantado de pé no palco e na assistência donde dezenas de pessoas saíram para se juntarem dos intervenientes no palco.

Momentos inolvidáveis que comoveram os mais velhos que – como eu - de uma forma ou de outra estiveram envolvidos na luta política pela libertação de Portugal do jugo de 48 anos de ditadura.

O momento foi particularmente evocativo para os brasileiros que sofreram a ditadura entre 1964 e 1985 (a chamada 5ª República) e hoje se encontram ameaçados pelo espectro do regresso de nova ditadura.

Momento igualmente marcante para os galegos que se encontram aqui em casa e onde livremente podem celebrar o 25 de abril por que anseiam, restando-lhes de momento concentrarem-se na luta pela reposição da sua língua, que afinal é a nossa, no lugar onde merece estar e que tem sido estropiada em castrapo pelo idioma prevalecente - castelhano - nas últimas décadas.

Para o Brasil e a Galiza vai a nossa solidariedade, extensiva a todos os locais do mundo onde ainda se fala Português, essa língua comum que nos une nesta utopia que são os Colóquios da Lusofonia.

No último dia de trabalhos a sessão da manhã foi dedicada a esse grande escritor (também médico) João Araújo Correia, cuja Tertúlia se fez representar por vários elementos que evocaram a sua rica obra e algumas das características mais etnográficas dos seus escritos que permitiram perpetuar o Douro antigo para as sociedades vindouras, hoje muito obnubiladas da sua obra.

A sessão da tarde foi dedicada à Academia Galega (da Língua Portuguesa) onde se registou a presença de mais de 3 dezenas de pessoas (que é pouco menos do que a habitual média das nossas sessões) e revelou bem a adesão local a este evento, enriquecendo a enorme comitiva que ali fizemos deslocar.

A sessão de encerramento teve a presença do Presidente da autarquia que salientou que este colóquio foi interessante porque é algo de novo na nossa terra e importante por ser algo peculiar que marca a passagem destes intelectuais por aqui, ficando satisfeito que os participantes tenham gostado de estar em Montalegre e que as palestras tenham decorrido na perfeição.

Já foi aqui anunciado que entre 2019 e 2021 teremos aqui as jornadas, novamente. E esta era a conclusão unânime de todos os presentes. VOLTAREMOS.

Anexo I depoimentos:

Orlando Alves | Presidente da Câmara Municipal de Montalegre

«Foi um colóquio interessante e importante. Interessante porque é algo de novo na nossa terra e importante por ser algo peculiar que marca a passagem destes intelectuais por aqui. Impunha-se uma maior presença de montalegrenses. Faria sentido a presença dos nossos professores, por exemplo. Nesta fase em que ainda se discutem as reminiscências do acordo ortográfico, neste palco poderia discutir se está conforme ou não. Este era o palco ideal para se fazer essa abordagem. Fico satisfeito que os participantes tenham gostado de estar em Montalegre e que as palestras tenham decorrido na perfeição. Já foi aqui anunciado que entre 2019 e 2021 teremos aqui as jornadas, novamente. Foi um fim de semana culturalmente muito enriquecedor. Agradeço a todos os que estiveram presentes e à organização».

David Teixeira | Vice-presidente da Câmara Municipal de Montalegre

«Terminamos com "chave de ouro". Duas conclusões fizeram o resumo desta lusofonia e desta razão que nos une: a raia não existe, somos um só povo, com as mesmas preocupações, dificuldades e anseios e outra conclusão muito importante, sobretudo para a nossa juventude, é que o 25 de abril continua a fazer sentido».

Fátima Fernandes | Vereadora da educação da Câmara Municipal de Montalegre

«Este evento só poderia ser um sucesso porque temos uma equipa fantástica. O meu reconhecimento a todos os funcionários que trabalharam para que este colóquio tivesse visibilidade e um resultado tão positivo. Estamos muito gratos e o facto de quererem regressar enche-nos de orgulho. É o reconhecimento do nosso trabalho e da maneira de sabermos receber. As comunicações foram maravilhosas. Foi muito enriquecedor. Temos todos muito a aprender sobre a nossa maior marca identitária que é a nossa língua».

Chrys Chrystello | Presidente da Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (AICL)

«Nesta edição, os participantes não querem ir embora. Voltaremos a Montalegre o mais breve possível. Ainda sem data marcada para o regresso, mas será entre 2019 e 2021. Fomos surpreendidos pela positiva e em todos os aspetos. Pela hospitalidade, pelas caras bonitas e sorridentes que vimos nas ruas e locais onde estivemos, pela gentileza das pessoas que estiveram connosco. Sentimo-nos em casa. Sinto que este lugar pode ser a minha casa permanente. Foi um sucesso!».

Gorete Carneiro | Ecomuseu de Barroso

«É um balanço muito positivo para Montalegre, para o Ecomuseu de Barroso e para o município. Eles gostaram de estar cá e pretendem voltar porque foram bem-recebidos».

Concha Rousia | Academia Galega da Língua Portuguesa

«Montalegre é a capital da minha terra. Este colóquio é a confirmação de que a minha terra nos acolhe da melhor maneira possível. Regresso como académica em vez de criança, que acompanhava o meu pai à feira dos santos. Ver este local como capital da nossa língua comum é maravilhoso».

Malaca Casteleiro | Professor da Academia das Ciências de Lisboa (ACL)

«Foi um sucesso. Foi dos melhores colóquios que já tivemos, com uma receção magnífica. A sessão comemorativa do 25 de abril foi excepcional. Fiquei encantado com esta terra, do ponto de vista cultural, paisagístico, arquitetónico, com um castelo magnífico. Foi um prazer estarmos aqui».

Anexo II: Conclusões e Agradecimentos 25º colóquio da lusofonia

Queremos expressar o nosso agradecimento público à Câmara Municipal de Montalegre, na pessoa do seu Presidente, Prof. Manuel Orlando Fernandes Alves e do seu Vice-Presidente, Dr David José Varela Teixeira, Dra. Fátima Fernandes Vereadora da Educação, Joana Abreu da Eventos Montalegre, ao João Ribeiro Afonso do Pavilhão Multiusos e seu incansável jovem assistente Pedro Lestra Pires no apoio cibernético (som, imagem, computação), ao incansável, gentil e sempre prestimoso condutor João, ao EcoMuseu do Barroso na pessoa da Eng.ª Gorete Carneiro (nossa coordenadora local), à nossa guia Luísa Queirós do EcoMuseu, ao Padre Fontes incansável guia de parte do nosso passeio cultural, à Maria João Alves e outras colaboradoras que nos assistiram no Secretariado Executivo, à UTAD (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro), à Tertúlia João Araújo Correia na pessoa da sua coordenadora Dra. Helena Gil e demais membros participantes, ao Embaixador Eugénio Anacoreta Correia da CPLP e do Observatório da Língua Portuguesa, à embaixada da República Democrática De Timor-Leste em Lisboa, na pessoa do seu secretário Bonifácio Belo, aos nossos convidados de honra dramaturgo Norberto Ávila (homenageado AICL 2016) e ao Prémio Nobel da Paz 1996 Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, (e ao grupo Tane Timor e ao Daniel Braga pela música timorense) pelo lançamento do seu livro e nosso projeto comum Um missionário açoriano em Timor, Padre Carlos da Rocha Pereira, ao José António Cabrita (pelo lançamento do seu livro Na lonjura de Timor/Ilha dook rai timor, à transportadora aérea SATA, ao Governo Regional dos Açores, à logomarca Açores certificado pela Natureza, ao Geoparque Açores, à Direção Regional da Cultura dos Açores, à Direção Regional de Turismo dos Açores, à AGLP (Academia Galega da Língua Portuguesa), à Helena Chrystello e ao nosso adjunto José Soares, ao Grupo da Escola de Música Tradicional do Larouco, ao Rancho Folclórico da Venda Nova, à família Pedreira que encenou a magnífica exibição do 25 de abril e ao Grupo Terra Morena (Xico Paradelo (voz e bombo); Bernardo Marques (voz, viola, acordeão, harmónica) e Heitor Real (voz, viola eléctrica, baixo eletroacústico) e a todos os demais aqui não especificamente mencionados mas de alguma outra forma envolvidos na concretização de um dos melhores colóquios de sempre.

Todas as componentes culturais (locais ou não) foram um sucesso, começando logo no primeiro dia com a pianista Ana Paula Andrade e a violinista Carolina Constância do Conservatório Regional de Ponta Delgada que nos deram a conhecer mais poetas açorianos musicados e trechos do Cancioneiro Açoriano; a que seguiu, a Escola de Música Tradicional do Larouco remetendo-nos para as nossas origens célticas. No segundo dia, apesar dos chuviscos e da frescura do dia, a maioria pode ainda deleitar-se com a riqueza da visita a Vilar de Perdizes, à Senhora das Neves, Paço e aldeia sendo nosso Guia o Padre Fontes e a Luísa que da parte da tarde nos acompanhou na visita ao Mosteiro, forno do povo e Ecomuseu de Barroso (Espaço Padre Fontes). Ao terceiro dia tivemos o Rancho Folclórico da Venda Nova logo de manhã e a presença de Dom Ximenes Belo no lançamento do seu livro e numa curta alocução dia 24 durante a memorável sessão do 25 de abril

(<http://www.cmmontalegre.pt/showNT.php?id=3175>).

Além da sessão dedicada a Bento da Cruz tivemos outra dedicada a João Araújo Correia, duas sessões das 3 Academias da Língua representadas nestes colóquios, uma outra da AGLP (Academia Galega da Língua Portuguesa), a assinatura de um protocolo com o Observatório da Língua Portuguesa aqui representado pelo Embaixador Anacoreta Correia, duas sessões dedicadas à Açorianidade sendo os intervalos pautados com vídeos das nove ilhas dos Açores.

Tivemos ainda a participação de três oradores - autores - açorianos além do homenageado Norberto Ávila (Brites Araújo, Carolina Cordeiro, Pedro Paulo Câmara).

As 18 regiões e países representados são: Alemanha, Açores, Austrália, Bangladeche, Bélgica, Brasil, Canadá, Espanha, França, Galiza, Goa, Índia, Itália, Luxemburgo, Malaca, Portugal, Macau, e Timor-Leste, incluindo 13 académicos representando três academias de língua portuguesa e membros de 13 universidades e politécnicos.

Neste colóquio surgiu a hipótese de sermos recebidos em Goa pela Sociedade Lusófona de Goa do Professor Aurobindo Xavier caso se obtenham apoios para a deslocação da comitiva oficial.

A hipótese da Páscoa 2018 em Compostela não foi debatida dada a ausência do nosso associado Alexandre Banhos da Fundação Meendinho que se propunha apoiar a sua realização em conjunto com a AGLP.

A hipótese da Universidade de Perúgia na Itália também não foi equacionada dada a ausência da associada Paula Limão daquela Universidade.

Aventou-se a hipótese de convidar a CPLP a fazer a sua reunião anual (Comissão temática de promoção e difusão da língua portuguesa da CPLP) em conjunto com um dos próximos colóquios nos Açores ou aqui em Portugal, pelo que iniciaremos as diligências necessárias. Igualmente foi solicitado que fizéssemos consultas para adesão da AICL à CPLP.

Foi decidido a AICL efetuar um lançamento na Casa dos Açores no Porto do livro de Dom Ximenes Belo com apoio da Tane Timor em data a acordar.

Foi decidido em unanimidade voltar a Montalegre (com base no atual protocolo existente) entre 2018 e 2021 dada a excelente memória que este 25º colóquio deixou em todos.

Foi anunciada a presença no 26º colóquio na ilha de São Miguel do outro Prémio Nobel da Paz de 1996, Dr José Ramos-Horta, tendo sido decidido convidar com base nos apoios obtidos DARRELL Kastin (escritor de renome e descendente de açorianos) bem como o angolano Ondjaki (Nдалu de Almeida). Nesse colóquio iremos convidar o Presidente do Governo Regional para fazer a abertura formal do evento e tentar lançar o CD de autores açorianos musicados pelo trio Bruma da EBI Maia 11.

Em 2018 no Pico iremos fazer um concerto especial com as partituras do Padre Áureo da Costa Nunes e convidaremos autores picoenses ainda vivos

CRÓNICA 162 MUNDO LOUCO 17 JUNHO 2016

Nestes últimos tempos dei por mim a escrever cada vez menos, mas decerto não é por falta de tema...pelo contrário, há excesso de temas, mas não tenho nem tempo nem disposição para lidar com um mundo hostil com o qual me identifico, cada vez menos. Começamos por um evento surreal ontem à noite quando o meu filho João ao fechar as portadas das janelas me alertou para um objeto brilhante de cor alaranjada na direção sul, 5 a 10º abaixo da lua quase cheia...ele e a mãe tinham visto dois objetos similares, um dos quais desapareceu com uma velocidade astronómica sem se saber para onde. O outro, caracterizado por emitir luz para os lados e para baixo, em tom laranja ali permaneceu, depois desapareceu e tornou a voltar antes de desaparecer para o resto da noite.

Cheguei a esta avançada idade de seis capicuas sem jamais ter observado algo semelhante, embora tenha lido e visto documentários sobre o tema centenas de vezes. Estou consciente das reproduções de eventos similares desde as civilizações mais antigas, mas nunca tinha sido privilegiado com uma visão pessoal do fenómeno UFO OVNI. Foi a primeira, sem explicação lógica, racional ou científica. Aceitemos como diz o povo "eles andem aí".

Esta semana foi assinalada por mais de centena e meia de mortos numa igreja no Quénia chacinado por extremistas em virtude da sua fé católica. Nem uma palavra nos telejornais ou nas páginas dos jornais, apenas uma nota de rodapé nalguns blogues da ciberesfera.

Na Florida, em Orlando, um desarranjado mental qualquer entrou num bar gay e desatou aos tiros (crê-se que com mais ajuda) e usando uma arma automática liquidou cerca de 5 dezenas de pessoas e feriu outras tantas. Dizem que era casado, mas era gay e já frequentara o bar. Tinha ideias confusas sobre o islamismo radical apoiando Hezbollah e Al Qaeda e sabe-se lá quem mais, grupos antagónicos o que demonstra tratar-se de uma pessoa confusa, segundo a mulher afirma, dizendo que o FBI a proibira de revelar a homossexualidade do marido. Claro que uma prenda destas para os serviços de defesa nacional não foi desaproveitada, pela propaganda anti-islâmica habitual.

Dos cristãos queimados no Quénia, assim como tantos eventos semelhantes na Nigéria nestes últimos anos, nem uma palavra. Os jogos circenses do futebol europeu começaram em França com ameaças terroristas profusamente divulgadas pelas autoridades que mantêm um regime de exceção a que os cidadãos se não habituem e contestam.

Depois, vieram confrontos entre hooligans russos e britânicos, mas só os russos foram ameaçados de expulsão. Não convém hostilizar os britânicos pois dentro de dias votam, o Brexit, sobre a sua saída ou não da EU.

E propositadamente, ontem mesmo, uma deputada inglesa foi morta à facada e a tiro por alguém que as autoridades acreditam ser da extrema-direita. Ou seria um destravado pago pela banca temerosa pela saída da UE? Quando mataram o arquiduque austríaco começou a primeira guerra mundial agora pode ser que a continuação da Grã-Bretanha na EU ganhe, quem sabe?

Na Florida (outra vez?) num hotel da Disney, uma criança de dois anos foi levada por um jacaré e apareceu depois afogada. Não deviam deixar os jacarés misturarem-se com os hóspedes da Disney, é má publicidade.

Na Europa, a NATO resolveu hostilizar ainda mais a Rússia e deslocou milhares de tropas para as suas fronteiras, não basta o que fez em tempos na Ucrânia que levou à sua partilha entre leste e oeste, ao abate de um avião civil e à morte de milhares de pessoas...

Nos EUA, Bernie Sanders deu luta à putativa candidata democrática Hillary Clinton, mas perdeu com as trifulhices habituais na contagem dos votos, já era assim que o republicano Bush II ganhava eleições. O perigo maior vem do populista (dizem que é republicano, mas mais parece um democrata infiltrado para aniquilar os republicanos) Trump que ameaça o mundo com as suas "boutades" extremistas e faz os islâmicos radicais parecerem moderados.

Outra notícia de vulto esta semana é a da injeção de 4 biliões na CGD (recuso o mil milhões como há quem recuse o novo acordo ortográfico de há 36 anos atrás!). parece que há anos que andava a fazer negociatas obscuras, emprestando a amigos do executivo, até a uma fundação que nunca existiu, e agora aqui d'el rei que é preciso dinheiro para recapitalizar e evitar a falência. Já não bastavam o BES, BCP; BPN; BANIF...e futuramente o Montepio...paga contribuinte tuga...

Em Trás-os-Montes fala-se do Museu da Lusofonia, ideia destes nossos colóquios da lusofonia em 2009 a quem foi prometido avançar e depois tudo morreu em fogo brando, para ser reativado em 2015 com cinco milhões de euros prometidos pela Comissão Coordenadora do Norte. Em 2009 precisávamos apenas de dois milhões para avançar... Coíbo-me de comentar, fiquem com a ideia e o projeto, mas avancem lá com isso, que eu não divulgo mais nada do que se passou e éramos muitos os presentes, assim ficarei com mais um filho bastardo, mas a culpa não é minha. (o projeto está em <http://coloquios.lusofonias.net/projetos%20aicl/MUSEU%20BRAGANCA.htm>).

Continuarei a pugnar por Trás-os-Montes e por Bragança como sempre tenho feito, serei sempre um filho emigrado da terra, mas o amor mátrio não se discute nem se define. É nessas terras a que ainda chamo minhas que pertenco e não é a idade nem a distância que vai fazer estremecer esses laços., mesmo no dia de hoje, bem triste pelo começo do enchimento da barragem do Tua, crime ambiental injustificado que sepultará mais uma obra-prima da natureza e centenas de anos de história. Se um dia, o futuro vier, haverá quem julgue esses criminosos que autorizaram e levaram avante essa monstruosidade, mas para mim ficarão sempre retidas na memória as imagens das fagulhas do comboio a vapor que usava quando há sessenta e tais anos me deslocava a férias à terra de meus avós e minha mãe. Guardarei para sempre as imagens bucolicamente belas do Douro nesse percurso que é património imaterial e que hoje começam a afogar para uma barragem inútil, no que não passará nunca de mais um crime ambiental impune.

CRÓNICA 163 CAMPEÕES 12/7/2016

O mundo enlouquece definitivamente e eu aqui impotente a assistir. Imaginem que os tugas ganharam uma taça de futebol, coisa nunca vista desde que nasci e mesmo a minha mãe com os seus 93 anos e sem perceber nada de bola deu conta de algo a que nunca tinha assistido desde pequena. Eu que nunca acreditei, e muito menos na atual equipa de uma mediocridade atroz, dependendo em demasia da supervedeta CR7 (O Cristiano Ronaldo), tenho de reconhecer que bem melhores jogadores e equipas jamais conseguiram tal feito. Lindo foi ver o mundo com a bandeira portuguesa, e com uma prometida ida a Fátima. Isto ainda volta ao que era dantes: fado, futebol e Fátima, grande país.

Mas a imagem que fica é a do jovem Mathis, lusodescendente nascido em França, a consolar um adepto francês inconsolável...nas imagens cómicas o melhor foi para o ex-jogador do FCP, Benny McCarthy, na África do Sul, aos saltos com a vitória portuguesa ou o Quaresma a agarrar a cabeça de um francês e a perguntar "Ronaldo foi este que te aleijou"???. Ao mesmo tempo - umas meninas e meninos - no atletismo andaram a colecionar medalhas e esperamos também umas condecorações propositadas, embora não concorde com o epíteto de heróis a jogadores principescamente pagos para andarem aos chutos a uma bola. Heróis seriam os dois aviadores que voltaram para dentro do avião C 130 que ontem caiu no Montijo para tentarem salvar o piloto e morreram todos na explosão que seguiu, mas isto digo eu que tenho uma inversão de valores enorme em relação à sociedade que me rodeia.

Digno de registo é esse grande camaleão maoísta Durão Barroso (aquele mesmo cuja cara tem sido apelidada de cherne embora pareça mais um prepúcio) que depois de uns anos a delapidar a EU como seu presidente recebeu a esmola de um lugar não-executivo nos donos disto tudo (Goldman Sachs) ...ah! Grande maoísta convicto e coerente. Também gostei muito das sanções a Portugal (e Espanha) pelo incumprimento orçamental 2013-2015 quando se sabe que nema Itália, nem a França nem a Alemanha cumprem, entre muitos outros incumpridores há décadas. Bem moral e justo, é desta europa que quero fugir pois não representa o sonho da minha infância de união europeia.

A "campeã" das infrações é a França, mas Polónia, Reino Unido e até a Alemanha já violaram a regra dos 3% de défice. De acordo com um estudo, recentemente divulgado pelo Instituto de Investigação Económica alemão Ifo, que procedeu aos seus cálculos com base em dados da Comissão Europeia entre 1999 e 2015, a regra europeia de um défice abaixo dos 3,0% do Produto Interno Bruto (PIB) já foi violada em 114 ocasiões pelos Estados-membros. Entre as 114 violações da regra, a "campeã" das infrações é a França, que ultrapassou o limiar dos 3% por 11 vezes, seguindo-se Grécia, Portugal e Polónia, todos com 10, Reino Unido (9), Itália (8), Hungria (7), Irlanda e Alemanha (5, em ambos os casos). Portugal ultrapassou o défice permitido por 15 vezes, e se em cinco ocasiões tal era permitido devido à recessão (2003, 2009, 2011, 2012 e 2013), o mesmo já não se verificou nos anos de 2000, 2001, 2002, 2004, 2005, 2006, 2008, 2010, 2014 e 2015. No extremo oposto, os países com maior "disciplina orçamental" são o Luxemburgo, a Estónia, a Finlândia, a Dinamarca e a Suécia, países que nunca registaram um défice acima da 'barreira' dos 3,0% do Produto Interno Bruto.

Portugal, ao contrário do que muitos pensam tem gente de valor e má liderança política, mas isso é um problema que vem desde o Afonso Henriques e foi preciso vir um engenheiro civil adepto de futebol para provar que os portugueses são capazes mesmo com armas desiguais e inferiores. Igualmente serviu esta vitória portuguesa para provar a miscigenação lusitana de uma seleção de futebol que tinha como jogadores inúmeras nacionalidades, descendências e clubes, a saber:

Anthony Lopes nascido em França joga no Lyon,
Eduardo joga no Dínamo de Zagrebe,
Rui Patrício joga no Sporting
Cédric nasceu na Alemanha e joga no Southampton,
Vieirinha joga no Wolfsburg,
Bruno Alves descendente de brasileiros joga na Turquia,
José Fonte joga no Southampton,
Pepe brasileiro de nascença joga no Real Madrid,
André Gomes joga no Valência para onde vai
Nani descendente de cabo-verdianos,
Adrien do Sporting nascido em França,
João Mário nascido no Porto, joga no Sporting e descende de angolanos,
João Moutinho joga no Mónaco,
William de Carvalho tem sangue angolano e joga no Sporting,
Renato Sanches de São Tomé e Príncipe e de Cabo Verde, joga no Benfica, mas vai para o Bayern,
Cristiano Ronaldo madeirense com descendência de cabo-verdianos joga no Real Madrid,
Éder veio da Guiné-Bissau e joga em França no Lille,
Ricardo Quaresma é Romani e joga na Turquia,
Rafa é do Braga,
Ricardo Carvalho joga no Mónaco,
Eliseu um açoriano, de sangue cabo-verdiano, que joga no Benfica,
Raphael Guerreiro nascido em França e a jogar no Lorient,
Danilo Pereira nasceu em Bissau e joga no Porto...

Na seleção francesa a mistura era deveras interessante

Lloris : d'origine espagnole 🇪🇸
 Mandanda : né en RDC 🇷🇨
 Évra : né au Sénégal 🇸🇳
 Koscielny : d'origine polonaise 🇵🇱
 Mangala : originaire de RDC 🇷🇨
 Rami : franco-marocain 🇲🇦
 Sagna : d'origine sénégalaise 🇸🇳
 Umtiti : né au Cameroun 🇨🇲
 Coman : guadeloupéen 🇬🇩
 Kanté : d'origine malienne 🇲🇱
 Cabaye : d'origine vietnamienne 🇻🇳
 Matuidi : d'origine angolaise 🇦🇴
 Payet : réunionnais 🇷🇺
 Pogba : d'origine guinéenne 🇮🇳
 Sissoko : d'origine malienne 🇲🇱
 Martial : martiniquais 🇲🇶
 Griezmann : d'origine portugaise 🇵🇹

Dito isto penso que lhes ficou mal não colocarem as medalhas que receberam, falta de amor pátrio francês? Despeito pela derrota? Vencidos no campo e no fairplay. Houve mesmo quem sugerisse usar a técnica do treinador para melhor gerir Portugal, mas creio que isso é sonhar alto demais. Embora o filósofo português Eduardo Lourenço admitisse que isto podia despertar a população da sua letargia e tornarem a ser reativos... demasiado otimismo para a minha cabeça: [http://rr.sapo.pt/.../eduardo-lourenco-vitoria-no-euro-2016-c..._\(ler-adiante\)](http://rr.sapo.pt/.../eduardo-lourenco-vitoria-no-euro-2016-c..._(ler-adiante)) Pode acontecer estarmos perante novo surto de sebastianismo através do futebol e isso será ainda pior. Lucidez é isto. Olhar para o absurdo e não entrar no escuro: ligar a lanterna e colocar as coisas em perspetiva. Pensar, afinal...

P: Em tempos de universalidade do futebol, pode haver uma reivindicação da portugalidade na vitória de Paris?
 R: Não há nos atores principais: o treinador, responsável máximo pela vitória, ou nos jogadores.
 Mas, de facto, os meios de comunicação voltaram a retomar esse tema que é filho do nosso antigo complexo de inferioridade. Um complexo histórico e cultural rebatido agora como se fosse uma espécie de vingança, ou desforra, para com uma França que nos teria ofendido. Tudo isso é um pouco absurdo.
 Agora não há dúvida alguma que a vitória é interessante para os portugueses que vivem em França.
 De facto, já não são atores secundários da vida francesa.
 A nossa emigração é uma emigração de sucesso.
 Os portugueses estão muito integrados.
 Não emigraram para nenhuma colónia longínqua, mas sim para um país que se conhece desde que Portugal existe.
 Uma região privilegiada chamada França.
 Mas há um contributo para o amor-próprio dos portugueses e para o reforço da sua identidade?
 Os portugueses nem precisam desse contributo.
 Os portugueses são tão portugueses, somos tão patriotas desde nascença até hoje que não precisamos deste tipo de suprimento de alma de uma vitória no futebol.
 Mas, enfim, consola, sobretudo, num contexto europeu como é o de hoje.
 A Europa está numa grande carência de sentido para ela própria.
 Discute a sua própria identidade.
 Algo incrível. Nós, sim, podemos fazê-lo.
 Somos um pequeno país que foi ilustre na história por tudo quanto sabemos.
 Mas ver a França discutir a sua própria identidade e ficar muito magoada por não estar à altura dos seus pergaminhos e da sua grandeza é um pouco triste.
 Enfim, os meus filhos são franceses, a minha mulher era francesa, de maneira que poderia estar um pouco dividido, mas não estou.
 P.: Como seguiu a epopeia desportiva do torneio com toda a carga simbólica que arrasta?
 R.: Segui preocupado. Não totalmente convencido de que teríamos uma boa equipa.
 Tínhamos uma equipa mais ou menos como as outras, mas nada estaria garantido.
 Nada garantido nem para Portugal, nem para qualquer outra seleção, como se viu durante todo o campeonato.
 Mas nós não temos nada que provar.
 O que tínhamos de provar ao mundo já provámos quando isso era uma novidade e constituía uma ação para a humanidade inteira.
 Temos sempre este complexo de ser uma pequena nação não tão visível como outras.
 Mas outras nações também não são visíveis.
 Houve sempre países hegemónicos que dominaram o panorama internacional. A Inglaterra, a França, a Rússia, de que não se fala muito.
 Acho que esta vitória no futebol foi um bom momento para uma reconciliação com os nossos complexos.
 Esperemos que seja uma reconciliação longa e definitiva para curar os nossos complexos de inferioridade, se é que ainda os tínhamos.
 Alguns tinham. Outros não tinham.
 Portugal tem o orgulho, mas, por outro lado, sente-se muito pequeno.
 P.: Esta vitória é relevante do ponto de vista anímico, de reencontro com a história, mas, muitos destes triunfos desportivos, não costumam resolver aos povos problemas de futuro...
 R.: Nada. Nenhum problema.
 Isto é uma espécie de milagre, mas a história de Portugal é constituída por uma série de milagres.
 Não se sabe assim muito como é que há quase mil anos este país pequenino, aqui no canto da Europa, é ainda sujeito do seu próprio destino.
 P.: Mas esta é uma Europa em grave crise.
 O professor defende que o continente está confrontado com o sentido da sua própria História?
 R.: Sim, mas não no sentido do confronto ter lugar no interior da própria Europa.
 Foi sempre assim na história da Europa.
 Somos herdeiros do Império Romano.
 Tanto a Europa do Sul, mais antiga que a outra, a nórdica, mais tarde a dominante depois dos tempos de Shakespeare.
 A Europa está confrontada com o sentido da sua própria História mais no sentido da normalização da nossa relação – nos tempos modernos – conosco próprios.
 P.: Afirma que a Europa está confrontada com uma contestação, mais que tudo, de natureza quase cultural. Como sair daqui?
 R.: Como sair? Primeiro ter consciência de que o problema existe.
 Ter consciência de que há ameaças concretas, sobretudo, as que se traduzem pelo fenómeno do terrorismo.
 Outras ameaças sempre existiram.
 A Europa define-se na sua relação com o que não é Europa.
 Só sabemos o que é Europa quando estamos fora da Europa.
 Na Europa temos uma experiência normal. É como a experiência de quem está em casa.
 Há até uma pluralidade de casas que, mais ou menos, têm afinidades entre elas.
 Isso é a Europa.
 Outros continentes têm menos história que nós excetuando a Ásia que está na origem de tudo.
 Neste momento a ameaça da Europa é uma ameaça cultural de um novo tipo.
 O que está em causa é o papel hegemónico desta Europa no mundo.
 É uma batalha cultural.
 Um ensaísta norte-americano (Samuel Huntington) diz que há uma luta entre civilizações, um choque de civilizações, uma batalha cultural.
 A História foi sempre isso.
 A História não é outra coisa...

E para terminar numa nota pessoal: devo dizer que esta série de medalhas e de prémios começou com o meu filho mais novo, o João e a sua equipa do ENTA a ganharem a competição nacional do CanSat (os satélites em latas de refrigerantes) em abril, a que se seguiu a vitória europeia em junho passado contra 14 equipas <http://blog.lusofonias.net/?p=47517> ...dando uma curta palestra na universidade dos açores a contar como foi e a ser cumprimentado pelo ministro da área (ver foto abaixo). Auguro-lhe um futuro cheio de sucessos mesmo sem ser condecorado pelo presidente da república...



Os 4 vencedores e o professor Duarte Cota

O satélite vencedor

CRÓNICA 164, FOGO E MAIS FOGO - AGOSTO 12, 2016

Fartei-me do triste espetáculo circense da TV a dar incêndios a toda a hora para gáudio dos pirómanos e dos que lucram com estes fogos.

Fartei-me das entrevistas lamechas a quem perdeu tudo e não sabe como vai reconstruir a vida.

Fartei-me da dor, do sofrimento, da perda em vidas, da perda em património nacional, fartei-me das palavras ocas de políticos e peritos. (o que adiante se escreve diz respeito a Portugal e Galiza). Quero ação e quero-a já... E não, não é um problema de penas, pois toda a legislação está errada nesta doença pirómana...a pena não pode ser prisão, tem de ser trabalho de plantação de árvores durante anos, indemnizações a todos os lesados durante a toda a vida do culpado até pagar os estragos... Os incêndios há 40 anos que são deliberados e a isto acrescentamos uma mão cheia de inimputáveis pirómanos, seja por seus atos de moto próprio, ou pagos com umas cervejas ... 25 anos de pena nada adianta...e tem um o custo de a sociedade manter esses párias. Isso de nada adianta, o problema tem de se resolver de uma forma radical de se obter consenso alargado sem lóbis nem pressões de interesses privados, dando às FAP os meios de que dispunha nos anos 1990, acrescentando os mais recentes retardantes de fogo..., colocando guardas florestais (que ficam mais baratos pela centena do que um avião por uma hora), torres de vigia e outros meios de prevenção, limpando as matas que são do Estado, multando os privados (emigrados ou não que não limpam as suas terras, substituindo os eucaliptais sedentos de água por árvores autóctones de cada região..... Intensificar a formação aos bombeiros, profissionalizar os bombeiros todos (outra vez ficaria mais barato do que uma hora de avião ou helicóptero).

É preciso é vontade política e nenhum partido no poder desde 1975 mostrou ter tal vontade... eu e tu, ou você que me lê, ou qualquer pessoa com senso comum... resolvíamos isto em duas penas se estivéssemos em posição de poder decidir como fazer... e poupavam-se milhões e ardia muito menos área....

Nada que eu não tivesse escrito nestes 40 anos ao ponto de prometer que esta é a última vez que me manifesto sobre o tema e não sou perito e ninguém pediu a minha opinião... E mudando para temas mais interessantes sugiro a leitura do volume 1 de Crónica Açores, uma circum-navegação a [Crónica 10](#).

CRÓNICA 165. BALI REVISITADO 1/11/2016 VER [CRÓNICA 10.3](#)

CRÓNICA 166 ELEITORES DA LOMBA DA MAIA 16 OUTUBRO 2016

Era dia de eleições regionais, no largo da igreja da Lomba da Maia agrupavam-se os habituais homens à porta da igreja enquanto as mulheres e crianças assistiam ao culto. Não chovia nem fazia sol, antes pelo contrário. A temperatura era amena e o trânsito era reduzido ao redor da escola primária Amâncio da Câmara Leite na Rua de Nossa Senhora da Conceição. Fui votar e fui ultrapassado no meu lento passo por uma apressada agente da PSP que estacionara mal, do outro lado da rua mesmo em cima da curva. A descer vinham duas velhotas amparando-se mutuamente para subirem a escadaria de acesso à Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Na porta da escola estava uma jovem com uma caixa indicando RDP Antena Um que disse ser da Universidade Católica e querer fazer uma sondagem à boca das urnas. Das 429 pessoas votantes num universo de 1038 se a memória não falha estariam ali umas seis e nenhuma era jovem, antes pelo contrário com uma abstenção a rondar os 60% e o PS a sobrepor-se ao PSD que governa na Junta e na Câmara.

Não vi lá a mulher Einstein nem os seus filhos, nem as prostitutas muito sóbrias que aqui vivem, nem tampouco vi os jovens drogados do coreto da Igreja que terão, decerto, mais que fazer do que votar. Também faltava aqui a vizinha ao lado, na casa de baixo, que com os seus 90 anos há meses partiu a bacia e anda todos os dias num corrupio para o hospital na ambulância de transporte de doentes, e com enfermeiros a virem a casa tratar dela todos os santos dias. As vizinhas de frente não foram votar pois devem estar recenseadas na cidade pois só aqui vêm passar fins de semana e feriados. Os vizinhos da casa de cima, mal-encarados, como os seus antecessores, metropolitanos do continente, estiveram todo o dia fora e não votaram pois, como mudaram há pouco, ainda não devem estar recenseados localmente. Cheira-me a gente

de mudanças múltiplas, talvez professores como o caracol de casa às costas, mas destes nada se sabe que nem a cortesia dos bons-dias aprenderam. Os vizinhos da esquina de cima, em frente ao café Eurobar, foram dar o seu voto.

Uma das idosas aqui da aldeia que mora no começo (ou será no fim?) da Rua das Casas Telhadas a que dei o cognome de palestina por andar sempre com um lenço negro na cabeça que mais parece um jibab, continua a vestir-se com as viúvas de antigamente sempre de negro até à morte. A propósito sabia que o *Icharb* palestino deu lugar ao francesismo *écharpe*? Não vi lá o velho agricultor ou vaqueiro, que diariamente aqui passa pelas sete e meia da manhã, na sua carroça puxada por um frágil pônei de melenas acastanhadas. Não vi lá nenhum dos vaqueiros que às centenas andam por estas ruas nos sete dias da semana, por entre colheitas de leite das suas vacas, que, na maior parte dos casos nem suas são, mas dos donos. A exploração feudal aliviou-se depois do 25 de abril, mas assumiu novos contornos, nem sempre visíveis a olho nu. Depois do fim das quotas leiteiras da EU, foram dezenas os que foram forçados a abandonar a prática das vacas, que ora, mais do que nunca, se concentram na mão de meia dúzia de proprietários aqui na Lomba da Maia.

Como não frequento missas não tive oportunidade de ouvir o padre na sua prédica dominical a aconselhar os fiéis a irem votar, mas suponho que o terá feito, como sempre se faz nestas terras. Como as missas são muito frequentadas por gente bem idosa e essa lá ia votar, suponho que o sermão da véspera ou da semana anterior terá tido os seus efeitos. Mera suposição, longe de mim denegrir as qualidades democráticas clericais que, suponho, são inculcadas aos seminaristas em Angra do Heroísmo nestes tempos que correm.

Uns dias antes da eleição cá andava o presidente da câmara, mai-lo o presidente da junta de freguesia e acólitos a percorrerem as ruas acompanhados da sua carrinha de som alto, tonitruante, como acontece em todas as campanhas. Creio que ao longo de doze anos raras foram as vezes em que vi aqui na aldeia (freguesia chamam-lhe os locais) qualquer um dos dois presidentes da câmara que já conheci (o Silva, Ricardo 2005-2013 e o Gaudêncio, Alexandre 2013-17). Assim, sabemos que, pelo menos de quatro em quatro anos, eles se lembram de que existimos cá na ponta norte do concelho, apesar de caladinhos e não-reivindicativos ao contrário dos da Faixa de Gaza - como eu chamo aos de Rabo de Peixe, vila piscatória muito conhecida e apreciada na distribuição de benesses municipais.

Não vi votar a viúva-alegre que, segundo as más-línguas acabou por matar o marido com tanto Viagra que lhe dava...há mulheres perigosas nesta Lomba, e decerto com coisas mais importantes para fazer do que votar, coitado do jovem que ali tem sido visto ultimamente, qualquer dia deixa de poder ir trabalhar de trolha.

Não vi a votar nenhuma das mulheres que semanalmente a Junta emprega na tarefa de limpeza de ruas, pintura de muros e outras manutenções locais em troca dos benefícios do rendimento mínimo (qualquer que seja o nome que o rendimento de reinserção social atualmente ostenta).

Era de esperar que elas fossem votar em troca da sua prestação de serviços que bem jeito dá a estas ruas sempre sujas, que este povo (e isto já melhorou em 12 anos) tem a mania de deitar para o chão pacotes de batatas fritas, invólucros de gelados, e todos os papéis (e não papeles como eles lhes chamam) do que adquirem no supermercado ou no café da esquina.

Dizem que devemos contar 20% de abstencionistas como emigrados ou ausentes, para já não falar dos mortos que há anos não são retirados das listas de eleitores. Creio que isto se prende com o apoio financeiro que os partidos recebem em função do número de eleitores. Se fosse em função do número de votantes já teriam alterado a lei e revisto os cadernos eleitorais ou dado direito de voto ausente, mas como assim são beneficiados não há interesse nenhum em retirar os votos dos mortos.... Um bom cidadão mesmo depois de morto continua a servir os interesses dos partidos. Exemplo de cidadania.

Numa era de voto eletrónico em tanta parte do mundo, nem o obsoleto voto postal é permitido aos votantes da diáspora ou outros que estão longe dos seus locais habituais de voto. Eu entendo que este voto emigrante induza certo temor aos partidos, mas não vou aqui explicar as razões de tal receio.

Falando de números creio que mais de 50 deputados para um quarto de milhão de habitantes em nove ilhas é deputado a mais e depois a representatividade é uma coisa tramada. Imaginem que a ilha do Corvo com menos de 400 pessoas elege 2 deputados...pela proporcionalidade a Lomba da Maia só porque está aqui perdida no meio da ilha mais populosa deveria assim eleger mais de 4 deputados com 1038 votantes registados. Ficaríamos bem representados no hemiciclo na cidade da Horta. É em momentos como este que gostava de ser corvino. E pronto daqui a um ano noutras eleições ou quatro anos para estas, reportarei o que se passou nas mesas de voto locais.

CRÓNICA 167 PÃO POR DEUS, HALLOWEEN E ETC. 1 NOV 2016

Ainda não é meio dia e já tocaram à porta umas quinze vezes bandos de crianças que perpetuam o "Pão por Deus". Tradição centenária em Portugal e nas 9 ilhas dos Açores. Este ano até a Junta de Freguesia da Lomba da Maia abriu as portas para dar os doces às crianças.... Vejamos como o descrevi em 2006, no meu livro *Crónica Açores uma circum-navegação volume 2 Halloween* ([ler Crónica 60](#))

CRÓNICA 168, É O FIM DO MUNDO QUE CONHECÍAMOS. 9 NOVEMBRO 2016.

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=C_ANYPBQFBC](https://www.youtube.com/watch?v=C_ANYPBQFBC)



R.E.M. It's the end of the world as we know it (and i feel fine) - YouTube

/// R.E.M. @ Perfect Square

YOUTUBE.COM

Em tempos não muito afastados escrevi em prosa no Crônicas, uma circum-navegação. Dois volumes num total de quase 800 páginas. Embora muita coisa má se pudesse prever ali e (infelizmente) se tornasse realidade, não, nunca conseguiria prever este novo Presidente dos EUA não era uma delas.

Escapei ao terramoto de 1906 em São Francisco, ao afundar do Titanic em 1912, à gripe de 1919, ao incêndio do dirigível *Hindenburg*, ao Holocausto e às atrocidades da 2ª grande guerra por ainda não ter nascido. Assisti a dias negros na minha vida, uma brutal Guerra da Coreia da qual nem me apercebi dada a tenra idade, o fim da primavera de Praga e o esmagar do sonho democrático da Hungria, os assassinatos dos Kennedy (JFK em 1963 e Robert em 1968), o assassinato de Martin Luther King em abril 1968, o genocídio do Biafra, a guerra do Vietname, a guerra colonial, o ciclone Tracy em Darwin na noite de natal 1974, a destituição em 1975 do governo democraticamente eleito de Gough Whitlam na Austrália pelo governador-geral a mando da CIA, a invasão de Timor pela Indonésia em 7/12/1975, os reféns na embaixada em Teerão e o desastre nuclear de *Three Mile Island* em 1979, o assassinato de John Lennon em 1980, o desastre de Chernobyl em 1986 e tantos outros episódios...

Há muitos anos (2005 ou 2006) escrevi que estávamos a retroceder aos tempos da Revolução Industrial, o nazismo avassalador ameaçava o mundo com a desintegração latente da Europa e dos valores humanistas que a construíram em meados do século passado. Nunca em momento algum das minhas previsões malignas sobre o futuro esperei, no entanto, que a revolução retrógrada ocorresse nos meus dias, e ela aí está. Se Reagan e Thatcher me pareciam maus na época, nem tenho adjetivos para qualificar Trump, tudo o que ele representa em conjunto com mais de 56 milhões de misóginos, racistas, xenófobos, sexistas, neonazis, supremacistas brancos, KKK (Ku Klux Klan), anti-LGB, neofascistas, ignorantes, irresponsáveis, iletrados. Peões cegos, seguindo o flautista de Hamelin.

Os norte-americanos votaram num louco, racista, xenófobo, reles, ordinário. Se Hitler, que foi democraticamente eleito pelo povo, era um dos piores indivíduos que já nasceu – mas, pelo menos – tinha objetivos e ideias bem fundamentadas do que queria, este burguês narcisista não tem conhecimentos nem inteligência suficiente para objetivo algum, além do retrocesso civilizacional. Há 27 anos caía o muro de Berlim hoje nasce o muro Trump, presidente nº 45 dos EUA. O mundo pensava-se que não podia piorar, mas isto é apenas o começo.

Agora a América só se salva se a rainha Isabel II da Inglaterra terminar com os 240 anos da experiência norte-americana e reintegrar os EUA no Reino Unido... Trump é uma vergonha para qualquer país e um desastre de graves consequências. A Democracia, o Estado de Direito e os Direitos Humanos não são valores assegurados para sempre. É necessário continuar a defendê-los e a preservá-los! Marine Le Pen foi a primeira a dar os parabéns a Trump enquanto aguarda o dia de tomar posse no Eliseu. Se o mundo já era perigoso, a partir de 20 de janeiro, data da posse de Trump, vai ficar EXPLOSIVO. Será que a Europa tem consciência disto? Parafrazeando José Ribeiro e Castro "Agora, a Europa e os europeus que se façam à vida, pois o guarda-chuva americano irá provavelmente acabar".

José Luís Peixoto afirma "Venceu o Ku Klux Klan. O futuro tornou-se mais assustador. O ódio é gasolina: dá energia, incendeia e envenena." Avisava Stevie Wonder "eleger Trump é como me porem a guiar um carro". O mundo caminha rapidamente para um abismo e não há nada que eu possa fazer. Mas não sei como explicar isto aos meus filhos. Putin deu os parabéns satisfeito, por ter agora um líder na Casa Branca que - pensa ele - pode vir a manipular. Será? Com um louco destes em cada lado nunca se sabe como isto vai acabar e ambos podem carregar no botão mágico do "DELETE EARTH".



AUTOR DESCONHECIDO

CRÓNICA 169 HAJA DECÊNCIA NA MORTE, JANº 8, 2017

Declaração pública de interesse:

Desmistifiquemos tudo: apesar de hoje em dia não ser já relevante tenho de me definir, como sendo de "esquerda" querendo com isso significar simpatizar com a noção de uma social-democracia à sueca do tempo do malogrado Olof Palme.

Tendo amigos de todas as cores do quadrante político, constato, porém, que se radicalizam, cada vez mais, e viram para uma direita xenófoba (que eu - multicultural - não posso aceitar), e sinto que estão eivados de sede de vingança e ressabiamentos que vieram à tona ontem na morte desse estadista que foi Mário Soares, propalando mentiras como a dos diamantes, tubarões e outras, que, de tanto repetidas a ignorantes e incultos, acabam por passar como sendo verdade. Lembro-me das armas químicas do Saddam...

A família e os amigos, normalmente, cabem dentro numa classe em que nem a política nem o futebol impedem de continuarem a ser quem são, nem reduzem a sua relevância para a minha vida, mas....

Sou profundamente contra todos os ismos, sejam eles fascismos, nazismos, islamismos e outros extremismos. Sou antifascista e anticomunista apesar de alguns dos meus amigos. Talvez não seja um anticomunista primário por respeitar que outros possam ser o que quiserem. Há, porém, uma linha que me separa de outros, a minha enorme tolerância, compreensão e respeito pelo OUTRO. No tocante à descolonização não a discuto pois, normalmente, os interlocutores estão a discutir a vida deles e não a política em si. Também eu poderia usar os mesmos argumentos quando fui impedido de regressar a Timor, minha primeira pátria de escolha... fiz essa catarse e outras. Não me regozijo com a morte de ninguém, amigo ou inimigo, merecida ou imerecida...ela é sempre uma espada de Dâmocles sobre as nossas cabeças. Atribuir

singelamente as culpas da descolonização a uma pessoa parece-me redutor e errado...basta pensar que Angola e Moçambique eram meros peões na política de domínio da ex-URSS e EUA, tal como Henry Kissinger preconizava. Basta pensar que sem tropa não se faz a guerra e a tropa baixou as armas. Basta pensar nos verdadeiros culpados Salazar e Marcello Caetano que não quiseram, nem souberam antever os ventos da mudança. Um, nem sequer deixava emigrar e colonizar as "colónias", o outro fez marcha-à-ré na chamada primavera política e manteve a sociedade portuguesa amordaçada na cinzenta derrocada do regime.... E em 1974 era já demasiado tarde para qualquer outra solução. Não quero com isto absolver ou culpar seja quem for, muito menos atribuir a culpa a uma ou outra personagem da história.

Termino este desabafo para saudar o grande estadista Melo Antunes, que evitou que Portugal fosse dominado pela máquina bem oleada do PCP, e nos devolveu em novembro 1975 a liberdade recém-conquistada em 1974, essa mesma que prezo e que louvo por me deixar hoje falar sem medos nem retaliações. Essa liberdade de expressão que permite, a todos os que pensam de forma contrária à minha, se manifestem com os seus ódios e insultos. Por aí não vou e agradeço a quem me deu essa liberdade que hoje tanto prezo e pela qual lutei nos jovens anos, antes de ser obrigado a ir "defender as colónias" de arma em riste, feito máquina de guerra, eu, que nunca andei à pancada com ninguém em 67 anos de vida...Sem o 25 de abril não haveria essa liberdade e os melhores da minha geração teriam continuado a verter o sangue em África. Sem o 25 novembro 1975, o país dividir-se-ia ao meio numa guerra civil fratricida como a de Espanha, décadas antes, com o Norte e os Açores a recusarem a ditadura do proletariado. Por isso, haja a decência que se deve a todos os que morrem ou estaremos a caminho de ter um Trump em cada esquina.

CRÓNICA 170. PORTUGAL BRULE T'IL DÉJÀ? 17-18 JUNHO 2017

Na impotência deste país, destes fogos (postos ou não) destas mortes inúteis sinto aquilo que sempre sinto neste país (Portugal) impotência perante tanta irresponsabilidade.

Claro que mais uma comissão de inquérito será nomeada para ver as suas conclusões arquivadas e posteriormente se ouvirem os ministros e secretários de estado dizerem que está tudo a postos para o combate de incêndios que todos os santos anos (desde há 43) devastam o país para gáudio e lucro das empresas de celulose e quejandos. Madeira ardida é papel barato, mesmo que seja à custa de mais de meia centena de vidas.

A versão oficial definitiva: o fogo de Pedrógão Grande, Figueiró dos Vinhos, Ferreira do Zêzere começou com um raio que caiu numa árvore em Escalos Fundeiros, Pedrógão Grande, em consequência de uma trovoadas seca: sempre a culpa divina, esse deus é do camandro...tem umas costas largas.

Mas não se preocupem os portugueses, e menos ainda os familiares das vítimas, existem leis capazes em Portugal, aliás, das melhores leis no mundo sobre o tema. Existem normas e coimas para quem não mantém uma área de segurança de 50 metros em volta das suas casas no meio do mato.

Apenas por mera omissão não é dito que a maior parte dos terrenos que ardem são do Estado que não cumpre essas mesmas normas de limpeza de matas, que não disponibiliza vigilantes da natureza para substituírem os antigos guardas florestais que sem meios eletrónicos nem de comunicação lá iam desempenhando as suas funções (e quem quer ser vigilante da natureza e viver com condições mínimas isolado no meio do mato?).

Também por mera omissão não dizem que a maior parte dos donos dessas casas sem os 50 metros de proteção são idosos, (alguns mesmo muito idosos) incapazes de se movimentarem eficazmente, incapazes de terem 50 euros por hora para alugarem uma máquina de desbaste de mata, incapazes de por si mesmos fazerem eles o trabalho, sem dinheiro para os medicamentos de que carecem, sem dinheiro para pagar o táxi ao centro de saúde para tratarem da saúde de que carecem, abandonados por filhos e netos e deixados à sua sorte em aldeias desertas e desertificadas, donde se retiraram todos os serviços, desde a venda, ao mero café de aldeia ao multibanco, à escola, à própria junta de freguesia amalgamada com outra em aldeias limítrofes.

Por mera omissão não se mencionam as leis que permitem que se continue selvaticamente a permitir o plantio de eucaliptos e outras espécies altamente inflamáveis e totalmente desajustadas à orografia do terreno, mas adaptadas aos interesses de madeireiros e dos que lucram com os incêndios.

Por omissão ninguém falou dos incendiários (perfil típico 20 aos 35 anos, alcoólico, desempregado, com poucos estudos e com gosto de se sentir Nero e ver os fogos que ateia com total impunidade, esteja ou não previamente condenado e em liberdade condicional).

Por omissão ninguém se lembrou que em vez dos milhões gastos todos os anos (em aviões e helicópteros que estão inoperáveis por falta de peças, de manutenção, de dinheiro para as reparações) se deviam contratar engenheiros agrícolas, os chamados engenheiros florestais, (os que verdadeiramente percebem da poda) para fazer uma eficaz manutenção de solos, um reordenamento territorial agrícola usando árvores bombeiras, como o castanheiro, que retardam os fogos e não servem de combustível como os eucaliptos e semelhantes.

Depois ninguém se lembrou de dizer que há 43 anos se segue a política errónea de gastar milhões no combate aos fogos em helicópteros (inoperacionais por falta de peças, de manutenção, de dinheiro para as reparações), em aviões dispendiosos e com muitas limitações em vez de se investir na prevenção, que deveria começar pela restauração do serviço de guardas florestais (vigilantes da natureza), pela definição de uma política de reordenamento territorial.

Menos leis "perfeitinhas" que ninguém cumpre e para nada servem (mesmo quando bem-intencionadas) e mais meios preventivos, com uma nova política das corporações de bombeiros dotadas de meios próprios, pessoal profissional, bem treinado e pago, em vez dos imprevistos voluntários que de boa vontade dão a vida por nada.

Escreve Manuel de Carvalho no Público 18 de junho de 2017, 10:54:

Como foi possível que uma população, corpos de bombeiros, forças policiais ou responsáveis políticos habituados a lidar com a devastação dos incêndios florestais não pudessem prever o que aconteceu?

Como foi possível que se tenham deixado aldeias remotas sem evacuação?

E por que não foi suspenso o trânsito em vias de risco?

Por que razão não houve socorro de outras corporações de bombeiros?

Ainda que justas, imperiosas ou evidentes, todas estas perguntas passam ao lado da questão essencial. As alterações climáticas que produziram um dia como o de sábado em meados de junho ameaçam destruir a floresta portuguesa.

E perante a iminência de um cataclismo desta dimensão, o país tem de ir muito para lá das perguntas de contexto ou da justa expressão das dores do momento: precisa de uma energia, de uma determinação e de um conjunto de meios para debelar o problema que parece estar para lá das nossas capacidades atuais.

Cito um especialista: (Jornal Público ALEXANDRA CAMPOS 18 de junho de 2017

A pergunta que todos fazem agora é: teria sido possível evitar esta tragédia?

Paulo Fernandes, engenheiro florestal e professor no Departamento de Ciências Florestais da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, acredita que pelo menos teria sido possível minimizar a sua dimensão.

Desde logo porque era possível antecipar que existia um potencial de fatores combinados, como a temperatura elevada, ventos muito fortes e, sobretudo, a instabilidade atmosférica (trovoadas e raios), que já estava prevista há dias, explica.

“Uma mistura fatal”, sintetiza. “Temos de estar preparados.

Em Portugal, não há pessoas especializadas em meteorologia de incêndios, há académicos, mas não há operacionais”, diz, notando que qualquer país com este potencial adverso tem de ter pessoas a trabalhar nestas áreas “a tempo inteiro”.

Todo o sistema de prevenção e combate a incêndios precisa, aliás, de ser reformado, defende.

“Esta originalidade portuguesa de ter fases alfa e charlie não faz sentido hoje.

Um sistema moderno não pode estar dependente do calendário, tem de ter flexibilidade para responder sempre que necessário, até por causa das alterações climáticas.”

A própria conceção do sistema, “pulverizado por várias forças com pouca massa crítica, torna tudo mais difícil”, acrescenta, lembrando que temos “um sistema muito focado no combate”, em que 90% do investimento é para esta área.

Mas Paulo Fernandes também acentua que se lembrou dos incêndios ocorridos em 2009 na Austrália, “um dos países mais avançados na prevenção e combate e até na preparação das pessoas” para lidarem com este tipo de situações.

Nesse ano, morreram na Austrália cerca de 170 pessoas, “quase todas quando tentavam fugir”. Mas a frente das chamas chegou a ser de 200 quilómetros e as projeções (de materiais, como cascas) chegaram a 30 quilómetros, nota.

Agora, o que pede é que se retirem ilações desta tragédia. “Acho inconcebível que responsáveis do Governo e até o Presidente da República comecem logo a declarar à queima-roupa que tudo correu muito bem”, porque isto, acredita, contribui para “a desresponsabilização”.

Depois lembrem-se de cada héli privado de combate a fogos, custa ao Estado 1500 euros por hora a que acresce IVA, quanto mais tempo durarem os incêndios e quanto mais incêndios houver mais estes privados lucram.

O Estado retirou da competência das Forças Armadas, em finais de 1980, o combate aos fogos para os entregar aos privados....

Estávamos na altura do boom das PPPs [parcerias público-privadas]. O ambiente era propício.

O regresso da Força Aérea ao combate aos incêndios tem gerado controvérsia dentro do Governo. Enquanto a ministra da Administração Interna invoca a falta de capacidade deste ramo das Forças Armadas, o ministro da Defesa considera «inevitável» que a Força Aérea adquira os meios em falta para voltar ao ativo.

E termino dizendo, preparem-se que isto é apenas o começo de uma nova era de situações atmosféricas atípicas, temperaturas extremas (no verão fogos e no inverno inundações) num país onde se cimentaram ribeiras, onde se plantaram árvores não-autóctones altamente inflamáveis, onde se desviaram cursos de água, onde se não faz adequada manutenção de solos, onde se não limpam matas, e onde haverá sempre situações climáticas extremas como estas...e não adianta culpar as divindades, ou a natureza, ou a anormalidade.

Podemos minimizar ou atrasar os seus efeitos, mas não a podemos controlar em absoluto.

A natureza é quem tem sempre a última palavra.

CRÓNICA 171. DE HERÓIS HISTÓRICOS E OUTROS (2 LIVROS DE JOÃO MORGADO) 30/6/2017

Já li muito mais do que leio hoje, o tempo cada vez foge mais depressa dos meus pés à medida que a quarta idade da vida se aproxima. Igualmente devo assinalar para que conste que nunca, como agora, me acontece começar a ler um livro e deixá-lo de parte sem pachorra para assistir ao seu lento desenrolar.

É curioso como há mesmo factos novos que a idade inventa para nos alterar percursos antigos. Dantes lia os livros todos até ao fim, mesmo que não gostasse deles. Hoje – talvez devido ao menos tempo que tenho disponível para ler – ou um livro me cativa nas primeiras (digamos) trinta páginas ou está condenado a servir de oferta a uma pessoa de quem eu não goste muito.

Há autores que não conheço e que a medo começo a explorar nos livros que leio. Foi o caso de João Morgado autor premiado que se juntou aos colóquios da lusofonia em Belmonte. Não sabia o que esperar nem sabia ao que ia quando me debrucei no Diário dos Imperfeitos que era citado como sendo uma viagem à intimidade das pessoas de uma pessoa enclausurada nas emoções sequestradas e cito da publicidade da editora Casa das Letras (Leya).

Diário dos Imperfeitos é uma viagem à intimidade das pessoas. Vítima de um acidente, a Gaivota é uma mulher que precisa de redescobrir todas as emoções sequestradas dentro de si. Ao mesmo tempo, reaprende a conhecer o seu corpo – uma aventura refreada pela moral, pela sombra do pecado e pelo medo que pode levar à própria insanidade. Uma luta interior entre o bem e o mal, que leva a uma inevitável conclusão: todas as pessoas são imperfeitas! Como irá reagir de novo à sua realidade? Voltará a ser quem era? E os que estão a seu lado, como vão sobreviver a esta viagem?

Uma escrita intimista, que procura descortinar os sentidos e as emoções dos diferentes personagens. Do prazer mais carnal ao amor puro, passando pela falsa moral da sociedade e da religião. Pelo meio, a filosofia simples de duas personagens inusitadas – a mulher que lê pensamentos e um pintor de sóis na parede. São eles que levam o narrador a perceber os sentimentos da «Gaivotas» e nos ajudam a refletir sobre temas tão controversos como o amor, o desejo, o sentimento de culpa ou o próprio nojo. Isto pouco ou nada me dizia do que iria encontrar: não me falava do pintor que pintava cores dando vida ao cinzento dos dias nem da mulher que limpa a casa e os pensamentos e assim embarquei na história dentro da história como se começa a perceber nos últimos 4/5 do livro sem saber como vai terminar a história de amores imperfeitos e de emoções em conflito.

Não adianto mais sobre a trama, mas segui com atenção a mulher amada / desejada / descartada e mais tarde regressada (nunca se deve regressar ao lugar ou à pessoa com quem se foi feliz?), histórias de amor, encontros, desencontros, sociedades herméticas bem típicas da região onde o autor nasceu no interior mais profundo da Cova das Beiras. História da fuga para a cidade de vícios e pecados em contraste com a pureza e religiosidade falsas e aparentes desse interior. Histórias de vida que se desenrolam lentamente como se a cada dia se descobrisse mais uma chave secreta para a imperfeição do amor e dos amados.

E mais não digo desta empolgante história ou das histórias dentro desta história que nos enleia e mantém presos, também nós, atores da mesma, torcendo por uma ou outra personagem contra a corrente da própria dinâmica do conteúdo, pois o novelo não se desenrola como esperamos e antecipamos, antes depende das cores que o pintor pinta e das limpezas da mulher que nos limpa a casa e os pensamentos. Depois de ter lido este mergulhei com redobrado interesse em Vera Cruz a história do Cabral que andou a descobrir Brasis.

Se surpreendido ficara com a qualidade da trama e a desenvoltura da escrita no Diário dos Imperfeitos nem sei que diga deste empolgante livro de ficção histórica (o autor chama-lhe história romanceada) em que o editor (Clube do Autor) propala ser. O novo romance de João Morgado, autor já com vasta obra publicada, centra-se na vida desconhecida de Pedro Álvares Cabral e numa época tão gloriosa quanto distante. Trata-se de um livro que facilmente ambiente o leitor no período áureo da nossa História no qual (re)descobrimos viagens acidentadas, jogos de sombras e traições, na Índia e no reino de Portugal, rivalidades e intrigas. E também um Pedro Álvares Cabral capaz intrépido e valente, por vezes desiludido e arrependido.

Vou ser breve, este livro empolgou-me três dias seguidos e só parei quando o acabei de ler. Pode não ser a versão mais real dos factos apresentados, mas segue um rigor histórico apenas entrecortado por duas personagens ficcionadas e revela bem o que poderia ter sido a verdadeira história por detrás do descobrimento do Brasil, a ambição desmesurada desse rei a que chamam de venturoso. Vale a pena ler e meditar. Para muitos a sacanice do Gama (esse Vasco corsário que autores como Sanjay Subrahmanyam haviam escarpelado de forma bem mais negativa) é aqui explicada de forma mais lógica e racional, em especial a sua segunda ida a Calecut na expedição da Armada da Vingança.

A história muda consoante os tempos e os autores, e a história de Portugal sai daqui menos mítica, mas mais humana. Gama aparece aqui não como o mítico herói que a história criou em lendas e contarellos, mas como o homem mau que era, enquanto Cabral surge como o verdadeiro humanista ao serviço de princípios cristãos. A descrição de Pero Vaz de Caminha do seu encontro com nativos do Brasil é um marco na história das descobertas inigualado.

A brutalidade das conquistas portuguesas com cortes de cabeças, orelhas e outras realidades típicas da época demonstram a violência das descobertas sem tirar brilho à epopeia das mesmas, e mostram um Cabral em conflito interno com os ensinamentos da Ordem de Cristo e a fama que granjeara como cavaleiro. Por isso, e por outras razões que não convêm a uma história de epopeias como a portuguesa, Cabral é - ainda hoje - o menos falado e mais esquecido dos grandes homens dessa época, e este livro irá repô-lo no panteão daqueles que merecem lá estar. Uma bela biografia de Pedro Álvares Cabral, um homem renascentista bem maior do que a época em que viveu e a quem o Brasil muito deve. Uma obra imprescindível para os que gostam de aprender história (mesmo romanceada e os romances de João Morgado são bons velos tecidos para nos enlearem do início ao fim do livro). Por tudo isto sinto-me privilegiado nos Colóquios da Lusofonia em termos aceite este novo associado que é um extraordinário autor a merecer que eu complete a leitura das suas outras obras. Uma última observação, a feliz profusão de notas de rodapé que ajuda a complementar factos históricos e dados quem nem todos devem assumir como conhecidos dos iletrados atuais.

CRÓNICA 172. DA ESPERANÇA COMO FORMA DE VIDA. 8/7/17

Rezam as crónicas que sou moderadamente otimista desde há muitas décadas, baseado no princípio de que as coisas podem sempre ser piores, mas também podem vir a melhorar, e, normalmente, a vida convalesce connosco. Acredito piamente que a sorte se constrói com muito trabalho e esforço e creio que o destino – ao contrário de várias correntes de opinião – não está previamente traçado. Porventura, estará delineado para a carneirada que não pensa nem se dá ao trabalho de agir. Para os restantes, os poucos que sabem ser bípedes pensantes, o destino é feito de altos e baixos que vamos construindo e destruindo ao longo das decisões que tomamos.

Dito isto, nunca me arrependi de nenhuma decisão, mesmo as que provaram serem um fracasso total, pois na data em que as tomei decerto me pareceram as melhores, sopesados os prós e contras. Posteriormente, tal como sempre tentei fazer, exerci o meu direito de autocritica e autoavaliação psicológica das minhas ações e – quando o soube ou quando o pude – fiz as correções que entendi necessárias. Nos meus anos mais jovens, digamos entre os 17 e 23 (1967 a 1973), desde que entrei na Faculdade e comecei a ter um interesse ativo e prático na coisa pública e política a vida deixou de ter duas tonalidades (o branco e preto) e adquiriu centenas de tonalidades de cinzento.

Não podíamos ter nessa época associações de estudantes, mas um pequeno interstício legal permitia que criássemos uma Pró-Associação de Estudantes e foi isso que eu e outros fizemos, sob o olhar condescendente das várias entidades repressivas da época. A principal atividade e fonte de receitas era a de copiar sebatas de matérias para os alunos do curso, depois começamos a organizar convívios (Faculdade de Economia do Porto) no final do ano em pleno Palácio de Cristal (hoje Pavilhão Rosa Mota) onde tínhamos um ou dois grupos de música pop, um Manuel Freire (para os mais

intelectuais) e uma Maria da Fé para os mais popularuchos. Não havia liberdade, não havia democracia, mas havia seres pensantes e conseguíamos agradar a todos. (Hoje só há pimbas).

Nessa época qualquer jovem vivia com dois dilemas fundamentais (caso fosse um ser pensante, havia ainda alguns naqueles tempos) um, era a espada de Dâmocles da malfadada tropa (o exército colonial português que decepava as vidas e esperanças dos jovens ao enviá-los para uma guerra colonial que ninguém queria nem entendia), a outra era o facto de não pertencermos à Europa nem ao mundo naquela política do “orgulhosamente sós” a que a ditadura salazarenta se agarrava.

No que conseguíamos ler e ouvir queríamos ter a liberdade de um Woodstock americano, das manifs de estudantes de Paris em 68-69 e subsequentes em vez de vivermos sob uns “brandos costumes” que me obrigaram a pagar uma multa de 2\$50 (dois escudos e cinquenta avos) por andar descalço no acesso à praia mas antes desta...ou que me obrigavam a uma multa (creio que de 250\$00) por não ter licença de porte de “arma” (neste caso a “arma” era um isqueiro). Alguns colegas eram “bufos” não só da PIDE mas das atividades económicas e ao denunciarem o meu uso de isqueiro sem licença ganhavam 50% da receita...

MAS HAVIA ESPERANÇA, a guerra colonial acabaria, tal como a Guerra do Vietname iria acabar e a democracia haveria de chegar a Portugal como chegou a alguns países da Europa após a segunda grande guerra. Não sabíamos era quando...lembro que enquanto estive como aspirante a oficial, no RAL-4 em Leiria, nos passeios longos de tertúlia com o malogrado (então major) Melo Antunes nas margens do rio Lis entre março e setembro 1973 ele me dizer que se estava a preparar algo para daí a dois ou três anos (no pior cenário seriam uns cinco anos). Falava-se de vida, de filosofia, de aspirações e sonhos e felizmente vivi o suficiente para ver a maior parte desses sonhos concretizados. Mas NUNCA, JAMAIS esquecerei o que era viver sem liberdade (especialmente a de expressão e de pensamento).

Antes do 25 de abril em Portugal havia uma coisa chamada lápis azul, ou censura, que em 1972 me cortou 70 páginas a um livrinho de poemas adolescentes que publiquei então com cerca de trinta páginas... O resto é já história, o 25 de abril trouxe, de facto, a liberdade de pensamento e de expressão e muita água correu sob as pontes da minha vida até ao dia de hoje em que me vejo confrontado por uma sociedade mais desigual do que nunca, de uma falsa fluência consumista. Uma sociedade comandada à distância por grupos obscuros da finança que controlam a maior parte dos países e seus governantes, e conduzem a maior parte da população a novas formas de escravatura, dissimulada ou não, reduzindo a capacidade de as pessoas escolherem livremente o seu rumo, encarneirando-as rumo a um abismo como o célebre “Pied Piper of Hamelin” e os lemmings [lemingues] que se atiravam do precipício ao som da flauta mágica antes de ele raptar todas as crianças dado que os habitantes não lhe pagaram o que era devido por ele se ter visto livre da praga de ratos. Muitos conhecem a história sem saber que ela se baseia em eventos reais ocorridos em 1284 naquela cidade da Baixa Saxónia na Alemanha. Ora é neste mundo rapidamente evolutivo que me encontro neste ocaso de vida (a geração da minha avó nascida em 1885 e a minha em finais da guerra estavam mais perto uma da outra do que as gerações dos meus filhos e dos meus netos onde existe já um fosso civilizacional e tecnológico apreciável).

O meu filho mais novo está agora numa fase semelhante à minha em finais dos anos 60. Já não há guerra colonial, mas há guerras (declaradas umas, outras não) um pouco por toda a parte, nunca a humanidade viveu tão bem materialmente como agora, mas também nunca houve tanta miséria como hoje.

Nunca houve tantos letrados no mundo nem tantos iletrados, o acesso universal à informação avassala as pessoas que não estão programadas para pensar, para tomar decisões, para fazerem escolhas.

Por outro lado, muitas das teorias da conspiração confirmam-se e desconhecemos as que nos ocultam. E eu a precisar de lhe dar conselhos e a ajudá-lo a acertar o rumo sem saber como. Nada do que eu cria é hoje real, nada do que me regeu em termos de princípios, ética, moral, vale um chavo. Este já não é o meu mundo tal como não é o da minha mãe, que do alto da sua sabedoria de 94 primaveras repetidas vezes o proclama. Por mais que me atualize tecnologicamente, a evolução foi de tal forma rápida que todos os princípios por que me regi deixaram de ter o valor absoluto que tinham. Sei que o feudalismo transmontano a que assisti na minha juventude não volta mais, mas apercebo-me de novas formas e cambiantes de opressão – umas mais dissimuladas que outras – que substituem essas relações feudais por outras em que as pessoas até têm direito a voto, mas esse voto de nada serve, a não ser para darem a aparência de liberdade de escolha. Esse voto vai apenas sufragar as escolhas que outros fizeram em nosso nome, não muito diferente do voto na velhinha Assembleia Nacional salazarenta... E é isto: a esta geração falta a ESPERANÇA que nos movia, são todos uns zombies dependentes dos seus aparelhos permanentemente conetados onde a realidade virtual tem mais valor do que a real.

Mas como me dizia o amigo e cientista José António Salcedo quando estabelecíamos comparações entre hoje e as nossas tertúlias filosóficas do final da década de 1960: “a realidade não existe, fora das nossas conceções...” Essa é também a opinião de alguns cientistas australianos que demonstram que a realidade não existe de acordo com a física quântica. Uma experiência realizada provou aspetos bizarros e complexos da física quântica que podem ser um tanto quanto complicados de entender. De acordo com o trabalho desenvolvido por uma equipe de físicos da Universidade Nacional da Austrália, a realidade não existe até que possa ser medida. Para chegar à conclusão, os pesquisadores colocaram em prática o Experimento de Escolha Demorada, de John Wheeler, para comprovar que tudo depende da medição. O professor adjunto da Escola de Pesquisa Física e Engenharia da UNA, Andrew Truscott, explicou, por outras palavras, que

“... em nível quântico a realidade não existe se você não está olhando para ela”. Seria como colocar um gatinho dormindo dentro de uma caixa de papelão e fechá-la.

O gatinho não será real para um visitante que não sabe o que a caixa contém, até que ela seja aberta e revele o seu interior.

Isto levanta uma questão básica: se há um objeto, quando ele decidirá se comportar como uma partícula ou como uma onda?

O misterioso comportamento da luz é um exemplo.

Você pode ver o efeito mesmo quando uma luz brilha através de duas fendas estreitas.

A luz se comporta tanto como uma partícula, passando por cada ranhura e lançando luz direta na parede por trás dele e como uma onda, gerando um padrão de interferência, resultando em mais de duas faixas de luz.

Deduzindo a partir do senso comum, o objeto deveria ser uma onda ou uma partícula, independentemente da forma como é medido.

No entanto, os cientistas australianos conseguiram demonstrar o que a física quântica defende: a maneira como esse objeto será medido é que definirá se assumiu um comportamento de uma onda, ou uma partícula.

Na época em que o experimento de John Wheeler foi proposto, em 1978, não havia tecnologia possível para realizar a experiência, que contou com feixes de luz devolvidos por espelhos. Agora, no entanto, a tentativa foi recriada usando cem átomos de hélio espalhados em estado de suspensão, conhecido como condensado de Bose-Einstein. Em seguida, eles foram ejetados, até restar somente um átomo.

Depois, deixaram o átomo passar através de um par de raios laser, propagados em direções opostas, formando um padrão como se fosse o desenho de uma rede, como uma grade sólida que iria dispersar a luz. Aleatoriamente, foi adicionada uma segunda rede de luz para combinar novamente os caminhos, depois de o átomo ter passado pela primeira. Era esperado que o átomo sofresse interferência construtiva ou destrutiva, caso tivesse viajado tanto como uma onda ou como um átomo. Mas quando a segunda grade foi adicionada, não se observou interferência, como se o átomo tivesse escolhido apenas um caminho.

Resumindo (se for possível): esperava-se que o átomo de hélio se comportasse como a luz, ou seja, passaria pela grade como uma partícula ou como uma onda.

Nesta experiência, um segundo conjunto de grades de laser foi ativado aleatoriamente apenas após o átomo ter passado através da primeira.

Como resultado, os pesquisadores descobriram um padrão de interferência ondulatória no comportamento dos átomos, uma vez que passaram pelo segundo conjunto de lasers. Mas se não houvesse um segundo conjunto de lasers, os átomos se comportariam como se fossem partículas e seguindo apenas um caminho. Se alguém escolhe acreditar que o átomo pegou um caminho em especial, isso significa que uma medição futura está afetando o passado do átomo. A respeito disso, Truscott explicou: "Os átomos não viajaram de A a B. Foi só quando eles foram medidos no final da viagem que o seu comportamento ondulatório ou partícula semelhante foi trazido à existência".

[Fonte: RT, ANU Crédito: agsandrew / Shutterstock.com]

CRÔNICA 173: UMA VISITA VIRTUAL AO FAIAL: AS BOIAS DA MEMÓRIA DE MANUEL LEAL. 8/7/17

Não sou crítico literário nem entendo sobre as tendências da literatura. Sou um básico apreciador de livros que, normalmente, classifico de duas formas: gosto ou não gosto, depois há 60 cambiantes de cinzentos entre esses extremos ("60 shades of grey, e não é o filme).

Normalmente, o que acontece quando gosto de um livro, começo a ler e em todos os momentos livres volto ao seu contacto para atingir o fim. Se, pelo contrário um livro não me cativa nas primeiras 30 páginas, vou arrastando a leitura até esta se tornar penosa e eu o abandonar a meio. São imensos os que cabem nesta última categoria por mais afamados e premiados que sejam os autores. Noutras ocasiões apesar de não estar a ser satisfeito o meu gosto pela leitura, vou pensamente adiando deixá-lo de parte e, por vezes, o milagre acontece.

Lembro-me bem, há uns anos atrás, que o Passageiro em Trânsito de Cristóvão de Aguiar demorou quase 80 páginas a cativar-me e a prender-me até ao fim do livro. Talvez fosse uma exceção em que a trama da aranha ia tecendo a sua teia até me envolver totalmente.

Doutras vezes, acontece que vou tomando notas mentais à medida que progrido na lenta descoberta do conteúdo de um livro. Foi o que me aconteceu recentemente com *As boias da memória* de Manuel Leal. Um livro que não se pode adquirir no mercado açoriano ou português, pois nenhum editor ou distribuidor se mostrou interessado e como o autor vive nos EUA, há décadas, vai certamente passar ao lado da maior parte dos leitores que gostariam de o ler.

Não sendo um tratado de genealogia no verdadeiro sentido da palavra, cumpre a função de catalogar centenas de habitantes do Faial nas décadas de 1940 e 1950, prosseguindo com a sua árvore até aos nossos dias.

Vou antes do meio do livro, finalmente, inventei tempo para mim...estou a gostar dos detalhes narrativos (por vezes até em demasia, mas percebe-se porquê...) e a visitar uma terra como imaginei que seria bem antes de cá chegar...o que só vem confirmar as minhas teorias sobre o feudalismo pós 25 de abril constatado aqui na costa norte de São Miguel.... Esta era a minha impressão ainda antes de chegar às cem páginas iniciais.

Depois, fui prosseguindo nesta leitura diferente, de forte crítica social e política, enquanto percorro episódios da vida no Faial que um ou outro colecionador de jornais da época poderia conhecer, ou que existem na memória de alguns avós ainda vivos sobre essa época. Por vezes, penso que estou a ler descrições de séculos passados há muito e não de uma época que coincide com o meu período de vida.

Prestes a atingir o fim do livro, existem ainda lugares que já não consigo reconhecer por terem desaparecido, mas consegui visitar o Faial numa época anterior à minha recente chegada a estas ilhas no princípio deste milénio. Foi tudo ainda bem pior do que tinha imaginado. Só não entendo por que não se revoltaram estes oprimidos contra tanta tirania.

Fiquei a conhecer quase metade dos seus habitantes e seus "apelidos" ou cognomes populares.... Nota-se ao longo da narrativa uma incansável sede de justiça pelas desigualdades sociais, pelas injustiças e iniquidades prevaletentes na sociedade açoriana, reflexo de um profundo ressentimento pessoal que nem, os anos fizeram esmorecer... Infelizmente nem para o autor (psicólogo de profissão nos EUA) nem para mim veremos o dia em que as ilhas estarão entregues aos seus, a pequena massa crítica existente iria provavelmente fazer o que fez aquando do surgimento da literatura açoriana..iam todos ser açorianos de repente, sem se separar o trigo do joio e os mais politizados iam aproveitar-se da nova e total autonomia para dominar, e como vem nos livros, o povo continuaria a ser escravo embora teoricamente livre...hoje estou pessimista em relação ao futuro gostava de poder trazer de volta homens como Teófilo e Arriaga mas já não se fabricam...

Falta hoje espírito de missão como o que rege os colóquios da lusofonia: fazer de borla algo de que todos beneficiam sem olhar a quem e sem ter benefícios pessoais. E os que podiam pensar assim estão todos como eu, velhos e acabados...o livro conta da miséria, da pobreza, da subjugação que caracterizou a verdadeira escravatura açoriana e faialense, mais típica de uma Revolução Industrial inglesa de 1800 do que de um país alegadamente europeu.

Sem assistência nem previdência social os trabalhadores eram meras peças de uma máquina a descartar e ignorar, quando doentes ou mortos, e os familiares teriam que vender todos os seus bens para os trazerem de volta mesmo quando iam a tratamento em Portugal. Fala-nos de crianças a trabalhar a troca de uma bucha de pão as horas dos adultos e a acartar as mesmas cargas pesadas fosse no carregamento de barcaças de carvão ou em outros mesteres.

O autor ao indignar-se contra esta exploração desenfreada – tão típica da sociedade açoriana – chama a atenção para um processo que existia em paralelo em Portugal, só que nos Açores essa exploração e humilhação era levada até aos extremos mais nojentos da exploração capitalista desenfreada. Enquanto em Portugal os servos da gleba iam tentando a sua sorte ao emigrar a “salto” para França, Alemanha, Suíça e Luxemburgo, nos Açores as portas dos EUA e Canadá, sobretudo, eram uma hipótese alternativa, mas mais reduzida. Era mais fácil na época dos iates e baleeiros em que quase bastava saltar para bordo, ou no tempo dos corsários em que a escravatura destes era preferível à existência miserável em terra.

E assim ao longo de cerca de 300 páginas vamos seguindo muitas vidas e outras tantas mortes de gente anónima que o autor ora repesca para a posteridade. Por entre muitas histórias de sucesso feitas fora das ilhas existem outras mais tristes, nomeadamente as dos que ficaram vivendo sempre acorrentados à grilheta colonial que Lisboa impõe sobre estas colónias esquecidas a que chama de Região autónoma dos Açores. Não conheço o autor pessoalmente, mas gostei deste trabalho didático, bem delineado, bem descritivo, bem pormenorizado que me leva a compreender ainda melhor por que uma verdadeira autonomia tem de ser consubstanciada na libertação do povo e esta será sempre a via da independência.

CRÓNICA 174 INVICTAS BROTTASSEM, A NOVA POESIA AÇORIANA, 12/7/17

Finalmente chegou o dia de ler *Invictas Brotassem*, um livro datado de 2012 de Clarice Nunes-Dorval. Trata-se, ao que creio, do seu primeiro livro de poemas, depois de alguns arremedos de publicações diversas e avulsas em que a autora ia sentindo o pulso à veia inspiradora que, decerto, há muito a consumia.

Numa primeira análise superficial e sem querer ser crítico devo dizer que a autora me surpreendeu pelo empenho em transmitir as suas vivências, amores e desamores, encruzilhadas de sentimentos.

Ficamos a saber ao que veio quando escreveu este livro e ao que vai quando escrever outros, quiçá de maior envolvimento social do entorno que a rodeia.



Este livro é ainda demasiado pessoal e demasiado sofrido, e espero ansiosamente novos desenvolvimentos com mais sincretismo, maior endosso dos temas sociais que superfluam nas palavras ora mantidas sob o véu daquilo a que chamo os amores e desamores.

Quero ler esta autora quando ela sofridamente se debruçar sob o mundo que aparentemente a preocupa e a consome, mas que ainda não invadiu o sacrário dos seus sentimentos pessoais, que são determinantes na orquestração destas primeiras 125 páginas de poesia. Quero ler esta autora quando ela exprimir a sua raiva, a sua dor em temas menos pessoais pois por enquanto as dores do mundo ainda não são as dela.

De forma cuidada e palavras sopesadas ela desenvolve a sua teia de convivências no convívio que partilha conosco dos seus sentimentos e por isso não hesito em recomendar esta nova escritora que mais não é do que a associada dos Colóquios da Lusofonia, Carolina Cordeiro, uma prosadora que ora dá os primeiros passos nos seus romances e nos promete termos de voltar a falar dela em posteriores momentos quando as flores invictas brotarem de novo.

CRÓNICA 175. O QUE É A LUSOFONIA NOS 20 ANOS DA CPLP, JULHO 2017

"Não tenho culpa de ter nascido em Portugal e exijo uma pátria que me mereça" (Almada Negreiros)

Escrever é fácil: comece com uma maiúscula e termine com um ponto final. No meio, coloque ideias. (Pablo Neruda)

"Somos um grande povo de heróis adiados, partimos a cara a todos os ausentes...somos incapazes de revolta e agitação..." (Fernando Pessoa, "Obras em Prosa", Círculo dos Leitores, III vol. p. 292)

175.1. MITOS DA LUSOFONIA

Vivi, convivi e aprendo ainda a coabitar com lusofalantes, dos Orientes exóticos "Que o Sol em nascendo vê primeiro"¹⁴⁷ que mitos salazarentos criaram aos orientes menos exóticos que a revolução do 25 de abril (1974) esqueceu.

Pugno pelos filhos que falam português qualquer que seja o país em que nasceram ou vivem, mas constato que encontrei mais estrangeiros interessados em apoiar iniciativas de preservação da língua portuguesa do que nativos da mesma.

¹⁴⁷ Divisa de Timor Português em eras coloniais

Criamos novos mundos e redescobrimos outros, sem jamais identificarmos a mesquinhez desta nossa maneira de ser que nos faz sentir grandes – talvez até maior do que somos, quem sabe?

Agora que o grande desafio do século XXI nos confronta maior que um Adamastor, importa afirmar aquilo que imodestamente nunca fizemos, nem mesmo quando o Português era a língua franca de todos os comércios do mundo.

Precisamos de manter viva a nossa língua e vamos precisar de todos, especialmente daqueles que forem capazes por artes e engenhos de assumir iniciativas arrojadas: que o façam sem ser em busca delouvaminhas ou encômios, sem ser em busca da vã glória e fama fugaz de que se fazem tantas carreiras, sem ser em busca de usura ou lucro. É preciso gente dedicada, mesmo com fama e nome ou simplesmente anônimos como os trabalhadores que quotidianamente constroem o nosso meio ambiente.

Não precisamos apenas de iniciativas arrojadas, mas revolucionárias, mesmo que os formatos sejam os tradicionais: simpósios, conferências, seminários, colóquios, ou o de meros boletins informativos (eletrônicos ou impressos), capazes de captar ouvintes e leitores com a língua de origem lusófona que adotamos ou queremos como nossa.

Mesmo que sejam os políticos bem-intencionados, mas deles não queremos as vãs e bem-soantes palavras eleitoralistas que um qualquer vento dos votos levará, queremos trabalho e o cumprimento de décadas de promessas.

Queremos uma política da língua, à semelhança doutros países, que permita a sua divulgação ampla como meio fundamental de manter a independência política, cultural e linguística. Só assim manteremos acesa esta chama com que comunicamos dos Algarves D'el-rei que já esquecemos, às Índias de Vice-reis que nossas nunca foram, a Timores de quem olvidamos a existência durante cinco séculos, às Goas, Malacas e Macaus de que apenas nos lembramos quando nos queremos sentir orgulhosamente beneficiários dessa herança portuguesa que é a língua.

A essência do problema é manter a língua e a cultura vivas, não interessa onde nem como.

(in Mitos da Lusofonia Revista Agália 2002)

175. 2. CIDADANIA DA LÍNGUA PORTUGUESA. LUSOFONIA AGONIA

Surgiu há anos uma proposta do Embaixador Professor Doutor José Augusto Seabra para a criação de uma Cidadania da Língua Portuguesa (no Mundo) que importa analisar, pois ela contém os germes do sucesso inerentes a todas as propostas radicais e inovadoras num país como Portugal, marcado por tradicionalismos avessos a mudanças.

Para quê, esta cidadania? Para que todos os lusofalantes, independentemente de outros idiomas que outros idiomas que com a língua de Camões comunguem, possam identificar-se como uma entidade única e universal, importante, capaz de sobreviver a guerras, diásporas e outras tragédias que têm assolado os lusófonos.

Quem são, o que fazem, o que pensam e sentem, qualquer que seja o local a que chamam terra mãe. Será que as línguas crioulas ou Pidgin e as indígenas se sobrepõem às outras? Porque o ensino do português é oficial querera isso implicar que ele vai suplementar as línguas nativas?

Quando seremos capazes de admitir como lusofalantes que a língua a que chamamos nossa só pode sobreviver se enriquecida por outras?

Dura lição esta, para aqueles, que, segundo diz o escriba "deram novos mundos ao mundo". Se não aceitarmos esta realidade multilingue das comunidades lusófonas, criamos o conceito de ter uma língua viva com o mesmo futuro do esperanto.

Estas são as perguntas que aqui se põem e que alguém – que não eu – terá de responder. Estas são questões fundamentais para a sobrevivência da Língua Portuguesa, qualquer que seja o sotaque ou a origem do país a que chamamos nosso, mesmo que o não seja.

(in Lusofonia Agonia 1, Revista ELO online 2002-11-15)

175. 3. A PROPÓSITO DO 4º COLÓQUIO DA LUSOFONIA

Ximenes Belo, pediu em Bragança um maior investimento dos governos de Portugal e Timor-Leste no ensino da língua portuguesa aos timorenses. Para o Prémio Nobel da Paz, o futuro do português, que os timorenses adotaram como língua oficial, depende dos dois governos, português e timorense, porque "há, naturalmente, vontade de aprender, de conservar, mas por outro lado precisa-se de ajuda e de políticas para a manutenção da língua em Timor-Leste".

"Tem havido apoio, mas é preciso investir mais e sobretudo investir nos timorenses, que haja mais professores de português, que haja mais bibliotecas, que haja, enfim, uma coisa intensa" disse, à margem da sessão de encerramento do IV Colóquio da Lusofonia, em Bragança, onde durante dois dias de debateu sobre a língua portuguesa em Timor-Leste.

Para o antigo bispo de Díli "não chega" haver professores portugueses em Timor-Leste: "é preciso formar timorenses, é preciso criar bibliotecas, infraestruturas e, sobretudo, manter alguma rádio, televisão e diários para que se faça entrar a língua espontaneamente na mente das pessoas".

D. Ximenes Belo recordou depois ao auditório que os timorenses continuaram a batizar os filhos com nomes portugueses e a rezar e cantar em português, mesmo durante a proibição, entre 1975 e 1999, mas disse que a ocupação indonésia deixou marcas. "Vocês querem que os timorenses falem a vossa língua, mas os timorenses apanharam bofetadas, foram torturados por falarem a vossa língua", disse.

A disputa também de outras línguas, nomeadamente o inglês, compreende-se, na opinião de D. Ximenes Belo, que recordou que Timor está numa zona com vizinhos como a Austrália, Filipinas, Singapura, Tailândia, Hong Kong, onde as pessoas falam esta língua. "Mas Timor foi sempre parcela especial com ligação a Portugal e mantendo o português constituiu uma dimensão própria daquela pequena nação", considerou. Mesmo com o passado histórico de séculos de colonização portuguesa, D. Ximenes considera que o português não é tão fácil assim para os timorenses.

"Os timorenses acham mais fácil o indonésio porque não tem conjugações, não é tão complicado como o português, mas é preciso apostar" afirmou. D. Ximenes Belo escusou-se a comentar questões políticas ou sociais do país, afirmando estar há três anos fora, em Moçambique, e ter "poucas notícias" (de Timor). Disse, no entanto, que a sua preocupação é que haja paz, tranquilidade e reconciliação em Timor e que os jovens tenham trabalho.

HFT. LUSA. Transcrito de in A propósito do 4º colóquio da lusofonia, Revista Agália 2005)

175.4. MITOS DA LUSOFONIA

Na abertura do 2º Colóquio da Lusofonia, em outubro de 2003 em Bragança, tentei alertar contra os fundamentalistas de várias cores que visam preservar uma visão estática da língua portuguesa que se opõem a quaisquer inovações da língua e às alterações que o novo dicionário da Academia de Ciências veio introduzir.

Por outro lado, começam a existir movimentos ativos que podem levar a que o Português na sua variante Brasileira se emancipe. Creio ser apenas uma questão de tempo (dada a ausência duma política da Língua por parte de Portugal) para que o Brasileiro seja declarado língua e nessa altura o Português (europeu) estará condenado pois os 10 milhões de habitantes mais uns tantos milhares na Galiza (variante Galega) não serão suficientes para fazer frente a uma língua autónoma como a Brasileira com cerca de 200 milhões de falantes.

Das ex-colónias portuguesas não se poderá contar com muito apoio dado o exíguo número de pessoas (para além das elites políticas dominantes) que domina a língua de Camões. Assim, a verificar-se (e creio ser só uma questão de tempo) a emancipação da variante brasileira a língua portuguesa europeia estará condenada a uma morte lenta associada a uma rápida diminuição e envelhecimento da população de Portugal que aponta para uns meros 7,5 milhões em 2050 contra os atuais 10,3 milhões.

O que é preciso é que o povo se entenda, que os portugueses não se armem em detentores únicos da língua ou como temos ouvido como aqueles que falam o Português puro. Os tempos não estão para purezas nem para puritanismos, porque o português que se fala em Portugal varia da Bragança dos Colóquios aos Açores onde vivo atualmente.

Todos falam Português e todos eles falam diferente de Norte a Sul, de Leste a Oeste. São lusofalantes todos aqueles que têm o Português como língua seja ela língua-mãe, língua de trabalho ou língua de estudo, vivam eles no Brasil, em Portugal nos PALOP, na Galiza, em Macau ou em qualquer outro lugar. Sejam eles nativos, naturais, nacionais ou não de qualquer um dos países lusófonos.

A uniformização linguística, a redução a um mesmo denominador comum é castrante e limitadora. Ela inibe e retrai a natural expansão da língua e do conceito mais lato e abrangente da Lusofonia que professamos.

O espaço dos Colóquios Anuais da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar. É esta a Lusofonia que defendo pois creio que é a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão.

Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, às Bermudas e à Índia. O Inglês é língua universal, mas continuou unido com todas as suas variantes.

(in Mitos da Lusofonia, Jornal Primeiro de Janeiro fev 2006)

175.5. LUSOFONIA E TODAS AS SUAS DIVERSIDADES CULTURAIS

Com a chegada em 2007 dos patronos Malaca Casteleiro (Academia de Ciências de Lisboa) e Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) chegou a altura de passarmos a uma fase mais atuante da nossa intervenção, como membros da sociedade civil numa área que o poder político descarta e evita.

Apraz-nos dentro da nossa independência e subsídio-independência, constatar o apoio de alguns politécnicos e universidades, que vem premiar o esforço abnegado e dedicado duma mão cheia de pessoas que acreditaram na vitalidade dum projeto sem paralelo no âmbito da Lusofonia.

Esta noção de Lusofonia abrangente sem distinção de credos, raças, nacionalidades ou outros fatores de distinção, tem-nos permitido congrega esforços e vontades, criando sinergias e desenvolvendo mecanismos em rede, sem paralelo. Falta apenas convencer os PALOP de que não somos nenhuma ameaça nem uma quinta coluna dum novo Império cultural, antes pelo contrário.

Devemos aceitar a Lusofonia e todas as suas diversidades culturais sem exclusão que com a nossa podem coabitar.

(in Diário de Trás-os-Montes novembro 2007)

175.6. A UNIÃO PELA MESMA LÍNGUA

Ressalto do historial dos Colóquios da Lusofonia a sua ação na divulgação da açorianidade literária ou de como ainda é possível concretizar utopias num esforço coletivo.

Um exemplo da sociedade civil num projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais.

Em 2001, os Colóquios brotaram do intuito de criar uma Cidadania da Língua, proposta radicalmente inovadora num país tradicionalista e avesso a mudanças.

Queríamos que todos se irmanassem na Língua que nos une.

Pretendíamos catapultar a Língua para a ribalta, numa frente comum, na realidade multilingue e multicultural das comunidades que a usam.

A nossa noção de LUSOFONIA abarca os que falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade.

Em 2010 passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos e, em dezembro de 2015 passamos a ser uma entidade cultural de utilidade pública.

Cremos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua.

Partindo dela podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência.

Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo e aí nasceram os Colóquios da Lusofonia.

Desde então, temos definido a nossa versão de Lusofonia como foi expresso ao longo destes últimos anos, em cada Colóquio.

Esta visão é das mais abrangentes possíveis, e visa incluir todos numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que, por vezes, parece emanar da CPLP e outras entidades. Ao aceitarem esta nossa visão muitas pontes se têm construído onde hoje só existem abismos, má vontade e falsos cognatos.

Felizmente, temos encontrado pessoas capazes de operarem as mudanças.

Só assim se explica que depois de José Augusto Seabra, hoje, os nossos patronos sejam Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) e a Academia Galega da Língua Portuguesa representada por Concha Rousia.

Depois, acrescentamos como SÓCIOS HONORÁRIOS E PATRONOS DOM XIMENES BELO EM 2015 E EM 2016 JOSÉ RAMOS HORTA (os lusofalantes do Prémio Nobel da Paz 1996), a que se juntaram (em 2016) Vera Duarte da Academia Cabo-Verdiana de Letras e José Carlos Gentili da Academia de Letras de Brasília. Aguardamos a adesão da Academia Angolana a este projeto.

A Academia Angolana junta-se a nós no 28º colóquio em outubro 2017 em Vila do Porto.

O espaço dos Colóquios da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar.

É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão.

J chrys chrystello preside à AICL Colóquios da Lusofonia desde 2001

<https://www.diariodetrasmontes.com/cronica/o-que-e-lusofonia-nos-20-anos-da-cplp> //// <https://blog.lusofonias.net/?p=60477>

CRÓNICA 176, SONHAR AINDA É GRATUITO 28 JULHO 2017

Ando farto de fazer zapping aos telejornais que se arrastam – não por horas, mas por dias a fio – sempre a esmifrarem a dor alheia, a tragédia, os fogos, as falhas disto e daquilo, as promessas eleitorais da próxima campanha autárquica e imaginei um mundo feito à minha medida.

Assim, enquanto as imagens desfilavam mortais eu imaginava um candidato autárquico a anunciar que decidira não se recandidatar pois não cumprira a maior parte das suas promessas eleitorais de há quatro anos.

Enquanto as chamadas inflamavam o pequeno ecrã imaginei o governo, deputados, bombeiros, peritos florestais e demais interessados sentados em volta de uma larga mesa erguerem-se a celebrarem a vitória de terem chegado a acordo para as formas de evitar o flagelo dos incêndios que anualmente dilapidam o país há mais de 40 anos.

Como não havia som não soube bem que medidas unanimemente acordadas eram essas que iam poupar milhões, apostando na prevenção em vez de os gastarem no combate às chamadas.

Ao ver as recentes inundações que afetam pontos esparsos da Europa, imaginei que os órgãos dessa Europa desunida a que se chama EU, tinham unanimemente acordado em medidas ambientais para acabar com a manipulação da geoengenharia, causadoras de *flash floods* (enchentes repentinas), de granizo do tamanho de bolas de golfe, etc.

Ao assistir à crise humanitária das pragas de doenças que subitamente atacam um ou outro país, a mando das farmacêuticas a quem apenas interessa vender fármacos em vez de curar ou minorar a doença, descobri que uma companhia farmacêutica do Terceiro Mundo iria disponibilizar vacinas e tratamentos gratuitos contra as novas pragas que a humanidade propaga como se fossem naturais.

Só faltava mesmo apagar a dívida das nações para que pudessem crescer com os seus meios utilizando as riquezas naturais que os países dominantes exploram a seu bel-prazer competindo num mercado verdadeiramente livre sem manipulações de especuladores da meia dúzia de bancos e de famílias que dominam a economia mundial.

Só faltava agora acreditar que a população mundial era toda educada e culta, sabendo votar sem ser lavada ao cérebro por políticos ambiciosos e que a Novilíngua da mentira e da falsa notícia fora exterminada, incapaz de medrar por entre gentes cultas e educadas.

Mas isto já seria pedir muito e o mundo afinal nunca foi justo, nem educado, nunca deixou de discriminar, nunca deixou de explorar os mais fracos e indigentes intelectuais, através da política, da religião, do fanatismo, mas, se um dia, esse mundo existir é nele que quero viver num equilíbrio ecológico e ambiental em que a única incógnita seria a das forças naturais e seus eventos cataclísmicos, que nenhuma procissão aplacará...

(sonhar ainda é gratuito!)

A jornalista Carmen Ventura queixava-se hoje na blogosfera:

Porque não fazem os festivais no meio de um pasto e deixam dormir quem está cansado de trabalhar???
À distância que estou das 'poças' e o barulho é medonho.
Falta de respeito.
Raios partam a quem autoriza uma merda destas...

...

Escrevi há anos em CrónicaAçores: uma circum-navegação vol. 2 (ed. Calendário de Letras):

A festa em honra da padroeira é celebrada no último domingo de agosto, com procissão e arraial tendo já a duração de uma semana em festejos.
 ...
Nos últimos anos, a afluência de emigrantes e visitantes tem aumentado substancialmente.
Em dias de festa, vive-se um outro espírito na freguesia, as pessoas empenham-se em embelezar suas casas bem como as ruas.
Nesse domingo de festa, as ruas por onde passa a procissão são decoradas com magníficos tapetes de flores...
 ...
Aliás, desde as Festas do Divino que as festas não pararam.
Todas as noites há foguetes e barulho, aqui na aldeia, até altas horas.
Num destes dias já eram duas da manhã e os foguetes ainda estrelejavam, contrariamente às normas europeias e portuguesas relativamente à poluição sonora...
 ...
Havia gente nova há um ano à espera deste evento.
Isto permitia abrir todas as válvulas reprimidas.
Libertava a libido e os sonhos reprimidos de doze meses ilhéus, nesta prisão sem grades, que todas ilhas costumam ser.
 ...
Era a maior festa da aldeia do ano.
As diversões para os novos são poucas, sendo o opérculo de escape anual dos locais.
Velhos e novos, crianças e adolescentes, todos dançavam, pulavam e bebiam.
Bebiam e bebiam e tornavam a beber como se não houvera amanhã.
Se calhar não haveria mesmo.
O som da música enchia uma noite amena.
 ...
... há anos que me queixo do mesmo e uma vez ao ano tento fugir das festas, primeiro punham altifalantes na rua, depois eram as "discotecas" improvisadas 3 na minha rua e rua paralela, com o som bass de uma delas a ir até às 3 ou 4 da manhã...estando calor era um horror mesmo com vidros duplos o som entrava e a casa tremia...nem polícia, nem comissão fabriqueira, nada..depois decidi emigrar todos os anos na semana das festas, mas nem sempre o posso fazer (este ano vai ser um deles, e já sei que durante uma semana vão tentar a tortura sonora que faria inveja aos métodos da PIDE.
 ...
Tanto a minha rua como a paralela onde vivia o saudoso Manuel Sá Couto são residenciais e não devíamos ter de ouvir a trampa de música e de barulho que debitam...é a época do ano em que tenho mais saudade da minha civilizada Austrália...
Acreditem que até já adormeci com auscultadores... e dizem-me que sou um desmancha-prazeres e nada há a fazer... uma vez ao ano sou mesmo antissocial.
 ...
Num dos anos a música da festa anual entrava janelas adentro tonitruante, com altifalantes de dez em dez metros a debitem pimba desde as oito da manhã.
Estava muito calor nesse ano e a minha mulher ia tomar uma atitude drástica, mas, felizmente, apareceu p vizinho saudoso Manuel Sá Couto que ao saber deste predicamento, subiu a um escadote e desligou os altifalantes que nos invadiam a privacidade e a sanidade.
 ...
A partir de então e já vão mais de dez anos, decidimos tirar férias na semana das festas.
Foi assim que acabamos por conhecer as ilhas todas, por mais de uma vez.
Chegada a última semana de agosto, para espanto e incompreensão dos locais zarpamos daqui para fora por uns dias.
Infelizmente, a minha mulher todos os anos tem de se apresentar na escola dia 1 de setembro, e nalguns casos como a festa coincide com o último domingo de agosto ainda temos de ser sonoramente violentados mais uns dias...
Respeito o direito dos locais preservarem esta tradição ancestral para a qual poupam todo o ano, seguindo a tradição de que era nestas festas da paróquia que se apalavravam os casórios das filhas espigadotas.
Ainda hoje, as jovens, de tenra adolescência, andam todas vestidinhas, penteadinhas, pintadinhas a passear rua abaixo, rua acima, ou no largo do coreto da igreja, a mostrarem-se como se estivessem numa feira de gado, desculpem a comparação.
Claro que os casamentos já não são apalavrados como dantes, mas esses tiques permanecem imutáveis, gravados na herança genética.
De notar que aqui na Lomba da Maia a consanguinidade é elevadíssima, muito mais do que na vizinha Maia...
 ...
E mais uma vez, a tradição manteve-se com os seus ademanos, mas a razão de ser dela perdeu-se no progresso que também das modinhas de música tradicional para a música pimba e música brasileira durante o dia enquanto à noite é o bum bum bum de um som "bass" bem forte, que faz tremer as paredes, acelera o ritmo cardíaco e faz perder a paciência a um santo que não sou.
 ...
Além disso, como se tal não bastasse, não nesta festa, mas em todas as ocasiões (e elas parecem ser semanais) há as roqueiras (os tradicionais foguetes ruidosos) que impedem qualquer descanso, assustando animais e humanos a qualquer hora do dia e da noite.
Costumo sempre dizer que se eu mandasse metia-lhes as roqueiras num sítio que não digo para nunca mais acenderem nenhum foguete..., mas isso são desabaços causados pela impotência de lidar com esta calamidade das festas, do ruído e da tradição profundamente adulterada que nem sequer serve para arranjar um bom casamento...

e como foi escrito:

O casamento é o triunfo da imaginação sobre a inteligência." Óscar Wilde [1854-1890]

Ou, como afirmava Nietzsche, "festejar é poder dizer: sejam bem-vindas todas as coisas".

Pela festa o ser humano rompe o ritmo monótono do quotidiano.

Façam uma festa, mas mais silenciosamente.

CRÓNICA 178 O PESADO FARDO DA GUERRA COLONIAL 4/8/17

Há mais respeito pelas prostitutas do que pelos soldados, furriéis e oficiais milicianos (à força) do exército colonial português, todos escondidos e envergonhados. Afinal eram mesmo apenas carne para canhão.

Na maior parte dos países onde vivi e nos que visitei havia uma certa aura de glória, direi mesmo, respeito, pelos bravos que ao longo dos séculos haviam combatido em nome dessa noção alienígena que é a pátria.

Havia paradas monstruosas e centenárias como as célebres marchas dos ANZAC (*Australian and New Zealand Corps*) na Austrália, e mesmo nos EUA, durante anos, houve respeito pelos bravos que forma vítimas das 1001 guerras americanas no mundo, nomeadamente na 2ª Grande Guerra, no massacre do Vietname, Coreia, etc.

Como antimilitarista, ferrenho e empedernido, que sempre fui e recordando que fui obrigado a ir para fora defender um Império que já não existia e que, a mim, nada dizia, tenho de admitir que de nada me envergonho nesses anos, em que agi de acordo com a minha consciência, com a minha ação anticolonial como melhor forma de servir a dita "pátria" (segundo Ramos Horta eu era um oficial anticolonialista, in Expresso 28/11/2015).

Mas para todos, mesmo para aqueles que cegamente obedeceram às ordens militaristas e fizeram o que lhes mandavam, até por que na maior parte dos casos, não tinham alternativa, creio que lhes deve ser concedido o respeito de que hoje carecem, esquecidos numa teia de doenças, alcoolismo, depressão, sem apoios do Estado que os mandou morrer e matar pela pátria. Bem ou mal, eles fizeram o que se esperava que fizessem. E vemo-los hoje, nos sem-abrigo, nos membros de famílias disfuncionais, no conluio com os seus segredos de guerra ciosamente guardados, sem catarse possível. Nos EUA é bem pior, pois os veteranos de guerra são já uma espécie de escória a varrer para o esquecimento, sob o tapete diáfano de mil e uma guerras sem razão, como se as guerras alguma vez tivessem alguma razão, exceto a perpétua repetição da história dos países.

Quando cresci ainda havia respeito pelos veteranos sobreviventes da mortandade que foi a campanha portuguesa na 1ª Grande Guerra, conheci alguns desses heróis, de medalhas ao peito em marchas da famigerada Liga dos Combatentes (a que também pertenci durante uns anos após o 25 de abril, pois podia-se comprar comida mais barata no "casão"). Hoje, não sabemos quantos são, quantos sofrem, quantos sobrevivem. nalgumas aldeias e vilas do interior profundo de Portugal. Alguns autarcas mandaram erigir pequenos monumentos em honra da memória desses bravos, mas regra geral, foram esquecidos e eles mesmos temem falar sobre o tema, ou evitam-no a todo o custo.

Nos Açores, autores houve que trataram o tema em livro: Urbano Bettencourt, Cristóvão de Aguiar, João de Melo, para citar apenas alguns que me vêm à memória de momento, mas outros preferem manter um silêncio discreto, tal como o dono do café da esquina, o dono do restaurante mais acima, o lavrador que vive na rua e se recusa a falar do tema e tantos outros de que nem sei a existência.

Estava uma pessoa entretida nas suas lides nos anos de 1960, a estudar, a trabalhar e mourejar nos campos aqui nos Açores ou em Trás-os-Montes, ou em qualquer outro local e vinha a malfadada mobilização para Angola, Guiné, Moçambique, ou qualquer outro ponto do império e a vida acabava ali, mesmo que voltassem vivos e sem mazelas de vulto. Para muitos, adiaava-se a ida enquanto se pudessem continuar os estudos, sempre na esperança infundada de que a guerra colonial acabasse. Para outros era a saída da sua terrinha natal (e quantas vezes não era esta a primeira vez que saíam do seu cantinho natal, da sua freguesia ou aldeia, da sua ilha?).

Não irei descrever as noções contraditórias que de todos se apoderavam no caminho de ida, na estadia e no possível regresso se não morressem ou não ficassem estropiados, pois isso foi tema de pessoas mais abalizadas que eu.

Sei apenas que a mim foi um trauma que gorou todos os meus planos de vida, me impeliu para vários planos inclinados e me obrigou a agarrar a várias boias de salvação para percorrer o caminho que levou ao momento, hoje em que escrevo aqui e de novo: Há mais respeito pelas prostitutas do que pelos soldados, furriéis e oficiais milicianos (à força) do exército colonial português, todos escondidos e envergonhados. Afinal eram mesmo apenas carne para canhão.

CRÓNICA 179 DEMOCRACIAS ARMADILHADAS 12/8/2017

Cresci, como sabem, numa ditadura. Havia até quem lhe chamasse branda, como brandos costumes eram alegadamente os do povo que a suportava. Cresci acreditando que um dia o país faria parte da Europa e do mundo, e esse mundo estava tão longe que bem podia pertencer a outra galáxia. Lembro-me de ir a Tui comprar discos dos Beatles ou beber Coca Cola que em Portugal eram proibidas com medo dos miasmas contagiosos de civilizações estrangeiras.

Depois, veio o dia de todas as esperanças, um 25 de abril (quase sem mortes e com cravos na ponta das espingardas) e eu, que vivia em Timor, esperei por ele que tardaria a chegar (teria ido de barco?) e jamais arribou.

A Europa cresceu, o sonho dessa europa unida medrou e ela cresceu descontroladamente, até ter mais olhos que barriga e ficar desesperadamente naquela palhaçada que hoje é. Por toda a parte, uma após outra as ditaduras iam sendo aniquiladas e substituídas por vários modelos de democracia onde alegadamente o povo e a sua vontade eram representados em parlamentos. Com a queda do Muro de Berlim e o glasnost a dar lugar a uma nova Rússia todos acreditamos que sonhar era isto, quando esses sonhos se tornavam realidade até na América Latina e América do Sul. Já então, o neoliberalismo da nova ordem mundial tinha disseminado as suas sementes com a Thatcher e o Ronald Reagan, mas nós não sabíamos que isso iria perverter todo o ocidente. Lentamente, nestes últimos vinte anos assistimos a um constante retrocesso nas conquistas dos direitos fundamentais da humanidade, de igualdade, solidariedade e justiça. Mais do que nunca as democracias estão a ser manipuladas criando uma aparência de vontade popular através do voto universal, mas sendo, na prática, substituídas por autocracias da Rússia aos EUA passando pela Venezuela e dezenas de países, sem falar daqueles onde as escolhas democráticas foram substituídas por nomeações da grande e anónima banca internacional, do grande capital do petróleo às farmacêuticas que tudo controlam. Isto num mundo em que a verdade é ficção e a ficção é a neoverdade.

Ainda há dias a ler Umberto Eco, *O Cemitério de Praga*, me apercebi de que como isto sempre aconteceu sem nos darmos conta. Entretanto, países que se habituaram a mandar e a serem os xerifes do universo, como os EUA (em substituição dos decadentes grandes impérios que duas grandes guerras aniquilaram) continuam a inventar invasões, primaveras políticas, depondo ditadores ou democratas a seu bel-prazer. Dir-me-ão que a democracia ainda é o menos mau dos sistemas (como primeiro afirmou Winston Churchill). Claro que uma democracia é a pior forma de governança, salvo todas as outras alternativas, e não adianta chorar sobre os defeitos da democracia: a corrupção dos políticos de todas as cores, o nepotismo, os arranjinhos parlamentares (ora agora mamás tu, ora logo mamó eu, etc. Há algo que sempre afirmei e reitero, mesmo que já não sirva para grande coisa, o 25 de abril trouxe-me o bem mais precioso: a liberdade de expressão, a mim que sou um individualista nato e jamais conseguiria viver numa autocracia. Dantes, os países

democráticos tinham eleições os outros não (nem mesmo as mascaradas eleições do partido único em Portugal o ocultavam). Hoje assistimos a um novo e preocupante paradigma, a semi-democracia onde existe a aparência de uma verdadeira democracia com eleições e tudo o mais, mas onde a realidade não está representada, com resultados viciados, roubo descarado de votos e tanta manipulação que o resultado é a via autocrática transvestida de democracia oca. O que temos assistido nas últimas décadas é um ataque à democracia, e são as próprias instituições europeias quem mais tem atrofiado o funcionamento dos sistemas democráticos. A democracia é uma planta muito frágil que precisa de ser regada diariamente. Como escrevia em 2015 Elísio Estanque¹⁴⁸

Por um lado, são os poderes económicos de um capitalismo desenfreado, rendido à força do mercado e do dinheiro e aos múltiplos interesses que à sua sombra se expandem, mortalmente lesivos dos princípios democráticos. Financiamentos ilegais de campanhas eleitorais, promoção de testas de ferro, candidatos fantoches, quadros e dirigentes ao serviço de esquemas dominados pela corrupção, etc., são exemplos de que o vírus cancerígeno da democracia tudo subverte. Por outro lado, são as próprias estruturas partidárias que, na sua obsessão pelo poder, alimentam as mais perversas ligações e oligarquias na defesa das suas negociatas, reprimem o contraditório e combatem o debate democrático interno, que são a essência da democracia política.

O exemplo de uma semi-democracia, semi-autonómica, é bem visível nos Açores onde existe um parlamento regional e alguma teórica liberdade de escolha, mas onde todas as decisões relevantes para o povo açoriano são definidas em Lisboa pelo governo central, ao atropelo e revelia das normas autonómicas, com a cumplicidade das forças no poder. O povo, que até nem é totalmente ignorante, vota com os pés (isto é, abstendo-se) ou vota a favor dos que o mantêm subsidiodependente, num ciclo vicioso que se define assim: vota em mim e recebes apoios, não votas e desenrascas-te sozinho contra uma malha burocrática que te vai aniquilar.

As vozes independentes, são poucas e raras e vão sendo silenciadas sem lugar a destaque nos meios de comunicação totalmente silenciados numa onda de autocensura que lhes permita sobreviver. Estamos a caminho da autocracia, mas ainda com a manta diáfana da aparência democrática. Infelizmente, o pior ainda está para chegar. O nacionalismo e a xenofobia chegam ao poder com o voto do povo, a Democracia, de que Churchill dizia ser o menos mau de todos os sistemas conhecidos.

E até mesmo eu, que sempre me considerei um otimista nato, tenho demasiadas dúvidas, rodeado como estou por autómatos não-pensantes, obcecados com os pequenos ecrãs dos seus smartphones e impérvios aos atropelos à dignidade, equidade e justiça que acontecem em volta como se pode ver nesta imagem do Titanic a afundar-se e os naufragos a tirarem "selfies". Possa eu continuar a falar em casa e na rua, sem medos persecutórios, mesmo que as minhas palavras já não cheguem a muitos nem sejam lidas, e isso já me contentaria nestes dias difíceis que se avizinham. Quando essa liberdade se perder, de facto só terei de me conformar e aceitar que me implantem um "chip" para o meu próprio bem tal como nem George Orwell (1984 e o Triunfo dos Porcos) nem Aldous Huxley (Admirável Mundo Novo) conseguiram imaginar.



CRÓNICA 180 TURISMO, ESTACIONAMENTO, SHUTTLE, LIXO, RATAZANAS E CORTESIA 16 AGO 2017

A qualquer ponto da ilha de São Miguel onde se vá, encontra-se lixo e mais lixo e contentores a abarrotar...então ninguém pensou em alterar o esquema de recolha de lixo face ao aumento de pessoas, na ilha, nas praias, nos locais e miradouros turísticos....? hoje à noite na Praia dos Moinhos em Porto Formoso o lixo amontoado servia de péssimo cartão de visita a quem nos visita...na ribeira ao lado havia ratazanas de tamanho bem nutrido a condizer com um anúncio que há meses anuncia uma desratização da ribeira (só se for no cartaz ..).

... estacionamento por toda a parte, os parques não chegam, não há transportes coletivos, e os caçadores de votos não veem isto???? ... eu vi e continuarei a ver....e a alertar.

... criem depressa um serviço de "shuttle" = minibus (de 10, 15 ou 20 lugares) da Ribeira Grande e de Ponta Delgada para os miradouros e locais de mais turismo como a Lagoa do Fogo, Vista do Rei, Caldeiras, Caldeira Velha, etc....a um preço simbólico de 50 cêntimos. Façam viagens de 15 em 15 ou de 30 em 30 minutos nos meses de junho a setembro, e mais espaçados no resto do ano. Proibam os grandes autocarros de irem a esses locais. Depois fiscalizem e implementem uma luta sem cartel ao estacionamento selvagem (não multem, reboquem os carros da estrada como se faz nos países mais civilizados), mas criem alternativas, sem aumentar o número de estacionamentos permitidos, sem criarem novas obras, sem estragar a paisagem. O investimento é pequeno e os resultados seriam excelentes.

Quanto ao lixo mudem a rotina que até pode funcionar nos meses mais calmos, mas nos de maior afluência de gente dão uma péssima imagem da ilha aos que nos visitam (e que queremos nos continuem a visitar). Façam recolhas diárias ou bidiárias nos locais de mais afluência, estabeleçam novos contratos mais flexíveis (isto não é ciência atómica, mero senso comum de quem nada sabe sobre o assunto). Intensifiquem as campanhas nas escolas e nas comunidades para não deitarem lixo para o chão, mas – simultaneamente – coloquem papeleiras e cinzeiros de 50 em 50 metros nas cidades, nas vilas e freguesias. Nos vários Fóruns (Fora) sobre os Açores leio diariamente preocupações semelhantes e sugestões...o turismo das companhias aéreas de baixo custo já cá está há uns meses largos, já houve tempo mais do que suficiente para uma atitude do GRA (governo da região) encarar soluções para uma afluência para a qual nem a ilha, nem a restauração,

¹⁴⁸ In <http://saladeimprensa.ces.uc.pt/index.php?col=opinioao&id=12516#.WY7w6FFJbs0>

nem demais estruturas estavam preparadas.... Não nomeiem comissões para estudar o problema, vejam o que se faz noutras cidades (lá fora) e como resolveram estes problemas e copiem (não precisam reinventar a roda) ...

Uma última nota, mas esta muito urgente, gastem uns milhões a obrigar toda a gente na restauração a frequentar um curso (intensivo, mas essencial) de práticas de hotelaria, pois as pessoas (turistas) que atendem são as mesmas que garantem o seu salário no fim do mês. Os clientes são os seus verdadeiros patrões... mantenham as mesas limpas, esvaziem os cinzeiros e lavem-nos, nas zonas de fumadores. Não atendam as pessoas como se estivessem a fazer um frete, ajudem as pessoas a escolher os menus, sirvam a água com copos em vez de oferecerem garrafas sem copos ou perguntarem – na melhor das hipóteses “quer copo?”. Não precisam ser servís, mas cortesões...educados... hospitaleiros...o resto a natureza já nos deu.

CRÓNICA 181. DO TERROR AO MEDO, 18/8/17

Ontem houve mais um atentado em Barcelona pelo método mais económico de atropelamento e fuga. O oitavo caso semelhante num ano.

Na viatura foi encontrada documentação, como se propositadamente se deixasse uma pista sobre os autores, ou como se estes fossem inexperientes terroristas que deixavam a foto e nome atrás para serem rapidamente encontrados. Ou teria sido o documento “plantado”? ou teria sido o ataque orquestrado para infundir o medo aos catalães em vésperas duma decisão sobre o seu futuro e independência? O dono do documento encontrado apresentou-se logo à polícia a “milhas de distância” alegando não ser ele.

Depois surgem os problemas da nacionalidade “islâmica” espanhola duma colónia no norte de África ou francês? Será que os serviços competentes não distinguem nos seus registos a nacionalidade do dono do documento?

As forças de segurança espanholas identificaram Moussa Oukabir, irmão de um dos homens detidos na sequência do atentado de quinta-feira, em Barcelona, como o alegado autor do ataque, disseram à Efe fontes policiais. A polícia catalã já deteve três suspeitos de envolvimento no ataque e um outro suposto autor do atentado foi encontrado morto em Sant Just Desvern, em Baix Llobregat, a 12 quilómetros de Barcelona, depois de uma troca de tiros com a polícia catalã, após ter forçado a passagem de um controlo policial e ter atropelado uma polícia. Um dos dois suspeitos, do ataque nas Ramblas, detidos pela polícia foi inicialmente identificado como Driss Oukabir, um homem de 28 anos. Mais tarde, um homem com o mesmo nome apresentou-se numa esquadra em Girona, a mais de 100 km do local do atropelamento afirmando que lhe foi roubada a identificação. De acordo com a imprensa espanhola, poderá ter sido o irmão, Moussa Oukabir, um jovem de 18 anos que vive em Barcelona. Depois, umas horas mais tarde surgiu a notícia vaga e imprecisa sobre 4 ou 5 alegados terroristas abatidos, com cintos de explosivos, a mais de cem quilómetros de Barcelona (em Cambrils)

Então e os cintos não explodiram? Que principiantes de terroristas são estes? E o Daesh reivindicou logo o atentado (claro, é boa propaganda gratuita) ...Autoridades policiais informaram que os terroristas de Cambrils transportavam cintos de explosivos falsos. Para quê, meter medo a quem passava (mas nem é Carnaval).

Os homens, antes de serem abatidos, ainda atropelaram várias pessoas na rua. Mas atropelaram quem, onde, como? Quantas vítimas? Ou o atropelamento também era falso?

Que houve mortos (14) e muitos feridos (100) não tenho dúvidas (Há um total de 88 feridos internados em várias unidades hospitalares: 15 em estado muito grave, 23 com gravidade média e 50 com ferimentos ligeiros), sobre o resto não tenho certeza nenhuma, a não ser de que isto daria uma excelente oportunidade para o governo bourbónico de Madrid colocar as suas unidades militares e paramilitares na Catalunha em prevenção terrorista durante o ato eleitoral. Em breve veremos Catalunha tomada pela polícia espanhola e uma forte campanha de islamofobia que fará levitar do chão a direita espanholista lá. Não era bem para inspirar medo, mas para dar mais “segurança” à população. Uma zona ténue onde nunca se sabe onde termina o terror e começa o medo. As notícias são feitas para esse efeito duplo. Vem nos manuais do Tio Sam. Entretanto prenderam mais gente, agora em Ripoli, a 96 km a norte de Barcelona, como suspeitos.

Recapitulemos, o DAESH foi inventado e criado e armado e apoiado pelos EUA para outros fins mais relacionados com as pretensas “primaveras árabes” que nunca floriram. E agora – a mando de quem ??? – anda o DAESH a atacar gente na Europa? A única razão é aumentar a islamofobia preconizada por Donald Trump como o grande inimigo dos EUA, embora muitos atentados não tenham sido cometidos por islâmicos... A NATO (OTAN) além dos exércitos, tem serviços de inteligência e comandos especiais de «ação interna» dentro dos países membros, as eleições são manipuláveis e os votantes mudam a sua intenção de voto influenciada por estes eventos. Começa-se pelo terror e morte e daí passa-se ao medo que a todos condiciona, direta ou indiretamente. E estes ataques irão continuar, aqui e ai, sempre que haja eleições ou a necessidade de mudar algo.

Ou será que vez ando a ver teorias da conspiração onde elas existem?

CRÓNICA 182 -VENDO O MEU VOTO AUTÁRQUICO A QUEM CUMPRIR ESTAS 12 PROMESSAS PARA A LOMBA DA MAIA 2017-2021 (24/8/2017)

Negociar com o governo regional a reabilitação da estrada Lombinha – Maia
Aumentar a frequência das carreiras da CRP (mesmo que para isso se utilizassem autocarros mais pequenos, mas mais frequentes)
Recuperar os moinhos da viola (trilho da praia da) e dar-lhes uma utilização comunitária
Criar um centro permanente do linho, usando programas de apoio para empregar jovens a aprenderem os velhos processos e comercializarem os seus produtos
Abrir posto dos CTT na Lomba da Maia
Criar A.L. (alojamento local) na freguesia,
Oferecer incentivo para a recuperação de moradias devolutas e em ruínas
Dinamizar atividades dos grupos jovens e apoiar a sua participação em eventos

Aumentar os locais de estacionamento gratuito nas ruas da freguesia
 Criar posto de turismo e centro de interpretação para os trilhos da praia da viola (Promover o conhecimento e inventariação do património material e imaterial. Investigação da história da freguesia)
 Criar balneários na praia da viola e lutar pela bandeira azul e nadador-salvador
 Campanha de sensibilização de higiene urbana: promover em toda a população civismo perante o lixo, aumentando papeleiras e cinzeiros nas vias principais e separação do lixo com oferta de recipientes triplos a todos os habitantes.

CRÓNICA 183 DA FORMAÇÃO ILEGAL DO REINO À COMPRA DE DIPLOMAS 24 SETº 2017

Hoje agitaram-se as gaitas, os apitos, as buzinas e outros instrumentos de tortura auditiva quando uma enorme caravana de mais de cem viaturas resolveu passar pelas ruas da aldeia (já sei, preferem chamar Freguesia à aldeia, por aldeia ser uma coisa pequena e do passado...). Falta uma semana para as eleições autárquicas e o que vi na TV, dos debates nas cidades e vilas das 9 ilhas, assusta. O nível intelectual e comunicacional da maioria dos candidatos (não-eleitos) é confrangedor. Dito assim, será melhor clarificar, alguns deles (não cito nomes) nem se percebe o que querem, o que pretendem, o que querem comunicar, o que pretendem fazer. Um mancha de palavras atiradas ao vento a ver se polinizam. Mas devem ter, todos, acesso a contas em paraísos fiscais para realizarem as obras que ameaçam construir se forme eleitos.

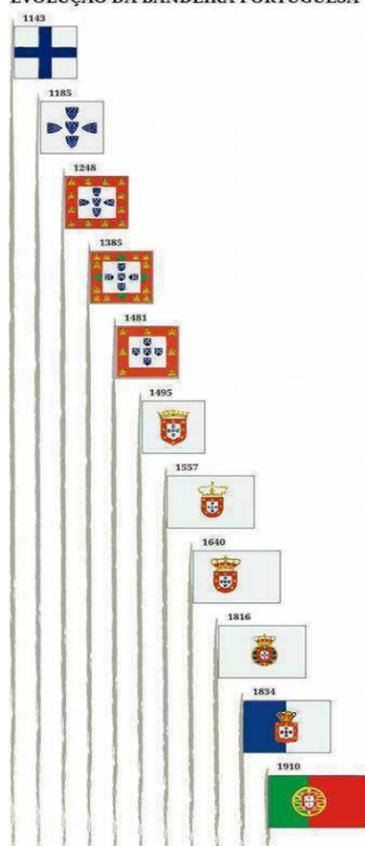
Mais aguerrida está a situação marcada para a mesma data de 1 de outubro na Catalunha num referendo que o estado bourbónico pretende ilegalizar, por todos os meios, legais, ilegais, coação, coerção, etc. O argumento de que mais gosto diz respeito à ilegalidade de se referendar a independência da Catalunha. Por isso, nunca pode ser independente nem realizar o referendo, dizem os de Madrid que atenta contra a unidade do estado espanhol. Eu sei que não estudam história, mas deviam lembrar-se de que perderam Portugal em 1 de dezembro de 1640 quando deslocaram todas as tropas para a Catalunha não se autonomizar. Felizmente ainda não se lembraram de repor a verdade histórica reintegrando Portugal no seio da nação unitária espanhola, com base na ilegalidade de Afonso Henriques ao declarar a independência unilateralmente à revelia de Leão (na altura, o estado nem era Espanha nem era unitário). Pode ser que ainda se venham lembrar de anexar Portugal para compensar a perda a Catalunha pois com a campanha de ilegalidades que o governo espanhol está a cometer, se a maioria dos catalães não queria ser independente, a partir de agora vai passar a querer. Como já houve há menos de cem anos uma guerra civil espanhola, tudo está composto para nova guerra, perante a passividade da EU. Nem consigo imaginar como isto pode acabar bem... pois os condimentos para acabar mal estão lá todos.

E por último, uma certeza de que há muito suspeitava. Há cursos e diplomas que são comprados por tuta e meia. Ontem de tarde, uma jovem, alegadamente moradora na Lomba da Maia, bateu à nossa porta a pedir para falar com um dos professores. Resumidamente o que ela queria era pagar para um de nós lhe fazer uma prova escrita de avaliação que tinha de apresentar para ter o 12º ano do ensino profissionalizante ou idêntico. Ficou admirada com a nossa rejeição e dizia, mas eu pago, eu pago. Nem nos demos ao trabalho de saber se queria pagar 5, 10 ou 20 euros pelo trabalho, enquanto ela insistia que todos os outros faziam isso e que ela não sabia pôr em palavras dela as respostas ao teste. Não sei a que porta foi bater a seguir, (há mais professores na Lomba) mas sei que há mais alguém que vai tirar um canudo por trabalhos que não fez e um dia dirá que tem o 12º ano embora os seus conhecimentos não passem de uma 4ª classe na designação antiga do 4º ano de escolaridade.

Nem comento mais.

CRÓNICA 184. CELEBRAR O 5 DE OUTUBRO SEM ESQUECER O 1º DE DEZEMBRO 5 OUTº 2017

EVOLUÇÃO DA BANDEIRA PORTUGUESA



E como hoje andam todos a celebrar o desastre de 1 de dezembro de 1640 eu resolvi recordar que o jovem Miguel da Paz nascido em 1499 tinha sido Rei de Portugal e de Espanha se não morresse ao fim de dois anos. É verdade amigos, como são interessantes os "pequenos detalhes" da História, que vieram legalizar de pleno direito a sucessão de Filipe II de Espanha ao trono de Portugal em 1580, por morte sem descendência do herdeiro varão o cardeal D. Henrique com 68 anos, 9º filho do rei D. Manuel I. A candidatura de Filipe é fortíssima e praticamente indiscutível, já que resultava do casamento da filha terceira de D. Manuel I, com Carlos V (I de Espanha), pai do "nosso" Filipe. Os tais detalhes da vida que determinam o curso da História... Paradoxalmente algum tempo antes desse acontecimento a situação poderia ter sido de certo modo invertida, unificando as coroas ibéricas "para o nosso lado" *, pois em 1499 um menino chamado Miguel da Paz, primeiro

filho de D. Manuel I com Isabel, filha dos Reis católicos, foi proclamado herdeiro das coroas de Portugal e de Espanha. Só que morreu com 2 anos.

Há quem tenha saudades dos espanhóis, há quem tenha saudades do Salazar e ainda há quem tenha saudades do sonho chamado 25 de abril.

Quem me garante que éramos melhor como província espanhola do que independentes?

Quem me garante que não seríamos hoje uma célula independentista como as da ETA?

Quem me garante que teríamos aqueles magníficos jogadores de futebol? Eusébio nunca teria existido...Figo não era um "pesetero" e Deco não tinha necessidade de arranjar outra nacionalidade porque como o Brasil tinha ficado espanhol ele ia jogar pela Argentina... São conjecturas apropriadas de ler num dia destes,

Relembremos o que em 2009, escrevi sobre o tema: **CRÓNICA 77 – DO IBERISMO AO 1º DE DEZEMBRO - 22-30 novembro 2009**

Gostava de ter algumas réstias do meu sempiterno otimismo, mas a minha reserva desoladamente está no seu nível mínimo desde há duas décadas. Mas quando a chuva cai dentro de casa e alaga o chão ou os móveis como se não houvesse teto, ano após ano, tenho de decididamente assumir que estas construções são de péssima qualidade e estes "mestres" de construção não passam de biscateiros incapazes de fazerem uma obra como deve ser. Mas se vou a um restaurante o resultado é similar com um serviço deficiente a preços de luxo. Se vou a um mecânico automóvel idem aspas. Ou na saúde, na justiça, na ignorância santa dos novos professores e seus alunos, na incompetência dos que governam e mandam. É esta a tradição e não é de hoje, vem de há muitos anos como constatei ao traduzir este parágrafo:

Desde há muito também que se sabe da vinda dos Templários às terras da antiga Lusitânia em 1126, recebendo em doação os terrenos da Fonte Arcada [Póvoa de Lanhoso], por Dona Teresa, mãe de Afonso D. Henriques, sendo seu mestre Guilherme Ricardo.

Dona Teresa também lhes doara o castelo de Soure como primeiro fasto da Ordem. A investida mourisca contra este posto avançado dos cristãos de Coimbra no ano de 1144, foi o grande batismo de guerra dos cavaleiros templários que, então, já haviam transformado esta velha ruína numa fortaleza.

Dizia-se que na convicção templária: «a morte era, de facto, mais bela que a vida comprada com a cobardia». É precisamente este o sentido da divisa ainda hoje utilizada pelos açorianos, que a inscreveram no seu brasão.

Nela é citada a célebre frase de Cipião de Figueiredo e Vasconcelos), conde da vila de São Sebastião (por D. António I) distinguiu-se como corregedor dos Açores durante a crise de sucessão de 1580, tendo governado o arquipélago durante o período conturbado que se seguiu à aclamação nas ilhas de D. António, Prior do Crato como rei de Portugal.

Enquanto a Terceira e as ilhas próximas resistiram ao assalto dos espanhóis à Coroa portuguesa, São Miguel franqueou-lhes a entrada. Estas diferenças tinham que ver essencialmente com o facto de o Corregedor Cipião de Figueiredo estar sediado em Angra. Fiel apoiante de D. António Prior do Crato, terá proferido a frase «MAIS VALE MORRER LIVRES DO QUE EM PAZ SUJEITOS».

Por outro lado, a capitania de S. Miguel estava na mão da influente família Gonçalves da Câmara. Além disso, residia nessa altura em São Miguel o Bispo dos Açores, D. Pedro de Castilho, fiel a Filipe II. Além de outros cargos, viria a ser Vice-Rei de Portugal em paga da sua fidelidade à causa castelhana. Mais tarde, o Capitão do Donatário de São Miguel receberia o título de Conde de Vila Franca.

A ele se deve a fortificação e organização da defesa da ilha Terceira que levou à vitória na batalha da Salga.

Foi ele que se negou a entregar os Açores ao poder espanhol, preferindo morrer a favor do Prior do Crato, o último monarca da ímpar dinastia de Avis.

Será simples coincidência de convicção, ou serão mesmo os Açores um dos últimos refúgios da mente templária?

Também em Portugal abundam os que querem fazer esquecer o terror do domínio castelhano e se apressam a entregar o país ao vizinho ibérico. Tal como Miguel Urbano Rodrigues escrevia há apenas três anos:

Os iberistas, ao esboçarem uma Espanha plerórica de energias, de progresso e criatividade, simulam esquecer que o país exibe a mais alta taxa de desemprego da União Europeia anterior ao alargamento. Não aludem sequer ao racismo e à xenofobia que fazem hoje da pátria de Cervantes um dos países europeus onde os imigrantes, sobretudo os magrebinos e os equatorianos e colombianos, são mais discriminados.

Preferem discorrer sobre a localização da capital de uma Ibéria unida, a estrutura institucional do Estado - Federação ou simples transformação de Portugal em mais uma Região Autónoma - e, o papel do Rei D Juan Carlos de Bourbon. ...

Nas peculiaridades que diferenciam e aproximam portugueses e espanhóis fala-se do bacalhau, do fado, do flamenco, de marialvas e senhoritos, dos dois idiomas, ... longe de serem «muito parecidos», portugueses e espanhóis distanciaram-se progressivamente, exibindo atitudes quase antagónicas.

Trabalham a horas diferentes, transformam o culto do aperitivo num instrumento de convívio, comem a horas diferentes.

O ruído é ali componente da vida, do conceito dos lazeres.

Outra omissão é a falta de referências à colonização económica de Portugal pela Espanha. O processo em curso é avassalador.

Há três décadas a Espanha não existia praticamente como parceiro comercial de Portugal. Hoje ocupa o primeiro lugar nas importações portuguesas.

A invasão do capital espanhol é diluviana. A banca espanhola conquistou uma parcela importante do mercado português.

O mesmo ocorre com a hotelaria e as grandes transnacionais como El Corte Inglés e Zara. As imobiliárias espanholas invadem as cidades, do Minho ao Algarve.

O processo de colonização pacífica, no âmbito do funcionamento do mercado, assume facetas particularmente alarmantes no Alentejo onde capitalistas espanhóis compraram já as melhores terras no perímetro do Alqueva.

Adquiriram milhares de hectares para criação de porcos, instalação de lagares e plantação de oliveiras e vinhas.

Essa invasão do capital espanhol é obviamente festejada pelo Governo de Sócrates e pela grande burguesia como muito positiva. Saúdam os investidores espanhóis como empresários agentes do progresso. Agradecem.

Com a espontaneidade da nobreza de 1383 a saudar D João De Castela e a nobreza de 1580 a alinhar com Filipe II. Essa forma de dominação económica encobre, afinal, uma modalidade de intervenção imperial.

Miguel Urbano Rodrigues, in "Alentejo Popular" (Beja) 02-11-06

Portugal atingiu uma tal irrelevância internacional que ninguém se surpreenderia se fosse uma dependência espanhola, como se de um banco se tratasse e estivéssemos a falar de abrir um escritório na faixa litoral já que o interior está desertificado de gentes e de economias de mercado viáveis. Por outro lado, despontam a nível governamental várias iniciativas de união ibérica, nem sempre dissimuladas, que pessoalmente me causam engulhos. Porque é um profundo estudioso do assunto e condensou aquilo que se pretende aqui dizer, iremos seguir em duas ou três páginas o que Carlos Fontes escreveu na sua página Lusotopias:

<http://lusotopia.no.sapo.pt/indexPTmortedeiberistas.html>

O iberismo é um fenómeno típico do século XIX, que emergiu em Portugal e em Espanha, como resposta à teoria das grandes nações então em voga na Europa.

Segundo os seus defensores as pequenas estariam condenadas a serem absorvidas pelas grandes, tal como teria acontecido entre os animais onde os mais fortes extinguiram os mais fracos (teoria darwinista).

O iberismo emerge na sociedade portuguesa como uma manifestação patológica de indivíduos que num dado momento sofreram uma forte influência espanhola ou se assumiram como agentes de interesses espanhóis. Sempre que a situação é melhor no outro lado da fronteira, a integração de Portugal em Espanha surge aos olhos dos iberistas como a solução para resolver a crise, sem trabalho.

Os portugueses consideram os iberistas como elementos degenerados de um povo orgulhoso da sua história e identidade cultural.

A sua atuação em cerca de 9 séculos de História traduziu-se sempre em divisões e conflitos que degeneraram em guerras civis, com um cortejo interminável de mortes.

Alguns assassinatos de iberistas ficaram célebres na História de Portugal. A morte dos iberistas era entendida como um ato de defesa de valores que consideravam fundamentais - dignidade, identidade cultural e liberdade -, mas também uma manifestação de respeito por si próprios.

Um povo que não se respeita a si próprio, nunca será respeitado por outros. Ora, o iberista sempre manifestou um profundo desprezo pela dignidade e liberdade do povo português, agindo de modo a destruir a comunidade que o viu nascer.

É por isso que as razões que os portugueses apresentaram para justificar a morte dos iberistas são em tudo idênticas às apresentadas depois da IIª. Guerra Mundial (1939-1945), para a condenação à morte de nazis e fascistas...existem princípios que não podem ser transgredidos, nomeadamente o respeito que todos os seres humanos merecem na sua dignidade, identidade e liberdade.

As mortes de dois iberistas assumiram uma enorme carga simbólica na história portuguesa, sendo continuamente evocadas: a morte do Conde Andeiro e a de Miguel de Vasconcelos. A morte do Conde de Andeiro, fidalgo galego, foi assumida como o símbolo de liberdade de um povo que recusa as ingerências externas e os jogos palacianos para lhes imporem o que não quer.

Este iberista, um típico traidor castelhano, participou em diversas conspirações ao serviço de Portugal e de Inglaterra. Em Lisboa, acabou por ascender a uma elevada posição na corte, tendo recebido de D. Fernando o título de Conde de Ourém, pondo-se durante a crise de 1383-85, ao serviço de Castela.

Foi assassinado, a 6 de dezembro de 1383, por D. João, mestre de Avis e futuro rei de Portugal.

A sua nefasta ação e de outros esbirros traduziu-se numa violenta guerra civil que só terminou quando os portugueses exterminaram os aliados de Castela.

A morte de Miguel de Vasconcelos exprime simbolicamente a afirmação da identidade cultural de um povo, cuja forte individualidade saiu reforçada após uma opressão de 60 anos.

Este secretário do governo espanhol, ficou tristemente célebre pelo ódio que nutria pelos seus concidadãos.

Em 1634 tentaram-no matar pela primeira vez. Se o tivessem feito, muitas vidas teriam sido provavelmente poupadas. Na manhã de 1 de dezembro de 1640, quando os portugueses restauraram a independência de Portugal, foi o primeiro a ser morto.

A ação destes iberistas, entre 1580 e 1640, traduziu-se numa brutal opressão da população portuguesa. Após a morte deste esbirro, o povo português travou com a Espanha, durante 28 anos, uma sangrenta guerra na Europa e na América do Sul pela defesa da sua liberdade e dignidade.

Ora bem, como hoje em dia ninguém estuda História, episódios como este perdem a sua força e não são transmitidos de geração para geração, perdendo-se a memória coletiva do povo."

Continuo a fazer minhas as palavras de Carlos Fontes:

Nas duas últimas décadas, órgãos de comunicação social, em Portugal, usando da liberdade de expressão própria de um regime democrático, têm procurado de forma sistemática abrir fraturas na sociedade, aproveitando momentos particularmente difíceis do país. As personagens são quase sempre as mesmas, ligadas a interesses obscuros e grupos económicos espanhóis. O seu objetivo é simples:

1. Mostrar através de "sondagens" encomendadas ou "discussões" públicas que na sociedade portuguesa existe um grupo de iberistas, cujo objetivo é a dissolução do Estado português;

2. Dar "voz" à hipotética minoria iberista portuguesa. Ao mesmo tempo, a imprensa espanhola mostra a aceitação à possível integração.

3. Os supostos iberistas não constituem qualquer corrente de opinião, muito menos são um movimento organizado.

A imprensa afeta aos interesses espanhóis trabalha no terreno das hipóteses...descarada tentativa de desestabilizar a sociedade portuguesa, introduzindo elementos de discórdia e desmoralização coletiva.

Oliveira Martins (1845-1894) é o melhor exemplo dos esbirros iberistas. É difícil de determinar a causa do profundo ódio que manifestava pelos seus concidadãos e o país. Ao contrário de outros, não foi um iberista de circunstância, mas manteve um percurso político coerente com esta aberração.

Antero de Quental, em 1869 era um confesso iberista, dois anos depois já nem fala no assunto, e mais tarde abomina semelhante ideia.

Algo idêntico ocorreu com Teófilo Braga.

Oliveira Martins foi um típico vira-casaca: anarquista (Proudhoniano), socialista, republicano, monárquico, liberal, antiliberal. Defendeu a liberdade, mas também a ditadura. Atacou os ditadores, mas apoiou João Franco. É apontado como um dos introdutores das ideias socialistas em Portugal, mas também como um profascista. Muitas das suas ideias foram aplicadas por ditadores como Sidónio Pais ou Oliveira Salazar.

Tirando partido da crescente debilidade mental de Saramago, o "Diário de Notícias" (15 de julho de 2007), relançou a questão do iberismo. Este velho comunista, a viver em Espanha afirma que em breve Portugal irá transformar-se numa das suas províncias, não porque os portugueses o queiram, mas porque é melhor para eles. Quem o diz é este adulator de ditadores como Estaline, Ceausescu ou Fidel de Castro.

Como sempre, outros jornais trataram de fazer eco deste insulto ao povo português. Uma educação salazarenta, 45 anos no PCP e 14 em Espanha, a que se juntou o casamento com uma espanhola foram a receita ideal para produzirem um típico iberista.

Para consubstanciar a ação, Saramago cria uma Fundação cujo objetivo será promover a contestação pública em Portugal, tendo à sua frente uma espanhola....

Três dias depois, uma jornalista da agência de notícias espanhola EFE, aproveita para promover a discussão do iberismo em torno das afirmações de Saramago. O alvo foi o presidente Cavaco Silva que se limita a afirmar que a união entre Portugal e a Espanha era uma "hipótese absurda".

Durante as eleições legislativas de setembro de 2009 - a TVI -, um canal de televisão português controlado por espanhóis interferiu diretamente na campanha eleitoral, lançando a suspeita de uma possível interferência do governo português na comunicação social. Sem qualquer respeito pelas leis de Portugal, a administração resolveu afastar a "jornalista" (Manuela Moura Guedes) que desde 2008 promovia uma campanha de propaganda contra o governo socialista. Ao contrário do que se procurou fazer crer, não se tratou do apoio dos espanhóis a um qualquer partido político. Estamos perante um canal de televisão onde a propaganda pró-espanhola é constante, e onde os noticiários e a maioria dos programas possuem um objetivo muito claro: desestabilizar a sociedade portuguesa, fomentando os conflitos sociais e denegrindo internamente a autoestima da população. Não deixa de ser curioso constatar que, enquanto estes factos ocorriam, a comunicação social espanhola procurava lançar nova campanha em defesa das teses iberistas, apoiada numa "sondagem" realizada pela Universidade de Salamanca, com a colaboração de alienados no ISCTE (Lisboa).

A razão por que escolhi este tema para a Crónica de hoje é a data que ora se celebra, o dia da Restauração da Independência de 1 de dezembro de 1640, para que os mais jovens nunca o esqueçam e o deixem de tratar como um dia em que se não trabalha ou não há aulas. Infelizmente, é para a maioria, um dia como outro qualquer aqui nos Açores, sem que o povo se dê conta do seu significado:

"...arrebatados do generoso impulso, saíram todos das carroças e avançaram ao paço. Neste tempo andava D. Miguel de Almeida, venerável e brioso, com a espada na mão gritando: — Liberdade, portugueses! Viva El-Rei D. João, o Quarto!"

A ideia de nacionalidade esteve por trás da restauração da independência plena de Portugal após 60 anos de monarquia dualista. Cinco séculos de governo próprio haviam forjado a nação, fortalecendo-a a rejeitar qualquer união com o país vizinho.

A independência fora sempre um desafio a Castela e uma vontade de não ser confundido com ela. Entre os dois estados foram sucessivas e acerbadas as guerras, as únicas que Portugal realmente travou na Europa.

Para a maioria dos Portugueses, os Habsburgo eram usurpadores, os Espanhóis inimigos e os seus partidários, traidores. Culturalmente, avançara depressa a castelhanização do País de 1580 a 1640. Autores e artistas gravitavam na corte espanhola, fixavam residência, aceitavam padrões espanhóis e escreviam cada vez mais em castelhano, contribuindo para a riqueza do teatro, da música ou da arte pictórica espanholas.

Dão a impressão errada de decadência cultural após 1580.

A perda da individualidade cultural era sentida por muitos portugueses, com reações diversas a favor da língua pátria e da sua expressão em termos de prosa e poesia. Contudo, os intelectuais sabiam perfeitamente que os seus esforços seriam vão sem a recuperação da independência política.

Economicamente, a situação piorara desde 1620 ou até antes. Muitas razões que justificavam a união das coroas ficaram ultrapassadas.

O Império Português atravessava uma crise com a entrada em jogo de holandeses e ingleses. Perdera o monopólio comercial (Ásia, África e Brasil) e a Coroa, a nobreza, o clero e a burguesia haviam sofrido severos cortes de receitas.

Os Espanhóis reagiam contra a presença portuguesa nos seus territórios, mediante vários processos, entre os quais a Inquisição. Isso suscitou grande animosidade nacionalista em Portugal aprofundando o fosso já cavado entre os países. D. Margarida, duquesa de Mântua, neta de Filipe II, exerceu o governo de Portugal, de 1634 a 1640, com autoridade de vice-rei e capitão-general.

A situação económica estava longe de brilhante. Os produtores sofriam com a queda dos preços do trigo, azeite e carvão. A crise afetava as classes baixas, cuja pobreza aumentou sem disfarces.

O agravamento dos impostos tornava a situação pior. Para explicar os tempos difíceis e apaziguar o descontentamento geral, a solução apresentava-se fácil e óbvia: a Espanha, causa de todos os males.

A conspiração a favor da independência congregava um grupo heterogéneo de nobres, clientes e funcionários da Casa de Bragança e elementos do alto e baixo clero.

Em novembro de 1640 conseguiram o apoio formal do duque de Bragança. Na manhã do 1º de dezembro, um grupo de nobres atacou a sede do governo em Lisboa (Paço da Ribeira), prendeu a duquesa de Mântua e matou ou feriu membros da guarnição militar e funcionários, entre os quais o Secretário de Estado, Miguel de Vasconcelos.

Seguidamente, os revoltosos percorreram a cidade, aclamando o novo estado, secundados pelo entusiasmo popular. Por todo o Portugal, metropolitano e ultramarino, as notícias da mudança do regime e do novo juramento de fidelidade foram recebidas e obedecidas sem qualquer dúvida.

Apenas Ceuta permaneceu fiel à causa de Filipe IV.

D. João IV entrou em Lisboa a 6 de dezembro. Proclamar a separação fora fácil. Mais difícil seria mantê-la. Tal como em 1580, os portugueses de 1640 estavam longe de unidos. As classes inferiores conservavam intacta a fé nacionalista aquiescendo a D. João IV, mas a nobreza, com laços familiares em Espanha, hesitou e só parte alinhou com o duque de Bragança. O mesmo se passou em relação ao clero.

O novo monarca não gozava de uma posição invejável. Do ponto de vista teórico, tornava-se necessário justificar a secessão: longe de figurar como usurpador, reaveria simplesmente aquilo que por direito legítimo lhe pertencia.

Abundante bibliografia (em Portugal e fora dele) a partir de 1640, procurou demonstrar os direitos reais do duque de Bragança.

Se o trono jamais estivera vago de direito, em 1580 ou 1640, não havia razões para eleição em cortes, o que retirava ao povo a importância que teria, fosse o trono declarado vacante.

Todo o reinado (1640-56) foi orientado por prioridades. Primeiro, a reorganização do aparelho militar, com reparação de fortalezas das linhas defensivas fronteiriças, fortalecimento das guarnições e obtenção de material e reforços no estrangeiro.

Paralelamente, uma intensa atividade diplomática nas cortes da Europa, para obter apoio militar e financeiro, negociar tratados de paz ou de tréguas, e conseguir o reconhecimento da Restauração, e a reconquista do império ultramarino.

A nível interno, a estabilidade dependeu, do aniquilamento de toda a dissensão a favor de Espanha.

A guerra da Restauração mobilizou todos os esforços que Portugal podia despender e absorveu enormes somas de dinheiro.

Pior, impediu o governo de conceder ajuda às frequentemente atacadas possessões ultramarinas. Mas, se o cerne do Império, na Ásia, teve de ser sacrificado, salvou a Metrópole de uma ocupação pelas forças espanholas.

Portugal não dispunha de um exército moderno, as suas forças eram escassas na fronteira terrestre, as suas coudelarias extintas, os seus melhores generais lutavam pela Espanha algures na Europa. Do lado português, isto explica por que motivo a guerra se limitou em geral a operações fronteiriças de pouca envergadura.

Do lado espanhol, é preciso lembrar que a Guerra dos Trinta Anos (até 1659) e a questão da Catalunha (até 1652) atrasavam ofensivas de vulto.

Regra geral, a guerra, que se prolongou por 28 anos, teve altos e baixos até se assinar o Tratado de Lisboa, em 13 de fevereiro de 1668, entre Afonso VI de Portugal e Carlos II de Espanha, em que este reconhece a independência do nosso País.¹⁴⁹

Hoje anda aí muita gente com passaporte português a celebrar o 1º de dezembro como se tivesse sido um desastre ou péssimo acontecimento. Esquecem que se tratou da reconquista da liberdade do povo e da nação subjugada pelo poder dinástico dos Filipes de Castela. Mais vale um povo pobre e livre do que rico na gaiola dourada com as cores do reino de Espanha. Assim dizem os galegos que se aproximam das origens portuguesas preservando língua e cultura. Por vezes, a memória dos homens é curta. Quase ninguém sabe nem evoca o jovem Miguel da Paz (nascido em 1499) que teria sido Rei de Portugal e de Espanha se não morresse aos dois anos.

É verdade, e infelizmente este "se" é desconhecido da maioria dos portugueses, clamem ou não pelo regresso ao trono espanhol. São deveras interessantes os "pequenos detalhes" da História, que vieram legalizar de pleno direito a sucessão de Filipe II ao trono de Portugal (1580), por morte sem descendência do herdeiro varão, cardeal D. Henrique (68 anos), 9º filho do rei D. Manuel I.

A candidatura de Filipe era fortíssima e praticamente indiscutível. Resultava do casamento da filha terceira de D. Manuel I, com Carlos V (I de Espanha), pais de Filipe I de Portugal (II de Espanha).

São estes pequenos detalhes da vida, que determinam o curso da História. Paradoxalmente, antes da candidatura de Filipe ao trono em Lisboa, a situação poderia ter sido invertida, unificando as coroas ibéricas "para o lado português".

Em 1499, fora proclamado herdeiro das coroas de Portugal e de Espanha, Miguel da Paz, primeiro filho de D. Manuel I com Isabel, filha dos Reis Católicos.

Azar dos portugueses ou conspiração castelhana, o certo é que morreu com 2 anos de idade. Por estas e outras razões os portugueses serão sempre saudosistas, dos espanhóis, de Salazar e do sonho chamado 25 de abril.

CRÓNICA 185 BASTA CALIFÓRNIA, GALIZA, PORTUGAL... 15 OUTº 2017

Basta de manipulação de mentes, de mentiras, de meias-mentiras, meias-verdades, de apologias do medo, do terror, do desastre cataclísmico, do fim do mundo, da morte iminente do planeta e das gentes, basta deste "admirável mundo novo" em que inteligência artificial veio para nos substituir e depois já não sendo necessários seremos ainda mais descartáveis. Basta de incêndios selvagens como na Califórnia, com mais de 50 mortes e centenas de desaparecidos, basta de incêndios em Portugal em meados de outubro ou na Galiza onde estão a arder mais de 80 fogos em parques naturais. Os da Califórnia, provocados por mão humana não se devem a bêbedos, nem pirómanas mulheres de bombeiros, nem atrasados mentais, nem a mandatários de madeireiros da celulose... deve-se a novas armas da Martin Lockheed que causam a devastação de casas e demais edifícios, mas as árvores não ardem. Na Galiza e em Portugal são armas mais antigas, de dispersão de "chemtrails" que tudo pulverizam com alumínio, bário e outros, como já aqui escrevi há uns anos... são aqueles riscos nos céus que fazem pressupor um movimento de aviões mais apropriado a JFK (aeroporto de Nova Iorque) do que aos montes galegos e portugueses.

E depois envenenam-nos com as comidas geneticamente modificadas, pela Monsanto e quejandos, que oferecem em substituição das colheitas que fizeram arder. E como a Monsanto comprou a Bayer e outras, inventam novas vacinas para estirpes virais e desenterram bacilos velhos e novos, na mira de venderem mais e mais, e arregimentam os ignorantes e cúpidos líderes dos países onde vivemos, ameaçando aqui, começando uma guerra acolá, reacendendo velhas hostilidades e criando novas que o armamento não cessa de se fabricar e tem de ser vendido para os países em litígio se endividarem mais e providenciarem ainda menos aos seus famintos habitantes. Mas estão todos a olhar para baixo para os ecrãs dos seus smartphones, e já ninguém olha para os céus, nem sabem como eram os céus na minha infância, por isso nada estranham.

É tempo de dizer Basta à Besta..., mas onde estão as gentes esclarecidas e informadas capazes de criarem um novo homem (nesta palavra estão incluídas mulheres e crianças, para não me acusarem injustamente), uma nova sociedade. Uma sociedade diferente desta que mata os seus e os outros para aumentar lucros e nada vê de humano na Humanidade a não ser cifrões.

BASTA E BASTA E BASTA! já fui louro e continuo burro, alguém me explica como uma mudança de ministros apaga os fogos, consola as famílias das vítimas e melhora a funcionalidade operacional de um serviço malparado como o SIRESP? será que um novo Ministro corrige imediatamente mais de 40 anos de erros, mais as causas da combustão, mais incendiários, mais madeireiros, mais aluguer de aeronaves, mais o raio que vos parta a todos? Perante uma situação catastrófica, alguém se habilita a dizer como faria melhor? já o escrevi em junho 2017 e até hoje nada... ver [crónica 170](#)

CRÓNICA 186 AÇORES E INDEPENDÊNCIA 22 OUTº 2017

Imaginemos por um instante que os membros e simpatizantes da FLA - ACA eram um movimento generalizado, de largas camadas da sociedade açoriana, abarcando gente de todas as idades, em todas as ilhas, como em tempos idos da História recente já o foram.

149 (Adaptado de Oliveira Marques, "A Restauração e suas Consequências", in História de Portugal, vol. II, Do Renascimento às Revoluções Liberais, Lisboa, Ed. Presença, 1998, pp. 176-201).

Imaginemos que se fartaram da exploração colonial que os poderes de Lisboa e seus representantes na colónia há séculos exercem sobre os locais.

Imaginemos que o atual modelo de autonomia controlada, centralizada em Lisboa, constantemente torpedeada, ultrapassada e ignorada pelos "superiores interesses da Nação" estava – de facto – esgotado.

Imaginemos que tínhamos uma população culta e letrada, em vez da pequena elite dominante agarrada a pequenas mordomias como é hoje o caso, com a vasta maioria da população mais interessada em manter privilégios de subsídios, em vez de trabalho, vítima da conspiração consumista que a manietta.

Imaginemos que a deriva europeia e a rápida islamização do continente europeu estavam mais adiantadas e que a solidariedade para com o arquipélago se mantinha ao nível da esmola, enquanto o povo português (também ele ignorante e iletrado, mesmo que tenham canudos e se chamem doutores) continuava a pensar que devíamos largar os Açores e os açorianos que são uns chulos que só sugam as riquezas de Portugal.

Imaginado este cenário se tivéssemos um líder – mais ou menos populista – capaz de catapultar a turbamulta (a malta como o outro lhe chamava) e fazia um referendo, vocês acreditam por um só instante que não éramos calados pela força bruta da repressão militar? Imaginado isto, voltemos à realidade.

Temos uma população apática e abúlica, uns tantos saudosistas e outros mais novos, sonhadores, mas a menos que haja uma revolução de mentes cataclísmica, seremos uma pequena elite libertária, sem representação nem força popular, uma franja da sociedade que nem chega a ser incómoda para o poder instituído. O povo açoriano não reúne as condições de se emancipar enquanto continuar pobre, iletrado, subsidiodependente, conformado, desapegado de uma consciência cívica (a consciência nacional açoriana), a quem o fogacho independentista de alguns intelectuais, escritores e outros, pouco e nada diz.

Infelizmente é isto que temos e não mudará nos meus dias, embora se a Terra ainda existir, eu acredite piamente que, um dia, em futuro afastado e longínquo, nos sublevaremos e libertaremos do jugo colonial de Lisboa (quando o Belenenses tornar a ser campeão de futebol, por exemplo).

Até lá continuemos a fazer o que não temos feito, educar as pessoas, alertá-las para esta escravatura silenciosa que as amolece e adormece, repetindo ciclos ancestrais de feudalismo encapotado, anestesiada pelas riquezas que o turismo vai trazendo sem se lembrar que basta a Ryanair ir à falência e o turismo morre....

CRÓNICA 187 REINTRODUÇÃO DOS SANTOS COSTUMES 25 OUTº 2017

Métodos como a degola, lapidação e crucificação, ainda vulgares em países como a Arábia Saudita para crimes de adultério e outros, podem vir a ser restaurados na República Islâmica de Portugal. Tal como lá, os corpos degolados podem ficar em exibição nas praças públicas para servirem de exemplo a adúlteras (os). Isto traria os benefícios de entreter a enorme massa de voyeurs portugueses, que gosta de parar em autoestradas para ver incêndios, acidentes de trânsito com fatalidades e outras mórbidas expressões ao gosto deste povo fadista. Por outro lado, satisfazia alguns coletivos de juizes portugueses que citam a bíblia e códigos civis de 1800 e pico, colocando Portugal na linha da frente nesta Europa que se vai islamizando rapidamente, numa luta contra a devassidão da mulher nas sociedades ocidentais que parece nunca mais ter fim nos últimos 60 anos. Igualmente se pode considerar a reposição das leis, vigentes nos tempos áureos em que a Ibéria era o forte e portentoso reino das luzes e da cultura, de Al-Andalus. Há que fazer urgentemente alterações à Constituição debochada do país, permitindo haréns, poligamia, pedofilia infantil no tocante aos casamentos com jovens puras e virginais de mais de sete anos de idade para satisfazer as necessidades congénitas do macho andaluz. Também nos trajes pervertidos e depravados, se espera a entrada em vigor de novas leis, evitando a degeneração do corpo sagrado da mulher, que não pode nem deve ser vista por homens. Espera-se, a oposição inicial dos canais de TV (não-nacionalizados) pois vai retirar espetadores às telenovelas com as exhibições de corpos nas praças públicas, mas após a nacionalização da TVI, SIC e outros, tudo entrará na normalidade sacrossanta dos costumes desvelados que fizeram do islamismo a religião mais progressista na terra.

CRÓNICA 188 ... NÃO VOU FALAR DE RANKINGS DAS ESCOLAS, MAS...DE 3 OU 4 COISAS QUE ME PREOCUPAM 6 FEVº 2018

Em 2005 numa conferência no ISAG Porto quase enfureci a assistência de catedráticos ao dizer que não gostava que a maior parte dos professores que a minha mulher estava a formar na ESSE IPB em Bragança viessem a ser professores do meu filho mais novo. Salvo poucas e honrosas exceções (e a culpa nem era deles) estavam tão incultos e impreparados que seriam uma desgraça como professores. Isso foi em 2005, hoje, aquela premonição peca por otimista. Em 2005 o meu filho mais novo chegou a S Miguel para acabar a antiga 4ª classe (4º ano de escolaridade) e no primeiro ano regredira já em tudo à medida que se integrava neste meio escolar. Desde há muitos anos (décadas) que venho propugnando para que aos maus professores, incompetentes, impreparados sejam facultadas ações de formação obrigatórias e caso não se adaptem que sejam expurgados da classe.

Defendo a meritocracia que vivi na Austrália que premeia os resultados e os esforços (mesmo que seja fora da caixa = *outside the box*) em vez de termos umas avaliações de professores, tipo faz-de-conta, que ninguém quer e para nada servem. Lamento, mas nem todos nasceram para ensinar.... Também, ao contrário do que vem sendo anunciado desde 1974, nem todos nasceram para aprender.

Nesta fase de rápida mudança, assistimos a um ensino que se assemelha ao do século XIX, mas sem os castigos corporais, as orelhas de burro, as palmatoadas, etc. Assiste-se a um total desrespeito pela Escola e pelos professores, quer por alunos, por pais e pela sociedade em geral. De ano para ano assiste-se a um menor rendimento e preparação dos alunos, e creio que tal se deve ao desaparecimento da velha guarda de professores primários da Escola do Magistério. Depois, há a necessidade e a obrigatoriedade passar os alunos, custe o que custar. Recentemente, surgem, cada vez mais, casos de

alunos com necessidades especiais que servem para justificar a integração nos quadros de pessoal docente com curtos cursos de "necessidades especiais". Os professores são tradicionalmente avessos à mudança, não se cultivam nem fazem formação pessoal e profissional capaz (e a culpa nem é só deles), gostam de engrenar a sua rotina de ensinar e repetem modelos exaustos, anualmente modificados, alterados, atualizados...por outro lado, cada vez tem menos tempo para ensinar e preparar aulas, gastam enormidades de tempo em reuniões improfícuas sobre tudo e mais alguma coisa além das constantes alterações da tutela. Os alunos de meios desfavorecidos (rurais ou urbanos) não têm ao seu alcance alternativas de ensino, andam contrariados, desmotivados e muitas vezes não querem mesmo aprender.... O resto direi noutra altura...

CRÓNICA 189 1º DE MAIO 2018

Dizem os noticiários que hoje é dia 1 de maio – importante data que celebra o dia do trabalhador nalguns países.

O Dia do Trabalhador, Dia do Trabalho ou **Dia Internacional dos Trabalhadores** é uma festa internacional cuja origem é a campanha dos trabalhadores pela redução do tempo de trabalho a uma jornada de oito horas, no fim do século XIX. É celebrado anualmente no dia **1º de maio** em quase todos os países do mundo.

No período entre guerras, a duração máxima da jornada de trabalho foi afinal fixada em oito horas na maior parte dos países industrializados. Por essa razão, o Primeiro de Maio tornou-se um dia de celebração dos trabalhadores e trabalhadoras em quase todo o mundo, tornando-se também uma data de importantes manifestações do movimento operário.

Em Portugal, só a partir de maio de 1974, após a Revolução dos Cravos, é que se voltou a comemorar livremente o *Primeiro de Maio*, e este passou a ser feriado. Durante a ditadura do *Estado Novo*, a comemoração deste dia era reprimida pela polícia. O Dia Mundial dos Trabalhadores é comemorado em todo o país, com manifestações, comícios e festas de caráter reivindicativo, promovidos pela central sindical CGTP-IN (Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses – Intersindical) nas principais cidades de Lisboa e Porto, assim como pela central sindical UGT (União Geral dos Trabalhadores).

Diz a Wikipédia (vá-se lá acreditar no que se lê na internet) que no Algarve, assim como na Madeira e nos Açores, é costume a população fazer piqueniques, e são organizadas algumas festas alusivas à data.

Aqui na costa norte da ilha de São Miguel Arcanjo, Açores, pelas oito horas da manhã já os padeiros distribuíam pão, os vaqueiros há várias horas que estavam na ordenha das vacas, o pessoal da NOS batia-me á porta para pedir autorização para passarem um cabo na parede, o minimercado estava aberto (só fecha em feriados que são dias santos), o pessoal continuava todo na sua labuta como se de um dia normal se tratasse, e se não tivéssemos recusado até a empregada doméstica teria vindo trabalhar.

Contei isto apenas para dizer que há coisas nesta aldeia (senhor, por favor chame-lhe freguesia) que me fazem lembrar Trás-os-Montes no mais retrógrado dos anos 1950 a 1970. Seria de esperar 44 anos depois do golpe de estado de abril 1974 (a dita revolução dos cravos) que algo tivesse evoluído, aliás, a empregada doméstica usa o Facebook e outras tecnologias no seu smartphone última geração. Mas pelo que vi, neste dia sagrado para os que trabalham, este feriado de nada serve.

Já na vizinha Maia, um pouco mais evoluída, fizeram desfiles da velha tradição dos "maios" em homenagem à sua fundadora Inês da Maia.

Diz a agência Lusa:

A Casa do Povo da Maia construiu um "Maio" gigante, uma tradição associada nos Açores ao Dia do Trabalhador, para homenagear a "primeira aldeã e fundadora" da freguesia. Os "Maios" são figuras¹⁵⁰ que representam pessoas, em tamanho natural, vestidos com trajes rurais, mas também urbanos, surgindo em grupo ou isoladamente e representando cenas do quotidiano, sendo colocados nas portas e janelas das habitações, bem como em espaços públicos, como jardins, e em instituições diversas.

Cada vez mais os "Maios" têm sido usados para a sátira social e política através de cartazes que são colocados junto das figuras, tendo a tradição, segundo os historiadores, origem em antigos ritos e cultos agrários, praticados pelos açorianos, visando assinalar o final do inverno e a chegada da primavera. A Casa do Povo da Maia, no concelho da Ribeira Grande, na ilha de São Miguel, pretende "não só perpetuar a tradição dos Maios, como também homenagear o seu povo e a fundadora da freguesia, Inês Maia, simbolicamente representada num Maio Gigante 'amigo do ambiente'".

Integrada no Plano Estratégico de Literacia Turística da Maia, a iniciativa contempla também uma visita aos Maios da freguesia, na companhia da sua fundadora, pretendendo-se "reforçar a sua herança cultural coletiva". A entidade promotora do evento quer "dar a conhecer às populações a sua história" e homenagear os locais, "cuja capacidade de trabalho é de todos conhecida, colocando a Maia nos roteiros culturais e turísticos" dos Açores, continente e diáspora portuguesa".

O evento contemplava um desfile com a participação de 14 instituições e dois particulares, sendo que as mulheres surgirão de preto, com lenços coloridos, enquanto os homens usarão trajes alusivos aos trabalhos agrícolas ou da pesca, como camisas, calças, barretes ou chapéu de palha.

A par da carinha com o "Maio" Gigante de Inês Maia, terão lugar as atuações do Grupo de Cantares da Casa do Povo da Maia, da Banda Lira Do Divino Espírito Santo da Maia e do grupo Stomp, constituído por 19 alunos e duas professoras da Escola Básica Integrada da Maia, colaboradores da Casa do Povo da Maia, grupo de jovens e grupo de teatro. Houve ainda uma exposição sobre as profissões tradicionais da Maia, e durante o evento foi servido com os tradicionais biscoitos da Maia um chá da fábrica da Gorreana. (Lusa)

CRÓNICA 190 DA DOENÇA 27 MAIO 2018

Tem sido um ano para esquecer no campo da saúde. A Helena em finais de janeiro adoeceu, ficou mal, esteve hospitalizada uma semana com uma infeção pulmonar, quase sem se mover e com enormes dificuldades respiratórias e outras. Recuperou ao ponto de no fim das férias da Páscoa regressar às aulas, e à fisioterapia respiratória, para um mês depois ter nova recaída e estar em casa profusamente medicada e á espera que venham trazer O₂ para ter em casa... um tormento que a todos preocupa e ia pondo em risco a presença da direção no 29º colóquio em Belmonte, não fosse

o nosso filho João ter ficado com ela enquanto me ausentei. Recusa reformar-se e quer continuar a perseverar. A ver vamos como acaba este problema que nos consome a todos, psíquica e fisicamente.

O mundo continua louco como já nos vamos habituando, quer a nível climático quer a outros níveis, com a promessa do fim da guerra das Coreias que durava desde a década de 1950. Entretanto morreram inúmeras personalidades de todos os quadrantes literários, artísticos e outros, sendo o mais recente (maio 2018) no Pico do decano (102 anos) do jornalismo açoriano, o Ermelindo Ávila que em 2011 fez questão de esperar na fila por um livro meu autografado (ChrónicaAçores vol. 2) e no Natal vira publicado o seu último volume de Histórias.

Manter a mente sã neste conluio doentio que me circunda só foi possível por me ter afincadamente dedicado a organizar o terceiro volume de ChrónicaAçores, fazer um livro de poemas com fotografias do porto pela Fátima Salcedo, compilar o sexto volume de poesia (Crónica do quotidiano inútil vol. 6), rever e reorganizar o novo livro de D. Ximenes Belo Missionários açorianos em Timor (vol. 2) para que consegui o patrocínio da Câmara Municipal de Ponta Delgada, entre as habituais diligências organizativas do colóquio 29º na Páscoa em Belmonte e o 30º em outubro na Madalena do Pico.

Desabafados estes escolhos que o dia a dia nos proporciona assinala-se que a minha mãe completou em março 95 primaveras, com a memória, imensamente debilitada, mas sem se descompor e fingindo nada ser...

O João que tão contente andava na segunda parte do seu estágio numa empresa canadiana aqui sediada na Lagoa, foi dispensado três meses antes de acabar o estágio por não terem trabalho de programação para lhe darem, ao abrigo do programa estagiar-T subsidiado pelo governo regional. Isto em simultâneo com um namoro estragado a que pôs fim abalou-o, restando a compensação de ter conseguido pagar o seu Smart com que se pode deslocar agora.

Gostava de ter coisas mais importantes ou mais alegres para narrar, além do começo da vinda da Delta Airlines em maio 2018 com 5 voos semanais Nova Iorque - Ponta Delgada ou seja quase mil americanos por semana...mas perdemos os apoios da SATA para os colóquios (era um desconto de seis bilhetinhos a 90% a que acresciam todas as taxas), pois como é do conhecimento público, os políticos locais mesmo sem viajarem da Assembleia da República para os Açores recebem 500 euros de ajudas de custo semanais.

Se se deslocarem uma vez descontam 134 € aos dois mil mensais recebidos...belo negócio, quando for grande quero ser político! Houve frenesim, mas o esquema que vem de 1989 é infelizmente legal apesar de imoral e escandaloso... e de esquemas andamos todos fartos... por isso, o preço dos combustíveis continua a subir sem ter nada a ver com o preço do crude oil...em Portugal a cada 90€ pagos de combustível 56€ são de impostos...isto leva-me sempre a questionar como é que num país tão pequeno cabem tantos ladrões...

Nem comento: um português tem de trabalhar quatro meses para auferir o mesmo que um seu homólogo dinamarquês... Com rendimentos mais reduzidos estiveram os estados bálticos Estónia, Letónia e Lituânia, ou países como Polónia, Hungria e República Checa. Lituânia, Roménia e Bulgária. As maiores remunerações europeias são a Dinamarca – com 3 807 euros, quase duas vezes mais a média europeia -, e o Luxemburgo, país onde vive uma grande comunidade de portugueses e onde o salário médio é de 3 228€. Irlanda, Holanda, Finlândia, Alemanha e Suécia tiveram salários a rondar os 2 700€.

Numa nota menos sóbria, a múmia ex-presidente Cavaco e Silva apela ao voto contra a eutanásia pois não quer que o matem já... como escreveu Charles Bukowski "algumas pessoas nunca fazem loucuras, que vidas horrorosas devem levar!" Eu já fiz uma loucura certas vezes, mas o meu médico aconselhou-me a evitar essa perversidade de desdizer a minha mulher. nunca se deve contrariar a mulher, exceto se for a mulher do próximo e não a do próprio.

Neste mundo onde todos usam máscaras é um privilégio ver uma alma...

Para o bem da saúde, existem exemplos do reino animal que urge copiar, um coelho salta e só vive 8 anos, um cão corre e vive 15 anos, mas as tartarugas não saltam nem correm e vivem 150 anos...vou repensar a minha vida, embora tenha de me preocupar mais com a notícia de que a polícia argentina alega que os ratos comeram meia tonelada de droga apreendida. Ou os ratos seriam outros?

Sempre que se corrige um idiota ele fica furo. Não adianta discutir com idiotas, eles ganham sempre pois têm mais experiência e para discutir devemos escolher sempre alguém que saiba ouvir, caso contrário será um soliloquio e não um diálogo.

E nesta vida como dizia Jack Kerouac "... está tudo em desordem. Os cabelos, o leito, as palavras, a vida, o coração."

Apetece imaginar que nos biliões de galáxias e de planetas que há por esse universo infindo um dia se encontrará um homem humano em vez dos desumanos que nos rodeiam, roubam, enganam, vigarizam, exploram e oprimem, o pior é que depois acordo sempre. Tudo o que é diferente incomoda sempre quem sempre é igual.

Embora a doença da Helena tenha sido a maior preocupação destes meses, o mundo tresloucado em volta não tem dado tréguas, o país sem dinheiro, os Açores sem dinheiro, a gasolina a subir pela décima semana consecutiva com o preço do crude a baixar, os professores sem terem a reposição de carreiras há anos congeladas, a TV a vomitar ódio misturado com futebol e intriga, horas, semanas, meses a fio, as pessoas a olharem para os seus smartphones sem se preocuparem com o mundo que as cerca absortas que estão... e a colocarem notícias no Facebook de todas as inutilidades das vidas delas... isto sem esquecer que as imagens que colocam delas, as "selfies" são reconhecidas como uma forma de transtorno mental por psiquiatras...

Quando alguém em tempos idos me perguntou porque razão Portugal era tão irrelevante hoje em dia depois das grandes conquistas dos séculos XV e XVI, eu comecei a fala da antiga China Imperial, da Grécia clássica, do Império Romano, Otomano e outros para dizer que a saída dos judeus foi a mais forte golpada intelectual dos portugueses, solidamente seguida pela Santa Inquisição, por 48 anos de censura ditatorial, e nestes últimos anos pela saída dos mais válidos e aptos que insistem em emigrar para países onde o seu valor e criatividade são reconhecidos. É como dizer que ficamos com o refugio e com esses não se conseguem fazer boas omeletes... enquanto a base genética não for enriquecida, e rejuvenescida (o país está extremamente envelhecido) continuaremos a ser assim. E como é verão chegou a altura de abandonarmos animais domésticos e velhos, uns nas estradas outros em hospitais e asilos...

Antigamente, muito antigamente, quando os velhos estavam no fim da vida, os filhos pegavam neles e iam deixá-los a um local distante e ermo, a fim dos pais ali morrerem. Era a forma de se libertarem dos que, uma vez inválidos, já não podiam contribuir para o sustento da casa, tornando-se, pois, um fardo para todos. Uma vez, um velho estava para morrer. Nada mais havendo a fazer, o filho pegou nele e foi levar o pai ao tal local, para que ali morresse. Quando lá chegaram, o filho pousou o pai sobre um colchão de junco e despediu-se do velho. Então, para não se sentir tão mal, pegou numa manta de lã e disse-lhe:

"Pai, vou cobri-lo com esta manta, para que não tenha tanto frio."

Ao que o pai respondeu:

"Não! Corta a manta ao meio e deixa-me só metade. A outra metade, leva-a para casa e guarda-a, para o dia em que o teu filho vier trazer-te aqui".

Mal terminara o velho de dizer aquelas palavras, o filho, sentindo um baque no peito, tornou a agasalhar o seu pai, pegou nele ao colo e trouxe-o de volta a casa, cuidando dele até ao fim.

Daí em diante, nunca mais ninguém foi levar nenhum velho ao tal local distante e ermo e todos passaram a morrer assistidos, com os filhos e as famílias ao redor.

P.S. Foi o meu Avô quem me contou esta e muitas outras histórias.

[no Facebook por [Ricardo Alves Gomes](#)]

45 postos de trabalho por 7,4 milhões e 2 campos de golfe para 150 mil habitantes jogarem golfe?...será cada posto de trabalho 164444€.... não era mais barato pagarem o desemprego ou formação aos trabalhadores?

Numa terra onde a cultura recebe tostões, o que se não poderia fazer com aquele dinheiro? Nós nos colóquios da lusofonia precisamos anualmente de vinte mil euros para dois colóquios, um cá nas ilhas e outro fora...como nós há recitais, há concertos, há outros simpósios, outras atividades culturais que sobrevivem com uma pequena e sempre esticada manta de retalhos de poucos milhares de euros para ações bem meritórias no campo da cultura e que poderiam beneficiar daquele apoio bem dividido.

Claro que provavelmente estou a falar de cultura de elites para elites..., mas, alto lá, golfe? Nem é cultura nem é bem desporto e quanto a elites estamos falados, numa terra com uma mão cheia de praticantes normais de golfe... E que eu saiba com tanto campo de golfe por esse mundo fora, quem vem aos Açores (São Miguel) jogar golfe? Os que recebem apoios e mordomias para virem cá...

Claro que temos inveja desses milhões, que nem sei se são desbaratados ou mal gastos, mas digamos, que seriam uma prioridade muito pouco prioritária...

Se me dessem esses milhões para dividir pelas instituições culturais que descrevi poderíamos criar mais do que 45 empregos e poderíamos trazer outros escritores, artistas, músicos ao arquipélago.

E se depois deste desabafo não me derem mais nada já sei a que se deve a penúria de apoios. Como dizia a este respeito, há dias, essa excecional voz açoriana que é a Helena Castro Ferreira *"Os 13 milhões do centro de artes contemporânea mais o que gasta por ano só para se manter aberto, também ainda me doem..."*

A mim dói-me isto e tudo o mais, ao ver o que se gasta na contratação de artistas de música "pimba" (claro que têm todo o direito à existência e a terem a sua larga audiência) mas que pouco contribuem para a educação musical do povo. A diferença é que a cultura elitista a que pertencem intelectuais e artistas dá poucos votos e a cultura d'emaças, como o próprio nome indica, atrai sempre votos, salvo no caso de agosto 2013 na Lomba da Maia em que se gastaram 17 mil euros para trazer o Quim Barreiros e isso não chegou para dar votos suficientes à Junta de Freguesia para reeleição...

Espero agora que seja incluída uma cláusula curricular para que no ensino obrigatório passe a constar a modalidade de golfe, a fim de todos os micaelenses terem oportunidade desfrutar dos campos de golfe que o Estado (governo regional) pretende adquirir na Achada das Furnas e na Batalha (ilha de São Miguel, Açores). Será que vão distribuir tacos de golfe e empregar "caddies" para nós praticarmos?

CRÓNICA 192. SÃO MIGUEL, AÇORES, DIA 1 JUNHO 2025 DOMINGO -31 MAIO 2018

Acordei para mais um magnífico dia de sol sobre a baía de Ponta Delgada. Em frente à marina as pessoas aguardavam a vez de embarcarem no metro de superfície para as praias da costa sul ou para norte e oeste. O investimento em infraestruturas ferroviárias fora desencadeado no fim da década anterior quando os Açores começaram a receber cerca de 3 milhões de turistas ao ano. Ao contrário do que sempre fora feito, não investiram em estradas para um trânsito, cada vez mais congestionado, e introduziram várias linhas de metro de superfície que se alargavam já a vastas áreas da ilha. Faltava ainda acabar a ligação Ribeira Grande - Nordeste e Nordeste - Povoação. Aqui, fora já instalado o primeiro de uma série de teleféricos turísticos para quem queria ir ao Pico da Vara observar o habitat natural do priolo essa ave que se extinguiu com o aumento do influxo turístico em 2020. Havia projetos para mais teleféricos nas Sete Cidades, Furnas, Povoação, Lagoa do Fogo, mas com os cortes de fundos europeus era incerta a data da sua concretização.

Na marginal de Ponta Delgada, perto da Calheta de Teive um moderno heliporto servia de base aos táxis aéreos de drones sem condutor que faziam viagens curtas até Vila Franca e ao ilhéu na nova marina, enquanto mais adiante os táxis marítimos sem condutor aguardavam os turistas que queriam observar a vida marinha ou ir até Santa Maria visitar a Central Espacial da Malbusca.

Na costa norte da ilha, como sempre aconteceu ao longo dos séculos, as coisas estavam ainda muito mais atrasadas e apenas se disponibilizavam passeios de barco pela costa, usando os antigos barcos de pesca de Rabo de Peixe, Porto Formoso e da Maia com os pescadores reformados a servirem de guia às grutas e praias escondidas da ilha.

A grande estrada marginal entre os Arrifes e a Achada ia prosseguindo com grandes atrasos, que a costa era escarpada e não era fácil construir uma estrada panorâmica na inclemente costa nortenha.

A grande atração da capital da costa norte continuava a ser, desde há muitos anos, a das viagens de balão entre a cordilheira central e a Ribeira Grande, o roteiro das igrejas, os campeonatos de surf e as mariscadas ao pôr-do-sol. Os planos para recuperar os moinhos da costa norte nunca avançaram, dadas as necessidades de apoio social à sempre crescente população da cidade satélite de Rabo de Peixe e suas inúmeras necessidades de apoio social. A cidade crescera em todas as direções sendo agora uma linha contínua de habitações entre as Capelas e a Maia, que se haviam tornado meros subúrbios dormitório da Ribeira Grande.

O pequeno submergível que iria explorar os navios afundados junto à costa oeste e norte, fora desviado para a Lagoa e Vila Franca onde estava sempre ocupado em viagens contínuas de exploração do fundo subaquático. Pequenos hotéis de charme ao lado de grandes resorts polvilhavam agora as pequenas faixas de praia entre Água de Pau e Ponta Delgada riscando a paisagem em altura e desafiando as leis da gravidade. Diariamente navios faziam percursos entre as ilhas, transportando massas de gente e viaturas e colocando enorme pressão nos recursos, há muito esgotados, das redes viárias das outras ilhas que nunca beneficiaram do afluxo turístico sempre centrado em São Miguel, uma ilha que tinha agora mais

de um milhão de habitantes. As pessoas faziam passeios até às outras ilhas que tinham mantido os encantos urbanos do século XX e eram agora Património da Humanidade.

O Aeroporto da Nordela vira a sua extensão duplicada sobre o mar e era já um dos mais congestionados do país, mas continuava a não ter transporte urbano entre o aeroporto e a cidade devido ao lóbi dos táxis que sempre se opusera às carreiras de minibus. O novo cais de cruzeiros em Santa Clara fora uma aposta ganha dado que o velho Porto e as instalações das Portas do Mar há muito se tinham mostrado insuficientes para as dezenas de cruzeiros que todos os dias aportavam a Ponta Delgada. A ilha fervilhava de atividade embora o custo do metro quadrado fosse quase tão caro como em Malibu, Los Angeles, com a cidade estendendo-se agora até às Capelas e chegando aos limites urbanos da Ribeira Grande.

A pequena cidade da Lagoa, que durante anos fora o dormitório de Ponta Delgada, já não tinha mais por onde crescer entalada entre a expansão de Vila Franca e de Ponta Delgada. Os domos de antigos vulcões que dantes pintalgavam a paisagem de Ponta Delgada tinham sido substituídos por enormes construções em altura pagas a preço de ouro. Os Açores eram a nova moda dos milionários de todo o mundo que aqui construíam casas de férias, jogavam golfe ou iam aos doze casinos espalhados pela ilha e que se haviam instalado, em muitos casos, nos museus vazios que foram construídos no início do século XXI.

Nas velhinhas Portas da Cidade um pequeno grupo de octogenários juntava-se anunciando a grande manifestação de 6 de junho para espanto dos turistas que sempre traduziam RAA como República Autónoma dos Açores desconhecendo o seu verdadeiro nome. Uma recente visita conjunta do primeiro-ministro da Escócia e do ministro dos estrangeiros das Canárias tinha resultado numa declaração de apoio às reivindicações independentistas açorianas, muito a contragosto do Representante da República, que fora um influente presidente regional durante muitos anos.



CRÓNICA 193 PRÉMIO DE EMPREENDEDORISMO 2.6.2018

O concurso regional de empreendedorismo irá decorrer em três fases, permitindo que as ideias de negócio apresentadas na primeira fase, e que passem às fases posteriores, entrem num processo de desenvolvimento e consolidação, com o objetivo de garantir a transposição dos projetos vencedores para iniciativas empresariais. Nesta nova versão do concurso, é obrigatório a entrega de um vídeo, com a duração máxima de 2 minutos, expondo a ideia de negócio a concurso, sendo selecionadas as cinco melhores ideias. Segue-se depois um período de desenvolvimento daquelas ideias, com vista à obtenção de planos de negócio devidamente estruturados que serão submetidos a uma terceira e última fase, havendo ainda lugar, nesta última fase, a um pitch por parte de cada equipa, via internet e com a duração máxima de 5 minutos. Serão, então, selecionados os três projetos vencedores, hierarquizados entre primeiro, segundo e terceiro lugares. Haverá lugar a prémios, num valor pecuniário de, respetivamente, €25.000, €20.000 e €15.000, para o primeiro, segundo e terceiro lugares, que apenas serão atribuídos na condição de passarem a integrar o capital das empresas a criar.

Proponho já que passe à final a família de São Miguel, injustamente detida, há dias, pelas autoridades policiais por estarem na posse, manufatura, distribuição e comercialização de marijuana para fins de tratamento medicinal a quem dele carecia. A família em questão, recipiente do rendimento de inserção social, vivendo com inúmeras dificuldades económicas, por ser um grande agregado familiar, numa casa da câmara destinada a famílias mais pequenas, conseguiu contra tudo e todos, colocar em pleno emprego todos os seus 10 membros, avós, pais, filhos e filhas e netos servindo-se de terrenos baldios, pertença do estado, e os quais estavam abandonados para fins agrícolas há vários anos. Dado que os terrenos eram férteis com boa exposição solar e bem regados, a família começou a introduzir aí plantas de cannabis sativa, que graças a condições favoráveis, exposição solar e cuidados intensivos dos vários membros da família atingia já uma produção considerável de 400 pés em estado de maturação no valor de dezenas de milhares de euros ao valor corrente de mercado.

Apesar da falta de instalações adequadas na sua casa, a família recuperou um antigo edifício abandonado pela edilidade local para aí fazer o tratamento e empacotamento das plantas destinadas ao mercado, mostrando um grau de empreendedorismo como há muito se não via naquela localidade. Com os proventos a auferir desta proveitosa exploração agrícola, a família pensava adquirir uma habitação mais condigna, deixando de necessitar dos apoios sociais do estado, e contribuir assim para a total integração dos seus membros numa sociedade civil onde as pessoas são, normalmente, desincentivadas de se tornarem economicamente autónomas ou de serem produtivas, preferindo continuar a auferir o rendimento de inserção social em vez de buscarem soluções efetivas para as suas carências económicas. Por outro lado, numa clara antevisão do fim do monopólio de venda daquele produto agrícola com a liberalização do seu consumo para fins medicinais, a família demonstrou uma visão de futuro inigualável. Verifica-se ainda que cumpriram todos os requisitos do concurso supracitado, motivo que nos leva a sugerir que o primeiro prémio lhes seja atribuído.

Começo pela sentença de morte ditada pelas autoridades da Bulgária à vaca grávida que atravessou uma fronteira europeia para a Sérvia antes de ser devolvida ao seu legítimo dono. Mas como as leis europeias são muito exigentes e ela atravessou ilegalmente a fronteira terá de ser abatida antes de dar à luz daqui a três semanas. É o que dá deixarem vacas à solta sem documentos...

Há dias a dívida pública atingiu não sei quantos milhões (250 mil milhões!), o valor mais alto de sempre, mas ninguém se importou, pois, as notícias dos telejornais andam há um mês obcecadas com um burro de carvalho qualquer dum clube da bola. O ministro da educação anunciou que o tempo de serviço congelado aos profes não vai contar, mas ninguém deu conta com as convocações de assembleias gerais divergentes naquele clube de futebol.

Os combustíveis continuam a somar e a seguir numa ascendente espiral a que ninguém quer pôr cobro, e daí eu dizer que o meu carro passara a híbrido: anda a 62% de impostos e 38% de gasóleo, mas os tugas estavam muito ocupados a pensar nas férias no estrangeiro e nos Algarves do meu descontentamento.

Faltam 500 anestesistas no país e 13 nos Açores, mas o povo não se manifesta pois já anda naturalmente anestesiado.

O Brasil que enxotou a Dilma e prendeu o Lula continua a vender a sua riqueza do petróleo pré-sal aos americanos que engendraram os golpes, os camionistas fazem greve, tudo sobe, mas agora não há paneleiros (os que batem painéis) nem patos amarelos nas ruas.... E, entretanto, atingiu a taxa de 30 assassinatos por cada cem mil habitantes numa escalada imparável. Enquanto isso o racismo está descontrolado, a PM também (alguma vez deixou de estar mesmo depois do fim da ditadura?) mas o brasileiro prepara-se é para vibrar com a Copa (Taça) do mundo de futebol.

Na Tailândia uma baleia morreu na praia com 80 kg de plástico no buxo, as praias de Bali têm toneladas de lixo, há ilhas no Pacífico maiores que a França cheias de lixo e de plástico, outras surgem no Mar do Arte e continuamos a ter plástico em tudo o que nos rodeia, mas o que importa são os resultados da seleção de futebol.

Morreu Frank Carlucci o ex-embaixador norte-americano enviado por Henry Kissinger para salvar o mundo dos comunistas, e que muitos dizem ter evitado o triunfo do comunismo em Portugal. Em bom português esse amigo do Mário Soares sempre disse que a CIA não interferiria em Portugal nos anos quentes de 1974 e 1975. Claro que não, até convenceu os açorianos de que podiam ser independentes.... e a CIA nunca teve intervenção nas 151 invasões de países, nem é responsável pelos mais de 200 anos de guerra que os norte-americanos levam na sua História, pelas centenas de golpes de estado criados espontaneamente, pelas primaveras políticas falhadas, pela propagação da democracia americana sempre tão indisposta com os países que têm recursos como petróleo, e a quem os governos locais incomodam, claro que nada disto é exclusivo dos EUA mas é um campeonato em que eles lideram há muito seguidos de perto pela ex-URSS e por tantos outros pequenos poderes que nascem como cogumelos em todos os cantos do mundo.

Enquanto isto no QATAR, o CEO da companhia aérea diz que uma mulher não pode liderar uma companhia aérea "só um homem pode dirigir a empresa, por ser um cargo "com muitos desafios". Simultaneamente em Portugal "Roupa de homem muda a cabeça da mulher: Católicos ultraconservadores repescam sermão antigo. É verdade que o texto, intitulado *Notificação concernente às mulheres que vestem roupas de homem*, tem 58 anos. Foi escrito em 1960 pelo cardeal Giuseppe Siri, à época arcebispo de Génova. Mas a Fraternidade Sacerdotal de São Pio X, sociedade de vida apostólica da Igreja Católica, considerou-o de absoluta atualidade. Tanto assim que preencheu na íntegra com o sermão do cardeal Siri a última edição do boletim que distribui aos fiéis, chamado *O Farol*. Ponto de partida: "A roupa masculina muda a psicologia da mulher."

A preleção agarra-se às calças num corpo feminino, como exemplo paradigmático da "imodéstia". Consequências do "uso de vestes masculinas por parte das mulheres"? Além da mencionada "mudança da psicologia feminina própria da mulher", afeta-a também "como esposa do seu marido, por tender a viciar a relação entre os sexos". E ainda "como mãe das suas crianças, ferindo a sua dignidade ante os seus olhos". O sermão apenas visa o "decoro" da mulher, dando passos em volta para chegar sempre à prédica de partida, sublinhando que o importante "é preservar a modéstia, e o eterno sentido de feminilidade, aquela feminilidade que, mais do que qualquer outra coisa, todas as crianças continuarão a associar à face da sua mãe". Depois, torna-se feroz. Assim: "(...) Fazemos bem em recordar as demandas severas que as crianças instintivamente fazem à sua mãe, e as profundas e até terríveis reações que nelas se afloram pela observação dos seus maus comportamentos." Para logo acrescentar, ainda mais ferino, que "a criança pode não saber a definição de exposição [de partes do corpo], de frivolidade ou infidelidade, mas possui um sentido instintivo que reconhece quando essas coisas acontecem, sofre com elas, e é amargamente ferida por elas (...)". A conclusão encontra-se a meio da prédica: "(...) Quando uma mulher veste roupas de homem", isso "deve ser considerado um fator, a longo prazo, da desintegração da ordem humana".

Abordado o porta-voz da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), padre Manuel Barbosa, para um comentário sobre este texto, distribuído a fiéis católicos, a resposta chegou seca, por e-mail. "Não faço comentários sobre o conteúdo do jornal da Fraternidade S. Pio X, é a eles que devem ser pedidos esclarecimentos".

Felizmente soube-se que as pragas aumentam em toda a arte e só em Lisboa já há seis milhões de ratos, ratinhos e ratazanas, mas em Espanha Mariano Rajoy finalmente abandonou o poder sem ser necessário recorrer a raticidas. A Catalunha suspirou de alívio.

Já mais animadoras eram as novidades de que 45% dos alunos portugueses não conseguiam colocar Portugal num mapa da Europa, Saramago sorriu finalmente tranquilo pois era sinal de que a jangada de pedra ia finalmente longe no mar alto, longe da Europa. Nos Açores a maioria dos alunos nem sequer sabe onde ficam as ilhas de baixo ou de cima... e ainda por cima disso 50% eram incapazes de saltar à corda, perícia indispensável para progredir na vida...

O ministro das Finanças autorizou que os salários dos novos membros do Banco de Portugal sejam aumentados em 50%, mas o mesmo governo, pelo seu iluminado ministro da educação, chantageando os professores ameaçava cortar 6 anos e meio de contagem de serviço. E o primeiro-ministro reiterava: "não ser possível acordo com "posição intransigente" de sindicatos de professores, frisou, reiterando que a proposta do Governo permitiria contar dois anos, nove meses e 18 dias." Quanto a isto resolvi propor: ATT PROFESSORES ...DESFAÇAM-SE DOS 23 SINDICATOS E CRIEM UMA ORDEM DE PROFESSORES....ou continuem mais desunidos que nunca e sem conseguirem nada do que é justo. Infelizmente não auguro sucesso algum a esta minha proposta, que desagradaria ao governo, aos sindicatos e aos seus líderes (que apenas cuidam

de manter as suas mordomias e já nada entendem de ensino pois não o praticam há décadas) e permitiria que os professores falassem a uma só voz na defesa dos seus legítimos interesses.

No arquipélago, em especial na sua capital ponta-delgadense, os ânimos andam quentes com a importância da celebração do dia 10 de junho nacional, a vinda de SMH (Sua Majestade Hiperativa) Dom Marcelo II¹⁵¹ e esquece-se que a celebrar seria o 6 de junho, verdadeira data da autonomia açoriana. Ponta Delgada será a capital da nação, proclamava ufanamente um editorial de um jornal local. Os pobres, drogados e bêbedos do Campo de São Francisco vão ter uns dias difíceis, mas ignora-se o destino que lhes reserva a organização do acontecimento. Não está prevista a participação de alunos das escolas na preparação do evento, mas como escrevia Terry Costa há dias "O melhor TPC são visitas a locais de interesse como museus, parques naturais, centros de arte, e ainda, crianças que passam horas extracurriculares em programas artísticos conseguem melhor no seu dia-a-dia escolar. Então porque não se muda o sistema? Mais artes, mais sucesso!"

E termino com a bela capa de **fotoemas**, o meu novíssimo livro de que recebi esta semana o primeiro exemplar e sobre o qual apenas há a dizer:

Quando surgiu a ideia de concretizar o sonho de criar estes FOTOEMAS (juntar imagens e poesia) nunca imaginei que seria fácil. A magia das fotografias da Fátima Salcedo é dedicada ao Porto, e os meus poemas são uma ode aos Açores. Este livro é, assim, fruto de amores distintos de dois autores, que atravessaram o Grande Mar Oceano, na década de 1970, um rumo à Norte América outro a Timor e Austrália. Dessas navegações peregrinas nasceram os fotoemas que aqui se reproduzem."



Não citar

fotoemas

Fátima Salcedo e
Chrys Chrystello

fotografias do Porto e poemas dos Açores



edição AICL Colóquios da Lusofonia 2018

CRÓNICA 195 10 DE JUNHO NA COLÓNIA AÇORIANA 9.6.18

Dantes, ao descobrirem terras a colonizar, os navegantes portugueses levavam padrões de descobrimentos assinalando a posse e futura conquista e missionação das terras, ora bem nas celebrações do dia 10 de junho de 2018, trouxeram de Portugal uma bandeira enorme que vão hastear no único mastro existente no local. Isso não dará a oportunidade de se hastear a bandeira deste arquipélago, símbolo dos Açores e do povo açoriano, que se diz ser da Região Autónoma dos Açores.

Um jornal local comentava o alheamento da população face ao 10 de junho, mais um feriado, que se celebra como o 5 de outubro ou o 1º de dezembro datas importantes para Portugal para sem grande ligação a este povo açoriano, para quem os feriados importantes são a segunda feira do Senhor Santo Cristo, Pentecostes, as datas dos padroeiros das freguesias quando se realizam as comunhões dos filhos da terra, e as festas anuais de cada freguesia. Aí está a alma do açoriano em qualquer ilha.

¹⁵¹ (Dom Marcelo I foi o padrinho deste, o Marcello Caetano da primavera política que ninguém viu)

D. Pedro IV também cá esteve, veio arrecadar dinheiro e pessoas para a sua causa, já que ninguém em Portugal estava na disposição de lhe dar um tostão. Quando D. Carlos veio aos Açores, o povo foi ver um homem que só existia no seu imaginário. Quando Óscar Carmona visitou o arquipélago dos Açores agosto de 1941 e Craveiro Lopes em 1957 a sensação que deixou nas populações foi a da vinda de um forasteiro que veio lembrar aos locais que isto são terras de Portugal, mas "isto é Açores antes de ser Portugal". Marcelo Caetano também por aqui andou, mas por razões diferentes, que não vale a pena recordar. Hoje veio o Presidente que tira selfies com o povo, os senhores da terra, como noutras ocasiões vão ao beija-mão que fica bem nas fotos oficiais do evento e nas imagens televisivas, sempre sabujamente agradecidos pelas esmolas que Lisboa oferece aos insulares. Teremos teatro de nos próximos dias. E há entre nós personagens dispostos a renegar a sua essência para assim poderem tirar proveitos. Como hoje escrevia Rui M Medeiros: "A História está cheia de Brutus e Judas. Estes tiveram proveitos imediatos, mas o tempo encarregou-se de os colocar no seu devido lugar."

Ou como escreveu ontem Roberto Y. Carreiro "Segundo um vizinho meu, antigo operacional dum movimento independentista e testemunha desses tempos conturbados do PREC, o aparato militar, securitário e de espionagem, que está montado na cidade de Ponta Delgada, faz-lhe lembrar os tempos áureos das campanhas de «dinamização cultural» a cargo da 5ª divisão. Tal como no passado, os forasteiros, trazem orquestras, bandas, palhaços, muita propaganda e orador convidado. Como nesse outro tempo as «autoridades locais» abrem a cancela para entrar essas aves de arribação..."

Por outro lado, o belicismo de mais de mil militares e armamento dos três ramos das FA (Forças Armadas) deve ser para esquecer que depois do 25 de abril, essas FA apenas servem para defenderem interesses estrangeiros em países distantes a mando da NATO. Cito o colega jornalista Tomás Quental:

"Mas eu pergunto: para essa celebração era mesmo necessário "encher" a cidade com viaturas dos três ramos das Forças Armadas, desde meios aéreos a meios terrestres de combate? Se é para afirmar a soberania portuguesa nos Açores, era desnecessário, porque os açorianos, na sua maioria, gostam de ser portugueses. Diria até que existem muitos açorianos que se sentem mais portugueses do que muitos continentais, a quem ouço dizer com frequência "entreguem isto a Espanha"... Se é para "embelezar" a cidade, também era desnecessário, porque a urbe tem beleza quanto basta, bem patente, nomeadamente, em monumentos, praças, avenidas e ruas repletas de edifícios de arquitetura bela e única, com uma frente de mar que lhe confere uma panorâmica invejável. Se é para mostrar aos açorianos o que são meios militares, também me parece objetivo obviamente desnecessário. Quando o Estado português assume não ter verbas para construir uma nova cadeia na maior ilha açoriana, São Miguel, em que o estabelecimento prisional existente com 150 anos é uma vergonha em qualquer parte do mundo, proporcionando condições infra-humanas, é claramente uma falta de bom senso essa ostentação de meios militares, só possível com muito dinheiro. Não aprecio e critico."

Um país de desigualdades, injustiça e corrupção descontrolada que rouba dez anos de serviço aos professores e diz não ter dinheiro para lhes pagar, desperdiça milhões em fogos-fátuos de antigo Império à deriva como escreveu Patrick Wilken. Claro que para a maioria dos portugueses e dos açorianos quaisquer noções de uma total autonomia (leia-se independência) é anátema, mais fruto da ignorância das situações do que por meras razões políticas. Sempre se cumpriu a profecia – sabiamente preparada - de que quanto mais dependentes de subsídios melhor acarneirados estariam os açorianos. De todos os habitantes são eles os mais subsidiados, totalmente dependentes de subsídios que servem para perpetuar o voto nos que os governam, qualquer que seja o partido ou a cor política. Para os portugueses nem sequer se põe a hipótese de abdicar das "ilhas adjacentes", muito menos agora que estão prestes a acrescentar milhares de km² à plataforma portuguesa marítima com todas as riquezas que a profundidade destes mares encerra.

Nesta data a Fundação Francisco Manuel dos Santos, através do seu Projeto "Pordata" fez um estudo intitulado "Retrato dos Açores", no qual deu a conhecer dados preocupantes sobre a nossa realidade insular. No que diz respeito, por exemplo, à Educação, ficamos a conhecer que a taxa de abandono escolar dos jovens com idade fixada entre os 18 e os 24 anos é mais do dobro da média nacional. Em relação aos jovens com mais de 15 anos, verificamos que 7 jovens em cada 10 não completa o ensino secundário, valores muito piores do que em qualquer outra região de Portugal.

O ensino que temos atualmente é o fruto de muitas "experiências" anuais infelizes, desde os alunos transitarem sem sequer saberem ler a outras, e agora os resultados estão à vista. Acrescente-se o facto de muitos pais não terem instrução (a velha 3ª classe era a norma e agora será o 6º ano das "Novas Oportunidades") nem interesse em acompanhar os filhos, o resultado será sempre o de insucesso escolar e total fracasso das políticas educativas, por melhores professores que possa haver (também os há, mesmo que sejam uma minoria). Infelizmente, trabalhamos para a estatística. Os bons alunos sempre o serão, mas os restantes são a maioria.

Este o país em que vivemos, onde há um mês se discutem os problemas do futebol e de um clube autofágico rumo à fossa de Mindanao, e raramente se discutem os verdadeiros problemas do país: educação, saúde e justiça. Sempre longe da corte hoje os açorianos vão ter as imagens televisivas em que serão retratados e irão usar e abusar do seu voyeurismo, já totalmente acostumados a novos paradigmas de vida em que deixaram de ser escravos pela via física para o serem pela via da mente. Quando hoje um colega e amigo, professor continental, que até cá esteve uns anos a lecionar em mais do que numa ilha, me diz que somos todos portugueses de regiões diferentes, tive uma visão passadista que me fez lembrar um país uno e indivisível do Minho a Timor! E deu-me um arrepião pois esse é o argumento mais comum dos continentais quando confrontados com a minha sede de uma verdadeira autonomia açoriana (aqui não falei de independência, mas de verdadeira autonomia, em federação ou outra espécie de união entre iguais e não pactos leoninos).

A minha guerra não é esta, mas a da defesa e expansão da língua portuguesa e apenas me manifesto como cidadão residente do arquipélago. E é por tudo isto que este 10 de junho me diz ainda menos do que noutros anos em que se chamava "dia da raça". Não irei ao beija-mão, nem verei as belezas que os açorianos vão mostrar ao corpo diplomático estrangeiro acreditado na capital do Império, continuarei a amar os Açores e a sonhar com o dia em que serão autónomos e pares inter pares com a "metrópole", o continente", donos do seu destino e quiçá orgulhosos da sua herança ou origem portuguesa. Claro que sei, e nisso concordam alguns nativos, que há provincianismo e falta massa crítica e intelectual, e muitos temem a verdadeira autonomia e mais ainda a independência.152

152 Já depois disto escrito. Ps - [andré couto](#) ehehehe ... Se foram povoadores não se podem colonizar a si próprios [chrys chrystello](#) podem podem.....basta estudar ciência política...no es elementares meu caro...  como os pobres a agradecerem as migalhas que os senhores lhes atiram das ameias do castelo...

[andré couto](#) meu caro sou formado em ciência política e rela es internacionais, e gostaria que me indicasse qualquer tese científica que defenda esse absurdo! Cumprimentos  [chrys chrystello](#) disseram-me que os açores foram povoados e não colonizados...para o caso de ser ignorante e não saber..., na wikipedia podemos ler e eu concordo https://pt.wikipedia.org/.../coloniza%3a7%3a3o_de_povoame

Coloniza o de povoamento ou colonialismo de povoamento, também referido como colonialismo de ocupa o, refere-se a uma modalidade de forma o colonial centrada na ocupa o da terra ou do território. Historicamente,   promovida por um estado nacional, que envia seus naturais (homens, mulheres e crianças) a um determinado território situado no

Um Governo Regional autêntico, sem ser filial de Lisboa, reclamando a verdadeira autonomia sem se arvorar em defensor dos interesses dos que sempre exploraram os ilhéus, sombrios e persistentes personagens que perenizam monopólios. Arrivistas com iniciativas pequenas e isoladas. Limitadas como as ilhas e o país. A autonomia vive-se em círculos muito restritos, e em escritores e "expatriados" em Portugal e nas Américas. Surgirá - cremos, um dia -, não à mesa do café, mas da escrita, da "elite esclarecida" (à falta de melhor adjetivação) qualquer movimentação nesse sentido. Haverá elites pensantes açorianas para além das que se emproam em encontros de intelectuais representando a fina-flor dos que têm direito a nome no jornal? Uns pararam no tempo, outros andam em busca dele, que nunca à frente. A população não os segue nem os entende. Nem mesmo os ditos. Apenas ufanos por preencherem as revistas cor-de-rosa? Todos. Incapazes de congregarem mentes, mentem sem insistirem no tema. Temerosos de perderem a caleche em que se pavoneiam na avenida marginal tal como os antepassados de 1890.

Agora, compete aos mestres da palavra fácil indoutrinarem e mostrarem o caminho da Atlântida perdida a que chamam autonomia. Só então cortarão os cordões umbilicais, alcançando a independência dos que escrevem e partilham a açorianidade. Com a sagesa dos seus conhecimentos sonharão o momento de libertação tal como inventaram a literatura açoriana para que ninguém se esquecesse deles e o mundo não os deixasse para trás na sua voragem.

CRÓNICA 196 AINDA O 10 DE JUNHO EM PDL¹⁵³

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, assinalou hoje que as celebrações do 10 de junho são nos Açores por uma "questão de justiça", como no futuro serão, garantiu, na Madeira. "Tem uma vantagem adicional, que é aqueles portugueses que andam distraídos perceberem o que existe nos Açores, o que se está a fazer nos Açores", venceu o chefe de Estado, no primeiro de três dias na ilha de São Miguel a propósito das comemorações do 10 de Junho.

"Ninguém gosta do que não conhece", prosseguiu Marcelo Rebelo de Sousa, antes de sublinhar que "há de haver um 10 de Junho na Madeira", e "evidente que há uma tradição" de levar as festividades para fora do país, o que no caso madeirense pode passar, exemplificou o chefe de Estado, pela África do Sul.

As ruas engalanadas com bandeiras de Portugal para celebrar o dia 10 de junho, de Portugal e das comunidades, o sol radiante e a água tépida dos nossos mares e a presença de 1 400 tropas dos três ramos das forças armadas para partilharem com este religioso povo os êxitos das heroicas missões de séculos pelos quatro cantos do mundo.

As ruas peçadas de gentes da bela ilha e com muitos turistas, admirados com tão esplendoroso registo de celebração de um dia tão importante, com a presença do primeiro-ministro e do presidente da república.

Cerimónias várias focavam essa essência do ser açoriano nascido português, tantas vezes esquecido pelos poderes centrais, mas que desta vez seria o centro das celebrações, para que o mundo e os altos dignatários estrangeiros pudessem ver o que a capital do arquipélago tinha para oferecer.

Muitos nativos se pronunciaram e declararam que, apesar de nascidos nos Açores, eram Portugueses com esse orgulho infindo em pertencerem a uma centenária nação que deu novos mundos ao mundo.

A única nota discordante, e que ficou longe das imagens televisivas, foi a tentativa de um pequeno grupo de idosos empunhando bandeiras não-oficiais dos Açores que foram prontamente impedidos pelas autoridades policiais e de segurança de se acercarem das Portas da Cidade para mostrarem o seu descontentamento, em memória do conflito independentista de 6 de junho de 1975, hoje ilegal e sem qualquer representatividade. Se não tivessem sido parados a tempo iriam ensombrar, sem necessidade, um dia glorioso na história do arquipélago.

O Presidente da República, homem de afetos e de contacto fácil com a população, disse ainda que seria uma ofensa vir aos Açores e não saborear as suas águas, lançando-se ao mar no pesqueiro e dando algumas braçadas para gáudio dos populares que se enfileiravam para poderem esperar o momento de tirar uma *selfie* com o mais alto representante da nação. Esta era a terceira vez que os Açores tinham a subida honra de serem anfitriões de tão importante data, depois de Ponta Delgada em 1989 e Angra do Heroísmo em 2004.

O Presidente da República considerou hoje que a autonomia dos Açores "fez a diferença" na vivência açoriana, mas também portuguesa, manifestando orgulho por ter votado como deputado da Assembleia Constituinte este regime de governação do arquipélago. "Conheço os Açores há muitas décadas. Sou testemunha não de um momento, mas de um longuíssimo processo histórico só possível devido à autonomia que, tal como consagrada na Constituição, fez a diferença na vivência açoriana e, por isso, também na vivência portuguesa", declarou Marcelo Rebelo de Sousa. referiu que todos os constituintes "perceberam o alcance do que estavam a votar, e eu certamente percebi".

E Marcelo Rebelo de Sousa percebeu que este era um "processo imparável, irreversível, de virtualidades crescentes e que, longe de ser contraditório com o todo nacional em que nos integrávamos, só valorizava e enriquecia". As décadas que disse ter privado com os Açores e os açorianos "vieram confirmar o acerto desta visão".

As comemorações do 10 de Junho, que se prolongam até segunda-feira entre os Açores e os Estados Unidos da América, começaram sábado de manhã em Ponta Delgada, com o Presidente da República a presidir à cerimónia do içar da bandeira nacional, nas Portas da Cidade. Em Ponta Delgada, desde sexta-feira, o chefe de Estado, Marcelo Rebelo de Sousa, cumpriu a meio da manhã o primeiro ponto da agenda das comemorações oficiais do Dia de Portugal, de Camões

exterior a fim de lá estabelecer uma presença perene e autônoma e construir uma sociedade economicamente viável, geralmente baseada na agricultura e no comércio. Esse tipo de colonização opõe-se à forma feitoria, bem como à forma colonização de exploração.

Desde o início da idade moderna, vários estados europeus adotaram políticas coloniais, competindo uns com os outros para estabelecer colónias fora da Europa - inicialmente nas Américas e depois na Ásia, África e Oceânia. Esse colonialismo moderno resultou na conquista do novo mundo e na formação das primeiras colónias de povoamento europeu, que estão na origem dos estados unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, bem como da América do Sul, África do Sul e Namíbia (correspondentes à antiga colônia do Cabo). Nesse processo, a população autóctone é submetida, deslocada ou fisicamente destruída (genocídio). O mesmo modelo de colonização seria aplicado nas cidades de Hong Kong e Macau, em Singapura e no sudeste asiático. Segundo Ilan Pappé, o colonialismo de povoamento é essencialmente um projeto de substituição e deslocamento; de assentamento e expulsão [de populações]. Baseia-se na desumanização e na eliminação [de populações autóctones]. Trata-se, enfim, de ajudar um grupo de pessoas a se livrar de outro grupo de pessoas. [Colonização de povoamento - wikipédia, a enciclopédia livre](#). COLONIZAÇÃO DE POVOAMENTO OU COLONIALISMO DE POVOAMENTO, TAMBÉM...

nota do autor: é triste quando os povoadores que foram e são colonizados nem se apercebem de serem e estarem ainda a ser colonizados...

¹⁵³ Winston Smith esteve em Ponta Delgada a convite de várias organizações não-governamentais, sendo funcionário do Miniver (Ministério da Verdade, Secção de Registos) em Eric Arthur Blair "1984"

e das Comunidades Portuguesas, com a cerimónia do içar da enorme bandeira nacional, nas Portas da Cidade. Depois de passar pela zona onde está instalada uma área com "atividades militares complementares", Marcelo Rebelo de Sousa seguiu para os Paços do Concelho para receber do presidente da autarquia de Ponta Delgada, José Manuel Bolieiro, a "chave de honra do município". O mais alto magistrado do país declarou que mesmo antes de receber esta distinção da edilidade, que o honra e à nação, já se considerava um ponta-delgadense e "beneficiário do direito" de ser visto pelos locais como um deles, porque é um "aliado, sempre incondicional".

Para Marcelo esta "aliança que vem das afinidades afetivas, ou espirituais, não passa, uma vez criada dura até ao fim da vida". O Presidente da República considerou que o facto de Ponta Delgada ser a "capital de Portugal" por estes dias, uma expressão do presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, José Manuel Bolieiro, é uma homenagem prestada à cidade e, através, desta, à Região Autónoma dos Açores e a "todas e todos os açorianos".

O Presidente da República referiu que os Açores estão "permanentemente no coração de todas e todos os portugueses", e Ponta Delgada "de um modo muito especial", sendo que o entrosamento vivido nestes dias "só peca por ser escasso pelo tanto que haveria a agradecer" em homenagem a "estas terras e estas gentes".

Já ao final da tarde, o Presidente da República esteve no Palácio de Sant'Ana para a apresentação de cumprimentos pelo corpo diplomático acreditado em Portugal, seguindo-se uma receção comemorativa do 10 de Junho, oferecida pelo presidente do Governo Regional, Vasco Cordeiro, e onde já estará presente o primeiro-ministro, António Costa.

Juntos, Marcelo Rebelo de Sousa e António Costa assistiram na noite de ontem, a um concerto na igreja paroquial de São José e a um memorável espetáculo de fogo de artifício, os dois últimos pontos da agenda das comemorações oficiais do 10 de Junho, que só vão terminar na segunda-feira, nos Estados Unidos, com passagens por Boston e Providence.

Em 2016, ano em que tomou posse como chefe de Estado, Marcelo Rebelo de Sousa lançou um modelo inédito de comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, acertado com o primeiro-ministro em que as celebrações começam em território nacional e se estendam a um país estrangeiro com comunidades emigrantes portuguesas. Nesse ano, o Dia de Portugal foi celebrado em Lisboa e Paris e, em 2017, no Porto e nas cidades brasileiras do Rio de Janeiro e São Paulo.

Este ano cabe aos Açores, mais concretamente a Ponta Delgada, receber a primeira parte das comemorações, viajando depois o Presidente da República e o chefe do executivo para os Estados Unidos, país onde vivem cerca de 1,4 milhões de portugueses e lusodescendentes, estimando-se que 70% sejam de origem açoriana. Contudo, foi ainda em Ponta Delgada, no domingo, que se fez a tradicional Cerimónia Militar Comemorativa do Dia de Portugal, que contou com a participação de 1400 militares dos três ramos das Forças Armadas. Ausentes desta cerimónia estiveram este ano os líderes partidários, à exceção do presidente do PS, o açoriano Carlos César. O presidente do PSD, Rui Rio, estará na Guiné-Bissau, a líder do CDS-PP, Assunção Cristas, em Paris (França), a coordenadora do BE, Catarina Martins, em Lisboa, e o secretário-geral comunista, Jerónimo de Sousa, passará o dia no Alentejo. Presentes em representação do PSD, Paulo Mota Pinto, presidente do Conselho Nacional do partido, pelo CDS-PP o deputado Telmo Correia, enquanto os comunistas escolheram Vítor Silva, coordenador regional do PCP Açores. O BE não esteve representado nas cerimónias oficiais do 10 de Junho, como é habitual.

Vai ser a celebração do 10 de junho mais americana de sempre: aproveitando o mês de Portugal nos Estados Unidos (iniciativa diplomática e económica que inclui mais de 130 ações em 12 estados e 60 cidades), o primeiro-ministro vai tentar dar visibilidade ao país num roteiro intenso que começa em Boston, na costa Leste, segue para a Califórnia, na Costa Oeste, e dá uma volta de 180 graus rumo a Nova Iorque antes de regressar a Portugal. E nos dois primeiros dias (10 e 11 de junho), Marcelo faz-lhe companhia. Costa e Marcelo chegam a Boston (Estado de Massachusetts), vindos dos Açores, no final da tarde de domingo, e seguem diretamente para a primeira cerimónia: são recebidos na praça do município pelo embaixador português em Washington, ouvem os hinos dos dois países e após declarações curtas vão para Providence, a capital e cidade mais populosa do estado de Rhode Island, onde são recebidos pela governadora, e por líderes da comunidade portuguesa local.

No país do espetáculo, Costa e Marcelo participam depois na noite portuguesa do Waterfire, um evento anual de arte pública adotado como celebração cívica e de homenagem às personalidades que mais se destacaram na promoção da comunidade lusa nos EUA. Vão, juntamente com os homenageados, empunhar tochas numa romaria até um arraial luso. Marcelo regressa a Portugal no dia 11, mas Costa permanece nos Estados Unidos até sábado. A viagem do chefe de governo, de cariz fortemente económico, inclui participações em fóruns e eventos de promoção da economia portuguesa, visitas ao MIT, à sede da Google em Silicon Valley, à Cisco, ou a uma fábrica da portuguesa Corticeira Amorim; mas também tem momentos políticos, como os encontros com Condoleezza Rice, antiga secretária de Estado norte-americana, e hoje membro destacada do think-tank Hoover Institution, e com o governador da Califórnia no Capitólio Estadual, e culturais, como a inauguração da Praça de Cascais, em Sausalito, na baía de São Francisco.

No final da semana Costa segue para Nova Iorque, onde multiplica participações em seminários económicos, e inaugura o painel eletrónico "Marca Portugal" na icónica Times Square. E na tarde de sexta-feira, já início da noite em Portugal, assiste à estreia da seleção nacional de futebol no Mundial 2018: assiste ao Portugal-Espanha no Sport Clube Português antes de ser recebido num jantar de gala da Câmara de Comércio Luso-americana no Harvard Club. O regresso a Portugal está previsto para a madrugada de domingo.

Há 1,4 milhões portugueses e lusodescendentes registados nos Estados Unidos (os últimos números disponíveis são de 2016). Destes, 80% chegaram antes do ano 2000. A idade média está nos 40 anos, e 51% da comunidade está entre os 18 e os 54 anos. 27% tem mais de 54 anos e 22% têm menos de 18. Os estados com mais lusodescendentes são a Califórnia (355 mil), Massachusetts (278 mil), Rhode Island (95 mil), Florida (80 mil), New Jersey (79 mil), Nova Iorque (51 mil), e Connecticut e Hawaii (ambos com 50 mil cada).

A comunidade lusa trabalha sobretudo no setor da educação, saúde e assistência social (22%). De seguida seguem-se várias áreas, cada uma delas com valores próximos de 10%: comércio e retalho, finanças, imobiliário, hotelaria e restauração, indústria e construção. Os Estados Unidos são o maior comprador de exportações portuguesas fora da União Europeia, com valores que nos últimos anos têm rondado os 2.500 milhões de euros.

Neste mesmo dia, em 1580, morreu Luís Vaz de Camões, o maior poeta português de sempre e um dos grandes poetas do Ocidente. Imortalizou as descobertas portuguesas na sua obra "Os Lusíadas". Hoje celebra-se, além de Camões, o Dia de Portugal e das Comunidades Portuguesas. No final das celebrações do 10 de junho os açorianos estavam felizes por saberem que podem sempre contar com todo o apoio de Portugal, e que, se ao longo da sua história, foram momentaneamente esquecidos, hoje já não o são, e estão no coração de todos os portugueses que com eles comungam das suas dificuldades, anseios e aspirações, ora integrados nessa grande Europa da qual Portuga andou arredado tanto tempo e que tem permitido aos Açores o salto civilizacional e económico que faz deste arquipélago um motor de sucesso da sua economia pujante. Os Açores de hoje com o seu rápido desenvolvimento económico são um exemplo para as centenas de milhar de turistas que anualmente visitam estas encantadoras ilhas e foi da maior justiça Portugal ter decidido

que o dia mais importante do ano celebrando Portugal, Camões e as Comunidades Portuguesas aqui tivesse lugar. Será importante deixar aqui registadas para a posteridade as palavras do presidente do governo regional, Vasco Cordeiro na receção ao Corpo Diplomático, no âmbito das Comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas:

“Em nome do Povo Açoriano, sejam todos bem-vindos ao Palácio de Sant’Ana, sede da Presidência do Governo da Região Autónoma dos Açores, para celebrarmos Portugal. Há quase 600 anos que aqui estamos e, desde o início, a evidência foi que, aqui, Portugal é diferente. Nuns casos, por nós, noutros, por outros, aqui, Portugal é diferente.

Não esqueçamos de onde viemos, nem ignoramos onde estamos. Mas, sobretudo, sabemos quem somos.

A História e a Geografia deram-nos forma, mas é o “intenso orgulho na palavra Açor”, nas palavras de Sophia de Mello Breyner, que dá o sopro de vida a esta identidade que empunhamos.

E esse orgulho não é vão, nem é vazio. É, desde logo, o orgulho que pode ter, é o orgulho que tem quem aqui resiste.

A tempestades e a terramotos;

A vulcões e a piratas;

De quem já resistiu à fome, às pragas, à solidão e, em alguns casos, ao esquecimento;

Resiste e persiste, reconstruindo, reerguendo, refazendo.

Esse é o orgulho de quem tem uma aguda consciência de si próprio. E essa aguda consciência de nós próprios – talvez por estarmos sós na vastidão do Atlântico ou, talvez, simplesmente, por em tantas voltas da vida, termos estado simplesmente sós -, é, no fundo, quase como que a chama eterna, o fogo sagrado que anima o Povo Açoriano.

E neste “intenso orgulho na palavra Açor” está também o orgulho do que demos e do que damos pelo nosso País.

Demos Presidentes da República, cientistas e militares;

Demos embaixadores, ministros e escritores;

Demos pensadores, políticos e poetas;

Demos Homens e Mulheres desconhecidos que, nas Américas e não só, pelo seu suor e pelas suas lágrimas, afirmaram e afirmam Portugal aí;

Demos guarida ao último reduto da nacionalidade e fomos ponto de impulso para as batalhas pela modernidade;

Demos homens e demos jovens que, por Portugal, deixaram a sua vida num qualquer campo de batalha, e que, mesmo quando aí não deixaram a vida, em muitos casos, deixaram partes de si próprios, do corpo ou do espírito.

E tudo isto fizemos sem nunca impormos condições nem moedas de troca.

Tudo isto fizemos “com um intenso orgulho na palavra Açor”. E, se tudo isto demos no passado, hoje continuamos a dar.

Os Açores são terra de mar. Damos dimensão estratégica e damos importância pela terra que temos e pelo mar que trazemos.

Nesta nova fronteira, que já suscita a cobiça de muitos, Portugal é o que é, porque os Açores são o que são.

Damos empenho e damos território na construção de pontes e parcerias para a paz, para a ciência e para o conhecimento.

Damos testemunho de uma Autonomia que foi, é e quer mais ser por causa dos desafios que já venceu, mas, sobretudo, por causa dos desafios que quer vencer.

Damos presença em áreas de vanguarda da exploração e do conhecimento espacial, reforçando a importância e a mais valia de Portugal.

E é por tudo isto, e por tanto mais, que não podem restar dúvidas que, aqui, Portugal é diferente.

E não queremos que deixe de ser Portugal, mas também não queremos que deixe de ser diferente.

Porque esta nossa diferença não nos diminui em nada. Porque, no fundo, é esta nossa diferença, do que somos como Povo e como Região, que faz Portugal mais forte! E é por tudo isto que hoje digo, que hoje podemos dizer,

Vivam os Açores, Viva Portugal!”

Foi assim o dez de junho nos Açores.

CRÓNICA 197 O MAR DOS AÇORES É DE QUEM? 12.6.18

Da última vez que vi e consultei a frase em epígrafe foi quando um dirigente supremo do governo da Região Autónoma dos Açores disse qualquer coisa parecida com “o mar dos Açores é nosso” e logo apareceram dias depois 1400 marinheiros, soldados e aviadores, a pretexto do 10 de junho, e ainda ficaram uns fuzileiros mais uns dias para fazerem uns exercícios de exemplificação do desembarque rápido de tropas numa praia ao lado de Ponta Delgada.

A política relativa ao mar também está entre as prioridades açorianas, salientou Vasco Cordeiro¹⁵⁴, nomeadamente porque “só à conta dos Açores, em termos de área de mar, há cerca de um milhão de quilómetros quadrados atualmente”, o que dá a dimensão “da importância que o arquipélago tem para o país”. Vasco Cordeiro defendeu a existência do programa POSEI, de apoio específico às regiões ultraperiféricas, também às pescas.

Mar dos Açores é a designação dada ao conjunto formado pelo mar territorial e pela zona económica exclusiva em torno do arquipélago dos Açores, a que o amigo José Soares chama hidrotório. Não dispomos de uma máquina do tempo que nos permita saber tudo sobre a origem da vida¹⁵⁵. Para animais e plantas, sobretudo para as que têm partes duras, temos o registo fóssil, mas para os primeiros microrganismos, seres unicelulares, não é tão simples obter pistas. Atualmente, são conhecidas nos Açores cinco fontes hidrotermais (‘Lucky Strike’, descoberta em 1992, ‘Menez Gwen’, em 1994, ‘Rainbow’, em 1997, ‘Saldanha’, em 1998 e ‘Ewan’, em 2006), todas elas localizadas a sul do arquipélago açoriano, e a serem alvo de estudos científicos. Um dos objetivos da investigação científica nas fontes hidrotermais de profundidade é encontrar respostas para setores como a Medicina e a indústria farmacêutica, que procuram descobrir propriedades anticancerígenas nesses organismos, que sobrevivem em condições extremas (libertação de gases e temperaturas elevadas).

Ora um milhão de km² a crescer á plataforma marítima de Portugal, como atualmente se debate no seio da ONU, é muita riqueza para deixar a sua exploração e negociação aos pobres e malformados quadros técnicos da Universidade do arquipélago e carece de ser devidamente acompanhada e negociada pelos peritos em todas essas áreas do conhecimento científico e comercial existentes na Corte de Lisboa. Não interessa o que está previsto na Constituição nem o que consta no estatuto de Autonomia da Região que, aliás, isso nunca impediu Lisboa de fazer o que muito bem entende. Como os Açores são Portugal deixemos Portugal tratar desses assuntos demasiado sérios e técnicos.

Oito anos depois da entrega da candidatura nas Nações Unidas, Portugal começou em agosto 2017 a defesa da proposta de extensão da plataforma continental para além das 200 milhas marítimas que constituem a Zona Económica

¹⁵⁴ 16.4.2018 <https://observador.pt/2018/04/16/agricultura-e-mar-prioridades-dos-acores-para-o-proximo-quadro-comunitario/>

¹⁵⁵ Ler mais em: <https://www.cmjornal.pt/tecnologia/detalhe/mar-dos-acores-o-segredo-da-origem-da-vida>

Exclusiva (ZEE) do país. Se as pretensões nacionais forem atendidas, Portugal poderá dobrar a extensão do seu território marítimo, dos atuais dois milhões para quase quatro milhões (3,8) de quilómetros quadrados.

O reconhecimento da plataforma continental implica que Portugal fique com a jurisdição do solo e subsolo marítimos (não da coluna de água e respetivos recursos marinhos, como acontece na área da ZEE). As "possibilidades de exploração económica" - por exemplo de minerais ou de vários produtos marítimos usados em medicamentos ou cosmética - foram um dos pontos destacados pela ministra do Mar, para além das potencialidades no campo das energias renováveis. Portugal tem, atualmente, uma ZEE de 1,7 milhões de quilómetros quadrados, a terceira maior da União Europeia e a 11ª do mundo. Atendendo a que Portugal Continental tem pouco mais de 92 mil quilómetros quadrados de área, a extensão do território marítimo em mais 350 milhas significará que a área de mar será 40 vezes superior à terrestre.

A vigilância da ZEE portuguesa é exercida pela Marinha Portuguesa, Força Aérea Portuguesa, pela Autoridade Marítima Nacional, Polícia Marítima e Direção-Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos, que através de meios próprios executam missões de:

- Fiscalização e controlo das atividades de pesca;
- Detecção e controlo de atividades ilícitas;
- Imigração ilegal;
- Detecção de poluição marítima;
- Controlo do Tráfego Marítimo;
- Operações Militares;
- Busca e Salvamento.



Como os Açores não têm meios próprios, nem marinha, nem aviação, resta concluir que o mar dos Açores só é nosso em sentido literário, bom para poetas e prosadores escreverem, mas na prática será em Lisboa que tudo será decidido, como aliás é norma num estado unitário, uno e indivisível...

CRÓNICA 198 DA ESCRAVIDÃO PERPÉTUA 18.6.18

Por vezes acontecem ideias a meio da noite ou em sonhos de despertares súbitos. Foi isso que sucedeu quando totalmente exsudado despertei e entendi a máquina que move os humanos. Lembrei-me de todas as civilizações existentes na História Moderna desde a Grécia a Roma e mais recentes civilizações. Entendi agora pontos mais obscuros da teoria dos multiversos, ou universos paralelos e tudo que há de comum em toda a História da Humanidade.

Locke é considerado pelos seus críticos como sendo "o último grande filósofo que procura justificar a escravidão absoluta e perpétua". Ao mesmo tempo que dizia que todos os homens são iguais, Locke defendia a escravidão a exemplo de Aristóteles, que foi o primeiro a fazer um tratado político defendendo a escravidão. Na época, a escravidão era uma prática comum, e isso classificaria Locke como um homem da época - o que não diminuiria a importância das suas ideias, revolucionárias em relação ao seu tempo.

A **escravidão** não é coisa do passado e de países pobres, e pior: nunca foi tão lucrativa. O alerta vem do advogado, autor e ativista Siddharth Kara, um dos principais especialistas do mundo em tráfico de pessoas e escravidão, temas que estuda e leciona na Universidade de **Harvard**. "Nenhum país é imune e somos todos cúmplices. A escravidão permeia a economia global mais do que em qualquer momento do passado", diz ele. A estimativa é de a indústria da escravidão gerar lucros de até 150 bilhões de dólares por ano. Há 21 milhões de escravos no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho.

Nos últimos 17 anos, Kara entrevistou mais de 5 mil pessoas que estão ou estiveram nestas condições em mais de 50 países. Mas afinal de que escravidão falamos, pois existem tantas formas e variadas manifestações? Há uma forma generalizada e comum a quase todos: "Nunca ninguém foi verdadeiramente livre" por mais aparência de liberdade que existisse, como foi o caso das gerações que viveram entre 1960 e 2000, considerado, por alguns, o período em que mais liberdadinhas tiveram os humanos no mundo ocidental.



Aborígenes australianos em cativo séc. XIX-XX.

Desde sempre sujeitos a normas e convenções, com mais ou menos liberdade de opções, a humanidade esteve sempre sujeita aos desígnios de uma pequeníssima minoria mandante que dita os moldes da escravidão de cada era, desde a fixação do trabalho, à sua remuneração, às recompensas por bom comportamento dos seus súbditos, à existência ou não de tempos de lazer, desde que a engrenagem produtiva não seja afetada, nem mesmo aqueles que, pretensamente, vivem *off-the-grid* (fora da rede).

Estes continuam a necessitar de bens produzidos pelo sistema e o sistema de “barter” ou troca direta nem sempre é possível para aquisição daquilo de que precisam para viverem fora da rede. Isto é verdade em todas as ocupações e profissões e os desprovidos são os desempregados, os sem-abrigo e outros que fugiram ao ciclo produtivo com toda a liberdade de fazerem o que quiserem desde que seja gratuito, o que os limita a viverem à sombra da bananeira, nalguma ilha deserta e tropical, rica em produtos para a sua alimentação, vestuário e outras necessidades primárias. E todos sabemos que isto só é possível em literatura ou em casos, muito isolados. Os senhores do mundo, usam os instrumentos ao seu dispor desde a escravatura materialista das sociedades contemporâneas à religião, à contrainformação, aos grandes espetáculos circenses que reproduzem a velha máxima romana de “política do Pão e circo (*panem et circenses*)” que vai dos mundiais de futebol, aos vários outros desportos de massas, anestesiando as massas e dando fuga a sentimentos reprimidos.

Basta averiguar o mito das férias. Se estiver numa ocupação produtiva remunerada, provavelmente recebe um montante extra para gastar, caso contrário se viver, como eu, na Lomba da Maia, se não tiver dinheiro extra nem carro próprio, terá de ir a pé os 4 km até à Praia da Viola e chamará a isso férias, ou aproveitará esse tempo livre para cuidar da casa, pintá-la, renová-la com o seu trabalho gratuito e chama a isso de férias. Se entrou num esquema de crédito ao consumo, nunca mais se libertará do ciclo vicioso de trabalhar para pagar ao banco o que pediu emprestado e os juros exorbitantes dessa invenção a que chamam dinheiro.

Em qualquer outra esfera da vida será o mesmo. Endividou-se para estudar, então trabalhe, seja explorado para poder reembolsar a banca, a mesma que não vai à falência e sobrevive explorando-o a si e aos dinheiros dos demais contribuintes. Seria uma vida mais livre e menos escrava antes de se ter inventado o dinheiro? Não temos relatos fidedignos na história...

Se depois desta curta resenha ainda pensa que não é um escravo, pense nos seus antepassados e imagine como será o futuro dos seus descendentes e verá como é apto o título desta crónica. E se pensa que os mandantes e donos disto tudo são livres desengane-se, sem os escravos perpétuos eles nada são e têm de se certificar constantemente de que há escravos suficientes para eles manterem o sistema a funcionar. Por mais oleado que o esquema esteja terão sempre de inventar novas normas e retribuições ou mentiras, fake news, para que a roda dentada da engrenagem continue a funcionar. E os poetas, sonhadores, escritores e outros como eu, enganam-se pensando que ao escreverem isto são livres, mas é só nessa realidade virtual da escrita que eles atingem esse modicum enganoso de liberdade.

CRÓNICA 199, A REDESCOBERTA DA ATLÂNTIDA DE ALMEIDA MAIA E “NO PASA NADA” 23 DE JUNHO 2018

O professor universitário Paolo Benevoli, que lidera uma secreta investigação da localização da Atlântida, é assassinado, tal como o seu assistente, logo após ser encontrada uma lápide com uma mensagem extremista no átrio do Palácio de Sant'Ana. A seita FLA, Free the Landscape of Atlantis ameaça.... Assim se resume Capítulo 41: A Redescoberta da Atlântida de Almeida Maia, autor que desconhecia até há semanas apesar dos extensos encómios a uma sua obra anterior “Bom tempo no Canal, a conspiração da Energia.”

Por simpatia o autor veio a minha casa oferecer-me um exemplar que li avidamente em dois ou três dias seguidos tão emocionante era a trama deste romance ficcionalizado. Sem entrar em detalhes quero dizer-vos que as fontes citadas no campo da descoberta dos Açores são ainda mais completas do que as que constam dos meus volumes de CrónicaAçores e bem fundamentadas para darem contexto histórico ao tema. Enquanto a arqueologia e outras ciências não provam de forma infosismável aquilo em que muitos creem, este livro ficcionaliza o que a curto ou longo trecho se provará. Sim, porque este arquipélago já teve outros habitantes, como foi revelado em 2017 por um Estudo internacional dos sedimentos da Lagoa Azul, nas Sete Cidades, que conclui que a maior ilha dos Açores, hoje com 125 mil habitantes, já era povoada em 1287. O estudo de pólenes e esporos, combinado com a análise do carvão e de fósseis de vários microrganismos, nos

sedimentos acumulados no fundo da Lagoa Azul, na caldeira das Sete Cidades, em São Miguel, revelam que esta ilha dos Açores já era habitada por volta de 1287, cerca de 150 anos antes da data oficial do seu povoamento, logo a seguir à última erupção vulcânica conhecida.

A datação foi feita por Carbono 14 e o estudo acaba de ser publicado na revista científica internacional "Quaternary Science Reviews" por uma equipa que reúne investigadores do polo do Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos (CIBIO) na Universidade dos Açores; do Instituto Dom Luiz na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa; das universidades da Corunha, Barcelona e Autónoma de Barcelona e de dois institutos de investigação da mesma cidade; e das universidades Edith Cowan (Austrália) e da Austrália Ocidental.

Como recorda o estudo, "a data mais consensual da colonização humana dos Açores é 1432, quando Gonçalo Velho Cabral chegou à ilha de Santa Maria" (grupo oriental). O mesmo navegador descobriu depois São Miguel, a outra ilha do grupo oriental. A data oficial do início da colonização do arquipélago é 1449, mas há historiadores que defendem que os Açores já eram conhecidos antes, baseados em mapas de 1339 onde as ilhas do Corvo e de São Miguel já estão assinaladas, embora com nomes diferentes (Corvinaris e Caprara, respetivamente). Reconstruir o desenvolvimento da vegetação. O objetivo da equipa internacional de investigadores com o estudo agora publicado foi reconstruir a dinâmica da vegetação na região da caldeira das Sete Cidades e no arquipélago dos Açores em geral ao longo dos últimos 1000 anos. E definir os principais fatores de mudança na ecologia das ilhas, "com destaque para as alterações climáticas e para o 'timing' da ocupação humana inicial e das suas consequências posteriores", explica o artigo da revista "Quaternary Science Reviews". No fundo, os cientistas pretendiam compreender como foram modeladas as atuais paisagens e comunidades agrícolas dos Açores.

Os pólenes, esporos, carvões e outros materiais orgânicos analisados pelos investigadores serviram assim para reconstruir o desenvolvimento da vegetação da ilha de S. Miguel antes e depois do povoamento pelos primeiros europeus. Mas adicionalmente, a equipa internacional usou também pólenes de algas e plantas aquáticas da Lagoa Azul. Do ponto de vista ecológico, referem os cientistas, "os Açores podem ser vistos como o lugar de uma experiência não intencional em larga escala, onde plantas introduzidas pelos seres humanos de origens geográficas e ecológicas díspares substituíram a vegetação original e desenvolveram novas comunidades, cuja composição e funcionamento ecológico não tinha precedentes". (extraído de notícia do Expresso).

Enquanto esta nota serve apenas para vos alertar para um livro interessante o mundo lá fora e cá dentro continuado obcecado por futebol, uns no Mundial da bola outros na saga autofágica sportinguista, na greve dos professores (que - imaginem! queriam que não lhes fossem descontados quase dez anos de tempo de serviço, que desfaçatez!), no desmaio do senhor Presidente Marcelo II em Braga, no atentado para matar o primeiro-ministro de São Tomé e Príncipe, nas crianças separadas dos pais pelo senhor Trump, os sempre animados festejos das Sanjoaninas e outras bagatelas sem importância nenhuma.

O sempre criticamente lúcido editor do Jornal dos Açores, Osvaldo Cabral, em editorial falava do escândalo das listas de espera nos 3 hospitais da região, que nunca parou de aumentar apesar dos milhões e milhões creditados à saúde e a vários planos de redução das listas de espera...é isto as listas aumentam, as consultas pedidas e tratamentos por privados deixaram de ser atendidos se não forem prescritos pelo SRS... o recurso dos doentes tem de ser feito em muitos casos no privado, para quem pode e quer ter alguma saúde...os internados nos hospitais são, muitas vezes, obrigados a calarem-se quando são corridos pela regra não-escrita, não-admitida nem declarada mas real dos seis dias como limite médio dos internamentos, os doentes das ilhas "menores"sem hospitais têm tratamento de 3ª classe, os médicos do Faial ganham créditos à custa dos colegas do Pico, e sei lá que mais que me apetece contar...

Dito isto admiram-se do absentismo eleitoral, do divórcio total da população e políticos ou vão continuar a assobiar para o lado e a comprar votos com subsídios, festarolas e quejandos? Eu até sei como vou votar, quando me baterem aqui à porta...

CRÓNICA 200 VIDA DE CÃO (SEM DATA 2017)

Hoje acordei e espreguicei-me toda para o Senhor me fazer uma festa no pescoço e dizer *bom dia menina Leoa*, como faz todas as manhãs, antes de me abrir o portão do quintal para ir correr atrás de gatos, pássaros e tudo o que mexa.

Quando entrei vinda do quintal, a minha patroa começou a chamar-me aqueles nomes esquisitos que me chama sempre chichinha, fofinha, apesar de eu já lhe ter dito que não gosto desses diminutivos ridículos que me apoucam.

Fui-me deitar, no meu pufe privativo, como faço sempre depois de qualquer exercício físico. Ainda é cedo para o almoço em que nunca me dão de comer e se sentam à mesa a alambazarem-se de comida, os ingratos. Lá vou ter de esperar até ao jantar.

Por azar, o filho do Senhor não está em casa e ao almoço, por vezes, dá-me um daqueles biscoitos crocantes de que tanto gosto, fazendo sempre a mesma brincadeira ridícula de esconder o biscoito numa das mãos e esperar que eu descubra... não deve saber que nós – canídeos – temos um olfato apurado.

A minha cama já está no andar de cima e posso deitar-me lá ao pé do Senhor que passa o dia sentado ao computador e nunca me chateia, de vez em quando faz uma festa furtiva no pescoço e se tento agradecer-lhe e lambuzá-lo ele reage logo e começa a fugir de mim como se eu tivesse a lepra.

Disseram-me que nos meus primeiros seis meses nem se aproximava de mim com medo de ser lambuzado.

Os outros não, adoram essas manifestações de ternura, especialmente quando – ingratos – saem de casa e me deixam fechada lá fora sujeita às agruras do clima, na minha casota no pátio, que fica antes do quintal.

Claro que quando voltam mostro-lhes a minha alegria e gratidão. Não sabem eles que nós, cães, quando os donos nos deixam tememos que nos deixem para sempre?

Como daquela vez que foram todos embora uma semana e me deixaram aqui sozinha até que a empregada a dias chegou e tratou de mim. Ainda hoje a recompensar bem com festas e lambuzadelas por me ter ajudado nesses dias difíceis de temporal em que fiquei sozinha. Nem sabia o que era vento nem temporal, era muito nova e tinha vindo para esta casa há poucos meses.

Como não sabia que tinham ido de férias, pus-me a uivar à porta a ver se me abriam a porta, mas eles estavam longe e fiquei toda encharcada. Nunca pensei que a minha casota fosse outra coisa se não aquele sítio onde me põem de castigo quando saem de casa. Sim, porque nas outras ocasiões deixam-me dormir aos pés da cama do menino ou da Senhora, depois de o Senhor se levantar que ele já deixou bem claro que não me quer lá enquanto está na cama. Vá-se lá perceber as manias destes humanos. Cada um tem a sua panca.

Hoje depois de almoço, a Senhora pegou na coleira e levou-me ao habitual passeio diário, rua acima e rua abaixo ou é ao contrário? Rua abaixo e rua acima? Bem podia fazer isto mais vezes para eu não ficar com varizes nas pernas por falta de exercício físico, mas ela é doente anda devagar e sempre a arfar e não posso puxar muito por ela caso contrário lá se vai o passeio.

Quando é o puto a levar-me deve pensar que sou um galgo e desata a correr que nem um maluco, rua abaixo e rua acima, e eu fico meia hora a resfolegar, com a língua de fora, quase sem poder respirar. A Senhora diz sempre para ele não fazer isso, pois posso apanhar um AVC que não sei o que é, mas pela cara dela não deve ser coisa boa.

Quis dar uma lambuzadela ao Senhor, mas ele fugiu a sete pés, abriu a porta do pátio e disse que eram horas de ir passear ao quintal. Lá fui, ladrei aos sons estranhos que chegavam da vizinhança, fiz o que tinha a fazer, e voltei para me deitar e descansar. Foi mais um dia duro na minha vida.

A senhora hoje recomeçou as lides laborais e diz sempre que vai para a escolinha, o que, aliás, diz sempre que sai e não quer que eu me incomode ou agite por ficar sozinha. Todos sabem e sentem muito bem, como eu só me sinto bem quando estão todos cá em casa, os três, e melhor ainda quando vem a senhora que me salvou a vida e a quem chamam a nossa Berta.

Já foi há muito tempo, saíram todos e deixaram-me no pátio na minha casota. Começou a chover, a trovejar, parecia um dilúvio que nunca mais parava, eu bem ladrava á porta das traseiras para ma abrirem, mas, como não estava ninguém em casa nesse dia, nem nessa noite, ninguém abriu a porta e eu, pequenina como era com menos de um ano de idade apanhei uma molha enorme pois nunca descobri que a casota era para me abrigar da chuva. Foi só no dia seguinte que apareceu essa Berta que tomou conta de mim e me secou e veio cá nos dias seguintes dar-me comida e água e tratar de mim. Estiveram para aí duas semanas fora e foi essa Berta quem me salvou. Por isso ainda hoje ando sempre atrás dela nos dias em que ela vem a casa.

Este ano não sei o que aconteceu, pois, começou a vir cá outra Berta que não era simpática nem tratava de mim como a Berta e andei muito triste, muito tempo, sempre a refugiar-me atrás do Senhor, pois esta tinha a mania de usar aquela máquina barulhenta a que sou alérgica e que se chama aspirador. Faz um barulho que me põe maluca e apesar de eu lhe ladrar não tem medo nenhum de mim. Felizmente, parece que a Berta já vai voltar pois já cá estive em casa duas vezes e assim, sempre fico mais descansada se acontecer alguma coisa aos senhores ou se resolverem sair e nunca mais voltar.

Depois do calor de verão veio uma fase muito agitada cá em casa, os senhores começaram a ir para fora uns dias e a deixarem-me aqui sozinha dias inteiros, até à noite quando vinha o Menino André tomar conta de mim. Nesta fase andei muitos dias sempre a comer frango pois ninguém cozinhava nada diferente para eu comer.

Os Senhores passavam a vida a fazer e desfazer malas e lá estive eu de cauda descaída toda triste, sempre à espera que fechassem as malas e fossem, sabe-se lá para onde. Mas para onde iam, o certo é que devia ser sítio ruim pois não me trouxeram prendas como das outras vezes. O menino parece que já não vai para a escolinha, como me diziam sempre, só a Senhora anda na escolinha, o Menino agora vai para o trabalho e até já arranjou um carrinho muito *Smart* para ir mais tarde e vir mais cedo.

A Berta voltou e essa rotina fez-me bem, mas o resto anda tudo muito agitado, e com a chuva que nunca mais parou de cair o quintal anda sempre fechado e acabaram-se os passeios rua acima e rua abaixo, também com a chuva que estive, deixaram-me ficar mais vezes sozinha em casa, apesar de eu ter muito medo. Nunca gostei de ficar de ficar sozinha desde que em pequenina me deixaram uns dias e houve um furacão que me ia levando e a Berta me salvou. Para os castigar quando fico muito tempo sozinha, mesmo dentro de casa, lá lhes vou deixando um presente de cocó na tapete, a ver se da próxima vez demoram menos. Mas quando chegam ralham-me, sem me porem de castigo lá fora, e fica tudo na mesma. Bem lhes faço uma festa enorme ao chegarem, dançando em duas patas lambuzando-os e dizendo-lhes, à minha moda, como é bom estarmos todos juntos sob o mesmo teto. Agora plantaram uma árvore enorme no meio da sala de jantar e dizem que é natal, e que vou comer um bife como prenda. Pena que não seja natal todos os dias...

CRÓNICA 201: VIVO NUMA TERRA DE GENTE FELIZ 26.6.2018

Era uma vez uma terra de gente feliz, vacas felizes, um paraíso à face da terra. A economia ia de vento em popa, havia muitos hotéis, muitos turistas, e tudo parecia bom. o dinheiro corria a jorros da fonte de Bruxelas para as vacas, com algumas esmolas para os pescadores, a Faixa de Gaza ia de vento em popa com o maior crescimento populacional do país, todos a viverem dos rendimentos sociais para compensar desigualdades e injustiças do passado, e o Estado ia finalmente livrar-se do cancro das empresas públicas onde se tinham albergado os imigrantes ilegais dos partidos no poder

ao longo de décadas, enquanto aguardavam a regularização do seu estatuto e uma mudança de dinastia. Faltava ainda acrescentar alguns toques à mágica receita da ministra *Veronica Skvortsova, ministra da Saúde da Rússia*. A fórmula da eternidade: "O aumento da idade da reforma prolongará a vida".

Embora muitos pais tentem a todo custo evitar que seus filhos tenham frustrações, elas são importantes para o desenvolvimento humano, mas nem assim se evitavam as taxas de suicídio mais elevadas do país na terra das vacas felizes. Os condutores felizes na terra das vacas sorridentes andavam nas estradas sem carta de condução, sem seguro, muitas vezes alcoolizados, a falarem ao telemóvel e a queixarem-se da necessidade de mais subsídios para a lavoura. Não era gente muito dada aos livros e estudos, pois o abandono escolar prematuro era o mais alto do país, mas isso devia-se sobretudo à felicidade de ir lidar com as vacas que sempre são mais interessantes que os chatos dos professores. No setor dos serviços, em especial na indústria hoteleira e afins, havia um enorme amadorismo, má vontade, falta de preparação e desconhecimento de que o cliente é quem paga os salários dos funcionários, e para isso as belezas naturais não chegavam para encobrir o mau funcionamento do setor.

Por outro lado, pretendendo ser um setor virado para o turismo o ano inteiro, fechavam-se os balneários exceto de junho a setembro e não havia pessoal nadador-salvador sempre útil em praias de correntes e contracorrentes ocultas pelo benigno clima durante a maior parte do ano. Os trilhos, sempre muito procurados pelos amantes da natureza, estavam sem manutenção adequada na maior parte do ano, sujeitos a chuvas, intempéries e derrocadas, além do normal acumular de lixo que se propagava em todos os cantos que nem praga de ratos. O lixo, ah! O lixo para que algumas vezes clamavam pela coíncineradora que a Europa já não propugnava e nem era solução dada a dimensão das terras. E o povo, como era feliz como as vacas, continuava a mandar tudo para o chão, fosse no dia a dia ou nas inúmeras festas que aconteciam em todas as freguesias e lugarejos, sem entenderem que esse lixo e esses plásticos iriam voltar na comida para as suas mesas, fosse misturado com o sal ou no sistema digestivo de peixes e mariscos. A educação cívica ainda estava em estudo nos currículos das escolas que eles não frequentavam. Era um povo tão feliz e sorridente que se mantinha colonizado, sem o saber, sempre atento e venerando às migalhas que os senhores atiravam das ameias aos servos da gleba.

E, como atentos e venerandos sempre haviam sido, assim se quedavam, pois sabiam que as migalhas dos subsídios e apoios à lavoura, às artes e literatura secariam se deixassem de o ser. Nem sabiam, nem a escola que tinham abandonado lhes ensinara quem dissera... "... *As couzas que padecem os moradores desse afligido reyno, bastarão para vos enganar que os que estão fora desse pezado jugo, querirão antes morrer livres, que em paz sujeitos. Nem eu darei aos moradores desta ilha outro conselho... porque um morrer bem é viver perpetuamente...*". Fora Ciprião de Figueiredo (Alcochete, 155? – Lagny-sur-Marne, 1606), 1.º e único conde da vila de São Sebastião (por D. António I de Portugal), por vezes designado por Ciprião de Figueiredo Vasconcelos, que se distinguiu como corregedor dos Açores durante a crise de sucessão de 1580, tendo governado o arquipélago durante o período conturbado que se seguiu à aclamação nas ilhas de D. António, Prior do Crato como rei de Portugal. A ele se deve a fortificação e organização da defesa da ilha Terceira que levou à vitória na Batalha da Salga. Havia coisas ainda a melhorar, como dar vida ao velho burgo quando os milhares de turistas de cruzeiros caíam sobre a cidade quem uma praga de gafanhotos para encontrarem as lojas e museus encerrados, pois cumpriam o horário de repartição pública. Tinham de se abrir os urinóis da cidade fora do horário de expediente, recuperar a velha zona onde estava uma cadeia superlotada, descaracterizada por aterros, obras inacabadas, um monstro de galerias de cimento à espera de serem ajardinadas enquanto os mais afoitos iam ao casino tentar a sua sorte.

Melhor sorte anunciava-se para o fabuloso esqueleto do velho hotel sobranceiro às mais belas lagoas do mundo que – segundo anunciaram – ia finalmente ser restaurado, mas nesta terra de promessas, mais vale ser como S. Tomé, ver para crer... Havia nessa terra uma companhia de aviação muito complicada, tinha tanto débito que era capaz de afundar o Titanic, mas nunca ninguém me disse quanto é que pagava por cancelamentos de voos, desvios de aviões, acomodação de passageiros em terra, e as mil e uma peripécias de quem prefere voar na transportada aérea lá do sítio. Conheço picos de gente que te exigido reembolso por cancelamentos, atrasos, e sabe-se lá que mais, mas deixemo-nos de treta, numa época em que viajar é tão banal, essa companhia acrescentou o elemento surpresa a quem viaja e nunca se sabe se vai viajar, já que a horas raramente chega, e aproveita para dar a conhecer aos passageiros outros aeródromos e locais que não constavam do plano original de voo.

E tudo sem nada pagarem, que generosidade. Noutros pontos desta terra de gente feliz clamava-se pela expansão de dois aeródromos vizinhos, mas os interesses tribais e guerrilhas bairristas protelavam qualquer aumento das pistas de aterragem, enquanto os turistas iam ficando a ver navios, que um dia serão construídos, enquanto aquele que se encomendara, e fora recusado, andava feliz por terras da Noruega, mas isso é outra lenda, dessas das histórias mal contadas em que as terras de bruma eram férteis.

Quando em 2006 ou 2007 escrevi, num livro que poucos leram, que se deviam fazer reservatórios das águas pluviais que iam sempre parar ao Grande Mar Oceano houve quem se risse de mim, mas agora clamam que algumas terras sofrem uma seca como não há memória... nada que uns tostões de Bruxelas não resolvam para calar as vozes da seca. Mas claro está que isto são apenas queixumes de quem nunca está satisfeito e quer sempre mais e mais do que estas terras e estas gentes podem dar.

CRÓNICA 202 DOM XIMENES BELO E A RELEVÂNCIA HISTÓRICA DOS MISSIONÁRIOS AÇORIANOS 7.7.18

Ontem foi um dia que ficará na minha memória por ter conseguido congrega vontades e lançar em livro a última obra de pesquisa de Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, o 2º volume da série Missionários Açorianos em Timor em que se percorrem as biografias de vinte clérigos açorianos em terras "que o solem nascendo vê primeiro". Não é muito meu apanágio vangloriar-me das pequenas conquistas que através dos Colóquios da Lusofonia temos vindo a conseguir ao longo de 17 anos, mas esta, pela dificuldade em ser concretizada teve outro gosto. Já o primeiro volume só foi possível graças ao mecenato do amigo e associado (da AICL – Colóquios da Lusofonia) José Soares, quando ninguém quis entender a

pertinência de se estudar quem foram estes verdadeiros heróis (e alguns deles, mártires) açorianos que contra tudo e todos fizeram da missão em Timor o múnus da sua vida.

Não foi fácil publicar este segundo volume, gorado que foi o apoio regional das entidades da cultura anteriormente prometido. Foi pena que não tivessem tido a visão de alcançar a relevância para a História do arquipélago desta vertente da AÇORIANIDADE na sua faceta espiritual da vida dos missionários açorianos em Timor, que tão relevantes foram para a consolidação da língua e cultura de matriz portuguesa nas martirizadas terras de Timor. Teve a Câmara Municipal de Ponta Delgada, através do seu Presidente José Manuel Bolieiro e do seu Chefe de Gabinete, José Andrade, a visão de serem os mecenas desta obra de quase 200 páginas e associá-la aos eventos da 20ª celebração das Festas do Divino Espírito Santo em Ponta Delgada, além de a disponibilizarem graciosamente na sua rede de bibliotecas escolares. Haja agora pessoas descomprometidas com a religião (como eu mesmo) capazes de cumprirem a sua missão de professores e falarem destes 20 homens açorianos que tão importantes foram para a construção da atual identidade de Timor. Creio que as palavras usadas na minha apresentação, na Igreja Matriz de São Sebastião em Ponta Delgada a 6 de julho 2018, sobre o autor e a obra dirão bem melhor aquilo que ora tento narrar.

NOTA INTRODUTÓRIA

Quando em 11 de setembro de 1989¹⁵⁶ em Sydney, Austrália, fui o primeiro jornalista a conseguir entrevistar telefonicamente Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, em Díli, Timor-Leste – então sob a ocupação neocolonial indonésia – estava longe de imaginar-me hoje aqui nesta terra e a falar deste projeto. Tornei a entrevistá-lo, algumas vezes, ao longo dos anos negros de ocupação indonésia, mas nem sempre me deixavam falar com ele quando apertavam o cerco à sua voz incómoda e desabrida em defesa dos Timorenses. Foram anos difíceis que culminaram no infamemente 12 de novembro de 1991, aquando da chacina no cemitério de Santa Cruz, quando a sua residência em Lecidere serviu de último abrigo a centenas de refugiados do massacre indonésio.

Vim a conhecê-lo e a entrevistá-lo, pessoalmente, em dezembro 1993, em Melbourne, aquando da sua primeira deslocação à Austrália e só nos tornamos a reencontrar em 2005 em Bragança quando foi convidado de honra no 4º Colóquio da Lusofonia, quando Timor já independente dava os seus primeiros passos, vencida a fase da luta em que ambos estivemos envolvidos durante décadas, em diferentes locais e de formas distintas.

Posteriormente, convidei Dom Ximenes Belo para o 19º Colóquio da Lusofonia em 2013 na Maia (S. Miguel, Açores) e para o 24º Colóquio na Ilha Graciosa em 2015 em que foi proposto pelo nosso amigo e associado José Soares, para Patrono e 1º sócio honorário da AICL - Colóquios da Lusofonia. Dom Carlos Filipe Ximenes Belo (Prémio Nobel da Paz, 1996, conjuntamente com José Ramos Horta) tem dedicado os seus últimos anos a estudar um tema que me fascina por ter vivido em ambos os locais: o da presença maciça de clero açoriano no Oriente (Macau e Timor).

D. Arquimínio da Costa, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. José da Costa Nunes e D. Paulo José Tavares, têm em comum serem todos açorianos e Bispos de Macau. Esta tradição de o clero açoriano se notabilizar fora do arquipélago vem desde os tempos remotos do povoamento. No século XVI, D. Frei João Estaco, foi bispo de Puebla de Los Angeles, no México. No século XVII, D. Frei Afonso Enes de Benevides, foi bispo de Meliapor¹⁵⁷; D. Frei Cristóvão da Silveira foi primaz do Oriente. No século XVIII, D. António Taveira Brum da Silveira, foi arcebispo de Goa e primaz do Oriente; D. Frei Bartolomeu do Pilar, foi bispo do Grão-Pará no Brasil; D. Manuel de Sousa Enes foi Prelado de Macau.

No século XX, novos açorianos contribuíram para a evangelização católica, em especial no Oriente, como D. João Paulino de Azevedo e Castro, Bispo de Macau; D. Manuel de Medeiros Guerreiro, Prelado de Meliapor e de Nampula; D. José Vieira Alvernaz, Prelado de Cochim, arcebispo de Goa e Damão, e Patriarca das Índias Orientais; D. Paulo José Tavares, Bispo de Macau; D. Arquimínio Rodrigues da Costa, Bispo de Macau e D. Jaime Garcia Goulart, primeiro Prelado de Díli. Nos Estados Unidos da América, merece ainda alusão a figura de D. Humberto de Sousa Medeiros, cardeal de Boston.

Estes nomes mais destacados inserem-se no contexto mais abrangente de um movimento clerical que se perpetuava dentro das famílias, como é o caso da família Costa Nunes, pois José era sobrinho em segundo grau do Padre António da Glória, cura e vigário da Candelária de 1809 a 1856.

Alguns dos familiares de Dom José da Costa Nunes foram atraídos para o sacerdócio. É o caso dos Padres Áureo da Costa Nunes e Castro; Manuel da Costa Nunes e António Maria Nunes da Costa, sobrinhos de D. José, e do bispo Jaime Garcia Goulart, seu primo. Aliás, D. José da Costa Nunes não se limita somente a influenciar a rede familiar pois no decurso da sua estadia no Oriente leva onze jovens açorianos para o Seminário de Macau (oito terceirenses, dois picoenses e um faialense), nove dos quais seguiram a carreira eclesiástica e que iremos homenagear em outubro no 30º colóquio da lusofonia no Pico.

Assim, este livro nasceu de um projeto que os Colóquios da Lusofonia lançaram em abril 2011 no 15º colóquio em Macau, e que, lentamente, temos vindo a desenvolver, tendo saído em 2016 o primeiro volume (Um missionário açoriano em Timor, Padre Carlos da Rocha Pereira) por mecenato de um associado nosso. Quando no ano passado se nos deparou esta obra foi prometido o apoio das entidades que regem a cultura nestas nove ilhas, mas quando fizemos o pedido formal um longo silêncio se seguiu. Nunca desistimos de publicar esta obra, este segundo volume com vinte religiosos em Timor, e que agora vimos dar à estampa graças ao labor de Dom Carlos Filipe Ximenes Belo e ao patrocínio generoso, que aqui publicamente agradecemos, da Câmara Municipal de Ponta Delgada que com o seu mecenato tornou possível a edição. Trata-se de uma completa biografia de vinte religiosos açorianos que deram o seu melhor por Timor em mais de um século, muitas vezes em situações difíceis como a revolta de Manufahi em 1911, a segunda grande guerra e a invasão japonesa, e – mais tarde – a 7 de dezembro de 1975 a invasão e o genocídio indonésio.

Uma viagem na História que muito enaltece a fibra das gentes açorianas na missão por longínquas paragens de Timor cujo lema era “a terra em que o sol nascendo vê primeiro”.

Desde sempre os homens da Igreja foram importantes em Timor para missionar e administrar um território esquecido e abandonado pelos governos desde o seu achamento em 1514. O primeiro capitão-mor foi nomeado em 1602 na dependência da Índia, o primeiro governador em 1695, a partir de 1852 dependente de Macau e dependente de Lisboa a partir de 1896, província ultramarina em 1909, distrito autónomo em 1927, de novo província ultramarina em 1955 e região autónoma a partir de 1972. Durante este tempo a missão e o ensino estavam quase totalmente nas mãos dos clérigos.

A eles se deve, durante a resistência à ocupação neocolonial indonésia, a manutenção cultural e linguística portuguesa numa terra, repito, sempre esquecida e abandonada pelo poder central. É da história destes notáveis clérigos açorianos ao longo de mais de um século, que este livro trata. Obrigado Dom Carlos Filipe e Câmara Municipal de Ponta Delgada, por nos ajudarem a revelar e divulgar a importância das gentes açorianas nos confins do mundo, e que, decerto, nos encherá de orgulho. Pena é que as novas gerações não o aprendam ainda nos seus livros escolares para melhor entenderem toda a vasta abrangência das várias vertentes da Açorianidade que torna este povo dos Açores tão distinto dos demais.

¹⁵⁶ [ao serviço da LUSA, jornal EUROPEU, RDP, Rádio Comercial e TDM-RTP Macau]

¹⁵⁷ São Tomé de Meliapor foi um antigo território de Portugal entre 1523 e 1662, e também entre 1687 e 1749. Está localizado na costa oriental da Índia.

Graças à tecnologia, solidariedade internacional, à resiliência dos jovens e das instituições, agora que a saga das crianças na Tailândia terminou, de forma feliz, com uma vítima apenas (um mergulhador tailandês) e a sobrevivência das 12 crianças e seu treinador de futebol isolados numa gruta debaixo de água durante mais de duas semanas (foram encontrados ao fim de 9 dias, os últimos a sair completaram 18 dias na gruta) cumpre tirar algumas ilações:

1. *Em Portugal (e na maior parte dos países nunca nada deste género ocorreu) mas uma plêiade de experts (ou seriam espertos?) peritos em tudo volitaram durante dias a fio opiniões, bitaites, falas de cátedra numa clara demonstração de que o mesmo acontecesse aqui teríamos imensos pessoal especializado para poder comentar.*
2. *A TVI mandou uma patética Judite que fez tristes figuras e foi incapaz de justificar as despesas com a deslocação*
3. *HÁ MAIS DE 2500 CRIANÇAS DETIDAS ILEGALMENTE EM CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO (perdão de detenção de ilegais) PELO GOVERNO DOS EUA, algumas com 12 meses de idade a irem sozinhas defronte de um juiz..., mas a TV não está lá para seguirmos a par e passo esse crime.*
4. *Um número bem maior de crianças arrisca a vida em busca da fuga à guerra, à fome, a todo o tipo de violações, para morrer afogada no Mediterrâneo, ou ficar detida em novos campos de concentração de Ceuta a Itália, Grécia e tantos outros países, mas a TV não estava lá.*
5. *No Congo ex-belga de mil e uma guerras e de um genocídio do Rei da Bélgica (de que poucos falam, teriam sido 10 milhões? Fora os amputados e outros) há milhares de crianças de 4 anos e mais a trabalharem como escravos em minas a céu aberto para produzirem minerais indispensáveis aos telemóveis que todos usamos, mas a TV não estava lá.*
6. *Na Palestina a vida miserável nas pequenas faixas de terra que Israel ainda anexou não permite que alguma criança tenha infância, apenas existe um caminho o do ódio e da guerra contra os opressores, mas a TV não estava lá nem mandou a Judite.*
7. *Na Líbia e noutros locais longe do alcance das câmaras de televisão há crianças, mulheres e homens a serem vendidos como escravos como acontecia há cinco séculos e esta imagem ilustra (Líbia) mas também não estava lá a TV durante horas a comentar o preço de venda de seres humanos, com a sua corte de comentadores especializados.*

Desculpem lá, mas apesar da alegria pela libertação dos 13 retidos na gruta tailandesa não posso deixar passar em silêncio esta hipocrisia dos *mass media* mundiais.

CRÓNICA 204 FERNANDO SYLVAN, UMA BIOGRAFIA POR JOSÉ BÁRBARA BRANCO

Conheci finalmente o médico José Bárbara Branco em março 2018 quando o convidei a ir apresentar o livro em epígrafe no 9º colóquio da lusofonia em Belmonte. Em comum havia o facto de termos estado em Timor, Bobonaro, com alguns anos de intervalo e de ao fim de tantas décadas continuarmos agarrados a essa droga sem cura que é o nosso amor indefetível por essas terras. Aproveitei para convidar o nosso Comandante de Setor de Bobonaro e do Esquadrão de Cavalaria 5 e mais gente ligada a Timor (no meu tempo o major Gouveia Falcão, hoje coronel na reserva).

Moderei a sessão na qual foi apresentado também o livro infantojuvenil trilingue de Ramos Horta "O mundo perdido de Timor-Leste" e fiquei com imensa vontade de ler a história de Fernando Sylvan, um dos mais célebres autores timorenses, um mestiço aceite no Estado Novo e com uma vastíssima e variada obra literária. Um homem que durante duas décadas (1975-1993) presidiu à reputada Sociedade da Língua Portuguesa (SLP) hoje extinta e a que pertenci desde 1996.

Fernando Sylvan, de seu nome Abílio Leopoldo Mota Ferreira, sai muito jovem de Timor em 1923 após a morte da mãe, barlaqueada com o pai, funcionário da administração colonial e vai viver com a mulher legítima do pai e suas duas meias-irmãs... nunca regressaria a Timor embora tivesse viajado por meio mundo, do Brasil a Moçambique foi defensor do lusotropicalismo de Gilberto Freyre, defensor do Estado Novo, opositor do mesmo e candidato à Assembleia Nacional, monárquico, virou à esquerda com o 25 de abril, membro do Partido Socialista com uma vastíssima obra de temáticas variadas e – por vezes – controversas.

Desde os avós paternos de Fernando Sylvan à sua morte, leva-nos o autor Bárbara Branco ao longo de 200 páginas a episódios vários da sua vida bem ilustrativos da sua sede de enriquecimento cultural, ao reconhecimento do seu valor como mestiço timorense, de cor, sem doutoramento nem licenciatura, numa sociedade como era a sociedade portuguesa da época.

E eu que pensava saber quase tudo sobre Timor tive a oportunidade de aprender imenso sobre este homem que teve uma vida rica de experiências sem nunca abdicar da sua matriz original timorense, da memória dos pais. Um livro que nos dá a conhecer o escritor, nos lembra como eram as sociedades em Timor e em Portugal no decurso da sua vida, nos conta tantos episódios uns de verdadeira lusofonia, outros de portugalidade que preencheram a variedade de ocupações e empregos a que se dedicou, a par da escrita que nunca abandonou, em temas que vão da agricultura à educação nas províncias ultramarinas, sem nunca descurar a sua verdadeira arte poética.

Com uma edição (Crocodilo Azul 2017) cuidada e profusamente ilustrada com reprodução de documentos, de livros, de fotografias, este é um livro que se aconselha a ler devagarosamente (eu devorei-o com avidez sequiosa de quem anda no deserto) para se entender este multifacetado escritor que deveria ser mais lembrado e homenageado. Talvez não seja por se tratar de um escritor que nunca foi politicamente correto e nunca se ter coibido de mudar de ideias à medida que os seus conhecimentos se expandiam e a sua sede de autodidata o levava a novas descobertas. Obrigado José Bárbara Branco por este excepcional trabalho de pesquisa, investigação e compilação demorada e cuidada que bem valeu a pena esperar para conhecer o autor e a sua obra.

CRÓNICA 205 MEMÓRIAS DE COMBOIOS 17.7.2018 (ADAPTADO DE LIVRO CRÓNICAÇORES UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO VOL. 1)

Há mais de dez anos (textos de 2006-07) escrevi...

Para não perdermos o comboio da Europa vamos ter um TGV, mas já perdemos os comboios todos que diariamente são arrancados dos carris e substituídos por TIR nas nossas estradas, para que sejamos o país da Europa com mais mortos na estrada que em qualquer guerra civil.

Qual comboio, quando a saúde, a educação, a justiça são o que são?

Quando as famílias portuguesas vivem miseravelmente com um nível de vida e uma qualidade de vida inferior aos dos chamados países de leste e em vez de se investir nessa melhoria vamos investir em mais elefantes brancos e obras faraónicas.

Para quê? Para mostrar aos outros que somos os maiores e os melhores.

Para eles verem da janela do TGV as fachadas degradadas de milhares de prédios onde vive gente sem qualidade de vida ou de casa, e as barracas que ciclicamente as Câmaras anunciam que vão demolir?

Para verem naquilo em que tornaram o Algarve, uma enorme construção LEGO de cimento, rodeada de campos de golfe para os nossos 9 milhões de praticantes da modalidade, que consomem a água do Alqueva que afinal não serviu para a rega?

Para verem os nossos campos agrícolas abandonados como eu os vi no distrito de Bragança?

Para verem as filas de autocarro (as maiores e mais lentas da Europa), as filas para o médico, para isto e para aquilo?

Para verem os nossos estádios de futebol vazios de gente, com jogadores que não recebem salário enquanto os seus presidentes enriquecem?

Para verem os nossos museus fechados quando as pessoas podiam ter disponibilidade para os visitar? (afinal para que servem os museus se temos os melhores Shoppings da Europa e onde todos vão nos dias feriados e fins de semana?)

Será que do TGV se conseguem ver as listas de espera dos hospitais, e as dos tribunais? Um país de falidos em que todos têm dinheiro para ir ao Brasil de férias...

Ainda bem que foram os portugueses quem "descobriu" o Brasil. Imaginem que se fossem os espanhóis ou os ingleses não havia índios como eles fizeram na América do Sul e na Austrália aos aborígenes.

Mas que país é este de fama machista e recheado de pedófilos?

Mas com tanto betão a mexer-se para os lados da Ota e com a velocidade do TGV quase ninguém se apercebeu de que os últimos exemplares do comboio Foguete dos anos 50 e 60 estão a apodrecer de vez em Elvas porque não há dinheiro para os recuperar.

Como as linhas todas para o interior vão desaparecendo, seguindo a lógica racional e pragmática de que os velhos não contam nem votam, o melhor é acabar com todos os serviços no interior do país para que todos tenham a possibilidade de desfrutarem do ótimo clima à beira-mar plantado e se mudem, de vez, para a costa.

Aliás nos últimos anos a Europa já nos ensinou que a agricultura portuguesa não dá nada e o melhor é importar tudo de Espanha pois lá é que eles sabem fazer agricultura a sério.

Como agora vão acabar com as escolas, maternidades, e outros serviços no interior, fica mais barato mudá-los todos (aos habitantes) para a cidade pois aí terão todos um nível económico uma qualidade de vida mais elevada do que se continuassem a viver em aldeias feitas de casas de pedra sem condições, para onde a energia elétrica custa milhares a ser transportada, mais as linhas de telefone fixo, mais o saneamento e o abastecimento de água, pois que tudo isto já existe nas cidades e no litoral, vê-se aqui a pertinência desta lógica.

Na Austrália vi uma reconstrução das cidades (Ballarat e Bendigo, Estado de Vitória) onde havia os garimpeiros, e até as tendas imundas e pobres dos chineses eles reconstruíram.

O ouro foi descoberto em 1851 em Poverty Point (Ponto da Pobreza) no ribeiro Canadian. No ano seguinte havia mais de 20 000 pessoas a escavarem os campos de ouro (Ballarat Goldfields). Em 1855 havia 19 000 Chineses na colónia de Vitória e dois anos mais tarde já existiam 26 000 odiados e perseguidos pelos colonos brancos.

Levei lá a minha filha para aprender um pouco da história australiana, numa das vezes que me fora visitar a Melbourne. Depois de conduzir o carro até perto do local, compramos o bilhete simbólico para sermos transportados numa linha de comboio centenária. Era mantida por um ex-maquinista que orgulhosamente conservava a circular a locomotiva e alguns vagões, sempre cheios de turistas em todas as épocas do ano.

Cobravam uma taxa simbólica suficiente para sustentar a linha desativada. Houvesse em Portugal gente com aquela visão para se manterem algumas das linhas mais belas do mundo como a do Tua, ou a Pocinho a Barca d'Alva...ou as linhas do Vouga, do Tâmega e outras que desapareceram pela estupidez dos governantes em Lisboa.

Claro que na Austrália haviam dado (ao ex-maquinista) uma concessão de 25 anos – sem custos nem impostos - para manter a linha.

Ao longo de duas dezenas de quilómetros haviam-se desenvolvido algumas atividades paralelas, para além do belo parque natural numa das suas extremidades.

Todo o acampamento mineiro fora mantido, nos edifícios que estavam em pé, labutavam (ou fingiam labutar nessa recriação permanente douras eras) pessoas vestidas à época da febre do ouro, cozinhando "scones", fazendo chá, trabalhando no jornal, numa tipografia da época, que ora se limitava a emitir certificados decalcados doutras eras com os nomes dos visitantes atuais.

Havia a prisão e as quintas, carros de bois, o render da guarda e tudo o mais numa constante recriação do que fora a vida na época. A filha e o pai jamais esqueceriam aquele mergulho na história do século XIX no estado australiano de Vitória.

Mas em Portugal, tudo era diferente. Poucos estavam interessados em recriar o passado histórico e as gloriosas máquinas de caminho-de-ferro a vapor. Ignoravam que a ferrovia por entre alcantiladas margens do Douro e seus afluentes percorria algumas das mais belas paisagens do mundo. Isto era um país indiferente, amante do lucro rápido e do cimento, a que chamam progresso, sem respeito pelo valor incomensurável do passado e da sua riqueza histórica e patrimonial. A grandeza da História nada representa. Assim se perdia a paisagem protegida por deus e pela natureza, como se perdiam os castelos, as igrejas, os pelourinhos, e tantos outros monumentos abandonados ou deixados à sua triste sina de decadência forçada aguardando que a natureza tomasse conta deles e os ocultasse. Seria um legado para arqueólogos futuros os descobrirem...

Anda o Estado a gastar dinheiro com estradas, sua manutenção, pontes, viadutos e túneis, para o interior quando toda a gente sabe que lá não vive ninguém (ou quase). Vai-se a qualquer aldeia e são só meia dúzia de velhos, e agora como as crianças são deslocadas para as cidades logo na escola primária, depois de verem o progresso urbano nunca mais querem regressar para aquele atraso e provincianismo da aldeia. Assim, é mesmo o mais lógico trazer os velhos para a cidade, pois, entretanto, eles morrem e nas terras deles ainda se poderá aproveitar para fazer uns campos de golfe que é um desporto de milhões de aficionados portugueses, e sempre dá mais dinheiro do que plantar batatas, pois que como todos sabem há um excesso de produção da batata portuguesa.

Intriga-me, outra vez, imaginar porque é que isto não foi pensado há mais tempo e teríamos evitado todo este atraso, que como devem saber, é causado pelos fundos estruturais que ao longo de décadas se canalizaram para o interior profundo do país tentando romanticamente manter uma agricultura de subsistência à custa do sacrifício dos pobres agricultores

iletrados que tinham de se levantar pelas 5 da manhã e trabalhavam até ao pôr-do-sol, quando toda a gente já sabia que se vivessem na cidade não precisavam de se esforçar tanto pois não vale a pena cultivar uma couve-galega só para se fazer o caldo verde.

Depois, tenha-se em consideração que a matança do porco e doutros animais está condenada pela sociedade e por todas as organizações ambientalistas por se tratar duma prática ancestral aberrante e que fere de morte a suscetibilidade e sensibilidade do animal, pois este deve ser morto nos matadouros devidamente licenciados para o fazerem nos moldes higiénicos e salutareos propugnados pela União Europeia.

O campo é bonito é para se passear nas férias e levar lá os putos para verem como se vivia antigamente, coisa que eles decerto nem vão acreditar, e sempre se aproveita para manter a tradição viva ao ensinarmos um pouco de história dos antepassados, coisa que é muito mais vantajosa do que ir a um museu, que como todos sabem estão sempre fechados nas férias, nos dias santos e aos fins de semana.

Em 1906 chegou o comboio a Bragança. O Espaço Museológico de Bragança fica situado no centro da cidade, na área da antiga estação ferroviária e ocupa a antiga cocheira de carruagens da que foi estação terminos da linha do Tua. A exposição inclui diverso material ferroviário da Companhia Nacional e do Porto à Póvoa e Famalicão.

O comboio da Linha do Douro ia do Porto à Régua e ao Tua. Aqui mudava-se para outro comboio da Linha do Tua mais lento ainda ou uma automotora até ao Pocinho... Os comboios dessa época eram a vapor, abastecidos a carvão, raramente excedendo os 20-40 km/h

Esta linha ferroviária fazia parte dum projeto ambicioso de caminho-de-ferro até Zamora, Espanha, que nunca foi completado. Em setembro 1887 foi inaugurada a Linha do Tua (entre o Tua e a cidade de Mirandela), nove anos depois da apresentação dos projetos para a sua construção.

Em dezembro 1906, concluiu-se a extensão da linha até Bragança, num projeto que previa a ligação até Espanha que nunca se veio a concretizar.

O seu traçado veio a prever depois uma ligação a Vinhais, sendo depois abandonado, seguindo o vale do Tuela ou o planalto entre o Tuela e o Rabaçal, mas a dureza deste traçado superaria o do próprio Baixo Tua onde a linha acabou por avançar.

Em meados de 1940, a Linha do Tua passa da CN - Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro - para a gestão da CP que em 1992 encerra a circulação ferroviária no troço entre Mirandela e Bragança, numa extensão de cerca de 80 quilómetros, para em julho 1995 ser inaugurado o Metro de Mirandela, que possibilita a reabertura da linha entre a cidade e a localidade de Carvalhais.

Em abril 1910, o distinto bragançano Abílio Beça, um dos principais promotores da linha, morre trucidado por um comboio. Da estação do Tua (partilhada com a Linha do Douro) à estação de Bragança, a distância total é de 133,8 km.

A Linha do Douro avançava vinda do Porto com destino à fronteira com a Espanha, em Barca d'Alva. A Linha do Tua registou em 120 anos de exploração um único acidente mortal.

Desde que a construção da Barragem do Tua ganhou o apoio da EDP e do Governo somam-se 4 acidentes, lamentando-se a perda de 4 vidas que ensombram o futuro desta linha paradisíaca.

A linha está ameaçada pelos políticos e também pela construção duma nova barragem. Há quem suspeite de sabotagem, mas ninguém o diz.

A história da linha conta-se assim: em 22 de junho de 1882 a Câmara de Mirandela apresentou à Câmara dos Pares do Reino a aprovação do projeto de lei para a subvenção de 135 contos de réis, para cobrir a garantia de juro de 5% para a empresa que viesse a construir a Linha do Tua.

Em 11 de janeiro de 1883, ano em que a Linha do Douro chegaria à estação do Tua, a Câmara de Mirandela apelou ao Rei D. Luís I para a aprovação da Linha do Tua, ato para o qual veio a contar com o apoio da Associação Comercial do Porto, que pretendia salvaguardar os seus interesses ao dar mais força ao Vale do Douro como via de transporte, em detrimento de vias mais a Sul, como Aveiro a Vilar Formoso.

Em 26 de abril de 1883, é lançado em Carta de Lei o concurso para a construção da Linha do Tua, ficando ao Conde da Foz adjudicada a obra; viria a trespassá-la à Companhia Nacional de Caminhos-de-Ferro (CN - cujo símbolo é ainda visível na estação de Bragança), em dezembro desse ano.

O grupo que construiu a primeira fase da Linha do Tua (até Mirandela) foi o mesmo que veio a construir a Linha do Dão (Santa Comba Dão - Viseu), primeira via-férrea a chegar a Viseu, antes da Linha do Vouga.

Em 26 de maio de 1884 é confirmada a adjudicação da obra à CN, assinando-se o contrato definitivo em 30 de junho do mesmo ano. A 16 de outubro, a Linha do Tua começa a ser construída, a partir de Mirandela, rumo à Foz do Rio Tua. A obra teve nos seus primeiros quilómetros uma tarefa facilitada: inserida num vale aprazível e plano, até chegar ao estreitamento de Abreiro, apenas um túnel foi escavado (Frechas), além de esporádicas trincheiras e pontões, com uma única ponte metálica de pequenas dimensões no Cachão.

No entanto, Abreiro tornou-se o prenúncio de uma das obras mais extraordinárias de sempre da engenharia portuguesa. Fruto das dificuldades do terreno, e de uma força de trabalho altamente conflituosa, o engenheiro responsável deixou o seu lugar vago, dando entrada a um dos mais notáveis engenheiros portugueses do século XIX, o engenheiro açoriano Dinis da Mota, que viria também a deixar a sua assinatura na Linha do Dão.

Com o pequeno prelúdio de Abreiro ultrapassado pelos primeiros grandes paredões de suporte e a maior ponte metálica até então necessária (destruída e substituída após cheias no Rio Tua no início do século XX), o Vale do Tua volta a dar tréguas, com algumas dificuldades que começam a ser cada vez mais contínuas. A partir da Brunheda, entra-se no Baixo Tua, e começa a fase mais épica da construção da Linha do Tua.

Em apenas 10 km, a partir da estação do Tua, foram necessários dois viadutos e uma ponte (Presas, Fragas Más e Paradela), e cinco túneis (Presas, Tralhariz, Fragas Más I e II, e Falcoeira) que totalizam uma distância de 456 metros. Estes, particularmente na zona das Fragas Más - garganta do vale formada por rochedos titânicos, foram conquistados à Natureza com métodos e homens tão temerários como os que ficavam presos por uma corda a uma plataforma elevada nas escarpas, baixados até à plataforma da via, onde acendiam o rastilho da dinamite e eram rapidamente subidos para a plataforma, antes de a encosta vomitar pedaços de rocha na explosão.

A 27 de setembro de 1887 a Linha do Tua era inaugurada, com a locomotiva E81 batizada Trás-os-Montes, e conduzida pelo próprio Dinis da Mota. Em Mirandela, a grande estação (a maior estação de via estreita portuguesa) acolhia entre muitas figuras ilustres, El-Rei D. Luís I. A 29 desse mês a linha era aberta à exploração.

O troço Carvalhais - Bragança encontra-se encerrado a todo o tráfego ferroviário desde 1992. Esta data está envolta em controvérsia, uma vez que em dezembro de 1991 se encerrou o troço Mirandela - Macedo de Cavaleiros, deixando o troço até Bragança isolado da rede ferroviária nacional.

Poucos dias depois, um descarrilamento em Sortes veio ditar o encerramento do troço Macedo de Cavaleiros - Bragança, de forma indeterminada, finalmente confirmada em 1992.

A operação de encerramento definitivo do troço Mirandela - Bragança ocorreu durante a noite, sem aviso prévio, e simultaneamente em Bragança e Macedo de Cavaleiros. Foi registada a presença de forças policiais, tanto para evitar ao máximo o registo de imagens, como para afastar a população, que ao saber da operação ocorreu às estações destas localidades.

Para evitar a possível recuperação desta via, todo o material circulante estacionado nestas foi retirado não por via ferroviária, mas via rodoviária. Foi relatado nessa noite um súbito corte nas telecomunicações. Devido a estes acontecimentos, o evento é recordado como A Noite do Roubo. Parte do trajeto da Linha do Tua encontra-se neste momento ameaçado de submersão pela albufeira prevista para a barragem do Tua. Se for concretizada a construção, será submersa parte da linha, deixando-a isolada da restante rede nacional ferroviária. Doutra coisa estava, porém, certo: jamais esqueceria o cheiro a carvão e as fagulhas que saltavam da locomotiva nas muitas viagens que fez de comboio

do Porto a Trás-os-Montes. Do Porto ao Tua e depois no ramal da Linha do Tua em direção a Bragança tinham de sair creio que na base da Serra de Bornes em Grijó (terra do Professor Adriano Moreira) antes de chegar a Macedo de Cavaleiros. O troço entre Mirandela e Bragança foi encerrado definitivamente no dia 15 de dezembro de 1991.

E é esse passado mítico que os modernos governantes estão a querer roubar-me, estão a violar a minha juventude e as minhas memórias perdidas e isso, jamais lhes perdorei.

Cambada de novos-ricos, ignorantes e alarves. Juntemo-nos todos para salvar a linha do Tua que é minha e de todos os que amam esta região, única no mundo. É o nosso património que eles querem dilapidar. (nota posterior: de nada serviram os milhares de abaixo-assinados e petições, filmes, idas à Assembleia da República). A voragem capitalista da EDP e dos interesses das barragens tudo soterraram.)

Continuarei a pugnar por Trás-os-Montes e por Bragança como sempre tenho feito, serei sempre um filho emigrado da terra, mas o amor mátrio não se discute nem se define. É nessas terras a que ainda chamo minhas que pertenço e não é a idade nem a distância que vai fazer estremecer esses laços., mesmo no dia de hoje, bem triste pelo começo do enchimento da barragem do Tua, crime ambiental injustificado que sepultará mais uma obra-prima da natureza e centenas de anos de história. Se um dia, o futuro vier, haverá quem julgue esses criminosos que autorizaram e levaram avante essa monstruosidade, mas para mim ficarão sempre retidas na memória as imagens das fagulhas do comboio a vapor que usava quando há sessenta e tais anos me deslocava a férias à terra de meus avós e minha mãe. Guardarei para sempre as imagens bucolicamente belas do Douro nesse percurso que é património imaterial e que hoje afogam para uma barragem inútil, no que não passará nunca de mais um crime ambiental impune.

CRÓNICA 206 MAIS UMA SILLY SEASON 28.7.18

Numa época designada no mundo anglófono como "silly season" aparecem as notícias mais incríveis a fim de entreterem a turbamulta. Foi assim que ontem surgiu um eclipse lunar avermelhado que só se repete daqui a muitas décadas. E Lisboa anda um alvoroço porque um vereador da Câmara comprou em saldo um prédio, fez obras e depois colocou à venda para ganhar milhões, enquanto o fisco lhe avaliava o edifício como sendo sexagenário ao valor do custo de compra antes das obras... a esquerda caviar provava o seu fel já que o vereador em causa era dos que mais se insurgia contra a exploração e especulação em Lisboa (olha para o que digo! Não olhes para o que faço!) onde milhares de pessoas foram desalojadas de zonas históricas pela bolha imobiliária.

Já em Ponta Delgada, dois anos depois de terem surgido alegações de maus-tratos a idosos na Santa Casa da Misericórdia, nos jornais locais e na RTP Açores, veio a TVI fazer uma reportagem e todos ficaram chocados, até o governo regional que (quase) não sabia de nada...nestes casos o melhor é mesmo matar o mensageiro e a Santa Casa intentou uma ação contra a malvada TVI.

Na ilha de Santa Maria dos Açores o governo regional e a autarquia não se entendem quanto ao património imobiliário herdado da ANA na zona do aeroporto e vão resolver o caso nos tribunais (vou pedir aos meus netos para vos contarem o desfecho deste caso).

Na zona da Calheta de Teive em Ponta Delgada há muitos anos atrás começou um projeto que faliu, ficou parado e uns mamarrachos meio construídos que desfeiziam uma área destinada a jardim e lazer serviam de cartão de visita a hotel mais luxuoso e ao casino, que, entretanto, abriram ao lado. Quer o governo quer a Câmara fizeram promessas e os herdeiros do projeto também, mas a zona parece perdida para sempre quaisquer que sejam os resultados da última versão do projeto apresentada em 2018 e que prometem estar concluída em 2020.

Outra obra amaldiçoada por Santa Engrácia parece ser a nova prisão, que há anos se espera substitua a sobrelotada cadeia de Ponta Delgada, um pouco mais adiante, onde a sobrelotação obriga a enviar presos para outras ilhas e para Portugal, com sucessivas promessas e adiamentos idênticos nos orçamentos. Se alguém visse as condições da cadeia atual pensaria estar num país de quarto mundo, pois as do terceiro mundo são melhores... ainda não é como Carandiru (São Paulo no Brasil e local de massacre em 1992), mas quase....

O dirigente do PSD Açores, que ainda só sofrera cinco derrotas eleitorais, resolveu atirar a toalha, cansado da pouca oposição que fazia ao governo socialista nas ilhas há mais de vinte anos e regressar á terrinha natal no Pico. Logo se perfilaram dois candidatos u advogado de renome na praça e o jovem autarca da Ribeira Grande que vai no seu segundo mandato e representa a geração de jovens turcos do partido, embora haja muito quem diga que está "verde demais" para esses voos além de se ter metido em avultados projetos na capital da costa norte da ilha de São Miguel (só não entendo como vai conciliar a chefia da oposição e a atividade autárquica, mas ele diz que consegue).

Veremos se são só estes dois candidatos ou se acontece como no Sporting Club de Portugal, que aparentemente falido atraiu mais de meia dúzia de potenciais presidentes...

À exceção do eclipse creio que estas notícias da *silly season* são programadas pelos governos para nos distraírem dos verdadeiros problemas e nos entreterem quando estamos mais recetivos a não prestar muita atenção, como é o caso do mês que aí vem, agosto, em que a maioria das pessoas está em modo de férias. Os que têm cérebro e o usam parece que o costumam desligar nesse mês, os outros têm-no desligado no ano inteiro. E foi assim que nos EUA (de que nem quero falar, a conselho médico) um entrevistado, obviamente agastado pela insistência da entrevistadora lhe perguntou "a senhora antes de ser jornalista, era um ser humano?" e eu, perguntei aos que conhecem o que pensavam da interrogação, mas a melhor resposta veio da minha amiga Joana Mota

"O jornalista faz-se jornalista porque tem um interesse pelo seu semelhante.....o ser humano----Investiga A ponto de ter necessidade de conhecer situações e de defender opiniões. O jornalista é uma pessoa que defende com sua ideia, sua palavra, sua escrita--- Defende Aponta o que está errado --- Aponta o que está bom, elogiando -----pode-se enganar e iludir porque é um Ser Humano O Jornalista é o primeiro defensor dum povo..."

Depois disto sei que consigo ser jornalista e ser humano, mas nem sempre é fácil. E enquanto a educação, de que me abstive de falar (outra vez, por conselho médico) for uma arma de instrução maciça estaremos salvos. Deixo-vos com um retrato da democracia em corpo inteiro.

CRÓNICA 207 DE FOGOS QUE NINGUÉM APAGARÁ, GOVERNAÇÃO E OUTRAS INSIGNIFICÂNCIAS, 9.8.18

Hoje não falarei de fogos, de maus-tratos, de abusos da saúde, da greve dos professores e da sua contagem de tempo, nem da falta de médicos ou outras questões quotidianas...

A minha cor política é o país onde vivo, nem direita, nem esquerda, nem centro. Claro que tenho as minhas preferências e já as afirmei em devido tempo.

(Desmistifiquemos: apesar de hoje em dia não ser já relevante, tenho de me definir, como sendo de "esquerda" querendo significar simpatizar com a noção de uma social-democracia à sueca do tempo do malogrado Olof Palme.

Sou multicultural e não aceito xenofobia nem extremismos de qualquer formato).

Quando durante mais de 24 anos da minha vida de jornalista critiquei igualmente a Austrália e Portugal em relação ao caso de Timor, no qual estive envolvido, chamaram-me muita coisa, em especial antipatriota... Ao longo dos últimos anos, desde que adotei Portugal e os Açores como residência nunca me coibi de exigir o melhor para o país. Sim, eu sei que continuo (apesar da idade avançada) a ser um poeta, um utópico que acredita em mundos mais perfeitos do que este em que vivemos, um sonhador que imagina justiça, equidade e transparência, e – como todos sabemos – nos dias que correm é difícil encontrá-las. Tal como no desporto em que tenho simpatias clubísticas, na política nunca serei membro partidário pois o meu individualismo e desprendimento nunca pactuariam com disciplinas partidárias.

Nunca me inibi de fazer sugestões de preservação linguística e cultural, mesmo quando me apodavam (como se fosse um crime de lesa majestade) de ser elitista e não respeitar as massas (e sempre respondi que, por mais que respeite as massas e suas vontades, elas sempre foram orientadas...seria preferível serem orientadas por elitistas culturais do que por populistas, demagogos e outros "istas").



Sei que muitas vezes, amigos e inimigos discordam de mim, por ser muito assertivo e intolerante quanto ao nepotismo e corrupção que permeiam a sociedade atual. Sou exigente quando digo que a solução da sociedade é uma comunidade educada, extremamente culta e capaz de discernir pela sua própria cabeça. Enquanto essa sociedade não existir continuaremos no reino da desresponsabilização, impunidade, e da culpa morrendo sempre solteira. Enquanto não houver uma sociedade com líderes capazes de dizer, a culpa é minha pois sou eu que lidero e demito-me porque os meus subalternos erraram, enquanto os dirigentes não forem capazes de o fazer continuarão a ser manipulados por lóbis e interesses que não os "da res publica".

Não tenho soluções mais democráticas do que a própria democracia que, apesar de todas as suas falhas é melhor do que uma qualquer ditadura, mas tem de haver uma balança que equilibre os dois pratos. Enquanto não investirmos na educação, na justiça e na saúde não há sociedade que sobreviva aos jogos de interesses contraditórios, a lóbis, a máfias de toda a espécie que só buscam o lucro. Sei que são utopias, mas foram sempre as utopias que fizeram avançar a sociedade.



Cito Jack Kérouac

“Aqui estão os loucos. Os desajustados. Os rebeldes. Os criadores de casos. Os pinos redondos em buracos quadrados. Os que fogem ao padrão. Aqueles que veem as coisas de um modo diferente. Não se adaptam às regras, nem respeitam o status quo. Pode citá-los, discordar, glorificá-los ou caluniá-los. Mas a única coisa que não pode fazer é ignorá-los. Porque eles mudam as coisas. Empurram a raça humana para a frente. E enquanto alguns os veem como loucos, nós vemos-os como geniais. Porque as pessoas suficientemente loucas para acreditar que podem mudar o mundo, são as que o mudam.”

Como simples artesão da palavra, poeta e sonhador de utopias manterei a minha saudável loucura ao serviço da língua e da cultura portuguesa, disposto a trabalhar com todos para o avanço e progresso da massa amorfa que se desligou da “res publica” e vive amolecida pela constante indoutrinação e lavagem ao cérebro que fazem deles “carneiros contentes cantarolando rumo ao matadouro”.

CRONICA 208 CHATICE DE SILLY SEASON 23.8.18

Isto é uma chatice, o fogo de Monchique acabou e os outros não deram grande luta, ainda não foi desta que se acabou com o Costa, não morreu ninguém e nem o ministro se demitiu.

Que chatice sem nada a ameaçar o fim do mundo.

Descobriu-se o esquema de compadrio nos fogos de Pedrógão em que alegadamente gente da Câmara mandou mudar moradas fiscais para renovarem 2ª casa, 3ª casa, etc. e recuperar as mesmas enquanto as casas de primeira habitação ainda nem todas estão prontas. O chico-espertismo habitual dos tugas quando veem dinheiro.

Entretanto não se virão a revelar as mordomias que os políticos auferem porque isso podia comprometer a estabilidade governamental...

Pelos Açores a calma é ainda maior, atrasos da SATA e cancelamentos habituais, já ninguém fala dos maus tratos na Misericórdia, do desvio do helicóptero e nem deu para surgirem novos escândalos, pelo que o nosso primeiro Vasco se mantém em regime de férias.

Para não falarem mais dos maus tratos na Misericórdia convidaram familiares de alguns asilados para dizerem bem da instituição e os que diziam mal nem sequer foram ouvidos. Depois o senhor secretário da saúde, já anteriormente desautorizado pelo presidente do governo regional mandou instaurar um inquérito aos cuidados continuados e a quem denunciou os maus tratos na Misericórdia. Uma guerra interna a ver se se salva o tacho...

Aqui, como é costume, as manchetes de jornal estão esquecidas ao fim de 3 dias que a atenção das pessoas não dura mais do que isso.

Depois houve a cena escabrosa do presidente da câmara das lajes do pico com comentários homofóbicos e exclusão de participação de uma associação que muito tem feito com cultura alternativa para dinamizar o Pico e outra cilhas nestes últimos seis ou sete anos. Mas o que fica da cena é o silêncio generalizado, exceção feita ao PAN e a um deputado do PS e depois, tardiamente, veio o PSD criticar..., mas demitirem o autarca, credo, isso nunca... somos apenas uma meia dúzia de pessoas nas redes sociais a mostrarem-se indignadas com o ataque homofóbico e a pedir a demissão do autarca...

Tudo isto para concluir que este país e esta região autónoma me causam um certo asco, ou náusea, repugnância, repulsa, pesar, tristeza, pela forma como tratam os seus concidadãos, como se de mentecaptos se tratasse. Continua a imperar o medo, de falar, de denunciar, de criticar porque quem o faz arrisca-se a perder benesses, apoios, subsídios e outras mordomias que os senhores feudais atiram como dantes se atiravam migalhas aos servos da gleba, do alto das ameias.

CRÓNICA 209 PICO REVISITADO 5.9.18

Já o disse e repito aqui: há um magnetismo que o Pico exerce sobre seres fracos e vulneráveis que me atinge desproporcionalmente. Sinto um vórtice irrecusável a atrair-me e a sugar-me para o olho do furacão. Não sei descrever exatamente onde se localiza nem para onde me leva mas acabo sempre por rodopiar por todos os cantos da ilha sem jamais me alcandorar no topo da ilha-montanha por não ter idade nem pernas para tamanha façanha e – além do mais – o local onde se rececionam os candidatos à subida está tão mal organizado e caótico que eu desisti logo ao entrar e fui tomar um café (mau) ao bar no canto oposto.

Mas por que carga de água vim outra vez ao Pico, se já aqui estive as vezes suficientes para fazer a maioria das estradas asfaltadas da ilha e muitas das estradas de terra que atravessam a montanha em vários sentidos e direções?

Pela mesma razão que há vários anos me impele a sair do meu castelo sem ameias na Lomba da Maia na última semana de agosto, as festas da padroeira Nossa Senhora do Rosário com o seu rosário de música pimba e “atrações” que vistas depois de dois ou três anos, nada de novo acrescentam à minha cultura... mas mal sabia eu que ia escapar de uma para me meter na semana dos baleeiros nas lajes do Pico, terra que nessa semana ficaria tristemente célebre pelas patacoadas discriminatórias e homofóbicas do seu Presidente da Câmara, que, além do mais viu uma nesga de terreno junto ao mar como local ideal para poluir com uma desproporcionada tenda eletrónica que se via a kms de qualquer ponto da costa sul, e que era em área protegida, mas como estava degradada não fazia mal.... Estes palhaços com o rei na barriga vêm de todos os partidos e cores políticas e depois, o partido no poder e o governo, deixam passar em branco a ver se escapam por entre os pingos da chuva... coitado do homem já está a findar o último mandato e não lhe vamos estragar a reforma...

Para azar do dito (ou seria por prepotência?) quando veio a público explicar-se dos dois casos em que se viu envolvido fazia lembrar a frase "cada escavadela uma minhoca" ...

Aterrou-se no Pico quase a horas (20 minutos de atraso não é nada na SATA) com bastante calor, levantou-se o carro de aluguer incluído no pacote total de férias para a Aldeia da Fonte e rumou-se a sul. Deparamos com a descoberta das Festas dos Baleeiros, mas conseguimos estacionar a 200 metros do restaurante Lagoa nas Lajes onde é nosso costume ir tomar um café e, ocasionalmente, comer. Vimos alguns carros alegóricos que se preparavam para o desfile e regressamos aos aposentos para jantar (como de costume bem no restaurante Fonte do complexo da Aldeia da Fonte. Apenas duas funcionárias na sala de jantar eram as mesmas da visita anterior e fomos reconhecidos pelo rececionista Paulo que até do meu nome se recordava.

Como escrevi depois no Trip Advisor

...
De regresso a este resort rústico com um quarto de século, mas ecológico. A contrário de algumas opiniões aqui expressas sobre este local ...eu gosto dele como está, embora concede que o ar condicionado traria benefícios no verão e no inverno. Mais cuidado é necessário na manutenção de equipamentos (o da ferrugem nas banheiras é fácil de resolver, e sugiro que se utilize um carro elétrico como das limpezas para transporte da bagagem que é um problema desde sempre para os mais idosos e pessoas com dificuldades de mobilidade como é o nosso caso.

*Apesar disso, continuarei a vir para cá e ficar aqui sempre que puder. O pessoal é sempre de topo, o da receção sempre amável, atento e gentil (obrigado Paulo, memória fantástica 5 ***** e com atenção aos detalhes), o pessoal da sala de jantar (todos os 6 ou 7 envolvidos nestes cinco dias) a lembrar-se de que o meu Nespresso é uma italiana supercurta, mais curta que o habitual Ristretto e nem uma vez se esqueceram ao longo da estadia qualquer que fosse a hora do dia....*

Infelizmente (exceção feita à cubana de voleibol que pedi asilo) que a maior parte era constituída por licenciadas que não encontram trabalho e ganham algum dinheiro aqui no verão ...a comida continua boa, os meus bifos eram de topo em todos os cinco jantares em que tentei quase todo o menu.

O meu filho João foi para os menus chineses e a minha mulher deliciou-se todas as noites com peixe fresco e saboroso. Comida sem queixas. Pena não poder ficar aqui todo o ano, que é como que a melhor forma de descrever esta 3 ou 4ª estada... "

O patrão, Dr Simas Santos sempre presente, de forma discreta e não-intrusiva, assegurando-se do bom funcionamento desta visionária ideia que teve há décadas antes de se pensar em turismo nos Açores e companhias aéreas de baixo custo...

Muito mais poderia ser dito, mas resume-se a fotos aqui disponíveis <https://www.lusofonias.net/a%C3%A7ores/pico/2469-pico-2018-era-uma-vez-o-pico-em-agosto.html>

...enquanto esperava pela resposta a um convite para jantar do Manuel da Costa Jnr, o amigo, diretor do Museu dos Baleeiros e baladeiro extraordinário, ele acabou por jantar lá numa das noites e guardamos o resto para a sua intervenção durante o 30º colóquio da lusofonia na Madalena de 4 a 7 de outubro...

Deceção foi o restaurante Ponta da Ilha para os lados da Piedade e Manhêna, com comida e serviço execrável e onde já fui feliz a comer em anos anteriores.

Outro desapontamento foi o Acoradouro na Madalena, muito bonito na sua renovação de há seis anos e bem modernizado, e embora o meu bife estivesse excelente, o meu filho e mulher muito se queixaram da comida (a sopa estava fria, o peixe seco era filho de congelados) mas eu queixo-me é do custo de 5 euros por uma garrafa de água... O local ficou mais moderno, funcional e mais bonito, mas abusam nos preços... Já a Parisiana do Jaime, na Madalena, onde faremos refeições no 30º colóquio, continua a ter um bom buffet e não sendo muito barato come-se bem quanto se queira, com pessoal de mesa sempre atento e solícito. Não fui ao meu favorito na Prainha, O Canto do Paço, pois em dezembro fechara de vez, mas vim a descobrir depois de sair do Pico que já reabriu e com boas impressões dos visitantes.

Continuo a não entender o comércio local na Madalena (restauração) quase todo fechado aos domingos no pico do verão como já víamos no pico do inverno), não dá para entender... um que estava aberto nesse domingo era o VIA com esplanada com vista para a baía mas não servia almoços, apenas sanduíches (muito boas embora a demora fosse inacreditável...50 minutos para 3).Havia outra tasca aberta nesse domingo, o Arruda mas só deu para tomar café.

Entretanto aproveitou-se a ida para conhecer pessoalmente o presidente da edilidade e o chefe de gabinete, visitar o Auditório onde faremos o 30º colóquio e definir os detalhes que faltavam...No turismo feito a revisitar as lagoas nota depressiva para a eutrofização quase total delas, para a presença de vacas no seu solo quase seco, e o desespero que é para turistas amantes da natureza, como nós, vemos que só se pensa na montanha e não se preservam nem se mantêm as lagoas. A desilusão maior foi na do Paul. As fotos mostram que tinham água em 2007, muitas estavam secas em 2009 e 2011, mas não totalmente como agora em 2018. As estradas de montanha ainda relativamente boas para passear no verão, as principais em bom estado. (espelho de água na foto abaixo em 2007 e agora seca)



2007



2016



2018

Uma última nota para as Lajes que parece terem parado no tempo e no espaço (tal como a Horta) e mais positiva a nova vitalidade da Madalena sempre em expansão, modernização e crescimento, se bem que possamos criticar a estética de algumas obras como a rampa betonada do cais velho...

Aguardamos a conclusão no Lajido da expansão do Museu do Vinho com uma recomendação aos agentes de turismo... todos pediam viaturas de caixa automática (norte-americanos não sabem guiar carros manuais) que ninguém tinha, à exceção de um ou outro emigrado que nisso descobriram uma maneira de fazer uns tostões... no regresso assistimos à debandada em autocarros de quase 200 passageiros que viram o avião passar por cima e ir aterrar na Horta devido ao vento suão, aumentando as estatísticas de movimento de turistas na Horta roubados ao Pico, tal como acontece aos doentes deslocados do Pico que são obrigados a ir à Horta aumentar as estatísticas do hospital local... o nosso Dash Q400 atrasado 50 minutos aterrou e levantou com o mesmo vento mas sem problemas... SATA, compadrios, estatísticas...

CRÓNICA 210 HAVERÁ FUTURO? 13.9.18

O dia está belo sem nuvens e estão a caminho dois furacões, a Hélène e Joyce que talvez cheguem no fim de semana como tempestade tropical. Há mais meia dúzia deles no Pacífico a ameaçar Hawaii e Macau, e outros nos EUA num total de 8 ou 9 em simultâneo, o que só vem servir de arma de arremesso aos que acreditam na manipulação do clima.

Martins Goulart¹⁵⁸, o engenheiro e homem do PS nos primeiros anos da autonomia veio a público falar da ausência e deturpação da mesma nestas 9 ilhas (creio que há 20 anos se mantinha silenciosa politicamente) e não é só ele, muitos se interrogam (mas são ainda poucos) sobre o rumo que as políticas dos dois partidos no poder imprimiram aos Açores em 43

¹⁵⁸ é um engenheiro eletrotécnico e professor da Universidade dos Açores (aposentado), doutorado em Matemática pela Universidade da Califórnia, e político açoriano. Entre outras funções, foi membro da Junta Regional dos Açores (1975-1976), deputado e líder do Partido Socialista nos Açores (1987-1993).

anos de autonomia. A economia a crescer artificialmente inflacionada por um turismo que já começa a escalavrar as belezas naturais das ilhas veio dar otimismo desenfreado, em especial na ilha de S Miguel, privilegiada com a maioria dos turistas. A crescer também o número de beneficiários do RIS rendimento de inserção social, ou qualquer que seja o nome atual dessa bela ideia que atualmente é usada e abusada até ao limite. O desemprego a baixar, artificialmente alimentado por milhares de jovens em programas Estagiar qualquer coisa que poucas garantias de emprego estável darão...acabam uns estagiários e outros virão...

Na agropecuária os subsídios sucedem-se, uns atrás de outros na pedinçice a Bruxelas para manter artificialmente as ilhas das vacas felizes sem se saber por que razão a associação do setor não usa os milhões que tem a render na banca e que bem podiam ajudar o setor e os associados, mas eles lá saberão ...

A maioria das pessoas demasiado ocupadas com os seus umbigos nem pensa em política nem autonomia, desde que o prato de lentilhas lhe seja servido todos os dias, com mais umas migalhas atiradas de 4 em 4 anos aquando dos atos eleitorais de promessas mil. Há, alguns que se queixam da autocensura a que se obrigam para não perderem os míseros tostões que a administração distribui por mil e uma entidades e poucos são os que dão voz ao descontentamento. Até poderíamos ser levados a pensar que tudo corria bem neste reino da Dinamarca, não fossem as sistemáticas teimosias de empresas públicas, semipúblicas ou coisa que o valha, que diariamente são notícia nos jornais pelo acumular de prejuízos de milhões e dentre elas, a SATA do nosso descontentamento em gestão autofágica dividida por executivo, sindicatos e outros interessados no bolo, sem privilegiar os milhões de passageiros que a sustentam e penam para receberem indemnizações pelos atrasos, cancelamentos e outros desvarios aqui levados ao extremo na cauda da avaliação de pontualidade de voos e outros critérios semelhantes. O pior é que eu, que até prefiro voar na SATA do que na concorrência, sei que a alternativa é ainda pior. Mas algo terá de ser feito, desfazer a companhia e começar de novo com o serviço público deficitário interilhas, alugar o serviço de outras companhias numa fase de transição e acabar com este aumento diário da sua dívida pública.

Em Santa Maria os ânimos andam excitados com a ida ou não, de um *spaceport*, que ninguém sabe ainda bem o que será, para o lançamento de foguetes na Malbusca. Uns a favor em nome do "progresso" sempre prometido àquela esquecida ilha, mas nunca concretizado, outros mais ambientalistas defendem a preservação da pureza natural pois os quos superam os prós, mas pouco se sabe de concreto ainda para ser possível definir posições.

No PSD local os dois candidatos a líder esgrimem argumentos após 5 derrotas eleitorais consecutivas sem fama nem proveito, mas como dizia, há dias, o colega Tomás Quental, sem garantir apoios à agropecuária e a continuação dos rendimentos mínimos a vastos setores da população o novo líder não ganha. Um tem a máquina partidária, o outro busca as massas. Pode ser que daqui nasça uma verdadeira oposição que bem necessária é para o equilíbrio democrático, e que tem sido mais apanágio dos pequenos partidos BE, PCP E CDS do que do PSD.

Dito isto, quando falo com jovens a auferirem pouco mais de 500 euros e vejo estampado no rosto o desânimo por nunca mais poderem constituir família ou se tornarem independentes economicamente pergunto "Haverá futuro?", trabalho escravo na restauração haverá sempre e os sonhos ficarão adiados até um dia mas será isto que queremos para os açorianos?

CRÓNICA 211 ERA UMA VEZ UMA FÁBULA RICA 18.9.18

Era uma vez uma terra muito rica, muito rica, sempre e cada vez mais, e mais rica. Era tão rica que muitos dos melhores saíam para outros países e nem voltavam. Os mais pobres voltavam todos os anos em procissões várias numa companhia de caravelas das Índias Ocidentais que andava sempre às turras com ventos e marés e jamais cumpria horários de monção. Aquela terra que era tão rica foi vivendo pacatamente esquecida do mundo, em mares de bruma e nevoeiros de são joão, com ventos de mata vacas, alguns tremores e vulcões quase silenciosos até que dia os pobres de outras partes do mundo descobriam aquele povo de gente feliz com vacas e desatou a querer ir visitar e conhecer, talvez para aprenderem os seus segredos que se escondiam por uma governança alternada de duas décadas em duas décadas, em que ora uns ora outros dividiam entre si e os seus as riquezas infindas que a terra lhes proporcionava, sempre com novas riquezas a serem anunciadas.

Escondida sob tanta riqueza havia a pedofilia, a violência doméstica, o mau aproveitamento escolar e outras maleitas como os maus tratos a idosos e a cientistas, que aparentemente não eram muito apreciados por aquelas bandas. Lá surgia de vez em quando um ou escândalo, mas como sempre a indignação das gentes nunca durava mais do que três dias bem contados que aquele povo temente a deus, amante da bola e da música dolente não tinha capacidade de se concentrar muito tempo sobre um só tema.

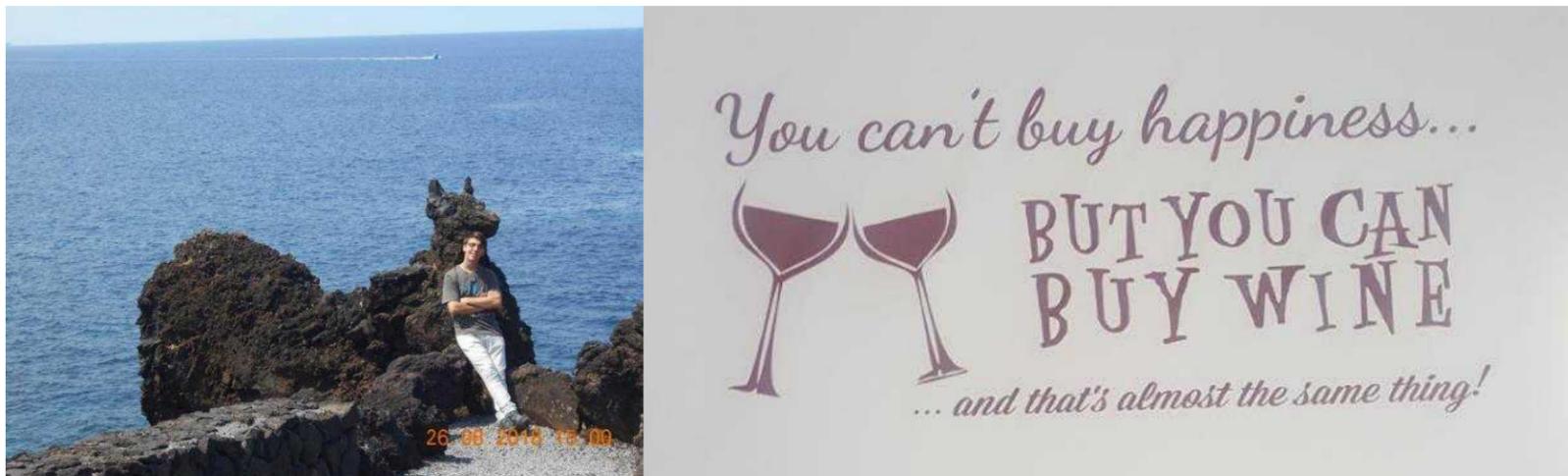
Quando uma vez alguém mandou desviar um helicóptero por mero nepotismo familiar algumas vezes se ergueram a exigir a saída do capataz, mas quem saiu foi o chefe do pessoal menor. Quando as coisas não corriam bem na educação nunca era culpa de quem mandava, mas sim um dos seus subordinados imediatos que era prontamente removido como quem afasta uma mosca irritante como aquelas que vi lá na Austrália Ocidental, quando as pessoas abanavam as mãos naquilo que se chamava o *Australian salute* e abanavam o chapéu cheio de rolhas de cortiça penduradas. Tenho de admitir imodestamente que gostei desta analogia. As gentes, felizes, nem se apercebiam dessa mudança de moscas e perpetuavam a abúlica apatia de séculos de costas vergadas e chapéu na mão, sem se aperceberem de que a terra muito rica era comandada à distância or uns senhores que a tinha arrendado com a condição de não fazerem obras nem benfeitorias na terra para que ela não perdesse o seu valor.

De tantos em tantos anos, os senhores visitavam as terrinhas todas acenando, distribuindo beijos e abraços e a promessa de dias sempre melhores e mais ricos, ouviam um ou outro queixume das gentes ingratas e prometiam satisfazer esse descontentamento na primeira oportunidade. E assim, ano após ano, as pessoas iam sendo promovidas ou demitidas para calar esses descontentes. Felizmente havia milhares e milhares de interessados em substituir os infelizes demitidos e tudo podia continuar na mesma desde que todos o fizessem a uma única voz sempre com a força de aquela ser a mais rica

terra e de mais gente feliz na terra. E quando chegasse o dia de mudar de arrendatários, os que tinham ficado sem estradas, sem escolas, sem polidesportivos, e sem grandes festivais teriam a sua vez enquanto os outros que já tinham tudo isso esperavam que a roda da fortuna mudasse. E eu aqui neste canto da ilha do Arcaño espero que chegue o dia de ver uma nova estrada entre a Lomba da Maia e a Maia sem andar nela com o credo na boca à espera que a estrada desabe de vez, mas olhando em volta só vejo gente rica, feliz como as vacas que a rodeiam....

CRÓNICA 212 CABRITO A MORRER DE SEDE 26.9.18

Estive há dias com a família num dos meus recantos favoritos do Pico, o Cabrito, e qual não foi o espanto quando o meu filho (na imagem) bateu a uma porta a pedir água e lhe disseram que a água ainda não chegara lá.... Foi então que entendi um leiteiro que vira num restaurante, nessa manhã,



Longe vão os tempos em que o Pico era um quintal da rica fidalguia faialense com seus solares. como escreveu Victor Rui Dore

"Durante séculos imperou, nos Açores, nomeadamente nas ilhas do Faial e Pico, o patriarcalismo: criados e criadas no âmbito do serviço doméstico; reideiros e capatazes no âmbito da propriedade rural. Autores como Nunes da Rosa, Florêncio Terra, Manuel Zerbone, Rodrigo Guerra, Manuel Greaves e Tomás da Rosa dão conta dessa relação/oposição entre "os senhores do Faial" e "os feitores do Pico"; "os morgados do Faial" e "os vinhateiros do Pico"; os "barões do Faial" e "os quinteiros do Pico"; "os fidalgos do Faial" e "os caseiros do Pico". Mas nos inícios do século XX houve uma mudança nas relações entre classes: a emancipação dos feitores do Pico em relação aos "senhores do Faial". Vejamos como e porquê.

O feitor era quem cuidava das vinhas bem como da casa de Verão e da adega do proprietário faialense. Além disso, superintendia o recrutamento do pessoal para as vindimas e outras tarefas relacionadas com o tratamento das cepas: poda, enxofragem, sulfatagem. A decadência dos "senhores do Faial" levou à compra, por parte dos feitores do Pico, de lotes de terreno. Surgiu, assim, na fronteira da ilha montanha uma teia de minifúndios. Pequenas propriedades, solares, adegas, armazéns, casas conventuais, ermidas e outras estruturas passaram para mãos picarotas.

Resquícios desse tempo mantiveram-se nos nossos dias como é visível ainda em situações diversas e em atos de governação. Ali bem perto o Cais do Mourato esteve à espera de luz elétrica até há pouco tempo...

Só que nos dias que correm no século XXI é a água canalizada que não chega ao Cabrito e não há poços de maré disponíveis para a população como era costume de antanho.

Houve um senhor do Pico que contava que

"no fim do verão vieram homens de São Jorge ao Pico para comprarem aguardente, e o mar embraveceu, então os homens desesperados andavam em cima da rocha a olhar para o mar na esperança que o tempo mudasse. Lá em cima da rocha também andava um homem de Santa Luzia a dizer, " não se preocupem o mar vai amansar " ...os homens de São Jorge, pensando que o homem de Santa Luzia tinha poderes de adivinhar, ficaram muito excitados e disseram, " Quando senhor, quando???" " O homem de Santa Luzia que tinha o apelido de Quebranto, deitou a mão à cabeça e disse, " O mar vai amansar, mas quando não se sabe "...

Parece-me que assim dizem os políticos do Conselho de São Roque, que tomaram o título de Capital do turismo rural, " A água vai vir para o ano que vem...qual o ano não se sabe "

Como é zona de fartura de vinho devem pensar que a água não é precisa...E termino com as palavras de uma residente, devidamente identificada

Infeliz e desgraçadamente esta linda zona de adegas é a única no Pico no Conselho de São Roque que ainda não tem água canalizada e potável própria para o consumo humano...por favor ajudem a propagar esta injustiça...promessas já feitas por 10 anos...uma necessidade urgente quer moral, social e higiénica!

CRÓNICA 213 A LUSOFONIA NA ILHA-MONTANHA, OUTUBRO 2018

O 30º colóquio da lusofonia teve lugar no Auditório da vila da Madalena do Pico, com sessões extraordinárias na Escola Cardeal Costa Nunes e na Galeria Costa da MiratecArts, de 4 a 7 de outubro, um roteiro cultural da ilha (rota do vinho) e uma degustação de produtos locais. Foram parceiros deste evento a Câmara local, o Governo Regional (Direção Regional do Turismo, da Cultura, das Comunidades) além da MiratecArts.

Dentre os temas salientavam-se a
Homenagem a autores locais.

Naturais do Pico que se distinguiram em qualquer ramo do saber.

Madalena do Pico: o concelho, sua história, etnografia, geografia, tradições e cultura.

Homenagem a Dom Jaime Goulart e ao Padre Áureo da Costa Nunes e Castro

Com cinquenta pessoas inscritas (25 eram autores açorianos) e tempo bastante razoável, decorreu o excelente 30º colóquio que registou ainda a presença de alguns locais a assistirem aos trabalhos em muitas sessões. O autor homenageado era a compositora e maestrina ANA PAULA ANDRADE com mais de uma dezena de convidados de Honra, como Álamó Oliveira, Bruno Rosa (cantautor, Pico), Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, Prémio Nobel da Paz 1996, Eduardo Bettencourt Pinto, escritor, Angola, Açores, Canadá, Francisco Rosas, realizador cinema, Palco de Ilusões, Frederico Cardigos, biólogo, coordenador do Gabinete dos Açores em Bruxelas, Joaquim Feliciano da Costa, EMPDS Belmonte, Joel Neto, escritor, Terceira, José Andrade, Chefe de Gabinete da Câmara M de Ponta Delgada, Manuel da Costa Jnr, Diretor Museu dos Baleeiros, Pico, Manoel Tomaz, escritor, Pico, Sérgio Ávila, biólogo, Universidade dos Açores, Pico, Sérgio Rezendes, historiador, IHC – Instituto de História Contemporânea, S Miguel, Terry Costa, diretor artístico, MiratecArts, Pico, Urbano Bettencourt, escritor, Pico, Victor Rui Dores, escritor, Graciosa, além de outros autores açorianos ou açorianizados como Carolina Cordeiro, Chrys Chrystello, Eduíno De Jesus (Decano dos autores açorianos), Helena Chrystello, Katharine Baker (Tradutora), Luciano Pereira, Maria João Ruivo, Norberto Ávila, Pedro Paulo Câmara, Raul Leal Gaião, Rolf Kemmler, Vilca M Merízio.

O colóquio teve o seu início, dia 4, com uma visita à Escola Cardeal Costa Nunes (encontro de 15 escritores) secundária com a sala cheia de 150 alunos, professores e demais pessoal. O colóquio iniciou-se sendo visionados vídeos da Madalena, AICL e das 9 ilhas dos Açores (que aliás preencheram todos os intervalos das sessões)

Seguiu-se depois a sessão de abertura com a presença do presidente da edilidade e de 9 convidados de honra, além da Diretora Regional da Cultura, Professora Susana Goulart.

Após os discursos oficiais – teve lugar a apresentação do livro *Meridiano 28* pelo consagrado autor açoriano Joel Neto, na sessão da tarde houve lugar à Homenagem a Dom Jaime Garcia Goulart e outros missionários açorianos na Igreja da Candelária, visita à Casa do Missionário e Casa de Dom José da Costa Nunes.

Passamos depois a uma demorada visita guiada por Terry Costa à Galeria Costa da MiratecArts.

Dia 5 o Prémio Nobel Dom Carlos Ximenes Belo apresentou com José Andrade da Câmara Municipal de Ponta Delgada (mecenas da edição) o segundo volume de *Missionários Açorianos em Timor* editado pela AICL. Durante o colóquio houve ainda apresentação de outros livros como a *Bibliografia Geral da Açorianidade* por Manoel Tomaz e Chrys Chrystello, *Um punhado de areia nas mãos* por Maria João Ruivo e Eduíno de Jesus e a apresentação do CD de autores açorianos musicados de Ana Paula Andrade.

Dia 5 tivemos dois recitais de Ana Paula Andrade (acompanhada pela soprano Carina Andrade), sendo um deles dedicado a obras do missionário e compositor picaroto Padre Áureo da Costa Nunes de Castro. Neste recital noturno, o conhecido compositor e interprete local e diretor do Museu dos Baleeiros, Manuel da Costa Jnr, apresentou alguns dos trabalhos do seu recente CD.

Dia 5 visionou-se na íntegra em estreia nos Açores o Docufilme *Timor: O Avô Crocodilo* de Francisco Rosas e Ricardo Lacerda Dias.

Dia 7 houve uma rota turística e cultural na Rota do Vinho, da Criação Velha ao Lajido e Cabrito, com degustação de produtos locais no Cella Bar na Barca ofertado pela edilidade. Um jovem cantautor local (Bruno da Rosa) apresentou-se ao público, bem como na sessão de encerramento, Laurindo Cardoso e José Fontes da Casa da Música da Candelária com temas de folclore regional.

Não vamos mencionar as 34 apresentações e palestras que decorreram ao longo de quatro dias e algumas das quais mereceram animado debate por parte dos presentes e que constam das Atas do colóquio (<https://www.lusofonias.net/arquivos/425/Atas-dos-Coloquios/1059/atas-2018-MADALENA-DO-PICO-2018.pdf>).

Apesar da participação local ter sido inferior ao que seria expetável, ainda houve momentos com forte presença local. Resta-nos apresentar algumas das conclusões deste evento

1. Congratulamo-nos pelo acordo com a Câmara de Ponta Delgada para ali realizarmos o 34º colóquio de 1 a 5 outº 2020 cujo tema principal será **EDUCAÇÃO: uma ciência transversal que todos os governos deviam privilegiar**, com os Convidados de honra António Dias de Figueiredo catedrático UC (<https://www.facebook.com/adfigueiredo>); Alexandre Quintanilha (Presidente da Comissão Parlamentar de Educação e Ciência <https://www.parlamento.pt/DeputadoGP/Paginas/Biografia.aspx?ID=5930>); José António Salcedo (cientista <https://www.facebook.com/jose.a.salcedo.988>) e ainda o escritor Richard Zimler como escritor não-açoriano convidado. Os autores homenageados pela AICL em 2019 e 2020 serão, respetivamente, Eduíno de Jesus e Onésimo T Almeida
2. Congratulamo-nos com os reforços dos laços com a autarquia de Belmonte que vai instalar o nosso núcleo da Lusofonia no Museu dos Descobrimientos com abertura prevista para abril 2019 e com o resultado das diligências da AICL que irão permitir a geminação entre a Madalena do Pico e Belmonte, e conta-se com a presença lá do Sr. Presidente da Câmara, José António Soares em abril 2019. Congratulamo-nos, que graças à ação da AICL, Ponta Delgada possa vir a ser incluída na Rede das Judiarias e que esse acordo seja já celebrado no próximo colóquio em abril 2019
3. Depois de propormos à C M Madalena o regresso dos Colóquios a esta vila ficou o mesmo mutuamente acordado para as datas de 23 a 27 de setº de 2021
4. Por proposta de Frederico Cardigos do Gabinete dos Açores em Bruxelas, vamos estudar a possibilidade de levar um grupo restrito de autores açorianos a Bruxelas para numa sessão de 1 a 2 dias, para divulgar a literatura de matriz açoriana e alguma da sua obra (livros ou excertos já traduzidos noutras línguas)
5. Foi feita a proposta da AICL de acolher como sócio Sérgio Rezendes e promovermos a sua deslocação a escolas secundárias para promover o conhecimento da História dos Açores
6. Vamos prosseguir com o projeto de finalizar o projeto do busto de Dom Carlos Ximenes Belo com um custo entre os 6 e os 8 mil euros cujo molde inicial foi feito pelo artista plástico picoense Rui Goulart (ver em <http://coloquios.lusofonias.net/XXX/ximenes%20um%20busto.mp4>). Pensamos que uma autarquia ou outra entidade que financie esta obra possa ficar com ela para expor em local apropriado.
7. Damos publicamente um voto de congratulação à MIRATECARTS por colocar ao longo destes últimos sete anos, o Pico no mapa cultural internacional através das suas atividades diversificadas

Como habitualmente as imagens e sons do 30º colóquio estão no nosso portal www.lusofonias.net em <https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios.html>

E termino com esta nota elegíaca à bela ilha:

Tivesse eu fôlego e ficaria no mítico Pico da Atlântida submersa, cujo magnetismo me fascina ao ponto de desejar, vezes sem conta, mudar de armas e bagagens para este Triângulo Sagrado onde prometo fazer imolações e outros sacrifícios nas aras do destino, seria ótimo posio

final para as minhas cinzas quando chegar a estação de fazer como as cobras e trocar de pele. Despir a bela capa colorida terrena e vestir o cinzento das cinzas que seriam lançadas nesta lendária Atlântida de continentes submersos cujos picos vocês habitam.

Ali, na Gruta das Torres senti-me um salteador da Arca perdida à sombra do Pico que, ora se esconde, ora se revela num jogo constante do gato e do rato, que entusiasma e arrebatava. Sinto o sortilégio. O mágico cume tem um ímã que atrai a visão e nos desconcentra, sempre insistindo para o contemplarmos nas suas mil e uma facetas alteradas a cada segundo. É esta vila da Madalena, feita de gente que ao longo dos séculos sempre soube arcar com as dificuldades e domar a lava com ferros e marrões, amontoando pedra em "marçoços", monumentos num rendilhado de jarões, traveses e bocainas. tarefa hercúlea como tantas outras que as gentes do Pico empreenderam ao longo de cinco séculos de colonização da agreste ilha, sem esquecer a luta titânica que nos seus pequenos botes travaram durante um século contra a baleia e ora descobrem novas formas de vida.

Em 2009, em pleno São Miguel Arcanjo, junto à casa do amigo, mentor e escritor Cristóvão de Aguiar deparei com uma camioneta de passageiros, estacionada, aguardando o início de nova semana de trabalho. Ali me ocorreu a ideia peregrina de como seria culturalmente interessante a aventura de "pedir emprestada" a carripana, começar a percorrer as freguesias e gravar as histórias que os passageiros fossem contando. A viagem não teria destino. Duraria tanto quanto as histórias dos seus passageiros. Não se cobriam bilhetes. Pararia em todos os locais, para que contassem histórias e lendas do local onde paravam. Que livro maravilhoso não daria esse compêndio de histórias apanhadas ao acaso daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos. Assim me despedi da ilha e voltei sempre para aqui passar mais tempo.

Termino dizendo que esta é a magia da ilha que se insinua como uma amante insaciada, mulher fatal capaz de marcar os destinos de todos os homens que têm a sorte de a encontrar.

Assim me despedi da ilha e continuo a voltei sempre para aqui passar mais tempo, nesta terra de autores picarotos que tentaremos homenagear ao longo dos próximos dias como Adélia Goulart, Almeida Firmino, Avelino Rosa, Cesaltina Martins, Ermelindo Ávila, Fernando Melo, José Carlos Costa, José Dias De Melo, José Enes, José Martins Garcia, Judite Jorge, Manuel Da Costa Jnr, Manuel Ferreira Duarte, Manuel Tomás, Maria Norberta Amorim, Padre Nunes Da Rosa, Rodrigo Guerra, Rui Goulart Escultor, Rui Goulart Jornalista, Sidónio Bettencourt, Urbano Bettencourt, e no campo eclesiástico Missionários no Oriente como o Cardeal Dom José Da Costa Nunes Dom Jaime Goulart, Dom João Paulino De Azevedo E Castro, Padre Áureo Da Costa Nunes De Castro, Padre Isidoro Da Silva Alves, Padre João Homem Machado, Padre José Carlos Vieira Simplicio, Padre José Pereira Da Silva Brum.

CRÓNICA 214 UNIVERSOS, MULTIVERSOS E REALIDADES VIRTUAIS 14 OUT 2018

Anda meio mundo preocupado com a provável eleição do populista – quase nacional-socialista – Bolsonaro para liderar o Brasil. Não vejo qual é o problema, ele quer eliminar os negros, os indígenas, os homossexuais, e mais de metade da população, resolvendo desta forma os prementes problemas de ordem social que afetam o Brasil, reservando assim o vasto país para uma enorme coutada de poucos alicerçados uma classe média, arrogante, cheia de privilégios, profundamente racista e discriminadora. O mesmo foi tentado e realizado com sucesso por outros, como Adolfo H., um austríaco (ou era austro-maníaco?) que desfez a Alemanha na 2ª Guerra.

Na Espanha o ódio racial contra os não-espanholitos, atinge o seu auge em investidas contra os catalães, enquanto na vizinha Galiza se extirpou a língua galega agora quase totalmente convertida a um castrapo foleiro de castelhano. Como se isto não bastasse a história foi reescrita e deturpada retirando todo o brilho e fulgor das enormes qualidades que a nação galega teve ao longo dos séculos. Não entendo o mal-estar de pequenos segmentos da sociedade que contestam isto...bem pior foi o genocídio arménio aí por volta de 1915 e hoje já ninguém se lembra disso nem dos arménios.

Em Portugal, alguns puritanos de um determinado tipo de justiça equitativa e socialmente responsável, insurgem-se contra o julgamento e possível condenação a 5 anos de cadeia de alguém que roubou uns cinco leitões para comer, enquanto outros que roubaram bancos e levaram milhares à bancarrota (com a ajuda do sempre generoso estado que investiu biliões em bancos falidos) continuam impunes, ano após ano, gozando reformas milionárias e o fruto do seu roubo... cremos que isto é inveja dissimulada do Zé-povinho que não tem classe nem categoria para roubar em grande...e francamente, se tinham fome, roubavam só um leitãozinho.

Outros falam ainda do desaparecimento de armas no paiol de Tancos, que depois apareceram numa manobra de encenação, tendo já causado algumas demissões, mas sem quaisquer resultados futuros. Todos os dias desaparecem milhões de coisas, como milhões de euros mal investidos e mal geridos pela banca, pelo estado, pelas autarquias, e por daí em diante...e nunca ninguém se importou pois vota sempre nos mesmos, que insatisfeitos com o produto dos seus roubos se mostra sempre disposto a sacrificar-se pela "res publica" e a concorrer para ser reeleito.

Seguindo sempre na senda dos sagrados valores pátrios de futebol, Fátima e fado que fez da nação essa grande potência imperial de tempos idos, as televisões entretêm-nos com mais futebol, Fátima e pimba enquanto á socapa os governos vão aprovando as leis que mais lhes convêm, a si e aos seus amigos e apoiantes, e o povo ordeiro e calmo aceita sem saber nem se importar e temeroso de males piores vota sempre nos mesmos.

Nos Açores as crises são muitas e acumulam-se, mas tudo continua como se nada se passasse, e a verdade é que pouco se passa, de facto. Incentivam-se as pequenas disputas tribais interilhas enquanto os grandes problemas se escondem sob o tapete para os netos se terem de preocupar com eles e sua fatura. E, se um ou uma mais afoito, ousar falar, cairá no vale do desterro, marginalizado, sem direito a qualquer apoio ou subvenção que, como alguns sabem, é o conduto de qualquer reeleição, ou pelo assim tem sido desde a autonomia de 1976. Entretanto criam-se expectativas sejam elas a do porto espacial na Malbusca, a construção de um ou outro porto, ou barco, ou outra qualquer coisa que leve as pessoas a falar, discursar, debater, combater até que esses planos sejam cancelados ou substituídos por outros. E sempre haverá novos coelhos prontos a tirar da cartola quando chegar o sagrado dia de São Voto devoto.

E com SATA ou sem SATA, com ou sem barco, seja com o que for, ou sem nada disso, as pessoas continuarão a viver como sempre viveram até agora. Umas, mais inconformadas votarão com os pés, como sempre fizeram e emigrarão, outras mudarão de padrinho ou candidatar-se-ão a novos projetos e compadrios.

A cultura e a educação continuarão a ser apanágio de loucos e utópicos como eu, que ainda me preocupo com essas coisas neste deserto com vozes que habitamos, onde vozes de burro não chegam aos céus e onde touradas, filarmónicas e a santa festinha da freguesia são os valores a preservar...

Jürgen Habermas: "Não pode haver intelectuais se não há leitores" (Para a figura do intelectual, tal como a conhecemos no paradigma francês, de Zola até Sartre e Bourdieu, foi determinante uma esfera pública cujas frágeis estruturas estão experimentando agora um processo acelerado de deterioração. A pergunta nostálgica de por que já não há mais intelectuais está mal formulada. Eles não podem existir se já não há mais leitores aos quais continuar alcançando com seus argumentos.)

Ora até ler isto pensava poder pertencer a essa elite capaz de poder mobilizar massas e ter uma voz que fosse ouvida e seguida por aqueles que acreditam que o mundo ainda pode ser emendado, remendado, reparado, consertado, corrigido retificado, mas agora começo a duvidar. A repetição cíclica da História, corrupção endémica, a injustiça, autonomias e nacionalismos, a imigração, a erosão europeia e a crise da filosofia junto com a degradação global da educação foram sempre temas que me fascinaram e aos quais dediquei páginas sem fim ao longo de décadas....Nenhuma delas chegou a ter força de lei ou teoria que vingasse, por mais inteligentes, lógicos e racionais que pudessem ser. E a razão disse-a Habermas, sem leitores não há intelectuais.

E, se em vida, nada consegui quanto á propagação e difusão dessas ideias, não será, depois de morto e desconhecido que elas se reproduzirão, ao contrário desse outro autor que foi Fernando Pessoa... e ainda há poucos dias alguém dizia o que sempre tenho dito, se nem os meus filhos leram, alguma vez, alguma ora minha, como posso esperar ter leitores?

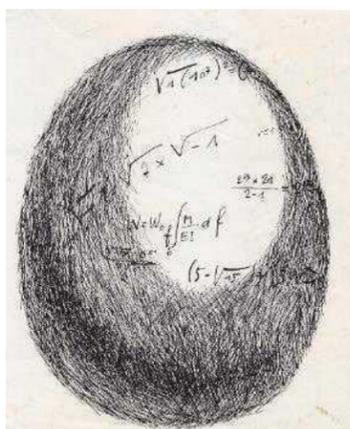
Cito Habermas, de novo:

"a figura histórica do intelectual ganhou importância junto com a esfera pública liberal em sua configuração clássica. No entanto, esta vive de certos pressupostos culturais e sociais inverosímeis, principalmente da existência de um jornalismo desperto, com meios de referência e uma imprensa de massa capaz de despertar o interesse da grande maioria da população para temas relevantes na formação da opinião pública. E também da existência de uma população leitora que se interessa por política e tem um bom nível educacional, acostumada ao processo conflitivo de formação de opinião, que reserva um tempo para ler a imprensa independente de qualidade. Hoje em dia, essa infraestrutura não está mais intacta."

Está assim explicado o grande dilema da minha existência sem leitores, terei agora de ponderar se continuo a escrever para o vazio, dada a falta de valor mercantil da minha escrita para os analfabetos que já não leem.

Claro que posso sempre voltar às origens e escrever poesia pois os canalhas, os poderosos, e os donos disto tudo, se há uma coisa que não toleram é a poesia!!!

fórmula para sucesso literário e intelectual e capa do meu 1º livro de poesia (1972)



CRÓNICA 216 PARABÉNS AO SR. BOLSONARO PELO REGRESSO DO BRASIL AO PASSADO 19OUT18

Parabéns ao Sr. Bolsonaro por ganhar a segunda volta eleitoral, sem rodeios, agora vai poder levar o Brasil de volta à década de 1960, se os senhores militares não o depuserem, depois de ele tomar posse. Nunca houve grandes dúvidas, pois os americanos quando se esforçam em levar a democracia a países atrasados, fazem-no bem...e esta, a 152ª intervenção ocorreu sem invasões militares nem sanções económicas, usaram métodos mais certos e sofisticados de manipulação, mais adequados ao século XXI

Por outro lado, pensemos positivamente, se tem parentes e antepassados europeus, pode sempre voltar para a velha Europa e torná-la um continente mais aprazível, comecem já a pedir os vossos passaportes. Se é proletário, índio ou de qualquer minoria lamento, mas o futuro é sombrio, sem grandes hipóteses de fuga à morte, ao genocídio, à miséria e a tudo de bom que havia na década de 1960, sem acesso ao ensino superior, elevado grau de iliteracia, fome, assassinatos em massa, esquadrão da morte, serviços sem direitos, horários de trabalho alargado, a omnipresente igreja de vários tons e cores sempre a apoiarem o poder instituído (nele apostando, financiando e votando, arrastando milhões de crentes), a censura nos meios de comunicação, a calma aparência da ordem e do progresso que consta do estandarte.

A Boeing já levou a EMBRAER para outros voos, o petróleo voará da mesma forma, a Amazônia será enfim libertada para ser explorada livremente por garimpeiros, rendeiros e mineiros, os sem-terra ficarão (de novo) sem terra, o crime e a droga serão alvo de grandes operações militares mediatizadas, e a nova elite do país, que se julga culta e sofisticada, embelezará de novo o Palácio de Versailles como em finais do século XIX.

Claro que a corrupção voltará a ser o que sempre, a imagem de marca do Brasil independente, nem mais nem menos do que dantes, mas a censura tratará da saúde de quem fale disso. E o mundo continuará, com mais ou menos protestos, como continuou com Pinochet, Pol Pot, Trump e outros, e como diz aquele velho clássico nórdico "nada de novo sob o sol".

Pela premência aqui republico o meu alerta que foi dado à estampa em jornais locais a 10/03/2016



Lomba da Maia, março 2016

Terá de morrer alguém numa derrocada na estrada da Maia para a Lombinha da Maia em São Miguel para haver obras?

Terá de haver uma derrocada catastrófica na estrada da Maia para a Lombinha da Maia em São Miguel para haver obras?

Terá a cor política da Junta de Freguesia e da Câmara algo a ver com os "estudos" que alegadamente estão a ser feitos para haver obras na estrada da Maia para a Lombinha da Maia em São Miguel?

A estrada ficou cortada depois das derrocadas de fevereiro 2013 e dezembro 2015, com enormes inconvenientes para centenas de moradores da costa norte.

Os transportes privados, os públicos, incluindo os transportes escolares, fazem desvios morosos por Calços da Maia, Gorreana e São Brás em estradas que não foram feitas para tal movimento e depois de meses de a estrada ter estado cortada à circulação entre a Lombinha e a Maia, nem um só trabalhador apareceu no horizonte num dos troços mais perigosos das estradas públicas regionais na costa norte.

Está em estudo, ao que dizem, a intervenção camarária e os transportes pesados estão proibidos de acederem aquele ramal (edital n.º 49/2016/T.) enquanto os ligeiros que por ali passam correm riscos enormes e desnecessários. A falta de sedimentação das perigosas arribas após as derrocadas de dezembro pode nem precisar de mais chuvadas para causar novo desmoronamento...

Porque esperam então as entidades responsáveis para fazerem obras que há muito se impunham?

Se houver uma tragédia, do dia para a noite surgirão máquinas, trabalhadores e estudos?

Aqui deixo a pergunta a quem de direito como cidadão residente na costa norte a quem foi coartado o acesso direto entre a Lombinha e a Maia. Ao fim de três meses continuo à espera do início das obras céleres para darem segurança a aquele troço bem movimentado da estrada.

PS: atualização em outubro 2018

a erosão da encosta, no troço junto à orla costeira, está a pôr em risco a estabilidade da via, criando um sério risco para todos os que por aí circulam. De igual modo, também a encosta do lado de terra apresenta, em vários locais, evidentes sinais de instabilidade. Existe um claro perigo de derrocada ou mesmo de desabamento de parte do piso, o que coloca em causa de forma extrema a segurança da circulação. Embora se trate de uma via municipal, as obras em causa terão de processar-se na orla costeira, sendo obviamente muito complexas do ponto de vista técnico e de engenharia e implicarão um esforço de investimento elevado, muito para lá das possibilidades do Município da Ribeira Grande. Tendo em conta a importância da via, a gravidade da situação e as responsabilidades do Governo Regional em relação à segurança das vias e à circulação rodoviária, parece claro que terá de existir uma intervenção da Região, em parceria com a Câmara Municipal da Ribeira Grande, por forma a reparar a estrada, intervir nas zonas de risco e garantir a segurança das pessoas e bens que por aí têm de circular.

Nesta data fiz uma pesquisa e exceto as declarações de dois partidos minoritários, em fevereiro e em setembro de 2017, pouco ou nada se encontra escrito sobre o tema....Em finais de outubro 2018 continua tudo exatamente na mesma...e depois das chuvas de 20 a 23 outubro o perigo de derrocada na Estrada Municipal 519, aumentou, mas como os responsáveis raras vezes se deslocam a esta esquecida costa norte dificilmente se apercebem do perigo que correm as crianças e familiares que todos os dias se deslocam para a EBI da Maia, e todos os outros que para ali têm de ir. Se – e quando – uma tragédia acontecer, como já antes ocorreu noutros pontos desta e doutras ilhas, será instaurado um inquérito, a culpa morrerá solteira, e talvez então se disponham a começar os trabalhos. Pessoalmente sou de opinião que deveria ser feito novo acesso à Lombinha da Maia pelo monte sobranceiro à Maia, desviando a seguir ao Museu do Tabaco e indo acabar antes do cemitério da Lombinha. Mesmo com expropriações, e sendo feita de raiz, talvez ficasse mais barato e, era certamente mais segura, do que a variante existente pelas alcantiladas arribas.

CRÓNICA 218 VOTAR OU NÃO VOTAR, EM BRANCO, NULO, OU PARA ELEGER PSICOPATAS, POPULISTAS E OUTROS ANORMAIS 23.10.2018

Quando vivia na Austrália concordava com o voto obrigatório, complexo, que me obrigava a votar, estivesse onde estivesse, por mais afastado do meu local habitual de voto. Depois nestes últimos anos, vi os votos esbanjados por ignorantes, irresponsáveis. A democracia, apesar das suas falhas, continua a ser o melhor sistema, mesmo quando é autofágica como na Alemanha de Hitler, nos EUA de Trump, no Brasil de Bolsonaro.

Já aqui nos Açores, há uns anos, uma pessoa com diminuídas capacidades cognitivas e outras, perguntou-nos em quem devia votar quando entrávamos juntos na sala de voto, aqui na costa norte de São Miguel. A maioria da população alheada da política já pouco vota. Se tivessem cérebros funcionais podiam pensar e votar diferentemente, assim como já – desde há muito – estão pré-condicionados num estado de torpor intelectual: basta ouvirem palavras mágicas e acreditam no que ouvem. Continuam a votar acreditando que votam... ditaduras transvestidas de laivos de democracia, sem direitos nem voz, como se alguém prestasse atenção a esses resquícios do séc. XX. Estão anestesiados pelo flúor que lhe deitam na água, pelo espetáculo circense do futebol, pelas novelas e pelo voyeurismo da Casa dos Segredos ou dos degedos uma nova versão do Big Brother.

Incapazes de pensar, pois foram educados a não o fazerem e são intelectualmente iletrados ou funcionalmente analfabetos, incapazes de compreenderem ou analisarem qualquer texto mais complexo que um resumo de um jogo de futebol. Há muita gente com influência nos meios de comunicação social, fazedores de opinião, construtores de falsos paradigmas, que optam por repetir que não há alternativa e que, se houver, tudo será pior! E há muita gente que vai na conversa!

É preciso agitar as consciências para que pensem. Um povo de cornos mansos e vacas chocas, sem espinha vertebral que vai continuar a votar nos mesmos que o defraudaram e roubaram ao longo de 44 anos da dita democracia, e se diz saudoso de líderes salazarentos, que eram honestos e mantiveram o país num feudalismo medieval, de analfabetismo, fome, futebol, Fátima e Fado.

Recordemos o que escrevi então:

Era dia de eleições regionais, no largo da Igreja da Lomba da Maia agrupavam-se os habituais homens à porta da Igreja, enquanto as mulheres e crianças assistiam ao culto. Não chovia nem fazia sol, antes pelo contrário. A temperatura era amena e o trânsito era reduzido ao redor da escola primária Amâncio da Câmara Leite, na Rua de N. Sra. da Conceição. Fui votar e fui ultrapassado, no meu lento passo, por uma impaciente agente da PSP que estacionara em infração, do outro lado da rua, mesmo em cima da curva em plena estrada regional. A descer da escola, vinham duas velhotas, amparando-se mutuamente, para subirem a escadaria de acesso à Igreja de N. Sra. do Rosário. Na porta da escola estava uma jovem, com uma caixa indicando RDP Antena Um, que disse ser da Universidade Católica e querer fazer uma sondagem à boca das urnas. Das 429 pessoas votantes num universo de 1038 estariam ali umas seis e nenhuma era jovem, antes pelo contrário, com uma abstenção a rondar os 60%.

Não vi lá a mulher Einstein nem os seus três geniais filhos, nem as poucas e sóbrias prostitutas que para cá se mudaram em tempos recentes, nem tampouco vi os jovens drogados do coreto da Igreja, que teriam, decerto, mais que fazer do que votar. Também faltava a vizinha do lado, na casa de baixo, que aos 90 anos, partiu a bacia (cócix) há meses, e anda todos os dias num corrupio para o Hospital na ambulância de transporte de doentes, e com enfermeiros a virem a casa tratar dela todos os santos dias.

As vizinhas de frente não foram votar pois devem estar recenseadas na cidade e só aqui vêm passar fins de semana e feriados. O vizinho padeiro e a mulher da casa ao lado, em cima, mal-encarados, como os seus antecessores do continente, estiveram todo o dia fora e não votaram pois, como mudaram há pouco, ainda não devem estar recenseados localmente. Cheira-me a gente de mudanças múltiplas, mas deles nada se sabe que nem a cortesia dos bons-dias aprenderam. Apenas os vizinhos da esquina de cima (vaqueiro premiado), em frente ao café Eurobar, foram dar o seu voto.

Uma das idosas da aldeia (senhor, chame-lhe Freguesia que não temos cá aldeias) que mora no começo (ou será no fim?) da Rua das Casas Telhadas e a quem dei o cognome de palestiniana (por andar sempre com um lenço negro na cabeça que mais parece um jilbab), continua a vestir-se como as viúvas de antigamente, sempre de negro até à morte. A despropósito sabiam que o Icharb palestiano deu lugar ao francesismo écharpe?

Não vi lá o velho agricultor ou vaqueiro, que diariamente aqui passa pelas sete e meia da manhã, na sua carroça puxada por um frágil pônei de melenas acastanhadas e de quem tenho pena (do pônei, não do velho que passa a vida a chicotear o pobre animal).

Não vi lá nenhum dos vaqueiros, que às centenas andam por estas ruas nos sete dias da semana, por entre recolha de leite das suas vacas, que, na maior parte dos casos nem suas são, mas dos donos. A exploração feudal aliviou-se depois do 25 de abril, mas assumiu novos contornos, nem sempre visíveis a olho nu. Depois do fim das quotas leiteiras da EU, foram muitos forçados a abandonar a prática das vacas, que ora, mais do que nunca, se concentram na mão de meia dúzia de proprietários aqui na Lomba da Maia.

Como não frequento missas não tive oportunidade de ouvir o padre na sua prédica dominical a aconselhar os fiéis a irem votar, mas suponho que o terá feito, como sempre se faz nestas terras (e nem vale a pena duvidar em quem ele aconselhou). Como as missas são frequentadas por gente muito idosa e essa lá ia votar, suponho que o sermão da véspera ou da semana anterior terá tido os seus efeitos. Mera suposição, longe de mim denegrir as qualidades democráticas clericais que, suponho, são inculcadas aos seminaristas em Angra do Heroísmo, nos tempos que correm. Uns dias antes da eleição cá andava o Presidente da câmara, mai-lo o Presidente da Junta de Freguesia e acólitos a percorrerem as ruas, acompanhados da carrinha com o som bem alto, tonitruante, como acontece em todas as campanhas. Creio que ao longo de doze anos raras foram as vezes em que vi aqui (sem ser nas campanhas eleitorais) na aldeia (Freguesia, chamam-lhe os locais) qualquer dos dois presidentes da câmara que já conheci. Assim, sabemos que, de quatro em quatro anos, eles se lembram de que existimos na ponta norte do Concelho, apesar de caladinhos e não-reivindicativos, ao contrário dos da Faixa de Gaza - como eu chamo aos de Rabo de Peixe, vila piscatória muito conhecida e apreciada na distribuição de benesses municipais.

Não vi votar nenhuma das mulheres, que semanalmente a Junta emprega, na tarefa de limpeza de ruas, pintura de muros e pequeno trabalho de manutenção local (em troca dos benefícios do rendimento mínimo, qualquer que seja o nome que o rendimento de reinserção social atualmente ostenta). Era de esperar que fossem votar, pela prestação de serviços que bem jeito dá às ruas sempre sujas, pois o povo (e já melhorou em 12 anos) tem a mania de deitar para o chão pacotes de batatas fritas, invólucros de gelados, e todos os papéis (e não papeles como lhes chamam) do que compram no minimercado ou no café da esquina.

Numa era de voto eletrónico, nem o obsoleto voto postal é permitido aos da diáspora, estudantes ou outros, longe dos locais habituais. Entendo que o voto emigrante induza certo temor aos partidos, mas não vou aqui explicar as razões de tal receio. Dizem que devemos contar 20% de abstencionistas, como emigrados ou ausentes, para já não falar dos mortos que, há anos, não são retirados das listas de eleitores. Creio que isto se prende com o apoio financeiro que os partidos recebem em função do número de eleitores, quanto mais eleitores inscritos mais fundos. Se fosse em função do número de votantes já teriam alterado a lei e revisto os cadernos eleitorais ou dado direito de voto ausente, mas como são beneficiados não há interesse nenhum em retirar os votos dos mortos.... Um bom cidadão mesmo depois de morto continua a servir os interesses dos partidos. Exemplo de cidadania.

Termino, concluindo que o sistema falhou ao não educar os cidadãos, falhou na educação, na saúde, na justiça, falhou toda uma sociedade, cada vez mais inculta...e são eles que votam em fanáticos populistas...a ignorância é uma arma usada pelos políticos para se reelegerem.

CRÓNICA 219 A IDADE DAS TREVAS ESTÁ A CHEGAR 27.10.2018

A escolha não é de esquerda nem de direita, nem entre mais ou menos corruptos, nem entre quem mais fez ou menos fez pelo Brasil, nem quem tem um passado mais obscuro e mais indiciados para a cadeia, ou já presos, a escolha não é entre ricos e pobres, entre brancos e negros, entre afro-americanos ou índios, garimpeiros ou coronéis, favelados ou gente da Tijuca, Leblon, Botafogo. A escolha não é entre cultos ou incultos, ignorantes ou sábios, letrados ou iletrados. A escolha não é entre um militar expulso desonrosamente do Exército e um ex-Prefeito paulistano. A luta não é entre o boi que vai feliz para o matadouro, o carneiro que segue o lobo para fora do redil, a luta é apenas entre aqueles que ainda acreditam que a democracia e a liberdade de expressão, a igualdade entre seres humanos, a igual oportunidade, a justiça, valem mais do que o desprezo total pelos valores que serviram de base a civilizações ocidentais na última centúria. Só isso e essa escolha vai ter um preço bem alto, qualquer que seja, para qualquer um dos lados que vença ou perca. Não só no Brasil, como no mundo ocidental em geral, sim esse mundo ocidental que já esqueceu a história, o passado, ou se não o esqueceu, não o entende nem compreende e teima em repeti-lo, cegamente como os lemmings, a saltarem para o precipício ou os ratos a seguirem o Pied Piper (O Flautista de Hamelin). Lemmings são animaizinhos de cabeça verde que fazem tudo o que você mandar. Só que como eles são burros pra caramba, ..

Só isso, um retrocesso de 50 anos ou mais e pior. Mudar sim, para pior nunca. E daqui a anos perguntarei onde estavas e o que fizeste no 28 de outubro 2018?

1.11.2018. HÁ SEMPRE UM TRUMP OU BOLSONARO QUE ESPERA POR SI

AGORA que já passou a data e os brasileiros (ou seja 34% dos votantes) escolheram o seu novo Presidente, é chegado o momento de fazer uma pausa e refletir.

Para todos os que discordam da nova liderança no Brasil aqui fica o meu aviso, válido para qualquer país, qualquer que seja a língua nele falada, o tipo de governo atual, seus antecedentes históricos:

- 1) país onde a corrupção seja rampante prepare-se, é só uma questão de tempo até a tampa saltar
- 2) país onde a justiça parece não funcionar, favorecendo os ricos e prejudicando os mais fracos, prepare-se
- 3) país onde os pequenos delitos sofrem penas descomunais e os grandes roubos, assaltos, desmandos da banca, corrupção, saem com pena suspensa ou prisão domiciliária, prepare-se
- 4) País onde o nepotismo, corrupção e sobrançeria das elites reinantes parece não ter fim, em que ninguém consegue já indignar-se, com a sucessão (quase diária) de escândalos é um vulcão prestes a explodir, prepare-se
- 5) país onde o nível de impostos, taxas e outros impostos não cessa de aumentar, haja crise ou não, sem que essa subida desenfreada corresponda visíveis mais-valias para a população em geral, prepare-se
- 6) país onde não deixa de aumentar o número de hooligans (normalmente associado a atos desportivos e claques de clubes) e seus desmandos, sem que a estes seja posto cobro numa forma eficaz e decisiva, parecendo favorecer a impunidade, prepare-se
- 7) país onde os residentes são, aparentemente, preteridos aos novos imigrantes nos campos do emprego, habitação, educação, saúde, prepare-se, a tampa irá saltar
- 8) país onde os níveis educacionais subiram, com aumento de diplomados, mas sem que isso corresponda a um aumento da capacidade de interpretação ou capacidade de pensar por si mesmo, de questionar, pensar e decidir para agir, prepare-se para ser atacado por doses maciças de notícias falsas, todas conducentes á criação dum estado perpétuo de medo, de insegurança, de abuso, e prepare-se para o que virá a seguir
- 9) país onde as pessoas deixaram de acreditar em projetos políticos ou partidos, estão sempre muito mais recetivos a salvadores sebastiânicos da pátria, capazes de prometer a lei, a ordem, a paz social, o fim da corrupção (mesmo que sejam eles mesmos os mais corruptos e corruptores)
- 10) dito isto, se ainda não atinou com o quadro que lhe acabamos de pintar é sinal de que ainda não vislumbra no horizonte o Trump, o Bolsonaro ou qualquer outro que o vai salvar desse inferno em que vive, mas não desespere que ele surgirá quando menos se espera e de onde menos se espera e irá prometer-lhe tudo aquilo que o console e anime, agora que tem a vida minada pelo desespero, medo, insegurança, descrédito nas instituições que o deviam proteger, dos professores aos juizes, aos eleitos no parlamento, aos padres, , aos próprios familiares e amigos.

Agora, relaxe, descontraia e espere que o venham salvar, mas não diga mais tarde que eu não o avisei para os tempos que viriam a seguir.

CRÓNICA 220. OS TRANSPORTES QUE INFELIZMENTE AINDA TEMOS 14.11.2018

Dizem-me que os transportes na ilha de São Miguel estão ainda configurados à moda dos anos 1970-1980 e às necessidades de então. Não estou a falar das cidades onde existem algumas alternativas, mas sim das pequenas freguesias que polvilham a ilha, onde as pessoas que não disponham de viatura própria têm imensa dificuldade para se deslocar devido aos horários infrequentes e pouco convenientes da transportadora pública, como é o caso, na costa norte, da CRP. A este problema acresce a vetusta idade dos autocarros, a falta de cumprimento de horários, o excesso de velocidade e de lotação das viaturas, a que muito ocasionalmente a GNR (quando recebe uma queixa) se dedica a multar fazendo parar a carreira.

Nestes últimos meses um diferendo entre as escolas (Direção Regional da Educação) e a CRP para o transporte escolar causou graves transtornos aos alunos ao não se verificar um entendimento entre a DRE e a CRP, sendo dada alguma margem de negociação às escolas (não sei bem os detalhes, mas parece mais uma medida de corte de custos da DRE). O que aconteceu na zona onde habito foi que os autocarros são menos, andam a desoras, vão apinhados de gente em pé (convido-vos a fazer a viagem Lomba da Maia - Ribeira Grande de pé), os alunos chegam atrasados para além da tolerância de dez minutos na entrada e entre a Lomba da Maia e a Ribeira Grande é um reboço. Não sabemos quando é que a Direção de Transportes pensa adotar modelos do século XXI para transportar os habitantes da ilha que se deslocam às cidades, nem sabemos quando e como fiscaliza o cumprimento (ou incumprimento) das obrigações contratuais firmadas para o transporte de passageiros. Não sei sequer se é permitido o transporte perigoso de pessoas em pé nos autocarros nestas estradas regionais, mas creio que é tempo de se fazer uma revolução nos meios de transporte existentes que insatisfazem a população. Nem sonho já com um metro de superfície já que a hipótese de comboio, infelizmente, foi abandonada no início do século passado.

Quando o meu filho estava a estagiar no Nonagon na Lagoa, levantava-se pelas sete horas para apanhar uma camioneta para a Ribeira Grande, depois outra para Ponta Delgada e antes das dez da manhã chegava à Lagoa... e essa era a única forma de se transportar em coletivos para percorrer uma distância de 30,1 km... felizmente libertou-se desse calvário quando adquiriu uma velha viatura para se deslocar demorando em média 29 minutos via EN4-2A and EN1-1A. E os idosos que têm consulta no hospital ou médico, ou outros afazeres na cidade, e não têm carta de condução nem meios para adquirir viatura própria? Decerto que com as pensões miseráveis que auferem não disporão de 60 euros para irem e virem de táxi...

Mas é preciso agir para mudar este estado de coisas com autocarros velhos (em muitos já deve ter expirado o prazo de validade...), sempre a avariarem (alguns já arderam nos últimos anos durante o percurso), autocarros lotados, horários que não se cumprem (ora chegam mais cedo, ora chegam mais tarde e quem não está na paragem na hora de passagem, estivesse...), lotados nas horas de ponta (em especial nas carreiras das 07.30 e 08.00), passageiros em pé aos solavancos e sem segurança em caso de travagem súbita. Senhores dos Transportes, responsáveis pela inexistente política de transportes coletivos capazes para as freguesias fora das cidades acordem para o século XXI e façam algo como aumentar a frequência das carreiras, fiscalizem os horários e as condições de transporte.... Modifiquem contratos para se substituírem os velhinhos autocarros por outros mais modernos e mais pequenos para serem rentáveis ... afinal só peço que saiam dos vossos gabinetes confortáveis e inspecionem anonimamente os percursos entre Ponta Delgada, e Furnas ou para o Nordeste...levantem-se cedo e vejam o que é viajar na carreira das 07.30 ou das 08.00 da Lomba da Maia para a Ribeira Grande...afinal é para isso que vos pagam, para o povo que paga os seus impostos e não tem um serviço de transportes coletivos digno e capaz.

CRÓNICA 221 TITANIC GLOBAL 15 NOV 2018

Esta noite acordei a meio da noite sem luz alguma nem na casa nem na aldeia (aqui chamamos freguesias, senhor, vá lá use a terminologia insular). Nem o breu era mais escuro que a rua e a casa. Por instantes pensei se teria morrido. Deve ser isto a morte, murmurei, sem luz nenhuma ao fim do tunel, deve ser sinal de que se houver céu eu vou para o inferno.

Peguei na lanterna da mesa da cabeceira e voltei a deitar-me pensando como é, afinal, uma dádiva estarmos vivos apesar de o mundo lá fora estar, cada vez mais, desagradável.

Depois, a meio da manhã o ladrar incessantes dos cães (aliás, cadelas, ambas) levou-me a descer ao quintal para apanhar em flagrante delito o vizinho do quintal ao lado a roubar arcaças. Já o ano passado lhe dissemos que bastava pedir e a gente dava, mas roubar era algo intolerável...enfim dei dois berros e ameacei-o com a polícia e ele afastou-se enquanto apanhávamos para dentro de casa os arcaças já maduros que restavam. Tentei ligar a TV, mas continuavam todos os canais generalistas com a propaganda a um alegado criminoso e ex-dirigente de futebol. Futebol e crime, começam a ser gémeos inseparáveis. Mudei para um canal qualquer numa língua que não entendo, tirei o som ao aparelho e consegui almoçar calmamente. O voyeurismo televisivo há anos que me enoja, mas, pelos vistos, "é disso que o meu povo gosta", como diria o saudoso Pedro Homem de Mello e agora alastrou aos restantes canais. Tragédias, mortes, acidentes, facadas, e lá estão os desgraçados fabricantes de desgraças em ação até à exaustão ou, no meu caso, até os meus dedos chegarem ao comando da TV.

De facto, se olharmos em volta, do Brexit ao Brasil, ao Trump, passando por Portugal, Açores e tantos outros países (Polónia, Hungria, Áustria, Filipinas, Myanmar ou Birmânia, etc.), o que vemos e ouvimos só serve para revoltar a minoria pensante que ainda sobrevive num mar de carneiros amestrados (sem ofensa para os carneiros). O populismo barato e balofo, as voltas e reviravoltas e jogatinas das geringonças todas que controlam os países, o recrudescer de extremismos, fascismo, nazismo e xenofobia, tudo me faz duvidar da possibilidade de sobrevivência da sociedade em que nasci e fui criado.

O que mais me preocupa como habitante residente nos Açores há quase três lustros (se não sabem o que é vão ver) é o divórcio entre os políticos e a população, há muitos anos traduzido numa elevada abstenção (composta pela não-actualização das listas eleitorais, pois quanto mais eleitores estiverem registados mais fundos há para os partidos, mesmo que tenham morrido, estejam emigrados ou estejam expatriados a estudar ou trabalhar). Já todos sabem que não há diferenças entre o partido azul, castanho ou amarelo, são todos iguais e só contemplam as suas benesses e dos seus apaniguados. Quanto ao povo para quem deviam governar contentam-se em dizer o que pensam que o povo quer ouvir, prometendo o que já haviam prometido e aquilo que ainda não tinham prometido, mas mesmo isso só é feito de forma mais intensa de 4 em 4 anos quando vão a votos. Quando surge alguma voz discordante nos jornais, saem todos à rua a mostrar obra, inaugurações, primeira pedra disto ou daquilo (faz-me lembrar o Almirante Américo Tomaz a cortar fitas), já construímos isto e aquilo, já tratamos de tantos kms de estradas, de saneamento, de resíduos, etc.. De repente começam a surgir diretores regionais que nem sabíamos que existiam e que nunca tínhamos visto a contar as proezas dos seus departamentos.,,

De resto a nau pode afundar-se que as notícias do homem forte das finanças são sempre de dias soalheiros, de equilíbrio das contas públicas por mais que o Tribunal de Contas e outros digam o oposto, por mais que a saúde se deteriore de ano para ano, a justiça seja o que é (e mais não digo), por mais que a educação seja calamitosa e o abandono escolar galopante. Convém é ciclicamente atirar ao ar uns números muito grandes do que já se gastou, mesmo que esses gastos sejam em empresas falidas ou ineficientes, ou em elefantes brancos, grandes projetos de fachada que a poucos beneficiam, ou projetos miraculosos que não de chegar para revolucionar e propulsionar este local (ou qualquer outro) a picos nunca imaginados. E é certo e sabido, que mais cedo ou mais, tarde surge um icebergue oculto e o Titanic vai ao fundo. Por mais que eu e outros os tenhamos alertado, nunca prestaram atenção, assentes no eco da solidez das suas palavras ocas e com um rombo no casco se afundam, tal como no jogo da minha infância em que se dizia "porta-aviões ao fundo". Aqui deixo o último aviso e se eu que sempre os apoiei penso assim, o que pensarão os outros?...

CRÓNICA 222 DE 19 NOV 2018 OS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA DESDE 2001 E OS AÇORES ARQUIPÉLAGO DE ESCRITORES DE 2018

Antes de mais devo congratular a Câmara de Ponta Delgada por ter decidido investir neste evento, bem como no nosso 34º colóquio que ali terá lugar em outubro 2020. É preciso investir na cultura que não são só as touradas da Terceira, os bailinhos, as filarmónicas e os artistas pimba das festas populares. Esperamos que Ponta Delgada possa ter mais eventos destes e como aquele que ali iremos organizar em 2020, pois já é altura de os açorianos valorizarem a enorme riqueza da sua literatura.

Dito isto e apesar dos dois eventos terem fins e públicos-alvo distintos se bem que aparentados, podemos e devemos coexistir e complementar-nos, mas cumpre comentar algumas notas que vieram a lume por esta observação no ciberespaço, da autoria do nosso conhecido e amigo professor **Telmo Nunes** (<https://www.facebook.com/telmo.nunes.3>)

Agora que se apagam as luzes e as cadeiras vagam, há que fazer um justo reconhecimento à realização do encontro literário, "Açores Arquipélago de Escritores". São Miguel e Ponta Delgada, em particular, já mereciam um acontecimento cultural desta natureza, desta qualidade e envergadura. As sessões foram de uma riqueza literária imensa: houve conversas interessantíssimas com pessoas igualmente interessantes e com as quais habitualmente só nos cruzamos nas páginas dos livros. Houve lançamentos de obras, cursos, apresentação de filmes, sessões direcionadas às escolas e às crianças, debates, mesas redondas onde fervilharam ideias estimulantes e, como não podia deixar de ser, as devidas homenagens àqueles que serão os maiores entre pares. A nossa cidade, mas também a nossa ilha e os Açores foram, de facto, um "porto de cruzamento de diferentes culturas e literaturas (...)". Como se afirmou amiúde ao longo destes dias, inaugurar um encontro literário com esta pujança e sucesso, acarreta uma pressão imensa para os envolvidos na sua organização, já que a fasquia se encontra agora num patamar de excelência que, certamente, será mantida nos encontros que se não de suceder. Registei, com especial agrado, o empenho em descentralizar as várias sessões por diversos locais da cidade e da ilha, fazendo chegar o livro a um público mais vasto e, sobretudo, mais diversificado. Da perspetiva da assistência, na qual me situo, este encontro literário foi um êxito estrondoso, que em muito engrandece, primeiramente a Literatura, e depois Ponta Delgada, São Miguel e os Açores, em geral. Por tudo isto e mais, a todos os envolvidos, mas com especial destaque ao curador do encontro, o multifacetado Nuno Costa Santos, assim como aos parceiros que se uniram a este projeto, um reconhecido, Obrigado! Para o ano, cá vos esperamos! a 19 de novembro de 2018¹⁵⁹

¹⁵⁹ Telmo, na tua análise encomiástica, faltou um certo espírito crítico...ora vejamos, por mais subjetivos que os "convites" possam ser não creio admissível deixar de fora VASCO P DA COSTA, NORBERTO ÁVILA, CRISTÓVÃO DE AGUIAR, ou até um Vítor Rui Dóres e o Manoel Tomaz do Pico e faltaram as mulheres....(exceto a filha do homenageado e a Lélia que pertence a outro campeonato...).. se fores ler o CrónicaAçores, isto parece quase um esforço de reavivar a defunta "pandilha,

E escolhi este comentário por o seu autor ter feito parte da comitiva de 19 pessoas que se deslocou a Brasília, São Paulo, Rio e Floripa ao 13º colóquio em 2010, e, assim, ter conhecido os dois eventos, que jamais se poderão comparar. Os colóquios começaram em 2001 e dedicam-se à açorianidade após 2005 nos dois eventos anuais que realizamos (um nas ilhas e outro fora).

Agora em PDL houve lançamentos de obras, cursos, apresentação de filmes, sessões direcionadas às escolas e às crianças, debates, mesas redondas onde fervilharam ideias estimulantes e, como não podia deixar de ser, as devidas homenagens àqueles que serão os maiores entre pares.

Nós desde 2001, temos tido tudo isto e desde sempre divulgamos todos os tipos de música, do cancionero Açoriano, a ópera, folclore, desgarradas, viola da terra (desde 2008), música da Galiza e do Brasil, de Macau a Timor-Leste, de Bragança a Belmonte, academias de música popular e eruditas, danças de Timor, poesia declamada em quase todos os eventos desde 2009, documentários e filmes, representações teatrais, editamos livros e antologias, traduzimos excertos de vários autores açorianos, sessões em vários locais, e várias ilhas. Quanto às homenagens aos vivos começamos essa prática em 2009. Dos autores da açorianidade presentes em Ponta Delgada, a vasta maioria já esteve nos nossos eventos ou para eles foi convidada, muitos até são nossos associados e constam dessas antologias e das traduções já feitas para 15 línguas (nalguns casos).

Uma grande diferença são os milagres que a AICL (que organiza os colóquios) faz com orçamentos de cada evento que rondam entre os 3 e os dez mil euros (exceção no Brasil 2010 e Macau 2011), em que os participantes nos nossos colóquios pagam as suas quotas, as suas inscrições, as suas viagens de avião, a estadia e alimentação e continuam a manter vivos os colóquios, um após outro, já vamos no 31º. Só no último em outubro 2018, na Madalena do Pico tivemos a presença de 25 autores açorianos contemporâneos....

Mas repete-se, que outra coisa é organizar – por convite – vinte personalidades de todo o mundo e da açorianidade. Além da diferença dos fins a alcançar e da subjetividade dos convites há uma diferença de orçamentos indescritível, pelo que os dois eventos não são comparáveis, nem é isso que se pretende.

Esperamos que Ponta Delgada possa ter mais eventos destes e como aquele que ali iremos organizar em 2020, pois já é altura de os açorianos valorizarem a enorme riqueza da sua literatura em todas as suas vertentes da poesia à dramaturgia, ao conto, etc. outra coisa de que nos orgulhamos é a multidisciplinaridade dos nossos temas, que vai muito para lá da literatura e linguística, e abarca temas tão distintos como a tradutologia, vulcanologia, biologia, medicina, desporto, história, arqueologia, filosofia, educação e tantos outros temas que foram apresentados ao longo de 30 colóquios.

Nós que desde 2001 entregamos as Atas aos participantes no ato de registo de presença e as divulgamos gratuitamente no nosso portal, orgulhamo-nos dos inúmeros projetos que temos vindo a desenvolver, com os nossos participantes e associados, ao longo dos anos neste formato, com o beneplácito de 3 das 4 Academias Nacionais de Língua Portuguesa existentes no mundo.

Tal como agora aconteceu neste evento de Ponta Delgada, os nossos colóquios são gratuitos e abertos ao público, só pagam os que pretendem viver o evento por dentro e receber certificado de participação e publicação e assim o ajudam a conseguir realizar. Cremos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua. A nossa filosofia tem permitido desenvolver projetos onde não se reclama a autoria, mas a partilha do conhecimento.

O espaço dos Colóquios da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar. É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão. Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, dos Açores às Bermudas, à Índia e a Timor. O Inglês para ser língua universal continuou unido com todas as suas variantes. A nossa noção de LUSOFONIA abarca os que falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade.

Parabéns Ponta Delgada e até 2020. Os colóquios previram e protocolaram já até 2022, além de Belmonte, idas à Graciosa, Faial, Pico e Santa Maria. (www.lusofonias.net)

CRÓNICA 228. COISAS QUE NÃO ENTENDO 21.11.2018

Caiu um bocado de estrada condenada há, pelo menos, quatro anos e cujas mortes estavam já anunciadas, faltava a identidade e a data, e ninguém é culpado e o Estado (esse ser omnipresente e invisível) vem decretar que vai haver fiscalização às pedreiras... pelos vistos não havia... sempre disse que este país tinha leis a mais e ninguém para as vigiar.

Como na Ponte de Entre-os-Rios há umas décadas, e noutros acidentes semelhantes a culpa morrerá solteira, pois em Portugal a culpa morre virgem, que é uma senhora de muito respeito e se algo acontece a culpa nunca é de ninguém, azares divinos, ou acidentes da natureza, ou um anormal conjunto de circunstâncias desfavoráveis. Vão dizer isso aos mortos e às famílias...

CITO DE Henrique Pereira dos Santos

(<https://corta-fitas.blogs.sapo.pt/das-pedreiras/>

[6729365?utm_source=posts&utm_content=1542822084&fbclid=IwAR0xjur45Olf7YuYilKspGRuMYAcxbw85oBwKs4ap9bQJ47oic22aslF0o](https://corta-fitas.blogs.sapo.pt/das-pedreiras/?p=6729365&utm_source=posts&utm_content=1542822084&fbclid=IwAR0xjur45Olf7YuYilKspGRuMYAcxbw85oBwKs4ap9bQJ47oic22aslF0o))

“...há responsáveis concretos sobre situações concretas, mas a altíssima probabilidade de haver, mais tarde ou mais cedo, catástrofes destas (como nos fogos, como nas cheias, como nos sismos, como na manutenção de infraestruturas) tem a sua raiz na forma como nos organizamos

claque, clique" a que me referia quando cá cheguei e comecei... e é aí que me dirijo nesta crónica sem citar nomes... é preciso conhecer os entremeios da vida literária açoriana para se entender e trazer tantos nomes de fora para um título tão insular e arquipelágico parece dever-se mais a condicionalismos dos donos disto tudo no mercado editorial do que a qualquer outra coisa.

Nunca entendi como os engenheiros a partir do fim do século XIX, que desbravaram montes e vales e ergueram estradas, algumas das quais ainda hoje em uso, criavam o relevé apropriado (a inclinação lateral das curvas ser inversa) para as viaturas, e hoje os engenheiros com AutoCad e sei lá que mais de técnicas computadorizadas criaram vários relevés ao contrário. Um dos melhores exemplos ocorre naquilo a que chamaram a melhoria da estrada regional Ribeira Grande até aos Barreiros (a seguir à Gorreana) ...será que não estudaram as leis da física, força G, etc.? Há estradas sinuosas que parecem perigosas e difíceis de debelar e, por vezes, passados alguns quilómetros, concluímos que apresentam níveis de segurança muito aceitáveis. Contraditoriamente, por vezes, grandes IP's e Autoestradas aparentam ser tapetes largos e presumivelmente fáceis de percorrer, inspirando uma confiança "pouco merecida" nos condutores. Basta a inclinação lateral das curvas ser inversa (como se diz na gíria - ter o relevé ao contrário), serem desmesuradamente prolongadas, ou criarem grande aceleração lateral nos veículos - e o perigo pode espreitar. Conheço pessoas muito bem-intencionadas e disciplinadas na sua condução, que já foram surpreendidas por "armadilhas" deste tipo.

A UNESCO descobriu algo que ando a escrever há anos...filosofia é fundamental para sociedades livres e plurais, deve ser por isso que o facilismo é rampante nas nossas escolas onde se passam todos, saibam ou não ler e escrever e assim vão rumo ao precipício como lemingues naquele filme do Disney em 1958.

Só que o filme é um mito. uma investigação feita em 1983 revelava que a cena era uma fraude e que não passava de uma montagem: **não foi suicídio em massa, os animais foram lançados deliberadamente ao mar**. De acordo com o **El País**, a pesquisa, levada a cabo por um produtor da Canadian Broadcasting Corporation, Brian Vallee, concluiu que era **impossível os roedores terem caído ao mar** por duas razões: primeiro, porque a cena foi filmada no rio Bow, no Canadá, uma área que não é o habitat natural dos lemingues, ou seja, tudo levar a crer que os produtores do documentário capturaram os animais e levaram-nos até lá; segundo, a pesquisa revela que as filmagens foram conseguidas com a ajuda de uma plataforma giratória, com o objetivo de simular a queda dos lemingues do penhasco. Algumas tribos das regiões árticas acreditavam que os lemingues viviam para além das estrelas e que só de vez em quando vinham até à Terra. Já no livro *The Children's Encyclopedia – A Enciclopédia Infantil* -, de Arthur Mee, publicada em 1908, o autor refere que os animais roedores provocavam febre tifoide e causavam a destruição no mar. Os lemingues são pequenos roedores originários da Escandinávia e da Rússia e alimentam-se à base de musgo e plantas. Quando essa alimentação é abundante, as fêmeas procriam várias vezes por ano, o que faz com que a população se torne demasiado numerosa para a dimensão do seu habitat natural. Nesses casos, dá-se uma migração em massa em busca de comida e muitos dos roedores chegam até a morrer. Mas não se suicidam, ao contrário dos jovens que saem das escolas com um diploma, mas sem qualificações nem conhecimentos.

Dizia hoje uma alta responsável pelo Ministério da (Des)Educação que um "chumbo" custava seis mil euros ao país e ensinar o aluno apenas 87€ pelo que deviam ser evitados todos os chumbos. Em tempos idos, há vários anos, fiz uma proposta "Simplex" fabulosa, quando a criança nasce além do oficial do Registo Civil a recolher dados para o Cartão de Cidadão devia estar lá um funcionário do Ministério da Educação a dar o diploma do 12º ano e representantes das universidades a tentarem angariar o recém-nascido para as suas instituições.

Mas não há crise, qualquer dia não há professores... **45% dos professores em exercício têm 50 ou mais anos. Há 17 anos esta proporção estava nos 18,3%**. Quase metade dos educadores de infância que estão no ativo têm 50 anos de idade ou mais, o que faz deles o segundo grupo mais envelhecido da classe docente. Em todos os ciclos de escolaridade o peso daquele grupo etário teve um crescimento significativo: no 1.º ciclo passou de 20,8% para 35,6%; no 2.º ciclo de 24,5% para 49,6% (é este o grupo mais velho); e no 3.º ciclo e secundário, que é mais numeroso, subiu de 15% para 45,2%. No conjunto dos docentes do ensino não-superior a proporção dos que têm 50 ou mais anos de idade passou de 18,3% para 45%, enquanto em sentido inverso o peso dos professores com menos de 30 anos desceu de 17% para 1,65%. No 3.º ciclo e secundário só 0,8% estão neste grupo.

CRÓNICA 224. DEMOCRACIA TELEGUIADA 28.11.18

Há anos que prevê isto, mas nunca nesta escala, de democracia camuflada por demagogias, populismos, e uma falsa sensação de que é o povo quem decide de 4 em 4 anos quem o vai governar. Nem isso é já verdade, claro que vai a votos e deixa o seu na urna, mas tudo foi já decidido...vejamos a declaração esta semana do ministro da ciência e tecnologia de que ia fazer de Santa Maria um centro espacial, enquanto os seus porta-vozes locais disfarçam, mal, dizendo que nada está decidido, que ainda se estão a analisar as propostas dos 12 consórcios, blá, blá, que a área de exclusão e de proteção é muito pequena, que ninguém precisa de sair das suas casas, que o combustível dos foguetões é ecológico (pf digam-me onde se compra que também quero), que só se preveem 12 lançamentos ao ano (como se isso pudesse ser rentável para uma empresa de lançamentos), que os projetos da Nova Zelândia e da Escócia têm dimensões diferentes e não se podem comparar, e que o Éden vai continuar a ser o paraíso com as roqueiras espaciais que o senhor ministro já decidiu implantar na pequena e pobre ilha.

Claro que o povo, inculto, ignorante, mal-informado aplaude, pois quer mais uns empregos na limpeza, ou na condução dos transportadores de foguetões, mais uns almoços nos restaurantes e cafés, e coisas menores que nunca foi de grandes ambições, habituado como está a ser espezinhado e maltratado ao longo dos séculos. Não sei porquê, mas as ambições dos que ouvi a defenderem o projeto como se fosse a segunda vinda do Messias ou a entrada dos Açores na reescrita da História da Humanidade, fez-me evocar a cena dos senhores feudais do alto das ameias a atirarem umas moedas ou migalhas aos servos da gleba que tiravam o chapéu e aplaudiam a generosidade dos seus senhores...

Quando num programa televisivo um secretário regional diz que o governo foi eleito para tomar decisões e não vê a necessidade de referendar a opinião dos cerca de 5 mil marienses já se compreende melhor o que é a democracia teleguiada, e isto fez-me evocar, vá-se lá saber por que razão

"A "democracia vigiada" do falecido Presidente Suharto, da Indonésia, permite um progresso económico notável e o general de sorriso constante, voz clara e forte, e de fala pausada, passa a ser entre seu povo, o Bapak Pembangunan (Pai do desenvolvimento). Curiosamente, quando se ressentiu o desenvolvimento, com a crise financeira asiática de 1997, o seu regime autocrata, considerado um dos mais corruptos do mundo, vem abaixo".

De facto, a atual arrogância, prepotência, sobrançeria dos governantes nestas últimas décadas parece uma "democracia vigiada" e cujo fim pode estar anunciado. O compadrio, nepotismo, manobras dilatatórias, e esquemas não deixam margens para grandes dúvidas, seja qual for a cor política dos que estão no poleiro. Quando se baixa o IVA das touradas a 6% e se mantêm os veterinários a 23%, as taxas, taxinhas e sobretaxas nos combustíveis, na energia, no pão, na sopa e noutros bens fundamentais, sabemos bem do que a casa gasta e não adiantará atirar areia para os olhos, pois não é suficiente para ocultar o estado de exploração em que se vive, com milhões atirados aos bancos falidos, sem se ressarcirem os desgraçados dos que ali depositaram as suas poupanças de uma vida, com milhões roubados ou emprestados a corruptos e donos disto tudo sem nunca se ir atrás desses milhões, que o povo, calado e sereno, continua a pagar com o suor do seu trabalho, em vão. Como escrevia Tomás Quental nesta data, "esta não é a "minha" democracia". Nem a dele, nem a minha, nem a de muitos que pugnaram e insistem nalguns ideais de 25 abril que foram definitivamente escondidos numa gaveta sem fundo, por todos aqueles que fazem do poder o seu chicote impiedoso sobre os mais frágeis e indefesos da sociedade. Parece que a ida de Carlos César para a governação em Lisboa, envolvia a "venda" dos Açores ao preço de saldo e assim, o governo da República manda agora aqui como se não houvesse autonomia, viu-se agora com o congelamento do tempo de serviço dos professores e veremos muito mais, quando se tratar de vender o Mar dos Açores. Fica aqui escrito como se previu o que irá acontecer.

Da trapalhada da SATA e das inúmeras companhias que o governo regional prometeu extinguir, o melhor é nem falar tão grandes são as suas dívidas e as dúvidas do que lhes pode acontecer. Mas a única conclusão que me vem à cabeça é que, nestes anos todos, nem uma só dessas companhias (exceto a EDA que é como um casino, uma máquina de fazer dinheiro) funcionou decentemente e apenas serviu para colocar filhos, enteados e demais familiares da classe a que se chama e bem de muitos boys e poucas girls). É muito desânimo para uma pessoa da minha idade, muita desilusão, muito sonho roubado, muita esperança estiolada, muito futuro hipotecado por aqueles em quem votei, em quem acreditei e que sempre defendi.

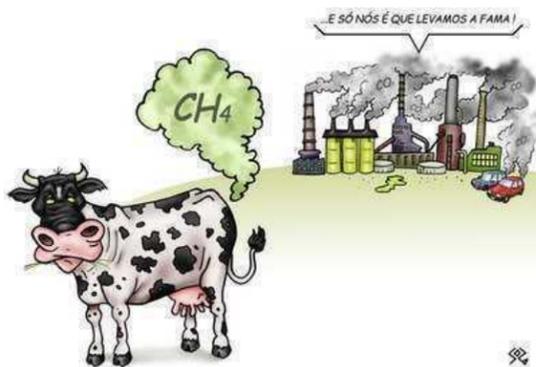
CRÓNICA 225 A CULPA É DAS VACAS....FARTO DO POLITICAMENTE CORRETO 7.12.18

Desde a década de 1990 quando na Austrália, por motivos profissionais, era por obrigação e força da lei, incumbido de seguir as normas terminológicas do politicamente correto, fazia-o, apesar de contrafeito. De regresso a Portugal vi uma atitude diferente nos "contristas" que se opunham ao AO 1990, e as razões que me apresentavam eram diferentes das que eu tivera...mas adiante... sabemos todos que o politicamente correto vem dos tempos originais do marxismo como se lia magistralmente na obra de George Orwell "1984" e "O triunfo dos porcos", mas nunca imaginei que nos parlamentos do mundo ocidental passasse quase a ser obrigatório e contorço-me de raiva e dor ao ouvir "Portugueses e Portuguesas" ou "Açorianos e Açorianas"... está errado, estamos a esquecer nessa pseudodistinção de género, os de género neutro, os de género misto, e todas as suas variantes, como há meses foi ridiculamente exemplificado por um parlamentar de direita na Alemanha citando quase 20 géneros distintos....

Passemos adiante, a última do politicamente correto que me incomoda e a que muitos, amigos e conhecidos meus, gente de causas, aderiram a todo o gás, é o de cortar no consumo e produção de carne de bovino por causa da poluição.... Não desmerecendo a produção de metano, e outras consequências cruzadas, umas positivas e outras negativas, estamos a atribuir um quociente de importância demasiado a este fator, e não, não acredito que todos os seus proponentes sejam vegetarianos ou vegans.... Mas sei que foram eles (e não cientistas) quem começou esta moda e a introduziu nalguns parlamentos

Entretanto, vários países estão a participar na Conferência das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas (COP24), na Polónia onde o naturalista britânico Sir David Attenborough lançou o alerta: estamos a caminho da extinção "da maior parte do mundo natural" e do colapso das civilizações...e a BBC fez uma lista que mostra como a Terra está a reagir às alterações no clima.

- 1) O planeta está a ficar cada vez mais quente
- 2) 2018 foi um ano de recordes (esta semana, a Madeira bateu um recorde de 154 anos ao atingir 26,9 °C)
- 3) Quem são os principais responsáveis: China e EUA são os países com maior taxa de emissão de gases poluentes.
- 4) Áreas urbanas sob ameaça... (sobretudo na Ásia e África)
- 5) E o Ártico também...



Resta saber se isto ainda se aplica "Na Natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma". A-L de Lavoisier [n. 1743].

Desde que o Acordo de Paris foi assinado, em dezembro de 2015, começando a vigorar em novembro de 2016 o mundo assistindo a recordes de temperatura e desastres naturais extremos. Muitos causados pelo clima (como todos nos querem fazer crer e outros pela deliberada manipulação deste) Houve alguns pequenos avanços com 57 países a baixar as emissões de gases de efeito estufa para os níveis necessários para conter o aquecimento global e existem 51 iniciativas de

"preços de carbono" em prática; cobrando aqueles que lançam dióxido de carbono por tonelada emitida. Das doações anuais de US\$ 100 mil milhões por ano para combater a ação climática em países em desenvolvimento 70 foram conseguidos.

A presidência polaca do COP24 pretende adotar regras e ferramentas para todo o mundo em termos de emissões de gases com efeito de estufa, como os transportes, a energia, a construção ou a agricultura, equilibrando emissões e criando medidas para adaptar as economias às mudanças decorrentes das alterações climáticas. Mas foram discutidas centenas de outros temas, da indústria aos transportes, da água aos oceanos e zonas costeiras, da energia ao uso da terra, das finanças ao consumo responsável, da inovação ao desporto ou ao turismo. A COP24 acontece poucos meses depois de um grupo de peritos da ONU ter avisado que é urgente tomar medidas para impedir que o aquecimento global ultrapasse os 1,5 graus celsius em relação à época pré-industrial... mas estes cientistas não são os mesmos que nas décadas de 70 e 80 nos avisavam para a mini-era glacial que aí vinha?

Bem, voltando ao início desta crónica, já em 2009 se liam notícias de que apesar do seu ar inofensivo, vacas, búfalos ou camelos são das maiores ameaças para o ambiente. A produção de carne e as emissões de gases destes animais contribuíam 18% para o aumento do aquecimento global, ou seja, mais do que o setor dos transportes (13,5% ([in https://www.dn.pt/ciencia/biosfera/interior/vacas-e-ovelhas-poluem-mais-do-que-os-carros-1262025.html](https://www.dn.pt/ciencia/biosfera/interior/vacas-e-ovelhas-poluem-mais-do-que-os-carros-1262025.html))) mas havia soluções experimentadas já nas vacas em Vermont, Estados Unidos, com a introdução de uma nova dieta. Em vez das habituais refeições de milho e soja, comiam alfafa, sementes de linhaça e trevos. Os dados recolhidos mostram que os níveis de metano enviados para a atmosfera desceram 18%, enquanto a produção de leite se mantinha. A nova dieta era responsável pela descida das emissões poluentes: os alimentos são mais fáceis de mastigar e digerir o que faz com que os animais engulam menos ar ao comer.

Estudos de 2018 afirmam que bois e vacas produzem muito metano, um gás que contribui com 23% do efeito estufa e é 21 vezes mais ativo que o gás carbónico na retenção dos raios solares que aquecem o globo! Mas depois fui ver melhor e li que se tratava de um sítio vegan:

"A exploração animal atualmente é a maior causa de desflorestação, consumo de água, poluição, além de ser a responsável pela maior emissão de gases de estufa, levando à destruição da floresta tropical, extinção de espécies, perda de habitat, erosão do solo, zonas mortas nos oceanos, entre outros desastres ambientais, sem que se oponham à sua propagação".

Segundo se divulgou no Fórum Económico Mundial realizado em São Paulo, Brasil, está disponível um suplemento alimentar inibidor da biogénese do metano produzido pelos bovinos, que uma vez ingerido na alimentação desses animais é capaz de reduzir em 1/3 a emissão desse gás. Deixar de comer carne para reduzir a emissão de GEE não é a solução. Isto até pode aumentar a concentração desses gases na atmosfera, visto que a ausência de bovinos reduz a produção do pasto, cujo desenvolvimento pode sequestrar mais carbono do que o emitido pelos ruminantes. Deixemos o boi comer o capim. A nossa responsabilidade deve concentrar-se na prática de uma agropecuária sustentável, para o que, além de recuperar pastagens degradadas, precisamos aumentar o plantio de florestas, integrar a produção agrícola com a pecuária, incrementar o plantio direto na palha, promover maior inoculação das sementes de soja para reduzir a necessidade da adubação nitrogenada via maior fixação biológica de nitrogénio e aumentar o tratamento dos dejetos dos animais. Uma pesquisa divulgada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) indicou que, no período chuvoso, quando os bovinos são alimentados por rações de boa qualidade, a emissão de gás metano no meio ambiente é cerca de nove vezes menor do que no período seco, quando as pastagens são escassas. O resultado contrapõe pesquisas estrangeiras que apontavam a pecuária brasileira como poluidora ambiental.

Sem querer ofender cientistas, a maioria investiga o que os seus patrocinadores querem que investiguem, sem querer ofender os vegetarianos e outros, não li em muitas horas de pesquisas para alinhar estes parágrafos uma só nota sobre o efeito que teria na vida do Homem o corte da carne de bovino. Sabe-se que todas as sociedades ao longo de milhares de anos foram carnívoras e a mudança dessa dieta traria problemas de saúde, de crescimento, de desenvolvimento humano que ninguém ousou elencar. Por isso, deixem de acreditar em tudo o que leem e Al Gore tem andado tem andado a dizer e reduzam as emissões sem extinguir a produção de carne...

Simple, my dear Watson

CRÓNICA 226 DA PURIFICAÇÃO SAGRADA DA LÍNGUA PELO PAN PETA 14.12.18

Surgiram nos últimos dias na comunicação social portuguesa, relatórios (entretanto desmentidos) que o pequeno partido PAN queria extirpar da língua portuguesa e dos provérbios (e dos adjetivos não?) as menções menos abonatórias em relação a animais. Pondo de parte as motivações de NOVILÍNGUA que logo me vieram à mente (onde o George Orwell com o "1984" e "O triunfo dos porcos" me acompanham há décadas), achei de uma abissal ignorância a ideia proposta. Pior ainda daquela dos Portugueses e Portuguesas, Açorianos e Açorianas, mais as suas 20 variedades de género que muitos confundem com sexo.

Um dos textos mais brilhantes que li e aqui transcrevo (origem anónima) dizia "Tenho aqui "uma pulga atrás da orelha": ou há "gato escondido com o rabo de fora" ou então temos mesmo que "agarrar o touro pelos cornos" e preservar os provérbios portugueses carregados de significado semântico. Sempre ouvi dizer que "mais vale um pássaro na mão que dois a voar" e, sinceramente, deixar voar tanta simbologia vai deixar-nos como "peixes fora de água" em algumas conversações. Vale que "cão que ladra não morde" e às vezes há mesmo que "engolir um sapo". Desculpem se estou para aqui a desbobinar "cobras e lagartos" mas eles deviam era estar "caladinhos que nem um rato" e tirar "o cavalinho da chuva", porque, "macacos me mordam", acabar os provérbios com animais é o mesmo que deixar de "falar como um papagaio", que é uma coisa que eu adoro.

Os políticos às vezes são "chatos como uma carraça" e só dá vontade de lhes gritar "vai-te embora ó melga! , vai-te encher de moscas!". Não tarda proibem todas as histórias com bichos e até quem se apaixonou fica proibido de sentir "borboletas na barriga" ou de "ir ver a foca" (esta é só para quem é de Coimbra!). Enfim, "os cães ladram e a caravana passa". E agora, se quiserem, partilhem, que "a cavalo dado não se olha ao dente" e embora "ovelha que berra é bocado

que perde" eu não tenho medo pois "quem tem medo compra um cão". Definitivamente, neste país, temos é que aprender a ser "espertos que nem uma raposa" para não "andarmos para trás como o caranguejo".

Apesar do desmentido que se transcreve (do [PAN :: Pessoas-Animais-Natureza](#)) não resisto a terminar a crônica, com sugestões para o PAN considerar da próxima vez que vier, com mais força, abordar o tema. No seguimento de notícias falaciosas que afirmam que o PAN pretende alterar provérbios que contenham referências a animais, o partido informa o seguinte:

1. O PAN foi contactado por órgãos de comunicação social para dar o seu parecer sobre uma campanha da PETA sobre frases e provérbios com referências violentas a animais nos Estados Unidos da América, um país com um contexto legislativo e sociocultural bastante diferente do português.

2. Em momento algum o PAN defendeu ou disse que acompanhava a campanha americana da PETA, nem sequer referiu que iria ou queria alterar provérbios com referências a animais.

3. A resposta do PAN a esta questão foi e é simples: o PAN não vai apresentar nenhuma iniciativa sobre este assunto e considera que este não é um tema prioritário na sociedade portuguesa, apesar de perceber que atualmente existe vontade de reflexão social sobre este tipo de questões associadas a discursos que veiculam a violência, de forma mais ou menos consciente, reflexão que pode ser relevante para as/os ativistas que trabalham nesta área.

...

Ora, a propósito da alegada proposta do PAN e da PETA de extirpar os provérbios supra desmentida, concordo plenamente que língua deve ser neutra para poder ser usada por robôs e outros membros da comunidade de Inteligência Artificial, pelo que devemos começar a revolução já, quase todas as frases em todas as línguas, vejamos por ex.º em PT as piadas contra os alentejanos, nortenhos, louras e outros...vamos retirar tudo da linguagem até ficar neutra de sexismos, animalismos e alentejanismos....

AQUI PROPONHO UMA NOVA VERSÃO EM NOVILÍNGUA PAN

A cavalo dado não se olha ao dente	A PAN dado não se olha ao dente
A galinha da vizinha é sempre melhor que a minha.	A PAN da vizinha é sempre melhor que a minha.
À noite todos os gatos são pardos	À noite todos os gatos são PAN
Agarrar o touro pelos cornos	Agarrar o PAN pelos cornos
Andarmos para trás como o caranguejo	Andarmos para trás como o caranguejo
Cada macaco no seu galho,	Cada PAN no seu galho,
Caladinhos que nem um rato	Caladinhos que nem um PAN
Cão que ladra não morde	Pan que ladra não morde
Chatos como uma carraça	Chatos como um PAN
Cuidados e caldos de galinha, nunca fizeram mal a ninguém	Cuidados e caldos de PAN, nunca fizeram mal a ninguém
Engolir um sapo	Engolir um PAN
Espertos que nem uma raposa	Espertos que nem um PAN
Falar como um papagaio	Falar como um PAN
Filho de peixe sabe nadar.	Filho de PAN sabe nadar.
Gaivotas em terra temporal no mar.	Pan em terra temporal no mar.
Gato escondido com o rabo de fora	Pan escondido com o rabo de fora
Grão a grão, enche a galinha o papo	Grão a grão, enche o PAN o papo
Loura burra	Loura PAN
Macacos me mordam	Pan me mordam
Mais vale um pássaro na mão que dois a voar	Mais vale um PAN na mão que dois a voar
Não adianta lamentar a morte da bezerra	Não adianta lamentar a morte do PAN
O primeiro milho é para os pardais.	O primeiro milho é para o PAN.
Os cães ladram, mas a caravana passa.	O PAN ladra, mas a caravana passa.
Ovelha que berra é bocado que perde	Pan que berra é bocado que perde
Peixes fora de água	Pan fora de água
Pela boca morre o peixe.	Pela boca morre o PAN
Quem não quer ser lobo não lhe vista a pele	Quem não quer ser PAN não lhe vista a pele
Se a ferradura trouxesse sorte, burro não puxava carroça	Se a ferradura trouxesse sorte, PAN não puxava carroça
Tenho aqui "uma pulga atrás da orelha"	Tenho aqui "um PAN atrás da orelha"
Tirar "o cavalinho da chuva"	Tirar "o PAN da chuva"
Um burro carregado de livros é um doutor.	Um PAN carregado de livros é um doutor.
Um olho no peixe outro no gato	Um olho no PAN outro na língua
Vai-te embora ó melga! , Vai-te encher de moscas!	Vai-te embora ó PAN! Vai-te encher de PAN!
Vozes de burro não chegam aos céus.	Vozes de PAN não chegam aos céus

CRÔNICA 227 EM MEMÓRIA DO NATAL QUE NÃO MAIS VOLTA 20.12.2018

Desde tempos imemoriais que natal não é sinónimo de momentos agradáveis na memória deste autor. Lembro-me bem do natal antigo... das prendas que eram trazidas pelo menino Jesus e ora vêm de rena com o pai natal. Isto passou-se até aos sete anos, data em que descobri as ditas escondidas, por cima do guarda-fatos dos pais, e aí perdi a virgindade do natal. Por mais que me tente recordar poucos terão sido os brinquedos que tive no "sapatinho" ou na "meia" da árvore de natal. Hoje com a sofreguidão típica desta geração de "baby-boomers" dá-se tudo aos filhos e eles vão pedindo mais e melhor, insatisfeitos com o muito que têm nesta sociedade consumista que a todos assola e assolapa de dívidas. Ninguém se contenta com umas camisolas, camisas, meias ou algo assim, querem todos o último modelo de smartphone ou PlayStation.

Lá fora brilham as luzes, mas eu gostava era que fosse natal sempre e não apenas quando os calendários mandam. Este ano será um natal com a família reduzida e amigos, nem no país, nem na região que se sonhava em Sydney (Austrália) há umas décadas, mas hossanas e bênçãos deveriam ser dados por poder desfrutar dele.

Uma recordação indelevelmente associada à infância passada, é a dos saltimbancos que apareciam, na época do natal, para fazerem as suas acrobacias na rua em troco duns tostões. Eram em geral famélicos e escanzelados e divertiam-nos com as suas habilidades. Iam desde os palhaços a um outro a vomitar fogo, a outros marchando em cima dumas "andas" e outros números que a memória deixou escapar. Nunca excediam uma meia dúzia de artistas que assim ganhavam a vida e o que me espantava é que houvesse já mulheres naquele meio, numa era em que elas estavam quase totalmente apagadas da sociedade caseira que lhes era imposta.

Claro que vos podia falar do natal, da paz e daquelas coisas que as pessoas falam nesta época, porque no resto do ano andam muito deprimidos ou muito atarefados a tentar sobreviver para se lembrarem delas. Afinal o natal de que eu me lembro não é de Santa Klaus, mas do Menino Jesus e das prendinhas no sapatinho. Agora é demasiado consumista.



Li num jornal que em cada intervalo nos canais infantis há dez minutos de publicidade a condicionarem ou lavarem o cérebro aos jovens e levá-los a desejar mais esta e aquela prenda, obviamente eletrónica e moderna = cara. Para quê todo este desperdício de dinheiro em coisas maioritariamente inúteis, quando seria bem mais salutar promover valores imateriais.

Estou a ficar cota, aquilo que na minha juventude se chamava de bota-de-elástico, mas ainda creio nos valores da família e estes não se devem revelar apenas uma vez por ano na consuada. Devem ser alimentados e nutridos ao longo do ano, sem prendas nem comida especial apenas pela mera fruição da companhia, com a televisão (esse invasor alienígena) desligada. Então, no fim das refeições as pessoas ainda tinham tempo para falar, para sonhar, para trocar impressões e fazer correções ao seu percurso de vida. Devo estar a ficar senil e saudosista, mas é disso que eu tenho saudades. As pessoas hoje andam demasiado ocupadas e não falam, quando o fazem é para comentar uma telenovela da TV, um escândalo público, ou qualquer outra trivialidade. Ou então deprimidas com a sua situação pessoal, profissional ou a do próprio país.

Nem sequer têm tempo para pararem, e pensarem, onde estão, donde vieram e NÃO PARA ONDE VÃO, mas PARA ONDE QUEREM IR. Claro que há as mensalidades por pagar, os estudos dos filhos, e outras preocupações que quando o cansaço se instala e já deitadas mal lhes sobram energia para conversarem. É isto o ideal de vida que nos reservam os tempos atuais e – cada vez mais será pior daqui por diante – e não gosto dele, nem foi para isto que lutei na juventude em inúmeras discussões filosóficas em tertúlias de amigos que se prolongavam pela noite dentro.

Ainda mantenho sonhos e quero realizá-los partilhados, sem ser com uma série televisiva que nos anestesia e deixa num torpor onde não resta lugar para a inteligência ou para o pensamento crítico. Hoje devo dar graças por ainda estar aqui e ter sido um privilegiado por ter vivido nos quatro cantos do mundo, ter aprendido o que aprendi com familiares, amigos e desconhecidos, de línguas e culturas diferentes desde a minha juventude recatada aos meus anos “hippies” a uma falta de maturidade notória na idade do meio e uma certa tranquilidade nesta opção de assentar aos 45 e concentrar-me apenas em coisas que são de valor para os outros e me dão prazer imaterial.

Sinto-me feliz e orgulhoso dos “meus” Colóquios Anuais da Lusofonia, a que o ano todo, que são a minha forma de dar de volta algo a essa comunidade abstrata em que estou integrado e que nada me deu de palpável. Essa intangibilidade da minha dádiva permite-me por outro lado uma satisfação pessoal que não tem eco em mordomias ou benfeitorias materiais. Esta era afinal a minha mensagem de natal, para que todos, novos ou menos novos, disponham dumhas horas do seu tempo neste percurso terreno para dar de volta à sociedade algo que tenham aprendido e se possa transmitir aos outros, sem ser por dinheiro, fama ou qualquer outro atributo egoísta ou materialista.

Espero haver quem me ouça neste natal e faça suas as minhas palavras pois este era o presente que eu queria no meu sapatinho, mas esqueci-me de escrever a tempo ao Menino Jesus, pois nos CTT só sabiam o endereço do Pai Natal e esse eu não queria. Eu sigo esta longa caminhada dando graças pela felicidade de estar vivo, lúcido e atuante, após muitas vidas que já vivi, dedicando-me a partilhar saberes e culturas múltiplas sem epifanias, tentando manter viva essa aberração dos nossos dias que é a família nuclear e deixando um legado que nenhum fariseu aceitaria, em epístolas como esta, para que o natal seja vivido em cada dia do ano e não apenas quando os comerciantes nos tentam seduzir, mesmo

a nós pobres saduceus da atualidade com promessas de felicidade material que só aumentam o nosso servilismo perante os nossos verdadeiros donos, os bancos.

Só podemos dar aquilo que temos. E desenvolver uma atitude positiva é o primeiro passo para tornar este mundo um lugar muito mais habitável. A vida é bela? É, se assim o quisermos. Mas a verdade é que se pensa nos otimistas como um dos extremos da balança que tem no outro prato os pessimistas e no centro a virtude, ou seja, os 'realistas'. Cada vez mais, no entanto, o otimismo é visto como o verdadeiro realismo: uma espécie de realismo emocional, que através de uma perceção positiva nos ajuda a ver a vida com outros olhos, e, graças a isso, a construir uma vida melhor.

"As pessoas otimistas são aquelas que acham que a vida vale a pena ser vivida". Mesmo que a nossa cultura permaneça mais adepta do noivado do sepulcro do que de um amor feliz, está nas nossas mãos lutar contra isso. Ser otimista não depende das circunstâncias, mas da atitude. Está cientificamente provado que as pessoas pessimistas têm probabilidades mais fortes de viver deprimentes, com uma saúde mais debilitada visto serem um tipo de pessoas que se desleixam na sua própria saúde. E com isto influenciar para uma morte precoce. Em contrapartida as pessoas que tem atitudes otimistas levam uma vida mais feliz, mesmo perante as desgraças são pessoas que conseguem rir e encontrar algo positivo e engraçado.

PS: continuo ateu, apesar de tudo. Graças a deus... um bom natal a todos qualquer que seja a religião ou crença que partilham.

CRÓNICA 228 ANO NOVO SÓ SERÁ SE A GENTE QUISE 1.1.19

Agora que o fogo de artifício se calou, que já todos comeram as passas e beberam espumante, e as chatas mensagens e vídeos de votos felizes já não inundam as nossas caixas de correio eletrónico, chegou a altura de dizer que só será ano novo se nós quisermos.

Começamos pela autonomia, atualmente debatida na CEVERA, e que precisa de ir a um cirurgião plástico para um "facelift" total e completo pois as rugas e pés de galinha são mais do que evidentes e não há maquilhagem que as mascare.

Depois temos os prejuízos infindos das empresas públicas, ou parapúblicas, ou híbridas, ou qualquer que seja a sua designação e que só servem para terem "boys e girls" na sua administração enquanto acumulam prejuízos de milhões e nem quero especificar se é a SATA, SINAGA, Lotaçor, e outras, umas mais faladas que outras (quase totalmente desconhecidas do grande público). Todas precisam de ir à faca da cirurgia, mas que não seja plástica antes de transplante de coração, pois o coração dessas empresas há muito que sofre de aterosclerose, enfarte do miocárdio, angina e outras arritmias e insuficiências coronárias. Muitas devem fechar, de imediato, pois ficará mais barato ao bolso dos contribuintes da Região o seu fecho do que a sua manutenção e o pagamento de elevados juros acumulados de dívida e de avales do Estado (governo regional). Tem de ser uma operação rápida já que indolor não será.

Chega a vez de se observar porque a região (e especialmente São Miguel) tem tantos beneficiários de rendimentos de reinserção social, qualquer que seja o nome atual desse flagelo, que se queria medida temporária e ameaça tornar-se hereditário de geração em geração. Depois, há que criar emprego a sério em vez de mil e um esquemas transitórios, abusados pelos empregadores, de estágios L, T e outros, que só servem para reduzir estatísticas e a criar falsas expectativas nos seus beneficiários que, entretanto, não decidam emigrar, à taxa de cerca de 1500 pessoas/ano, despovoando ainda mais as ilhas menos populosas.

O mais curioso disto tudo, é que o doente está nos cuidados intensivos, mas o turismo nestes últimos anos deu-lhe uma dose de morfina que, aliviando as dores, não trata da doença terminal. O governo regional está sem ideias. Cansado, refém do poder central, sem gente capaz ou ousada, mais parece a cáfila de bajuladores que vivem à sombra do Salazar. Nem sei se a culpa é do Vasco ou se ele é mero refém da situação desde que tomou posse e sobremodo, desde que César foi para Lisboa em troca da autonomia regional dos Açores. Da oposição surge aqui e ali um lampejo mais pela voz dos comentadores e jornalistas do que dos partidos da oposição. É o resultado das maiorias, que desprezam a voz das minorias dissonantes.

Não há visão de futuro, nem dinheiro, para grandes aventuras e elefantes brancos, e quando o fogo de artifício das grandes proclamações cessa apenas resta o fumo esbranquiçado de promessas que o vento levará. Por isso 2019 como ano novo só será se a gente quiser e há poucos que queiram.

CRÓNICA 229 DOS CASTELOS, DAS RELAÇÕES HUMANAS E DOS MUROS À LA TRUMP 12.1.2019

Escreveu em tempos o saudoso Daniel de Sá que

Existe um "castelo" na Lomba da Maia. Não tem torres nem ameias nem tampouco o fosso protetor contra invasores e atacantes. Também não tem nome nem dono. Foi assim batizado, por lá se avistar (dia e noite) um castelão, agarrado ininterruptamente ao seu computador, organizando os Colóquios da Lusofonia.

Os castelos constituíam fortes, feitos com muralhas, torres, fossos, barbacãs, calabouços e pontes levadiças. Geralmente eram construídos em terrenos elevados, o que facilitava a defesa contra os ataques externos. Nos momentos de ataque, todos se refugiavam dentro dos castelos para proteção. A ponte levadiça era a única entrada que dava acesso ao interior.

De facto, dali do topo da "falsa" (o nome micaelense para o sótão) a minha janela abria-se sobre todo o mundo: podia observar os mares e os montes, as vacas, os nevoeiros que se aproximavam e, por vezes, desapareciam sem deixar rasto. Outras vezes era o vento mata-vacas de nordeste ou a chuva inclemente e impiedosa ora do norte, ora do oeste ou do sul, e aí sim, abatia-se sobre o "castelo" e as grossas gotas corriam pela janela e toldavam-me o juízo, arrefecendo a minha paciência oriental. Mas não foram essas chuvas quem apagou o fogo, extinto há muito pela sublimação do hábito que torna os quotidianos em tarefas cada vez mais pesadas, quando o desespero se

apossou subitamente, sem premeditação. Martelando ferozmente o teclado em frente ao qual gastei a última grosa (doze dúzias de anos, assim me pareciam) da vida, deixei que ela lá fora corresse sem pressas.

Devagarosamente debitei palavras que a gaveta iria consumir com a humidade que, aliás, era muita na ilha sempre verde. Sempre a gaveta para onde desde miúdo atirei tudo o que produzi na esperança de um dia me vir a ser útil. Já aprendera isso com o meu pai e repetia-o até à exaustão pois a mesma experiência ditava-me secretamente esse conhecimento de que seriam sempre úteis. Já o tinham sido por várias vezes. Sabia ser difícil aos que me rodeavam compreenderem aquele frenesim, aquela angústia de escrever e por muito que lhes explicasse (o que já deixara de fazer havia tempo) recusavam-se a ver a minha lógica irrepreensível. Sabia que tinha uma missão diferente de todas as outras e teria de a levar a cabo, embora sem saber rotas nem itinerários.

Eu era quase um eremita rodeado de gente pouca, por todos os lados, como convém a quem é uma ilha, incapaz de me deixar contagiar pelos clamores externos. Não havia ambiguidades nesta postura. Não tinha ressentimentos nem ilusões. Já passara o tempo da dor, limitava-me a sorrir pouco e rir qb.

Ora aprendi ao longo da vida que os piores assaltantes nunca eram nem os inimigos nem os desconhecidos, mas familiares e amigos. Sendo a minha casa, o meu “castelo” um santuário e não sendo eu uma religião, não eram bem-vindos os fiéis por mais disfarçados de Reis Magos que se apresentassem. Sempre fora assim ao longo de quase sete decénios, em Timor, Macau, Austrália e Portugal.

Quando baixava a ponte levadiça e permitia a entrada de alguém, mais tarde ou mais cedo teria de terçar armas para defender o meu santuário. Umhas vezes, logo de início, outras ao fim de muitos anos, sempre fora assim, quando baixava a guarda, quando menos esperava, quando acreditava que a amizade não era um verbo aí vinham impiedosas as traiçoeiras setas.

Lá tinha de ir correr à sertage (fritadeira quadrada) buscar azeite a ferver para repelir o ataque. Agora não havia já os habituais cercos medievais esperando uma rendição, nem eram precisas máquinas de guerra como catapultas ou a tradicional chuva de flechas. A tática mais comum para os exércitos de familiares e amigos que lançavam o ataque era estimular traições ou rebeliões entre os sitiados.

E foi assim que ao dealbar de 2019, inspirado por alguém em quem nunca me revejo, decidi erguer um muro à la Trump e tornar o meu castelo inviolável. Infelizmente ao fim de quase sete décadas tenho de concordar que as amizades não passam de interesses transvestidos. Mais vale ser eremita do que traído por falsos amigos e aliados. Daí acreditar que mais vale estar só do que mal-acompanhado.

Só resta esperar que este muro virtual que acabo de erguer no meu castelo seja mais eficaz, nesta ilha onde o feudalismo pós-medieval se implantou, pelo que em breve irei criar mais defesas como paredes internas, formando um anel concêntrico e protegendo ainda mais a construção. O pátio interno ficará maior, dividido em pátios separados. A torre de menagem (donjon) ficará maior em pedra e criarei uma fortaleza. Outras construções serão acrescentadas aos pátios – com mais torres amplas e altas incorporadas nos muros externos, enquanto outras serão estruturas separadas dentro dos pátios.

Obviamente o “castelo” sem torre nem ameias do Daniel de Sá fora ineficaz.



(texto do autor adaptado de Crónicas: uma circum-navegação, vol. 1, ed. 2009)

CRÓNICA 130, DA DESESPERANÇA 230 17.1.2019

Telefonaram-me há dias a dizer que liam as minhas crónicas e elas eram muito apocalípticas e eu era um cavaleiro de desgraças futuras. Tenho andado a matutar no tema e estou prestes a conceder razão ao meu interlocutor.

De facto, para quem nasceu no fim da primeira metade do século passado, crescendo com a silenciosa mordada cinzenta e salazarenta, cresci a sonhar com a Europa e a liberdade que eu invejava aos que viviam lá fora. Veio o maio 1968, mais primaveril que a Primavera de Praga, era tempo de amor e flores no cabelo em São Francisco e em Woodstock, enquanto a GNR a cavalo subia as escadarias do vetusto edifício da Universidade do Porto (nos Leões) atrás dos que tinham a ousadia de se querer manifestar contra a guerra colonial que ceifou, mutilou e destroçou corpos e mentes brilhantes aos da minha geração. Nesses dias até um colega com 21 dioptrias ficou apurado para todo o serviço, não havia carne suficiente para tanto canhão, manipulados pelos jogos de dominó (como lhes chamou Henri Kissinger) dos EUA e da URSS.

Quando Salazar caiu da cadeira e lhe sucedeu o homem das nefandas e nefastas "Conversas e Família" no pequeno ecrã a preto e branco (Dom Marcelo I, o Caetano) houve quem acreditasse na sua "primavera" que nem chegou a florir tão outonal e invernal se veio a manifestar. Os estudantes eram esclarecidos e ativos, enquanto os políticos na clandestinidade e no exílio faziam o seu trabalho de sapa e havia esperança em dias melhores nas nossas mentes irrequietas. Quando abril despontou nesse mês primaveril de 1974 acreditou-se em sonhos que não eram ainda sonhados pelos homens que pegaram nas armas e as plantaram de cravos.

O resto da história já vocês conhecem e apenas a arqueologia futura pode decifrar ou reinterpretar. O verão que se seguiu à primavera foi quente e desde então vieram os outonos e os invernos que nos assolam hoje, sem esperanças algumas, nem sonhos.

Hoje a florida europa de todos tornou-se mais uma vez numa Europa de alguns, sem ideias nem futuro, enquanto nova guerra não chega. Dizem os otimistas que assistimos a um longo período de *Pax Europaea*, enquanto os pessimistas falam em estertor.

Olhando em volta neste globo conturbado por desastres, guerras e calamidades, a que todos parecem impérvios, constato a generalizada incapacidade de reação, de choque, medo, piedade. Apática a mole humana mais se assemelha a um exército de zombies com ecrãs nas mãos.

Ainda ontem nas esplanadas da marginal de Ponta Delgada fiz uma análise dos convivas ao sol de fim de tarde e apenas uma mulher não detinha um telemóvel tátil nas mãos (ia quase avisar a PSP, seria ela uma perigosa sociópata, psicopata ou terrorista?), os restantes perderam a capacidade de conversar de viva voz e qualquer dia voltam à idade das trevas e cavernas e só falam por grunhidos ou SMS (mensagens de texto).

Enquanto isto acontece inventam-se novas fórmulas mágicas para evitar os "chumbos" escolares e qualificar com licenciaturas todos, independentemente dos seus méritos ou conhecimentos, para mais tarde, maleavelmente serem conduzidos às urnas de voto, sem capacidade crítica para pensar ou interpretar. Esta a desesperança em que vivo mais do que justificada de colocar letrados como este



CRÓNICA 231 O MEDO DOS IMIGRANTES 23.1.2019

Por todo o mundo, desde há uns anos se intensificaram as manifestações públicas contra imigrantes, qualquer que seja a razão apontada para tal medo. Há sempre o temor do que é, de quem é diferente, e diferentes somos todos, mesmo sem sermos imigrantes. Portugal país de miscigenação desenfreada ao longo dos séculos, nos quatro cantos do mundo deveria servir de exemplo, tanto mais que desde há décadas vive da sua emigração para países distintos onde se oferece futuro melhor a quem quiser trabalhar. Lembremo-nos da tragédia dos anos 60 com a emigração a salto para os *bidonville* da nossa vergonha em França, ou mais recentemente a fuga de enfermeiros para o Reino Unido, entre dezenas de exemplo de migrações dos madeirenses e açorianos para o Hawai no século XIX, para o Brasil dos açorianos no século XVIII que ali ajudaram a fundar o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e os exemplos podiam ser multiplicados como o prova a rica herança cultural existente hoje em dezenas de países...raros serão os países sem portugueses ou seus descendentes. Num

e noutro caso esses portugueses foram abandonados à sua sorte ao longo de cinco séculos e ainda hoje são, a menos que se precise muito das suas remessas de dinheiro...

Escreveu em tempos Miguel Castelo Branco¹⁶⁰

"Das colonizações britânica e holandesa nasceram Estados, mas da portuguesa nasceram comunidades de afeto. Praticamos o monopólio, tentando destruir a concorrência, mas contávamos com fidelidades regionais que extravasavam largamente o interesse diplomático, comercial e político da coroa. A língua portuguesa era língua franca, "portugueses" eram todos os que professassem a fé católica, amigos e aliados todos os que aceitassem, enriquecendo, um quinhão nessa comunidade continental de comércio, favores, acolhimento e proteção. As "lusotopias" não eram da Coroa, mas das comunidades que se formavam, cresciam e prosperavam, na unidade religiosa das igrejas e na entreatada das misericórdias. Estas lusotopias resistiram aos ventos e tempestades da história. Teimosamente, mantiveram a língua, os costumes, a memória da linhagem. Na Birmânia, no Sião, na Malásia, na Indonésia há populações que orgulhosamente avelam o nome de Portugal. Os outros passaram. Nós ficámos lá, sem apoios e sem estímulo do Portugal distante, abúlico e "europeu", que regrediu para uma visão tardo-medieval da esfera de contactos internacionais: a Bruxelas, a costa da Guiné e pouco mais. Felizmente, a "Ásia Portuguesa" está para além das Portas do Cerco, do bazar de Díli e dos limites de Goa. Pede-se que os decisores de Lisboa abram os olhos e consigam tirar partido da imensa vantagem que foi, é e será, a grandeza em terras da Ásia.

E no tema da presença portuguesa. Jorge Morbey escreveu, em tempos (23.1.2006), ao então Presidente Cavaco e Silva uma longa missiva da qual se extraem excertos:

Como referiu o Arcebispo Emérito de Mandalay (Birmânia) U Than Aung, descendente de portugueses, onde a maioria do clero católico é de origem portuguesa com origem em Pegú (1600), quem nunca recebeu a mais ténue manifestação de solidariedade de Portugal nada tem a esperar. Que poderão as Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente esperar? A incapacidade portuguesa nesta matéria tem sido uma evidência secular, filha da ignorância e do preconceito.

A pequena Cristandade Crioula Lusófona de Korlai [Chaúl], na Índia, somente em 1982 seria revelada ao Mundo pelo etnólogo romeno Laurentiu Theban. O seu crioulo é designado por Kristi. A Cristandade Crioula Lusófona da Birmânia já não usa a língua crioula e perdeu os nomes e apelidos cristãos, apesar de permanecer fiel à religião católica.

As Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente mantidas na ignorância dos conflitos entre Portugal e a Santa Sé lutaram anos sem fim contra as novas autoridades eclesiásticas por as considerarem estrangeiras. Clamaram sempre pelo envio de clero. De Portugal, de Goa ou de Macau. Em vão. A transferência de domínios entre países europeus, de Portugal católico para a Holanda protestante, constituiu o pano de fundo em que emergiram as Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente.

Com a substituição da dominação portuguesa, permanecendo nas terras que as viram nascer, deportadas para outras paragens, ou forçadas à emigração, essas comunidades mestiças talharam a sua identidade que perdurou até aos nossos dias, assente em dois pilares principais: a religião católica e a língua crioula. A religião fora trazida de Portugal ou através de Goa. Convertidos ou nascidos nela, com ela haveriam de morrer, geração após geração. A sua língua, o crioulo, era a língua portuguesa que lhe garantia o estatuto de língua franca no litoral da Ásia e da Oceânia, desde o séc. XVI até à sua substituição pelo inglês, no séc. XIX. Holandeses, ingleses, dinamarqueses e franceses não podiam prescindir de um "língua" [intérprete] a bordo para poderem comerciar nos portos do Oriente, na língua que as Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente falavam e, muitas, ainda falam.

Tratados, entre países europeus e poderes locais, foram firmados nessa língua, por ser a única a que os europeus podiam recorrer para comunicar no Oriente. Ainda hoje, Cristão" [Kristang] e "Português" [Portugis] são sinónimos.

A profanação e a destruição de igrejas e mosteiros, a expulsão dos padres, a proibição de atos de culto católico, as deportações maciças, a redução de muitos à condição de escravos, compeliram os membros dessas cristandades à clandestinidade e à emigração: Macau, Índia, Insulíndia, Sião e Indochina. Tais irmandades permaneceram até aos nossos dias e conservam determinadas prerrogativas que limitam a autoridade dos párocos.

Perdida a confiança que a Santa Sé depositara desde o séc. XV no Rei de Portugal, na sequência do corte de relações diplomáticas do Governo liberal em 1833 e a extinção das ordens religiosas por decreto de 31 de maio de 1834, o Padroado Português do Oriente sofreu um golpe mortal, na Índia, no Ceilão, no Sudeste Asiático, na China e na Oceânia.

Os missionários do Padroado não seriam substituídos apesar de o clero secular de Goa, numeroso e bem preparado, acorrer em seu socorro. A língua crioula falava-se nas Cristandades Crioulas da Tailândia (Ayuthia ou Ayutthaya) e, posteriormente, Banguécoque, até aos anos 50 do séc. XX, onde permanecem vocábulos correntes no relacionamento familiar e nas práticas da religião católica.

Na Indonésia, Java, Flores [Larantuka e Sikka], ilhas de Ternate e Tidore, em Bali, em Timor [Lifau e Bidau] e no Bangladesh [Chittagong e Dacca] – até aos anos 20 do séc. XX era muito viva a presença da língua crioula nas Cristandades locais. Em Dacca existe vocabulário crioulo entre os católicos locais. © Jorge Morbey.

Dito isto, e pondo de parte a questão do genocídio aborígene na Austrália, o que lá aprendi durante décadas foi que podíamos viver lado a lado com os nossos dissemelhantes seres humanos, em paz e harmonia, integrados (mas não-assimilados), mantendo a língua e cultura de origem, enriquecendo a cultura local, incrementando de forma constante o crescimento económico australiano e aprendendo a lidar com a diferença de mais de 200 comunidades étnicas diferentes.

Os imigrantes que ora povoam a Austrália vieram de todos os cantos do mundo e integram aquilo que muitos consideram a única sociedade verdadeiramente multirracial harmónica neste mundo de confrontos permanentes. Este o exemplo de que vos queria falar em oposição a Portugal, a toda uma Europa racista e xenófoba. Voltaremos a este tema.

CRÓNICA 232 O FALHANÇO DA VENEZUELA 24.1.19

Não costumo falar de temas políticos no calor do momento, mas este pelas manifestações efusivas nas redes sociais vai merecer o meu comentário e isto nada tem a ver com ser de direita, ou ser-se marxista ou cor de zebra sem riscas quando corre.

Não gosto de Maduro, mas também já não gostava de Chávez e dos seus tiques amigáveis com Sócrates, Portas e outros políticos portugueses. Sei que as democracias estão enfermas (basta olhar para os EUA e Brasil, República Checa, Polónia, Hungria, etc....) mas na minha falta de conhecimento local das causas, apenas vejo os efeitos de Chávez e Maduro. Um país podre de rico na miséria abjeta. Já sei que os boicotes dos EUA ajudaram, mas não explicam tudo. Claro que sei que os EUA não gostam de líderes como Lula, Maduro, Castro em Cuba e outros que sobrevivem em sistemas marxistas, mas até que me digam, preto no branco, que as eleições na Venezuela foram falsificadas, os votos indicam que Maduro foi eleito com maioria (já sei que o Adolfo austríaco também foi eleito pelos alemães) e em democracia (da última vez que consultei o termo) ganha quem tem mais votos (a menos que se crie uma geringonça à portuguesa).

Para mim um país com dois presidentes, sendo um autoproclamado, por mais apoio que possa ter da oposição dos EUA e da EU, e o outro apoiado pela China e Rússia, parece mais um país em pleno golpe de estado. Ao que parece, os militares

estão, por enquanto, do lado de Maduro, mas a menos que a guerra civil tenha lugar, o líder democraticamente eleito (hoje uma TV portuguesa chamava-lhe ditador eleito, o democrata é o autoproclamado) pode ter os dias contados. A intervenção militar dos EUA é sempre uma hipótese, aliás, eles já invadiram mais de 150 países na história do século XX, se bem que as ameaças chinesas e russa para não o fazerem os podem dissuadir dessa via, tanto mais que as suas forças armadas se espalham da Síria ao Afeganistão e centenas de outros locais de intervenção militar. Alguém comentava hoje que a realidade é “fake”, passamos das “fake news” aos “fake presidentes” ...

Na Venezuela existem milhares de portugueses, uma grande comunidade de descendentes da ilha da Madeira, que nos últimos tempos, sem grandes parangonas nos jornais têm regressado à ilha atlântica, tal como cerca de outros três milhões de venezuelanos que votaram com os pés, saindo do país.

E aos que apoiam a mudança de governo, gostava de interrogar sobre qual é exatamente o excerto da constituição de Venezuela que permite ao senhor Guaidó proclamar-se presidente da República Bolivariana de Venezuela numa manifestação de rua sem ser votado para isso pelo povo venezuelano?

Aconteça o que acontecer, vai demorar décadas aos venezuelanos para voltarem a ter o nível de vida privilegiado que tinham até a crise de 2014 nos preços do petróleo (48% do PIB) ter afundado o país. recorde-se o surto de desenvolvimento económico do país entre 1950 e 1980 que levou o país a ter o melhor nível de vida de toda a América latina. Depois os preços do petróleo baixaram nos anos de 1980 e a economia começou a deteriorar-se, sobretudo em 1989 e 1996 (três anos antes de Chávez ascender ao poder). A revolução bolivariana a partir de 2002 começou a dismantelar a indústria do petróleo onde milhares de profissionais eram considerados dissidentes políticos. Depois veio a inflação de 100% em 2015 e 4000% em 2017, atingindo a hiperinflação no ano passado.

CRÓNICA 233 OS MALEFÍCIOS DA HOSPITALIDADE E DO TURISMO NOS AÇORES 30.1.2019

Tem sido anunciada com grande pompa e circunstância a construção de vários hotéis nos Açores (a maioria em São Miguel, e mais recentemente, na cidade da Ribeira Grande, que bem carecia de alguns, talvez, mas tantos não!).

As ilhas, cujo défice é ciclicamente lembrado pelo tribunal de Contas, vão de vento em popa cavalgando a onda do turismo que desde há 3 ou 4 anos passou a ser o seu motor económico e, até o governo regional anunciou ultimamente um aumento nos cursos de formação hoteleira, mas a realidade é a mesma de há 15 anos com pequenas nuances e muito poucas melhorias.

Serviço mau ou inexistente continua a ser a constante. Ainda há dias entrei numa esplanada da marginal, quase vazia ao contrário do que é habitual. Dirigi-me ao balcão enquanto 3 ou 4 funcionários cirandavam, para a frente e para trás, e passaram-se seguramente 4 ou 5 minutos até que uma delas, displicentemente, se dignou vir ao balcão indagar o que o intruso pretendia. Como é habitual, haja ou não movimento, o serviço é lento, muito lento..., mas acabou por chegar. Devagarosamente, degluti um bolo, tomei um café, bebi a minha água fresca e os bolos que pedira para embrulhar e levar tardavam em chegar. Politicamente incorreto fui à esplanada fumar um cigarro e quando vim, tive de voltar ao balcão para relembrar os bolos. Nota positiva desta visita semanal, desta vez ofereceram-me a garrafa de água acompanhada de um copo.

Nos restaurantes, snack bar, cafés e esplanadas a cena é idêntica e nada a distingue da displicência com que eu era servido há 15 anos quando cheguei aos Açores e não havia turismo. O serviço sempre, de uma forma geral (as exceções são poucas) mau e lento. E em muitos casos, caro para a média portuguesa, muito caro para a média açoriana (inferior à nacional), como se todos quisessem ganhar a dobrar nos meses mais quentes para compensar o que não ganham nos meses outonais e inverniais.

Mas a culpa não é dos desgraçados dos jovens, muitos deles licenciados sem saída neste pequeno mercado de trabalho açoriano. A gula pelo lucro exorbitantemente desmedido, é a pedra de toque de todos estes “empresários” da restauração, sempre a queixarem-se da falta de pessoal ou do desempenho do mesmo, mas incapazes de investir ou propiciar condições de formação profissional adequada, escudando-se em leis de trabalho, tabelas de vencimentos e desculpas mil. Queixarem-se sabem eles fazer, contra as alcavalas de impostos, taxas e tachinhas que o governo lhes impõe, enquanto magicam novos truques para que os sistemas de contabilidade não declarem ao fisco tudo o que transita pelas máquinas registadoras. Mas o que eles sabem fazer melhor é obrigar os funcionários a trabalharem horários inoportunos, mais apropriados ao Bangla Desh, com excesso de horas não-remuneradas nem compensadas, trabalhos em dias de folga, feriados e outros excessos, sempre sob a chantagem de despedimento, de deduções nos vencimentos, usando e abusando de trabalho à experiência (muitas vezes não-remunerada ou mal remunerada), em pagamentos não-declarados ou subdeclarados.

Por estas e mais mil e uma razões, que aqui poderia apontar (já nem vou falar da falsificação dos vinhos e da carne), continuo a dizer que a bolha do turismo (aproveitando as crises na África subsaariana e noutros locais) um dia estourará e teremos hotéis de luxo vazios, mais gente inqualificada e sem formação adequada no desemprego. Veremos as esplanadas vazias e pouco ou nada se terá aproveitado desta oportunidade única de criar uma massa de trabalhadores bem formados e qualificados de que os governantes sempre falam nos seus programas.

Mas não é só a formação profissional apropriada que falta, é a formação dos “empresários” muitos deles com baixas qualificações literárias e profissionais, incapazes de se adaptarem ao século cibernético em que vivemos. Sem uma mudança radical nas mentes e nos processos, os Açores continuarão na cauda do país e da Europa, com uma produtividade muito baixa e inovação incipiente, mas com “empresários” satisfeitos (por enquanto) pelo acumular de lucros nas suas contas. As vacas magras não de regressar, mas a oportunidade desta galinha de ovos de ouro terá sido irremediavelmente perdida.

E o recurso é um protesto de democracia ou a democracia é um recurso de protesto ou a democracia é protesto de recurso...? como me respondia o Telmo Nunes

"... esses jogos semânticos... Mas respondendo à sua questão depende do seu grau de subserviência ao regime... Já dizia o Sr. Churchill que democracia era o pior dos regimes políticos, mas não havia nenhum melhor que ela! Eu não me iludo: bem sei que não as há perfeitas. Mas há umas melhores do que outras... que é o mesmo que dizer que há umas onde o protesto é recorrente e outras onde não os há!!!"

Adoro jogos de palavras..., mas a minha Austrália e o Reino Unido eram países onde a democracia parlamentar funcionava e bem, hoje estão iguais aos outros...o futuro reserva-nos todo o tipo de ditadores, do Trump, ao Bolsonaro, ao xeique da arábia ou ao Putin é só escolher, passando pelo Orban na Hungria, Polónia, Áustria, enfim...o melhor é irmos colonizar a lua que Marte está longe..

Por inacreditável que seja para uma pessoa da minha idade, acredito numa sociedade que não existe, gerida por uma forma de capitalismo humano capaz de dividir dividendos (não com acionistas) mas com os seus trabalhadores (esse deveriam ser os verdadeiros acionistas), capaz de reinvestir lucros na sua expansão. Como todos sabemos, com a globalização, não existem mercados livres e isso impede o meu sonho. Todas as regras foram subvertidas e falsificadas. Em todos os campos da atividade humana.

Podemos começar com o futebol onde vale tudo desde que se ganhe, ou o ciclismo atolado em casos de doping, desde que se ganhe a qualquer preço, a todo o preço, seja na Fórmula 1 ou no pugilismo, e para que não restem dúvidas aos que pensam assistir a desportos, eles são a versão atual dos circos romanos, com outros gladiadores, todos manietados e controlados por apostas e vigarices.

Em Portugal do desporto à política já passamos da fase do jogo de espelhos e já tudo é o que parece, nesta colónia de interesses da EU, em vez de sermos parte de uma federação de países como os seus criadores idealizaram. A corrupção parece ter alastrado que nem a peste negra e aqueles que ainda não foram contaminados, parece quererem a toda a força uma oportunidade de contraírem esse vírus.

A impunidade dos DDT e as penas severas para os pequenos delinquentes servem para mostrar quem realmente manda. E como a meritocracia nivela a sociedade pelo mérito e capacidade, aqui o que conta são cunhas, compadrios, nepotismo que atiram migalhas aos servos da gleba do alto das suas torres de marfim, e estes agradecem (e se ainda usassem chapéu, reverentemente o tirariam para agradecer aos "senhores").

Como se estão a aproximar três eleições importantes (para o PE é já em maio), lembre-se do real valor do seu voto e recorde algumas frases de Churchill:

O melhor argumento contra a democracia é uma conversa de cinco minutos com um eleitor mediano

A democracia é o pior dos regimes políticos, mas não há nenhum sistema melhor que ela.

Ninguém pretende que a democracia seja perfeita ou sem defeito. Tem-se dito que a democracia é a pior forma de governo, salvo todas as demais formas que têm sido experimentadas de tempos em tempos.



E como escrevia Vítor Soromenho em 2014

"O descontentamento dos portugueses com o atual estado da democracia: ... a insatisfação atingiu 83% dos respondentes de todas as idades. Em primeiro lugar, os inquiridos concordam de forma maioritariamente expressiva com a afirmação de que hoje o País é mais livre, mais democrático e com maior qualidade de vida, do que antes da Revolução. ... interrogados sobre as grandes políticas públicas que são o corpo concreto do regime (Serviço Nacional de Saúde, aumento espetacular da escolaridade, salário e pensão mínimos, maior igualdade de género, etc.), a maioria volta a concordar com a relevância dessas conquistas. Os portugueses manifestam, no fundo, o seu anseio por mais e melhor democracia. Por isso censuram os tribunais pelo estado lamentável de uma justiça binária, onde os ricos já não lutam pela absolvição, mas pela prescrição. Ou protestam contra o facto de os partidos parecerem estar mais atentos aos interesses corporativos do que às necessidades dos cidadãos comuns. Há até uma nota autocrítica: mais de 85% dos cidadãos nunca participaram diretamente na vida política. É caso para dizer que a democracia é, também, o mais exigente de todos os regimes. Obriga a um exercício constante de cidadania, sob pena de degenerar numa plutocracia.

(<https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/viriato-soromenho-marques/interior/churchill-tem-razao-3823254.html>)

como é que este país se tornou num feudo de ladrões? sempre foi, mas com o aquecimento global vieram à tona. Mas temos de ser tolerantes nenhum político nasceu corrupto, pode ter nascido com mais ou menos defeitos, mais ou menos ambições, sem saber que nunca iria trabalhar um dia na vida e que passaria a mesma a andar de um lado para o outro, sem ter de se lembrar de tudo o que prometia, onde e quando. Criou um sorriso nº 68 sempre pronto a beijocas e abraços dos milhares que com ele se cruzam, que só desfavelava à noite quando chegava a altura de programar as ações dos dias e meses seguintes e afivelava outro que o Zé povinho nunca via, mas que se traduzia posteriormente na triste sina dos que queriam sobreviver nesse país à beira-mar plantado.

Um político não nasce corrupto, mas cedo se apercebe de um jeitinho aqui, outro acolá (os brasileiros chamam a isto o "jeitinho" português, vá-se lá saber porquê), até que, ao fim de alguns anos de treino e prática, apanha finalmente os truques do "jeitinho", que é mais ou menos como resolver um cubo Rubik em 2 segundos. Claro que as pressões não abrandam com o tempo, é a família que quer benesses e mordomias, são os amigos e companheiros que exigem retribuição do apoio dado em momentos-chave, são os concidadãos que se acham no direito de exigir tudo a todos em troca dos votos e dos apoios a campanhas de eleição, reeleição, etc.

O processo pode começar de uma forma simples, como por exemplo uma multa, um despacho desfavorável, uma autorização camarária, uma venda de terrenos, um investimento avultado na região, uma viagem a uma reunião no estrangeiro, um bilhete de avião em executiva, a atualização da frota de veículos ao seu serviço, até quando termina a sua fase educacional, chamemos-lhe o mestrado e doutoramento em corrupção, já tem firmas de advogados e deputados a trabalharem apara si e para as leis de que necessita para levar a bom porto o seu mandato. Depois, isto funciona tipo "roller-coaster", uma verdadeira montanha russa sem fim.

O processo nunca acaba nem quando há investigação de jornalistas (esses malvados que não sabem fazer nada a não ser dizer mal e procurar os podres de figuras públicas que tanto se sacrificaram, sem terem sequer vida pessoal na sua abnegada dedicação à "res publica"). E não acaba mesmo quando surge o ministério público (coio de malvados mal-intencionados e invejosos cuja única missão na vida é interpretar as leis para o bota abaixo daqueles que eles bem entendem). Como todos sabemos, investiga-se isto e mais aquilo, criam-se umas comissões de inquérito no governo ou na assembleia da república e mesmo que haja material criminal quando chega aos juízes, lá estarão os abnegados defensores da verdade, os advogados que tudo resolvem a tes do caso prescrever.

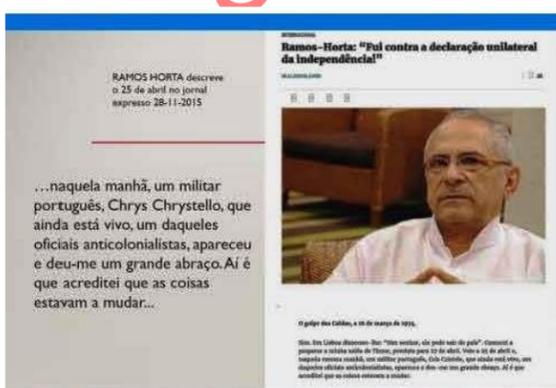
Chega-se então ao ponto em que estamos hoje, em pleno aquecimento global, andam tonas à tona de água, bem visíveis, já ninguém desmente o ato corrupto, mas defende-se dizendo haver uma incongruência técnica no processo, o ato não ocorreu no dia 3 pelas 17.00 mas sim no dia 3 pelas 17.30 e isso faz toda a diferença para quem sempre teve a consciência calma e limpa como o político de que falamos.

CRÓNICA 236 – O PESADO FARDO DA GUERRA COLONIAL 22.2.2019

Há mais respeito pelas prostitutas do que pelos soldados, furriéis e oficiais milicianos (à força) do exército colonial português, todos escondidos e envergonhados. Afinal eram mesmo apenas carne para canhão.

Na maior parte dos países onde vivi e nos que visitei havia uma certa aura de glória, direi mesmo, respeito, pelos bravos que ao longo dos séculos haviam combatido em nome dessa noção alienígena que é a pátria. Havia paradas monstruosas e centenárias como as célebres marchas dos ANZAC (*Australian and New Zealand Corps*) na Austrália, e mesmo nos EUA, durante anos, houve respeito pelos bravos que forma vítimas das 1001 guerras americanas no mundo, nomeadamente na 2ª Grande Guerra, no massacrado Vietname, Coreia, etc.

Como antimilitarista, ferrenho e empedernido, que sempre fui e recordando que fui obrigado a ir para fora defender um Império que já não existia e que, a mim, nada dizia, tenho de admitir que de nada me envergonho nesses anos, em que agi de acordo com a minha consciência, com a minha ação anticolonial como melhor forma de servir a dita "pátria" (segundo Ramos-Horta eu era um oficial anticolonialista, in Expresso 28/11/2015



Mas para todos, mesmo para aqueles que cegamente obedeceram às ordens militaristas e fizeram o que lhes mandavam, até por que na maior parte dos casos, não tinham alternativa, creio que lhes deve ser concedido o respeito de que hoje carecem, esquecidos numa teia de doenças, alcoolismo, depressão, sem apoios do Estado que os mandou morrer e matar pela pátria. Bem ou mal, fizeram o que se esperava que fizessem. E vemo-los hoje, nos sem-abrigo, nos membros de famílias disfuncionais, no conluio com os seus segredos de guerra ciosamente guardados, sem catarse possível.

Quando cresci ainda havia respeito pelos veteranos sobreviventes da mortandade que foi a campanha portuguesa na 1ª Grande Guerra, conheci alguns desses heróis, de medalhas ao peito em marchas da famigerada Liga dos Combatentes (a que também pertenci durante uns anos após o 25 de abril, pois podia-se comprar comida mais barata no "casão").

Hoje, não sabemos quantos são, quantos sofrem, quantos sobrevivem. nalgumas aldeias e vilas do interior profundo de Portugal.

Alguns autarcas mandaram erigir pequenos monumentos em honra da memória desses bravos, mas regra geral, foram esquecidos e eles mesmos temem falar sobre o tema, ou evitam-no a todo o custo.

Nos EUA é bem pior, pois os veteranos de guerra são já uma espécie de escória a varrer para o esquecimento, sob o tapete diáfano de mil e umas guerras sem razão, como se as guerras alguma vez tivessem alguma razão, exceto a perpétua repetição da história dos países.

Nos Açores, autores houve que trataram o tema em livro: Urbano Bettencourt, Cristóvão de Aguiar, João de Melo, para citar apenas alguns que me vêm à memória de momento, mas outros preferem manter um silêncio discreto, tal como o dono do café da esquina, o dono do restaurante mais acima, o lavrador que vive aqui na rua e se recusa a falar do tema e tantos outros de que nem sei a existência.

Estava uma pessoa entretida nas suas lides nos anos de 1960, a estudar, a trabalhar e mourejar nos campos aqui nos Açores ou em Trás-os-Montes, ou em qualquer outro local e vinha a malfadada mobilização para Angola, Guiné, Moçambique, ou qualquer outro ponto do império e a vida acabava ali, mesmo que voltassem vivos e sem mazelas de vulto.

Para muitos, adiava-se a ida enquanto se pudessem continuar os estudos, sempre na esperança infundada de que a guerra colonial acabasse.

Para outros era a saída da sua terrinha natal (e quantas vezes não era esta a primeira vez que saíam do seu cantinho natal, da sua freguesia ou aldeia, da sua ilha?).

Não irei descrever as noções contraditórias que de todos se apoderavam no caminho de ida, na estadia e no possível regresso se não morressem ou não ficassem estropiados, pois isso foi tema de pessoas mais abalizadas que eu. Sei apenas que a mim foi um trauma que gorou todos os meus planos de vida, me impeliu para vários planos inclinados e me obrigou a agarrar a várias boias de salvação para percorrer o caminho que levou ao momento, hoje em que escrevo aqui e de novo:

Há mais respeito pelas prostitutas do que pelos soldados, furriéis e oficiais milicianos (à força) do exército colonial português, todos escondidos e envergonhados.

Afinal eram mesmo apenas carne para canhão.

CRÓNICA 237 DEMOCRACIAS ARMADILHADAS 28.2.2019

Cresci numa Ditadura. Havia quem lhe chamasse branda, como brandos costumes, alegadamente, eram os do povo que a suportava. Cresci acreditando que, um dia, o país faria parte da Europa e do mundo, mas esse mundo estava tão longe que bem podia pertencer a outra galáxia. Lembro-me de ir a Tui (Galiza) comprar discos dos Beatles ou beber Coca-Cola que em Portugal eram proibidas, com medo dos miasmas contagiosos de civilizações estrangeiras. Depois, veio o dia de todas as esperanças, um 25 de abril (quase sem mortes e com cravos na ponta das espingardas) e eu, que vivia em Timor, esperei por ele que tardava a chegar (teria ido de barco?) e jamais arribou.

A Europa cresceu, o sonho da Europa Unida medrou, mas a UE cresceu descontroladamente, até ter mais olhos que barriga e ficar desesperadamente naquela palhaçada que hoje é. Por toda a parte, uma após outra as ditaduras iam sendo aniquiladas e substituídas por vários modelos de democracia onde, alegadamente, o povo e a sua vontade eram representados em parlamentos. Com a queda do Muro de Berlim e o glasnost a dar lugar a uma nova Rússia todos acreditamos que sonhar era isto, quando esses sonhos se tornavam realidade até na América Latina e América do Sul. Já então, o neoliberalismo da nova ordem mundial tinha disseminado as suas sementes com a Thatcher e o Ronald Reagan, mas nós não sabíamos que isso iria perverter todo o ocidente.

Lentamente, nos últimos vinte anos, assistimos a um constante retrocesso nas conquistas dos direitos fundamentais da humanidade, de igualdade, solidariedade e justiça. Mais do que nunca as democracias estão a ser manipuladas, criando uma aparência de vontade popular através do voto universal, mas sendo, na prática, substituídas por autocracias da Rússia aos EUA passando pelo Brasil, Venezuela e dezenas de países, sem falar daqueles onde as escolhas democráticas foram substituídas por nomeações da grande e anónima banca internacional, do grande capital, do petróleo às farmacêuticas que tudo controlam. Isto num mundo em que a verdade é ficção e a ficção é a neoverdade.

Ainda há dias, a ler Umberto Eco *O Cemitério de Praga*, me apercebi de que como isto sempre aconteceu sem nos darmos conta. Entretanto, países habituados a mandar e serem os xerifes do universo, como os EUA (em substituição dos decadentes grandes impérios que duas grandes guerras aniquilaram), continuam a inventar invasões, primaveras políticas, depondo ditadores ou democratas a seu bel-prazer. Dir-me-ão que a democracia ainda é o menos mau dos sistemas (como primeiro afirmou Winston Churchill). Claro que uma democracia ainda é a pior forma de governança, salvo todas as outras alternativas, e não adianta chorar sobre os defeitos da democracia: a corrupção dos políticos de todas as cores, o nepotismo, os arranjinhos parlamentares (ora agora mamas tu, ora logo mamam eu, etc.)

Há algo que sempre afirmei e reitero, mesmo que não sirva para grande coisa, o 25 de abril trouxe-me o bem mais precioso: a liberdade de expressão, a mim que sou um individualista nato e jamais conseguiria viver numa autocracia. Dantes, os países democráticos tinham eleições, os outros não (nem mesmo as mascaradas eleições do partido único em Portugal o ocultavam). Hoje assistimos a um novo e preocupante paradigma, a semi-democracia onde existe a aparência da verdadeira democracia, com eleições e tudo o mais, mas onde há resultados viciados, roubo descarado de votos e tanta manipulação que o resultado é a via autocrática transvestida de democracia oca. Assistimos, nas últimas décadas, a um ataque à democracia, e são as próprias instituições europeias quem mais tem atrofiado o funcionamento dos sistemas democráticos. A democracia é uma planta muito frágil que precisa de ser regada diariamente.

O exemplo de uma semi-democracia, semiautónomica, é bem visível nos Açores onde existe um parlamento regional e alguma teórica liberdade de escolha, mas onde todas as decisões relevantes para o povo açoriano são definidas em Lisboa, pelo governo central, ao atropelo e revelia das normas autonómicas, com a cumplicidade das forças locais no poder, mero pau-mandado dos partidos cuja sede está em Lisboa. O povo, que até nem é totalmente ignorante, vota com os pés (isto é, abstendo-se) ou vota a favor dos que o mantêm, subsidiodependente. Um ciclo vicioso que se define assim: vota em mim e recebes apoios, não votas e desenrascas-te sozinho contra a malha burocrática que te vai aniquilar.

As vozes independentes, poucas e raras, vão sendo silenciadas, sem lugar a destaque nos meios de comunicação, já quase totalmente emudecidos numa onda de autocensura que lhes permita sobreviver. Estamos a caminho da autocracia, mas com a manta diáfana da aparência democrática. Infelizmente, o pior ainda está para chegar. O nacionalismo e a xenofobia chegam ao poder com o voto do povo, a Democracia, de que Churchill dizia ser o menos mau de todos os sistemas conhecidos. E até mesmo eu, que sempre me considerei um otimista nato, tenho demasiadas dúvidas, rodeado como estou por autómatos não-pensantes, obcecados com os pequenos ecrãs dos seus smartphones e impérvios aos atropelos à dignidade, equidade e justiça, que acontecem em volta,

Possa eu continuar a falar, em casa e na rua, sem medos persecutórios, mesmo que as palavras já não cheguem a muitos nem sejam lidas, e isso já me contentaria nos dias difíceis que se avizinham. Quando essa liberdade se perder, de facto terei de me conformar e aceitar que me implantem um "chip" para o meu próprio bem, como nem George Orwell (1984 e o Triunfo dos Porcos) nem Aldous Huxley (Admirável Mundo Novo) conseguiram imaginar.



CRÓNICA 238 ALUNOS DA COSTA NORTE DA ILHA DE S MIGUEL, EM VISITA DE ESTUDO À NEVE 28.2.19

Há dias repeti uma tradição, a de acompanhar a minha mulher e alunos (alguns bem desfavorecidos) da costa norte da ilha de S Miguel em mais uma visita de estudo. Desde que cá chegamos em 2005, já organizou várias: Bragança 2007 e 2009, Faial 2011, Seia 2014 e 2019.

Eram 7 da manhã e já quase todos os 19 alunos, mais 3 professoras e 3 pais de alunos se encontravam a fazer o *check-in* no balcão da SATA.

Primeira constatação, nas primeiras viagens, nem um só tinha viajado de avião, agora vários tinham feito interilhas ou mesmo para fora do arquipélago...em 15 anos eu chamo a isto de progresso.

A excitação era notória, mas menor do que nas primeiras viagens. À chegada ao aeroporto Sá Carneiro seguiu-se a viagem de cerca de duas horas até Seia com a paragem numa estação de serviço para almoçarem e começarem a comprar bugigangas. Ficamos todos alojados na fabulástica Quinta do Crestelo à entrada de Seia, um aparthotel e resort turístico com inúmeras facilidades para realização de eventos, animação de grupos escolares e campo de férias. Três monitores, dos quais um atualmente professor no Politécnico da Guarda, esperavam os jovens para darem início a atividades lúdicas, desportivas e outras que os ocupariam ao longo de 3 dias e meio.

Da escalada ao rapel, a canoagem, hipismo, jogos de estratégia e jogos tradicionais, tiro ao arco, percursos pedestres muitas eram as opções disponíveis, incluindo uma sala de jogos para relaxe noturno com caraoque, bilhar, matraquilhos, ténis de mesa, etc. os percursos pedestres incluíam

1. Circundante Edifício

Na plataforma exterior, circundante ao Hotel encontramos o jardim mesclado de flores, árvores de frutos e aromáticas. De entre as roseiras, salta a romãzeira *Punica granatum*, o albricoqueiro *Prunus armeniac*, o limoeiro *Citrus limon*, macieira *Malus domestica*, o diospireiro *Diospyros kaki*, a nespereira *Eriobotria japonica*, o pessegueiro *Prunus persica*, a cerejeira *Prunus avium* e ameixoeiras *Prunus domestica* que circundando a piscina florescem na primavera e frutificam no verão (que o cliente pode colher). Alcandorada no espigão norte estão cultivados canteiros de aromáticas.

2. Zona Várzea ou Agrícola

Siga a linha de água que circunda a piscina até à ponte. Detenha-se no observatório onde poderá vislumbrar uma extensa zona baixa, plana e fértil, comprimida entre vertentes, a que se chama várzea. A sua fertilidade deve-se ao arrastamento de sedimentos provenientes da encosta que aí foram sendo depositados. Nesta extensão convergem pequenos riachos que escorrem de vertentes da serra. O aproveitamento das águas como força motriz (a roda) e de irrigação, açude – lago dos cisnes. Desça até ao lago circundado por choupos *Populus alba* e *Populus nigrae* detenha-se na horta, onde poderá observar as produções hortícolas, que voltam a dar vida a esta antiga exploração agrícola, com o cultivo de hortícolas, frutícolas e pastagens.

A poli cultura de regadio que tem início na primavera com a preparação dos terrenos para a plantação de canteiros em rotatividade de batatas, cebolas, ervilhas, tomate, pimentos, couves e nabos, para que se efetue a sua colheita no verão. As árvores de fruto, macieiras, que se estendem por arruamentos circundantes, cuja poda se efetua no final do inverno para florir na primavera e colher no verão. Poderá passar de baixo das cerejeiras cobertas de fruto vermelho em junho. Os cavalos fazem circuito no Picadeiro ao ar livre ou percursos pela Quinta. Aproveite para olhar em frente e ver o mosaico agrossilvícola da quinta, com a população de árvores da galeria ripícola que acompanham a linha de água ao fundo como o Salgueiro-preto *Salix atrocinerea*, o salgueiro-branco *Salix salviifolia*, o vimeiro *Salix fragilis* Ulmeiro *Ulmus minor*. A zona de lameiro (pastagem) que é o suporte alimentar de animais encontra-se em regime misto de corte e pastoreio ao longo do ano. Observe o lago biológico de trutas, cuja alimentação é feita por água das nascentes adjacentes, que por sua vez é utilizado na irrigação.

3. Zona Verde

Partindo da receção do Hotel contorne a rotunda e tome a direita e comece a subir seguindo a cercadura dos buxos e vendo as cerejeiras e os campos de ténis do seu lado direito. Aí atravesse a ponte de madeira que atravessa a linha de água (ribeiro), que corre ao fundo da margem íngreme, populado por amieiros *Alnus glutinosa* (L.) Gaertner salgueiros *Salix Alba* e *Salix atrocinerea*. Por cima encontra-se uma área construtiva: salões e restaurantes. Continue pela mata, Suba pela encosta acidentada, que ladeia o vale, onde se encontram o pinheiro bravo *Pinus Pinaster* veja a vegetação que se encontra na vertente que desce rapidamente

deixa de ser mata e passa a bosque povoada pelo carvalho-da-beira *Quercus pyrenaica*, o carvalho Alvarinho *Quercus robur* com um subcoberto mais rico em espécies arbustivas e herbáceas como a esteva *Cistus ladanifer*, urze *Erica sp.*, pilriteijo *Crataegus monogyna* trovisco *Daphne genkium*, Tojo-molar *Ulex minor*. A importância do coberto é ajudar na erosão superficial do solo, ajudando assim a filtragem da água escorrência que converge para os ribeiros, e também alimenta os aquíferos. Toda esta dinâmica é importante para a rega das zonas adjacentes e a fazer um uso sustentável das águas. Este bosque no inverno está maioritariamente despido, pois a vegetação é maioritariamente caducifólia só na primavera volta a vestir-se. A interação destes vários sistemas dá abrigo a várias espécies de fauna também.

Não só pássaros, como insetos, répteis, mamíferos.

Também a mata é fonte não só de biomassa mas também de recursos, como a madeira para as lareiras, e outros ramos mais finos servem para as camas dos animais da quinta.

Os caminhos chamados corta-fogos, que existem evitam a propagação de incêndios. Desça até à curva e encontrará um riacho que corre no fundo entalado entre margens apertadas, coberto de carvalhos cujo tronco se encontra coberto de líquenes, que atestam a pureza do ar.

Siga no sentido contrário do riacho até ao *Birdwatching*. Poderá encontrar a sobrevoar a quinta o gaio *Garrulus glandarius*, o pintassilgo *Carduelis carduelis*, a alvéola-branca *Motacilla alba*, o melro *Turdus merula*, a carriça *Troglodytes troglodytes*, o pardal *Passer domesticus*, o pisco-de-peito-ruivo *Erithacus rubecula* até o rouxinol *Luscinia megarhynchos*.

Aqui abre-se o horizonte visual a campos abertos verdejantes de agricultura e pastagens. Com a alegria da passarada e do seu alegre chilrear, avance em direção ao lago biológico.

Tudo isto e muito mais puderam apreciar.

No dia seguinte após o forte nevão na Serra no dia de chegada, as estradas para a Lagoa Comprida e Torre foram reabertas para gáudio dos mais jovens. Antes porém foram conhecer o Centro de Interpretação da Serra da Estrela e seu núcleo museológico, e já na estrada foram visitar a pé, um monólito antropomórfico curioso, conhecido como a *Cabeça da Velha* e começou a subida à Serra mais alta do continente. Nem preciso de entrar em detalhes sobre o espanto, e a ousadia dos jovens a escorregarem nos "skus" (snowboard) encosta abaixo, toda coberta de neve, a fazerem bonecos de neve, a atirarem bolas de gelo, uns aos outros. Acabaram por se atafulharem de presentes e bugigangas nas lojas do centro comercial da Torre na Serra da Estrela.

Para o último dia de estadia total estava prevista a visita ao Museu do Brinquedo em Seia e ao interessante Museu do Pão, onde ninguém pareceu aborrecido com as explicações e se encheram de aprender e partilhar os seus conhecimentos, com deleite para os locais pela pronúncia carregada desta ilha açoriana.

Ao contrário de visitas anteriores, este ano todos comeram bem e de tudo, sem estranharem os temperos e sabores continentais, nem sequer os enchidos beirões tão diferentes dos açorianos. Quase todos trouxeram pequenos queijos da região para partilharem com os seus familiares. Ao quarto dia com a merenda oferecida pela Quinta metemo-nos ao caminho de regresso ao avião que nos iria trazer de volta ao arquipélago.

Foi estimulante partilhar com estes jovens esta enorme aventura de que jamais se irão esquecer, até porque o futuro de muitos deles será confinado às ilhas, a menos que recebam carta de chamada dos EUA, Canadá ou Bermudas... há imagens que descrevem melhor esta aventura...mas por razões de proteção não podem ser reveladas.

Resta uma última observação para os preços fabulosamente reduzidos que permitiram esta visita, as mil e uma atenções com que a comitiva foi recebida, as surpresas que incluíram música tradicional a acordeão e cantigas ao desafio, os mil e um mimos com que nos ofertaram dia após dia, fazendo-me lembrar com uma certa tristeza tanto que os Açores têm para dar e tanto que têm a aprender com estes beirões hospitaleiros. Eu que já conhecia a quinta e já lá estivera em quatro ocasiões anteriores, fiquei com vontade de regressar, e o mesmo aconteceu com as professoras e pais dos alunos, encantados com tudo o que experienciaram. Preços acessíveis, e um tratamento vip 5 estrelas é a fórmula de sucesso da Quinta do CRESTELO em Seia.

CRÓNICA 239 AUTONOMIAS, INDEPENDÊNCIAS E PRAGMATISMO (PARTE 1) 2.3.2019

Declaração de interesses: sou, desde que me lembro, profundamente independente e independentista, como se comprova pelos meus 24 anos de ativismo em prol da libertação de Timor-Leste.

"...desta falsa espreito à janela por sobre a Bretanha até se deter devagarosamente no meio do oceano, lá onde eu costumava ver a minha ilha mítica, chamada Autonomia, que mais ninguém jamais viu ou anteviu".

Dito isto e sabendo que a independência é o fim último de toda a autonomia, tenho de concordar que a História da Humanidade nada abona em meu favor.

Lembremo-nos (numa lista não-exaustiva) do holocausto arménio, da ocupação "ilegal" da Irian Jaya (Papuásia) pela Indonésia, da luta da Frente Polisário¹⁶¹, da Palestina (5,3 milhões), Crimeia (2 milhões), Ossétia do Sul (Geórgia), Abecásia (Geórgia), Nagorno-Karabakh (Azerbaijão), do Tibete (6,2 milhões), Cabinda, da Caxemira, da Groenlândia, Bascos (2 milhões), Chechenos (1,2 milhões), dos Curdos (36 milhões espalhados pela Arménia, Azerbaijão, Irão, Iraque, Síria e Turquia), os Tâmil no Sri Lanka, os Morávios, os Moldavos da Transdnístria, os Iorubas, os Ogoni e os Igbos da Nigéria, os Sikhs do Punjab, os Balúchis (do Paquistão, Irão e Afeganistão), os Uigur da China, os Catalães (7 milhões), os Tártaros, os Shan de Myanmar (Birmânia), os Hmong (do Laos, China, Vietname e Tailândia), os massacrados Rohingya (de Mianmar, Bangladeche, Paquistão, Tailândia e Malásia), os Naga da Índia, os Canarinhos, os Sardos, Corsos, Tuaregues, os Kalahui Havaianos, Galeses, Galegos, Inuítes (do Canadá, EUA e Dinamarca), Escócia (5 milhões), os Mapuche (Argentina e Chile), Zanzibar (Tanzânia), os aborígenes australianos, os Lapões e os Dakota (Sioux nos EUA), os Quebequenses e tantos outros (Açorianos?) para vermos como há tanta nação sem estado, como há tanta nação sem país, tanto rebelde com causa mas sem casa,

¹⁶¹ Frente Popular de Liberación de Sagüía el Hamra y Río de Oro ("Popular Front for the Liberation of Sagüía el-Hamra and Río de Oro" Arabic: الجبهة الشعبية لتحرير ساقية الحمراء و وادي الذهب Al-Jabhat Al-Sha'abiyah Li-Tahrir Saqiya Al-Hamra'a wa Wadi Al-Dhahab,

As grandes ameaças na cena internacional levam-nos a ignorar as lutas esquecidas e autonomias adiadas. Tendemos a ver a independência como um dado adquirido, mas ainda existem mais de cinco dezenas de povos que sonham poder vir a decidir o seu destino...

A ONU reconhece ainda hoje 16 territórios não autónomos. A saber: Anguila, Bermudas, Gibraltar, Guam, Ilhas Caimão, Ilhas Malvinas (Falkland), Ilhas Turcos e Caicos, Ilhas Virgens Britânicas, Ilhas Virgens dos EUA, Monserrate, Nova Caledónia, Pitcairn, Sara Ocidental, Samoa Americana, Santa Helena e Toquelau.

Sabendo que quase todas estas aspirações são legítimas e fundadas, a realidade e o pragmatismo alertam-nos para a situação de países que há 50 anos ou menos conquistaram a sua independência e a sua situação atual... basta olhar para as antigas colónias portuguesas. Os povos podem ter obtido a sua independência das potências coloniais, mas isso não quer dizer que a libertação lhes tenha trazido qualquer melhoria económica, social, de justiça ou equidade. Nalguns casos, lutas tribais, guerras civis, corrupção, nepotismo e ditaduras trouxeram mais do mesmo e pior ainda do que no tempo colonial. As razões são várias, quer nacionais quer internacionais, com o mundo ocidental ainda a explorar as suas riquezas e a empobrecer estes países independentes, elites dominantes que mais não fazem do que enriquecer-se e aos seus (basta lembrar Angola e Timor-Leste).

Claro que a independência vale sempre a pena, pois agora são os povos independentes quem escolhe os seus algozes dentre os seus. Pensemos por exemplo, que um dia (e esse dia chegará) os Açores se independentizam de Portugal (totalmente ou em federação, isso agora não interessa), o que mudaria? As moscas, e pouco mais. A grande riqueza dos mares, e ares seria espoliada por entre os que detêm o verdadeiro poder económico e nas nove ilhas há muito pouca massa crítica para as gerirem. Escrevi em 2005 que vim da minha circum-navegação até me radicar na "Atlântida" onde desvendo e divulgando a fértil literatura açoriana catapultadora de autonomias e independências por cumprir..

Mais tarde em 2012 escrevi ALGUÉM FALOU DE PROVINCIANISMO?

Claro que desde o início da minha estadia nos Açores, sempre pautei a minha posição pessoal pela defesa de uma verdadeira autonomia do arquipélago, em vez deste arremedo de autonomia envergonhada em que se vive, dependente do bom humor de quem está sentado na cadeira do poder em Lisboa. Ou como se assiste em 2011-2012 a um esvaziamento de competências decisórias "à cause de la crise". O centralismo onipotente no seu melhor, sem respeito pela Constituição nem pelas leis da autonomia... A autonomia tem progredido lentamente, e em casos pontuais, para satisfazer os nativos sem incomodar os centralistas macrocéfalos em Belém, a não ser aquando do novo estatuto de autonomia inicialmente vetado pelo Presidente da República, Cavaco e Silva, que acabaria, contrariado, por promulgá-lo a 29 de dezembro de 2008. Claro que sei, e nisso concordam alguns nativos, que há provincianismo nos Açores e falta massa crítica e intelectual nos Açores de cá, por isso muitos temem a verdadeira autonomia e mais ainda a independência.

Há países bem mais pequenos, sem meios (menos que os Açores) e que são independentes de uma forma ou outra há décadas (estou a lembrar-me de uma dúzia de repúblicas do pacífico sul, entre outros... bastava ver como eles resolveram o problema da distância de milhares de quilómetros entre ilhas). A viver à custa de Lisboa é fácil atirar as culpas para o parceiro do lado, mas as culpas são dos sucessivos governos açorianos que nada fizeram para melhorar este estado de coisas (ao menos o Alberto João Jardim foi à falência, mas fez obra, a que alguns chamam progresso embora se mantenha muita miséria) por que a esses, lhes convinha manter o status quo e menos ainda fizeram para ampliar a autonomia e dar-lhe significado... aceitaram-na como um presente de meninos bem-comportados.

A visão açoriana do mundo é de tal forma paroquial que este arquipélago dificilmente seria independente, nem haveria gente suficiente e com "cojones" para o tentar. É uma utopia pensar nela pois não haveria gente com capacidade de aproveitar a riqueza da zona marítima exclusiva (afinal só foi descoberta agora ao fim de 37 anos de autonomia...) nem as outras potencialidades exclusivas dos Açores (se calhar não dava votos e não se fez nada por causa dessa necessidade que os políticos têm de se agarrarem ao poder através do voto popular). Depois haveria ainda outro problema grave, quase todo o mundo aqui vive de subsídios e nada sabe fazer sem eles... vai ser difícil desabitua-los Curiosamente, acusam as 8 ilhas de estarem contra São Miguel da mesma forma que São Miguel acusa Lisboa... a macrocefalia de PDL é igual à de Lisboa salvaguardadas as respetivas escalas.

Se fizessem um referendo, a autonomia perdia esmagadoramente pois é melhor culpar o Governo de Lisboa do que os sucessivos governos regionais e estes mantêm-se como os de Lisboa graças aos seus clientes, deveríamos dizer freguesias pois isto não passa de uma grande freguesia, e quando há desacordo ou é porque eu não sou de cá ou porque tu vives fora e não estás bem informado.

CRÓNICA 240 AUTONOMIAS, INDEPENDÊNCIAS E PRAGMATISMO (PARTE 2) 2.3.2019

...recordo a ILHA DA AUTONOMIA, escrito em junho 2012

Da "falsa" (termo micadense para o sótão), a janela do meu "castelo" desabrochava sobre o mundo. Enxergo mares. Lobrigo montes. Diviso nevoeiros que desaparecem sem rasto. Vislumbro vacas fiéis ao seu destino ruminante sem desfraldarem queixumes. A chuva inclemente e desapiedada vinha, ora do agreste nordeste (o mata-vacas), ora de oeste ou sul e fenestra o meu "castelo". As grossas pingas corriam janela abaixo, infiltradas na caleira minúscula sob o caixilho. Toldavam-me o juízo, arrefecendo a minha paciência oriental, gotejando lentamente para o chão.

Mais um inimigo invisível quebrando o cerco permanente que sentia do lado de fora das minhas ameias. Entrei no café. Ao balcão, os do costume. A humidade goteja pelas faces como se fossem paredes. Ninguém parece aperceber-se.

Fantasia, de quando em vez, que a verdadeira autonomia se abaterá sobre o arquipélago criado a ferro e fogo. Aí se vislumbrará a tal ínsula nova. Com ela devaneio. Se a antecipo encoberta componho os óculos, arregalo a íris, foco o invisível. As ondas e as nuvens também conspiram para a ocultarem. Careço de um cartógrafo para a mapear. Enxergo-lhe contornos como se a visse em Braille. Ia jurar tê-la avistado, mais do que uma vez. A minha mulher disse-me que alucinava.

O mar confunde-se com o céu. O horizonte indistinto, em constante mutação, ora cinzento ou azuláceo. Perde-se para além do alcance da visão. Quando fito o grande mar oceano, estou sempre expectante de vislumbrar uma ilha nova a desenhar-se no firmamento. Todos os dias sonho com ela, ora encoberta ora invisível. Acredito piamente que exista para lá da linha impercetível.

Por vezes, as próprias formas e cores das nuvens afiançam esse mistério que os mapas não cartografaram. Confio devotamente. Sei que virá ao meu encontro. Tal como a ilha Sabrina de antanho. Ou outras que surgiam e desapareciam das cartas de marear na época de S. João. Esta é especial. Sempre que posso, perscruto o futuro em busca dela. Esta a realidade que me escapa e, no entanto, está lá. Quando a vir, clamarei o direito a dar-lhe denominação. Designá-la-ei Autonomia. Ia jurar tê-la visto por dentre um belo arco-íris que ia da Lomba da Maia à semiencoberta Bretanha.

Os vaqueiros levantam-se noite cerrada. Continuam a acamar-se cansados dia após dia, semana ou ano de trabalho. Rotinas entrecortadas pelas festas da freguesia. Uma ou outra procissão. Sem queixumes pela má sorte. A mesma que lhes repete destinos ingratos. Resignação amargurada. Lobrigada nas comissuras de peles rugosas, encarquilhadas e sequiosas, sorvendo um copo de mistura ou um abafado. Os campos continuam a ser arados. As vacas mungidas. Chova ou faça sol. Feriado ou fim de semana. A terra e as vacas são elementos únicos mensuráveis da riqueza. Estes vaqueiros só mourejam. Nada mais sabe esta gente além de procriar, como já escrevi algures. Jamais ouviram falar da semana-inglesa. Quase todos andam nas vacas. Ou as têm ou trabalham-nas para terceiros, 24/7/365 (todo o dia, todos os meses, todo o ano). Chova ou faça sol. De tantas em tantas horas estão a mungir as vacas. A levá-las de um pasto para o outro que todo o inverno a ilha se mantém verde.

Os rendimentos são inferiores aos de Portugal (a que muitos chamam o Continente) mas há mais subsídios para rações, para produção de mais leite e sabe-se lá que mais que os burocratas de Bruxelas inventaram.

Nas zonas rurais os filhos, que ainda vão abundando, usam a escola nos interregnos da labuta nos campos. Se faltam e não fazem os trabalhos de casa é porque foram às vacas. Não é opção, mas obrigação. Solidariedade familiar.

Queiram ou não, cumprem o destino boieiro e a vontade paterna, herdada de séculos, sem sombra de desfortuna. Fatalismo ou destino, nunca se interrogam, apenas o cumprem. Vá-se lá a saber. Os medidores de felicidade são pouco fiáveis.

O açoriano vive do imediatismo. Futuro nunca, mas presente sempre à vista, nada arrisca nem previne. Este açoriano é bem diferente do seu antepassado que no século XIX com menos estudos, sem universidade nem Novas Oportunidades criou a Sociedade da Agricultura Micaelense, quicá o movimento mais importante da história dos Açores.

O comércio da laranja extinguiu-se vitimado por uma doença quando a exportação estava ainda numa fase de ampla expansão, tendo atingido o seu máximo três décadas depois de ter surgido a ideia de criar a tal sociedade. O que esses antepassados anteviram foi que aquela riqueza não seria duradoura devido aos avanços da produção e do transporte na Europa e, em especial na Península Ibérica.

Hoje em dia, as ilhas transformaram-se em vacaria. Não são senão uma imensa leitaria. O quotidiano açoriano, fora das pequenas urbes, é similar à escravatura de antanho. Cuidar de vacas doutram a troco dum soldo miserável, sem direito a férias, doenças, feriados é servidão. A gleba cumpre horários sagrados sem calendário, religiosamente acatados por homens e mulheres. Apesar de poucas, também por aí andam. Supõe-se que interrompam as lides aquando da gravidez.

CRÓNICA 241 AUTONOMIAS, INDEPENDÊNCIAS E PRAGMATISMO (PARTE 3) 2.3.2019

... recorde a ILHA DA AUTONOMIA, escrito em junho 2012

Para 2015 antecipa-se o fim das quotas leiteiras, um remate anunciado há muito para essa riqueza artificial. No século XVIII ninguém pudera prever a data exata do fim da exportação das laranjas. Nos últimos anos vem aumentando a produção anual de leite sem que haja do Governo, das autarquias ou das gentes qualquer ação, individual ou coletiva, que comece a prevenir o futuro.

Claro está que os pastos se podem converter em terras de cultivo antes que o Diabo esfregue um olho, mas os trezentos mil ou mais animais não se desvanecem num ápice. Sete anos antes do fim das quotas leiteiras, abordei o Presidente da Junta da Lomba da Maja propondo uma reunião de esclarecimento onde os locais pudessem discutir ideias (se as tivessem) sobre a reconversão que terá de haver. Nem um se mostrou interessado, decerto pensaram que um urbano como eu nada teria para lhes comunicar sobre o ganha-pão deles.

Daqui a pouco não existirão fundos europeus para a excessiva produção de leite que se regista nas ilhas e ficarão sem nada. Depois do fim da gesta heroica e brutal dos baleeiros, que Dias de Melo retratou, aproxima-se o fim da era do leite. Virão dias de fome e de aflição. Nada ou muito pouco foi feito para a reconversão desses milhares de famílias que vivem do "leite" num ciclo vicioso de maiores produções para "sacar" maiores fundos europeus. Quem sabe se não poderiam converter as vacas leiteiras em produtoras de carne da melhor qualidade para exportação? Podiam usar a tecnologia existente e a mão-de-obra local seria sujeita a uma apropriada componente de atualização de formação e desenvolvimento pessoal?

Nos EUA já há quem aproveite o estrume do gado bovino para produzir energia ecológica...será que estes campos podem produzir biodiesel? Por outro lado, como a terra é fértil, quando se acabarem as vacas gordas leiteiras poderiam diversificar e manufaturar queijos, aproveitar os solos úberes para criarem outros produtos agrícolas para mercados de nicho e exportar para o mundo.

Infelizmente, não vi nem ouvi nenhum dos técnicos agrários, vulgo engenheiros, propor ou estudar quais os mercados de nicho que estas férteis terras poderiam fornecer. Falta visão como quando o chá sucedeu às laranjas. Os políticos insulares, como os seus congéneres continentais, vivem nas suas torres de marfim condicionados ao ritmo da reeleição e não deverão ter visão para "imaginar" os Açores daqui a 10, 20 ou 30 anos, tudo é feito pelo imediatismo da próxima contagem de votos, nada se faz nem se percebe que haja quem o queira fazer.

Reservo-me, hoje e sempre, o direito de emitir opiniões e ser controverso quando afirmo que nos meios rurais, os açorianos continuam escravos, tal como os seus antepassados. Mesmo sem o saberem. Há quem alegue que esta escravatura hodierna é bem mais humanizada e de matizes mais esbatidos (decerto nunca foram escravos para o afirmarem...é como o país de brandos costumes).

Seguem destinos tradicionais sem os questionarem. O fatalismo insular pode ser explicado pela brutal aspereza dos elementos: o fogo e as manifestações telúricas. Nesta ilha (ao contrário das restantes oito) as gentes vivem de costas voltadas para a água que os rodeia por todos os lados. Com o credo na boca. A permanente imposição férrea de normas, que aceita sem discutir, como se ainda vivesse sob o medo de uma sociedade feudal, a mesma que persiste nos seus monopólios económicos. Sem se preocupar com a aparência de democracia e igualdade, que a constituição do país consagra no papel. Tal como sucede no ciberespaço, na sociedade do "Second Life", esta democracia é virtual. A fome será menor que dantes. A dependência, dissimulada de vontade própria, perpetua-se igual. Em nome das santas tradições, procissões e festas. Em nome do Divino Espírito Santo e do Santo Cristo.

A energia positiva dos vaqueiros é muitas vezes canalizada para ações relacionadas com o culto cristão eivado de paganismos, como as romarias tradicionais. Existem alternativas, mandar a escravidão às urtigas e viver do rendimento de inserção social. É o sistema da "Faixa de Gaza" da Ribeira Grande lá para os lados de Rabo de Peixe. A maioria das famílias (com excelente taxa de natalidade), jamais empregadas nem empregáveis, vive do rendimento mínimo. Trabalhar é só para os inúteis.

A autonomia, constituída no papel, ciclicamente pedida com salamaleques e, sempre que necessário, contestada pelo governo central, dá a aparência de liberdade ao ciclo secular repetido. Aquando das grandes tragédias, fruto dos elementos telúricos, fogo e água, a revolta popular manifestava-se nos pés dos que se punham a caminho.

A emigração foi sempre a fuga à fome e escravidão, iam para paraísos terrenos no lado outro do Grande Mar Oceano, lá donde seus parentes tornavam contando maravilhas. Com a pequena exceção do Havai, o Éden açoriano há séculos que se conjuga nas Américas, primeiro na do sul (especialmente Brasil), mais recentemente, na do norte. Ainda hoje.

Já Daniel de Sá escrevera "Sair da ilha é a pior maneira de ficar nela", Onésimo diria que era a "melhor", mas continuava a haver um ou outro revoltado com a miséria, a falta de futuro, a ausência de presente e o excesso de passado, sempre pronto a meter pés ao caminho. Rumo à verdadeira autonomia do dinheiro. A única que permite sonhar. Não há democracia sem capital. Karl Marx nunca o soube. Só com poder de compra se pode ser livre. Sem posses os pobres não podem almejar a liberdade. A emigração é a face visível da verdadeira emancipação açoriana.

Nos Açores há imensas réplicas da macrocefalia de Lisboa e do Terreiro do Paço. Governam como na monarquia absolutista. Nem os cães ladram quando a caravana passa. Até os cachorros são indolentes. Mimetizam as pessoas, acomodadas e aburguesadas. O insuportável e fedorento colonialismo paternalista de Lisboa manter-se-á até que as turbas saiam à rua. Aí sim, pode haver autonomia. Eu clamava, tal como - em tempos idos - exprimira aos líderes timorenses antes de serem independentes, que competia aos açorianos decidirem e traçarem o seu destino. Assim o escrevia já no início de 2008: Em risco de ser, de novo e involuntariamente controverso, creio haver regionalismos autonómicos, como o dos Açores, que deveriam ser incentivados. O desprezo constante a que votam os ilhéus é quase tão mau como a tentativa forçada de desertificação humana no interior profundo de Portugal. Se ora se fala - pouco e mal - sobre os Açores tal se deve a essa maléfica invenção soporífera chamada telenovela que deu visibilidade ao arquipélago.

Para os continentais, quando se fala dos Açores é quase como discursar de Timor Português quando fui para lá em 1973. Sabiam que eram ilhas e pouco mais. Quase como a anedota da pergunta insólita "a senhora é dos Açores, mas é branca?" Não avisaram que a paisagem é verde, as pessoas não. O orgulho em ser-se açoriano é profundo, arreigado ao húmus, mas difuso. Confunde-se com bairrismos de cada ilha ou insularismos de cada freguesia. É prejudicado pela idiossincrasia micaelense de chamar Açores às outras ilhas. Como se S. Miguel fosse o continente português perpetuando noções de dependências e vassalagens obsoletas. Fruto da herança ancestral, do obscurantismo de 48 invernos salazarentos e 35 primaveras bafientas da 3ª República entorpecente e anestesiante, alegadamente democrática... A história ilustra a luta entre a Ilha Terceira e S. Miguel pela supremacia dos capitães donatários, titulares da efémera nobilidade de "capital do arquipélago". Estes vícios repetem-se hoje. Dado o desdém com que os continentais tratam os autóctones (basta ignorá-los), seria de esperar maior unidade e desejo autonómico. De emancipação. Não independência. Salvo raras exceções, poucos manifestam tais desejos face ao poder central cego e cabeçudo. Parecem satisfeitos com a submissão à macrocefalia de Ponta Delgada, que espelha Lisboa. Em tempos, o açoriano expatriado Manuel Leal escreveu que:

"A revolução açoriana vem-se mostrando à janela há séculos.

Nunca teve uma face persuasiva.

Não a possui em ideologia, embora exista quem assim apregoa.

Fazem-no nos cafés, numa elite dentro da ilha e sem eco.

A revolução à mesa do café não chega a parte nenhuma".

Se preferissem a emancipação total poderia ser tanto ou mais viável que a do Kosovo, Kiribati ou da Ossétia do Sul. Cristóvão de Aguiar aventava que teriam de ser nove as independências. Talvez quatro bastassem: S. Miguel e a sua colónia de Santa Maria; a Terceira e a colónia

da Graciosa; o Faial e a sua colónia do Pico e, por fim as Flores e a sua adjacente Corvo. Podiam ainda considerar as possessões ultramarinas como Toronto, Nova Bedford e outras tantas que por ali havia.

Chegou o tempo de o povo demonstrar capacidade identitária e poder de intervenção perante um país resumido a Lisboa e submisso perante uma Europa dominadora que julga os cidadãos como números, para aumentar ou estabilizar orçamentos.

Cito, uma vez mais e sempre, Martin Luther King "I had a dream". Sem macrocefalias nem subalternidade. Um governo regional autêntico, sem ser filial de Lisboa, reclamando a verdadeira autonomia sem se arvorar em defensor dos interesses dos que sempre exploraram os ilhéus, sombrias e persistentes personagens que perenizam monopólios. Arrivistas com iniciativas pequenas e isoladas. Limitadas como as ilhas e o país.

A autonomia vive-se hoje apenas em círculos muito restritos, e em alguns escritores e em "expatriados" em Portugal e nas Américas. Surgirá - cremos, um dia -, não à mesa do café, mas da escrita, da "elite esclarecida" (à falta de melhor adjetivação) qualquer movimentação nesse sentido. Haveria mesmo elites pensantes açorianas para além das que se emproam em encontros de intelectuais representando a fina-flor dos que têm direito a nome no jornal? Uns pararam no tempo, outros andam em busca dele, que nunca à frente. A população não os segue nem os entende. Nem mesmo os ditos. Apenas ufanos por preencherem as revistas cor-de-rosa? Todos. Incapazes de congregarem mentes, mentem sem insistirem no tema. Temerosos de perderem a caleche em que se pavoneiam na avenida marginal tal como os antepassados de 1890. Nos Açores, compete aos mestres da palavra fácil indoutrinarem e mostrarem o caminho da Atlântida perdida a que se chamou autonomia.

Só então cortarão os cordões umbilicais, alcançando a independência dos que escrevem e partilham a açorianidade. Com a sagesa dos seus conhecimentos sonharão com esse momento de libertação. Assim inventaram a literatura açoriana para que ninguém se esquecesse deles e o mundo os não deixasse para trás na sua voragem.

CRÓNICA 242 AUTONOMIAS, INDEPENDÊNCIAS E PRAGMATISMO (PARTE 4) 2.3.2019

Revisitando CRÓNICA 127, DAS CRISES -2 maio 2013

À minha volta aqui nos Açores tudo continua na sua modorra habitual sem que as pessoas se apercebam sequer da crise, embora a citem no seu quotidiano linguajar, até porque depois há sempre um Santo Cristo a quem rezar, uma romaria anual para fazer, e umas tantas oferendas em nome de isto ou de aquilo. Mesmo assim, os mesmos que vão ao Santo Cristo e compungidos cantam orações nas romarias são aqueles que, ao domingo, ficam à porta das igrejas ou vão para a taberna passar o tempo do santo sacrifício da missa.

Atavismos de séculos que o medo dos tremores e dos vulcões nos últimos quinhentos anos perpetuaram no ADN destas gentes, acostumadas a aceitarem todos os fados como desígnio divino. Nada fazem para mudarem o que podem e aceitam tudo aquilo que não podem mudar, mas ao contrário dos Alcoólicos Anónimos não sabem a diferença. Pelo contrário, continuam a dar seguimento ao bom ditado de Salazar "dar a beber vinho é alimentar um milhão de portugueses" ...e se batem na mulher e filhos não é por causa do álcool, mas por herança genética. Curiosa terra em que nada parece passar-se centrada nas nove ilhas diferentes e separadas como sempre estiveram, separadas por bairrismos ancestrais.

Aqui viveram muitos revolucionários e grande parte da história de Portugal passou por aqui ou aconteceu aqui (embora quase ninguém o saiba), desde a oposição ao reino dos Filipes às guerras liberais e ao 25 de abril tudo se passou aqui, mas hoje com esta pretensa autonomia não vislumbro homens capazes de libertarem Portugal do jugo do triunvirato, que em nome do grande capital, administra Portugal como qualquer outra colónia do dinheiro mundial. Portugal que tem a (injusta) fama de brandos costumes e a prática de muitas aleivosias, alevantes populares, revoltas e revoluções, apaga-se lentamente da lista das civilizações tal como os Maias, Astecas e tantas outras civilizações que um dia dominavam grandes partes do universo habitado e conhecido e eu aqui sem nada poder fazer a não ser cronicar o fim desta morte há muito anunciada.

CRÓNICA 134.3.4. ILHA DAS FLORES EM TURISMO 29 agosto 2013

Apesar das muitas estradas e caminhos municipais razoavelmente asfaltados, para tão pouca gente, pela omnipresente Tecnovia, apesar de algumas construções modernas como o centro Cultural das Lajes (em fase de acabamento), parece faltar massa crítica capaz de promover um maior desenvolvimento económico que liberte esta ilha da estagnação e da sangria que a constante saída dos mais jovens impõe. É imperioso criar condições para que não sejam obrigados a partir, a emigrar para outras ilhas maiores e com maiores oportunidades. É preciso reinventar formas de os fixar aqui sem ser apenas nos meses mais buliçosos de verão e turismo (junho a setembro).

A continuar assim e à medida que a população envelhece sem que os jovens aqui se fixem, arriscamo-nos a assistir ao lento despovoamento e à inviabilidade económica destas ilhas mais pequenas, tanto mais que o governo central (e agora também o Governo Regional) insiste em fechar serviços e valências desde correios a tribunais, finanças e centros de saúde.

Por outro lado, esta ilha e a do Corvo são sempre as sacrificadas quando há avarias de barcos no verão, e no inverno são as dificuldades próprias destes mares que os obrigam a ficarem, por vezes semanas, sem receberem mantimentos e ligações ao exterior. Custa-me imaginar que todos os esforços e abnegação deste esforçado povo ao longo de cinco séculos se venha a perder e se possa caminhar para o fim da civilização florentina açoriana.

É uma pena imaginar que um dia - num futuro não tão distante como parece - estas ilhas sejam como as casas da Aldeia da Cuada, à espera de uns alemães, holandeses, portugueses ou outros que venham cá para as comprarem e tornarem rentáveis. Não tenho poder, nem financiamento, nem outros - nem mesmo ideias - capazes de alterar este rumo, mas as ilhas menores do arquipélago rumam lentamente para a sua eventual extinção. É uma pena que locais paradisíacos como estes que tantos escritores de valor produziram não possam gerar uma espécie humana que os viabilize economicamente sem se tornarem em cidades-casino como Macau ou cidades perfeitas como Singapura e Hong Kong, mas sem alma.

Um novo tipo de feudalismo e de escravatura que visa perpetuar o fosso entre os que "têm" e os que não conseguem a alforria. A massificação da cultura "dita popular" versus a redução abrupta dos orçamentos culturais (das artes em geral, ao teatro, à literatura, etc.) quer perpetuar o mínimo denominador comum de iliteracia. Um povo iletrado não pode ser livre nem preservar a sua autonomia, antes permanece subjugado e submisso a todos os que o espezinham.

Eu aqui, na Ilha das Flores, preocupado com o futuro que ameaça tornar-se uma repetição do passado: os senhores nos seus castelos e os servos da gleba esmifrando as migalhas que lhes atiram das ameias, eternamente gratos, de chapéu na mão a agradecer tanta benesse e caridade. Claro que assim, nem o país, nem as ilhas progredirão, pois, a manutenção do "status quo" preserva a ordem estabelecida, e pessoas como eu nem chegam a ser convidadas para bobos da Corte.

A crítica mordaz da alienação não agrada àqueles que são objeto da sátira e da jocosidade de quem vê o mundo numa moldura maior do que as mentes tacanhas dos que detêm o poder. Até nisto a História se repete e poucos foram os que do olvido e da lei da morte se libertaram, numa paráfrase livre desse épico que foi Camões. Resta-me lavar aqui o meu desacordo e continuar a sonhar com a utopia (por isso, nunca conseguida) de um mundo melhor, mais justo, mais equitativo que é exatamente o oposto daquilo a que vimos assistindo nestas últimas décadas.

Possa eu continuar a contar livremente esses sonhos, essas utopias, sinal de que os senhores do mundo ainda não calaram todas as vozes. Aqui não é o Haiti (como dizia o Caetano Veloso) nem a Coreia do Norte e ainda vou tendo liberdade de pensar e de me exprimir. O meu voto continua sem estar à venda mesmo que o seu valor seja meramente estatístico e não garanta nenhuma representatividade eleitoral. Controlado, vigiado, escutado, analisado e dissecado vou resistir enquanto puder (i.e., enquanto viver) a ser um mero píxel nos ecrãs dos controladores globais que nos programam a seu bel-prazer e não será pelo medo que estragarão os momentos livres e felizes que passei aqui no grupo ocidental dos Açores.

Se não fosse a bandeira azul com estrelas que se vê no aeroporto e o uso do Euro como moeda ninguém pensaria que estamos na Europa e não é pelos dois mil quilômetros que nos separam da terra firme, mas pela diferença de paradigmas de vida, pelo seu ritmo cadenciado, pelas suas ondas e marés e não pelos ditames da burocracia.

A identidade insular é bem distinta da portuguesa e da europeia e para se cumprir falta apenas a vivência de uma autonomia plena que cortasse as amarras ao velho continente. Pertence o arquipélago à Europa por mera e fortuita coincidência geopolítica, mas a alma destas ilhas está equidistante de Américas e Europa. Ainda vou acabar por me naturalizar açoriano!

RELEMBRO A CRÓNICA 148. DE AUTONOMIAS (6 junho 2013)

148.1. AUTONOMIAS NOMINAIS

"para saberes quem te governa descobre quem não podes criticar"

Voltaire

...

hoje acordei sem voz
sem mãos,
sem pés
sem coração.

habito nove ilhas de mil cores
arquipélago de mil autores
num fiasco de autonomia
pobreza sem alegria

na independência poucos confiam
em busca de subvenções porfiam
melhor é ficar mudo e quedo
viver dos subsídios esmoleres
submissos e acomodados
pobres despreocupados
servos enfeudados
ingénuos explorados
na eterna espera de Godot
de um Mandela que não nasceu

assim se explicam os açores
ilhas de mil e uma dores.

Hoje vou continuar a falar de um tema controverso e minoritário, a autonomia, o direito a esta e a autonomia como antecâmara da libertação. Pode parecer fastidioso, mas como a maioria das pessoas desconhece a história e os que se opõem a autnomias também não sabem de que gema é feita esta gente, o melhor é lembrar tudo desde o início. Ao contrário do que possa ter decretado o Presidente da República, Cavaco e Silva, existe um povo açoriano, resiliente e capaz de vencer contra a adversidade como o demonstra há séculos, sobretudo nos EUA e Canadá. É esse povo que pode ajudar a atingir os desígnios da autonomia alargada que a todo o custo, o Governo central de Lisboa tenta evitar com a sua experiência de séculos de colonização. Um povo que não é nação só se realiza na sua plenitude se conhecer e honrar a sua história. Prova-o a resiliência dos aborígenes australianos que sem escrita conseguiram preservar a grande nação através da preservação da sua história por via oral ao longo de 60 mil anos. Dizem os dicionários¹⁶² que

Autonomia é um termo de origem grega cujo significado está relacionado com independência, liberdade ou autossuficiência. O antónimo de autonomia é heteronomia, palavra que indica dependência, submissão ou subordinação. Em Ciência Política, a autonomia de um Governo ou de uma região pressupõe a elaboração de suas próprias leis e regras sem interferência de um Governo central nas tomadas de decisões. Em Filosofia, autonomia é um conceito que determina a liberdade de indivíduo em gerir livremente a sua vida, efetuando racionalmente as suas próprias escolhas. Neste caso, a autonomia indica uma realidade que é dirigida por uma lei própria, que, apesar de ser diferente das outras, não é incompatível com elas. Em Educação, a autonomia do estudante revela capacidade de organizar sozinho os estudos, sem total dependência do professor, administrando eficazmente o seu tempo de dedicação e escolhendo de forma eficiente as fontes de informação disponíveis.

Sem levar em conta o período dos donatários e dos Capitães-Generais, em que a autonomia das populações se exercia num âmbito radicalmente diferente, os Açores gozam já 110 anos de autonomia, embora por vezes bem mitigada e durante muito tempo não abrangendo o ex-Distrito da Horta (ilhas de Faial, Pico, Flores e Corvo).

Essa autonomia assentou nos seguintes diplomas estruturantes:

Decreto de 2 de março de 1895 - (Diário do Governo n.º 50 de 4 de março de 1895) - Estabelece a possibilidade dos distritos açorianos requerem, por maioria de 2/3 dos cidadãos elegíveis para os cargos administrativos, a aplicação de um regime de autonomia administrativa baseada na existência de uma Junta Geral (similar àquelas que tinham existido até 1892). O Decreto, da autoria de João Franco, é aprovado em ditadura, sendo ratificado pelas Cortes pela Carta de Lei de 14 de fevereiro de 1896;

Decreto de 18 de novembro de 1895 - (Diário do Governo n.º 262, de 19 de novembro de 1895) - A requerimento dos cidadãos elegíveis do Distrito de Ponta Delgada concede autonomia administrativa àquele Distrito e fixa a distribuição por concelho dos procuradores à Junta Geral;

Decreto de 6 de outubro de 1898 - (Diário do Governo n.º 226, de 10 de outubro de 1898) - A requerimento dos cidadãos elegíveis do Distrito de Angra do Heroísmo concede autonomia administrativa àquele Distrito e fixa a distribuição por concelho dos procuradores à Junta Geral;

Carta de Lei de 12 de junho de 1901 - (Diário do Governo n.º 131, de 15 de junho de 1901) - Marca a consagração parlamentar do regime autonómico, correspondendo à primeira discussão nas Cortes desta matéria.

Altera o Decreto de 2 de março de 1895, tornando-o extensivo, a requerimento dos cidadãos elegíveis, ao arquipélago da Madeira.

Pouco altera o regime anterior, mas têm claramente um caráter mais centralizador ao fazer depender múltiplas deliberações de aprovação governamental, não lhe fixado prazo para tal (cria um regime de "veto de gaveta");

Decreto de 1 de agosto de 1901 - (Diário do Governo n.º 171, de 3 de agosto de 1901) - Aplica a Carta de Lei de 12 de junho de 1901 ao Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo e fixa o vencimento de alguns dos seus funcionários;

Decreto de 19 de outubro de 1901 - (Diário do Governo n.º 239, de 23 de outubro de 1901) - Aplica a Carta de Lei de 12 de junho de 1901 ao Distrito Autónomo de Ponta Delgada e fixa o vencimento de alguns dos seus funcionários;

Lei n.º 88, de 7 de agosto de 1913 - (Diário do Governo n.º 183, de 7 de agosto de 1913) - Esta lei é a primeira referente à autonomia feita na vigência da Constituição da República de 1911.

Não introduz alterações de monta limitando-se, no seu Título VI (artigo 87.º), a manter no essencial o regime do Decreto de 2 de março de 1895 com as alterações introduzidas pela Carta de Lei de 12 de junho de 1901.

Os republicanos açorianos, que durante a fase final da monarquia constitucional defendiam uma solução federal (e nalguns casos a independência), não conseguiram fazer vingar os seus pontos de vista;

Lei n.º 621, de 23 de junho de 1916 - Mantém para as ilhas o regime da Lei n.º 88, de 7 de agosto de 1913;

Lei n.º 1453, de 26 de julho de 1923 - Mantém para as ilhas o regime da Lei n.º 88, de 7 de agosto de 1913;

Decreto n.º 14 402, de 7 de outubro de 1927 - Cria o Delegado Especial do Governo da República nos Açores.

Este posto é um antecessor direto do lugar de Ministro da República (a partir de 2006, Representante da República).

162 <http://www.significados.com.br/autonomia/>

Ocupado pelo coronel faialense Feliciano António da Silva Leal, deu azo a alguma esperança no aprofundamento da autonomia e levou à produção da proposta de lei, nunca sequer discutida no Parlamento, de criar a Província Autónoma dos Açores (mais uma tentativa frustrada de acabar com a divisão distrital).

O cargo e os serviços da Delegacia foram extintos pelo Dec. n.º 17 830 de 7 de janeiro de 1930;

Decreto n.º 15 035, de 16 de fevereiro de 1928 - (Diário do Governo n.º 39, de 16 de fevereiro de 1928, republicado no Diário do Governo n.º 48) - Decreto do Governo da ditadura nacional saída da revolução de 28 de maio de 1926, consagrando parte das reivindicações apresentadas ao Delegado do Governo da República.

É generoso nos princípios e objetivos, fruto, como sempre na história da autonomia açoriana, do momento de alguma fraqueza do Estado Português que então se vivia.

Revoga o Decreto de 2 de março de 1895;

Decreto n.º 15 805, de 31 de julho de 1928 - (Diário do Governo n.º 174, de 31 de julho de 1928) - Marca um profundo retrocesso face ao Decreto n.º 15 305, de 16 de fevereiro de 1928 (tão efêmero que vigorou só 5 meses), eliminando as veleidades autonomistas entretanto alimentadas.

É o primeiro diploma sobre autonomia contendo a assinatura de António de Oliveira Salazar, sendo já bem patente a sua marca na vertente financeira;

Lei n.º 1 967, de 30 de abril de 1938 - (Diário do Governo, 1.ª série, n.º 99, de 30 de abril de 1938) - Depois de uma discussão alargada, envolvendo as Juntas Gerais e a Câmara Corporativa, foi aprovada pela Assembleia Nacional a Lei de Bases da Administração do Território das Ilhas Adjacentes, dando execução ao disposto no artigo 124.º, §2.º, da Constituição de 1933, que dizia a divisão do território das ilhas adjacentes e a respetiva organização administrativa serão reguladas por lei especial;

Decreto-Lei n.º 30 214, de 22 de dezembro de 1939 - Aprova o Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes desenvolvendo a Lei de Bases da Administração do Território das Ilhas Adjacentes, aprovada pela Lei n.º 1 967, de 30 de abril de 1938.

Foi elaborado por Marcello Caetano que para tal visitou demoradamente as ilhas e reuniu com as forças vivas locais. Estende pela primeira vez o regime autónómico ao Distrito da Horta.

Revoga o Decreto n.º 15 035, de 16 de fevereiro de 1928, e o Decreto n.º 15 805, de 31 de julho de 1928. Foi influente na elaboração deste diploma, o 1.º Congresso Açoriano, que reuniu em Lisboa, de 8 a 15 de maio de 1938, a nata da intelectualidade açoriana da época;

Decreto-Lei n.º 31 095, de 31 de dezembro de 1940, que aprova o Código Administrativo de 1940, inclui em anexo um Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes.

Este diploma revoga o enquadramento jurídico anterior, consolidando o modelo administrativo que vigoraria durante todo o período do Estado Novo, incluindo, sem prejuízo das alterações operadas pelo Decreto-Lei n.º 36 453, de 4 de agosto de 1947, o modelo específico dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes;

Decreto-Lei n.º 36 453, de 4 de agosto de 1947 - (Diário do Governo n.º 178, de 4 de agosto de 1947) — Altera alguns artigos do Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes e faz a sua republicação integral. Vigorou até à criação da Junta Regional dos Açores em 1975;

Decreto-Lei n.º 48 905, de 11 de março de 1969 - Cria, para efeitos de planeamento regional, a Região dos Açores, dotada de uma Comissão Consultiva de Planeamento com sede em Angra do Heroísmo, a primeira consagração após o fim da Capitania Geral dos Açores de uma estrutura supradistrital.

Criou o conceito de Região que está na origem da atual Região Autónoma;

Decreto-Lei n.º 458-B/75, de 22 de agosto - Cria a Junta Administrativa e de Desenvolvimento Regional (a Junta Regional dos Açores), na sequência do levantamento popular de 6 de junho de 1975 em Ponta Delgada. Derroga o Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes e extingue os distritos, criando um órgão administrativo único para os Açores;

Decreto-Lei n.º 100/76, de 3 de fevereiro - Altera o Decreto-Lei n.º 458-B/75, de 22 de agosto, consolidando a Junta Regional enquanto órgão administrativo dos Açores. Extingue a Comissão de Planeamento Regional criada pelo Dec.º-Lei n.º 48 905, de 11 de março de 1969;

Decreto-Lei n.º 318-B/76, de 30 de abril - Aprova o Estatuto Provisório da Região Autónoma dos Açores na sequência da aprovação da Constituição da República Portuguesa de 1976, ocorrida a 2 de abril de 1976, para entrar em vigor no dia 25 de abril seguinte.

Criou a atual Região Autónoma dos Açores na sequência do fixado na Constituição;

Decreto-Lei n.º 427-D/76, de 1 de junho - Altera o Estatuto Provisório da Região Autónoma dos Açores;

Lei n.º 39/80, de 5 de agosto — Aprova o Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores na sequência de proposta apresentada pela Assembleia Regional dos Açores.

É o primeiro diploma de natureza paraconstitucional a reger a autonomia açoriana e o primeiro a ser democraticamente proposto pelo órgão representativo de todo o povo açoriano;

Lei n.º 9/87, de 26 de março — Aprova a primeira revisão do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores;

Lei n.º 61/98, de 27 de agosto — Aprova a segunda revisão do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores;

Lei n.º 2/2009, de 12 de janeiro — Terceira revisão do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores (atualmente em vigor).

148.2.6. EVOLUÇÃO

Em resultado da Lei Constitucional n.º 1/2004, de 24 de julho, que consolidou e alargou substancialmente a capacidade legislativa do Parlamento açoriano, foi concluído o processo de revisão do EPARAA, o qual consolidou o aprofundamento da autonomia política e legislativa, ficando aberto o caminho para a criação de direito regional (i.e. legislação açoriana especificamente concebida para a realidade insular) em praticamente todas as áreas que não correspondem ao núcleo das competências reservadas dos órgãos de soberania, podendo mesmo neste, mediante autorização legislativa a conceder pela Assembleia da República, ser produzido direito próprio.

A livre administração dos Açores pelos açorianos, a divisa dos autonomistas do século XIX, parecia finalmente aproximar-se da realidade política açoriana. Se assim parecia no papel, os anos subseqüentes vieram provar diametralmente o oposto, com o Governo central cada vez mais coercivo, coartando todas as veleidades legisladoras da Assembleia Regional e do Governo. Não admira, pois, que na última década, se levantem de novo vozes independentistas (a FLA e suas várias manifestações cívicas como a ACA) a reclamar a entrega aos açorianos das suas riquezas que continuam a ser exportadas e exploradas pelo Governo centralista em Lisboa.

Se tiverem capacidade de motivar e captar as gerações mais novas o futuro pode ser diferente daquilo que é hoje. Pode demorar anos, décadas, mas tenho a certeza de que se trata apenas de uma questão de tempo. O poder local limita-se a ser porta-voz dos interesses partidários instalados em Lisboa, a ausência – por força da lei – de partidos locais, e o desencanto com a alternância PS e PSD-CDS, podem trazer surpresas futuras. É preciso que se saiba como estão a ser espoliados os açorianos das suas riquezas e se acabe de vez com a lamechice de dizer que Portugal faz o sacrifício de solidariedade de suportar os Açores, quando os gráficos da atividade económica global do arquipélago provam o contrário. Depois, haverá que investir na educação para a criação de uma massa crítica capaz de suportar os desafios de uma verdadeira autonomia.

CRÓNICA 244 AUTONOMIAS, INDEPENDÊNCIAS E PRAGMATISMO (PARTE 6) 2.3.2019

uma verdadeira autonomia tem de ser consubstanciada na libertação do povo e esta será sempre a via da independência.

Recordo a CRÓNICA 186 AÇORES E INDEPENDÊNCIA 22 outº 2017

Imaginemos por um instante que os membros e simpatizantes da FLA - ACA eram um movimento generalizado, de largas camadas da sociedade açoriana, abarcando gente de todas as idades, em todas as ilhas, como em tempos idos da História recente já o foram.

Imaginemos que se fartaram da exploração colonial que os poderes de Lisboa e seus representantes na colónia há séculos exercem sobre os locais.

Imaginemos que o atual modelo de autonomia controlada, centralizada em Lisboa, constantemente torpedeada, ultrapassada e ignorada pelos "superiores interesses da Nação" estava – de facto – esgotado.

Imaginemos que tínhamos uma população culta e letrada, em vez da pequena elite dominante agarrada a pequenas mordomias como é hoje o caso, com a vasta maioria da população mais interessada em manter privilégios de subsídios, em vez de trabalho, vítima da conspiração consumista que a manietta.

Imaginemos que a deriva europeia e a rápida islamização do continente europeu estavam mais adiantadas e que a solidariedade para com o arquipélago se mantinha ao nível da esmola, enquanto o povo português (também ele ignorante e iletrado, mesmo que tenham canudos e se chamem doutores) continuava a pensar que devíamos largar os Açores e os açorianos que são uns chulos que só sugam as riquezas de Portugal.

Imaginado este cenário se tivéssemos um líder – mais ou menos populista – capaz de catapultar a turbamulta (a malta como o outro lhe chamava) e fazia um referendo, vocês acreditam por um só instante que não éramos calados pela força bruta da repressão militar? Imaginado isto, voltemos à realidade.

Temos uma população apática e abúlica, uns tantos saudosistas e outros mais novos, sonhadores, mas a menos que haja uma revolução de mentes cataclísmica, seremos uma pequena elite libertária, sem representação nem força popular, uma franja da sociedade que nem chega a ser incómoda para o poder instituído. O povo açoriano não reúne as condições de se emancipar enquanto continuar pobre, iletrado, subsidiado, conformado, desapegado de uma consciência cívica (a consciência nacional açoriana), a quem o fogacho independentista de alguns intelectuais, escritores e outros, pouco e nada diz.

Infelizmente é isto que temos e não mudará nos meus dias, embora se a Terra ainda existir, eu acredite piamente que, um dia, em futuro afastado e longínquo, nos sublevaremos e libertaremos do jugo colonial de Lisboa (quando o Belenenses tornar a ser campeão de futebol, por exemplo).

Até lá continuemos a fazer o que não temos feito, educar as pessoas, alertá-las para esta escravatura silenciosa que as amolece e adormece, repetindo ciclos ancestrais de feudalismo encapotado, anestesiada pelas riquezas que o turismo vai trazendo sem se lembrar que basta a Ryanair ir à falência e o turismo morre....

Recordo agora CRÓNICA 195 10 DE JUNHO NA COLÓNIA AÇORIANA 9.6.18

Um país de desigualdades, injustiça e corrupção descontrolada que rouba dez anos de serviço aos professores e diz não ter dinheiro para lhes pagar, desperdiça milhões em fogos-fátuos de antigo Império à deriva como escreveu Patrick Wilken. Claro que para a maioria dos portugueses e dos açorianos quaisquer noções de uma total autonomia (leia-se independência) é anátema, mais fruto da ignorância das situações do que por meras razões políticas. Sempre se cumpriu a profecia – sabiamente preparada - de que quanto mais dependentes de subsídios melhor acarneirados estariam os açorianos. De todos os habitantes são eles os mais subsidiados, totalmente dependentes de subsídios que servem para perpetuar o voto nos que os governam, qualquer que seja o partido ou a cor política. Para os portugueses nem sequer se põe a hipótese de abdicar das "ilhas adjacentes", muito menos agora que estão prestes a acrescentar milhares de km² à plataforma portuguesa marítima com todas as riquezas que a profundidade destes mares encerra.

Nesta data a Fundação Francisco Manuel dos Santos, através do seu Projeto "Pordata" fez um estudo intitulado "Retrato dos Açores", no qual deu a conhecer dados preocupantes sobre a nossa realidade insular. No que diz respeito, por exemplo, à Educação, ficamos a conhecer que a taxa de abandono escolar dos jovens com idade fixada entre os 18 e os 24 anos é mais do dobro da média nacional. Em relação aos jovens com mais de 15 anos, verificamos que 7 jovens em cada 10 não completa o ensino secundário, valores muito piores do que em qualquer outra região de Portugal. O ensino que temos atualmente é o fruto de muitas "experiências" anuais infelizes, desde os alunos transitarem sem sequer saberem ler a outras, e agora os resultados estão à vista. Acrescente-se o facto de muitos pais não terem instrução (a velha 3ª classe era a norma e agora será o 6º ano das "Novas Oportunidades") nem interesse em acompanhar os filhos, o resultado será sempre o de insucesso escolar e total fracasso das políticas educativas, por melhores professores que possa haver (também os há, mesmo que sejam uma minoria). Infelizmente, trabalhamos para a estatística. Os bons alunos sempre os serão, mas os restantes são a maioria.

Este o país em que vivemos, onde há um mês se discutem os problemas do futebol e de um clube autofágico rumo à fossa de Mindanau, e raramente se discutem os verdadeiros problemas do país: educação, saúde e justiça. Sempre longe da corte hoje os açorianos vão ter as imagens televisivas em que serão retratados e irão usar e abusar do seu voyeurismo, já totalmente acostumados a novos paradigmas de vida em que deixaram de ser escravos pela via física para o serem pela via da mente. Quando hoje um colega e amigo, professor continental, que até cá esteve uns anos a lecionar em mais do que numa ilha, me diz que somos todos portugueses de regiões diferentes, tive uma visão passadista que me fez lembrar um país uno e indivisível do Minho a Timor! E deu-me um arrepião pois esse é o argumento mais comum dos continentais quando confrontados com a minha sede de uma verdadeira autonomia açoriana (aqui não falei de independência, mas de verdadeira autonomia, em federação ou outra espécie de união entre iguais e não pactos leoninos).

A minha guerra não é esta, mas a da defesa e expansão da língua portuguesa e apenas me manifesto como cidadão residente do arquipélago. E é por tudo isto que este 10 de junho me diz ainda menos do que noutros anos em que se chamava "dia da raça". Não irei ao beija-mão, nem verei as belezas que os açorianos vão mostrar ao corpo diplomático estrangeiro acreditado na capital do Império, continuarei a amar os Açores e a sonhar com o dia em que serão autônomos e pares inter pares com a "metrópole", o continente", donos do seu destino e quicá orgulhosos da sua herança ou origem portuguesa. Claro que sei, e nisso concordam alguns nativos, que há provincianismo e falta massa crítica e intelectual, e muitos temem a verdadeira autonomia e mais ainda a independência.

Um Governo Regional autêntico, sem ser filial de Lisboa, reclamando a verdadeira autonomia sem se arvorar em defensor dos interesses dos que sempre exploraram os ilhéus, sombrios e persistentes personagens que perenizam monopólios. Arrivistas com iniciativas pequenas e isoladas. Limitadas como as ilhas e o país. A autonomia vive-se em círculos muito restritos, e em escritores e "expatriados" em Portugal e nas Américas. Surgirá - cremos, um dia -, não à mesa do café, mas da escrita, da "elite esclarecida" (à falta de melhor adjetivação) qualquer movimentação nesse sentido. Haverá elites pensantes açorianas para além das que se emproam em encontros de intelectuais representando a fina-flor dos que têm direito a nome no jornal? Uns pararam no tempo, outros andam em busca dele, que nunca à frente. A população não os segue nem os entende. Nem mesmo os ditos. Apenas ufanos por preencherem as revistas cor-de-rosa? Todos. Incapazes de congregarem mentes, mentem sem insistirem no tema. Temerosos de perderem a caleche em que se pavoneiam na avenida marginal tal como os antepassados de 1890.

Agora, compete aos mestres da palavra fácil indoutinarem e mostrarem o caminho da Atlântida perdida a que chamam autonomia. Só então cortarão os cordões umbilicais, alcançando a independência dos que escrevem e partilham a açorianidade. Com a sagesa dos seus conhecimentos sonharão o momento de libertação tal como inventaram a literatura açoriana para que ninguém se esquecesse deles e o mundo não os deixasse para trás na sua voragem.

CRÓNICA 245. EU NÃO QUERO SER MULHER, NEM JUDEU, NEM CIGANO, NEM PRETO, NEM NADA 9.3.19

Eu não quero ser mulher, nem judeu, nem cigano, nem preto, nem nada. Por mais que me ofereçam no calendário dia anual em honra destes e doutros, minorias ou não, todos têm um dia a eles dedicado, mas nos restantes 364 são esquecidos, estropiados, discriminados, maltratados.

Eu não quero ser mulher, nem judeu, nem cigano, nem preto, nem nada, enquanto houver juizes e leis que não me protegem, enquanto esta sociedade de pais, filhos, maridos, mulheres tiver a violência como solução

Eu não quero ser mulher, nem judeu, nem cigano, nem preto, nem nada, e estou consciente de que podia ser pior, se fosse do Iémen, Iraque, Irão, Síria, República Centro-Africana, Sudão (do norte ou do sul), Ucrânia, Afeganistão, Coreia do Norte, Mianmar (Birmânia), Palestina, Saara Ocidental, Índia, Paquistão, Líbia, Crimeia, Somália, Nigéria, e tantos mais. Desde que o homem é homem, o mundo nunca esteve livre de guerras ou conflitos – nem por um segundo. Disputa por território, diferenças étnicas, religiosas, económicas e culturais estão invariavelmente entre as causas. Para não citar os habituais jogos de interesses das grandes (ou pequenas potências) e seu círculo de influências. Para não citar os mercadores de armas, o petróleo, ouro ou outras riquezas que tais países possam possuir.

No século XX assistimos duas guerras mundiais, uma Guerra Fria, e centenas de pequenas guerras localizadas um pouco por todo o mundo dos europeus Balcãs, à Ásia, Américas, Oceânia, passando pela sempre presente África. Depois entramos na era do terrorismo, a nova era da insegurança à margem da qual as liberdades individuais se diluam e desapareceram em prol da luta contra o terror. Novas guerras civis, novos conflitos de grupos dissidentes e terroristas,

jiihadistas, Al Qaeda, Boko Haram, muitos criados pelos EUA e NATO para lutarem contra os seus inimigos e que hoje se independentizaram, como Saddam, Bin Laden, e tantos outros cujo fim será a morte como aconteceu com Ghaddaffi. E o preço a pagar para os milhões que não morrem é a fuga, tentando sair como refugiados dessas guerras (eram mais de 66 milhões em 2017), mas fugir para onde se ninguém os quer, muito menos os que causaram as guerras nos locais donde eles fogem. O comércio ilegal de armas, o tráfico de seres humanos, de drogas entretanto floresce á custa destes desgraçados escoraçados de onde quer que se dirijam.

Eu não quero ser mulher, nem judeu, nem cigano, nem preto, nem nada, mas estou grato por poder viver onde vivo, sair à rua sem ser morto ou assaltado como se estivesse no Rio de Janeiro onde já estive e sobrevivi. Posso ir ao café da esquina ou ao restaurante sem ser abatido por um cartel de droga como na Cidade do México, andar livremente sem ser espiado como na China a todos os meus movimentos e sujeito ao reconhecimento facial, sim, lá onde todas as minhas ações me podem impedir de sair livremente do país. Posso guiar livremente sem medo ser abalroado por condutores loucos e bêbedos como na Rússia (os alcoólicos aqui são menos loucos). Aparte a pedofilia rampante as crianças aqui podem brincar livremente sem serem raptadas para extração de órgãos ou para exploração em lupanares.

Eu não quero ser mulher, nem judeu, nem cigano, nem preto, nem nada, nem quero um dia em minha honra nem em meu nome, quero apenas viver o que me resta com saúde, paz, sossego, carinho e amor. Sei que é pedir muito mais do que um terço da população mundial alguma vez terá...



CRÓNICA 246, SEM ENGANOS 1 ABRIL 2019

Escrevo no dia em que dantes se celebravam as petas, e que hoje perdeu toda a razão de ser, dado as "fake news" ocuparem as notícias todos os dias do ano dimanadas dos governos e da comunicação social. Quando evoco a adolescência e juventude, eram tempos bem mais singelos, conquanto eu não gostasse de os reviver no mesmo ambiente censório de mordança em que se vivia. Salvaguardada esta nota, passamos de uma república monárquica ditatorial para uma democracia monárquica ditatorial sem que as pessoas se tenham realmente apercebido dos aspetos dinásticos que caracterizam estes 45 anos de 25 de abril.

Nesses idos uma peta bem contada raramente se tornava verdade, mas hoje as petas do dia a dia são as verdades indissolutas com que nos presenteiam os nossos governantes, senhores e donos dos nossos quotidianos ora submetidos não lei dos servos da gleba mas sim dos servos da banca, submetidos ao adágio dos 40 (40 anos de trabalho, 40 anos de descontos e 40% de vencimentos na reforma).

Hoje todos acreditam nas petas, mesmo sem ser 1º de abril e raramente alguém questiona a verdade dado que esta perdeu o seu valor. Um dos exemplos que vem à mente é o do casal com mais de 50 anos de diferença que propôs, há dias, a uma cadeia de televisão fazer amor em público, em direto e ao vivo, para provar que a relação deles com um tamanho diferencial de idades se rege pelo amor mais puro e duradouro que imaginar se possa.

Depois há a montagem das armas químicas do Saddam (que nunca existiram, e aqui lembro para os mais distraídos) e tudo que se sucedeu desde então numa voragem de petas universais, em nome das quais se fizeram guerras, se mataram milhares, se causaram milhões de refugiados, se destruíram países e se importou o seu petróleo, esse vampiresco adereços da sociedade ocidental.

Líderes apeados, outros por apeaar, governos fantoche e fantoches no governo, a ignorância subiu ao poder, diria Brecht se fosse vivo, ao ouvir que um terço dos americanos já acredita que a terra é plana... os farsantes e falsários de religiões, seitas e demais congregações enriquecem à custa dessas hordas de ignorantes capazes de se atirarem do precipício abaixo como se seguissem o flautista (Pied Piper) de Hamelin enleados na melopeia de inverdades.

E uma pequena elite grisalha de pessoas que ainda (têm e) usam cérebro e pugnam pela cultura, educação, capacidade de discernimento, de discussão, de questionar as premissas e tirar conclusões vemo-nos, cada vez mais, confinados ao nicho de votos em branco ou nulos, esmagados pela força opressora das maiorias carneirentas, sem capacidade nem peso para aumentar a massa crítica dos concidadãos que seguem fingindo ser livres sob o cajado opressor da sociedade que os manipula.

(Quando decidimos ser ignorantes, alguém decidirá em nosso lugar e tornamo-nos manipuláveis. O escritor Baltasar Gracian disse que a ignorância é uma zona de conforto em que nos sentimos muito à vontade. Ou talvez nem nos sintamos tão confortáveis, mas o medo do que está fora, tudo o que desafia as nossas crenças, é tão forte que nos mantém paralisados naquela zona de conforto. Assim escolhemos a ignorância.)

Exemplo disso é o anúncio do livre acesso a universidades sem exames de admissão aos alunos dos cursos profissionais, o fim da exigência de exames, e o facilitismo generalizado que agora nasce logo na primeira classe (1º ano na nova terminologia) e onde é anátema "chumbar" as criancinhas para não as traumatizar... ainda bem que assim, pois os que podem e são donos disto tudo, assim poderão enviar os seus rebentos para escolas elitistas e privadas onde aprenderão a dominar os restantes confinados a uma escola pública sem rei nem roque. Por essas e outras ainda não há muitos dias ao alertar uma professora para um clamoroso erro de português num enorme cartaz, ela encolheu os ombros e disse "deixe

lá, já está e ninguém vai notar!" o governo entretanto vai perder nos próximos 5 a 10 anos, cerca de 50% dos professores mais antigos e qualificados e aposto que vamos assistir, como em tempos idos, à admissão de engenheiros, arquitetos, e outros para darem aulas sem qualificações nem habilitações pedagógicas.

Dantes colocava-se um retângulo com equações e pediam-se cálculos, hoje talvez só se peça, humildemente, para não traumatizar o pupilo, que ele consiga colorir esse retângulo dentro das linhas...

CRÓNICA 247 DO MUNDO PERDIDO 6.4.19

Por vezes duvido da minha sanidade, e aleatoriamente vou encontrando em jornais, redes sociais e outros meios de lavagem ao cérebro notícias estapafúrdias.

Uma mulher de Vila Verde de Ficalho, Serpa, quer casar com o seu porco de estimação (nada de novo, considerando que Holanda há uns meses uma mulher casou com o seu cão).

Na semana passada era a vez de um casal de um país da antiga Jugoslávia, com 53 anos de diferença, que queria fazer sexo na TV (reality show) para provar o amor. O Casal planeia ter filhos e casar.

Isto faz lembrar as novidades sobre a vida amorosa dos famosos que diariamente as revistas da especialidade apimentam para se venderem.

Enquanto isso, uma jornalista na Austrália para comemorar e ultrapassar o divórcio resolver fazer amor todas as noites com homens diferentes muito mais novos e gostou da experiência. Mais tarde outro jornal esclarecia que ela sofria de uma doença sexológica.

Em França o jovem Mácron tem menos 25 anos do que a sua companheira e ninguém se importa.

Mas nem só de sexo se enchem as páginas libidinosas do quotidiano que nos impingem. Nas últimas semanas começou uma grande competição entre os principais partidos no poder há 40 anos + a ver quem metera mais familiares no governo e seus apêndices. Trata-se de uma batalha renhida entre as 15 mulheres do cavaco e os 56 parentes da geringonça. Ainda ninguém deu emprego à sogra, o que me leva a cogitar se as sogras não servem para governar? Mas a França de Mácron tem a "Lei da moralização da vida política" que está em vigor desde 2017 e proíbe as contratações familiares, punidas com penas de prisão e severas multas..

Mais mediática era a cena da Madonna que queria andar de cavalo num palácio lá para os lados de Lisboa e os ingratos dos portugueses não a deixaram.

Muito mais violenta foi a reação de uma passageira a bordo de um voo TA quando lhe disseram que não havia Pepsi. Desconhece-se qual a droga que tomara para fazer a cena que fez, mas o avião aterrou sem problemas. Já em Inglaterra andam no faz que não faz quanto ao Brexit e nunca mais se decidem se saem ficando ou se ficam saindo. Parece mesmo um episódio mal interpretado da série "Yes Minister" ... e nem os Monthly Python teriam imaginado melhor a cena.

No meio disto começa a ser quase impossível distinguir as "Fake News" das outras... e continuo a tentar escrever uma crónica sem falar de política pois virão aí eleições em que todos os partidos sairão vencedores e nenhum será vencido, como sempre acontece nestas coisas, que as estatísticas são uma ferramenta altamente maleável. Como todos sabem e é *vox populi*, o poder só sobre à cabeça quando encontra uma zona vazia e desocupada...

Quando há dias surgiu a cabeça decepada de uma mulher na praia de Leça da Palmeira pensou-se que seria mais uma vítima de violência doméstica (à data são já 14 mortas este ano) mas não era. Hoje abril 6 o país cobriu-se de neve com as estradas na serra da Estrela cortadas como se estivéssemos no natal ou em fevereiro. Deve ser das alterações climáticas, as quais segundo um alto (ir)responsável do governo de Timor-Leste, são as causadoras dos aluimentos e destruição de estradas e autoestradas acabadas de inaugurar. No tempo dos portugueses, a culpa era da formiga branca...mudam-se os tempos, mudam-se os culpados.

Entretanto devastado pelo ciclone, Moçambique admitiu que havia fugas nas ajudas financeiras enviadas para o país. Apenas três pessoas foram detidas em Sofala por desvios de donativos. Poucos, porém, recordaram que a zona mais afetada na Beira, há dezenas de anos que sofre do problema cíclico de cheias que afeta as zonas mais baixas e onde vivem os mais pobres, sem que nada fosse feito no tempo da administração portuguesa, e nada foi feito após a independência. Tudo isto agravado pela intensa desflorestação levada a cabo pela China em Moçambique nos últimos anos.

Já não bastava a bronca dos donativos para as vítimas dos incêndios de Pedrógão, agora o mesmo em Moçambique, por isso deixei – há muito de contribuir para esses peditórios.

Entretanto filhos maltratam pais, maltratam filhos, maltratam mulheres e maridos, alunos maltratam professores, enchendo camas de hospitais necessárias para verdadeiras doenças...e os juizes condescendentes com a violência doméstica recebem novo aumento salarial (esses e os outros todos).

Sem falar de política, repudio veementemente a construção maciça de hotéis e a criação (parecem coelhos) de AL, em especial na ilha de São Miguel nos Açores. Para além do anunciado aborto que querem fazer crescer nas ruínas das galerias abandonadas na Calheta Pero de Teive, houve mais um anúncio de um hotel numa das poucas praias de extenso areal da costa sul com mais de 550 quartos: é uma aberração estética, para além de ser desnecessário, é exagerado, irá desvirtuar a paisagem que é o que mais vende a imagem Açores, irá criar problemas de todas a ordem paisagística, urbanística, ecológica, etc., e destina-se a morrer como o Monte Palace (que em futuro próximo irá ressurgir após quase

três dezenas de anos abandonado.). alertei há mais de dez anos aquando da construção das Portas do Mar em ponta Delgada para a funchalização da ilha, e nessa altura ainda não tinham chegado as companhias de aviação de baixo custo. Os Açores não são a Madeira nem querem estragar o arquipélago com turismo assim, a troco de uns cobres. Digam não, enquanto é tempo e parem a competição entre as três cidades da ilha a ver quem constrói mais hotéis. Quando vierem as vacas magras quem vai encher os hotéis?

CRÓNICA 248. ABRIL TEM DE SER TODOS OS DIAS, 2019

25 de abril 1974 em Díli, Timor Português 163-

... Embora Timor não dispusesse de telex, desde o ano anterior dispunha já de contactos radiotelefónicos com o mundo exterior. Assim, quando a Revolução dos Cravos aconteceu em 25 de abril houve quem recebesse a notícia via telefone. Depois disso, era só uma questão de perder algum tempo agarrado aos rádios de ondas curtas ...

Era hora de jantar e era Oficial (Ajudante) de Dia no Quartel-general. O idoso Oficial de Dia já estava há muito a olhar para o seu umbigo, depois da sua rodada habitual. Tony Belo, o operador da Telecom local, a Rádio Marconi, ligou a dizer que eu ia ter uma chamada telefónica uma hora depois. Chamei o condutor de serviço ligar o Jeep e passados quinze minutos estava em Díli, ansiosamente esperando 'a chamada'. Pressinto tratar-se de algo muito importante, pois já havia anteriormente acordado com a família que só haveria telefonemas em caso de emergência. Já se sabia que toda a correspondência era sujeita a censura prévia e todas as chamadas eram gravadas pela PIDE e PIM.

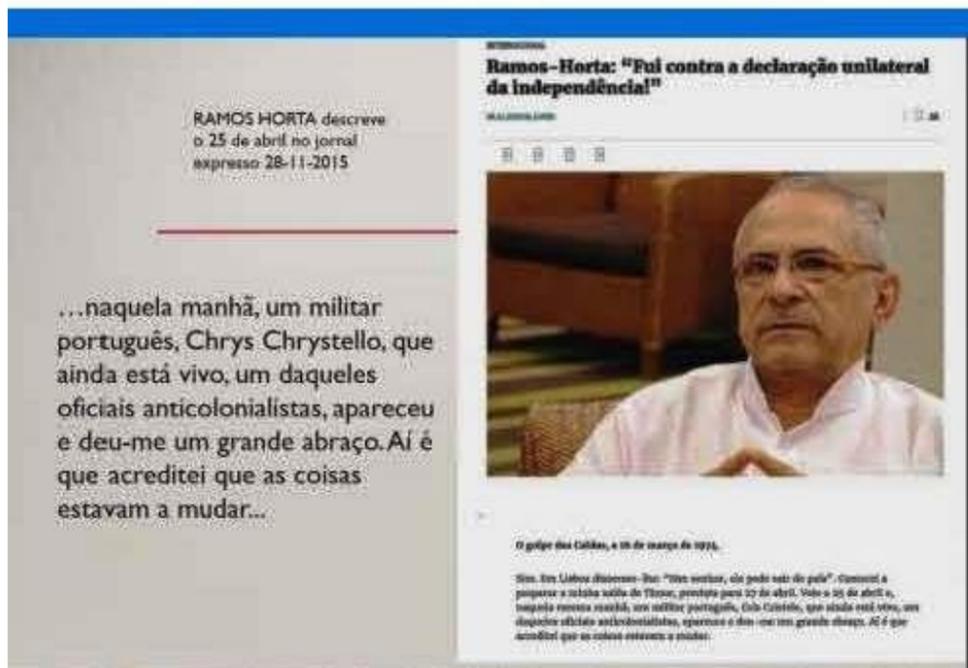
Sem perder tempo, pedi ao condutor para passar por casa, onde comuniquei aos colegas de habitação (o cirurgião Carlos Prata Dias e o agrónomo António Proença de Oliveira da Repartição dos Serviços de Agricultura) o que ouvira. Pedi-lhes o máximo sigilo, liguei a rádio de 'ondas curtas' e regresssei ao Q.G. onde anotei no relatório que nada havia a assinalar da 'ronda' pela cidade. Durante o resto da noite, escutei avidamente os noticiários da BBC, Rádio Austrália e toda uma série de emissoras (até ouvi a Rádio Paquistão, pela primeira vez).

Na manhã seguinte, o camarada Freitas, que me ia render pergunta se havia novidades de Portugal. Sem confiar em ninguém, respondi-lhe: "Nada, que esperavas?" Os dias que se seguem são caóticos, com toda a espécie de rumores a circular e um generalizado sentimento de incredulidade pelos acontecimentos. Quando as novas de que o Governador tinha mandado apreender a gravação e a versão impressa do seu discurso, a maior parte das pessoas convenceu-se de que a 'Revolução dos Cravos' não era já fruto da imaginação. Os dias passam, e o oportunismo camaleónico é avassalador: do dia para a noite todos são revolucionários....

O golpe das Caldas, a 16 de março de 1974.

Sim. Em Lisboa disseram-lhe: "Sim senhor, ele pode sair do país". Comecei a preparar a minha saída de Timor, prevista para 27 de abril. Veio o 25 de abril e, naquela mesma manhã, um militar português, Cris Cristelo, que ainda está vivo, um daqueles oficiais anticolonialistas, apareceu e deu-me um grande abraço. Aí é que acreditei que as coisas estavam a mudar.

...



RAMOS-HORTA RECORDA ASSIM O 25 DE ABRIL EM TIMOR 164

O resto são apenas avisos que ocasionalmente lanço em poemas que não quero silenciados.

577. aviso à navegação, 25 abril 2013

aos saudosistas, salazarentos
e outros democratas
de geração instantânea
nascidos após o 25/4/74

25 de abril é uma data que respeito,
devolveu-me a liberdade de expressão
que não tinha ao nascer
nem no primeiro quartel de vida.

sou sonhador, poeta e utópico...
e só porque homens e mulheres
traíram e abusaram esse ideal
não vou deixar de acreditar nele...
na minha mente e nos meus atos
será abril sempre

163 In Timor-Leste o dossiê secreto 1973-1975, J. Chrys Chrystello, Ed. Contemporânea, Porto, 1999

164 In Expresso 28.11.2015

nenhum de nós é livre
enquanto ao teu lado

houver fome
miséria
desemprego

hoje são os outros
amanhã serás tu
passaram 40 anos
nenhum de nós é livre
enquanto abril não se cumprir

704. 25 abril sempre, até quando, lomba da maia, 25.4.18

hoje não erguerei o meu cravo vermelho
pelo abril que imaginei
não há medicina para estas maleitas
há 44 anos que acredito
sem arrependimentos
hoje incrível interrogo
quem matou os sonhos antigos

para mim será abril sempre
na mente e nos desejos
da liberdade, igualdade, fraternidade
falta nascer o homem novo
a sociedade nova
o mundo remojado
que dê vida a este desiderato

espero o renascer das utopias
neste outono de vida
um 25 de abril sempre
mas com poesia

574. soletras autonomia, 14 abr 2013

ilhas de névoas e gaze
de novelões e conteiras
do verde e do azul
ó gente de basalto
quem canta a tua gesta?

terras de maroiços
cais de rola-pipas
mar imenso abraçado
lacerado por vulcões
ilhas de bardos e músicos

republicanos presidentes
poetas, pintores e artistas
anteros, nemésios e natálias

quem te liberta das grilhetas

do passado feudal
da escravatura da fé
do atavismo ancestral?

soletras autonomia
gaguejas liberdade
titubeias emancipação
com laivos de insubmissão
como a irmã galiza
cicias um 25 de abril
que tarda em chegar

573. fados e sambas, 5 abr 2013

ser ilhéu é um fado triste
entoado como um samba alegre
cantigas ao desafio
cantorias desgarradas

os corpos e as palavras
pintam realidades inesperadas
todos ficam todos partem
em dia de são vapor
tão longe sempre perto
em calafonas e canadás

ser ilhéu é um fado triste
entoado como um samba alegre
manta remendada de nove cores
tapete voador da saudade
sementes da memória
nas paredes do tempo
rasgando o silêncio
mundos mágicos sem chave

Inédito não publicado, não citar

e eu ilhéu de abril
filho de muitas ilhas
choro este fado

627. (à poesia), moinhos, 16/8/2013

imagino a poesia
de cravo e bandeira na mão
gritando a plenos pulmões
que a liberdade é merecida
que a rua é dos poetas
que o 25 de abril não é de todos
mas será sempre para todos
mesmo para aqueles que o negam

imagino a poesia
de manifesto e megafone na mão
declamando a alforria
das conquistas irreversíveis
quando os esbirros vierem
feitos controladores do pensar
sei que ela estará lá
e abrirá o peito às balas

e o sangue que jorrar
será poema e arma
e o corpo desvanecido
será escudo e estandarte
para que a liberdade não morra
nem haja estertor do povo
com ela será 25 de abril sempre

que ninguém nos cala
e a voz dos poetas
troca mais que a da bala

CRÓNICA 249 25 DE ABRIL FOI ONTEM 25.4.19



O dia amanheceu sombrio e enevoado como a augurar um sebastianismo sempre adiado, os sinos da igreja não repicaram e as suas portas mantiveram-se fechadas todo o dia, ninguém quis abri-las que nisto de igrejas e abril há uma certo mal-estar congénito há uns 45 anos.

A empregada doméstica ficou em casa contrariada pois queria vir trabalhar hoje e eu insisti veementemente na relevância que esta data e outras (como 1º de maio, 1º de dezembro e 5 de outubro) têm para mim...afinal são para mim o mesmo que os feriados religiosos são para ela...se ao menos entendesse

Na casa ao lado uns artesãos dão conta do seu trabalho de pedreiros e pintores impérvios à relevância deste dia. Os empregados de recolha de lixo urbano fizeram a sua ronda habitual como se se tratasse de um dia qualquer e o minimercado tinha as portas abertas como em qualquer outro dia.

Nai vi um único cravo todo o dia até alguém vir trazer um a esta casa de abril como sempre acontece. Na TV um bando de hipócritas democraticamente eleitos cumpriam um ritual de palavras ocas, muitos sem ostentarem o cravo como o próprio presidente desta república. Pensei que abril foi feito para acabar com esta gente que a TV me mostrava, mas devia ter-me enganado há 45 anos, quando sonhei os sonhos que abril abriu e que não se cumpriram. O mais estranho é que ainda sonho com abril, e ainda sonho os sonhos de abril, deve ser efeito da idade avançada e da falta de discernimento, pois abril é cada vez menos possível, é, cada vez menos viável, é, cada vez menos provável. Mas sonhar ainda não foi proibido embora o juiz Moro do Brasil, que nos visitou há dias, gostasse de o proibir, com efeitos retroativos.

Só eu e alguns poucos gostavam de ter um calendário a marcar dia 25 de abril, dia após dia, na parede do escritório, mas dias sem corrupção, nem nepotismo, nem injustiça, nem fome, nem guerra, dias de abril responsáveis e atitudes informadas com sabedoria e riqueza.

Mais pessoas ainda haverá capazes de usarem o poder político para melhorar a vida dos que obedecem e calam, e fazer deles seres informados, capazes de interpretar, discursar e debater o que é melhor, com base na criatividade de uma educação que os torne em seres pensantes e não em carneiros seguidores de manipuladores sem escrúpulos.

Pessoas capazes de pensarem, como cidadãos europeus, na relevância de votarem dia 26 de maio em vez de se absterem como vai acontecer a uma maioria esmagadora da população portuguesa, em especial nos Açores.

25 de Abril Sempre!

CRÓNICA 250 UM HOTEL DE 4 ESTRELAS NA LOMBA DA MAIA 29.4.19

Acordei hoje a imaginar que finalmente a "minha" Lomba da maia ia beneficiar do desenvolvimento turístico que assola estas ilhas com a projetada construção de um Hotel de 4 estrelas e 393 quartos na Lomba da Maia, sobranceiro á idílica Praia da Viola, mesmo ali ao fundo do caminho Rural da Grota dos Vimes (em frente á bomba de gasolina da Lombinha da Maia). A vista é soberba, a estrada está feita, bastava apenas criar um acesso decente para descer à praia e um enorme parque de estacionamento nos pastos circundantes com vista até toda a costa da Bretanha e inolvidáveis visões do por do sol.



(O LOCAL IDEAL ALI AO FUNDO NA PRAIA DA VIOLA)

Sim, por que não? é uma legítima aspiração da terra que tem uma praia de sonho com cascatas de água e um belo surf, ara aqueles que se aventuram para lá do Miradouro do Ti Domingos. Afinal a Ribeira Grande está a investir em centenas de quartos de hotel na orla do Monte Verde com acesso direto à praia, Vila Franca vai ter o maior hotel do arquipélago com 5 andares e quase 600 quartos em Água d'Alto e a Lagoa também vai ter mais hotéis que pululam como cogumelos na paisagem rural desta ilha. Em ponta Delgada já há hotéis às dúzias e nós aqui na costa norte sem nada de jeito... Também se podia construir outro hotel na paradisíaca Praia dos Moinhos de Porto Formoso (o que lá há é AL legal e ilegal, mas nenhum hotel decente) com acesso direto à praia lá para os lados do fim da estrada da Ladeira da Velha ao pé do miradouro que fizeram há anos.



(O LOCAL IDEAL ALI AO FUNDO NA PRAIA DOS MOINHOS)

Nesta zona da costa norte sem grandes oportunidades de emprego, os hotéis iriam desenvolver a economia local dependente das vacas e do chá. Claro que haverá sempre os maledicentes que são contra o progresso, seja ele bases espaciais em Santa Maria ou o Hotel de Água d'Alto, seja o turismo de cruzeiros em Ponta Delgada e que não entendem que a ilha de São Miguel tem o potencial para ser um enorme novo Funchal aberto ao turismo de todo o mundo, como motor de toda a economia, capaz de salvar a SATA da bancarrota, a SINAGA da extinção, a ATA e outras empresas públicas e parapúblicas que necessitam destas injeções maciças de investimento ... sem falar claro na débil indústria da construção civil que precisa de construir 3 ou 4 megahotéis todos os anos para ser rentável, e estradas novas, novos parques de estacionamento para turistas, novas companhias de transporte de turistas, novas companhias de turismo subaquático e marinho, barcos para alugar, guias para os trilhos, eu sei lá. São infundáveis as potencialidades de trazermos todos os anos mais de um milhão de pessoas para verem os Açores. Dentre eles centenas iriam apaixonar-se e ficar cá recuperando casas devolutas, criando novas oportunidades de desenvolvimento. Políticos com esta visão de futuro já temos em todos os quadrantes políticos, investidores da Rússia às Arábias não faltam e é este o futuro que nos espera, até a National Geographic nos chamou o Hawai do Atlântico. Bora lá toca a construir hotéis, um novo aeroporto, um novo porto de águas profundas, heliportos e, quem sabe, uma doca para submarinos de turismo para os mais afluentes.

Claro que temos de ter em atenção as queixas bairristas das outras ilhas, sempre invejosas do progresso da ilha de São Miguel e desviar para elas os excedentes da procura, em especial aqueles que pretendam conhecer as ilhas como lugar ecologicamente equilibrado, intocado pelo progresso e pelas massas de turistas.

CRÓNICA 251 PODIA FALAR MAS NINGUÉM IA OUVIR OU ENTENDER... 2 MAIO 2019

Podia falar da tentativa de golpe de estado na Venezuela mas não vale a pena, temos ditadores de um lado e de outro e os apoiantes de cada lado não primam nem pela decência nem pela democracia.

Podia falar das campas de militares abandonadas em África que o Estado Português não traslada para Portugal por, alegadamente não ter dinheiro (acaba de perdoar mais de cem milhões de euros a um dos mais ricos portugueses, João Pereira Coutinho que vendeu a SIVA à Porsche por um euro), comprovando o que ando a escrever desde os anos 1960, em África e noutros locais para onde fomos mandados fardados pelo exército colonial éramos mera carne para canhão. Podia falar dos biliões já gastos pelo mesmo Estado a salvar bancos falidos sem compensar os pobres clientes desses bancos que ali tinham as suas poupanças.

Podia falar da anedota da semana, uma zebra às cores que uma delegação do CDS em Arroios (Lisboa) queria implementar contra a homofobia, talvez se se pintassem às cores LGBT tivessem mais sucesso eleitoral...

Podia falar do silêncio mundial sobre as catástrofes em Moçambique mas fica longe (e quase ninguém sabe bem onde é).

Podia falar da dívida pública portuguesa ter ultrapassado os 250 mil milhões em março (mas também ninguém quem é ou onde fica).

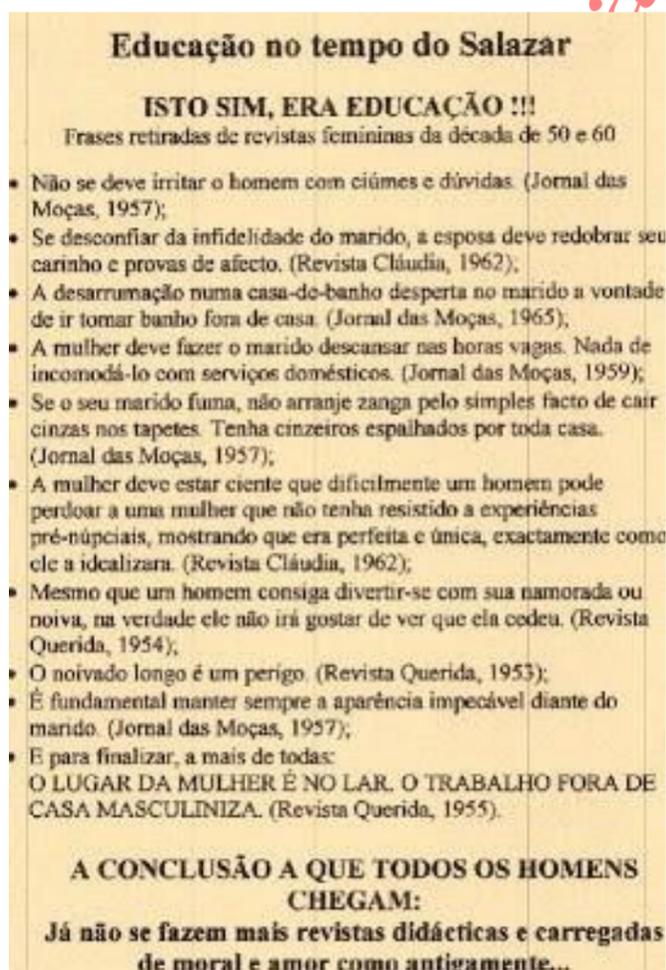
Podia falar do preço dos combustíveis nas ilhas Canárias: gasóleo 0,86 cêntimos e Gasolina 98 a 0,91€, enquanto nos Açores custam respetivamente, 1,262€ e 1,556€.

Podia falar do salário mínimo cá (€630.00) e lá (600.00€) ou mesmo no Luxemburgo (2071,70€ em janeiro 2019).

Podia falar daquele hotel que querem construir com mais de 500 quartos em Vila Franca do Campo (Água d'Alto) (ou do outro prestes a concluir na Ribeira Grande com mais de 300 quartos) mas sei que me virão dizer que vai criar muito emprego (de pessoas que não existem pois não estão qualificadas para lá trabalhar), podem dizer que a praia está sempre sempre sempre deserta e o hotel nem se vê da estrada Regional (disse-o o senhor Presidente da Câmara local), ou que maqueta não fazia jus á beleza do mono (uma caixa de fósforos comprida (e ninguém sabe já o que são fósforos), podem dizer que é de um empresário madeirense de sucesso (mas quem é que no seu juízo quer a funchalização dos Açores???), que os custos são suportados a 85% pela Europa (como se a EU percebesse do balanço ecológico e sustentável deste arquipélago)

Podia falar de tempos antigos que, FELIZMENTE não voltam mais, embora surjam mais e mais saudosistas que decerto nunca viveram nesta triste realidade...

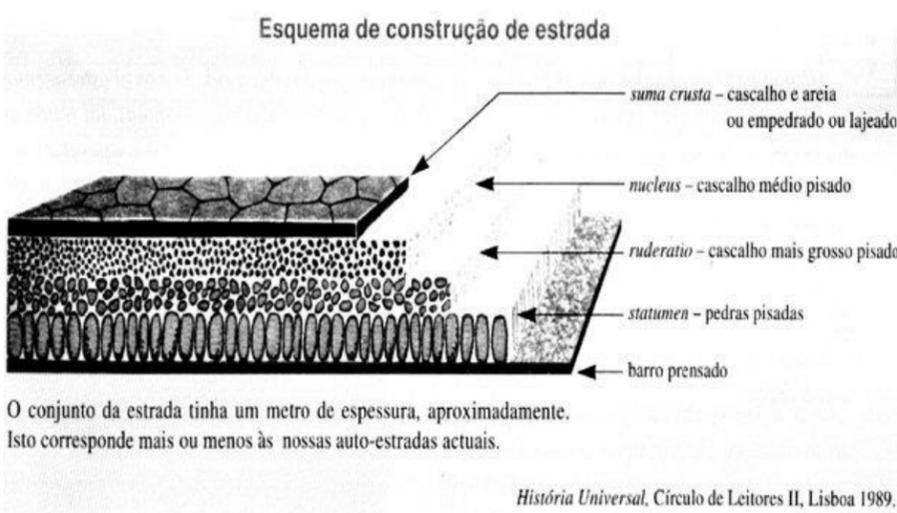
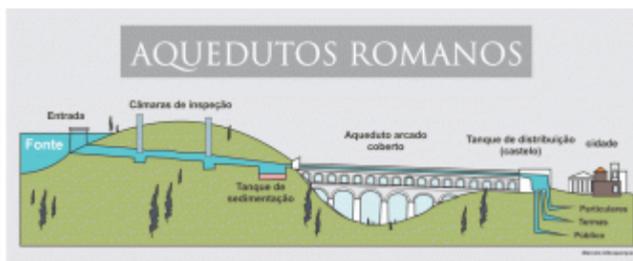
Podia falar disto tudo ou mais... mas hoje ninguém fala, de olhos postos nos smartphones ou quejandos, perdeu-se o gosto por falar, o vocabulário reduzido a grunhidos ininteligíveis...



Estava há dias a ver um documentário televisivo sobre as dez melhores criações romanas (há dois mil anos ou mais) e, salvaguardadas as devidas diferenças, assumi que devo ter nascido na era errada.

Vejamos algumas delas:

- Cidades construídas numa grelha retangular e quadrangular
- Esgotos e sanitários com sistemas de canalização que evitavam a contaminação nas cidades sempre garças à água corrente que os alimentava.
- Estradas (sempre que possível em linha reta) construídas para durar (muitas delas ainda hoje estão em perfeito estado de utilização com as suas camadas, uma cama de pedra e areia, outra de pequenas pedras e gravilha e por cima o pavimento empedrado).
- Aquedutos construídos desde 312 a.C., feitos arquitetónicos notáveis, muitos deles com vários andares e sobre vales e rios, que abasteciam enormes reservatórios, usando a força da gravidade para um fluxo constante
- Betão capaz de solidificar em ar, terra ou água, com capacidade de aumentar a sua resistência e durabilidade com o tempo, com diferentes gradientes fosse para paredes, fundações ou arcos abobados, muitas vezes fortalecidos com pedra e cinza vulcânica para evitar a decadência química. Muito mais forte e resistente do que é feito hoje. (Essa receita romana – uma mistura de cinzas de vulcão, oxido de cálcio, água do mar e pedaços de rocha vulcânica – segura cais, ancoradouros, quebra-mares e portos. E ao contrário dos materiais de hoje em dia, quanto mais o tempo passa, mais forte esse concreto fica. Um grupo de cientistas diz que essa durabilidade é resultado da reação entre a água do mar e o material vulcânico no cimento, criando novos minerais que reforçam o concreto.)



Depois de prestar muita atenção a estas e outras notáveis novidades tecnológicas com mais de dois mil anos, dei comigo a interrogar-me sobre qual a razão de o atual concreto ter pouca durabilidade (50 anos em média), desintegrando-se e sendo corroído pelo próprio ambiente em que está inserido e se andarem a construir hotéis e outras habitações que pouco vão durar e a única razão válida é que a maior parte deles serão abortos arquitetónicos como o que irá surgir em Vila Franca do Campo (Água d'Alto) com mais de 500 quartos e – como tal – condenados a serem abatidos, mais cedo ou mais tarde. A sua utilidade é tão reduzida que o betão pode ser de fraca qualidade. Já agora construam mais portos para os cruzeiros em todas as ilhas, que qualquer tempestade, mais cedo ou mais tarde, irá destruir. Há portos romanos como o primeiro porto artificial de Caesarea Maritima (Cesareia, Israel) que sobrevive hoje.

Aliás, o imediatismo das construções parece ter tomado conta de todos os governantes. Quando em 2008 sugeri em crónica publicada que se deveriam começar a construir reservatórios de água na cilhas dos Açores, para evitar futuras faltas de água, devido às mudanças climáticas, ninguém me ouviu nem levou a sério. Já em 2018 a lavoura e pecuária mostraram algum interesse em construir reservatórios para abastecer o gado., mas, de uma forma geral, tudo continua por fazer. Governos e políticos reativos em vez de serem pró-ativos.

Escrevi então no Diário dos Açores 13.11.2008:

... O RESTO DA ILHA NEM SE APERCEBEU.

Continuam todos felizes, sem se darem conta da falta de água aqui na Costa Norte, a esvaziarem os depósitos do autoclismo em vez de os encherem de garrafas de água cheias ou de tijolos para preservarem a água que temos. Esta ilha não para de me espantar. Desde que cá cheguei, bilhões de litros de água vieram diretamente das nuvens para as ribeiras que os despejam no mar. Um equilíbrio perfeito com a natureza, mas que esqueceu a presença humana. Espero que alguém já tenha lido alguma coisa sobre as mudanças climáticas que se avizinhm e comece a construir reservatórios maiores antes de esta ilha se começar a parecer com a metade seca da ilha de Santa Maria ou com a aridez das Canárias e de Cabo Verde. Nessa altura será tarde demais, a menos que nas terras altas como na Lomba da Maia tenhamos reservatórios suficientes para as nossas necessidades e deixemos de depender dos outros que não cuidam de nós como nos prometeram antes de serem eleitos para defenderem os nossos interesses.

Claro que se compreende a não-preocupação pois a futura falta de água não dá votos a vencer eleições...e quando os começarem a construir pode ser que não chova o suficiente para os encher... nessa altura será culpa das alterações climáticas e não da falta de visão dirigente. Não sei como mas gostava de poder clonar algumas mentes romanas e colocá-las em posições de poder, para construírem estradas que durem, fazerem betão milenar, reintroduzir aquedutos e

reservatórios capazes de abastecerem todos com a água que vai faltar, mesmo nesta zona de clima subtropical chamada Açores.

Resta-me votar "Romanos" nas próximas eleições.

CRÓNICA 253 AÇORES RICOS OU POBRES DOS AÇORES, MAIO 8.2019

Acabo de ler as últimas notícias da semana sobre os Açores com títulos sugestivos "Os salários mais baixos são os dos Açores", "Açores é a região mais pobre de Portugal", "A SATA perde um milhão por semana"... Os Açores têm uma economia do tipo "não ata nem desata" seja a SATA, seja a ATA, seja a SINAGA; Lotaçor, Saúdaçor, Portos dos Açores, Azorina, Espada Pescas, SDEA, SPRHI (Sociedade de Promoção e Reabilitação de Habitação e Infraestruturas, S.A.) Ilhas de Valor, conserveira Santa Catarina, Teatro Micaelense, Atlanticoline ou qualquer outra das empresas públicas (a única que dá lucros é a EDA) em que a dívida pública aumenta sem parar, graças a todas estas e outras empresas falidas para as quais se arranjam sempre uns milhões mais para deitar fora, e empregar mais uns tantos executivos.

A manipulação estatística é uma obra notável do grande timoneiro Sérgio Ávila, o homem ao leme que só vê lucros onde outros apenas vislumbram prejuízos avassaladores e que, em plena borrasca, fala do sol radiante da economia açoriana.

Há 77 mil açorianos em risco de pobreza, e mais 29 mil vivem em situação de privação material severa, em média aqui ganha-se menos 1829 euros do que a média nacional...e nos Açores há quatro vezes mais pessoas a receber o RSI do que no resto do país... Por cada 100 pessoas com 15 ou mais anos, nos Açores, 12 têm este apoio. Segundo dados de 2016, a média do país situa-se nos 3,2%. Por outro lado, um em cada quatro jovens dos 18 aos 24 anos (27,8%) já não está a estudar e não tem o ensino secundário completo. A taxa de abandono escolar precoce é cerca do dobro da média nacional, que se situa nos 13%.

A maioria da população das ilhas com 15 ou mais anos, e à semelhança do que acontece do continente, não tem mais do que o 9.º ano de escolaridade. Nos Açores, são sete em cada dez. Nos Açores, há 84 idosos para 100 jovens (dados de 2016), quando, em 2011, eram cerca de 60.

São Miguel é a ilha mais jovem – são 64 idosos para 100 jovens. Já nas Flores, a mais envelhecida, para dez jovens contam-se 15 idosos.

Os Açores, com um índice de poder de compra de 85% da média portuguesa, têm um PIB que é 2,1% do valor nacional. Temos um nível de poder de compra inferior ao nacional, incapazes de gerar valor e com um peso p de geração de riqueza que se fica por metade do padrão nacional no setor privado. Mas apesar disto (e as estatísticas mais recentes são piores do que a indicadas) congratulo-me com o invisível sucesso económico das ilhas, (em especial São Miguel, o Funchal do século 21), onde nascem hotéis e AL como se fossem cogumelos, com 350 camas na Ribeira Grande, e – espanto dos espantos - mais de 500 num aborto que querem implantar em Água d'Alto (um monólito de cimento no meio da paisagem...

Como há semanas escrevia um turista ocasional (Mário Roberto)



Nesse terreno prepara-se para surgir "o maior hotel dos Açores", um trambolho com 5 andares, 280 quartos e 583 camas numa zona que ainda mantém muito da ruralidade que caracterizava aquela zona e que se situa a alguns metros da praia da Pedreira uma aprazível zona balnear. Uma das justificações mais brandidas em defesa desse empreendimento tem sido a do número de empregos com que vai beneficiar o concelho de Vila Franca do Campo e outros lugares da ilha. Como se sabe, embora as pessoas pareçam não querer saber, esses empregos poderão ser sazonais e até mesmo mal remunerados.

Para além disso há um outro aspeto que me parece decisivo: como se sabe o turismo pode ser algo muito flutuante e até efémero. Catástrofes naturais, guerras têm feito os turistas procurar outros destinos. Basta uma crise sísmica mais violenta para as pessoas deixarem de olhar para as ilhas açorianas como a coqueluche das paragens "a visitar antes de morrer". Caso aconteça, o que não é assim tão inesperado, teremos uma manada de elefantes brancos a ficarem cada vez mais decadentes... Que virá fazer para cá um turista quando esta terra se transformar num imenso parque em que tudo é feito em função dessa mina de ouro que se considera ser o turismo? Pessoalmente (eu às vezes também sou turista) prefiro um destino aprazível, genuíno, culturalmente rico e despoluído. Nós temos isso tudo aqui mas parece que estamos apostados em transformar os Açores num sítio para onde ninguém quer vir passar as suas férias.

Ou como escreveu Filipe Tavares:

Uma grande contradição na governação de Marta Guerreiro (Secretaria Regional da Energia, Ambiente e Turismo), a sugerir que a sustentabilidade proclamada é apenas uma "fachada". O que fez ou fará para evitar a construção deste hotel (580 camas) ao qual o Governo dos Açores atribui a classificação PIR – Projeto de Interesse Regional que permite o financiamento comunitário de 85% do seu valor a fundo perdido. E o Autarca de Vila Franca do Campo, Ricardo Rodrigues (forte defensor da incineradora) está, mais uma vez, a provar que o seu contributo enquanto decisor político é de se lamentar, atendendo nada fez para evitar este projeto através da alteração do PDM. Não podemos permitir que o turismo predador tenha espaço nos Açores!!! Os nossos governantes estão a atrasar a implementação / atualização de planos importantes como o PEPGRA (plano de gestão de resíduos) e o POTRAA (Plano de Ordenamento Turístico da Região Autónoma dos Açores). Estamos desde 2015 à espera que o PEPGRA seja atualizado de acordo com a diretiva europeia para a Economia Circular. É graças a esse "conveniente" atraso que a incineradora prevista para a ilha de São Miguel será financiada. Relativamente ao POTRAA – Plano de Ordenamento Turístico da Região Autónoma dos Açores, está em "banho maria" há 6 anos, para a conveniência de alguns e para que seja permitida a construção e financiamento de "abortos arquitetónicos" desproporcionais ao modelo de turismo que se pretende para a nossa Região, como é o caso do hotel que está

E como já escrevi, em tempos, a débil indústria da construção civil precisa de construir 3 ou 4 megahotéis todos os anos para ser rentável, e estradas novas, novos parques de estacionamento para turistas, novas companhias de transporte de turistas, novas companhias de turismo subaquático e marinho, barcos para alugar, guias para os trilhos, eu sei lá. São infindáveis as potencialidades de trazermos todos os anos mais de um milhão de pessoas para verem os Açores. Dentre eles centenas iriam apaixonar-se e ficar cá recuperando casas devolutas, criando novas oportunidades de desenvolvimento. Políticos com esta visão de futuro já temos em todos os quadrantes políticos, investidores da Rússia às Arábias não faltam e é este o futuro que nos espera, até a National Geographic já nos chamou o Hawai do Atlântico. Bora lá toca a construir hotéis, um novo aeroporto, um novo porto de águas profundas, heliportos e, quem sabe, uma doca para submarinos de turismo para os mais afluentes e depois vou fugir para onde, Formigas? Ilhas Desertas?

CRÓNICA 254 SIMPLEX PRECISA-SE PARA A CÂMARA DA RIBEIRA GRANDE 14.5.19

Vivo nesta freguesia desde há 15 anos e creio que no total me desloquei por motivos camarários 2 ou 3 vezes nesses ínterim aos serviços municipais da sede do concelho a que pertenço. Sempre fui bem atendido, de forma cortês e eficaz.

Hoje porém, usando os serviços de comunicação eletrónica, fiz uma pergunta sobre um serviço disponibilizado com custo pago pelo munícipe e lamento chegar à conclusão de que a Câmara da Ribeira Grande ainda está no século 19...

pretendia agendar uma limpeza de fossas domésticas e foi-me dito que teria de me deslocar aos serviços, preencher um formulário e pagar a taxa...insisti que tinha dificuldade em deslocar-me da costa norte à sede do concelho, mas não posso pagar à distância, não, foi a resposta cortês, mas assertiva, tem de vir cá...

Suspeito que terão medo de que a minha assinatura não seja real no formulário enviado eletronicamente? saberão que já existem meios de pagamento eletrónico não-presencial?

resultado: contratei privados para executarem o trabalho e recolherem os fundos que doutro modo teriam ido para os cofres municipais...precisa-se SIMPLEX para a Câmara da Ribeira Grande...

nem me dei ao trabalho de indagar se os restantes serviços funcionam assim, pois este bastou-me.

Claro que estou grato pela simplificação já efetuada e que não me pede um requerimento em papel azul de 25 linhas, com assinatura reconhecida pelo notário, acompanhada de um requerimento atestando que sou pessoa de bem, emitido pela Junta de Freguesia local, assim como comprovativo de que vivo nela há mais do que "x" tempo, nem me pediram a cópia de IRS ara determinarem a taxa moderadora a aplicar, nem me pediram registo criminal.

Francamente vê-se que não saem muito dos seus gabinetes e usam meios de transporte privados, (ou esqueceram-se da população que também paga os seus impostos e taxas e vive em zonas rurais, como eu), pois uma deslocação destas em horário de expediente e conhecendo as fraquezas do sistema de transportes coletivos existente (modelo em vigor ainda bem típico dos anos 1970 no interior do Portugal profundo de antes do 25 de abril) seria uma tarefa para mais de meio dia perdido (se apanhasse o transporte certo pela manhã, saindo pelas 08.00 poderia regressar pelas 13 horas, se me despachassem rápido).

Mas imagino que as filas de espera em todos os serviços públicos sejam como as de obtenção de Cartão de Cidadão em Portugal



Já aqui falei, em tempos, que em termos de transportes públicos ainda vamos na era dos Flinstones e o monopólio existente não gosta de reclamações nem de sugestões, a palavra-chave é lucro a qualquer custo... e ali também a aquisição de passes é presencial em horários definidos para quem não trabalha, porque os outros dificilmente apanharão a bilheteira aberta na central de camionagem na Ribeira Grande.

A título (meramente) comparativo lembro o exemplo das Finanças:

há documentos que podem ser obtidos, diretamente, através do Portal das Finanças? Pois é, há documentos que estão acessíveis através de um clique e que evitam uma ida desnecessária às Finanças.

De acordo com a informação disponibilizada pelo Fisco no [Boletim Informativo](#), relativo ao 1.º trimestre, estes mesmo documentos "se solicitados diretamente nos serviços, serão pagos de acordo com a tabela emolumentar em vigor".

Tome nota dos documentos que pode 'descarregar' online de forma "totalmente gratuita":

Certidões

- *Liquidação de IRS;*
- *Renúncia de Isenção de IVA – Imóveis;*
- *Residência Fiscal;*
- *Sujeito Passivo/Recup. IVA Estrangeiro;*
- *Residente Não Habitual;*
- *Domicílio Fiscal;*
- *Dívida e não Dívida;*
- *Predial Negativa;*
- *Predial.*

Comprovativos

- *Dispensa de entrega da declaração Mod 3 de IRS;*
- *Comprovativo do Agregado Familiar;*
- *Comprovativo de Pagamento de IUC.*

Cadernetas

- *Caderneta Predial Urbana;*
- *Caderneta Predial Rústica.*

CRÓNICA 255 A PROPÓSITO DA MORTE DE BOB HAWKE E DO MEU ENCONTRO COM ELE EM 1989 16.5.2019



Morreu hoje aos 89 anos, Bob Hawke, um notável 1º ministro trabalhista australiano 1983-1991 (ganhou as eleições de 83,84,87 e 1990) foi o 23º a assumir o cargo, e o trabalhista que mais anos esteve no poder.

Além de ter quebrado o sindicato dos estivadores que, constantemente paralisavam o país, teve ações notáveis como a modernização da economia (o célebre *The Accord* com as centrais sindicais em 1983 garantiu um aumento de 3% pago como reforma, "superannuation" pelos patrões), reformulou o sistema de saúde introduzindo o Medicare (sistema de saúde universal), aumentou as taxas de retenção escolar, aumentou os programas de formação para jovens (incluindo o mais célebre Traineeship no qual estive anos envolvido), combateu a pobreza, parou a construção da barragem Franklin na Tasmânia a favor da ecologia, preservou florestas ancestrais, devolveu a titularidade das terras aos aborígenes.

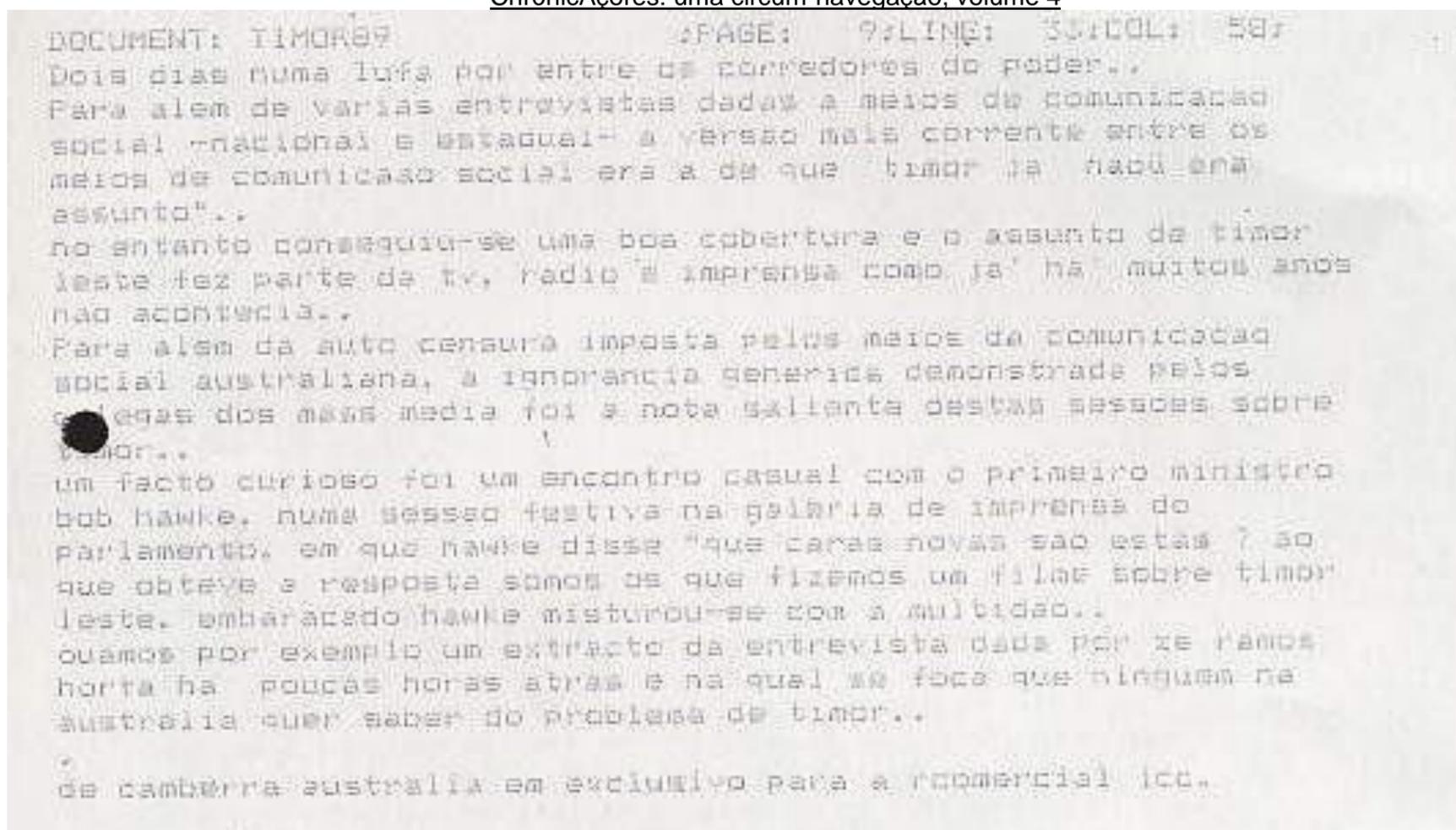
Nascido em 1929 na Austrália do Sul, filho de uma professora e um membro do clero, mudou para Perth onde estudou e frequentou Oxford como académico Rhodes.

Desde 1958 ligado ao sindicalismo foi o seu presidente (durante dez anos) na ACTU (confederação sindical) a partir de 1970, opondo-se ferozmente ao apartheid sul-africano. O excesso de bebida e os seus affaires com muitas mulheres eram julgados um impedimento quando as suas ambições políticas o levaram a tentar liderar o país, depois de ter sido eleito deputado em 1980 e ter destronado o líder do partido (Bill Hayden) em fevereiro 1983 e um mês mais tarde vencia o conservador Malcolm Fraser nas eleições. ... em 1991 foi deposto pelo seu ambicioso Ministro do Tesouro, Paul Keating...

Há vários textos meus sobre o tema, mas em agosto 1989, no dia de aniversário de Bob Hawke, juntamente com o cineasta Gil Scrine e Ramos Horta entramos no Parlamento pela porta da cozinha e surpreendemos Bob Hawke na sala de imprensa antes dele cortar o bolo manifestando-nos contra o apoio do seu governo à Indonésia e contra Timor Leste...há uma pequena notícia da Lusa que enviei sobre o assunto, aquando da nossa ida a Camberra promover o filme *Buried Alive* (Enterrados Vivos) sobre Timor e a ocupação indonésia apoiada por Camberra, como a seguir recuperamos do livro "Trilogia da História de Timor, 4ª edição de 2015" 165.

Vale a pena ler estes extratos do livro...

165 CD *Trilogia da História de Timor*. 2015, 3760 páginas, contém os 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., ed. AICL, Colóquios da Lusofonia. 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/obras-do-autor/1076/trilogia-de-timor-3-vols-interativa-cd-ed-3-2018.zip>. Ou leia todo o livro em <https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20comprimada.pdf> ou em <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1076/TRILOGIA-DE-TIMOR-3-VOLS-INTERATIVA-CD-ed-3-2018.zip>



141. FILME SOBRE TIMOR NO PARLAMENTO AUSTRALIANO ¹⁶⁶ SIDNEY, 18 agosto 89 LUSA)

Ontem e hoje em Camberra realizaram-se sessões especiais com a exibição do filme de Gil Scrine "Enterrados Vivos – a história de Timor-Leste". As sessões foram apresentadas pelo deputado trabalhista Tony Lamb, tendo estado presentes deputados, senadores e o embaixador português José Luís Gomes. Durante estes dois dias os meios de comunicação australiana fizeram diversas entrevistas ao realizador do filme, Gil Scrine e a José Ramos-Horta da Convergência Nacionalista. Naquelas entrevistas foi focada a autocensura imposta pelo governo australiano e pelos órgãos de comunicação social australianos ao assunto de Timor, e ao contraste dessa atitude face a outros focos de violações de direitos humanos no mundo.

No filme "Enterrados Vivos" são focados aspetos da diplomacia internacional, das pressões das grandes potências para não discutir o problema de Timor, da apatia diplomática da Austrália e da contrainformação Indonésia. A Lusa tentou entrevistar os principais porta-vozes da oposição para a diplomacia e negócios estrangeiros e estes bem como os do governo escusaram-se alegando que "o problema de Timor já não é assunto". Esta é também a opinião de alguns órgãos de informação, os quais, no entanto revelaram desconhecer a próxima visita do Papa e a carta que monsenhor Belo enviou a Javier Pérez de Cuellar secretário-geral da ONU.

Um total de seis entrevistas para a rádio e TV – nacionais e estaduais - o balanço da ação de Ramos-Horta e Gil Scrine depois de dois dias de intenso lobbying nos corredores do poder em Camberra.

Como nota curiosa numa sessão na galeria de imprensa do parlamento, o primeiro-ministro Bob Hawke, o ex-líder da oposição e outros políticos do governo e oposição foram presenteados com um bolo representando os 9 biliões de dólares que representa o superavit governamental dos últimos doze meses.

A recebê-los estavam não os habituais cronistas da TV e rádio, mas Gil Scrine, Ramos-Horta, Jim Dunn (ex-cônsul da Austrália em Timor), o autor e outras personagens afetas à causa de Timor.

Hawke mostrando-se surpreendido perguntou: "caras novas?" tendo-lhe sido dito que se tratava apenas das pessoas que não queriam deixar morrer em silêncio o problema de "Timor enterrado vivo". Hawke sorrindo afastou-se calmamente, recusando-se a confirmar se tinha estado presente na celebração do dia nacional da Indonésia que ontem se celebrou em Camberra.

142. ENTERRADOS VIVOS – NOVO FILME SOBRE A SAGA DE TIMOR-LESTE ¹⁶⁷ SIDNEY agosto 89, GCS REVISTA MACAU)

Em junho 1989, em Sidney teve lugar mais um festival internacional do filme com a apresentação de cerca de 300 películas de toda a parte do mundo. Filmes ocidentais de estúdio, filmes experimentais da Polónia, URSS e outros países do leste, filmes africanos, Sul-americanos e asiáticos, foram apresentados perante uma audiência diária de mais de duas mil pessoas durante os vinte e oito dias da mostra.

Se bem que não estivessem presentes peças portuguesas, um tema benquerido a Portugal foi focado numa produção de Gil Scrine dedicada a Timor-Leste com o título de "Buried Alive (Enterrados Vivos)".

A película iniciou a sua distribuição pelos circuitos comerciais normais, tendo já sido adquirida pela cadeia nacional de TV australiana "ABC", e pela cadeia de TV independente inglesa "ITV-4", e trata-se de um filme a não perder.

As primeiras imagens dão um retrato da Lisboa dos anos 50, com percursos pela baixa cidadina e curtas incursões às cenas tipicamente terceiro-mundistas do bairro alto, contrastando com o ar imponente das estátuas da Baixa e do marechal Carmona, sob o olhar aquilino e atento de Salazar. Entremeado de discursos narrativos de jornalistas, políticos e sob a potente dialética de Noam Chomsky que perdura ao longo dos sessenta minutos, passa-se então para o mapa da Europa com o império colonial português sobreposto, dando a noção da vastidão do império.

Cenas de uma África negra dominada pelos colonos brancos sucedem-se até ao dealbar das lutas nacionalistas, cenas do mato, soldados portugueses feridos e mortos sendo evacuados, os discursos patéticos do velho regime, acompanhados de discursos condenadores da velha política colonial portuguesa, na ONU e noutros órgãos.

Uma passagem suave a uma ilha aparentemente desabitada, praticamente virgem de uma beleza inenarrável, dá-nos conta de que existia algures perdida no tempo e no espaço uma parcela colonial esquecida. Sim, era de facto Timor-Leste. A pompa da guarda nativa ao Palácio do Governo, o ritmo lento das ruas vazias centradas no núcleo comercial de Díli, dois quarteirões rodeados de ruas asfaltadas.

Danças tradicionais e a rica cor das "lipas" (panos tipo "sari" indiano enrolados à cintura) perde-se no branco e preto das imagens do ecrã. Cenas do mercado municipal de Díli, da célebre luta de galos e a película passa a ser colorida.

Um aparte curioso de um filme turístico dedicado ao mercado australiano, incitando-o a visitar um dos últimos paraísos do Pacífico, descrevendo Timor como uma terra onde há sempre alguém que fale Inglês, onde as mulheres são de uma extrema beleza e o povo afável.

Uma paródia superficial, descritiva de um Timor que só existia na mente dos produtores do anúncio turístico, da qual perduram na retina as brancas areias das praias e o colorido das lipas.

A narrativa assume agora um corte abrupto, ao passar do idílico Timor para o som e o visual das cenas sangrentas da resistência australiana e timorense contra a ocupação japonesa da 2ª Grande Guerra. O comentário oportuno surge de veteranos australianos de que a Austrália talvez

¹⁶⁶ LUSA DESPACHO 120/89, 18 agosto 89 LUSA ÁSIA PACÍFICO

¹⁶⁷ EXCLUSIVO PARA O GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) agosto 1989.

hoje fosse japonesa, não tivessem morrido mais de vinte mil timorenses a auxiliar os australianos. Uma dívida de gratidão totalmente esquecida porque incómoda – alguém comentava.

Cenas pungentes de um documentário australiano da época (1943) mostrando a resistência antinipónica. Desta sequência passamos de uma guerra esquecida para uma revolução inesquecível com a emocionada voz de um locutor de rádio, narrando os acontecimentos do 25 de abril, algures na baixa lisboeta.

O filme segue então o percurso da revolução dos cravos, dos seus ideais e dos seus imediatos resultados.

O “gonçalvismo” é visitado sumariamente para nos explicar como do dia para a noite, os maiores anseios de independência das colónias foram oferecidos de mão beijada a Moçambique e às outras colónias. Os africanos nas ruas celebrando a sua independência e o comentador a acrescentar que foram momentos de pouca dura, dado o período conturbado que se viria a seguir.

Como nota positiva apenas o facto de a bandeira colonial ter sido substituída por um estandarte de povos independentes.

De novo a câmara se volta para o oriente exótico, lembrando que algo ficara por fazer. Timor havia sido esquecido. As imagens acompanham a formação dos principais partidos políticos em Timor, as manifs de rua, a primeira campanha de alfabetização na Ponta Leste e a primeira eleição democrática para um chefe de suco. Curiosamente é mostrado o detalhe da urna de voto, um saco de palha de um metro de altura, dentro do qual estão outros dois mais pequenos, os quais porém não podem ser vistos senão pelos votantes, que se aproximam e deitam no respetivo saco a pedrinha de voto. Resultado da eleição: o chefe tradicional desde 1959 é substituído por outro de maior apoio popular.

João Carrascalão faz a sua análise da situação, então a partir deste momento o filme passa a centrar-se em torno de José Ramos-Horta que relata as aspirações dos timorenses naquela altura.

É a partir desta altura que o filme muda uma vez mais de velocidade. Passa-se para as cenas da guerra civil, os bombardeamentos no cais durante a tentativa de evacuação dos civis, seguida pela evacuação do governo de Lemos Pires o qual é posteriormente entrevistado no Ataúro.

As imagens sucedem-se, Carrascalão conta a sua visita a Jacarta e as falsas declarações dos indonésios. As tropas da Fretilin preparam-se então com as armas deixadas pelos portugueses. A vacuidade dos pedidos de auxílio internacional, a hipocrisia dos australianos, com a visita do então primeiro-ministro Gough Whitlam a Suharto, a promessa de que a Indonésia jamais interviria no processo de Timor, os americanos a aumentarem as suas vendas de armamento ao regime indonésio. As imagens mostram que já não há guerra civil, trata-se já de escaramuças nítidas das forças da Fretilin contra milícias indonésias. Os preparativos da invasão, a preparação para a defesa, os votos de luta até à morte contra o invasor indonésio.

O filme percorre as manchetes dos jornais, as declarações políticas em várias capitais do mundo, depoimentos vários de testemunhas ainda em Timor à data. A inoperância do regime português, a indiferença cúmplice australiana, a campanha denegridora dos timorenses como perigosos comunistas, os últimos preparativos para a invasão até à morte dos jornalistas australianos que testemunhavam em reportagem televisiva as forças invasoras antes de elas terem oficialmente declarado a sua intervenção.

A declaração fugaz da independência a 28 de novembro (1975) para o que seriam nove dias de libertação do jugo colonial.

O hastear da bandeira colonial, pela primeira vez em mais de 460 anos de colonização.

Passa-se depois para a visita do (então) presidente Ford a Suharto, em plena véspera da invasão, documentos secretos mostrando o conhecimento e o “aval” dado pelos americanos àquela. A película percorre depois as imagens terríveis da invasão, da mortandade, as campanhas no estrangeiro dos líderes nacionalistas tentando alertar o mundo para o que se estava a passar, sem que o mundo quisesse ouvir.

Entrevistas com diplomatas e governantes tentando agora depois destes anos todos, explicar que as suas atitudes de então eram justificadas face aos dados existentes à data. Depoimentos vários de sobreviventes, a outra face da miséria no Jamor, e os percursos infundáveis de Ramos-Horta nas Nações Unidas e no comité de descolonização em Nova Iorque.

As forças nacionalistas a tentarem com o apoio dos países lusófonos africanos (PALOP's) manterem a sua voz ouvida no deserto dos corredores do poder mundial.

Do outro lado da imagem, o da segunda colonização mostrando Suharto a inaugurar a televisão em Timor, a pompa militarista e opressora dos novos colonos, dispostos a tudo destruir e matar para justificar a sua injustificável invasão. As imagens mostram as cerimónias de rua com mais bandeiras indonésias do que povo, caras indonésias e não timorenses aclamando o opressor.

A pretensa melhoria de condições de vida proclamada por Jacarta. As câmaras confrontando políticos, nacionalistas e diplomatas em Nova Iorque, Lisboa, Genebra, Camberra, Harare e Maputo. A falta de meios humanos e materiais para os nacionalistas manterem a sua pressão para que o problema não caia no esquecimento.

As comparações da cobertura jornalística mundial ao Camboja e a quase ignorância total sobre Timor. A incongruência do presidente Carter por se ter momentaneamente esquecido dos direitos humanos para aprovar nova venda de armamentos à Indonésia, para que esta pudesse aumentar a sua repressão em Timor.

As votações na ONU, as pressões sobre pequenos países para não votarem contra a Indonésia sob ameaças de cortes de apoio económico. Horta perambulando entre a ONU e o seu humilde apartamento em Nova Iorque. Imagens potentes entremeadas de entrevistas e depoimentos de dezenas de personalidades. O filme termina com Ramos-Horta a sair ainda uma vez mais em busca de nova missão para que a voz do povo de Timor-Leste possa ser ouvida e não caia no esquecimento fácil dos fazedores de notícias.

As imagens bem entrelaçadas com depoimentos de inúmeras personalidades mostram bem o porquê do título: “Enterrados Vivos”. Um povo traído, que se recusou a ser vencido, mas que jamais deixa de lutar e que quer a sua voz – apesar de enterrada – forte para que a ouçam.

Falamos com Gil Scrine relativamente a este documentário narrativo da saga dos timorenses. Gil apaixonou-se pela causa de Timor quando há cerca de quatro anos atrás se encontrou com Ramos-Horta nas Nações Unidas e daí surgiu a ideia deste filme, mais do que um documentário.

Depois, sem apoios financeiros foi a luta constante e o gasto de várias dezenas de milhares de dólares (milhares de contos) para concretizar o projeto de filmagens decorrendo de Lisboa, a Nova Iorque, Genebra, Sidney, Harare, Washington, Camberra, Perth e Darwin.

A apatia das autoridades portuguesas que até ao último momento não haviam autorizado a utilização de “Grândola vila morena” para tema da revolução, foram alguns dos milhares obstáculos encontrados por Gil. Para ele “não se compreende o silêncio e a apatia dos australianos face a Timor-Leste, salientando, no entanto, que obteve bastante apoio de jornalistas portugueses e de refugiados timorenses para a filmagem e narração.” “Todos os povos podem beneficiar desta lição exemplar que o filme retrata, pois ela simboliza não só o termo do grande império colonial português, como a invasão e as manipulações das grandes potências contra a vontade soberana de um povo”.

José Ramos-Horta mostrou-se “satisfeito com o filme” acrescentando que está agora a ter início uma nova meta da sua carreira dado ter sido nomeado “diretor executivo do programa de estudos diplomáticos da faculdade de direito de Nova Gales do Sul”. Nesta nova posição assumida oficialmente a partir de 1 de julho passado, Ramos-Horta pretende oferecer preparação e treino em diplomacia e política internacional aos povos indígenas da região, às minorias étnicas, e aos timorenses em áreas tão distintas como o direito internacional, direitos humanos, prática diplomática e de negociações. O programa que recebeu o apoio unânime da academia estadual visa perspetivar os âmbitos de ação daqueles grupos nos meandros da política internacional.

Ramos-Horta é licenciado em relações internacionais com especialização em direito internacional público pela universidade de Colúmbia, onde espera completar o seu doutoramento dentro dos próximos anos. Anteriormente, foi investigador e conferencista na universidade de Oxford em 1988, tendo sido leitor/visitante do instituto superior de relações internacionais do Maputo, especializando-se em política externa desde 1980.

Está prevista para outubro a publicação do seu livro “Timor – amanhã em Díli”, que é uma versão atualizada do livro em Inglês “Funu – a saga inacabada do povo de Timor-Leste” publicado em Nova Jersey, EUA, em janeiro de 1987. Prevê-se a presença para o lançamento deste livro de representantes políticos e diplomáticos da Austrália, Reino Unido, EUA, Japão e outros países.

Para Ramos-Horta este projeto fílmico de Gil Scrine não pode nem deve ser considerado como uma autobiografia inacabada, mas antes como um retrato incompleto que só estará completo quando os timorenses puderem regressar à sua pátria.

Até lá e como nos confirmava João Carrascalão recentemente “a luta continua e o inimigo é só um: a Indonésia”.

Recentemente o secretário de estado da imigração e das comunidades portuguesas, Dr. Correia de Jesus declarava em uníssono com o embaixador de Portugal, Dr. José Luís Gomes, “a minha casa é a vossa casa até que possam regressar à vossa”. A data é incerta, mas a vontade dos portugueses é a de os timorenses terem direito ao seu lar. Essa também uma das fortes imagens do filme, o segundo sobre a saga dos timorenses. Ambos realizados por australianos e nenhum ainda exibido em Portugal.

O que motiva a questão de falta de interesse dos cineastas e produtores portugueses naquela saga? A outra questão é porque é que nenhum deles foi exibido em Portugal? Será que tal como na Austrália onde “Timor já não é assunto”, Portugal e em especial a RTP pensam que “Timor mais vale esquecido do que lembrado?”

"Enterrados Vivos" é um título bem apropriado para um filme relativo a um país onde a população tem estado fechada do contacto com o mundo exterior há mais de 13 anos. Com efeito passaram-se já quase 14 desde a invasão de Timor-Leste e ainda se sabe muito pouco sobre o que ali se passou quando as forças Indonésias invadiram em dezembro de 1975.

Até 1979/80 praticamente ninguém dos meios de comunicação social foi autorizado a penetrar no território, e desde então os poucos que foram autorizados fizeram-no debaixo de um rigoroso escrutínio das forças indonésias. Este embargo significa antes de mais que pouco material de ordem visual existe de Timor desde 1975, o que facilita os desmentidos da invasão e de subsequentes violações de direitos humanos.

A igreja católica em Timor-Leste considera que cerca de 200 mil pessoas pereceram desde a invasão Indonésia, quer diretamente como resultado da guerra quer indiretamente vitimadas pela fome e doenças. Em 1985 a Amnistia Internacional considerava que existiam 50 mil casos de desaparecimento de pessoas em Timor-Leste sem que para eles houvesse explicação.

A política indonésia de deslocar os habitantes de Timor das suas localidades tradicionais conduziu a um desmembramento dos laços rurais timorenses. As Nações Unidas continuam a recusar reconhecer a administração indonésia, dado que aos timorenses não foi concedido o direito à autodeterminação. Pelo contrário, desde a era de Gough Whitlam sucessivos governos australianos apoiaram tacitamente os direitos da Indonésia sobre Timor-Leste, os quais culminaram em agosto de 1985 com o reconhecimento oficial pelo governo de Bob Hawke da soberania indonésia.

"Enterrados Vivos" é um importante novo filme, um dos primeiros que tenta de forma correta contar a história de Timor-Leste. Dividido em duas partes, o filme traça primeiro a história de Timor-Leste e depois segue a luta continuada das guerrilhas da Fretilin em busca da independência de Timor-Leste.

A Fretilin (Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente) era o mais popular dos três embrionários movimentos independentistas em 1975, à data da invasão indonésia e detinha o controlo da maior parte do país. A segunda parte de "Enterrados Vivos" foca os esforços de José Ramos-Horta, que durante mais de dez anos foi o representante da Fretilin nas Nações Unidas, para trazer a saga do seu país às ribaltas mundiais.

142.2. CITAÇÕES, EXTRATOS DE DEPOIMENTOS DO FILME ¹⁶⁹ SIDNEY agosto 89, GCS REVISTA MACAU)

"Uma coisa que me chocou deveras foi quando a bandeira portuguesa atingiu o solo pela primeira vez em mais de quatrocentos anos, porque então eu percebi que era o fim colonial de Timor... Eles estavam expostos a todos, de forma que alguém podia vir e tomá-los, dado não existir nunca o chamado vácuo de poder em nenhuma parte do mundo"

Major Sam Kruger (na reserva) residente em Díli, 28 nov. 1975.

"Nós fomos a Jacarta para nos encontrarmos com o presidente Suharto, mas claro que isso era impossível e acabamos por nos encontrar com o general Murtopo. Tivemos uma longa conversa com ele e ele foi perentório ao afirmar que Jacarta jamais permitiria um governo de esquerda em Timor... E então perguntamos-lhe "o que aconteceria se limpássemos a nossa casa?" E ele disse "estaremos a observar com muita atenção e pôs as mãos sobre a cara" ...

João Carrascalão porta-voz da UDT (União Democrática Timorense)

"Nós estávamos sob uma intensa barragem de perguntas de homens que sabem que podem perecer amanhã e não conseguem entender porque é que o resto do mundo não se importa... E nós éramos aplaudidos por sermos australianos. Tudo o que eles querem é que as Nações Unidas saibam aquilo que aqui se está a passar..."

Greg Shackleton (HSV-7) na sua última reportagem em outubro 1975. No dia seguinte seria executado pelos indonésios em Balibó com mais outros quatro jornalistas australianos.

**

"... Quando eu ouvi "fogo" atirei-me para o chão e senti corpos a caírem em cima de mim, assim como se fossem folhas. Ouvi muitos gritos, pessoas a chamarem pela mulher e pela mãe, foi horrível"

Carlos Alfonso ¹⁷⁰, sobrevivente do massacre durante a invasão Indonésia em 7 dezembro 1975.

"A história montou para nós observarmos uma experiência controlada neste caso. O massacre timorense ocorreu aproximadamente ao mesmo tempo que os massacres de Pol Pot. Em 1975 quando os Khmer Vermelhos mataram talvez uns milhares de pessoas, o jornal The New York Times, acusou-os de genocídio. Um grande ultraje público sobre os massacres de Pol Pot e para os quais ninguém tinha soluções nem podia intervir. Por outro lado, um silêncio total se abateu por entre inúmeras mentiras sobre as atrocidades praticadas em Timor e para as quais muito poderia ter sido feito, dado sermos responsáveis por elas. Tudo o que era preciso fazer era mandar parar os algozes..."

"Mais de 40 mil timorenses pereceram tentando proteger umas centenas de comandos australianos durante a segunda Grande Guerra e a Austrália respondeu apoiando a agressão e os massacres [da Indonésia] em Timor".

Professor Noam Chomsky, Massachusetts Institute of Technology, USA

"No seu livro "A dangerous place," Patrick Daniel Moynihan diz quase que com orgulho quão efetiva foi a sua função de inativar a ação da ONU em relação a Timor...ele confessa naquele livro ter tido instruções do departamento de estado para tornar ineficiente a ação da ONU em relação a tudo o que pretendesse fazer sobre a questão de Timor."

José Ramos-Horta, representante de Timor-Leste nas Nações Unidas.

"José Ramos-Horta ex-jornalista timorense, e membro do comité central da Fretilin, como delegado para as relações internacionais, foi Secretário-geral da Fretilin em 1975 e na última década tem sido o representante daquele movimento nas Nações Unidas. Atualmente é residente em Sidney onde está a estabelecer um curso de diplomacia internacional para os povos indígenas na universidade de Nova Gales do Sul. Ramos-Horta é um dos mais hábeis representantes de um movimento de libertação dentre todos os que já passaram pelos corredores da ONU, sendo capaz de demonstrar de forma vívida algumas das formas sob as quais aquela organização funciona de facto."

Roger S. Clark, professor de direito, Universidade de direito de Rutgers em Camdem.

142.3. PORQUE É QUE FIZEMOS O FILME "ENTERRADOS VIVOS" UMA EXPLICAÇÃO DOS CINEASTAS. ¹⁷¹ SIDNEY agosto 89, GCS REVISTA MACAU)

A Austrália tem as mãos manchadas de sangue timorense desde que as nossas guerrilhas saíram do (então) Timor português durante a segunda Grande Guerra. Cerca de 40 mil timorenses morreram às mãos dos japoneses como recompensa de terem apoiado os australianos. Quando os portugueses abandonaram a sua mais remota colónia durante a guerra civil de 1975, os timorenses como era óbvio voltaram-se para a Austrália em busca de apoio. Nós traímos-los então e continuamos a fazê-lo agora.

A Austrália apoia a Indonésia a tentar retirar o assunto de Timor da agenda das Nações Unidas. Diplomatas australianos mantêm a mentira de que os indonésios estão a fazer maravilhas para os timorenses. A Austrália oficialmente reconhece Timor-Leste como sendo a 27ª província Indonésia. As Nações Unidas reconhecem Portugal como o administrador legal do território.

A Amnistia Internacional além de inúmeros e crescentes organismos internacionais de opinião pública condena a ocupação Indonésia de Timor-Leste. Democracias ocidentais tentaram esquecer e enterrar o assunto a fim de manterem as suas relações com o regime de Jacarta. Isto além de absurdo, uma hipocrisia na qual os EUA e a Austrália estão particularmente envolvidos.

Juntamente com Fábio Cavadini, cinematógrafo e o redator Rod Hibberd tentei apresentar esta história numa perspetiva histórica e política, antes que o que aconteceu e continua a acontecer desapareça no orwelliano "buraco negro da história".

Gil Scrine (produtor e codiretor)

¹⁶⁸ EXCLUSIVO GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) agosto 1989.

¹⁶⁹ EXCLUSIVO GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) agosto 1989.

¹⁷⁰ NO GUIÃO SURGE ALFONSO EM VEZ DE AFONSO.

¹⁷¹ EXCLUSIVO GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) agosto 1989.

142.4. NOTAS BIBLIOGRÁFICAS ¹⁷² SIDNEY agosto 89, GCS REVISTA MACAU)

Gil Scrine: produtor, codiretor e narrador. Como cineasta independente há catorze anos Gil trabalhou em Sidney e Melbourne, tendo realizado os projetos seguintes:

"The bad society" – documentário sobre o ex-tesoureiro federal Dr. Jim Cairns e vice-primeiro-ministro, e a sua filosofia de estilos de vida alternativos, culminando no festival do rio Cotter em 1976.

"Home on The Range" – documentário sobre as bases norte-americanas na Austrália e particularmente o papel da CIA na base de Pine Gap. O filme centra-se na queda do governo de Whitlam e nas alegações do espião norte-americano Chris Boyce.

Este filme obteve o prémio de documentários no festival do filme, em Sidney 1982, categoria de documentários, e o "Boomerang" de prata do festival de Melbourne em 1982. Gil colaborou ainda noutros filmes, tendo completado recentemente o filme "Estranhos no Paraíso (Strangers in Paradise)" como coprodutor, codiretor e editor. O filme "Enterrados Vivos" mereceu este ano uma nomeação para o melhor documentário pelo Instituto do Filme Australiano.

143. CRONOLOGIA SUMÁRIA DA SITUAÇÃO DE TIMOR-LESTE ¹⁷³

143.1. INDEPENDÊNCIA E INVASÃO

abril 74	O MFA destrona a ditadura em Lisboa e o processo de descolonização inicia-se
maio 74	A ANP, partido oficial único do velho regime reorganiza-se como UDT. A ASDT forma-se com base no grupo clandestino "core"
set. 74	A ASDT passa a Fretilin (frente revolucionária para um Timor livre e independente)
out. 74	A Indonésia lança a operação "Komodo" para desestabilizar Timor
dez 74	A Fretilin inicia campanhas de alfabetização e estabelece cooperativas no interior
jan 75	Fretilin e UDT iniciam uma coligação pró-independente
maio 75	A UDT abandona a coligação e sofre pressões da Indonésia para se opor à Fretilin
jun 75	Portugal efetua negociações em Macau com a UDT e Apodeti (partido criado pelos serviços secretos da Indonésia), a Fretilin recusa participar em virtude de ser considerada como possível na agenda a integração com a Indonésia
ago. 75	A UDT lança um golpe de estado destinado a eliminar a Fretilin. A Fretilin recupera o controlo da situação e pede a Portugal (sem sucesso) que termine o processo de descolonização
set. Nov.	As tropas Indonésias efetuam inúmeras incursões nas regiões fronteiriças
out. 75	Cinco jornalistas australianos são executados pelas tropas avançadas Indonésias
28 nov.	A Fretilin declara unilateralmente independência
7 dezº	A Indonésia invade Timor-Leste

143.2. APOIO DAS NAÇÕES UNIDAS E LUTA INTERNA

dez 75	A Assembleia-geral da ONU exige a retirada Indonésia Os quatro minipartidos pró-integracionistas formam um governo provisório O Conselho de Segurança condena unanimemente a invasão e instrui o Secretário-geral para enviar um representante especial a Timor
Jan – fevº.	O enviado especial da ONU visita apenas três cidades e nenhuma área dominada pela Fretilin
abril 76	O Conselho de Segurança apela uma vez mais para a retirada das tropas Indonésias
set. – out.	Milhares de timorenses em campos de concentração
nov. 76	e um relatório da igreja católica de Timor estima em 100 mil as vítimas da invasão
dez 76	a Assembleia-geral recusa a integração e exige um ato de autodeterminação
dez 77	a Amnistia Internacional acusa a Indonésia de não deixar a Cruz Vermelha atuar dentro de Timor-Leste

143.3. TRAIÇÃO INTERNACIONAL

jan 78	a Austrália reconhece "de jure" a integração de Timor
fevº. 78	o congresso norte-americano condena o incremento de fornecimento de armamento à Indonésia
abr. 78	o Reino Unido vende oito aviões Hawke Aerospace de ataque ar-terra à Indonésia
jun. 78	a Austrália fornece aviões de reconhecimento "Nomad" à Indonésia
set. 78	jornalistas e embaixadores visitam Timor e mostram-se chocados com a fome e miséria e alta taxa de mortalidade em Timor-Leste
nov. 78	cai a última grande base militar da Fretilin em Matebian
jan – mar	mais campos de concentração estabelecidos em Timor
maio 79	grande encontro de solidariedade mundial para com Timor-Leste
out. 79	a Cruz Vermelha é autorizada a reentrar em Timor e um grande esforço a larga escala é efetuado para transportar alimentos e medicamentos
nov. 80	documentos secretos da defesa e negócios estrangeiros australianos são divulgados para o período de 1968-1975 mostrando o grande apoio ocidental dado secretamente em meados de 1975 aos planos indonésios de anexação de Timor-Leste. Os documentos passam a ser proibidos pelo governo australiano.
mar 81	conferência nacional organizada pela Fretilin elege Kay Rala Xanana Gusmão novo presidente da Fretilin
maio 81	A Indonésia lança a operação "Segurança"
O tribunal permanente dos povos em Lisboa condena a Indonésia de agressão armada e de ter violado o estatuto da ONU em relação aos direitos dos povos à autodeterminação	
junº 81	a nomeada assembleia regional de Timor-Leste queixa-se ao presidente Suharto sobre a exploração, corrupção e flagrantes violações dos direitos humanos
setº 81	centenas de pessoas massacradas em Lacluta durante a operação "Segurança". Milhares enviados para um exílio forçado na ilha do Ataúro.
set. 81	O partido trabalhista australiano adota uma política de apoio à autodeterminação do povo de Timor-Leste
julho 83	a Amnistia Internacional expõe manuais e ordens de tortura Indonésias para Timor-Leste Um grupo de 170 parlamentares europeus apela para a autodeterminação de Timor-Leste
setº 83	uma delegação parlamentar australiana a Timor-Leste apoia a integração enquanto um relatório do Senado rejeita a mesma
jan 84	a agência France Press em Jacarta revela a existência de falta absoluta de alimentos em Timor-Leste
fevº. 84	a comissão dos direitos humanos da ONU acusa a Indonésia de violação dos direitos humanos em Timor-Leste
mar 84	o presidente Eanes de Portugal convoca o Conselho de Estado para encontrar uma solução justa para o problema de Timor
jan 85	contacto via rádio estabelecido entre forças da Fretilin em Timor-Leste e Darwin
mar 86	a UDT e a Fretilin reagrupam-se para nova campanha para a autodeterminação

¹⁷² EXCLUSIVO GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) agosto 1989.

¹⁷³ EXCLUSIVO GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) agosto 1989.

julº 86	o Parlamento Europeu exige à Indonésia que cesse a sua ocupação e apoia a autodeterminação de Timor-Leste
	O parlamento português denuncia atos de genocídio em Timor-Leste
abr. 87	primeira eleição para a assembleia provincial de Timor-Leste
ago. 87	o comité de descolonização da ONU debate Timor-Leste
set. 87	o assunto de Timor-Leste volta à agenda da comissão dos direitos humanos
mar 88	o parlamento Europeu apoia negociações entre Portugal e Indonésia para encontrar uma solução que assegure os direitos dos timorenses e da sua identidade cultural
ago. 88	o comité de descolonização da ONU debate de novo o problema de Timor-Leste
setº 88	a Austrália e a Indonésia assinam um acordo para a exploração conjunta das reservas do mar de Timor
outº. 88	senadores e congressistas norte-americanos enviam uma moção ao secretário de estado George Schultz na qual manifestam a sua preocupação em relação a Timor-Leste
nov. 88	Suharto visita Timor-Leste. Centenas de timorenses detidos.
dez 88	a Indonésia concede estatuto total de província a Timor-Leste em paridade com as restantes

143.4. em 1989 - A LUTA CONTINUA

jan	explosão num paiol em Díli
	Padre Fernandes depois de 14 anos na Austrália anuncia o seu regresso a Macau
fevº.	Ex-embaixador australiano Bill Morrison demonstra a sua solidariedade com as tropas indonésias
	Gov. de Timor, Mário Carrascalão desmentiu atentado bombista em Díli e ameaças de que estaria prestes a ser substituído.
	A Austrália e a Indonésia anunciam melhoria das relações diplomáticas bilaterais
	Morte de Moisés do Amaral presidente da comissão política da UDT
	Stuart Hume, novo embaixador australiano em Lisboa declara que o assunto de Timor está encerrado e que cabe aos portugueses a responsabilidade de o resolver
mar 89	Ali Alatas visita a Austrália e enterra o problema de Timor sem oposição dos jornalistas australianos
maio 89	criado subgrupo de apoio a Timor-Leste dentro do âmbito do comité para um Pacífico independente e não nuclear
	Documentário sobre australianos na segunda guerra em Timor passado na TV australiana
	Bispo de Díli pede intervenção de Pérez de Cuellar sobre situação em Timor
junº 89	estreia particular do filme "Enterrados Vivos"
	Estudantes timorenses pedem asilo nas embaixadas do Vaticano e do Japão em Jacarta
jul. 89	nova antestreia do filme "Enterrados Vivos" na Universidade de Tecnologia de Nova Gales do Sul
	Try Sutrisno comandante-chefe das FA'S Indonésias visita Austrália
ago. 89	estreia de "Enterrados Vivos" em Melbourne
	Comité dos 24 reúne sobre Timor com presença de timorenses, japoneses e parlamentares de todo o mundo

144. CAMBERRA VÊ FILME SOBRE TIMOR-LESTE ¹⁷⁴

144.1. APRESENTAÇÃO NO PARLAMENTO ¹⁷⁵ SIDNEY agosto 89, ORIGINAL PUBLICADO PELO GCS – GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU - REVISTA MACAU)

144.2. TONY LAMB, MHR, MP, PARTIDO TRABALHISTA

"Antes de mais quero agradecer a presença de Gil Scrine, produtor do filme, de José Ramos-Horta e de Chrys Chrystello, vindos de Sidney para esta apresentação aqui no parlamento australiano. Aproveito para lembrar que existe um paralelo entre a situação da Estónia, Lituânia e Letónia e a de Timor-Leste, é a de que há dois anos ninguém pensava ser possível falar de autonomia.

Poderemos imediatamente considerar como duvidosas quaisquer declarações indonésias sobre a forma de plebiscito ocorrido naquele território. Ainda recentemente numa carta enviada ao Secretário-geral da ONU, Pérez de Cuellar, o bispo de Díli, monsenhor Belo declara que como chefe da igreja católica e responsável pelas almas de Timor declara-se adepto de um processo de descolonização de Timor-Leste a realizar através de um referendo nacional sob os auspícios da ONU, a fim de que o povo de Timor possa ser ouvido em relação ao seu futuro.

Até agora esse povo não foi consultado, apenas a Indonésia declara que o povo já escolheu livremente a sua opção como sendo a da integração....

Portugal por seu lado quer resolver o problema, mas, entretanto, as pessoas continuam a morrer como cidadãos e como nação.

É sobre isto que o filme se debate e por isso sendo esta a primeira razão vos aconselho a ver bem este filme. Uma segunda razão será a de existir uma profunda relação australiana com os acontecimentos, a nossa proximidade, a nossa relação geopolítica para com o país mais perto de nós, sem podermos esquecer as dívidas da segunda Grande Guerra para com os timorenses, que constituíram a segunda linha de defesa deste país, e sem a qual teríamos sucumbido.

Temos agora 60 parlamentares e senadores no grupo de apoio a Timor-Leste o que continua a ser menos dos que os 200 senadores e congressistas norte-americanos que expressaram recentemente a sua preocupação sobre o território.

Eu já vi este filme e estou desapontado com alguns críticos que disseram que isto não passa de uma tentativa de fazer de José um herói. Como José vos dirá ele pode ser a figura central porque lhe dá continuidade desde o tempo anterior à invasão até hoje e eu presto-lhe a minha homenagem pelo papel complexo que ele desempenhou, mas recuso-me a considerar o filme como um empolamento do ego, e sinto-me triste por alguém ter tentado menosprezar o filme por essa razão. Trata-se de um filme inesquecível e memorável e tenho a certeza de que vão apreciar vê-lo. Depois desta introdução, dou as boas-vindas a Gil que apresentará a figura principal deste filme José Ramos-Horta.

144.3. GIL SCRINE – PRODUTOR DO FILME:

Obrigado Tony, obrigado a todos por terem vindo, penso que devo dizer apenas algumas palavras sobre as razões porque fiz este filme, como aliás já hoje me perguntou um jornalista do "Camberra Times". Devo dizer que acho a pergunta hipócrita e quero explicar porquê. Como sabem Timor-Leste está a 400 km a norte de Darwin, e trata-se de uma guerra escondida como este folheto que está à entrada vos pode explicar melhor. Timor está escondido dos olhos do mundo porque a Indonésia isolou o país nos últimos 14 anos.

No entanto jornalistas australianos, e produtores de cinema, comentadores e fabricantes de opinião pública escolheram, porém, a via mais fácil e continuam a esconder tal guerra. Tenho muitos colegas no mundo do cinema que passam a vida a correr para a América central para cobrir as guerras ali. É muito popular defender os direitos humanos em outras partes do mundo, mas não é popular defendê-los na nossa região.

Gostaria de mencionar Shirley Shackleton [viúva de um dos seis jornalistas australianos abatidos pelos indonésios] que estava presente no lançamento deste filme em Melbourne e que me mostrou um artigo que ela escrevera para o "Sydney Morning Herald" sobre o massacre em Tian An Men e obviamente fazendo a comparação lógica, porque é que Bob Hawke não chorou por Timor.

O editor dos artigos de fundo do Sydney Morning Herald evidentemente recusou-se a publicar o artigo, ela telefonou-lhe repetidas vezes a fim de saber porquê, e finalmente ele disse-lhe "bem, Shirley, dou-te 180 milhões de razões" [população Indonésia].

Parece-me a mim que a Austrália como nação tem sido subserviente por muito tempo. Creio que temos de ver bem a nossa psicologia nacional, para vermos porque é que continuamos a esconder esta guerra, porque trabalhamos com os indonésios e os ajudamos a esconder esta guerra, este crime contra a humanidade em Timor-Leste.

¹⁷⁴ EXCLUSIVO GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) agosto 1989.

¹⁷⁵ INTRODUÇÃO AO FILME "ENTERRADOS VIVOS" NO PARLAMENTO AUSTRALIANO.

APRESENTAÇÃO DO VICE-PRESIDENTE TONY LAMB, PERANTE A PRESENÇA DE SENADORES E PARLAMENTARES, EMBAIXADOR PORTUGUÊS E OUTRAS PERSONALIDADES. [DIA NACIONAL DA INDONÉSIA 17 DE agosto 1989]

A resposta dada àquele jornalista do "Camberra Times" é autoexplícita: não há filmes nem documentários, logo parece normal que alguém fizesse tal filme. Outros produtores perguntaram-me, "mas como é que vais fazer um filme sobre uma terra onde nem sequer podes ir?" Eu deparei com essa mesma questão quando comecei a pesquisar para fazer o filme e vi que havia toda uma intensa luta conduzida por pessoas como José Ramos-Horta nas arenas internacionais. Foi então que me dediquei a mostrar a hipocrisia, o genocídio, a terrível tragédia de Timor-Leste através do trabalho diplomático das forças da Fretilin. Trata-se assim de um filme feito sobre a guerra do papel, a guerra da propaganda, não verão muita evidência no filme da guerra "quente" que ainda hoje decorre no terreno em Timor-Leste e isso é uma consequência de que já seis jornalistas morreram ali e seria muito perigoso para um produtor de cinema australiano, pegar nas suas câmaras e começar a passear por toda a parte, seríamos rapidamente detetados.

Sem mais introduções gostava de apresentar José, que foi a minha inspiração para o filme, e concordo com o comentário de Tony e José também concordará de que ele não quer ser visto como a personagem central do filme, mas como qualquer necessita de uma personagem central para conduzir o veio das ideias através do mesmo, e eu não podia desejar ninguém melhor do que José Ramos-Horta para representar o personagem central.

144.4 JOSÉ RAMOS-HORTA –

Obrigado a todos por terem vindo, concordo totalmente com o que Tony e Gil disseram de que eu não queria ser a personagem central. Quando há alguns anos atrás o Gil me abordou em Sidney para fazer o filme, eu tinha duas hipóteses dizer sim ou não. Acedi deixando-o filmar-me em Manhattan, em Nova Iorque, nos meus encontros nas Nações Unidas, etc. E daí algumas pessoas poderem dizer que se trata de um empolamento do ego. Não é e eu até nem estava totalmente satisfeito com o filme, lembro-me até de que por vezes tive de usar alguns truques com o Gil para que ele me não filmasse.

Quando eu ia da 88ª rua para as Nações Unidas, normalmente ia de autocarro, pois não tinha meios de ir de táxi e Gil filmar-me no autocarro e eu disse-lhe não eu não vou de autocarro vou de táxi e ele não conseguiu filmar-me no autocarro porque eu estava envergonhado de ser filmado no autocarro com as câmaras a focarem-me.

Foi uma experiência dolorosa para mim ter sempre uma câmara atrás de mim a focar as minhas atividades, mas por outro lado era meu dever e obrigação utilizar todos os meios ao meu alcance para divulgar a luta do povo de Timor e a sua tragédia.

Penso que Gil fez um ótimo trabalho em especial na frente diplomática. Algumas pessoas podem assumir conclusões negativas sobre a mensagem do filme de que se trata de uma causa perdida depois de 13 ou 14 anos nas Nações Unidas, o que atingimos? Se entendermos que os processos diplomáticos nunca são nem fáceis nem rápidos eu assumiria que muito se conseguiu.

Os militares quando invadiram Timor em 1975 pensavam que tudo estaria resolvido numa questão de semanas. O general Benny Murdani e Ali Murtopo pensaram que a resistência estaria aniquilada dentro de semanas e que no máximo dentro de um ou dois anos nas Nações Unidas o assunto deixaria de estar na agenda. Em julho deste ano quando eu estava em Lisboa o Secretário-geral da ONU voou para Lisboa para conversações de alto nível com o governo português. O vice-presidente Dan Quayle na sua recente visita à Indonésia discutiu o problema dos direitos humanos em Timor-Leste com o presidente Suharto.

O Papa vai a Timor-Leste em outubro deste ano, há quem pense que ele vai ali para encerrar o assunto de Timor-Leste. O facto da sua ida a Timor representa que o assunto não se desvaneceu da sua agenda. Quando o Papa foi convidado pelos indonésios para visitar a Indonésia ele insistiu em que só iria se uma visita a Timor-Leste fosse incluída. O Parlamento Europeu adotou recentemente resoluções em relação ao problema de Timor-Leste por maioria absoluta, o congresso norte-americano, mais de metade do congresso adotou resoluções em relação a Timor-Leste e assinaram petições para o presidente dos EUA em relação ao problema de Timor-Leste.

O Parlamento Europeu adotou resoluções em relação a Timor-Leste, o embaixador norte-americano Vernon Walters ainda tão recentemente como fevereiro deste ano numa análise das mais completas dos EUA sobre o assunto declarou que os EUA apoiariam uma solução política para o problema. Isto para mim significa que o assunto de Timor-Leste está bem vivo na agenda mundial.

Nós conseguimos-lo depois de muitos e muitos anos de luta, mas não fui só eu nem só a Fretilin e os seus representantes, tratou-se também do esforço de muitas outras pessoas, tais como Jim Dunn, Tony Lamb, o congressista Tony Horne, o senador Dave Durkenberger (republicano) e tantos outros na Europa e no resto do mundo.

Uma coisa porém devo dizer e dar ênfase, tal como já fiz com muitos australianos que encontrei ao longo dos anos: "não menosprezem a nossa determinação ou a determinação dos portugueses". Portugal é uma nação com mais de 800 anos, com uma grande história e sentido da história e um grande sentido de responsabilidade para com Timor-Leste.

Eu avistei-me recentemente com o presidente português, Mário Soares em fevereiro deste ano tivemos uma longa discussão e eu perguntei-lhe "Sr. Presidente acredita naquilo que está a fazer para Timor-Leste ou está a fazê-lo apenas por formalidade?" E a sua resposta foi a melhor que já ouvi de alguém e veio do coração, ele disse-me "eu estive exilado 30 anos e sei o que representa lutar por uma causa".

O presidente Mário Soares é altamente considerado na Europa e em Washington, como o é o primeiro-ministro Cavaco e Silva. Portugal é um membro da CEE, da NATO e pelas minhas discussões em Portugal, acredito que os portugueses estejam a considerar o assunto muito seriamente. A Austrália não deve menosprezar Portugal em relação ao "Timor Gap", tal como os americanos não menosprezam e é por isso que Dan Quayle levantou a questão de Timor-Leste em Jacarta, os europeus também não menosprezam e eu penso que será nos melhores interesses da Austrália utilizar os seus bons ofícios discretamente e subtilmente para persuadir a Indonésia para trabalhar seriamente com o Secretário-geral da ONU para a realização de eleições gerais em Timor-Leste.

Tudo o que pedimos é que se realizem eleições gerais em Timor-Leste supervisionadas pela ONU. O que estamos a pedir [será demasiado?], já alguém disse à Austrália que não deveria ter eleições na Austrália? Será que as eleições são antidemocráticas, inaturais? Não deverá haver eleições na União Soviética, ou na África do Sul? Porque é que a Austrália exige eleições para a África do Sul e inclusive até impõe sanções e não pede algo que é apenas natural: "eleições para que o povo de Timor-Leste possa decidir".

Eu apelo aos amigos da Indonésia, hoje é o dia nacional da Indonésia, aqueles que apoiam a Indonésia por uma ou outra razão deviam dizer-lhe: nós apoiamos a Indonésia e acreditamos que estão certos e esse tal de José Ramos-Horta e a Fretilin não significam nada, a independência não passa de um falso projeto da Fretilin, vocês não têm nada a temer, vamos fazer eleições em Timor-Leste, supervisionadas pela ONU, pelos países da Commonwealth, parlamento australiano ou norte-americano e decerto que 100% das pessoas de Timor-Leste – a acreditarmos na propaganda indonésia – decidiriam votar a favor da integração e este problema seria resolvido de uma vez por todas.

Porque será que a Austrália adota sanções contra a África do Sul relativamente ao apartheid e parece ter dificuldades em relação a Timor-Leste? É isto que eu não entendo. Se alguém no ministério dos estrangeiros – tenho grande respeito pelo meu amigo Dick Woolcott e digo-o sem cinismo, tenho um imenso respeito pelo seu intelecto e por muitas outras pessoas no MNE, mas queria que eles ou alguém nos mass média ou nos meios académicos me convencessem que a nossa exigência para eleições é uma exigência desmesurada ou inatural e nessa altura eu desistirei, mas antes convençam-me de que aquilo que pedimos está errado.

Isto é tudo o que tenho para dizer, e uma vez mais não nos subestimem, tais como aos Polacos, Húngaros, Alemães do leste, os povos do Báltico, e os chilenos e sul-africanos.

145. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE JOSÉ RAMOS-HORTA COM PRU GOWARD DA RÁDIO ABC CAMBERRA dia 18 agosto

89

PG – Então pretendem recuperar a vossa terra?

JRH – Eles [indonésios] apossaram-se de todas as terras, tal como estão a fazer agora, ocupando os melhores talhões, apossando-se dos locais de culto dos timorenses que viveram ali nas montanhas durante séculos e séculos e isto são questões muito básicas, para além da questão de independência ou outras.

PG – Porque é que não podem negociar um acordo com eles para a recuperação das terras, pois como disse isso é quase tão importante como a independência? Assim negociam com eles o direito a viverem onde sempre viveram e aceitam viver em território indonésio?

JRH – Nós não estamos em busca disso, estamos apenas a pedir o direito a conduzir eleições livres, não é nada fora deste mundo pedir a realização de eleições.

PG – Essas eleições seriam independentes de existir ou não um governo local?

JRH – Isso permitiria ao povo de Timor-Leste decidir se quer a integração na Indonésia e permanecer nessa situação, ou se preferiam a independência ou alguma forma de ligação a Portugal.

PG – Preferia ir então para Portugal?

JRH – Não, eu preferia poder regressar a um Timor independente.

PG – Claro, mas se tivesse a opção?

JRH – Se tivesse de escolher entre Portugal e a Indonésia depois de 14 anos de ocupação brutal da Indonésia, claro que terei de dizer que preferia um milhão de vezes mais ir para Portugal.

PG – O que é que os portugueses dizem?

JRH – Têm sentimentos bem fortes em relação a Timor-Leste, ainda recentemente me encontrei com o presidente Mário Soares, uma pessoa de tremenda integridade e respeito na Europa e nos EUA e algo que ele me disse durante a conversação: "eu estive exilado mais de 30 anos, lutei contra a ditadura em Portugal sei quão importante é lutar por uma causa e nunca deixaremos de lutar por Timor-Leste".

PG – Quão português é Timor-Leste, quanto sangue português existe lá?

JRH – Muito pouco, de facto a presença portuguesa em Timor-Leste era mínima, talvez mil portugueses. Ao contrário de Angola e Moçambique [em África] onde a presença portuguesa era mais repressiva, os portugueses em Timor-Leste se de alguma os podemos acusar é de negligência.

PG – Quão português é você?

JRH – Sou parte timorense e parte português, nasci em Timor, a minha mãe é de Timor e o meu pai era de Portugal, um dissidente que foi deportado para Timor-Leste e na segunda Grande Guerra juntou-se às forças australianas aliadas para lutar contra os japoneses em Timor. Ele fez parte do exército australiano tal como o meu avô, juntando-se aos australianos para lutarem contra os japoneses

PG – Cresceu em Timor-Leste, mas viveu em Portugal?

JRH – Nunca vivi em Portugal, cresci em Timor e vivi nas montanhas até terminar o ensino secundário quando vim viver para Díli, a capital, de resto vivi sempre nas montanhas e estava em contacto permanente com as gentes.

PG – Pratica a religião hindu?

JRH – Não e a maioria da população de Timor é católica, hoje em dia rondando entre os 75 e 80%.

PG – Nas vilas e montanhas mantêm-se?

JRH – Animistas, não há hinduísmo ou islamismo em Timor exceto uma ou duas centenas de pessoas que ali se fixaram há duzentos anos.

PG – Então de acordo com o que disse existe uma preferência por Portugal, mas então como é que estou errada a sugerir que isto é equivalente à Queenslândia pedir a secessão do resto da Austrália, e dizer não queremos manter-nos unidos, queremos preservar a nossa cultura e identidade, não gostamos do resto da Austrália. Como é que isso é diferente?

JRH – Bem, eu consigo entender que o resto da Austrália queira ver-se livre e obter a secessão da Queenslândia, mas no caso de Timor-Leste e Indonésia, o que se passa é que Timor-Leste nunca foi parte da Indonésia. O mesmo se passa na Papua Nova-Guiné. Seguindo esta lógica, porque é que a PNG quereria ter a secessão do resto da Indonésia? O resto da ilha, a outra metade é já indonésio. Mas podemos dizer o oposto, a Papua Ocidental (Irian Ocidental) é parte da PNG porque é que a Irian Ocidental há de ser parte da Indonésia em vez de ser da PNG? Faria mais sentido porque a Papua e a PNG são muito semelhantes.

PG – Mas de certo modo a Indonésia como país não existe, é uma coleção de ilhas todas com certas diferenças, mas é um país por razões estratégicas e de eficiência.

JRH – Claro, tem toda a razão ao dizer que a Indonésia é um estado artificial e não uma nação estado, nascida das chamadas Índias Holandesas, e aquilo que a Indonésia hoje é uma criação dos holandeses. Por esta mesma razão existem imensos movimentos separatistas na Indonésia, na Sumatra do Norte, na Irian Ocidental, nas Molucas e Celebes que não gostam do monopólio de poder e da economia pelos povos de Java. Timor-Leste nunca foi parte das Índias Holandesas, foi sempre português por mais de 500 anos e antes disso nunca fez parte da Indonésia, e dos reinos e impérios de Java, existentes entre o século VII e X. De facto, se formos até antes do período colonial, Timor-Leste nunca fez parte daquilo que hoje se chama a República Indonésia. Nunca teve nenhuma forma de associação com o resto da Indonésia.

PG – Qual é a densidade populacional de Timor hoje?

JRH – Agora mesmo de acordo com as estatísticas Indonésias – e sinto-me grato por me ter feito esta pergunta.

PG – Sei a que ela conduz...

JRH – 640 mil de acordo com estatísticas indonésias, em 1975 de acordo com estatísticas portuguesas aproximadamente 680 mil. A taxa de crescimento de Timor-Leste foi de cerca de 2%, seguindo uma evolução normal a população de Timor hoje deveria ser de 900 mil, em vez disso e de acordo com as estatísticas indonésias é de 630 mil

PG – Então pensa que os indonésios estão a declarar menos do que existem na realidade?

JRH – Não o que digo é que isso confirma que dezenas de milhares de timorenses morreram, foram mortos, morreram como resultado da guerra, das evacuações forçadas do mato, como resultado da falta de cuidados médicos e de execuções sumárias. Tudo isto está bem documentado pela Amnistia Internacional e por centenas de testemunhas oculares quer na Austrália quer em Portugal.

PG – Então que evidência tem que a administração central indonésia pretende inundar Timor-Leste com indonésios de outras ilhas?

JRH – A minha evidência baseia-se no governador de Timor-Leste, Mário Carrascalão o qual declarou que a população de Díli, a capital, é de cem mil pessoas. No tempo dos portugueses a população era de menos de 30 mil, desses 100 mil metade é indonésia. A maior parte das posições nos serviços públicos em Timor hoje são preenchidas por indonésios quer em Baucau e em Lospalos onde os militares comandam. Há colonos em sítios tais como na Maliana vindos da Sumatra e de Bali. Se formos ao mercado [municipal] de Díli, claro que para um jornalista australiano todos parecem timorenses ou indonésios, dado serem todos parecidos. Os mercados que impressionam qualquer jornalista que ali vá estão monopolizados por negociantes de Sumatra, Bali e outras partes da Indonésia não por timorenses.

PG – Então já há uma invasão de indonésios e haverá muitos que são mortos pelos habitantes locais?

JRH – Tem havido casos de violência em Díli, na capital, em protesto contra a ocupação indonésia.

PG – Mas não vai ganhar isto, trata-se mais de uma cruzada pessoal que não irá ter resultados?

JRH – Hoje estou muito mais confiante do que antes.

PG – De facto...?

JRH – Decerto e posso assegurar que nos próximos anos as coisas se modificarão.

PG – Como?

JRH – Quem acreditava que a União Soviética pudesse mudar, quem imaginava que Lech Walesa pudesse tomar as rédeas do poder? Quem o podia imaginar há 5 ou 2 anos atrás? Nas Filipinas, Ferdinand Marcos está hoje em Honolulu em vez de estar em Manila, a Coreia do Sul mudou...

PG – Mas o que mudou em Timor-Leste ou na Indonésia que possa mudar isto?

JRH – As ditaduras da esquerda e da direita entram em colapso face ao povo que exige democracia. Um novo regime democrático na Indonésia semelhante ao da Coreia do Sul e das Filipinas...

PG – Então a sua função é a de assegurar a instituição de uma democracia em Java?

JRH – Não, o que pretendo é manter o assunto nas manchetes falar com os líderes da oposição indonésia e democratas, para ter a certeza de que o regime do país muda naquele arquipélago.

PG – E manter a certeza de que estão fora do vosso alcance?

JRH – Claro

PG – Ramos-Horta obrigado pela sua presença aqui e estamos certos de que é bem-vindo o filme "Buried Alive" agora chegado a Camberra.

146. 18 agosto 1989 RDP (COMENTÁRIO SOBRE AS CENAS ATRÁS DOS BASTIDORES)

147. ENTREVISTA DE GIL SCRINE (GS) E JOSÉ RAMOS-HORTA (JRH) COM A RÁDIO 2XXX (X) CAMBERRA 18 agosto 1989)

X – Temos hoje connosco Gil Scrine produtor, codiretor, narrador, sonoplasta e editor do filme "Enterrados Vivos" e José Ramos-Horta, o representante da Fretilin nas Nações Unidas. Boa tarde a ambos. Para começar com Gil, que fez tanta coisa neste filme, o que me baralha sempre sem saber como foi possível obter tanta energia, como é que ficaste envolvido na produção e na ideia de fazer este filme?

GS – O meu maior ímpeto como australiano deriva da leitura do livro de Jim Dunn ["Timor, um povo traído"] e senti esta sensação profunda de vergonha como australiano de que tínhamos vendido os timorenses. Se estudarmos a história do passado vemos que os esforços australianos na segunda Grande Guerra, em que basicamente ocupamos a sua ilha e como resultado mais de 40 mil timorenses morreram como recompensa japonesa de o haverem feito.

Mas não foi só isso, quando chegou a altura de haver autodeterminação neste pequeno território pouco desenvolvido do império português, parecia lógico que justiça seria possível para este povo, e que tivesse o direito à autodeterminação e todos nós no início da década de 70 apoiávamos Gough Whitlam e pensávamos que a história faria justiça aos timorenses. Parecia então que o governo australiano poderia apoiar

os timorenses. Embora ele sempre dissesse no parlamento seria melhor que eles se integrassem na Indonésia, mas tal só se deveria passar depois de ter havido um ato de autodeterminação, o que soava como uma contradição, mas todos fomos na cantiga pois Gough era um grande líder para a justiça social e causas semelhantes.

Mas quando chegou a altura a Austrália abdicou totalmente dos timorenses tal como eu mostro no filme com uma pergunta a Richard Woolcott [então embaixador australiano em Jacarta] que basicamente diz num despacho para Gough "Se e quando a Indonésia invadir nós deveremos fazer o melhor possível para publicamente mostrarmos a nossa compreensão pela atitude indonésia".

Penso ser muito claro que isso indica uma relação entre o governo e os meios de comunicação social, pois de outra forma não seria possível reduzir o interesse público na Austrália a menos que haja um entendimento entre o governo e a comunicação social?

Isto também mostra que as pessoas no ministério dos estrangeiros tinham uma agenda secreta relativa aos interesses nacionais australianos de que a Austrália seria melhor servida se fosse ao encontro desta invasão brutal e creio que há muita gente hoje em dia no parlamento capaz de dizer que os timorenses foram abandonados, mas a maior parte deles não está disposta a vir a público e dizê-lo. Tudo isto combinado põe um ónus moral nos produtores de cinema independentes que não se sentem constrangidos por superiores hierárquicos.

Muitos outros produtores independentes têm-se concentrado na situação da América Central ou nas Filipinas, por que não ver uma situação que se passa tão perto de nós? As guerrilhas da Fretilin até são fisicamente parecidas aos sandinistas com os seus longos cabelos e insígnias: é impossível esquecer esta semelhança que nas suas dramáticas conotações deveria levar-nos a olhar naquela direção e estudar a luta ali existente.

Eu deparei com um vácuo total em relação a Timor-Leste. O próprio José Ramos-Horta fez um minifilme penso que em 1977 do qual eu utilizei algum material de arquivo para o meu filme. Até eu fazer o meu filme isso era tudo o que havia em relação a Timor.

X – Que dificuldades houve e estamos certos de que as financeiras foram as maiores, mas por exemplo a apatia e isso é demonstrado no filme em relação a Timor-Leste. Que dificuldades houve, as pessoas perguntavam que filme, porquê e para quê?

GS – Claro que houve disso, mas quando por exemplo eu telefonava para os sindicatos deparava com esta espécie de memória esquecida de Timor e pelo telefone davam-me bastante apoio. Claro que no fim muito pouco dinheiro veio dos sindicatos, mas senti este sentimento de culpa que estava lá e veio à tona quando se falava no assunto. As pessoas devem ter dito este tipo é louco, mas merece algum apoio. Por outro lado, o que interessava também para fazer este filme era descobrir porquê esta apatia em relação a Timor. Será ele fruto da nossa maneira de ser humana que tem de esquecer isto ou foi de alguma forma manipulada? Foi depois de ler Noam Chomsky em relação ao assunto que comecei a encontrar algumas respostas.

X – Chomsky atinge um ponto alto ao demonstrar como a comunicação social é manipulada por estes enormes interesses e corporações. Isto sem ter visto o filme, mas baseado nas notas de apresentação demonstra que não só na Austrália, mas na América e na Inglaterra e no resto do mundo o assunto de Timor foi enterrado.

GS – Penso que ninguém tem de ter um alto nível intelectual para entender isto como Chomsky me disse a certa altura numa entrevista que não está no filme, claro que muita gente dirá "**para entender isto é preciso ser-se um académico ou ter estudos em comunicação social para se entender este assunto tão complexo**", mas pelo contrário qualquer pessoa pode pensar que um grande jornal do grupo Fairfax ou Murdoch tem contactos estreitos com o governo a toda hora e muitas vezes dependem do governo para obterem as suas vendas de anúncios. Claro que a nível mundial o mesmo se passa e os donos de meios de comunicação social estão em contacto íntimo com departamentos de estado, ministérios de estrangeiros e outros.

Trata-se de uma relação simbiótica e isto é importante entender-se para depois termos uma janela sobre a qual olhar para o assunto de Timor. Posso recordar uma experiência recente em que um jornalista do grupo Murdoch incluiu um tema na lista diária sobre Timor-Leste. Quando o redator devolveu a lista dos artigos a tratar nesse dia o assunto sobre Timor tinha sido assinalado com o comentário "**isto já não é notícia**". Isto é um bom exemplo da forma como o assunto de Timor é gerido pelas pessoas que dominam a comunicação social. São os redatores que são capazes de manipular as notícias dessa forma.

X – Isto é espantoso, aliás pode-se ver sentando-se no clube de imprensa em especial em Camberra e ouvi-los falar sobre as notícias que não saem ... esta censura seletiva e redatorial que foi bem demonstrada no filme. A este respeito gostaria de falar com José Ramos-Horta, para as pessoas que nada sabem da Fretilin, que nada sabem do passado, pode-nos exemplificar o seu envolvimento e narrar os factos?

JRH – Primeiro, Timor-Leste era uma colónia portuguesa durante cerca de 500 anos até 1975 quando foi invadida pela Indonésia. Em 1974, depois de 50 anos de ditadura em Portugal o Movimento das Forças Armadas depôs a ditadura e começou um processo de descolonização que traria a independência de Moçambique, Angola e outras colónias africanas. Pela mesma lógica Timor-Leste iria ser independente no verão de 77 ou 78, data para a qual se previa a realização de eleições em outubro 1976. Dos três maiores partidos a maior parte [a Fretilin e a UDT] queria a independência e havia um minipartido, chamado Apodeti que queria a integração com a Indonésia, mas a Apodeti não dispunha de mais de uma centena de elementos em todo o país. Era óbvio que uma maioria do povo de Timor-Leste, totalizando 680 mil à data queria a independência.

Depois de 500 anos de dependência colonial era apenas lógico e natural que o povo de Timor-Leste que não tinha qualquer relação com a Indonésia ao longo dos séculos, não quisesse ser colonizado por outra potência estrangeira. É um insulto à inteligência e à dignidade de um povo dizer "**Bem agora que os portugueses saíram, vamos enviar-vos para serem escravizados e colonizados por outra potência**". É uma visão condescendente, paternalista e racista típica da Austrália, quando alguns jornalistas e políticos decidem que já que os portugueses vos não querem depois de 500 anos, os 670 mil timorenses devem ir para a Indonésia.

A propósito quem são os indonésios? São os javaneses, serão eles superiores aos timorenses, aos Papuas Ocidentais. Nós não pensamos assim, temos centenas de anos, milhares de anos de história, uma cultura impressionantemente rica, bem como uma história e rituais e era lógico que os timorenses de uma forma geral quisessem a independência e a Fretilin nada mais representava do que uma expressão deste desejo de liberdade e independência.

Claro que não foi a Fretilin quem inventou a palavra independência, ela esteve sempre na mente das gentes, não numa forma moderna de estado soberano, mas durante séculos eles controlaram e governaram o interior, nas vilas e aldeias, com uma relação de respeito mútuo pelos portugueses.

De facto, se algo pode ser dito em relação aos portugueses é de que o seu regime colonial foi um regime benigno. O pior que poderemos dizer é que se tratou de um regime negligente, mas esta negligência de séculos foi extremamente útil para os timorenses que viviam nas montanhas. Noventa por cento dos que viviam nas montanhas foram deixados à sua sorte, sem serem tocados ou afetados pelos portugueses. Os portugueses por exemplo não foram para o mato e liquidaram todos, ao contrário do que os primeiros colonos fizeram na Austrália. Eu lembro-me dum francês, não tenho a certeza se era o presidente Mitterrand ou o primeiro-ministro quando houve um debate com a Austrália em relação à Nova Caledónia, disse "**se tivéssemos feito como os australianos não haveria hoje problemas na Nova Caledónia**".

O mesmo se passa em relação a Timor, quando ouvimos racistas como Gough Whitlam e Peter Hastings tentando culpar os portugueses, bem deixemo-nos disso, não creio que os portugueses precisem de lições em relação a harmonia racial por parte da Austrália. Se virmos o Brasil em que cerca de 80% da população é mestiça, se virmos Cabo Verde na África Ocidental onde 80% são de raça mista, vejamos Angola e Moçambique, bem creio que os portugueses não precisam de conselhos.

Claro que não estou aqui a defender o poder colonial português, mas acho hipócrita, quando ouvimos jornalistas australianos, académicos e políticos culparem os portugueses sobre o que se passou em Timor-Leste, porque é a Indonésia que está a ocupar Timor-Leste há 15 anos. Resumidamente, a maioria esmagadora das pessoas de Timor ainda hoje apoiam a independência e se eles tivessem de escolher entre a Indonésia e Portugal, penso que não erro se disser que a esmagadora maioria preferiria um milhão de vezes Portugal aos "**ditos irmãos**" da Indonésia.

X – José, isto é uma versão que aqui não ouvimos muito nos mass média. A explicação indonésia daquilo que se passou é que de facto todos os mortos desde 76 e 77 foram vítimas da guerra civil entre timorenses.

JRH – Não posso crer que quer membros do governo quer membros da comunicação social possam acreditar nessa propaganda indonésia. Talvez o admitam em público, mas creio ser exagerado esperar que alguém acredite nisso. O que se passa em Timor hoje é uma guerra, basta falar com algum das centenas de refugiados na Austrália e em Portugal, alguns deles chegados há apenas algumas semanas, que podem testemunhar que 99,9% da população se opõe à Indonésia. Entidades timorenses que no passado em 1974 e 75 pensavam que a integração com a Indonésia era a melhor opção estão hoje escondidos nas montanhas e alguns foram até assassinados pelos indonésios. João Martins um líder proeminente da Apodeti, um professor primário, foi envenenado há apenas alguns meses e ele era um dos intelectuais que propugnava a integração na Indonésia. Nos últimos anos, porém, mudou e tornou-se bastante vocal e foi envenenado. O mesmo aconteceu com outros, assassinados pelos indonésios.

Quem em Timor hoje quer a integração com a Indonésia? Contam-se pelos dedos, sabemos quem são e onde vivem. Meia dúzia deles e é tudo. Por essa razão a Indonésia não aceita um ato de autodeterminação ou eleições livres. Se é verdade aquilo que a Indonésia diz que aquilo

que se passa em Timor é o resultado de uma luta de guerrilhas instigada pela Fretilin, e se é verdade que a maioria da população prefere os indonésios, então pareceria lógico que a Indonésia aceitasse eleições livres para Timor-Leste.

A Austrália exige eleições livres na África do Sul, ainda há semanas ouvi um debate sobre sanções contra a África do Sul e no qual o senador Gareth Evans e outras pessoas exigiam o poder para a maioria na África do Sul e a realização de eleições, sanções, etc. por causa do apartheid, então porque não [pedir o mesmo para] Timor-Leste? É como Gil disse, as pessoas estão excitadas sobre o que se passa na América Central, centenas de milhares de quilómetros de distância, mas não estão interessados naquilo que se passa em Timor a apenas 400 milhas a norte de Darwin. Porque não exigir a realização de eleições na Indonésia?

X – Isto parece típico do governo australiano sempre a tentar ser visto como se estivesse a proceder corretamente, mas em relação a Timor-Leste é como se esperassem que todos se esquecessem que está ali.

JRH – Deixe-me também dizer-lhe que tendo lidado com membros governamentais australianos por mais de 15 anos, porque a primeira vez que vim à Austrália tentar obter apoio para a causa de Timor foi em 1974, sem um avo nos meus bolsos quando cheguei a Darwin, e era o começo da nossa campanha. Eu basicamente já desisti da Austrália. Claro que compete ao público australiano estimular um debate e impor mudanças em relação a Timor. Para mim a Austrália tornou-se irrelevante no caso de Timor-Leste. Depois de terem reconhecido a integração de facto e de jure na República Indonésia, a Austrália perdeu a oportunidade de preencher seja que papel for em relação a Timor-Leste. O que quer que Gareth Evans diga ou queira. Se ele tentar fazer algo de bom será apreciado, doutra forma será esquecido.

O assunto de Timor-Leste está já na agenda do congresso norte-americano, no parlamento Europeu em Estrasburgo, na CEE em Bruxelas e se bem que pareça um assunto morto e enterrado na Austrália não o foi no resto do mundo. Algumas vezes fico impressionado com os sentimentos patrióticos de jornalistas australianos e académicos que de facto pensam que a Austrália é o centro do universo. Que se nada se passar em Camberra nada se passa na Europa ou nos EUA. Aprecio isso e creio que toda a gente deveria ser patriótica, mas o facto é que geograficamente a Austrália está numa posição infeliz, pois tanto quanto se tente mudar o globo não conseguirão colocar a Austrália no centro do universo. Podem por os EUA no centro, depende como se olhar para o mapa, se virarmos o mapa de pernas para o ar teremos a África no centro em vez da Europa e vice-versa. A Austrália será muito mais difícil, exige muita imaginação para tal.

O facto de os australianos serem ignorantes, apáticos, os chamados académicos e peritos da universidade nacional australiana [ANU] que se fazem passar por académicos neutrais e independentes, embora muitos sejam consultores da Bakkim [serviços secretos indonésios] e do governo indonésio, mas de facto o assunto de Timor-Leste está bem vivo no resto do mundo. No congresso norte-americano, o vice-presidente dos EUA, Dan Quayle levantou a questão de Timor-Leste com o presidente Suharto da Indonésia. Fê-lo porque existe pressão do congresso norte-americano, do papel cada vez maior que Portugal está a desempenhar, e os EUA têm de tomar em consideração a posição de Portugal, como membro da NATO (OTAN), da CEE.

O Papa irá visitar Timor-Leste em outubro e vai lá porque Timor é um assunto importante. Quando os indonésios o convidaram [o Papa] a visitar a Indonésia em 1986 ele recusou, por causa de Timor. Eles convidaram-no de novo e desta vez resolveu aceitar desde que a visita seja extensiva a Timor-Leste. Claro que aguardámos para ver o que ele fará ali. Mas o simples facto de ter incluído Timor na visita mostra a extrema importância que Timor tem. Isto prova que o assunto não está esquecido, mesmo que os negócios estrangeiros [australianos] não queiram falar do assunto, mesmo que o Canberra Times ou outros meios de comunicação social não queiram falar disto e nós estamos bem confiantes de que o assunto será mantido nas manchetes e teremos mais apoio internacional.

X – José, o seu passado profissional cremos ter sido como jornalista.

JRH – Comecei muito novo a ter de ganhar a vida como jornalista num fraco jornal em Timor, depois fui deportado para Moçambique na África Oriental onde trabalhei como correspondente de um jornal local, cobrindo a guerra entre os portugueses e os guerrilheiros em Moçambique e era correspondente para a TV em Timor [onde não havia televisão].

X – A razão pela qual fiz esta pergunta é que através do filme há uma ênfase muito especial na perceção dos factos e em especial dos meios de comunicação social. O filme está dividido em duas partes, uma primeira que leva até aos acontecimentos de 1975, e os australianos estavam preocupados então com a morte dos jornalistas, depois a forma como a imprensa relata – ou melhor – não relata os acontecimentos em Timor deixou-me uma impressão muito forte.

GS – Penso que uma das razões porque eu quis fazer disso um dos temas centrais do filme e do título deve-se a esta apatia de que falávamos há pouco. Não acredito que os australianos tenham esquecido Timor-Leste, penso antes que lhes foi dito para esquecerem pela sua omissão dos meios de imprensa e da televisão. Como resultado fico francamente espantado com a ignorância de alguns comentadores australianos. Ainda esta manhã uma jornalista perguntou ao José sobre o seu budismo ou hinduísmo. Esta mesma comentadora deve saber segundo presumo – que a Solidariedade na Polónia é altamente católica, ela sabe isso mas desconhece tudo sobre os timorenses. É extraordinário quando se pensa no assunto. Faz parte da nossa história e da nossa perceção na Austrália como parte da Europa, o que é pelo menos insólito, considerarmo-nos um enclave colonial da Inglaterra.

X – Parece também existir uma componente racial que pode ser manipulada na comunidade em relação ao que se passa em Timor-Leste. Essa pequena ilha com todos aqueles estranhos seres de cor. Isso leva ao facto de só ser relevante o que se passa no parlamento em Camberra ou talvez até mesmo em Washington. O outro lado da medalha será o daquelas pessoas que não têm à sua disposição uma estação de rádio ou um jornal ainda sentem profundamente o problema de Timor-Leste. O José tinha razão há momentos, porque todos os governos de Fraser, Whitlam, Hawke negligenciaram totalmente o assunto em troca da ligação com a Indonésia e EUA. Existe uma restrição profunda a nível político e geopolítico, Gil qual o seu comentário?

GS – Penso que é verdade, obviamente a Indonésia é um amigo da confiança dos Estados Unidos no Sudeste Asiático e depois da derrota no Vietname do Sul – e aquela imagem do helicóptero tentando levantar do telhado da embaixada americana em Saigão está bem gravada na mente de todos como sendo a pior hora da América, a ignominiosa derrota da América no Vietname do Sul provavelmente implicou que a Indonésia teria de ser protegida a todo o custo, e como o José diz no filme, Timor-Leste não era relevante nem para russos nem para americanos, mas o importante era essa perceção de ser a Indonésia o último bastião contra o comunismo no Sudeste Asiático, uma espécie de último dominó. Depois do golpe [1965] que depois Sukarno e instalou Suharto, pelo menos 500 mil indonésios no arquipélago foram massacrados numa guerra fratricida, em que velhas dívidas foram saldadas. Como se pode admitir que os indonésios venham depois acusar os timorenses de fazer o mesmo? É abominável. Contudo isso provou aos americanos que a nova clique de generais que iria reger Jacarta daí para a frente eram brutais e ditatoriais logo eram de confiança.

Estive na Indonésia em 1984/85 estudando o idioma e tentando fazer um filme sobre a Papua Ocidental além do de Timor e falei com tantos indonésios quanto possível e achei incrível encontrar nos mercados de Satiga [Java Central] grandes posters de indonésios membros do PKI [Partido Comunista Indonésio] e alertando a população de que aqueles eram perigosos assassinos e que se fossem vistos deveriam ser executados de imediato. Esta mentalidade brutal contra o comunismo é histórica na Indonésia.

Ao mencionar Timor de novo surge a histeria pois a Fretilin é conotada como sendo comunista e a qual se fosse deixada em liberdade tomaria de assalto toda a Indonésia e permitiria que o PKI tomasse de novo as rédeas do poder na Indonésia, e claro que isto tem todo o apoio do departamento de estado [norte-americano] e todos sabemos a subserviência da Austrália, historicamente subserviente, primeiro pela Grã-Bretanha e depois pela América do Norte e agora ao que parece pela Indonésia. Porque somos tão subservientes? Creio que teremos de prestar atenção a isto pois no fundo pode representar a nossa queda final.

X – Todo este assunto de subserviência manifesta-se nas mais variadas formas. José como representante - tantos anos - nas Nações Unidas decerto observou toda uma vasta gama de jogos e complôs e eu estou a recordar-me da cena em que Moynihan [embaixador dos EUA na ONU] se mostra satisfeito por ter apagado o entusiasmo na discussão do assunto de Timor e garantindo que alguns países do terceiro mundo votassem de acordo com os interesses americanos. Será isto, com base na sua experiência, aquilo que frequentemente se passa com países do terceiro mundo cujos representantes deveriam apoiar a Fretilin e Timor e são forçados a abster-se ou votar contra?

JRH – Claro que sim, por exemplo no caso do Vanuatu, o governo de Walter Lini foi sempre bastante apoiante de Timor, em 1982 houve um debate crucial, Vanuatu era um dos principais proponentes da resolução de Timor na Assembleia-Geral e a meio dos debates o embaixador australiano Lance Joseph, o assistente de Dick Woolcott, disse abertamente que se Vanuatu continuasse a apoiar a questão de Timor a Austrália cortaria o auxílio económico ao Vanuatu. Primeiro este tipo de ameaça nunca é feito desta forma direta, dado que Lance Joseph excedeu o seu papel, e Vanuatu não mudou o seu voto. Debatí depois este problema com Dick Woolcott, e se Lance Joseph parece mais um adepto de futebol do Liverpool em Inglaterra sempre pronto para uma cena de pancadaria depois de umas cervejas, ao contrário Dick Woolcott é um diplomata refinado, e apesar das enormes diferenças que nos separam trata-se de uma pessoa razoável e urbana, extremamente inteligente. Eu costumava dizer-lhe que ele era um pragmático artístico que deveria ter vivido no século XVIII e ser o tutor do príncipe em vez de Maquiavel. Isto digo-o não como uma ofensa, mas em reconhecimento do seu pragmatismo como diplomata de carreira.

Enquanto Lance Joseph é uma personagem rude e crua que em frente de um embaixador de outro país ameaça um pequeno país em relação a Timor. Não vejo a necessidade de a Austrália ter de recorrer a isto. Nós não pedimos à Austrália que nos apoie dado que não quer, se a Austrália se quiser manter afastada do assunto tudo bem, no caso de 1982 a Austrália foi deveras destruidora indo de país em país, fazendo lobbying

nalguns países em favor da Indonésia. Isto não me agrava muito porque a Austrália não tem grande influência na ONU, os países africanos e da América Latina e da Europa estão-se nas tintas para a Austrália, mas os pequenos países da região são influenciados.

Existe ainda um outro fator, acho muito pouco dignificante para a Austrália este tipo de atitude. Imagine por exemplo o embaixador norte-americano na ONU à caça de votos para apoiar as Honduras.... É indigno e prova como a Austrália é capaz de descer a esse ponto envolvendo-se no assunto e tentando obter votos a favor da Indonésia e se calhar a Indonésia nem lhes pediu nada! Mas querem ser vistos como bons e amigos, para que os generais fiquem amigos dos diplomatas australianos, uma posição mais típica dos servos nos séculos XVIII e XIX na China, fazendo vénias e quase partindo a espinha diante do imperador chinês.

X – Trata-se quase de uma criança que está desesperada por agradar em todas as ocasiões...

GS – Lamento, mas nós somos um bocado assim

X – José, no filme menciona que no seu papel na ONU é importante manter uma certa visibilidade, ser visto e falar com diferentes representantes, e para si quando há votações ganhar uma moção pode não representar muito, mas perdê-la é terrível.

JRH – Bem o que eu disse é que ganhar uma moção pode não trazer grandes alterações em relação à situação no terreno, mas perdê-la é muito triste. Para qualquer país seja para Timor ou para a Indonésia. Abertamente eles podem afirmar que não faz mal, mas depois de terem lançado centenas de diplomatas muitos meses antes da votação e delegações de alto nível para todas as partes do mundo, delegações militares, de negócios, diplomáticas para lutarem contra a nossa resolução, é embaraçoso perder, os estados-nação são altamente sensíveis em relação a resoluções que os aponte em relação a um determinado assunto, seja abusos de direitos humanos ou outros. Há prestígio e orgulho nacional envolvidos ao oporem-se a serem criticados nas Nações Unidas, desta forma qualquer resolução na ONU é importante por estas razões. Perder é neste caso um importante recuo na nossa luta.

X – Qual a situação agora na ONU em relação a Timor-Leste, já mencionou a CEE e o congresso americano, outras entidades que dão apoio a uma resolução do problema, infelizmente que ainda não se passa o mesmo na Austrália, mas em relação à ONU o que se passa?

JRH – O assunto esteve na agenda desde 1975, em 1982 uma resolução crucial foi adotada a resolução 37/30 que apelava para a intervenção do Secretário-geral para iniciar conversações intervindo pessoalmente neste assunto. Em consequência o Secretário-geral tem tentado encontrar soluções e aproximar as partes envolvidas, os portugueses, nós e os indonésios. Trata-se de uma tarefa extremamente difícil, um processo doloroso e lento.

Os indonésios aceitaram conduzir negociações. Um ponto que talvez tenha passado despercebido ao público em geral: os indonésios sempre disseram que Timor-Leste era parte da república da Indonésia como 27ª província, pelo que se tratava de um assunto interno que estava fora do mandato das Nações Unidas. Contudo, ao aceitarem sentarem-se à mesa das negociações com os portugueses em frente da ONU, isto significa que eles retrocederam e pelo menos parcialmente ab-rogaram parte da sua soberania sobre Timor-Leste para as Nações Unidas, aceitando que as Nações Unidas tinham de facto um papel a desempenhar em relação a Timor-Leste. Isto foi uma vitória para nós. Eles podem dizer que Timor-Leste é parte da Indonésia, mas de facto ao concederem sentar-se e debater o assunto eles abdicaram daquela afirmação reconhecendo que Timor é ainda um assunto sob a responsabilidade da ONU.

Em julho quando me encontrava em Lisboa, o Secretário-geral deslocou-se a Lisboa para discutir com o presidente português. As negociações têm-se mantido em Nova Iorque e em Genebra com vista a levar a Timor uma larga delegação parlamentar portuguesa, cerca de 50 pessoas incluindo parlamentares jornalistas e técnicos para estudar a situação no território. Tudo isto faz parte de um esforço genérico com vista à realização de eleições em Timor.

X – Entretanto a Fretilin continua a lutar de várias formas, e embora não seja conhecida e publicitada a luta diplomática ela mantém-se.

JRH – Voltamos atrás e ao papel dos meios de comunicação social australianos. Tem havido inúmeras notícias provenientes de Timor-Leste, de fontes altamente credíveis e fiáveis. O bispo católico de Timor, monsenhor Belo, que vive em Díli, viaja através do país e tem conhecimento da situação, enviou recentemente uma carta ao Secretário-geral das Nações Unidas apelando para a intervenção do Secretário-geral para interceder junto da Indonésia para a realização de um referendo em Timor. Duramente criticou as violações de direitos humanos em Timor.

Essa carta foi altamente publicitada na Europa, no New York Times a cinco ou seis colunas. Eu posso referir Chrys Chrystello, que está aqui conosco hoje, ele é um jornalista português baseado em Sidney, e correspondente para a maior agência dos serviços noticiosos portugueses neste país, ele contactou a maior parte dos jornais australianos com esta carta. De facto, ele obteve a carta antes do Secretário-geral da ONU, e antes que qualquer outra pessoa em Lisboa e seria um "scoop" (uma caixa, um furo) para os jornais, mas ninguém se mostrou interessado. O "New York Times", o "Washington Post" aceitaram-na, a carta faz parte dos registos do congresso norte-americano.

É por isso que o público na Austrália não sabe. Quando eu vi Bob Hawke a chorar na TV em relação à China, eu não fui cínico e considerei-o muito sensível, seria bom que todos os outros países tivessem líderes capazes de chorar por tragédias como aquela, mas ele chorou porque viu nos ecrãs da televisão o massacre de estudantes e crianças em Tian An Men, se os meios de comunicação social australianos fossem mais investigativos para preencherem o seu papel de revelar a verdade perante o público, quebrando o bloqueio indonésio, creio que o governo talvez mudasse de atitude.

Eu culpo mais a comunicação social do que o governo. É fácil para os mass media convidarem-me a criticar o governo australiano, mas eu culpo-os mais a eles do que ao governo. Outro exemplo que ainda ontem Jim Dunn narrou. Jim Dunn um ex-cônsul em Timor e uma autoridade em relação a Timor, recentemente foi convidado a apresentar um programa na rádio ABC sobre direitos humanos em geral, o diretor da ABC suspendeu o programa depois de Jim Dunn ter dito que era obrigado a mencionar Timor naquele programa e isso afetaria as relações com a Indonésia. Não é isto muito pior do que a censura na URSS de Brezhnev e Estaline?

GS – Uma vez mais a subserviência...

X – Falando do filme "Enterrados Vivos" e esta entrevista está quase tão longa como o filme, uma imagem que me impressionou do filme é a do camião do The New York Times com o slogan **"todas as notícias que são apropriadas para publicação"** ... Parece-me que os jornais e camiões australianos também deveriam ter uma daquelas frases.

GS – Penso que o New York Times é vítima de um anacronismo daquele slogan, que têm utilizado desde há 120 anos e nessa altura representava a retidão moral, o que quereria dizer então não publicamos nenhuma porcaria ou imoralidade...

X – Outra cena é uma reconstrução em que a mulher de alguém **176** vai à porta e vê um ombro largo e pensam que é a polícia. Porque decidi reencenar essa imagem?

GS – Porque era importante para dar ênfase à dramática mudança do fim da era colonial, tal como ocorreu em Lisboa numa certa data. O fim do fascismo, o fim de reporteres tais como Adelino Gomes sendo molestados, e o recomeço da sua vida profissional. Durante o fascismo ele estava proibido de trabalhar. Queríamos mostrar como esse dia histórico começou.

X – Antes de terminar devo dizer que me parece uma luta muito solitária, José?

JRH – Toda a gente me diz isso, mas de facto a minha vida é tudo menos solitária, e nunca fui um mártir. A minha vida em Nova Iorque nunca foi solitária, onde tenho imensos amigos e dos bons, tenho amigos nos EUA e na Europa e ao longo desta luta por Timor encontrei centenas de pessoas maravilhosas, de crianças a adultos em todas as partes do mundo e ensinaram-me muito em termos de solidariedade humana. Mas não! Não é uma vida solitária.

Eu não sou como Henry Kissinger que disse **"eu sou o cowboy solitário"** e isso causou um escândalo nos EUA, porque ele via-se como o único arquiteto da política externa dos Estados Unidos. Eu não sou o único arquiteto da luta de Timor, há inúmeros outros envolvidos de uma forma ou outra. O que se passou é que quando o Gil foi a Nova Iorque fazer o filme eu estava sozinho naquela altura.

GS – O filme era para ser bem diferente e centrado na resolução da Assembleia-geral em que haveria 4 ou 5 timorenses vivendo num pequeno apartamento em Nova Iorque e cada um indo em diferentes direções em busca de apoios para a luta de Timor, uma espécie de cinema verité, essa a intenção original que eu planeava e ainda penso que deva ser feito um dia, o que se passou é que a resolução foi adiada em 1985 e 86 e não pude fazer o filme toda uma vez. Penso que se houver uma decisão em 1990 talvez então seja a altura de fazer esse filme.

X – Obrigado foi ótimo falar convosco hoje.

149. FILME SOBRE TIMOR NA TV AUSTRALIANA¹⁷⁷CAMBERRA, 28 agosto, LUSA)

José Ramos-Horta e Gil Scrine produtor do filme sobre Timor-Leste "Enterrados Vivos [Buried Alive]" conseguiram hoje pôr a situação de Timor num dos principais programas de TV nacional.

Durante a última semana em várias entrevistas a órgãos de comunicação social escrita, rádio e TV o filme e a saga de Timor-Leste têm sido despertados da apatia nacional australiana, segundo declarava há momentos Gil Scrine à Lusa.

¹⁷⁶ TRATA-SE DA MULHER DE ADELINO GOMES, ÚLTIMO JORNALISTA PORTUGUÊS EM TIMOR ANTES DE 7 dez 1975.

¹⁷⁷ LUSA DESPACHO #126/89 28/8/89

"Com mais de dez entrevistas em menos de uma semana, em Camberra, Sidney e Melbourne, a saga dos timorenses e o filme puseram Timor na lista dos assuntos que as pessoas queriam esquecer, mas não podem" confirmou Horta, que se mostrou extremamente crítico em relação aos mass media.

"Ao longo destas entrevistas conseguimos expor porque é que as autoridades governamentais australianas e os meios de comunicação social tentam evitar o assunto, e felizmente temos obtido uma cobertura ótima para a apresentação ao público no próximo domingo do filme "Enterrados Vivos" que terá lugar em Sidney e no qual contaremos com a presença do cônsul geral de Portugal Alexandre Vassalo.

"Várias pessoas com quem contactamos nos últimos dias têm-nos dito que há muito se não focava Timor como agora e que era bom saber que o assunto não estava morto no resto do mundo"

"Na estreia pública do filme estarão presentes entidades importantes ligadas ao problema de Timor além de mim e do João Carrascalão teremos o novo presidente da UDT, Dr. Paulo Pires que se desloca propositadamente à Austrália para incrementar a participação da população timorense na nova fase diplomática da Convergência Nacionalista " disse Horta a finalizar.

150. ESTREIA DO FILME 178 SIDNEY 27 agosto 89 LUSA)

Mais de 500 pessoas aplaudiram esta noite em pé a estreia pública do filme "Enterrados Vivos – a história de Timor-Leste" que se centra à volta de José Ramos-Horta. O filme que nas últimas semanas tem estado a ser lançado nas diversas capitais australianas tem merecido boas críticas por parte dos órgãos de comunicação social.

Esta semana por exemplo o único jornal nacional The Australian publicava um artigo a 3 colunas relativo ao mesmo, e a TV e outros meios da comunicação social davam relevo ao esquecimento que o caso de Timor tem tido na imprensa australianas.

Na sessão inaugural de hoje estiveram presentes: o cônsul geral de Portugal Dr. Alexandre Vassalo, o cônsul para os assuntos da imigração e comunidades portuguesas, Eduardo Oliveira, José Ramos-Horta embaixador de Timor na ONU, e o corpo dirigente da UDT (União Democrática Timorense) constituído pelo Dr. Paulo Pires expressamente vindo de Lisboa para o efeito, João Carrascalão, Domingos Oliveira e outros membros do comité central da UDT.

Tratou-se da primeira vez desde há muitos anos que as cúpulas da convergência unitária timorense se encontravam tão altamente representadas.

Com uma presença superior a 500 pessoas, nas quais, segundo a Lusa apurou, se encontravam veteranos australianos da 2ª Grande Guerra, a senadora australiana Irina Dunn do partido antinuclear para o desarmamento do Pacífico, inúmeros membros da comunidade timorense aqui radicada, intelectuais, jornalistas australianos e apenas um representando os semanários portugueses locais: José Almada, diretor do "Português", propriedade do Clube Portugal Madeira.

No final da sessão que por várias vezes foi interrompida por ovações do público, houve um cocktail, durante o qual o cônsul geral de Portugal Dr. Alexandre Vassalo declarou à Lusa "este filme devia ser visto em Portugal".

Eduardo Oliveira da secretaria de estado da imigração e comunidades adiantou que "estava disposto a interceder junto das autoridades portuguesas e em especial da RTP para que a passagem deste filme em Portugal fosse possível, dado tratar-se de um documento extraordinário, do qual o governo português se não devia dissociar".

O sucesso desta primeira exibição pública vem culminar uma crescente ofensiva nos órgãos de informação australianos para o problema de Timor, que nas últimas semanas pode ler doze entrevistas e vários programas de TV e rádio dedicados a Timor-Leste.

De acordo com o que Ramos-Horta disse à Lusa: "não deve ser menosprezada a vontade dos portugueses e timorenses em resolver o problema e tal como me foi assegurado aquando da minha visita em fevereiro a Portugal pelo próprio presidente Dr. Mário Soares, este quer ver encontrada uma solução para o problema da mesma forma que o Prof. Cavaco e Silva a tenta."

O filme "Enterrados Vivos" de Gil Scrine manter-se-á em exibição em Sidney por várias semanas depois da sua apresentação na passada semana em Camberra e em Adelaide e Melbourne.

O semanário "O Português" que na sua última edição dedicava a 1ª e a 17ª página ao filme, irá apresentar esta semana um suplemento especial de 4 páginas dedicado ao mesmo e ao problema de Timor-Leste.

CRÓNICA 256 FUTEBOL E TIMOR 20.5.2019

Normalmente nunca deixo que algo me apoquente muito tempo sem extravasar esse meu descontentamento.

Começamos por um tema raramente abordado nestas CrónicaAçores: o futebol. Sou simpatizante desde os seis anos do FCP, pois foi então que me levaram ao velhinho estádio a ver um jogo contra os brasileiros do Vasco da Gama (junho 1955, vitória local 4-2), mas nestes últimos anos ando desligado graças à corrupção de clubes, árbitros, federações e tudo o mais... bem sei que desde a antiga Roma e dos espetáculos circenses o povo sempre preferiu estes a preocupar-se com a governação, mas quando a falta de fair-play, as agressões, insultos, provocações, e ameaças passaram a ser moeda corrente faço o mesmo que fiz com a Fórmula Um, desligo e desinteresse-me.

Comprado ou "ao colinho" o Benfica ganhou a jogar bem, e o FCP que tem jogado mal qb, perdeu, pois, merecia perder, e como perdeu e nunca soube perder, perdeu as estribeiras. Nada que os seus rivais não tenham feito noutros anos. Enquanto não despromoverem os "grandes" todos por corrupção (falta provar apenas, pois todos sabemos que ela existe há décadas...) para a segunda liga ou liga de honra, como aconteceu em Itália, isto nunca endireita, os "pequenos" são sempre prejudicados e os grandes vão ganhando à vez, exceto o Sporting que só consegue vencer a cada 5 anos bissextos... depois, há os interesses políticos amancebados com a bola desde há muito, dirigentes políticos e políticos dirigentes... parece uma oligarquia russa.

Bem dizia eu que o fado, futebol e Fátima se manteve, mesmo depois do 25 de abril.

O segundo assunto que me incomoda é a minha primeira adotada pátria, Timor, que com biliões de petróleo continua a ter a maioria do povo na miséria, dizem que ainda há fome, e muitos dos líderes em abjeta boa vida rodeados de todos os bens materiais de que não necessitam. As estradas que custam milhões caem com as primeiras chuvas (no tempo dos portugueses usavam-se estradas dos japoneses melhoradas, mas não lhes chamemos estradas, pois eram picadas nalguns meses do ano e noutros eram lamaçais ou ribeiras de boa e muita água corrente... e quando se construía uma ponte como a Ponte Ricardo Alberty caía pouco depois e todos se contentavam com estas estradas...



atsabe ball (ANTIGA ESTRADA ATSABE - BALIBÓ)

Nova estrada do Suai, semanas após a inauguração:



Pois bem, Timor celebra por estes dias 17 anos de independência total e como dizia o escritor Luís Cardoso

“Celebro a data de hoje erguendo a minha taça vazia de espumante e cheia de boas intenções. Que um dia o meu país possa libertar-se dos seus libertadores. A minha lembrança vai para todos aqueles que nunca pediram nada em troca por terem oferecido tudo, inclusive as suas vidas.”

Mas passados estes anos e todos os terrores, desde o abandono de Portugal, à guerra civil de agosto 75, à invasão indonésia, à destruição e morte das milícias contra a independência, tempos, as feridas continuam lá, mesmo as mais antigas de agosto 1975, não sararam, sem cicatrizes e continuam em carne viva, separando famílias, amigos e outros que a morte ainda não levou.

Aliás, nota-se isso na ingovernabilidade que, de uma forma ou outra, atrasa o desenvolvimento do país, com governos que se sucedem a governos, nenhum deles sem poderes ou autonomia governativa, embora transversal a todos seja a capacidade de corrupção. E mais havia para dizer, mas não vale a pena...

Ou como escrevi em “[LÁGRIMAS POR TIMOR, ATÉ QUANDO? 16 JULHO 2012](#)”

sem alguém capaz de congregar o povo
sem alguém capaz de governar para todos
sem alguém acima de agendas pessoais
sem alguém acima de partidos

temos de ultrapassar agosto 75
udt e fretilin
a invasão indonésia e o genocídio
faça-se ou não justiça
é urgente um passo em frente

é urgente alguém com visão
um sonhador, um utópico
um poeta como Xanana já foi
alguém que ame timor
mais do que ama suas crenças
mais do que ama suas ideias
mais do que ama sua família

talvez mesmo uma mulher
sensível e meiga
olhar almendrado
pele tisonada
capaz de amar
impulsiva para acreditar
liberta de injustiças passadas
solta de ódios, vinganças e outras
capaz de depor as armas
todas
e liderar.

CRÓNICA 257 MAIS UM DIA DOS AÇORES MAIO 2019

Estou pouco prosaico este ano no dia dos açores e poeticamente lembrei-me disto....vá-se lá saber porquê..

#574. soletras autonomia, 14 abr 2013

ilhas de névoas e gaze
de novelões e conteiras
do verde e do azul
ó gente de basalto
quem canta a tua gesta?

terras de maroiços
cais de rola-pipas
mar imenso abraçado
lacerado por vulcões
ilhas de bardos e músicos
republicanos presidentes
poetas, pintores e artistas
anteros, nemésios e natálias
quem te liberta das grilhetas
do passado feudal
da escravatura da fé
do atavismo ancestral?
soletras autonomia
gaguejas liberdade
titubeias emancipação
com laivos de insubmissão
como a irmã galiza
cicias um 25 de abril
que tarda em chegar

ou então podia ter-me lembrado disto:

594. autonomias nominais (6 junho 2013

“para saberes quem te governa descobre quem não podes criticar”

Voltaire
hoje acordei sem voz
sem mãos,
sem pés
sem coração.
habito nove ilhas de mil cores
arquipélago de mil autores
num fiasco de autonomia
pobreza sem alegria
na independência poucos confiam
em busca de subvenções porfiam
melhor é ficar mudo e quedo
viver dos subsídios esmoleres
submissos e acomodados
pobres despreocupados
servos enfeudados
ingénuos explorados
na eterna espera de Godot
de um Mandela que não nasceu
assim se explicam os açores
ilhas de mil e uma dores

podia ter-me lembrado doutro escrito meu

534. açorianices 13 dez 2011

disseram para falar de hortênsias
plantar a palavra mar e algum sal
lugares comuns de bruma
azáleas, camélias, novelões,
conceiras, milhafres e cagarros
e assim se cria um escritor açoriano

houve mesmo quem acreditasse
autores nasceram assim
nas ilhas e na estranja
ganharam prémios, foto no jornal
o governo pagava e promovia
era uma primeira açorianidade

desta janela de neblina
avisto o mar em desalinho
mas sem hidranjas
nem vacas alpinistas
nem açores a esvoaçar

não terei nome no basalto

cantarei o arquipélago da escrita
sem títulos nem honrarias
sem adjetivos telúricos
sem versos de rima quebrada

não é açoriano quem quer
mas quem o sente.

E termino dizendo

580. *primaveras 3, (à ni), 3 maio 2013*

trazias primaveras nos cabelos
e verões no olhar
demos as mãos e rumámos ao futuro
voamos nas asas do vento
vivemos vulcões, tremores e furacões
cruzámos mares e continentes
perdemos o norte e o rumo
encontrámos paraísos desconhecidos
sussurrámos promessas e sonhos
navegando as asas da açorianidade.

CRÓNICA 258 ELEIÇÕES ONDE ATÉ OS VENCEDORES DEVEM SER CONSIDERADOS VENCIDOS 27.5.19

Ao fim de 45 anos de direito ao voto, levantei-me e não necessitei de vestir o meu fato domingueiro para exercer essa prerrogativa neste ato eleitoral para a EU. Nunca esqueço do que a minha geração lutou por esse direito que também é um dever, ao contrario do que a maioria das pessoas pensa.

Bem sei que pode não ter ajudado essa coincidência da votação com a celebração do ponto mais alto da religiosidade micaelense (Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres) e onde se estima que mais de metade da população da ilha tenha ocorrido às festividades, mais uns milhares que vieram de fora da ilha, fosse da diáspora ou doutras ilhas.

De um ponto de vista meramente filosófico, creio que os habitantes desta região autónoma ainda não compreenderam que sem os fundos europeus os Açores não teriam progredido como se tem visto nestas últimas décadas. Talvez tenham mesmo esquecido a canga feudal que os assolou durante quinhentos anos, e, se bem que diluída ainda subsiste dissimulada e vestida de novas roupagens, em meios rurais como aquele que me rodeia. Basta atentar que a minoria que ora tem acesso à universidade estaria condenada a tarefas agrícolas e pecuárias tradicionais se não fossem os fundos europeus e outras mudanças verificadas.

Ainda uns dias antes das eleições havia pessoas que se mostravam espantadas com a Europa, pois nunca se tinham apercebido que os Açores são europeus, portugueses sim, mas europeus???? A Europa é uma noção difusa, longínqua, inexplicada e inaprendida nas escolas e nas localidades que dela dependem para consubstanciarem o seu progresso. Daí todos me desejarem as Boas Festas (e eu espantado, ainda falta tanto para o natal!!!) pois para a maioria nestes meios rurais o importante são as celebrações de cunho religioso e a anual festa pagã da sua freguesia.

O dia amanheceu quente e soalheiro a convidar para a praia os que são menos atreitos a estas coisas de festas religiosas e o movimento local era reduzido pois, desde muito cedo, quase todos haviam abalado para as "Festas" e a própria missa local parecia um deserto ao meio dia, quando nem 5% dos eleitores aqui tinham votado.

Por mais preocupados que os líderes partidários digam estar com a abstenção, as suas declarações são iguais às de eleições anteriores e desde então nada (ou muito pouco) foi feito para reduzir esse abstencionismo que bateu os recordes nacionais. A razão é simples pois conseguem-se grandes vitórias eleitorais com um, cada vez, menor número de eleitores. Nem 20% exerceram o seu direito de voto nos Açores, logo uma maioria de 40% representa 8% do eleitorado, mais coisa menos coisa... com dizia, por outras palavras, o colega Osvaldo Cabral, qualquer dia os partidos quase nem precisam de votos para vencerem...

A verdade é que a RTP Açores ajudou, pois ao transmitir em direto todas as festividades do Santo Cristo sem dar conta do progresso eleitoral prestou um mau serviço à democracia...afinal vive-se num estado laico ou a RTP Açores que tanta coisa transmite em diferido, não poderia fazer uma cobertura das eleições ou, no mínimo dando nota em rodapé da evolução da contagem dos votos???

A abstenção vence assim mais umas eleições nos Açores (186195 que não votaram, ie mais 4096, comparando com resultados de há cinco anos 182099)

Branco de 2.872 para 3.214 (+ 342)

Nulos de 957 para 962 (+ 5)

PS de 18.497 para 17.494 (- 1.003)

PSD e CDS de 13.266 para 11.650 (- 1.616)

PCP 1.734 para 1.083 (- 651)

BE de 1.649 para 3.195 (+ 1.546)

PAN de 562 para 1570 (+ 1.008)

(Nota assustadora aqui da Lomba da Maia, de 1064 eleitores, 137 votaram em 12 partidos: o PS ganhou 39,4% com 54 votos contra 28,5 e 39 votos do PSD, ou seja 93 votantes a definirem esta freguesia...um voto equivalia a 0,73%). 179

Andamos a contraciclo da Europa que votou (50,9%) elegendo 179 eurocéticos e nacionalistas e Portugal 0. Há jovens fora do sistema votando em protesto em algo que mal se conhece o PAN ou num partido que está contra o sistema mas que não se sabe o que fará quando for sistema - o Bloco. E isto devia dar matéria para pensar. Quando ao resto a diluição do peso do PCP-PEV e do CDS são oscilações normais que refletem o real peso destes grupos na sociedade portuguesa, havendo sempre o perigo de que a diluição do peso do CDS origine um crescimento duma direita mais musculada como em Itália e França (a coligação BASTA teve 1,5% dos votos ou 49 mil votos na sua primeira aventura eleitoral).

Dito isto e, ao contrário das declarações de todos os partidos convidados a deporem perante as câmaras de TV, nestas eleições até os vencedores devem ser declarados vencidos. Enfrentemos, de uma vez por todas, a abstenção eleitoral: os Açores são uma região subdesenvolvida e atrasada enquanto as suas populações não entenderem a relevância do voto.

Para isso falta o que já é habitual: educação e consciência cívica, sem isso, não há subsídios da Europa que cheguem!

Quanto menos educação e menos consciência cívica tiverem as massas, mais fácil se torna conduzir o rebanho ao matadouro que é como quem diz, levar a água ao moinho do moleiro que nos há de tyrannizar. Os alertas estão aí em vários países europeus, acordem enquanto ainda podem.

Aqui na Lomba da Maia as pessoas pensam na Europa como nesta imagem



CRÓNICA 259 DEMOCRACIA E CIDADÃOS 31.5.19



De quatro em quatro anos, ou quando acontecem eleições todos os políticos de todos os quadrantes se mostram vocalmente preocupados com a abstenção que sobre exponencialmente em cada ato eleitoral. Antes das eleições os partidos tratam os cidadãos como se eles vivessem na idade da pedra, prometendo coisas que – sabe, de antemão – dificilmente irão cumprir.

Descem aos povoados, mercados, feiras, beijam peixeiras, bebês e tudo e todos que encontram convencidos de que estão a ser muito bem aceites. Dantes, após o 25 abril ofereciam esferográficas e outra parafernália como “reuerdo”, agora incluem orçamentos participativos onde os eleitores sugerem os seus planos e pensam os políticos que assim se cumpre a democracia e que assim estão a ouvir a voz do povo, mas depois do ato eleitoral, promessas esquecidas, projetos alterados consoante os lóbis e as forças de pressão a que todos os políticos estão sujeitos se quiserem ser reeleitos afastam-nos mais e mais dos eleitores.

As camadas mais jovens criadas numa era cibernética que nada tem a ver com a forma como ainda se faz política, liga os seus fones, de olhos colados aos seus smartphones e segue em frente, muitas vezes dando votações magníficas aos populistas e outras forças oportunistas, xenófobas, racistas, anti-imigração, mas que parecem responder aos seus sentimentos básicos de insegurança pelo futuro.

Sabermos bem que apesar da enorme facilidade de acesso à informação, esta se encontra inundada por fake news e por outras falsidades, e uma mentira contada mil vezes acaba por ser aceite como verdade, cono as camadas mais jovens não tiveram um ensino que privilegiasse a capacidade e o pensamento crítico, são incapazes de questionar-se sobre essas doses maciças de informação e falsa informação que lhes chega, desde mensagens subliminares na publicidade, a filmes e outras formas de comunicação.

Acabam assim, mais facilmente manipulados do que alguma vez imaginam.

O mesmo se passa com os mais idosos, com os que têm menos cultura política, os que vivem de telenovelas e casas dos segredos, os que estão totalmente alienados pelo futebol e sabem mais de cada jogador do que alguma vez saberão sobre os seus direitos e deveres cívicos.

E, claro que em nada ajudam as revelações, quase diárias de arguidos em casos e mais casos de corrupção, cuja maioria acaba em “águas de bacalhau”, pois muito poucos são os que são condenados ou cumprem penas efetivas, levantando dúvidas sobre as investigações e, posteriormente, sobre os juízes.

Nada disto ajuda, mas daqui a uns anos teremos percentagens ainda menores de leitores, quando os eleitos tiverem apenas os votos das suas máquinas partidárias e o povo foi á bola ou à praia...



CRÓNICA 260, VOLTEM AS CARAVELAS, OS CTT AGRADECEM 1.6.19

Emitida a 18 de abril a carta emitida em Lisboa com o respetivo cartão bancário chegou à Lomba da Maia, S Miguel, Açores a 31 de maio, com uma impressionante rapidez de 43 dias que demorou a atravessar o mar adamarstor que nos separa de Lisboa.

Quase que batia o recorde de cem dias doutra carta emitida pela MEEA (Associação de Jornalistas Australianos) em 8 de dezembro na Austrália e que aqui chegou a 19 de março, mas isso justifica-se pelos perigos do oceano pacífico infestado de tubarões.

Nos tempos do infame Estado Novo uma carta do meu pai, do Porto a Díli, Timor, demorava normalmente quatro semanas usando a sarcasticamente denominada Carreira das Índias Orientais.

Quanto à distribuição local de correios aqui nesta costa norte da ilha de São Miguel, ao fim de 15 anos de um dedicado carteiro que até me fazia sinais de luzes e me parava na estrada entre a Lomba da Maia e a Maia, para me entregar correspondência, passamos a um novo sistema em que um jovem voluntarioso usa a sua viatura particular que ele próprio ou a companheira conduzem, para nos distribuírem o correio, o que acontece provavelmente uma vez em cada semana.

Não adianta preencher a queixa no livro de reclamações, assim como de nada adiantaram os protestos de alguns deputados na Assembleia da República, foi isto que compraram e é isto que têm, graças a essa generosa venda a privados de uma das companhias de marca e de valor, e que eram os CTT, com uma tradição centenária de bem servir um país que mais parece uma manta de retalhos no que toca à distribuição postal.

Claro que, se trouxermos as naus e caravelas de volta estamos certos de que a qualidade do serviço irá melhorar, proporcionando serviços, pagos ao salário mínimo, aos desempregados e aos que recebem o rendimento de inserção social e, que não perderão a oportunidade de vida aventureira nas naus e caravelas, podendo simultaneamente desfrutar dos prazeres de utilização dos seus smartphones entre escalas marítimas.

Desta forma poderiam evocar a memória de Pedro da Silva, o imortalizado carteiro português que ficou célebre no Canadá no século XVII, como Pierre da Sylva. Batizado na Igreja de São Julião em Lisboa após o seu nascimento em 1647, deixou Portugal em 1672 ou 73 e chegou à Nova França, casando em 1677 e gerando 14 filhos.

Em 1681, mudou para Sault-au-mattlot na cidade do Quebec.

A documentação da época revela que em julho 1693 recebeu 20 sols, equivalente a 20 libras, para transportar um pacote de uma carta de Montreal para a cidade de Quebec e em dezembro 23, 1705 recebeu uma carta assinada por Jacques Raudot, declarando-o o primeiro correio do Canadá.

Depois, receberia permissão para transportar cartas de entidades privadas, sendo sempre pontual e cumpridor, diligente e leal, auferindo o privilégio de ser o mensageiro regular de mercadorias e de correspondência oficial do Governador-geral da Nova França, entre o Quebec a Trois Rivières em Montreal.

Pedro da Silva efetuou o transporte de correio e mercadorias pelo rio São Lourenço durante a guerra entre a França e os iroqueses, um grupo nativo que apoiava o império inglês, o que terá contribuído para que o rei francês Luís XIV o tenha nomeado como Mensageiro Real na Nova França

Em 2003¹⁸⁰ foi emitido um selo comemorativo e houve outras homenagens.



CRÓNICA 261. VAMOS FALAR DE EDUCAÇÃO, 5 JUNHO 4.2019

Declaração de interesses: só uma vez na vida fui professor de jovens, por imposição do serviço militar em Timor quando ministrei durante três meses o antigo ciclo preparatório do liceu (5º e 6º ano de escolaridade) na montanha em Bobonaro (setº a dezº 1973). Voluntariamente ministrei Inglês, depois, durante o 2º período (1974) no Liceu Dr Francisco Machado em

¹⁸⁰ Há um documentário histórico de homenagem ao primeiro carteiro do Canadá, realizado pelo produtor e realizador Bill Moniz, a biografia histórica assinada pelo investigador lusodescendente Carlos Taveira, ou a iniciativa dos Serviços Postais canadenses que lhe dedicaram no princípio do séc. XX um selo.

Dili, usando os métodos de Paulo Freire (muito avançados naquela época) mas ao fim desses três meses decidi que não tinha mesmo vocação para ensinar. Mais tarde, na Austrália dei aulas de Tradutologia e preparei na UTS (Universidade de Tecnologia de Sydney) os alunos candidatos à profissão de tradutor e intérprete sob a supervisão da NAATI, entidade federal de acreditação oficial

"é responsabilidade do Estado formar as pessoas para que saibam ser melhor profissionais e capazes de gerir mais autonomia" José António Salcedo 3.6.19

aí estamos de acordo e daí o tema do nosso colóquio 2020...pois o estado não o faz, só pensa em falsificar estatísticas, os resultados escolares dos açores são dos piores na Europa, e em poupar \$\$ sem contratar profes mantendo vínculo precário 10, 15 anos e mais... e a geração mais antiga, dedicada (não serão muitos, mas há bons profes) está neste momento desgastada, exausta, desmotivada e frustrada ...fazem tudo menos ensinar e são quase que obrigados a passar toda a gente para baixar as taxas de retenção... Chrys

«interessa-me a educação pois ainda me preocupo com o mundo. Se queremos mudar o mundo, temos de investir na educação. A economia e a guerra não posso mudar pois estão nas mãos dos donos disto tudo, mas a consciência humana ainda pode ser mudada. Por isso me interesso pela educação. É possível mudar a consciência dos mais jovens. Mas temos de mudar de paradigma, a educação tem de ser valorizada com gente com talento e competência, com a vocação pedagógica, de transmitir valores (...)» Chrys 2006

Desde que vim da Austrália para Portugal, há duas décadas, continuei a cada três anos, a ter de comprovar as minhas atividades de formação pessoal e profissional para continuar acreditado como tradutor oficial. Aqui já vi professores sem vontade nem vocação porque não podiam ser mais nada e ficaram enfasiados a dar aulas, sem que o sistema fizesse a triagem entre os bons profissionais e os maus, sem que algo fosse feito para recuperar os que podiam ser bons professores, dedicados, interessados e capazes de aceitarem qualquer desafio de passar conhecimentos e ensinar a pensar.

Vi a educação e o ensino serem degradados pela tutela e pela sociedade, com a família a dissolver-se e a endossar as suas obrigações parentais para os educadores. A escola passou a ser um armazém para onde se mandam as crianças enquanto se vai ganhar algum e os professores que os educam...

Quando há uma greve a preocupação dos pais não é sobre um dia a menos na missão de aprendizagem, mas um dia a mais sem ter onde deixar os filhos. A educação assistiu impávida ao massacre desses párias da sociedade, os professores, e por isso o orçamento nacional baixou mais de 4% na secundária e básica e mais de 8% na terciária (2011). Os professores qualquer dia passam a acampar na escola para fazerem o que os pais não fazem e deixarem de ser uns malandros, pois eram os únicos privilegiados, no resto da função pública ninguém se lhes iguala.

O ensino que temos é uma lástima, mas, propositadamente, escolhem-se os professores para bodes expiatórios da crise, e se bem que muitos mereçam ser punidos, a maioria come por tabela. Em vez de se extirparem os culpados, aplicam-se as novas medidas draconianas para os incumpridores e para os outros, os que se esforçam e cumprem, mesmo sem ambiente de trabalho apropriado, sem condições físicas ou materiais para exercerem a sua profissão, e receberem de prémio a honra de serem vilipendiados como prémio da sua dedicação. Os professores escolhidos para bode expiatório com carreiras congeladas. Os alunos, sem sequer estudarem, passam para não estragarem as estatísticas em Bruxelas.

Defendo a meritocracia que vivi na Austrália, que premeia os resultados e os esforços (mesmo que seja fora da caixa = *outside the box*) em vez de termos umas avaliações de professores, tipo faz-de-conta, que ninguém quer e para nada servem. Lamento, mas nem todos nasceram para ensinar....

Também, ao contrário do que vem sendo anunciado desde 1974, nem todos nasceram para aprender. Nesta fase de rápida mudança, assistimos a um ensino que se assemelha ao do século XIX, mas sem os castigos corporais, as orelhas de burro, as palmatoadas, etc. Assiste-se a um total desrespeito pela Escola e pelos professores, quer por alunos, por pais e pela sociedade em geral. De ano para ano assiste-se a um menor rendimento e preparação dos alunos, e creio que tal se deve ao desaparecimento da velha guarda de professores primários da Escola do Magistério.

Depois, há a necessidade e a obrigatoriedade de passar os alunos, custe o que custar. Recentemente, surgem, cada vez mais, casos de alunos com necessidades especiais que servem para justificar a integração nos quadros de pessoal docente com curtos cursos de "necessidades especiais". Os professores são tradicionalmente avessos à mudança, não se cultivam nem têm formação capaz (e a culpa nem é só deles), gostam de engrenar a sua rotina de ensinar e repetem modelos exaustos. Desde 1975 repetem-se as reformas atrás de reformas, mal dando tempo a aferir sobre os seus resultados...

Por outro lado, cada vez têm menos tempo para ensinar e preparar aulas, gastam enormidades de tempo em reuniões improficuas sobre tudo e mais alguma coisa além das constantes alterações da tutela. Os alunos de meios desfavorecidos (rurais ou urbanos) não têm ao seu alcance alternativas de ensino, andam contrariados, desmotivados e muitas vezes não querem mesmo aprender, o futuro deles são as vacas e não a sala de aulas.... O resto direi noutra altura...

Entretanto como os miúdos não gostam de Filosofia, Matemática e outras coisas sem relevância, o melhor a fazer é cortar essas disciplinas e seu peso curricular. Os editores agradecem, pois sempre são mais uns livritos a imprimir para os encarregados de educação comprarem.

Depois, há uns anos, uns iluminados em eduquês, sentados nos seus gabinetes com comodidades e equipamentos adequados, em vez de porem as crianças a gostar da língua e da gramática inventaram a TLEBS, coisa muito fina, própria de doutores, esquecendo-se que a TLEBS é boa para os filólogos e estudantes do ensino superior que se dedicam àquela área específica da língua.

Esqueceram-se, porém, de que iria sempre haver uma certa dificuldade porque no ensino do Francês, Inglês e doutras línguas não se podem ensinar aqueles palavrões.

Nós, plebeus da educação, estávamos conscientes do logro, pois essas línguas de bárbaros incultos se descuidaram ao não adotarem a TLEBS. A França e a Inglaterra (como todos sabem) são países de analfabetos que não percebem nada de linguística e ninguém lhes disse que Portugal inventara a TLEBS.

INFORMAÇÃO Antena 1 Açores

Volta-face no concurso para a retirada da bagacina na Mata das Feiticeiras, o local onde vai ser construída a futura cadeia de São Miguel. O Gabinete Jurídico do Instituto de Gestão Financeira e Equipamentos da Justiça acaba de validar a contestação do consórcio Tecnovia - Marques.

Tal como tinha avançado a Antena 1 - Açores, a retirada da bagacina foi adjudicada pelo Júri do Concurso ao Consórcio Casanova - Almerio e Cordeiro. Decisão que foi contestada pelo outro consórcio concorrente, formado pela Tecnovia - Marques.

Um "volta face" que bem pode acabar no Tribunal. A decisão vai contra a decisão do júri do concurso para a retirada de bagacina da Mata das Feiticeiras, na Lagoa, terreno onde vai ser construída a nova cadeia de São Miguel.

Nos últimos dias de maio, a Antena 1 Açores avançou que o consórcio Casanova - Almerio e Cordeiro tinha sido o vencedor do concurso, no valor de 3 milhões de euros para a retirada da bagacina.

O contrato deveria ser assinado ainda esta semana, mas o consórcio Tecnovia - Marques decidiu contestar então a decisão do júri, com base em questões processuais e que passam pela validação de assinaturas na plataforma digital e procurações de poderes.

A Antena 1 Açores contactou o consórcio Casanova - Almerio e Cordeiro e para já não há qualquer decisão tomada: o consórcio vai reunir com os seus advogados para decidir o que fazer com este "volta-face".

Há um cenário em cima da mesa: a entrega em Tribunal de uma providência cautelar para suspender a decisão que entrega à Tecnovia - Marques a obra de retirada da bagacina. Uma providência cautelar que por si só leva o assunto à barra da Justiça e que pode fazer arrastar no tempo a decisão sobre que empresas irão, definitivamente, retirar a bagacina da Mata das Feiticeiras." (CV)

Dizia-me, em tempos, pessoa amiga que o negócio da cadeia de Ponta delgada, que se arrasta há anos, é para se continuar a arrastar. Com a doação do terreno a obrigar à retirada da bagacina, protela-se mais 2 ou 3 anos a fase da construção. Talvez fique mais barato pagar esta fortuna do que começar a construir já, e assim se poupam uns trocos.

Agora, com esta confusão sobre a adjudicação da retirada da bagacina, o processo vai encravar na rapidez judiciária, e daqui a uns anos ainda nada terá sido feito, poupando-se, por mais algum tempo, o investimento de 50 milhões para-a nova cadeia que teria capacidade para 400 presos. Manter-se-ão assim as situações desumanas dos presos na velha cadeia com 150 anos, degradada e sem condições de alojamento individual dos reclusos, nem condições dignas de trabalho para os guardas prisionais.

O estabelecimento de Ponta Delgada apresenta uma situação de sobrelotação grave, sendo preocupantes as condições higienossanitárias, claramente deficientes face ao número de reclusos existentes na mesma cela, configurando tratos degradantes e desumanos tendo lotação para 110 pessoas, mas alojando nesta data 196 reclusos.

Os cinco anos previstos para a construção do novo estabelecimento prisional serão como as infindas obras de Santa Engrácia?

CRÓNICA 263, 6 JUNHO 2035

Acordei para mais um magnífico dia de sol sobre a ampla baía de Ponta Delgada cheia de cruzeiros de luxo. Em frente à marina as pessoas aguardavam a vez de embarcarem no metro de superfície para as praias (da costa sul e de norte e oeste). A linha dos Mosteiros sempre atrasada e a abarrotar de gente. O investimento em infraestruturas ferroviárias fora desencadeado no fim da década anterior quando os Açores começaram a receber cerca de 3 milhões de turistas ao ano.

Ao contrário do que sempre fora feito, não investiram em estradas para um trânsito, cada vez mais congestionado, e introduziram várias linhas de metro de superfície que se alargavam já a vastas áreas da ilha. Faltava a ligação Ribeira Grande - Nordeste e Nordeste - Povoação. Aqui, fora já instalado o primeiro de uma série de teleféricos turísticos para quem queria ir ao Pico da Vara observar o ancestral habitat natural do priolo essa ave que se extinguiu subitamente com o aumento do influxo turístico em 2020. Estavam suspensos os projetos dos teleféricos nas Sete Cidades, Furnas, Povoação, Lagoa do Fogo, mas com os atuais cortes de fundos europeus era incerta a data da sua concretização.

Na marginal de Ponta Delgada, perto da antiga Calheta de Teive, pejada de hotéis e com o casino, havia agora um moderno heliporto que servia de base aos táxis aéreos (de drones sem condutor) que faziam viagens curtas até Vila Franca e à nova marina do ilhéu, enquanto mais adiante os táxis marítimos sem condutor, aguardavam os turistas que queriam observar a vida marinha ou ir até Santa Maria ver foguetões e visitar o Centro Espacial da Malbusca.

Na costa norte da ilha, como sempre aconteceu ao longo dos séculos, as coisas estavam ainda muito mais atrasadas e apenas se disponibilizavam passeios pela costa, usando os antigos barcos de pesca de Rabo de Peixe, Porto Formoso e da Maia com os pescadores reformados a servirem de guia às grutas e praias esconsas da ilha.

A grande autoestrada marginal entre os Arrifes e a Achada ia prosseguindo com grandes atrasos, que a costa era escarpada e não era fácil construir uma estrada panorâmica na inclemente costa nortenha.

A grande atração da capital da costa norte continuava a ser, desde há muitos anos, a das viagens de balão entre a cordilheira central e a Ribeira Grande, o roteiro das igrejas, os campeonatos de surf e as mariscadas ao pôr do sol. Os planos para recuperar os moinhos da costa norte nunca avançaram, dadas as necessidades de apoio social à sempre crescente população da cidade satélite de Rabo de Peixe e suas inúmeras necessidades de apoio social. A cidade crescera em todas as direções sendo agora uma linha contínua de habitações entre as Capelas e a Maia, que se haviam tornado meros subúrbios dormitório da Ribeira Grande.

O pequeno submergível que iria explorar os navios afundados junto à costa oeste e norte, fora desviado pela tutela do turismo para a Lagoa e Vila Franca onde estava sempre ocupado em viagens contínuas de exploração do fundo subaquático. Pequenos hotéis de charme ao lado de grandes resorts polvilhavam agora as pequenas faixas de praia entre Água de Pau e Ponta Delgada riscando a paisagem em altura e desafiando as leis da gravidade, com as suas imponentes sombras a abaterem-se sobre os areais...

Diariamente, pequenos navios especialmente construídos para estes mares faziam percursos entre as ilhas, transportando massas de gente e viaturas e colocando enorme pressão nos recursos, há muito esgotados, das redes viárias das outras

ilhas que nunca beneficiaram do afluxo turístico sempre centrado em São Miguel, uma ilha que tinha agora mais de um milhão de habitantes.

As pessoas faziam passeios até às outras ilhas como quem vai ao zoológico da História, porque as restantes ilhas tinham mantido os encantos urbanos do século XX e eram, todas elas, agora Património da Humanidade.

O Aeroporto da Nordela vira a sua extensão duplicada sobre o mar e era já um dos mais congestionados do país, mas continuava a não ter transporte urbano entre o aeroporto e a cidade devido ao lóbi dos táxis que sempre se opuseram às carreiras de minibus.

O novo cais de cruzeiros em Santa Clara com uma nova marina para grandes iates, fora uma aposta ganha dado que o velho Porto e as instalações das Portas do Mar há muito se tinham mostrado insuficientes para as dezenas de cruzeiros que todos os dias aportavam a Ponta Delgada.

A ilha fervilhava de atividade embora o custo do metro quadrado fosse quase tão caro como em Malibu, Los Angeles, com a cidade estendendo-se agora até às Capelas e chegando aos limites urbanos da Ribeira Grande. A cidade da Lagoa, que durante anos fora o dormitório de Ponta Delgada, já não tinha mais por onde crescer entalada entre a expansão de Vila Franca e a de Ponta Delgada, cheia de arranha-céus até ao Cabouco. Os domos de antigos vulcões que dantes pintalgavam a paisagem de Ponta Delgada tinham sido substituídos por enormes construções em altura pagas a preço de ouro.

Os Açores eram a nova moda dos milionários de todo o mundo que aqui construía casas de férias, jogavam golfe ou iam aos doze casinos espalhados pela ilha e que se haviam instalado, em muitos casos, nos museus vazios que foram construídos no início do século XXI...

Nas velhinhas Portas da Cidade um pequeno grupo de nonagenários juntava-se anunciando a grande manifestação de 6 de junho para espanto dos turistas que sempre traduziam RAA como República Autónoma dos Açores desconhecendo o seu verdadeiro nome. Uma recente visita conjunta do primeiro ministro da Escócia e do ministro dos estrangeiros das Canárias tinha resultado numa declaração de apoio às reivindicações independentistas açorianas, muito a contragosto do Representante da República, que fora um influente presidente regional durante muitos anos.



CRÓNICA 264 ERA UMA VEZ O 10 DE JUNHO (10.6.2019)

Humberto Victor Moura escreveu nesta data:

Com todos os erros, regimes, governos, e governanços, sobrevivemos.

Caso para dizer: que venham mais novecentos anos, para continuarmos, tentando fazer, mais e melhor, sem dispensar a tradicional "palhaçada" do 10 de junho, porque tal como no futebol, ela dá-nos alento e forças para continuar, mesmo que haja muito a dizer, não esquecendo o Camões, que ficou imortalizado mas passou por alguma "fomeca" no seu tempo. E, escreveu um ou dois livros, que ninguém lê...

Afinal, alguém lê alguma coisa que tenha mais de dez linhas, nos dias que correm?

Entretanto a Presidente do Parlamento açoriano diz que a autonomia é instrumento de progresso....

Pode ter sido e devia ser, graças aos milhões que a Europa tem investido para modernizar os Açores, mas estes, infelizmente, continuam não só na cauda da Europa, mas na cauda de Portugal nos principais indicadores de desenvolvimento humano e económico. E, se isto é assim, agora em tempo de vacas gordas da EU, imaginem como irá piorar quando as benesses dos subsídios de Bruxelas começarem a minguar. A massa crítica não abunda e a população, se bem que mais letrada agora do que há 40 anos, continua com baixos níveis de educação e de literacia. Podem ter aumentado os graduados como 6º, 10º e 12º anos mas sem que isso corresponda a conhecimentos. Tal facto continua a ser a principal característica das classes trabalhadoras e empresariais nas nove ilhas...

Mas a verdade é que vivemos num mundo totalmente corrupto, em que cada Governo não passa de um grupo de negociantes da treta a trabalharem para um grupo maior de homens de negócios e a verdade é que nem um só deles quer saber de si e das outras pessoas. O mais triste de tudo isto é que ninguém sabe como mudar este estado de coisas e

ninguém ainda foi capaz de vencer e derrubar as corporações. O dinheiro é quem move as democracias em que vivemos e não o voto que alguns insistem em colocar, ciclicamente nas urnas por ainda não terem assimilado o facto de os governos não serem do povo, nem pelo povo nem para o povo...

Para alguns nada disto é importante assim como não o é esse galego do Camões (que quase ninguém leu, mas sabem tudo sobre Ronaldo, Cia e família) pois o essencial é celebrar o futebol e a vitória da seleção portuguesa... e enquanto esta joga e milhões de portugueses se concentram em frente à teletela do meu descontentamento, os donos disto tudo engendram mais uma manigância qualquer para nos espoliarem. Ou arquivaram mais uns processos, só em 2017 dois terços dos processos por corrupção foram arquivados o que significa que temos uma polícia má, ineficaz e apressada na sua reparação dos processos ou então... como alguém escreveu numa antiga sebenta os Partidos Políticos são grupos formados para defender os interesses dos confrades. Poucos vão para lá ao engano de que podem fazer a diferença e lutar pelos interesses do povo... ao contrário de muitos que nacionalizaram as perdas e privatizaram os lucros de empresas que nós todos (Estado) pagamos para construir.

Entretanto manobras dilatórias impedem-nos de saber quem são os maiores devedores da CGD, agora que já sabemos o regabofe de empréstimos concedidos sem garantias e para fins escusos pelas administrações anteriores, ao serviço de vários políticos de diferentes cores... fez-me lembrar aquela promessa do político que dizia ir baixar os impostos depois de eleito e um eleitor respondeu-lhe que só votava nele depois das eleições...

A justiça está pelas ruas da amargura, os violadores, pedófilos, e agressores em casos de violência doméstica ou são libertados ou têm penas suspensas, como se nós, que nos indignamos com essas atividades criminosas fôssemos estúpidos e não soubéssemos entender a mensagem subliminar que essas sentenças acarretam.

Como disse João Miguel Tavares no discurso do 10 de junho 2019 (com quem raramente me devo ter identificado) "Sou um cidadão que todos os dias faz a sua parte para que possamos viver num Portugal melhor e mais justo."

Não seremos muitos mas somos alguns a contribuir com a nossa quota-parte para que este país seja melhor.... e não é por nos sentirmos diariamente roubados no bolso e nas esperanças que ainda acalentamos que deixamos de contribuir para melhorar o país em que vivemos, e eu posso dizê-lo pois é por isso que depois de 2001 e até agora, ainda temos dois colóquios da lusofonia em cada ano.

CRÓNICA 265, 15.6.2019 O FIM DO HUMOR É A ANTECÂMARA DO FIM DA SOCIEDADE OCIDENTAL COMO A CONHECEMOS

O que levou, agora, a direção do NYT a acabar com os cartoons políticos foi um desenho do cartoonista António, do Expresso. Usado pelo NYT, o cartoon punha Trump, cego e com o quipá, a ser guiado por um cão com a face do primeiro-ministro israelita Benjamin Netanyahu, cuja coleira era a estrela de David, de seis pontas.

Escrevi há 11 anos: (CRÓNICA 49, PICO, 13 janeiro 2008)

"Ter humor é possuir a capacidade de perceber a discrepância entre duas realidades: entre os factos (brutos) e o sonho, entre as limitações do sistema e o poder da fantasia criadora. No humor ocorre um sentimento de alívio face às limitações da existência e até das próprias tragédias. O humor é sinal da transcendência do ser humano que sempre pode estar para além de qualquer situação.

O humor é libertador. Por isso sorrir e ter humor sobre o que nos rodeia, sobre a violência com a qual a sociedade e as suas regras limitadoras nos pretendem submeter, é uma forma de nos opormos a ela. Somente aquele que é capaz de relativizar as coisas mais sérias, embora as assuma, pode ter bom humor.

O maior inimigo do humor é o fundamentalista e o dogmático. Ninguém viu um terrorista sorrir ou um severo conservador cristão esboçar um sorriso. Geralmente são tão tristes como se fossem ao seu próprio enterro. Basta ver os seus rostos crispados.

Como afirmava Nietzsche, "festejar é poder dizer: sejam bem-vindas todas as coisas". Pela festa o ser humano rompe o ritmo monótono do quotidiano. Façamos uma festa...!

Vivo num mundo diferente e não me espanto de recordar:

UM TEMPO EM QUE:

*Havia liberdade de andar nas ruas sem ser assaltado,
Se podia dar e receber boleia sem ser assaltado,
Os que viviam no ventre materno e os idosos, eram respeitados,
Não se era torturado permanentemente e de todas as formas por publicidade falaciosa,
Se podia confiar nos outros e havia PALAVRA,
Não havia carjacking nas ruas ou bullying nas escolas,
As pessoas preocupavam-se mais com o ser do que com o ter,
As crianças eram respeitadas nas escolas sem lavagens ao cérebro ou violadas na sua natural sensibilidade,
Havia políticos ao serviço da Nação e não ao serviço dos seus bolsos e os dos amigalhões,
Os criminosos estavam nas cadeias em vez de ocuparem lugares de poder,
Um aluno que fizesse a 4.ª classe sabia ler, escrever, fazer contas, e apontar onde ficava o Minho, o Algarve ou Timor,
Ninguém concluía o 5º ano do liceu (9º ano de escolaridade), tirava uma licenciatura ou doutoramento por cunha de qualquer espécie, mas antes, tinha que mostrar o seu mérito,*

Sem questionar o feminismo ou outros ismos: antissionismo, antialentejanismo, antilourismo (das loiras) todas as piadas são objeccionáveis por se basearem em estereótipos da sociedade, sejam eles humanos, animais ou até mesmo políticos, que não são uma nem outra coisa. Assim, depois de todas as pessoas defensoras desses "ismos" terem colocado as suas objeções, porque são a favor do Obama ou do Bush ou do Trump, ou do Sócrates ou do Bolsonaro, porque se baseiam em estereótipos de mulher, de louras e louros, de alentejanos, de políticos e políticas (mas destas ainda há poucas), de judeus (e outras religiões como o cristianismo ou islamismo por ex.), de nacionalidades ou continentes de origem como com os africanos, os pobres, os ricos, os estudantes e os professores, os animais (mesmo aqueles que estão nas malas dos carros junto com a esposa ou esposo), verão o que fica: NADA.

Acabava-se o humor.

Ao reproduzir, adiante, Maiakovski, pretendo alertar que me sinto muito mais incomodado com a violência, gratuita ou não, com as imagens cheias de "innuendo" (insinuações) da TV, desde os telejornais às séries, pois essas são as armas de estupidificação globalizante que a todos corroem. O humor usa a linguagem dos estereótipos que não de ser substituídos

com o tempo assim como a frase "bota-de-elástico" foi substituída por "cota". Desde a década de 1980 vi surgir a censura dissimulada em fundamentos razoáveis e aceitáveis, pretendendo sanitizar as mentes. Já o vi na Austrália quando o politicamente correto foi introduzido na linguagem em meados daquela década.

Como tradutor profissional tive de o seguir, mas como ser humano, inteligente (no sentido de pensante) recuso-o tanto hoje como ontem. Com o politicamente correto acaba-se o humor. Esse é o cerne da questão que ninguém quer ver. Deve lutar-se contra a discriminação, em todas as suas formas, contra o assédio sexual, político e outros, lutar contra a proposta nova norma europeia (trabalho até 68 horas semanais), lutar contra o salário mínimo de miséria e de exploração (reminiscente do início da Revolução Industrial), contra as quotas ou falta delas nos elencos femininos do governo, contra a falta de acesso a pessoas com deficiências de qualquer tipo. Lutar contra isso tudo mas deixem o humor de lado, a menos que seja difamatório (mas sem ser pelas normas norte-americanas), grosseiro, imoral, amoral. Quando se definira o politicamente incorreto, foi porque o politicamente correto era a forma mais fascista de sanitizar a língua, o pensamento e a vida em geral, criando uma sociedade assética e inócua. Todos iguais e cinzentos de acordo com a norma. Ninguém precisa de pensar nisto pois o futuro provará a sua veracidade melhor do que o Orwell alguma vez podia prever no 1984 ou outros ensaios semelhantes: a realidade já ultrapassou a ficção há muito. Quem primeiro o antecipou foi Maiakovski – poeta russo "suicidado" após a revolução de Lenine que escreveu ainda no início do século XX:

*Um dia vieram e levaram meu vizinho que era judeu.
Como não sou judeu, não me incomodei.
No dia seguinte, vieram e levaram meu outro vizinho que era comunista.
Como não sou comunista, não me incomodei.
No terceiro dia vieram e levaram meu vizinho católico.
Como não sou católico, não me incomodei.
No quarto dia, vieram e me levaram;
já não havia mais ninguém para reclamar..."
Martin Niemöller, 1933, símbolo da resistência aos nazistas.*

UM PASSEIO COM MAIAKOVSKI

*Na primeira noite
eles se aproximam
e colhem uma flor
de nosso jardim.
E não dizemos nada.
Na segunda noite,
já não se escondem:
pisam as flores,
matam nosso cão,
e não dizemos nada.
Até que um dia,
o mais frágil deles,
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a lua, e,
conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz
da garganta.
E porque não dissemos nada,
já não podemos dizer nada.*

Tudo que os outros disseram fizeram-no depois de ler Maiakovski.

Incrível é que após mais de cem anos dessa lição, ainda nos encontremos tão desamparados, inermes e submetidos aos caprichos da ruína moral dos poderes governantes, que vampirizam o erário, aniquilam as instituições, e deixam aos cidadãos os ossos roídos e o direito ao silêncio: porque a palavra, há muito se tornou inútil! Agora, o politicamente correto ameaça o humor.

CRÓNICA 266, AS NUENS ANDAM NEGRAS. 19 JUNHO 2019

SOU UM ETERNO OTIMISTA, mas as nuvens andam negras.

A desorientação, impreparação, inexperiência, incompetência, amorismo, e outras coisas que têm caracterizado a atividade de transportes terrestres e marítimos nas nove ilhas ao longo destes 15 anos que levo nesta minha terceira pátria arquipelágica, fazem temer o pior. Todos criticam, todos se defendem, mas ninguém apresenta soluções viáveis e eficazes, muito menos eu que nem entendido sou na matéria. Mas sugiro que aprendam com as Canárias

*Um trajeto em voo Binter entre Las Palmas e Tenerife Norte, preço de residente "flexível", custa 20.23 euros, 18 euros da viagem mais 2.73 euros das taxas. Uma viagem com tarifa "flexível mais" custa 19 euros mais 2.73 de taxas. A viagem dura 30 minutos.
A título de exemplo, entre Las Palmas e La Gomera, com 50 minutos de voo, um trajeto custa 23.23 euros na tarifa flexível e 27.23 euros na tarifa "flexível mais".
Mas há mais comparações, veja a pesquisa hoje feita:
Vos Binter nas Canárias, interilhas
LAS PALMAS - TENERIFE NORTE
Preços para residentes Flexível: 18 EUROS + 2.73 DE TAXAS = 20.23
Flexível mais" 19.50 EUROS + 2.73 DE TAXAS = 22.73. Duração do voo 30 minutos
LAS PALMAS – FUERTEVENTURA
Residentes Flexível: 18 EUROS + 2.73 DE TAXAS = 20.23
Flexível mais: 22.50 + 2.73 DE TAXAS = 25.93 Duração do voo: 40 MINUTOS
LAS PALMAS – LANZAROTE
Residentes Flexível: 20.50 EUROS + 2.73 DE TAXAS = 23.23
Flexível mais 22.50 + 2.73 = 28.23 Duração do voo: 40 minutos
LAS PALMAS – LA PALMA
Residentes Flexível: 25.50 + 2.73 DE TAXAS = 28.23
Flexível mais 31.25 + 2.73 = 33.98 Duração do voo: 50 minutos
LAS PALMAS – LA GOMERA
Residentes Flexível: 20.50 + 2.73 DE TAXAS = 23.23
Flexível mais: 25.25 + 2.73 = 27.73 Duração do voo: 50 minutos*

De barco, a título de comparação entre Las Palmas e Santa Cruz de Tenerife, 4 horas de viagem por 51.00€ para residentes (a pé) e 74.00€ com viatura.

Quanto a saúde nem vale a pena falar, há anos que sabemos que os doentes do Pico são obrigados a deslocações longas, custosas e gravosas, ao Faial para este ficar com os créditos de atendimento a doentes, em vez de se dotar o Pico com os meios humanos necessários para atendimentos sem serem grandes cirurgias ou casos mais complicados.

Dizem que da Graciosa, São Jorge, Flores e Corvo a situação será semelhante, com a agravante de (muitas vezes) não haver lugar nos aviões da SATA quando há voos e quanto à fiabilidade dos horários estamos conversados. O custo humano e financeiro para os utentes do SRS é enorme e até pode ser proibitivo para alguém ter o tratamento de saúde universal que lhes está consignado na Constituição. Também não sou perito na matéria, mero cidadão preocupado com o que me pode acontecer quando estou numa daquelas ilhas.

Aqui na ilha do Arco em 15 anos creio que nunca cheguei a ter médico de família... e enquanto puder pagar a um médico lá me safarei, com ou sem taxas moderadoras que o populismo eleitoralista acaba de abolir ao custo de centena e meia de milhões de euros que bem podiam ir para essa mesma saúde, atacada por tudo e todos, em especial os privados.

Uma última nota e ainda sem otimismo diz respeito à maior desigualdade que se vive hoje em todo o mundo quando comparada com a situação há 50 anos. Não concebo a obscena riqueza no Dubai e outros Emirados da Grande Arábia, com xeiques que têm dezenas de carros de milhões de dólares, alguns pintados a ouro, e outras extravagâncias que sugiro consultem na rede para verem como é absurdo. Isto e o circo que anualmente vendem às multidões esfaimadas com transferências milionárias de jogadores de futebol, beisebol, etc. é obsceno, indigno e imoral por mais e melhores atributos desportivos que possam ter.. os novos gladiadores nos novos circos para acalmar turbamultas sem interesse em votar naqueles que os exploram.



E isto claro sem falar a nível nacional nas centenas de políticos com obscenas pensões vitalícias para as quais nem descontaram, enquanto idosos - que toda a vida descontaram - sobrevivem com pensões abaixo de 300 euros...

Ou eu me engano ou temos de recomeçar tudo de novo neste mundo onde não existe plano B, e que, imparável, caminha para a sua acelerada destruição.

CRÓNICA 267 UMA CARTA AO SR. PRESIDENTE DO GRA SOBRE A ABSTENÇÃO. 21.6.2019

Caro Presidente do GRA, aquilo que lhe vou propor é a única solução viável para resolver as suas preocupações com a abstenção eleitoral nos Açores.

Não é fácil, nem agradável, mas também não é das mais difíceis de implementar.

Exige muita coragem e comprometimento, e pode mesmo representar o fim das suas aspirações políticas futuras.

É a única solução que resulta, após aturado estudo das circunstâncias socioeconómicas da população açoriana.

Como sabe, a maioria da população destas nove ilhas desenvolveu ao longo destes 44 anos uma complexa teia de subsidi dependência, a todos os níveis da sociedade, quer a nível individual, quer empresarial ou coletivo.

Nada se faz nestas ilhas sem ser à custa de subsídios. Mas a solução para o absurdo elevadíssimo nível de abstenção eleitoral nos Açores tem uma solução que nem é muito incómoda nem muito burocrática. E temos autonomia para o decidir, em vez de esperarmos por Godot, que nunca chegará (isto de esperar que a República o faça, não dará quaisquer resultados, nem ninguém em Portugal está interessado no tema, nem em solucioná-lo).

Nós, açorianos, podemos dar o exemplo, seguir na vanguarda da sua resolução, imediata, com um custo de aplicação infinitesimal, mostrando que o seu discurso do 10 de junho 2019 não foram meras palavras de circunstância, mas sim a determinação de um desiderato açoriano: acabar com a abstenção eleitoral.

Primeiro, deve-se introduzir o voto eletrónico para estudantes, expatriados e outros que estejam longe do seu local de recenseamento eleitoral, seja em Portugal, estrangeiro ou noutras ilhas.

Segundo, deve começar-se já a fazer uma atualização (limpeza) dos cadernos eleitorais, pois estou convicto de lá existirem 10 ou 20% de defuntos, a tecnologia existente permite um parto sem dor para tão urgente atualização.

Terceiro e mais importante a criação de um certificado de voto. Após o ato eleitoral deve ser entregue a cada eleitor um certificado de voto, que passaria a ser mais importante do que o cartão de cidadão ou outro, para a atribuição de qualquer apoio social, cultural ou de desemprego, etc.

Nem é preciso tornar o voto obrigatório, dado muita gente se opor a essa obrigação e às coimas que isso implicaria, bastava tornar obrigatória a apresentação do certificado de voto para receber apoios do estado (a nível regional). Estamos certos de que após a introdução desta medida, a abstenção baixaria para menos de 10%. Claro que haverá sempre uns insatisfeitos a falar de inconstitucionalidade e outras coisas, mas a nossa autonomia exige-o.

CRÓNICA 268 JOEL NETO TEM RAZÃO: A VIDA NO CAMPO É MARAVILHOSA, 25.6.2019

Ando há muito para escrever isto, mas acanhei-me com temor de poder ser mal interpretado ou de poderem de aí advir consequências indesejadas. Mas, de facto, viver no campo é uma maravilha, estou aqui na calma bucólica e rural da Lomba da Maia e, por vezes, sinto que voltei atrás no tempo à infância transmontana.

O que mais me impressiona (e daí fazer-me lembrar a infância e adolescência) é este sentimento de viver no campo sem xerife nem regedor, quando olho ao redor e reparo a quantidade de casas que – nestes quinze anos – foram demolidas, aumentadas, modificadas, recicladas, modernizadas sem que os fiscais da Câmara Municipal da Ribeira Grande se dessem ao trabalho de verificar que tais obras, decorrem, invariavelmente, sem a aposição da longa nota explicativa e indicadora do licenciamento da obra.

São, decerto, uns serviços de fiscalização compreensivos pois sabem que a situação da pecuária e da agricultura por estas bandas não é das mais famosas, e assim evitam impor coimas nem querem obrigar a demolições (estou a lembrar-me da atual (2000?) promessa de demolição do Prédio Coutinho em Viana do Castelo) aos pobres donos dessas moradias que sem projeto, nem arquiteto, nem construtor civil encartado continuam a pontilhar a paisagem rural da costa norte de São Miguel, tornando-a visualmente mais variada.

Algumas dessas obras, verdade seja dita, ferem a sensibilidade arquitetónica que parece inexistir por estas bandas, umas serão meros mamarrachos, outras são verdadeiros abortos de construção muito pouco civil, contrariando as leis da gravidade ou do bom senso, que também não parece abundar por estes lados. Há ainda aquelas que são feitas à total revelia de tudo, umas mais disfarçadas que outras nas traseiras ou ao lado de edificações anteriores ou no topo de edifícios já existentes.

E é disto que gosto, deste sentimento de impunidade, de fora da lei que parece ser característica comum aos homens da costa norte que mostram, com a sua abstenção maciça nas eleições europeias, estarem verdadeiramente nas tintas para as normas e regulamentos que a EU cria e só servem para empatar a vida destes pacatos concidadãos. E como não votam neles também não se dão ao trabalho de os notificar para essas obras e longe vá o agouro, se eu quisesse comunicar o facto às entidades competentes tinha de tirar um mestrado em burocracia para reportar o sucedido. Só é chato e incoerente depois andarem a pedir subsídios....

Outras das razões por que tanto me apraz viver no campo é ver como aqui parece que não é preciso ter carta de condução (para carros, tratores, ou outras viaturas), nem é preciso levar os carros à inspeção, nem pagar seguro obrigatório contra terceiros, ou usar capacete a andar em veículos de duas rodas, motorizadas ou não... assim se constrói a felicidade deste povo de gostos simples e sem grandes exigências ao poder instituído e raras vezes surgem por estas bandas PSP ou GNR a verificar documentação ou outras chices que ocorrem nas grandes cidades.

E é este sentimento de total alheamento de leis, normas e regulamentos que me faz gostar de aqui viver e de me sentir tão longe do poder centralista. Joel Neto tem razão é bom viver no campo.

CRÓNICA 269 DESTA MUNDIAÇÃO EM QUE VIVEMOS 30.6.2019

Nesta semana fomos confrontados com notícias da vida real que nem na ficção se conseguiriam imaginar.... Ao fim de 20 anos, os moradores do Prédio Coutinho (construído na década de 70) em Viana do Castelo que ainda resistem à evacuação forçada ficaram sem água, sem luz, sem gás e sem acesso a entradas ou saídas do prédio. Tudo isto é legal e confirmado pelos tribunais. Quando compraram as moradias há mais de duas décadas, o prédio era legal e tinha licenças e pareceres legais, mas de repente num surto de estética foi decretado que o prédio (confesso que arquitetonicamente é um aborto) era inestético e tinha de ser demolido. Ofereceram uns patacos que não chegavam para comprar uma moradia semelhante e nem esperaram que os idosos ali residentes morressem, ala rua com eles todos.

Em Ofir, Esposende existem torres que são idêntico aborto mas nem os avanços da orla marítima, terra adentro, os obriga à demolição.

Na Covilhã existe desde 1977, um mamarracho licenciado em 2008 (a Torre de Santo António, da autoria do pai do ex Sócrates) e ninguém o obriga à demolição, pelas mesmas razões estéticas.

No Estoril há um mono abandonado há anos, visível da A5, mas também ali a estética não chegou.

Na marginal em Matosinhos surgiu em 2001 o Edifício Transparente que o novo plano da orla costeira gostaria de demolir. E há a discoteca Kasa da Praia, ali ao lado, que espera igual sorte.

Na Foz do Douro há um aborto da Pizza Hut.

Na Póvoa de Varzim o Enseada Café, ao lado da Esplanada do Carvalhido, e os exemplos são mais que muitos de obras legais, licenciadas, autorizadas, e inspecionadas pelos serviços camarários respetivos que arrecadaram as maquiagens inerentes a essas construções e que ora são alvo da purga estalinista, perdão, estética.

Assim, se vive num país onde a ficção suplanta a realidade.

Logo ao lado, na vizinha Espanha duas notícias chamaram a atenção esta semana, uma mãe e filha foram a uma esquadra da polícia queixar-se de que pagaram a um assassino contratado para um homicídio e este não levou a cabo ato. Desconheço se ficaram logo presas.

Enquanto isto em Madrid, uma neta de 18 anos aproveitou a saída de casa do avô de 83 anos para a ocupar, mudando a fechadura e mudando-se para lá de armas e bagagens com a namorada e amigos.

Em Lisboa uma empresária estrangeira pagou 35€ por uma viagem de táxi do aeroporto que normalmente não custaria 10€, e a fatura era m uns rabiscos numa folha de receção de mensagens telefónicas. E depois admiram-se do sucesso da Uber e doutras plataformas semelhantes?

Mais perto de nós em Ponta Delgada um octogenário entrou numa dependência bancária na baixa e ao constatar que a funcionária não lhe dava acesso a uma conta relativa a umas partilhas, atacou-a com gás pimenta. Insólito, pelo ato em si, pela idade do atacante e pelo método utilizado.

E quando pensava que nada mais haveria na categoria de insólitos da semana, a novidade de que as forças de investigação (Departamento Central de Investigação e Ação Penal) descobriram mais de um milhão em barras de ouro e 200 mil euros escondidos na moradia do filho de um dos responsáveis pelo grupo de colégios privados GPS, do empresário António Calvete, que detém vários colégios privados na região de Leiria. A menos de dois meses de começar o julgamento deste e outros administradores do grupo GPS, constatou-se que o ex-deputado socialista António Calvete estava a ser novamente investigado pelo Ministério Público, desta vez por suspeitas de branqueamento de capitais ligadas à compra de ouro por familiares seus.

O Ministério Público calcula que os administradores dos colégios se tenham apoderado para seu uso pessoal de 30 dos 300 milhões de euros que o GPS recebeu do Estado entre 2005 e 2013 por conta dos chamados contratos de associação, que são os apoios que o Estado concede ao ensino privado que faz as vezes do público nas localidades onde este último não existe, ou não chega para todas as crianças que estão na escolaridade obrigatória. A um dos administradores do grupo foram apreendidas pelas autoridades seis dezenas de automóveis. Da frota de veículos faziam parte dois Porsches, e ainda vários automóveis Audi e Mercedes de topo de gama.

Tomei uma nota mental de averiguar nos próximos spas e banheiras de hidromassagem que frequentar, se também terão compartimentos secretos com barras de ouro.

Pior está a jovem norte-americana alvejada numa discussão, tendo perdido o bebé (estava grávida de cinco meses) e que agora foi acusada de homicídio involuntário no Alabama... mas os EUA continuam ser notícia (tal como o Brasil) pelas piores razões, especialmente pela detenção de menores que são retirados às famílias nas fronteiras.

As crianças ficam semanas sem acesso a água potável, sabão ou escovas de dentes.

Bebés e grávidas passam fome e privação de sono.

A gripe está a espalhar-se entre os detidos, que não recebem tratamento médico em tempo útil.

Há crianças a tomar conta de bebés, sem supervisão de adultos. Estas são algumas das conclusões que acompanham a ação judicial.

E do Brasil donde nunca chegam a parar as notícias, umas mais hilariantes que outras, veio a confirmação de que o **segundo sargento da Aeronáutica Manoel Silva Rodrigues**, piloto do voo de regresso do presidente Bolsonaro tinha sido apanhado com 39 kg de cocaína, no voo presidencial que aterrou em Sevilha, Espanha... foi mesmo azar...



CRÓNICA 270 DA ESTÉTICA E DELAÇÃO 3.7.19

HOJE VOU SER CURTO E BREVE.

O Prédio Coutinho em Viana do Castelo é, de facto, uma aberração estética, mas foi legalmente construído, vistoriado e vendido a centenas de pessoas, que pagaram os impostos devidos e cumpriram as suas obrigações, e as manobras intimidatórias da sua demolição são uma prepotência, um abuso do Estado, das autarquias envolvidas, dos tribunais envolvidos por mais legalidades que nos tentem impingir pois não mascararam a falta de respeito constitucional pelos donos das frações que resistem à saída forçada. Sa razão primeira é estética metade do país tem de vir abaixo, e podemos começar na marginal de Ponta Delgada...

O presidente da câmara da Ribeira Grande e líder da oposição açoriana foi dia 2 de julho constituído arguido e, declarando que tem a consciência tranquila, recusou demitir-se e apontou repetidamente o dedo ao PS (Partido Socialista) pelas denúncias...ou seja não negando liminarmente os atos alegadamente corruptos, o autarca e candidato a uma posição de chefia do governo açoriano defendendo-se atacando quem o denunciou. A culpa é de quem o acusou??? Bela estratégia que pode fazer ricochete para quem ainda há pouco criticava o governo regional em situação semelhante. Incoerências que só servem para abalar a oposição, retirar-lhe força e autoridade para competir eleitoralmente contra um governo desgastado e cansado sem soluções para os graves problemas da região. Os tribunais que decidam que eu já decidi e o meu voto não é cego, nem surdo nem mudo.

Estadistas precisam-se para resolver o absentismo, clamava Santos Narciso há dias, e eu glosando dizendo Estadistas precisam-se para salvar, fechar ou reconstruir a SATA, enterrada até ao tutano em falência técnica, e outras falências que o adiar de uma solução só irão agravar.

Por último assiste-se à fantochada da distribuição de tachos na liderança da UE e mais parece um clube de aldeia a distribuir presentes de natal.

Patético este estertor duma UE sem ideias nem Estadistas...afinal os açorianos abstencionistas estavam certos...

Há dias fui confrontado com a frase de uma diretora regional “confiar “absolutamente” na administração da SATA”.

Quase simultaneamente, a propósito de ter sido constituído arguido por corrupção e outras ninharias, o líder da oposição regional açoriana e edil da Ribeira Grande mostrava-se “tranquilo de joelhos perante Deus”. Só espero que o IRAE (ASAE regional) não descubra nada de errado nas especiarias da Feira Quinhentista que ora vai começar....

Alexandre Gaudêncio mantém-se na liderança do PSD/Açores. O anúncio foi feito por Sabrina Furtado, secretária-geral do partido, após uma reunião da Comissão Política Regional, que durou mais de quatro horas. Aos jornalistas, e confrontada com o facto de alguns membros da Comissão terem abandonado a mesma antes de terminar, a social-democrata disse que “o que nós pedimos, neste momento, é respeito pelas pessoas em causa”.

Foi igualmente notícia a futura vinda da NASA ao vulcão dos Capelinhos para estudar e preparar a ida a Marte (afinal já estamos todos a viver em Marte e não sabíamos).

As câmaras municipais começaram a sua folia estival contratando artistas estrangeiros e portugueses (estes custam entre 20 a 37 mil euros por concerto) em vez de darem a primazia aos artistas regionais que mal sobrevivem durante todo o ano.

Nesta semana tivemos ainda a confusão causada por Alexandre Gaudêncio (lema **Um novo começo para a nossa terra**) para a escolha do cabeça de cartaz para o PSD-Açores atacar as próximas eleições, com o nome de José Manuel Bolieiro a surgir e a desaparecer sem deixar rasto, sendo substituído por um “independente” que, aparentemente é membro do partido há 20 anos, eis que surge Rui Rio, raposa velha, a servir uma vingança fria, de luva branca, ao escolher o atual presidente da Câmara de Ponta Delgada, Bolieiro, para vice-presidente do partido... (resta saber caro Bolieiro se Rui Rio é de confiança para se aceitar essa nomeação e se ele não se importa de aceitar quem desconsiderou a velha guarda do PSD-A...). Assim anda a oposição regional açoriana a dar tiros nos pés, uns atrás dos outros, sem se afirmar nem afinar enquanto o governo regional, carente de ideias, prossegue, autista, o seu calvário.

A situação precária dos trabalhadores da Provisé S.A. mantém-se, com muitas famílias em total desespero, com situações de faltas de meios de subsistência e pagamento de entidades bancárias bem como de serviços como água, luz, gás. Número de funcionários com o vencimento de junho: zero. Previsão para o pagamento do vencimento de junho: nenhuma. Número de coimas aplicadas pelos inspetores e efetivamente cobradas: desconhecido. Sem luz ao fundo túnel... estes funcionários e suas famílias precisam de todo o acompanhamento e apoio. E dos responsáveis nada se ouve, nem do governo.... No pasa nada...

Foi, igualmente notícia a British Airways, após ataque informático, por ser multada a pagar 204 milhões pela agência britânica para a proteção de dados pessoais (ICO), na sequência do roubo de dados de centenas milhares de clientes da transportadora no ano passado. Faz lembrar o que aconteceu nos Açores com idêntico roubo de dados dos utentes da saúde.... Só que com desfechos diametralmente opostos.

Claro que tudo isto desagua mais cedo ou mais tarde como na Hungria, Brasil, EUA, e neste fim de semana na Grécia, em mudanças políticas que fazem uma pessoa sentir-se grega, lá em Atenas onde a direita ganhou maioria absoluta para governar. O rumo certo para esta viragem foi um governo alegadamente de esquerda que governou como se fosse direita, e abriu alas para que esta lhe viesse mostrar como se faz, e o povo, essa massa anónima de gente bruta e ignorante, fez o que sempre lhe ensinaram, votou na direita pouco convencidos da falsa estabilidade social do governo Tsipras. Há quem diga que os políticos e as fraldas devem ser regularmente mudados para não cheirarem mal, mas aqui não há quem mude fraldas, ou não há fraldas e tudo vai continuar na mesma no próximo ato abstencionista regional.

E termino como comecei... A SATA tem parado o seu avião A330 no aeroporto Sá Carneiro pois fica mais barato pagar o estacionamento do que tê-lo a voar...e não há responsáveis por este crime, nem são responsabilizada os antigos gestores que causaram esta situação, enquanto todos os dias faltam aviões, pilotos, tripulantes ou outras coisas para a SATA voar como deve. Ninguém é culpado, nem responsabilizado, e ninguém tem “cojones” para resolver este impasse qualquer solução ficava mais barata do que esta...

Dito isto e dado a diretora regional “confiar “absolutamente” na administração da SATA” eu que até por vezes penso que sou a virgem maria, até tenho de admitir **ACREDITO DE MODO IRREVOGÁVEL, PLENA E ABSOLUTAMENTE NO PAI NATAL**



CRÓNICA 272 RACISMO A RODOS 14.7.19

Este tema é sempre difícil de abordar pois todos têm, ou julgam ter, a resposta e a atitude certa, seja ela politicamente correta ou incorreta, mais de acordo com as crenças políticas de cada um do que com quaisquer outros fatores endógenos ou exógenos. Todos são rápidos a disparar, condenar e julgar quaisquer afirmações que se profiram sobre este tema. É um dos chamados tema fraturantes, não só da sociedade portuguesa, mas da maioria das sociedades (ie., daquelas onde é permitido falar dele).

Cresci numa sociedade fechada portuguesa em pleno Estado Novo, no pós-guerra, quando as criadas (na altura não havia ainda técnicas auxiliares domésticas) diziam "se a menina não come corto a trança e dou-a aos ciganos", "se o menino se porta mal chamo o polícia". Havia variações ao tema da cegonha que vinha de Paris, quando alguém se comportava mal "se continuas assim devolvo-te aos ciganos a quem te comprei", ou similares.

O racismo era também de ordem social (somos um país de castas) e o meu pai foi criticado por se matricular com uma mulher que trabalhava (a minha mãe era professora) e mais nenhuma mulher na família trabalhava.

Apesar da mistura genética da família, não havia, que eu soubesse, africanos ou pretos na família, até em 1973 chegar a Timor Português e descobrir um luandense negro com o meu apelido, filho (não-matrimonial) de um primo direito do meu pai. Também vim a descobrir mulatos no Brasil onde havia um ramo de parentes que ali se radicou há um século atrás.

O racismo era religioso, pois quando me casei pela primeira vez e não o fiz pela Igreja, metade da família ostracizou esse casamento, mas, mais tarde quando me divorciei (consta que fui o primeiro a fazê-lo em muitas centúrias) outros houve de mais idade a seguirem o meu exemplo.

O racismo era educacional, no meu tempo havia quem tivesse meios para prosseguir os estudos no liceu ou nas escolas comerciais e industriais e outros sem esses meios, e a distinção fazia-se logo ali nesses infantes com quem nem brincar se podia.

O racismo revelava-se ainda nos nomes e apelidos, resquícios dos tempos da monarquia e de fidalguias arruinadas. Era igualmente visível nos subúrbios onde se crescia dentro de cada cidade (no Porto era a Foz, Avenida da Boavista, Avenida Marechal Gomes da Costa vs Rua dos Combatentes nas Antas, por exemplo), e prolongava-se pelos locais de férias (no norte, os transmontanos iam de banhos para a Póvoa de Varzim, e a gente "fina" andava mais pela Granja ou Miramar ou mesmo Espinho enquanto a Aguda era mais classe média baixa...)

O racismo prosseguia dentro das próprias elites sociais consoante os colégios que frequentavam e as festas onde iam.

Depois veio o 25 de abril e tudo se baralhou, mas o racismo continuou com novos paradigmas e novos alvos (os ciganos mantiveram-se na linha da frente) pelo que não entendo a atual crise nos jornais portugueses causada por um artigo alegadamente racista de uma historiadora. Pena é que (quase todos) os que se insurgem contra ela seriam totalmente incapazes de viver num subúrbio cheio de ciganos ou afrodescendentes que alegadamente dizem defender desse racismo. Mas fica-lhes bem essa defesa dos mais fracos.

Aqui nos Açores, além dos tipos de racismo atrás descritos, há muitos outros derivados da canga feudal que constituía a matriz dominante das ilhas, mas muita gente, mais capaz do que eu, poderá elaborar sobre o tema. Apenas uma vez fui confrontado diretamente com uma queixa na Prainha do Pico como contei então no livro Crónicas: uma circum-navegação, vol. 2 (2012) e que aqui transcrevo datada de agosto 2009:

"As gentes do Pico são afáveis e hospitaleiras como nas restantes ilhas que já visitara. Um incidente ao almoço num restaurante da Prainha (Canto do Paço) leva a algumas interrogações. Domingo. Salão com todas as mesas ocupadas, mais o andar de baixo. Restavam duas mesas ao ar livre. Uma funcionária veio servi-los. Pelo sotaque e aspeto era descendente de africanos escravos no Brasil. Disse ser de Pernambuco, que se apaixonara por um Picaroto e em má hora para ali fora viver. Sem rodeios afirmou que os locais eram racistas tratando mal os de fora e desdenhando dos que aceitam empregos que os da terra recusam. A viagem desta jovem seria um tema interessante para desenvolver. Podia-se fantasiar que em frente a um globo terrestre se interrogara para onde ir. Uma terra começada com a letra "P". O dedo mindinho que tudo sabe caíra no meio do oceano. Sob a lupa via uns pequenos pontos de terra. Neles estava inscrito o nome Pico. E também Prainha. Ambos começados por "P". Uma viagem de navegação curiosa entre Pernambuco – Pico – Prainha. Já afirmei antes que os portugueses eram preconceituosos, racistas quanto à cor e origem dos que com eles se cruzam, olvidados que andam das suas origens e dos seus percursos pelo mundo."

CRÓNICA 273 O FUTURO ESTÁ AO VIRAR DE QUALQUER ELEIÇÃO 17.7.2019

Li esta semana um artigo de um comentador açoriano que afirmava qualquer coisa como:

1º a razão da elevada abstenção nos Açores deve-se ao facto de a maior parte dos eleitores não se rever no governo desgastado do PS-Açores,

2º – não querer substituí-lo por um governo do PSD-Açores;

3º não existir nenhuma alternativa válida entre todos os restantes partidos em quem (aleatoriamente) votam a contragosto, como castigo dos primeiros.

Partindo da premissa disto ser real, o caminho abre-se a um futuro salvador da pátria como aconteceu em 1926.

Falta ainda descobrir (de onde sairá e quem será) a personagem que vai incarnar o papel sebastiânico de endireitar as contas públicas, acabar com a emigração ameaçadora, lutar contra a corrupção que envolve todos os partidos e resolver todos os restantes problemas (na Itália começaram já a preparar a extradição dos ciganos e a EU pune quem ajuda os barcos de refugiados e imigrantes).

Com as atuais taxas de abstenção, a qualquer sebastiânico líder basta atingir 8 a 10% dos eleitores para formar governo. Candidatos não faltam por esse mundo fora, admiradores – prontos a emular – o grande líder Trump ou o enorme líder Bolsonaro. Com uma boa manipulação de "fake news", "fake imagens" e "fake sons", mais algumas promessas enfáticas de baixar IVA, IRS, taxas de combustíveis e outros impostos, após as eleições, o povo crédulo estará pronto a segui-los.

Depois lançam-se atoardas sobre os "dissidentes", os que pensam "fora da caixa" ou contra a "maioria" dita "normal". Começa-se por lhes chamar comunistas, ateus, desviantes e desviados, e por aí adiante. Nessa altura a sociedade está dividida entre "nós" e "eles" (o Adolfo fez isso muito bem na década de 1930), e a sociedade exige que as pessoas "se definam".

A partir daí começa a discriminação, em que os "dissidentes" são equiparados a vermes, animais ou vírus que urge exterminar. Criam-se forças policiais ou militares para colocar em prática a aplicação de castigos e punições (a prisão é a mais suave de todas).

A massificação dos meios de comunicação, já então controlados pelas forças de apoio ao sebastiânico salvador da Pátria, cria campanhas de propaganda para virar as massas contra esses seres indignos de viverem em sociedade.

Só a partir desta fase, começa a remoção e realocação desses vermes, os assassinatos, julgamentos forçados, roubo e anexação das suas propriedades e massacres em nome da salvação nacional.

Não se considera que esse processo de eliminação dos grupos dissidentes seja (de modo algum) uma extermínio pois eles nem sequer eram considerados humanos e o governo (claro está) negará ter cometido algum crime.

Se (aqueles que estudaram História) encontrarem alguma semelhança com a Alemanha nazi, o estalinismo, maoísmo, a era Trump e Bolsonaro ou qualquer outro período similar da história, poderão mais tarde afirmar que o leram aqui primeiro, mas nessa altura (se tiverem sobrevivido) será tarde.

E as massas anestesiadas continuarão centradas nos seus smartphones aplaudindo.



CRÓNICA 274. HÁ GENTE TÃO DISTRAÍDA QUE ANDA HÁ CINQUENTA ANOS NA LUA E NEM DEU CONTA

Podia ser assim o início desta crónica, se eu tivesse ido à lua há cinquenta anos com Neil Armstrong e lá tivesse ficado, sendo agora confrontado no regresso, com este mundo louco em que a desintegração da sociedade ocidental arrasta consigo princípios e valores, criando novos robôs ou zombies, novos paradigmas da sociedade, novos escravos com a designação de colaboradores, em que ressurgem fantasmas de nazismo, racismo, xenofobia, egoísmo, mentira, manipulação, a um nível que há muito julgávamos arredados. Afinal, como diz o outro, apenas estalou o verniz primitivo.

A resiliência do planeta irá, decerto, sobrepor-se ao Especismo (*Espécie + ismo* é o ponto de vista de que uma espécie, no caso a humana, tem todo o direito de explorar, escravizar e matar as demais espécies. Isto no caso de não haver um cataclismo causado por um asteroide ou outro similar, um deflagrar nuclear, uma nova guerra mundial ou qualquer catástrofe que aniquile esta espécie como a conhecemos e que dará lugar a uma outra, como parece ter acontecido vezes sem conta, ao longo da história).

Apesar de ser basicamente otimista e não ser costume meu queixar-me, sou extremamente crítico de tudo o que está mal, e que podia e devia estar melhor, seja na saúde, na educação ou na justiça. Tenho uma fobia extrema contra as injustiças e iniquidades.

Começamos pela corrupção, hoje endémica em muitos países, mas aparentando ter Portugal como um dos sítios privilegiados por tradição e consciente vontade daqueles que o governam. Muitos são os acusados, mas poucos os condenados por leis feitas à medida e prescrições para todos os gostos.

No campo da violência doméstica, pedofilia, abusos contra cônjuges, crianças e velhos, começa Portugal a sobressair na tabela, em especial quando os juízes denotando um machismo medieval mandam os culpados em paz, para casa, com penas suspensas. Quantas mulheres mais terão de morrer, ser assaltadas e feridas para este tormento parar? Quantas crianças mais terão de ser molestadas até que os juízes sejam justos?

No campo do único desporto nacional tratado como religião, o futebol, assiste-se ao mais despudorado negócio de compra e venda de jogadores e treinadores, que são idolatrados como se fossem deuses duma qualquer religião de fanáticos que assim são melhor manipulados pelas elites dirigentes.

No que à educação diz respeito há professores a morrerem de "burnout", outros a quererem fugir das escolas, alunos que não querem aprender, dirigentes a inventarem novas práticas que sempre melhoram as estatísticas sem aumentarem os conhecimentos ou a exigência e o presente a trazer-nos uma nova geração diplomada e soberbamente ignorante.

Dito isto, o melhor é hibernar ou voltar para a Lua de onde nunca devia ter saído.

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA, LER UMA BOA POESIA,
VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL, DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS.
GOETHE

Badana 1

Na lenda havia um Rei Artur, Sir Galahad, cavaleiros da Távola Redonda e uma busca do Santo Graal. Aqui não há nem Dom Quixote, nem Sancho Pança nem moínhos de vento, contra os quais espadanar.

Há apenas um aprendiz de escriba, cavaleiro da poesia e utopia, temeroso e aventureiro, sequioso na sua aprendizagem constante de outras línguas, hábitos e culturas.

De Trás-os-Montes, sua mátria desconhecida, partiu à conquista do "lulic" em Timor Português, dos hippies em Bali (Indonésia), sobrevivendo a um "Anno Horribilis" no Verão Quente (1975, Portugal), atravessando as Portas do Cerco (na China de Macau), percorrendo os Estados da Austrália Ocidental, Vitória e Nova Gales do Sul, com breves passagens pelas Índias, pelo Oriente do Meio e seus emirados, metade da Europa, da Ásia e parte do Pacífico Sul, antes de redescobrir o Brasil, Portugal e outros países

Por fim, iria aterrar como um milhafre, Buteo buteo rothschildi, na ilha de S. Miguel (Açores) donde partiu em conquista fugaz de Santa Maria, Faial, Pico, Graciosa, S. Jorge, Terceira, Flores e Corvo.

Se na pátria Austrália descobriu uma tribo aborígine a falar crioulo português há mais de 450 anos, na propecta Bragança descortinou a sua mátria e nos Açores descobriu o que o mundo desconhecia, uma literatura distinta.

Esta viagem leva o leitor num périplo pelo mundo enquanto o autor vai cronicando, como Marco Polo, ou Fernão Mendes Pinto a sua vida, as terras, as gentes e os costumes e tradições. Da análise política, social e pessoal parte à descoberta de culturas. Recupera as origens, retorna ao seio duma Lusofonia sem raças, credos ou nacionalidades, até se radicar nesta "Atlântida" onde irá desvendar, divulgar e dilatar desveladamente uma fértil açorianidade literária, fundíbulo de autonomias e independências por cumprir.

Badana direita



J. Chrys Chrystello (n. 1949-) cidadão australiano que não só acredita em multiculturalismo, como é disso um exemplo. Nasceu numa família mesclada de Galego-Português, Brasileiro (carioca), Alemão, do lado paterno, Português e marrano transmontano do materno.

Publicou em 1972 o seu primeiro livro "**Crónicas do Quotidiano Inútil, vol. 1**" (poesia).

O exército colonial português levou-o a viver em Timor (setº 1973- jun 1975) onde foi Editor-chefe do jornal local (A Voz de Timor, Díli) antes de ir à Austrália em 1975 decidir adotá-la como pátria.

Começou a interessar-se pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialetos em Timor. Durante mais de duas décadas escreveu sobre o drama de Timor Leste enquanto o mundo se recusava a ver essa saga.

De 1967 até hoje dedicou-se sempre ao jornalismo (rádio, televisão e imprensa).

De 1976 a 1982 desempenhou funções executivas na Companhia de Electricidade de Macau. Em Macau foi Redator, Apresentador e Produtor de Programas para a ERM/ Rádio 7/ Rádio Macau / TDM e RTP Macau e jornalista para a TVB - Hong Kong.

Viveu em Perth, radicou-se em Sydney (e migrou para Melbourne). Durante os anos na Austrália esteve envolvido nas instâncias oficiais que definiram a política multicultural do país.

Foi Jornalista no Ministério Federal do Emprego, Educação e Formação Profissional e no Ministério Federal da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários.

Divulgou desde 1985 a descoberta na Austrália de vestígios da chegada dos Portugueses (1521-1525, mais de 250 anos antes do capitão Cook) e difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (há quatro séculos).

Durante mais de vinte anos (1984-2004) foi responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Interpretes na Austrália (NAATI National Authority for the Accreditation of Translators & Interpreters).

Foi Tradutor e Intérprete (Ministério Estadual da Imigração, Ministério de Saúde de Nova Gales do Sul).

Foi Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators & Interpreters).

Lecionou Linguística e Estudos Multiculturais a candidatos a tradutores e intérpretes em Sidney na UTS (Universidade de Tecnologia de Sidney).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council, na UTS (1999-2005).

Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL (Association for Computational Linguistics, Information Technology Research Institute) da University of Brighton no Reino Unido (2000-2012)

Foi Revisor (Translation Studies Department) da Universidade de Helsínquia (2005-2012).

Foi Consultor do Programa REMA da Universidade dos Açores. (2008 a 2012)

Em 1999, publicou a sua tese "**Timor Leste: o dossiê secreto 1973-1975**" (ensaio político), esgotado ao fim de três dias.

Em 2000 publicou a 1ª edição da monografia "**Crónicas Austrais 1976-1996**".

Em 2005 publicou o "**Cancioneiro Transmontano 2005**"

Nesse ano publicou (e-book DVD) outro volume da trilogia "**Timor-Leste vol. 2: 1983-1992, Historiografia de um Repórter**".

Entre 2006 e 2010, traduziu, entre outras, obras de autores açorianos para Inglês: Daniel de Sá (Sta. Maria ilha-mãe; O Pastor das Casas Mortas; S. Miguel: A Ilha esculpida; e Ilha Terceira, Terra de Bravos), de Manuel Serpa (As Vinhas do Pico), Víctor Rui Dores (Ilhas do Triângulo, coração dos Açores numa viagem com Jacques Brel).

Em 2011 traduziu a **Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos** para inglês

Em 2012 traduziu de Caejano Valadão Serpa "**Uma pessoa só é pouca gente, o sexo e o divino.**"

Desde 2005 traduziu vários excertos de obras de dezenas de escritores açorianos integrados em projetos dos Colóquios da Lusofonia (Antologias).

Em 2009 publicou o volume 1 da trilogia "**Crónica Açores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores**, (esgotado)" cronicando as suas viagens pelo mundo.

Em 2011 publicou o volume 2 da trilogia "**Crónica Açores: uma Circum-navegação: De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores**" (ed. Calendário das Letras).

Em outubro de 2012 lançou a sua obra completa de poesia "**Crónica do Quotidiano Inútil (vol. 1 a 5)**", a assinalar os 40 anos de vida literária.

Em 2015 lançou a 4ª edição de "**Crónicas Austrais 1978-1998**".

Também em 2015 editou a obra completa dos 3 volumes da "**Trilogia da História de Timor**"

Em 2015 fez a revisão e compilação da obra de Dom Carlos Ximenes Belo, "**Padre Carlos da Rocha Pereira. Missionário açoriano em Timor**", vol. 1 da série Missionários Açorianos em Timor, ed. AICL e Moinho Terrace Café

Em 2017 lançou o seu opus magister "**Bibliografia Geral da Açorianidade**" em 2 vols (1600 pp. com 19500 entradas) e teve vários trabalhos (ensaio e poesia) publicados em antologias.

Em 2017, reviu, adaptou e traduziu para inglês o livro "**O Mundo Perdido de Timor-Leste**" de José Ramos-Horta e Patricia Vickers-Rich

Lançou em 2018 "**Fotoemas**", foto e-book, com fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores, de Chrys Chrystello edição e-livro <http://www.blurb.com/books/8752953-fotoemas>

Em 2018, fez a revisão e compilação de "**Missionários açorianos em Timor**" vol. 2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas

Em 2018 finalizou o volume 3 de "**Crónica Açores uma circum-navegação: De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores**" cronicando as suas viagens pelo mundo

Completo a **Crónica do Quotidiano Inútil vol. 6 (Obras completas de poesia)**

Considera marcantes a Palestra proferida na Academia Brasileira de Letras (29.3.2010) com Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia, e ser admitido (5.10.2012) como Académico Correspondente da Academia Galega da Língua Portuguesa).

É Editor dos **Cadernos (de Estudos) Açorianos da AICL**, publicação online,

2019 Nomeado Vice-presidente de PPDm - Oceânia - Vice-Presidente para a Oceânia do Movimento Poetas do Mundo

2019 Nomeado membro do Pen International (Açores)

Preside, desde 2010, à Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia que organiza desde 2001-2002, Colóquios da Lusofonia (30 edições, 2 ao ano).

<https://www.lusofonias.net/mais/chrys-cv.html> www.lusofonias.com

CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOL. 4 SEM CORTES (CRÓNICAS – 2011-2019)

Versão inédita não totalmente editada



CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOLUME 4



J. CHRYS CHRYSTELLO 2019

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA, LER UMA BOA POESIA, VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL, DIZER
ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS. GOETHE